A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3992—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 1 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O governo e o parlamento

A opinião publica foi ontem surpreendida pela noticia de que o sr. Cunha Leal decidira pedir imediatamente a demissão do gabinete a que preside, parecendo mesmo disposto a abandonar o poder antes da constituição do novo parlamento. A extranheza do publico tem facil justificação.

Ninguem ignora as circunstancias em que o sr. Cunha Leal formou ministerio, e ninguem igualmente ignora a missão que desde logo ao seu ministerio atribuiu. Essa missão era manter a ordem, e fazer as eleições, e com este programa, simples, mas grave na melindrosa conjunctura que atravessavamos se apresentou o sr. Cunha Leal ao paiz. Mas não ha duvida tambem que a esse programa, que foi o unico esboçado nos primeiros dias do seu governo, o sr. Cunha Leal não tardou a acrescentar uma nova plataforma politica.

Com efeito, porque foram novamente adiadas as eleições que estavam fixadas para o dia 8 de janeiro quando o sr. Cunha Leal assumiu o poder? Esse adiamento decretou-se, apesar de representar uma nova infracção constitucional porque o chefe do novo governo declarou aos representantes dos partidos que desejava a eleição dum certo numero de candidatos por s. ex.a patrocinados. Os representantes dos partidos declararam que não podiam garantir a eleição desses candidatos, e então o sr. Cunha Leal promoveu o novo adiamento a fim de ter tempo de preparar a eleição dos candidatos que protegia.

E qual era o seu fim, empenhando-se na vitoria dessas candidaturas? O sr. Cunha Leal não o dissimulou. O seu fim era criar um nucleo de parlamentares que desse ao novo Congresso da Republica uma fisionomia diversa daquela que tinham tido os seus antecessores. E assim acrescentou o sr. Cunha Leal aos objetivos já conhecidos da sua missão um outro que evidentemente não reputava menos essencial.

Os resultados estão á vista. O sr. Cunha Leal manteve a ordem, realisou as eleições, mas não elegeu, nem mesmo chegou a propor, um numero de candidatos suficiente para mudar a fisionomia do parlamento. A unica alteração sensivel do parlamento foi a eleição de deputados monarquicos em numero sensivelmente superior ao dos existentes no parlamento saido das eleições presididas pelo sr. Barros Queiroz.

O sr. Cunha Leal, terminadas as eleições, julga a sua missão terminada. Está sem duvida no seu direito, mas o que supomos é que não só infringe as praxes consagradas em tais circunstancias, mas até pode prejudicar seriamente a Republica, se não for ao parlamento dar contas dos seus actos e declarar a sua intenção de não continuar no poder.

Como é que pode conceber-se que o sr. Cunha Leal, quando ainda não se sabe oficialmente a distribuição completa das novas correntes parlamentares, quando ainda não funcionaram as assembleias de apuramento deserte do seu posto, onde representa ainda o poder do Estado armado da maior força?

O proprio Presidente da Republica não pode estar suficientemente elucidado da situação para iniciar as suas consultas e dirigir os seus convites. Só com a constituição da nova Camara é que se começará a ver claro na situação politica. E o sr. Cunha Leal abandonaria o governo, sem sequer dar as mais ligeiras explicações aos representantes do paiz.

Não pode ser! Não é util para o sr. Cunha Leal nem util para a Republica. Se as eleições, dirigidas pelo sr. Nuno Simões, não deram em resultado senão formar-se um parlamento em que o «gâchis» é identico, senão pior, do que o do parlamento dissolvido, tendo apenas logrado vantagens os monarquicos, ao sr. Cunha Leal, que nas eleições interveio para fazer vingar um ponto de vista politico exclusivamente seu, não é licito agravar ainda mais esse estado de coisas creando, de facto, uma perigosa solução de continuidade no governo da nação. E porque faria isso o sr. Cunha Leal? Para não prolongar o seu sacrificio mais duas semanas, visto que em 15 do corrente deve o novo parlamento, por lei, iniciar os seus trabalhos? Porque não quer defrontar-se com uma camara que supõe quasi na totalidade constituida por adversarios seus? As atitudes conhecidas do sr. Cunha Leal provam que, se possue defeitos, não são nem os do egoismo nem os da fraqueza.

A surpresa da opinião publica, tomando conhecimento das noticias da crise, tem, pois, a mais intuitiva justificação. Ela esperou sempre que o sr. Cunha Leal iria até ao fim. E ir até ao fim e, inegavelmente, ir até ao parlamento.

Na China Portuguesa

Os trabalhos patrioticos realisados pelo consul portuguez em Shanghai

Esteve em Macau o novo consul de Portugal em Shanghai, sr. Alfredo Casanova, para reorganisar a colonia portugueza naquele porto, que tendo a desnacionalizar-se, pelo desdem das autoridades portuguezas de Macau, cuja missão mal teem compreendido, limitando-se a aproveitar as honras e a gosar os lucros, por entenderem estar tudo, em volta da cidade do Santo Nome de Deus, envolto pela grande muralha da China.

Esta indiferença fez com que uma das associações dos nossos patricios —numerosos entre os de diversos paizes ali residentes e de grande relevo pelas suas qualidades de trabalho, honradez, e seriedade,—passasse a acolher-se á bandeira ingleza sob o titulo «Shanghai Lusitano Club», conservando-se ainda sob a nossa, o «Sporting Club» e o «Club Portuguez».

O actual consul quer restituir á nossa colonia a sua antiga atividade, conseguindo do governo de Macau o deferimento de uma sua antiga pretensão—o emprestimo de 200.000 patacas, por vezes pedido e sempre desdenhado.

Esta quantia, garantida com as maiores seguranças, destinava-se á compra de um extenso terreno para se construir um vasto edificio para a associação portugueza, com o caracter de club e com jogos desportivos; um quartel para a Companhia dos Voluntarios Portuguezes; uma Camara de Comercio, com exposição permanente de productos lusitanos para propaganda, e ampla venda das nossas mercadorias; uma cooperativa, uma farmacia para os socios, serviço clinico gratuito no hospital, operações cirurgicas e até permanencia em sanatorios: criação de escolas portuguesas para ambos os sexos, subvencionando os estudantes que mostrem aptidões para cursos superiores, quando as familias não possam subvencional-os.

Para este fim, o sr. Casanova combinou já que o «Shanghai Lusitano Club» resolvesse o regresso á nacionalidade portugueza, fundindo-se com os outros dois clubs num só, para constituir um poderoso elemento representativo da nossa colonia, expandindo as iniciativas embrionarias ha muitos anos, delineadas, para o desenvolvimento da nossa colonia naquela cidade, aonde muitos portuguezes, ali nascidos, já quasi não falam o portuguez, por não haver ali uma escola aonde se ensine.

No pouco tempo de exercicio do seu cargo, já o sr. Casanova conseguiu dinheiro para montar as duas escolas, cerca de 11.000 dollars, que se consideravam incobraveis e aquele cavalheiro fez entrar nos cofres do consulado.

O digno funcionario já conferenciou com o governador da provincia sobre o emprestimo, sendo amavelmente acolhido e a sua pretensão apresentada pelo representante do governo aos membros do Conselho Provincial, que a indeferiram por terem feito o mesmo a outras do mesmo genero, pedidas pelos governos da India e de Timor, e pela nossa colonia de Hong-Kong.

Para a India e Timor bem está essa negativa, pois muitas das verbas destinadas a Macau têm sido distraidas pelo governo central a seu favor, sem serem restituidas e que grande falta tem feito ao desenvolvimento do porto de Macau.

O sr. Casanova, porém, resolveu não desistir e resolver a questão por outros processos, visto tratar-se de um simples emprestimo, que em nada prejudica os interesses macaistas. Secunda-o nos seus esforços o sr. José Nolasco.

"OS SPORTS"

Foi ontem posto á venda o numero especial deste jornal

Constituiu um autentico sucesso o numero especial de «Os Sports», de oito paginas, que ontem foi posto á venda.

Além das magnificas gravuras que insere na primeira pagina, traz colaboração de Salazar Carreira, Adolfo Basto Correia, Pinto de Almeida, Pereira da Silva, Farinha Beirão, Antonio Vilas, «Times», além dum interessante artigo do secretario da Federação Internacional de Esgrima, Mr. René Lacroix. Insere ainda «Os Sports» grande numero de anuncios das nossas principais casas automobilisticas, etc.

O 31 DE JANEIRO

Considerações de João Chagas

O jornal «A Tribuna» do Porto publicou ontem um numero extraordinario comemorando a revolução de 31 de Janeiro. Desse numero extratamos o seguinte artigo devido á pena de João Chagas, nosso ministro em Paris:

Os costumes politicos da Republica criaram no nosso paiz um estado revolucionario de tal modo permanente, que eu tenho a impressão de que celebrar uma revolução, mesmo percursora como foi a de 31 de Janeiro, é praticar um acto imprudente, porque é talvez alimentar no espirito publico, já levado a crê-lo, a ideia de que a manifestação normal da actividade politica da sociedade é a revolução.

Esta concepção arraigou-se no entanto de tal maneira no espirito publico do nosso paiz, que não só a revolução se tornou uma forma de actividade politica perfeitamente legitima, como se criou para ela um novo direito a que tenho ouvido chamar revolucionario, embora o não tenha visto codificado. A verdade é que nós não temos o sentimento do valor das palavras. A revolução não é um direito; é um facto, o que é diferente. Mas nesta ordem de ideias, nós fomos mais longe, e tornando a revolução legitima e atribuindo-lhe o valor juridico de um direito, criámos tambem e fizemos reconhecer pelo Estado uma categoria social de individuos, a que damos o nome de revolucionarios.

Penso que se a sociedade portuguesa quer libertar-se não já do labeu da anarquia politica, mas da anarquia mental, da extravagancia e do desvario, penso, digo eu, que é tempo dela reclamar para si o direito ao bom-senso.

A revolução é um facto politico. As revoluções não o são, nem merecem esse nome. Um paiz onde o estado revolucionario é endemico, é um paiz doente.

A revolução de 31 de Janeiro, como a de 5 de Outubro, foi necessaria para mudar a fórma de governo. As outras não teem servido senão para a perturbar. Eu sei! eu sei! A revolução de 14 de Maio foi necessaria, como foi necessario tomar o forte de Monsanto; mas não é lamentavel que a resolução dos nossos problemas politicos esteja sempre dependente de revoluções e que a nossa educação politica seja tal que os homens e as ideias não saibam abrir caminho senão a tiro?

Deixo aqui estas considerações, em comemoração da revolução de 31 de Janeiro, empreendida num tempo em que em Portugal não havia revolucionarios, mas cidadãos persuadidos de que uma revolução era necessaria para assegurar a felicidade publica o que por isso e só por isso a fizeram.

Paris, 21 de Janeiro 1922.

Ecos das eleições

Em Braga durante a realisação do acto eleitoral, rebentou uma bomba. O padre Camilo de Sousa ficou ferido com uma facada, sofrendo outros eleitores agressões violentas.

Em Coimbra falta ainda o apuramento de algumas assembleias mas julgam-se asseguradas as maiorias e minorias republicanas.

Lêr na 2.ª pagina:

Politica e Eleições

C. F. E. S. S.

Vendas em leilão

No proximo dia 3 de Fevereiro, na estação do Barreiro e pelas 12.30 proceder-se-ha á venda em leilão de 5 vagões de palha enfardada, com alguma avaria, remessas n.º 21.404-407-416 e 21.417 de Aljustrel Castro Verde a Barreiro Mar, de harmonia com os regulamentos em vigor.

Na mesma ocasião será tambem vendida uma porção de palha queimada (estrume).

A luta em Marrocos

Alguns oficiais que se julgava mortos estão prisioneiros

MELILA, 1.—Corre o boato de que uns 40 espanhois, a maior parte deles oficiais, que se julgavam mortos, estão prisioneiros da tribu dos Beniilsur, que até hoje teem guardado profundo silencio a este respeito.—(H.)

Migalhas

A Vicente Arnoso

A minha casa

A minha casa é pequena,
Não prima pelos salões.
Como é modesta e serena
Não cabem nela ambições.

A minha porta é estreita;
Mas tambem não tem postigo...
E' franca, aberta e direita,
Seja ela hate um amigo.

Quem por ela queira entrar
Tem de trazer amizade,
Arrenego de limpar
Pégadas de ruindade.

A mesa não é de gala,
A toalha não é bretanha...
O pão embora de rala
Apetece a quem o ganha.

Sinto-me bem no meu lar.
Não será rico,—que importa!—
Haja uma esmola p'ra dar
A um pobre que venha á porta.

❖ ❖ ❖

A minha casa é pequena,
Mas gosto dela tal qual,
Pois nela vive a morena
Mais linda de Portugal.

Para a beijar a levanto
Como quem colhe uma flor.
E' pequena e pésa tanto
Já no meu peito este amor!

Mal acorda, os seus bons dias
Logo a correr me vem dar...
Que lindas algaravias
Tenho aprendido a falar!

Traz-me em seguida os meus netos
—os seus bonecos—e é vêr
como os seus braços inquietos
os sabem adormecer.

Tambem me traz a gaiata
Outro meu neto: o macaco
De feltro, dentro da lata
Onde eu guardava o tabaco...

Tenho de trazer o cavalo
De pasta, no seu descanço,
Tomar-lhe a mão e gabá-lo
De ser tão coxo e tão manso.

Vou ver o trem de cosinha,
Mais a carroça dos bois...
E o tempo decorre azinha,
Tão entretidos os dois,

Eu e mais a D. Aninhas,
Que já sabe rir tão bem
Fazendo na cara as covinhas
Do rosto da sua mãe.

ANDRÉ BRUN

A conferencia de Genova

Os Estados Unidos far-se-hão representar?

WASHINGTON, 1.—A ideia da participação dos Estados Unidos na conferencia de Genova parece ganhar terreno. Este modo de pensar acentua-se mais nos circulos oficiais, depois da conferencia de agricultores que se reuniu a semana passada nesta cidade convocada pelo presidente Harding. Os agricultores dos estados do centro e do sul pronunciaram-se pela adopção duma politica tendente a abrir os mercados europeus aos produtos agricolas americanos, cuja baixa desde ha um ano tem causado grandes perdas. Por outro lado a proxima terminação da conferencia de Washington deixa o campo livre para novas combinações. Julga-se que dentro de dois ou tres mezes o governo americano estará mais disposto do que nesta ocasião a examinar os problemas economicos europeus. Isto dependerá tambem do acolhimento que o Senado fizer, talvez mesmo antes do que se já julgava, isto é daqui a algumas semanas, aos acordos que estão prestes a concluir-se.—(R.)

A Turquia quer enviar delegados

PARIS, 1.—Ferid Bey, representante da Turquia em Paris escreveu uma carta a Bonovin presidente do conselho de ministros italiano e encarregado de fazer os convites para a conferencia de Genova, exprimindo o desgosto da Turquia por não ter sido convidada e fazendo notar que a Turquia, pela sua posição geografica no Mediterraneo, é um paiz essencialmente europeu, e que apesar de ter uma independencia completa politica e economica, é comtudo solidaria com os outros paizes da Europa, e que aspira, consagrando-se a trabalhar pela paz, a ser um dos factores essenciais da prosperidade e reconstrução mundiais e um elemento da civilisação europeia.—(R.)

A Russia aceitou o convite

PARIS, 1.—A Russia aceitou o convite para tomar parte na conferencia de Genova para a reconstrução economica e financeira da Europa.—(Lat. Am.)

Os grandes flagelos animais

O seu combate pela formação de uma Liga Sanitaria de Lavradores

De Valencia representaram ao governo espanhol pedindo a modificação do regimen pautal no sentido de se combater a crise economica, causada pelo excesso de producção agricola sem saida.—(Nota dos jornais).

Lá morre-se de pletora agricola, cá de vaneima. Mais uma a uma vez se prova que nos estremos tocam-se.

Foi-me entregue nesta redacção uma carta do sr. Ludovico de Meneses, em que este senhor me diz que encarei a questão do combate das epizootias apenas sob um dos seus aspectos, quando o problema tem mais de uma solução; pelo menos, duas.

Será, mas isso é com os profissionais e eu não o sou. Acho, porem, tão interessantes as considerações que o distinto medico veterinario faz, que para conhecimento dos leitores vou transladá-las aqui em resumo.

Não se sabe, diz o sr. Ludovico de Meneses, o quantitativo das perdas ocasionadas anualmente nos gados pelos grandes flagelos animais, porque não ha estatistica da mortandade por eles provocada. Quem quer que fizesse qualquer afirmação a este respeito pecaria por excesso ou por defeito. Por isso deixo ao espirito de cada um intreter-se com o calculo a que queira entregar-se em face das considerações que se seguem, aplicadas aos mencionados, abaixo, flagelos quando deixados grassar livremente.

No «Mal Rubro» a mortalidade chega a atingir entre 60 a 90 o/o (Nocard).

Na «Peste suina», no começo da epizootia e em animais novos 70 a 100 o/o. Hutyra e Marck—Belfonti.)

No mesmo mal em periodos mais avançados a mortalidade baixa entre 30 a 10 o/o. (Mesmos autores.)

Na «Pneumonia contagiosa («Septicemia hemorragica») 75 a 90 o/o. (Belfonti).

Na «Variola ovina» chega a atingir entre 20 a 66 o/o, (Bagoteau e Binange), e entre 40 a 60 o/o. (Nocard).

No «Carbunculo bacteridiano», que ataca bovinos, ovinos, caprinos, a mortalidade vai até 40 o/o. (Paula Nogueira).

Por outro lado, „Segundo o Recenseamento Geral dos gados de 1870, unico que ha de facto e de direito, a população pecuaria do paiz em especies comestiveis era naquele ano, com os coeficientes propostos para a concessão, de:

Bovinos 625000 cabeças. Ovinos 3000000 de cabeças. Caprinos 1000000 de cabeças. Suinos 1000000 de cabeças.

Não se tira hoje uma arroba de carne de qualquer destas especies a menos de 30$00. Teem agora os leitores da «Capital» na sua mão os elementos necessarios para cada um fazer o juizo que entender sobre os prejuisos que veem a causar anualmente na nossa riqueza pecuaria os grandes flagelos de que se trata.

Não haverá uma forma de atenuar esses enormes prejuizos? Ha. Ponto é basear toda a campanha do ataque sobre o conhecimento que se tem hoje da causa e forma da propagação das doenças contagiosas (microbianas).

O processo a seguir é o mesmo que se adopta presentemente com os flagelos humanos, mormente com o combate da peste e do colera que antigamente devastavam populações inteiras e hoje não causam pavor a ninguem, fazendo menos mortes por vezes do que uma doença vulgar.

E, porque, alem dos soros e vacinas preventivas, ha outras medidas sanitarias a tomar, não menos importantes, e isto constitue o segundo aspecto da questão, a que necessario se torna atender para eficacia do combate.

Logo que surja um foco epizootico ou haja suspeitas de ter surgido, é necessario imediatamente isola-lo pelo sequestro rigoroso dos doentes e suspeitos.

Isso impõe a necessidade de imediata «declaração» ás autoridades locais.

Melhor fôra que essa «declaração obrigatoria» se estendesse a todos os animais que entrassem numa localidade, trazidos de uma região contaminada ou suspeita de contaminação, animais que do mesmo modo seriam sequestrados e postos de quarentena para observação.

A' «declaração» seguir-se-ia o procedimento ulterior das mais medidas sanitarias no sentido de sufocar o foco surgido, mórmente a evitar a propagação do mal, por meio de desinfecções, tanto do material e alojamentos, como do pessoal de lida, e bem assim pelo maximo cuidado no enterramento de cadaveres. O emprego de sôro-vacinação e sôro-terapia egualmente se impõe.

Em suma, é pôr em execução o Regulamento de Saude Pecuaria, de 1889, para o caso modernizado, que hoje ninguem cumpre, nem é possivel fazer cumprir.

Só ha uma forma de o conseguir. E' recorrer á iniciativa particular pela formação de uma «Liga Sanitaria de Lavradores».

Teria esta «Liga» por fim involver o paiz numa intensa rede de «Mutuas pecuarias», de maneira que cada provincia se defendesse da visinha e em cada provincia os concelhos entre si.

As «Mutuas» exigem grandes sacrificios por parte dos lavradores abastados em favor dos que o não são, feitas num intuito altruista de abnegação, olhando mais para o bem comum, porque as perdas ocasionadas nos animais pelas grandes zoonoses sendo grandes, não ha «Mutuas» que possam com elas, quando á sua organisação não presida um forte espirito de dedicação patriotica.

A indemnisação no caso do risco corrido seria por inteiro pelo valor por que seja avaliado o animal mas o pagamento estaria sujeito á rigorosa observancia de todas as medidas sanitarias, desde a declaração e sôro-vacinações preventivas até ao enterramento dos cadaveres.

Só por meio de «Mutuas» se pode levar por deante uma campanha desta natureza, deligentemente travada em defesa dos interesses da pecuaria nacional.

E só então os lavradores terão o direito de sacudir de si as responsabilidades que impendem sobre eles e só então poderão formular perante o governo as suas reclamações como legitimas.

Assim nos diz o sr. Ludovico de Menezes na sua carta, explanando a doutrina por ele exposta em outro jornal.

A. B.

E' PRECISO CUIDAR DOS POBRES...

Porque não se admitem mais doentes nos Hospitais Civis de Lisboa?

Fala o sr. dr. Amor de Melo

Foi o sub-titulo desta entrevista, que nos levou á procurar o sr. dr. Amor de Melo, ilustre director dos Hospitais Civis de Lisboa.

Assim interrogamos:

—Estamos em frente de um caso de deficiencia orçamental, ou a dificuldade de alojamentos não poupa tambem os hospitais?

—Não se trata de uma questão de dinheiro. A dotação orçamental não sendo uma coisa por ahi alem não é má se atendermos ás condições do paiz. A razão de não podermos admitir mais doentes, é unicamente devida a uma colossal afluencia de doentes da provincia. Temos as enfermarias cheias.

Na do S. Francisco por exemplo, que tem lotação para 60 camas estão arrumadas 105.

E' extraordinario como se pode trabalhar assim. E o que eu não posso deixar de louvar, é a dedicação do pessoal tanto maior como menor, que sem protesto trabalha mais do que lhe é exigido por lei.

Esta gente é contratada para tratar o numero de doentes da lotação de cada enfermaria, e sem queixa tem como vê o dobro do trabalho.

Julga v. ex.ª possivel impedir a vinda de doentes da provincia?

—Estas coisas não se fazem de uma penada, com um decreto.

Tenho um plano de reforma dos serviços, porque é por aqui que se deve começar. O sr. ministro do Trabalho concordou com ele, e se a ditadura tem durado mais alguns dias tinha-se posto em execução. Agora oiço que o ministerio cae, ou que ja caiu; de modo que tenho que esperar pelo novo governo e pelo Parlamento para continuar a tratar deste assunto. A falta de estabilidade dos governos, e consequentemente dos directores dos hospitais é em extremo prejudicial.

E' necessario elaborar um grande plano, e pô-lo em execução sem intermitencias.

—Pode v. ex.ª dizer-nos alguma coisa desse plano?

—Começaremos por reformar o serviço da consulta de maneira que o doente não necessite hospitalisar-se, e possa fazer o seu tratamento habitando no seu domicilio. Depois acabar com a lenda dos hospitais centrais de Lisboa e fazer compreender á provincia que deve cooperar comnosco num serviço de assistencia conjunta.

Veem para aqui doentes de localidades em que ha hospital que podem trata-los convenientemente.

Facilmente arranjam a proteção do municipio que os envia as vezes para tratamentos que os hospitais da localidade fariam. Ora isto tem de acabar. Os hospitais da provincia teem a sua missão a cumprir, e os doentes só devem ser remetidos a capital quando o seu estado grave necessite especiais cuidados.

Por outro lado torna-se urgente modificar as tabelas de admissão, porque o hospital actualmente está sendo explorado.

Não posso compreender que individuos que ganham 10 e 12 escudos por dia, entrem para aqui com atestados de endigencia.

A nova tabela tem que ser organizada de forma que todos paguem segundo as suas posses. Os ricos pagarão como ricos, os pobres como pobres e os indigentes por nao terem coisa nenhuma nada pagarão. Depois teem-se cometido atropelos. Olhe, por exemplo, ja aqui esteve com atestado de indigencia a mulher dum individuo que tinha 600 contos de fortuna.

A taxa que pagam as Camaras pelo internamento de cada doente, tambem precisa ser elevada. E' uma insignificancia, que não cobre a decima parte da despesa.

Uma vez posto isto em pratica, ficará imediatamente descongestionado o hospital.

—E chegará para os doentes?

—Sim, deve chegar.

Penso tambem em montar um hospital de reserva. Ja falei ao ministro em Campolide, mas ainda nada de positivo ficou assente.

Este hospital estaria organisado para servir quando crescesse o numero de doentes, por qualquer razão, como uma epidemia, etc.... Só funcionaria nestes casos. E' uma necessidade a sua montagem, porque uma vez reformados os serviços, modificadas as taxas, e quando todos os hospitais do paiz agirem conjuntamente com um unico objectivo—o doente, não teremos mais a receiar que os hospitais de Lisboa tenham que fechar as suas portas por falta de logares.

O engenheiro sr. Malheiro Reimão é muito festejado na capital do Brasil

RIO DE JANEIRO, 30.—O antigo ministro do Estado de Portugal, sr. Malheiro Reimão, que aqui chegou incumbido pelo Comissariado Geral do Governo Português de, na sua qualidade de engenheiro distinto, dirigir os serviços de instalação da secção portuguesa da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, foi esplendidamente acolhido nesta cidade, tendo recebido excecionais provas de deferencia e estima, muitissimo penhorantes.—(Lat. Am.)

RATHNAU

ministro dos estrangeiros alemão

BERLIM, 1.—Foi nomeado ministro dos Estrangeiros o sr. Rathnau.—(H.)

A Romania deixa de ter legação em Lisboa

BUCAREST, 1.—Por ordem do novo ministro dos Estrangeiros foi suprimida a Legação da Romania em Lisboa.—(H.)

SEGREDOS A TODA A GENTE

Pares de bótas

Eu quando vejo, na rua, passar uma rapariga de botas altas tenho sempre a impressão dum alferes de cavalaria que tivesse enfiado na cabeça um chapeu de mulher e trocado as calças—por saias. Ilusão? Sem duvida. Mas as bótas, as descendentes mais ou menos legitimas das botas de duraque cinzento de ha meio seculo, pespontadas de branco, abotoadas ao lado, pequeninas como caixas de amendoas—teem crescido tanto, teem subido tanto pela perna acima que nós hoje já não podemos prevêr, com segurança, onde elas chegarão amanhã, a subir, a crescer, a voar desta maneira. Umas bótas custam hoje uma fortuna—mesmo que não tenham como as de Mary Garden, pétalas de orquideas e de rosas incrustadas no verniz. Não podia deixar de ser assim. Na verdade que assombrosa paciencia, que delicado «savoir faire» são necessarios para que uma multidão de architetos, de engenheiros, de mestres de obras, de decoradores, de estivadores e (ia-me esquecendo) de sapateiros, possa construir o par de bótas duma mulher bonita! Essa assombrosa paciencia, esse delicado «savoir faire» tinham forçosamente de se pagar — e pagam-se—a peso de oiro. De resto uma bóta é como uma casa e tanto assim que, hoje, Lisboa, pelo que diz respeito ao problema da sua habitação, está metida dentro dum enormissimo par de bótas...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Em Espanha

Afonso XIII está doente

MADRID, 31.—O soberano está detido no quarto, ligeiramente constipado. As audiencias foram suspensas por este motivo.—(H.)

A Russia vermelha

Brancos e vermelhos—Prisão de oficiais—O «General»—O enterro—Falta de lenha—As casas burguezas—A venda no mercado—Prisão—A Acheka—A graça e a ingenuidade popular—Teatro, musica e canto

II

Em Voronege, como em toda a Russia, a principio a vida retomou todos os aspectos felizes de outrora, principalmente onde o exercito branco demorou. Dir-se-hia que a população sacudia de si um jugo bem pesado.

O comercio tentou voltar ao comum dos outros tempos, mas foi por pouco. Chkuso não encontrava auxilio em ninguem e foi esmagado pelo numero que sucumbiu no fim de duas semanas.

O panico assenhoreou-se de todos os espiritos. Os que tinham mostrado alegria em vêr e apoiar os brancos temeram as represalias dos vermelhos. Produziu-se um verdadeiro exodo de desvairados. Ah! Felizes os que conseguiram chegar á fronteira!

Durante o dominio de Chkuso foram enforcados muitos bolchevistas. Muitos brancos, em compensação, morreram de terror só com a ideia do que os vermelhos fariam...

Os bolchevistas entravam em todas as casas, devassando os esconderijos de todos os oficiais. Conta-se que foi por essa ocasião que se deu um caso muito risivel.

Na Russia, irreverentemente, denomina-se «general» a um certo vaso de utilidade noturna. Houve uma franceza que respondeu ao destacamento que não só tinha escondido um oficial como até um «general». Que vissem: estava debaixo da cama. Os bolchevistas, radiantes, entoando hymnos de guerra entrecortados por gritos de selvagem alegria, encaminharam-se para o quarto e, compreendendo, retiraram-se confusos por serem enganados por uma simples mulher.

Durante o inverno eram inumeraveis as pessoas que morriam diariamente de horror, de frio, de doenças e de falta de higiene. O tifo matava a torto e a direito. Nos cemiterios os tumulos e campas razas escondiam dezenas de cadaveres, na sua maior parte de adolescentes, que eram enterrados completamente nús. Todos os dias, por todas as ruas, passavam carretas e carretas empurradas por mulheres, que cantavam alegremente emquanto, dentro das carretas, montões de mortos, os olhos muito abertos, na boca um ricius estranho de terror e sofrimento, pareciam ouvi-los atentamente, num vago de sonho e de loucura, como agradecendo aquela ultima alegria a das suas canções e gargalhadas convulsivas de contentamento.

Não havia lenha para afugentar o aspero frio do norte, porque não se encontrava um homem prompto a trabalhar: ir á floresta buscar dois gravetos que fosse. Lançava-se, portanto mão de tudo o que se encontrava.

Dentro em pouco das casernas nem as pedras restavam, porque os soldados, que passavam a viver nas casas burguezas, aproveitaram toda a madeira que lhe desse algum conforto.

Mas as casernas terminaram e eis que os moveis, livros, quadros—tudo foi parar ao fogo. E para obstar ao desiquilibrio, por uma razão estetica, joias e objectos de valor desapareceram como por encanto. Ah! que tiveram bom fim!... Salvaram-se de ficar soterrados no lixo que, por falta de limpeza, se amontoava em todos os compartimentos.

Que profunda diferença entre as casas dos burguezes de outr'ora e a dos burguezes bolchevistas!...

Era preciso luctar pela vida!

Todos os estabelecimentos estavam fechados e saqueados. As mulheres começaram a ir vender na praça publica aquilo que julgavam ter como superfluo.

Era preciso viver; era preciso comer!

Senhoras da alta sociedade e muitas mulheres do povo, cujos maridos tinham morrido ou fugido para o estrangeiro,—na lucta pela vida iam ao mercado oferecer ricos vestidos de recepção, toalhas, guardanapos, as coisas mais intimas de um lar, unico traço de um esplendor passado. Muitas dessas senhoras tinham como clientes as suas antigas criadas.

Tais vendas, porém, não eram agradaveis aos bolchevistas, porque sempre era comercio.

Foram obrigados a cercar o mercado com um cordão de soldados armados e com ordem de tirar o dinheiro, mercadorias e roupas.

As russas sofriam isso tudo como a coisa mais simples deste mundo, e todos os domingos, quando não durante a semana, eram assaltadas de repente e deixavam de possuir o que lhe garantiria um dia sem fome.

E quando assim acontecia, as desgraçadas eram atiradas para uma grande sala: a «Acheka». Ahi se encontravam mulheres de todas as especies e de todas as classes. Umas raparigritas estavam detidas porque o locatario da sua casa, um soldado branco, tinha fugido e não sabiam para onde.

Em plena liberdade, aparentemente. No entanto, são espiadas e tudo quanto disserem é transmitido ao comissario dos «soviets». Quando alguma delas se evidenciava, o tribunal condenava-a a tres mezes de trabalho no quartel. Eram obrigadas a coser as roupas dos soldados.

E' voz geral que o melhor meio de se sahir da «Acheka» é tentar comer a cabeça aos bolchevistas. Mulher que o faça, é mulher em liberdade.

A graça e a ingenuidade popular deixaram ainda fundas raizes no povo russo.

Duas vezes por semana uma «troupe» de actores bolchevistas representam peças de entrecho revolucionario e, quando assim não acontece, uma orquestra e côros bolchevistas fazem uma viagem pelos quarteis e prisões.

Pretendem apagar a fome, que se dizem impotentes para matar, e a sujidade, em que os presos vivem, com um pouco de boa musica, belo canto e esplendido teatro. Teem bem nitida a noção de que a arte e a estetica fazem esquecer as necessidades do corpo e querem levar a experiencia ao maximo. Assim, talvez—pensarão—algum dia o mundo nos perdõe.

Factos e palavras

...DOS HOMENS DO LIXO

A's trez horas da tarde quando as nossas elegantes dão, defronte dum espelho, os ultimos retoques na sua toilette, quando os nossos janotas começam como prosa a infestar o Chiado, quando Lisboa começa a tomar o ar mais requintado de que é susceptivel, os Almeidas—os Almeidas são aqueles ilustres cidadãos de blusa de ganga, bonet de oleado e vassoura na mão — dão tambem o ultimo retoque na porcaria que os envolve, metem-se aristocraticamente na carroça do lixo e veem passear para a Baixa.

E' preciso notar que não veem com o louvavel intuito de realisar uma obra de asseio.

Não. Veem apenas passear.

A's vezes, claro está, para que não digam que são uns seres inuteis para que os não ofendam com o epiteto de pinocas fazem qualquer coisa.

E assim quando veem um montinho de porcaria divertem-se a espalha-la dum modo regular, como pretendendo atapetar as ruas.

Doutras vezes encontram um amigo ou uma amiga e param a carruagem.

Brandamente conversam.

Atraz uma fila de carros electricos, automoveis, etc., espera respeitosamente.

Mas um policia avança.

—O sr. Almeida faz favor desvie-se um bocadinho.

— O' sua besta você não vê que a gente está a trabalhar. Esperem se quizerem e se não quizerem vão por outra rua.

E continua a conversa.

Entretanto da boca dos Almeidas os palavrões vão saindo na mesma proporção em que algum lixo que estava dentro da carroça cai para a rua. A mula que não é de barro, cansada de tanto descanço, resolve fazer alguma coisa. E por sua vez suja tambem um pouco mais a rua.

Ora, como ha pessoas que vão a Constantinopla ver os cães famintos, que vão á China ver as chinesices e que vão á Russia ver os soviets, já me lembrei que estes estrangeiros que por cá aparecem trazidos pela Soc. Prop. de Portugal., são capazes de virem assistir a estes espectaculos, decerto originais e unicos, decerto dum grande sabor regional!

BOTTO DE CARVALHO

✦ ✦ ✦

Vai ser anunciado oficialmente que se está fazendo um entendimento entre a Irlanda do Sul e a Irlanda do Norte.

Sir James Craig, primeiro ministro da Irlanda do Norte, visitará Dublin na proxima terça feira para continuar a conferencia com mr. Michael Collins, primeiro ministro da Irlanda do Sul conferencia esta começada em Londres com tão satisfatorios resultados.

Espera-se um entendimento completo desta nova conferencia e que termine a secreta atmosfera de hostilidade que havia quando do encontro de Sir Craig com De Valera.

✦ ✦ ✦

A Universidade de Georgetown registou o maior tremor de terra que se sentiu na região de New-York nos ultimos dez anos.

A zona do abalo seismico estendeu-se por tres mil milhas ao sul de Boston.

Comunicam de S. Francisco que se fez sentir aqui mais um tremor de terra pouco violento, tendo havido tambem tremores de terra no norte da California e no sul de Oregon.

✦ ✦ ✦

O trafico total das mercadorias do porto de Dantzig em 1921, é superior ao de 1913. Em dezembro de 1921 entraram no porto 194 navios num total de 97.827 toneladas e em dezembro de 1913 unicamente 177 navios num total de 62.781 toneladas. As saidas são de 178 navios contra 175 e 110 577 toneladas contra 58.457. De 1920 a 1921 houve um progresso sensivel e o numero de entradas e saidas são inferiores ao de 1913.

Os alemães ocupam um logar importante entre os navios que frequentam o porto, dando-se o contrario com a França. A atividade do porto de Dantzig dependerá na maior parte do ressurgimento economico da Polonia. O recente acordo a este respeito entre a cidade livre de Dantzig e a Polonia permitirá que as relações comerciais se desenvolvam livremente.

✦ ✦ ✦

O governo dos «soviets», como qualquer outro governo menos comunista, imprime notas do Banco sem conta, peso ou medida, ameaçando alagar a Russia de papel estampado para maior felicidade do seu povo, que tendo dinheiro á farta já o resto da Europa não poderá evocar a sua miseria para desacreditar o bolchevismo.

O pior é que o dito povo, ou porque desconfia da fartura ou por qualquer outra razão, não quer aceitar o papel, pelo que as autoridades resolveram aplicar rigorosas penalidades a todas as pessoas que se recusem a aceitar esse «dinheiro».

Pois então! Lenine resolveu que os seus subditos sejam ricos, e hão-de se-lo queiram ou não queiram.

Ricos e... bem sovados toda a vez que tenham a veleidade de protestar seja contra o que fôr.

Aquilo é que é liberdade!

✦ ✦ ✦

Um hipnotisador havia anunciado que o joven D. Rafael Cuenca Muñoz pertencente a uma das mais distintas familias sevilhanas, levaria pelas ruas desta cidade um serviço de café.

Os amigos do joven levaram-no para uma distancia de 8 quilometros. Pois apezar disso, com grande espanto de toda a gente, apareceu o joven com o serviço de café, passando por diversas ruas.

O hipnotisador foi muito ovacionado.

As artes

No dia 4 de Fevereiro abre a sua exposição no Salão Nobre do Teatro de S. João o caricaturista Jorge Barradas. E' composto de 41 cartões de coisas galantes, sobretudo mulheres.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

Belo e de sensação o programa do proximo concerto, de assinatura, da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no qual toma parte a eximia pianista D. Irene Gomes Teixeira, que executa com a orquestra o concerto em sol menor de Saint-Saens, figurando tambem no programa pela primeira e unica vez nesta temporada o famoso poema sinfonico «D. João», de Strauss, a «Sinfonia Incompleta», de Schubert, a celebre «ouverture» do «Benvenuto Cellini», de Berlioz, em primeira audição, o encantador entre-acto de «Manfredo» de Reinecke, e outras obras dos mais notaveis autores, sendo a orquestra aumentada.

PELO TELEGRAFO

A questao das reparaçoes

Os governos aliados vão apreciar a nota de Wirth

PARIS, 31.—Transmitindo aos governos aliados a memoria do chanceler Wirth, a comissão das reparações deixa aos diferentes governos a faculdade quer de se pronunciarem directamente sobre as propostas alemãs, quer de confiarem o seu exame á comissão. O sr. Poincare, naturalmente dará conhecimento do assunto amanhã no conselho de ministros e as preferencias do presidente do conselho, que muitas vezes se pronunciou contra o alheamento da comissão, irão evidentemente para o «veredictum» da comissão de preferencia á decisão do conselho supremo. Relativamente á conferencia de Genova, ganha terreno cada vez mais nos meios diplomaticos aliados, a ideia de que a convocação sofrerá alguma demora, visto a Italia ter sobre si uma tarefa material consideravel, em consequencia de ser grande o numero das potencias convidadas a tomarem parte nela. Segundo se diz, o governo veria sem inconveniente um adiamento, que permitisse uma preparação mais completa da conferencia, de forma a aumentar-lhe as probabilidades de exito. Pelo lado dos franceses parece que estes desejariam regularisar em primeiro logar os problemas de interesse imediato, pendentes entre os aliados, antes de empreender a obra imensa e longinqua da reconstituição europeia.—(H).

A nota alemã causou desapontamento

BERLIM, 2.—A comissão internacional das reparações comunicou aos governos aliados as propostas alemãs. O «Temps» diz que a nota causara desapontamento na França e na Inglaterra porque o programa financeiro alemão é provisorio e talvez nunca venha a ter execução.

Será de esperar que a Alemanha se abstenha de pôr em circulação mais papel moeda que causaria a baixa do marco e conduziria a grandes dificuldades na politica interna, mas no entanto nada se poderá dizer de positivo ácerca da futura atitude da Alemanha.

O governo francez deseja que a comissão das reparações replique á Alemanha atendendo o que o Supremo Conselho não soube tratar bem deste problema. O «Matin» duvida que os aliados cheguem a acordo. A Inglaterra parecia estar resolvida a submeter ao Supremo Conselho um plano completo de reforma ácerca do problema das reparações que seria posto em pratica sem a cooperação dos Estados Unidos.

Os membros do Reichstag discutiram a necessidade do emprestimo internacional referindo-se a ele na sua nota oficial porque apesar do emprestimo obrigatorio e da aquisição de mil milhões de marcos ouro o deficit é de setenta e oito milhões.—(R.)

A conferencia de Washington

Três vezes nove...

NEW-YORK, 1.—A conferencia de Washington que lembra um jogo de gamão, começou a retirar algumas das suas pedras. A primeira foi a questão da Siberia. O Japão, repetiu uma vez ainda os seus bons desejos tantas vezes apregoados da evacuação da Siberia, logo que as circunstancias o permitissem.

Os americanos e os outros delegados tomaram nota da declaração do Japão, que foi formalmente incorporada nos indices da conferencia e a questão da Siberia foi retirada. Nota-se agora que um dos caracteristicos da Conferencia que dura á já onze semanas, é nenhum dos seus grandes empreendimentos ter conseguido obter uma forma definitiva.

Todos os acordos, como pedras do gamão, teem sido postos de parte, para se resolver algum detalhe inesperado. Por esta forma, o tratado naval está suspenso, até que se receba a confirmação de Tokio sobre as fortificações das ilhas do Pacifico.

A quadrupla aliança está á espera da troca das notas entre o Japão e as outras nações por acharem-se excluidos da sua zona de acção, o Japão e as ilhas Bonim.

O tratado chino das nove nações tambem não pode ser concluido até que o Japão faça saber as suas decisões finais no que se refere á Republica Celestial.—(Lat-Am.)

A questão de Chantung

WASHINGTON, 1.—Os delegados chinezes e japoneses concluiram um acordo sobre a questão da restituição de Chantung á China, tendo ficado somente uns pequenos detalhes para regular.—(R.)

Em volta da morte de Bento XV

(Conclusão)

Este sonho é realisado, na medida do possivel, pelo grande esforço da Comunidade cristã nas Cruzadas. Os seus sucessores, Inocencio III, Gregorio IX, Inocencio IV, vão renovar, com mais tenacidade ainda os protestos de Gregorio VII, até irem esbarrar, na questão das investiduras, com os imperadores da Alemanha, conflito perigoso, donde sae intacto o poder espiritual do Papado, mas não o seu prestigio politico. Sob Bonifacio VIII, um conflito da mesma ordem, assinalado por violencias lamentaveis, põe frente a frente o Papa e o rei de França. Alguns anos depois, Clemente V, ameaçado em Roma mesmo pelos seus subditos, terá de se ir refugiar sob a proteção e dalgum modo sob a tutela dos reis de França, em Avignon (1309-1377). O papado viveu em Avignon aproximadamente tranquilo, no meio duma côrte letrada e brilhante, rica, talvez em excesso, no meio da cristandade saqueada e empobrecida, que deplorava altamente aquele «captiveiro de Babilonia».

O Papado regressou a Roma em 1377, mas para tornar a encontrar uma Italia mais dividida ainda e para atravessar, ele proprio, as horas sombrias do «grande scisma» no Ocidente, que encontrou o mundo catolico partilhado entre dois e mesmo trez Papas, excomungando-se uns aos outros. Coisa mais grave, os concilios gerais de Constancia e de Bâle, reunidos para pôr um fim ao scisma, eram levados a tratar da questão, elicada e perigosa para o futuro, da superioridade dos concilios gerais sobre os Papas. Foi preciso, para restituir o seu equilibrio moral á cristandade abalada, os pontificados esclarecidos ou energicos de Pio II e de Sixto IV. Mas já um outro perigo ameaçava o Papado. Estreitamente envolvido, pelo seu dominio temporal, nas contendas intestinas da Italia, a sofrer a contra-pancada das luctas que ensanguentavam a Peninsula.

Alexandre VI, Julio II sobretudo e Leão X mostraram nestes conflictos admiraveis talentos politicos e um singular amor pela patria italiana, do qual favoreceram a expansão artistica ao mesmo tempo que eles proprios se submetiam imprudentemente ás audacias intelectuais e morais da Renascença.

Estes desfalecimentos não foram estranhos ao exito parcial da Reforma.

No concilio de Trento, convocado por Paulo III, pôde, contudo, o Papado dirigir a reforma catolica de vêr solemnemente confirmada a sua autoridade, que a ordem dos jesuitas, fundada por S. Ignacio, se propoz especialmente defender.

Paulo IV, Pio IV, Pio V, Sixto-Quinto, deram á Côrte Romana o exemplo da sua austeridade.

Clemente VIII, politico previdente, soube prevenir uma scisma possivel da França, negociando a abjuração de Henrique IV. Depois dele os seus sucessores mostraram-se mais hesitantes e reservados na sua acção politica. Inocencio X recusa servir de mediador no congresso de Nestphalia, Clemente X humilha-se perante o orgulho de Luiz XIV. Mas todos se empenham em defender a fé tradicional contra a heresia (jansenismo) e o movimento filosofico do seculo XVIII.

Bento XIV e Clemente III resistem ao esforço dos principes e dos ministros reformadores. E' somente no fim do seculo que a Santa Sé, com Clemente XIV, consente em suprimir a ordem dos jesuitas, para sofrer, logo depois, um novo atentado, durante o periodo revolucionario e imperial, com o cativeiro de Pio VI, depois o de Pio VII, e com a supressão momentanea do poder temporal.

No seculo XIX, a historia do Papado apresenta um misto singular de revezes e grandezas.

Sob o ponto de vista material, os Papas perdem na segunda parte do século o dominio temporal que os tratados de Viena lhes tinham restituido em 1815. A administração energica de Gregorio XVI não pode evitar a sublevação de 1848, que expulsou Pio IX da sua capital e tornou necessaria a intervenção da França.

A Italia unificada apoderou-se, em 1867, dos Estados Pontificios, e, em 1870, de Roma mesmo, a despeito da oposição dos catolicos francezes e dos protestos, vowente renovados depois, da Santa Sé.

Sob o ponto de vista religioso, pelo contrario, o Papado não cessou de ver crescer a sua auctoridade. Desde 1814, restabelecia a Ordem dos Jesuitas e iniciava a luta contra o espirito revolucionario. Leão XII, Pio VIII, Gregorio XV, e emfim Pio IX prosseguiram sem tréguas este conflito, coroado pelas declarações categoricas do «Syllabus».

O pontificado de Pio IX viu proclamar o dogma da Imaculada Conceição, definir no concilio do Vaticano, (1869), a infalibilidade pontificia, restabelecer a hierarquia catolica nos Estados Unidos, na Holanda e na Inglaterra, multiplicarem-se as missões estrangeiras. Sob o longo pontificado de Leão XIII parece que o Papado aproveitou a liberdade, que lhe deixou a perda do seu poder temporal para se interessar mais intimamente em todas as preocupações intelectuais e sociais do mundo cristão moderno; e, conservando-se inabalavel quanto á doutrina e á disciplina tradicionais, mas conciliador nas suas relações com os governos, adquiriu, afóra mesmo do mundo catolico, uma situação moral entre todas, respeitada.

Sucedeu-lhe Pio X, que foi um Papa humilde, bondoso, monastico, intransigentemente dogmatico, que fez uma politica de isolamento; o qual, pela sua morte, foi finalmente substituido pelo Bento XV, agora falecido.

Bento XV (austero como Pio X e trabalhador e inteligente como Leão VIII, foi uma das grandes figuras do Papado, entre os 267 pontifices que formam a dinastia da Igreja.

Renovou a tradição de conciliação e de expansão diplomatica. Foi o «Pontifice da Paz», bradando aos homens desavindos, durante a ultima grande guerra, as leis da Fraternidade.

Deu grande desenvolvimento á difusão da Igreja.

ULTIMA HORA

POLITICA

A demissão do governo—Quais as suas causas—Primeiras «demarches» para a organisação do novo gabinete

Eis a versão oficial das causas determinantes da queda do ministerio colhida esta tarde, num dos gabinetes do ministerio do Interior:

«O Governo terminou a sua missão. Efectivamente, para foi chamado ao Poder o sr. Cunha Leal? Para manter a ordem, que fora profundamente alterada, para dar toda a latitude ás investigações sobre os atentados da noite tragica e para realizar as eleições legislativas. O Governo cumpriu: manteve a ordem, fez as eleições em condições de liberdade e legalidade completas e demonstrou, sem possivel duvida, que as investigações prosseguem com energia.

Ainda não ha muitas horas que, constando ao sr. Cunha Leal que o sr. Alexandrino de Albuquerque estava alarmado com a queda do governo, o sr. Cunha Leal lhe mandou dizer que prendesse quem quizesse, que ele, chefe do governo, não lhe faltaria com a força necessaria, apesar de demissionario.

E' já manifesta a vontade nacional, expressa pelos resultados eleitorais conhecidos. O partido democratico obteve uma representação parlamentar muito superior a de todos as outras correntes da opinião. E' ele, pois, que deve resolver a crise politica.

Acresce ainda que o sr. Cunha Leal não recebeu do partido democratico nenhuma especie de apoio sincero e leal, durante as horas dificeis do seu governo. O partido democratico foi-lhe sempre hostil, exceção feita, é claro, da boa camaradagem que o sr. Cunha Leal ininterruptamente manteve com os membros do governo que pertencem a esse partido. Não é possivel, portanto, um entendimento entre o sr. Cunha Leal e o partido democratico. Até mesmo sob o ponto de vista pessoal o sr. Cunha Leal foi agravado, porque os democraticos sistematicamente o hostilisaram na pessoa, de alguns dos seus amigos pessoais, que desejaria levar ao Parlamento.

Um outro aspecto da questão é este: o governo não tem o dever de ir ao Parlamento. Efectivamente o Poder não lhe foi dado pelo Congresso, mas sim pelo Chefe do Estado. O sr. Cunha Leal e os seus colegas de gabinete não se julgam, portanto, no dever de se apresentarem ao novo Parlamento, não só porque ele lhe é desde já hostil—e isto sem sombra de duvida—como tambem porque dele não recebeu mandato algum. Passar mais quinze dias numa absoluta inação não é patriotico; ceder imediatamente o Poder para que outros politicos organisem um plano de governo, com o qual se apresentem ao Congresso, é que é, na realidade, o dever patriotico. Para não faltar a ele, é que o sr. Cunha Leal apresentou a demissão do governo, que foi aceite pelo sr. Presidente da Republica e que é absolutamente irrevogavel.

Nos centros politicos acredita-se que a solução da crise vai ser extremamente laboriosa e demorada.

O sr. Presidente da Republica iniciou ontem á noite as consultas da praxe, que continuaram esta manhã.

Tem sido ouvidos os homens publicos de mais destaque nos partidos constitucionais, entre eles os srs. Alvaro de Castro, Celestino de Almeida e Antonio Maria da Silva.

Segundo uma informação que reputamos exacta, o sr. Presidente da Republica expediu ontem um largo telegrama cifrado ao sr. Afonso Costa.

Alguns politicos dão como provavel, um gabinete de concentração republicana com democraticos, reconstituintes e liberais; outros entendem mais viavel uma combinação ministerial, onde entrem, somente democraticos e reconstituintes.

Uma conferencia politica?

Ouvimos que o sr. Augusto Soares, ex-ministro dos Estrangeiros, tivera esta madrugada uma prolongada conferencia com o sr. Aga Lança, Governador Civil de Lisboa. Atribuis-se excepcional importancia ao facto, não faltando quem avantasse a hipotese de se tratar da organisação dum governo, sob a presidencia de qualquer destes dois ilustres homens publicos.

A meio da tarde, o sr. Agatão Lança conferenciou com o sr. Cunha Leal, no gabinete deste ultimo.

Alguem perguntou ao sr. Agatão Lança:

—Então, tambem demissionario?

—Pois é claro! respondeu, com vivacidade, o magistrado.

O que se não sabe é se o sr. Agatão Lança deixará o gabinete do governo Civil de Lisboa para ocupar em breves dias, uma cadeira ministerial.

Os directorios

Os directorios dos partidos constitucionais foram convocados a reunir com urgencia, para deliberarem acerca da crise.

Nota oficiosa

O governo demissionario enviou á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«O sr. presidente do ministerio, considerando, de acordo com os seus colegas, terminada a missão do governo, apresentou hontem ao chefe do Estado, pelas 17 horas, a demissão colectiva do governo. S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica significou ao sr. Cunha Leal o desejo de que o governo se mantivesse no poder, mas o sr. presidente do ministerio insistiu no seu pedido de demissão, que por fim foi aceite».

A repressão do jogo

A brigada de repressão do jogo sob a direcção do comissario da policia sr. alf. Lopes Soares, assaltou ante-ontem pelas 21 horas, a casa de tavolagem da travessa da Boa Hora 25, mais conhecida pelo 25.

Foram presos 29 pontos, que ainda continuam presos no governo civil.

Entre os presos figuram alguns soldados e marinheiros.

Foram apreendidos alguns dados, cestos do monte, algum dinheiro fundo, fixas e outro material.

O proprietario da referida casa ao presentir a policia meteu no cofre alguns dados e fixas, onde foram apreendidos, e onde foram encontrados tambem varios relogios, alfinetes, pulseiras, bolsas de prata etc. com a indicação dos proprietarios e as quantias por que estão empenhadas.

Foi feita a apreensão de mobiliario que está sendo removido para o governo civil.

O proprietario é acusado de jogo ilicito e exercicio de penhores sem o respectivo alvará e licença.

A mesma brigada assaltou ontem á noite varios clubs da baixa, mas sem resultado.

Missas por alma de D. Carlos e D. Luiz Filipe

Sufragando as almas de D. Carlos e D. Luis Filipe realisou-se hoje uma missa na egreja dos Martires, estando o templo literalmente cheio.

A' mesma hora celebraram-se missas em todas as igrejas de Lisboa.

Nos Martires, entre outros vimos os srs. dr. Hipolito Raposo, dr. Sarmento Brandão, conde de Calhariz Souza Lara, Pinto Coelho, etc.

Ex-imperatriz Zita

Acompanhada de seus filhos, partiu ontem a bordo do «Avon» para o Funchal, a ex-imperatriz Zita que ha dias se encontrava entre nós.

A rua

José Dias Cardoso, policia n.º 122 da esquadra do Calvario e morador na rua da Paz á Ajuda, procurou hontem, armado dum ferro, num pateo da mesma rua, Ana Dias, peixeira, afim de se vingar desta, porque sendo sua amante, lhe fugiu ha dois anos para ir viver em companhia do carroceiro Manuel Gomes.

A Ana Dias e o carroceiro ficaram feridos no ventre, assim como mais dois individuos, que foram receber curativo ao posto da Cruz Vermelha da Janqueira. A Ana Dias, e o amante recolheram ao hospital sendo preso o policia.

A Provincia na "Capital"

CASTELO BRANCO, 30.—Segundo os elementos até agora conhecidos consideram-se eleitos os senadores srs. drs. Francisco Antonio de Paula, José Nepomuceno Braz, democraticos e Manuel Martins Cardoso, liberal bem assim os deputados srs. drs. Abilio Marçal e Matos Rosa, democraticos e Bernardo de Matos, liberal. Pelo circulo norte do distrito é provavel que sejam eleitos os srs. Aires de Ornelas, monarquico, Adolfo Coutinho, democratico e Fausto de Figueiredo independente.

Das 8 assembleias deste concelho não funcionaram as de S. Vicente da Beira e a de Escalos de Baixo esta por falta de eleitores.

ALMADA, 30.—As eleições nas duas assembleias deste concelho decorreram serenamente.

E' o resultado final:

Para deputados: democraticos, major Tavares de Carvalho, 411 votos; Pires de Campos, 412 votos; liberaes, Jorge Nunes, 55 votos; Joaquim Brandão, 51 votos.

Para senadores: democraticos, Herculano Galhardo, 386 votos; Gaspar de Lemos, 382 votos; liberal, dr. Jacinto Nunes, 54 votos; monarquico Oriol Pena, 24 votos.

Agradecimento

Rodrigo Bessone Basto, não pode por mais tempo calar o seu profundo agradecimento ao ilustre clinico o Ex.mo Sr. Doutor Manuel Barbosa pela forma proficiente, cauvante, dedicada e extremamente carinhosa como tratou seu filho duma grave doença, que por veses desalentou os que o rodeavam, e que hoje se encontra completamente restabelecido.

Apesar de saber, por experiencia propria, a proverbial modestia de tão ilustre medico, seja-me permitido patentear publicamente, com este humilde, mas sincero agradecimento, a sua gratidão a quem tão sabiamente concorreu para o restabelecimento do seu filhinho, pondo em relevo o seu muito saber, aliado a uma dedicação inolvidavel.

Pedrouços, 30 de Janeiro de 1922

TEATRO

Nota do dia

Difamadores da arte nacional

Jornais varios recemchegados do Brazil referem-se em termos naturalmente justos e indignadamente violentos a uma pseudo companhia dramatica portuguesa que Carlos Santos improvisou para uso externo do Brazil.

Surpreendera-nos ha pouco a noticia de que o ilustre e valioso professor da Escola de Arte de Representar havia partido, á aventura, com o volume do «Pedro o Cruel», debaixo do braço a fim de conquistar em terras irmãs a celebridade e talvez muitas patacas.

Depois as noticias completaram-se mas muito confusas; que a companhia fora arranjada no Brazil com restos, desperdicios, fracos elementos de outras companhias, e que, com uma impavida falta de probidade profissional e artistica se chamára aquele improvisado arranjo, «Companhia Dramatica Portugueza» e se ia pôr em scena... o «Pedro o Cruel» de Marcelino Mesquita!

As agressivas frases dos jornais brazileiros, os seus comentarios magoam-nos talvez mais do que aos proprios visados, e vem certificar-nos que mais uma vez se abusou da hospitalidade, da cortezia da gente brazileira para se lhe ir impingir uma droga sem qualificação.

✦ ✦ ✦

Tudo estava no entanto muito bem e não chamaria a atenção do cronista se este facto não afectasse directamente o bom nome de Portugal.

Quando o Brazil acolhe mercê da actividade dos seus emprezarios de renome, celebridades mundiais, quando aos teatros do Rio de Janeiro vão companhias de reputação, Portugal não pode continuar a mandar para os seus amigos, miserias intoleraveis até em teatros de 2.ª categoria, revistas imundas, «carne» para matadouro sem um fim nobre, honesto ou artistico.

Persiste entre nós a velha ideia da «arvore das patacas» no Brazil. Para fins permanentes monetarios, para a satisfação das ambições, os aventureiros da arte partem esquecendo o nome de Portugal que mais uma vez vão arrastar e que, se não se avilta completamente deve-se ao patriotismo resignado da colonia que muitas vezes por dó se esforça por amparar os seus compatriotas... Isto é absolutamente triste e horrivelmente deshonroso. Quando no Brazil se buscam pretextos para erguer entre as duas nações barreiras de indiferentismo até de odio, são os proprios portugueses, e o que é mais, portugueses com o dever de serem cultos, que vão ajudar essa sementeira de discussões troçando impudicamente do bom gosto, da cultura do Brazil moderno.

Muitas vezes se tem falado numa fiscalisação, proibição ou quer que seja que actue sobre estas «tournées» difamantes, prejudiciais para o nome portugues sem que nada se consiga; muitas vezes já tem o proprio Brazil pela boca dos seus empresarios—como suceden apoz a famigerada «tournée» do Nacional—declarado a sua relutancia a aceitar artistas portuguezes, muitas outras vezes, muitas, muitas se lê nos jornais do Rio, onde Portugal indubitavelmente conta amigos, frases justas mas crueis sobre os intuitos honestos dos nossos artistas. E, confessemos, o brazileiro tem razão; o «conto do vigario» é absoluto.

E se não julguem-no todos, ao pensar que Carlos Santos, tão inteligente, tão culto professor, abalou para lá, com o volume do «Pedro o Cruel» debaixo do braço e conseguiu pôr em pé a tragedia do Marcelino com alguns restos safados de artistas desempregados, sete mulatos e umas pranchas que talvez algum Club emprestasse ao seu material carnavalesco...

Por isso, sem que represente instinto maldoso, nos abençoamos o Deus justiceiro que lance em situações desesperadas estes aventureiros da Gloria e da Arte, sem ideais, sem consciencia e sem sequer um assomo de patriotismo...

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

A acção da «Perola Negra» a nova opereta da Parceira a subir á scena no Avenida passa-se na America do Norte, entre Boys Scouts.

—E' possivel que subam ainda este ano á scena no Nacional as peças de Rutoada Curto e Norberto de Araujo ali entregues ha anos.

—No dia 4 realisa-se no Apolo a festa do maestro Luz Junior com um espectaculo escolhido.

—E' no proximo dia 17 que no Politeama se realisa a festa do actor João Colazans e do secretario da empreza Sr. Costa Pereira, indo á scena pela ultima vez «Uma mulher sem importancia».

—No mesmo teatro realisa-se muito em breve a festa da ilustre actriz D. Lucilia Simões, com a peça «La Passante» exibida actualmente em Paris.

—A festa do distinto e ilustre actor Erico Braga realisa-se pouco depois com A «casaca encarnada».

—O actor Eduardo de Freitas, realisa em breve a sua festa no Politeama.

—A festa de Macedo e Brito, realisa-se em março com a «Casa em ordem».

—A 3 de março realisa a sua festa no Politeama as gentis e interessantes artistas Maria Corte Real e Alda Rodrigues com a peça a «Raça».

—Carlos Alves e Francisco Sampaio realisam a sua festa, no dia 7 de março, no mesmo teatro.

—A festa da actriz Aldina de Sousa realisa-se no S. Luiz com a opereta «Viuva Alegre».

—Fernando Pereira faz festa artistica no S. Luiz com a opereta «Amor de mascaras».

—A festa do estimado actor Seixas Pereira, do Politeama, será com a «Zazá».

—Alvaro Pereira, que tanto agradou em «E' o levas», revista que esta noite se despede do publico do Apolo, tem tambem bom trabalho na «reprise» da revista «P. A. M.», que naquele teatro sobe á scena no dia 3 em recita de homenagem ao distinto actor Henrique Alves.

—Partiram ontem para Paris no sud-express as artistas Mireille Berthon e Maria Capuana.

—Consta que afinal já se não cantará este ano em S. Carlos a opera de Wagner «Walkyria».

AGENDA DA SEMANA

Dia 2—S. Carlos, 1.ª do Parsifal.
Dia 3—Festa de Henrique Alves no Teatro Apolo. «Reprise» do «P. A. M.».

MUSICA

S. Carlos

Não existia um interesse demasiado pela reaparição da «Tosca» no cartaz de S. Carlos. Mas a reaparição fez-se.

E fez-se com Formichi, esse Formichi que apesar de ter cantado quasi todas as noites desde o inicio da epoca manteve a frescura da estreia, e que tem na «Tosca» um dos seus melhores papeis.

Fez-se com Bagnariol que ha-de vir a ser um bom tenor, que tem uma linda voz, mas que não pode ainda cantar a «Tosca» em S. Carlos.

E fez-se com a estreia da sr.ª Anita Conti no papel de Tosca substituindo Mireille Berthon que a fizera na primeira representação.

Ora esta segunda Tosca que ontem vimos teve sobre a primeira a agravante dum conjunto inferior.

A sr.ª Anita Conti que na sua estreia nos deu uma Aida tão interessante, tão cheia de beleza, não foi de igual felecidade na Tosca.

A Aida é um papel que se canta e a sr.ª Anita Conti possuindo uma linda voz cantou-a muito bem.

Mas a Tosca canta-se e representa-se e alem da Tosca não ser o genero ideal para a sua voz, a sr.ª Conti não nos deu na representação a Tosca que ainda tinhamos na memoria.

Consta-nos que não vinha preparada para a fazer. De facto só assim se explica aquela toilette do 2.º acto bastante longe da realidade historica que sempre se deve observar. E sendo assim compreende-se, o que não é absolutamente o mesmo que desculpar.

B. C.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Ha dias ouvi dizer a uma senhora. «Ora, não vale a pena dar á pequena uma caixa de costura, daqui a pouco esta mania passa».

Puz-me a pensar sobre a frase e cheguei á conclusão que provavelmente ela conhecia a filha e tinha razões para fazer aquela afirmação, mas o que me aditou foi a indiferença com que o disse.

Provavelmente não dava importancia e essa falta de perseverança, pois eu se tivesse filhos, havia de fazer todo o possivel para lhes inculcar a virtude de perseverança.

Ainda que chegando ao extremo contrario, se tornassem um pouco teimosas, preferia isso.

Não ha nada que mais me desconsolo e mais pena me cause do que vêr uma creança, pegar numa caixa de côres e deixar a pintura a meio, principiar um vestido de boneca e pô-lo de lado mal começou; dispender tempo e energia numa obra de carpinteiro ou numa construção para a abandonar dali a instantes.

Os meus olhos entristecem ao pensar que aqueles serão os futuros homens e mulheres, aquelas criaturas instaveis, inconstantes, que não sabem o que querem e admiro-me que haja mães que achem muita graça a esse facto e que digam sorridentes;

Estes meus pequenos nunca se entretecem mais de meia hora com a mesma coisa, pelo contrario estou de alma e coração com aquelas que ensinam á creança que o que se começa, acaba-se, e que nunca se deve desistir dum proposito.

Essas creanças que assim foram educadas crescerão sabendo o que querem e não serão levadas para aqui e para ali, segundo um capricho ou uma fantasia.

Poderão tomar como divisa «Apesar de tudo, apesar de todos».

São a teimosia, mas dá muito bons resultados e com ela fez-se tudo quanto se quer e obtem-se quasi tudo quanto se deseja.

E obter-se quasi tudo quanto se deseja, já é muito num mundo em que se tem a felicidade completa, quando se obtem uma felicidade relativa.

IMPRESSÕES

Não ha talvez quadro mais vulgarisado do que a Madona da Capela Sixtina de Rafael. Milhares de reproduções dela andam por este mundo em postais, oleografias, copias boas e más, pois apesar disso não se torna banal e os nossos olhos fitam-se em extatica contemplação todas as vezes que se defrontam com esses rostos de mulher e criança. Qual será a magia que assim impele o nosso olhar? Ha tantos quadros tratando o mesmo assunto!

Creio que uma das razões é que neste mais do que nenhum nos fala do amor que ligava Maria a seu filho.

A Madona pega no seu filho com ternura, com carinho, com cuidado como vemos toda a mãe fazer, como é natural que o faça.

Reparem como a mão esquerda ampara o corpinho da criança, como os dedos da mão direita se colocam exactamente no sitio em que é preciso segurar o Pequeno. A criança aninha-se confiante junto do seu meigo rosto. A expressão da Madona é essencialmente terna, pura e suave, a sua fisionomia representa-nos a Encarnação do Amor Maternal.

Assim é que nós vemos muitas vezes a nossa mãe olhar para nós e por isso gostamos de a fitar.

A' primeira vista pode mesmo parecer-nos que Ela é a figura principal do quadro, tanto nos encanta, mas depois, pouco a pouco, temos a convicção que apenas está ali para dar ao mundo a Criança, para nos apresentar Esse que maravilhou anjos e homens e que afinal o quadro resume-se no Verbo Encarnado, que Ele nos diz muitas e consoladoras coisas naquele gesto confiante com que se encosta á mãe.

E' curioso reparar na expressão dos anjos e na d'Ele; na dos anjos ha um leve toque de garotice, possibilidades de partidas inocentes emquanto o seu rosto apresenta uma serenidade e suavidade inefaveis, uma atração misteriosa, um olhar cheio de Amor que nos faz lembrar que essa Criança se tornará no Homem que nos veio salvar e ensinar as palavras mais belas da linguagem humana: Sacrificio e Resignação.

E porque esse quadro nos fala tanto ao coração, corre mundo vulgarisado, mas nunca banalisado.

TRABALHOS FEMININOS

Como fazer um vestido em casa.

Quando nos dispômos a fazer nós mesmas os nossos vestidos, temos de ter um grande cuidado na escolha do modelo. Quasi todas as senhoras, que fazem os seus vestidos, teem o costume de considerar o vestido como constando apenas de costas e frente, sem pensar na silhueta. Comtudo isto é muito importante. As boas modistas, quando olham para um modelo observam cuidadosamente o manequim que o veste, de lado, para ver se tem «linha». Portanto nós tambem devemos sempre procurar imaginar o nosso vestido de frente, de costas, e de «lado» antes de escolher figurino. E' conveniente observar egualmente os vestidos expostos nas boas casas de modas.

Quando comprarmos moldes, é bom experimenta-los antes de os cortar, depois colocam-se sobre a fazenda, pregam-se com alfinetes e talha-se o vestido, mas não nos devemos apressar em tirar os alfinetes antes de nos certificarmos, que nenhuma das indicações dos moldes, foi omitida. Depois alinhava-se sem economisar a linha, todo o vestido deve ser alinhavado por duas vezes; primeiro põe-se como nos parece estar bem, alinhava-se; prova-se, e depois das correcções alinhavam-se todas as costuras de novo. E' conveniente cozer-se o menos possivel á maquina, especialmente fazendas leves ou muito fortes.

Duas regras importantes; provar-se o vestido o mais alinhavado possivel, para não estar sempre a vesti-lo e a despi-lo e ser tão perfeito no avesso como no direito.

HIGIENE DA BELESA

Para conservar a beleza da pele.

As pessoas que mais cuidado devem tomar com a alimentação por causa da beleza da pele são as arthriticas. Entre os mil males que teem a recear contam-se as doenças de pele, como o eczema, a orticaria, a sarna etc.

Para os evitar teem de se resignar a uma dieta rigorosa: carnes brancas, lacticinios, legumes, massas e frutos. Vinho só muito cortado de agua.

MEDICINA CASEIRA

Contra o eczema

Os ardores do eczema serão muito aliviados senão curados completamente, com cataplasmas frias de amido ou de fecula de batata.

GULOSEIMAS

Travesseiros de chocolate

250 gramas de farinha bem batida 250 gramas de manteiga, junta-se-lhe depois 6 ovos batidos com 250 gramas de assucar e 250 gramas de chocolate ralado e dissolvido em leite com baunilha.

Põe-se o polme no forno em latas pequenas e depois de prontos deixa-se esfriar e comem-se os bolos assim ou cobrem-se com a seguinte mistura:

125 gramas de manteiga boa, batida com meio quilo de assucar, até ficar num creme; pode-se deitar essencia de baunilha ou de café ou uma chavena de chocolate conforme o gosto de cada um.

A barca do Senhor

Remando [illegible] remadores
Barca de [illegible] alegria;
O patrão que a guiava
Filho de Deus se dizia;
Anjos eram os remeiros
Que remavam á porfia;
Estandarte d'esperança:
Oh, quam bem que parecia!
O mastro da fortaleza
Como cristal relusia;
A vela, com fé cosida,
Todo o mundo esclarecia,
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia.

GIL VICENTE.

SPORT

Mens sana in corpore sano

Se para atingir o limite maximo em qualquer ramo de sport, são necessarias grandes faculdades fisicas, certo é tambem que são necessarias faculdades intelectuais para ser campeão, isto é, o melhor entre os melhores.

No sport, os exemplos são constantes.

Carpentier, campeão de box, da Europa, supre a deficiencia fisica, com uma prodigiosa rapidez de assimilação do jogo dos adversarios.

Jacquelin bateu nos celebres matchs ciclistas, os grandes azes do pedal, devido á sua tática sempre diferente e contudo Jacquelin não era muito rapido, apesar da sua legendaria demarrage.

O ciclista Paulain ainda hoje, em França, faz frente, apesar de cançado, ás primeiras figuras dos velodromos devido á inteligencia com que corre.

E a inversa é tambem frequente.

Bombardier Wells, inglez, tinha tudo que era necessario para ser campeão do mundo, de box, grandes condições fisicas, uma enorme sciencia de jogo, batendo forte, etc. Pois a maior parte das vezes diante dos adversarios parecia um novato...

Apolon, esse super-homem do atletismo, foi sempre um lutador de terceira categoria, devido á falta de clareza de espirito, e só era formidavel, no esforço material ao levantamento de pesos.

Ha milhares de casos que podia apontar, para demonstrar urbi et orbi, que para se ser atleta hors-ligne não é bastante ter só musculos...

RUY DA CUNHA

Box

Parece que Carpentier se decide emfim a jogar em Paris, e que vae disputar o campeonato de França dos pesados a Nilès, que é o detentor.

No caso que vá avante a ideia do encontro em Inglaterra entre Dempsey e Carpentier, far-se-ha em New Castle uma arena que levará cem mil pessoas.

Ha um sindicato que garante uma bolsa de trinta e duas mil libras.

—Nilès vae tambem encontrar Journee, de quem ao começo se falou com uma grande revelação, mas que tem feito pessimas exibições.

—A fortuna do antigo campeão Peter Herman que vae retirar-se do «ring», é de duzentas e cinquenta mil libras.

—O nosso conhecido suisso Smeth, foi batido por Guillot aos pontos.

Academia dos Sports

O premio de dez mil francos foi este ano dividido, como já é publico, pelo capitão Augieras e pelo comandante Lauzanó, que fizeram um «raid» importante no deserto do Sahará.

As medalhas de ouro couberam a Gio André e Crabos (sports atleticos) a Paulain e Sadi Lecointe (sports mecanicos) e a Laneguin (sports hipicos).

O sport na Alemanha

Emquanto os franceses discutem ainda o sitio onde se disputarão os jogos olimpicos, os alemães continuam a construir «stadiums, estando quasi prontos dois que podem levar cinquenta mil pessoas.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Desafios para o dia 5

Segunda divisão—1.ª Categoria—Atletico contra Carcavelinhos, nas Laranjeiras, ás 13 horas, juiz o sr. Alberto Mendes Leal.

Belenenses contra Vitoria, nas Laranjeiras, ás 15 horas, juiz o sr. Jorge Vieira.

2.ª Categoria—Atletico contra Carcavelinhos, em Palhavã, ás 15 horas, juiz o sr. Mario Santos.

Belenenses contra Vitoria, no C. Grande, ás 13 horas, juiz o sr. Carlos Guimarães.

3.ª Categoria—Belenenses contra Carcavelinhos, em Palhavã, ás 13 horas, juiz o sr. Antonio Pimenta.

4.ª Categoria—Belenenses contra Carcavelinhos, ás 11 horas, juiz o sr. José Travassos.

Promoção—1.ª Categoria—C. Quebrada contra Sacavenense, no Lumiar A, ás 15 horas, juiz o sr. Jaime Ribeiro.

Chelas contra União Lisboa, em Chelas, ás 15 horas, juiz o sr. Antonio José do Vale.

3.ª Categoria—Portugal contra Chelas, no C. Grande A, ás 15 horas, juiz o sr. A. Ferreira da Cunha.

União Lisboa contra Royal, no C. Grande A, ás 13 horas, juiz o sr. Wenceslau Ferreira.

3.ª Categoria—1.ª Serie—C. Quebrada contra União Lisboa, no Campo Grande A, ás 11 horas, juiz o sr. Teofilo Constantino.

3.ª Categoria—2.ª Serie—Marvilense contra Ateneu, em Sacavem, ás 11 horas, juiz o sr. Antonio Joequim de Oliveira.

4.ª Categoria—1.ª Serie—B. Sucesso contra União Lisboa, no Lumiar A, ás 11 horas, juiz o sr. Ruy Costa.

4.ª Categoria—2.ª Serie—Cruz Quebrada contra Fosforos, no Lumiar A, ás 13 horas, juiz o sr. Angelo da Rocha Pinto.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

O Ginasio Club Portuguez acaba de instituir no Asilo de S. João uma classe de ginastica sueca para as alunas daquela escola, entregando a direcção da classe ao professor do Club sr. Artur dos Santos.

Já em anos atraz o Ginasio Club Portuguez tem, em condições identicas, subsidiado classes de ginastica em varios Asilos e Escolas, que pela carencia de meios não podem manter as referidas classes, contribuindo assim o benemerito Club para a completa educação das crianças dessas Escolas, conforme o preceituado no Art. 3.º dos seus Estatutos.

Tenciona ainda o Ginasio Club estender a sua benefica acção a outras Escolas da capital.

EQUITAÇÃO

No picadeiro Miranda

Com grande animação tem continuado todas as 2.ªs 4.ªs, 6.ªs feiras das 21 ás 23 horas, a classe de equitação para os socios do Ginasio Club Portugués, no explendido picadeiro do professor sr. Gonçalves de Miranda, que com grande proficiencia dirige áquela classe.

Já iniciaram tambem uma classe de volteio em alta escola, que se deve apresentar no proximo sarau no Coliseu dos Recreios em um artistico numero. Outro numero de não menos sucesso está o referido professor preparando para a mesma festa, organisada pelo Ginasio Club que, a calcular pelas dos anos anteriores deve resultar brilhante.

O CROSS-COUNTRY DE «OS SPORTS»

Vão ser enviados por estes dias aos clubs de sport, os regulamentos do Cross-Country que o bi-semanario «Os Sports» vae efectuar nos fins do corrente mez.

Os boletins de inscripção estão patentes na redacção de «Os Sports».

UM NOVO PROFISSIONAL

Não compreendemos a razão porque a empreza do Coliseu não anunciou a estreia como profissional, de Angelo de Mendonça que justamente com Levy Jenochio está trabalhando na troupe de voadores Reinato e Angelo que tem qualidades e pode fazer carreira.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATLETICOS

Para ultimar o programa das provas atleticas a realisar no proximo domingo na festa inaugural desta Federação devem comparecer hoje na sua séde os Delegados Tecnicos e administrativos dos Grupos federados e ainda os representantes daques agrupamentos que tenham recebido convite especial.

A falta dos delegados dos Grupos filiados importa o re isto da mesma.

Do Operario Foot-ball Club, do Tomar, foi recebida a inscrição de representantes para as corridas pedestres e de bicicletas.

N.º 1 — Folhetim de A CAPITAL — 1 de Fevereiro de 1922

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvamova

Sensacional romance russo

I

Não me lembro de meu pai; morreu quando eu tinha dois anos. Minha mãe tornou a casar-se. Este segundo casamento, embora feito por amor, foi para ela fonte de bem crueis dores. O meu padrasto era musico e o seu destino foi dos mais extraordinarios. Foi o homem mais extranho e ao mesmo tempo o mais interessante que tenho conhecido. A sua influencia nas minhas primeiras impressões de infancia foi tão forte que me tem acompanhado toda a vida. Para que a narração que vou fazer seja compreensivel, começarei primeiramente por fazer a biografia do meu padrasto. Tudo quanto direi dele, ouvi-o mais tarde ao celebre violinista B... que foi camarada e amigo muito intimo do meu padrasto, na sua juventude.

O meu padrasto chamava-se Efimov. Nasceu num logarejo pertencente a um opulento proprietario. Era filho dum musico muito pobre que depois de andar de logar em logar se fixou nas terras deste proprietario e foi contratado para a sua orquestra. Este proprietario vivia luxuosamente e amava acima de todas as coisas, a musica.

Conta-se que este homem que nunca abandonava as suas terras, nem sequer para ir a Moscou, decidiu de repente, num dia qualquer partir para uma estancia de aguas no estrangeiro, com demora de algumas semanas, unicamente para ouvir um celebre violinista que, segundo noticiavam os jornais, ali daria tres concertos. Ele mesmo possuia uma orquestra boa e numerosa, á manutenção da qual consagrava quasi todos os seus rendimentos. O meu padrasto entrou para esta orquestra como clarinete. Tinha vinte e dois anos quando travou relações com um estrangeiro.

No mesmo distrito vivia um conde que já tinha sido senhor duma grande fortuna, arruinado com a mania de ter um teatro. Teve que despedir, em virtude da sua má conducta o seu chefe de orquestra, italiano de origem. Este maestro era com efeito um homem de triste condição. Mal se viu privado do seu emprego perdeu toda a circunspecção; começou a frequentar as tabernas da cidade; chegou mesmo a mendigar tornando-se-lhe impossivel conseguir nova colocação na provincia. Foi com este homem que meu padrasto manteve uma grande amisade. Esta camaradagem parecia tão inexplicavel como extraordinaria porque ninguem notava a menor mudança de conduta em meu padrasto, seguindo o exemplo do companheiro, tanto que o proprietario, que a principio lhe tinha proibido de se dar com o italiano, ele proprio acabou por fechar os olhos a esta amisade.

Emfim, o maestro morreu subitamente. Os aldeãos encontraram uma manhã o seu cadaver num fosso, proximo duma portagem. Procedeu-se a investigações e chegou-se á conclusão de que o italiano tinha morrido duma apoplexia.

Tudo o que ele possuia encontrava-se em casa do meu padrasto que apresentou logo a prova do seu direito indiscutivel á herança: o morto tinha deixado um papel declarando que em caso de falecimento Efimov era o seu unico herdeiro. A herança compunha-se dum fato preto que o defunto conservava como ás meninas dos seus olhos pois que mantinha sempre a esperança de encontrar um novo logar, e um violino de aparencia bastante ordinaria. Ninguem contestou esta herança. Mas algum tempo depois o proprietario recebia a visita do primeiro violinista do conde portador duma carta deste. Nesta carta o conde pedia, suplicava que Efimov lhe vendesse o violino que lhe tinha deixado o italiano pois que desejava vivamente adquirir o instrumento para a sua orquestra. Oferecia por ele tres mil rublos e acrescentava que tinha já procurado Egor Efimov para concluir este negocio pessoalmente com ele mas que Efimov se recusava obstinadamente em aceitar a sua proposta. O conde, terminando, dizia que a oferta representava o preço real do violino e que a obstinação de Efimov representava alguma coisa de ofensivo para ele: a suspeita de que o conde desejava aproveitar-se da simplicidade e ignorancia de Efimov. Eis os motivos porque ele pedia ao proprietario para intervir.

O proprietario mandou logo chamar meu Pai:

—Porque não queres vender o teu violino? perguntou-lhe. Parece que não passas necessidades... Oferecem-te tres mil rublos; é uma bonita quantia e não passas de um tolo se pensas porventura que o podes vender por mais. O conde não te quer enganar. Efimov respondeu que o não venderia por sua livre vontade, mas se o seu patrão o enviasse ao conde, lá iria, mas nunca venderia o violino. Se o conde o quizesse adquirir pela força o patrão nenhuma responsabilidade teria no caso.

Esta resposta sensibilisou profundamente o patrão. Ele jactava-se, na verdade, de saber tratar com os seus musicos, pois todos, sem exceção, dizia ele, eram verdadeiros artistas, motivo porque a sua orquestra não sómente era melhor do que a do conde, mas ainda mais: podia rivalisar com a da cidade.

—Bem, respondeu o proprietario, farei saber ao conde que não queres vender o teu violino, que não tens nenhum desejo de o vender; é do teu direito vender ou não vender... compreendes? Mas deixa-me perguntar-te: que necessidade tens desse violino? O teu instrumento é o clarinete que por sinal tocas bastante mal. Cede-me o violino e eu dar-te-hei por ele os tres mil rublos. (Quem poderia duvidar que se tratava dum instrumento de alto valor!)

Efimov sorriu:

—Não, senhor, não o venderei; respondeu. E' fora de duvida que tendes o poder...

—Mas, porventura, obrigo-te? Estou exercendo qualquer pressão para o venderes? exclamou o patrão fóra de si, tanto mais que esta discussão decorria na presença do violinista do conde o qual podia concluir, depois desta scena; que a situação do musico do proprietario era pouco invejavel.—Sai, imediatamente ingrato, e nunca mais me apareças. Que seria de ti sem mim, com o teu clarinete que não sabes tocar!... Em minha casa comes, vestes-te, entretens-te; recebes soldada, és um artista e não o queres compreender! Vae-te e não me enerves mais com a tua presença!

O proprietario expulsava sempre aqueles contra quem se zangava porque julgava sempre não ter de lidar mais com eles; ora, por nada deste mundo ele desejava tratar tão violentamente «um artista» como chamava a todos os seus executantes.

O negocio não foi pois concluido e o incidente parecia assim terminado quando, de repente, um mez depois, o violinista do conde levantou uma questão muito grave. Sob sua responsabilidade denunciou meu padrasto de ser o autor da morte do italiano que teria sido assassinado com um fim lucrativo, com o fim de se tornar possuidor duma rica herança. O denunciador declarou que o testamento tinha sido escrito por pressão exercida no italiano e prontificava-se a apresentar testemunhas que sustentavam esta acusação.

Nem as suplicas, nem os pedidos do conde e do proprietario, que intercederam pelo meu padrasto, conseguiram que o violinista desistisse da acusação. Fez-se-lhe ver que o exame medico a que tinha sido submetido o corpo do defunto maestro estava em regra, e que ele estava ofendido, cego até de colera e despeito por não ter conseguido o precioso instrumento que queria comprar para si.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3993—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 2 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A' espera do sr. Afonso Costa

Entendeu o sr. Cunha Leal que devia dar a demissão do gabinete da sua presidencia antes de constituido o novo parlamento, ao qual se apresentasse, embora para desde logo lhe declarar que não continuaria no poder. Já ontem expozemos o que pensavamos a tal respeito. Em nossa opinião, haveria toda a vantagem no facto de o sr. Cunha Leal seguir a praxe estabelecida. Encontramo-nos, porem, em face dum facto consumado. O sr. Cunha Leal apresentou ao sr. Presidente da Republica a sua demissão, e o sr. Presidente da Republica depois de em vão ter instado com o sr. Cunha Leal para que desistisse do seu proposito, aceitou-a. Abriu-se, pois a crise, e o Chefe do Estado está já procedendo ás necessarias deligencias para que ela se prolongue o menos possivel, organisando-se um governo que tenha condições fortes de existencia na normalidade constitucional da Republica.

Um dos primeiros actos do sr. Antonio José de Almeida foi, segundo consta, telegrafar ao sr. Afonso Costa oferecendo-lhe a presidencia do novo governo. No mesmo sentido, se que se afirma igualmente, se pronunciou o partido democratico, vencedor das eleições, solicitando vivamente do seu antigo chefe que venha assumir as redeas do governo. Está, pois, mais uma vez em foco o sr. Afonso Costa, e no aperto das circunstancias que é já temeroso, não é licito desconhecer, neste momento, que a atitude do antigo chefe democratico vai definir-se duma maneira insofismavel. E' necessario que se defina porque estão em jogo os interesses da patria.

Não pode o sr. Afonso Costa alegar que tenha sido esquecido. Os seus amigos e admiradores teem-lhe reservado sempre um logar no parlamento. Pedidos para que regresse á actividade partidaria não teem conta. Solicitações para que forme ministerio já tem recebido por diversas vezes. Agora, mais uma dessas solicitações se regista, e em condições de manifesta gravidade.

Vem o sr. Afonso Costa para Portugal assumir o governo da Republica? Pois que venha. Não ha o direito de desatender os que tem esperança na sua acção. O sr. Afonso Costa tem mesmo, em varias declarações, dado a entender que voltará á politica quando as circunstancias do paiz forem de tal ordem que não dispensem o seu concurso. O sr. Afonso Costa tem deveres de patriota, de republicano, e tem responsabilidades de estadista. Muitas das dificuldades em que nos debatemos advêem de erros seus de que parece estar convencido. Mais uma razão para não se escusar á melindrosa missão de governar. O seu antigo partido certamente lhe dará todo o apoio, logo que o sr. Afonso Costa corresponda aos ardentes desejos dos seus antigos companheiros. Ainda ha dois ou tres dias, nas recentes eleições, afixaram cartazes nas esquinas declarando que fóra do seu programa e sem o concurso dos seus homens de Estado, entre os quais citaram, como a maior garantia, o sr. Afonso Costa, não havia governo competente, nem zeloso, nem viavel. O sr. Afonso Costa, vindo para Portugal, a fim de pôr urgentemente em execução as medidas salvadoras que a opinião publica reclama, satisfará os seus amigos, e o paiz não lhe recusará uma benevola espectativa para os seus actos.

Se isto é assim,—julgamos interpretar a opinião geral, não é menos certo que a situação é decisiva relativamente a esta solução politica. Ha tres anos que, pode dizer-se, dia sim, dia não, se reclama, se pede, se implora, o regresso do sr. Afonso Costa á actividade partidaria.

Até ha tempos, o sr. Afonso Costa podia escusar-se com as suas missões oficiais lá fóra. Mas agora ninguem ignora que essas missões cessaram. Nada o impede de vir prestar os seus serviços á Republica. Se não vier, é porque não quer.

Pois bem! E' necessario decidir. Ou o sr. Afonso Costa aceita o convite que lhe foi feito, ou é preciso não contar mais com ele. Sempre que ha uma crise, fala-se no sr. Afonso Costa. O sr. Afonso Costa é convidado, é consultado, é ouvido. E perde-se tempo precioso á espera da resolução do sr. Afonso Costa, á espera duma simples resposta do sr. Afonso Costa, que a maior parte das vezes nem responde. Não podemos ficar toda a vida nisto. Nem é vantajoso, nem é digno. O sr. Afonso Costa merece a consideração da Republica, do paiz? Está muito bem. Mas a Republica, mas o paiz, tambem merecem a consideração do sr. Afonso Costa.

A crise actual ha-de definir e liquidar muitos aspectos da nossa politica. Este é um deles.

Como ha vinte anos João Chagas via os intelectuais

As reuniões dos intelectuais, uma noticia da "Seara Nova" e um comentario da "Batalha"

Como é do conhecimento dos leitores pouco antes das eleições alguns intelectuais reuniram-se em Lisboa com o fim de entrar na politica portuguesa. «A Batalha» de hoje traz o seguinte comentario ás explicações contidas no ultimo numero da «Seara Nova» sobre as referidas reuniões:

Ficamos sabendo...

A proposito duma reuniões de intelectuais a que nos referimos numa «nota», confessamos nada de positivo sabermos e esperamos a resolução final. E' a «Seara Nova» que, pela pena do sr. Jaime Cortesão, nos vem dizer que se pretendia organisar um grupo de intelectuais com o fim de:

«1.º—Dar ao paiz a consciencia clara do estado angustioso a que chegou a crise portuguesa;

2.º—Apontar como fundamental medida salvadora a solução dos problemas educativo e economico;

3.º—Verberar todos os processos politicos que concorreram para a nossa actual situação, condenando não só todos os factos escandalosos ocorridos na vida nacional, como os seus autores».

Parece, contudo, que não chegou a estabelecer-se acordo algum, posto que os directores da «Seara Nova» se recusaram a aceitar qualquer colaboração para efeitos parlamentares. Acha que é uma acção esteril, e quanto a nós acha bem, se não apenas porque falta a elevação moral que prepare um ambiente salutar capaz, mas sobretudo porque—como ia temos acentuado—não é ao parlamento que se poderá ir buscar o que só a escola, a biblioteca, o laboratorio, a fabrica, o campo e o elevado espirito de justiça e equidade poderão dar na comum inteligenciação para o trabalho rejuvenescedor e libertario. Pelas mesmas ou parecidas rasões, estereis serão os esforços dos intelectuais republicanos, se a sua acção não for alem dos trez pontos anunciados no seu minusculo programa basilar. Pois é pena... Mas reparai, ilustrados senhores, que se não chegardes a qualquer coisa de mais pratico e util para a coletividade, não tereis nem rasão, nem direito de armar em seus paladinos. E o melhor será nem incomodar a «dama»—que nem de longe aceitará as vossas declarações de amor...

Ora em 1902, ha vinte anos portanto, João Chagas, publicava nos «Pontos nos ii» comentarios á vida portuguesa, como só ele sabia fazel-os. Um desses comentarios, é uma «charge» aos intelectuais, que vem muito a proposito, transcrever:

Novembro, 19.

Sahiram ao encontro de M.elle Bartet dois jornais portuguezes, um e outro animados do mesmo vivo desejo de bem servir o publico, servindo-lhe antes que nenhum outro a sócietaria da «Comedia Franceza», tão fresca quanto era licito esperar de uma longa e fadigosa viagem; e o primeiro que se lhe dirigiu, ao mesmo tempo que declinava os seus titulos e alguns verbos da primeira conjugação, exprimia-se assim:

«—Eu não fiz mais, com isto, do que vir antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciencia pelos intelectuais portuguezes e—segundo creio—pelo publico de Lisboa».

Esta formula de saudação, claramente expressa numa folha diaria, sugere-nos as seguintes considerações.

A intelectualidade é uma descoberta toda moderna, como a telegrafia sem fios e o sôro anti difterico.

Ha pouco tempo ainda, as superioridades mentais definiam-se pelas palavras—«genio, talento, aptidão», e bem assim «habilidade». Dizia-se:—A minha filha tem muita «habilidade».

Pela palavra «inteligencia» pretendia-se significar não somente a posse, como o exercicio dessa faculdade. Dizia-se:—O meu filho é muito «inteligente», ou:—O meu filho é um burro.

Em nenhum caso, porém, estes vocabulos serviam para dividir essencialmente os homens em categorias, ou classes.

A inteligencia era um atributo comum a todos os individuos da especie, como a sensibilidade e a vontade, que uns exerciam mais vigoasamente que outros, mas que inalteravelmente se subentendia pertencer a todos.

Dizia-se certamente:—os marceneiros, os sapateiros, os alfaiates; os oleiros. Ninguem cusaria dizer—os Genios. O estar na posse da inteligencia não significava estar na posse de um modo de vida. Todos os homens gosavam o bem da inteligencia e o distribuiam com prof são por todos os mistéres.

Em resumo, a inteligencia não agremiava.

Sobrevem esta febre de renovação que faz com que nós mudemos de casa e de opinião todos os semestres, e a inteligencia, deixando de ser um atributo comum a todos os individuos, passou a ser o privilegio de alguns e a denominar-se—«intelectualidade».

Forma-se imediatamente debaixo desta invocação, uma classe—a classe dos «intelectuais», e a especie humana encontra-se de um momento para o outro despojada da sua mais bela atribuição, em beneficio de meia duzia de monopolisadores. A sociedade industrialista dos nossos dias inventa, com o «trustee» do aço, o do petroleo e o do carvão—o «trustee» da inteligencia. O Espirito organisa-se em sindicato, e, mais uma vez, a humanidade se divide em «possuidores» e «não-possuidores», em «capital» e em «trabalho».

Os intelectuais representam para a economia do espirito—o «capital». O resto é proletariado.

—Eu não fiz mais—disse, como vimos, o portador dos cumprimentos da cidade a M.elle Bartet—do que vir antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciencia pelos intelectuais portuguezes e—«segundo creio»—pelo publico de Lisboa.

Aqui está!

Não já diante de uma questão patriotica, mas diante do «On ne badine pas avec l'amour», a sociedade portugueza mostra-se dividida: dum lado os intelectuais, do outro lado o publico; isto é, dum lado o espirito, do outro a ceguiera, dum lado a fortuna, do outro a penuria, dum lado o engrandecimento pelo genio, do outro o aviltamento pelo arreio.

Como se agremiaram os intelectuais?

Por afinidade de interesses?
Por secções?
Por obrigações?

Eis o que profundamente ignoramos.

A intelectualidade apareceu um dia, com o teatro d'Ibsen e a camisola Jaeger, embrulhada numa capa curta de casimira.

Como o sr. Burnay, ela teve principios modestos. Exactamente como o sr. Burnay, ela prosperou. Lutou, bebeu até ás fezes o «bock» da amargura, foi, como todas as audazes iniciativas humanas, incompreendida pelos seus contemporaneos.

Ei-la solidamente organisada em empreza, forte, prospera, dando já dividendo.

Perfeitamente.

A inteligencia é uma profissão, a inteligencia é uma sociedade. E' a «Marcenaria 1.º de Dezembro», é a «Companhia Fabril» do genio.

Admiravel!

A inteligencia explora uma industria. A inteligencia faz pilulas purgativas, a inteligencia faz oleo de figado de bacalhau.

Maravilhoso!

A inteligencia deixou de estar sob o patronato de Deus e passa a estar sob a acção do Fisco. Que a inteligencia pague, pois. Que pague, como nós o Publico, que não fazemos profissão de intelectualidade e nos limitamos a ser jornalistas, escritores, artistas, medicos, advogados, mas como tal tributados.

Não sabemos o que pensa deste assunto o sr. conselheiro Jeronimo de Vasconcelos, ou quem as suas vezes faça. Nós, desde já denunciamos ao fisco, os intelectuais, e propomos que, d'ora avante, a inteligencia entre no gremio e pague decima, entre os donos de hospedarias e casas de pasto e debaixo da rubrica: «Homens de genio».

O ex-Kronprinz

Declara que a republica alemã é um facto consumado

BERLIM, 2.—O professor Zorn da faculdade de direito de Bonn, antigo professor do Kronprinz publica uma carta escrita pelo principe herdeiro em Outubro passado em que diz que sempre advogou a opinião de que o monarca era para servir a nação e não o contrario e que desde que a maioria do povo tinha aprovado a constituição de Weimar a republica era um facto consumado.—(R.)

Loteria hespanhola

Numeros mais premiados

MADRID, 2.—Foram premiados na loteria hespanhola os seguintes numeros: 21269, 23043 e 27998.—(R.)

Migalhas

Um conselho

De Manuel Verdugo

Ora aí vai um conselho
Que aprendi ha muito ano
No dia em que me fiz velho
Por causa de um desengano:

Se gostares duma mulher
Quer-lhe bem de tal maneira
Que lhe deixes de querer
Antes que ela te não queira.

E' que estas cousas de amar
São tal qual o combater,
Em que é preciso matar
Para evitar o morrer

E, como de tal se trata,
Quem não fôr tonto discorre:
Prefére o golpe que mata
Ao golpe de que se morre,

Porque o que mata tem crime;
Mas vem depois o indulto
E ao morto nada o redime.
Fica para sempre sepulto.

Trad. ANDRÉ BRUN

P. S. Nas «Migalhas» de hontem saiu um verso errado: o penultimo. O leitor já decerto reparou que eu deveria ter escrito: «Tendo na cara as covinhas...» Não fica mal a uma centopeia ter um pé a mais. Outro tanto não sucede a uma redondilha e para mais menor. Nada de brincadeiras com menores.

A. B.

QUESTÕES DO DIA

O IMPOSTO DA FOME!...

Não ha como um dia depois de outro para se verificar de que lado se encontra a verdade das coisas...

Transcrevemos de «A Vanguarda» a seguinte tradução dum artigo do jornal londrino «The Times»:

«Todos os comerciantes britanicos deploram actualmente, o sucesso obtido por aqueles que tanto se veem esforçando para destruir a boa harmonia comercial que sempre existiu entre Portugal e o Reino Unido.

O aumento nas tarifas dos Portos, os grandes impostos com que são, desde o começo do ano, sobrecarregadas as Companhias de navegação, e sobretudo os actuais direitos alfandegarios, teem reduzido muito o comercio com a Inglaterra. Estes ultimos, lançados em moeda portugueza são convertidos em esterlino ao cambio normal de 4.50 escudos a libra para serem depois outra vez convertidos em escudos ao cambio do dia, resultando dahi pagar a navegação ingleza 60 vezes mais que a portugueza.

Os emolumentos consulares tambem teem tido consideraveis aumentos, sendo actualmente, para mercadorias cujo valor seja superior a libra 50, de 2 % ad valorem. A titulo de curiosidade diremos que um certificado de carga que custava antigamente 13 s.-4 d, chega agora a custar libra 25.

Estes aumentos sucessivos obrigaram as Companhias de navegação inglezas a lançar uma sobretaxa de 4 s. por tonelada nas mercadorias para Lisboa, de 5 s. para o Porto o que comtudo ainda é duvidoso que cubra as novas tarifas.

No entanto discute-se acaloradamente qual será o destino dos 40 navios ex-alemães agora registados em nome do governo Portuguez, cuja confiscação, quando estes procuraram refugio em porto Portuguez, foi a causa imediata para a Alemanha declarar guerra a Portugal. Segundo informações de Lisboa, fala-se ahi com insistencia na formação duma Companhia Portuguesa com capitais alemães á qual o nome de Hugo Stinnes não é estranho para a aquisição dos referidos barcos.

O actual estado de desvantagem que disfruta a navegação estrangeira comparada com a nacional não podia deixar de sugerir aos alemães este «Modus faciendi». Já uma Companhia Alemã inaugurou uma linha directa de vapores entre Portugal e a Alemanha, tocando em Lisboa e como a mão d'obra e salarios alemães estão numa base muito mais baixa que os Britanicos, a Alemanha tem, mesmo sem interesse directo na navegação portuguesa, facilidades consideraveis em alargar o seu comercio».

Parece-nos que o governo, apesar, de demissionario, tem o dever de vir a publico esclarecer devidamente este caso. Teremos realmente de nos haver com uma intromissão da influencia germanica nas coisas de Portugal? Ter-se-ia tratado, mais uma vez, de mudar o eixo da nossa politica internacional? E isso ter-se-ia feito com conhecimento o aquiescencia do sr. Presidente da Republica, a quem a Constituição confere o direito e o dever de velar pelas relações internacionais da Republica Portugueza?

Estas interrogações e outras que, por prudencia, deixamos que apenas, se produzam espontaneamente na mente de governantes e governados, merecem resposta.

A provincia do Minho -:- -:- no certamen do Brazil

Industrias que não teem rival no mundo e que, colocadas no grande paiz, levariam á linda região muito ouro e muita gloria! -:- -:-

O APELO DE UM MINHOTO

Vejo com prazer que todos os jornais estão tomando a peito a proxima exposição do Rio de Janeiro. Vale a pena, realmente, trabalhar para que consigamos uma representação condigna nesse certamen das nações, que o Brasil procura tornar grandioso.

Somos, de todos os paises do mundo, aquele que está mais chegado ao Brasil: fala-nos um idioma comum, temos grandes afinidades de ordem moral e sentimental, e possuimos ali uma numerosa colonia, representativa de todas as classes, e que constitue na vida activa daquele paiz amigo e irmão—um motivo social.

Pois bem: o Brasil não conhece o nosso labor industrial, nem sabe o que é, e o que vale a nossa produtividade agricola. O brasileiro, povo culto e possuindo uma grande curiosidade mental, conhece admiravelmente, os nossos escritores, os nossos poetas, os nossos artistas—e não conhece nada do nosso genio inventivo, sob o ponto de vista das nossas industrias antigas ou recentes, da nossa lavoira da paisagem, monumentos, etc.

A verdade é que nós temos descurado os mercados estrangeiros, que sempre representam, oiro e prestigio. Não conseguimos nenhum mercado nosso, e perdemos alguns por desleixo e, algumas vezes—va lá!—por falta de probidade!

Pois temos agora uma excelente ocasião para nos penitenciarmos de muitos anos de inatividade e de inercia; aproveitemo-la, que ha gloria nisso—gloria e interesse, o que vem desmentir o antigo proverbio nacional de que «honra e proveito não cabem no mesmo saco»...

Os paizes vivem muito das relações mutuas, e essas relações modernamente são mais de caracter comercial e industrial do que de ordem politica.

Foi o interesse que desencadeiou a formidavel guerra europeia; é o interesse que obriga as nações a uma paz duradoira.

Quererão compreenda isto os nossos agricultores e industriais, todos, emfim, quantos representam um valor da actividade?

Daqui me dirijo muito especialmente aos meus com-provincianos do minho, como uma das terras mais laboriosas de Portugal.

O Minho, nem todos o saberão, constitue um exemplo magnifico de trabalho. E' ver por exemplo Guimarães, grande centro fabril, cujas tradições de labor contam seculos, e cujas industrias gosam de fama mundial.

Os seus linhos, as suas cutelarias, os seus cabedais, podem sofrer confronto, e sairão da prova vantajosamente, com o que de melhor se produz lá fora.

E Braga, com a sua industria da vigaria e indumentaria religiosa, opulenta, o que o proprio lisboeta não conhece!

Quantos dos senhores, que passeiam Chiado acima, Chiado abaixo, terão visto os lindos exemplares da olaria vimaranense, tão rudimentar nos processos de factura, mas cheia duma fantasia tão simples em que ha alguma cousa de classico?

O Minho está cheio de industrias manuais, que se isolam, sem gloria, como se á volta dessa provincia tão rica se houvesse construido uma muralha impenetravel.

E de industrias mortas, que outra provincia pode dizer que possuiu mais ou melhor? Os museus regionais, principalmente nas tres cidades —Braga, Guimarães e Viana do Castelo—estão cheios de exemplares riquissimos, em loiças, em mobiliario, em tecidos.

As loiças e as chitas de Viana, inimitaveis, teem hoje um valor enorme, e fazem a cobiça permanente dos colecionadores. Tenho visto colchas desse tecido em casas opulentas; e um prato de Viana do Castelo só o pode adquirir quem é rico.

Em mobiliario antigo,—moldes portuguezes classicos, Braga e Guimarães são riquissimas. Quem vae a uma cidade ou a uma simples vila minhota, em ocasião de festa de caracter regional ou religioso, fica espantado ante a riqueza das colchas de damasco, bordados, e não sabe que mais admirar, se a riqueza do tecido, se a fantasia do ornato.

E a casa minhota antiga, com o seu alpendre—tão singela nas suas linhas, e tão fidalga na sua composição arquitectonica!

Mas é principalmente no grande coração das lavouras que palpita a provincia mais portugueza de Portugal, berço da nacionalidade e séde das nossas mais antigas tradições. O Minho, quasi tudo produz—e por isso quasi nada importa. E' um povo soberano, sob o ponto de vista da produção.

A sua fruta é excelente, principalmente a laranja e a pera, esta ultima talvez menos saborosa que a do Fundão, que é excepcional, mas, seguramente, mais ornamental, com as suas grandes folhas aveludadas, formando um conjunto admiravel!

São famosos os vinhos verdes de Basto, de Monsão, de Guimarães, de Fafe, de Vizela, de Braga e de Amarante.

Olhem o Gerez, talvez a serra mais arborisada de Portugal, e olhem toda a sua paisagem; os vales do rio Minho e do Lima, idilico e cheios de côr; o mar de Ancora, com as suas rochas; os imponentes espectaculos das serras do Bom Jesus do Monte, do Lameiro, da Penha e da Santa Luzia; o rio Ave, pequenino e manso, com as suas fontes romanas, milagrosamente conservadas, como se fossem feitas nos nossos dias; as suas estradas, ora subindo ora descendo, mas sempre á beira dum precipicio, á orla esquerda desanuviada, para que fique livre o horisonte, e a orla direita seguindo, leguas e leguas, num abraço de folhas—arvores, arvores, arvores! E, finalmente, a vegetação por toda a parte, herdades, quintas, quintaes, pedras florindo em pão, arbustos florindo em vinho, roseiras florindo em perfume!

Pois tudo isso, hoje, com as modernas invenções, pode ser reproduzido em qualquer parte do globo, em côr e em movimento, monumentos, costumes, paisagens, tudo podemos levar ao Brazil, a terra da Promissão, para muitos portuguezes, e que o poderá ser para o proprio paiz.

A reprodução de monumentos, paisagens, etc. será facil obtel-a, nomeando comissões locais, com a cooperação das camaras municipais. Isso será facilimo, numa terra como o Minho, onde ha o amor regional, onde ha brio—e ha dinheiro...

Quanto aos expositores, bastará que se correspondam com o comissariado, permanentemente funcionando na Sociedade de Geografia.

Principalmente, que da terra minhota não deixe de representar-se tudo o que representa um valor taxativo ou um labor de arte, isso de que hoje se faz a historia dum povo, e que vale, com a documentação de actividade e do genio, todas as paginas que se escrevam!

Oxalá que os minhotos não esqueçam isto e o Brazil, paiz rico, pode, e deve constituir o nosso maior mercado. Temos ali grandes facilidades aduaneiras, uma colonia numerosissima que preferirá os nossos produtos, e, sobretudo um paiz amigo, que atravez do Atlantico nos estende as mãos, saudando-nos na mesma lingua em que escreveu Camões!

Os minhotos têm a consciencia do seu valor; mandem os seus produtos ao Brazil, que o mesmo e coloca-los lá—e podem fazel-o com segurança, na certeza de que alcançarão baixa e interesse.

O grande certamen com que o Brazil comemora o 1.º centenario da sua independencia, ficará, não o duvidem, como um sinal da actividade dos povos após a guerra. Não corresponder ao esforço que todos esses povos estão fazendo para marcar um logar de eleição, é um suicidio, é perdermos, na fornada dos tempos, muitos anos e talvez seculos!

A ocasião é unica, é excepcional: veja-se que nada os expositores perderão, pois o governo responsabilisa-se por todos os produtos, e pagará, como lhe compete, todas as despesas de transporte, instalagem, devolução, etc.

Que dirão a isto os meus com-provincianos do Minho?

As investigações

Estão eminentes algumas prisões

Houve quem dissesse que o governo do sr. Cunha Leal se demitira por ter de efectuar prisões relacionadas com os graves acontecimentos de 19 de outubro. Não foi esse o motivo pois ainda hoje, um nosso colega da manhã dá a noticia de que estão eminentes algumas prisões em virtude das investigações a que se tem procedido sobre os assassinios da noite tragica.

Na realidade quando o sr. Cunha Leal tomou posse fez afirmações categoricas que não era agora ocasião de desmentir ou de faltar a elas.

POLITICA

E' provavel a constituição dum ministerio democratico, sob a presidencia do sr. Antonio Maria da Silva

O partido democratico reconhece que, tendo obtido a sanção eleitoral á sua orientação politica, podia e devia assumir o governo. O sr. Antonio Maria da Silva, consultado pelo chefe do Estado, foi de parecer que se chamasse de Paris o sr. Afonso Costa, para que se pozesse á frente dum ministerio democratico, absolutamente homogeneo. Não sabemos se as opiniões do estadista Antonio Maria da Silva, serão as mesmas do estadistante Afonso Costa. E' de crêr que sim. Duvidamos porem, que o estadistante sr. Afonso Costa se resolva a abandonar as delicias de Capua para se arriscar aos azares da Rocha Tarpeia...

No caso do ilustre estadistante não aceitar o convite para formar governo, este caberá, inteirinho, ao sr. Antonio Maria da Silva. O mais provavel é, pois, que um gabinete retintamente democratico, sob a chefia do sr. Antonio Maria da Silva, suceda ao gabinete demissionario.

Nesta ordem de ideias, dava-se ontem como possivel, nos centros politicos, o seguinte governo:

Presidencia, Finanças e Interior, Antonio Maria da Silva; Justiça, Catanho de Menezes; Instrução, Abilio Marçal; Trabalho, Costa Junior; Estrangeiros, Henrique de Vasconcelos; Marinha, almirante Camara Leme; Guerra, Xavier Barreto; Comercio, Vasco Borges; Colonias, Judice Bicker.

Atitude do partido liberal

O directorio do Partido Liberal tendo reunido ontem para apreciar a crise, resolveu significar ao sr. Presidente da Republica:

Primeiro—que se devo instar com o sr. Cunha Leal para que continue no poder, pois se não julga terminada ainda a missão do governo.

Segundo—que, em caso do sr. Cunha Leal ser absolutamente irreductivel neste ponto, saindo do governo, deve este ser entregue ao Partido Democratico, para o que o Partido Liberal lhe dará todo o apoio.

Está encarregado de tratar da crise com o chefe do Estado, por parte dos liberais, o sr. Barros Queiroz, que voltou ás suas funções de presidente do directorio.

Um incidente

Tivemos ontem conhecimento dum boato que corria respeitante á determinada atitude tomada pela esquadra inglesa, surta no Tejo, por ocasião de 31 de Janeiro. Não publicámos por ser de certa gravidade, mas como vem já inserto nos jornais da manhã convem fazer-lhe a devida referencia.

Os navios de guerra portuguesa embandeiraram na terça-feira por ser dia de feriado nacional; a esquadra inglesa não os acompanhou. O caso como é de supôr, causou estranhesa e para ele, chamou o governo a atenção do almirante inglês. O comandante dos navios ingleses que actualmente estacionam no Tejo, declarou que o respectivo livro de bordo não se referia ao 31 de Janeiro, como feriado nacional e que por esse motivo não embandeirára. O governo levou então o caso até junto do sr. Carnegie, ilustre ministro inglez em Lisboa e, ao que parece, o lapso cometido vai ser prontamente remediado, com a vinda a Lisboa dum delegado do almirantado britanico, com um encargo especial, que representará uma atenção para com o governo português.

Afirmava-se tambem hontem que em vista desse incidente o governo português não se fizera representar na festa realisada na legação inglesa dizendo-se mais que o comandante da esquadra estava na disposição de assistir á missa por alma de D. Carlos, que foi almirante de marinha britanica, tendo porém desistido da sua intenção.

De todos estes incidentes, parece concluir-se que algum fundamento tem o boato que vem correndo de que não obstante as nossas boas relações com a Inglaterra, desde outubro se nota por parte da nossa velha aliada uma certa reserva nessas mesmas relações.

Eugenio de Castro — e — Leonardo Coimbra

vão a Madrid

MADRID, 2.—Convidados pela Residencia dos Estudantes virão sucessivamente a esta cidade, no proximo mez de fevereiro, dois escritores portuguezes, Leonardo Coimbra e Eugenio de Castro. O primeiro, ex-ministro de instrução é um filosofo que tem produzido uma série de trabalhos filosoficos, um dos quais, intitulado «A alegria, a dôr e a graça» que foi recentemente traduzido em castelhano. E' considerado como um dos grandes oradores portuguezes.

Eugenio de Castro é aquele maravilhoso poeta conhecidissimo em Espanha onde os seus versos são traduzidos e muito lidos. Foi um revelador da poesia moderna. O anuncio das conferencias que eles vão realisar despertou enorme interesse em todos os circulos intelectuais.—(Lat. Am.)

Curiosidades acerca dos Papas

O Papa Celestino II foi quem deu só aos cardeais o previlegio de tomarem parte na eleição dos Papas.

O embalsamamento dos Papas data de Leão X, em 1513. O selo de chumbo com que se autenticam os Rescritos Apostolicos, Bulas Pontificias é muito antigo, pois data do ano 442.

Porem o que existe no Vaticano é do tempo do Papa Honorio, em 621. A coroação dos Papas data do seculo IX; primeiramente realisou-se na Basilica de S. João de Latrão, depois no atrio da egreja de S. Pedro e por ultimo na capela Sextina, onde hoje ainda se efetua.

O Papa S. Damaso (portuguez) foi o primeiro que usou do titulo «Servus Servorum Dei». Gregorio VIII foi o primeiro pontifice que usou o titulo do Papa. Alexandre III, em 1179 foi quem concedeu ás trez ordens de cardeais—Bispos, padres e diaconos—o direito eleitoral na eleição dos Papas, direito este que até aquela epoca só fôra concedido aos cardeais-bispos. Sixto V determinou que o colegio cardinalicio constasse de 70 membros.

Desde 1009 é que os Papas usam do nome diverso do do batismo porque nesse ano foi eleito um que, tendo o nome de Pedro e julgando-se indigno de usar o mesmo nome do primeiro Papa S. Pedro, escolheu o do Sergio. Bento XI foi o primeiro Papa eleito no Vaticano em 1303 e Leão XII o primeiro no Quirinal.

O Papa Calixto III foi quem usou pela primeira vez o «Anel do Pescador», em 1455.

O formulario sobre os funerais dos Pontifices data de 1274.

Em 1311 Clemente V aboliu a ordem dos Templarios. O Papa Gregorio X iniciou na Austria a dinastia dos Habsburgos indicando para rei Rodolfo de Habsburgo em 1273. O Papa Paulo III foi quem instituiu em Portugal a Inquisição em 1536. Pio X acabou com o direito do «veto».

Os escritos pontificios desde Inocencio III até Sixto V perfazem a soma de 2016 grossos e grandes volumes. O Papa Adriano condenou os caluniadores a levarem açoutes. O Papa Inocencio XI foi quem concedeu para todas as egrejas de Lisboa, alternadamente, o privilegio do «Lausperene» Em 1748 o Papa Bento XIV concedeu a D. João V e seus sucessores o titulo de «Fidelissimo».

Estevão II foi quem principiou a gosar dos direitos dos Estados da Igreja por oferta que lhe fez Pepino, o Breve, pelas conquistas aos Lombardos da provincia de Ravena e a Pentápole. O Papa Urbano II foi quem organisou as «Cruzadas» ao Oriente. Foi o Papa Clemente XIV que aboliu a ordem dos jesuitas. O Papa Clemente V foi o primeiro que mudou a residencia para Avinhão e deu principio ao scisma do Ocidente, que durou muitos anos terminando pela eleição de Martinho V pouco mais ou menos.

Duração dos principais conclaves

Em 1447 o de Nicolau X, durou 10 dias; em 1455 o de Calixto III, durou 12 dias; em 1458 o de Pio II, 14 dias; em 1464 o de Paulo III, 14 dias; em 1492 o de Alexandre VI, 3 dias; em 1501 o de Pio III, 33 dias; em 1503 o de Julio II, 18 dias; em 1513 o de Leão X, 47 dias; em 1523 o de Adriano XI, 12 dias; em 1623 o de Gregorio XV, 1 dia; em 1644 o de Urbano VII, 17 dias; em 1676 o de Inocencio XI, 50 dias; em 1769 o de Clemente XIV, 106 dias; em 1775 o de Pio VI, 104 dias; em 1813 o de Leão XII, 35 dias; em 1829 o de Pio VIII, 36 dias; em 1831 o de Gregorio XVI, 62 dias; em 1840 o de Pio IX, 3 dias; em 1878 o de Leão XIII, 2 dias; em 1903 o de Pio X, 2 dias e meio.

Insignias dos Papas

A tiara—E' uma insignia, especie de mitra com que nos tempos antigos se coroavam os soberanos do Oriente, persas e egipcios. E' actualmente usada pelos Papas e compõe-se de tres coroas de ouro sobrepostas encimada por um globo e uma cruz.

A férula—E' uma cruz de forma grega que substitui nas mãos dos Papas o báculo dos Bispos.

A cadeira gestatoria.—E' uma cadeira dourada sobre dois degraus, forrada de veludo encarnado e galão de ouro. O Papa é transportado nela por doze palafreneiros do Palacio Apostolico.

A umbela.—Tem a forma de um guarda-sol plano de côr vermelha agaloada de ouro. Guarda-se na camara ante-pontificia e acompanha o Papa quando sai e indica o Primado.

Os tronos.—São quatro. O 1.º é o «Pontifical» que está levantado na igreja de S. Pedro ao lado do Evangelho e tem os degraus ao nivel do estrado do altar e é forrado da côr correspondente á festividade do dia. E' semelhante aos sólios episcopais que existem nas catedrais. Representa o vicariato de Cristo; o 2.º é o de «Tercia», mais baixo que o anterior, onde o Papa se senta emquanto se canta na basilica a hora canonica «tercia»; o 3.º é a cadeira do «Consistorio» que é forrado de brocado de ouro e seda, tendo por docel a celebre tapeçaria chamada dos Leões, com desenhos de Rafael. Só serve quando o Papa sob a sua presidencia reune os cardeais em assembleia para tratar de assuntos importantes ou para crear novos cardeais; o 4.º é o usual, todo atapetado, tendo um docel de purpura guarnecido de galão de ouro. Significa a soberania do Papa na Cristandade.

A Cruz Papal.—E' a que um capelão (sub-diácono apostólico) leva adiante do cortejo pontificio com o crucifixo voltado para o Santo Padre; significa a juridição do Papa sobre os Bispos, Arcebispos e todo o clero.

O escudo.—Que é timbrado com uma tiara, significa a sua elevação social sobre todas as classes.

Os capêlos pontificios.—São dois capuzes que o Papa usa sobre as vestes pontificias e que são de veludo vermelho, agaloados de ouro (duplamente). Significa a sua autoridade de Sumo Sacerdote.

O anel do Pescador.—Que tem gravada a imagem de S. Pedro dentro duma barca, em atitude de pescar. Napoleão I tirou a Pio VII este anel; tornando mais tarde para o Vaticano. E' com este anel, no dedo que o Papa assina as encíclicas.

A batina do Papa é de tecido branco. Docel é a armação que encima o trono onde se senta o Papa.

Presentes recebidos por Leão XIII

Durante os 24 anos do seu Pontificado este Papa recebeu, alem doutros os seguintes presentes:

28 tiaras recamadas de pedras preciosas, entre elas uma oferecida pela França em 1893, de grande valor artistico. Entre as que o Vaticano possui há uma chamada Napoleónica oferecida por Napoleão III a Pio VII, avaliada em perto de 80.000$00, que contem 8 rubis, 84 perolas e uma esmeralda e na cruz que encima a tiara 12 brilhantes; e uma outra chamada Isabelina oferecida pela Rainha Isabel a Pio IX, avaliada aproximadamente em 70.000$00 e que tem 15 pedras preciosas.

319 cruzes de ouro com brilhantes e esmeraldas.

1.200 calices de ouro e prata, uns em relevo e outros lisos.

81 aneis, entre eles um, que lhe ofereceu um ex-sultão da Turquia avaliado em 100.000$00.

1 brilhante de grandes dimensões, oferecido pelo falecido ex-presidente do Transval, Paulo Kruger.

16 cruzes pastorais de ouro, recamadas da pedras preciosas de grande valor.

889 patenas de ouro e prata e muitissimos outros objectos e alfaias de grande merecimento.

Patena é um pequeno prato de ouro ou prata com que se tapam os calices

A. O.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DUMA COISA QUE O POLITEAMA FEZ

O Politeama de vez em quando faz coisas. E, vamos lá com Deus, que não são desageitadas.

Aqui há tempos saiu-se com aquela representação particular (da «Mulher sem importancia» que lhe valeu o meu insignificante mas justo aplauso.

Agora sai-se com um concurso—com premios e jury e tudo o mais—para os cartazes da «Casaca encarnada», de Vitoriano Braga.

Ora isto é bem feito, é interessante, merece louvores, principalmente pelo que revela de carinho e de gentilesa para com os originais portugueses.

Poderão responder-me que não fasem mais que a sua obrigação.

Sim senhor, tambem é verdade. Mas numa terra onde ninguem cumpre com a sua obrigação o facto de aparecer alguem que a realise é digno de nota.

Digno de nota e de elogio.

Porquanto, é coisa dita e velha que em Portugal existem artistas, artistas dos melhores.

Mas, triste é confessa-lo, são como os meninos pequenos: precisam de estimulo e de confronto para se esmerarem.

A «Casaca encarnada» que se transformou numa grande responsabilidade para o Politeama pela aureola de que já anda revestida começa a provocar cuidados até aqui esquecidos.

Ainda bem.

Oxalá que se não arrependam e que o continuem fazendo! Porque tambem só uma vez para amostra, isso não vale.

O preciso é mostrar como se faz e continuar depois pelo mesmo caminho.

Na certeza de que com isso só ganham os autores, os actores, a empreza e o publico, esse quarto e ultimo factor duma importancia tão grande, e que por vezes tão esquecido parece andar.

BOTTO DE CARVALHO

◆ ◆ ◆

A Camara dos Deputados americana aprovou uma lei contra o linchamento, condenando á cinco anos de prisão ou a uma multa de 1200 libras todo o funcionario que não tome as medidas precisas para evitar o linchamento de um preso; a cinco anos de prisão todo o funcionario que se entenda com a multidão para facilitar um linchamento; e a uma multa de 2500 libras pagas pelo distrito onde se cometa o linchamento, que reverterá a favor dos parentes da vitima.

◆ ◆ ◆

O preço do carvão em Cherbourg estabeleceu o «record» da baixa. Tem-se ultimamente vendido carvão ao preço de 23 francos ou seja 9 «shillings» a tonelada. Este combustivel, oferecido a tão baixo preço, é parte do «stock» do governo, durante a guerra.

◆ ◆ ◆

Na sessão celebrada em Londres em 5 de setembro, pela Conferencia dos Inspectores Sanitarios, declarou o sr. E. Husdson que em doze mezes um casal de ratos tem 800 descendentes. Acrescentou que na Inglaterra ha 40 milhões de ratos que ocasionam um prejuiso anual de 140 milhões de libras esterlinas.

* * *

Em conformidade com o tratado de comercio italo-russo, vai ser organisada uma linha de navegação regular entre o Mar Negro e os portos italianos. Fechou-se um contrato entre o Banco alemão de Credito para a Europa central e os Soviets. Estes comprometem-se a encomendar na Alemanha a construção de locomotoras no valor de quatro milhões de marcos.

Pelo Telegrafo

O que se pensa pelo mundo do novo ministro alemão dos Estrangeiros

A Alemanha

BERLIM, 2—O novo ministro dos Negocios Estrangeiros Rathenau partiu de Paris.

O partido popular alemão considera a nomeação de Rathenau como um ataque do chanceler Wirth por causa da atitude deste partido na questão do imposto e reserva a sua liberdade de acção sobre o seu voto final neste assunto.

Os jornais democraticos dizem que esta nomeação foi uma consequencia natural da politica internacional seguida pela comissão de reparações, acrescentando que foi a melhor resposta da Alemanha ao ministerio Poincaré.

Os jornais nacionalistas fazem notar que o governo acentua os seus propositos de cumprir o tratado de Versailles e os acordos posteriores.

A «Deutsche Allgemeine Zeitung» considera esta nomeação a solução pratica dos problemas pendentes.

Os socialistas reconhecem principalmente a grande habilidade de Rathenau em solucionar questões complicadas.

Os comunistas combatem-no considerando-o causador do encarecimento do pão.—(R.)

A Inglaterra

LONDRES, 2.—O «Daily Telegraph» aprova a nomeação de Rathenau que durante a sua estada em Londres deixou boa impressão entre os estadistas inglezes e diz que a conferência de Cannes lhe deu ensejo de mostrar os seus conhecimentos dos problemas economicos e financeiros. E' de opinião que a politica estrangeira de Berlim terá daqui em diante muito mais iniciativa.—(R.)

A França

PARIS, 2.—O «Petit Journal» é de opinião que Rathenau mostrou tanta habilidade diplomatica que seria dificil ao chanceler Wirth passar sem a sua cooperação.

O «Echo de Paris» diz que todos os esforços de Stinnes foram anulados por Rathenau que na proxima conferencia de Genova se esforçará por levar os aliados a renunciar a politica das sanções.—(R.)

A politica hespanhola

O governo periclitante

MADRID, 2—De novo se levantam dificuldades á marcha do governo. Maura declarou que se as côrtes tiverem, pelo menos, o instinto de conservação, aprovarão antes de 8 de abril o novo orçamento que leva anexa a reforma tributaria. O governo para conseguir a aprovação do orçamento e do projecto dos transportes, base de uma nova era economica, está resolvido a usar da guilhotina parlamentar.

As côrtes reunir-se-hão de 10 a 20 do mez de fevereiro.—(Lat. Am.)

Louvor á "Capital"

Associação de classe dos maquinistas mercantes portugueses

Desta agremiação recebemos um oficio que muito nos penhorou, comunicando que por resolução da assembleia geral foi aprovado e exarado na acta um voto de louvor e reconhecimento para com a imprensa e nomeadamente para com «A Capital», pelas noticias insertas imparcialmente a respeito do movimento de classe no ano findo.

Agradecemos.

A Russia vermelha

Na Acheka: parasytas — A escolhida — Os estrangeiros e o conselho "soviet"—Carestia da vida — Espirito comercial — "Já não ha..."—A purificação pelo fogo—Russia paiz de pilhagem — O camponez russo — Avareza e ignorancia — O comunismo bolchevista —Orphanatos—O aborto—O problema da Dor

No «Acheka», a vida tornava-se quasi impossivel, já pelo solidão e silencio, quando as prisioneiras eram separadas umas das outras já pela porcaria, quasi obrigatoria, que se amontoava em todos os cantos da sala grande, quando todas reunidas. As miseraveis, cobertas de estopa, que se estafrapavam a cada passo, viam-se comidas e aborrecidas por todas as especies de parasitas.

Apesar disso, ainda se divertiam, porque, mesmo na miseria, pessoas humanas não matam o tempo a chorar. Reuniam-se em volta de uma mesa e colocavam-lhe em cima um piolho, observando atenta e anciosamente para onde ele se dirigia. A preferida seria a primeira a cohir com o tifo.

As legiões esfomeadas desses insectos parasitarios condenavam as prisioneiras á noites terriveis de insonia, num suplicio horroroso, e, juntamente com a insuficiencia de alimentação, foram a causa de todas as doenças e de inumeras mortes.

Quando algum estrangeiro pedia a repatriação, respondia-lhe o conselho «soviet» que não, visto que era a unica pessoa que desejava abandonar a Russia, onde tão agradavelmente se vivia.

Assim me aconteceu a mim. Tive, portanto, de ficar ainda mais um ano.

A vida tornou-se cada vez mais ardua. Ha já tres anos que eu vendia saia por saia, blusa por blusa. E como a fome apertasse, e já nada mais possuisse, procurava ainda no fundo das gavetas algum pedacito de renda, botões e botões, que atingiram preços fabulosos. Laços, algodão torcido, cordões—tudo chegou a um preço inatingivel, e emquanto na alma de todos se revelava uma enorme tendencia para o comercio. Até as crianças compravam sabão e fosforos, que vendiam, dois passos mais longe, com um ganho muito rasoavel.

Havia ainda um escasso «stock» de mercadorias que os bolchevistas forneciam sem pedir dinheiro em troca. Mas para isso era preciso fazer um pedido por escrito e esperar muitos dias para ir buscar uma ficha, que nunca mais vinha: ir, em seguida, com a nota a uma repartição e de lá ao armazem geral para ouvir dizer:—«Já não ha.—»

A maior parte dos generos eram roubados pelos proprios bolchevistas, que, para esconder o roubo, lançavam fogo aos depositos. Na Russia é que bem se poderia dizer: Se o fogo tudo purifica, esconde tudo tambem.

Ah! A Russia é o verdadeiro paiz de pilhagem por excelencia. Quando se deixa o quarto, deve-se esconder, meter por baixo do soalho tudo o que se possue, senão, ao reentrar, encontra-se o quarto vazio.

O camponez russo é um bruto por excelencia: nada mais conhece que não seja o seu cantinho: o lar, junto do qual passa a noite, o dinheiro e os papeis. Vi muitos que amontoavam notas e mais notas de 1.000, 10.000 e mais rublos-bolchevistas, escondidas em sacos, que eram pesados com orgulho, enquanto exclamavam:

—Mais um bocadinho e já tenho ao menos uns cinco quilos!...

E, quando eu lhes dizia que trocassem aquelas notas de valor duvidoso por generos, porque viria um dia em que os tempos mudassem, que os «soviets» seriam vencidos, e eles ficariam arruinados, abriam muito os olhos, assombrados, estupidamente, e apertavam de encontro ao peito o seu tesouro, como se com as minhas palavras lh'o quizesse roubar.

A ignorancia desses entes é muito maior do que se póde imaginar. Encontrei muitos que ignoravam que Petrogrado fosse a capital do seu paiz. Dizer-lhes «combate-se em Petrogrado» é a mesma coisa que afirmar-lhes: «um incendio destruiu Pekim».

Os bolchevistas ou soviets denominavam-se tambem comunistas. Ninguem, todavia, menos comunista que eles: guiam-se, mais ou menos, pela maxima: «o que é teu é meu, mas o que é meu é meu só».

Eles sómente vivem na abundancia, possuindo enorme «stock» de viveres, generos de todas as especies: roubos, naturalmente que escondem com o maximo cuidado para não partilhar com os seus irmãos menos favorecidos pela sorte.

Abrem-se continuamente orfanatos e orfanatos para meter a infancia. Simples modo de socegar a consciencia, visto que directores e directoras desses estabelecimentos roubam por conta propria, o que é destinado para alimentar e vestir os pequeninos abandonados.

Compram o silencio dos seus cumplices e subordinados aproveitando-se de manhas taes que, se algum dia houver uma sindicancia, todos acreditarão que são eles os causadores da mortalidade infantil, que na Russia é verdadeiramente pavorosa.

Ainda bem que o governo «soviet», na sua infinita justiça, sabedoria e auctoridade, permite o aborto!...

E' um dos maiores bens que o futuro lhes tem a agradecer, porque assim os pequeninos, que fazem os nossos enlevos de burguezes e de injustos—segundo eles—não chegam a ter conhecimento e a sofrer os horrores de toda a especie que lhes estavam destinados.

Eis como os «soviets», brutalisados pela natureza, naturalisados pelas paixões á solta, conseguem resolver o problema da Côr e da Igualdade, que absorve o espirito dos filosofos de todas as idades.

ULTIMA HORA

POLITICA

A CRISE

Ainda não ha governo.

As negociações para a resolução da crise estão suspensas, esperando-se dum momento para o outro, a resposta ao telegrama que o sr. Presidente da Republica enviou ao ilustre «estadista» sr. Afonso Costa. Em aditamento á informação ontem dada neste jornal temos a dizer apenas que o referido telegrama continha cerca de 400 palavras cifradas e foi entregue na estação por um proprio, com nota de urgente e recomendação verbal para ser expedido com prejuizo de qualquer outro serviço.

Quanto ao que nele se comunicava ao ilustre «estadista» são prematuras e infundadas, como é natural, todas as noticias.

Se no telegrama se convidava o sr. Afonso Costa a vir chefiar o novo governo, que é o mais legitimo de presumir, é crença geral que a resposta será negativa. Assim, cada minuto que passa maior vulto dá a versão de que o sr. Antonio Maria da Silva seria o ilustre estadista escolhido á falta não menos do ilustre estadista.

O sr. Cunha Leal esteve esta tarde no seu gabinete da Presidencia do Ministerio, arrumando os seus papeis. Poucas pessoas recebeu. Parece, todavia, que o preocupava a visita do sr. Afonso Melo porque recomendou que o introduzissem no gabinete se porventura ele chegasse.

E' certo que num dos proximos dias, talvez no domingo, reunirá alguns dos amigos do sr. Cunha Leal, quer parlamentares, quer simples particulares. A reunião realisa-se provavelmente, nas salas de «As Novidades», cuja reaparição se anuncia para breve.

E, já que falamos em jornais, não é fóra de proposito noticiar que «O Mundo» não demorará muito a reencetar a sua publicação.

O deputado eleito sr. Carvalho dos Santos, que exerceu as funções de chefe de gabinete do ministerio do Interior, parte amanhã para Vizeu.

Ultimas informações

Ao fim da tarde baixaram consideravelmente os valores politicos do sr. Antonio Maria da Silva, indigitado, até então, para a chefia do novo governo, na hipotese, dada quasi certa, de que o sr. Afonso Costa não quer regressar á patria.

Um homem publico, de acentuado destaque, era apontado para a organisação dum ministerio extra-partidario. Ouvimos pronunciar dois nomes, os dos srs. Augusto Soares e Agatão Lança.

O apoio parlamentar seria dado por todos os partidos ou grupos politicos.

Mencionamos ainda o seguinte: se as probabilidades do sr. Antonio Maria da Silva sofreram diminuição seria devido ao facto, averiguado ou receiado, de que a sua ascensão ao Poder visasse a determinar alteração da ordem publica.

Resumindo:

A situação politica é ainda obscura não sendo provavel que se esclareça antes de decorridos uns dois ou tres dias.

José Barbosa

Foi-nos desmentida a noticia de que o sr. José Barbosa se ia afastar da politica activa. E a prova é que o sr. José Barbosa tem tomado parte assidua nas deliberações do directorio do seu partido, conforme lhe compete em razão do mandato conferido pelos seus correligionarios.

O sr. Damião dos Santos vai pedir a demissão

O sr. Damião dos Santos, adjunto da P. S. E, pedirá a demissão ao sucessor do sr. Cunha Leal.

Governadores civis que pedem a demissão

Os governadores civis de Faro, Vizeu e Castelo Branco, telegrafaram ao sr. Cunha Leal pedindo a sua demissão.

A comissão executiva do directorio do P. R. P. conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças sobre assuntos relativos á situação politica.

Pediram já a demissão os governadores civis de Castelo Branco, Faro e Viseu, que não teem filiação partidaria sendo apenas amigos pessoais do sr. Cunha Leal.

A bordo do navio-chefe da esquadra ingleza

Realisou-se hoje a bordo do navio-chefe da esquadra ingleza actualmente surta no Tejo uma festa que decorreu animada, assistindo alem do ministro inglez, o pessoal da legação e muitos membros da colonia.

O sr. ministro da Marinha não compareceu á festa.

O caso do «complot» contra o sr. Cunha Leal

Conquanto um jornal da manhã noticie que o comissario sr. alferes Lopes Soares foi incumbido de inquerir sobre o que ha de um pretenso «complot» que se dizia querer atentar contra a vida do sr. Cunha Leal, podemos informar que aquele oficial da policia ainda não foi encarregado de tal missão.

A REPRESSÃO DO JOGO

Foram hoje enviados a juizo alguns dos individuos presos no club da travessa da Boa Hora, conhecido pelo 25.

Os crimes da noite tragica

Estão iminentes importantantes prisões

Afirmam-nos que o sr. Alexandrino de Albuquerque projecta expedir, muito brevemente, ordem de prisão contra pessoas de certa categoria, acusadas de cumplicidades nos tragicos acontecimentos da noite de 19 de outubro.

A questão dos cambios

O sr. dr. Coelho da Mota conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças sobre a questão dos cambios, assistindo a parte da conferencia do Director Geral da Fazenda Publica.

Convenio Luso-Transvaliano

Parece que efectivamente o sr. Freire de Andrade declinou o convite para ir a Moçambique, como delegado do governo, negociar o nosso Convenio com a União Sul-Africana

Interesses de classe

Sobre interesses de classe recebeu hoje o chefe do distrito comissões delegadas dos chaufeurs de Lisboa, do sindicato unico de mobiliario e industrias de artigos de viagem.

Esta ultima comissão espera, com a intervenção do sr. Agatão Lança, pôr termo á greve do seu pessoal, conciliando-se os interesses de ambas as partes.

As ultimas homenagens a Bento XV

ROMA, 2.—Quarenta e oito cardeais, o corpo diplomatico e a nobresa romana assistiram ontem na capela Sixtina ás ultimas cerimonias pelo eterno repouso de Bento XV.—(H.)

Shakleton

MONTEVIDEU, 31.—Os restos mortais do explorador Shakleton vão ser embarcados no paquete «Andes» com destino á Inglaterra. Vão encerrados num caixão de chumbo fabricado pelos pescadores da Georgia do Sul.—(Lat. Am.)

TEATRO

Mireille Berthon

Quem frequenta o teatro de S. Carlos tem tido mais de uma ocasião de prestar a sua homenagem á insigne cantora Mireille Berthon que, aliando a um timbre de voz sonoro e encantador os predicados duma actriz de grande merito, tem sido alvo de muitas ovações.

Impõe-se no palco aos mais exigentes, quer pelo seu talento artistico, quer pela sua figura gentil, elegante e flexivel, tendo sido muito raras nos ultimos anos as ocasiões em que a plateia do nosso teatro lirico tem podido apreciar artistas de tão relevantes merecimentos como os de Mireille Berthon. As modelações da sua voz quente de soprano ficam nos ouvidos dos espectadores como sensações deliciosas que se prolongam e recordam com deleite. Em todos os papeis de que se encarrega, faz sobresair a sua poderosa personalidade artistica, tanto sob o ponto de vista musical, como sob o ponto de vista dramatico, podendo afirmar-se, sem receio de exagero, que Mireille Berthon é uma das mais distintas artistas que nos ultimos anos teem pisado o nosso palco lirico.

Assim a teem consagrado os fartos aplausos que lhe tem dispensado o publico escolhido que acorre a S. Carlos.

Publicando o seu retrato, juntamos nós tambem a nossa homenagem á ilustre cantora.

Nota do dia

Os chás... dos talentos

Os leitores já repararam por certo nalguns retratos que teem vindo nos jornais não só na secção dos anuncios mas até na primeira pagina, anunciando um novo e futuro autor dramatico, ou uma risonha esperança que tem uma grande peça teatral na gaveta e que, lida num chá, a alguns amigos, mereceu grandes elogios.

De todas as peças lidas a amigos foram á scena o «Adão e Eva» de Jaime Cortezão e os «Emigrantes» de Tito Arantes.

Parece que depois do chá e quando as peças passam a ser vistas á luz crua da ribalta perdem o grande encanto previsto porque não conseguem aguentar-se longamente no cartaz.

Em compensação a «Zilda» com as suas duzias de representações nasceu expontanea. Vasco Mendonça Alves com os «Sedutores» obteve sonoras palmas sem serem coádas pelo passador dumas folhas de chá ameno...

Depois um chá é um comprometimento. A um dos supracitados convites foi um rapaz pertencente á élite dos novos e que sem ter grandes relações com o dono da casa ou antes com o dono da peça ficou muito comprometido para não ter que, ou restituir o chá ou achar admiravel o drama. Esboçou um sorriso amarelo e instintivamente ficou considerado pelo fornecedor da leitura seu inimigo mortal.

Da inutilidade da leitura duma peça se pode tambem avaliar pela observação sempre feita por todos os conhecedores de teatro que é «muito diferente o que se lê do que se vê». Dezenas de peças são admiraveis monumentos literarios, e postas em scena, pela duração das falas, pela visão, pelo espectaculo frouxo, pela falta de teatralidade morrem numa indiferença a que nada vale a literatura. Teatro é teatro; todos os dias nomes feitos do romance se estatelam ao enveredar pela escrita de teatro.

E quantas peças até á leitura aos artistas que a vão representar nada dão, não conseguem interessar senão superficialmente, e depois de mexidas, vividas, incarnadas, começam a aquecer, a ter vida, e só a vida, embebida em arte ou plena de realismo, pode fazer bom teatro.

A leitura da peça—risonha evocação dum quadro lisboeta de Gervasio—é hoje uma galante manifestação de snobismo e mundanismo...

Para a crise—se crise ha—do nosso teatro, são desnecessarias peças recomendadas por grupos ou sociedades recreativas; são necessarios talentos dramaticos. Aqueles jovens que teem um drama em papel almasso, as tentativas modestas não vingadas, o jeune homme que Antoine com convicção espera e acolhe com alvoroço, porque é dele que ha sempre a esperar qualquer coisa de novo, ardente, impetuoso, não andam procurando captar simpatias em troca de bolinhos da Marques, ou criar ambiente para a pecinha que sem muletas, problematicamente se abriria na caixa do ponto.

Nunca, reza a historia do teatro, João da Camara, Lopes de Mendonça, Schwalbach, Marcelino ou André Brun, Carlos Selvagem, Bento Mantua, Mendonça Alves, Alfredo Cortez leram as suas peças senão aos artistas que as vão desempenhar, nem andaram a passear o volume de almaço pelos «rendez-vous» da moda, chorando que «não ha interpretes... não ha companhias... não ha conjuntos...» o que se em parte para um consagrado pode ter parcelas de verdade, para um novo é ridiculo e enfatuado...

Por isso quando agora alguem me oferece para tomar uma chavena de chá, eu receio sempre que seja «peça» que me queiram pregar...

ARMANDO FERREIRA.

Banco de Portugal

A Administração do Banco de Portugal, para auxiliar a circulação das suas notas resolveu emitir notas de nova chapa do tipo ouro de **50 Escudos**, para circularem conjuntamente com as das chapas do tipo equivalente em reis, actualmente em circulação, que serão retiradas em ocasião oportuna.

Os principais caracteristicos destas novas notas, pelo que respeita a cor, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que as compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco de Lisboa e nas suas delegações nas capitais dos outros distritos.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1922.

Pelo Banco de Portugal

Os directores

J. P. Castanheira das Neves

R. Ulrich

Noticiario

Portugal

Foi convidado para fazer parte da «Companhia Alves da Cunha», aceitando, o ilustre actor Samwel Diniz.

—As diversões que se projectam realisar no «Parque Mayer» efectuar-se-hão no domingo magro e no sabado, domingo, 2.ª e terça-feira de carnaval.

Para esse fim serão aproveitados não só os jardins do frondoso e lindo parque, como, tambem, o palacio, no andar nobre e no 1.º andar.

—A revista fantasia «Belo Sexo», com a qual se estreia a 4 de março, no Apolo a «Companhia Ruas» tem entre as suas personagens, um compere e «Forma Torta», que será interpretado pelo actor Soares Correia.

—Alem de Samwel Diniz, foi convidado para a companhia Alves da Cunha o actor Luiz Ribeiro.

—Ao contrario do que afirma um nosso colega, nada ha de positivo sobre saida á ilha do actor Alves da Cunha.

Emquanto ao terreno onde se fará a construção desse teatro, parece ser no Terrasse Bragança.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—No Teatro de S. Luiz beneficio do Grupo Sport Sacavanense com uma revista unica da «Pequena Bal Tubaim».

—Primeira, nesta epoca, do «Porsifal de Wagner.

AMANHÃ—Festa de Henrique Alves no Apolo com a reprise do «P. D. M.»

SABADO—No Apolo, com a segunda representação do «P. B. M.» festa do maestro sr. Junior.

VELHO TEMA

por **Luiz Ripado**

—Muito boa tarde, Maria, perdão, «senhora dona Maria».

—Boa tarde...

—Porque anda tão triste ha uns tempos para cá... desde que casou? Antigamente, seus olhos eram dois pombais onde viviam as pombas dos meus desejos. Eram tão alegres que pareciam rir-se de mim... implacaveis e crueis!...

—Hoje, choram apenas!

—Mas, porquê, essa tristeza subita? A natureza em torno de v. ex.ª, é alegre, sorridente, calma, e parece dar-lhe os bons dias Baco ri por entre os vinhedos, coroado de pampanos; a Primavera anda a cantar na garganta das aves e nos calices das flores, e v. ex.ª, que é a mais linda de todas elas, persiste nessa tristeza... Porquê?...

—Os seus galanteios veem tarde...

—Digo a verdade.

—Lisongeiro!...

—Nunca o fui. Quando a conheci, o mundo era para v. ex.ª, uma comédia...

—Era solteira...

—E hoje que teve a felicidade suprema de encontrar um marido que a adora, hoje que tem duas crianças que são dois amores perfeitos, quere-me convencer de que a vida se lhe transformasse numa tragedia?

—Não me perturbe com as suas ironias...

—Ironias, santo Deus! Bem sabe que fui sempre sincero...

—Sincero! A verdade na sua boca, nem chega a ser a sombra duma mentira!

—Eu é que devia andar triste, vê, e, no entanto, ando alegre...

—Que Deus lhe conserve essa alegria... O senhor nunca soube conhecer o amor.

—Não? Desculpe, mas se rio é por sua causa... Quere v. ex.ª convencer-me de que o descobriu, como Cristovão Colombo a America?...

—Pelo menos, sofro... Já é alguma coisa.

—E se v. ex.ª soubesse o que tem sido a minha vida desde que a perdi, não falaria decerto em sofrimento...

—Delira. Os homens como o sr. ignoram que a dôr existe!

—Não quando encontram mulheres como v. ex.ª...

—O sr. é mais frio que o gêlo da Russia...

—E v. ex.ª é mais quente que um bock de «gelos»...

—Basta de ironias.

—E no entanto, minha senhora, atravez desta marmórea frieza, o que o meu coração tem padecido! E só por sua causa, creia.

—Temos romance vulgar?

—Eugenia. A realidade, apenas. O seu ideal era o casamento, realisou-o devia ser feliz... Enquanto que eu...

—Mas qual era o seu?

—Ama-la toda a vida. Idealisa-la sempre minha noiva! Quando o ideal se realisa, adeus ilusões, adeus encantos, adeus sonhos, a felicidade morre...

O que seria a vida se todos os nossos ideais se realisassem?

Um suplicio, uma monstruosidade! O que torna a vida bela é o impossivel...

—Tem razão, talvez...

—V. ex.ª casou e, apesar disso, continua a ser o meu ideal.

—Oh! Cale-se, por Deus!

—Lembro-me dos seus beijos, que tornavam sempre os meus labios doces... da inexprimivel sedução da sua boca, que só sonhadores como Botticelli e Vinci seriam capazes de compreender e reproduzir na tela!

—O sr. é terrivel...

—Olha-la é sentir dentro em mim uma chilreada de ninhos, uma Primavera florida...

—Quantas vezes me disse o mesmo nas suas cartas!

—E' verdade. As nossas cartas! Quantos beijos confiados ao papel...

—Que mal empregados!... O que o sr. mentia!

—V. ex.ª chama mentir ao que eu chamo sofrer. Esta paixão, para mim, foi sempre sagrada. O seu halito, como diria d'Anunzio, inflama de amor o ar que respiramos. Como podia eu deixar de a adorar?

—Quantas vezes terá dito o mesmo a outras mulheres...

—Mas se eu não as vejo; em redor de mim só a tua imagem me perturba, ciumenta e triste...

—Sempre ironico!

—Deixa-me beijar-te esta mãosinha de fada!

—Vê o que fazes! Repara que o Eduardo brinca acolá... e as crianças tudo entendem... Jesus!

—Zangaste-te? No entanto ia depôr um beijo casto e puro nesta mãosinha adorada, nesta mão que tantas frases de amor, tantos delirios de paixão confiou ao papel, áquelas cartas perfumadas que tu me escrevias e, hoje, são a razão da minha tortura!

—E foram, em tempos, o unico motivo da minha existencia...

Que feliz eu fui!

—E eu! Podia lá haver alegria maior! O nosso amor de crianças!...

...E afinal tudo acabou! Levianamente, foste entregar a tua mocidade vigorosa a um velho imbecil...

—Foste tu, só tu, o culpado de tudo. Não tens o direito de chorar sobre as ruinas duma felicidade que destruiste!

—Não tenho esse direito!

Não sejas cruel! Deixa-me confundir o meu pranto com o teu, que não ha ninguem mais desgraçado no mundo!...

—Que fazes? Então! Não me beijes assim nos olhos! Olha o meu filho! Está apenas protegido por mim, pelo meu olhar!... Que loucura a tua!

—Tens razão... Delino!

—Somos infelizes porque assim o quizeste...

—Oh! não me digas isso! Em dois meses esqueceste tudo... Ingrata!

—Para me vingar do teu desprezo! O que eu te odiei!

—Sagrado odio! Paixão imensa!

—Sim, o odio em mim não era senão amor, desvairo, paixão escaldante, febre, desejo, ansia! Oh! meu grande louco, meu grande sonhador!

—Repara que foste tu que me beijaste agora...

—Sim, fui eu... Sou indigna de usar o nome de meu marido.

—E és feliz, ao menos?

—Feliz! Ele não me sabe dizer uma palavra que me excite os nervos, que me ponha a carne em brasa... E vindas me perguntas se sou feliz...

—Ergues-te? Retiras-te? Já?!

—Tenho medo de mim... Respeita-me, sê generoso...

—... Se quizesses recordar,—um instante que fosse!...—o nosso passado ditoso! Lá em cima, no meu quarto de estudante... Vamos. Tenho lá as tuas cartas...

—As tuas, trago-as sempre comigo.

—Então, acompanha-me. E' um instante. O petiz pode vir tambem...

Que mal ha nisso? Viveremos do passado, ler-te-hei e teremos a impressão de que o tempo não voou desfolhando as grinaldas das nossas ilusões...!

—E' muito longe daqui?

—Duas passadas. Terás que subir a um quarto andar, mas irás ao meu colo, se quizeres.

—Pelo teu braço julgarei que vou para o céu...

* * *

—Que lindo! Avista-se a cidade toda! E' um verdadeiro paraizo. Vocês os artistas só teem um defeito. E' que a vossa vida é como uma obra de arte, que nós só muito tarde compreendemos...

—Louquinha!

—E o meu filho?

—Está na sala de entrada, a ver as gravuras dos meus albuns... Não te dê cuidado...

—Linda vista! Olha, acolá, a Estrela!... Olha a Graça... A Penha!...

—Onde o nosso amor começou!

—E' verdade!

—As tuas cartas! A mais apaixonada aqui está: Dizias tu:—«Serei tua, só tua, eternamente tua! Pelo sorriso da Virgem do Jurol...» E foste doutra! A Virgem pode assoar-se a este guardanapo...

—Enganei! Fui sempre tua. Entreguei-te a minha alma, só tu a beijaste!

—Olha esta: «Que felizes quando formos casados e tivermos um mocetão rosado e lindo, que te chame papá! Vês?...» O mocetão existe mas chama papá ao outro...

—Que perfume de saudade! Que tristeza em tudo isto...

—Dizias tu: «Os beijos que me deste, ontem á noite, escaldaram-me a face! Quem beija com furor, crê na transmigração das almas! Sinto a tua alma a florir dentro do meu peito. Que fizeste da minha?»

—E tu respondeste: «Que fiz da tua alma? Não sei. Mas sinto tamanho desejo de beijar-te, que por certo ela anda cá dentro e quere de novo voar para ti...» Mas que fazes? Beijas-me?

—Revive o nosso amor! As nossas almas comungam, de novo, a ventura excelsa do noivado! Os meus labios escaldam, tu és minha, amo-te, adoro-te, vida da minha vida!

—Louco, ainda és o mesmo! Sinto a tua alma cá dentro cantando. Oh! mas não me beijes assim, que me torturas! Tem dó de mim... dos meus filhos...

—Diz antes os nossos filhos! Que eles afinal são nossos, muito nossos!...

—Cala-te, não me tortures!

—Louquinha. Mulheres como tu, amam toda a vida! Não se casam nunca:—o casamento é a morte do amor.

....

SPORT

Esgrima

Gaudin o campeão francês bateu, no assalto que tanto deu que falar, o italiano Nadi por 20 toques a 11.

Confirmou-se assim o nosso prognostico, errando mais uma vez, as competencias que por maioria davam a vitoria a Nadi.

A' data em que escrevemos, ainda não sabemos, como decorreu o match, mas a avaliar pelo resultado a superioridade do campeão da França, foi manifesta.

Mais uma vez a classe triunfou.

Um dos juizes da parte de Nadi, foi o celebre Pini, o mais famoso esgrimista dos nossos tempos.

Pini a primeira vez que veio a Paris foi batido em junho de 1899 pelo comandante Dérné.

Mas em 1891 na sua reaparição Pini passou pelas salas de armas como um terror, sem encontrar resistencia, e foi necessario pedir ao grande Merignac, que já estava retirado, para Pini encontrar adversario digno de si.

O celebre atirador esteve em Lisboa no antigo teatro D. Amelia, onde jogou com Merignac, e com D. Sebastião Heredia.

Tinha uma guarda tipica, muito «ramasse», sobre as pernas, o braço esquerdo estendido, abusando dos «corps a corps», onde tinha a vantagem da sua força herculea, Pini infundia medo.

Merignac afirmou que nunca jogava com Pini, que não ficasse magoado...

RUY DA CUNHA

Automobilismo

Um inventor de nome Ducasble, acaba, segundo afirma, de inventar um pneumatico que não rebenta.

—Na volta de França em motocicleta, a Inglaterra inscreveu bastantes marcas.

Box

O campeonato do mundo dos pesos leves, vae ser disputado a 10 de Fevereiro, entre o actual detentor Leonard e Rocks Kausas.

—Um dos grandes jornais ingleses, Daily Chronicle, condena a theoria dos 3 juizes, nos matchs de box, sendo de opinião que basta um arbitro.

E' o que nós ja temos tambem afirmado.

—Kilbane, que deve estar a chegar á Europa, é o boxeur que há mais tempo tem o titulo de campeão do mundo, o qual conserva ha 10 anos.

—O nosso conhecido Mario vae a Bruxelas encontrar Van Hausli.

—O campeão do mundo Dempsey, parece que vae encontrar por fim, o negro Wills, a quem muito acreditam capaz de vencer o actual campeão.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O resultado dos ultimos desafios

Ante-ontem, em Palhavã no jogo-treino, o grupo selecção de Lisboa venceu o Carcavelinhos por quatro bolas a uma e o Internacional venceu o Imperio por seis a trez.

INGLEZES CONTRA PORTUGUEZES

Realiza-se hoje, pelas 3,30 horas da tarde, um jogo de «foot-ball» entre marinheiros portuguezes e inglezes, no Campo Grande, gentilmente cedido pela direcção do Sporting Club de Portugal. O grupo portuguez, que deve comparecer pelas 2 horas no Arsenal de Marinha é assim composto: 5459, 6137, 7641, 7697, 3899 (capitão), 5330, 7618 6186, 3801, 7797 e 6635; reservas: 8399, 8328, 5481 e 8390.

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

O musico teimou; jurou que tinha razão, sustentou que a apoplexia fôra devido não á embriaguez mas a um envenenamento e por isso exigia novo inquerito. A' primeira vista as suas razões pareceram serias. Deu-se seguimento á denuncia. Efimov foi preso e metido na cadeia da cidade. Toda a provincia se interessou pelo caso. As investigações foram feitas rapidamente e terminaram por ser processado o violinista como denunciador falso. Infligiram-lhe uma justa condenação mas até ao fim afirmou e teimou que tinha razão. Acabou, porem, por confessar que não tinha nenhuma prova, e que aquelas que tinha apresentado eram da sua invenção; inventando tudo tinha agido por sedução pois até ao dia em que novo inquerito fosse feito e a inocencia de Efimov formalmente reconhecida continuaria convencido que a morte do desventurado maestro era devida a Efimov que o tinha morto se não pelo envenenamento, por outra forma qualquer.

A condenação não chegou a ser executada; o musico adoeceu logo com uma inflamação cerebral, enlouqueceu e morreu no hospital da prisão.

Enquanto durou toda esta questão a atitude do proprietario foi a mais generosa possivel; ele fez todas as diligencias para livrar o meu padrasto como se se tratasse dum filho. Varias vezes o visitou na prisão, animando-o e levando-lhe dinheiro. Sabendo que Efimov fumava, deu-lhe excelentes cigarros e quando foi reconhecido inocente ofereceu uma festa á sua orquestra. O proprietario via o caso de Efimov como dizendo respeito a toda a orquestra porque estimava a boa conduta dos seus musicos ainda mais do que o seu talento.

Decorreu um ano. De repente soube-se que á capital da provincia acabára de chegar um violinista muito conhecido, francez, que tinha a intenção de dar alguns concertos. Logo o proprietario fez «demarches» a vêr se o conseguia ouvir no seu palacio. Fechou-se o negocio. Estava já tudo pronto para a sua chegada, muita gente estava convidada quando, num momento, as coisas se transtornaram.

Uma manhã deu-se pela falta de Efimov. Todas as buscas resultaram vãs. A orquestra ficou numa situação muito embaraçosa: faltava um clarinete. Tres dias após o desaparecimento de Efimov, o proprietario recebia uma carta do francez na qual o violinista se desobrigava em termos pesarosos do compromisso que tinha tomado, acrescentando, ironicamente, que para o futuro teria muito cuidado nas suas relações com os amadores de musica, donos de orquestra; declarava que não podia consentir em vêr um verdadeiro talento submetido ás ordens dum homem que não reconhecia o valor real e que, enfim o exemplo de Efimov, um grande artista e o melhor violinista que ele tinha encontrado na Russia, era uma prova evidente da veracidade das suas palavras.

Depois de ler esta carta o proprietario ficou perplexo. Sentia um grande e sincero pesar. Podia lá ser! Efimov! O mesmo Efimov por quem ele tinha sempre manifestado interesse, a quem tinha prodigalisado tantos sacrificios! Efimov tinha-o caluniado vergonhosamente, sem piedade perante um artista europeu, perante um homem cuja opinião, para ele, era preciosa! Por outro lado esta carta parecia-lhe inexplicavel vista sobre outro aspecto: dizia o francez que Efimov era um artista de verdadeiro talento, um violinista que ele não sabia apreciar, pois que o obrigava a tocar outro instrumento! Tudo isto impressionou por tal forma o proprietario que resolveu partir para a cidade com o fim de se avistar com o francez. Precisamente nesta ocasião recebeu um bilhete do conde pedindo-lhe para que fosse a sua casa pois estava ao facto de toda a historia. O «virtuose» francez estava em casa do conde, com Efimov e, ho! audacia, as calunias deste tinham-no indignado de tal forma que o mandara prender. O conde acrescentava que a presença do proprietario era necessaria pois a acusação de Efimov o feria pessoalmente, que o caso era muito importante e que desejaria pol-o a claro o mais depressa possivel.

O proprietario foi logo a casa do conde onde tomou conhecimento com o francez e explicou-lhe logo toda a historia do meu padrasto, dizendo-lhe que nunca tinha descoberto talento em Efimov e que muito pelo contrario ele se tinha mostrado sempre um pessimo clarinete. Era a primeira vez que ouvia falar dele como violinista. Declarou que Efimov era livre e que tendo sempre gosado da maior independencia podia ir-se quando quizesse se com efeito se sentia oprimido. O francez ficou admirado com o que ouviu. Chamaram Efimov. Estava desfigurado. Portara-se vergonhosamente, respondia com ironia, mas mantinha tudo que tinha contado ao francez. Tudo isto irritou o conde a ponto de chamar a meu padrasto um cobarde caluniador merecedor da mais ignominiosa punição.

—Não vos inquieteis, excelencia; eu conheço-vos muito bem, respondeu o meu padrasto. Foi por sua causa que fui julgado como assassino. Eu sei quem compeliu Alexio Nikiforovitch, vosso antigo musico, a denunciar-me.

O conde espumou de colera ao escutar uma tão terrivel acusação. Conteve-se apesar de tudo. Uma autoridade que tinha ido a casa do conde para tratar dum assunto diferente e que se encontrava por acaso no salão declarou que não podia deixar o caso assim pois a grosseria de Efimov assentava numa acusação odiosa, falsa e caluniadora. Pedia respeitosamente licença para prender Efimov, na propria casa do conde. O francez estava igualmente indignado e manifestava o seu espanto por tão negra ingratidão. Então o meu padrasto encolerisou-se e respondeu que a melhor punição era o tribunal, que mesmo um novo inquerito criminal seria preferivel á vida que tinha levado emquanto tocara na orquestra dum patrão que não tinha podido abandonar por causa da sua condição miseravel. Com estas palavras saiu do salão acompanhado pelos que o tinham prendido. Fecharam-no num quarto afastado e ameaçaram-no envia-lo no dia seguinte para a cidade.

Cerca da meia noite abriu-se a porta do quarto do prisioneiro. O proprietario entrou. Estava em robe de chambre e pantufas e trazia na mão um candieiro aceso. Evidentemente que não tinha podido dormir e penosas reflexões o obrigaram a deixar a cama. Efimov não dormia. Olhou com espanto o visitante.

Este pousou o candieiro e, muito comovido, sentou-se numa cadeira na sua frente.

—Egór, disse-lhe, porque me ofendeste assim?

Efimov não respondeu. O proprietario repetiu a pergunta. Um sentimento profundo, uma angustia estranha vibravam nas suas palavras.

—Deus sabe porque vos ofendi assim, senhor, respondeu emfim o meu padrasto fazendo um gesto com a mão. Foi como se o diabo tivesse entrado comigo! Eu proprio não o sei... Não era vida aquilo, na vossa casa... O diabo uniu-se comigo...

—Egor, repetiu o proprietario, torna para minha casa e eu tudo esquecerei, tudo perdoarei. Escuta, serás o primeiro dos meus musicos e dar-te-ei soldada superior á dos outros.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

— LISBOA —

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Bedouwé S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible]

A CAPITAL

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3994—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 3 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A aviação portugueza

Fala o tenente-coronel Freitas Soares

Os jornais espalharam a noticia de que ia acabar a Esquadrilha de Aviação Republica.

Por isso fomos procurar o sr. tenente coronel Freitas Soares a quem interrogamos:

—E' facto que acaba a Esquadrilha da Amadora?

—Não. Espalhou-se para ahi essa noticia que não tem fundamento.

O que ha é o plano de uma organisação do exercito tanto em tempo de paz como para um caso de guerra.

Este ultimo é do dominio do Estado Maior, e segredo; quanto ao primeiro está elaborado e deve ser presente ao parlamento.

Torna-se necessario reformar completamente os serviços de aeronautica militar mas uma reforma criteriosa e compativel com as finanças do paiz.

Que Portugal em aviação não temos ainda nada feito.

A Esquadrilha de Amadora é dificientissima. O maior numero de aparelhos são de caça, e estes mesmo reduzidos. De bombardeamento existem dois sendo um o que foi doado por subscrição—o Patria e outro destinado a fazer reconhecimentos de noite.

Ora a defeza do paiz mesmo numa quadra pacifica, exige mais aparelhos. Os aparelhos de caça são como que a cavalaria aerea, destinados aos reconhecimentos e a impedir um rapido avanço de tropas. Num caso de guerra, são eles que impedem que o paiz seja imediatamente invadido, emquanto se não ultima a mobilisação e se não adaptam as fabricas ao fabrico de munições. Esta especie de aparelhos são um elemento preciso, como vê, para a defeza do paiz.

Por outro lado, aumentando o numero dos aviões, precisamos de mais pilotos.

Como sabe, havia uma escola de aviação em Vila Nova da Rainha que possuia um bom campo de aterragem. Mas as condições climatericas eram terriveis. A febres palustres devoravam como se fosse em Africa. A escola por isso foi mudada para a Granja do Marquez, perto de Cintra. Mas ahi outro obstaculo se levanta. O alojamento dos alunos. Não ha casas em mesmo para o pessoal da escola.

—Como é facil vêr é este o problema primacial a atacar.

Quanto á escola de construção de aparelhos e reparações em Alverca alguma coisa ja tem feito, e mais faria se nós possuissemos os elementos para trabalhar. Não fabricamos em Portugal o aluminio duro; e para o importar-mos com o cambio actual acarretamos uma despeza extraordinaria.

Um outro assunto de que trata tambem o plano de reforma é no que diz respeito á aerostatica militar.

Estes serviços que pertenciam á engenharia passavam para esta Direcção e quasi não existem entre nós.

E' certo que possuimos material, mas ainda encaixotado. O Pessoal deste serviço reduzia-se até agóra a um sargento e meia duzia de praças. Vamos reorganisa-lo, ou quasi crea-lo, ainda que por enquanto com pequena exposição.

Serão este ano admitidos recrutas ao serviço da arma, e utilisaremos o material até então inativo.

«Só depois é que funcionará a Escola de Aerostatica que foi criada sem que tenha ainda servido.

Isto tudo tem que ser feito lentamente sem precipitações e para não criar despesas excessivas, junto aos campos de aviação a comissão tecnica marcou os melhores que temos, tendo apresentado o relatorio ao Estado Maior que os mandará adoptar segundo as exigencias estrategicas da defesa do paiz.

Falei tambem ao sr. ministro da organisação de defesa anti-aeria.

Não temos nada feito, porque na guerra este serviço ficou a cargo dos inglezes.

Ora não podemos fazer este estudo só pelos livros, necessitamos de material embora pouco de começo, mal de algum.

A reforma não descuidará tambem o estudo da metereologia, para que os aparelhos possam agir sem dificuldades e conjuntamente.

Na França a comissão tecnica de metereologia devidio o paiz em 7 zonas sendo uma central onde constantemente se recebem comunicações das zonas provincianas e dos postos moveis. Num dado momento pode-se determinar facilmente o estado atmosferico e saber do resultado dos «raids».

Entre nós isto não acontece porque os nossos observatorios não estão em contacto com a aviação e nem sei se lhes poderão prestar auxilio.

Sobre todos estes assuntos muito lhe poderia dizer mas o tempo escasseia-me. A aviação não pode ser de forma nenhuma descuidada na organisação do exercito porque ele desempenha um altissimo papel na defeza do paiz.

Ainda o sr. Afonso Costa

Hoje, como ontem, continuamos á espera do sr. Afonso Costa. Nem é mesmo da sua chegada, visto que se lhe anuncia a patria em perigo. E' duma simples resposta. Até ao momento em que escrevemos estas linhas, essa resposta não chegou ainda.

Todavia, que maiores manifestações de caracter politico pode o sr. Afonso Costa desejar para de novo entrar na actividade governativa? O partido democratico que acaba de demonstrar ser a maior potencia eleitoral dentro da Republica implora o seu regresso como o dum salvador messianico; o sr. Presidente da Republica dirigia lhe um longo telegrama, em que certamente fez apelo a todas as suas qualidades de patriotismo e republicanismo para que venha tentar as soluções urgentes e profundas que a nossa situação reclama. E' um côro aflictivo que se ergue até Paris.

Todos os que esperam do sr. Afonso Costa uma ação decisiva nos destinos da nacionalidade, todos os que nele crêem com um fervor inextinguivel, todos os que o proclamam um estadista de supreendentes recursos, têm os olhos fitos na capital da França onde presumem que o antigo chefe democratico estará avaliando conscienciosamente o estado do seu paiz.

Mas não chega resposta do sr. Afonso Costa, e de presumir seria que essa resposta não se demorasse; que, levado dum impulso irresistivel do seu coração de patriota e de republicano, o sr. Afonso Costa, mal acabasse de lêr a exposição dos mil perigos que rodeiam a Republica e a Patria, não hesitasse um segundo em oferecer todos os dotes da sua inteligencia e todas as energias do seu espirito á causa da salvação do paiz, para cujo serviço é reclamado pelo supremo magistrado da Republica e pelo seu antigo partido que se lhe tem mantido inalteravelmente fiel.

Esse partido conquistou a maioria entre os partidos representados no parlamento; afirma-se forte e homogeneo, declara que tem no seu seio as primeiras capacidades da politica republicana, á frente das quais coloca o sr. Afonso Costa. Pode, deve e quer governar. Que lhe falta? O seu antigo inspirador, o seu antigo chefe. Implora-o, reclama-o, exige-o, e por sua vez o sr. Presidente da Republica, vendo que a prescripção constitucional o leva a confiar o governo a esse partido, e verificando que ele necessita do sr. Afonso Costa para dirigir o seu governo, solicitou, sem duvida empregando todo o poder sugestivo da sua conhecida eloquencia a acquiescencia do sr. Afonso Costa aos desejos ardentes dos seus antigos correligionarios e á propria espectativa da nação.

Porventura o sr. Afonso Costa pode iludir o caracter extremo das dificuldades que afligem a Republica? Porventura pode ainda não julgar oportuna a sua intervenção que, de resto, ha tanto tempo, os seus amigos baldadamente lhe requerem? A situação não admite sofisma, e basta para lhe patentear a negrura enumerar-lhe os aspectos principais. O estado financeiro do paiz é um horror; a situação economica prognostica, para breve prazo, a fome; socialmente, o espirito bolchevista mina e alastra não já apenas nos sub-solos, mas em classes que deveriam impenetraveis. Por outro lado, os monarquicos redobram de audacia. Não temos credito externamente, e uma vasta intriga internacional patentemente se desenvolve, no sentido de se considerar Portugal como um foco crescente de anarquia.

Nas nossas aguas, em frente da capital esteve uma esquadra ingleza que veiu vigiar a maneira como nós consultamos o sufragio popular. Incidentes melindrosos se tem desenrolado, pelos quais se verifica que estamos longe da atmosfera favoravel que em toda a parte acolheu, em 1910, a proclamação da Republica. E' preciso restaurar o credito, assegurar a vida, restabelecer a ordem, impor a justiça, restaurar o proprio espirito da nação, caida num indeferentismo que corresponde á «apagada e vil tristeza» que, no dizer do poeta, preludiou a queda da Independencia da Patria. Pode acaso o sr. Afonso Costa em cujo genio politico, em cujas aptidões financeiras, em cuja fé republicana, tantos depositam inquebrantaveis esperanças, continuar recusando-se a prestar á Republica e á Patria o concurso que em nome delas lhe é oficialmente solicitado?

E' isto o que todos pensam, emquanto o tempo passa, e nem sequer vem de Paris uma resposta que defina a situação politica.

Pois bem! Se essa resposta não vier ou for negativa, o que é preciso é pensar que, entre tantos descalabros que nos esmagam, não perdemos inteiramente a noção da dignidade, que é uma prerogativa não já apenas civica, mas humana. O sr. Afonso Costa tem o dever de vir ocupar o poder, visto que os vencedores o solicitam. E essa solicitação não pode ser repetida. E' a ultima, sob pena de dar provas duma baixeza, duma abjecção que faria corar escravos.

Então o sr. Afonso Costa despresa tudo e todos? O sr. Afonso Costa pedem-lhe para ser chefe do governo e não quer ser chefe do governo! E' eleito sistematicamente deputado pela cidade de Lisboa, e não vai á Camara nem declara se aceita ou recusa o mandato que lhe confiaram!

Foi chefe da delegação portugueza á Conferencia da Paz, e nunca se dignou dar conta ao seu paiz da maneira como cumpriu a sua missão. Envolveu-se na mistificação celebre dos 50 milhões de dollars e retirou-se do paiz sem ir ao parlamento explicar a sua acção, como no parlamento lhe foi reclamado. E ainda não acha oportuno o momento de vir tomar a sua parte nas responsabilidades do poder, essa parte que é tremenda e que só pode ser resgatada por uma grande soma de sacrificios e de esforços! A Republica tomou um caracter a que possivelmente se devem atribuir as vicissitudes por que tem passado, e esse caracter foi o sr. Afonso Costa que lho imprimiu: violento, atribiliario, sectarista, intolerante, excessivo. Nas suas principais medidas reflectiu-se o seu temperamento impulsivo, duro e autocratico. Rodeiou-se duma camarilha que afrontou a nação inteira.

Pois bem! Como não lhe faltam qualidades de inteligencia e de trabalho, como ha muito tempo se afastou das lutas sectarias da nossa politica, o sr. Afonso Costa pode, na opinião de muita gente prestar bons serviços á estabilidade da Republica como os prestou na demolição da monarquia. Pode ele proprio dar á Republica um aspecto diverso do que primitivamente lhe imprimiu, e tanto a tem prejudicado. Pode açaimar os jacobinismos intolerantes de elementos ignaros e facciosos que supõem seguir a sua politica, tornando a Republica odiosa a milhares e milhares de creaturas que a podiam vêr com simpatia, porque não professam principios que lhe sejam adversos, mas desejam ordem, paz e justiça, garantindo-se a todos os portugueses iguais direitos para se lhes poder exigir iguais deveres. E' esta a ocasião decisiva, é esta a derradeira ocasião em que a Republica pode aproveitar as faculdades do sr. Afonso Costa e o sr. Afonso Costa pode levantar-se perante o espirito publico.

Não o faz? Nesse caso, acabemos com o sr. Afonso Costa. Por muito que ele valha, a dignidade da Republica vale infinitamente mais. Podia ser um bom cidadão; será um mau cidadão, como maus cidadãos serão todos os que continuarem a praticar a baixeza de lhe implorar o seu concurso para o bem da Patria e da Republica, que se provará definitivamente só lhe merecerem um afrontoso despreso.

No escritorio

(caricatura de Eduardo Faria)

— Deixe estar, meu caro amigo, tenha paciencia; e verá como lhe hei-de pagar, com tempo.

— Mas eu preferia que me pagasse com dinheiro.

A eleição do novo Papa

Começou o conclave

RONA, 3.—A's 17|30 de ontem começaram as operações para a reunião do conclave. O marechal do conclave, acompanhado por varios cardiais. verificou que estavam fechadas todas as portas interiores, ficando os cardiais definitivamente fechados ás 18|30.

Foi em seguida redigida a acta do encerramento, fechando tambem os aposentos do marechal do conclave em quanto os cardiais assinavam a acta.—(H).

A lista dos cardiais que poderão eleger o novo pontifice

ITALIA—Cardeal Ascalesi, arcebispo de Benevento, 40 anos.

Cardeal Bacilieri, bispo de Verona, 69 anos.

Cardeal Granito di Belmonte, bispo de Albano, 71 anos.

Cardeal Bisisli, Prefeito da Congregação dos Seminarios, 65 anos.

Cardeal Boggiani, arcebispo de Genova, 69 anos.

Cardeal Cagiano de Azevedo, Chanceler da Egreja, 75 anos.

Cardeal Cagliero, bispo de Trascati, 84 anos.

Cardeal Comassei, 73 anos.

Cardeal Ferrari, arcebispo de Milão 71 anos.

Cardeal Francico—Nava di Bontifé, arcebispo de Catarina, 75 anos.

Cardeal Gasparri, Secretario de Estado, Camerlengo da Egreja, 69 anos.

Cardeal Giorgi, grande penitenciario, 65 anos.

Cardeal Gusminé, arcebispo de Bolonha, 66 anos.

Cardeal La Fontaine, patriarca de Venesa, 61 anos.

Cardeal De Lai, secretario da Congregação Consistorial, 68 anos.

Cardeal Lega, secretario da Congregação dos Sacramentos, 62 anos.

Cardeal Lualdi, arcebispo de Palermo, 63 anos.

Cardeal Maffi, arcebispo de Pisa, Director do Observatorio do Vaticano, 63 anos.

Cardeal Marini, Secretario para a Egreja Oriental, 78 anos.

Cardeal Mistrangelo, arcebispo de Florença, 69 anos.

Cardeal Pompili, bispo de Velletri, 65 anos.

Cardeal Prisco, arcebispo de Napoles, 85 anos.

Cardeal Ranuzzi, conde Ranuzzi de Bianchi, 64 anos.

Cardeal Richelmy, arcebispo de Turin, 71 anos.

Cardeal Sbarretti, Prefeito do Concilio, 65 anos.

Cardeal Scapinelli, Prefeito dos Religiosos, 63 anos.

Cardeal Silli, 75 anos.

Cardeal Valfré di Bonzo, Perfeito dos Religiosos, 68 anos.

Cardeal Vannutelli, Decano do Sacro Colegio, ex-Nuncio em Lisboa, 85 anos.

Cardeal Vico, ex-auditor da Nunciatura em Lisboa, Prefeito dos Ritos, 75 anos.

França: Cardeal Andrieu, arcebispo Bordeus, 72 anos. Cardeal Billot, 76 anos. Cardeal Dubois, arcebispo de Paris, 65 anos. Cardeal Dubourg, arcebispo de Rennes, 69 anos. Cardeal Luçon, arcebispo de Reims, 79 anos. Cardeal Maurin, arcebispo de Lyão e primaz da Galia, 62 anos.

Belgica: Cardeal Mercier, arcebispo de Malines, 70 anos.

Polonia: Cardeal Dalbor, Primaz da Polonia 52 anos; Cardeal Kakowski, arcebispo de Varsovia, 58 anos.

Portugal: Cardeal D. Antonio Mendes Belo, Patriarca de Lisboa, 79.

Espanha: Cardeal Martin de Herrera, arcebispo de Compostela, 86 anos; cardeal Merry del Val, arcipreste do Vaticano e prefeito da Fabrica de S. Pedro, secretario do Santo Oficio, 56 anos; cardeal Soldevila, arcebispo de Saragoça, 78 anos.

Alemanha: Cardeal Bertram, bispo de Breslau, 62 anos; cardeal Schulte, arcebispo de Colonia, 50 anos; cardeal Faulhaber, arcebispo de Munich e Freising, 52 anos.

Tcheco-Slovaquia: Cardeal Skrbensky, arcebispo de Olmutz, 58 anos.

Holanda: Cardeal Van Rossum, Prefeito da Propaganda; 67 anos.

Hungria: Cardeal Csernoch, arcebispo de Gran, 64 anos.

Austria: Cardeal Fruhwirt, dominicano, 67 anos; cardeal Piffl, arcebispo de Viena, 65 anos.

Inglaterra: Cardeal Bourne, arcebispo de Westminster, 70 anos; cardeal Gasquet, arquivista e bibliotecario da Igreja Romana.

Irlanda: Cardeal Logue, primaz da Irlanda, 81 anos.

Estados Unidos: Cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, 85; cardeal O'Connell, arcebispo de Boston, 62 anos.

Canadá: Cardeal Régin, arcebispo de Quebec, 82 anos.

Brasil: Cardeal Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, 72 anos.

O novo Papa necessita para ser eleito, de conquistar um numero de votos igual a dois terços e mais um dos cardeais presentes á reunião.

O serviço de cosinha do Conclave é feito por freiras

ROMA, 2.—A congregação de cardeais confiou o serviço das cosinhas ás freiras. Esta inovação causou surpresa por ser a primeira vez que as pessoas do sexo feminino são admitidas no Vaticano. Se a escolha do novo Papa depender da questão romana, a eleição do novo chefe levará muito tempo, porque nem o partido dos cardeais que desejam ver reatadas as relações com o governo italiano, nem o dos que são intransigentemente contra esse pacto, dispõem da necessaria maioria de dois terços.

Os intransigentes capitaneados pelo cardeal Merry del Val teem ampliado com tanta intensidade a sua campanha contra o cardeal Gasparri, que este vendo-se isolado resolveu ligar-se ao partido da Paz. Por conseguinte admite-se pela primeira vez, desde 1522, a possibilidade de eleger-se um Papa que não seja italiano. O nome do cardeal Von Rossun, da Holanda, é mencionado com uma certa simpatia pelos cardeais estrangeiros e italianos, sem distinção do partidos.

Corre que os chefes dos dois partidos teem muito poucas provabilidades de serem eleitos. O partido da Paz veria com prazer a nova acção do Cardeal Ratti, arcebispo de Milão e os intransigentes contam como seu forte campeão, o cardeal Laurenti que tem o apoio, não só do seu partido, como tambem de muitos cardeais estrangeiros, que o conhecem muito pela sua ligação com a Congregação da Propaganda Fidei. Os intransigentes baseiam a oposição que promovem ao cardeal Gasparri, no facto de este se ter mostrado oficialmente muito lisongeado pelo interesse do governo italiano com o Vaticano, depois da morte do Papa Benedito XV, e afirmam que essa atitude colocou o Vaticano na falsa posição de ser quasi obrigado a fazer um «rapprochement» entre o Vaticano e o Quirinal.—(Lat. Am.)

As relações franco-americanas

Nos Estados-Unidos ataca-se o militarismo francês

PARIS, 3.—A anciedade que se sente aqui sobre a frieza das relações franco-americanas, tomou maior proporções, por causa da infundada noticia ultimamente transmitida para Londres de que o presidente Harding se recusará a receber o sr. Jusserand, embaixador da França. Por algum tempo, os delegados franceses em Washington, teem sido objecto de acerbas censuras, atribuindo-se-lhe erros e hesitações durante a conferencia e acusando-os de não terem encarado a situação tal qual ela é. A recusa, já prevista, dos Estados Unidos de mandar delegados á conferencia economica de Genova, em março, assume um aspecto desagradavel porque o motivo evocado pelos Estados Unidos, para explicar o seu procedimento, é o militarismo francês.

Cada dia ganha terreno com rapidez extraordinaria a opinião de ser preciso que a França defina mais uma vez e com clareza a sua atitude nas reformas economicas gerais da Europa e conclua pactos que tendam a produzir medidas de desarmamento. O sr. Harwey, embaixador dos Estados Unidos em Londres, no regresso de Cannes, conferenciou com Poincaré, ligando-se nos circulos politicos grande importancia a esta entrevista. Diz-se que o sr. Harwey expoz os motivos que levaram os Estados Unidos a conservarem-se alheios á conferencia de Genova. Os dois estadistas trocaram impressões sobre a má compreensão do povo americano das ambições da França. Esta conferencia talvez modifique a atitude da França sobre a conferencia de Genova e leve o sr. Poincaré a insistir com mais energia nas garantias que já apresentou como essenciais.—(Lat. Am.)

POLITICA

A CRISE

Até ás 12 horas de hoje a crise permanecia estacionaria. Espera-se, para resolver atitudes a resposta ao telegrama urgente que o sr. Presidente da Republica fez expedir ao ilustre estadistante sr. Afonso Costa. Porque, ao contrario do que já foi noticiado, a resposta ainda não veio... Os pessimistas dizem que nem mesmo virá, pelo menos directamente, podendo, todavia, ser canalisada pela Legação de Portugal em Paris.

As pessoas de mais intimidade do indigitado chefe de governo são de opinião, sem discordancia, de que o sr. Afonso Costa não desistirá da sua situação de estadistante, recusando-se terminantemente a troca-la pela posição, por ele reputada perigosa, do estadista em serviço activo.

No caso da resposta do ilustre estadistante ser negativa ou mesmo de não ser coisa alguma, ganha terreno a ideia de se organisar um governo democratico, com feição moderada.

Alem dos srs. Augusto Soares e Agatão Lança falava-se hoje, a proposito, nos nomes dos srs. Herculano Galhardo e Victorino Guimarães. E' preciso não esquecer, todavia, que o sr. Antonio Maria da Silva se faz o centro das reivindicações populares do democratismo.

E' um facto verificado que ao partido democratico teem ultimamente aderido alguns elementos civis do outubrismo, principalmente da provincia.

O Ministerio do Interior fez hoje expedir telegramas urgentes a todos os governadores civis, pedindo informação precisa dos ultimos resultados eleitorais. Por falta desses elementos não tem sido possivel apurar, definitivamente, os nomes dos parlamentares eleitos pelos diversos circulos. Cremos, todavia, que o resultado final não será muito diferente daquele que servimos e que foi publicado, ha dias, neste jornal.

Saneamento da policia

O numero de guardas diminue, mas o policiamento vai ser intensificado: eis o que dificilmente se compreende!...

No noticiario dos jornais aparecem, de tempos a tempos, versões de caracter manifestamente oficioso, mas redigidas em tão sibilinos termos que produzem tonturas a quem, porventura, queira decifrar o enigma. E' esse, precisamente, o caso que nos sugere algumas considerações.

O sr. major Carrão de Oliveira, ilustre comandante do corpo policial, quer sanea-lo,—no que faz muito bem e nunca as mãos lhe dôam. Para conseguir esse objectivo, teem sido eliminados dos quadros bastantes agentes, pouco aptos, segundo a experiencia, ao desempenho do serviço policial. Ao mesmo tempo que assim vão mingoando os guardas a alta direcção policial estuda a forma de se intensificar o policiamento da Baixa.

Trata-se, pois, duma linha á qual se cortam as pontas e que, por isso mesmo, maior fica. O paradoxo é evidente.

Isto de aumentar o policiamento da Baixa não é tambem má historia. Sempre acreditamos que mais necessaria é a vigilancia policial nos bairros excentricos da cidade, que no Rocio e nas ruas que nele desembocam. Nessa luxuosa Baixa já ha policias a mais. Todas as tardes, por exemplo, somos incomodados pelo guarda policial que desempenha o ingrato e inutil mister de manter em premanente rodopio os frequentadores do passeio do lado ocidental do Rocio.

Nunca fomos capazes de compreender a utilidade dessa providencia, a não ser para nunca nos esquecermos de que a acção do Estado somente se exerce sobre os cidadãos para os vexar... Enquanto, porem, se mantem um original serviço de policiamento, que é, afinal, uma grande massada para os policias e para os cidadãos, os bairros onde se acoitam habitualmente os criminosos d'oficio veem, uma vez por acaso, um guarda que, por se sentir enfraquecido no seu isolamento, nunca aparece no local do crime, desmentindo assim a tradicional atitude dos gendarmes da opereta.

Mas, afinal, porque se faz isto? E' tudo... para inglez ver. Dois centos de policias, espalhados nas ruas da Baixa, dão a impressão de que residimos, efectivamente, na capital civilisada dum paiz da velha Europa; mas se, por acaso, formos dar uma visto de olhos lá para os lados do Alto do Pina, logo nos convenceremos que o centro da Asia se mudou para este canto ocidental do velho mundo. E como a mentira convencional é coisa que se encontra entranhada na massa do sangue lusitano, todos vivemos contentes e felizes na crassissima ignorancia que nos doura o espirito.

Em Tokio descobre-se um «complot»

TOKIO, 2.—A policia descobriu um «complot» cujo fim era assassinar alguns homens politicos importantes.

O primeiro ministro, visconde Takhashi, já foi vitima de uma tentativa de assassinio.

O serviço de policia nas estações do caminho de ferro vai ser reforçado e ninguem poderá viajar onde for qualquer ministro.—(Lat. Am.)

O preço do carvão na Alemanha

BERLIM, 3.—Devido ao aumento do salario dos mineiros o preço do carvão na Alemanha foi levantado de 65 marcos para 900 marcos por tonelada e em consequencia do imposto sobre o carvão atingirá este preço mundial em março proximo.—(R.)

Questões do dia

Vão ser satisfeitas as contas dos pequenos fornecedores dos T. M. E.

O «Diario do Governo» publicou o decreto mandando aplicar no pagamento das despezas dos serviços publicos referentes ao mez de fevereiro, mais um duodecimo, assim distribuido:

Ministerio das Finanças	15:795.314$51
Ministerio do Interior..	4:535.243$10
Ministerio da Justiça...	640.718$89
Ministerio da Guerra ..	7:994.303$19
Ministerio da Marinha .	4:278.485$61
Ministerio dos Negocios Estrangeiros	769.449$08
Ministerio do Comercio e Comunicações......	4:534.776$59
Ministerio das Colonias	774.262$11
Ministerio da Instrução Publica	3:016.400$03
Ministerio do Trabalho	2:183.346$36
Ministerio da Agricultura	4:898.425$43
	49.980.724$00

Estamos absolutamente convencidos que o governo, embora demissionario, não esquecerá, nos pagamentos a fazer, os fornecedores dos T. M. E.. E como a verba é insuficiente para pagar a todos e seria ridiculo um rateio que atribuiria, a cada credor, um maximo de quatro vintens e meio, é justo e é de rasão que se adote um criterio que, sem prejudicar os grandes credores, nos quais de resto, é impossivel pagar, se favoreça o pequeno comerciante, que confiou no Estado e que espera ha muito tempo, a satisfação integral das suas pequenas contas. A defeza, em materia de equilibrio financeiro, é mais facil para os grandes que para os pequenos comerciantes.

Os primeiros tem sempre credito ao qual se apeguem, para poderem esperar; mas o pequeno comerciante pode vêr-se em risco de catastrofe se, por desgraça, por mais tempo lhe demorarem um pagamento completo.

A esquadra ingleza

Largou hoje do Tejo

S. JULIÃO, 3.—Sahiram a barra os quatro cruzadores inglezes que tiveram no Tejo.—(H.)

CURIOSIDADES

As pombas em Veneza

Entre as mil surpresas que oferece a Magica Veneza, uma ha, que, desde logo, se antecipa a distrair o viajante.

Todos os dias, ás duas horas da tarde, milhares de pombas descem das arcarias, dos batareos, das ogivas, dos volutas, cornijas, frisos, rosetes e coracheos dos grandes edificios que emolduram a grande Piazzas de São Marcos e veem comer nas mesas dos cafés e nas proprias mãos dos transeuntes os grãos de trigos ou as migalhas do biscoito, que lhes esmola a benevolencia publica. Data de longos tempos esta simpatia, que o veneziano dedica á ave meiga e inocente, como quem reparte o carinho e o sustento.

Quando o almirante Dandolo sitiava a ilha de Candia, nos principios do seculo XIII, diz-se, que os cativos enviaram das suas masmorras ao acampamento inimigo alguns pombos correios, noticiando o ponto por onde seria mais facil a brecha e mais pronta e segura a vitoria. Desde então as historicas pombas foram declaradas, em sinal de reconhecimento, filhas adoptivas de Veneza. O doge Mocenigo permitiu que elas se aninhassem nos mais belos palacios, impoz graves penas aos que ousassem ofendelas, ordenou que se lhes desse alimento diario por conta da republica e fez com que este lhe fosse pontualmente ministrado por um empregado dos celeiros publicos.

Com tais, direitos, imunidades e preeminencias, viveu vida folgada e opulenta a nova colonia republicana.

Mas vieram os revezes; a mãe patria caiu nas garras da aguia franceza; o governo intruso de 1797 retirou a pensão a pobre tribu inofensiva que, acostumada por tantos seculos ás dádivas de Capua, passou num momento do explendor á miseria, da riqueza á mendicidade, dos regalos da abundancia aos horrores da fome.

Anos de verdadeiro apuro tiveram então as desditosas, até que uma nobre dama da familia Pocastro, veneziana pura e inimiga acerrima do estrangeiro, se condoeu e veio em socorro das inocentes desherdadas, legando-lhes uma boa parte dos seus haveres.

Eu não sei se ainda hoje continua o alimento da generosa veneziana, que fez surgir para as meigas avesinhas os aureos tempos do doge paternal; o que sei é que, desde as duas horas da tarde até ao escurecer, elas descêm, aos centos, daqueles ninhos de jaspe, de marmore e de mosaico, e correm ás mãos do viajante sem nenhuma desconfiança, com os olhos serenos, as penas setinozas, as azas abertas, em demanda do grão apetecido, e que são acolhidas sempre com extrema doçura pela beneficencia publica. Destarte a pomba amorosa, que é companheira simbolica da Venus mythologica, nascida entre as ondas, não tem querido desamparar a cidade de Nacar, entre as ondas tambem nascida.

Ali vive contente como no seu lugar de honra, a bela filha do ar e da luz; ora pousando com socego nos pavimentos de marmore; ora atormoseando graciosamente as cuspides dos monumentos, ora mirando-se com gentileza no espelho das lagunas; ora cortando com brandura o eter dos céus; e animando, ameigando e arrolando sempre a deusa das cidades, a poetica, a romantica, a misteriosa, a legendaria, a divina Veneza!

A. C.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

E' admiravel e destinado a um sucesso colossal o belo concerto de domingo no São Luiz da Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blanch.

Basta dizer que se apresenta a distinta pianista D. Irene Gomes Teixeira, tocando o notavel «Concerto em sol menor» com orquestra, a qual executa pela unica vez nesta epoca o famoso poema sinfonico de Strauss, «D. Juan», a «ouverture» de «Benevenuto Cellini», uma das grandes obras de Berlioz, a bela «Sinfonia incompleta» de Schubert, o entre-acto de «Manfredo», de Reinecke, que tanta impressão, causou quando pela primeira vez foi ouvido e outras obras notaveis, sendo a orquestra aumentada para este concerto.

POLITICA INTERNACIONAL

O Congresso de Genova

Perfil de Trotzky — Ambição desmedida — Mudança de nomenclatura

Reuniu-se em Moscou, em meados deste mez, o denominado congresso da mocidade. Trotzky fez, ali um grande discurso. Depois de comparar a Europa Ocidental com a Russia dos «soviets», disse: «Os nossos inimigos mortais são obrigados a viajar no mesmo compartimento que nós até que um atira com o outro pela portinhola fóra». O mesmo Trotzky declarou em seguida que o convite para que o governo dos «soviets» se faça representar em Genova prova que a Europa não conseguiu vencer a Russia bolchevista.

Trotzky tomou fôlego.

Oferece curiosidade o perfil de Trotzky feito por pessoas que o conhecem de perto.

Fala melhor que Lenine, mas a sua linguagem é rebuscada. Escuta-se a si proprio e enfia frases como quem enfia contas num rosario. Procura acima de tudo o efeito oratorio. A voz é forte, quasi metalica. Acusam-no de lançar apostrofes que não são mais que traduções fieis de tais e tais frases celebres de Danton ou de Saint-Just.

Denuncia assim o fundo da sua alma e os motivos que determinam todos os seus actos. A sua suprema pretensão é legar o seu nome á Historia, não importa por que meio. A sua validade e a sua ambição pairam superiores a tudo.

Não era bolchevista antes da revolução. Deligenciou formar sempre uma fracção ou um conventiculo seu, mas nunca na sua vida teve discipulos. Falta-lhe a força de persuasão de Lenine.

Intolerante, muito pessoal e antipatico na vida particular, não conseguiu conquistar o coração dos socialistas seus companheiros. A sua maior infelicidade é a existencia de Lenine.

* * *

Quando se dirigia de Nova York para a Russia, estava muito longe do bolchevismo. Os ingleses prenderam-no em Halifax. Essa falta politica contribuiu muito para o lançar nos braços dos extremistas. Apenas desembarcou no continente, convenceu-se pela leitura dos jornais russos que só poderia desempenhar um grande papel aderindo ao partido da oposição irredutivel. Comprimindo o seu orgulho, consentiu em ser o imediato de Lenine, esperando suplantar o chefe no momento oportuno.

Ele, minimalista de ontem, adversario de Lenine nas questões toricas e praticas de importancia, não só esposou as formulas bolchevistas, mas, arrebatado pelo seu temperamento e pelo desejo de brilhar, excedeu toda a gente pela demagogia mais impudente.

Ao contrario de Lenine, que não tem necessidades, que só existe para a sua ideia, Trotzky gosta de viver. Aprecia as manifestações artisticas, diletante em tudo, aflora tudo, mas não profunda nada. Jornalista com aptidões, nunca conseguiu definir a teoria do bolchevismo, o que continua a ser o privilegio incontestavel de Lenine. Tudo quanto escreve depois da revolução, é singularmente mediocre e está muito abaixo dos seus artigos anteriores. No entanto, como homem de acção, tem incontestavelmente merito.

Dotado de faculdades de trabalho que iguala as de Lenine, movimenta todos os meios por onde passa. Tendo sufocado o sentimentalismo, esse homem tornou-se um dos mais crueis da Russia, crueldade tanto mais perigosa quanto o terrivelmente vingativo. Lenine, mais astucioso, tolera os crimes, anima-os mesmo, mas fica sempre por traz da cortina.

* * *

Trotzky é tão avido do poder como Lenine. Os bolchevistas não gostam dele e não desempenha o papel que lhe atribuem no estrangeiro. Mas tornou-se indispensavel, consagrando toda a sua actividade á organisação do exército. Nessa missão descobriu que a sua alma era toda militarista. Com a mesma impudencia que mostrou noutras ocasiões, renegou todos os principios anti-militaristas que professava outrora, no regimen de Kerensky. Restabeleceu a antiga disciplina á prussiana, que sempre predominou no exército russo.

Tendo-se rodeado de oficiais superiores do antigo regimen, que lhe obedecem, uns com medo de represalias, e outros por ambição, inaugurou já um novo militarismo de não pequenos perigos no futuro. Quando passa em revista os seus soldados, ou lhes distribue condecorações e os abraça, tal qual como antigamente o grão-duque Nicolau, tem o aspecto de um verdadeiro tsar.

Mas que resta então das teorias maximalistas? O «governos» dos soviets tem sido obrigado a formar um governo tal qual como o antigo. A mudança apenas consiste no nome. Estabeleceu-se para fazer guerra ao capitalismo e está tratando com os capitalistas para que lhe emprestem capitais. Sequestrou os depositos dos bancos, aboliu os mesmos bancos, e vê-se agora obrigado a pagar as dividas contraidas no estrangeiro e os respectivos juros. Abrogou o exercito e os alistamentos são hoje mais numerosos que no tempo do imperio. Exterminou a nobresa e está criando outra a seu modo. Aniquilou a propriedade e edifica uma nova sobre as ruinas daquela. Antigamente havia um unico imperador. Hoje ha quatro alem dos inumeros grão-duques e outros cargos nobiliarquicos designados agora por comissarios do povo.

«Não, não valia a pena então
Mudar de governo a nação.»

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DUM CONSELHO

Esta manhã ao subir o Chiado pautatinamente conforme é meu costume encontrei um amigo com quem há muito não conversava.

Um belo caracter, incapaz de fazer mal seja a quem for, durante muito tempo teve em mim o seu melhor amigo.

Depois os acasos da Vida fizeram a nossa separação. Cada um para seu lado, deixámos de conversar, de trocar as nossas impressões.

Ele era então um tipo alegre, gostando de brincar, esmaltando com o brilho dos seus olhos as ironias que desfiava.

Hoje ao encontra-lo de novo tive a impressão de que não era o mesmo.

Pareceu-me meditativo, preocupado.

E as minhas desconfianças tomaram vulto quando, trocadas as primeiras palavras de alegria, ele me disse:

— Aindabem que te encontro. Só tu, que tanto conviveste comigo e tão bem me conheceste, me podes dar um conselho. Estou para casar e, vê lá! não sei se o faça.

— !!?!

— Tu sabes bem como sempre foi grande o meu espirito de independencia.

Eu sou capaz de fazer tudo o que humanamente for possivel por devoção.

Por obrigação não dou um passo. E' superior ás minhas forças. Antes de receber aquela herança que me permitiu o luxo de só fazer o que me apetece, andava sempre de algibeiras vazias. Tu bem o sabes. E no entanto não era o trabalho que me assustava. Eu gosto até imenso de trabalhar. Apenas ponho uma condição.

Trabalharei apenas por devoção. E assim... assim ninguem me quere.

Com a herança que recebi ficou resolvido esse problema.

Mas agora surge um outro mais grave e que por completo me preocupa. Vou casar, tenho uma noiva ideal e não sei se o faça.

Ouve: tu sabes bem como eu adoro o teatro. Pois uma vez que tive a obrigação de lá ir acompanhar uma tia, dormi toda a noite. Aquela obrigação de lá estar, torturou-me de tal maneira, que antes de cair o pano, pretestando uma dôr de cabeça, vim me embora.

Pois é o caso. Adoro a minha noiva. Sinto que nunca pessoa alguma me despertou o sentimento que lhe dedico.

E no entanto vacilo. Quando daqui a um mez estiver casado, tendo contraído a obrigação de a adorar, de a acompanhar, de a afagar, não sentirei, superior ás minhas forças, o horror dessa obrigação? Não se tornará o casamento num tormento, num impossivel, não irei eu, contra a minha propria vontade, tortura-la a ela e torturar-me a mim?

Qual é a tua opinião? Eu não lhe soube responder. Abracei-o, falei-lhe vagamente na lei do divorcio, desejei-lhe felicidades, dei-lhe os parabens e os meus sinceros sentimentos.

E perante a enormidade da situação deste pobre amigo que me pedia um conselho superior aos meus conhecimentos, á minha humilde e humana condição, declarei os meus afazeres e afastei-me. Afastei-me pensando neste tema, cheio de atualidade, reflexo duma epoca e dum meio.

BOTTO DE CARVALHO.

* * *

Pela primeira vez depois da guerra, a divida nacional inglesa apresenta diminuição comparada com o ano anterior. Os dados estatisticos dão como total da divida para o ano financeiro de 1921-1922, 7.585.409.690 libras contra 7.831.744 300 libras para o ano financeiro de 1920-1921, tendo portanto ficado reduzida de 246,334.610 libras.

* * *

Sir William Veno que recentemente ofereceu dez mil libras ao estudante ou professor de qualquer universidade que descobrisse a cura do cancro, modificou agora a sua oferta e decidiu aplicar essa importancia aos trabalhos de investigação sobre o cancro durante os proximos dez anos. Ele diz esperar que Lord Atholstan, que ofereceu vinte mil libras para a descoberta da cura especifica desta doença, tambem modifique a sua dadiva, de maneira a poder-se estabelecer desde já um fundo destinado ás investigações sobre o cancro.

* * *

A febre de gréves que está atacando a Alemanha atacou tambem os actores de todos os teatros de Berlim.

Os emprezarios estão fazendo negociações para modificar as condições de trabalho, mas ainda não ficou solucionada a questão.

* * *

As letras

Recebemos o n.º 7 da revista «Seara Nova».

A direcção artistica foi confiada ao moço desenhador Humberto Pelagio, autor da capa deste numero, deveras interessante.

CARTA DE INGLATERRA

Londres, 21 de janeiro

A questão economica — Opinião de um comerciante — A conferencia de Washington e os comentarios de um oficial de marinha — As eleições gerais

Na Inglaterra os politicos teem habitualmente, por ocasião do Natal, pelo menos quinze dias de férias. Este ano, porém, tendo em consideração o excepcional interesse despertado pelos sucessos de Washington, o publico aplicou-se á discussão da possibilidades de melhores perspectivas para a Europa mediante o impulso da Conferencia de Cannes.

Encontrando-me pelo Natal com muitos homens interessados em varios ramos da vida comercial e profissional fiquei, consideravelmente admirado de achar quão intensa e quão geral era a convicção de que os motivos politicos que preocupavam os aliados da Gran-Bretanha não podiam impedir as fortes medidas indispensaveis para o restabelecimento da cooperação economica internacional.

«Por Deus», disse um dos homens de negocio, ponham os cambios em bom estado.

A Gran-Bretanha baseia a sua existencia no comercio com o ultramar. Não podemos fazer comercio nas circunstancias actuais. Nós ficamos com o nosso comercio devastado e temos que ocupar-nos dele, assim como os nossos aliados fazem com as areas devastadas.

Está bem pensar nas aflições dos nossos aliados; assim o fizemos e fal-o-hemos sempre que preciso for. Mas nós não podemos ignorar perpetuamente o nosso empobrecimento.

E' evidente que Lloyd George tem com ele toda a população britanica em peso para o apoiar em Cannes. A situação será dificil se Briand, assustado pela sua precaria maioria no parlamento francez, não se julgar habilitado a encarar os factos economicos da Europa corajosamente. E' certo que a Italia compreende tão penetrantemente como a Gran-Bretanha a necessidade de uma certa politica forte e audaz.

Os ultimos dois anos muito nos ensinaram; é inutil estar ligado á convenções improprias para atacar as condições presentes.

Deu se o caso, durante a ultima semana, de eu tomar um «lunch» com um oficial da marinha o qual durante a guerra adquiriu uma vasta e enorme experiencia quer da luta submarina quer da anti-submarina.

Naturalmente entretivemo-nos com as discussões de Washington com respeito ao submersivel e ele confiou-me algumas coisas que me parecem merecer a pena serem escritas.

Se não houvesse necessidade de economisar dinheiro, declarou-me ele, a grande tactica politica da Gran-Bretanha deveria ser, julgo eu, incitar em absoluto as potencias suas inimigas a construir submarinos de preferencia a qualquer outro engenho de guerra.

Como o senhor sabe a Gran-Bretanha conhece melhor os metodos de combater os submarinos do que qualquer outra nação, e ela tem nas suas inumeraveis cidades de pesca e nos seus portos de mar um quasi ilimitado reforço de intrepidos marinheiros e pequenos «trawlers» proprios do mar e outros engenhos e embarcações convenientes para este trabalho.

Durante a guerra a Gran-Bretanha derrotou o barco U, quasi só e unicamente servindo-se do «craft» — quasi 4.000 destas pequenas embarcações — que ela empregou não só para defender do ataque a esquadra britanica, mas tambem a franceza e a italiana. Naturalmente, se se tornar necessario adoptar uma politica naval contra os submarinos a Inglaterra, poderá fazer muito mais do que ela fez com os expedientes do tempo de guerra, precipitadamente improvisados.

«E', porém, um grande erro, continuou o meu amigo, presumir que os submarinos são uma arma ofensiva um tanto barata propria para as pequenas nações. Para começar, direi que leva aproximadamente 8 ou 10 anos a fazer um bom oficial de submarino.

«A existencia dos submaridos supõe a criação e estabelecimento de um largo numero de aparelhos anti-submarinos e do pessoal — de «aircraft», destroyers», «trawlers», re

das, etc. E para que ...
Isto significa que se possua uma arma ofensiva pequena a qual é eficaz apenas contra um navio mercante desarmado. Não poderá haver no mundo resoluções ou convenções algumas que obstem a que dela se abuse em tempo de guerra. Impediram-nos porventura os barcos U de bombardear a costa belga todas as vezes que o quisemos fazer? Estorvaram-nos eles de engarrafar completamente Zeebruge — cheio o porto de submarinos como estava nessa ocasião — quando nós assentamos na resolução desse acto?

Eles são menos bons do que maus na defesa e não muito bons na ofensiva contra outros pequenos barcos competentemente manejados. Eu combati nos submarinos assim como combati contra eles.

Para minha segurança basta me uma chalupa razoavel propria de pesca e uma boa espingarda a todo o momento. Se algumas nações julgam que podem obter uma esquadra barata e eficaz composta de submarinos cometem um grande erro. O submersivel é uma arma ofensiva que todos nós podemos fazer sem muita utilidade — ao dizer isto estou falando sob o ponto de vista tecnico do seu uso não do aspecto humanitario.»

Parece haver grande probabilidade que teremos aqui eleições gerais dentro de um mez pouco mais ou menos. Em harmonia com a Constituição nenhum governo pode continuar no poder por mais de cinco anos sem convocar o eleitorado.

A ultima eleição ocorreu em fins de 1918, e ainda que o governo podésse legalmente manter-se no poder, pelo menos mais um ano, crê-se que o primeiro ministro está persuadido de que chegou o momento propicio para em breve pedir á nação a renovação do seu mandato. E' certo que a popularidade do governo em virtude do acordo irlandez e da politica britanica em Washington, duas excelentes cartas, é manifestamente grande. Em todo o caso supõe-se em geral que ele deposita a maior confiança na popularidade dos seus planos para o restabelecimento economico da Europa.

J. C. M.

BRINDES

Da casa J. A. Garcia, Ld.ª, com fabrica de cartonagens e tipografia, na Rua das Pedras Negras, 3 (á Sé) recebemos trez calendarios de parede para o corrente ano que muito agradecemos.

PELO TELEGRAFO

A conferencia de Genova

Poincaré vai consultar os aliados

PARIS, 3. — O sr. Poincaré dirigiu aos governos aliados uma nota convidando-os a uma consulta previa para se adotar uma linha de conduta comum no que respeita ás condições da ordem do dia da conferencia de Genova, estabelecidas em 11 de Janeiro e na resolução de 6 do mesmo mez. O sr. Poincaré considera que os principios dessa resolução cuja execução constituirá a primeira deliberação da Conferencia de Genova, exigem uma mais completa definição e precisão. Se o consignado no artigo 2.º visa ao restabelecimento da Paz europeia sobre bases solidas, os tratados existentes não devem ser atingidos pelas novas resoluções.

Os problemas cuja solução foi anteriormente fixada não devem de modo algum voltar á tela da discussão e a falta de garantias sobre este ponto constrangiria a França a guardar a sua liberdade de acção. — (H.)

A gréve dos ferroviarios alemães

A gréve foi declarada á meia noite

BERLIM, 3 — Apesar do regulamento que proibe a gréve dos empregados do estado, os ferroviarios especialmente maquinistas e ajudantes declararam-se em gréve á meia noite, tendo paralisado em Berlim todo o movimento de comboios.

A situação é identica na maior parte das cidades no norte e no centro da Alemanha, mas algunas distritos ainda trabalham comboios transportando viveres.

Em Berlim, Dresden, Magdburgo, etc., foram chamadas brigadas tecnicas de socorro para substituir os maquinistas, e os empregados foram convidados a retomar o trabalho no praso de duas horas sob pena de demissão.

A opinião publica verbera duramente os grevistas; os empregados filiados nas associações christãs recusaram-se a tomar parte na gréve. — R.

Só os comunistas defendem a gréve

BERLIM, 3. — A imprensa comunista é a unica que defende os grevistas.

Os dirigentes da gréve foram presos em Berlim por ordem do presidente Eba e os fundos dos grevistas, depositados nos bancos e elevando se a alguns milhões, foram apreendidos. A comissão aliada no Reno não permite a gréve nos distritos ocupados. — (R).

Exposição do Rio de Janeiro

Intensificam-se os trabalhos do Comissariado Geral para se obter uma excelente representação no grande certamen comemorativo da Independencia do Brazil

Não ha tempo a perder. Os dias decorrem velozmente e os interessados não devem guardar para o ultimo momento a sua inscrição nos registos dos expositores.

E quem são esses interessados? São, principalmente, todos os exportadores portugueses, quer para o Brazil quer para qualquer outro paiz do mundo.

A Exposição Internacional do Rio de Janeiro ha-de constituir uma data memoravel, abrindo novos horisontes á expansão comercial de todos os paizes produtores. Mas nenhuma outra nação tem maior interesse que Portugal em se fazer representar dignamente, procurando assim conquistar novos mercados ás suas industrias. Não se trata apenas do mercado brasileiro, mas de todos os outros da America do Sul.

Ao certamen concorrem as prosperas republicas do continente americano. E' forçoso, é indispensavel que, perante elas, a Nação Portuguesa se afirme como um povo integrado na civilisação moderna, destruindo-se, duma vez para sempre, o descredito que as nossas desavenças politicas nos teem acarretado no estrangeiro. A ocasião é unica: desgraçados de nós se a não aproveitarmos.

O comissariado geral do governo portuguez na Exposição do Rio de Janeiro tem ativamente trabalhado para conseguir despertar a Nação de uma fatal inercia. Diga-se a verdade, os seus esforços teem sido coroados de exito.

Mas este não é ainda completo. Convem que os expositores não demorem a sua inscrição porque, de contrario, poderão ser prejudicados com a improvisação da ultima hora.

No sentido de exercer uma acção directa de propaganda, o comissariado fará visitar por brigadas de propagandistas, encarregados de se avistarem com os produtores e instrui-los acerca da forma pratica de realisarem a exibição dos produtos do seu fabrico, o comissariado expediu, sem embargo, milhares de boletins de inscrição para todo o paiz e são já numerosas as devoluções, devidamente preenchidas. Isso, porem, não impede, claramente, que se tenham dado omissões, que devem ser reparadas pelos proprios interessados, reclamando os boletins á séde do comissariado, instalado no edificio da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Tais pedidos serão satisfeitos sem demora alguma e, se o não forem, é porque houve extravio na requisição, que deve ser renovada. Tambem se expede o regulamento geral, I e II parte, onde tudo vem pormenorisadamente explicado.

Ultima Hora

POLITICA

A Crise

O sr. Afonso Costa, responde ou não responde?...

Até ás 16 horas sabemos nós que o ilustre estadistante sr. Afonso Costa não se dignou responder ao telegrama do chefe de Estado.

Afirma-se, todavia, que um dos antigos membros da casa civil de s. ex.ª foi interrogado, telegraficamente, acerca da situação interna de Portugal, seguindo a resposta, em cifra, ás 13 horas.

De modo que, a respeito de crise quartel general em Atractes...

Imprensa

Não é verdade que o «Mundo» reapareça brevemente, como se noticiou. O sr. Carlos Trilho, director deste jornal, encontra-se doente e um dos membros do conselho de administração da empreza sr. Urbano Rodrigues está ausente no estrangeiro.

Tambem não é verdade, como alguns jornais se fizeram eco de que nas salas do jornal «Novidades» se realise no proximo domingo, uma reunião politica, visto que a actual empresa proprietaria deste jornal — segundo nos informam — não autorisou que ela se realisasse. Daqui se conclue que não ha nenhum entendimento para transformar as «Novidades» num orgão do sr. Cunha Leal.

Os inqueritos

Embora se continue a dizer que sobre os acontecimentos de 19 de Outubro estão iminentes 4 prisões de sensação podemos afirmar que não só até esta hora não se efetuou qualquer prisão nesse sentido como ate alguns ainda não existem tambem mandados de captura.

O que não quer dizer que não venham ainda a ser passados.

Comissão da Conferencia da Paz

No Ministerio dos Estrangeiros está reunida, desde as 14 horas, a comissão executiva da Conferencia da Paz.

POEIRA DA ARCADA

A sr.ª D. Herminia da Camara foi nomeada, precedendo concurso, professora da escola primária superior de João de Deus, de Lisboa.

— Os srs. drs. José Pires de Carvalho e Jacinto de Freitas já tomaram posse dos cargos, respectivamente de inspector e de secretario geral dos serviços de emigração.

— A sr.ª D. Helena de Jesus Calado foi exonerada, a seu pedido, do logar de desenhadora fotografa do Laboratorio de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

— Como tivesse piorado o estado de saude do sr. Carvalho da Silva não se efectuou, como estava anunciado, a reunião dos proprietarios e construtores civis para continuarem a tratar das suas reclamações junto do governo.

O sr. José Antonio Cardoso Teixeira professor em Monmenta da Beira, foi transferido disciplinarmente para Mêda.

— Pelo «Demerara» são amanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo as 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando o registo ás 9.

TEATRO

Nota do dia

Valores perdidos

Por ausencia dum retrato, u a retrato con ligno, nã- pode engalanar o seu Medalhão, a «Capital» de hoje girandolando em pirotecnia de adjectivos merecidos Henrique Alves.

Mas pelo tacto de não podermos homenagear como merece o primeiro artista do Apolo, não se depreenda que a nossa admiração des ereceu a sua passagem do S. Luiz para o Apolo. Não. Henrique Alves tem valor, talento histriónico em qualquer palco.

No entanto, já que a talhe de foice aparece este assunto mais uma vez, queriamos ainda voltar a significar o nosso desconsolo ao ver figuras do nosso teatro desperdiçadas em logares onde nada de util dão ao teatro.

Henrique Alves por exemplo tem criações inolvidaveis no teatro declamado, faz como raramente aparece, essa serie de gelãs comicos, espirituosos das comedias e dos «vaudevilles» do antigo D. Amelia; não esquecem as suas criações vivas, cheias de mocidade de que uma das ultimas foi no Petit café de Tristan Benard.

Depois Henrique Alves ainda nos deu em opereta alguns tipos, um dos quais de comico recente o «Picwic» do «J. P. C.» marcá no activo dum belo actor comico.

Henrique Alves na revista, estrêlo em fundo de coristas, chalaceando pornografia, faz-nos uma pena imensa, não êle, porque está absolvido com os contos de reis que ali lhe pagam visto que é com eles e não com os titulos de arte que paga os grelos da vida real; mas pelo teatro, pelo proprio teatro que chegou até este extremo de pagar ordenados em peças de minimo valor, incomparavelmente superiores aos ordenados dos teatros de declamação.

Pela revista tem passado numa aventura ligeira, num vislumbre de lucros fabulosos quasi todos os bons actores de declamação, ali vimos: Joaquim Costa, Rafael Marques, Erico Braga, Henrique Albuquerque, Angela Pinto, Auzenda, Cremilda, para não citar outros cuja passagem ainda foi mais rapida; da revista devem sair como Amarante, como Auzenaa, os futuros artistas dum genero, e que na revista fazem o seu tirocinio, aperfeiçoam as suas qualidades da scena, chegam a fazer galeria de criações; mas Henrique Alves já tem uma grande passado, uma vida artistica de relêvo, e a sua estada num meio de revista nada deve lustrar a nossa arte dramatica, nem desenvolver ou desabrochar faculdades de quem tanto as possue.

Que Henrique Alves, na noite da sua festa artistica, aquecida pelas palmas de muitos admiradores não olhe para traz afim de não ter saüdades; e que, este nosso amargo de boca seja tido como deve ser, á conta do grande apreço ao seu talento comico, a evocação de horas de bom e franco riso por ele proporcionadas, e á altura do nosso Teatro, o outro, o Grande onde a sua figura seria sempre aplaudida e justamente apreciada.

ARMANDO FERREIRA.

S. Carlos

PARSIFAL

A musica wagneriana por intuição, por inteligencia o por snobismo, caiu no agrado aparente das nossas plateas. Provam-no a maneira como nos concertos sinfonicos é recebida a musica de Wagner o o enchente que ontem se notou em S. Carlos.

O «Parsifal», a obra extraordinaria dum extraordinario poeta e dum grande filosofo, é um dos maiores expoentes de elevação intelectual que o nosso espirito póde conceber.

O ambiente de religiosidade que envolve toda a obra, atira-nos ao extase, ergue-nos numa passiva dominação, obriga-nos quasi a ajoelhar.

E é a derivante desta influencia directa da obra de Wagner, que prova o agrado apenas aparente, resultado da falta de preparação e de educação musical das nossas platéas.

E a prova reside na ovação tributada ao maestro Gui, bem menor que a alcançada na «Aida» e desta vez com uma bem maior e bem diferente razão de ser.

De facto, foi notavel a maneira como Gui regeu toda a partitura.

Os mais pequenos pormenores, motivos que passando na orquestra, não chegam a tomar corpo e apenas se adivinham, foram tratados com um grande conhecimento, num equilibrio digno de nota.

Gui tem no «Parsifal» um belo trabalho, digno dos maiores elogios. Os seus conhecimentos da obra wagneriana, já patenteados claramente na maneira como dirigiu o «Tristão e Isolda», tiveram no «Parsifal» a prova exuberante.

A sig a Elsa Bland, na Kundry, teve scenas duma grande felicidade em que nos revelou bem a tensão dramatica do seu papel.

Cantou o todo com grande correção, mas não foi, no entanto, no Parsifal onde mais gostamos de a vêr.

Abusa bastante das atitudes pesadas e que torna por vezes, em scena, a sua figura deselegante.

Cesa Bianchi deu-nos um belo Parsifal. A sua voz dum lindo timbre tocou bem a religiosidade do personagem. Penu... que tivesse retocado tanto a caracterisação inicial que brando um pouco nas atitudes a rudeza da figura.

Cirino Gi no Gurnemanz o cantor e o actor de sempre. Foi um belo interpretre dessa figura a que ele deu todo o relevo e todo o brilhantismo.

No Amfortas cujo desempenho tantas dificuldades encerra, Formichi triunfou em absoluto.

Cantou admiravelmente e representou, sem cair no exagero, muito bem.

E' curioso notar a maneira como compôz a figura, cheia de rigor e de observação.

Fernandez bem. E os restantes artistas contribuindo para o bom conjunto.

Entre as Flôres é de justiça destacar Flava Bucci possuindo uma voz muito agradavel.

Os córos ensaiados por Achille Clivio muito bem. Merecem uma referencia.

E o electrecista continuou a brincar com as luzes.

* * *

E agora para fechar, uma pequenina nota. O espectaculo estava anunciado para as oito horas e a essa hora começou. Com bastante antecedencia se tinha prevenido o publico de que se não podia entrar na sala durante os actos.

O espectaculo começou com meia casa e enquanto essa ordem se cumpria para a platéa, os camarotes e as frisas abriam-se e fechavam-se num ruido que se não deve permitir.

Porém, enquanto o scenario deslisa para a entrada do 2.º quadro, as portas abrem-se e uma invasão ruidosa do barbaros vai enchendo a platéa. A orquestra continuava, abafada por todo esté ruido.

Nesta altura, quem estava, dentro da sala, protestando, dá pateada. E' encantador de inconsciencia!

Ora é preciso que este triste espectaculo se não repita.

O publico se pudér estar ás oito horas assiste ao primeiro acto. Se não poder desiste o espera. Assim é que está certo.

E enquanto esta medida absolutamente justa se devo observar para a platéa o mesmo se deve fazer para camarotes e frizas.

De contrario não tem razão de ser.

B. C.

A Festa de Henrique Alves

A aplaudida revista «P. A. M.» de Lino Ferreira, Xavier de Magalhães e E. Reis (pae) com musica de Cruz Junior e Vasco de Macedo, que tão grande exito obteve na epoca passada sobe hoje á scena novamente no teatro Apolo em récita de homenagem da empreza ao seu director artistico, e distinto actor Henrique Alves, indo amanhã em recita de maestro do mesmo teatro.

Noticiario

Portugal

Recebemos nesta redação e muito agradecemos, os cumprimentos da sr.ª Gabriella de Galli, mezzo soprano do Teatro de S. Carlos.

—Já entrou em ensaios no Politeama «A casaca encarnada» de Vitoria o Braga.

—Parece que já se não realisam as projetadas festas de carnaval no Parque Mayer.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Festa de Henrique Alves no Apolo com a reprise do «P. A. M.»

—Em S. Carlos canta-se a «Tosca» de Puccini.

AMANHA — Segunda do «Parsifal» em S. Carlos.

—No Apolo, com a segunda representação do «P. A. M.» festa do maestro Luz Junior.

DOMINGO — Terceira do «Parsifal» em S. Carlos.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

«Se não chover vou lá, mas assim...»

Estas palavras ecoavam-me nos ouvidos, quando puz o auscultador no seu logar.

Se... mas... as palavras mais embirrantes do universo pudesse eu risca-los do vocabulario humano... murmurei por entre dentes, com um gesto de impaciencia, voltando para o meu logar.

Aconchegando-me ao calor da lareira, fitei distraida os carvões incandescentes. Subito, dum grande tunel rubro, saiu uma figurinha de longas barbas brancas, inclinou-se para mim e disse-me:

—Sou o Rei do Paiz das Palavras; disseram-me que querias riscar da linguagem humana duas subditas minhas; pois bem, prometo fazer-te a vontade, mas com uma condição: has de dar-me as tuas razões e se elas me convencererem, teu desejo será realisado. Quais são as palavras que assim queres aniquilar?

Não hesitei. Ao lembrar-me de quantas vezes o meu prazer tinha sido cortado por um «mas»... o a minha felicidade por um «se»... exclamei, cheia de alegria:

—Elimina do mundo o «se» e o «mas»... e a humanidade será feliz.

—Porquê? indagou interessado o Rei das Palavras, elas são tão pequeninas e parecem tão inofensivas.

—Inofensivas! A's vezes teem o efeito de bombas, destroem mais que o incendio.

Escuta as conversas e ouvirás em todos os cantos «Eu seria feliz se...» «A vida era boa se...».

Emquanto ao mas... é perfido e insidioso, é vagamente caluniador. Deixa atraz de si um tormento de mal estar e de desconfiança:

«Sim, ele é teu amigo, mas...»

«Acho que procedeste bem, mas...»

«Ela é irrepreensivel no seu comportamento, mas...»

O velho sorriu-se com indulgencia:

—Pois bem, cumprirei a minha promessa, farei desaparecer essas duas palavras, que tanto te perturbam o espirito, porém vamos primeiro dar um passeio pelo mundo; á volta mandarei desaparecer do meu reino essas minhas subditas.

Saimos juntos. Dahi a poucos passos encontramos um rapaz e uma rapariga, que conversavam baixinho. A rapariga murmurava:

—A vida seria um inferno «se» não tivesse o teu amor.

Mais adiante duas mulheres conversavam; uma delas, já de cabelos brancos e com aspecto doentio dizia:

—E' verdade, sou velha, pobre e doente «mas» tenho uma grande compensação, uma filha que me quer muito; «se» fosse preciso morrer por mim, ela não hesitaria.

As horas, iam decorrendo, as conversas iam-se seguindo e eu que já tinha discutido todos os assuntos acabei por exclamar:

Afinal se a vida tem horas tristes tambem as tem alegres.

Falamos muito mal dela mas quantas vezes somos nós proprios a estraga-la. Se soubessemos rir melhor seriamos mais felizes.

O velho parou e disse-me:

Estás junto da tua casa. A tua ultima frase retiniu alegre e risonha, nela entraram duas vezes o *se*, e uma vez o *mas*; não me parece que o *se* tivesse sido desanimador nem o *mas* insidioso e mau. Pelo contrario, ressoaram corajosos e animadores.

No nosso passeio ouvimo-los varias vezes, empregados em tom carinhoso e grato. Sempre queres que faça desaparecer as minhas pequeninas vassalas que apenas são culpadas de executar as vossas ordens chorando ou rindo, desanimando ou encorajando, maldizendo ou bemdizendo, conforme vós, mortais, ordenais?

Não, não as apagues desta vida... Afinal como havia eu proprio de passar sem os *se* e os *mas* para discutir, argumentar, teimar e repontar quando nas minhas horas vagas quero fazer irritar os amigos.

Tens razão, são imprescindiveis!

CONSELHO PRATICO

Como tratar os peixes nos aquarios

Este conselho é mais para as crianças, elas é que costumam gostar muito de ter dois ou tres peixinhos num aquario, observando-os atentamente nas suas evoluções, mas como não os sabem tratar teem frequentemente o desgosto de os ver morrer.

Ora vou-lhes dar um conselho sobre o caso:

O aquario não deve estar completamente cheio de agua, o qual se mudará apenas de tres em tres dias.

Nunca se dá aos peixes nem pão nem sementes, apenas uns bichinhos vermelhos que se vendem nas lojas de artigos piscatorios.

No fundo destes aquarios metem-se umas libelulas vulgarmente chamadas tira-olhos.

ECONOMIA DOMESTICA

Para uma casa ser bem dirigida é um ponto capital haver metodo na forma de mandar os criados.

Institue-se um horario, que se cumpre á risca, e as obrigações são estabelecidas de forma a que se tenha um dia certo para a limpesa de cada quarto.

Mas isto não basta, a dona da casa deve saber executar as ordens que dá só assim poderá vigiar eficazmente as criadas e inteirar-se da maneira mais simples e pratica de realisar os trabalhos caseiros.

Quero lembrar-lhes que a vigilancia é a função essencial da dona de casa que se interessa pelo bem estar da familia e pelo equilibrio financeiro.

Ha economias ridiculas porque orçam pela avaresa, ha outras que é do dever de toda a «ménagere» fazer, como por exemplo, exigir que a luz electrica se feche em todos os quartos onde não se encontra ninguem, que o calor do fogão seja regulado conforme o que ha a cosinhar. etc., etc.

MODAS

As toiletes de soirées trazem-nos a fantasia e a magia das côres que abandonámos nas toilettes de tarde. A' luz artificial, usam-se os tons os mais violentos e exagerados.

Ha creações de rendas ricas bordadas a oiro e preta que são verdadeiros vestidos de sonho.

Nota-se uma grande irregularidade nestas toilettes mas ha um ponto em que todas se parecem; os fatos de noite são cada vez mais compridos.

A mulher parece estar envolta em tecidos flexiveis e graciosos.

A toilette de noite completa-se muitas vezes com um chale de crepe da China ornamentado de grandes franjas e bordado a côres vivas.

ARTE DE COSINHA

Filetes de pescada á franceza

Lavam-se e arranjam-se com cuidado os filetes, colocando-os numa frigideira com manteiga, temperando-os de sal, de pimenta, e de limão.

Deixa-se cozer a fogo vivo, voltam-se quando estiverem meio cozidos, depois tiram-se e deixam-se escorrer. No entretanto põe-se na frigideira umas fatias de presunto a que se junta a agua em que os filetes foram cozidos juntando-se-lhe um bocado de manteiga boa. Colocam-se os filetes em volta duma travessa muito quente, alternando com fatias de pão frito. Deita-se-lhe o molho e servem-se quentissimos.

PENSAMENTOS

No amor não ha justiça.

George Sand

Ha momentos em que as ideias passam rapidas e quasi desapercebidas deixando comtudo sulcos indeleveis na sub-consciencia.

Maurras.

O amor tem qualidades de fogo; quanto mais é oprimido, tanto é mais violento.

D. Agostinho de Vasconcelos

SPORT

Box

O match entre os franceses Criqui e Ledoux, cujo vencedor se deve encontrar com o campeão do mundo da sua categoria, está despertando enorme interesse.

Até á data é Criqui, que está como favorito.

—E' certo que Carpentier se encontrará com o vencedor do match Noles-Jamnee.

—Um director dum teatro de New-York ofereceu 200 mil dollars, para a 4 de Julho o campeão Dampsey, encontrar o negro Willis.

—Vai o Comité de Box Francês, organisar um «soirée» de box francez que conta muitos adeptos. Na ultima festa do genero o antigo professor Charlemont fez sucesso.

O sport em Marrocos

Quasi todos os sports são actualmente praticados em Marrocos, sendo comtudo o menos espalhado o foot-ball.

Esgrima

O premio do match de esgrima entre Gaudin e Naoi, era de 50 mil francos sendo 80 por cento para o vencedor.

Gaudin entregou a sua parte á Federação Francesa de Esgrima, para não perder a sua qualidade de amador.

—Ao ministro da Guerra em França foi apresentado um projecto para a formação duma sala de armas que teria o nome de Sala da Guarnição para facilitar o ensino da esgrima nas diferentes cidades ao elemento oficial.

Motociclismo

Para á grande prova da volta da França em motocicléte, que o Motocicle Club de França organisa, o jornal «L'Auto» deu um premio de 10 mil francos.

O antigo campeão do mundo, o ciclista Dupro vae reaparecer, devendo fazer a sua entrada na corrida dos 6 dias do Paris.

Aviação

A Alemanha está preparando a construção de aviões gigantes que pesam 50 toneladas, destinados ao comercio.

O parlamento italiano está tratando de separar a aeronatica civil da militar, e dum projeto para conceder uma subvenção ás companhias de navegação aeria.

—Vão começar as viagens de noite, em avião entre Paris e Londres.

Bilhar

O campeão do mundo Schaeffer, vae encontrar de novo Hòpe.

A partida é a mil e quinhentos pontos e tem logar em Chicago.

Automobilismo

O grande premio de Provence tem premios no valor de oitenta mil francos. A prova é organisada pelo Automovel Club de Marselha.

Ciclismo

A União Velocipedica de França, resolveu, que o campeonato de velocidade nacional fosse disputado em 5 provas, na distancia de 400 metros. Duas provas serão feitas na provincia.

NOTICIARIO

CAMPEONATO DE BOX AVIADOR DE PORTUGAL

Partem amanhã para o Porto, no rapido da manhã, os finalistas do Campeonato de Box do Sul, que ali vão disputar a final do Campeonato de Portugal de Box.

Vão os srs. Abel Cunha, Aragão Andrade e Sobral Dias, do Ginasio Club Português, e Faustino Rodrigues, do Club Recreativo «Os Chocos».

ESGRIMA

O resultado da festa no Instituto de Agrogomia foi o seguinte

1.º, José da Cunha da Silveira; 2.º, Antonio Sousa da Camara; 3.º, Henrique Esteves; 4.º, Antonio Balas; 5.º, «ex-aequo», Benjamim Benoliel, Melo Guyner e Antonio Garcia; 8.º, Carlos Barros; 9.º, Vasconcelos.

FOOT BALL

PORTO CONTRA LISBOA

Efectua-se no dia 19 o desafio entre «teams» representativos do Porto e Lisboa.

HOMENAGEM AO MESTRE ANTONIO MARTINS

No dia 12 do corrente ha no Ginasio Club Português uma festa de esgrima em homenagem ao mestre de armas e professor daquele club Antonio Martins, seguindo-se baile.

INGLESES CONTRA PORTUGUESES

No desafio de «foot-ball», na tarde de ontem efectuado, no campo do Sporting, entre marinheiros ingleses e portugueses, ganharam os primeiros por 6 «goals» a 2.

HIPISMO

A TAÇA RICARDO

Um grupo de discipulos e amigos do professor de equitação Joaquim Ricardo organisou uma série de «poules» hipicas, para a disputa da «Taça Ricardo», «poules» estas que devem realisar-se no hipodromo Alto-Mearim, gentilmente cedido para esse fim.

Desta série de «poules», a primeira efectuar-se-ha no proximo domingo, 5, caso o tempo o permita.

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

—Não, senhor, não, não vale a pena falar mais nisso. Eu não posso viver em vossa casa. Foi o diabo que me entrou no corpo: até incendiaria a vossa casa se lá ficasse. Por vezes apodera-se de mim uma tal angustia que antes não tivesse nascido! Agora nem posso responder por mim. Não senhor, é melhor deixar-me... E tudo isto só acontece depois que aquele diabo se meteu comigo...

—Quem? preguntou o proprietario.

—Quem se me meteu no corpo? Foi o maldito do italiano!...

—Foi ele, Egor, quem te ensinou a tocar?

—Sim... Ensinou-me varias coisas, por meu mal. Mais valia nunca o ter conhecido!...

—E ele era um grande artista, no violino, Egor?

—Não. Ele proprio tocava mal, mas ensinava bem. Aprendi tudo. Ensinava-me simplesmente... Teria sido melhor para mim que esta mão se tornasse paralitica a ter aprendido esta arte. Agora, nem eu proprio sei o que quero. Perguntai-me: Egor, que desejas? tudo te posso dar. E eu não direi uma palavra como resposta porque não sei o quero. Não, senhor, mais uma vez vos digo, é melhor deixar me. Farei alguma coisa para que me mandem para muito longe e tudo acabará!

—Egor, disse o proprietario apoz um momento de silencio, não te deixarei assim, como pensas: se não queres voltar a minha casa, és livre, não te posso impedir o caminho; mas não te deixarei assim. Toca qualquer coisa no teu violino, Egor, toca. Peço-te, toca... Não é uma ordem que te estou dando, compreendes perfeitamente, eu não te obrigo, peço-te... Toca Egor. Pelo amor de Deus, toca o que fizeste ouvir ao francez. Tu ès um obstinado e eu tambem.

—Pois seja, disse Efimov... Eu tinha jurado, nunca tocar deante de vós; mas agora sinto-me um fraco. Tocarei... Mas será a primeira e unica vez e nunca mais, senhor, me ouvireis tocar, ainda que me prometesses mil rublos.

Pegou então no violino e começou a tocar as suas variações sobre canções russas. B... dizia que estas variações eram a sua primeira obra para violino e a melhor, pois nunca tinha tocado tão bem e com tal inspiração.

O proprietario que, como de costume, não podia escutar com indiferença a musica, chorava. Quando Egor acabou ele levantou-se da cadeira e deu tresentos mil rublos a meu padrasto, dizendo-lhe:

—Toma Egor; farei com que saias daqui, e tudo arranjarei com o conde. Mas escuta: não te encontres mais comigo; o caminho que tens deante de ti é largo e se nos encontramos na estrada seria mau para mim e para ti. Adeus pois!... Deixa-me ainda dar-te mais um conselho para o teu futuro, um só: não bebas e trabalha; trabalha sem descanço e não te tornes orgulhoso! Falo-te, como o faria um pai. Mais uma vez te digo: toma cuidado, trabalha e foge do vinho, porque se beberes uma vez que seja em seguida a qualquer deceção (e tel-as-has pela vida fora em abundancia) estarás perdido, tornas-te um pobre diabo e num belo dia encontram-te num fosso, como o teu amigo italiano. E agora, adeus!... Espera. Abraça-me.

Abraçaram-se, o meu padrasto saiu. Estava livre.

Mal se apanhou em liberdade principiou a gastar os tresentos rublos nas aldeias visinhas, em companhia de libertinos com quem travava relações. No fim, ficando só e sem um vintem, sem nenhuma proteção, teve que entrar para a miseravel orquestra dum pequeno teatro ambulante, na qualidade de primeiro e unico violino.

Tudo isto não dizia precisamente com as primeiras intenções de meu padrasto, que eram as de ir o mais depressa possivel para S. Petersburgo para estudar, arranjar uma boa colocação e tornar-se um artista de primeira ordem.

Mas a vida na pequena orquestra não corria bem. Meu padrasto cedo questionou com o empresario do teatro ambulante e despediu-se. Então a coragem que tinha até ai, abandonou-o e viu-se obrigado a tomar uma medida que feria profundamente o seu orgulho. Escreveu ao proprietario, descreveu-lhe a sua situação e pediu-lhe dinheiro. A carta ia escrita num tom de independencia. Não obteve resposta. Escreveu então uma segunda carta, em termos muito humildes, na qual apelava para o proprietario seu bemfeitor, chamando-lhe verdadeiro conhecedor da arte e pedindo-lhe novamente ajuda. Por fim chegou a resposta. O proprietario enviava cem rublos, acompanhados por algumas palavras do criado de quarto, nas quais o proprietario lhe pedia para não fazer novo pedido.

Quando o meu padrasto recebeu este dinheiro quiz logo partir para S. Petersburgo. Mas uma vez pagas as suas dividas, ficou com tão pouco dinheiro que não chegava para fazer a viagem. Ficou pois na provincia. Novamente entrou para uma pequena orquestra, onde não se deu bem e que imediatamente abandonou; andou assim de colocação, em colocação sempre com a ideia de ir para S. Petersburgo, mas demorou-se na provincia nada menos de seis anos.

Emfim, uma especie de desespero se apoderou dele. Notou com desespero quanto o seu talento tinha sofrido, esmagado por todos os lados pela sua vida desordenada e miseravel; uma bela manhã deixou o empresario, tomou o violino e fez-se de longada para S. Petersburgo, vivendo quasi de esmolas para comer.

Abrigou-se em certa ocasião num celeiro e foi então que tomou conhecimento com B... acabado de chegar da Alemanha e que sonhava tambem fazer carreira. Cedo os ligou uma boa amisade e B... até agora recorda com profunda emoção a vida que os dois passaram.

Eram ambos novos; ambos tinham as mesmas esperanças e marchavam a atingir o mesmo fim. Mas B... estava ainda na primeira juventude, tinha passado poucas miserias e poucos sofrimentos. Depois, acima de tudo, ele era alemão e como tal caminhava para a frente obstinadamente, sistematicamente, com a consciencia absoluta da sua força, calculando antes o que era capaz de produzir. O seu camarada, pelo contrario tinha já trinta anos; estava fatigado, estafado, tinha perdido a confiança em si proprio; ao mesmo tempo as suas energias tinham-se esgotado durante os sete anos que tinha trabalhado, para ganhar a vida, nos pequenos teatros da provincia ou nas pequenas orquestra dos proprietarios rurais.

Uma unica ideia o acompanhava sempre: vêr-se livre deste beco sem saido, e economisar muito dinheiro para ir a S. Petersburgo. Mas era uma ideia vaga, obscura, uma especie de necessidade interior que, com os anos, tinha perdido a sua nitidez, pois que partindo para S. Petersburgo parecia agir mais pelo desejo eterno de fazer esta viagem, tanto mais que não sabia o que seria de si na capital. O seu entusiasmo tinha diminuido, tornara-se irregular e bilioso. Queria enganar-se a si proprio, convencendo-se de que a sua primeira ideia, o seu ardor e a sua inspiração não se tinham ainda esgotado.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**
CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegráfica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.° — Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias -:- -:- -:- -:- -:- -o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.
Usines Bedouwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas
Badal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, produtos quim...

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de v... e f...

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3995—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 4 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Que mais ha de ser?

O grande argumento das creaturas que não estão absolutamente seguras de que o sr. Afonso Costa aceda ao convite que lhe foi feito para organisar governo em Portugal consiste no facto de ter varias vezes o antigo chefe democratico declarado que só regressa ria á atividade politica quando reconhecesse ter soado o momento oportuno para tal deliberação.

Sendo assim, resta saber que circunstancias serão necessarias para que o sr. Afonso Costa reconheça que essa oportunidade chegou.

Que realmente ela chegou, reconheceu-o o sr. Presidente da Republica; reconheceu-o o partido democratico que todo se agita com a esperança de ver de novo á sua frente o antigo chefe. Os proprios partidos adversos, como o reconstituinte e o liberal, levados pela indicação das urnas ou pela espectativa que o regresso do sr. Afonso Costa crearia ou advogam claramente essa solução ou a ela não se mostram contrarios. As comissões paroquiais democraticas do paiz vão enviar telegramas para Paris, reclamando a vinda do mesmo estadista. Não julgará o sr. Afonso Costa que todas estas circunstancias lhe favorecem o regresso á actividade politica?

Por outro lado, como ontem acentuamos, a situação do paiz não pode ser mais tetrica.

Impõem-se medidas rapidas, salvadoras, em que o genio politico seja servido por uma forte inergia. O sr. Afonso Costa tem fama de ser um homem energico e ainda mais, um politico inteligentissimo. Os seus admiradores chamam-lhe o maior estadista da Europa. São necessarios milagres para a salvação nacional? Pois bem! Só ele os pode realisar. Assim pensa um partido inteiro, o qual acaba de alcançar a victoria nas urnas, declarando que tem no seu seio os homens publicos mais experimentados e perspicazes, e, á frente deles, e ainda acima de todos, o sr. Afonso Costa. Ele restaurará o credito, ele afugentará a fome, ele nos fará respeitar no estrangeiro e firmará a ordem e a justiça no interior. E' uma esperança para muita gente? E' mais: é uma certeza, que tanto se impõe, que já se diz que o cardeal patriarcha, ao embarcar para Roma, mormurara docemente: «Então sempre virá o Afonso Costa?» e o chefe do Grupo dos 13, entusiasmado exclamára: «Agora é que isto vai para diante, porque vem ahi o dr. Afonso Costa!»

Reclama-o a tragica situação nacional. Erguem-se para ele mãos aflictas. Só ele nos pode dar a paz, a abastança, a felicidade

Entretanto, ha quem pense de maneira contraria. No orgão democratico, o sr. Daniel Salgado (que por sinal é o sr. Daniel Rodrigues, da Caixa Geral dos Depositos), deplorou superiormente que o sr. Afonso Costa só deve voltar a Portugal quando aqui reine a maior tranquilidade, quando não haja paixões que se degladiem, quando numa palavra, tudo corra no melhor dos mundos possiveis. Porquê? Para não se queimar.

Emquanto Portugal fôr um braseiro o sr. Daniel, que devia antes ser Salgado na Caixa Geral dos Depositos, e Rodrigues no orgão das comissões democraticas, entende que o sr. Afonso Costa não deve expôr-se a ser chamuscado sequer, procurando apagar o fogo que alastra pela nação inteira.

Pensará assim o sr. Afonso Costa? Entenderá tambem que só deve vir governar quando já não seja preciso? Perturba-nos a simples hipotese de um tal estado de espirito, porque nesse caso nada necessitariamos esperar do seu concurso. Ou, pelo contrario, o sr. Afonso Costa ainda não julga que a situação seja suficientemente desesperada para ter a gloria de a solucionar? Que mais pode, nesse caso, querer o sr. Afonso Costa? Ameaça-nos a bancarrota, a carestia da vida conduz-nos á fome e á anarquia, não se fala senão em novos movimentos revolucionarios em que, como no 19 de outubro, só se constatará a descrientação ou o crime. Ainda é pouco, sr. Afonso Costa? Ainda é preciso mais para que a sua acção de Messias se possa exercer, deslumbrando as turbas? Será então necessario, o quê? A invasão estrangeira? A queda da Republica? A queda da nacionalidade?

A verdade é que tudo indica que o sr. Afonso Costa deseja que cheguemos ao fundo do abismo para então se resolver a salvar-nos. E' precisa uma serie infinita de calamidades para acordar a sua sensibilidade patriotica. Só então julgará chegada a oportunidade de intervir, essa oportunidade que nunca até agora, julgou vislumbrar, nem mesmo quando a monarquia foi restaurada no Porto, dominando na capital do norte perto dum mez. O sr. Afonso Costa estava em Paris, e em Paris se deixou estar. Nem mesmo se pode alegar para esta falta do cumprimento do dever republicano, tanto mais imperativo quanto maior é o valor politico dos homens, nem mesmo se pode alegar que o governo era sidonista, porque o governo que dominou a revolta monarquica era um governo presidido pelo sr. José Relvas, e no qual todos os partidos estavam representados. Já todos os republicanos, todos os democraticos presos pelo sidonismo estavam em liberdade, combatendo pela Republica. O sr. Afonso Costa continuava em Paris, á espera da oportunidade para servir a Republica e a Patria.

Que será preciso para que o sr. Afonso Costa se decida? Que espantosa calamidade terá o condão de o demover da sua gelida impassibilidade?

SEGREDOS A TODA A GENTE

As mãos

Sinto ainda na minha mão tremer a sua mão. E ha que tempo isso foi! Como o tempo passa—e como se envelhece. Lembro-me bem. Você estava de luvas, umas luvas de camurça branca de punho alto que lhe chegavam ao cotovelo. Nisto descalçou uma das luvas—a da mão direita—o seu braço surgiu, palido, gordo, redondo, macio; depois estendeu a sua mão; uma mão translucida, nervosa fria, cheia de veias azues; deixou-a ficar pendente, um instante; as unhas afiladas, esguias, pareciam—Deus me perdõe—garras côr de roza; os dedos moviam-se, lampejantes de aneis, como se fossem brinquedos. Pedi licença para a beijar. Que beijo aquele! Depois fiquei muito tempo com ela tremendo palpitando na minha. Que mão a sua!-E, durante cinco minutos de silencio, eu pensei nas mãos de todas as mulheres, atravez da sua mão—mãos ao mesmo tempo de benção e de suplica, de amor e de pecado, de carinho e de crueldade, mãos que ferem e que encantam, que seduzem e que fogem, que perturbam e que matam, mãos que nós cobrimos de joias, que nós enchemos de beijos, que nós escondemos nas nossas—com meno de que elas percam as joias ou de que os outros as beijem...

—Em que se entretem as suas mãos—perguntei-lhe, sorrindo, lembra-se?

—Em fazer ren a inglêsa, meu amigo—Só?

Você sentia fôrça calçou a sua luva não me disse mais nada, nessa tarde.

Nunca perguntem a uma mulher em que se entretem as mãos dela. Lembrem-se apenas de que se as mulheres as não tivessem—a virtude era encarada doutro modo...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Ecos do congresso da Historia de Arte

O caso das condecorações

O governo francez agraciou e fez entrega das respectivas notificações ao sr. dr. José de Figueiredo, erudito critico de Arte e director do Museu Nacional de Arte Antiga e ao nosso glorioso pianista, sr. José Viana da Mota.

Até aqui nada de extraordinario. Ambas as individualidades são notaveis, ambas merecem amplamente a distinção com que as honraram.

Seja-nos porém licito chamar a atenção do leitor para uma nota interessante. Entre os homens que propositadamente foram de Portugal a Paris, para o congresso internacional de Historia de Arte, um ha que foi inteiramente á sua custa: o dr. Reinaldo dos Santos, clinico eminente doublé de apaixonado e erudito investigador historico e critico de Arte.

Ao passo que alguem ia á custa do Estado apresentar comunicações de interesse discutivel, o citado critico levava á Assembléa de Paris um comunicado considerado imediatamente como uma das mais notaveis comunicações de todos os Paises, e facil se torna admitirmos isto se soubermos que ela se subordinava ao tema «Os escultores franceses do renascença em Portugal», até então inteiramente desconhecidos em França, como o extraordinario Nicolau Chatrene e outros mais.

Nesta redacção parece-nos que ninguem conhece pessoalmente o sr. dr. Reinaldo dos Santos. O que é apenas quem gosta que se faça justiça, e quem conheça o valor e a serie ade dos trabalhos que no campo da historia de Arte portuguesa ha muito vem pacientemente efectuando o sr. dr. Reinaldo dos Santos.

Homem duma modestia invulgar, dum feitio avesso a exibicionismos, estas palavras vão possivelmente melindra-lo. Que nos perdoe pela boa intenção, o pelo nosso ponto de vista, o qual é o de acharmos indesculpavel não só que o representante de França, entre nós, com os proprios organisadores do congresso tenham feito correr apenas burocraticamente as indicações para as etiquetas oficiais de valor que foram colocadas exclusivamente ao peito dos representantes oficiais dos paizes.

Certamente que a comunicação do dr. José de Figueiredo foi para nós de um valor primacial, mas ele é o primeiro a reconhecer que a do Reinaldo dos Santos é, sobre todos os pontos de vista, notabilissima. Ha homens que atravessam a vida como que predestinados a sairem impunes destas glorificações vulgares que chegam a toda a gente.

Vem a talhe de foice citar um caso que tambem a respeito do dr. Reinaldo dos Santos e de medalhas nos chegou ha tempo ao conhecimento.

Almoçavam em Paris João Chagas Afonso Costa, Norton de Matos e o eminente urologista portuguez. Regressado de Inglaterra em plena guerra Reinaldo dos Santos ostentava como unica condecoração a pequenina fita da D. S. O. (Distinguish Service Order) que é, nem mais nem menos, que a mais alta distinção que os ingleses podem atribuir a um medico estrangeiro.

Afonso Costa, sorridente, comenta: «Ora vejam, o nosso dr. vem a um almoço de portugueses e só traz a D. S. O.. A's comendas portuguesas não liga importancia»...

«Pois é, pois é!» acrescenta Norton de Matos—«tudo o que é estrangeiro»...

—«Mas é que eu não tenho uma unica condecoração portuguesa, meus senhores!»

Tableau. Norton de Matos põe as mãos na cabeça e João Chagas ri ás gargalhadas...

* * *

E lembrar-se a gente que tanto medico do tipo charlatão, palavroso embandeirava a farda em arco e fazia, de peliça triunfal, durante a guerra o «raid» amorosamente arriscado da rua do Ouro...

A eleição do novo Pontifice

Ontem foi o primeiro escrutinio

ROMA, 4.—Os cardeais que reuniram ontem para o primeiro escrutinio, assistiram antes disso á missa celebrada na capela Paulina pelo cardeal Vanutelli que lhes ministrou a comunhão.

Em seguida á missa foi o almoço e depois a reunião para o conclave.—(H.)

A multidão espera anciosa

ROMA, 4.—A multidão tem estado reunida na Praça de S. Pedro para aguardar o fumo anunciador dos resultados dos escrutinios.

Segundo o «Mundo» numerosos votos dos escrutinios da manhã de ontem foram dados aos cardeais Gaspari e Lualdi; outra parte a Laurenti e Lafontaine.—(H.)

Migalhas

Se ele viér...

Se ele, depois de nós pedirmos, implorarmos, suplicarmos de joelhos e arrancarmos o cabelo, mandar ao mano, ao Urbano ou ao Germano um telegrama dizendo: «Pois sim; mas é uma vez sem exemplo» proponho o seguinte programa de festejos:

1.º—Em todas as catedrais e mesquitas do Seu reino—exceção feita do Mesquita de Carvalho,—resar-se-hão «Te-Afonsus» em acções de graças. No «Seculo» serão em acções de Silvas Graças. Em todos os centros democraticos os oficios serão resados pelos que os não tinham, oficios, e hoje estão bem empregados, felizmente.

2.º—Para festejar o regresso do Nosso Pae Prodigo imolar-se-ha, entre outros carneiros, o Carneiro de Moura.

3.º—Quando atravez do nevoeiro se vir avançar o comboio que nos restitue Afonso, o Desejado, serão, contra todas as determinações dos militares que teem sido governadores civis, lançados morteiros e foguetes. Como o grande homem sofreu outr'ora da garganta—e foi das operações que lhe fizeram que resultou ele ter a goéla tão larga—lançar-se-hão tambem os petardos de clorato de potassa que houver em deposito.

4.º—Toda a população de Portugal irá espera-lO á fronteira. Quando o comboio entrar na estação e depois das forças vivas e classes dirigentes Lhe terem beijado os atilhos das ceroulas em sinal de respeito e veneração, a grei e outros admiradores ordinarios desatrelarão o vagon e tral-o-hão de rastos—ao vagon, é ola ro—até ao Terreiro do Paço.

5.º—Haverá em todas as capitais do distrito que o cortejo atravessar paragens para que as mulheres gravidas possam contempla-lO e isto para que os portugueses em embrião saiam formosos e parecidos com Ele.

6.º—No ano da Sua chegada, haverá feriado em todas as repartições e nos trez anos seguintes tolerancia de ponto.

7.º—O coupé 44, o eletrico do Dafundo e a carvoeira do Grande Hotel do Porto, serão considerados monumentos nacionais.

8.º—Emquanto Ele estiver a indireitar o paiz, a compor as finanças, a tratar enfim de deitar os gatos preciosos no alguidar nacional, todos estaremos muito calados, andaremos todos em bicos de pé para não O perturbar na sua tarefa. Apenas de quando em quando, rojando a face pelo chão, mormuraremos: «Afonso é grande e Urbano é o seu profeta».

9.º—Quando, no sétimo dia, Ele descançar a ferramenta e contemplar a sua obra, o «Mundo» reconstruido sairá com trinta e oito paginas a côres e distribuirá dividendo aos acionistas, para que se veja que não ha milagres impossiveis quando «Ele» quer.

10.º—Finalmente, como a abastança reinará nesta terra, os francos estarão a setenta reis, as pesetas a trinta e cinco, os marcos a quinze reis a duzia e a libra a tres tostões, iremos todos viver para Paris, deixando-o cá sosinho dentro deste paiz que legitimamente Lhe pertence e que ninguem mais do que Ele tem direito a gosar.

ANDRÉ BRUN

P. S.—Afinal não vem. Como vamos nós agora governar a nossa vida? E se fossemos todos lá buscá-Lo?

A. B.

Brindes

Da casa «O Chaves do Conde Barão», alfaiate mercador, recebemos dois calendarios de parede para o corrente ano, que muito agradecemos.

"OS SPORTS,,

O numero de amanhã deste bi-semanario ilustrado

Foi hoje posto á venda mais um numero de «Os Sports», o jornal da especialidade que nos seus trez anos de existencia, conseguiu as simpatias do publico.

O numero de amanhã vem com magnifica colaboração e largo noticiario do paiz e estrangeiro, devendo receber o acolhimento que dia a dia está tendo.

OS CRIMES DA NOITE TRAGICA

Não se passaram ainda os anunciados mandados de captura

Até ás 17 horas não tinham sido expedidos mandados alguns de captura contra quem quer que seja. Esta noticia foi-nos fornecida por pessoa com toda a autoridade para o fazer.

Continuamos, porém, a acreditar na quasi certeza de prisões de personalidades de relativo destaque.

Dr. Silva Ramos

Este ilustre clinico e nosso querido amigo, acaba de ser nomeado provedor da Santa Casa da Misericordia, logar ainda cheio das tradições que sugere o nome de Pereira de Miranda. Foi uma nomeação justa e com ela muito se honrou, sem duvida, a Santa Casa da Misericordia. Ao dr. Silva Ramos os nossos parabens.

Está iminente em França uma gréve de mineiros

PARIS, 3.—O ministro das Obras Publicas, Mr. Le Trocquer, vai realisar uma conferencia com os delegados das uniões mineiras de carvão, para tentar o ultimo esforço a fim de evitar uma proxima gréve mineira de carvão, que se vai proclamar como protesto á anunciada redução de salarios. No Anzin, Pas-de-Calais e nas bacias mineiras do Norte, os proprietarios das minas anunciaram a redução de salario de 5 francos para todo o pessoal de mais de 16 anos. Esta redução deve ser dividida em duas partes, a primeira na proxima semana e a segunda no dia 1 de abril. Alegam os donos das minas que esta redução de custo na industria hulheira francesa se torna necessaria para se poder competir com a Inglaterra. Os mineiros do Anzin votarão a gréve se subsistir a redução e identica resolução está sendo tomada em varias zonas carboniferas da França.—(Lat. Am.)

QUESTÕES DO DIA

O IMPOSTO DA FOME!...

A' medida que o tempo vai passando, vão-se-lhe conhecendo os efeitos...

Cá temos o carvão de pedra mais caro e com tendencia para ir subindo de preço, até não se sabe onde. E porquê? Por dois motivos:

1.º—porque o cambio piorou, subindo o preço da libra;

2.º—porque o «imposto da fome» ou segundo a terminologia oficial, o imposto do comercio maritimo, sobrecarregou o frete das mercadorias importadas.

Deixemos o primeiro factor, mas expliquemos mais uma vez, a mecanica do segundo, afim de tornar bem compreensivel a razão porque nos opozemos á efectivação do desastroso imposto, impingido a pretexto de protecção á marinha mercante nacional.

O «imposto da fome» é pago em ouro. Daqui resulta, evidentemente, que ha necessidade de comprar cambiais, no mercado interno, para satisfazer essa novissima exigencia do fisco.

Inventou-se, pois, mais um processo de comprar ouro na praça, que, sob a forma de imposto, o Estado arrecada Quer dizer: o Estado manda dizer de tempos a tempos, que não precisa, para as suas necessidades proprias, de vir á praça comprar cambiais; simplesmente, se ele, Estado, não vem, dá por si toda a multidão que emprega na arrecadação do «imposto da fome», que é ouro arrancado á praça e recolhido nos cofres do tesouro publico. Desta forma como diabo ha de melhorar o cambio, se o Estado tudo faz para que ele piore?

Temos, por outro lado, que o «imposto da fome» agrava o custo da mercadoria importada. O exportador vende-nos a mercadoria, fazendo incidir sobre o preço normal os acrescentos de frete, carga e descarga, estadias, etc.

E como tem que pagar um imposto especial para poder frequentar os portos do continente portuguez, alcavala oficialmente crismada, por sarcastica irrisão, do imposto do comercio maritimo, lança ainda para cima do custo já agravado da mercadoria com a importancia que desembolsará ao chegar a portos de Portugal. Quem no final, paga tudo, é o consumidor, quando adquire a retalho, o que necessita para ir prolongando a vida, já reduzida á mais simples existencia vegetativa.

Eis porque o carvão já está mais caro, com consequencias dolorosas para a economia das familias e possivelmente catastroficas para as actividades industriais da Nação.

Chá de Tolentino

O inquerito aos Transportes Maritimos do Estado terá a sorte ignorada de tantos outros?...

Recordamo-nos muito bem (embora já tenha decorrido bastante tempo) que um magistrado judicial foi encarregado de realisar um inquerito aos serviços anarquisados dos T. M. E. Supomos que a nomeação se fez quando ainda regia a pasta do comercio o sr. Vasco Borges.

Não sabemos ao certo, mas é de acreditar que esse inquérito tivesse sido iniciado sem detença, tenha prosseguido velozmente e até mesmo já terminasse.

Fundadas nestas premissas, cuja fraqueza real somos os primeiros a confessar, não cremos que seja estranhavel que perguntemos quais as conclusões a que chegou o ilustre juiz sindicante.

E isto pela rasão simplicissima de que raro é que um inquerito dê de si, a não ser para se lhe pôr ponto final, com uma portaria de louvor ao sindicado.

Somos, na realidade, um paiz originalissimo, sob certos pontos de vista. Em pleno Parlamento, o sr. Antonio Maria da Silva declara, por mais duma vez, que o paiz tem estado a saque; para ratificar tão grave afirmação descobre-se, a breve trecho, que a Administração dos T. M. E. fecha em pouco mais dum ano, com um «deficit» superior ao valor venal dos barcos da sua frota. Ao lado deste, outros escandalos rebentam. Fazem-se inqueritos sobre inqueritos.

Pois toda esta febre oficial de apurar quem são os prevaricadores resulta inutil, porque não consta que os criminosos, se os ha, fossem relegados ao poder judicial, para aplicação das sanções cominadas no codigo penal. Passar-se-ha coisa semelhante, em qualquer outro paiz do mundo?...

E' é bom que no relatorio final dessa sindicancia apareça apurado que especie de relações teve certa imprensa com os T. M. E.

AOS SABADOS

A Semana Literaria

Um livro de Julio Dantas desconhecido pelos portuguezes — Uma tentativa literaria interessante — Um nome de mulher que se firma e Luiz de Camões de chapeu móle e badine —eis o que nos dá a semana...

OS GALOS DE APOLO, por *Julio Dantas*, Ed. Portugal Brazil, 1922.

Sem sequer analisar a obra de Julio Dantas facil é constatar do seu valor rial pelos dois nucleos que se formam sempre em volta dum talento: os detractores e os imitadores.

Realmente nenhum escritor contemporaneo consegue ter uma vida literaria mais discutida, mais malquerida, nem maior numero dos «ramasseurs» de «bouts» que Barbey d'Amervilly conheceu caminhando afogueados a apanhar as pontas de cigarro de Voltaire... se este fumasse.

Julio Dantas foi por certo intencionalmente que abriu os seus «Galos de Apolo» com a ligeira cronica sobre os «Imitadores», e se por modestia ao abordar os «pasticheurs» de Junqueiro, de Eugenio de Castro, de Fialho e Antonio Nobre não colocou os jovens contemporaneos que imitam o seu ar evocativo, o seu estilo perfumado, o seu vocabolario elegante eles aparecem á fôrça da oportunidade flagrante dessa cronica numa actualidade literaria sem directriz definida.

Julio Dantas, artista trabalhando com o culto do seu trabalho, esforço pertinaz, meticuloso, constante, cinzelador de pequenas obras de paciencia, onde ha sempre um ligeiro fremito de arte, um sorriso de mulher, e uma «blague» dourada que sumbe ironica como uma aza dum bezouro, Julio Dantas dramaturgo das pequenas emoções, construtor dos pequenos crómos que Lisboa futil e amorosa adora, Julio Dantas, o cronista leve e erudito dos «fait divers» tão leves e transparentes que enfeixados conseguem o tipo de «livro ligeiro» que á visão de Nietzsche parece «que dansa», Julio Dantas tem um longo cortejo de imitadores, plagiadores, e consegue o extraordinario triunfo de ser o unico auctor português que vê em varias linguas e, o que é mais, em dezenas de maus versos, portugueses, a sua obra literaria traduzida. As parodias, as imitações ás suas pequenas «truvailles» dramaticas provam á popularidade do seu trabalho. E, pelo lado dos detractores não ha auctor mais combatido, abocanhado, ridicularisado; desde o inicio da sua carreira hostilisaram a sua forma literaria, o romantismo dos seus versos doridos, a sua figura original; á medida que a sua obra se multiplicou, intensificou, seguindo uma directriz, conquistando um logar primordial na literatura moderna avolumaram-se os inimigos, não tanto os antagonistas de escolas, nãe as rivalidades de colegas, mas os inimigos pelo seu triunfo.

Hoje, Julio Dantas derivando para a politica uma parcela da sua actividade faz editar apenas os seus apanhados de cronicas, como este «Galos do Apolo», ora aparecido.

Para uma figura que não tivesse a envergadura literaria de Julio Dantas, o volume seria quasi uma banalidade. Não tem um unico conto e encerra tão sómente elogios funebres de figuras portuguesas, noticias de quadros, que impressionaram o espirito do artista, silhuetas vinculadas em tons claros de aguarela, pequenas cronicas onde só ha o estilo, a forma caracteristica do autor do «Ao ouvido de Mme. X.» Tem interesse perpetuar esses pequenos detalhes e subsidios para a anunciada historia da nossa epoca. E é desse brilho de forma, duma esthetica completa na sua frase clara que sai a belesa do «Galos de Apolo» como da sua elegancia nasce o atractivo para o seu grande publico feminino.

Watteau, diziam os Goncourt, fazia uma natureza mais bela que a Natureza. Quando leio Julio Dantas, lembra-me de Watteau, dos seus assuntos de comedia italiana, as suas festas galantes, dos seus scenarios em poalha dourada e das figuras gentis em movimentos de graça, e elegancias. Julio Dantas tem apenas na sua paleta côr de rosa.

OS OLHOS CINZENTOS, por *João Ameal*. Ed. Lumen. Lisboa.

Eu podia transcrever para aqui o interessante proemio da novela «Os olhos cinzentos», pôr de baixo um «está conforme» e o leitor teria feito a critica sob todos os pontos de vista, ao novo trabalho de João Ameal.

O autor, bom rapaz, espirito vivo, scintilante, quiz poupar esse trabalho aos jornalistas, e detalhou-se em analise á forma, ás figuras, á idealisação da sua novela, de tal maneira que nada mais ha a acrescentar ao que ele disse. Podia suceder que para substituir a critica tivessemos que nos referir—á semelhança de tantos outros colegas—ás qualidades simpaticas do autor, á sua evolução literaria, ao seu relevo artistico. Mas nada temos a acrescentar ao que ha pouco tempo dissemos sobre a «Semana de Lisboa». «Os olhos cinzentos» não marca uma evolução; pelo contrario o autor segréda-nos que foi esta a primeira obra tentativa literaria dos seus verdes anos e que dormindo um tempo mais ou menos longo num arquivo injusto foi inopinadamente posta na scena da publicidade para preencher o intervalo até obra moderna onde já ha «um fundo de ideias, um assomo vibratil de intenções». E aqui caimos nas proprias palavras de João Ameal.

Para não reincidir-mos, para não dizermos que nos «olhos cinzentos» não «ha uma unica pagina de verdade», e que os seus personagens «não falam como na Vida—mas falam como na Arte—» preferimos frizar que esta novela vibrante de modernismo, hiper sensibilisada, cheia de estilo, «guinhol» de bonecos talhados á epoca, onde perpassa um frémito das nevroses actuais, sendo como se diz o primeiro esbocelo, o primeiro trabalho dum artista é a melhor prova do seu valor, cujas qualidades condensadas na forma estreita e curta da novela se irrompem já e mais se desenvolverão no futuro.

João Ameal é o escritor fulgente e audacioso da geração actual, que, oxalá, saiba sempre pôr ao serviço da literatura o seu talento e o seu valor.

LUSA EPOPEIA por *Quirino de Jesus. Ed. do autor. 1921.*

Eu não compreendo como com as batatas a 6 tostões, a greve dos electricos e a falta de casas, se façam poemas heroicos, camonianos, começando por um enfatico e epico

> Venho cantar a historia memoravel,
> Que o valoroso povo Lusitano,...

Poema heroico é a nossa vida; quem lê, quem pode suportar est'outra epopeia em décasilabos sonantes, trilhando os mesmos passos dos «Luziadas» cantando a Inez posta em desasocego por tantos vates, o Toque da Trombeta e todo o longo rozario de façanhas destemidas que não nos livraram do cambio a 4?!

A' paciente e patriotica obra do sr. Quirino de Jesus, não corresponde ingratamente da minha parte o devido apreço. Os poemas heroicos, as epopeias em verso querem o autor de coroa de louros sobre os cabelos; o sr. Quirino de Jesus, novo Camões de colarinho mole, chapeu de côco, malva e galochas, é uma «avis rara» na população lisboeta. Deu cabo da mitologia e modernisou para o cristianismo a base moral do seu poema. Ficou porém eminentemente desnaturalisada, bafienta a «Lusa Epopeia», verdadeira catadupa de palavras, estrofes altisonantes e inuteis. Ninguem lê! Palavra, ninguem lê. O futuro, quando as gerações vindouras nos forem buscar sob o pó dos arquivos, poderá talvez prestar homenagem ao sr. Quirino de Jesus. Os contemporaneos não. São ingratos. O pior é que o autor nos prometa o... 2.º volume da obra.

FERNÃO DE MAGALHÃES, por *Antonio Ferrão*. Ed. do Instituto de Missões Coloniais.

Da colecção portugueses, ilustres, já publicado «Gomes Freire», saiu agora o volume pertencente a Fernão de Magalhães. Por varias vezes nos temos referido á obra do academico Antonio Ferrão, salientando a honestidade dos seus trabalhos, a erudição das suas palavras, o estudo elevado dos assuntos que versa. Não temos que nos desdizer ante a obra critica sobre Fernão de Magalhães, estudo de investigação que é ao mesmo tempo uma boa pagina da nossa historia.

ARMANDO FERREIRA.

REGISTO DE ENTRADAS

«Viver», por Assis Esperança
«Bucolica», por Vieira de Almeida
«Sidonio na Lenda», Antonio Albuquerque

Em Berlim

Os telegrafistas vão para a gréve

BERLIM, 4.—Os telegrafistas ameaçam abandonar o trabalho e a cidade está ameaçada pela fome por falta de comunicações. Espera-se qualquer solução da conferencia que deve realisar-se esta noite entre o chanceler Wirth e os esforços da Federação do trabalho e uma comissão de grevistas. Ha uma reacção nacional contra o presidente, pois nem o proprio governo do kaiser teve nunca uma atitude tão irredutivel para com as classes trabalhadoras.—(Lat. Am.)

A POLITICA INGLESA NO ORIENTE

LONDRES, 4.—Os jornais ingleses continuam a fazer resaltar que a politica britanica ainda permanece a mesma na questão do Oriente, isto é, que o governo britanico deseja sobretudo a união de frente das potencias da «Entente».

Desmente-se, como fôra sugerido pela imprensa franceza, que haja qualquer acordo com Gounaris que determine a atitude da Inglaterra»

Hounris visitou Paris, Londres e Roma e apresentou os seus pontos de vista deante dos trez governos.

Julga-se que a sua actual permanencia em Londres obedece a intuitos financeiros.—(R).

A Russia Vermelha

Desejo de aprender francez—Boas Novas—O peor—Taboa de salvação—Ultimo adeus a Voronège—Moscow—Almoço: 29:000 rublos—Saudade—Uma amiga!—A re'atividade na desgraça—Em casa de alemães—O martirio das repartições—O roubo—Resignação—Partida—22 passageiros—Uma só locomotiva!—Cosinha primitiva—Petrogrado—A experiencia—A fronteira—Auto-de-fé—Revista completa—A felicidade da modestia—Finlandia—Bondade femenil

E assim viviamos nos, as mulheres vendendo uma a uma todas as bugigangas e roupas. Quanto a mim não tenho muita razão de queixa, porque, embora me faltassem as familias a quem eu dantes ensinava o francez, depois do meio dia não tinha descanso: os bolchevistas provaram, tinham uma verdadeira ancidade em aprender a minha lingua, pagando-as em especies: uns davam-me o almoço, outros o jantar, outros ainda roupas e calçado velho, cubiçado pelas meus olhos, que os descobriam a um canto ao abandono.

Apesar disso, custava-me bastante: era um trabalho superior ás minhas forças ter que ir dum extremo ao outro de Voronège e sempre a pé. Os carros e os electricos tinham sido abolidos. Mas eu sacrificava-me, porque os bolchevistas passavam muito bem com uma alimentação diaria que nem com o ganho de um mez de trabalho, pago em rublos, eu conseguiria. Ah! que eles dispõem de tudo quanto necessitam!

Eu estava a acostumar-me áquela vida de continuas emoções, quando um belo dia me segredaram que em Moscow estava-se a formar uma leva de repatriados, isto é, de estrangeiros, que desejavam abandonar a Russia e voltar para o seu paiz.

Podi, imediatamente, uma licença para partir para Moscow. E responderam-me:

—E' preciso uma autorisação especial; só pode sair de Voronège quando lh'o permitirem, e alem disso, tem que pagar as despezas da viagem que é o peor.

* * *

E tinham razão; a viagem é o peor, já pelo seu preço fabuloso, já tambem pela excessiva raridade de transporte, atendendo á falta de material.

Que fazer? Matei-me a pensar na resolução do problema até que a sorte me apresentou uma tábua salvadora. Foi um engenheiro (comunista), amigo de um dos meus alunos (comunista tambem), a quem relatei todas as minhas preocupações.

—Uma atrapalhação, emfim.

—Não acho—respondeu ele.—Se quizer aceitar os meus prestimos, talvez tudo se arranje. Demais, tenho que partir para Moscow numa missão melindrosa. Se não lhe fôr repugnante, passará por minha esposa. Deve? Se aceita vou requisitar um passaporte para você.

E inutil dizer que aceitei. Demais foi-lhe facil arranjar tudo, nem sequer tive de me apresentar ao Conselho sovietico.

Venci tudo! Fiquei sómente com um saco de viagem e uma caixa de chapeu muito grande.

—As minhas impressões? Nem sei. Foi como se acordasse de um sonho mau, de um pesadelo horrivel, quando chegou para traz e vi os casas de Voronège desaparecerem uma a uma. Para a frente era a liberdade, o normal.

* * *

Chegada a Moscow, abandonei o meu companheiro de viagem e dirigi-me a um restaurante. Por um modestissimo almoço exigiram-me a exorbitancia de 29.000 mil rublos. Ah! que a vida era mais bem cara que em Voronège e, coisa incrivel nasceu em mim uma pontinha de saudade pela cidade onde eu presenciara tantos e tantos horrores o houve qualquer coisa dentro de mim que me dizia:—Voronège é bem melhor! Acaso não parar as tuas economias?... ultras terras... E fiquei longo tempo, olhos no vago e cotovelos apoiado na mesa do pequeno restaurante, a pensar-se, na verdade, eu teria feito uma tolice!

Passei muito tempo pelas ruas da cidade dantes dos czares, em procura dum alojamento acessivel á minha bolsa, quando ouvi que chamavam pelo meu nome:

—Ah! «mademoiselle» que felicidade em a encontrar aqui! Que faz em Moscow?

Era a prima duma senhora de Voronège que eu leccionára antes da revolução.

Contei-lhe a minha historia e ouvi a dela, que era incomparavelmente mais triste e dolorosa, porque era intima tragica e luctuosa. Que de mortos, meu Deus!...

—Fuzinou!
—Fusilado!
—Cerrado?
—Morreu de desgosto!
—E o irmão?
—Morto pela miseria!
—E a sr.a D...?
—Doida...

Quantas pessoas conhecidas que ainda ha pouco se desgraçavam tinham arrebatado! Ah! que era bem feliz se comparasse todas as minhas dores com a narrativa simplesmente de tantas amarguras! Demais é sempre assim. Do mesmo modo que «ao sol trouxe tudo o plus sal qui l'admire», assim também encontrámos sempre quem tenha sofrido mais do que nós, por maiores que nos pareçam as nossas amarguras. E' sempre assim.

* * *

A minha amiga não consentiu que eu fosse para o hotel, levando-me para a sua casa, onde fiquei uns oito dias, tempo que aproveitei em procurar uma cabanasita, para que não me sorrasse pousada aos meus amaveis e hospitaleiros arruinados.

Consegui um quarto á altura dos meus desejos, em casa de uns alemães (marido e mulher), que viviam em uma melhor que era ainda naquelas vagas.

O que outro mister nunca lh'o consegui descobrir, apesar de toda a minha curiosidade.

Então é que pude tomar a peito a repatriação. Que de tempo perdido! Pedidos sobre pedidos de passaporte, repetidos e prolongadas esperas em não sei quantas repartições, discussões, zangas e tudo o que num paiz normal se dá um pouco e que toma o maximo incremento nessa nação completamente desorganisada.

Emfim, após um mez de doidas correrias por Moscow, de administração em administração, de repartição em repartição, consegui o desejado e valioso passaporte.

Na vespera de partir, a alemã roubou-me os dois unicos pares de meias e o unico casaco que eu possuia. Quando me fui queixar á milicia, os oficiais responderam-me simplesmente:

—Já que vai partir, ate é um bem: vai mais leve;
—Mas...
—Cuidado!... lembre-se que ainda fica mais alguns meses... Cuidado!

Que responder? Resignei-me e aceitei o conselho, foi boa conselheira.

* * *

E eis que partimos. O comboio compôs-se de 22 pessoas, entre os quais dois casais inglezes e italianos, isto é, descendentes de inglezes e de italianos.

E eis que partimos á trouxe-mouxe, encerrados num vagão para transporte de gado.

E' tal a penuria de material que uma mesma locomotiva serve para o transporte de varios comboios. E assim era que nos arrastava cerca de 160 kilometros e deixava-nos no meio do campo 6 e 8 horas, até dia em uma noite enquanto a nossa locomotiva era atrelada a um outro comboio que havia de sofrer o mesmo. Era um inseio que se repetia constantemente, de maneira que a viagem era incomfortavel, tanto mais desagradavel porque dormiamos no soalho do vagão, esse viagem que não devia durar mais de trez dias, atingiu o maximo de dez. E, como não iamos preparados para tantas demoras, as nossas provisões acabaram-se e suportamos a fome por trez ou quatro dias.

Felizmente que agua não nos faltou porque, de cada vez que paravamos, dois homens, nossos companheiros de viagem iam buscal-a, assim como madeira para cosinharmos as migalhas ainda nos restassem.

* * *

Chegados a Petogrado renovamos a nossas provisões, mas abundantemente—na abundancia permitida pelas nossas bolsas—pois que não sabiamos ao certo quanto gastariamos na nossa viagem.

A experiencia de tantos e tantos sofrimentos ensinou-nos a prudencia como um dos melhores bens da terra, o unico com que podemos contar para vencer na vida.

As duas amarguras que ficaram para traz tinham-nos ensinado a não desconfiarmos do amanhã, que, quasi sempre, nos aparece, muito ao contrario dos nossos desejos e dos nossos pensamentos.

* * *

Antes de passar a fronteira russa, para a Finlandia, nós e as nossas bagagens—tudo, emfim, foi submetido ao mais minucioso dos exames. As fotografias de parente ou de pessoas amigas que nos encontraram, foram olhadas uma a uma e impiedosamente queimadas aquelas que mostravam alguma semelhança com bolchevistas.

Uma senhora que parecia pertencer á aristocracia e que possuia um passaporte para deixar a Russia, foi despida completamente e teve de sofrer uma minuciosa revista para ver se não levava pedras preciosas.

A nós, pessoas simples e de aspecto menos inquietador (feliz mediocridade!), despiram-nos sómente até á camisa, descalçaram-nos e obrigaram-nos a soltar os cabelos.

* * *

E eis que terminou uma das paginas mais horriveis, que pelo seu feitio, não posso riscar da consciencia. Conserva-se clara, muito clara, desde o momento em que rebentou a revolução até á hora feliz em que me vi fóra da Filandia, pequeno paiz alegre e proprio para viver!

Talvez assim pense, porque foi enorme a minha impressão de felicidade ao ver-me, depois de um sonho agitado, pesadelo terrivel em que os nervos comandavam todas as acções, ao ver-me, emfim, num paiz normal, habitado por pessoas normais!...

* * *

E assim terminou a narrativa da amavel francesa, que nos contou todos os horrores russos com o maximo de feracidade, de vez em quando coloridos por uma tonalidade imprecisa e vaga dos seus sentimentos. E' mulher, e pois que a mulher muita vez procurou atenuar os males que viu com uma frase de perdão, ou de indulgencia christã.

Factos e palavras

DAQUELA LINDA LOIRINHA

Ha coisa de um ano e mezes encontrei no Campo de Sant'Ana uma pequena loira que chorava. Os seus olhitos marejados de lagrimas olharam-me curiosamente e cheios de desconfiança, aquela desconfiança que lhe dava a minha capa negra de estudante.

Seriam, quando muito, sete horas da manhã. Eu regressava a casa honestamente depois de uma noite perdida ...a estudar.

E' certo sentimento cristão que habita no meu peito levou-me para junto dela. Ofereci-lhe o meu auxilio naquela aflição em que ela se encontrava.

Depois de um quarto de hora de incertezas, em que ela erguia para mim os seus olhitos duma grande doçura, resolveu-se por fim a escolher-me como bom amigo e a contar me a sua historia...

Como era fatal foi uma historia de mulher, entrecortada de saluços, e de desfalecimentos, de repentes de brio e de orgulho.

Foi toda uma historia de amor, uma historia de rapariga loira com desoito anos.

Entrei em casa era meio dia, moido, cansado com a tremenda responsabilidade do futuro dessa pobre rapariga que se entregara nos meus braços e me elegera seu conselheiro.

Não direi a ninguem quais os conselhos que lhe dei. Durante um ano vi-a quasi todos os dias. Depois sahi a férias, andei pelas provincias, deixando-a ficar, quando parti, al m d'uma enorme saudade, os meus melhores conselhos.

E hoje tenho a consciencia tranquila e um grande bem estar dalma.

Depois de a não ver desde a minha partida, encontrei-a ha dois dias em S. Carlos.

Acompanhada por um cavalheiro de aspecto respeitavel a sua modicade revivia num delicioso decote lilaz. Um brilhante brincava-lhe no peito. E na mão esquerda um rubi que eu lhe dera numa noite que não esqueço.

Ao fitar-me, teve um movimento de surpresa seguido dum sorriso encantador.

Fiquei contente. E' sempre encantador poder gosar a paz da consciencia...

BOTTO DE CARVALHO.

* * *

Um conhecido milionario chinez acaba de comprar uma joia, que estava guardada em casa de um joalheiro de Shangae e tem uma historia curiosa. A pedra em questão é o maior diamante que existe na China e pertenceu a falecida artista francesa Gaby Desby, depois de ter adornado as mais formosas mulheres da China francesa. Tem 102.63 quilates e mais de uma polegada de diametro, tendo vindo ha pouco de França para a China, onde a sua fama depressa se espalhou, apesar de nunca ser exposta com receio de um roubo. Esta curiosa joia foi ha muitos seculos colocada na fronte de uma deusa egypcia que passava por exercer uma grande influencia nas guerras do velho mundo. Foi agora vendida por 12500 dolars, essa muito menor o seu valor se a côr fosse mais perfeita e a forma redonda em vez de ser um oval irregular.

* * *

Em Paris mais de 500 mulheres teem sido vitimas de atentados com vitriolo e calcula-se os prejuisos causados aos casacos de peles em 200000 libras. Uma senhora ao entrar num taxi extranhou o cheiro e notou que haviam espalhado em todo o carro grande quantidade desse acido corrosivo. No Boulevard St. Germain deram-se numerosos atentados. Uma das vitimas ficou tão ferida numa perna que teve de recolher ao hospital. A policia vê-se em sérias dificuldades para encontrar os criminosos que devem ser uns maniacos ou malvados que trazem seringas nas algibeiras para injectarem imperceptivelmente vitriolo ou acido cloridrico nas vestes das senhoras que passam.

* * *

O ano novo chinez que começa no dia 30 de janeiro foi festejado com o mesmo ceremonial como se imperasse ainda o regimen «manchú».

Os caminhos de ferro reduziram ao minimo os seus serviços, os bancos fecharam cinco dias e os jornais não se publicam durante 10 dias.

* * *

O Ministerio da Aviação de Londres decidiu estabelecer uma estação em Thocks no centro de Londres.

O local será provavelmente perto do edificio do Parlamento.

A fundação deste aerodromo central facilitará grandemente os serviços aereos entre Londres e as outras cidades, porque evitará uma viagem que se deva fazer de Londres para a estação de Croydon que se encontra a dez milhas da capital.

Por sua parte parece que o Ministerio da Aviação francez construirá um campo de aterrissagem sobre o Sena, ao meio de Paris. As duas capitais, inglesa e francesa estreitar-se-iam assim muito mais.

O novo aerodromo do Tamisa será preparado para aterrissagens durante a noite. Será instalado um farol e as casas circunvisinhas serão iluminadas na sua parte externa com lampadas electricas vermelhas.

E' preciso preparar as gerações futuras...

ENSINAR! ENSINAR!

Em Portugal ninguem estuda para saber.

A semelhança do estrangeiro, e para obedecer a uma copia servil que é apanagio das gentes dos governos, foram entre nós estabelecidos os cursos livres no ensino superior, como mais compativeis com o regimen de liberdade em que vivemos.

Como sempre quando se trata de liberdade, esta é ministrada em doses excessivas, e dai uma indegestão de funestas consequencias no presente e no futuro.

Foi o que aconteceu, no que diz respeito aos cursos livres.

Lá fóra existem, grita-se por ai aos quatro ventos. Agora o que ninguem quiz ter em linha de conta, foi o nosso temperamento naturalmente arredio das coisas do espirito e a tristissima preparação mental dos rapazes, que saem dos liceus.

E' certo que os liceus de Lisboa são hoje instituições quasi modelares, se as compararmos com o desleixo habitual das coisas publicas, mas os liceus da provincia e ilhas estão ainda muito aquem de formarem o espirito do aluno, com uma preparação que o permitam livremente seguir os seus estudos.

Entre nós o objetivo é, principalmente, passar. Para isso os pais dos meninos, que se importam pouco que eles venham devidamente preparados para a vida, farejam por todos cantos, em busca do liceu onde uma benevolencia não te rales, cobra com a benção do atestado do curso, a enepcia e falta de aplicação dos seus rebentos.

Os rapazes engrolaram á pressa doze duzias de materias bem variadas, tateando nos exames em respostas mal seguras, e á lufa lufa são matriculados nas Universidades.

Ai se é medecina o curso escolhido, teem ainda a obrigação das aulas praticas e a aplicação de uns tantos trabalhos para obterem frequencia, mas se é nos outros cursos que desde «foot ball», «sport» até ao atrio da Faculdade, quando não se erguem da cama lá pelo dia alto.

Em resultado o estudo pratico que já não abunda nos programas, deficientes para as exigencias de hoje, não é nenhum.

Dai os rapazes virem para a vida sem preparação alguma, com o canudo de lata com a carta de bacharelato, e sem saberem em que ganhar a vida.

Do vasto programa ficaram, umas têrias, que depressa se esquecem. Palavrorio dos gordos praxistas, trazalhões de sebenta que para nada servem.

Lá fóra o aluno sai do curso com a consciencia do que vale, e com a certeza de ganhar a vida em qualquer parte. No entanto os cursos são livres, dir-nos-hão. Mas os temperamentos são outros, menos impulsivos, mais analiticos, propensos ao estudo e á investigação scientifica. Estuda-se por curiosidade e por prazer. Entre nós estuda-se por obrigação, sem metodo e sem preparação conveniente. O objectivo é passar para agradar á familia, e para ajudado pela protecção do padrinho, se anichar no emprego publico rendoso, e sem massadas.

O estudante nunca tem a consciencia de que pode e deve contar consigo na vida.

Farto de ver vencerem os cabulas e os cretinos, despresa as horas do estudo consciencioso, como um sacrificio inutil da sua mocidade.

O final do curso chegará como chega a tantos outros. O que é preciso é saber esperar, e no tempo oportuno decorar umas rezas obrigadas para satisfazer nos exames.

Por esses tempos sua, e tresua, manda ao diabo a ideia de ser doutor, mas num esforço supremo estuda, isto é, méte a martelo o programa, que os lentes exigentes não perdoarão. O interesse desapareceu.

—Isto é uma massada horrivel. Se me vejo livre deste!

Estas frases saem da bocca da maioria. Do outro lado fica uma minoria insignificante, que sem mocidade, vai decorando todo o ano os tratadistas aconselhados.

Estes são os chamados bons estudantes, que quasi sempre são os primeiros a sucumbir na vida.

O nosso mal dos nossos cursos, é serem absolutamente teoricos (medicina aparte).

A vida está completamente divorciada do curso, não é nunca uma continuação deste.

No curso estuda-se para passar; o resto aprende-se cá fóra.

E' o criterio de todos, assente ha muito tempo.

Em resultado só triunfam na vida os que á saida dos cursos teem um bom arrimo, que os inicie no outro curso no grande curso de saber viver e ganhar o pão de todos os dias melhor de que os outros. O curso foi simplesmente o noviciado necessario para adquirir um titulo. Foi unicamente para isto que cinco longos anos gastaram as solas das botas por essas ruas.

A vida de amanhã todos o sabem, será essencialmente pratica. Venceram os que tiverem maiores faculdades de trabalho, a maior soma de conhecimentos aplicaveis ás mil engrenagens sociais.

Em todos os cursos, se preparam simplesmente maquinistas, para movimentarem a grande maquina da vida.

As velhas teorias morreram. Os que ainda se agarram a elas cegamente, acordarão amanhã envelhecidos, e espantados de não terem ainda vivido.

Formarão então na legião imensa dos vencidos, dos que por terem querido explicar a vida teoricamente, se esqueceram de viver.

Sempre que nos reportamos ao problema da instrução, o grande problema nacional, não podemos deixar de causar a deficiencia dos cursos superiores no que diz respeito a ensino pratico.

E' preciso que este ensino seja um facto; não uma repetição absurda das aulas teoricas mas uma reprodução tanto quanto possivel exacta da grande aula da vida.

Sem isso o bacharel continuará a ser entre nós, um ser pretencioso, que papagueia teorias absurdas, em demanda de um emprego publico.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã

Damos a seguir, completo, o belo programa do magnifico concerto de amanhã no São Luiz, da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, em que toma parte a eximia pianista D. Irene Gomes Teixeira, notavel discipula do professor Rey Colaço:

1.ª parte—I «Sinfonia Incompleta», Schubert; a) Allegro moderado; b) Andante com moto; II Don Juan, poema Sinfonico, Strauss.

2.ª parte—III «Concerto em sol menor» Sanis-Saens, para piano e orquestra, piano D. Irene Gomes Teixeira.

3.ª parte—IV «Manfredo, entreato Reinecke; V «Benvenuto Cellini, ouvertuce (1.ª) Berlioz. A orquestra é aumentada conforme as exigencias das partituras.

Vice-almirante Machado Santos

Reuniu ontem a comissão encarregada do levar a efeito a construção do mausoléu destinado a guardar os restos mortais do fundador da Republica Portuguesa, o vice-almirante Machado Santos, tendo tomado conhecimento de varias e importantes dadivas, ofertadas por algumas casas bancarias, companhias e particulares, contando-se nesse numero a casa Carvalho Santos & C.ª, Sociedade Industrial Portugal e Colonias, Agreli Teves, de Ponta Delgada, um grupo de amigos da mesma ilha, da casa funeraria Magno, Eurico Cameiro, dr. João Gonçalves, etc.

Ficou exarado na acta um voto de agradecimento a todos os subscritores, e bem assim resolvido agradecer-se aos mesmos.

Pede a comissão a todas as pessoas, casas bancarias, Companhias etc., a quem foram endereçadas cartas, o favor de enviarem a sua resposta para o tesoureiro da comissão, Rua de Vinte Anos, 300.

ULTIMA HORA

POLITICA

A CRISE

O sr. Afonso Costa declinou o convite para chefiar o novo governo

Depois do meio dia chegou a resposta do sr. Afonso Costa ao convite que lhe dirigiu o sr. Presidente da Republica para presidir ao novo gabinete.

Essa resposta foi, como se previa, absolutamente negativa.

O despacho que o sr. Afonso Costa se dignou enviar ao Chefe de Estado é extremamente lacónico, a avaliar pelo numero de palavras do texto, que, alias, é redigido em cifra numerica.

E agora?

Segundo a versão mais acreditada nos meios politicos, o Chefe de Estado encarregará, ainda hoje, o sr. Antonio Maria da Silva de constituir governo. Se assim acontecer, o novo gabinete deve ficar organisado esta noite, tomando posse amanhã, para o que se publicarão, em suplemento ao «Diario do Governo», os diplomas de exoneração do gabinete Cunha Leal e de nomeação do ministerio Antonio Maria da Silva.

Mas ha quem duvide...

Entretanto, nem todos os politicos dão inteiro credito a esta forma de resolver a crise, continuando a falar-se na possibilidade dum ministerio mais ou menos extra-partidario, sob a presidencia dos srs. Augusto Soares, Herculano Galhardo ou Agatão Lança. Insistimos nesta versão, apesar de já a ela termos feito singulares referencias.

Um novo factor

pode ter surgido esta tarde, modificando o aspecto da situação politica. Efectivamente, as 16 horas foi urgente e inesperadamente convocado um

Conselho de Ministros

que reuniu no salão da Presidencia do Ministerio e que ainda não terminou á hora em que nos vemos obrigados a encerrar as nossas notas.

Este conselho de ministros, convocado extraordinariamente, despertou a atenção dos frequentadores dos ministerios. Notou-se que as portas interiores do salão foram fechadas, por forma a tornar impossivel qualquer indiscreção. Ora nunca isto se fez.

Terá surgido, por acaso, um factor novo, que tão preocupado deixará o governo demissionario? Eis uma pergunta a que só o tempo poderá dar cabal resposta.

Talvez se trate—quem sabe?—de examinar a possibilidade da continuação no Poder, por mais algum tempo, do gabinete Cunha Leal. A hipotese era admitida por alguns; mas, em abono da verdade, era negada por outros e nós pertencemos ao numero destes ultimos.

Emfim, e para terminar, recordemo-nos duma frase, empregada pelo general Pimenta de Castro para dirigir o indefectivel: «Deus super omnia...»

A versão da Arcada

O sr. dr. Afonso Costa já respondeu ao telegrama em que o sr. presidente da Republica o convidara para vir organizar ministerio. O sr. dr. Afonso Costa, alegando varias razões declinou o convite. Depois do sr. dr. Antonio José de Almeida ter recebido o telegrama, conferenciou com o sr. Cunha Leal, por largo tempo, e á tarde reuniu na secretaria do interior o conselho de ministros, afim de se ocupar de assuntos respeitantes á crise, havendo quem afirme que o sr. dr. Cunha Leal foi convidado para continuar na presidencia do ministerio.

A greve dos ferro-viarios na Linha do Estoril

Actos de sabotagem

Embora os jornais da manhã noticiassem que fôra declarada pelas 5 horas da manhã de hoje a greve geral do pessoal ferro-viario da Sociedade do Estoril, sabemos que a greve é apenas parcial.

O comboio n.º 1, que do estação do Caes do Sodré, parte para Cascais a (...), foi descarrilado entre a estação de Caxias e Paço d'Arcos.

Descarrilou a maquina e duas carruagens de 3.ª classe.

Apoz o sinistro compareceram no local o engenheiro e director sr. Manuel B lo e o encarregado da via.

O maquinista e o fogueiro chamam-se respectivamente Santos Velhinho e Manuel Mário.

Felizmente não houve vitimas a lamentar.

Mais tarde foi tambem descarrilada uma locomotiva em Cascais, dizendo-se que hoje á noite não haverá nenhum comboio naquela linha.

POEIRA da ARCADA

Esta-se procedendo a uma sindicancia ao 6.º grupo de metralhadoras, em Bragança, acerca de um desfalque superior a trés contos.

◆ ◆ ◆

Foi nomeado administrador do concelho de Aldegalega, tendo já tomado posse, o sr. Albino Maria d'Figueiredo.

◆ ◆ ◆

O sr. Vitorino Guimarães tomou hoje posse do cargo de director geral de estatistica.

◆ ◆ ◆

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 28 de janeiro ultimo, manifestaram-se em Lisboa 9 casos de difteria, 1 de tifo exantematico, 3 de febre tifoide, 1 de meningite e 15 de variola.

◆ ◆ ◆

Com o sr. Comissario dos Abastecimentos conferenciou hoje o sr. Raul Esteves dos Santos, secretario do sr. governador civil.

◆ ◆ ◆

Com o chefe do distrito conferenciou hoje o capitão de mar e guerra sr. Soares Andrea.

Principio de incendio

Cerca das 9 horas da manhã de hoje manifestou-se incendio numa fabrica de chapeus, sita na rua do Ouro e pertencente ao sr. Jaime Marinho.

Embora o fogo logo fosse extinto com a comparencia de bastante pessoal e material dos bombeiros arderam ainda bastantes artigos de palha, sendo os prejuizos de certa importancia.

Maquinistas fluviais

Continua sem solução a gréve dos maquinistas fluviais.

Com a Empreza Central de Pesca a Vapor, L.da conferenciou esta tarde uma comissão delegada dos grévistas.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

7631	60.000$00
2982	10.000$00
1943	4.000$00
4293	2.000$00

Teatro São Luiz
Companhia de Opereta
Armando de Vasconcelos
da qual faz parte a actriz *Ausenda de Oliveira*
Grandioso sucesso
Ultimas representações
A festejadissima opereta
A MORENINHA
CARNAVAL DE 1922
Alegres espectaculos e deslumbrantes «Bailes de Mascaras» no domingo 19, sabado 25, domingo 26, segunda-feira 27 e terça-feira 28. Bilhetes desde já á venda.

TEATRO

APOLO—P. A. M., *revista em 2 actos de Lino Ferreira, Xavier de Magalhães e Eduardo Reis (pai).* : : : : : : :

O «Pam» meteu agora tres pontinhos, a Dantas era «Pam» na nova edição aparece P. A. M. desordenadamente.

Em revista só aceitamos o que é descarado.

Henrique Alves esteve bem, alegre, vivo, foi um compère «Pam... dego» soldado e ainda é sempre um assobio para valesca de policia, uma gaita popular feita de uma cana rachada; agradam-nos sempre o seu comico ingenuo e os seus tipos popularissimos.

Justina de Magalhães—onde ela anda—tem um logar de destaque, de distinção até na revista. Maria de Lourdes, que vimos pela primeira vez, não canta, encanta. E se juntar nos alguns papeis por Rosa Martins, Dora Vieira, Maria Alves, se nos recordarmos da musica de Luz Junior e Vasco Macedo, toda em repucho da rua, em toadas que ficam no ouvido, temos todos os elementos que fizeram as palmas de hontem.

Scenarios, guarda-roupa, já vistos da primeira serie e coristas... Nesta altura, como os autores, pomos tambem tres pontinhos.

A. F.

Luz Junior

O distinto e inspirado maestro Luz Junior que, em tantas peças, tem afirmado o seu grande talento, realisa hoje no Apolo de cuja orquestra é regente, a sua recita anual que a

empreza, em homenagem á sua excelente cooperação lhe oferece com a 2.ª representação nesta epoca da esplendida revista «P. A. M.» que tão grande renome alcançou na ultima temporada.

Noticiario

Do sr. Eurico Roggio, artista lirico, recebemos um cartão de cumprimentos que muito agradecemos.

—A actriz Lucilia Simões faz a sua festa no Politeama com a reprise de «A Rajada».

—A tradução da peça «Ela por ela», em ensaios no Politeama para o Carnaval, é tradução de Alberto Morais e Mario Duarte.

—Para a vaga de Lucinda do Carmo no Conservatorio consta que irá a atriz Irene Grave.

Para as crianças de «A Capital»

A luz azul

Era uma vez um soldado que tendo servido muitos anos o seu rei e entrado em muitos combates, recebeu tantos ferimentos que ficou quasi impossibilitado de trabalhar.

Quando, terminado o praso do seu serviço, se apresentou para receber a reforma, mandaram-no embora, dizendo que naquele paiz só se pagava a quem trabalhava.

O pobre homem sentiu-se muito com esta injustiça, e, sem saber o que fazer á sua vida, resolveu ir para a sua aldeia, e como não tinha dinheiro algum, foi fazendo o seu caminho a pé.

Ao passar por uma floresta viu uma casa muito velha, quasi a derruir e como se sentia cançado bateu á porta para pedir pousada.

Apareceu-lhe uma velha feia, magra, esqueletica, com um nariz adunco e os cabelos em pé, que lhe preguntou, com uma voz roufenha de fazer médo, o que queria.

O homem explicou-lhe que queria descançar e que não tinha no bolso um centavo.

A velha ia fechar a porta e deixa-lo ao frio, sem lhe dizer nada, mas lembrando-se que ele lhe poderia ser util em casa, deixou-o entrar e indicou-lhe um monte de palha a um canto, para ele pernoitar.

No dia seguinte quando ele ia a despedir-se, a velha disse-lhe:

«Olhe, se quer ficar mais um dia, fique, mas ha-de cavar-me a horta.»

O pobre soldado como não tinha que comer resolveu aproveitar o oferecimento e lá foi cavar a horta em troco de um magro caldo que ela lhe deu.

No outro dia a velha disse lhe que tinha mais um serviço a pedir-lhe, e era cortar uma arvore da floresta e parti-la em cavacos.

O homem fez tudo o que ela lhe pediu e no fim do dia adormeceu cançado de tanto trabalho.

O soldado ao amanhecer foi despedir-se da velha, ela disse-lhe ainda: «Queria que me fosse ao fundo do poço que está na horta procurar a minha candeia que lhe me cahiu, ha dias.»

O homem, sem saber como tirar-se daquela dificuldade, lá foi, preso por uma corda, descendo até ao fundo, onde viu uma candeia com uma linda luz azul.

Pegou-lhe com cuidado e foi subindo pela corda. Quando ia a chegar a cima, a velha queria agarrar na luz para o deixar cair no fundo, mas ele percebendo a sua maldade disse: «Só te dou a luz quando saltar fóra do poço».

A velha ficou tão furiosa que cortou a corda e ele caiu, levando consigo a luz azul sempre acêsa.

Vendo-se perdido pensou: «Nunca mais daqui saio, vou morrer de fome e de frio».

Meteu a mão no bolso e encontrou o seu cachimbo cheio de tabaco. Levou-o á boca dizendo consigo: «Cá vai a ultima cachimbada; mas ao menos morro consolado».

Acendeu o cachimbo na luz azul e mal tirou duas fumaças viu aparecer-lhe entre o fumo um anãosinho que perfilando-se deante dele e fazendo-lhe depois uma venia lhe disse: «Senhor! estou ás suas ordens; diga o que deseja que tudo lhe farei».

O soldado encolheu os ombros.

—Que heide eu querer?! vou morrer aqui, não preciso de nada. Se me pudesse tirar lá para fóra então sim!»

O anãosinho pegou-lhe na mão e levou-o atravez de uma extensa galeria onde havia montões de ouro, e disse-lhe: «E' aqui que a velha vem buscar toda a sua riqueza, com essa luz azul, mas sem ela nada pode fazer.»

Andaram muito tempo até que chegaram á sahida de um tunel e viram emfim a luz do dia.

Então o anão despedindo-se do soldado disse-lhe: «Guarda essa luz que nunca se apaga; quando precisares de mim basta que acendas o teu cachimbo nessa luz e tires duas fumaças.»

E desapareceu.

O soldado que na passagem pela galeria subterranea tinha apanhado todo o ouro que pôde, foi vendel-o e ficou riquissimo.

Foi viver para o melhor hotel e mandou fazer ao melhor alfaiate um fato tão rico que parecia um principe daqueles tempos. Mas tinha um genio vingativo que mais se exarcebára no convivio com os outros soldados grosseiros; era incapaz de perdoar as ofensas que lhe fizeram e longe de esquecer a injustiça do rei para com os seus bons serviços, resolveu vingar-se.

Sentou-se no seu quarto, acendeu o cachimbo e tirou duas fumaças.

Logo lhe apareceu o amigo anãosinho, perfilado á sua disposição.

Quero que vás prender-me a velha antes de mais nada.»

O anão desapareceu e dai a pouco voltou dizendo:

«As tuas ordens estão cumpridas, a velha foi presa e enforcada».

«Foste além das minhas ordens; agora quero pregar uma partida ao rei.

«Vaes buscar a sua filha mais velha e trazer-m'a para criada.»

O anão ficou indeciso: «Eu faço o que pedes, mas talvez te venhas a arrepender, creio que é tolice.»

A' meia noite entrou como um furacão no quarto do soldado, levando a princesa adormecida, nos braços.

O soldado mandou-a arrumar o quarto, escovar-lhe o fato, tirar-lhe as botas e limpar-lh'as e quando ela tinha acabado este trabalho, entrou novamente o anão que ia busca-la para a levar para o palacio.

No dia seguinte a princesa contou ao rei que tinha tido um sonho horrivel; sonhara que era creada dum soldado e o extraordinario era que apesar de ter sido sonho, sentia-se tão cançada como se tivesse sido verdade.

O rei ficou a scismar nisto e disse-lhe: «Esta noite não te dispas, e enche os bolsos com ervilhas, mas descoze-lhes um bocadinho para por ele cairem pelo caminho que percorreres os ervilhas.

Assim fez: o anão voltou, levou-a outra vez para arrumar o quarto do soldado e ao amanhecer novamente a reconduziu ao palacio.

Quando o rei mandou ver em que ruas havia ervilhas pelo chão disseram-lhe que por certo tinha chovido ervilhas de noite, pois as ruas todas estavam cobertas e as crianças pobres contentissimas a apanha-las.

O rei então disse á princesa: «Esta noite, se o anão voltar para te levar, has de deixar ficar um dos teus sapatos no quarto do soldado, que eu mando fazer uma busca e assim saberei quem é o mau subdito que desacata o rei».

Assim fez a princesa, e no dia seguinte o rei mandou passar uma busca em todas as casas, encontrando o sapato da princesa a um canto do quarto do soldado.

Prenderam-no e foi condenado á morte. Quando ia morrer lembrou-se que tinha deixado no seu quarto a luz salvadora e passando por um antigo camarada pediu-lhe se ia buscar-lhe um saco que tinha guardado no seu armario. O homem voltou trazendo o que lhe pedira e o soldado pôde rehaver a sua luz.

Voltando-se para os soldados disse: «Como vou morrer queria que me fizessem a ultima vontade, e era de me deixarem tirar duas fumaças do meu cachimbo.»

Foi concedido e mal o homem se poz a fumar, apareceu-lhe o anão.

Então o soldado disse-lhe:

«Antes de tudo vais prender o juiz, advogado e jurados que me condenaram tão cruelmente, porque eu merecia prisão mas não pena de morte.»

Logo ali apareceram todos presos e estupefactos do que lhes sucedia.

O rei sabendo disto foi com a filha perdoar ao soldado e a unica pena que lhe impuzeram foi retirar-se com o seu dinheiro e o seu cachimbo e a sua luz azul para terras longiquas aonde nunca mais o vissem.

—— HOJE—Dia 4 ——
TEATRO APOLO
Recita de homenagem —— ao distinto maestro
—— **Luz Junior** ——
com a 2.ª representação nesta epoca da revista
-:- **P. A. M.** -:-
:—: GRANDE SUCESSO :—:

=Salão Central=

HOJE —*Soirée ás 20 horas* — HOJE

Adaga Misteriosa

Protagonista **EDDIE POLO**

16.ª SERIE
No fundo do mar 2 partes

17.ª SERIE
Entre feras 2 partes

18.ª SERIE
Aurora da paz 2 partes

No programa:

Gloria a Gloriosa

Sensacional drama em 5 actos com interpretação da artista MAE MURRAY

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

FRIOLEIRAS

Loiras ou Morenas?

Quais teem maior sucesso? quais são mais queridas? Varias vezes se discute isso nas horas em que não ha nada que fazer e em que portanto se fala de amor e a maior parte dos homens que conheço teem optado pelas loiras, apresentando como argumento que quasi todos os poetas as cantam.

Sempre duvidei um pouco do valor do argumento, porque tinha uma certa desconfiança que esse reclame e a bela impresão que as loiras indubitavelmente tiveram sempre, era devido ás lindas imagens que o loiro sugere; quem diz loiro, evoca logo fios de oiro, raios de sol reflexos fulvos, emfim mil palavras quentes, cheias de brilho e ardor, ao passo que os cabelos negros pelo contrario não inspiram nada; os poetas depois de invocarem em sua honra a noite e a aza de corvo, ambas as coisas de mau agoiro, deixam cair a lira desconsolados e tristes.

Portanto a preferencia dos poetas não significava, em minha humilde opinião o triunfo das loiras no registo civil nem nos livros da igreja, porque, apesar de nos parecer impossivel a nós que olhamos para as montras das livrarias, é um facto que a humanidade não é toda composta de poetas e poetisas e a opinião do resto da humanidade ainda vale alguma coisa.

Provou-se que esta minha maneira de ver tinha alguma razão de ser, porque está estabelecido por estatistica oficial, que de cem mulheres loiras, apenas cincoenta e três pouco mais ou menos casam, emquanto que de cem morenas casam setenta e sete...

Muitos parabens portanto ás morenas que prefiram casar a serem apenas cantadas.

CONSELHO PRATICO

Sobre os cotos de vela

E' sempre um problema para a dona da casa economica, como fazer arder as velas até o fim. Eis o meio de nos podermos utilisar da vela até ao ultimo bocadinho.

Espetam-se tres alfinetes no coto, de maneira a formar uma tripeça, que se meta dentro do castiçal e assim derreter-se-ha a vela ate ao fim.

A NOSSA CASA

Como limpar o fogão

Com certeza toda a dona de casa concordará comigo, que uma das coisas que mais alegra a nossa vista e mais conforto dá á casa, é a limpeza que faz parecer tudo bonito. Vou-lhes dar uma receita que tem sido empregada com muito exito para limpar o fogão:

Dissolvem-se duas colheres de chá de assucar branco e um bocado de plombagina em duas colheres de sopa de agua, e deita-se numa vasilha, deixando-se ali durante 24 horas. Depois do fogão estar apagado e frio, passa-se por cima este liquido, esfregando-se em seguida com um pedaço de veludo velho.

CONSELHOS DUMA ENFERMEIRA...

Quando uma pessoa que trabalha se sente muito cançada mas tem qualquer divertimento a que deseja ir, deve tomar um banho morno em que deite liberalmente alguns desses sais ou liquidos refrescantes.

Depois do banho, veste um roupão e deixa o corpo ficar perfeitamente á vontade e abandonado, á excepção da nuca que encosta a uma almofada, numa rigidez propositada, porque isso faz circular bem o sangue, dando uma impressão de bem estar e muitas vezes de sonolencia, o que descança ainda mais.

O quarto estará ás escuras e durante uma hora o espirito deve estar o mais nu possivel, sem pensamento consciente, nem seguido. Então levantamo-nos, vestindo-nos com descanço e vagar, sentindo nos dispostos para qualquer divertimento.

HIGIENE DA BELESA

Cuidados a tomar com os cabelos

Os cabelos devem ser escovados cuidadosamente todos os dias e uma vez por semana esfrega-se o couro cabeludo com uma gema de ovo desmanchada em agua de semeas ou se o couro estiver irritado com lanolina misturada com agua borico.

VILANCETE

Descalça vae para a fonte
Leonor pela verdura!
Vae formosa e não segura.

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Batilha soqueirada.
Cantando de madrugada
Pisa as flores na verdura,
Vae formosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha.
Mostra os pés por maravilha
Que a neve deixou escura:
Vae formosa, e não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça.
Qualquer pegada que faça
Faz florecer a verdura:
Vae formosa, e não segura.

Não—na vêr o sol lhe vale
Por não ter novo inimigo
Mas ela corre perigo
Se na fonte se vê tal.
Descuidada deste mal
Se vae vêr na fonte pura
Vae formosa, e não segura!

RODRIGUES LOBO.

SPORT

40 anos...

A vitoria de Gandin sobre Nadi, que eu profetisei, não a posso encarar como os franceses, sempre chauvinistas, *como uma victoria de escola sobre escola, nem dum paiz sobre outro paiz.*

Foi a vitoria de um homem muito bom sobre um bom.

Mas essa vitoria dum sportman de perto de 40 anos, sobre um adversario muito mais novo, como as vitorias ultimas do ciclista Paulani, que aos 40 anos, e depois de ter durante muito tempo abandonado o sport, bate actualmente os azes do ciclismo como o atleta Vasseur, batendo ha dias um record do mundo de força e Vasseur já dobrou o cabo dos 40, como o formidavel Zbysco, com 40 e muitos, e que «malgré» a edade, e o campeão do mundo da luta livre, e como o proprio Petersen, ainda hoje um dos celebres da luta romana, essas vitorias repito, tenho que as ver por outro prisma.

E' o triunfo aos homens feitos sobre a moderna geração, e a prova de que, para os esforços violentos, em sport, a edade mais propria é aquela em que o individuo atingiu o seu completo desenvolvimento.

E alem disso consola-me ver esses atletas de 40 anos, ainda em pleno sucesso.

E' que eu já estou quasi a chegar a essa conta...

RUY DA CUNHA

O CARNAVAL NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Trabalha-se já no Ginasio Club Português, na organisação das interessantes festas de Carnaval que ali chamam sempre farta concorrencia.

A Direcção organisa tambem domingo magro um baile infantil e uma festa carnavalesca em que os numeros são desempenhados pelos alunos da classe de ginastica e dança.

Devido á grande afluencia de socios a Direcção está no proposito de fazer dois saraus, um no sabado, para os socios com numeros pares e outro na segunda-feira de Carnaval, para os socios com numeros impares.

PESOS E ALTERES

Criterium Padinha

Já foram enviados aos clubs a circular—convite para esta prova, cuja inscrição já está aberta na Secretaria do Ginasio Club Português.

Qualquer club que queira concorrer e que ainda não tenha recebido a circular pode pedir os boletins na secretaria do club.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

OCIDENTAL SPORT LISBOA

Comemorando o 16.º aniversario amanhã, este Club realisa as seguintes festas sportivas entre os seus socios, na Avenida da India:

A's 11 horas — Corrida pedestre 1.000 metros, 2 premios.

A's 12 horas— Corrida pedestre 5.000 metros, 2 premios.

A's 13 horas—Luta de tracção entre duas equipes do Club, para disputa dum objecto de arte.

A's 15 horas—No campo do Belenenses, desafio com o 1.º «team» do Carcavelinhos Foot-Ball Club.

BOX

Partem, como dissemos, hoje, para o Porto, os concorrentes do campeonato de Portugal amador.

O delegado da F. P. B. é o sr. Miguel da Silveira.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATLETICOS

Realisa-se amanhã a festa inaugural da Federação Socialista de Desportos Atleticos. Na organisação do programa houve em vista uma demonstração dos varios sports cujo programa se julga imediatamente necessario no meio em que esta Federação actua, alguns numeros de sport atleticos foram postos de parte em razão do estado alagadiço em que se encontra o terreno que lhes era destinado.

Estão inscritos para as provas de bicicletas e pedestres os seguintes grupos da Federação:

Club Desportivo Nacional, Oriental Atletico Club, Grupo Desportivo dos Capuchinhos, de Lisboa; de Tomar, o Operario Foot-Ball Club e ainda o Foot-Ball de Bemfica e o Sport Lisboa de Alcantara.

LAW-TENNIS

A Direcção deste Club pede-nos a publicação do seguinte:

«Sendo urgente organisar o plano de provas do corrente ano e dar execução a esse plano, e tendo os membros da actual Comissão Tecnica, srs. Joaquim Ferreira, Gomes da Silva e Leonildo Sampaio, ja reconduzidos neste cargo em junho de 1921, «sem eleição», pedido a demissão dos referidos cargos por motivo dos seus muitos afazeres, esta Direcção tem a honra de convidar os sócios a comparecer na séde do Club no proximo sabado, 4 do corrente, pelas 17 horas e 30 minutos, afim de se proceder á eleição de nova Comissão Tecnica.

Tendo em vista facilitar a eleição desta nova Comissão, a Direcção solicita dos ex.mos Consocios que estão dispostos a colaborar nos trabalhos do corrente ano, que se manifestem por escrito para a séde do Club, ou de viva voz no proprio dia da eleição».

N.º 4 — Folhetim de A CAPITAL — 4 de Fevereiro de 1922

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

Este entusiasmo inextinguivel emocionou B... que era um homem frio, metodico. Estava iludido e via em meu padrasto um futuro genio musical. Não podia premeditar doutra forma o futuro do seu camarada. Cedo, porem, abriu os olhos e compreendeu a verdade. Percebeu claramente que toda essa febre, toda essa impaciencia não era mais do que o desespero proveniente do talento perdido; percebeu ainda mais: que esse talento nunca tinha sido grande e que havia nele muito de fantasia, de enfatuamento, de contentamento de si proprio, de imaginação e de sonho no seu proprio genio.

«Mas, contava B... podia eu porventura admirar-me da natureza estranha do meu camarada? Perante mim travava-se a luta desesperada entre a vontade levada ao extremo e uma fraqueza interior. O desgraçado durante sete anos tinha-se enchido do sonho da sua gloria futura a tal ponto que não notava como perdia as noções, mesmo as mais elementares, da nossa arte, as da tecnica vulgar da musica. E contudo, na sua imaginação desordenada a cada momento nasciam planos colossais para executar no futuro. Não se contentando em querer ser um genio de primeira grandesa, um dos maiores violinistas do mundo, não se contentando em se julgar em genio, ele queria ser tambem compositor não obstante ignorar todas as noções do contraponto. Mas o que mais me admirava é que a despeito dos seus conhecimentos minimos de tecnica musical havia neste homem uma compreensão profunda, clara e até pode dizer-se que intuitiva da arte. Senti-a tão fortemente e compreendi-a tambem que não é para espantar que se tenha iludido sobre o seu proprio valor e se tenha julgado um predestinado da arte, pelo seu pontifice, por um genio.

«Algumas vezes chegava ao ponto de, na sua linguagem primitiva, simples, alheia a toda a sciencia, enunciar verdades tão profundas que eu ficava admirado e não podia compreender como ele sentia tudo isso, não se tendo lido nunca, nunca as tendo aprendido; e, acrescentava B... no meu proprio aperfeiçoamento, devo-lhe muito, assim como aos seus conselhos.

«Pelo que me dizia respeito, continuava B... eu estava apesar de tudo, tranquilo sobre a minha sorte. Eu tambem amava apaixonadamente a minha arte; mas sabia, desde o começo da minha carreira, que ficaria sempre no sentido literal da palavra, um obreiro da arte. Em vingança, eu estava seguro de não ter desperdiçado, como um escravo preguiçoso, o que a natureza me tinha concedido, e até pelo contrario: esses bens, tinha-os eu aumentado consideravelmente.

E se elogiam hoje a minha impecavel execução; se admiram a minha tecnica, tudo isto devo eu a um trabalho ininterrupto, a consciencia nitida das minhas forças, ao desprezo que sempre tive pela ambição, pela preguiça e pelo orgulho.»

B... por sua vez tentou dar conselhos ao seu camarada, o qual a principio os recebia bem. Mas, de certa data em diante, o meu padrasto principiou a mostrar-se indisposto; ficaram frios um com o outro. Cedo B... observou que o seu camarada se tornava cada vez mais apatico; a inquietação e o aborrecimento apoderavam-se dele frequentemente; os seus entusiasmos tornaram-se mais raros e eram sempre seguidos duma tristeza deprimente. Por fim Efimov principiou a abandonar o seu violino. Passava-se semanas inteiras que não lhe tocava. Não estava já longe da queda e cedo entregou se ao vicio.

Chegára aquele momento de desgraça previsto pelo proprietario; Poz-se a beber imoderadamente. B... começou a olha-lo com espanto. Os seus conselhos não serviam de nada e ate tinha receio de lhe dizer a mais pequena palavra. Pouco a pouco Efimov tornou-se dum extremo cinismo. Não tinha vergonha de viver a expensas de B... portando-se mesmo como se isso fosse do seu absoluto direito. Comtudo esgotavam-se os meios de vida.

B... tinha algumas lições ou fazia serões em casa de comerciantes alemães que não eram muito ricos e por isso pouco pagavam.

Efimov fingia não dar pela pobreza do seu camarada. Portava-se insolentemente com ele ao ponto de estar semanas inteiras sem lhe falar.

Um dia B... observou lhe, muito delicadamente que não devia abandonar o seu violino, para não perder de todo a firmeza de pulso. Efimov zangou-se sériamente e declarou que não tocaria mais violino, como se alguem lh'o estivesse pedindo de joelhos.

Doutra vez, B... necessitando dum camarada para tocar numa «soirée», convidou Efimov. Ficou furioso; declarou-lhe que não era violinista da rua e que não era tão negligente como B... para desonrar a grande arte tocando perante lojistas que não compreendiam nada da sua execução e do seu talento. B... não respondeu, mas Efimov refletiu no convite, quando B... tinha ido tocar, imaginava que o seu camarada desejava fazer-lhe sentir que estava a viver ás suas expensas o que significava uma forma de lhe dizer que ganhasse a sua vida.

Quando B... regressou, Efimov pozse logo a censurar a sua atitude e declarou que não ficava mais um minuto na sua companhia.

Desapareceu com efeito dois dias, mas voltou ao terceiro como se nada se tivesse passado e a vida recomeçou como dantes.

Não foi senão o habito, a amisade e tambem a piedade que se sente para com um homem que se rebaixa, que fizeram com que B... não puzesse logo termo a esta vida desordenada e se separasse para sempre do seu camarada.

Acabaram porém por se separar. A fortuna sorria a B... Tinha conseguido uma excelente proteção e tivera a sorte de dar um brilhante concerto.

Por este tempo era já um grande artista e o seu nome que se engrandecia rapidamente, valeu-lhe um logar na orquestra da Opera onde obteve um merecido sucesso. Quando se separou de Efimov deu-lhe algum dinheiro e pediu-lhe com as lagrimas nos olhos para que voltasse ao bom caminho.

B..., ainda hoje não pode recordar-se do meu padrasto sem uma certa comoção.

A sua amisade com Efimov ficou sendo uma das mais profundas recordações da sua juventude. Tinham começado a carreira juntos, estavam tão profundamente ligados um ao outro que mesmo os maiores defeitos de Efimov o tornavam ainda mais querido de B...

B... compreendia Efimov. Lia-lhe na alma e previa tudo o que se ia passar.

No momento de se separarem abraçaram-se e choraram

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3996—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 6 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2203 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O governo democratico

Está constituido o novo governo. E' todo democratico, o não deve semelhante facto surpreender ninguem porque o contrario é que deveria motivar reparos. O partido democratico ganhou as eleições. Deve ter maioria absoluta no parlamento, e mesmo que a não possua, sempre a sua força numerica se distanciará muito da dos outros partidos representados na Camara. Se o partido democratico não aceitasse o governo, daria de si proprio uma pessima idéa visto que foi ás urnas declarando-se apto a governar, e se, apesar de habilitado pelo paiz com os meios constitucionais para tal efeito necessarios o não fizesse, como poderia ser considerada a sua deserção, fugindo ás responsabilidades do poder?

O ministerio presidido pelo sr. Antonio Maria da Silva compõe-se de antigos ministros. Nem todos se realçam do verdadeiro prestigio governativo. Entretanto, o sr. Antonio Maria da Silva não tinha muito por onde escolher melhor.

O partido democratico deu o que poude, e que já é conhecido. Pode, porem ser, que a propria força as circunstancias leve os titulares das diversas pastas a realisar agora uma obra que em outras ocasiões não lhes foi possivel realisar.

Está a opinião publica satisfeita? Não o sabemos. Mas sabemos que, pelo menos foram cumpridas as indicações constitucionais. O eleitorado votou de preferencia no partido democratico. O partido democratico está no poder, levando á sua frente o vulto politico que nesse partido goza do maior prestigio pela sua inteligencia, energia e actividade.

Governa, pois, o partido democratico. Não ha o direito de o impedir. Realise a obra de justiça, a obra de paz, a obra da ordem, a obra da administração, que o paiz ardentemente reclama.

Com este governo entramos plenamente na normalidade constitucional. Oxalá ela se mantenha!

Assim é necessario para que possamos vencer as tremendas dificuldades que nos assoberbam.

Pelos primeiros actos, pelas primeiras atitudes do governo, poderá a opinião guiar-se, e isso influirá na sua confiança. Uma coisa deve o governo primeiro do que tudo patentear. E' caracter, brio, dignidade, compreensão exacta do que representa, como poder executivo da Republica. Se amanhã vissemos que o prestigio do poder era pelo proprio governo levado de rastos ás piores subserviencias e humilhações, esse facto teria certamente pessimas consequencias para a existencia ministerial.

Assim, por exemplo, se vissemos que o governo por qualquer pasta, ou duma maneira colectiva, enviasse saudações ao sr. Afonso Costa, cujo triste procedimento acaba de indignar a nação inteira, afrontando todos os republicanos dignos deste nome, o efeito seria deploravel.

E' preciso que deixe de andar o carro adiante dos bois. E' preciso que os governos não continuem a mandar saudações ao sr. Afonso Costa. Essa inversão de papeis é ignominosa. O sr. Afonso Costa não pode nem deve mandar ou influir neste paiz. Tem de deixar de ser o poder oculto perante o qual todos se curvam. Não quiz governar: é um simples cidadão, e como tal tem de ser tratado.

Se o governo demonstrar caracter, dignidade, brio, o paiz considera-lo-ha. De contrario, perderá todo o jus á consideração nacional. Não acreditamos que tal suceda, porque seria um desastre para a Republica.

Cunha Leal

Uma visita penhorante

O sr. tenente Marrecas Ferreira, que desempenhou as funções de chefe do gabinete da presidencia do Ministerio Cunha Leal, deu-nos o prazer da sua visita, para nos agradecer, em nome do sr. Cunha Leal, os serviços prestados pela «Capital» á causa da Republica e da ordem. Confessamo-nos muito sensibilisados pela delicada atenção do ex-chefe do governo. De resto, tanto s. ex.ª como o pessoal do seu gabinete foram sempre amabilissimos com o redactor deste jornal habitualmente encarregado do serviço de informação politica. Temos muito prazer em, agora, o deixar aqui claramente consignado.

A crise italiana

Denicola vai formar governo

ROMA, 6.—O rei encarregou de formar governo o sr. Denicola que aceitou o encargo de constituir gabinete.—(R.)

Foi eleito o novo Papa

O cardeal Ratti é o novo Pontifice da Igreja catolica

ROMA, 6—O Conclave elegeu Papa o cardeal italiano Athilio Ratti, arcebispo de Milão.—(Lat. Am.)

O Papa tomou o nome de Pio XI

ROMA, 6.—O cardial Ratti, eleito Papa, tomou o nome de Pio XI.—(Lat. Am).

O novo Papa aparece ao povo

ROMA, 6.—Logo depois da eleição o decano do colegio cardinalicio da janela central da fachada da basilica vaticana comunicou perante numerosa multidão que se aglomerava na Praça de S. Pedro a eleição do novo Pontifice com a forma tradicional: Annuntio vobis gaudium magnum. Habemus Pontificem Eminum Rev. Dominum Aquilius Ratti. (Annunciovos uma grande alegria. Temos Papa E' o Eminentissimo e Reverendissimo senhor Cardeal Aquiles Ratti). Imediatamente depois repicaram todos os sinos de S. Pedro acompanhados por todos os sinos das igrejas de Roma.

O Papa aproximou-se da janela, precedido pelo mestre de ceremonias que erguia a cruz e acompanhado pelo secretario do Conclave e por todos os cardeais, vestido já com os paramentos ponticios.

O Papa entoou o Sit nomen Domini benedictum, e a multidão respondeu:

«Ex hoc nunc et usque in seculum.» O Papa proseguiu «Adiutorium nostrum in nomine Domini», e depois da multidão ter respondido o Papa benzeu a multidão com tres sinais de cruz.

Pio XI esforçar-se-ha por um entendimento com a Italia

ROMA, 6,—O novo Papa eleito, o ex-cardeal Athilis Ratti ex-arcebipo de Milão, representa a corrente liberal do Vaticano e é um acerrimo partidario do entendimento com a Italia.

O cardeal Ratti era nuncio em Varsovia quando se declarou a independencia da Polonia, tendo anteriormente dirigido a Biblioteca ambrosiana, e a Biblioteca vaticana, onde a sua cultura e dotes de espirito lhe conquistaram gerais simpatias.

Quando a Italia declarou guerra aos imperios centrais revelou o seu ardente patriotismo pronunciando a frase celebre, de que lamentava que a sua idade lhe não permitisse pegar numa espingarda para defender o seu paiz.—(R)

N. R.—Segundo o telegrama acima o novo pontifice é o representante daquela corrente cardinalicia que acha urgente o restabelecimento de relações com o Quirinal. A Santa Sé de 1914 para cá tem desenvolvimento enormementeas suas relações diplomaticas. A prova disso é a nota seguinte:

1914. Inglaterra.—Nomeação de um ministro plenipotenciario especial, que apresentou as suas credenciais em 30 de dezembro de 1914. Havia três seculos e meio que a Inglaterra não tinha representante junto da Curia.

1915. Monaco.—As relações diplomaticas interrompidas em 1911 foram restabelecidas em fins de 1915.

1916. Holanda.—Após negociações realisadas em 1915, o parlamento votou um projecto de lei criando uma representação temporaria junto de Santa Sé, por 62 votos contra 10. O enviado holandez apresentou as suas credenciais em 10 de janeiro de 1916.

1917. Luxemburgo—As relações interrompidas pelo primeiro ministro Eyschen sob Leão XIII, foram restabelecidas em 1917.

Russia.—O novo governo nomeou um plenipotenciario em julho de 1917

Japão.—Enviatura, pelo Japão, de um ministro plenipotenciario a fim de estabelecer uma «entente» em ordem a organisar os altos estudos scientificos.

1918. Portugal.—Reatam-se as relações por decreto de 11 de julho.

Brazil.—O Brazil trasforma em embaixada a sua legação junto da Santa Sé em fevereiro de 1918.

1919. Reconhecida a independencia da Finlandia, o Papa recebeu o representante desse paiz em 28 de outubro de 1919.

Polonia.—Enviado á Polonia em missão, monsenhor Rati foi ali colocado como nuncio em Junho de 1919. A Polonia tem um representante em Roma.

Perú.—A legação foi elevada a embaixada em outubro de 1919.

Extonia—Em abril de 1919, o Sumo Pontifice reconheceu provisoriamente o governo estoniano e declarou-se feliz por estabelecer relações com o seu enviado.

Ukrania—A Ukrania enviou como delegado a Roma o conde Tyszkiewickz.

Letonia—O governo pediu que fosse feito metropolita o bispo de Riga, em agosto de 1919.

Jugo-Slavia—O reino servio-croato-sloveno manda um enviado a Roma e é acreditado em Praga o delegado da Santa Sé monsenhor Micara.

1920. Alemanha—Von Bergen, encarregado de negocios da Prussia no Vaticano, é nomeado embaixador junto da Santa Sé. O nuncio em Berlim é monsenhor Paceli. Até esse dia, a Alemanha era apenas representada em Roma por um encarregado de negocios da Prussia e por um ministro da Baviera. Manteve-se a nunciatura de Munich.

França—O sr. Gabriel Hanotaux, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros, é nomeado enviado extraordinario do governo francez por ocasião a canonisação de Joana d'Arc.

Suissa—As relações com a Confederação Suissa, rôtas em 1873, foram reatadas em junho de 1920. Foi nomeado nuncio monsenhor Magliono e ministro da Suissa o conde de Fonbarce.

1921. França—São oficialmente reatadas as relações entre o governo francez e a Santa Sé e nomeados embaixador junto do Vaticano o sr. Jounart e nuncio em Paris monsenhor Crevet.

Segredos de toda a gente

Os perfumes

Maupassant, «un maitre qui ne peut pas avoir d'élèves puisque ce que l'on imite toujours c'est le tempérament de quelqu'un», como disse Faquet,—Maupassant teve um dia esta frase singular: «O unico perfume que pode ser usado por um homem sério, é a agua de Colonia». Mas o que o autor celebre de «Une vie», de «Notre coeur», de «Mont Oriol», cujos sucessos se podem contar pelo numero de livros, não revelou, foi o perfume que deve ser usado pelos homens que o não são, por aqueles que fingem sê-lo—e sobretudo pelas mulheres que o não sendo, passam a vida a mostrar que o são. Mas deixemos neste momento dormir o homem em paz—e atormentemos as mulheres. Recordam-se daquelas paginas admiraveis do «Fort comme la morte»? Que perfume usaria a linda marquesa de Guillervy, quando recebeu, pela primeira vez, num recanto de tapeçarias, o celebre pintor Bertin? Maupassant não o disse—mas nós não cometemos uma grande indiscrição se o tentarmos adivinhar. O perfume é um pouco a alma das mulheres—como é um pouco a alma das flores. Por conseguinte, conforme a alma, conforme a flor, conforme a mulher—assim é o perfume. Quando quizerem conhecer uma rapariga por dentro—abram o seu frasquinho de essencia. Desconfiem sempre das mulheres que usem «Coty» e d'Orsay». Acreditem com precauções nas que usem «Houbigant», «Mes de lices». «A Morgadinha de Val-Flor» por exemplo, usava apenas essencia de violeta. As pupilas de Julio Diniz, a «Clara» e a «Guida», perfumavam-se de alfazema. De certo a fragil marquesa de Guillervy que atraiçoava o marido com o pintor Bertin, devia usar talvez essencia de cravo. Todas as mulheres teem o seu perfume, mas ás vezes tão imperceptivel ou tão contraditorio, que «D. Juan» seguindo-as, farejando-as, aspirando as, sabe apenas dizer, encolhendo os ombros:

—Não me cheira...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

A conferencia do desarmamento

A ultima sessão

LONDRES, 6—A sessão plenaria de hontem da conferencia de Washington em que se aprovou o tratado referente aos problemas do Extremo Oriente terminou com um discurso de Balfour que se referiu ás extraordinarias modificações que se tinham dado desde que a conferencia começou.

Disse que a desconfiança mutua tinha desaparecido e que todos agora olhavam com espirito de repulsa para a rivalidade nos armamentos navais. As relações entre a China e as potencias eram causa de grandes apreensões para os homens de estado, mas tinham a certeza que as dificuldades do Extremo Oriente estavam desfeitas para sempre e que o primeiro passo para se regularisar as relações da China com as potencias tinha sido dado naquela conferencia. A desconfiança que envenenava os problemas do Extremo Oriente tinha desaparecido e o acordo das quatro potencias aplanará todas as futuras causas de litigios.—(R)

Migalhas

Entendamo-nos

Os comentarios de toda a especie inspirados pela recusa do sr. Afonso Costa ás solicitações dos que desejavam vê-lo á testa do governo tem desagradado aos seus correligionarios e mesmo a alguns republicanos que entendem que esses comentarios favorecem os inimigos do regimen.

Ora antes de mais nada convem fixar que esses comentarios se podoriam ter evitado, se a questão tivesse sido posta com um pouco mais de inteligencia por parte dos que querem fazer dela até certo ponto uma questão nacional, quando afinal ela não é mais do que um interesse do partido democratico.

Este preparou-se para o acto eleitoral com a convicção absoluta de que ia sahir dele com uma maioria que o levasse ao governo. Viu-se isso claramente na maneira como se comportou na eleição de Lisboa. Se tencionava ser governo e se queria que esse governo fosse presidido pela pessoa que ele continua a considerar seu chefe, devia com tempo e antes que se declarasse a crise consultar essa pessoa e saber de uma forma positiva se ela viria ou não assumir a chefia do governo. Munido de uma resposta categorica, poupàva ao chefe do Estado o ridiculo—porque o foi—de uma consulta e de um pedido inuteis. Evitaria egualmente a expectativa publica, os comentarios preliminares e os comentarios finais.

Ao sr. Afonso Costa não convem por motivos que nos não interessam vir ocupar a presidencia do conselho. Os seus proprios inimigos declaram em coro que, no caso dele fariam á mesma coisa. Os seus amigos afirmam que seria da sua parte um grande sacrificio voltar á politica efectiva e com directas responsabilidades. Pois muito bem. Que isso fique de antemão assente e não aguardemos para cada uma das nossas crises de governo quinzenais a afirmação desse facto.

O que acaba de se passar, foi ridiculo, repito, e não ha que estranhar que inspirasse alguns comentarios jocosos áqueles que não tem obrigação nenhuma de tomar a sério os pormenores intimos da vida do partido democratico.

Se este tem prazer em ter um chefe que se recusa a ocupar o seu logar de deputado e a sua cadeira de chefe de governo, se entende dever continuar a propó lo em todas as eleições e a solicitá-lo em todas as crises, não tenha ainda por cima a pretensão de que toda a gente esteja como ele de cócoras deante do seu idolo, como os pretos em adoração diante de um maripanso.

O sr. Afonso Costa não pertence ou por outra não quer pertencer ao paiz. O paiz tratará de se salvar sem ele. O partido democratico quer continuar a pertencer ao sr. Afonso Costa e a este convem-lhe talvez que ele lhe pertença, comtanto que isso não afecte as suas comodidades pessoais. Optimo. Não queiram no entanto restringir-nos o direito de fazer ao uso os comentarios, jocosos ou não, que o facto e as suas exteriorisações nos mereçam.

Tem-nos custado bastante nosso logar no galinheiro da politica para podermos aplaudir ou patear quando assim bem nos parecer. A claque, a quem se paga, é que tem obrigação de dar palmas sempre.

ANDRÉ BRUN

ENTRE SOCIOS

Agressão a tiro

Pelas 11 horas da manhã de hoje, quando o sr. Henrique Soares Barboso, da firma Barbosa, Guedes e Comp.ª sita na rua dos Remolares, ia a sair do Banco Nacional Ultramarino, travou-se entre este e o seu socio Victor Guedes uma violenta discussão por uma questão comercial.

O sr. Henrique Soares puxando dum revolver pretendeu agredir o seu colega, o que este evitou arremessando-lhe com um soco a arma ao chão.

Acto continuo o sr. Victor Guedes desfechou então sobre o Soares um tiro de pistola, cuja bala se foi alojar na maxila inferior, sendo-lhe extraida mais tarde, no hospital de S. José.

O ferido, que se encontra em estado satisfatorio, esteve a apresentar queixa no governo civil.

O agressor depois de preso foi mandado em liberdade, tomando a policia nota da ocorrencia.

Os "Sports" no Porto

Partiram hoje para o Porto em reportagem de «Os Sports» os srs. dr. Salazar Carreira e Humberto Borges de Castro. «Os Sports» publicará brevemente, talvez no dia 16 deste mez, um numero especial onde inserirá entrevistas com as principais individualidades do meio sportivo do norte.

POLITICA

A posse do novo ministerio.—Discursos dos srs. Cunha Leal e Antonio Maria da Silva

Efectuou-se hoje, pelo meio dia, a posse do novo governo, presidido pelo sr. Antonio Maria da Silva. Como de costume, a cerimonia efetuou-se no salão da Presidencia do Ministerio estando presentes os dois chefes do ministerio, srs. Cunha Leal e Antonio Maria da Silva.

Pronunciaram-se apenas dois discursos.

Falou, em primeiro logar, o sr. Cunha Leal. A sua oração, muito incisiva, produziu impressão. O ex-chefe do governo historiou resumidamente os acontecimentos que o levaram ao poder, organisado em condições muito diferentes das actuais.

Quando ele, orador, foi para o quartel do Carmo, reinava o terror em Lisboa.

O sr. Cunha Leal percorreu a cidade á procura dos chefes dos partidos. Onde estavam eles? Ninguem sabia. E houve um momento em que, perante a desorientação geral, o orador se ofereceu ao sr. Presidente da Republica para sobraçar todas as pastas, afim de se restabelecer a ordem e jugular a anarquia. Não o levou a isso a imitação dos gestos do marechal Saldanha ou do general Pimenta de Castro. Pelo contrario: ele, orador, nunca pensou na ditadura, apesar de lhe ser aconselhada por muitos politicos.

Manteve a ordem, deu toda a latitude á investigação sobre os crimes da noite tragica e realisou as eleições, em condições, até hoje unicas, de liberdade e legalidade; era essa a sua missão.

Terminada ela, demitiu-se. E fez bem, por duas rasões: primeira, porque não recebera mandato algum do Parlamento, que precisasse, portanto, de ser deposto perante ele; e segunda, porque habilitou o novo governo com o tempo indispensavel para a redação do programa que apresentará ao Parlamento.

Promete o apoio que lhe for possivel prestar ao novo governo, principalmente no que disser respeito á manutenção da ordem publica, que deixa assegurada e á punição dos criminosos da noite tragica.

Termina por prestar homenagem calorosa á lealdade do partido reconstituinte, lealdade afirmada em factos concretos, a todo o momento, e nem um só instante desmentida.

O discurso do sr. Cunha Leal foi, por vezes, sublinhado com aplausos da assembleia.

Respondeu-lhe o sr. Antonio Maria da Silva. O seu discurso pode resumir-se assim, essencialmente:

Confirma, antes de mais nada, que, realmente as condições em que formou o seu governo são bem diferentes e para melhor do que as encontradas pelo sr. Cunha Leal. Mas nem por isso a sua missão e do governo a que preside é mais facil, porque as dificuldades economicas e financeiras são as mesmas. E' certo que a ordem publica se encontra restabelecida, mas ele, orador, entende que não é possivel consolidar a tranquilidade das ruas e dos espiritos emquanto se não melhorar a situação economica, intensamente angustiosa, em que o paiz se debate.

Com respeito á investigação dos crimes da noite tragica, diz que manterá o «statu-quo» actual. Como esclarecimento a esta frase que pareceu bastante sibilina á assembleia, acrescenta estas palavras de que textualmente tomámos nota: «o interesse de todos nós é que seja limitadissimo o numero dos agentes do crime; «não podemos invadir a esfera de acção de qualquer poder do Estado...»

Quanto á sua orientação governativa diz que ela será pautada por aquilo a que se usou chamar o «programa minimo dos partidos republicanos». Essa obra de reforma tem que ser nacional e não somente dum partido: todos os cidadãos nela devem colaborar; por isso, nós, homens do governo, pretendemos aproximar-nos de todos os homens publicos, quer no Parlamento quer fora dele.

Termina agradecendo efusivamente ao sr. Cunha Leal, cujo elogio fez nos mais calorosos termos (muitos e repetidos apoiados).

Não houve mais discursos, como já dissemos. Na assistencia, bastante reduzida, causou impressão o facto de nenhum membro do directorio do P. R. P. ter saudado o novo governo, como de costume. Pode considerar-se, pois, que esse directorio não assistiu á cerimonia, embora possivelmente alguns dos seus membros estivessem entre os assistentes.

Entre as personalidades de mais destaque presentes á posse acima noticiada, notamos os srs. Comandante Geral da Guarda Republicana, general Vieira da Rocha, director da Imprensa Nacional, sr. Luiz Derouet, Governador Civil de Lisboa, sr. Agatão Lança, e alguns oficiais superiores do exercito.

Em seguida á transmissão dos poderes dos srs. Cunha Leal para o sr. Antonio Maria da Silva, seguiram-se os actos de posse nos diferentes ministerios, trocando-se os costumados discursos.

Ouvimos que o sr. Antonio Maria da Silva enviaria ainda hoje um telegrama de saudações ao sr. Afonso Costa. Embora não obtivessemos confirmação a esta noticia, notamos que não se proferiram, na solenidade da posse presidencial, aquelas palavras encomiasticas, que tão prodigamente eram usadas, acerca do ex-chefe democratico.

Cunha Leal ausenta-se de Lisboa

Sabemos que o sr. Cunha Leal irá passar umas breves férias nos arredores de Lisboa, mas que regressará dentro de poucos dias, afim de se dedicar a uma activissima vida politica.

O que se passa em Espanha

As eleições camararias

MADRID, 6.—Realisaram-se as eleições camararias faltando ainda conhecer o resultado em varias cidades. Parece contudo que triunfaram mauristas, conservadores e romanonistas aliados. Em Barcelona e outras cidades houve alguns incidentes.—(R)

O problema de Marrocos

MADRID, 6.—Maura, os outros ministros e o alto comissario Berenguer conferenciaram sobre os assuntos de Marrocos especialmente sobre as operações em Alhucemas e a terminação da campanha.

A imprensa é de opinião que todos os objectivos serão atingidos e que a campanha terminará em breve. O comunicado oficial de Melilla diz não ter havido novidade.

O coronel Millan Estrey esteve no Paço informando o rei sobre as ultimas operações.—(R).

O que faria Romanones se fosse governo

MADRID, 5.—São muito comentadas as declarações do conde de Romanones que afirmou que se presidisse a um governo no momento actual, governaria com um programa baseado nos seguintes pontos: terminação imediata da guerra de Marrocos, restabelecimento das garantias constitucionais, com o criterio é claro da manutenção de um absoluto respeito á lei. Referindo-se á questão de Tanger disse que é um sonho supor que esta cidade possa ser cedida a Espanha gratuitamente, mas que não tinha duvidas de que seria capaz de resolver rapidamente este problema com inteira satisfação para o Paiz.

O conde de Romanones disse mais que depois do exercito espanhol ter demonstrado claramente a sua superioridade contra todas as kabilas renidas, a Espanha não poderá ter, apenas, como desiderato a conquista de Alhucemas que embora fosse mais uma vitoria a juntar ás obtidas já pelo exercito espanhol, causaria contudo perda de vidas sem necessidade.

E' precisamente este o criterio dos srs. Maura, Cambo e Gonzalez Hontoria em oposição á opinião dos srs. Cierva e general Berenguer que desejam fazer a guerra a ferro e a fogo.

Esta divergencia de opiniões ha de trazer, num espaço mais ou menos longo, uma crise ministerial, porque o sr. Cierva não saira do Governo desacompanhado.—(R.)

Numa secção da Caixa Geral de Depositos

Tentativa de furto e arrombamento

Os gatunos pretenderam furtar, por arrombamento, a secção da rua Aurea da Caixa Geral de Depositos.

Presume-se que ali se tivessem introduzido na noite de sabado para domingo pois só hoje se deu pelo arrombamento.

Uma vez na sobre-loja desceram pelo rombo com o auxilio duma corda para o rez-do-chão, onde a Caixa está instalada.

Sendo infrutiferas as suas tentativas desistiram, nada conseguindo levar comsigo.

A policia iniciou já as suas investigações, não se sabendo ainda quem sejam os assaltantes.

Antiqualhas historicas

Na proxima quarta-feira publicaremos esta interessantissima secção do nosso ilustre colaborador e erudito professor sr. Ladislau Batalha.

Exposição do Rio de Janeiro

O Laboratorio Farmacologico de Lisboa, de cujos produtos é depositaria exclusiva a Firma Raul Vieira L.da, concorre á exposição no Rio de Janeiro com 28 marcas entre as quais figura a Farinha Lacto bulgara, com uma nova embalagem de folha, que é lindo trabalho artistico.

"Os olhos cinzentos"

por João Ameal

No meio da onda epidemica dos livros de versos piegas, deblitados, sem um anceio desanuveado e vibrante ou um arremesso mais alto de Côr, que pululam, famintos, pelos mentras dos livreiros, aparecêu ha dias, altivo, angostionante, soerguendo-se redimido do naufragio fatidico dos vates, um livro de prosa de João Ameal.

E' uma novela moderna, estilizada, cheia de colorido e crispação, de elegancia e feeria, onde pulsam tremites que se alteiam e perfumam e cada imagem descerra uma tela animada, expressionante, com tonações ritmicas de tintas esbatidas e plasticidades ondulantes, esfumadas, de requinte e contorção, que se requebram e ondeiam numa levezs de penas de ave.

João Ameal anuncia-se atravez a descrição flexuosa, fulgural, no décor relumbrante, pincelado a traços desenvoltos e vibrateis, em manchas de alma e translucida e suave melodia, um estilista desempenado, esvelto, com uma arrojada visão pictoral e uma delicadeza alada efina de modelador sensivel na esculturisação plastica das figuras e atitudes de gestos e onduiancias.

«Os Olhos Cinzentos» são dois nigromantes esfingicos e perversos que no sortilegio do seu perturbante, estranho fulgôr lêem doidas sinas, destinos malditos...

Eu ainda sinto no olhar, vincada, ardente e venenosa, a tatuagem enigmatica de embriaguez e de quebranto que, há pouco, me trespassou, quando rompi, ancioso, inquieto, aquele ambiente aromado e morno, de fluidas, exquisitas deliquescencias e encarei, fitei bem de frente os alucinantes feiticeiros!...

* * *

Eu não sei falar dos personagens revelados por João Ameal nem do seu conflito; que os leitores me perdoem. Não conheço as pautas contingentes da Verdade nem entendo nada da vida—nem da sua verosimilhança nem da sua logica. Não tenho o sentido das proporções psicologicas nem obedeço aos estatutos das realidades palpaveis, das realidades rasteiras. Sou demasiado rebelde... E encontro uma enorme perguiça, um fastio desprezivel que me anestesia todo, só de pensar na ideia duma analise, de dissecação esmiuçada e fria do enredo da novela, das situações e do caracter dos seus herois: Isso fica para os criticos que eu—abertamente o confesso—não sei escrever critica.

Eles dirão se Florença de Liz, Cirilo Almer e Godofredo Malfaia estão errados na vida, se atraiçoaram as verdades estabelecidas, se excederam os preconceitos inamoviveis e os convencionalismos austeros, implacaveis, que pesam nas consciencias como dogmas eternos.

Pela minha parte, afirmarei apenas que estão certos e bem certos na Arte porque aí tenho eu a certeza de que tudo é verdade, de que tudo se imaterializa e transfigura...

E, assim, creio que só me falta dizer que João Ameal é na geração nova um dos raros prosadores em que eu tenho fé e ponho bem firme a minha confiança:

Posso pois sauda-lo afoitamente, numa grande esperança, pela bela revelação que nos brindou em «Os Olhos Cinzentos», olhos embruxados enigmaticos, de arrebatamento e de misterio, prometendo raras volupias estonteantes que enlouquecem e matam.

ANTONIO DE MONSANTO.

A gréve na linha de Cascais

Continua a gréve dos ferro-viarios da Sociedade do Estoril, tendo-se apresentado já bastante pessoal da via, trens, chegadores e revisores.

Ainda hoje se espera deslocar a locomotiva descarrilada da linha onde se encontra. Os comboios teem partido e chegado á estação do Caes do Sodré á hora da tabela.

O ultimo comboio a realisar hoje parte ás 18,40 minutos.

POLITICA INTERNACIONAL

As reparações

A resposta da Alemanha á Comissão de Reparações

Em conformidade com a resolução tomada em 13 de janeiro pela comissão de reparações, que concedeu uma moratoria provisoria para pagamento das suas prestações venciveis em 15 de janeiro e 15 de fevereiro respectivamente pela Alemanha com a condição desta apresentar, no prazo de 15 dias:

1.º—Um projecto de reforma, com garantias apropriadas para o seu orçamento e a sua circulação fiduciaria.

2.º—Um programa completo dos pagamentos em numerario e das prestações em especies, para o ano de 1922.

O governo alemão submeteu já á consideração dessa comissão a resposta ás suas resoluções.

Essa resposta é demasiadamente longa e certos de que a sua redacção não satisfará em absoluto que a comissão de reparações, quer os governos aliados—a quem ela deve ter sido já enviada—pelo que naturalmente terá de sofrer modificações, não a publicaremos na integra e limitar-nos hemos a assignalar os seus pontos essenciaes.

Divide-se a memoria do governo alemão á comissão de reparações em tres partes.

A primeira diz respeito á reforma do orçamento e da circulação fiduciaria: a segunda ao programa das prestações a efectuar em 1922; e a terceira consta de considerações geraes sobre o problema das reparações.

Quanto á primeira parte, á reforma do orçamento e da circulação fiduciaria, acentua-se que as medidas a tomar serão as que imediatamente derivam da reforma começada em 1919, a saber;

1.º «Regimen de receitas,» pelo desenvolvimento do sistema fiscal alemão, isto é, pela aprovação dos projectos de impostos sobre a riqueza, acrescimo de propriedade sobre venda de capitaes e sobre as sociedades, etc., além dos que já foram votados.

Acrescenta a nota do governo de Wirth que os projectos agora submetidos á aprovação do Reichstag asseguram uma melhoria muito sensivel dos direitos aduaneiros, que serão cobrados em oiro, assim como essa melhoria se fará sentir nos impostos sobre o consumo.

Diz-se ainda que estão tomadas medidas energicas para obstar á fuga de capitais e que se farão aumentar sensivelmente as tarifas da administração dos correios e telegrafos e caminhos de ferro.

2.º Reducção de despesas, pela reducção do numero de funcionarios, diminuição de subsidios concedidos pelo Estado, por reformas de organisação na administração postal e caminhos de ferro, susceptiveis de produzirem uma baixa acentuada nas despesas e pela aprovação de um projecto de lei submetido tambem á aprovação do Reichstag, pela qual ficará assegurado que os projectos orcamentais sejam concebidos num espirito de economia.

3.º Redução da divida flutuante e da circulação fiduciaria pela emissão de um emprestimo interno forçado e outras medidas de que fala nos anexos enviados, mas de que não temos conhecimento.

Relativamente á segunda parte, programa das reparações a efetuar em 1922, Wirth, na resposta á comissão de reparações, assinala as dificuldades financeiras com que o governo alemão deparará para poder fazer grandes pagamentos em marcos (oiro) e propõe que os pagamentos a efetuar durante 1922 sejam feitos dentro do seguinte programa:

a) Os pagamentos em moeda, assim como as prestações em generos já efetuados e ainda a efetuar para fazer face aos vencimentos de 15 de janeiro e 15 de fevereiro de 1922, serão aplicados ao pagamento das quantias a fixar. Os pagamentos em dinheiro ainda a realisar, no decorrer do ano de 1922, serão repartidos uniformemente por cada um dos meses desse ano.

b) As despezas feitas pelos exercitos de ocupação e reembolsaveis em moeda estrangeira serão descontadas na totalidade das prestações do ano de 1922. As contribuições para as despezas dos exercitos de ocupação a pagar em marcos-papel serão sensivelmente reduzidas.

c) O restante das obrigações financeiras derivadas do tratado de paz e ás quais é preciso satisfazer mediante pagamentos em moeda estrangeira, nomeadamente os encargos pecuniarios resultantes das operações de verificação e compensação serão por via de acordos especiais, reduzidos de fórma a serem suportaveis.

Quanto ás restantes prestações, assevera o memorial de Wirth, a Alemanha está disposta a contribuir, tanto quanto possivel, para a rapida restauração das regiões devastadas.

Resta a terceira parte em que Wirth procura demonstrar as circunstancias precarias em que a Alemanha se encontra e por isso insta porque lhe sejam facultados meios para poder integralmente cumprir as obrigações que os tratados lhe impõem. Tais como facilitar-lhe o recurso ao credito externo, etc.

Em face de tão monumental documento, que resolverão os governos aliados?

Esta é a pergunta que todos farão e á que esperamos poder responder dentro de alguns dias.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DO «CENTENARIO»

Fui ontem ao «Centenario». Transpuz as portas do Teatro Nacional, apesar do que me tinham dito, com aquela reservada desconfiança que aquele teatro me merece.

Durante o espetaculo, em pleno Rocio havia tiros, gente ferida, gente presa, correrias e aparato militar. E, devo confessa-lo, quando depois de decorrido o primeiro acto m'o vieram participar causou-me nojo. Era este o estado de espirito que a peça provocara em mim.

A desconfiança fôra-se. E eu aplaudi sinceramente, francamente a rir ainda com lagrimas nos olhos.

O teatro Nacional apresentou um conjunto que não envergonha ninguem. De resto só assim se pode realisar o milagre conseguido pelos irmãos Quintero.

O «Centenario» é teatro, ha um conflito, ha um enredo? Não. Ali apenas existe a Vida, a grande Vida, a Vida-Benção, a Vida-Coração.

Nesta peça conseguiram os Irmãos Quintero encontrar o verdadeiro significado da Vida, o verdadeiro significado do teatro.

Aquele ambiente cheio de sol, cheio de sonho, comunica-se a todos nós. E' uma obra feita para gente sã.

Aquela figura do velhinho de que José Ricardo se enamorou, tocando pela alma a mesma ingenuidade da Mariquinhas em que Ilda Stichini é deliciosa de frescura, resume toda uma filosofia, toda uma moral.

Obriga-nos a pensar, principalmente a nós os que vivemos estonteados pela vida duma cidade pequena, com todos os inconvenientes de cidade e de aldeia e sem nenhuma vantagem.

Obriga-nos a pensar e ao mesmo tempo derrama sobre nós um manto de bondade e de tranquilidade, que eu senti e compreendi esta manhã ao despertar, olhando no meu quarto uma tira de sol, dum sol encantador, o extraordinario sol de inverno, que vim beber, entusiasmado, em pleno ar, cheio duma alegria infantil, que me fazia sorrir.

O sol de inverno ha tanto tempo longe e de que eu tinha já tantas saudades...

BOTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

Muito se tem escrito sobre as formidaveis quantias que varios paizes, incluindo o nosso, devem á Inglaterra e aos Estados Unidos—dividas contraidas durante a guerra. Eis as tremendas quantias, segundo uma revista estrangeira:

A França deve á Inglaterra, 36.757 milhões; aos Estados Unidos, 22.528. Total, 59.285 milhões de francos.

A Italia deve á Inglaterra, 36.091 milhões de liras; aos Estados Unidos, 37.192. Total, 73.283 milhões de liras.

A Belgica deve á Inglaterra, 4.504 milhões de francos; aos Estados Unidos, 4.490. Total, 8.992 milhões de francos.

A Grecia deve á Inglaterra, 390 milhões de dracmas; aos Estados Unidos, 1.914. Total, 2.330 milhões de dracmas.

A Romania deve á Inglaterra, 2.590 milhões de leis; aos Estados Unidos, 7.488. Total, 10.058 milhões de leis.

A Servia deve á Inglaterra, 550 milhões de dinares; aos Estados Unidos, 4.770 milhões. Total, 4.920 milhões de dinares.

A Tchecoslovaquia deve á Inglaterra 5.172 milhões de corôas.

Portugal deve aos Estados Unidos 576 milhões de escudos.

Quanto dará tudo isto em centavos?

❖ ❖ ❖

Segundo uma velha profecia de S. Malaquias, profecia agora recordada a proposito da morte do Papa, o mundo não deve acabar no ano de 2.000.

O fim do mundo deve ser um espectaculo tão grandioso que nós, homens que vimos a grande guerra... por um oculo, sentimos verdadeiro desejo de assistir a ele, com a condição de não ser antecipada a data que S. Malaquias lhe designa.

No ano de 2.000!

Decididamente, convem-nos assistir ao fim do mundo.

❖ ❖ ❖

Pelo ultimo censo realisado em Março ultimo a população de Paris é de 2.906.472 tendo havido só um augmento em dez anos de 18.362 almas.

COISAS LEVES E PESADAS...

Do Salto vermelho... ao Salto mortal

Não vão julgar que este «Salto vermelho» do nosso titulo tem qualquer ligação com a marcha militar dos exercitos em luta na Russia, ou que ele seja o distintivo de alguma fita animatografica «dernier cri», á moda de episodio rocambolesco. Não. Este «Salto vermelho» é um vulgar salto de Luiz, pintado de ocre, uma excentricidade da moda que nos deu ha dias a impressão de qualquer coisa de original, de novo, de extravagante, de ardente. Não é o salto de Niagara que vai cair em catadupas de agua, é antes um salto elegante a Luiz XV que ficaria bem pisando o pequeno Trianon, entre paredes de cristal.

Ah! mas o vermelho daquele salto, no fundo todo preto duma figurinha gentil de mulher, pisando as pedras das ruas com o cuidado primoroso de quem pisa perolas, desaparecendo á nossa vista com a velocidade como tudo anda agora, positivamente a neve, dava tentações de ser atropelado. E' que esse salto era o unico ponto de réclamo para a obra á qual servia de calcanhar.

Se não fosse esse vermelho, a dona passaria talvez despercebida atravez a cidade. Ninguem daria pela elegancia do seu contorno, poucos fariam reparo talvez no brilho dos seus olhos. A cor rubra dos seus saltos, destacando-se do negro dos sapatos e das finas meias asseitinadas que encobriam a perna bem modelada, é que chamava a atenção de todos. Vermelho providencial, vermelho magnanimo que imprimia ao quadro a sua mais alta, a sua mais expressiva função de arte.

Ha já mezes que apareciam de quando em quando, nas «vitrines» afamadas das lojas elegantes de calçado—o grande comercio desde o inicio da guerra—as mais fantasticas diversidades em sapatos. Predominavam as côres insecisas, côres hesitantes de quem se não sente ainda bem á vontade, no caminho que vai trilhar. Era a primeira fase, um tanto confusa, do industrial inventivo. Sucederam-se-lhes as côres acentuadas. Como os pequenos maestros, os sapateiros, á falta de recursos de inspiração, entregaram-se a variações comesinhas de motivos mais ou menos conhecidos. A um sapato dourado, pintaram saltos negros; a um sapato verde, emprestaram fivelas furta-côres; a fino calçado de polimento preto, arranjaram esse salto vermelho que ha uns poucos de dias preenche pela surpreza da inovação uma parte do nosso cerebro!

Não admira que assim suceda. A côr é que nivelou sempre todo o trabalho artistico; primeiro indecisa e confusa, fixando-se depois pouco a pouco até á realidade da perfeição. E nos matizes achou a côr, as mais diversas e as mais estrambolicas combinações quimicas que vão desde o branco de prata ao verde cristalisado que passeiam pela Europa o azul da Prussia, o amarelo de Napoles, e o verde de Vienna, como se tratasse apenas de um congresso internacional ou de um simples mostrador de anilinas.

Mas, no vermelho daquele salto havia mais alguma coisa, do que a audaciosa aparição de um invento da moda, como todas as invenções semelhantes dependentes do exito. Havia qualquer coisa que chocava, por certo imprevisto de ousadia, um tanto de inesperado, muito de revolucionario em uma epoca tão positiva, mas em que tudo é, dentro desse positivismo, anarquico e sujo!

Aquele salto compreendia-se sobre as alcatifas felpudas dos perfumados salões do seculo XVIII, seria mesmo uma divindade pousando nos tapetes verdejantes dos regrados jardins do seculo XVI, mas atravessando as ruas lamacentas dos municipios do seculo XX fica quasi profanado. E' um salto que requer casaca direita, e calção e meia; que troça infalivelmente com as «gabardines» modernas e que se não pode aclimatar nem de longe aos colarinhos moles e as calças arregaçadas de sujeitos rapados mas de barba crescida, que é a ultima, a mais dissolvente e a mais triste das modas masculinas, porque a condição essencial para a respeitar, é não ir ao barbeiro e não fazer uso da «gilette» propria.

Esse «Salto vermelho» ia sósinho, felizmente. Nem arranjaria companhia condigna. Ainda descortinamos na memoria, a sua «silhouette», conhecida e especial, mixto de surpreendente beleza, envolta na farta pele de um casaco castanho, estatua esbelta sobre o pedestal de duas esculturais pernas. E de todo esse lindo pedestal o que sobresaia ainda mais era o «Salto vermelho» dos invisiveis sapatos negros que se eriam melhor continuação de pé delicado do que produto industrial de sapataria. O salto tudo ofuscava.

Tudo desaparecia á ardencia da sua côr provocante, desde o pé até á perna. Aquilo era um salto que valia todo um sapato, um salto que fazia lembrar os finos «cachepots» de porcelana rica, em que é uso apresentar, ás visitas de cerimonia, as plantas exoticas de cuidados estufas, e em frente dos quais se não sabe bem o que mais admirar, se a arte nova dos desenhos de faiança, se a arte sempre velha da Natureza exuberante e bela!

E' dificil preconisar o futuro desse salto. A moda tem caprichos extraordinarios. A' força de ser corriqueira, torna-se usada; chega a ter bom gosto o que gosto não possuia. Sucede aos artigos da moda o que sucede a todos os outros artigos. Ha-os melhor apresentados, que não fazem carreira, haos vulgares que caminham vezozmente.

Este «Salto vermelho» que eu encontrei, uma manhã destas, em uma das nossas ruas, não podia ter mais linda exibição. Será por isso que não caminha? Quando o vimos na montra da sapataria rimo-nos dele; quando o encontramos no calcanhar dessa divindade, ficamos estarrecidos.

E então só tivemos uma ideia. Diante desse «Salto vermelho», só pensamos... num «salto mortal».

ALERIA

De vez em quando...

Vinte e quatro filhos!

O diario inglez «Daily Express» noticia que, em Rubio, uma mexicana tivera, em um só dia, nada menos de oito filhos! Parece-me muito filho duma vez e para uma só pessoa, mas... Elucidativamente, o mesmo diario acrescenta que, até agora, conhecia casos apenas de quatro, cinco e seis filhos, mas que oito é coisa que lhe não lembra ter visto, e que o fenomeno causou espanto no mundo scientifico.

Acho, repito, muitos filhos juntos. Mas o «Daily Express» conta o facto, comenta-o, elucida-o, é porque é verdadeiro, não ha que eu duvide!

Imagina-se que o medo pegavel Vê se e deseja-se, um pobre pai, para agasalhar, sustentar e baptisar um filho; que lhe sucederia se, ao chamarem-no da sua labuta, porque a esposa chegara a «bom aconchego», o desventurado deparava com oito meninos enfileirados pela casa e berrando ensurdecedoramente, cada qual para seu lado... Livra! E então o preço dos generos, graças aos srs. açambarcadores e a quem os consente, que é cada vez mais «convidativo»!...

O nosso colega «O Vilarealense», que tambem viu a noticia no «Daily Express», referindo-se ao fenomeno, e rebuscando na sua biblioteca, diz que Agostinho Rebelo da Costa, na «Descripção Topografica e Historia da Cidade do Porto», citando casos de fecundidade da mulher, afirma que, «apesar da incredulidade de impertinentes criticos, mostra-se incontestavel o que se escreveu da famosa Calcia Lucia, mulher de Caio Atilio, natural da cidade de Braga e nela governador da Lusitania, pelos romanos.

«Em um só parto» deu á luz nove filhas»,—nove, as quais filhas todas viveram e se chamaram, alfabeticamente, Bazilia, Eufemia, Genebra, Germana, Liberata, Marinha, Quiteria e Vitoria.

Bom será saber-se que todas estas meninas, filhas de Calcia, «foram martires e santas».

Sempre rebuscando, em prol da sciencia, o nosso colega «O Vilarealense» diz ainda que o Agostinho Rebelo da Costa, que, pelos dados, se dedicava a investigação de nascimento de meninos numerosos, não quer que se esqueça o «que dizem de Marta Mantela, porque esta tambem, de um só parto, teve sete filhos, que, mais tarde, foram sacerdotes e edificaram sete igrejas.

Não ha, pois, que espantar ilustres camaradas da redação do «Daily Express». Não é só lá no Mexico, paiz onde as revoltas eram—já não são, felizmente,—o pão deles de cada dia—que as mulheres rubianas dão á luz oito filhos no mesmo dia. Por cá tambem houve disso. Mas sempre quero elucidar que, ninguem, que eu saiba, deseja passar á posteridade com esses filhos todos.

Pelo preço porque estão as botinas, 50$00 escudos cada par; e as baetas, 500$00 escudos o metro, por causa do cambio, já se deixa vêr; e ainda o preço do leite—ninguem quer que o seu nome, daqui a 100 anos, seja repetido no grande diario inglez nem no nosso querido «Vilarealense».

Tres mais com 24 filhos! Que bom castigo para os açambarcadores e «negociantes» de libras!...

ULTIMA HORA

POLITICA

Os srs. Cunha Leal e Alvaro de Castro teriam firmado um tratado de aliança?...

Fez impressão, entre a assistencia, a parte do discurso do sr. Cunha Leal referente ao partido reconstituinte. O ex-chefe do Ministerio acentuou que dos politicos reconstituintes, recebera sempre a mais leal coadjuvação. Sabe-se, porque já o disse que o sr. Cunha Leal não conserva a mesma grata recordação respectivamente aos democraticos.

Acredita-n muitos—e nós com eles...—que entre o sr. Cunha Leal e Alvaro de Castro existem entendimentos acerca da politica do futuro.

E' possivel que os dois estadistas tivessem verificado que, sem quebra do prestigio partidarista dos reconstituintes, podiam reunir-se esforços patrioticos, tendentes a imprimir na vida da nação uma orientação de tolerancia mutua, sem exclusões, antes pelo contrario, da realisação de reformas proveitosas e até indispensaveis á Nação.

A semana proxima vai decidir da sorte de muitos projectos, por enquanto embrionarios. Os breves meses do governo Cunha Leal demonstraram que não é dificil a conjunção dos esforços a bem da Patria.

Quando o sr. Cunha Leal regressar da sua vilegiatura, que não irá além de oito dias de repouso bem merecido, é natural que se realisem algumas reuniões de homens publicos, para estudar a forma pratica de intervir na politica nacional, promovendo uma obra eficaz de restauração. Os problemas da nacionalidade serão examinados por comissões varias, seleccionadas segundo as competencias [illegible]. E a todas essas trabalhos presidirão [illegible] Cunha Leal e Alvaro de Castro, sem quebra, é claro, da independencia politica de cada um.

Eis o que se dizia hoje, na Arcada, após a cerimonia da posse [illegible] rial. E como quem o dizia é politico militante, não nos repugnou conceder credito, transmitindo aos leitores de «A Capital» a versão que os nossos ouvidos indiscretos não deixaram de surpreender...

Se duma conferencia que ainda hoje se deve realisar entre o sr. Antonio Maria da Silva e o sr. Agatão Lança, não for possivel demover este do seu proposito, consta que será nomeado para aquele lugar o capitão [illegible] sr. Antonio Maia.

Tribunal de Defesa Social

No proximo dia 23 realisa-se o julgamento no Tribunal de Defesa Social.

Um incendio a bordo do vapor "Luso"

Em virtude de uma explosão de gazolina ocorrida na caldeira do vapor «Luso», incendiou-se este imediatamente.

O «Luso» está ardendo na Cova da Piedade, considerando [illegible]

TEATRO

Nota do dia

Os scenografos

Eu tenho, pelas pessoas que trabalham, respeito,—as que lhes não faço favor nenhum. Quando esse trabalho ou esse esforço toma a expressão de crear em arte alguma coisa ou simplesmente constituir uma nota de interesse eu alem de o respeitar, admiro-o. Não posso pois ter prazer algum quando obrigado pelo que devo á minha sinceridade ponho em foco os defeitos e as inferioridades que julgo reconhecer no trabalho alheio.

Ora tem sucedido, que algumas vezes, muitas mesmo, me tenho visto forçado a dizer mal, a criticar desassombradamente o trabalho de alguns scenografos portuguezes e os arranjos scenicos de algumas pessoas, que o acaso levou a intitularem-se e a serem de facto, embora por momentos, «metteurs en-scene».

E critico os por varias rasões.

Em primeiro logar, sendo a scenografia uma arte que em Portugal tem enchido, (pelo menos ha 3 ou 4 anos assim era) com muitos contos de reis, a algibeira de algumas artistas, entre os quais ha verdadeiras mediocridades, todos teem o dever de exigir, senão obras primas, pelo menos um esforço nitido no sentido de se aperfeiçoarem.

Em segundo logar, a scenografia colaboradora intima e primacial de toda a obra de teatro influi duma forma absoluta no prestigio da propria literatura nacional, e nós temos então o dever ainda maior de exigir tambem que ela cumpraa sua missão.

O que se tem visto não é porem isso.

Na revista, apenas a siencia dos nossos carpinteiros de teatro, mal aproveitados, se evidencia.

Nem sombra de gosto, nem sombra de modernismo, nem sombra de vontade de progredir, de educar, de elevar o gosto das camadas populares.

Dizem e que a culpa é dos empresarios que exigem sempre o mesmo «molho de pasteleiro», os mesmos doirados para o povinho ignorante.

Eu garanto que é falso, pelo menos em grande parte. E sabem porquê? pelo seguinte facto, que me chega por portas e travessas ao conhecimento, sem que para isso tenha contribuido alguem em evidencia.

Foi o caso que o notavel actor, inteligente e moderno que é Erico Braga quiz, —honra lhe seja!—não conseguiu, dar uma satisfação a todos que atacavam a companhia Lucilia Simões de ela não corresponder inteiramente ao grande nome que a encima e ás responsabilidades da primeira companhia portugueza extra-oficial de declamação, no que respeita a scenarios e decoração scenica.

E essa satisfação tentou ele dá-la abrindo um concurso de «maquetes», publico, para a «Casaca encarnada».

Noutro paiz qualquer, que atitude tomariam os scenografos profissionais do teatro, que teem enchido os seus bolsos, com uma concorrencia indubitavelmente minima em numero, pelo menos?

Tomaria a única só atitude digna, e pensariam: Se é um facto aquilo de que nos acusam, isto é, de que os nossos scenarios são maus, que venham então a este concurso mostrar o que podem e o que valem, que nós, iremos tambem esmerar-nos-hemos, e ali se verá quem melhor tem uma educação e um conhecimento pratico e real do «metier».

Era isto o rasoavel, o sério, o digno para o prestigio profissional dos artistas da scenografia.

O que fizeram elas, como se se tratasse de ingenuos e rudes aprendizes de qualquer oficio, melindrados com o patrão que não achava a «obra bem acabada»?

Fizeram segundo me dizem uma especie de ameaça—greve—e declararam, e, duma forma peremptoria, segundo me informam tambem, que se abrisse um concurso de scenografia, não só não aceitariam «maquetes» de alguem, como se oporiam á sua execução até onde podessem, e não trabalhariam mais para a empreza que abrisse tal concurso.

E' claro que Erico Braga, não se podendo pôr em conflicto com uma classe da qual precisa e onde ha realmente belos artistas e excelentes vocações a dirigir e a estimular, desistiu do que parece dessa ideia, visto que não dispondo a maioria desses desenhadores de «ateliers» limitar-se-hiam—como se faz em todo o mundo!—a fazer as «maquettes» á escala e dá-las a executar aos varios ateliers organisados.

Isto que é corrente em todo o mundo, onde é vulgarissimo um artista apresentar uma peça de teatro com musica e com scenografia e indumentaria, que ele proprio estudou ou entregou a alguem que o poderia com menos esforço compreender,—isto que em parte nenhuma melindra alguem, isto que é justo, rasoavel, admiravel—isto em Portugal, melindra toda uma classe,—e os artistas!

Mas scenografo é toda a gente que pinta bem scenografia e que seja artista, que sinta as perspectivas teatrais, que estude, que saiba admirar e entusiasmar-se pela sua arte. Não se põe uma etiqueta profissional num homem que [illegible] cola, esquadro e papel, e [illegible] faz por isso um scenografo.

Com um grande concurso de «maquettes» todos lucrariam, e muito especialmente os artistas profissionais da scenografia.

Entre eles eu conto, alem de alguns que admiro, outros que são meus amigos. Não sei os que verbalmente ou pó escrito protestariam contra um concurso da sua arte. Se porem eles querem ser considerados como artistas pintores de scenografia, andaram pessimamente.

Ponham o caso em qualquer das outras artes nobres.

Um concurso de escultura, onde só fossem admitidos cavalheiros munidos da ultima quota da Sociedade Nacional das Belas Artes. Seria simplesmente ridiculo.

Profissionais, cadastrados, de arte?!

Não. Artistas, só artistas—e a unica cedula pessoal para os artistas, a unica instransmissivel é a sua arte. Desta vez os scenografos borraram a pintura.

O HOMEM QUE PASSA

MUSICA

S. Luiz

ORQUESTRA SIMFONICA PORTUGUEZA

Teve ontem uma tarde feliz a Orquestra Simfonica Portugueza.

Apresentou-se bem, correcta, tocando com um grande relevo a Simfonia incompleta de Schubert e dando um grande brilho ao Don Juan de Strauss que lhe valeu fortes aplausos.

Irene Gomes Teixeira, com a sua Arte feita de nervos e de expressão tocou primorosamente o concerto em sol menor de Saint-Saens. Depois da enorme ovação que lhe foi tributada executou «El Puerto» de Albeniz com aquele maravilhoso encanto que Irene Gomes Teixeira sabe imprimir ás obras deste autor que nos seus dedos tomam côr e encantamento.

Irene Gomes Teixeira mereceu bem o entusiasmo que provocou.

Na terceira parte o deantrodo de Reinecke e em 1.ª audição a couverture de Benvenuto Collini de Berlioz, sendo bisado o primeiro numero executado com uma grande correção, e tendo a obra de Berlioz, cheia de interesse, uma cuidadosa interpretação.

B. C.

Noticiario

—Por toda esta semana deve realisar-se uma sessão para a imprensa em que será passado o filme «Rei da Força» de que é protagonista o nosso ilustre redactor sportivo, Ruy da Cunha.

—Ainda este inverno deve ser publicada a «Maria Isabel» de Americo Durão

—O compère da revista que André Brun escreveu para fazer o Carnaval no S. Luis, será desempenhado pelo actor Sebastião Ribeiro numa original interpretação dum dos nossos estadistas, que este actor costuma fazer com rara perfeição.

A'S SEGUNDAS FEIRAS

Antologia portugueza

Tres trechos do Padre Manuel Bernardes

Lenda dos bailarins

No ano da salvação humana 1012, imperando Henrique II, sucedeu em Saxonia, que um sacerdote por nome Ruperto, presbytero da igreja de S. Magno Martyr, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de Natal, não podia proseguir, por se achar distraido com os estrondos de um baile, que ali perto se fazia. E era, que um homem plebeo, por nome Olherio, com outros quinze companheiros, e tres mulheres, e dançando, e cantando todos juntos no cemiterio, faziam notavel ruido. Mandou-lhes pois o sacerdote dizer, pelo sacristão, que se quizessem aquietar; porque não era aquelo o modo agradavel a Deus de festejar noite tão santa; e zombando eles do recado com risadas, e dichotes, como gente de pouco entendimento, e menos temor de Deus, o sacerdote acendendo-se em zelo da honra divina, e do decoro, que a seu ministro sacerdotal se devia, disse:

—Praza a Deus, que um ano inteiro bailem, sem parar!

Caso estupendo, ainda somente ouvido, quanto mais visto! A boca do sacerdote o disse, e a mão do omnipotente assim o executou. Amanheceu, e anoiteceu o seguinte dia, e eles a bailar! Entrou a roda do novo ano, e eles sem sairem da mesma roda da sua dança! Passou um mez, o outro mez; acudia a gente atonita com tão raro espectaculo: dançando os achava, e dançando os deixava! Perguntavam-lhes uma cousa, e outras cutras: a nada respondiam, nem atendiam: o seu destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligencia, era só andar á roda, uns atraz dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do aguilhão daquela praga do sacerdote.

Não comiam, não bebiam, não mostravam cançasso, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rumpeu o vestido, nem cahiu sobre eles chuva. Da continua pista, ou calcadura, sumiram-se pela terra até mais acima dos joelhos: a si mesmos parece, que intentavam sepultar-se vivos, ou abrir caminho, por onde descessem a dançar ao inferno. Quiz certo mancebo tirar da roda a uma das tres mulheres, que era sua irmã. E pegando-lhe do braço com violencia, este lhe veiu na mão, desmembrado do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fóra alguma estriga; ou metendo a mão na massa lêveda, trouxesse algum pouco no punho. E ela, como se o braço fosse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi proseguindo a dança do seu fado, sem da ferida manar sangue!

Finalmente ao cumprir-se o ano, pelo natal de 1013, veiu áquele logar S. Heriberto, arcebispo de Colonia, e os absolveu da maldição; e introduzidos na igreja, os reconciliou com Deus. As tres mulheres, como sexo mais fraco, espiraram logo; pouco tambem duraram alguns dos homens, dos quais se diz, que, depois de mortos, obrou Deus por eles alguns milagres; como significando o perdão de seus pecados, que por meio de tão custosa penitencia tinham alcançado. Os mais que sobrevieram, sempre com o tremor de membros, e espanto dos olhos, mostravam bem o terrivel caso, que por eles havia passado. E cada um deles era uma estatua do escarmento, erigida para protestação da reverencia, que se deve aos misterios, aos ministros, e aos logares sagrados.

O frade de 300 anos

Estando um monge em matinas, com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram áquilo do psalmo onde se diz que: Mil anos á vista de Deus são como o dia de ontem, que já passou, admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquilo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu afectuosamente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar inteligencia daquele verso. Apareceu-lhe ali no coro um passarinho, que, cantando suavissimamente, andava diante dele dando voltas duma para outra parte, e deste modo o foi levando pouco a pouco até um bosque, que estava junto do mosteiro, e ali fez seu assento sobre uma arvore, e o servo de Deus se poz debaixo dela a ouvir. Dali a um breve intervalo (conforme o monge julgava) tomou o vôo, e desapareceu com grande magua do servo de Deus, o qual dizia mui sentido:

—O passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquela mesma madrugada depois de matinas tinha saido dele. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que dantes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava? respondeu-lhe:

—Eu sou o sacristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora torno, e tudo acho mudado!

Perguntando pelos nomes do abade e do prior, e procurador, ele lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar daquelos nomes. Disse-lhe que o levasse ao abade; e posto em sua presença, não se conheceram um ao outro, nem o bom monge sabia o que dissesse, ou fizesse mais, que estar confuso, e maravilhado de tão grande novidade. O abade então, alumiado por Deus, mandou vir os anais, e historias da ordem, onde buscando, e achando os nomes; que o monge apontava, se veiu a averiguar com toda a claresa, que eram passados mais de tresentos anos, desde que o monge saira do mosteiro até que tornara para ele. Então este contou o que lhe havia sucedido, e os religiosos o aceitaram como a irmão seu do mesmo habito. E ele, considerando na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos, e brevemente passou desta vida com grande paz em o Senhor.

Quem quer, vai, quem não quer, manda

A este ponto faz o apologo, que se conta das cotovias que tinham seus ninhos entre as searas. Dissera o dono do campo a seus criados, que tratassem de meter a fouce, se vissem estar os pães já sazonados; e ouvindo este recado uma delas, foi pelos ares avisar as outras, que mudassem sitio, porque vinham logo os segadores: porêm outra mais velha se aquietou do susto, dizendo: Deixemo-nos estar, que de mandar ele os criados e fazer-se a obra, vai ainda muito tempo. Dali a alguns dias, ouviram que o amo se agastara com os criados, porque não tinham feito o que lhes encomendara, e que mandava celar a egua para ele mesmo ir ver o que convinha. Agora sim (disse então aquela cotovia astuta) agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe doe a fazenda.

DOIS SONETOS

de dois anonimos

(SECULO XVII)

A. F. que môrreu do ar

Com ar madruga a flôr mais engraçada,
Pavão de Abril pomposo e matisado;
Mas para o seu olinho ser prostrado,
Basta-lhe o mesmo ar da madrugada.

Nasce airosa a vergontea delicada,
Pluma do bosque, pavilhão do prado,
Mas de um zefiro o sopro arrebatado,
Entre as plantas a deixa sepultada.

Assim foi, Fabio, Felis soberano,
Delicada vergontea, e flôr luzida,
Um ar a corta, se outro ar abola:

Fragil morreu, se madrugava ufano,
Porque emfim toda a popa desta vida
Apenas brilha, quando em ar acaba.

A um desengano

Será brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presunção, varia a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sabia a rudeza
Lhana a ficção, sofistica a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivança.

Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeição, culpa a defensa,
Intrepido o temor, dura a piedade,

Delicto a obrigação, favor a ofensa,
Verdadeira a traição, falsa a verdade,
Antes que vosso amor meu peito vença,

SPORT

Motociclismo

Para a volta da França em motocicleta, a que nos temos referido, estão representadas marcas inglezas, belgas e americanas, que farão concorrencia ás marcas francezas.

Pesos e alteres

Vai realisar-se o campeonato de Paris de forças, para amadores.

Os movimentos são la volé du arraché num braço, e jeté no braço oposto e developé, arraché e jeté nos dois braços.

Pedestrianismo

O corredor francez Leon de Nys vai tentar bater o record do mundo de meia hora, que pertenceu ao celebre campeão Jean Bouin, morto na guerra.

A actual distancia do record é de 9 kilometros 721 metros.

Boa Doutrina

Frantz-Reichel, um dos melhores jornalistas de sport, define a palavra amador, por alguem que: não trabalha por dinheiro, que não se mistura com profissionais, que não faz reclame do seu nome em festas pagas.

Por cá está tudo mais adeantado... a ponto de não se saber quando acaba o amadorismo e quando começa o profissionalismo.

Ciclismo

Morreu o ciclista Jap Eden, que foi um dos grandes campeões de velocidade do seu tempo, e o rival de Jacquelin, no tempo do seu apogeu.

Jap Eden, foi tambem campeão do mundo da patinagem.

—A União Ciclista Internacional vai novamente admitir os imperios centrais no seu congresso.

Box

Tex Richard, que promoveu o famoso combate Dempsey-Carpentier, conta este ano realisar oito campeonatos do mundo, um em cada categoria.

—Se o match entre Dempsey e o negro Wilis se realisar, terá que ser fóra da America, em virtude da corrente desfavoravel que ali existe, contra os pretos.

Fala-se no Mexico, ou talvez em Londres.

—No dia 12 vão encontrar-se no Porto, Faustino Pereira e Tavares Crespo.

Em Setubal Faustino venceu Ruivo por K. O. ao 6.º round.

—Dizem que a F. P. B. já recebeu o desafio de Faustino a Ruivo.

—Criqui, bateu ao 1.º round o seu compatriota Ledoux.

Esperavamos esse resultado, mas não tão rapido.

Esgrima

Durante o combate ao florete entre Gaudin e Nadi, o celebre Pini foi apresentado ao marechal Foch, a quem o mestre italiano disse, que fôra devido ao genio de Foch que terminara a guerra.

Fez-se o que se poude, disse o marechal...

Aviação

O Aero-Club de França ofereceu ao capitão Faulk as insignias da comenda de Legião de Honra, com que foi agraciado, em brilhantes.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Resultados de ontem

Nos desafios de ontem, o Carcavelinhos venceu o Casa Pia, e o Belenense bateu o Vitoria.

OS DESAFIOS DO PROXIMO DOMINGO

No campeonato da primeira divisão:

1.ª categoria—Bemfica contra Sporting, em Palhavã, ás 3 horas da tarde, juiz Artur José Pereira; Imperio contra Internacional, em Palhavã, á 1 hora da tarde, juiz Manuel Veloso.

2.ª categoria—Bemfica contra Sporting, em Bemfica, ás 11 horas da manhã, juiz José Domingos Fernandes; Imperio contra Internacional, no Campo Grande, ás 3 horas da tarde, juiz Alberto de Sousa Lino.

3.ª categoria—Bemfica contra Sporting, em Bemfica, á 1 hora da tarde, juiz Antonio Gonçalves de Oliveira; Imperio contra Internacional, no Campo Grande, á 1 hora da tarde juiz Joaquim Augusto Santos.

4.ª categoria—Bemfica contra Sporting, em Bemfica, ás 3 horas da tarde, juiz Jorge Pancada da Silveira; Imperio contra Internacional, no Campo Grande, ás 11 horas da manhã, juiz A. Torres de Sousa.

—No campeonato de promoção:

1.ª categoria—Cruz Quebrada contra Portugal, no Lumiar, ás 3 horas da tarde, juiz Eduardo Pedro Gomes; Chelas contra Royal, nas Laranjeiras, á 1 hora da tarde, juiz [illegible] Nogueira.

2.ª categoria—Sacavenense marca dois pontos porque a União do Comercio desistiu; Portugal marca dois pontos contra o Cruz Quebrada, que desistiu; Chelas contra Royal, nas Laranjeiras, ás 11 horas da manhã, juiz Boaventura da Silva.

3.ª categoria, 1.ª serie—União Lisboa contra Portugal, no Lumiar A, á 1 hora da tarde, juiz Rui Costa; Cruz Quebrada contra Sacavenense no Lumiar A, ás 11 horas da manhã juiz João Pereira de Figueiredo.

3.ª categoria, 2.ª serie—Chelas contra Bom Sucesso, em Chelas, á 1 hora da tarde, juiz Domingos Esparta; Nacional contra Ateneu, no Bom Sucesso, ás 3 horas da tarde, juiz Alfredo Pedroso.

4.ª categoria, 1.ª serie—União Lisboa contra Adicense, no Campo Grande A, ás 11 horas da manhã, juiz José Jaime Matos; Bom Sucesso contra Marvilense, no Bom Sucesso, á 1 hora da tarde, juiz Antonio Martins.

4.ª categoria, 2.ª serie—Ateneu contra Nacional, em Marvila, ás 11 horas da manhã, juiz Antonio Joaquim de Oliveira (do S. G. S.).

AS PROVAS DE «OS SPORTS»

Vão ser enviados amanhã aos Clubs de sport os regulamentos do Cross-Country que o jornal «Os Sports» vai organisar nos fins do corrente mez.

Publicamos a seguir o respectivo regulamento já aprovado pela Federação Portugueza de Sports Atleticos

«Artigo 1.º—Por organisação de «Os Sports» e com a aprovação da F. P. S. A. disputar-se-ha em fins de Fevereiro, em Lisboa, uma prova de cross-country num percurso de 5 quilometros.

Art. 2.º—A pista do percurso será limitada á corda por uma serie de bandeirolas e tiras de papel branco, a que os concorrentes deverão sempre dar a esquerda.

Art. 3.º—A inscrição é aberta a todos os corredores pertencendo a clubs do paiz e feita por intermedio desses clubs.

§ 1.º—Os concorrentes devem provar a idade minima de 16 anos.

§ 2.º—O boletim de inscrição poderá ser entregue até cinco dias antes da referida prova, devendo ser acompanhado da importancia de 1$10 por concorrente inscrito.

Art. 4.º—A prova é disputada individualmente e por equipes.

§ 1.º—Os clubs que desejarem disputar a classificação colectiva deverão inscrever um minimo de 4 representantes ou um maximo de 6, de que apenas contarão para a classificação os quatro primeiros chegados.

§ 2.º—A classificação é feita por pontos competindo 1 ponto ao primeiro e assim sucessivamente.

§ 4.º—A equipa vencedora é a que somar menor numero de pontos.

§ 4.º—Só pode classificar-se uma equipe desde que 4 dos que a compõem terminem a prova.

§ 5.º—Ao club vencedor será conferido por «Os Sports» um diploma comprovativo.

Art. 5.º—Serão premiados individualmente os cinco primeiros chegados.

Art. 6.º—Cada club representado deverá acompanhar o respectivo boletim de inscrição com os nomes de 2 fiscais de pistas.

§ unico—A não comparencia destes fiscais implica a desclassificação da respectiva equipe.

Art. 7.º—O juri será composto por um representante da Federação, um delegado de «Os Sports» e um representante de cada club inscrito.

Art. 8.º—No referente a concorrentes, condições de percurso e demais detalhes omissos, vigorará o regulamento pela F. P. S. A.»

ESTATUTOS E REGULAMENTOS DA A. F. LISBOA

O jornal «Os Sports» começou a publicar os regulamentos e estatutos da A. F. de Lisboa e União Portugueza de Foot-Ball.

N.º 5 — Folhetim de A CAPITAL — 6 de Fevereiro de 1922

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

Efimov por entre lagrimas e soluços poz-se a gritar que era um homem perdido, um desgraçado. Já o sabia ha muito tempo mas só naquele momento é que o via claramente.

—Eu não tenho talento! concluia palido como um morto.

B... estava muito comovido:

—Escuta, Egor Petrovitch, disse-lhe. Que ganhas tu com isso? Perdeste unicamente com o teu desespero. Não tens nem paciencia, nem coragem. Agora mesmo, num acesso de tristeza, dizes que não tens talento. Não é a expressão da verdade: tu tens talento; asseguro-te que o tens. Vejo-o pela forma como sentes e compreendes a arte. Provar-t'o-ei com a tua propria vida. Contaste-me a tua vida antiga. Nessa epoca tambem te visitava o desespero sem que desses por ele; o teu primeiro professor, esse homem estranho de quem me tens falado tanto, despertou em ti, pela primeira vez, o amor da arte e advinhou o teu talento. Sentiste-o então tão fortemente como neste momento, mas não sabias o que se passava em ti. Não podias viver em casa do proprietario e não sabias o que desejavas.

«O teu mestre morreu logo. Deixou-te sómente com aspirações vagas e sobretudo com o teu proprio inigma. Sentias a necessidade duma outra estrada mais larga, pressentias-te destinado para outros fins, mas não compreendias como tudo isto seria possivel e na tua angustia, odias-te tudo o que te rodeava. Os teus seis anos de miseria não foram perdidos. Trabalhas-te, pensas-te, reconheceste-te e ás tuas forças; compreendes agora a arte e o teu destino.

«Meu amigo é preciso paciencia e coragem. Está reservada para ti ainda uma melhor sorte do que aquela que me coube. Tu és cem vezes mais artista do que eu. Que Deus te dê a decima parte da minha paciencia. Trabalha, não bebas, como dizia o teu bom patrão e principalmente, resolve-te a começar pelo a, b, c.

Que te atormenta? A pobresa, a miseria? Mas a pobresa e a miseria formam o artista. São inseparaveis, desde o começo do mundo. Agora ninguem tem necessidade de ti, ninguem te quer conhecer. O mundo está assim feito. Mas espera porque outra coisa acontecerá quando souberem que tens talento.

A inveja, a troça e sobretudo a tolice oprimir-te-hão mais fortemente do que a miseria. O talento tem necessidade de simpatias simplesmente é preciso que o compreendam. E tu verás quanta gente te rodeará quando atingires o teu fim. Esforçar-se hão por olhar com despreso o que em ti foi conquistado mediante um penoso trabalho, privações, noites de insonia. Os teus futuros camaradas não te darão coragem nem te consolarão. Nunca citarão o que em ti houver de bom e verdadeiro. Com uma alegria maliciosa recordarão cada uma das tuas faltas. Mostrarão precisamente o que em ti ha de mau, e com um ar calmo e de despreso festejarão alegremente os teus erros (como se qualquer deles fosse infalivel). Tu, tu és orgulhoso e muitas vezes não tens rasão.

Chegarás ao momento de te veres compelido a ofender uma nulidade que tem amor proprio, e então, desgraçado de ti: serás um só e eles serão muitos. Cobrir-te-hão de alfinetadas. Eu proprio começo a experimentar tudo isso. Adquire força desde já; não estás tão pobre que o não possas fazer.

Podes ainda viver; não despreses os pequenos empregos e vai logo ao fim como eu proprio fui, uma tarde, n'uma casa pobre. Mas tu és impaciente; a impaciencia é a tua doença. Não possues a simplicidade suficiente; iludes-te muito, refletes demasiado, e fazes trabalhar demais o teu cerebro. E's audacioso em palavras e cobarde quando devias ser forte. Tens muito de amor proprio e pouco descaramento. Deves ser mais astucioso, esperar, aprender e então se as tuas forças não chegarem, caminha ao acaso; tens calor, tens sentimento, deves chegar ao fim. Senão, apesar de tudo, continua a caminhar ao acaso. Neste caso perderás se o lucro for muito grande. O acaso para nós é uma grande coisa».

Efimov escutava o seu velho camarada com uma ternura profunda. A' medida que ele falava, a palidez [illegible] parecia da sua face que se tornava córada a pouco e pouco. Os seus olhos tinham um brilho de ousadia e esperança.

Cêdo esta ousadia até ahi nobre transformou-se em audacia, depois na costumada impudencia e quando B... terminava a sua exortação, Efimov já o escutava distraido e com impaciencia.

Contudo apertou lhe calorosamente a mão, agradeceu-lhe e passando logo da humildade profunda e da tristeza para a presunção e para o orgulho, pediu ao amigo que não se inquietasse com a sua sorte porque ele saberia governar a vida, esperando encontrar cedo protecção, dando um concerto e conquistando com este golpe a gloria e a riqueza.

B... encolheu os hombros mas não contradisse o seu camarada. Separaram-se; claro que esta ruptura de relações não durou muito tempo. Rapidamente gastou Efimov o dinheiro que B... lhe tinha dado e pediu-lhe mais uma, duas, tres, dez vezes. Por fim B... perdeu a paciencia e mandou-lhe dizer que não estava em casa. Perdeu de vista Efimov.

Passaram-se alguns anos. Um dia B... quando voltava para casa, topou numa ruela, proximo duma taberna miseravel, um homem mal vestido, bebado, que o chamou pelo seu nome. Era Efimov. Tinha mudado muito. Estava esqueletico. A vida desordenada que levava marcara o para todo o sempre. B... alegrou-se com este encontro e sem perder tempo a trocar duas palavras com Efimov, seguiram para a taberna. Ali, numa pequena meza escondida, muito suja, examinou melhor o seu camarada. Estava coberto de farrapos, as botas quasi sem solas, a gravata usada, manchada de nodoas de vinho; principiava a cair-lhe o cabelo.

—Que tens tu? Onde estás tu agora? interrogou B...

Efimov mostrou-se constrangido, timido, mesmo; respondia incoerentemente a ponto de B... julgar que ele tinha enlouquecido. Por fim Efimov declarou que não podia falar se não lhe dessem vinho e que naquela taberna, ha muito tempo, já não lhe fiavam. Quasi que rugia pronunciando estas palavras, posto que procurasse encorajar-se por um gesto audacioso. Tudo isto porem era pesado, aflitivo, e a tal ponto penoso que B..., vendo que todas estas queixas não eram justificadas, sentiu por ele uma viva compaixão. Pediu vinho. A cara de Efimov mudou de expressão; os seus olhos encheram-se de lagrimas; sentia-se tão reconhecido e comovido que esteve quasi a beijar as mãos do seu bemfeitor.

Durante o jantar, B... soube com a maior admiração que o desgraçado tinha casado, mas a sua surpresa foi ainda maior quando ouviu que a mulher tinha feito a sua desgraça e o casamento tinha anulado completamente o seu talento.

—Como pode isso ser? perguntou B...

—Meu caro, ha dois anos que não toco violino, respondeu Efimov. A minha mulher é cosinheira, uma mulher grosseira! Passamos a vida á pancada um ao outro, eis tudo!

—Mas porque casaste, se isso é assim?

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3997—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 7 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2238 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Acabou-se a vassalagem?

Até ao momento em que escrevemos ainda não consta que o novo governo tenha enviado nenhum telegrama de saudação e vassalagem ao sr. Afonso Costa. A praxe de pegar pé ao antigo chefe democratico terá realmente passado á historia? Ter-se-ha inaugurado uma verdadeira era de brio, do dignidade no poder? O partido democratico está finalmente convencido de que é preciso seguir as grandes normas da democracia? Se assim fôr, é caso para dar parabens ao paiz visto a influencia que esse partido ainda, inegavelmente possue na politica portugueza.

Não se julgue, com efeito, que este pormenor seja insignificante. Pelo contrario, ele reveste uma significação muito especial. Nós estamos firmemente persuadidos do que a Republica tem sobretudo sofrido pela falta de educação civica, visto essa educação ter sido nela esquecida ou deturpada. Se assim não fôsse, nunca se teria assistido ao espectaculo dum grande partido prostado aos pés dum homem, e implorando-lhe, com praticas de baixo fetichismo, uma acção que reputava omnipotente.

Que nas monarquias, em que o absolutismo seja o sistema de governo, franco ou disfarçado, tudo depende da vontade do rei, ainda se compreende. Numa Republica, numa verdadeira democracia, não pode ser. Tenha a creatura adulada as qualidades que tiver, nunca se lhe pode consagrar um culto em que transpareça o espirito do servilismo, que é o de escravos e não de cidadãos livres.

Ao mesmo tempo a mania de crear Messias é egualmente tudo quanto ha de mais anti-democratico. As sociedades modernas já não acreditam em Messias, e por isso mesmo eles não são já possiveis em nossos dias. O espirito de livre-exame não os consente. Demonstrando as fraquesas e apontando os erros ou os crimes dos que são reputados idolos por turbas de baixa mentalidade desfaz-lhes o prestigio, mina-lhes o predominio. O criterio da igualdade é, de resto, nas democracias, soberano.

Precisamente para que não haja ninguem insubstituivel ou arvorado em despota é que se proclamaram os grandes principios que regem o mundo moderno.

Se o partido democratico se resolve a ser um partido de homens livres, de creaturas que hajam reconquistado a sensibilidade, repelindo os golpes de desprezo e afronta com que são mimoseados em troca da sua adoração supersticiosa, tal facto terá influencia na vida do paiz. Ha anos que o paiz não caminha por que pesa sobre ele a sombra do sr. Afonso Costa. O antigo chefe democratico não tem feito nem tem deixado fazer. A lenda que em torno da sua personalidade se firmou, e que o sr. Afonso Costa não tem tido a honestidade de desfazer, sufoca todas as iniciativas, de tal forma todos os seus idolatras se acostumaram a insinuar, ou mesmo a afirmar, que só o sr. Afonso Costa pode realisar, nesta terra, milagres de taumaturgo, que os homens publicos chamados ao governo de antemão sabem que não merecerão confiança, nem serão aproveitados os seus esforços.

Só o sr. Afonso Costa é, para certa gente, capaz de fazer tudo, o que é uma maneira de afirmar que os outros não são capazes de fazer nada.

Acabou emfim essa lenda? O partido democratico sentiu a bofetada desdenhosa com que as suas solicitações delirantes foram recebidas em Paris? Dessa sensação é producto a atitude do governo negando-se a enviar ao sr. dr. Afonso Costa o costumado preito de vassalagem? Repetimos: se assim fôr, o partido democratico e o governo que desse partido saiu levantar-se-hão no espirito publico. Excelente será que tal suceda.

Nuno Simões

Tivemos a honra de receber a visita do chefe de gabinete do sr. dr. Nuno Simões, ex-ministro do Comercio que nos veiu agradecer a atenção que «A Capital» sempre dedicou aos trabalhos daquela pasta durante o governo Cunha Leal. Ficamos muito reconhecidos pela gentileza.

Liberato Pinto

Já se encontra em Lisboa, o nosso amigo sr. tenente coronel Liberato Pinto, antigo chefe do Estado Maior da G. N. R. que á Republica tem prestado os mais revelantes serviços. Cumprimentámo-lo.

Pio XI

O regosijo na imprensa franceza

PARIS, 7.—A imprensa franceza não oculta o jubilo que lhe causou o resultado da eleição do novo Papa, sendo todos concordes em afirmar que ele representa a tendencia moderada e conciliadora.—(Lat. Am.)

T. M. E.

ou

Trapalhada Maritima do Estado

ou

Temos mais escandalos

A «Agencia Latino-Americana» forneceu-nos o seguinte despacho:

MADRID, 6.—Diz-se nos circulos maritimos que um grupo de financeiros e alemães, sendo o principal o sr. Hugo Stinnes, está tratando de formar uma importante companhia de navegação para comprar ao governo português os 40 navios alemães, que estavam ancorados em aguas portuguesas quando rebentou a guerra e dos quais Portugal se apropriou mais tarde.

Aos leitores de «A Capital» não é completamente estranha especulação a que este telegrama se refere. Trata-se, parece, de fazer subrepticiamente uma especie de restituição, trocando por marcos depreciados os navios de que em guerra nos tornou possuidores.

E' certo que o Estado demonstrou uma incapacidade notavel na administração dessa frota mercante graças ás delapidações verificadas na exploração mercantil dos barcos; as dividas dos T. M. E. atingiram uma quantia superior ao valor do material.

A unica conclusão a que se pode chegar, por agora, é que melhor teria sido, talvez, que os barcos não nos viessem parar ás mãos, visto que tão flagrante e desastrosa prova demos na sua utilisação pratica.

Mas o que se pretende fazer, agora? Ao certo, não se sabe. Apenas se suspeita dum cambalacho, travado no segredo dos gabinetes, fóra de todo o «controle» da publicidade. O sistema de administrar os negocios da Nação no impenetravel segredo das repartições do Estado, já não é de hoje. Vem de longe. Herdamo-lo da monarquia. E a herança pareceu tão boa que se aperfeiçoaram os metodos nestes felizes tempos da Republica do Terreiro do Paço.

Entretanto, nós temos agora governo novo. Pela voz do seu chefe, corre mando—o mundo de liliput, que vai de Melgaço ao Cabo de Santa Maria—corre mundo a noticia de que vão ser inaugurados processos novos de governo, verificado, como está, que os sediços meios do faciosismo partiderista só conduzem a bem visiveis e experimentadas catastrofes. O governo tem agora uma excelente ocasião para a demonstração pratica de que as palavras do seu chefe não são da qualidade das que usava Metternich. Basta, para tal, que ilucida capazmente a opinião publica acerca do significado preciso do telegrama Latino-Americano.

Segredos a toda a gente

O pé

Estou a vê-la, minha senhora, na sua sala Imperio, estendida num sofá a sua linda cabeça loira entre almofadas, as suas mãos brancas cheias de joias segurando um livro de Bourget, os seus pés pequeninos e indiscretos calçados de setim preto, flutuando, baloiçando no ar, sobre o tapete. Não ha nada mais gracioso e mais perturbador do que o pé du a mulher—por consequencia do que os seus pés, minha senhora. São eles que nos permitem reconstituir, ponto a ponto, traço a traço, a perna oculta, perdida, invisivel, estonteante, que se adivinha e que se não vê, que se sonha e que se não possue. E' do pé que os nossos olhos partem para a loucura voluptuosa de adivinhar a perna. E entretanto, minha senhora, o prestigio que ele tem para a nossa sensualidade a «hommes-á-femmes veiu-lhe em grande parte da seda que o veste, da pelica que o calça, do setim que o esconde. Um pé bonito mal calçado—é um horror. Um pé feio bem calçado—passa. Quando v. ex.ª, minha senhora, ao deitar-se, se descalça e enfia, em troca, os pés nas suas chinelas de seda, é certo que os seus pés, movem-se, agitam-se, renascem, ganham uma scentelha de vida, hão de dar-lhe a impressão de dois pequeninos animais surpreendidos de se verem livres, á luz—mas perdem em emoção o que não ganham em bem estar, perdem em encanto o que não ganham em comodidade... As mulheres deviam andar sempre calçadas. Não acha? Não. Já vejo que não segue a opinião do seu sapateiro—nem dos seus amigos.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

AO COMISSARIO GERAL DO GOVERNO

Portugal no Rio de Janeiro

"O estreitamento de relações entre as duas republicas irmãs pode fazer-se pelo sport, *com mais vantagem que pela diplomacia", afirma-nos o director do jornal "Os Sports".*

Começa agora a agitar-se a questão da representação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro.

Todos os sabios, homens de letras e artistas estão alvitrando ideias, procurando emfim, que Portugal concorra com brilho á grande exposição Internacional deste ano.

Ninguem ainda falou na nossa representação atletica. Como sempre, o sport, é posto de parte pelas altas mentalidades da nossa terra, quando afinal as relações de amizade entre Portugal e Brazil devem ser estreitadas, principalmente, pela participação dos atletas das duas republicas irmãs nos concursos internacionais que promovam a exemplo do que se faz em outras nações.

Somos—até certo ponto—desconhecedores do meio sportivo nacional, mas entendemos que os atletas portugueses podem perfeitamente tomar parte na Olimpiada que no Rio de Janeiro se realisará por ocasião da grande exposição.

O assunto mereceu-nos uma especial atenção porque tem sido «A Capital» o diário que maior soma de trabalho tem produzido na propaganda do revigoramento fisico da nossa raça pelos exercicios fisicos. Por aqui tem passado os maiores propagandistas do sport como: Alvaro de Lacerda, José Pontes, Campos Junior e neste momento Roy da Cunha.

Tornava-se portanto curioso ouvir alguem do «sport».

Não hesitamos. Procurámos Campos Junior, director de «Os Sports» que, depois de umas ligeiras perguntas nos diz:

—A representação portugueza, em concursos internacionais deve sempre fazer-se, por que ela traz-nos grandes ensinamentos.

Na Olimpiada que o Brasil vai realisar, em Setembro proximo, os atletas portugueses podem concorrer, porque—estou certo—saberão honrar o nosso nome. O que é necessario é que os poderes publicos se convençam que, pela concorrencia sportiva, o estreitamento de relações entre as duas republicas é mais seguro que pela diplomacia.

Necessitamos afirmar a vitalidade da nossa raça. Os nossos atletas mercê de uma propaganda tenua que se tem feito, podem hoje figurar ao lado dos atletas de qualquer nação. O que necessitamos, repito, é do auxilio directo do «Estado», porque sem ele nada se pode fazer.

Mas diga-nos:

Os atletas podem preparar-se para a proxima Olimpiada?

—Podem, evidentemente nalgumas especialidades, como em esgrima, tiro e foot-ball. Estou certo que, desde que o sr. Lisboa de Lima inclua na representação nacional os atletas portugueses, estes preparar-se-hão com entusiasmo e a nossa participação será condigna. Deixe-me dizer-lhe que o Brazil conta com a visita dos nossos homens de sport. Varios telegramas vindos do Brazil e publicados nos jornais nos manifestam o desejo da ida dos homens de sport. Tenho mesmo cartas particulares de amigos que residem no Rio que insistentemente desejam lá ver os atletas portugueses.

E' absolutamente necessario agitar a questão porque não é só com literatos que a vitalidade da nossa raça se afirma. Digo isto mesmo na «Capital».

Campos Junior, que os seus afazeres não lhe permitiam dispôr de mais tempo, prometeu voltar a falar-nos da representação sportiva no Rio de Janeiro.

Tereza Leitão de Barros

Os alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reunidos em assembleia geral, elegeram para seu representante no Senado Universitario a sr.ª D. Tereza Leitão de Barros, nossa ilustre colaboradora e que deve completar este ano brilhantemente a sua formatura em filologia classica.

Brindes

Recebemos da casa The Britise Electrical Eu ineering & Nechinery C. L.da, com séde na calçada do Marquez de Abrantes, 99, um belo calendario de parede.

MUSICA

Concertos Roger Godier

Encontra-se entre nós, tendo chegado ontem de manhã de Paris, o pianista Roger Godier, cuja vinda já fôra anunciada e que vem realisar entre nós alguns concertos.

As primeiras audições do joven e já celebre pianista realisar-se-hão nos dias 10 e 13 do corrente, no Salão do Conservatorio.

Em Italia e em Hespanha, Roger Godier obteve o mais caloroso exito. Em Madrid realisou no Palacio Real e a pedido dos soberanos hespanhois um concerto a que toda a imprensa madrilena se referiu com entusiasmo. Terminadas as suas audições em Portugal, onde Roger Godier conta amigos e admiradores que tiveram ensejo de o aplaudir em Paris, o artista fará uma larga digressão, pela America, sob o alto patrocinio do Ministerio das Belas Artes de França.

O primeiro concerto consagrado á musica franceza moderna, compreenderá as obras de Debussy, Raval, Dupont, Fauré, Saint-Saens, Rhené Baton, assim como uma deliciosa composição do Viana da Mota.

O segundo será composto de obras classicas da maior envergadura tães como os «Estudos Sinfonicos» de Schumann, a «Tocata e Fuga em ré menor» de Bach, os «Funeraes», de Listz assim como trechos de musica hespanhola e russa.

Os bilhetes podem ser procurados no Conservatorto de Lisboa.

Associação dos Advogados de Lisboa

Conferencia solene

Realisa-se amanhã, ás 21,30 a conferencia solene do actual ano na Associação dos Advogados de Lisboa, com a seguinte ordem da noite:

Breves palavras de abertura pelo presidente; relatorio dos trabalhos da Associação no ultimo ano, pelo secretario e Memoria pelo socio efectivo sr. dr. José Gabriel Pinto Coelho, sobre o ponto da sua escolha: «A nacionalidade das sociedades e a grande guerra».

Quanto tempo estará no Poder o sr. Antonio Maria da Silva?

Tem-se prognosticado para ai, com mais ou menos leviandade, a duração do atual governo. Tão habituados estamos a ministerios de pouca permanencia, que até o sr. dr. Veiga Simões, conversando com um influente politico profetisou ao governo do sr. Antonio Maria da Silva, vinte dias de Terreiro do Paço.

Dr. João Barral

Uma herança de duzentas mil libras

Lembram-se todos da morte do dr. João Barral. Pois num momento em que o Estado não tem ouro, e uma libra é objeto para raros apenas, ele deixou nada mais, nada menos, do duzentas mil libras, que ao cambio de cincoenta mil réis fazem a linda quantia de dez mil contos.

O que se passa na Russia

Os operarios não querem que a Russia se represente em Genova

HELSINGFORS, 7.—Noticias recebidas de Moscou dizem que uma grande delegação de operarios se dirigiu ao Kremlin afim de dissuadir Lenine de tomar parte na conferencia de Genova, manifestando o receio de que ele possa ai ser assassinado.—R.

Novos tumultos em Moscou

ROVAL, 7.—Rebentaram novos tumultos em Moscou, tendo-se dado colisões entre as tropas vermelhas e os guardas da Tcheka. O conflito foi originado nas gréves ultimamente declaradas em Moscou, tendo os soldados da guarda vermelha tomado o partido dos grévistas ao passo que a Tcheka, organisação de policia dos «sovjets» composta principalmente de chineses, pretendia obrigar os grévistas por meios violentos a retomar o trabalho.—(R.)

Nunes Ribeiro

O sr. capitão-tenente Nunes Ribeiro foi quem dirigiu e montou o posto radio-telegrafico da Serra de Monsanto. Encontrava-se, desde ha tempos, afastado do lugar de diretor, que com tanto brilho vinha exercendo. Agora porém, justiça lhe foi feita e o sr. Nunes Ribeiro acaba de ser reintegrado num lugar para o qual tem muita competencia.

Os "films" da Boa-Hora

Oferece-se este assunto para os auctores cinematograficos.—Ele é tão bom como os melhores saidos das fabricas norte-americanas

Não se apagou ainda da memoria dos lisboetas o caso rocambolesco da rua do Jardim do Tabaco. Um heroe do crime, o burlão Santos, armou uma ratoeira para apanhar um montão de «dollars», representados por autentico cheque enviado da Madeira por um tio rico a um sobrinho com muita vontade de ser milionario.

O tal Santos quiz apropriar-se, á viva força, do tentador cheque, coisa que o sobrinho pobre do tio rico não levou a bem.

Para se defender da ofensiva fez o sobrinho uso duma pistola, matou, com um tiro, um comparsa do Santos, feriu ainda este levemente, não evitando todavia, a fuga num automovel, que deslisou para longe, em corrida vertiginosa, graças aos sete pés de que dispunham os oitenta cavalos do seu motor.

O Santos foi descoberto e preso dias depois. Remetido ás justiças da Boa-Hora, foi-lhe arbitrada uma fiança de mil contos. Como fiador, apresentou o Santos um proprietario, possuidor dum predio cujo valor não excede 50 contos, ainda por cima onerado com uma hipoteca. O juiz do processo estava impedido de despachar, por qualquer circunstancia; um outro, porém, apressou-se a mandar tomar o termo da fiança, saindo o Santos em liberdade.

Agora, a justiça chamou á contas o seu homem. Este, porem, é que não esperou por isso para se pôr a andar, desaparecendo para parte incerta.

Isto aconteceu em Lisboa, ha alguns dias. Dir-se-hia, porém, que se trata dum «film» americano, produto da imaginação de qualquer romancista inspirado nas tradições do Far-West.

Temos visto, no «écran», fitas de muito menos interesse e movimentação do que esta, da qual é heroe o burlão Santos, discipulo de Rocambole, e que mete toda uma indumentaria vistosa, que vai desde a beca austera do juiz até á farda flamante do oficial de marinha.

Exposição do Rio de Janeiro

Entre os produtos que vão ser representados nesta exposição figura a «Lipobiase» do Laboratorio Farmacologico, que é o melhor extracto glicerinado de oleo de figado de bacalhau, que não repugna tomar e de que é depositario exclusivo, Raul Vieira, Ld.ª, Rua da Prata, 51.

AMANHÃ

ANTIQUALHAS HISTORICAS

pelo prof. Ladislau Batalha

Joffre em Toquio

Homenagens da Dieta

TOQUIO, 7.—A estada do marechal Joffre nesta cidade continúa a despertar em todas as camadas da população uma grande corrente de simpatia. A Dieta em particular quiz demonstrar-lhe a sua homenagem votando por unanimidade uma saudação de cordeal amisade á França. Na segunda feira o marechal partiu para Kioto, antiga residencia dos soberanos japoneses.—(R.)

Feira da Primavera de Frankfort

Informamos por intermedio de um prospeto esperantista, que na semana de 2 a 8 de Abril proximo terá logar a 6.ª feira Internacional de Francfort C. E..

Até essa data ficarão construidos mais dois pavilhões: uma imponente construcão em ferro A Casa da Tecnica uma outra de dois andares A Casa dos Comerciantes de Calçado. Para não prejudicar a ordem e a vista geral das secções, a Comissão da Feira teve de limitar o numero dos expositores, mas em compensação cuidou mais da sua escolha.

O importador encontrará portanto em Francfort A. M. uma feira verdadeiramente digna da sua atenção.

A Feira de Outono terá logar em 8 a 14 de Outubro 1922.

Na Penitenciaria

Tentativa de fuga

Da uma cela da ala B por um buraco que de antemão tinha preparado, conseguiu evadir-se esta madrugada da Cadeia Nacional o recluso 369, David Moreira, de 28 anos, o qual ao saltar um muro, caiu, fracturando a perna direita, pelo que teve de receber curativo no banco do hospital de S. José, onde foi recapturado.

POLITICA INTERNACIONAL

Preparando a conferencia de Genova

Com ou sem os Estados-Unidos?—Uma condição essencial de exito

A situação politica internacional pelo que respeito á Europa, cifra-se actualmente na preparação da conferencia de Genova. Cada uma das nações convidadas—são umas quarenta—tratará de estudar a sua situação, especialmente sob o ponto de vista financeiro e economico, e buscar o remedio para os seus males, o qual só poderá vir da cooperação de todos.

Isto é, trata-se de estabelecer a solidariedade internacional, a qual não elimina, comtudo, as dificuldades proprias de cada nação.

Será esta a primeira anotação a apontar. E' loucura supôr que do trabalho a realisar em Genova resulte a paz, o bem estar geral, sem que cada um tenha de contribuir com a sua quota parte do esforço. As nações devem procurar as causas do seu desiquilibrio financeiro, avolumar as receitas, comprimir as despesas, diminuir a circulação fiduciaria; e sob o ponto de vista economico, valorisar as riquesas naturais, produzir mais e facilitar a circulação da riquesa. Ha aqui trabalho para cada um, e trabalho para todos.

Mas este trabalho de cooperação resultará ineficaz se não concorrerem a Genova as grandes potencias capitalistas. E a primeira delas são os Estados Unidos, que ainda não deu assentimento, e que, pelo contrario, se aponta como inclinada a não comparecer. Ora sendo e a a maior detentora de ouro, graças aos enormes negocios que os norte-americanos fizeram durante a guerra, como precurar o equilibrio financeiro, sem a sua anuencia? Sendo os mais importantes estados da Europa seus devedores, como hão de eles regularisar definitivamente as suas finanças sem resolver a importante questão das dividas etre aliados?

Mesmo quando se trate de questões que aparentemente interessam só á Europa, é impossivel deixar de entrar em linha de conta com os Estados Unidos. Por exemplo, a questão das reparações, que interessa principalmente á França, mas que tambem tem sua influencia sobre outros estados—a Belgica, a Inglaterra, a Italia e outros de menor categoria (entre eles Portugal). A Alemanha insiste em afirmar a incapacidade de satisfazer os pagamentos (em especies e em generos), que os aliados lhe impõem. Neste sabado ultimo ela deve ter indicado, á comissão das reparações as quantias que se supõe habilitada a dar em pagamento, as garantias que oferece, e os meios que tenciona empregar para pôr em ordem as suas finanças. E' claro que a Alemanha ha de ter apresentado dados e soluções que a favoreçam: não é a ela que pertence oferecer sacrificios.

Mas não acontece o mesmo á França, que naturalmente procura obter o maximo que pode, sem prejudicar o desenvolvimento da Alemanha. Porque se as exigencias da França forem tais que provoquem a asfixia da sua devedora, esta será a primeira a sofrer, mas a França será a segunda.

Ora em França, o problema das reparações pretendem resolve-lo assim: 1.º) é necessario que o marco não baixe mais; mesmo torna-se necessario valorisa-lo. (Com o actual cambio, o governo não pode satisfazer as importancias em marcos-ouro a que os tratados o obrigam, nem comprar os generos necessarios, se quizer saldar a divida em generos, como o permite o acordo de Wiesbaden com a França); 2.º) para conseguir esse «desideratum», desde que a Alemanha não possue os meios suficientes, é necessario facilitar-lhe os emprestimos só por meio de operações internacionais de credito a Alemanha poderá fazer face aos seus encargos, quer esses emprestimos sejam feitos directamente ao Reich, quer aos sindicatos de industrias alemas; 3.º) esses emprestimos não podem realisar-se sem o concurso dos Estados Unidos e sem que os outros estados do mundo restabeleçam relações financeiras normais.

Por esta cadeia de deduções é que a França conclue que a questão das reparações não se pode resolver definitivamente e satisfatoriamente sem a intervenção norte-americana. E, alargando o debate, mais necessario se torna ainda o concurso da poderosa republica para as questões magnas a debater em Genova. E' por isso que o «Temps», em artigo recente, perguntava «o que estão dispostos os Estados Unidos a fazer para melhorar o estado da Europa» e afirmava que seria esta a questão dominante na Conferencia de Genova.

Esperemos, pois, que os Estados Unidos se pronunciem. Mas, entretanto, cumpra cada um o seu dever, procurando resolver o que estiver na medida das suas forças. Não nos parece que Lloyd George siga o melhor caminho, sacrificando a interesses da politica interna as boas relações franco-britanicas. Actualmente em Inglaterra, está-se procedendo a uma nova distribuição de forças partidarias: o partido liberal está claramente scindido em duas facções — liberal independente (chefiado por sir Asquit e lord Grey) e liberal coligado com uma parte do partido conservador. Esta ultima facção é comandada por lord Charchill, que pretende dar-lhe por chefe o sr. Lloyd George. Os interesses partidarios irão prejudicar os interesses gerais?

A Confederação Geral do Trabalho rompe com a Federação Nacional da Construção Civil

Nos bastidores da organisação operaria

Já ha dias que na Confederação Geral do Trabalho se vem passando um caso deveras interessante: o rompimento deste organismo com a Federação Nacional da Construção Civil.

O caso é simples: A F. N. C. C. enviou um oficio ao conselho da C. pelo qual declara não manter mais correspondencia que não seja assinada pelo individuo que da C. G. T. foi irradiado.

Reunido o Conselho Federal, depois de alguma discussão, aprovou uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.º Manter os suas anteriores resoluções, deixando a inteira responsabilidade da F. C. C. a execução dos seus actos anteriores e ainda os que de futuro venha a executar, ficando a restante organização sindical com a liberdade e independencia para ajuizar do procedimento daquele organismo para com a C. G. T.

2.º Tornar publica toda a documentação oficial trocada entre a C. G. T. e a F. C. C. relativa a esta questão devidamente esclarecida e comentada, dando ao orgão confederal na imprensa os necessarios elementos para se desempenhar dessa missão em numeros subsequentes de «A Batalha».

3.º Convidar todos os organismos centrais confederados a emitir liberrimamente a sua opinião sobre este incidente, para o que os respectivos delegados deverão contribuir com as indispensaveis elucidações, por fórma que possam ser com justiça assacadas responsabilidades a quem de direito.

O porta-voz da organisação operaria explica hoje, a atitude da Confederação Geral do Trabalho, procurando desfazer más impressões e sobretudo interpretações pouco lisongeiras que no meio do operariado o caso tem sugerido, prometendo publicar, segundo o determinado na moção acima transcrita, a documentação que sobre o incidente foi trocada entre a Confederação Geral do Trabalho e a Federação da Construção Civil. O caso diz respeito á irradiação dos delegados da U. S. O. de Evora. E diz:

Uma Federação é o conjunto dos Sindicatos que a constituem, porque são os sindicatos a base de toda a organização federativa e confederal.

O pensamento confederal não atinge, pois, os Sindicatos que constituem a Federação da Construção Civil. Atinge, sim, os delegados que na Federação representam esses Sindicatos. E bem vistas as coisas, esse pensamento tambem não os abrange a todos, mas apenas aqueles que são a causa dumu questão que nunca deveria ter surgido, e aqueles que, consciente ou inconscientemente, acompanham esses causadores, visto que fazem causa cumum com êles na obra de dissolução moral, tam grande que jamais se viu igual no seio da organização operária portuguesa.

São essas criaturas que saltam por cima de todos os valores morais da organisação sindical; que desprezam as proprias indicações dos sindicatos, que calcam as decisões máximas dos congressos nacionais; que colocam os individuos acima dos organismos, por amisade pessoal, por calculo politico e partidario, não trepidando em transportar para o seio da organisação sindical as intrigas de companario, semelhantes ás dos corredores do Terreiro do Paço, parece que numa sanha propositada de divisionismo que o vicio politico só consegue desenvolver e exercebar».

Depois declara que «o conselho federal não sendo contra os sindicatos que constituem a Federação da Construção Civil, tambem não é contra á organisação da Construção Civil, na classe»

Termina:

Não vejam, pois, os sindicatos da Construção Civil na atitude da C. G. T., menos consideração ou ataque á sua organisação; não vejam nisso comentario desagradavel á classe representada pela Federação. A sua Federação é visada, porque foi ela, levada por falsos amigos («e êstes não são todos os que dentro do mesmo representam sindicatos») que contribuiu para o actual estado de coisas.

Como se vê os bastidores da organisação operaria começam a movimentar-se já, com cisões e intrigas. A tal organisação mais perfeita e mais completa, principia a desagregar-se. A construção civil é sem duvida uma das maiores classes que estavam sob a egide da C. G. T.

E agora?

OS MISTERIOS DA NATUREZA

Notavel progresso realisado no estudo dos fenomenos espiritas

A mecanica plastica das materialisações
Mas, afinal, a que conclusão podemos chegar?

Demos, ha dias, noticia da iniciativa do jornal parisiense «Le Matin», que abriu uma especie de concurso publico para investigação dos fenomenos espiritas, com tres premios de 50.000 francos cada um, destinados ao «medium» ou «mediuns» que mais perfeitas provas produzissem. O «medium» é, como se sabe, um individuo que facilita a produção dos fenomenos, devido a circunstancias especiais, que parece residirem na sua propria constituição fisiologica. As investigações a que se dedicaram homens de sciencia de incontestavel valor e absoluta respeitabilidade, conduziram a resultados positivos, resumidos neste jornal no artigo a que acima nos referimos. Entretanto, os experimentadores não descansam. Num livro muito recente, edição do ano findo, relatam-se os ultimos trabalhos realisados em França, sób a direcção de Madame Juliette Alexandre-Bisson. As experiencias são de natureza a levantar um pouco do veu misterioso com que, até então, se manteve a produção dos fenomenos espiritas, principalmente no que respeita á sua mecanica evolutiva. Entendemos que merecé registo especial esse facto notavel, tão rapidamente se vai caminhando na descoberta e no aprisionamento duma força nova da Natureza. Vamos, pois, resumir o que lemos em «Les Phenomènes dits de Materialisation», por Juliette Alexandre-Bisson, 1921, Librairie Felix Alcan, Paris.

* * *

A materialisação espirita consiste na aparição, em sessão de experiencia e investigação, de membros humanos e até mesmo de corpos humanos, com aparencia de vida propria. As experiencias de Madame Alexandre-Bisson parecem-nos realmente notaveis porque revelaram, sob uma forma objectiva, o trabalho mecanico da materialisação, embora continue na obscuridade a força que conduz á plasticidade e á vida aparente da forma objectivada.

Serviu de «medium» uma tal Eva, que era adormecida antes das sessões, caindo em transe, como tecnicamente se denomina esse estado especial, que não é o sono vulgar e é tambem diferente dos estados de hipnose geralmente conhecidos. Foram muitas as experiencias. A' medida que elas se distanciavam do seu inicio, os fenomenos tomaram mais consistencia. Referir-nos-hemos apenas aos mais perfeitos.

Eva (o «medium») realisou sessões completamente nua e sob as vistas dos experimentadores, com madame Bisson servindo de guia dos trabalhos. Muitas vezes se viu o seguinte: do corpo de Eva, principalmente da boca, dos seios, do umbigo, etc, saia uma substancia branca, esbranquiçada ou cinzenta, que cobria, ás vezes, todo o corpo da medium e, mais frequentemente, a cabeça, uma parte do rosto, um braço ou o peito. Essa substancia material era informe, assemelhando-se a flocos de algodão. Foi possivel colher e guardar uma parte dela. E submetida á analise no laboratorio do Siberalm (Munich) revelou a sua origem animal, formada de elementos epitheloideus, extremamente delgados, com esporos de cogumelos e celulas poligonais, estas ultimas assemelhando-se a parenquima vegetal, sem, aliás, se poder determinar a sua natureza, desconhecida dos analistas.

Esta materia movia-se ao longo do corpo do «medium», como se estivesse animada de vontade; os assistentes viam-na sair do corpo de Eva e presenciavam tambem a sua nabsorpção.

Nas ultimas sessões os fenomenos de materialisação acentuaram-se. Junto do «medium» tornaram-se visiveis rostos humanos, quer de homens, quer de mulheres, formando-se tudo isso á custa da materia que se desprendia do corpo do medium». E, por sinais de cabeça, as aparições respondiam a perguntas dos assistentes, demonstrando assim que uma inteligencia apreendia as palavras alheias.

Estas experiencias demonstram, pois, o seguinte:

Que é á custa do «medium», por substancia que dele se desprende, momentaneamente, que se tornam visiveis as formas humanas, ou parciais ou totais.

A mecanica do fenomeno está, pois, descoberta. Permanece, porem, no misterio do incognoscivel, a inteligencia que modela as formas, servindo se da referida substancia pouco mais ou menos como o escultor procede com o barro das suas «maquettes».

Os experimentadores não desanimam e, pelo contrario, persistem no seu proposito de arrancar á Natureza mais um dos seus segredos. Emquanto se não chega a um resultado positivo, formulam-se hipoteses, cada qual sofrendo do preconceito das ideias preconcebidas. Vamos citar algumas dessas hipoteses.

* * *

Os materialistas consideram o pensamento como uma secreção do cerebro. Em conformidade com tais ideias, admitem que a substancia desprendida do corpo do «medium» não é senão a objetivação material do pensamento dele proprio ou da soma dos pensamentos dos assistentes, medium e experimentadores. As formas parciais ou totais do corpo humano, formadas á custa e por meio da substancia, não seriam senão uma criação material das vontades subjectivas do medium e assistentes. O dr. Geley «L'Etre subconscient» é desta opinião. Semelhantemente o professor Hartman pretende encontrar a causa de todos os fenomenos psiquicos «numa força poderosa dos nervos, produzindo, fora do corpo humano efeitos mecanicos e plasticos.» Os materialistas negam, em regra, a existencia demonstrada de inteligencias estranhas nas sessões de investigação espirita, o que os livra, é claro, de as explicar.

Outra teoria, tambem materialista, admite que a faculdade imaginativa do «medium» é uma força capaz de dar objectividade material ás suas criações mentais. A materialisação de Kate King, obtida por Williams Crookes, e muitas outras que seria ocioso citar, não cabem, por forma alguma, dentro de tão simplista teoria.

As teorias religiosas enfermam dos defeitos dogmaticos. São sistemas filosoficos, mais proximamente aparentados com a metafisica, que com a experiencia scientifica. No numero enorme dessas teorias enfileiramos tambem a teoria espirita, desenvolvidamente exposta nos livros de Allan Kardek, pontifice maximo do espiritismo religioso.

A conclusão a tirar é esta: os fenomenos existem; a sua formação mecanica é ja conhecida; resta investigar qual é a força desconhecida, provavelmente inteligente, que os produz ou auxilia a sua produção. E' neste sentido que as experiencias se estão orientando. E é bem possivel que, dum instante para o outro, uma nova modalidade da força universal venha a ser aprisionada pelo genio humano, utilisando-a, por aplicação pratica, nas obras do progresso e da civilisação. E quando lá se chegar, haverá ainda e sempre caminho a desbravar e segredos a surpreender, graças á miragem do Infinito, verdade unica na viagem interminavel dos mundos, atravez do Tempo eterno, do Espaço incomensuravel e da Vida inextinguivel!

Carta de Inglaterra

As eleições gerais — Os preparativos da oposição — O tratado irlandez e a opinião publica — As nomeações da Lista de Honra — O dramaturgo James Barrie contemplado com a Ordem do Merito

A minha predição, feita ha algum tempo, de que as eleições gerais se realizariam no principio do novo ano, provavelmente em fevereiro, parece estar para se cumprir dentro em breve. Ainda nada consta das intenções do governo, mas todas as indicações mostram que daqui a pouco a nação será chamada a pronunciar-se perante as urnas. A grande maquina composta das duas partes da Coalição, assim como a dos liberais independentes e a do partido trabalhista, estão recebendo os ultimos aperfeiçoamentos e preparativos para o dia da batalha.

Julgando pelo estado presente da opinião publica não vejo razão alguma para que o governo não volte ao poder com uma importante maioria posto que talvez menor que a actual. O que os meus compatriotas agora desejam mais e com plena consciencia é um periodo de paz e de união nacional, no qual eles possam ter a oportunidade de colocar e repôr as suas grandes faculdades e fontes de riqueza industrial no solido pé de prosperidade que tinham anteriormente á guerra. E eles creem que a Coalição chefiada por Lloyd George é a mais propria para esta politica de cooperação e de boa vontade. Não sofre duvida que a oposição combaterá aguerridamente. Terá isto a vantagem que sempre toca aos «defeitos» de administração o governo que se acha no poder e alem disso procurará a maneira de realisar uns cobresinhos a bem das classes operarias sem trabalho e esgotadas em consequencia da depressão comercial do ano passado e mostrará tambem quão enormes foram as dificuldades sem precedentes com que o governo se tem visto a braços e preocupado desde o dia da assinatura do Armisticio.

Por outro lado a imensa maioria do povo é bastante inteligente para compreender que a temporaria decadencia da nossa prosperidade industrial foi devida principalmente á causas mundiais sobre as quais não ha um unico governo que possa exercer mais do que uma muito diminuta influencia como quer que seja o comercio está reconhecidamente adquirindo um alto grau de progresso; e o governo tem neste sentido realisado actos notaveis que muito o acreditam e honram.

O maravilhoso feito do homem de Estado que levou á cabo a obra do tratado irlandez produziu uma profunda impressão sobre todas as classes e opiniões politicas das Ilhas Britanicas. A arrojada atitude britanica sobre o desarmamento na Conferencia de Washington satisfez ainda os mais recalcitrantes liberais; e a excelente direcção tomada pela politica do governo no que respeita aos negocios da Europa, e que tem como alvo supremo a restauração do credito europeu e a reabertura dos mercados encerrados fortaleceu as esperanças nos circulos financeiros e de negocios e muito contribuiu para desarmar as criticas do partido trabalhista contra a politica britanica estrangeira, a qual na verdade tem sido dirigida com excepcional firmesa e sagacidade.

O plano organisado pelo governo para fazer córtes nas despesas nacionais, sem contemplações de qualquer sorte, bem como a feliz possibilidade de uma reducção dos impostos são tambem factores bem calculados para ganhar o apoio das classes medias e manufactureiras.

No fim de contas eu tenho para mim que as eleições permitirão a continuação da Coalição governamental, com as importantes vantagens que, no paiz e no estrangeiro, representam a estabilidade e a continuidade.

O parlamento irlandez retomou as suas enfadonhas discussões sobre o tratado respectivo. No intervalo o povo irlandez mostrou, de uma maneira indubitavel, a sua vontade de aceitar o tratado, qualquer que seja a decisão do «Dail Eireann» e vai-se ver agora se é possivel resistir e como a essa admiravel solidariedade expressa e manifestada pela opinião publica, falta agora vêr, repetimos, se os representantes eleitos pelo povo lhe pódem resistir.

Torna-se cada vez mais claro de que nunca deixará de haver no novo Estado Irlandez um partido revolucionario extremista; a sua força, porem, e a sua influencia virão provavelmente a ser de pouca importancia quando, com o decorrer do tempo, a realidade da independencia irlandesa dentro do imperio se tornar evidente mediante a aplicação da nova constituição.

Os republicanos acabam de dar á luz um novo jornal que será de futuro o seu orgão. Em certo sentido é talvez uma vantagem para a Irlanda que os extremistas possam ter á mão este meio para dar facil vasão á violencia das suas paixões e opiniões.

As nomeações da Lista de Honra, publicada oficialmente ao começar o novo ano, são sempre lidas com vivo interesse pelos ingleses, mesmo pelos que ruidosamente proclamam que desdenham completamente os titulos e distinções oficiais. De facto o numero dos que recusam, quando lhes é oferecida uma recompensa desta natureza pelos serviços por eles prestados ao Estado, é verdadeiramente diminuto.

E isto constitue a mais segura indicação de que tais recompensas possuem um valor pratico e sentimental aos olhos da população do paiz. Nos ultimos anos a distribuição das honras periodicamente recomendadas ao rei tem-se estendido e alargado de maneira a cobrir e galardoar toda a classe de serviços publicos prestados sem distinção da situação social dos contemplados; e não ha aspecto algum deste reconhecimento publico mais legitimamente apreciado do que a tendencia crescente que se está mostrando para distinguir os representantes das artes e das sciencias.

Este ano as producções dramaticas são honradas de uma maneira especial na pessoa de Sir James Barrie, escritor de peças tão deleitosas e amenas e tão verdadeiramente britanicas como a sua personalidade e a sua propria modestia.

Sir Barrie foi nomeado membro da Ordem do Mérito, honra esta raramente conferida e que é reservada para recompensar os homens de maior fama e celebridade. Foi a condecoração outorgada pelo rei, ao terminar a guerra, a Lloyd George pelos seus eminentes serviços á nação, e não resta a menor duvida de que o primeiro ministro a preza acima de todos os titulos.

Factos e palavras

...DA FEIRA DA LADRA

Vão-se apagando a pouco e pouco as tradições. A velha Lisbôa das ruas estreitas e tortuosas cheia de aspectos curiosos vai dando logar a uma outra Lisboa arrebicada pretenciosa com ademanes de cidade capital em século XX. Aos olhos maniacos dos investigadores ainda se encontram por acaso velhos aspectos que despertam a evocação imperfeita e apagada dalguns traços caracteristicos de velhas instituições afamadas.

Eu gosto de vez em quando de apanhar em flagrante esses aspectos, de os analisar e de os guardar na memoria pela previsão de que em breve deixarão de existir.

Um dos velhos locais mais tipicos de Lisbôa era nas manhãs de terça-feira o Campo de Santa Clara. Desde a entrada do Arco de São Vicente por essa encosta abaixo, numa balbardia de ferro-velho estendia-se a Feira da Ladra. Tudo se vendia lá. E por que preços!... Não ha muito que eu lá comprei por vinte cinco tostões uma moldura de bronze trabalhado, estilo Imperio.

Desde o prego partido e ferrugento até á colcha de damasco, desde as coisas antigas, preciosidades até aos cacos de loiça antiga, e aos montes de metais sem préstimo aparente.

Era curioso vêr os colecionadores, em busca de raridades ali perdidas e que compravam por alguns tostões. Havia tipos conhecidos que lá batiam ás terças-feiras, sempre certos e com gostos definidos. Já todos sabiam o que queriam, o que compravam e dentro das malas guardavam-se as coisas para eles verem quando aparecessem.

Isto era a antiga Feira da Ladra. A de hoje, acompanhando os tempos, é de uma miseria que faz dó. Já não se encontra coisa que tenha préstimo. E a respeito de preço mais vale comprar na Baixa que de certo é mais barato.

Ainda esta manhã me pediram por um busto em barro do Afonso Costa, e já com a pêra partida, cinco tostões!!!

Morreu a Feira da Ladra. Vão-se apagando a pouco e pouco as tradições.

BOTTO DE CARVALHO.

Projecta-se actualmente a construção dum caminho de ferro de Mekong ao mar.

Este caminho de ferro poria Mekong a vinte e quatro horas de Haiphong e permitiria a este paiz cheio de riquezas naturais, mas sem vias faceis para transportar os seus productos, tomar grande desenvolvimento no augmento da sua prosperidade.

* * *

A reclamação da Belgica para lhe ser entregue o tesouro da Ordem do Tosão de Ouro, que os Habsburgos levaram das provincias belgas, no tempo da revolução franceza, foi regeitada pela comissão de reparações. Segundo diz a Belgica, o tesouro, quando foi para Viena, constava de muitos trabalhos de cinzel, relicarios, ornamentos de ouro e de prata, taças e outros objectos preciosos, armaduras, colares e mantos da Ordem, alem de grande quantidade de tapeçarias dos seculos 15 e 16 com que carregaram 90 vagons.

A decisão foi apresentada pelos conselheiros legais da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, sendo aceite pela comissão de reparações, sem discussão.

Os conselheiros tiveram que confrontar documentos historicos do seculo 15 e investigar as leis medievais da emaranhada historia dos Paizes Baixos, atravez 300 anos. A comissão não se pronunciou sobre quem se considera como legitimo possuidor do tesouro.

Este está em poder da Austria, que ainda o não reclamou, posto que se opuzesse á reclamação da Belgica. A familia Habsburgo reclama-o, mas a Austria não admite a reclamação. A mesma comissão indeferiu tambem pelo mesmo motivo, o pedido da Belgica para se lhe entregar o quadro de Rubens «Triptico de S. Ildefonso» foi levado de Bruxelas para Viena em 1777.

* * *

Consta que o «Gaulois» se vai fundir brevemente com o «Figaro».

As artes

Despertou a atenção do mundo artistico da cidade de Londres a descoberta de uma tela de Rembrandt.

O quadro representa S. Filipe batisando um eunuco, e foi vendido num leilão por 2100 guinéus. O ex-proprietario desta obra de arte, viuva dum medico, nunca supoz ser possuidora duma obra de tanto valor. O quadro fora comprado pelo marido ha mais de trinta anos, por 30 libras. O sr. Frank Sabin e outros peritos asseveram tratar-se de um quadro de grande artista que se reputava perdido.

Foi pintado em 1628. Reconhece-se, indubitavelmente essa faculdade especial de Rembrandt em pintar sombras luminosas, assim como o seu caracteristico trabalho de pincel.

ULTIMA HORA

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do Interior, ocupando-se da elaboração do programa e declaração ministerial, e tambem de diversos assuntos de administração publica suspendendo os seus trabalhos que deverão continuar noutro conselho, marcado para depois de amanhã.

A demissão do sr. Damião dos Santos

O sr. Damião dos Santos, adjunto da Policia de Defesa Social, deve amanhã apresentar o seu pedido de demissão.

Os inqueritos

Depoz hoje o coronel sr. Manuel Maria Coelho

O adjunto da policia de investigação criminal, juiz sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, esteve ouvindo hoje no quartel general o sr. coronel Manuel Maria Coelho, chefe da Junta Revolucionaria de 19 de Outubro e o chefe da esquadra dos Anjos.

Tambem hoje devia ser interrogado o guarda-marinha sr. Benjamim Pereira, não tendo comparecido por dar parte de doente.

Interrogado o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque pelo representante d'«A Capital», se de facto existiam mandados de captura para quaisquer individuos, que se dizem implicados nos acontecimentos de outubro, declarou apenas que nada sabia e que alguns jornais só é que sabem essas coisas.

POEIRA da ARCADA

O general sr. Pedroso de Lima comandante da primeira divisão do exercito cumprimentou hoje os ministros.

—O sr. José O'Neill Pedrosa desligou-se do Partido Republicano Liberal.

—Deve ser distribuida na proxima segunda feira a «Ordem do Exercito» da 2.ª serie.

—O major sr. Tavares de Carvalho, procurou hoje o administrador geral das estradas, a fim de solicitar a reparação da estrada de Cezimbra e de uma bomba de agua em Paio Pires.

—O sr. Augusto Nobre tomou hoje posse da pasta da instrucção.

A gréve na Sociedade Estoril

Continua sem solução a gréve dos ferro-viarios da Sociedade de Estoril continuando porem a apresentar-se parte do pessoal.

Vapor „Luso„

O vapor «Luso», que está fundeado na Cova da Piedade, continua a arder, considerando-se já totalmente perdido.

Sociedade de Habitações Salubres e Economicas "O Lar Nacional"

Sociedade Anon. Resp. Limitada

CAPITAL: 200.000$00

14, 2.º—Avenida da Liberdade

— LISBOA —

Para os efeitos do art.º 10.º dos Estatutos, se annuncia que, por terem sido anulados os titulos das acções desta Sociedade abaixo designados, se procederá na Bolsa de Lisboa no dia 22 do corrente, por intermedio do corretor oficial o sr. José Casimiro Serrão Franco, á venda dos novos titulos que foram emitidos em substituição dos anulados e relativos:

1.º—A's 10 acções n.os 1793 a 1802 só com a 1.ª prestação paga.

2.º—A's acções n.os 496, 741 a 750 e 751; com as 1.ª e 2.ª prestações pagas.

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realisado — *Esc. 24:000.000$*

Fundos de reserva — *Esc. 26:009.000$*

Assembleia Geral Ordinaria

POR ordem do ex.mo sr. Vice-Presidente da mêsa da Assembleia Geral do Banco Nacional Ultramarino, é convocada a mesma assembleia a reunir-se no edificio do Banco, no dia 6 do proximo mês de maio, ás 14 horas, para os fins designados no artigo 24.º dos estatutos.

Lisboa, 1 de fevereiro de 1922.

O Secretario da Mêsa da Assembleia Geral,

(a) Francisco Mendonça de Sommer

TEATRO

Nota do dia

Estrangeiro

Parece estar definitivamente assente a vinda duma companhia franceza a Lisboa pelas noticias vindas a publico esta manhã.

A ultima vez que falamos com Augusto Pina o seu desanimo era grande, pois sucessivamente os telegramas recebidos de Paris vinham aumentando em exigencias e garantias, a tal ponto que o novo e intransigente administrador do Nacional chegava a desistir duma defesa a tal empreendimento.

A' medida que o nosso cambio piorava a Companhia Franceza forçava os pedidos com receio talvez de que não lhe pudendo pagar desistissemos do contracto o que seria preferivel a um dia de perca na sua «tournée»... financeira.

Sim, meus caros leitores, porque estas saidas de dum grupo de artistas do seu teatro, e da sua patria, não constitue senão para os ilustres mercantes de arte da bela nação de Molière, um motivo financeiro. Para nós, nos confins da Europa, poderá constituir imaginação e deleitoso prazer receber de olhos estasiados uma «Monna Vanna» fatigada de viagem, ou confrontar os «Marionetes» franceses com os nacionais. Poderemos procurar nessa meia duzia de espectaculos, a que presidindo o espirito de Augusto Pina, não deixará de encerrar todos os requisitos de bom teatro, um assomo de Arte, uma noite de elegancia e mesmo de prazer.

Para os artistas franceses, tanto faz vir a Lisboa, como ir a Salamanca, tanto faz as palmas dos madrilenos como dos lisboetas; o que querem é ter garantidos um certo numero de francos é mais nada.

A vinda porem da Companhia Franceza é a chave de oiro, com que se abre, e não com que se encerra, a administração de Augusto Pina. Ela não será pelas desastrosas circunstancias actuais do paiz uma obra de administração, porque não dará senão o suficiente para os artistas estrangeiros levarem; mas é uma nota de boa vontade, um estremeção na mazombice nacional, e um precedente. Estabelecido o principio que não se deve apenas servir o teatro para que ele nos dê lucros, o que só leva a essa terrivel «chantage» artistica do «Paris s'amuse», é que um sacrificio em favor da arte ou do bom nome da Arte é um acto digno de louvor, outros empreendimentos semelhantes seguirão á vinda da Companhia de Melle, Pierat.

Sabemos até que ha um ligeiro entendimento entre Augusto Pina e um empresario inglez, que a sua passagem para a America do Sul, esboçou a possibilidade e o interesse mutuo, que havia em todas as companhias que se destinam da Inglaterra á Argentina, terem uma paragem em Lisboa, o que amenisaria a viagem, seria um espectaculo mais para a cidade e uma nova receita para a «tourné». A vinda de Pierat será o primeiro passo para todo esse desenvolvimento de relações artisticas teatrais com o estrangeiro. Oxalá o compreendam todos.

E, já que estamos com a mão na massa, deixem esclarecer aqueia ousada afirmação de que o estrangeiro em «tournée» é mais sensivel á bilheteira do que aos triumfos colhidos.

Coquelin á passagem pelo teatro Nacional, recebe na noite da sua estreia uma ovação delirante, colossal. Aquêles que junto dêle viviam, achavam-se comovidos com o carinho da manifestação. No primeiro intervalo, correm ao camarim onde o grande artista descança, e a primeira frase que se ouve é, em francez:

—Quanto rendeu a casa?

ARMANDO FERREIRA.

A FESTA DE ADELINA FERNANDES

Decorreu no meio do maior entusiasmo a festa de Adelina Fernandes ontem realizada no Edeu. Além da revista «31», que ao Edeu está atraindo uma grande concorrencia, representou-se o original quadro dos «Caricaturas», do «Ceu Azul», no qual salientou Nascimento Fernandes, que foi bem na interpretação da «Caricatura do bebado».

A festejada contou dois fados com caracter e sentimento. A casa estava cheia.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS TRABALHADORES DE TEATRO

Está marcada para domingo 12 do corrente, pelas 14 horas, a Assembleia Geral da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro; para:
1.º—Apresentação de contas;
2.º—Eleição da nova Gerencia para o ano de 1922.

Um grupo de artistas do varios teatros pensa fazer um ...., nesta assembleia, uma grande ..... que se incumbirá duma ..... e imediato e actual situação do nosso teatro, apresentando numa proxima assembleia um trabalho que decerto vai causar surpresa em toda a classe.

Noticiario

Portugal

Regressou de Santarem, onde deu seis espectaculos, a companhia Alves da Cunha, que começou hontem no Centro Hespanhol a ensaiar a peça do engenheiro sr. Cohen, chamada Prometeu, com a qual dará uma récita extraordinaria em festa do actor Alves da Cunha, ou no teatro de S. Luiz ou no de S. Carlos.

—Continua em negociações para uma «tournée» ás ilhas o actor Alves da Cunha e vae o actor Abilio de Amaral.

—Desligaram-se da companhia Alves da Cunha, os actores Holbeche Bastos, Januario da Silva e Sampaio e a actriz Emilia Costa.

—Alem de Samwel Diniz e Lino Ribeiro, entrou para a companhia Alves da Cunha o actor Augusto Torres.

—Consta que a actriz Luiza Satanela fará a sua festa com a primeira representação da opereta «A Perola Negra» da Parceria Felix Bermudes, João Bastos e Ernesto Rodrigues.

—Raquel de Barros, do teatro Avenida fará a sua festa com a primeira da «Fi-Fi», que deu em Paris perto de duas mil e quinhentas representações. A tradução é de Tomaz Ribeiro Colaço e Tito Arantes.

—Vão muito adeantados no Avenida os ensaios de «Fi-Fi.»

—O grande sucesso deste carnaval vão ser as deslumbrantes festas que já no proximo domingo se iniciam no «Avenida Parque», novo recinto de espectaculos, o mais vasto e belo da capital.

A inauguração será com deslumbrantissimos bailes de mascaras, no sumptuoso «Palacio Mayer», que, para tal, muito se presta, sendo installado no 1.º andar um primoroso serviço de «restaurant». Nessas noites os lindos jardins do «Avenida Parque» estarão profusamente iluminados.

—Como de costume nas temporadas anteriores, alem do baile na sala do espectaculo, finda a recita do Nacional, haverá, tambem, antes do baile no salão nobre, sem maior dispendio para o publico.

—Em virtude do acordo a que se chegou para a vinda a Lisboa da Companhia de Madame Piérat, a notabilissima atriz societaria da «Comedie Française», o Nacional vae desde já abrir a assinatura para uma curta serie de espectaculos, que terão logar na primeira quinzena de Março, depois de terminada a época de S. Carlos, com o seguinte reportorio: «Marionettes», de Pierre Wolff; «Marche Nuptiale», de Henry Bataille; «Princesse Georges», de Dumas filho; «Amoreuse», de Porto Riche; «Monna Vanna», de Maeterlink, e «Aimer», de P. Geraldy.

—Com Alves da Cunha entram para o Nacional alguns elementos da sua companhia, como Berta Bivar.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Em S. Carlos, quarta representação nesta epoca de opera de Wagner, «Parsifal».

AMANHÃ — Primeira representação nesta epoca em S. Carlos da «Bohemia».

SABADO—Reprise da «Viuva Alegre», no Teatro de S. Luiz para festa de Aldina de Souse.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

As minhas palavras, escritas num momento d'irritação, voaram até si o magoaram-na a mim.

Como pouco o meu pensamento que ao poisar em você, só sabe formar palavras amigas ditar-me aquelas palavras duras e injustas que voaram até si e me magoaram a mim?

Você pode vingar-se e em resposta ás minhas frases injustas, responder-me com outras desdenhosas, que vieram magoar-me, a mim, já tão magoado.

Você é feliz, pode vingar-se, e a vingança é um grande prazer; você é felicissimo, pode perdoar e perdoar a quem nos ofendeu, porque muito nos queria e foi injusto por aflição, é um prazer imenso.

Mas repare como eu sou infeliz, não posso ter o prazer da vingança porque fui eu a culpada; só a mim posso acusar; não posso ter o prazer imenso do perdão, porque você poderá perdoar-me, mas eu é que nunca perdoarei ao meu pensamento, que só sabendo encontrar palavras carinhosas quando se trata de você, formou aquelas frases duras e injustas que voaram até si, magoando-me a mim.

E portanto com o coração triste e os olhos rasos d'agua, leio e releio as suas frases desdenhosas que aparentemente mereci, tendo por unico companheiro o Arrependimento, e sabe você, amigo meu muito querido o que é encontrar-me só-só com o Arrependimento com essa figura sombria e taciturna que só sabe repetir as palavras que a nossa alma já decorou e quereria bem esquecer? Ele grita-nos sem cessar: As palavras ao sairem dos nossos labios já não nos pertencem, cairam no irreparavel e ficaram pertencendo ao Passado, ao Passado terrivel cuja sombra indelevel e imutavel cai no presente e no futuro. Ajoelha-te, bate no peito, perde perdão, chora todas as lagrimas, talvez aquele que tu ofendeste te perdôe e se esqueça mas tu já as disseste e não as esqueceras, pois eram tuas filhas e tornaram-se tuas inimigas.

Tapo os ouvidos, tapo os olhos, tapo o coração, a alma e o pensamento. Tudo em vão, como o martelar monotono, dum pendulo, o Arrependimento repete: Dissestel disseste! disseste!

Desesperada volto-me para si, estende-lhe as mãos e peço-lhe:

Amigo, diga-me na sua voz lenta e pausada, na sua voz carinhosa de antes:

—Perdôo-lhe, esqueço o que você escreveu e não duvido da sua amizade.

Eu envolverei no seu perdão, na sua confiança, os meus ouvidos, a minha alma, o meu coração, o meu pensamento e talvez assim consiga diminuir um pouco o tenir metalico dessa terrivel voz.

Sempre a mesma

TANAGRETTE

FRIOLEIRAS

Na Renascença os moveis perderam muito das suas formas pesadas e deselegantes fazendo-se leves e graciosos.

Os armarios, especialmente, tornaram-se maravilhosas obras de arte.

Já não eram aqueles caixões enormes como catedrais, com pesadas portas ferradas de ferro como portas de prisão; agora as ferragens dissimulam-se no interior, o armario divide-se em dois corpos, o inferior, forte e grande, o superior, mais estreito, mais gracil, duma forma arquitetural: colunetas trabalhadas e esculpidas, sustendo os angulos, uma frente ornamentada por admiraveis frisos e arrendados.

As portas são adornadas de lindos baixos-relevos.

Algum tempo depois perde o armario muito da sua elegancia mas torna-se mais rico, cobre-se de incrustações, de bronzes cinzelados, e embutidos, tão judiciosamente empregados que até nós chega a fama da sua beleza e suspende-se a respiração ao falar dos maravilhosos armarios de Broule.

CONSELHO PRATICO

Para limpar couro

Aconselhamos para a limpesa do couro uma pasta composta de gizz e de benzina.

Esfrega-se o couro com esta pasta e deixa-se secar durante algumas horas. Escova-se em seguida com uma escova envolta em flanela.

Pode-se dar ao objecto que se limpa o aspecto de novo, envernizando-o com uma clara de ovo.

Para limpar as tiras de couro dos chapeus dos homens, geralmente um pouco gordurosas, é bom aplicar primeiro benzina para e só depois se porá a pasta.

TRABALHOS FEMININOS

Agora ha uma perfeita mania da rede bordada, todos a empregam e nas coisas mais diversas; stores, panos de almofada, toalhas para mesa de chá, etc.

Os modelos mais escolhidos pelas pessoas do bom gosto, são os animais heraldicos, tais como o leão, o dragão, o grifo, o cavalo e o leopardo; tambem é da ultima moda as cruzes de Malta e outros emblemas antigos da mesma especie.

Dou ás minhas leitoras tres ideias que posso assegurar ficarão lindas depois de serem executadas.

Os stores duma fazenda propria tendo na borda uma renda toda de sereias e golfinhos. Encontrarão esse modelo num album de rêde, chamado «Le Filet Ancien», que ha á venda em varias lojas.

Uma almofada feita de tela grossa, bordada a lãs vistosas, em volta fazse uma moldura de arabescos e no meio uma borboleta, um besouro, um insecto qualquer.

Duas toalhas de chá: uma dividida em quatro quadrados, dois reproduzindo em branco a sodas lavaveis o desenho da almofada e os outros dois em rede com qualquer desses animais heraldicos.

A outra com o meio em linho e tudo em volta quadrados, mas em bordado inglês, outros a branco e outros em rêde bordada, cercada duma renda igualmente de rêde bordada.

ARTE DE COSINHA

Salmão grelhado com molho de manteiga

Escolhe-se um bocado bom de salmão, lava-se em agua fria e enxuga-se cuidadosamente num pano muito limpo, colocando-se em seguida num prato de barro com azeite, salsa, alho fino e uma cebola cortada em rodelas, deixando-o ali durante uma hora.

Meia hora antes de servir põe-se numa grelha bem quente que se coloca sobre brasas claras e vivas. Vigia-se com cuidado e volta-se de forma que o salmão não enegreça de nenhum dos lados.

Quando estiver grelhado põe-se num prato muito bem aquecido, onde se fez derreter um grande bocado de manteiga e serve-se rapidamente.

HIGIENE DA BELESA

Para a inflamação dos olhos

Quando a inflamação ataca apenas as palpebras podemo-nos contentar de lavagens e já dei aqui uma receita para esse caso, mas quando a inflamação passa para dentro dos olhos então devemos dar aos olhos um banho, o mais quente que se possa suportar, mas nunca sem conselho medico.

Agua de Raspail.
Sulfato de zinco 4 gramas.
Sal de cosinha 15 »
Alcatrão 0 gr., 50
Aloés 0 g., 50.

Ferve-se tudo cinco minutos num litro d'agua e côa-se por um pano.

NUM LEQUE

Mulheres... perdição da nossa vida!
Bem, contra elas, Santo Ambrosio falas!
Mas... se não existissem? Inscrevidas.
Ter ia a humanidade de inventa-las.

SPORT

Torneios de luta

Está neste momento no teatro Apolo, de Paris, uma troupe de luta, disputando um campeonato do genero.

As provas desta especialidade caíram, tanto sob o ponto de vista sportivo, mercê da má orientação dos seus organisadores, que mesmo os grandes jornais de sport como l'Auto dedicam apenas meia duzia de linhas na ultima pagina.

Entre nós fala-se que este ano haverá torneio de luta em Lisboa. Oxalá assim seja e que a sua organização seja entregue a quem tenha competencia, para que o publico possa acreditar que os matchs são sinceros, e que vai ver sport e não acrobacia, como tantas vezes tem sucedido.

E' impossivel ver quando lutam a serio, dizem os entendidos de pacotilha...

Ora não é dificil, o que é preciso é que essa fiscalização seja feita não por eles, mas sim por pessoa competente, e que com os lutadores, não tenham compromissos.

RUY DA CUNHA

Automobilismo

A ultima estatistica nos Estados Unidos da America dá um automovel para cada 10 pessoas, mas na California a media é de 1 automovel para 5 pessoas.

Esgrima

O atirador italiano Nadi, declarou nos jornais francezes, que apesar de Levy do match contra Gaddin o ter declarado vencido, ele estava seguro de que tinha ganho.

Desabafos...

Luta

Em Paris no teatro Apolo, está-se disputando um campeonato de luta entre Fournier, Vance, Massetti, Saint-Mars, e Emilio Derias, que fez a sua reaparição, por tal sinal infeliz.

Ciclismo

Na corrida dos seis dias de New-York, ficou vencedora a equipe, Keller-Upton.

Box

O campeão da França dos pesados bateu o seu compatriota Journee, ao 6.º round por desistencia.

Aviação

Entre a Alemanha e a Russia, vai ser aberto ao publico, um serviço de aviação, a começar na proxima primavera.

—Na Suissa, o aero-club de Genève, vai organisar em Zurich e Duterdorf, uma festa internacional de aviação, em que serão simulados combates aereos, descida em pára-quedas, etc.

—O exercito inglez está construindo um avião de combate, o mais poderoso do mundo, que pode levar trez mil kilos de explosivos.

Será armado de tal modo, e terá tal velocidade, que ficará sendo uma arma extraordinaria.

NOTICIARIO

O RESULTADO DO CAMPEONATO DE PORTUGAL DE BOX NO PORTO

A final da tournée de box, realisado no Porto deu o seguinte resultado:
«Minimos»—Faustino Rodrigues.
«Meios-leves»—Abel da Cunha.
«Leves»—Abel da Cunha.
A «equipe» chega hoje a Lisboa ás 23 e meia-horas.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Para o sarau anual que o Ginasio Club Português em breve realisa no Coliseu deve ser apresentada uma classe de voleio, preparada pelo professor do club, sr. Joaquim Miranda. Ainda outro numero hipico, preparado por este professor e destinado a grande sucesso, será incluido no programa desta noite.

ROYAL FOOT-BALL CLUB

A prova pedestre de 6 kilometros para principiantes, organisada por uma comissão de socios do Royal Foot-ball Club, ficou transferida para o dia 12.

A corrida é de homenagem á imprensa da capital e a taça é intitulada «Taça Imprensa».

Já se acham alguns clubs inscritos, entre eles União Pedestrinista Portuguesa e Royal Foot-ball Club.

Os premios serão brevemente postos em exposição num estabelecimento da Baixa.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Virgilio de Oliveira, largo das Olarias, 40, 2.º Esq.

NOVAS DIRECÇÕES

O Grupo Desportivo do Pessoal da Companhia Portugueza de Fosforos elegeu para a sua direcção os srs. Artur Marques da Silva, J. Pinto Oliveira, J. Mendes, J. Plantier e Assunção; para capitão geral o sr. Mario Marques Silva, para delegado desportivo o sr. Alfredo Rodrigues e para o conselho tecnico os srs. Alfredo Rodrigues, Alfredo Mengo e Alberto Assunção.

—O Grupo Desportivo de Carcavelos elegeu para a sua direcção os srs. Elgar Muller Elias, Leite da Mota, Joaquim Pinto, Armando Gaspar, Raul Pedroso e Firmino e Manuel Barros, e para o conselho tecnico os srs. Filipe Mota, José Coelho e Eduardo Martins.

NOVOS CLUBS

Fundou-se um grupo desportivo, intitulado «Excursionista Sporting Club», para pratica de diversos ramos desportivos e cuja séde provisoria é no largo de S. João Nepomuceno, n.º 8, para onde pode ser dirigida toda a correspondencia. Acha-se já formado o grupo de «foot-ball».

—Com o titulo de «Trevo Foot-ball Club», fundou-se um grupo de «foot-ball», com séde na rua Alves Correia 211, 4.º, E., Lisboa.

Club dos Caçadores Portugueses

Mesa da Assembleia Geral

A pedido da Direcção e nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir extraordinariamente no dia 17 de fevereiro p. f. com a seguinte ordem de trabalhos: «Apresentação, pela Direcção, de propostas de alterações aos Estatutos e ao Regulamento dos Delegados»; e a reunir ordinariamente no dia 24 do mesmo mez, com a seguinte ordem de trabalhos: «Apreciação do Relatorio e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal e eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1922».

Faço esta convocação para as 19 horas de cada um dos dias supramencionados, e, nos termos dos Estatutos, não havendo numero legal de socios presentes para a Assembleia poder funcionar ás horas marcadas, reunirá com qualquer numero de socios, duas horas depois.

Lisboa 31 de Dezembro de 1921

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) Eduardo Jaime Aldim

N.º 6 — Folhetim de A CAPITAL — 7 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

—Não tinha que comer. Conheci-a? Ela tinha uns mil rublos; casei-me, perdi a cabeça... Foi ela quem se apaixonou por mim... Foi ela quem me abraçou... Quem me obrigou a isso?... O dinheiro acabou, meu caro. Qual talento! Perdi tudo!...

B... notou que Efimov parecia ansioso para se justificar perante ele.

—Abandonei tudo, deixei tudo, apresentou; depois declarou que nos ultimos tempos tinha quasi atingido a perfeição como violinista e que B... ainda que sendo um dos primeiros violinistas da cidade, não lhe chegaria, a ele, Efimov, quizesse.

—Mas então, perguntou-lhe B... porque não procuras te uma colocação?

—Para quê? disse Efimov fazendo um gesto com a mão. Qual de vocês compreende isto? Que sabeis? Nada. Eis o que sabeis. Tocar uma dança, um bailado, esse é o vosso oficio. Vocês nunca viram nem ouviram um bom violinista. Não vale a pena mexer-vos; ficai o que sois.

Efimov fez ainda um gesto com a mão e poz-se a rabiscar na cadeira; estava já embriagado; depois convidou B... a acompanha-lo a sua casa. B... recusou, mas ficou com a direção e prometeu passar por lá, para o vêr, no dia seguinte. Efimov, já saciado o vicio, olhava ironicamente o seu antigo camarada e fazia para o mortificar todos os meios. Quando iam a sair, segurou a rica peliça de B... como se fosse um criado. Quando atravessavam a primeira sala, deteve-se e apresentou B... ao taberneiro e ao publico como sendo o primeiro e unico violinista da capital.

Numa palavra, portou-se como um verdadeiro alarve.

Contudo B... foi visita-lo na manhã seguinte ao salão onde nós viviamos então, todos num quarto e, numa miseria sombria. Eu tinha por esse tempo quatro anos; havia já dois anos que minha mãe tinha casado em segundas nupcias com Efimov. Minha mãe era uma desgraçada. Antes disso tinha sido governante; era muito instruida e alegre mas a sua pobreza obrigara-a a casar com um velho funcionario, que foi o meu pai. Viveu com ele apenas um ano; meu pai morreu de repente e quando os seus poucos bens tiveram de ser divididos pelos herdeiros, minha mãe ficou só comigo e uma pequena quantia que foi o que lhe coube. Arranjar colocação como governanta, tendo uma creança de peito era dificil. Foi por esta ocasião, não sei por que acaso, que ela encontrou Efimov e se apaixonou por ele. Era facil de se entusiasmar e sonhadora; viu em Efimov um genio; acreditou nos seus orgulhosas palavras sobre o futuro. A sua imaginação acariciava a perspectiva ocupada de se tornar o guia e apoio dum homem de genio.

Logo ao primeiro mez todos os seus sonhos, todas as suas esperanças desapareceram e na sua frente ficou apenas a triste realidade. Efimov, que pode ser, tivesse casado porque minha mãe tinha um milhar de rublos, nem vez gastos estes, deixou de trabalhar e como fosse bom pretexto, começou logo a dizer a toda a gente que o casamento tinha morto o seu talento, que lhe era impossivel trabalhar num quarto sem ar, vendo deante de si uma familia esfomeada, que em tal meio não tinha expiração e que enfim tal desgraça fôra para ele uma tremenda fatalidade.

Parece que ele proprio acabou por acreditar na legitimidade dos seus queixumes e ficou contente com esta desculpa. Este talento falhado procurava uma razão exterior á qual podesse atribuir as suas misérias, mas não podia afazer-se á ideia terrivel que para sempre estava perdido para a arte. Lutava apaixonadamente, como num pesadelo doentio contra esta horrivel convicção. E quando, vencido pela realidade, os seus olhos se abriam por momentos quasi ficava louco de pavor.

Não podia renunciar sem dilaceração aquilo que durante muito tempo fôra a sua vida e até morrer nunca se convenceu que tinha perdido o talento. Durante as horas de duvida entregava-se á bebida que abafava a sua angustia.

Enfim, por esta epoca, nem ele proprio sabia como esta mulher lhe era necessaria. Vivendo ela servia-lhe de pretexto e o meu padrasto ovia endoideceu só com a ideia de que no dia em que fosse a enterrar a mulher que o «tinha perdido», tudo voltaria a correr normalmente.

A minha pobre mãe não o compreendia. Como uma grande sonhadora que era não suportou o primeiro choque com a realidade. Tornou-se arrebatada, irritavel, grosseira; de instante a instante brigava com o marido que se regosijava fazendo-a sofrer; o que ela queria sobretudo era que ele procurasse trabalho. Mas a cegueira do meu padrasto, as suas ideias fixas e desvarios fizeram dele um ser quasi desumano e privado de sentimentos. Não fazia senão rir e jurava não tocar violino, antes que sua mulher morresse; isto era dito com uma cruel franqueza. Minha mãe que até expirar o amou apaixonadamente não podia contudo suportar semelhante vida. A sua saude transtornou-se; sofrendo sempre vivia em perpetuas aflições; numa palavra, tinha o encargo de sustentar toda a familia.

A principio dava comida em pensão; mas o marido roubava lhe todo o dinheiro e muitas vezes não tinha que dar de comer aqueles com quem trabalhava.

Quando B... nos veiu visitar ela empregava-se a lavar roupa e a concertar fatos usados.

Era assim que viviamos nas nossas aguas-furtadas.

A nossa miseria emocionou B...

—Escuta, disse ele ao meu padrasto, tu não dizes senão tolices. Que quer isto dizer: o talento morto? Ela que te alimenta? E tu, que fazes tu?

—Nada, respondeu o meu padrasto.

Mas B... não conhecia ainda toda a desgraça de minha mãe. Seu marido levava muitas vezes para casa um grupo de mandriões e então o que lá se passava, santo Deus!

B... prégou muito tempo ao seu antigo camarada e acabou por lhe declarar que se ele não se queria emendar não viria mais em sua ajuda. Preveniu-o com muita franqueza que não lhe daria mais dinheiro para ele o gastar a beber e pediu-lhe para tocar alguma coisa para vêr o que se podia fazer por ele.

Emquanto o meu padrasto foi buscar o violino, B... distarçadamente deu algum dinheiro a minha mãe. Ela recusou. Era a primeira vez que alguem lhe dava esmola. Então B... deu-me o dinheiro e minha mãe chorava perdidamente.

Meu padrasto trouxe o violino mas começou a pedir vinho declarando que sem ele não podia tocar. Mandou-se comprar vinho. Bebeu e ficou de bom humor:

—Pela amisade que te tenho, tocarei alguma coisa da minha composição, disse ele a B... e tirou de cima da comoda um grande caderno todo coberto de pó.

—Tudo isto é meu! disse ele mostrando o caderno todo coberto de pó. Tu verás; é melhor do que os teus bailados!

B... folheou em silencio algumas paginas. Em seguida pegou na musica que tinha consigo e pediu ao meu padrasto para pôr de parte as suas proprias composições e tocasse algumas das que ele tinha levado.

(Continúa)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3998-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 8 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A questão vital

Ao comicio do Porto, promovido contra a carestia da vida, assistiram mais de 30.000 pessoas. Sendo exato este numero, que os correspondentes dos jornais transmitem, não cabe duvida tratar-se da manifestação mais grandiosa, neste genero, que porventura se tem realisado na capital do norte.

Atendamos ao seu significado.

Esse significado é acessivel a toda a gente. Representa a questão mais essencial de uma sociedade. Representa a questão da vida.

Operam-se movimentos politicos. O que uns implantam, outros o destroem. Tão depressa julgamos caminhar para a direita como para a esquerda. Por fim, acabamos verificando que no terreno politico estamos sempre patinhando no mesmo circulo vicioso. Mas ha alguma coisa que avança sempre: é a carestia da vida.

Chega-se a um ponto tal que a vida, em consequencia desta carestia, se tornou um verdadeiro martirio, a que muitos julgam perferivel a morte. Pode modificar se esta situação?

Pode, pelo menos, tentar-se modifica-la. Foi essa a determinante do comicio do Porto.

A esse comicio concorreu uma enorme multidão. Fecharam as fabricas e oficinas. O Porto tomou um aspecto desusado.

E' que se ia passar o que quer que fosse de importante, de grave. Quando dezenas de milhares de cidadãos se deslocam para assistir a uma assembleia popular, é porque, na realidade, está em foco algum problema da mais alta significação e alcance.

Assim se demonstrava a ancia da liberdade e do progresso quando, no tempo da propaganda, as multidões acorriam aos comicios republicanos. Hoje é o proprio pão que se procura garantir.

A's manifestações politicas não comparece quasi ninguem. Numas figuram os militantes partidarios, a outras dá-lhes realce o elemento oficial. O povo, neste momento, pensa muito mais no preço dos generos do que pensa em assuntos politicos.

De resto, procurando intervir, para encontrar soluções, nas questões economicas, ele faz a melhor politica porque só garantindo-se a vida se pode garantir a ordem.

Ha um proloquio que diz: «Terra onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão.» Porventura está ahi o principal segredo das nossas continuas revoltas e disenções.

Não será tempo de olhar a serio por este magno assunto da vida portugueza? Que se procura fazer, que se pode esperar do futuro, se a carestia da vida impede esse futuro, ou pelo menos o cobre das mais negras nuvens?

Eis a grande questão da actualidade, a que já sobrepoja todas as outras, relegando-as para um plano secundario. E' tempo que toda a gente se convença de que não é possivel iludi-la, ou fugir desconhece-la. A sua solução tem de ser a preocupação de todos os que dirigem.

E' certo que muitos a tem já tentado. Nem mesmo o recurso ás revoluções se poupou, todavia, a questão agrava-se cada vez mais.

O povo do Porto entendeu que devia fazer uma significativa manifestação da sua vontade. Nessa manifestação interpretou os sentimentos do paiz inteiro. Se a solução do problema é dificil, não o resolver é impossivel. Caminhariamos para a subversão social.

Ontem foram 30.000 pessoas a clamar no Porto. Dentro em breve será a nação em peso.

A questão anglo-irlandesa

Estão-se preparando as eleições na livre Irlanda

LONDRES, 8. — Teem continuado as discussões e as conferencias ministeriais anglo-irlandesas para se tratar da questão da transferencia do poderes e das fronteiras.

Estão se preparando as eleições gerais no Estado livre da Irlanda de maneira a apoiar o governo em bases seguras e definitivas.

Depois de ter conferenciado com os seus colegas Sir James Craig escreveu a Lloyd George dizendo-lhe que o governo da Irlanda do Norte nao poderia consentir em nenhuma modificação das fronteiras sem ser por mutuo acordo, sem o qual as fronteiras ficariam sendo as definitivas pelo acto que deu a autonomia ao Ulster.—(R.)

"A CAPITAL" publicará brevemente DUAS EDIÇÕES

Migalhas

Desvenda-se o misterio.

Abro um dos nossos «magasines» semanais e ao alto de uma das suas paginas leio as quatro seguintes magicas palavras: «Como ganhar dinheiro facilmente». Imaginei em primeiro logar que se tratava de um capitulo das memorias dalguns dos patriotas ilustres que se ocuparam das nossas relações com a casa Forness ou da administração da nossa frota mercante. Vi depois que o caso era diverso. Uns bemfeitores da humanidade, que, na outra banda do Oceano e em terras cariocas, dirigem um «Instituto de electricidade e magnetismo federal (?!)» comunicam á nossa ignorancia que, se a vida nos não decorre fagueira, se não fazemos rapidamente fortuna, se não conseguimos fazer voltar para a nossa companhia as pessoas que de nós se separam, se nos não curamos do vicio da bebida, do jogo e do sensualismo, se não fazemos casamentos vantajosos, se não advinhamos numeros da sorte, se não atrahimos abundancias de dinheiro e se, finalmente, não transformamos pedras sem valor em pedras preciosas que poderemos em seguida facilmente vender a mais de cincoenta francos o quilate, é porque ainda nos não decidimos a enviar setenta escudos em moeda portugueza—isto é setenta réis em moeda ingleza ou sete tostões em moeda franceza—ao dito Instituto. Este mandar nos-hia, na volta do vapor, um «Acumulador mental» ou seja «um canudo de chumbo tendo na parte interna um pedacinho de cartão coberto de platino-cyanureto de potassio» e com o aparelho, «la manière de s'en servir», contido num livro de quatrocentas paginas e numerosas gravuras.

Depois de ter ido a correr aos Correios e Telegrafos expedir um vale telegrafico dos setenta escudos indicados, porque tenho um certo empenho em advinhar o numero da sorte grande do S. Antonio, fazer uma porção de casamentos vantajosos e transformar os pedregulhos que pejam a minha rua em joias de cincoenta francos o quilate, quando vim para casa puz-me a pensar que talvez o tubo com o platino-cyanureto de citrato de magnesia, que tanto pode, talvez consiga que eu arranje logar nos carros eletricos, que eu fale ao telefone, que haja gaz e agua nas minhas canalisações, que Ele venha governar estes indigenas, que a vida embarateça, etc, etc.

Porque, evidentemente, se aquela historia do canudo fosse um vigario que ninguem se atreveria a impingir a um saloio á beira do D. José no Terreiro do Paço, como se permitiriam inseri-la muito a sério jornais de grande circulação, que são hoje os unicos orientadores e conselheiros da opinião publica.

Chegado a casa e querendo reler a lista dos beneficios que me esperam quando eu trago no bolso o «Acumulador mental» vi noutra pagina da mesma publicação que um sonambulo em Campo de Ourique faz tudo quanto o «Magnetismo federal» promete e mais ainda, tudo isso apenas por quinze tostões, o preço de meia quarta de manteiga da peor.

Se v. ex.as me dão licença, eu vou fechar esta cronica porque tenho que ir já a Campo d'Ourique. Saindo de casa ao meio dia e esperando carro na Rua Alexandre Herculano, conto pelas nove da noite bater ao ferrolho do thaumaturgo, que segundo leio, mal cai em sono sobrenatural, é thauma que te dou eu em materia de maravilhas.

Agora é que eu percebi como é que uns maraus que ha anos nos pediam corôas á porta dos cafés tem automovel, predios e depositos nos bancos inglezes.

ANDRE BRUN

O novo ministro dos Estados Unidos em Lisboa será Fred Dearing

WASHINGTON, 8. — O presidente Harding nomeou o sr. Fred Dearing ministro dos Estados Unidos em Portugal.—(L.)

As bodas da princesa Maria de Inglaterra

LONDRES, 8.—O major sir Victor Mackenzie dos guardas escocesses será o padrinho do visconde Lascelles no seu proximo casamento com a princesa Mary que se realisa em 28 do corrente.—(R).

PELOS POBRES...

Na Misericordia de Lisboa

O dr. Silva Ramos, novo provedor, diz á "Capital" o que vai ser a sua obra

O problema da Assistencia está na ordem do dia. Percorrer a cidade é verificar a existencia duma classe que não ganha o bastante para viver, é adquirir a certeza de que familias inteiras clamam por pão, passam fome, vivem na miseria.

O Estado não descura o assunto. Mas com este crescendo interminavel dos preços, as grandes verbas lançadas no orçamento depressa desaparecem e as casas de caridade a breve trecho estão a lutar com o «deficit» e, consequentemente impossibilitadas de poderem cumprir a sua missão.

A Santa Casa da Misericordia vive cheia de tradições. O nome de Pereira de Miranda é lembrado com carinho, mas—rei morto, rei posto—lá temos agora na Misericordia, como Provedor, um homem, cheio de fé, com vontade de trabalhar—o dr. Silva Ramos.

A miseria aumenta. A proteção torna-se portanto cada vez mais necessaria. Um organismo criado para exercer a sua ação em outros tempos, tornou-se hoje deficiente. E' necessario adequa-lo, desenvolve-lo.

Foi ainda ontem que o dr. Silva Ramos tomou posse e nesse mesmo momento, ao receber os cumprimentos do pessoal, ele disse:

—A instituição carece de urgentes reformas e remodelações, opinião esta, que está no espirito de todos, mas ao empreender essa reforma, deve considerar-se a Misericordia sobre dois aspectos diferentes isto é, sobre as suas modalidades mais importantes.

E o jornalista, pergunta agora:

—O que é a Misericordia?

—A Misericordia de Lisboa é uma instituição toda cheia de tradição, instituição de credito moral, e por assim dizer o repositorio da piedade particular. Sobre êste ponto de vista tem a Misericordia de continuar com a sua antiga organisação, em tudo quanto tem de tradicional, com a sua autonomia e cumprindo e executando sempre fielmente todas as piedosas disposições testamentarias a que não venham ligadas imposições em manifesta oposição com a legislação em vigor, com o regimen ou a moral.

A obra de assistencia que resulta, dos legados e doações, que consignem expressamente o seu modo de aplicação, é sem duvida alguma uma obra dispersa, mas nem por isso menos proficua, e a actual Administração cumprirá sempre escrupulosamente essas disposições.

—E qual é a acção que a Misericordia exerce nos diversos ramos de Assistencia?

—Mas a Misericordia, alem da sua função de cumprir as disposições testamentarias ou de legados, é um dos mais importantes organismos de assistencia publica do paiz e que dispõe de mais vastos recursos. E' sobre este ponto de vista que a Misericordia tem de sofrer importantes e urgentes reformas.

Em quasi todos os ramos de assistencia a Misericordia exerce a sua ação: Esmolas, subsidios varios, dotes, proteção aos expostos e á primeira infancia, serviço medico, asilos, pensionatos, colegios, ossas gratuitas, etc. Penso que desde já, tem de ser reformado o serviço dos expostos, não só creando para estes uma nova situação juridica, assunto este de que se encarregará o meu colega dr. Matos Cid, mas tambem reformar o hospital dos expostos em modernos moldes, e ainda, a creação, para os expostos em idade de aprendisagem, de oficinas, de modo a dar-lhe uma instrução profissional que os torne aptos para a vida.

—As creanças recebem grandes auxilios?

—Torna-se tambem necessario aperfeiçoar a organisação dos actuais serviços clinicos, sendo no entanto a minha opinião, que é na proteção á primeira infancia e á infancia até á idade escolar, que a Misericordia deve alargar e exercer a sua principal ação.

«A reorganização do hospital dos expostos de que já falei, a creação dum serviço perfeito de lactação, impõe-se para a primeira infancia. Para a infancia em idade escolar, urge, a creação em Lisboa, de creches amplas e numerosas, que sirvam não só para recolher os pequenos vagabundos que enxameiam Lisboa, mas ainda para recolher aqueles que os pais por necessidade de trabalho não possam durante o dia conservar junto de si. Penso, que estas creches, devem admitir tres qualidades de protegidos: —Os que sejam absolutamente pobres, os que possam contribuir com a totalidade da despesa que com eles faça a Misericordia, e ainda aqueles que sem poderem contribuir com a totalidade da despesa, contribuam no entanto com uma parte dela na medida das suas posses.

«Aqui tem os assuntos de assistencia a que desde já me vou dedicar. Ha no entanto outra reforma que imediatamente se impõe, é a que trata do funcionalismo. Não precisa a Misericordia admitir novos funcionarios, mas, precisa, e urgentemente, regularisar a situação dos actuais, já fixando-lhe os quadros, já dando-lhes as garantias a que teem direito. De resto, ha já um decreto com força de lei, autorisando essa reorganisação.

Por fim, não querendo abusar da paciencia do dr. Silva Ramos, o jornalista, ao mesmo tempo se despedia, perguntou:

—Sobre loterias?

—Esse serviço, um dos mais importantes da Misericordia, porquanto dos seus lucros alem da percentagem que directamente vai para o Estado, vivem em grande parte, a Misericordia, os Hospitais Civis, a Casa Pia, o Asilo da Mendicidade, os menores em perigo social, etc., precisa dum novo regulamento em harmonia com os ensinamentos da pratica e as necessidades do mercado.

E a palestra terminou.

Jogos floraes Luso-brasileiros

Uma ideia interessante

O jornal «A Vanguarda» do Rio de Janeiro inseriu no seu numero de cinco do mês passado o seguinte artigo que contem uma ideia deveras interessante:

Em um dos nossos ultimos artigos tivemos ocasião de alvitrar a realização de justes desportivas luso-brasileiras durante as festas do Centenario da nossa Independencia. Estas lutas, que serviriam para maior aproximação da mocidade luso-brasileira no terreno atletico, ofereceriam tambem lindo ensejo de cordialidade entre os povos das duas grandes patrias irmãs. Tivemos tambem ocasião de referir que a vinda, de uma feita, dum grupo escolhido de jovens atletas portuguezes a estas plagas hospitaleiras, dera logar a relevantes provas de carinho, de afecto e de sympatia por parte da nossa gente a nobre gente de Portugal.

E já agora que lançamos a ideia das competições desportivas luso-brasileiras, como parte integrante do programa das festas do nosso Centenario, queremos ter o ensejo de lembrar que neste mesmo programa sejam tambem incluidos os jogos florais luso-brasileiros. Assim teremos a juventude do Brasil e de Portugal não só nos campos da destresa, da coragem e da força, como neste outro terreno muitissimo mais elevado e certamente, mais brilhante, da inteligencia e da cultura.

A aproximação sera deste modo completa. Aproximados como já estamos pelo coração, aproximados ficaremos pelos musculos dos atletas e pelos cerebros dos pensadores.

A beleza e o encanto destes jogos florais não será preciso encarecer. Os beneficios incalculaveis que deles advirão é superfluo ressaltar.

E já agora que estamos no assunto, daremos outros detalhes da nossa ideia.

Os vencedores dos jogos florais terão como premio uma viagem atravez o Atlantico, de modo que os vitoriosos de Portugal virão ao Brazil e os do Brazil irão a Portugal. Aqui como rainha dos jogos florais, duas jovens figuras encantadoras, pela graça, distinção e inteligencia, podem ser admiravelmente bem indicadas: a senhorita Laurita Pessoa, filha do sr. presidente da Republica, e a gentilissima senhorita Duarte Leite, filha do sr. embaixador de Portugal.

Elas, pela posição de merecido destaque que ocupam nas sociedades brasileira e portugueza, estão talhadas para este prelio memoravel de inteligencia e de beleza.

A simples enunciação destes dois nomes jovens, admirados e queridos em toda a sociedade brasileira pelos seus elevados dotes de espirito e de coração, dispensa recomendações mais detalhadas.

Elas serão duas rainhas á altura do lindo prelio.

Sr. Presidente da Republica do Brasil, sr. embaixador de Portugal, escritores e poetas do Brasil e de Portugal, aqui deixamos entregues ás vossas mãos a nossa ideia e o nosso anhelo, para que os jogos florais luso-brasileiros sejam uma radiosa realidade nas festas da nossa Independencia.

POLITICA

As forças politicas em presença, na Camara dos Deputados

Segundo intensamente se diz nos centros politicos, o arranjo das forças parlamentares, no Congresso que a comissão de verificação de poderes ... definitivamente organisar, pode vir a despertar surpresas.

O sr. Cunha Leal, será, naturalmente, o centro orientador duma minoria não inferior a quatorze deputados, mas ha quem firmemente creia que esse nucleo será aumentado consideravelmente graças á adesão de parlamentares ainda pertencentes a partidos, mas apenas virtualmente, e por virtude da força adquirida.

Não é segredo para ninguem que o partido liberal se está decompondo. Os antigos unionistas, chefiados pelo sr. Barros Queiroz, apoiarão, quasi com certesa, o governo; mas os evolucionistas, com o sr. Ribeiro de Carvalho á frente, não parecem dispostos a acompanhar os seu correligionarios, antes muito pelo contrario.

Por estas, e por outras rasões, é muito possivel que, durante as pugnas parlamentares se realisem deslocações, algumas até imprevistas, deslocando-se o eixo politico determinado pelo desmembramento da maioria em favor das minorias agrupadas pelo sr. Cunha Leal.

O fenomeno, a dar-se, não é imediato, mas não demorará na sua eclosão final, muitas luas, após a abertura do Parlamento.

Governadores Civis de Lisboa e Porto

Ao contrario do que já se escreveu o sr. presidente do Ministerio e ministro do Interior não tem o proposito de colocar á frente dos distritos administrativos personalidades que não sejam democraticas.

E' positivo que o sr. Agatão Lança não acedeu aos reiterados convites do sr. Antonio Maria da Silva para continuar a governar o distrito de Lisboa funções que desempenhou com excepcional criterio e patriotica imparcialidade politica.

O bravo oficial da Armada já não cuida senão do expediente, esperando impacientemente pelo seu substituto.

Esta manhã dizia-se que o novo governador civil de Lisboa seria um particular amigo do sr. Barbosa de Magalhães, tendo o sr. Antonio Maria da Silva recorrido ao seu colega do ministerio dos Estrangeiros para que este consiga limar algumas arestas que se opõem a nomeação. Parece tratar-se, aliás, dum politico caracterisadamente democratico, tendo já sido candidato a deputado em eleições recentes da Ilha da Madeira.

Entretanto, se tal nomeação se fizer provocará, com certeza, um profundo descontentamento entre os politicos reconstituintes.

Acerca do governo civil do Porto parece que não haverá alteração, continuando a chefia-lo o sr. dr. Adriano Pimenta.

Conferencia de Genova

Afirmou-se esta tarde na Arcada que o governo não ratificará a nomeação do sr. Cunha Leal para representar a Nação na conferencia de Genova.

O candidato do sr. Antonio Maria da Silva—que ficou bastante descontente com o discurso pronunciado pelo sr. Cunha Leal no acto da posse do ministerio—será, julga-se, o sr. Afonso Costa, que tem o mais decidido apoio de alguns membros do governo, entre os quais o sr. Barbosa de Magalhães.

Cunha Leal

O ex-chefe de governo está passando alguns dias de repouso no Alto do Varejão.

Uma conferencia

O sr. Barros Queiroz conferenciou, esta manhã, demoradamente, com o sr. presidente do ministerio.

A crise italiana

De Nicola desiste formar governo

ROMA, 8.—O Senhor de Nicola desistiu de formar gabinete tendo o sr. Orlando sido encarregado pelo rei, de formar governo.—(R.)

Um banquete em honra do sr. ministro do Comercio

Realisa-se amanhã ás 20 e meia horas no Monumental Club um banquete oferecido pela União da Agricultura, Comercio e Industria ao seu vice-presidente e actual ministro do Comercio, sr. Lima Bastos.

Discursarão os directores das Associações Comercial, Logistas e Agricultura.

As gréves em Berlim

Não ha agua, gaz e electricidade

BERLIM, 8.—Declararam-se em gréve os empregados municipais, faltando por completo a agua, o gaz e a electricidade.—(R.)

Segredos a toda a gente

Nosso Senhor de Paris

Santo Afonso, milagroso,
Valei-nos, neste momento,
Por quem sois, sê carinhoso
Aliviae o tormento
Desta nação que vos chóra.
Vinde, célere, ó amôr,
O' imagem redemptora
Vinde mitigar a dôr
A triste e negra miragem
Deste teu pobre paiz...
Santo Afonso, nossa imagem
Nosso Senhor de Paris.
Que dôr a nossa, acredita
Morremos de amor por ti
Vinde amor, esperança infinita.
Eu até já prometi
Se viesses, santo moço,
Linda flôr dos jardins,
Ir resar um Padre-Nosso
A S. Germano Martins
E depois—que alegrias!—
O' rósa de todo o ano
Ir resar Avé-Marias
A Santo rustico Urbano,
E se acharem pouco, ó Deus
Imaculado e eterno,
Eu irei então aos céus
Ou descerei ao inferno
Mas vinde, amor que consóme,
Se não vens, nosso senhor,
Ou vamos morrer de fome
Ou vamos morrer de amor
E, vai perder-se esta nau
—O' linda Venus de Milo—
Em aguas de bacalhau
A cem mil réis o kilo...
Esperei até hoje. Má hora
Não vieste, fulvo mel
Que vamos fazer agora
O' minha pomba sem fel?
Como breve é Carnaval
E a alegria é nossa amiga
Penso que vens afinal
Mascarado e á formiga...
Mas que vens, tenho essa esperança
Linda esperança, Deusa nua.
Até me sonho creança
A querer apanhar a lua...
Se não vens, excelsa luz,
Que destino sempre arisco
Resta fazer-te uma cruz
Dos braços de S. Francisco..
E o calvario ha de ser
Bem juntinho ao coração
Ao coração a bater,
O' minha rósa em botão!
E ha de haver festa viçosa
Toda, gente já o diz,
A' imagem milagrosa
Nosso Senhor de Paris...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

T. M. E.

A capacidade administrativa do Estado continua a afirmar-se desastrosamente

Os males que afligem os T. M. E. não são promovidos, evidentemente, pelos altos funcionarios que dirigem os serviços. Afinal, eles não são senão victimas, tambem, da engrenagem do Estado, que emperra frequentemente, graças ás capacidades negativas que frequentemente vagabundeiam pelas secretarias do Terreiro do Paço.

Os jornais da manhã relatam, por exemplo, que o «Traz-os-Montes» não passou do Rio de Janeiro, transferindo os passageiros para um paquete inglez, que se encarregou de os desembarcar em Buenos Aires. E porque não seguiu o «Traz-os-Montes» até ao Rio da Prata? Naturalmente porque o porto da capital argentina é um daqueles que os navios dos T. M. E. não podem frequentar, sob risco de lá serem arrestados. Os navios assemelham-se assim a certos devedores relapsos, que percorrem a cidade aos ziguezagues, evitando cuidadosamente a porta dos numerosissimos credores.

O que é um facto, é isto: os T. M. E. devem dinheiro a todo o mundo, desde a rua dos Capelistas até aos confins da America do Sul, do centro e do norte da Europa.

Contra os T. M. E. correm processos no Tribunal do Sena, em Paris, e por esse mundo civilisado gastam-se resmas de papel selado em requisitorios judiciais contra o governo portuguez, a proposito das dividas dos T. M. E. A situação, mesmo dentro do nosso paiz, é de tal ordem, que os navios não encontram na industria particular, quem se encarregue dos concertos, visto que o calote alastra por toda a parte.

O sr. Peres Trancoso quiz dar remedio á situação, quando chefiou a pasta das Finanças. Redigiu e fez assinar um decreto abrindo um credito extraordinario de 50:000 contos para pagamento aos credores internos dos T. M. E. O sr. Vitorino Guimarães seguindo o criterio conhecido de que tudo quanto faz o ministro anterior é mau, rasgou o decreto. Não se pagou, pois, a ninguem, com a agravante de que ha creditos ridiculos, que não vão além de 20 contos.

Governador Civil de Coimbra

O oficio que o sr. Julio Ribeiro enviou ao sr. Cunha Leal

Como noticiámos, o sr. Julio Ribeiro governador civil de Coimbra no governo Cunha Leal, foi demitido telegraficamente, poucos dias antes da queda do Ministerio. Respondendo a esse telegrama, o sr. Julio Ribeiro enviou ao sr. ministro do Interior o seguinte oficio:

Ex.mo Sr. Presidente do Ministerio e ministro do Interior—Lisboa:

Antes de entregar este Governo Civil quero consignar a minha estranheza pela maneira insólita e injusta como abruptamente sou demitido por um telegrama inconciliavel com as normas adotadas entre funcionarios de categoria politica, bem significando que na carencia de politicos está a principal a mais grave crise da nossa nacionalidade.

Tendo pedido duas vezes a exoneração do cargo de Governador Civil que tenho servido com aplauso geral nomeadamente com agrado dos tres partidos da Republica, é deveras para estranhar—depois de realisadas as eleições sem uma unica reclamação ou protesto, quando tão grande alarido se ouve por esse país e tendo sido derrotados seis candidatos monarquicos que se apresentaram ao sufragio—que só passados dois mezes um telegrama redigido em termos desprimorosos me viesse surpreender e maguar evidenciando bem nitidamente que, V. Ex.ª, como politico, não tem a noção das proporções, quer o vejamos a impôr candidaturas aos governadores civis—ao que eu não acedi—quer a ameaçar os capitalistas de ir com as baionetas da Guarda Republicana abrir-lhes os cofres das suas casas.

Deixando, pois, registado neste Governo Civil a minha repulsa pelo injustificavel gesto de v. ex.ª, principio a dar rasão ao ilustre ironista quando, V. Ex.ª na presidencia do Ministerio, disse com fino espirito de observação:—agora, a ultima esperança está no Chefe da estação d'Oeiras!...

E eu arrepender-me-ia de haver servido com V. Ex.ª se não tivesse a consciencia de que no meu logar alguma coisa de util fiz a Republica.

Não é o apego ao cargo, exercido com sacrificios, que me leva a estes sincerissimos desabafos, porque tendo sido eleito senador pela minha querida e sagrada Beira, teria de o deixar por estes dias, mas apenas a flagrante injustiça que me ferta e que só não impressionaria os que não apreciam as normas de delicadeza moral, que impõem sagrados deveres.

Saude e Fraternidade, Governo Civil do Distrito de Coimbra, 4 de fevereiro de 1922. O Governador Civil, —*Julio Augusto Ribeiro e Silva*.

PIO XI

A carreira do novo Papa

ROMA, 8.—Os jornais fazem o elogio do novo Papa.

Pio XI fez a sua carreira duma maneira muito rapida. Ha 3 anos, ainda monsenhor Ratti era uma figura apagada que vivia tranquilamente entre os livros da Biblioteca Vaticana que então dirigia. Benedicto XV notou a extraordinaria erudição e a inteligencia viva do bibliotecario do Vaticano e tinha com ele numerosas conferencias. O resultado destas conferencias foi o envio de monsenhor Ratti para Varsovia, quando os bolchevistas ameaçavam tomar a cidade. A' despedida Benedicto XV disse-lhe: «A Igreja precisa lá de vós. Trabalhai bem.»

O Nuncio desempenhou-se tão bem da sua tarefa que no prazo dum ano após a sua chegada á Polonia assinou uma concordata com Roma. Feito cardeal exerceu e sua acção na questão da Alta Silesia.

O novo Papa está, pois, bem ao facto da actual politica internacional por ter intervindo nela e está formidavelmente documentado com os seus quinze anos de aturadas leituras, enquanto dirigia as bibliotecas de Milão e do Vaticano.—(R).

Gasparri continua a ser Secretario de Estado

ROMA, 7.—Segundo informações do «Corriere de Italia» o novo Papa confirmou o cardial Gasparri nas funções de Secretario de Estado. Diz o mesmo jornal que a cerimonia da corosação foi fixada para o dia 12 do corrente na basilica do Vaticano.—(H

Um acto bastante significativo

ROMA, 8.—O papa deu a benção «urbi et orbe» da varanda exterior de S. Pedro.

Esta é a primeira vez desde 1870 que o Papa aparece em publico. Pio IX tinha-se encerrado no Vaticano como protesto pela perda do poder temporal. Este gesto de Pio XI tem grande significação politica e é interpretado como uma manifestação de boa vontade para com o governo italiano.—(R).

Afonso XIII sauda o novo Pontifice

MADRID, 8.—O rei telegrafou a Pio XI fazendo votos para que Deus lhe conceda um longo pontificado e impetrando a benção do mesmo Pontifice para o povo e para o exercito espanhois e para a familia real.—(Lol Am.)

A nossa representação

Na grande Exposição Internacional do Brazil

Devemos especialmente tratar da parte que mais nos interessa: a economica

Mas nem por isso nos é licito descurar a apresentação de provas do bom-nome e do valor artisticos de Portugal

O Comissariado Geral da Exposição Internacional no Rio de Janeiro, continua recebendo pedidos de informações que os comerciantes, industriais, agricultores, artistas, etc., lhe queiram dirigir para maior facilidade da sua inscrição como expositores naquele importantissimo certamen internacional. A repartição do Comissariado, com séde na Sociedade de Geografia encontra-se aberta todos os dias uteis, das 11 ás 17 e cremos que tambem á noite e a todos fornece impressos, regulamentos, etc., não havendo pois motivo algum para que inscrições se deixem de fazer alegando ignorancia ou falta de pormenorisação.

Como se terá verificado toda a imprensa portugueza está empenhada na divulgação de tudo quanto respeita á nossa representação no Rio de Janeiro e compreende-se que de outra forma não podia e nem devia ser. Tambem se terá feito reparo em que especialmente as atenções se teem voltado para o que mais nos interessa e que é, evidentemente a parte economica. Isto, porem, não quere significar que nos seja licito descurarmos o capitulo referente á apresentação de provas do bom-nome e do valor artistico de Portugal. Tratemos, pois, de uma e de outra coisa, nas devidas proporções, mas uma e outra, com a mesma fé e o mesmo patriotico e entusiastico exforço.

No capitulo economico quanto ha que esmiuçar e que não deixar perder! Quanto esclarecimento a fazer, quanto incitamento a por em pratica! Não percamos tempo; sobretudo, isto, senhores! Não percamos tempo!

Temos no Brazil um magnifico mercado para bastantes dos nossos produtos. O que precisamos é de os mandar para lá com os necessarios cuidados que o seu comercio mundial de preços e de apresentação requerem. Ora a exposição de setembro vem oferecer-nos o precioso ensejo de um mais largo, seguro e fecundo contracto com esse mercado para onde se voltam hoje e se fixam as vistas agudas e penetrantes dos mais importantes produtores dos Estados-Unidos, da Inglaterra, da França, da Italia mesmo, da propria Espanha. Mas á toa nada se pode fazer. E' necessario criterio, orientação, escrupulo; e tambem actividade, energia, decisão, inteligencia. E' absolutamente preciso informarmo-nos das condições do mercado, do que precisa o Brazil, do que nós podemos mandar-lhe, os seus gostos, as suas predilecções, a sua capacidade consumidora. Não basta atirar com centenas de fardos para os porões dos navios, porque o tempo em que no comercio tudo era apenas experiencia passou; hoje em dia a experiencia é necessaria, é util, é indispensavel, mas não basta, é preciso (...) os experientes sejam egualmente, em grau correlativo, sabedores e conscientes do que querem e do que fazem, do que podem querer e do que podem fazer.

Perder o ensejo que se nos oferece de remodelarmos os nossos costumes e o nosso organismo economicos, é positivamente provocar o suicidio quando a vida nos sorri. Não acreditamos, pois, que os produtores nacionais se fiquem alheios a este movimento rejuvenescedor e intenso.

Vamos, pois, a preparar uma larga e cuidadosa representação no Brazil. Os nossos vinhos, as nossas frutas, cutelarias, cortiças, industrias regionais, que infinidade de coisas a acreditar. E' preciso levar a Terras de Santa Cruz tudo quanto lá precisem ou lá possamos, vantajosamente, colocar, nunca esquecendo, porem, a concorrencia persistente e meticulosa com a qual teremos de nos defrontar. O nosso comercio de frutas, por exemplo, tem sido criminosamente abandonado e vergonhosamente batido pelo comercio de frutas de S. Francisco da California, em grande parte —valha-nos isso—na mão de compatriotas nossos. E nós sem olharmos os porquês do caso; e nós sem pensarmos em investigar com cuidado das razões de tal! Que saibamos, nenhum produtor ainda mandou ao Brazil um delegado seu para estudar a concorrencia triunfante que nos fazem e os meios a empregar para fazermos frente á sua concorrencia o que já é tempo de provocar o alarme que o caso requer.

Enquanto em Portugal a negligencia sobre este e outros importantes assuntos de caracter economico, compatriotas nossos, mais devotados ao trabalho, enriquecem com o comercio de frutas de que em S. Francisco da California se trata com o maior cuidado, fazendo-se dos pomares verdadeiros edens terreais. Aqui deixamos correr tudo com a ferocidade dos antigos tempos. Despojam-se as arvores á bruta, á bruta se arruma o precioso despojo nos caixotes, á bruta ainda— desculpem-nos todos esta rude franqueza—se fazem os carregamentos, os embarques e os desembarques. As embalagens, tudo quanto ha de mais rudimentar. Os exploradores de S. Francisco da California zelosos de honrarem o bom nome e portanto o interesse do seu comercio, garantirem os mercados e realisarem fortunas, usam uma embalagem tão perfeita que a fruta chega ao seu destino, esplendidamente conservada.

Pensem nisto, senhores. Arranjem-se o mais bem que possam, e vamos todos lá aprender como se vence, sem deixarmos de fazer bôa figura. A nossa atual modestia de recursos não deve vexar-nos nem ser-nos empecilho. Comecemos ou, antes, recomecemos.

◆ ◆ ◆

Mas, como logo no começo deste artigo frisámos, não deve exclusivamente preocupar-nos o problema economico de que o comercio de exportação é uma das muitas e valiosas modalidades ou aspectos. Tambem a representação artistica nos deve preocupar, interessando os artistas portugueses aos quais formalmente daqui se dirige o aviso de que as regras que os expositores de obras de arte devem seguir, nas suas relações com o Comissariado Geral Portuguez no grande «certamen» internacional do Rio, estão formuladas e são por aquele Comissariado fornecidas a quem as queira requisitar para a Sociedade de Geografia.

Um grande patrimonio artistico possue o nosso paiz que pode e deve afirmar Alem-Atlantico, o elevado merecimento de Portugal nessa luminosa faceta do genio nacional. Obras de arte antigas ou modernas, originais ou reproduções—na escultura, na pintura, no desenho e gravura em qualquer das suas modalidades, arquitetura, musica, documentação tradicional e evolutiva da grei portugueza, arte decorativa com caracter artistico—podem e devem figurar no Pavilhão de Honra da nossa representação no Rio de Janeiro.

Sabemos que o maior escrupulo presidiu á redação do regulamento em tudo o que respeita á arte e artistas. Pelo que importa a admissões, o numero de objectos que cada expositor poderá enviar, será limitado. Tem de ser assim. Não era conveniente, para ninguem, fazer-se o contrario. Um fundamental espirito de imparcialidade orientou, contudo, os organisadores da secção, visto que o juri de admissão oferecé as necessarias garantias a todos os artistas que queiram concorrer, não tendo, neste caso especial, o Comissariado Geral outra função que não seja o de cumprir e fazer cumprir e executar as resoluções do referido juri.

Bem aproveitados, como é mister, os 4.400 metros quadrados de que vamos dispôr, chegarão para demonstrar como as tradicionais energias da raça lusa não se extinguiram, antes tendem a revigorar-se. O logar de destaque que logica e justamente as Belas-Artes vão ter no Pavilhão de Honra Portuguez será, porventura, pequeno, pelo que no Pavilhão das Industrias ficarão muito bem marcando a sua merecida primasia os objectos de arte que porventura não consigam obter locação no primeiro dos pavilhões a que nos referimos acima.

Para a representação artistica, como para a representação economica, o Comissariado Geral dá todas as facilidades. As despesas correm por conta do Comissariado até á devolução e entrega em Lisboa e Porto, nas sedes das Sociedades de Belas Artes, de quadros e de todos os objectos de arte expostos, quaisquer que eles sejam, observando-se para tal fim varias das regras contidas e duma maneira bem clara expostas no regulamento que temos estudado com a viva atenção que um bem elaborado documento requere. Mesmo porque sem o estudar convenientemente ninguem pode produzir obra util e conveniente.

Pela leitura desse regulamento se inteirarão os artistas expositores de que podem, querendo, vender os seus trabalhos no local da Exposição, desempenhando o Comissariado na transacção, o papel de agente comercial, cobrando despesas e percentagens em conformidade com o uso geral do comercio, e saldando as suas contas com o expositor-vendedor, uma vez feita a liquidação.

E' que mesmo para os nossos quadros, para as nossas esculturas, para as nossas composições musicais ou poeticas, para tudo o que represente arte decorativa de aspecto artistico, para as nossas mil e uma interessantissimas industrias regionais—o Brazil pode e deve ser um belo mercado para Portugal. Vai em consegui-lo o maior desenvolvimento dos nossos interesses economicos. Nunca será demasiado repeti-lo.

E assim, se não queremos perder miseravelmente, uma enorme fonte de recursos, de viva nova e tonificante, impõe-se que os nossos creadores de Beleza, tal qual como os nossos produtores de Riqueza, destinem á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, os seus melhores trabalhos, como aqueles os seus mais selecionados produtos.

Tratamos do nosso comercio de frutas com a grande nação sul-americana de uma maneira explicita, duma forma pratica. Do mesmo modo quizemos fazer referencia ao comercio artistico. Inumeras campanhas platonicas se teem feito pela aproximação intelectual e artistica entre as duas nações irmãs. Não quererão os senhores fazer reparo em que a Exposição lhes favorece agora um poderoso elemento para que essa aproximação em breve seja um facto, e o seja no campo das realidades?

Reuniões de Conclaves

Algarismos, curiosidades, referencias e estatisticas a respeito dos ultimos papas e das suas eleições

Do começo do seculo XIX até hoje dias, o da morte de Bento XV, oito Pontifices se sentaram no trono de S. Pedro: Pio VII, em 1800; Leão XII, 1823; Pio VIII, 1829; Gregorio XVI que tanto deu a fazer nos nossos primeiros governos liberais e a D. Pedro IV, em 1835; Pio IX em 1846; Leão XIII, 1878; Pio X, 1903 e finalmente a 20 de agosto de 1914 o cardeal Della Chiesa, discipulo de Rampolla, e admirador da politica de Leão XIII, que havia de ficar na historia do Vaticano, como o grande papa da grande guerra, bondoso, inteligente, perspicaz, magnanimo e transigente, Papa do seu tempo, dignissimo representante de Cristo na terra. O que mais tempo se demorou no supremo posto da Egreja Catolica foi Pio IX, padrinho de batismo da rainha a senhora D. Maria Pia, filha do valente unificador da Italia, seu amigo e depois seu adversario, o cardeal Ferreti que aos cincoenta e quatro anos, logra os votos de um conclave e atravez uma luta persistente e dificil, muitas vezes homerica, consegue demorar-se 32 anos no solo pontifical, tendo mudado por completo a existencia politica do Vaticano e a existencia pessoal de Sua Santidade.

Logo a seguir, na duração do Pontificado, vem o celebre diplomata que quiz chamar-se Leão XIII, indo assim ao encontro da tola superstição dos acanhados de espirito que teimam em ter o algarismo 13 como prova de azar. Joaquim Pecci rompeu com essa superstição, na Italia mais arreigada ainda do que em qualquer outra parte, e não só ele escolheu ser Leão XIII, como Pontifice, mas ainda, padrinho do juvenil principe, filho do regente de Espanha, lhe deu o nome de Afonso, para que ele podesse ser tambem o XIII do seu nome. E coisa curiosa a notar! Se na lista dos papas, uma das figuras que mais alto surgiu para a historia do Vaticano, é a do grande diplomata, antigo nuncio em Bruxelas, na lista dos reis, não é menor o relevo alcançado pela personalidade do soberano espanhol. Estes ambos se encontram ligados ao tal numero fatidico que, se nos crentes chega a ser uma profanação condenavel, nos livres pensadores entra pelos dominios da estulta aberração.

Dos oito papas a que nos referimos, o que bate o «record» na duração do pontificado é ainda Pio IX que, eleito em 1846 só morreu em 1878, com 86 anos de idade, tendo sido aquele que mais novo ascendeu ao trono pontificio, pois tinha apenas 54 anos, emquanto excepção de Pio VII, o cardeal Chiaromonti que tinha 58 anos, todos os outros ja passavam dos 60. O que morreu mais velho foi Leão XIII.

Todos esses eram italianos, mesmo porque depois do grande chisma, so cinco: os dois Borgia, Calixto III, Alexandre VI, e Adriano VI, eram estrangeiros; o ultimo holandez e os outros hespanhoes.

Das eleições pontificias que vimos tratando a mais demorada foi a de Pio VIII em 1823, um mez e 23 dias. A do cardeal Sarto, em 1903, para suceder a Leão XIII fez-se em tres dias! Ele foi o «tercius gaudet» porque a Austria pretendeu impôr o seu veto, contra Rampolla. A imposição indignou o conclave, fez com que no escrutinio seguinte Rampolla obtivesse mais um voto, mas sempre surtiu o seu efeito, muito mais eficaz do que em 1846 contra o cardeal Mastai, porque então o veto austriaco chegou dois dias depois da eleição.

Mas 1903 ja não era 1846 e Rampolla bom lutador, fino diplomata e sobretudo grande politico, não perdoou a partida da Austria e foi-se por uma vez o «veto» que do resto estaria hoje reduzido apenas a Espanha, das quatro nações catolicas, a unica que ainda conserva em toda a plenitude as suas relações com o Vaticano. A pobre Austria enfraquecida, desmembrada, e reduzida a ultima expressão, não poderia mesmo ja tomar essa prerogativa especial, e porque não se dirá tambem, um tanto ab urda?

Nos conclaves, e especialmente naqueles em que tem de se escolher um Papa, o pragmatica e das mais rigorosas. Todos os regimentos das assembleias ficam a perder de vista, diante do regulamento para essas reuniões que custam, diga-se de passagem, uma continua cuiada. Calculando-se o franco a dois tostões, como foi em tempo, os conclaves de onde sairam eleitos desde Leão XII até Pio IX, isto é, desde 1823 a 1846 custaram ao Vaticano respectivamente, em uma proporção sempre ascendente, 99 contos, 136, 145 e 152 contos. Quanto custará o deste ano?

ALERIA.

Factos e palavras

... do nosso temperamento

«Les portugais sont toujours gais» dizem os franceses.

E nós com aquela mania lacrimosa que o faduncho nos deu protestamos imediatamente o nosso temperamento amoroso, romantico, piêgas, choramingas e sonhador.

Esta frase dos franceses é quasi uma ofensa para nós.

Somos um povo triste; a mágua é o nosso principal alimento espiritual, vivemos da saudade—eis como nos definimos. E no emtanto nunca como nesta frase os franceses tiveram mais rasão.

Nós somos de facto—e que os meus pobres compatriotas me percoem—uns grandes pandegos.

A vida é uma cantiga, tristesas não pagam dividas, deixa andar, corra o marfim e... soma e segue.

O que me poderão dizer é que este nosso feitio reinadio deriva do nosso perpetuo estado de inconsciencia. E perante esta verdade eu curvo-me respeitoso.

O que não me impede de continuar sustentando o feitio divertido do nosso povo,

E a prova mais brilhante que se pode oferecer em defesa desta teoria é dada pela nossa vida politica.

Exemplo: Existe um governo. Quando subiu ao poder todos disseram: Ora vamos lá a vêr se este se aguenta mais algum tempo.

Não pode continuar este sistema de governos a dias. Passados dias os mesmos que o disseram proclamam: Fóra com o governo. E' preciso que caia. Parece que está aparafusado ás cadeiras do poder. Fóra com ele. E o governo cai. Horas depois comentam ainda e sempre os mesmos: E' o que se vê. Não ha meio de haver juizo nesta desgraçada terra. E a fita continua.

Digam-me cá se não é preciso possuir uma enorme boa disposição e até seu chiste natural para se fazer isto.

Claro que é.

Note-se que este exemplo é quasi banal. Existem muitos outros, imensos ás centenas, existe finalmente a propria vida desta cidade.

E digam-me depois que somos uns grandes sentimentais, uns grandes espirituais.

Sim... espirito de vinho!

BOTTO DE CARVALHO.

O sr. Harvy Parker, tecnico do Bureau de entemologia de Washington, chegou a Paris, no desempenho duma curiosa missão.

O sr. Parker vae ver se encontra, em toda a França, um insecto parasita que destrua o «roedor do trigo» um outro parasita que está causando enormes prejuisos nos Estados Unidos, especialmente em Massachusetts.

Todos os metodos empregados para aniquilar a propagação do «roedor do trigo» não teem dado resultados; o Ministerio da Agricultura resolveu ver se encontrava contra-parasitas.

Alguns, de várias qualidades, estão sendo cultivados na America, mas o ministerio resolveu que se procedesse tambem a estudos identicos em alguns paizes estrangeiros.

◆ ◆ ◆

Comparando os relatorios dos violentos tremores de terra que se sentiram em todos os Estados Unidos, os peritos expressam a opinião de que os abalos foram resultantes de um desmoronamento de parte de uma cordilheira de montanhas submarinas do Pacifico, nas costas da California.

O sr. Shaw de West Bromwich é de opinião diferente e diz que a origem dos tremores, a sudoeste de Venezuela ou mar a 700 milhas norte da California.

Estes fenomenos submarinos, acrescenta o sr. Shaw, são verdadeiras valvulas de segurança dispendendo grandes energias sem causar destroços, o que não sucederia se essas mesmas energias se desenvolvessem em terra.

◆ ◆ ◆

O Ministerio do Trabalho inglês publicou uma nota, dizendo que o numero de desempregados, cujos nomes estavam oficialmente registados era de 1225916 em 17 de janeiro, comparado com 1234789 dez dias antes.

As letras

Alberto Sousa prepara dois estudos um sobre tipos populares portugueses nos seculos XVIII e XIX, outro sobre mobiliario portuguez.

—No principio da proxima semana é posto á venda o livro de Correia de Oliveira, «Pão Nosso», «Alegre sonho», «Azeite da Candeia».

—Vai aparecer brevemente uma nova edição do livro de André Brun «Sem cura possivel».

—E' posto para a semana á venda o novo romance de Chagas Franco, «A sacrificada».

—No principio de março sai a lume o volume de Manuel Sousa Pinto «Ou le vois, Marie?»

—Tambem para o proximo mez será publicado o volume de versos «Tristes» duma conhecida poetisa.

A politica inglesa

Reabriu o parlamento

LONDRES, 8.—O rei abriu hoje solenemente o parlamento e no discurso da corôa referiu-se ás economias a fazer nas despesas publicas e ao «bill» estabelecendo o Estado Livre da Irlanda. Disse que nesta sessão se trataria tambem da reforma da camara dos «lords».—(R)

Lloyd George não quer eleições

LONDRES, 8. — O «Manchester Guardian» diz que Lloyd George quer evitar novas eleições e tenciona abandonar o poder, para formar uma nova coligação durante a sua retirada do governo, ou esperar pela reconciliação dos grupos liberais para assumir de novo a chefia.—(R)

No parlamento Lloyd George faz declarações sobre a conferencia de Washington

LONDRES, 7.—A' tarde na camara dos comuns Lloyd George declarou que a conferencia de Washington foi um dos maiores acontecimentos da historia do mundo inteiro.

A conferencia conseguiu chegar a soluções praticas para manter a paz e que poupasse milhões no orçamento de todas as nações.

O primeiro ministro tomou em seguida a defesa do Conselho Supremo cuja obra explanou fazendo resaltar os resultados obtidos. Abordou a questão do pacto com a França proclamando que a politica da Grã Bretanha com relação á França era de amisade e cooperação no interesse dos dois paizes e que não significa nem subordinação nem dependencia.

Os designios dos dois governo são identicos, os modos de proceder é que nem sempre são os mesmos. Lloyd George, declarou que ainda não houve uma ocasião em que os dois governos não acabassem por se entender apoz uma discussão feita com toda a sinceridade e franqueza. E' preciso dar á França a certeza de que não se encontrará isolada em qualquer eventualidade de uma agressão contra ela dirigida. A Inglaterra apoia-la-ha com todas as suas forças em caso de invasão do seu territorio sem provocação da sua parte. Um grande perigo subsiste na Europa, diz Lloyd George, é que a proxima geração alemã procure a desforra da derrota agora sofrida, para curar a ferida aberta no orgulho nacional. E' preciso fazer sentir á Alemanha que uma guerra de desforra armaria contra ela, não só a França mas muitos outros paizes.—(Lat. Am.)

ULTIMA HORA

As investigações acerca dos crimes da noite tragica

Ao contrario do que já se noticiou, nenhum dos individuos, presos como suspeitos de terem participado nos morticinios de 19 de outubro, confessaram a sua participação nos atentados. Entretanto, existem provas que serão suficientes, provavelmente, para a convicção do juri que os ha-de julgar.

Acerca da probabilidade de novas prisões é prematuro tudo quanto, a tal respeito, se tem noticiado. Houve um momento em que pareceu ter-se encontrado uma pista, indicativa de previos conluios para perpetrações de atentados pessoais, durante a revolução que se preparava.

Varias ocorrencias destruiram aquilo que hoje se julga ter sido um mero equivoco. A efetuarem-se prisões, elas serão derivadas das investigações a que se está procedendo e não daquelas que foram concluidas.

E' certo que as autoridades do norte do paiz foi requisitada a prisão de dois marinheiros, que sahiram de Lisboa e sobre os quais incidium fortes suspeitas de autores ou cumplices nos horriveis crimes da «Noite Tragica».

Até hoje, não ha noticia, em Lisboa, de terem sido encontrados os resumidos criminosos. Suspeita-se que tivessem conseguido internar-se em Hespanha.

O que ha de singular, neste ultimo episodio, é que os marinheiros pareciam dispôr de bastante dinheiro, nem doutra forma se explica a sua rapida fuga e a facilidade com que se subtrairam á vigilancia das autoridades.

Diremos, em resumo, que os atentados estão ainda envoltos num denso véu de misterio, que as autoridades policiais poderão ou não vir a romper.

A gréve na linha de Cascais

Continua sem solução a gréve na Sociedade Estoril.

O pessoal do Estoril nomeou uma comissão constituida por alguns dos empregados mais considerados da S. E. e que se conservaram sempre fieis ao serviço a fim de tratar com a direcção da Sociedade da situação de alguns empregados despedidos.

Hoje ja se fizeram os comboios de mercadorias e o rapido, continuando a linha vigiada militarmente.

Pelas 2 horas da madrugada foi encontrada uma bomba com rastilho que mede 70 centimetros, sob uma carruagem que se encontra em reparação na Estação do Caes Sodré.

Pelas 13 horas foi encontrada uma outra bomba de grande potencia em Algés.

D. Afonso de Bragança

Deve chegar em 11 do corrente ao Tejo o contra-torpedeiro «Vouga», que traz a bordo o cadaver de D. Afonso de Bragança.

O seu funeral efetuar-se-ha no dia 13, celebrando-se solenes exequias na egreja de S. Vicente de Fóra.

O cadaver de D. Afonso de Bragança ficará depositado no Panteon, ao lado do de D. Carlos I.

Para receber os restos mortais do malogrado infante, estão-se fazendo já os devidos preparativos.

A repressão do jogo

São em numero de 30 os individuos presos, ontem, no «Petit Palace», por ocasião do assalto ali feito pela policia, alem de grande numero de objectos apreendidos.

Os presos encontram-se no governo civil.

POLICIA DE DEFESA SOCIAL

O sr. Damião dos Santos, adjunto da P. D. S. logo que o novo governador civil de Lisboa tome posse do seu cargo abandonará o logar.

Governador Civil de Lisboa

Deve ser nomeado ainda hoje Governador Civil de Lisboa, o sr. capitão Costa Dias, funcionario do Ministerio dos Estrangeiros e amigo particular do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

O 2.º tenente sr. Agatão Lança, ex-chefe do distrito e os seus secretarios, srs. Raul Esteves dos Santos e dr. Ferreira de Sousa, teem recebido nos ultimos dias cumprimentos de muitos dos seus amigos e admiradores.

O Congresso Economico de Coimbra inaugura-se no dia 11 do corrente

Parte para Coimbra no rapido de sexta-feira a Comissão Executiva do Congresso Economico, realisando a sua primeira sessão no proximo dia 11.

A comissão é presidida pelo dr. Nuno Simões.

Operarios da Construção Civil

Uma numerosa comissão de operarios da construcção civil procurou avistar-se hoje com o chefe do Governo solicitando-lhe a liberdade de 20 seus camaradas que se encontram presos.

Como essas prisões se tenham efectuado á ordem da Camara Municipal de Lisboa, e ali se encontrasse presente o seu vice-presidente, sr. Joaquim Domingues, prometeu este senhor tratar da referida questão na C. M.

A situação economica na Alemanha

No regimen do papel-moeda e da depreciação monetaria

Tem-se afirmado que a enorme baixa do cambio alemão é propositadamente feita para que esse paiz se furte ao pagamento das indemnisações que assentou, em Versailles, pagar aos aliados.

E' possivel que certas especulações bancarias concorram para a desvalorisação do marco.

Entretanto, a quéda do cambio na Alemanha é o resultado de suas proprias condições economicas, e como factores principais desse facto aparecem as imensas emissões de papel-moeda.

O que é curioso notar na vida atual da Alemanha é que se vê como util e proveitosa, para esse paiz, a depreciação monetaria.

Chega-se a supor que a baixa da moeda é um meio irresistivel de expansão industrial e comercial.

A estatistica das emissões de papel moeda acusa, na Alemanha, os seguintes numeros.

Os bilhetes do «Reichsbank», ultrapassavam, apenas, 22 biliões de marcos, ao fim de 1918.

Atingiam 75 biliões em 30 de junho de 1921, e 91 1/2 biliões em principios de novembro ultimo.

Contida com certo sucesso, durante a guerra, a inflação fiduciaria não cessou de desenvolver-se, desde então.

A baixa do marco evoluiu do seguinte modo, em relação ao franco: No dia seguinte ao do armisticio valia o marco 70 centimos; em principios de 1920 o seu valor era apenas 22 centimos; a primeiro de julho de 1921 valia ainda 16 centimos, e em novembro ultimo chegava a não valer mais do que cinco centimos do franco francez.

Assim, desvalorizado o marco, as condições de vida seriam inteiramente ruinosas, se o governo não socorresse as emprezas industriais e comerciais com multiplas subvenções. Essas subvenções eram imprescindiveis para a manutenção dos salarios, e se aplicaram, principalmente, ás necessidades da alimentação e dos transportes. Em consequencia se fazia imprescindivel, para manter as subvenções, emitir grande quantidade de papel-moeda. Isto é, os esforços para paliar as consequencias naturais da depreciação davam em resultado a depreciação maior da moeda.

Esta situação especialissima da Alemanha, cuja actividade continuou a desenvolver-se, por assim dizer, normalmente desde o fim da guerra, e cujas fabricas e materiais de industrias ficaram intactos durante o grande conflito, deu logar a um grande acumulo de produtos, cuja vasão natural é o comercio de exportação. Mas o movimento de exportação está em relação com a depreciação monetaria, do que resulta poder a Alemanha exportar os seus produtos por preços muito mais baratos do que outras nações produtoras.

Resta saber se é vantajoso para a Alemanha esse comercio exterior. A questão se resume nisto: vender a baixo preço para o estrangeiro, graças a economia que se faz com a mão de obra para em papel e graças aos sacrificios que se impõe ao Tesouro, fazendo baixar artificialmente o custo da vida.

Um economista alemão assignalava, em 1909, que numa hipotese egual a exportação se torna um presente oferecido ao estrangeiro. A população no seu conjunto sofre um prejuizo grave e permanente. Um paiz inundado de papel-moeda corre o risco de perder economicamente todo o seu sangue.

Estas palavras reeditadas, ha pouco, na Alemanha produziram grande impressão nos meios financeiros de Berlim.

Em consequencia, na região rhenana foi interdito qualquer comercio de exportação. A medida porém, foi, apenas, numa parte do paiz. E em toda a Alemanha o regimen, que vigora, é o da abundancia do papel moeda e da quéda correspondente do cambio, e da desvalorização da moeda.

Os economistas dirão que os resultados dessa politica economica serão fatalmente nocivos. O certo, porém, é, que por esse regimen o governo alemão consegue baratear o custo da vida, e isto é indubitavelmente um beneficio para o seu povo.

Se, pois, por um lado, ha dispendio inutil de energias efectuando-se o comercio de exportação a preços modicos, por outro ha a poupança das mesmas energias pelo barateamento da vida das populações.

A Alemanha, em suma, com a sua actual situação faz uma interessante experiencia no dominio da sciencia economica. Como as leis desta sciencia são um tanto movediças, e sem limites muito rigidos, sendo ao contrario susceptiveis de contradições, talvez que o que se passa na Alemanha seja, afinal, uma politica bem orientada e proficua, adoptada com caracter provisorio, e atentas ás suas condições peculiarissimas.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

O ultimo concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portuguesa», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, realisa-se no domingo, no São Luiz com um dos mais notaveis programas da epoca, tomando parte a distinta pianista D. Antonina Moreira, que executa com orquestra a «Bailada» de Freitas Branco, figurando no programa o poema sinfonico «Morte e transfiguração», de Straus, a «Rosamunde», de Schubert, a «Pavane pour une Infante defunte», de Ravel, a celebre «Sinfonia em sol», de Haydn, a «Chanson de Solveig», de Grieg, a «ouverture» da «Leonora», de Beethoven, um dos grandes exitos da orquestra Blanch e outras obras notaveis.

Nota do dia

Mais miserias

Outem lia-se num jornal da noite:

—A companhia que o actor Carlos de Oliveira levou ás ilhas, mal organisado, de fraco elenco, e reportorio deficiente, encontra-se ali em tal situação que o seu director solicitou do governo passagem gratuita para os artistas a bordo de qualquer barco do T. M. E., a fim de regressarem a Lisboa.

Ainda ha poucos dias referindo-nos á acção de Carlos Santos arrastando uma troupe sem valor atraz de si pelo Brasil, chamámos a atenção dos poderes publicos para esta situação miseravel a que a ganancia de improvisados empresarios conduz.

Agora é Carlos de Oliveira, um elemento secundario que em Lisboa ou no Porto não passaria das meias tintas de um 2º plano, em qualquer conjunto honesto. Carlos de Oliveira não quiz continuar essa vida e na ancia de grandes lucros tem andado pela provincia á frente duma tribu de valores desconhecidos a fazer teatro, grande teatro, dramatico e historico. Não se contenta com um modesto reportorio para uso da provincia; leva tambem os grandes dramas, desde o «Pai» de Strindberg ás peças de D. João da Camara.

Depois abalou á conquista das ilhas, porque lá tambem devia haver... gente tola. Mas ali, diferentemente duma plateia de saloios encontrou as exigencias duma sociedade culta, contra as quais se esceou o seu miseravel elenco, a sua falta de probidade artistica.

Até aqui estava muito bem, e se apenas se houvesse a notar estes dois factos logicos—ida duma pessima companhia e o fiasco dos seus resultados—estava terminado com justiça o incidente.

Ha, porém, o infalivel desenlace; o empresario em precaria situação solicita do governo as passagens para a sua companhia.

Isto é inaudito. O governo devia, sim, fazer esse frete aos pobres artistas que se fiaram no embalador canto de sereia dum empresario sem escrupulos, e lançar á conta do mesmo as despesas das passagens; não pagando, cadeia com ele.

Em materia de arte somos absolutamente intransigentes; a primeira condição para um artista é a sua probidade moral.

Ora este espectaculo deprimente de arrastar o nome de Portugal artistico por terras varias, sem um ideal, uma base, mostrando sucata velha por boa mercadoria, não é mais do que falta de probidade artistica e até moral.

Que estes exemplos de Carlos Santos e Carlos de Oliveira sirvam...

ARMANDO FERREIRA.

Noticiario

Portugal

No Carlos Alberto do Porto, a epoca de Carnaval far-se-ha com o Hotel de Livre Cambio.

—Cremilda foi aplaudida no Sá da Bandeira na «Blanchette». A seguir sobe á scena «Minha mulher noiva de outro».

—Clemente Pinto reaparece no «Nacional» na peça de Carnaval «Guerra em tempo de paz».

—A festa de Calazans realisa-se no Politeama a 17, com a «mulher sem importancia».

—No dia 4 do proximo mês estreia-se no Coliseu dos Recreios uma nova companhia de circo.

—Adelina Abranches quando regressar do Brazil vai com a companhia da sua filha para os Açores.

—Ainda este mez devem começar as obras de adaptação do antigo «Teatro da Trindade», a escritorio da companhia que o adquiriu.

—E' possivel que a antiga actriz Ivone de Carvalho, retirada da scena, faça em breve a sua reaparição.

—Elisa Santos deve regressar em breve a Lisboa, voltando a ocupar o seu logar no «Eden».

—Para estreia da soprano Alma Bucci, que possue uma das mais lindas vozes que ha actualmente em carreira e do baritono Enrico Roggio, cuja vida teatral se tem passado atravez dos primeiros teatros liricos, como Colon de Buenos Ayres, Constanzi de Roma, S. Carlos de Napoles, Regio de Turim, etc., sobe hoje á scena em S. Carlos, em 28.ª recita ordinaria a tão querida opera de Puccini «Boheme» que o maestro Gui preparou com especial cuidado e em que entram tambem nos principais papeis a soprano Annita Conti, que tão vitoriada foi na «Aida» e «Tosca», o tenor Dagnariol e o notavel baixo Cirino. Amanhã em 29.ª recita ordinaria repete-se o «Parsifal» que tem sido talvez a opera de mais sucesso na presente temporada, porque se confam as enchentes pelas representações.

—Realisa-se ámanhã, no Coliseu dos Recreios, a estreia de um numero sensacional que é o maior assombro de agilidade e força muscular. Um homem-macaco faz prodigios de equilibrio e, certamente, o espanto de todos os sabios naturalistas e do publico que o fôr admirar.

Curiosidades acerca da China

Honras tributadas aos seus mandarins e o culto dos mortos

No celeste imperio, hoje Republica, o seguinte e curioso costume com referencia aos mandarins; quando um que queira mandarim que serviu a contento do povo termina o tempo da sua administração, que em geral é de tres anos, os bons cidadãos chinezes vão ao seu encontro á saida das portas da cidade no dia em que ele se retira do tal cargo, para lhe oferecer em nome dos habitantes, um par de botas novas de setim que lhe calçam em publico, tirando-lhes as que teem calçadas para as pendurarem nas portas da povoação como lembrança da sua boa administração.

Antigamente, no mosteiro de Alcobaça, tambem havia o curioso costume de oferecer aos monarcas portuguezes um par de botas novas quando o vistavam. Foi D. João III quem acabou com este costume.

A comemoração feita ao mortos entre os chinezes é celebrada no dia 5 do mez de abril de cada ano e a ela ninguem pode faltar sob pena de rigorosa punição. Para assistir a esta solenidade (tchang-feu) as mulheres e os homens, numa palavra todos quantos a ela comparecem se enfeitam com ramos de «chorão», arvores que entre eles é considerada como simbolo de dôr e saudade... Acabada esta solenidade dirigem-se em visita aos tumulos e sepulturas dos seus antepassados enfeitando-os com muitas flores e colocando-lhes em roda tochas acêsas e vazos com incenso a arder. No chão estendem tiras de papel dourado e depositam em cima dessas tiras pratos com iguarias delicadas, ao seu uso.

Os seus tumulos são profusamente ornamentados e em geral mandados fazer durante a vida dos que os hão-de ir ocupar depois de mortos. O melhor presente que um filho pode dar ao pai é, entre estes povos, um mausoleo comprado com o produto do seu trabalho. Entre as familias abastadas ha na casa de habitação uma sala onde estão guardados e devidamente numerados os tumulos que se destinam aos membros da mesma familia.

Estes tumulos são uns de madeira, a maior parte deles, e outros de pedra e depois de ocupados por um morto são cobertos por uma forte camada duma especie de gesso ou cimento que endurece com o tempo e não deixa exalar mau cheiro por evitar a introdução do ar.

Costumes

Entre os chinezes o ano principia em 30 de Janeiro. O lugar de honra é o lado esquerdo. Os homens usam trança e as mulheres calças; a data duma carta começa pelo ano, em seguida escreve-se o mês e termina escrevendo-se o dia. A leitura nos livros faz-se de baixo para cima; é considerada como grosseira toda a pessoa que ao terminar de escrever uma carta, não se denomine «estupida» antes de assinar.

Muralha celebre

Tem esta muralha 600 leguas de comprimento e foi mandada construir pelo imperador Tsin-Chi-Hoang-ti no ano 247 antes de Cristo, para obstar ás invasões dos tartaros manchus. Tem 18 pés de altura e 15 de espessura. Nos intervalos de 200 a 300 pés erguem-se torres de 30 pés de altura e 24 de diametro. No cimo desta muralha ha um parapeito por onde os defensores passavam duma torre á outra e assim sucessivamente, sempre defendidos dos inimigos.

A. G.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Primeira representação nesta epoca em S. Carlos da «Bohemia».

AMANHÃ—Em S. Carlos, segunda de «O Parsifal».

SABADO—Repriso da «Viuva Alegre», no Teatro de S. Luiz para festa de Aldina de Sousa.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos profissionais

CONSEQUENCIAS DA PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS NO SECULO XVI — O DESPRESO PELO TRABALHO — LADRÕES E GAZUAS — REZANDO A VIA-SACRA

Por mais friamente que se dês je comentar a historia deste nefasto periodo, sentimo-nos invadir pelo pavor, ao considerar toda a extensão dos prejuizos que nos advieram do espantoso erro gerado no conluio da Igreja com o Estado para arrancar ao paiz o melhor da sua seiva, os mais vigorosos dos seus braços, o substractum das suas energias morais e materiais em proveito de outras nações que bem souberam aproveitar-se dos nossos desperdicios.

O influxo terrorista comunicado pela Inquisição á sociedade portuguesa com a desvairada perseguição aos Judeus, imprimiu á literatura nacional, já nos fins do seculo XVI um caracter de misticismo doentio que só muito tarde e dificilmente veiu a desfazer-se, e não de todo.

Ainda hoje ele se faz sentir entre nós, subsistindo nas formulas lamuriosas da melopêa do Fado, que o povo muito sentimentalmente continua a apelidar—o Choradinho!

A brecha aberta na sociedade portuguesa pelo terrorismo das espoliações e expulsão dos judeus de Portugal, pode e deve considerar-se irreparavel. Este monstruoso crime nacional cimentou para sempre a miseria de que nunca mais conseguimos libertar-nos.

Com a perda dos judeus, desapareceu de entre nós toda a actividade comercial e industrial de que eram senhores e quasi unicos detentores.

Nesta epoca os braços da agricultura, já dizimados para tripulação de Armadas e guarnição de Fortalezas de alem-mar, mais escassearam, e os impostos tiveram de ser aumentados e repartidos pela população remanescente, determinando assim gravissimas perturbações em consequencia dos judeus espoliados, mortos ou fugidos serem muito naturalmente os que dantes maiores contribuições pagavam.

O contacto com o Oriente, pondonos na posse de riquezas quasi gratuitas, e o trafico dos escravos, trazendo-nos serviçais rendosos, conseguiram tornar entre nós o trabalho cousa desprezivel, só exercida por pessoas de menos categoria.

Numa obra coeva, redigida em dialogo, Anselmo, um dos interlocutores, diz:

—«Tal está o nosso tempo de agora (secul. XVI) que toda a Ociosidade acaba; & o trabalho já de empoado ninguem o conhece» (1)

Ali se queixa uma mulher casada:

—«E eu fuy tão mofina que me ajuntey a hum filho de hum corrieiro sem hum vintem» (2)

Um outro interlocutor, Faustino, soldado, na mesma obra esclama indignado:

—«Porque quem vedes em todo ele (Portugal) que se aplique ao trabalho, & qual que de todo não se entregue á Ociosidade & de maneyra está introduzido este mal que ainda aqueles que tem por obrigação trabalhar, o regeitão & sacodem de sy, abraçando-se com a preguiça» (3)

Noutro lugar, Alberto poudera:

—«He a origem deste mal (difamação) nao aver quem se dê ao bem do trabalho, sendo infinitos os que se casão em fatiota com o descanço & ocio».

As manifestações de desprezo pelo trabalho no seculo XVI, deparam-senos por toda a parte, por onde quer que investiguemos.

Entre as condições indispensaveis para ser Irmão da Confraria da Misericordia, que era então uma das maiores honrarias de que um homem poderia gabar-se, estava a de «ser izento de trabalhar por suas mãos».

A confirmar as razões desta infeliz exigencia, Antonio Delicado registrou um proverbio, já hoje esquecido, mas nem por isso menos elucidativo do espirito daquele seculo:

—«Já passou o dia que eu trabalhava e cozia.»

O trabalho ainda se considerava castigo de Deus pela transgressão do primeiro homem da Biblia, comendo o fruto da arvore-tabú.

Só se dedicavam a ele os que não achavam outro meio de prover ás suas necessidades. Por isso se dizia:

—«Obreiro pago, braço quebrado.»

E o povo, ao ver que os que não trabalhavam eram os que viviam mais prosperos e mais respeitados, lá ia fazendo correr de boca em boca o seu anexim de bem simulado protesto:

—«Afanar, afanar e nunca medrar.»

Este espirito de amor pela ociosidade transuda dum outro anexim tambem muito em voga a mostrar a vaidade cavaleiresca que não permitia a ninguem descer a trabalhar por suas proprias mãos:

—«Manda o amo ao moço, & o moço ao gato, & o gato ao rabo.»

Bem tristonha deveria ser a sociedade de então, onde só era possivel medrar pela preponderancia dos privilegios realengos ou clericais. Fóra deles nada mais se tolerava que não fosse a humilhação e a cega obediencia.

Por isso o viver externo oferecia o triste espectaculo que temos vindo a descrever.

Já que nem pelo salario, nem pelo acordo, nem por tácita convenção se podiam garantir meios de subsistencia dentro de um relativo bem-estar isento de subserviencias humilhantes, queria o instinto geral de conservação que se recorresse a processos mais violentos que não foram invento moderno.

Um auctor coevo dos fins do seculo XVI, revela-nos a existencia de «ladrões & corta-bolças & alguns já com gazuas nas algibeiras para roubar casas» (4).

Os ociosos, constituidos pelos frades, pelas classes privilegiadas, negreiros d'escravaria e oficiais de justiça e administração, mais cuidavam da espoliação do que dos interesses publicos, descurando o aceio e limpeza, e agravando as condições gerais da vida com os longas e infectas carceragens, com a protelação dos feitos e violencia das confiscações.

Tambem os que ficavam pelos mares ou sucumbiam nas fortalezas de além-mar, e os muitos que de noite caíam pelas vielas nas arrancadas traiçoeiras dos fidalgos noctivagos, por ocasiões em que acontecia os Alcaides com os seus homens de chuça passarem adeante e afastar-se mais vinham agravar a mortalidade dentro do paiz, mormente na Capital.

Como seria pavoroso o aspecto de Lisboa, intransitavel, sem canalisação nem lu ares de despejo, mais iluminada de noite por cavacos e tições do que pelas lanternas bruxuleantes dos nichos do fanatismo!

Com uma numerosa população de escravos pretos, malaios e mulatos, acotovelavam-se homens e mulheres do povo, em grande numero, trajando muitas de luto pela perda de seus pais, maridos, irmãos e filhos, desaparecidos uns, encarcerados outros, alguns queimados e quantos mais ausentes ou foragidos.

De noite passeavam pelas ruas muitos fidalgos em cortejo, empunhando lanternas de furta-fogo e resando a Via-Sacra com voz roufenha, ao mesmo tempo que de instante a instante se ouvia o toque soturno da campainha, sem que todo este aparato de devoção os impedisse de arrancar da espada e investir em arruaça e espancamento contra transeuntes inofensivos que amiude assassinavam.

Com estes espectaculos nada edificantes outros ainda concorriam não menos aterradores.

(Continua)

1)—Martim Affonso de Miranda—Tempos de Agora—ed. 1621—Dial. I—72.
2)—Ibid. 69.
3)—Ibid. p. 73.
4)—Duarte N. de Lião—Descripção de Portugal—Ed. 1610—cap. 81.

SPORT

A voz do povo...

A Federação Portuguesa de Box, não está definitivamente com sorte.

Um dos ultimos numeros do «Sport Lisboa», o mais antigo dos actuais jornais de «sport», publica uma carta do senhor Raymundo dos Santos, que pela verdade com que fala, e pelas incoerencias que aponta, no proceder do presidente da F. P. B. é digna de ser transcrita nalguns pontos.

Assim afirma que:

O presidente da F. P. de B. escudado pelo pseudonimo, começa em constante guerra quando algum jornalista lhe aponta os seus erros.

O que, como se sabe é a pura verdade.

Que falando uma vez sobre o «boxeur» Mario criticou o mesmo afirmando que:

«As suas entradas não são brilhantes nem teem nada de apreciavel.

E' evidente que a sciencia do francês deixa muito a desejar; ele é essencialmente um «cogneur». Ainda que Mario esteja no meu entender muito longe para ser uma estrela, um perigoso adversario para o titulo francês, etc.

Mas passado algum tempo muda de opinião e diz do mesmo «boxeur» que:

«Mario Gall é um dos melhores pesos leves da França. Indubitavelmente Mario está entre os primeiros 4 homens do seu peso, incluindo Papin. O seu «récord» comporta uma vida de «ring» cheia de triunfos; entre eles, um sobre o actual «chalenger» de Papin, o famoso marselhez Poulet. O combate no domingo no Estadio—disso pode estar certo o publico—seria em Paris um encontro que apaixonaria aquela cidade habituada aos mais emocionantes «matchs».

Ao pé disso, a canção «La dona é mobile» é uma brincadeira de crianças.

Como deixamos apontado, o «idolo» começa a caír.

E assim vai o mundo...

RUY DA CUNHA

Esgrima

Como dissemos o italiano Nadi, declarou que no seu entender fôra ele que vencera.

Damos hoje as opiniões de Gaudin e dos membros do jury.

O campeão de França, declara, que o italiano é um grande esgrimista, mas que se o assalto fôra a espada, em logar de ser do florete, tinha vencido mais facilmente.

O presidente do jury, Trombert, afirma que Gaudin ganhava por 20 a 8 se o embate fosse á espada.

Emfim todos são de opinião que o Gaudin foi o melhor, excepção é claro do italiano que diz o contrario... A receita foi de setenta e cinco mil francos.

Automobilismo

A firma Citroen, já vendeu depois da guerra trinta mil carros.

Ciclismo

O antigo e popular corredor frances Jacquelin, fez a sua reaparição no velodromo de inverno, tendo sido vencido facilmente.

—A união ciclista internacional, que está tendo o seu congresso anual, vai entre outros assuntos criar um campeonato do mundo em estrada.

A arte e o sport

Constituiu-se em Paris, uma sociedade dos pintores e escultores de sport, com membros da sociedade das Belas Artes, e da sociedade dos artistas francêses.

Motociclismo

A volta de França em motocicleta, reuniu 64 concorrentes.

Aviação

Parece que Farnau, que foi um dos primeiros aviadores no começo da aviação, e que hoje tem uma casa importante, vai de novo voar.

—Os ingleses estão tratando duma corrida de balões dirigiveis, contando com o concurso da França, Italia, Espanha e Inglaterra.

Foot-ball

Para o campeonato de França, estavam inscritos 259 clubs, dos quais estão apenas em luta actualmente 16, tendo o resto sido eliminado nas meias-finais.

Box

O gigante Fulton a quem muitos julgaram poder vencer Dempsey, fez má figura ultimamente diante dum peso medio americano, a quem não conseguiu vencer.

—E' a 17 de Março que em New-York, o campeão Dempsey encontra para disputa do titulo o «boxeur» Brennan.

A «National Boxing Association», vai criar em «box» mais duas categorias de peso.

—Violes vai de novo desafiar Fuillot, por quem foi batido ha tempo.

N.º 7 — Folhetim de A CAPITAL — 8 de Fevereiro de 1922

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

Meu padrasto mostrou-se um pouco ofendido. Contudo julgando perder esta nova ocasião, fez o que B... lhe pedia. Este constatou então que o seu antigo camarada tinha com efeito trabalhado muito e apresentava progressos desde que se tinham separado, ainda que ele se gabasse de não ter tocado violino desde que se casara. Só vendo se acredita a alegria da minha pobre mãe. Olhava para o marido de novo apaixonada por ele.

O bom B... muito sinceramente feliz por isso, prometeu procurar trabalho para meu padrasto.

Por esta epoca B... tinha já grandes relações e começou logo a recomendar o seu camarada pobre, do qual antes obtivera a palavra de honra de que se portaria bem. Esperando-o, comprou-lhe fatos novos e apresentou-o a algumas pessoas conhecidas das quais dependia o emprego que lhe queria arranjar.

Efimov falado era um pouco altivo mas foi com grande praser que aceitou a proposta do seu velho amigo. B... contava mais tarde que sentia vergonha da obsequiosidade e da humildade com que o meu padrasto tentava capta-lo, receoso de perder os seus desvelos. Efimov, chegando a compreender que o queriam trazer para o bom caminho, deixou mesmo de beber. Por fim, arranjaram-lhe um logar na orquestra dum teatro. Fez brilhantemente as suas provas e num mez de aplicação e trabalho recuperou tudo o que tinha perdido em ano e meio de inação. Prometera trabalhar dali por diante e ser cumpridor das suas obrigações.

Mas a situação da nossa familia não melhorou. O meu padrasto não dava em casa cinco reis do seu ordenado; gastava tudo a comer e beber com os seus novos amigos que em grande numero arranjara mal se empregara. As suas amisades foram de preferencia com os empregados do teatro, as coristas, os comparsas, numa palavra com a gente entre quem ele podia ocupar o primeiro logar, evitando dar-se com pessoas de verdadeiro talento. Sabia inspirar um respeito particular por si. Explicou-lhes logo que era um homem desconhecido com imenso talento, que a sua mulher o tinha perdido e que o chefe da orquestra não percebia nada de musica. Troçava de todos os musicos, das peças representadas e até dos autores das operas.

Por fim poz-se a desenvolver uma nova teoria da musica. Desenvolveu-a tão bem que aborreceu toda a orquestra, poz-se mal com os camaradas e com o seu maestro, mostrou-se grosseiro com os superiores e conquistou a reputação do homem mais desiquilibrado e nulo que existia. Cedo tornou-se insuportavel para com todos.

Na verdade era extraordinario ver um homem com tão pouca importancia, um executante tão inutil, um musico tão negligente, ter pretenções tão excessivas e gabar-se num tom tão orgulhoso.

Tudo isto acabou por ele se malquistar com B... Inventou sobre B... historias vis, calunias perfidas e fe-las correr mundo como se fossem factos indiscutiveis. Demitiram-no ao fim de seis meses de maus serviços, por negligencia e embriaguez. Contudo não abandonou assim o seu logar.

Cedo o viram coberto de andrajos, pois o proprio fato tinha sido vendido e empenhado. Começou a visitar os seus antigos colegas, sem se preocupar com o eles estimarem ou não tais visitas. Inventava historias, dizia tolices, lastimava a sua vida e convidava toda a gente a ir ver a criminosa da sua mulher.

Sem duvida que ele encontrava ouvintes que, muitas vezes, depois de obrigarem a beber o camarada despedido, se divertiam fazendo-o dizer mil coisas estupidas.

E' preciso dizer tambem que falava duma forma espiritual e as suas proprias conversas biliosas abundavam em notas cinicas que divertiam os ouvintes duma certa categoria.

Tratavam-no como um palhaço e um louco cuja conversação pode divertir quando não temos mais que fazer. Divertiam-se a irrita-lo falando-lhe de qualquer novo violinista recentemente aparecido.

Efimov mudava logo de côr, enfurecia-se, queria saber quem tinha aparecido, quem era esse novo talento e imediatamente mostrava-se invejoso da sua gloria.

Parece-me que é desta epoca que data a sua verdadeira loucura sistematica, a sua ideia fixa de ser o maior violinista, pelo menos de S. Petesburgo, de ser um perseguido da sorte, um vencido por toda a especie de intrigas, um incompreendido e ignorado. Este ultimo pensamento chegava a lisongea-lo, porque ha caracteres que estimam vêr-se ofendidos, humilhados, colocando-se bem alto, ou descendo bastante, consolando-se a admirar o seu proprio genio desconhecido.

Conhecia todos os violinistas de S. Petesburgo e na sua opinião nenhum podia rivalisar com ele. Os amadores e os «diletantes» que conheciam esse louco desgraçado, gostavam de falar na sua presença sobre qualquer violinista celebre a fim de o forçar a falar de si proprio. Saboreavam a sua maldade, as suas notas judiciosas, as suas palavras causticas e espirituais, quando criticava a execução dos seus imaginarios rivais.

Muitas vezes não o compreendiam, mas em compensação ele estava certo de que ninguem sabia tão habilmente fazer uma bôa caricatura das celebridades musicais contemporaneas. Os proprios artistas de quem ele troçava receavam-no um pouco porque conheciam a sua má lingua e tinham a consciencia da justiça dos seus ataques e a segurança dos seus julgamentos.

Tinham-se já habituado a vel-o nos bastidores e coxias do teatro. Os empregados deixavam-no passar sem embargo, como se fosse um personagem indispensavel.

Esta vida durou dois ou tres anos. Mas por fim, mesmo nesta situação, começou a aborrecer toda a gente. Abandonaram-no definitivamente e nos ultimos dois anos de vida o meu padrasto deixara completamente de ser visto. Contudo B... encontrou-o duas vezes, mas tão miseravel que a piedade sobrelevou o desgosto. B... chamou-o. Meu padrasto ofendido, fingiu não ouvir, enterrou até aos olhos o seu velho chapeu usado até aos fios e andou sempre.

Num dia de grande festa, pela manhã, anunciaram a B... que o seu antigo camarada Efimov o vinha felicitar. B... foi ao seu encontro. Efimov estava bebado. Poz-se a saudal-o muito baixo, quasi deitado: balbuciou qualquer coisa e nem por nada queria entrar para a sala.

Isto, em Efimov, queria dizer: nós, gente sem talento, não podemos conviver com os homens admiraveis que vocês são; para nós, seres infimos e miseraveis, a função de creado, que vem felicitar uns dias de festa e parte logo, é a unica que nos convem. Numa palavra tudo era baixo, estupido e ignobil na conduta de Efimov.

Depois B... não o viu mais até ao momento da catastrofe com que terminou esta vida triste, lamentavel, morbida e enorme. Ela acabou duma maneira terrivel.

Esta catastrofe está intimamente ligada não somente ás primeiras impressões da minha infancia, mas até a toda a minha vida. Eis como as coisas se passaram.

(Continua)

CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3999—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º || LISBOA — Quinta-feira, 9 de Fevereiro de 1922 || Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Os protestos

A manifestação do Porto contra a carestia da vida foi realmente grandiosa. Marcou. Positivamente marcou, Porque só é verdadeiramente grande aquilo que corresponde a aspirações gerais. A carestia da vida aflige, tortura, sacrifica um povo inteiro. Logo não é para extranhar que uma manifestação organisada no sentido de protestar contra esse flagelo, e por meio desse protesto, procurar debela-lo tivesse o concurso que os jornais referem e acordasse nas multidões um entusiasmo poderoso e profundo.

Não ha pois, senão rasão para acentuar, dando-lhe toda a importancia e significação que ela realmente teve, a gravidade duma situação que provoca protestos como o que o comicio do Porto representou.

A questão da carestia da vida está na ordem do dia ha muito. Dia a dia ela se agrava, o que o mesmo é dizer que dia a dia ela se aproxima da sua solução, porque não é possivel admitir a hipotese, manifestamente absurda dum sofrimento infinito.

Tudo tem um termo, e a carestia da vida ha-de tel-o tambem. Simplesmente, é necessario envidar todos os esforços para que esse termo não seja uma catastrofe irremediavel.

Pensa-se já em que Lisboa corresponda á manifestação do Porto com outra ainda maior. A tal respeito, permitam-se-nos ligeiras observações.

No Porto, embora da classe operaria partisse a iniciativa do protesto, não é menos certo terem comparticipado nele milhares de pessoas que não pertencem ao operariado. Porque não é só o operariado que sofre. A chamada classe media ainda sofre mais, porque não tem pugnado pelo aumento dos seus honorarios e rendimentos como o operariado tem podido pugnar.

Em movimentos, como este que está sendo iniciado contra a carestia da vida, só não entram os ricos. Porque todos os que não são ricos, são hoje vitimas. Estão todos na pobresa, para não dizer na miseria.

A manifestação do Porto tomou, por consequencia, um aspecto grandioso que não teria se não lhe tivesse dado o seu concurso um forte contingente dessa classe media que não tardará a vêr-se imersa no desespero. A manifestação decorreu pacifica, e para isso não pouco teria contribuido essa classe, que é a que até hoje tem dado provas de espirito mais ordeiro e disciplinado.

Mas a manifestação de Lisboa pode ter consequencias mais graves. No Porto o operariado tem-se limitado a reclamar, sem excessos. As suas manifestações não saem fóra dos limites que a propria noção da segurança social impõe. Em Lisboa não estamos, infelizmente, acostumados a essa prudencia, que enfraquece qualquer causa que se deseje ver triunfar. Aqui as manifestações operarias raro decorrem sem que haja funestos incidentes a lamentar. Lembraremos, para exemplo, o que se passou quando era chefe do governo o coronel Antonio Maria Batista. As manifestações eram feitas ao ruido da explosão das bombas, derramando-se sangue de operarios ou mantenedores da ordem sem nenhuma especie de proveito para ninguem.

Por isso em Lisboa ha sempre um retraimento quando se trata de manifestações publicas. Todos concordam em que é necessario melhorar as condições da vida; mas sacrificar vidas nunca foi nem é a melhor maneira de atingir esse «desideratum».

Tanto na presença do protesto pacifico, como ante a prespectiva da manifestação tumultaria, cumpre ao governo atentar bem na situação. Já não se pode viver! E ou o governo toma providencias para que se possa viver ou caminhamos todos para as maiores calamidades que podem ameaçar uma sociedade civilisada.

Os barbeiros vão para a gréve?

Mais um sindicato a desmoronar-se!

De toda a parte recomeçam as reclamações de aumentos de vencimento. Agora cabe a vez aos barbeiros, que, além de mais dinheiro, querem o encerramento de todas as barbearias aos domingos, o encerramento aos sabados á hora rigorosamente indicada pela organisação operaria e levantam protestos contra o facto de nas barbearias não haver pessoal especialmente entregue aos serviços de limpesa.

Os oficiais de barbeiro romperam com o seu sindicato, acusando-o de ser pouco-energico. Como se vê, a organisação operaria começa a dar de si. Ainda ha dias noticiámos o rompimento de relações entre o Sindicato da Construção Civil e a Confederação Geral do Trabalho. Hoje temos os oficiais de barbeiro a repelirem a tutela. «Ce marche bien...»

ETERNOS PROBLEMAS...

No dia 22 Lisboa terá nas suas ruas cerca de 800 "touristes" americanos

...e Lisboa está uma vergonha!

Fartamo-nos de dizer, sempre que nos dá para elogiar as condições excepcionais do paiz, que no turismo podemos descobrir uma fonte de receita perene, que suavise dagum modo o descalabro financeiro em que vivemos.

O que nunca nos passou pela cabeça, foi que para desenvolver o turismo necessitamos de preparar o ambiente, e que o estrangeiro ante o espectaculo que lhe apresentamos, fugirá espavorido para alem-fronteiras, visto que em pitoresco e atrazo não podemos competir com a nossa visinha Marrocos.

No entanto a magia sedutora da nossa paisagem vai-nos sempre trazendo gente de fora, e ainda para breve se anuncia a chegada de 800 americanos, que em alegre revoada veem retemperar os nervos duma vida exaustiva de trabalho insano.

Esta gente, conhece a nossa terra por ouvir dizer, imagina-nos um povo de aventura, de navegadores tostados pelo sol, eternamente envoltos na gloria das descobertas, tão grande esforço, que ainda hoje é talvez a unica razão forte, que nos impõe á consideração do mundo.

Mas essa gente é comodista; filhos de um paiz moderno; onde o conforto, a higiene e os deveres civicos são moeda corrente, veem certos de encontrar estas virtudes entre nós, a par do nosso belo clima da nossa luxuriante paisagem, e da imorredoira tradição dos nossos feitos.

Os hoteis confortaveis com serviço impecavel de banhos, as ruas limpas e bem cuidadas, com agentes de policia bem educados que os industriem no seu itenerario, carros e automoveis sem terem que regatear com os cocheiros, facil serviço de telefones, e de correios, tudo isso os nossos visitantes querem encontrar; não como preparativo provisorio para os receber, mas como habito natural de gente civilisada.

Depois de isto a paisagem, os monumentos, e alguns costumes curiosos para fixar com o «Kodak».

Ora para falar verdade, nós somos ainda uma cidade de trazer por casa.

Isto está assim mau, pessimo mesmo, mas nós vamos vivendo com a ajuda de Deus e da Camara Municipal, e oxalá não nos venha peor. No entanto está em todos os cerebros que o turismo é uma rica coisa, e que somos o paiz falado para os estrangeiros milionarios virem dar ares á figadeira. Nunca pensamos que essa gente mal acomodada nos nossos hoteis, mal servida de transportes comodos, e tendo quebrado os ossos aos solavancos por essas estradas medievais, irá lá para fóra fazer côro na propaganda demolidora, que mal de nós é já um facto dolorosamente veridico.

Ainda ha poucos dias o sr. Roldam J. Pego, autoridade em assuntos de turismo, dizia no nosso jornal que não temos nada feito para podermos explorar a rendosa industria dos viajantes.

Falava-nos o ilustre engenheiro, nas nossas aguas maravilhosas para todas as curas, mas servidas por estradas que põem em perigo de vida os doentes, da pobreza dos hoteis, da falta de conforto que se sente por toda a parte, e que para o estrangeiro rico e comodista é origem de um insuportavel mal estar.

Cintra aqui a dois passos está como estava ha trinta anos, apesar da encantadora beleza da sua paisagem, dos seus monumentos, e da tradição byroniana que a acompanha.

Mas é a cidade, o que primeiro se depara ao viajante. A cidade capital do paiz, no Caes da Europa, integrada na zona geografica da civilisação.

E ahi, justos ceos, que triste miseria!

O desembarque é logo uma nota desagradavel.

Dizia-nos um jornalista brasileiro, que nós não calculavamos a impressão que fazia ao viajante, o ter que entrar para um batelão incomodo, onde se misturam passageiros de todas as classes, a fim de poder demandar a terra.

Todo o conforto está ausente. Ha umas tabuas duras, como assento. Todos buscam um logar, acotovelando-se e amontoando-se.

Depois um automovel, explorando infamemente, traz os viajantes até ao hotel. As ruas do trajecto são sujas, mal empedradas, e se ha sol envoltas em nuvens de poeira.

Rua do Ouro acima, e depois o Rocio, desmantelado ha trez anos para uma «obra fecunda» que não termina. As pedras amontoam-se, restos do antigo pavimento, escalavrados, adivinham-se aqui e alem, e meia duzia de operarios batem sonolentos as picaretas.

O aspecto é de desolação, suspirando tédio, e uma grande vontade de voltar para bordo ou de tomar o primeiro comboio.

Para finalisar depoz-se-nos o hotel, recomendado como de primeira ordem e que afinal não vai alem de quarta.

Os quartos são acanhados, o serviço de banhos pobrissimo, sendo preciso esperar a vez no balneario comum, e a alimentação dificiente e pouco cuidada.

Um americano rico costumado aos grandes hoteis do mundo, palacios maravilhosos de luxo e conforto, não se adapta aqui nem por necessidade. Podem oferecer-se o melhor clima, a mais fantastica paisagem e as mais bizarras curiosidades, que ele nem se dignará olha-las, se tiver dormido mal, deixar de tomar o «tub» higienico, e não encontrar o «maple» confortavel numa sala discreta e elegante, para tomar o café e fumar um cigarro turco. A paisagem é uma mera festa dos olhos, emquanto que o conforto lhe proporciona o bem-estar do corpo, que ele presa antes de tudo.

Por isso num golpe de vista rapida, sobre as nossas coisas, nós que não proclamamos o turismo, inconsciente como uma curiosidade de coliseu e por vezes achamos melhor que os estrangeiros nos não visitem, para não constatar-mos dolorosamente, que aumenta lá fóra a nossa propaganda de descredito.

Presidente da Republica

O Chefe do Estado continua experimentando sensiveis melhoras, tendo hoje dado um curto passeio de automovel pela cidade.

Hora de pecado

Antonio Maria da Silva

I

Meu querido amigo. Ora escute
Quero dizer-lhe um segredo
Aqui que ninguem nos ouve
Mas então... não tenha medo.

II

Ha muito que o aprecio
Acho-o fino, scintilante
E talvez com certo geito
Para guiar a nau errante.

III

Meu caro Antonio da Silva
Deixemo-nos de fantazia
O Maria vae com as outras
Mas não queira ser Maria.

IV

Por gostar muito das Silvas
Penso em si todas as horas
E' certo que a Silva pica
Mas tambem nos dá amoras.

V

E esperamos da sua Silva
Nesta eterna confusão
Que ela pique sempre a tempo
E dê amoras—p'ro verão...

TINTA PERMANENTE.

Um grande perigo

Consiste em dar ás crianças preparados de Iodo, em soluções, por causa do acido iodidrico que se forma. Deem-lhe como tonico o «Granulado Iodo-tanico fosfatado», de que é depositario exclusivo Raul Vieira Ld.ª, Rua da Prata, 51.

Porque motivo o sr. Afonso Costa não veiu formar governo

Alguns amigos do sr. Afonso Costa explicam que ele não veiu a Lisboa organizar ministerio, porque não confia no sr. dr. Antonio José de Almeida. Segundo o ex-chefe democratico o sr. Presidente da Republica tem o habito de sacrificar os seus ministerios sempre que se produzem acontecimentos graves, deixando assim comprometidos os respectivos ministros.

AUTOMOBILISMO

A «II Rampa da Pimenteira»

O jornal «Os Sports» está preparando os regulamentos da «II Rampa da Pimenteira» que se deverá efectuar em abril proximo.

A importante firma da nossa praça Cervaceira, Mariano & Gomes L.da enviou a «Os Sports» a carta que a seguir publicamos, fazendo a oferta duma importante taça que será o principal premio a disputar na corrida e entregue ao concorrente que fizer o percurso em menos tempo.

A carta a que nos referimos é do theor seguinte:

—Sr. A. de Campos Junior, redactor principal de «Os Sports»:

Tendo seguido com o maximo interesse a propaganda que v. tem feito a favor do Automobilismo em Portugal, e associando-nos inteiramente á realisação das provas que v. deseja efectuar, temos a honra de oferecer uma Taça a qual deverá ser disputada na prova denominada «II Rampa da Pimenteira», ficando definitivamente na posse do vencedor.

Peço a v. que em futuras provas nos consultem; pois desejariamos sempre contribuir para o desenvolvimento do automobilismo no nosso paiz.

Sem outro assunto. De v. etc.—Cervaceira, Mariano & Gomes Lt.da.

Segredos a toda a gente

A Prosa e o Verso

A prosa e o verso encontraram-se um dia a conversar no pequenino palacete de trabalho dum homem de letras. Sobre uma mêsa de pau preto livros e papeis, numa vaga desordem. Ao canto, um fogão, crepitando na atmosfera triste e baça do gabinete. Num solitario um ramo de violetas.

«A prosa»—Ouve lá, ó verso?

«O verso»—Dize.

«A prosa» — Tu não gostavas antes de ser prosa?

«Verso» — Não. A prosa é a realidade.

«Prosa»—Por isso mesmo é a vida.

«Verso»—Eu prefiro antes ser o sonho.

«Prosa»—Não é com versos que se vive.

«Verso»—Mas é com versos que se canta.

«Prosa»—E tu vives de cantar, então?

«Verso»—Vivo.—Como os cegos cantadores.

«Prosa»—Ah! já sei. E's tão cego como eles.

«Verso»—Louca.

«Prosa»—Tu não vês que a prosa é a riqueza e o dinheiro. Põe-te a fazer negocios em verso e verás o que te acontece. Tu tens os olhos fechados, verso...

«Verso»—Como o amôr...

«Prosa»—Até o amor, meu amigo, só rende quando é em prosa. O namoro em verso passou, como as sêlas de balão.

«Verso»—Julgas isso?

«Prosa»—Tenho a certeza. Vê lá tu se tudo quanto é sciencia se escreve em verso?

«Verso»—Todos fazem prosa sem o saber.

«Prosa»—Como versos.

«Verso»—Tu nunca fizeste versos?

«Prosa»—Já. Queres ouvir um soneto?

«Verso»—Quero. Como se chama?

«Prosa» — Versos.—E é verdade tu nunca fizeste prosa?

«Verso»—Já. Fiz-te a ti.

«Prosa»—Tu?

«Verso»—Eu. Tantas vezes me erraram que eu acabei por te fazer a ti.

«Prosa»—Então meu amigo ainda eu acabo em verso.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

Cunha Leal

Partiu para a Praia das Maçãs

O sr. Cunha Leal, ex-presidente de Ministerio, partiu esta manhã, em automovel, para a Praia das Maçãs, onde se demorará apenas alguns dias, em cura de repouso.

O ilustre parlamentar comparecerá, com certeza, á abertura da sessão legislativa.

É preciso acabar com as brincadeiras de Carnaval

Decididamente Lisboa está, em civilisação, muito áquem duma cidade moderna.

Parece uma terra sertaneja da provincia. O que se está passando, diariamente, na Calçada do Combro, sob o pretexto de brincadeiras de carnaval, merece as mais ásperas censuras. Ninguem ali pode passar, principalmente nas proximidades da Escola Rodrigues Sampaio, sem que seja incomodado pelos meninos estudantes; quando não apanha algum violento encontrão, é insultado e apupado. Os electricos são até obrigados a parar. Ora isto não se deve admitir, porque de tais «brincadeiras» podem resultar graves dissabores e até desastres.

Além disto quem anda pela rua, a tratar dos seus negocios, tem o incontestavel direito de não ser incomodado

Se se querem divertir, no que estão no seu pleno direito, brinquem uns com os outros dentro dos atrios dos colegios, das escolas, ou nos claustros e corredores dos liceus, que frequentam.

Não respeitar os transeuntes, quer sejam novos quer velhos, é que não é admisivel. Por isso chamamos a atenção das auctoridades competentes para pôr cobro a estes desmandos, apesar de «carnavalescos».

Os ferroviarios alemãis retomaram o trabalho

BERLIM, 9.—Em conformidade com o acordo realisado entre o governo e o sindicato dos ferroviarios, o comité da Federação dos Ferroviarios Alemães dirigiu a todos os seus membros ordem de retomar o trabalho, hoje ao meio dia, segundo as instrucções que lhes forem dadas pela administração dos caminhos de ferro.—(R).

Lamentações dum "cicerone"

OU

A travessia de Lisboa em automovel

Breve novela impressionista que o autor oferece, dedica e consagra ao sr. Presidente da Comissão Executiva da C. M. L. — — — — —

Perdoe-me V. Ex.ª o arrojo desta oferta. Não sei se V. Ex.ª já se deu ao trabalho, nestes ultimos anos, de mostrar Lisboa a um estrangeiro, quer por obrigação, quer por devoção. Eu, infelizmente, fui obrigado a faze-lo, ainda ha poucos dias. E com as recordações que me ficaram compuz esta breve novela que humildemente deponho nas mãos de V. Ex.ª.

Lisboa . . . .
. . . .
Lisboa fôste virada
Da cabeça para os pés.

(Do Povo... de Lisboa)

I

A caminho

Eram duas horas da tarde.

No ceu azul da tradição bastantes nuvens. O vento para não perder a sua fama de dançarino bailava uma polka janota com as folhas mortas dos poetas e o lixo das valetas.

Vergado sob o peso da minha nova situação de «cicerone» sahi de um dos nossos primeiros hoteis dando a direita á pessoa que honrava a cidade, em que nasci, com a sua presença. Manda a boa educação que oculte o seu nome e que apenas diga que nasceu nos arredores de Paris e que pertencia ao sexo fragil.

—Cuidado pois com as covas, minha senhora. Não se quebre.

Foi a minha primeira recomendação. Em volta a nós uma avalanche de pobres pedia esmola.

Resolvi-me a procurar um automovel. Sem uma tabela que lhes ponha um freio nos desejos e tendo caido na asneira de trocar algumas palavras em francez com a visitante, operou-se o milagre do preço. Uma bagatela: algumas desenas de escudos. Alem mesmo da primeira e da segunda centena. Foi bem feito para não ter querido mostrar aos «chauffeurs» que tambem sabia falar francez.

Enfim, bem regateadinho, regateadinho á portugueza, o automovel partiu, levando as nossas duas pessoas a caminho dos aspectos da cidade capital.

II

Das obras do Rocio e de muitas coisas mais

Não tinhamos ainda percorrido cem metros e já a visitante ilustre me perguntava:

—O que é isto?

—São as obras do Rocio.

Saiu sem querer. De facto hoje já ninguem se lembra do Rocio.

Expliquei então a razão do meu dito. Falei dos velhos S S—o caminho mais curto para se atravessar a velha praça segundo os frequentadores da Tendinha—e da razão da modificação a que se operava agora.

—Mas, perguntou a visitante naquela enfadonha curiosidade de todos os visitantes, estão paradas as obras?

—Não, não estão. E reparei com espanto que não havia um só operario a trabalhar. Se ela soubesse ao tempo que elas duram!

Mas... o automovel, deslisando, entrava no Chiado.

De repente parou. Eram três horas da tarde. A' nossa frente uma carroça do lixo, atravessada na rua, fazia a limpesa. O vento pegando no lixo, que os varredores atiravam para dentro da carroça, vinha espalhar-se por sobre o automovel. O perfume era encantador e a atmosfera, que se respirava, deliciosa.

A ilustre visitante abriu um saquinho tirou um lenço perfumado e tapou o nariz.

Olhei em volta. Ao lado do carro um policia fazia sinal para os outros carros não avançarem. Encantador como ordem e disciplina!

A minha companheira discretamente sorria. Eu tinha afivelado um sorriso amarelo. E como defronte houvesse uma loja de flores falámos de Portugal—jardim da Europa.

III

Soma e segue...

Vimos então museus, igrejas, monumentos, coisas velhas. O pouco tempo de que dispunhamos não nos permitia mais que uma rapida vista d'olhos.

Mas o meu orgulho de lisboeta continúa sofrendo e cada instante o suplicio das respostas e muitas vezes o do silencio.

Durante o nosso passeio passamos pela estatua do Marquez de Pombal—perdão, pelo local—pelo monumento das guerras peninsulares, pela Sé Velha, pelo Parlamento, pela infinidade de andaimes definitivos que existem em Lisboa e a que o tempo emprestou já o aspecto de ruinas.

E a ilustre visitante notou com entusiasmo o incremento que estavam tomando em Lisboa as obras de arte.

—Sim, acrescentei. Nestes ultimos tempos—como vê—bastantes coisas se estão realisando. Estatuas que se estão erigindo, monumentos e templos que se reconstroem e que se modificam no sentido dum maior embelesamento.

Dentro de pouco tempo Lisboa apresentará um lindo aspecto.

E o tal sorriso amarelo que eu tinha afivelado magoava-me e torturava-me. E vinha-me á ideia aquela frase que meus pais me diziam quando faziam a minha educação:

—Menino, é muito feio mentir. Quem mente apanha pimenta na lingua.

E eu confesso que já sentia na lingua o ardor da pimenta.

IV

Os extremos tocam-se...

Para aceder aos seus desejos foi preciso levar a visitante de Lisboa aos dois extremos da cidade. Passámos pelo Campo Grande e passámos pela Avenida da India. Passámos, não... saltámos.

O automovel que apesar do seu muito grande aperfeiçoamento ainda não consegue andar direito por cima de ruas tortas, fez verdadeiros prodigios de acrobacia por cima de todas as covas e buracos. Ao percorrer a Avenida da India valeu-me o Vasco da Gama e a India e os Jeronimos.

—Mais uma nova avenida que se projecta, não é verdade? perguntou.

—Sim, mais uma... Esta vai ser a marginal.

E partimos para o Campo Grande. Ai é que foram elas... Começou a chover furiosamente, depressa a rua se alagou.

Nunca julguei que tão perfeitamente se pudesse ter dentro duma cidade a impressão do alto mar.

O balanço de prôa á ré e de bombordo a estibordo punha contracções nas nossas faces.

O Campo Grande debaixo daquela chuva tinha o aspecto duma floresta virgem.

—A chuva põe nas arvores tons de devastação...

Esta devastação foi muito boa piada!

E por mares nunca dantes navegados viemos singrando até que...

V

Emfim!

...Emfim voltamos ao hotel. Encantadora Lisboa. Foi pena o mau tempo, a ausencia do Sol que doira ás vezes esta cidade emprestando-lhe um brilho indispensavel para o seu explendor.

—Fiquei com otimas impressões.

—Muito amavel, minha senhora. Isso são favores que a cidade não merece.

—Sim, estou convencida que depois de se concluirem todas as lindas obras que me mostrou ha-de ficar uma cidade encantadora. E depois o clima...

Ah! pobre clima que tem as costas largas.

Ainda te não mudaram. E mesmo com a devastação, com o lixo, com as covas, com os andaimes e tapumes, com o estacionamento, com todo este monturo has-de ser o eterno clima.

Ah, Sol que mesmo quando te escondes has-de ser o eterno Sol de Lisboa.

Valha-nos ao menos isto.

A' noite procurei a ilustre visitante para a levar a S. Carlos.

Tinha-se recolhido aos seus aposentos e deixara-me um bilhete em que me declarava que devido ás pessimas molas do automovel tinha ficado um pouco fatigada.

Pedia-me desculpa mas não iria a S. Carlos.

Pobres molas do automovel! Como se elas tivessem tido a culpa...

E a verdade é que eu apesar de habituado a andar pendurado nos electricos tambem me sentia fatigado.

Ah! como é encantador mostrar Lisboa...

E toda a noite sonhei—não sei porquê—que Dante me obrigava a percorrer o Inferno.

BOTTO DE CARVALHO

QUESTÕES DO DIA

A representação de Portugal na Conferencia de Genova

Quando o governo do sr. Cunha Leal abandonou a gerencia dos negocios publicos, enviou á imprensa uma «nota oficiosa» declarando que fora indicado, pelo ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. dr. Julio Dantas, o nome do sr. Cunha Leal para representar a Nação Portugueza na Conferencia de Genova. Este cartão de despedida deixado pelo sr. Cunha Leal, deve ter já criado alguns fios brancos na cabeleira um pouco romantica do actual chefe do governo e director da sua politica. Porque, manifestamente, ao sr. Antonio Maria da Silva ha-de repugnar sancionar a nomeação do seu adversario politico para missão de tanto brilho e de tão grave responsabilidade.

E' por isso que já se fala na nomeação do sr. Afonso Costa. Este homem publico, residente na Avenue Mac-Mahon, n.º 20, Paris, não póde, bem a seu pesar, deslocar-se temporariamente para Lisboa, afim de acudir ás desgraças da Patria, que clamorosa e afflitivamente o chamava em seu auxilio. Segundo consta, o sr. Afonso Costa alegou que os muitos negocios, em que se envolveu para ir entretendo as horas amargas do sempre voluntario homisio, não lhe permitiam deslocar-se da grande cidade. O sr. Afonso Costa não veio para Lisboa por motivos da sua vida particular. Mas as mesmas poderosas razões não o impedirão de ir a Genova? O logar é, evidentemente, mais rendoso, porque sempre será pago em ouro e não em tristes e desvalorisados escudos. E' uma vantagem, sem duvida.

O pacto franco-inglês

As declarações de Poincaré á comissão dos negocios estrangeiros da Camara dos Deputados

PARIS, 8.—Sendo ouvido pela comissão dos negocios estrangeiros da camara dos deputados, o sr. Poincaré declarou que nas negociações a respeito do projecto do pacto franco-inglez, tinha tido em consideração as preocupações da comissão, á qual deu conhecimento das resoluções tomadas em Cannes.

«A Russia e a Alemanha foram convidadas pelo conselho supremo. A França inteira tem, pois, que aceitar ou declinar o convite feito em seu nome, mas pode tomar todas as garantias necessarias para que os direitos que lhe dão os tratados, incluindo os que visam a Sociedade da Nações, não sejam postos em discussão.

Tal é a directiva actual do governo francez.—(H.)

As palavras do presidente do governo causaram impressão

PARIS, 9.—As declarações do sr. Poincaré perante a comissão de negocios externos da camara dos deputados produziram uma impressão profunda.

Os ouvintes foram unanimes em verificar que o sr. Poincaré nas notas que enviou a Londres sobre o pacto de garantias e a conferencia de Genova traduziam o sentimento geral da camara.

A comissão aclamou o final das declarações do sr. Poincaré e estas manifestações são extremamente raras no seio das comissões.

O sr. Poincaré não trouxe revelações, mas precisou alguns pontos e insistiu na necessidade de um entendimento previo entre os governos francez, inglez e italiano afim de se chegar a Genova com um programa definido e concreto.

O sr. Poincaré deixou entender que os estudos preparatorios entre os aliados exigiriam pelo menos 3 mezes para serem proveitosos e a conferencia, na sua opinião, não se poderia reunir utilmente antes de Maio ou Junho.—(H.)

Na reabertura do parlamento inglês

Em caso de invasão, a Inglaterra irá em auxilio da França

LONDRES, 9.—Na abertura do parlamento britanico Lloyd George proferiu um discurso na camara dos comuns em que afirmou que se a França fosse de novo envadida, a Inglaterra iria em seu auxilio com todas as suas forças, e salientou o perigo que existe proveniente do espirito de revanche que anima as novas gerações alemãs. Afirmou que a Inglaterra está ligada á França por um pacto de honra com o tratado de garantia de 1918.

Na camara dos lords, Lord Curzon falou no mesmo sentido.—(R.)

O que foi a abdicação do czar Nicolau II da Russia

Novos documentos.—As narrativas do grão-duque de Leichtenberg e do general Ruskz. — O futuro da Russia discutido pelo telefone. — Tarde demais

Eis as narrativas feitas pelo grão-duque de Leichtenberg a Semenoff numa carta e alguns extractos dos papeis do general Rusky. Ambos foram testemunhas da abdicação do czar, o versão-ha que as narrativas concordam e fixam alguns pormenores bem tragicos.

O grão-duque de Leichtenberg conta que no dia em que se devia dar a abdicação, ele acompanhava o imperador no comboio que o levava a Czars-koie-Selo. O comboio teve de parar em Pskow, onde se encontrava o quartel general da frente norte, comandado pelo general Ruskz. Em Lubou souberam que a estação de Tosno estava nas mãos dos revolucionarios. Eis porque o comboio imperial ficou em Pskow. Não foi uma maquinação, como se tem julgado até hoje.

Em Valdai, o imperador recebera um telegrama em que Rodzianko, presidente da Duma, solicitava uma entrevista na estação do Dno. O Czar indicou-lhe Pskow como logar de encontro. Rodzianko não compareceu.

O grão-duque de Leichtenberg notou que o imperador Nicolau II, conservou, durante esses acontecimentos sangue frio e dignidade.

A questão da abdicação era já um facto assente. O telegrama que o generalissimo recebeu, e no qual respondia ao seu pedido de opinião sobre a abdicação, foi expedido pelo general Rusky por ordem de Nicolau II, que comunicou com todos os seus fieis. Rodzianko não era designado como o autor do projecto da abdicação. Quanto ao facto que os guardas do corpo da marinha e o grão-duque Cyrillo Vladimirowitch, tivessem aderido à Revolução, é contradito pelo grão-duque Leichtenberg. Tudo se limitou à rebelião de 17 homens encerrados nas casernas de Chpalernaia.

Os boatos respeitantes á abdicação foram envolvidos por um certo misterio, pois que a côrte do Czar não notou a visita dos tres generais vindos para lhe aconselhar que renunciasse á corôa. O proprio grão-duque de Leichtenberg, de nada soube. Foi, todavia, na sua presença, que o general Rusky surpreendeu o general Voveikoff, comandante do palacio imperial, por causa dos conselhos pouco vantajosos que ele dera ao imperador.

O grão-duque assistiu tambem com os generais Rusky, Fredericks, ministro da corte, e Narychkine á entrevista do imperador com os deputados Goutchkoff, e Chulguine, delegados extraordinarios da Duma. Recebera a ordem transmitida pelo comandante do palacio, Voveikoff, de levar á presença do imperador o deputado Goutchkoff, desde que chegasse e de não o deixar falar, assim como Chulguine com o general Rusky, antes da entrevista imperial, e assim foi.

O grão-duque de Leichtenberg confirma igualmente que o Czar tomou bruscamente a resolução de abdicar em favor de seu irmão. O texto da abdicação foi assinado por Nicolau II e, provavelmente, redigido por ele.

Foi tirado uma copia para o estado maior da frente norte, a pedido de Chulguine e levada, durante o chá, ao imperador, que a assinou com um lapis de anilina que o grão-duque de Leichtenberg tinha no seu saco de campanha. Foi assinada tambem, mas a tinta, pelo conde Fredericks.

Todas essas observações recolhidas pelo grão-duque de Leichtenberg parecem pormenores que mais tarde ajudarão a compôr a historia exacta e precisa dos diferentes episodios deste epoca dramatica.

O general Rusky, principal heroe dos acontecimentos que se desenrolaram na estação de Pskow, para sempre historica, foi assassinado no Caucaso, em 1918, pelos bolchevistas. A sua viuva entrou na posse dos seus papeis.

Desde a sua chegada a Pskow, o imperador foi posto ao corrente pelo general Ruski das ultimas noticias chegadas de Petrogrado.

Depois o general empregou todos os seus esforços para o persuadir em formar um ministerio responsavel, o que foi o desejo da opinião publica até 12 de março de 1917. No dia 21 de março, ás 3 horas e meia da madrugada o general Rusky teve uma conferencia particular e pelo telefone com Rodzanko, presidente da Duma, que ficou em Petrogrado.

Anunciou-lhe que Nicolau II chega a Pskow ás 7 horas da tarde, ordenou-lhe que fosse lá. Rodzyanko respondeu que os acontecimentos necessitavam da sua presença na capital e que não se podia ausentar.

O general insistiu, declarando que o imperador queria primeiramente confiar ao presidente da Duma o cuidado de constituir um ministerio responsavel perante a Czar e que já consentia num ministerio responsavel perante a Assembleia legislativa. O manifesto imperial estava pronto e podia ser promulgado nesse mesmo dia com a data: Pskow, 2 de março.

Rodzianko respondeu que a Revolução progredia rapidamente; os soldados matavam os oficiais, o odio pelo czar chegava á violencia, todos os moderados eram suspeitos. A Duma e ele proprio eram obrigados a por em jogo todos os meios para evitar o tumulto. O que o Czar propunha já não era um meio suficiente para dar satisfação ao povo que reclamava a abdicação de Nicolau II em beneficio do herdeiro com a regencia do grão-duque Miguel Alexandrowitch.

Rodzianko tornou-se entao o acusador. Declarou que Nicolau II nunca se importava com as aspirações publicas. Recordou a obra de Raspoutine, do ministro da guerra Soukhumoff, do presidente do conselho Gozikine as prisões, o mandato do general Ivanoff contra Petrogrado e pediu que se suspendessem as represalias.

O general Rusky convidou-o a visitar o Czar, para examinar a questão e tomar as medidas que fossem precisas. Era preciso esquecer o passado e olhar para o futuro. O exercito na frente via com angustia o que se passava na retaguarda. E preciso afastar-se da propaganda o mais cedo possivel, para dar ao exercito a sua antiga confiança.

O imperador ordenara a retirada das tropas de repressão, e queria tomar todas as medidas precisas para o interesse da patria e as exigencias da guerra nacional.

O general Ruski leu-lhe então o manifesto do Czar. Mas Rodzianko replicou que o momento propicio já tinha passado, que já estava nomeado um governo provisorio e que contava com o entusiasmo popular para levar a guerra até ao fim. O general Rusky novamente insistiu em favor do ministerio responsavel, concedido pelo Czar, e que se fosse preciso promulgar o manifesto imperial apressar-se-ia em transmitir tudo ao Grande Quartel General das Frentes.

A entrevista terminou ás 7 horas e meia da manhã.

O general Alexeieff expediu então a todos os chefes da frente uma mensagem recomendando-lhes a unidade de sentimentos e indicando-lhes a intenção do imperador em abdicar em favor de seu filho com a regencia de seu irmão, Miguel Alexandrowitch.

Em resposta a mensagem, os generais em chefe enviaram um telegrama ao imperador, pedindo-lhe que abdicasse. O do grão-duque Nicolau Nicolaiewitch era concebido em termos comovidos.

Nicolau II aceitou a abdicação em favor de seu filho. Ao acto assistiram os generais Daniloff, chefe do estado maior e Sowtch. Nesse entretanto chegaram os deputados Gutchoff e Chulguine. O imperador ordenou que suspendessem o envio do telegramas anunciando a abdicação. O general Rusky não conseguiu falar com os deputados antes do conferenciarem com Nicolau II.

Subitamente o imperador, com grande espanto do general Rusky, em vez de ler o texto da abdicação em favor de seu filho, tirou do bolso um outro texto que continha a abdicação em favor de seu irmão Miguel.

O general Rusky pretendeu afirmar que o Czar não podia renunciar ao trono senão em favor de seu filho. A lei não devia permitir nunca outra abdicação. «Interrogou os deputados, que confessaram a sua ignorancia sobre esse ponto e reprenderam-os».

Quando o Czar se despediu do general Rusky, abraçou-o e agradeceu-lhe os seus fieis serviços.

E' preciso notar que nessas horas tragicas não se encontrava junto do Czar um conselheiro suficientemente experiente para o guiar. O homem assim teria evitado que a Russia caisse nas desgraças que a destruíram.

Factos e palavras

A PROPOSITO DA MENDICIDADE

E' velho o problema. Muitas colunas de colunas de jornal se teem escrito sobre ele e muitas soluções teem sido apontadas.

No entanto Lisbôa continúa a apresentar este aspecto repugnante duma cidade, que pede esmola.

Pedir não é vergonha. Mais vale pedir que roubar, ouvi um dia dizer um pobre.

Pedir não é vergonha para quem pede se tiver razão para o fazer mas é vergonha para quem consente que pega.

Porquanto no meio da pobreza, que vagabundeia pelas ruas da cidade, teem nos que abrir tres classes. Os que pedem por vicio e roubam nas horas vagas. Os que pedem por negocio e morrem deixando o seu deposito nos Bancos e os que pedem por necessidade e que andam arrastando por ahi os aleijões que metem dó. Para os primeiros existe a cadeia e Africa.

Para os segundos a policia e a nossa interferencia nisso, não dando esmola nas ruas. E para os terceiros a Assistencia, os Asilos, a Misericordia, e os Hospitais.

Não ha dinheiro! Se cada um contribuisse para uma caixa comum com as esmolas que dá nas ruas e se depois, fiscalisasse essa obra de saneamento que simples era o remedio.

E, depois, o sr. Governador Civil tomando a seu cargo a direção dessa obra faria uma das mais proveitosas coisas de que esta cidade precisa.

BOTTO DE CARVALHO.

✦ ✦ ✦

O ministro do tesouro dos Estados Unidos, sr. Mellon, que sistematicamente tem feito oposição a toda a legislação que vise garantir as pensões dos veteranos de guerra, disse que tinha encontrado a maneira de angariar parte do capital necessario para esses pagamentos.

O ministro propoz uma taxa de 50 cents em cada 1000 cigarros, o que dará 30 milhões de dollars por ano; 2 cents por libra de tabaco de mascar e de fumar, o que produzirá anualmente 5 milhões de dollars; 3 cents nos portes do correio do paiz que darão 70 milhões de dollars; uma taxa proporcional a este aumento nos correios de segunda classe que produzirá 40 milhões de dollars; e 2 cents nos cheques bancarios que darão 30 milhões de dollars.

Declarou que o congresso deve ir mais alem, e arranjar os fundos necessarios para as pensões.

Se metade dos veteranos—segundo o projecto—optarem pelo pagamento em dinheiro, julga-se que serão precisos uns 350 milhões de dollars.

✦ ✦ ✦

Um estudante italiano, que foi apanhado a cabular num exame, granjeou ultimamente uma grande e merecida fama.

Arranjára ele duas estações minusculas de telegrafia sem fios, uma delas era manobrada por ele, a outra por um explicador, que lhe ia tirando as duvidas durante o exame escrito.

O facto repetiu-se por varias vezes aproveitando a todos os alunos do curso, que, com certa extranheza dos mestres, passaram a ser todos ursos.

Tanta sciencia levantou suspeitas, descobrindo-se em breve a oculta Minerva inspiradora dos estudantes.

Guilherme Marconi, o inventor da telegrafia sem fios, desejou ver o aparelho, no qual encontrou alguns aperfeiçoamentos, introduzidos por este cabula... genial.

✦ ✦ ✦

A policia francesa, operando, há pouco, em Berlim, descobriu uma associação de personagens que se dedicam a fornecer aos estrangeiros toda a qualidade de narcoticos, especialmente a cocaina.

Numa das suas viagens á Alemanha, um jornalista francês teve ocasião de averiguar da facilidade com que aquela droga terrivel póde ser adquirida. Tendo por companheiro um caixeiro viajante italiano, apresentaram-se os dois numa farmacia situada proxima do Café Bauer, nas imediações de Unter den Linden.

—Que desejam?—perguntou o praticante.

—Tratamos um negocio particular. Foram conduzidos ao fundo da farmacia.

—Sei o que querem—disse o farmaceutico. Nós vendemos cocaina...

—Para exportação?

—Porque não. Tem «permissão» êssim? Voltem então esta noite, ás 8 horas.

O italiano disse o seu nome, indicou qual o seu hotel e ofereceu referencias comerciais.

Quando a noite desceu, os dois foram apresentar-se de novo.

—Eis aqui—disse o farmaceutico—a encomenda. Pude conseguir um só deposito. Queiram dar-se ao trabalho de examinar... Ei-los...

—E' inutil, responderam os dois viajantes. Nós somos jornalistas franceses e queremos saber... soubemos...

O alemão, furioso por ter sido «comido», tomou-se duma colera imensa. Mas o medo da policia conteve-lhe a irritação, não deixando, porem, de, até á porta se fechar, cobrir os dois com as mais «suaves» palavras...

As letras

Entrou no prelo a segunda edição do livro «Liminar» do poeta Mario Alves Pereira.

—Acaba de ser posta á venda a terceira edição do livro «Eles e Elas» do eminente escritor e nosso ilustre colaborador sr. dr. Julio Dantas.

Exposição do Rio de Janeiro

A representação das nossas companhias coloniais é um facto.—O concurso da inspecção da Sanidade Escolar

Vai por esse paiz fóra uma grande azafama. Trabalha-se com alma, com afinco e patriotismo para que a nossa representação na proxima exposição do Rio de Janeiro seja condigna do nosso bom nome e para que dela advenham os resultados praticos de que tanto carecemos.

Ainda ha pouco pudemos afirmar aos nossos leitores que o apelo feito pelo Comissariado a todas as Camaras Municipais do paiz para que iniciassem com intensidade uma grande propaganda nesse sentido, tinha sido acolhido com grande alvoroço e que a nossa industria de ourivesaria da capital do norte faria apresentar neste certamen trabalhos de grande valor artistico e já hoje nos noticiamos que o sr. Costa Sacadura, inspector geral da Sanidade Escolar solicitou do sr. Comissario Geral uma conferencia, afim de assentarem nas bases porque os serviços a seu cargo se farão representar na exposição do Rio.

A nossa representação tem que ter alem duma afirmação de valor das nossas industrias, da existencia da nossa agricultura e da importanciado nosso comercio, uma prova pratica do nosso valor intelectual, do nosso temperamento artistico, da salubridade do nosso fisico e da nossa alma. A ideia de ir mostrar aos nossos irmãos de além-mar e aos estrangeiros que visitarem o nosso pavilhão em terras de Santa Cruz que aqui se zela pela higiene dessa grande familia escolar, futura élite da sociedade portuguesa, é boa, simpatica e generosa.

As colonias tambem não podem ficar indiferentes ante este movimento que dia a dia se acentua no sentido de que a nossa representação atinja o maximo esplendor e brilhantismo.

E tanto assim o reconheceram as companhias coloniais que quasi na sua totalidade teem respondido favoravelmente á circular que o sr. Comissario Geral lhes fez enviar, convidando-as a tomarem nesta exposição o logar que lhes compete.

A Companhia de Moçambique sabemos nos concorrer á referida exposição com um interessante mostruario de produtos do seu territorio. A colocação de que se trata será organisada de forma a frisar bem o alto valor e grande desenvolvimento agricola dos seus grandes propriedades.

Quasi, é não descuidem os srs. colonias. Seria uma falta tremenda, uma «gaffe» imperdoavel que Portugal tercira potencia colonial, não patenteasse ao mundo neste esplendida conjectura que a grande exposição do Rio de Janeiro nos oferece, a vitalidade, a riqueza e o indiscutivel progresso desse padrão glorioso, gloria e orgulho da nossa raça.

A Alemanha pagou hontem aos aliados 31.000.000 de marcos

BERLIM, 9.—O governo alemão fez hontem o pagamento de trinta e um milhões de marcos ouro. Este pagamento é o terceiro depois da decisão da Comissão de Reparações de 13 de janeiro.—(R).

COUSAS DOS OUTROS

Como o governo americano

comprimiu despezas no valor de mais de 2 biliões de dollars!

«Uma Republica não deve ser administrada por processos diferentes dos usados num grande banco ou num grande estabelecimento de crédito»

Não deixa de ser muito interessante saber-se como nos Estados Unidos se conseguiu facilmente aquilo que todos pedem mas ninguem faz em Portugal... Por isso tendo encontrado num dos ultimos numeros do «Matin», de Paris, um artigo em que Stéphane Lauzane descreve, numa entrevista com o general Dawes, o modo como nos Estados Unidos se procedeu á «compressão», expressamente o traduzimos:

Um dia, na casa Branca, ouvi o Presidente Harding dizer a um grupo de jornalistas:

—Senhores jornalistas... tenho o prazer de anunciar que o nosso orçamento de 1922 apresentará de um bilião e quinhentos milhões de dollars de economias. Não ficaremos por aqui e faremos em 1922 novas economias no valor de meio bilião de dollars. O orçamento de 1923 apresentará, portanto, uma economia de mais de dois biliões de dolars sobre o de 1921.»

Dois biliões de dollars de economias! Mais de dez biliões de francos ao par! Mais de vinte e cinco biliões de francos ao cambio actual... A' saida da reunião, mal podendo acreditar no que ouvira, perguntei respeitosamente ao Presidente Harding:

—Qual foi o homem de genio, sr. Presidente, que lhe permitiu fazer economias no valor de dois biliões de dollars?

—Fale com Dawes, respondeu-me apenas o Presidente.

No dia seguinte, procurei o General Charles W. Dawes, director do orçamento dos Estados Unidos.

Mal o vi, compreendi que estava em frente de «alguem», como costumamos dizer.

Era um homem novo, alegre e trabalhava num gabinete bem iluminado, com quatro janelas abertas sobre o parque de Washington. Desconfiemos dos velhos mal humorados que trabalham em subterraneos: são incapazes de realisar uma grande obra—sobretudo quando essa obra consiste em fazer dois biliões de dolars de economias.

Perguntei-lhe:

—Quais são os seus poderes? Naturalmente, ilimitados...

«Quer saber qual foi o resultado desta redução? Em primeiro logar, os meus chefes de serviço redobraram de escrupulo na escolha dos seus colaboradores.

Como tinham de recrutar menos colaboradores, escolheram os melhores, afim de compensarem a quantidade pela qualidade. Depois, cada qual, de alto a baixo, procurou fazer economias, principalmente nos fornecimentos e no material, afim de não exceder o limite dos creditos fixados e de não ter de sofrer reduções no seu proprio vencimento.

«E' necessario interessar material e moralmente os que fazem economias—materialmente pagando lhes bem, moralmente reconhecendo o valor da sua obra.

«Ha uma frase dum jesuita espanhol que repito constantemente e que se deveria gravar nas paredes de todas as repartições publicas:—O que vale não são os aplausos que vos acolhem quando entrais: são os que vos saudam quando saís.»—Pois bem. Eu, que me irei embora daqui a seis meses, e os meus colaboradores, que a pouco e pouco irão partindo, todos nos sentiremos felizes se, ao sairmos daqui, nos aplaudirem por termos cumprido o nosso dever para com o nosso Presidente e para com o nosso paiz.»

Assim falou o general Charles W. Dawes, director do orçamento e «colecionador de informações», que, com uma despesa de 168.750 dollars, em seis meses, meteu 1.570.118.883 dollars e 30 cents—não esqueçamos os cents!—nos cofres do tesouro do seu paiz.

A algum leitor que por ventura o tenha esquecido, recordamos que tudo isto se passa nos Estados Unidos e não na Europa e muito menos em Portugal, onde um Chefe de Estado que se lembrasse de proceder como o Presidente Harding seria sem perder de tempo descido do poder, em nome dos Imortais Principios, em cuja pratica reside a felicidade dos povos...

—De modo algum, respondeu-me, rindo, o General Dawes. São mesmo dos mais limitados. Não tenho o direito de dar uma ordem, não tenho o direito de assinar um documento, não tenho mesmo o direito de tocar numa folha de papel num ministerio.

Apenas tenho o direito de me informar. Sou um simples colecionador de informações—e apenas deste direito me utiliso. Em virtude dos poderes que me conferiu o Presidente posso convocar todos os Secretarios de Estado, todos os funcionarios, mesmo os de mais alta categoria, e posso dizer-lhes:—Queira dar-me esta ou aquela esclarecimento sobre o seu orçamento, dizer-me porque gasta esta ou aquela verba, explicar-me porque tem tantos e tantos empregados».—São obrigados a responder-me. E é tudo.

Não tenho poderes para ir mais longe, para ordenar uma redução de despezas, para suprimir um emprego. A unica pessoa que pode faze-lo é o Presidente. Mas posso dirigir-me ao Presidente a qualquer hora do dia.

«Depois de me prestarem as informações que peço e que me não podem recusar, examino com toda a imparcialidade, com toda a justiça, com toda a moderação, o «caso administrativo» que se me representa. Depois, dirijo-me ao Presidente e digo-lhe:—«Tudo bem ponderado, isto pode ser reduzido, isto pode ser cumprido».

O Presidente dá-me ou não me dá razão. No fim de trinta dias de exercicio das minhas funções, fizera 110 milhões de dollares de economias. Finalmente, o orçamento nacional de 1922 fechará com uma redução de despesas de 1 bilião 570.118.323 dollars e 30 cents... Não esqueça peço-lhe, os 30 cents: representam um pequeno esforço, menor do que os 1.570.117.323 dollars, mas, no entretanto, representam um esforço...

—E os ministros obedeceram—observei, assombrado—trazem as informações pedidas, submetem-se á sua fiscalisação...

—Perfeitamente, respondeu-me o general Dawes, porque é essa a ordem do Presidente.

O primeiro que entrou neste gabinete foi Mr. Mellon, ministro das Finanças. E' uma data historica. Desde que temos ministro das Finanças, ninguem os vira nunca senão por de traz da sua secretaria, no seu gabinete. Pela primeira vez, numa tarde de Julho de 1921, viu-se o ministro das Finanças, sair de seu gabinete, depois de um dos seus subordinados o chamar pelo telefone, e dirigir-se ao gabinete do funcionario que o convidára.

Deu assim um grande e belo exemplo...

«No fundo, meu caro jornalista uma Republica não deve ser administrada por processos diferentes dos usados num grande banco ou num grande estabelecimento de credito. Num estabelecimento de credito, há o presidente do Conselho Administrativo ou um director que carregue aos hombros com todo o peso das responsabilidades da casa. Tem o direito de saber tudo e de tudo conhecer, desde as ocupações do primeiro sub-director, até ás ocupações do ultimo servente. Na nossa Republica é o Presidente que carrega com esse peso nos seus hombros. O Presidente delegou em mim os seus poderes de inquerito e investigação. Mais nada. Repito-lhe: sou um simples colecionador de informações.

—E que principios aplica no exercicio das suas funções?

—O principio de que não ha nunca bastantes homens competentes bem remunerados e de que ha sempre um numero excessivo de homens inuteis, mediocremente remunerados. Sou implacavel para com os empregados inuteis, mesmo modestos, porque são os que custam sempre mais caro... Comecei por dar o exemplo na minha repartição, em virtude do principio de que não deve merecer confiança o medico que não ingere o seu medicamento. O Congresso votará um credito anual de 225.000 dollars para os meus colaboradores, para o meu pessoal e para mim.

A primeira coisa que fiz foi anunciar ao Congresso que ia realisar sobre esse credito uma redução de 25 % e que faria trabalhar a minha repartição com 168.750 dollars.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Está despertando grande intusiasmo o ultimo concerto e assinatura da grande Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Blanch, no domingo no S. Luiz, em que toma parte a distinta pianista D. Antonia Moreira, discipula notavel do professor Timoteo Silveira, que executa executa com a orquestra a «Ballada» de Freitas Branco, figurando no programa a celebre «Sinfonia em sol maior», de Haydn, o extraordinario poema sinfonico de Strauss, «Morte e Transfiguração», a «Leonora», de Beethoven, a «Rosemonde», de Ravel, o «Chanson de Solveig», de Grieg e outras obras notaveis.

ULTIMA HORA

Violenta explosão

Morte dum oficial e dois soldados

Na doca de Belém, no grupo da esquadrilha de submarinos, rebentou esta tarde um tubo de ar comprimido, tendo os estilhaços ido atingir o 2.º tenente Antonio Lourenço Barata, um soldado do P. A. M. e o cabo de torpedeiros n.º 3121, José de Oliveira, tendo todos morte instantanea.

Tambem foi atingido pelos estilhaços um marinheiro que foi violentamente arrojado ao Tejo, submergindo. Os trez cadaveres já recolheram á morgue.

Viriato Lobo

Governador civil de Lisboa

O governo confiou ao sr. Viriato Lobo, capitão do E. M., o chefia do distrito de Lisbôa. A posse realisou-se hoje, com bastante concorrencia, ás 16 horas.

Proferiram palavras de saudação ao novo magistrado, os srs. Agatão Lança, governador civil cessante, e Vitorino Guimarães, por parte do directorio do P. R. P.

O sr. Viriato Lobo, em resposta, fez o elogio do governo do sr. Agatão Lança, declarando que ia continuar a sua obra de defeza social e de saneamento moral da cidade.

Terminada a transmissão de poderes, veio pessoalmente cumprimentar-nos, acompanhado dos seus antigos secretarios srs. Ferreira de Sousa e Rui Esteves, o sr. Agatão Lança, ex-governador civil de Lisbôa.

Fomos muito sensiveis á delicada atenção do bravo oficial de marinha, que, de resto, conta em cada um de nós um admirador das suas altas qualidades.

Policia de Defesa Social

O sr. Damião dos Santos, adjunto da P. D. S. abandonou hoje o seu logar.

Como á hora a que compareceu naquela policia para apresentar as suas despedidas ao pessoal este não estivesse ainda, o sr. Damião dos Santos retirou, supondo-se que já ali não voltará.

A gréve nas linhas de Cascais

Continua no mesmo pé a gréve do pessoal da Sociedade do Estoril.

Parte do pessoal continua a apresentar-se ao serviço, estando ainda a linha guardada por forças militares.

Conforme ontem noticiamos, avistou-se hoje pelas 12 horas com s. ex.ª o sr. director da Sociedade Estoril, uma comissão composta pelos srs. Pereira de Carvalho e Luciano de Oliveira, chefes do 1.ª, Antonio Pinto e Albino Souto, chefes de 3.ª, Francisco Pinheiro factor de 1.ª, José Batista e Genil Gonçalves, revisores, Luiz Pires, conductor de 1.ª, Irene Nortadas, encarregada de contabilidade, Manuel Pereira, maquinista e Antonio Pereira chefe do distrito, afim de conferenciar com s. ex.ª sobre a situação dos 11 empregados demitidos, manifestando sua ex.ª o maximo empenho em tratar do caso com o Conselho de Administração logo que a situação dos mesmos agentes esteja desfeita dos tribunais.

Inqueritos

O juiz sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, continuou a estudar hoje o processo relativo aos acontecimentos de 19 de outubro, não tendo feito nenhuns interrogatorios.

POLITICA

A situação do ministerio Antonio Maria da Silva parece tender a consolidar-se

Nos circulos politicos, tanto governamentais, como oposicionistas, prevalece a opinião de que o actual ministerio conseguirá manter-se no Poder, se adoptar uma orientação politica de contemporisação com as outras correntes partidarias. Se, contrariamente, a politica governamental retomar a tradicional orientação democratica, considerando o Estado como feudo do P. R. P., a reacção que tal orientação fatalmente virá a provocar será suficiente para tornar impossivel a vida ministerial.

Segundo afirmam os mais intimos amigos politicos do actual ministerio o espirito que preside, no Ministerio do Interior, a gestão dos negocios publicos, é deliberadamente de feição conciliadora. Isto quanto ao governo. No que respeita, porém, aos partidaristas que o rodeiam, não se pode dizer o mesmo, antes parece estar proximo a reviver o sectarismo que tantos e tão graves desastres trouxe já a Republica.

Somos um espectador imparcial, embora republicano. Esperamos, portanto, o desenrolar dos acontecimentos para a formação dum juizo seguro quanto á viabilidade da situação dominante.

Conferencia de Genova

Ouvimos o cremos ser certo que o governo mantem a nomeação do sr. Cunha Leal para delegado de Portugal na Conferencia de Genova. Quanto ao convite, que já correu ter sido feito ao sr. Afonso Costa, não obtivemos confirmação, antes supomos que a noticia carece absolutamente de fundamento.

Os telegramas trocados entre o Chefe de Estado e o sr. Afonso Costa

Consta-nos que a correspondencia telegrafica trocada entre o Chefe de Estado e o sr. Afonso Costa a proposito da ultima crise ministerial, virá a ser conhecida do publico, ou por espontanea publicação nos jornais ou por copia fornecida ao Parlamento onde haverá quem insistentemente a reclame.

Conselho de ministros

O Ministerio esteve esta tarde reunido em conselho.

Não recebemos nota alguma oficiosa, pelo que supomos não ter sido fornecida aos jornais.

Ouvimos que neste conselho se tratou da situação do sr. Veiga Simões, que é ministro em Viena de Austria, mas apenas virtualmente.

Parece que os proventos do logar não são suficientes para sustentar o diplomata como representante de Portugal junto do governo da Republica Austriaca. Estuda-se a maneira de remediar este caso, com aprazimento do sr. Veiga Simões.

Reclamações

Uma comissão de membros do Tribunal dos Arbitros Avindores procurou hoje o sr. ministro do Trabalho, a quem pediu que sejam dadas ao juiz daquele tribunal as mesmas regalias que são concedidas ao presidente do Tribunal dos Acidentes do Trabalho.

O sr. ministro prometeu estudar o assunto.

TEATRO

Primeiras Representações

SALÃO FOZ.—A Bichinha Gata» (Novo quadro charge á exposição do Rio de Janeiro). Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

As palavras que aqui escrevemos não tem senão o valor duma grande sinceridade e dum desejo tambem grande de fazer justiça. Os senhores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, são, no teatro português contemporaneo figuras de excepcional relevo, pela forma feliz e cuidada verdadeira e flagrante, como tem posto em peças de tessitura ligeira e de cunho popular, os principais aspectos interessantes da sociedade portuguesa de hoje.

Possuidores de raros instinctos de dramaturgos, os três notaveis escritores completam-se, dando nas suas obras—que já tem fatalmente de ficar—conjunctos harmonicos cheios de caracter, plenos de colorido local.

A esses três espiritos temos sempre feito inteira justiça, e os temos colocado á sua devida altura, apesar de muitos dos seus detractores—as mais das vezes por simples prazer de dizer mal—nos acusarem de exagerados.

Entendemos que o teatro popular tem uma grande missão a cumprir e que o que a Parceria dos três autores tem já feito, segue o meu ponto de vista sobre essa missão.

Justamente porque sempre fizemos justiça aos referidos autores, é com inteira magua que hoje vemos ocupar este mesmo logar, para, muito a serio, e justamente com o direito de quem nunca os maltratou, protestar, com a maior energia e a maior tristeza para o facto lamentavel de se oferecer ao publico, pela impunidade irresponsavel da boca dum actor uma serie de falsidades, de torpezas e de injurias, acerca duma questão, que por sua natureza, e até por melindres pessoais, não devia nunca ser levado á scena, nem posto em foco, por um autor, cujo nome anda, por familia ligado á mesma questão.

Com efeito, a que proposito, num quadro popular, se vão fazer referencias a um conflito intelectual? E sobretudo porque se lança nos olhos do publico a poeira duma falsidade, dum ridiculo, e duma injustiça da qual os proprios autores tem a plena consciencia?

Expliquemos ao leitor:

Toda a gente tem presenciado o conflito chamado dos «Novos» em duas palavras o seguinte:

Uma centena de artistas modernos e de homens de letras, pretendeu entrar para a S. de Belas Artes sem um fim determinado, e num direito legalissimo que lhe conferiam os estatutos de tal agremiação. Suspeitaram os velhos socios que aquela entrada em massa trazia «agua no bico» e vai daí opuzeram-se.

Pois sabem os leitores como os festejados autores da «Bichinha Gata» decidiram interpretar o conflito? Desta forma:

Transformando todos os artistas nossos, pelo menos em parvos e «Adelaides», e ridicularisando um movimento que nada tinha que ver com a sua revistasinha do ano, feita para mostrar bonitas pernas de corista e meter uns cobres nos bolsos da simpatica parceria.

Detache: O artista, socio antigo, e ao qual se atribuem todas as dificuldades levantadas para a entrada dos nossos associados é o conhecido arquitecto Adães Bermudes, irmão do autor da Revista sr. Felix Bermudes. Quem assigna estas linhas era o socio proponente e teve o papel activo na defesa dos novos associados das Belas Artes.

No momento em que tinha a mais violenta discussão com o sr. Bermudes presidente da social Sociedade de Belas Artes, e o atacava com rudeza quasi, escrevia eu os meus melhores adjectivos sobre o sr. Felix Bermudes, que nada tinha que ver com isso.

Pois ao mesmo tempo, pelos vistos, o sr. Felix Bermudes, servia-se do palco do Foz, para orientar a opinião publica, no falso e injusto ponto de vista de seu irmão.

E' uma legitima defeza?

Não. E' um ataque, a que eu não correspondo, senão com a minha inteira e maior desilusão.

O HOMEM QUE PASSA

A leitura duma peça no Politeama

Ontem pelas 6 horas produziu-se, no Teatro Politeama a leitura duma interessantissima peça do sr. Tobias Moscoso, a qual já no Brasil havia sido premiada. A leitura que foi feita magistralmente pelo actor Erico Braga deixou encantada a assistencia na qual se encontrava o sr. Embaixador do Brasil, alem de algumas dezenas dos nossos mais cotados criticos.

Noticiario

Portugal

A peça «A Rajada» não irá á scena no Politeama em festa da actriz Lucilia Simões, mas sim em beneficio de Ribeiro Lopes.

—Erico Braga deve fazer a sua festa com a primeira «A Casaca Encarnada» de Vitoriano Braga.

—Foram perto de trinta os concorrentes ao concurso de cartazes aberto no Politeama para «A Casaca Encarnada». Entre eles conta-se, Stuart de Carvalhais, Teles Machado, Sanches de Castro, Martins Barata, etc. Serão expostos no «foyer» do teatro. O jury é composto por Columbano, Lucinda Simões, Erico Braga, Cristovão Aires, Avelino d'Almeida, Eduardo Viana, Antonio Ferro e Vitoriano Braga.

—Maria de Lourdes Cabral recebeu oferta de contrato para uma companhia de opereta, mas ainda não aceitou.

—Diz-se que Ester Leão vai retirar-se definitivamente da scena.

—A peça de Almada Negreiros, «23, 2.º andar» deve ser representada pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—Ainda esta semana deve ser lida no Politeama uma comedia em um acto, possivelmente destinada á festa de Ribeiro Lopes.

—E' o actor José Ricardo que está ensaiando a peça «Prometheus», que Alves da Cunha levará na sua festa.

—Foi contratada pela companhia Alves da Cunha a actriz Celeste Leitão.

—Repete-se mais uma vez hoje, em penultima representação e 29.ª recita ordinaria a colossal obra de Wagner «Parsifal», que tão grande brilho tem tido nas anteriores representações, mercê do grande valor do regente Vittorio Gui e dos noveis cantores wagnerianos Bland, Cesa, Bianchi, Formichi e Cirino e ainda da forma como está posta em scena.

Amanhã, em 30.ª recita ordinaria será a segunda representação da opera de Puccini «Boheme», ontem tão aplaudida na estreia e em que entram os cantores Annita Conti, Alma Bucci, Bagnariol, Roggio e Cirino sob a direcção tambem de Vittorio Gui, que ontem mais um grande triunfo obteve pela maneira como ensaiou e dirigiu esta obra, fazendo-lhe avultar belezas que tantas vezes passavam despercebidas.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Penultima representação em S. Carlos da opera de Wagner «Parsifal».

—Festa do actor Alvaro Pereira, com a revista «P. A. A.» no Teatro Apolo.

AMANHÃ—Segunda em S. Carlos «Bohemia» de Puccini.

—Despedida do actor Matias de Almeida, na revista «Bichina Gata» no Salão Foz.

SABADO—Reprise da «Viuva Alegre», no Teatro de S. Luiz para festa de Aldina de Sousa.

—Terceira representação em S. Carlos da «Bohemia».

—Reaparição de Antonio Gomes no Foz.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Muitas senhoras teem a ilusão que para se andar bem vestida é apenas necessario comprar as toilettes numa loja elegante e gastar se muito dinheiro.

Pois isso não basta, é mesmo muito insuficiente, e, deixem-me mesmo dizer-lhes tambem, não basta que o vestido seja bonito.

O que é essencial, o que é absolutamente imprescindivel é que o vestido nos fique bem, não só ao corpo mas tambem ao parecer.

Quantas vezes o vestido é lindo em si mas a pessoa que traz fica ridicula ou disforme com ele.

A mulher verdadeiramente garrida deve colocar-se em frente do espelho, fazendo um exame de consciencia. O espelho é um confidente muito discreto não revela a ninguem as nossas reflexões.

Ele é o nosso confessor fisico, o padre conhece os defeitos morais, o espelho conhece as imperfeições fisicas e se fossemos francas comnosco mesmo quantas veze reconheceriamos que temos mais desgosto com a imperfeição das nossas feições e da nossa plastica do que com os pecadilhos veniais da nossa vida espiritual!

Mau, lá julguei eu que estava junto ao borralho e dispunha-me a filosofar, voltemos, minhas senhoras, para defronte do espelho, olhemos para nós e confessemos que, com uma altura diminuta, um corpo bastante franzino, ficariamos muito mal com esse magestoso vestido, caindo pesadamente sobre nós de maneira a deixar-nos indecisas se é o vestido que existe e pensa, não passando nós do seu humilde cabide.

E nós, leitora, com a nossa robustez elegante mas respeitavel, que ridicula ficaria com um vestido menineiro caindo á vontade e despretenciosamente.

E tambem é preciso egualmente reparar bem nas côres que escolhemos, observando se elas vão com côr da pele, dos olhos e do cabelo.

Este ultimo ponto é o menos importante, visto que eles se pintam á vontade da freguesa.

Se tivermos a coragem de reconhecer os nossos defeitos fisicos, a nossa falta de beleza e de elegancia, e, acima de tudo, a nossa idade! escolhendo o fato que nos convem como se fosse a penitencia imposta pelo espelho tenho a certeza que andariamos muito mais elegantemente vestidas do que se não tivermos a coragem de nos defrontar com a verdade.

FRIOLEIRAS

Fomos nós, Portuguezes, os responsaveis pela paixão da bugiganga que se desenvolveu por todo o mundo no seculo XVII, especialmente em França, pois a feira de Saint-Germain era o centro comercial preferido dos nossos mercadores que vinham da China carregados de curiosidades e objectos preciosos.

Dahi vem a palavra que tanto os francezes como nós usamos para coisas raras e exoticas: «chinoiseries» (chinezices).

No tempo de Mazarino, o gosto das chinezices já estava muito desenvolvido e o proprio cardeal, não obstante os multiplos afazeres, não desdenhava cultivar a sua paixão de colecionador que se tornou em verdadeiro vicio conseguindo contagiar toda a côrte com essa mania.

Apezar dos entraves que lhe punha Luiz XIII, o gosto generalisa-se. O «bibelot» precioso pela sua materia prima e pela forma; sem utilidade mas servindo para alegrar a vista e quebrar a solenidade um pouco afectada do mobiliario cairá no agrado de todos pois dava vida e imprevisto aos grandes salões.

Searron celebrisou esses «bibelots» numa oitava que reproduzo em prosa por ser incapaz de fazer um unico verso:

Levem-me aos portuguezes.
Lá veremos, por pouco dinheiro
As mercadorias da China.
Veremos ali ambar cinzento
Belos trabalhos de verniz
E fina porcelana
Desse paiz divino
Ou, digam-me antes, desse paraizo.

ARTES FEMININAS

Azulejo para mesa

Muitas senhoras preferem para as suas mesas em lugar de tapetinhos, uns azulejos pintados.

Em qualquer fabrica de louça se podem comprar azulejos proprios para pintar; decalca-se sobre a loiça o modelo e depois cobre-se com tintas propria para ir ao forno.

Os motivos que dão melhor resultado são arabescos rosos, quadrados, ovais, losangos, circulos e flores soltas.

As cores dependem do gosto de quem faz o trabalho e do aparelho de loiça que serve; em todo o caso num fundo azul, a borda amarela e os desenhos centrais em diferentes tons de cinzento azulado até violeta e amarelo dorado, até laranja ficaria bonito e seria facil combinar-se com os serviços de loiça mais vulgares.

O que este trabalho exige é muita paciencia mas o resultado recompensa bem o esforço.

CONSELHO PRATICO

Para viajar

Devemos sempre viajar só ou com alguem alegre e que aceita com boa disposição as contrariedades inevitaveis nas viagens.

A pessoa mal humorada, implicante ou espalhafatosa deve ser evitada como a peste.

Depois de escolher a companheira de viagem é geralmente muito importante escolher os companheiros mudos, o que é muito mais facil.

Faz-se uma lista do que se quer levar, primeiro fato, depois objectos de toilette, e escritorio, por fim livros.

Com essa lista pronta, começaremos a juntar tudo metodicamente e só no fim meteremos os objectos na mala.

Seguindo este processo é raro acontecer chegarmos ao nosso destino desprevenidos e desconfortaveis.

HIGIENE DA BELESA

Contra o cieiro

Faz-se uma pomada com 12 gramas de cera virgem derretida em 70 gramas de azeite puro.

Derrete-se a cera em fogo lento deitando-se-lhe a pouco e pouco o azeite. Liga-se muito bem, deixa-se esfriar e a pomada está pronta.

GULOSEIMAS

Bolos secos

250 gramas de farinha batida com 6 gemas de ovos; 250 gramas de assucar e uma colher de sopa bem cheia de manteiga, 100 gramas de passas, uma colher de baking powder e uma chavena de leite. Mete-se o polmo em latinhas untadas de manteiga e vae ao forno por um quarto de hora.

Bolo de camada

Juntam-se a meio quilo de farinha 6 ovos batidos com 1/2 quilo de assucar, 1 colher de «baking powder» e 1 chavena de leite.

Põe-se este polmo numa lata que vai a um forno moderado durante 10 a 15 minutos.

Quando estiver pronto deixa-se esfriar e abre-se o bolo ao meio, em sandwiche, metendo-se dentro batatada ou ovos moles; salpica-se com assucar pilé, e enfeita-se com nozes, coco ralado e frutas cristalisadas.

PENSAMENTOS

O ciume tem sempre uma influencia capital na alma da mulher; ás más transformam-as em feras; ás boas, transfigura-as em martirio.

CONDE DE SABUGOSA.

Os amigos que já experimentaste, prende-os á tua alma com cadeias de aço.

SHAKSPEARE.

ARTISTAS DE CINEMA

Alvaro Baptista

E' o diretor artistico da nova empreza Enigma-film, que editou o "film" o "Rei de Força", que em breve se produzirá num dos nossos melhores cinemas.

Alvaro Baptista tem nesse "film" um trabalho de valor, o de um fidalgo libertino, estroina e perverso, papel que requer um estudo aturado e grandes qualidades scenicas.

Papel cheio de modalidade, Alvaro Baptista consegue, com uma intuição artistica pouco vulgar, fazer uma criação, onde muitos consagrados teriam sossobrado.

Vae nisso o seu melhor elogio.

British Holders in Southern Portugal of the Austrian and Hungarian Uusecured Debt are requested to call in person at His Britannic Majesty's Consulate, Lisbon, bringing with them full documentary evidence and particulare of their holdings.

Pede-se o favor aos subditos Britanicos no Sul de Portugal possuidores de titulos de Divida Austriaca e Hungara não garantida para virem ao Consulado Britanico em Lisboa e trazerem toda a documentação e detalhes relativos aos seus titulos.

SPORT

O fim de um campeão

Na categoria dos chamados «meios leves» em «box», um francês, Ledoux, ha anos que mantinha o seu titulo de campeão de França, a que mais tarde juntou o de campeão da Europa, fazendo morder o pó, aos melhores ingleses do seu peso.

Atravessou o Atlantico, e na America, diante das grandes celebridades mundiais, Ledoux, vencido algumas vezes, vencedor outras, orgulhava-se comtudo de nunca ter sido posto «knout-out.

Nunca fora deslustrado, caia-lhe bem o titulo de grande campeão. Mas outro francez de nome Criqui, ia pouco a pouco afirmando o seu valor, e de repente numa «tournée» á Australia consegue impor-se e que lhe chamem o rei do Knout-out, tão rapidas eram as suas vitorias e tão forte o seu «punch».

Não pode haver dois campeões...

Encontraram-se. Um representava um passado cheio de gloria, outro a esperança, o futuro. E em menos de dois minutos o velho «routier» do «ring» cae aos pés do novo, sofrendo pela primeira vez a humilhação do «Knout-out».

O presente vencia o passado.

E quando momentos depois, no camarim, Ledoux, o vencido, lastimava a sua sorte, Carpentier disse-lhe á laia de consolação:

E' o fim de nós todos, vencedores hoje, vencidos amanhã..

RUY DA CUNHA

Ciclismo

A corrida dos seis dias de Bruxelas, foi ganha pela équipe Aerts-Vaukeuper.

—A União Ciclista Internacional, não consentiu que os imperios centrais entrem por enquanto para o seu congresso.

—O delegado portuguez no congresso da União Ciclista Internacional foi Paul Rausseau.

—Foi eleito presidente da União Ciclista Internacional o actual presidente da União Velocipedica Franceesa Leon Breton.

Luta

Um dos favoritos do torneio de luta a que nos referimos, que está a disputar-se em Paris, é o suisso Favre.

Academia dos Sports

O comandante Lauzane ofereceu o premio de cinco mil francos que lhe fora concedido pela Academia dos Sports para o monumento dos soldados mortos na guerra.

Um livro util

O volume «Edificações», da Biblioteca de Instrução Profissional

São incalculaveis os serviços prestados pela interessantissima Biblioteca de Instrução Profissional ha anos fundada pelo saudoso professor Tomaz Bordalo Pinheiro. As edições dos seus livros sucedem-se, o que quer dizer que o operariado português se aperfeiçoa e procura ilustrar-se no mister a que se dedicou. A confirmar o que dizemos, está o aparecimento da 4.ª edição do volume «Edificações», do engenheiro sr. João Emilio Segurado, e um dos mais interessantes da colecção «Construção Civil». Neste livro, escrito de molde a prender a atenção de toda a gente, descreve-se o projecto de uma casa e dá numerosos e utilissimos esclarecimentos sobre os edificios e sua distribuição interna e sobre os elementos arquitectonicos das fachadas e cita numerosos exemplos de projectos de casas, com as respectivas plantas, inserindo ainda um resumo da legislação portuguesa e brasileira sobre o assunto. A edição, cuidada, é da Livraria Aillaud.

N.º 8 — Folhetim de A CAPITAL — 9 de Fevereiro de 1922

DOSTOZEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

I

Mas antes, eu devo explicar o que foi a minha infancia, e o que foi para mim esse homem que tão tristemente marcou as minhas primeiras impressões e foi a causa da morte de minha pobre mãe.

II

As minhas recordações, não vão alem duma dezena de anos. Não sei porquê mas tudo o que me aconteceu antes desta epoca não me deixou nenhuma impressão nitida que possa agora constituir uma recordação. A partir dos oito anos e meio recordo-me de tudo, dia por dia, sem uma falha, como se tudo o que me aconteceu tivesse sucedido hontem.

E' verdade que eu posso recordar como num sonho, certos factos que remontam a uma data anterior: uma lamparina sempre acesa ao pé duma imagem antiga; um dia em que fui cuspida dum cavalo, pelo que segundo me contaram depois, estive doente durante tres mezes. Recordo-me tambem que durante esta doença, uma vez, sentei-me na cama, ao lado de minha mãe, com quem dormia, assustado devido á febre, com o silencio da noite e os ratos escondidos a um canto, e que eu tremi de medo toda a noite, escondida debaixo da roupa e não usando acordar minha mãe, pelo que concluo que tinha mais medo dela do que de todos os outros.

Foi por esta ocasião que principiei a ter consciencia propria, que me desenvolvi rapidamente e por uma maneira inesperada varias impressões, sem nada de infantis, ficaram sempre em mim muito vivas.

Então tudo se torna claro, tudo se torna facilmente compreensivel rapidamente. A epoca desde que eu começo a fixar as minhas recordações deixou-me uma impressão de magua e tristeza. Esta impressão nunca pode desaparecer, acentuando-se pelo contrario cada vez mais. Ela reveste duma côr sombria e estranha todo o periodo da minha vida em casa de meus pais e ao mesmo tempo toda a minha infancia.

Agora parece-me ter acordado subitamente dum sonho profundo (se bem que naquele tempo essa impressão não fosse para mim tão comovente). Encontro-me num grande quarto sufocante, imundo, com o teto muito baixo. As paredes são cinzentas, de cimento. Num canto ha um enorme fogão aceso; as janelas dão para a rua ou melhor, para o teto da casa visinha; são baixas e largas como fendas.

O parapeito da janela era tão alto que me lembro muito bem de que era preciso colocar uma cadeira sobre um banco para lá chegar e mesmo assim com dificuldade. Eu sentavame á janela quando não estava ninguem em casa.

Da nossa via-se metade da cidade. Viviamos nas aguas-furtadas duma linda casa de seis andares. Todo o nosso mobiliario compunha-se dum resto de divan estofado, cheio de poeira e com a crina a sair pelas juntas, duma mesa de madeira sem verniz, de duas cadeiras, da cama de minha mãe num canto, dum pequeno armario cheio das mais variadas coisas, da comoda côxa dum lado e dum biombo de papel, todo escangalhado.

Recordo-me que era ao anoitecer. Estava tudo em desordem e espalhado pelo chão: vassouras, trapos, louças, uma garrafa partida e não sei que mais. Lembro-me que minha mãe estava muito desgostosa e chorava. O meu padrasto estava sentado num canto com o seu jáquetão roto. Respondia sorrindo a minha mãe o que a desgustava ainda mais e então de novo atiravam para o chão vassouras, louça, etc.

Eu chorava e gritava. Meto-me entre ambos. Estava muito assustado mas agarrei-me a meu pai, enlaçando-o fortemente. Só Deus sabe porque me tinha parecido que minha mãe se zangava sem razão com ele, pois ele não era culpado.

Eu queria interceder por ele; sofreria não me importava que castigo fosse. Eu temia minha mãe e supunha que toda a gente tinha medo dela.

Minha mãe a principio ficou admirada; depois pegou-me pelos braços e atirou-me para de traz do biombo. Bati com um braço contra a cama mas como tinha mais medo do que dor, nem sequer cheguei a enrugar as sobrancelhas para chorar. Recordo-me ainda que minha mãe se poz a pronunciar algumas palavras com vivacidade, apontando para mim. (Nesta narrativa chamarei sempre ao meu padrasto, pai, pois só muito mais tarde é que soube que ele não era meu pai).

Toda esta scena durou duas horas e tremendo de angustia tentava adivinhar como ela acabaria. Por fim a questão apaziguou-se e minha mãe saiu. Então meu pai chamou-me, abraçou-me, acariciou-me e sentou-me nos seus joelhos.

Apertou-me fortemente contra o seu peito. Parece-me que foi a primeira vez que meu pai se mostrou terno para comigo e talvez por isso é que a partir desse momento fiquei a lembrar-me de tudo com tanta nitidez. Julguei tambem compreender que merecia o carinho de meu pai por ter intervido em seu favor.

Parece-me que foi então pela primeira vez que fiquei impressionada com a ideia de que ele sofria muitos desgostos com a falta de minha mãe. Depois esta ideia prendeu-se-me para sempre e ainda hoje me revolta.

A partir desse momento nasceu em mim um amor infinito por meu pai, um amor estranho e maravilhoso, que nada tinha de amor infantil.

Exprimir-me-ia melhor se dissesse que era um sentimento «maternal» se tal definição do meu amor não fosse ridicula aplicada ao coração duma creança.

Meu pai parecia-me tão digno de piedade, tão perseguido, tão oprimido, tão doloroso, que eu achava horroroso, desumano não o amar infinitamente, não o consolar, não o acarinhar com todas as minhas forças.

Mas até hoje não compreendi ainda como se me meteu na cabeça que meu pai era um martir, um ser extremamente desgraçado. Como me inspirou esse sentimento? Como poude eu, sendo uma creança, compreender estas desgraças? E contudo compreendi-as ainda que interpretando-as na minha imaginação por uma maneira especial.

Hoje, porém, não posso conceber como se formou em mim tal impressão... Pode ser que por minha mãe ser muito severa para mim eu me tinha dedicado a meu pai, como a um ser que em minha ideia, sofria como eu propria?

Já contei a primeira impressão de meu sonho infantil, o meu primeiro movimento na vida. O meu coração permaneceu triste desde o primeiro momento e desenvolvi-me com extraordinaria rapidez. Eu não podia satisfazer as minhas impressões exteriores. Comecei a pensar, a reflectir, a observar. Mas esta observação era tão prematura que a minha imaginação não parava pois que dum momento para o outro transportava-me para um outro mundo, muito particular.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4000—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Lá fóra

O «Diario de Noticias» chama hoje a atenção para o facto de a imprensa estrangeira continuar a publicar falsas noticias da situação portugueza ou a comentar a politica da Republica com evidente malevolencia, sendo o facto tanto mais desagradavel quanto é certo que noticias desse teor e comentarios dessa especie aparecem em jornais tão importantes como o «Times» e o «New York Herald», na sua edição de Paris. E não é de hoje que esse facto se regista. Ha muito já que nós no estrangeiro, e infelizmente nos principais paizes nossos aliados e amigos, nos defrontamos com uma má vontade que, assim desejamos acreditar, vem mais do desconhecimento da nossa verdadeira situação do que do «parti pris» de nos ser propositadamente desagradavel.

Diz o «Diario de Noticias», e é certo, que para remediar ou acabar com este estado de coisas é necessario termos lá fóra uma representação diplomatica, garantida com todos os meios de se fazer prestigiar, prestigiando o paiz e a Republica.

Tem razão o «Diario de Noticias», mas a verdade é que nós, de ha uma certa epoca para cá, tinhamos motivo para supor que o desconhecimento e a má vontade da imprensa de Paris e Londres a nosso respeito deveriam ter desaparecido, senão totalmente na maior parte dos casos.

Com efeito só ha dois dias é que o chefe do governo, o sr. Cunha Leal, veiu declarar que o sr. Afonso Costa já não exercia lá fóra funções oficiais.

Mas exerceu-as durante largo tempo, foi chefe da Delegação Portugueza á Conferencia da Paz, e tanto nessa qualidade como na de antigo presidente do ministerio e chefe do partido mais importante da Republica, era de esperar que a sua influencia eficazmente se manifestasse no ponto de vista duma melhor atmosfera internacional relativamente a Portugal e á Republica, refletida nos mais importantes jornais.

O sr. Afonso Costa está em França ha perto de quatro anos. Tem exercido as mais altas funções, os seus amigos apregoam que ele é lá fóra considerado como o melhor, o mais habil, o mais inteligente de todos os estadistas da actualidade. Com as suas relações, com a fama de que o dizem rodeado em todo o mundo, natural seria que lhe bastasse um pequeno esforço para conseguir que Portugal não fosse lá alvo sistematico das mais deprimentes campanhas.

Das duas uma: ou o sr. Afonso Costa não pode, ou não tem querido impedir essas campanhas. No primeiro caso, a sua influencia, a consideração de que se diz gozar, não passam duma tremendissima «blague». No segundo, o seu patriotismo, a sua dedicação á Republica, devem estar simplesmente amortecidos. Resta acrescentar que, seja um ou outro o caso, a prova, nenhum deles constitui seguramente uma indicação para a sua escolha como nosso representante na conferencia de Genova.

O sr. Afonso Costa não quer servir a Republica dentro do paiz. Tambem não a quer servir fóra do paiz. Não quer ou não pode. Seja como fôr, é um valor nulo no actual momento politico.

E' bom que vão acabando todas as lendas. Comprehendiam-se os sebastianistas no seculo XVI. No seculo XX é complicar a superstição com a ignorancia.

O paiz precisa ser elucidado. Que os factos o elucidem. Dispõem para isso da mais convincente das eloquencias.

O brinquedo como factor de educação

Os metodos observados nas escolas alemãs

A influencia do jogo do xadrez

Os brinquedos foram sempre, em todos os tempos da historia mundial, o reflexo da vida infantil.

O brinquedo infantil, não é simplesmente isso que a generalidade dos despreocupados hoje vem na diva que fazem aos seus filhos ou parentes, amigos ou adjacentes.

O brinquedo é muito mais do que este seu simples aspecto de diversor das creanças.

O brinquedo é documento precioso dos povos, das sociedades, dos caracteres nacionais e, principalmente, da cultura geral de cada paiz.

O brinquedo não é somente uma ilusão: ele é, de facto, um educador. Ele é, de espirito, um instructor. Ele deve de ser, por metodo, o balisador dos caracteres dos futuros homens.

Já hoje, os modernos metodos didaticos de que a Alemanha é o mais notavel exemplo, servem-se do atrativo dos brinquedos infantis para a introdução dos principais rudimentos da alfabetagem no espirito das creanças:

O A faz-se acompanhar de uma arvore desenhada a cores; o B acompanha-se de um «Beil» (machado em alemão); o C faz-se firmar por um Christus ou por um chinez, conforme o credo das creanças a que é destinado, etc...

Em reforço a esta alfabetica sistematica, ha ainda para os mais verdes anos nas chamadas escolas infantis, os proprios objectos de uso comum no recreio, denominados todos por caracteres literais.

—Joãosinho, voce hoje continua a brincar só com o A, com o B, com o C, e com o D. O Pedro pode já brincar com todas estas pedras, desde o J até ao M. O Manuelsinho, o Calixto e a Maria, podem todos trocar entre si, todos estes brinquedos com as vinte e cinco letras... Mas, cuidado, hein! Quando eu pedir um objecto por letra respectiva, não quero enganos, do contrario tomo a metade dos brinquedos de cada um que se enganar!...

Assim falam, já, hoje, ha muito tempo, as preceptoras de recreios nos asilos e colegios de infancia aos seus apaniguados. As creanças brincam a aprender.

—Joãosinho como é que «faz» a «cestinha» com a arvore?

—C-a, ca—responde o interpelado.

E assim se começa a aprender.

Ao cabo de alguns dias o exercicio prolonga-se pelo «estudo» das linhas de electricos.

Um garoto de 4 a 5 anos, começa logo a fazer combinações, com as diferentes letras do curso viario urbano e «soletrar» electricos e auto-omnibus como quem lê nos livros. Mais tarde, nos cursos primarios, esses conhecimentos elevam-se ás estrelas, aos astros, planetas, etc.

Quando o jovem é já um aluno de artes e oficios, as mesmas aplicações se fazem aos seus brinquedos que, tem, já então, um caracter tecnico: são caixinhas, são moinhos, são engrenagens, são guindastes e pontes de tipos existentes no paiz, cujas peças componentes eles são obrigados a conhecer pelas suas nomenclaturas.

—De onde é esta peça? Como se chama? Porque é que ela é «assim» e não «assim»?... Se você puzesse «isto» aqui e não «ali», que é que resultaria? Com quanto se carrega esta maquina de tal tipo? Porquê? Esta relojoaria a qual maquina pertence? Como é que se coloca este rodizio nesta maquina? Você é capaz de concertar este guindaste desmontado, para brincar com ele?

Eis como o brinquedo, modernamente utilisado na Alemanha, entra no curso eficiente da vida pratica dos seus filhos.

O menino começa por «brincar», intermedeia por «aprender brincando» e termina por brincar trabalhando.

Mas o brinquedo antes de chegar a esta utilidade instrutiva na Alemanha, teve sempre o seu papel historico na caracteristica social do seu valor moral.

O brinquedo infantil antes de ser feito na Europa Central o estalão do desenvolvimento tecnico-mecanico, foi o documento historico dos costumes nacionais.

Os museus da Alemanha e Austria estão cheios de tais tipos de estudos praticos. Ha ali brinquedos de todas as epocas desde as mais adiantadas do ultimo seculo. E, facto notavel nem sempre os exemplares dos ultimos tipos, são os que mais se recomendam ao valor dos informes que prestam.

Assim por exemplo, são os brinquedos das epocas milenarias que mais preciosos se tornaram desde alguns seculos ás observações e estudos de teorias, de tecnicas e de praticas que vieram constituir para os nosos dias, informes em que hoje nos baseamos para varios proveitos. Se se não tivesse descoberto nas tumbas das creanças dos tempos faraónicos, os brinquedos que ali se depositam pelo natural espirito fetichico da epoca, não se teria hoje a menor noção do que era uma granja egypciana daqueles tempos da ante-era cristã. Foram esses brinquedos que sob formas ede figuras moveis, nos revelaram como se moia a farinha para o pão daqueles dias.

Foram essas mesmas provas de piedade paternal dos romanos ante e post Cesar que nos transmitiram os soldados da Roma conquistadora desde Marius, Metellus, Viriatus, Jugurtha, Sylla etc., até aos soldados dos dias que entram pelo imperio com Augustus, Nerva, Trajano, etc., e vão pela anarquia militar a dentro, até Roma da idade media.

Aqueles brinquedos ali postos, naquelas tumbas veteranas, é que nos fizeram estudar em todos os seus detalhes, nos soldaditos de chumbo romanos, os respectivos equipamento, e armamento e uniformes daquelas epocas.

Do mesmo modo foram as lindas bonecas, que acompanharam as suas infantis proprietarias, ao d'Além-Mundo, os exemplares que nos revelaram as modas e os figurinos das epocas respectivas, como tambem foram os brinquedos depostos nos tumulos milenarios, os documentos que nos serviram para imitar e aperfeiçoar os tipos de viaturas dos antigos habitantes da Pomerania, do Brandenburg, da Silesia, da Saxe e de todo o litoral do Baltico aos Alpes Carnicos.

E' que o brinquedo não é só brinquedo a ilusão, o espairecimento do humôr infantil: ele representa tambem paginas e paginas de documentos.

Por ocasião da inauguração do primeiro caminho de ferro alemão entre Nurenberg e Fuerth, em 1837, fabricaram-se dos respectivos materiais, inumeraveis milhares de modelos em papelão, madeira, zinco, etc., cujos exemplares formam hoje um preciosissimo tesouro no museu respectivo daquela estrada de ferro.

Se não fosse isso, se não tivesse havido essa sapiente previsão de os colectar estariam hoje completamente ignorados os traços historicos da respectiva evolução, porque, como se sabe, e é natural, no correr dos tempos todos aqueles vagões, carros de todas as classes, tenders, locomotivas, boga, trilhos, etc., estão completamente mudados ou transformados.

As proprias superstructuras da via permanente são outras. Outras são mesmo muitas das obras darte e outras serão, talvez, muitas das estações.

A POLITICA NO BRAZIL

A eleição á presidencia dos Estados Unidos do Brazil — Quem será o eleito? Artur Bernardes ou Nilo Peçanha?

Conforme noticiaram os jornais, o eleitorado brasileiro está proximo a ser convocado, para decidir do pleito que se vem travando, a proposito da eleição presidencial, entre dois grupos politicos; um deles, o governamental, adoptou a candidatura do sr. Artur Bernardes á presidencia da Republica; o outro grupo, que é oposicionista, patrocina o nome do sr. Nilo Peçanha.

O sr. Artur Bernardes é o Presidente do Estado de Minas Geraes. O sr. Nilo Peçanha, acidentalmente presidente da Republica, na vaga por morte prematura do presidente Afonso Penna, foi, por duas vezes, presidente do Estado do Rio de Janeiro, ministro das Relações Exteriores, etc

Os dois candidatos são, em resumo, homens publicos eminentes, qualquer deles dispondo de muita infuencia politica.

O que desperta um certo interesse na luta politica que se está travando no Brasil é isto: o sr. Artur Bernardes, candidato do governo, dispõe de votos, emquanto que o sr. Nilo Peçanha tem a fornecê-lo uma grande popularidade. A verdade eleitoral não é, no Brasil, uma expressão matematica, pouco mais ou menos como acontece em toda a parte.

E' natural que se assim não fosse, o sufragio popular brazileiro desse ganho de causa ao sr. Nilo Peçanha.

E' legitimo prevêr, portanto, que a verdade convencional das eleições venha a pender para o lado do sr. Bernardes...

A eleição é por sufragio popular directo, como é proprio do regimen presidencialista. Ora o sr. Artur Bernardes tem por ele todos os Estados da União, excepto apenas quatro que votam ao sr. Nilo Peçanha. E como o poder tem muita força não é natural que os oposicionistas dos Estados favoraveis ao sr. Artur Bernardes consigam suplantar a massa eleitoral que, legal ou ilegalmente, consciente ou inconscientemente, ha-de sufragar o nome do candidato oficial.

O Congresso da Republica funciona, neste caso especial da eleição presidencial, como tribunal de verificação de poderes em ultima e irrevogavel instancia. Quer dizer: o apuramento final da eleição será feito pelo Congresso da Republica. E' claro que, dispondo o sr. Artur Bernardes, como parece dispor, da grande maioria dos votos parlamentares, será reconhecido como legalmente eleito, qualquer que seja a votação alcançada pelo sr. Nilo Peçanha. Isto é o mais provavel.

Mas ha o imprevisto. E este, para o efeito, pode chamar-se Hermes da Fonseca...

❖ ❖ ❖

Sabe-se quem é este homem publico? O sr. marechal Hermes da Fonseca já foi Presidente da Republica do Brazil.

Quando terminou o seu governo, bastante agitado pelas lutas exacerbadas das facções politicas, a sua popularidade era negativa. O estado do espirito publico brasileiro não é hoje o mesmo, a avaliar pela leitura dos jornais e pelo conhecimento de noticias e informações particulares.

Pelo contrario: o sr. Hermes da Fonseca é o chefe oculto do exercito, como presidente do Club Militar do Rio de Janeiro. E a força publica do Brasil, tanto terrestre como maritima não parece morrer de amores pelo candidato governamental, antes tem dado claras demonstrações de apoio ao sr. Nilo Peçanha.

A este respeito existe em marcha uma questão muito irritante. Acusou-se o sr. Artur Bernardes de ter escrito uma carta, onde o exercito brasileiro era apreciado em termos desprimorosos. A imprensa, na sua maior parte favoravel ao sr. Nilo Peçanha, abriu ja ha bastantes mezes, e tem ininterruptamente sustentado, uma campanha contra a eleição do sr Artur Bernardes, como autor dessa carta insultuosa para o exercito.

O club militar avocou o caso a si.

Fez-se um exame pericial á carta, e os peritos deram como autor provado do documento o sr. Artur Bernardes. E agora nas proximidades do acto eleitoral, a campanha oposicionista adquiriu o seu maximo de acuidade, elevando ao rubro branco as paixões politicas em presença.

Se ainda não houve sangue derramado, já se esteve em riscos de isso. Ha cerca de um mez, os candidatos da oposição atravessaram o Rio de Janeiro, num cortejo que foi uma apoteose. Quando a carruagem que conduzia o sr. Nilo Peçanha passava em frente da redação de «O Paiz», na Avenida Rio Branco, ouviram-se alguns tiros, que se averiguou terem sido disparados duma das janelas da redação do jornal. Não houve desastres pessoais, felizmente. E a policia efetuou a prisão dum suspeito, que dá pela alcunha do «Dentinho de Ouro». Será ele aparentado com o nosso tristemente celebre «Dente de Ouro»?

Como nota curiosa, diremos ainda que os partidarios do sr. Nilo Peçanha pertencem aos «aliados», visto que o seu candidato é apoiado pela conjunção de quatro Estados da União; mes, em contraposição, os amigos do sr. Artur Bernardes, estão agrupados nos «Imperios Centraes», porque os Estados que adoptaram a candidatura governamental são, quasi todos, do interior do Brazil. Afinal, esses denominações não são senão uma habilidade das oposições, que assim procuraram fazer reviver no espirito publico a força patriotica que uniu os brazileiros durante a grande guerra.

❖ ❖ ❖

Cremos que toda esta efervescencia não alterará a ordem interna da grande republica da America do Sul. Vae dar-se agora, naturalmente, o mesmo que sucedeu quando da eleição do sr. Hermes da Fonseca, que teve como candidato da oposição o sr. Ruy Barbosa, o que não impediu o primeiro de sair vencedor. E' verdade que, então, o sr. Hermes da Fonseca tinha o apoio da força armada, emquanto que, presentemente, todas as simpatias e até mesmo todo o partidarismo militar estão do lado do sr. Nilo Peçanha. E esta circunstancia pode ser capaz de provocar a eclosão de acontecimentos determinantes duma directriz nova na politica interna do Brasil...

O ANALFABETISMO

Porque fogem as creanças da escola?

E' urgente melhorar o ensino primario

Um amigo nosso de visita na Suissa, parou um dia em certa localidade embevecido da contemplação ante um esplendido edificio de linhas armoniosas, que sobresaindo das habitações, chamou a sua curiosidade de viajante.

—O que é esta casa? interroga.

—Uma escola primaria.

O nosso amigo, que era portuguez da gema, olhou o seu interrogado, e piscando levemente os olhos balbuciou assombrado:

—Uma escola, que?...

—Primaria, respondeu o bom cidadão da Helvetia, da maneira mais natural deste mundo.

Era realmente uma escola primaria o magestoso edificio que tanto ferira a retina do nosso compatriota. Naquele paiz de instituições modelares, a educação da primeira infancia merece cuidados muito especiais, porque essa educação vai formar o caracter dos homens de ámanhã, depositarios do futuro da patria.

Entre nós, as gerações futuras, educadas nos moldes acanhados das presentes, serão a continuação ininterrupta dos nossos inumeros vicios, refinados por uma relaxação sempre crescente, ante a indiferença de todos nós.

A educação continua ainda sendo apanagio de gente rica, enquanto os pobres por essas brenhas e serranias e ainda pelas cidades, jazem na mais degradante incultura.

Os governos pouco ou nada teem feito, para debelar o mal, e as reformas fecundas em resmas de papel adormecem no pó das secretarias, enquanto cá fóra se cria a mandria sobre o olhar complacente dos pais que não sabem educar.

Mas se o temperamento do povo é de natural arredio das coisas do espirito, o criterio do nosso ensino popular, é tudo quanto ha de menos aprazivel e captador da sua sensibilidade embrutecida.

A escola moderna não pode continuar a ser a sala de paredes acanhadas, mal servida de ar e de luz, onde se amontoam as crianças contidas pelo terror da ferula do professor.

Até aqui a escola não tem servido mais do que de espantalho terrorifico que as mães de familia erguem ante as diabruras dos filhos.

Ainda por ahi se diz, em ar de castigo:

—Se o menino faz maldades mando-o para a escola.

Ora isto em nossos dias tem que acabar, para honra de nós, e para que o mundo culto nos não volte as costas.

Começaremos por dar á escola uma outra orientação, iniciando um periodo de captação pela simpatia das populações escolares.

Para isso, é preciso que a escola atraia, e como tal principiaremos pela instalação.

Em Lisboa o ensino secundario é já bom.

Os liceus, á excepção do «Gil Vicente», são bem instalados; o corpo docente escolhido, e os rapazes costumados a arrancharem com habitos de higiene e de civismo.

O ensino superior, se bem que proficiente quanto á competencia dos professores, é com excessão da Escola Medica e com um pouco da Politecnica, mal instalado, em construções adaptadas á pressa, onde falta um indispensavel conforto dentro dos lemites pedagogicos, e ainda, ar e luz, como na Faculdade de Letras, tenebrosamente instalada num subterraneo.

Mas o ensino primario é de uma pobreza franciscana.

As nossas escolas primarias são quasi sempre instaladas em velhos casarões de paredes esburacadas, salas humidas com um mobiliario escavacado, tudo irradiando um tedio insuportavel.

Este ensino, que por ser destinado á primeira infancia, nos devia merecer especiais cuidados, jaz num estado lastimavel.

A orientação não é crear escolas é sabe-las crear. De que serve passarmos numa rua distante e encontrarmos dependurado na janela de um casarão medonho, uma taboleta anunciando que se trata da escola numero 30 ou 40.

Pergunta a nossa sensibilidade espantada:

—Quem terá coragem de consumir quatro ou cinco horas nesta prisão tão boa como o Limoeiro?

Só por obrigação, e mesmo assim estiolando lentamente.

Pois isto senhores, é destinado ás creanças. São as casas de formação espiritual dos homens de amanhã, que muito encolhidinhos como cãesinhos domesticados, vão papagueando o bê á-bá, com medo do senhor professor.

Ar, luz, agua, higiene, calor, tudo falta nestes casarões abandonados. Não servem já para moradia, servirão bem para uma escola!

Se se construiram liceus modelares, porque se não inicia a construção de escolas modernas destinadas a captar as creanças, e mesmo a suprir as faltas que por vezes terão em casa?

Estas casas seriam levantadas com terreno anexo para jardim e campo de jogos, e segundo um plano inteligentemente realisado para que elas tivessem um cunho bem portuguez.

Nas escolas haveria um balneario higienico, e bem construido onde as creanças antes de começarem as aulas seriam obrigadas a um banho lustral, que nunca tomam em casa.

Depois desta ablução inicial, vestirlhes-iam bibes iguais, para que se irmanassem todos, não fossem os mais ricos despresar os pobres, e dar-se-ia então começo á educação fisica e mental ministrada com criterio, quanto possivel ao ar livre segundo as estações.

Em volta da casa no campo que ficasse dos jogos; flores, pequenas arvores, que os pequeninos aprenderiam a cuidar e a amar.

Na provincia, onde as actividades convergem para a lavoura, seriam ministradas faceis lições de agricultura, nesses talhões de terreno, que se converteriam em minusculos pomares e pequenas lavouras.

A escola assim seria alegre, saudavel, irradiando graça e frescura atraindo as creanças que nela encontrariam mais conforto e mais atrativos do que em casa.

Por outro lado as familias compenetradas dos resultados proficuos desta educação, entregariam sem receio os seus filhos á escola, e teria então a instrução publica gratuita, uma razão justa de existir.

Migalhas

A boa graça portuguêsa

Praxédes está furioso porque hontem, passando pela porta de uma escola onde a mocidade esperançosa, os homens de amanhã, a geração em preparo, uma cata de garotos emfim, se estão adestrando a trepar pela arvore da Sciencia, o nosso amigo foi alvo do que é uso chamar se entre nós os folguedos carnavalescos.

Amachucaram-lhe o côco, puxaram-lhe as abas da rabona, faltaram ao respeito aos cabelos brancos que ele podia ter se não fosse carêca, dirigiram-lhe chufas e por fim aconselharam-lhe que fosse a Mertola, segundo me pareceu ouvir-lhe dizer, quando ele, apopletico e furioso, me relatava a ocorrencia.

Tentei de demonstrar ao nosso querido correligionario a sem rasão do seu mau humor. Em vez de se indignar ele deveria congratular-se porque, numa terra onde todas as tradições se vão perdendo, o Carnaval mantenha as suas. E o Carnaval, continuação das Saturnais, nunca teve em Portugal outro aspecto senão esse.

Quando eu era pequeno ouvia falar das caqueiradas que, devemos confessa-lo, tinham sua graça. Durante o ano acumulavam-se em casa todos os tachos, pucaros, bilhas, pratos e potes partidos e, nos dias de entrudo, quando alguem nos vinha visitar, esperavamos que fosse saindo a porta da rua para lhe despejar de repente a dois palmos do nariz um saço cheio de cacos velhos.

Muitas vezes sucedia que se calculava mal a pontaria e os cacos caiam em cima do visitante a quem rachavam a cabeça. Ora hão-de concordar que isto tem seu chiste. Mais tarde eu vi com os meus olhos as batalhas dos ovos de goma e dos cartuchos de farinha. Vi no Chiado despejarem se sacos inteiros de tremoços sobre incautos passeantes e eram mestres nessa gracinha não só altezas reais como ainda os primeiros nomes da nossa aristocracia. Vi em S. Carlos a côrte e o corpo diplomatico bater-se com pasteis de nata e a sala desaparecer completamente sob uma camada de pós de goma. Conheci um sujeito a quem tinham cegado em pleno Chiado com um embrulho de areia e é ainda das minhas relações uma senhora que sofre ha vinte anos de ter levado na cara uma pedra em terça-feira gorda. Todos nós passamos pelos bailes de mascaras e todos sabemos que gracioso espectaculo é esse de algumas centenas de bebedos em liberdade.

Hoje evidentemente ao preço por que estão os ovos de gema, a farinha, os pasteis de nata e os tremoços, não pretende decerto Praxedes que com esses folguedos o mimoseiem. Com as pedras ainda ele pode contar. Mas, emquanto o não lapidam, não á laia de pedra preciosa, mas de martir do calendario, ele exagéra quando acha os meninos das escolas mal creados insolentes, sensaborões e estupidos. Não são nada disso. São simplesmente portuguezes que se divertem como sabem e como podem.

ANDRE BRUN

HORA DO PECADO

Os Barbeiros

Os barbeiros—li agora—
Afirmam que vão p'ra grève
Pois que vão e sem demora
Com o diabo que os léve

Estamos pois ameaçados
Neste paiz de peludos
De, nós que somos barbados,
Passârmos a ser barbudos

Mas na vida, grata imagem,
Nem tudo tem o seu escôlho
As barbas tem a vantagem
De nós as pôrmos de molho...

TINTA PERMANENTE.

As relações comerciais luso-francesas

PARIS, 10—O «Temps» regosija-se com a recente convenção provisoria por 6 mezes entre a França e Portugal. As dificuldades aduaneiras que em Portugal encontravam nos ultimos tempos o comercio francez com o paiz aliado, acham-se suprimidas e d'oravante apresenta-se o terreno favoravel para as negociações tendo em vista um acordo definitivo.—(H).

50.000 tuberculosos

Que morrem anualmente no paiz, segundo acusa a estatistica. Usai no tratamento desta doença a «Fibrocalina», a «Zomobiase» (extracto de carne antifermentisavil) e as gotas de gaiacol compostas, como desinfectante pulmonar. Pedidos a Raul Vieira L.da Rua da Prata 51.

LER AMANHÃ

A SEMANA LITERARIA

por **Armando Ferreira**

UM EXEMPLO A SEGUIR

Em Boston as fabricas de algodão aumentam o numero de horas de trabalho e diminuem os salarios

BOSTON, 9.—A Ameskeag Manufacturing Company reduziu 20% nos salarios do seu pessoal e aumentou as horas de trabalho de 48 para 54 horas por semana. Esta importante fabrica emprega uns 15000 operarios.

Vinte e cinco importantes fabricas de algodão seguiram este exemplo.

A redução de salarios produziu varios tumultos nas fabricas, tendo algumas fechado. As tropas do Estado estão prontas a intervir se forem requisitadas.—(Lat-Am.)

AS DIVIDAS DOS ALIADOS

Aos Estados Unidos

WASHINGTON, 10.—O presidente Harding assinou um decreto criando uma comissão encarregada de negociar a consolidação das dividas aliadas.—(R).

PIO XI

O novo pontifice não concedeu entrevistas quando esteve em Roma

ROMA, 10.—O «Osservatore Romano» autorisado pelo gabinete de Estado do Vaticano, desmente que o cardeal Ratti, durante a sua estada em Roma, tivesse concedido quaisquer entrevistas aos correspondentes ou directores de jornais, sendo pura invenção as entrevistas publicadas pela imprensa italiana e franceza, especialmente sobre a alta Silesia.—(R.)

Pio XI será coroado domingo

ROMA, 10.—E' depois de amanhã que na Basilica do Vaticano se realisará a coroação solene do novo Pontifice Pio XI.—(Lat. Am.)

Para os estudantes tuberculosos Bento XV deixou 400.000 liras

ROMA, 10.—O papa Bento XV deixou ao arcebispo de Munich quatrocentas mil liras para socorrer os estudantes tuberculosos.—(R.)

A conferencia de Genova

Abreviam-se, neste momento, todos os preparativos para a proxima conferencia de Genova. Numa pequenina torre de Babel de ingleses, de franceses, de italianos, de japoneses, de yankees—vai debater-se mais uma vez, decerto inutilmente, o problema duma frente unica de opiniões e de pontos de vista. A conferencia de Genova, á semelhança da conferencia de Spa, de Cannes, de Washington, vai revelar-nos, duma maneira evidente, que todos os paizes estão de acordo—em defender cada um os seus interesses particulares. Pela voz de Briand, pela voz de Lloyd George, pela voz de Orlando—vão falar amanhã as pretensões da França, da Inglaterra e da Italia. E' possivel ainda que fale a Russia, a Austria, a Alemanha. E é provavel que ninguem se entenda, que ninguem concorde, que ninguem se harmonise, a Inglaterra por causa da França, a França por causa da Alemanha, a Italia por causa da Austria, A America por causa da Russia, a Russia por causa de todos—e que ao fim de dez, quinze, vinte dias se levante a concilio, que todos se apertem as mãos, que todos tirem o chapeu uns aos outros, e que seja definitivamente marcada, para Lausanne ou Bruxellas, uma nova conferencia dois meses depois, para que tudo—ó os diplomatas!—se complique ainda mais. Eu hoje, com ontem, como sempre, penso com aquele proverbio polaco «que a serpente enganou Eva em italiano, que Eva enganou Adão em francez, que Deus amaldiçoou os dois em alemão e que o Anjo expulsou-os em inglez».

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O noivado da filha do rei de Inglaterra

A novela da princeza Maria

Já anunciámos que a princeza Maria, unica filha do rei Jorge, contractára casamento com o visconde de Lascelles, filho do lord Harewood que foi ajudante do campo do rei. O visconde tem 24 anos de idade.

A filha do rei casa-se com um verdadeiro «gentleman», um cavaleiro valente, rico e sabio, porém sem todos os titulos (ainda que tenha 10) que se requerem geralmente para casar com uma princeza de sangue real.

E' isto, sobretudo, que encheu de pura emoção, de uma alegria quasi infantil o povo inglez, ante a noticia do compromisso matrimonial da princeza Maria com o visconde Lascelles. O povo inglez ama os contos de fadas e adora a novela.

Se a princeza Maria tivesse casado com um principe de sangue real, o povo inglez sentiria uma grande satisfação mas não tão grande como a sente hoje, ante a historia afectuosa do amor da filha do rei pelo filho de lord Harewood.

Os antepassados do noivo

O titulo Harewood é moderno; data de 1812 a creação do primeiro conde de Harewood, porém os Lascelles são da velha aristocracia ingleza. Remonta ao seculo XIV com os Lascelles, familias de parlamentares e soldados.

A mansão da familia Lascelles que se levanta nas cercanias de Seeds, proximo das ruinas bem conservadas do castelo normando que foi a primeira residencia dos Lascelles possuem 76 portas dobradiças de perola maciça que procedem das possessões de ultramar.

Alem das portas de perola, Harewood House, como é conhecida, conta com moveis maravilhosos de Robert Adam e de Clippen dale.

A familia conservou para autenticar-se a conta apresentada por estes famosos artistas. E uma colecção mais maravilhosa de porcelanas no valor de 200.000 libras esterlinas, excedida na Inglaterra, sómente, pela do castelo de Windsor.

Ao redor da mansão um jardim esplendido e um parque com a superficie de 2.000 acres.

Os predicados da princeza

Tudo isto satisfaz plenamente o povo inglez. O inglez por sua condição insular, que o faz querer mais os estrangeiros nos seus paizes que aqui pode sinceramente passaria sem eles, se sente particularmente feliz ante a ideia de que a princeza Maria não se casará com um principe estrangeiro, como parecera que ia acontecer o ano passado.

Desde os tempos da rainha Victoria, o povo inglez estava acostumado a vêr os principes e as princezas da familia real a casar-se, sómente, dentro dos estreitos limites das familias reais europeas. Desde que existem no continente, muito poucas familias reinantes, o sentimento do povo está, indubitavelmente, a favor de um casamento genuinamente inglez.

A familia real é particularmente britanica, é toda ingleza por sentimentos e caracter, por isso é tão querida e, dahi se acreditar que os sentimentos augmentaria ainda mais se as esposas e os esposos fossem inglezes.

A delinição que os jornais dão da princeza Maria está em perfeita relação com este sentimento: a princeza é uma typica moça ingleza, proclamam todos.

Tipica se entende no sentido mais extenso e simpatico que se póde imaginar. A princeza foi educada com muita severidade e muitos cuidados; conhecedora de toda a arte domestica, desde a costura ao bordado, é muito economica tambem, porque se ocupava da contabilidade e bom governo da casa; efectuou estudos modernissimos e conhece perfeitamente o francês e o italiano; ama os animaes e o sport, monta a cavalo esplendidamente, pesca, joga o tennis, baila com muito prazer e se recorda que, havendo ido visitar um club obreiro em East End, dansou com dois ou tres de seus modestissimos associados.

Novas praticas democraticas

Isto não é sómente o caso de abolição da etiqueta; o rei Jorge, muito bem orientado, suprimiu algumas tradições e seus filhos movem-se livremente, frequentando casas amigas portando-se na medida do possivel com a gente comum.

Precisamente assim é que surgiu a novela da princeza Maria e do visconde de Lascelles. Encontraram-se juntos, falaram e descobriram que tinham os mesmos gostos, em tudo até o referente ao sport.

Mas seja dito, para ter exactamente todos os gostos sportivos do visconde, a princeza tomou gosto pela caça do faisão... Foi este o primeiro sintoma da enfermidade que estava aparecendo.

Olhos de lince haviam notado que a princeza Maria não faltava às partidas de caça e que, sem cuidar-se muito de atirar por sua propria conta, estava constantemente ao lado do visconde, atirador infalivel.

A novela teceu-se desta maneira e chegou á maturidade, dizem os bem informados, ha pouco, durante um passeio ao ar livre pelo bosque de Landrigham.

Na volta do passeio, a princesa e o visconde foram directamente ver o rei para pedir o seu consentimento, consentimento que aquele já havia dado de antemão, porque tanto ele como a rainha estavam ao corrente da novela em preparação.

O visconde de Lascelles, é o cavaleiro do novo conto de fadas, é um esplendido soldado de infanteria e sub-tenente da reserva dos granadeiros da guarda. Não se sabe se agora renunciará a escalar a Camara dos Communs, porem se prognostica que antes do fim do ano será nomeado duque e par do reino.

O casamento efectuar-se-ha na estação do inverno, antes da quaresma

O mal da popularidade

Foram os apertos de mão que provocaram a molestia do Wilson

Os casos de Caruso e Roosevelt

O dr. Francisco Xavier Sanchelli, algenista americano, parece convencido—informa-nos o «Evening News»—de que o ex-presidente Wilson está sofrendo as consequencias do demasiado numero de apertos de mão que teve de suportar nas ocasiões em que os seus nervos estavam submetidos a uma grande tensão.

O sistema nervoso é sacudido de alto a baixo pelo aperto de mão. E' necessario não esquecer que se trata do «shakehands» anglo-saxonio, isto é, de um aperto de mão que o deveras em «aperto» em toda a acepção da palavra, seguido com a palavra «shake», o indice, de uma «sacudidela» destituida de amenidade.

O aperto e a sacudidela que o contacto propagando pelo braço direito e dahi, por sua vez, aos nervos aferentes comunicando-se a espinal e espalhando-se de la por todo o corpo.

Está absolutamente averiguado que este costume pernicioso foi um dos fatores da morte de Teodoro Roosevelt e o dr. Sanchelli afirma que teve tambem uma grande parte de responsabilidade na morte prematura de Caruso.

Recorda ainda o ilustre medico que depois da sua viagem ao Canadá, o principe de Galles teve de fazer engraxar os hombros, quasi deslocados pelos apertos de mão, o que podia apenas mover os braços, embora houvesse tentado fazer frente ao entusiasmo publico estendendo a esquerda quando a direita estava cansada.

Byron ficava tão nervoso depois dos apertos de mão dos seus admiradores que não podia dormir durante muitas horas.

MUSICA

O concerto Blanch de Domingo

Como é natural, porque raras vezes se organisa um tão notavel programa está despertando extraordinario entusiasmo o ultimo concerto de assinatura da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Blanch, no domingo no S. Luiz, programa em que figuram os grandes exitos da orquestra como a «Sinfonia em sol maior», de Haydn, o poema sinfonico de Strauss «Morte e transfiguração», a «Leonor», de Beethowen, a «Pavana pour une Infante defunte», de Ravel, a «Chanson de Solveig», de Grieg, tomando tambem parte o distincto pianista D. Maria Antonia Moreira, discipula notavel do professor Timoteo Silveira, que executa com a orquestra a «Balladas», de Luiz de Freitas Branco.

Na Italia

Bonomi continua no poder

ROMA, 10.—O rei não aceitou o pedido de demissão do sr. Bonomi. O gabinete voltará a apresentar-se ás camaras em 16 do corrente.—(H).

Em volta da conferencia de Genova

O governo de Poincaré dirige uma importante nota aos governos estrangeiros

O facto de se tomar parte na conferencia não quer dizer que se concorde com os seus principios

PARIS, 10. — Na nota que dirigiu aos governos estrangeiros o governo francês declara que não tem que aceitar ou recusar o convite para tomar parte na conferencia de Genova, tendo tomado parte no envio desses convites; todavia poderia deixar de tomar parte no convite aceite em condições em que seriam comprometidos os seus direitos e ameaçados os seus interesses, mas se qualquer governo nas suas declarações, oficiais, cesse a entender que não estava por completo e sem exame previo, as condições fixadas em 6|1, o governo francês poderia não enviar uma delegação a Genova. Importa, pois, que na sessão de abertura e antes de qualquer discussão, se tome nota de que as potencias pelo facto da sua presença, manifestam o seu completo acordo com os seus principios fundamentais.

O que se resolveu em Cannes

O primeiro principio da resolução de Cannes é o respeito pela soberania interna dos estados.

Assim os aliados comprometeram-se a não intervir na organisação interna dos governos, principalmente da Alemanha no que respeita á restauração dos Hoenzollern ou outra qualquer monarquia militar e o mesmo com relação á Hungria.

E', pois, indispensavel que se fixe exactamente e signifique a não intervenção. O segundo principio, considerando o respeito pelos bens e interesses particulares dos estrangeiros, inclui a possibilidade de respeitar o direito de propriedade e se esse direito não existe, deve admitir-se que os direitos e interesses particulares não serão sujeitos ao direito local interno mas que se regem pelo direito nacional dos estrangeiros reconhecidos como tais.

Os compromissos do tratado de Versailles

A sexta condição é o compromisso de se absterem de toda e qualquer agressão sobre os visinhos.

Este compromisso não pode implicar com o direito que os aliados teem segundo o tratado de de Versailles, de tomarem, em caso de falta de cumprimento, por parte da Alemanha, as medidas coercitivas necessarias que não ha o direito de considerar como actos de hostilidade.

O segundo artigo é o projecto de programa sobre o estabelecimento da paz europeia, em bases solidas. Este artigo parece referir-se directamente ao 6.º ponto das resoluções de Cannes e a comportar outra coisa, seria necessario precisal-o e especifical-o.

O tempo que a conferencia deve durar

Relativamente aos artigos que se referem especialmente aos negocios tecnicos e ás questões financeiras, economicas e comerciais, estas foram já objecto de conferencias internacionais, entre as quais a de Bruxelas de 1920, que organisou a Sociedade das Nações.

Essa conferencia estudou tambem o programa financeiro, que pode utilmente ser recomeçado em Genova.

Para fazer obra util numa reunião em que se não deve debater interesses tão diversos e em tão grande numero é preciso um trabalho de preparação serio e de certa duração.

A nota conclue por dizer que o tempo é bem pequeno para preparar um programa tão vasto e que interessa a tanta gente. Assim pareceria necessario em todas as circunstancias prever um adiamento da Conferencia de Genova por 3 mezes pelo menos para a conferencia ser proveitosa.

Em caso contrario a conferencia arriscar-se-hia a terminar no meio da desordem e da confusão.—(H).

Os Estados Unidos tomam parte na conferencia?

WASHINGTON, 9. — Dizem de fonte fidedigna que o governo dos Estados Unidos decidiu que a nação americana se fizesse representar na conferencia economica e financeira de Genova, contudo não fixando ainda a extensão da sua colaboração.

O ministerio do interior não determinará o caracter da representação, sem saber ao certo os assuntos que serão discutidos em Genova.

E' provavel que por causa das longas negociações que são necessarias em Washington, Londres, Paris e Roma, a conferencia seja transferida de 8 de março para meiados ou fins do mez—Lat. (Am.)

... ou não?

WASHINGTON, 10.—Na resposta enviada a Roma sobre o convite para tomar parte na conferencia de Genova, o presidente Harding diz que os Estados Unidos estão completamente de acordo com os seus objectivos, os quais estão dispostos a apoiar, mas que no presente momento preferem não tomar parte nela.—(R.)

Lloyd George diz que muitas nações já aceitaram o convite

LONDRES, 10. — Lloyd George declarou na camara dos comuns que foi fixado o dia 8 de março para a conferencia de Genova.

Muitas nações aceitaram o convite, entre elas o Japão, a Belgica, Alemanha, Russia, Holanda e Hespanha.—(Lat. Am.)

Factos e palavras

... DO PRATO DO DIA

Ora vamos lá continuar a ver esta linda Lisboa que dentro em poucos dias deve receber a visita de perto de oitocentos visitantes americanos.

Uma das coisas que mais vai ferir a retina dos americanos sempre avidos de aspectos novos e pitorescos vai ser a garotada que infesta Lisboa.

Essa garotada que os envolve e que os persegue a pedir um «dollar» e um «cigarrete», essa garotada imunda e bem falante que encontrou no Rocio um otimo campo de manobras.

Essa garotada que nas horas vagas persegue e apupa os tipos miseraveis que andam por essas ruas. Que começa por lhes chamar todos os nomes que sabem e que acaba por os correr á pedrada.

E isto não se passa de noite sob o manto de trevas que envolve esta «luminosa» cidade. Passa-se de dia nas barbas da policia que indiferente contempla o movimento das ruas. Passa-se a cada instante tanto no Chiado, na rua do Ouro e no Rocio como aliás em todos os pontos da cidade.

Esses são os senhores da rua. Realisam combates de box, desafios de foot-ball e todas as scenas movimentadas que aprenderam nas fitas americanas. Fazem corridas, esbarram com quem passa, metem-se com as senhoras e põe-se defronte dos passeios a fazer momices indecentes.

Isto tudo isto á vontade encantador, cheio de naturalidade e de realismo.

Ora eu pergunto, e perguntar não é ofensa, se não haverá um meio de evitar que este espectaculo continue com o exito obtido, não só por causa dos americanos que ai estão a chegar, mas tambem por nossa causa que tambem somos gente e tambem temos direito a um certo bem estar.

Ao novo governador civil, pessoa cheia de boas intenções e de faculdades para as poder realizar, não seria mau chamar a atenção para este assunto que, segundo me parece, podia ser facilmente resolvido pela policia.

BOTTO DE CARVALHO.

* * *

Brevemente será inaugurado um serviço noturno de passageiros entre Londres e Paris, em aeroplanos. A derrota de Londres para França será marcada por farois luminosos de quinzo em quinze quilometros que, além de servirem como marcas, indicarão tambem o caminho a seguir e a velocidade dos ventos.

No senado francês o radical socialista Bernard leu o relatorio do projecto de lei que abre o credito de 480 mil francos para socorrer os estudantes romenos que estão estudando em França e que não teem recebido recursos do seu paiz. O senado admitiu o projecto, mas sob condição de que esse socorro seria para estudantes pertencentes a diversas nações amigas e um compromisso de renovação ulterior desta despesa. Vitor Berard, presidente da comissão do ensino, aprovou tambem o projecto, mas com a condição dos estudantes romenos serem distribuidos por diversas universidades e so admitidos nos de Paris depois duma permanencia de algum tempo na provincia. O projecto foi por fim aprovado depois de ter falado sobre ele o respectivo ministro.

* * *

O sul da Noruega está inteiramente submerso na neve. Em Copenhague encontram-se varios vapores presos nos gelos de Categat. Entre eles ha uns dez carvoeiros.

Desde o Natal até ao fim de janeiro morreram de «gripe» na Inglaterra treze mil pessoas. A opinião reclama medidas energicas para debelar a epidemia.

As letras

Sai por estes dias um volume de cartas de Camilo dirigidas a Tomaz Ribeiro, edição da sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, Edição da Portugalia

—O livro «Triste» a que nos referimos ha dias é da sr.ª D. Esmeralda Santiago.

—Está no prélo um livro de contos para crianças de que é autora a sr.ª D. Maria Sofia de Santo Tirso.

—Recebemos um folheto do sr. dr. Borges Grainha: «Duas portarias diferentes». Agradecemos.

A crise ministerial italiana

A queda do ministerio Bonomi, composto de democratas e catolicos deve atribuir-se á passagem brusca para a oposição de um dos grupos que constituiam a maioria ministerial.

Os democratas (sociais, liberais, partidarios de Giolitti ou Nitti), inesperadamente acordaram em retirar o seu apoio ao governo.

A maioria que qualquer governo italiano, porventura, consiga jamais, poderá ser de tal ordem, que lhe assegure uma vida desafogada.

Bonomi contava com o voto de cento e cincoenta democratas e de cento e vinte populares, ou fossem duzentos e setenta, para quinhentos e trinta e cinco de que é formada a camara.

Como se vê a maioria de que dispunha era demasiado justa para poder viver.

E porque abandonaram os domocratas o ministerio de Bonomi?

Desde o principio que sempre reprovaram a sua politica financeira. Por outro lado, era bem visivel o seu descontentamento ante a atitude tomada pelo governo com a morte do Papa.

Dois ministros catolicos dirigiram-se ao Vaticano após a morte de Bento XV. Os seus colegas democratas—todos eles franco-maçons—não lhes podiam perdoar esse gesto de cortezia.

A conferencia de Genova não é tambem, segundo se depreende das considerações da imprensa italiana, absolutamente estranha á actual crise ministerial italiana.

A convocação dos bolchevistas desagradou a todos os partidos, inclusivamente áqueles que são liberais.

Os proprios socialistas não deixaram de manifestar-se declaradamente descontentes.

Estas são, ao que parece, as razões que mais poderosamente contribuiram para Bonomi apresentar ao rei a demissão do gabinete.

Quem lhe sucederá? Ao certo é-nos impossivel fazer quaisquer previsões. No entanto, consideramos inevitavel um ministerio de coligação.

Nenhum partido, com representação nas camaras, dispõe de elementos com que possa formar governo sem que se ampare em qualquer outro.

Denicola foi, segundo as ultimas informações, encarregado de formar ministerio. Aceitou o encargo.

Conseguirá, porém, ir ate ao fim?

A luta em Marrocos

Vão começar importantes operações

MADRID, 10.—O sr. Maura submeteu á aprovação dos seus colegas a combinação feita com o alto comissario de Marrocos de iniciar imediatamente as operações contra Alhucemas. Crê-se que bastarão 20 a 30 dias para levar a cabo a empreza. As operações serão precedidas de prévio aviso aos mouros, intimando-os a entregar os prisioneiros.

Ocupado o territorio do Alhucemos, a Hespanha cumprirá expressamente a missão que lhe está confiada dentro da zona do protectorado. Terminada a campanha licenciar-se-ão no territorio apenas 50 a 60 mil homens.—(Lat. Am.)

Navegação aerea

Os progressos da aviação durante a guerra levaram, depois que ela terminou, a sua aplicação a transporte aereo de passageiros, originando a constituição de companhias de navegação aerea que, se não tem tomado maior desenvolvimento, tem sido motivado pela crise financeira. E' licito, no entanto, contar em futuro com a navegação aerea em concorrencia com a navegação maritima.

As companhias francesas de navegação aerea teem inscrito no seu programa, que devia estar concluido em 1924, a construção dum certo numero de dirigiveis, para exploração de diferentes linhas. Um serão do tipo do dirigivel «Mediterraneo», com o volume de 50.000 metros cubicos, podendo efetuar travessias de 2:000 a 3:000 quilometros, com 30 passageiros e 5 a 10 toneladas de carga. São destinados á linha Paris-Alger-Casa Blanca.

Outros serão do tipo do «Colonial», com 75:000 metros cubicos, 40 passageiros e 20 toneladas de carga, para travessias de 2:000 a 4:000 quilometros.

São destinados á linha Paris-Casa Blanca-Dakar e eventualmente á linha Paris-Constantinopla.

Outros ainda serão do tipo «Transatlantico», com 100:000 metros cubicos, 50 passageiros e 20 a 50 toneladas de carga para travessias de 3.000 a 6:000 quilometros. São destinados a prolongar a linha Paris-Dakar até á America do Sul, a linha Paris-Constantinopla até ás Indias e assegurar um serviço directo com a America do Norte, entre Paris e New York.

A velocidade destes diferentes tipos será praticamente de 100 kilometros á hora, o que permitirá realisar grande economia de tempo nessas travessias.

Assim, ir-se-ha de Paris a Alger em 6 horas, em vez de 40 pelos transportes actuaes de Paris a Dakar em dois dias, em vez de 7; de Paris a Buenos-Aires em uma semana, em vez de 3; de Paris a Chang-Hai em 10 dias, em vez de 35.

ULTIMA HORA

Presidente da Republica

O sr. Presidente da Republica continua melhorando sensivelmente, tendo hoje de tarde saido em passeio, de automovel.

Cumprimentos ao sr. ministro da Guerra

A oficialidade da guarnição da cidade de Lisboa esteve pelas 14 horas de hoje no Ministerio da Guerra a apresentar ao respectivo ministro os seus cumprimentos.

O sr. general Correia Barreto agradeceu em curtas palavras as saudações que lhe acabavam de ser dirigidas.

União Patronal

Uma comissão delegada da União Patronal procurou o chefe do governo com quem conferenciou sobre assuntos de interesse para aquela classe.

As ultimas gréves

A gréve do pessoal ferro-viario da Sociedade do Estoril continua ainda sem solução, prosseguindo os démarches no sentido de lhe por termo.

Tambem ainda se não encontra solucionada a gréve dos maquinistas fluviais.

As eleições no Funchal

Dizem-nos da Arcada que consta haver protestos contra as eleições no Funchal, onde não funcionaram assembleias e outras funcionaram ilegalmente, tendo-se dado irregulares dadas a que a imprensa se referiu na ocasião e que naturalmente terão de ser apreciadas pelas comissões de verificação de poderes.

POEIRA da ARCADA

O alferes miliciano do Estado Maior de cavalaria sr. Martinho Afonso Coelho Ribeiro, tem de apresentar-se na 2.ª repartição da 1.ª Direcção Geral da Secretaria da Guerra.

O administrador do Seixal sr. Maximo de Barros cumprimentou hoje o sr. presidente do ministerio em seu nome e no da comissão politica do Partido Republicano Portuguez naquele concelho.

POLITICA

Vai ser publicada a correspondencia trocada entre os srs. Presidente da Republica e Afonso Costa, a proposito da ultima crise ministerial

Segundo ouvimos pensa-se, nos regios oficiais, na publicação dos telegramas trocados acerca da substituição do gabinete Cunha Leal, entre o Chefe do Estado e o sr. Afonso Costa. O mais curioso é que, é o sr. Afonso Costa quem mais empenho faz na publicação dos despachos, pela necessidade de desfazer alguns boatos que a tal respeito se tem propalado.

Dissemos hontem que o sr. Afonso Costa declarara não aceitar a missão de formar governo, por falta de confiança na firmeza de animo do sr. Presidente da Republica. Os amigos do sr. Afonso Costa reagem, da forma mais terminante e categorico, que ele tal tenha escrito e fazem correr que a frase em questão foi realmente proferida, não pelo sr. Afonso Costa, mas sim por um outro chefe politico, o sr. Alvaro de Castro.

Estamos, pois, convencidos de que, se o governo não se resolver a insistir com o sr. Presidente da Republica para que a correspondencia seja dada á publicidade jornalistica, o sr. Afonso Costa se apressará a fazê-lo, para o que já deu instruções a um dos seus mais intimos amigos.

Duqueza do Porto

A princeza de Bragança sr.ª D. Maria Pia, Duqueza do Porto, esteve hoje na Presidencia do Ministerio, conferenciando com o chefe do governo.

Trata-se, é claro, do funeral do sr. D. Afonso, ex-Infante de Portugal. Sabemos que o governo adoptou o ponto de vista anterior, tributando-se ao ferreiro os honras militares correspondentes a general do exercito portuguez. Os oficios religiosos serão modestos, limitados ás rezas do ritual no Pantheon de S. Vicente.

Outra reforma do ministerio dos Estrangeiros?

Segundo ouvimos, o sr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Estrangeiros, pensa em fazer uma reforma na sua secretaria, baseando-a nos trabalhos do sr. Veiga Simões.

E' certo, todavia, que nada se fará senão no Parlamento.

TEATRO

Nota do dia

Diversões populares

Anuncia-se para breve a abertura do parque Lima Mayer, a titulo provisorio ainda, mas como tentativa a despertar a sensibilidade amortecida das nossas gentes afim de ver se o publico se canalisa para aquele recanto.

Realmente, os anuncios de propostas para teatros, cinemas, rings, restaurantes, veem vindo ha tempos nos jornais e os noticiaristas ainda não nos comunicaram que alguns ousados emprezarios tenham metido hombros ao empreendimento.

Lisboa como cidade moderna não tem um recanto onde o povo se divirta. A' semelhança de Luna Park, do Magic City, tivemos um rudimentar exemplo de diversões populares no Paraiso de Lisboa. Feliz. Porquê? Porque o ideia não fosse boa? Porque foi mal administrado? Mas qualquer que fosse o motivo, os tempos mudaram e a vida de diversão e folgança do publico lisboeta é muito diferente. Não temos, como Londres ou Paris, uma população flutuante que garanta o sucesso da iniciativa, mas temos comprovadamente um grande publico pronto a correr a todos os espectaculos e diversões, e bastava para isso um criterio conhecedor para que a exploração dum recinto desta naturesa tivesse existencia mais que assegurada.

Ora um espectaculo sportivo, o box, a luta, ora os chás dansings, concursos de dança, ora numeros de variedades e arrojo, sem contar com as casas de espectaculo, verdadeiras «boites», ou cinemas modernos, amplos, largos...

E, outras diversões, proprias de feiras, mas feiras modernas, podiam ser agregadas com seguro exito. Em vez da feira piolhosa de Alcantara, teriamos alguns divertimentos interessantes numa feira onde toda a gente pudesse ir.

Os carrousseis modernos, suspensos ao ar, as montanhas russas, são atrativos que teem sempre, sempre romarias de rapazes. Vi-os em Londres, em Paris, ás dezenas no Prates de Viena, na feira de Munich, Só Lisboa não tem nada disso. E porquê? Pois esses milhares de lisboetas que á noite se aborrecem pelos cafés, pelas avenidas, se comprimem nos salões animatograficos e que no verão bebem carapinhadas, e poeira, pelos restaurantes improvisados, não afluiriam a um recinto onde encontrassem dezenas de atrativos e se não quizessem esportular o dinheiro par qualquer dessas diversões, tivessem musica, sociedade, movimento?...

O proprio Passos Manuel com os seus ingenuos jogos de agua, é um exemplo no Porto, do que acabamos de dizer.

Por isso, estamos em crer, quebrada a indiferença dos nossos homens de iniciativa, o Parque da Avenida será no futuro um recanto agradavel e proprio duma cidade que se aborrece a ler os jornais da noite á borda dos passeios...

Resta ter em conta a orientação da empresa do Parque. Mas sabendo nós que nela está Luiz Galhardo não podemos augurar senão uma inteligente orientação.

Luiz Galhardo que como emprezario teatral poude muitas vezes merecer as nossas censuras, não deixou porém de patentear sempre as suas qualidades de activo, empreendedor, homem a que não falece nunca o animo.

E' o homem á maravilha talhado para o «affaire» do Parque, pelo que tem visto lá fóra e pelo conhecimento dos gostos populares do nosso publico.

Que o Parque passe pois sob o seu impulso a ser uma realidade moderna na nossa cidade afim de não se afundar mais esta ilusão de progresso e civilisação.

ARMANDO FERREIRA.

O grande pianista Oscar da Silva em Ponta Delgada

Oscar da Silva, a caminho da America do Norte, demorou-se nos Açores onde deu alguns concertos. Na noite da despedida o publico promoveu uma grande manifestação ao insigne pianista.

São dum jornal de Ponta Delgada e a proposito dessa festa os seguintes periodos:

Antes de começar a terceira parte do concerto, por convite dos promotores da homenagem compareceram no palco as autoridades civis e militares, os poetas, musicos e pintores desta cidade, representantes da imprensa, a direcção do Teatro, vendo-se entre os convidados as sr.as D. Maria da Gloria Serpa Afonso, D. Alice Moderno, D. Sara Afonso e D. Idalina Pacheco.

A um lado do palco, sobre um cavalete estava a lapide que será colocada no salão do Teatro a comemorar a passagem de Oscar da Silva por S. Miguel: uma grande placa de marmore com o nome do Artista e a data da sua estada em Ponta Delgada, tendo a um canto gravado um cartão com uma dedicatoria da Empreza do Teatro-Salão Ideal e do Sextelo Micaelense.

Ahi, o moço e talentoso advogado sr. dr. Jacinto Carreiro proferiu uma brilhante alocução, saudando Oscar da Silva em nome do publico micaelense, dizendo-lhe em palavras eloquentes e sentidas a admiração de quantos ali se encontravam e afirmando-lhe a saudade com que por todos serão sempre lembradas as noites em que nos trouxe a esmola da sua arte magnifica.

Eram estes sentimentos que ficavam gravados na lapide que comemoraria os seus concertos no Teatro Micaelense.

Depois de extintas as palmas, com que o publico aplaudiu as palavras do ilustre advogado, falou dum camarote o sr. dr. Mont'Alverne de Sequeira, que num eloquente e caloroso improviso, em nome e a pedido de Oscar da Silva, agradeceu aos promotores da homenagem e ao publico, que a ela acorrera, a grande alegria que tinham dado ao espirito e ao coração do Artista. Com o conhecido brilho da sua frase, teve tambem palavras do mais elevado apreço pela arte de Oscar da Silva, sendo no fim da sua improvisação saudado com muitas palmas.

Em seguida Oscar da Silva executou os trechos, que compunham a terceira parte do programa, todos da sua autoria, como os restantes executados durante o concerto.

No fim do espectaculo, na constante sucessão das ovações, o grande Artista executou ainda varias composições, tendo improvisado uma «berceuse» e feito variações sobre um tema popular que lhe foi dado na ocasião.

OS TEATROS DO PORTO

No teatro de S. João e em festa de Henrique de Albuquerque subiu á scena a comedia em 3 actos de A. Paso e J. Abati, trad. de Julia e Lucio Escorcio, «A Menina Virtuosa». O «Janeiro» refere-se-lhe nos seguintes termos:

«Menina Virtuosa» dispõe agradavelmente o espectador com a acção embrulhada dos seus três actos movimentados e picarescos que provocam a gargalhada franca e ruidosa, tais são os episodios burlescos e as scenas comicas que se sucedem ininterruptamente no decorrer da peça da qual tem um papel de excepcional relevo o distinto actor Henrique de Albuquerque. Revelando uma das facetas do seu belo talento de artista, o festejado actor interpretou com flagrante naturalidade um papel comico que se ajusta perfeitamente á sua maneira e ao seu temperamento de comediante.

Premiando o primoroso trabalho de Henrique de Albuquerque, o publico fez-lhe nos finais de acto chamadas especiais, tributando-lhe calorosos e prolongados aplausos.

O desempenho dá ensejo a que todos os artistas demonstrem as suas aptidões para a scena, na qual se evidenciou tambem uma novel actriz, Maria Salome, que fez uma estreia auspiciosa, dada a desenvoltura com que interpretou o seu papel.

Noticiario

Portugal

No proximo domingo alguns artistas do Nacional vão á «Portugalia Film» filmar alguns trechos do Centenario, 1.º acto, que serão exibidos em reclame no Olimpia.

—Desmente-se que o actor Ribeiro Lopes faça a sua festa artistica com outra peça alem da reprise de «A Rajada».

—No Nacional deu-se ha dias um pequeno incidente. Quando foi o dia destinado á Casa Gil Vicente, em que está assente cada artista contribue com o seu ordenado para a mesma instituição, foi pelo secretario varia da empreza feito o respectivo desconto. As actrizes Laura Cruz e Augusta Cordeiro protestaram e reclamaram quando ao fim do mez receberam os seus ordenados.

—Alberto Morais vai traduzir para o «Nacional» a nova peça dos Quintero «La fresa» (A presa) critica interessante á sociedade actual, á vida tumultuaria de hojé.

—No Carnaval será representada no Politeama uma revista de que é autor Vitoriano Braga.

—E' da autoria do poeta brazileiro dr. Rafael Pinheiro o episodio dramatico, que Henrique Alves dirá no dia 13 no Apolo em recita do secretario Luiz Lemos.

—No Teatro dos Anjos realisa-se no proximo domingo um espetaculo dedicado aos «habitués», com um programa cheio de atrativos.

—Ficaram adiadas para domingo magro, 19 do corrente, as diversões carnavalescas que vão efectuar-se no «Parque Mayer», em consequencia de não poderem estar concluidos para depois de amanhã, os trabalhos das instalações electricas.

—A Companhia Ruas, actualmente no Nacional, do Porto, só se estreiar no Apolo a 10 de março, visto que só no dia 5 realisa, naquela cidade, a sua despedida, partindo para Lisboa no dia 6.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Segunda em S. Carlos «Bohemia» de Puccini.

—Despedida do actor Matias de Almeida, na revista «Bichinha Gata» no Salão Foz.

SABADO—Reprise da «Viuva Alegre», no Teatro de S. Luiz para a festa de Aldina de Sousa.

—Terceira representação em S. Carlos da «Bohemia».

—Reaparição de Antonio Gomes no Foz.

Toda a correspondencia referente a teatros deve ser dirigida á redação deste jornal e não individualmente a qualquer dos seus redactores.

CONTOS D'A CAPITAL»

Guardado está o bocado!...

por **Luiz Ripado**

—Tem paciencia, mulher, mas d'amanhã não passa!...

Oh! «home» de Deus! Nunca vi uma teima assim! Um aquela que até pareço embirração! Nem que o compadre fosse capaz de julgar-te caloteiro, a ti que ainda ha dois anos lhe levas-te metade do «dinheiro»!

—Cala-te lá, mulher! Mete-te na tua vida. Cego seja eu de goia serena se não fôr amanhã á «cidade» levar-lhe o resto...

Arranja-me tu a roupa dentro do saco, não esqueças os bolos e os queijos para a menina, e vae dar conselhos ao diabo, ouviste?

—Agora ao diabo! Como se não «fazéras» cá falta!

—Não que eu não quero que o «home» julgue que eu tenho ruindade de ingrato... Amanhã vou á «cidade»...

E embora a sr.ª Josefa secasse a garganta com rogos, o Tomé não desistiu do seu proposito. Em questões d'honra era assim...

Tratava-se de dinheiro!

De modo que era ainda noite quando o Tomé esticado na sua farpela de saragoça, a camisa alva de colarinho sem goma, polainas até ao joelho, sapatos ferrados e um enorme chapeu de aba, estendeu os labios grossos para receber o beijo que ja cantava na bôca da sua «cara-metade», que, lavada em pranto, quiz acompanhá-lo á estação do caminho de ferro.

Fazia um friozinho polar, e por aquela estrada, toda em torcicolos, por onde a carripana seguia aos solavanco, nem viv'alma dava rumor de si... Apenas a ventania murmurava nos ramos das velhas ezinheiras, os pirilampos fosforeavam no espaço e, de quando em quando, os galos davam o alarme do sol, que vinha rompendo.

Quando o Tomé se instalou numa carruagem de terceira e deu o beijo de despedida á consorte, tevo a impressão de que ia fazer uma longa viagem, e tantas saudades levou da companheira que perdeu o apetite...

Quando se apeou no Rocio, ainda limpando uma lagrima rebelde, enfiou o saco no varapau e poz-se a caminho.

Na rua da Palma encontrou um agente da autoridade, a quem tirou o chapeu num cumprimento respeitoso.

—Ora santas tarde lhe dê Deus. Vocemecê não me fará favor de me dizer onde fica o Bairro da Inglaterra de Lisboa?

O civico tossiu, como o Chico Redondo quando se prepara para cantar e respondeu com ares de pessoa importante:

—Vocemecê segue sempre na sua frente, rua da Palma acima, passa a igreja dos Anjos, o ourinol, é por fim encontra um kiosque com boneco nos vidros, que é a sucursal do «Seculo». Depois tira uma perpendicular ao kiosque, segue sempre a calçada em frente, e está no Bairro de Inglaterra. Percebeu?

—A modos que percebi.

Disse vocemecê que eu vou sempre em frente, compro o «Seculo» no kiosque e depois tomava ar...

—Não é nada disso! Você é bruto. Olhe, vá andando e preguntando... E' o melhor.

—Muito obrigado.

E o Tomé Gregorio, pensando lá com os seus botões que o civico ainda era mais bruto do que ele, lá foi pela rua acima e com as informações prestadas pelos transeuntes que encontrava, lá conseguiu chegar ao Bairro de Inglaterra.

O compadre Roboredo, um novo rico que fizera fortuna a vender cavalos e o respectivo esterco, morava na rua do Poeta Milton.

Ironias do Destino!

O porteiro anunciou a visita a um criado de botões amarelos, introduziu o Tomé Gregorio numa sala de espera a qual estava tão luxuosamente mobilada que o Gregorio, sentando-se, receou sujar os assentos estofados das cadeiras, e por isso poz-se logo em pé.

Enquanto o compadre não chegava, entreteve-se a mirar, com atenção, os retratos que adornavam as paredes e deu-lhe no goto uma mulata, perfeita ainda apesar da idade, que se destacava ao fundo, numa riquissima moldura doirada.

De modo que, quando o Ruboredo apareceu a espalhar sorrisos e festas, o nosso heroe, caindo-lhe nos braços, não se conteve que não lhe perguntasse:

—O' compadre, quem diabo é aquela preta que você prantou ali numa moldura tão linda e que está a olhar para a gente assim, com ar de tanta «instilação»?!

O outro ficou mais rubro que um «rebenta-bois», e o pobre camponio, aparvalhado de todo, para disfarçar, ia tirando notas duma grande carteira.

—Pois amigo Roboredo, ditosos olhos que o veem! Venho cá de proposito a sua casa para lhe pagar a «prestação» em divida do macho que me vendeu. «Nan» quero que você me chame «calotêro». Aqui tem o «dinhêro». Faça favor de contar.

—Nem já de tal m'alembrava! respondeu o Roboredo arregalando os olhos para as notas, já esquecido da afronta que recebera do compadre, que, inconscientemente, alcunhara de preta a autora dos seus dias.

—Está certo. Muito obrigado.

—A senhora e a menina não estão cá? Trago-lhes aqui uns queijos e uns bolinhos «fazidos» lá em minha casa que elas hão de gostar...

—Oh! se gosta! Pena é que elas cá não estejam! Mas hoje é dia grande em casa de minha filha! E' o baptisado do petiz... Você ainda chegou a tempo de ir assistir ao jantar. Está convidado, compadre.

—O quê?! A sua petiza já teve um rapaz?

—Sim sr., uma perfeição de criança!

—Basta que se pareça com vomecê para se parecer com a mãe, porque a mãe é a cara de vomecê...

—Não, parece-se mas é com o pae...

—Pois aceito. Vou ao jantar e levo-lhe os bolos e os queijos.

—Então venha daí.

O sr. Roboredo deu os ultimos retoques na «toilette» e sairam.

Na paragem, aguardaram o electrico. Subiram para o primeiro que ia para o Rocio. Quando o conductor se abeirou deles, o Tomé, fazendo-se generoso, pediu dois bilhetes para a rua do Amparo.

O conductor entregou-lhos e mais as respectivas sobretaxas de cinco centavos.

Mas então foi o dia de juizo naquele carro!

O Tomé, querendo fazer-se espertalhão, julgando que o queriam enganar, protestava com voz de baixo:

—Eu só pedi dois bilhetes e você dá-me quatro?! Não pago.

—Oh! homem, rugia o conductor, se não paga apeie-se!

—Não me apeio! Eu só pedi dois bilhetes!

—E o carro não anda! gritava o conductor.

—O' seu alarve, pague o que deve, bradava um passageiro, nós não pudemos ficar aqui parados por sua causa.

—Alarve é você!

—Eu pago, interveio, conciliador, o Roboredo. Eu pago...

—O' compadre, não me faça essa «tisfeita». Não pague!

—O carro não anda! repetia o conductor.

—Paga os bilhetes, alarve! gritava outro passageiro.

Até que por fim, o Tomé decidiu-se a pagar.

—Bem, eu pago—e entregou o dinheiro ao conductor—mas você ha-de dizer-me para que me servem agora estas senhas encarnadas?

E o conductor, muito aborrecido:

—Isso é para vocemecês amanhã irem á cozinha economica!

E enquanto os passageiros riam, o Tomé muito alegre, dizia para o compadre:

—Vê você! Sempre é bom preguntar. Eu logo vi que eles davam de comer á gente...

Companhia de Seguros Fidelidade

Por ordem do ex.mo sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral é convocada a mesma Assembleia a reunir-se na séde desta Companhia ás 17 horas (5 horas da tarde) de 25 do corrente, a fim de dar cumprimento ao que determina o paragrafo 3.º do Art.º 16.º e artigos 17.º e 18.º dos Estatutos.

Os livros e balanço do ano de 1921 estão patentes aos srs. Accionistas até ao dia da reunião.

Lisboa 10 de Fevereiro de 1922.

O Secretario

(a) *Guilherme Augusto Ferreira*

Curiosidades acerca de bibliotecas

Como o actual Pontifice desempenhou o cargo de perfeito (bibliotecario) das bibliotecas «Ambrosiana» e «Vaticana» não é fóra de oportunidade apresentar aos leitores deste jornal algumas das preciosidades mais curiosas dessas bibliotecas.

Biblioteca do Vaticano

E' uma das mais ricas do mundo. Instalada num vasto salão, que tem de comprimento 71 metros e de largura 20, tem sido enriquecida, em varias epocas, por muitissimos livros doutres bibliotecas particulares, cujos possuidores lhos teem doado.

Em 1623 foi aumentada pela doação da biblioteca «Palatina», de Maximiliano da Baviera, em 1657 pela biblioteca «d'Urbino», do duque Frederico, de Montefeltro, em 1690 pela biblioteca «Alexandrina», da rainha Cristina da Suecia, em 1746 pela biblioteca «Ottoboniana», de Alexandre VIII e em 1875 pelo do ilustre cardeal Mai, contendo por isso 500.000 volumes catalogados, alem doutros milhares deles que se conservam em logar reservado, e para cima de 24.000 manuscritos, sendo 17.490 em latim, 3.450 em grego e 2.000 em linguas orientais. Ali figuram os celebres manuscritos do Novo Testamento, do seculo IV; os de Virgilio, de Terencio, e de Bambinus, da mesma epoca; muitos outros autografos de Petrarcha, e do Tasso; o notavel palimpsesto da Republica de Cicero; um Dante ilustrado de miniaturas por Julio Clovio; o ritual do cardeal Ottoboni; o breviario do rei Matias Corvim, e dezenas de multissimas preciosidades distribuidas por quarenta e oito armarios.

Por entre estas tambem se podem admirar muitas das ofertas e presentes feitos aos Pontifices, tais como, um vaso de malaquite dado pelo imperador da Russia, Nicolau, a Gregorio XVI; a pia batismal, em porcelana de Sèvres, que serviu ao principe imperial da França, enviada por Napoleão III ao Papa Pio IX; um vaso belissimo em granito da Escossia ao mesmo pontifice oferecido pelo duque de Northumberland; mais dois surpreendentes, em porcelana de Berlim tambem ao mesmo oferecidos pelo imperador Frederico Guilherme IV, da Prussia; outro de Sèvres, presente de Carlos X da França; uma cruz em malaquite dum valor fabuloso, do principe Demidoff; dois soberbos e riquissimos candelabros, dados por Napoleão I a Pio VII; uma outra cruz de cristal de rocha sobre a qual tem gravada a Paixão de Cristo, por Valerio Vicentino, dadiva dos Romanos ao Pontifice Pio IX e muitas outras alfaias de elevado valor e verdadeiramente curiosas e interessantes.

Ao lado desta biblioteca esta o incomparavel «Arquivo do Papa Paulo V» que é um repositorio vastissimo dos registos, breves e correspondencias dos Papas com as nações estrangeiras.

Compreendem tais documentos toda a historia da edade média e sob este ponto de vista formam uma colecção unica.

Milão e as suas bibliotecas Bresa e Ambrosiana

A' distancia de 285 quilometros de Veneza encontra-se a opulenta e formosa cidade de Milão com a sua ponte de 3.603 metros e 222 arcos e 491.460 habitantes, em cuja basilica os reis lombardos e os imperadores de Alemanha recebiam da mão do respectivo arcebispo a célebre corôa de ferro, que ainda hoje se conserva em Monza.

Tem um circo que comporta 30.000 espectadores e a sua catedral é o mais vasto edificio de marmore, conhecido; cidade de grande comercio tem um colossal arco do Triunfo e muitas riquezas espalhadas pelos seus muzeus. Existe tambem nesta cidade o célebre Teatro «dela Scala». Foi patria de grandes vultos nas sciencias, nas artes e letras, tais como: o poeta Cecilio de Cavallieri, Ferrari, Manzoni, Becaria, Veri e dos Papas Pio IV, Gregorio XIV, Alexandre II e de Urbano III. Foi ainda ali que Constantino Magno publicou o edito a favor dos cristãos em 313. E' sede de arcebispado cuja mitra foi ocupada por Santo Ambrosio e S. Carlos Borromeu e pelo actual Papa alem doutros notaveis prelados.

Nesta cidade ha duas bibliotecas principais:

A «Brera» antiga casa dos jesuitas, que consta de mais de 17.000 volumes impressos e mais de 1.000 manuscritos; e a «Ambroziana», que e a mais rica depois da do Vaticano, em Roma, fundada em 1609 pelo cardeal Frederico Borromeu e que levá dias a ser examinada, pois contem 60.000 volumes impressos e 15.000 manuscritos curiosissimos e antigos, sobresaindo entre estes, um «Plauto» palimpsesto do seculo IV, um livro—«a Eneida»—de Virgilio anotada pelo punho de «Petrarca»; um «Juvenal» palimpsesto do seculo V; uma grande colecção de cartas autografas de «Tasso» de Galileu, de São Ligorio e de São Carlos, arcebispo desta cidade, as obras de Josefo, escritas em pergaminho do seculo XI; dois fragmentos dum manuscrito de «Homero», com miniaturas do seculo IV e ricas iluminuras da idade média; o «Codigo» atlantico, magnifico album de desenhos e escritos originais de «Venci»; á um tesouro literario e artistico que encerra valores de grande preço.

A. G.

SPORT

Amadores ou profissionais?

Angelo Mendonça era a meu ver, e tive ocasião de o dizer, nestas colunas, um dos nossos melhores ginastas amadores, talvez mesmo aquele que mais intuição tivesse.

Quando soube que estava trabalhando no Coliseu dos Recreios, fazendo parte de uma troupe de artistas, achei interessante o seu gesto, que era explicado facilmente, visto Angelo Mendonça poder dentro de algum tempo ser uma «vedeta» no meio dos profissionais. Qual não foi contudo o meu espanto, quando vi «explicado» nos jornais que apesar de tudo, Angelo Mendonça, continuava a ser amador...

Segundo o criterio seguido até hoje, o amador que trabalhe em festas cujo produto não seja para o cofre ao seu club, ou que tenha por fim a caridade, esse amador, repito, passou a ser profissional.

E' o que se faz em toda a parte, e é o que se fez quasi sempre aqui. Ora, acresce que o nosso amigo Mendonça não trabalhou um dia apenas, não foi um caso isolado, pois Angelo devia trabalhar enquanto durasse o contrato da troupe Reinat's, e se o não fez, foi devido ao desastre sofrido ao professor Levy. Portanto, façam o que fizerem; para nós Angelo Mendonça é, «malgré» a declaração de chefe da troupe, profissional para todos os efeitos.

Se houvesse uma federação...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

GRUPO FOOT-BALL IMPERIAL

O Grupo Foot-Ball Imperial participa a todos os clubs congeneres que resolveu fazer disputar um objecto de arte entre Teams Infantis, os clubs que não receberam convite e se queiram inscrever a enviar delegado á nossa séde para saber condições até ao dia 13 do corrente pelas (20,30) séde na Rua da Cruz, 29, 1.º a Alcantara.

CLUB RECREATIVO BELGA

No dia 16 do corrente, realisa-se neste club, um sarau de «sport», em que entram alguns amadores e profissionais em destaque no nosso meio sportivo.

LUTA NO COLISEU

Consta-nos que o lutador belga Constant-le Marin virá a Lisboa, entrar no proximo campeonato, que se disputará no Coliseu dos Recreios.

Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinaria

No dia 4 do corrente reuniu a Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinaria, a fim de eleger os seus corpos gerentes, ficando assim eleita a nova direção:

Presidente, professor dr. Paulo Nogueira; vice-presidente, dr. Filipe Caiola; tesoureiro, dr. Augusto de Abreu Lopes; secretario das sessões, dr. Teixeira Lencastre; secretario substituto, dr. Velasco Martins; tesoureiro substituto, dr. Henrique Sant'Ana.

O sr. professor Miranda do Vale fez em seguida uma interessante comunicação sobre «Zoognosia», tendo sobre o assunto falado tambem os srs. professor Paulo Nogueira, drs. Tiago Ferreira, Filipe Caiola e Henrique Sant'Ana.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Tudo o que rodeava começava a parecer-se com o conto de fadas que meu pai muitas vezes me contava e eu não podia considerar verdadeiro. Concepções bizarras nasciam em mim. Eu sentia muito bem, e não sei como isso se passava, que vivia com uma familia exquisita e que meus pais não se pareciam com as pessoas que eu ás vezes encontrava. Porque motivo, pensava eu, essa outra gente nem mesmo exteriormente se parece com meus pais? Porque tinha eu descoberto riso noutras caras quando no nosso canto nunca ninguem se ria ou divertia? Que força, que rasão me obrigava a mim, creança de nove anos a olhar tão atentamente á minha volta e eventar as palavras daqueles que, por acaso, procurava na escada ou na rua, quando, ao anoitecer, com os meus farrapos cobertos por uma velha capa de minha mãe, eu ia á mercearia, com alguns trocos, comprar assucar, chá ou café?

Eu compreendia, não me recordo como, que no nosso sotão vivia uma desgraça horrorosa, eterna. Excogitava a ver se adivinhava a rasão dessa desgraça e não sei quê ajudava-me a achar uma explicação á minha maneira. Censurava minha minha mãe porque a supunha o espirito mau de meu pai e repito-o, não sei como se formou no meu cerebro concepção tão monstruosa; quanto mais me sentia presa a meu pai, tanto mais odiava minha mãe. Ainda hoje a recordação de tudo isto me atormenta profunda e dolorosamente.

Eis ainda um outro facto que, mais ainda do que o primeiro contribuiu para a minha estranha aliança com meu pai. Um dia, ás dez horas da noite, minha mãe mandou-me a uma venda comprar levadura de cerveja. Meu pai não estava em casa.

Na volta, caí na rua e parti o copo que tinha levado comigo. Do que logo me lembrei foi dos ralhos que ia ouvir de minha mãi. Ao mesmo tempo sentia uma terrivel dor no braço esquerdo e não podia levantar-me.

Pessoas que passavam rodearam-me. Uma velha ajudou-me a levantar e um garoto que corria á minha frente bateu-me com uma chave na cabeça. Por fim puzeram-me de pé.

Depois de juntar os bocados do copo partido, cabaleando, mal podendo mecher as pernas, encaminhei-me para casa. De repente apareceu meu pai. Estava entre a multidão que estacionava em frente duma grande casa que ficava mesmo em frente da nossa. Esta casa pertencia a pessoas nobres, Estava maravilhosamente iluminada.

Proximo do portão principal estacionava grande quantidade de carros e cá fóra, atravez das janelas, chegava o barulho da musica. Agarrei-me a meu pai por baixo do seu casacão. Mostrei-lhe o copo partido e chorando disse-lhe como tinha medo de voltar para casa. Estava certa, não sei porquê, que ele intercederia por mim, Mas porque tinha eu a certeza disso, quem mo tinha dito, quem me tinha ensinado que ele gostava mais de mim do que minha mãe? Porque me aproximei dele sem medo?

Pegou-me na mão, poz-se a consolar-me e depois, disendo-me que me queria mostrar qualquer coisa, levantou-me nos seus braços.

Não poude, porem ver nada, porque ele me tinha pegado pelo braço doente. Contudo não dei um grito com pena de o magoar.

Perguntou-me se eu tinha visto alguma coisa e eu com todas as minhas forças tentei encontrar uma resposta que lhe agradasse: disse-lhe que tinha visto reposteiros vermelhos.

Quando ele queria levar-me para o outro lado da rua, para casa, então, não sei porquê, de repente puz-me a chorar, a abraça-lo, pedindo-lhe que subisse depressa para junto de minha mãe. Recordo-me que então as caricias de meu pai me eram penosas.

Minha mãe mostrou-se apenas agastada e mandou-me dormir. Recordo-me que a dor do meu braço aumentou e deliria com a febre. Contudo sentia-me extremamente feliz por tudo ter acabado em bem e toda a noite vi em sonho a casa visinha com os seus reposteiros encarnados.

Quando acordei no dia seguinte o meu primeiro pensamento, a minha primeira recordação foi a casa dos reposteiros encarnados. Apenas minha mãe saiu, subi logo para o parapeito da janela, a mirar a casa visinha, Já ha muito tempo que esta casa despertava a minha curiosidade de creança. Gostava sobretudo de a vêr ao anoitecer, quando se acendiam as luzes na rua e ela ficava com um brilho especial, como que ensanguentada por efeito dos seus reposteiros de purpura, sobre as grandes janelas brilhantemente iluminadas. Luxuosos carros puxados por soberbos cavalos estacionavam permanentemente em frente do portão e tudo isso avivava a minha curiosidade: as chamadas, os ajuntamentos perto do portão, as lanternas variadas das equipagens, as mulheres que delas desciam, ricamente vestidas.

Tudo isso, na minha imaginação infantil revestia o aspecto dum luxo real, quasi feerico.

Depois do encontro que tive com meu pai ele pareceu-me ainda mais maravilhoso e mais cativante. Nesse momento, na minha imaginação exaltada começaram a nascer ideias e fantasias ferias. Não me admiro, que, vivendo entre gente tão exquisita como era meu pai e minha mãe, me tenha tornado uma criança extranha e imaginativa: o contraste dos seus caracteres ensinaram-me muito. Chocava-me, por exemplo, o facto de minha mãe se preocupar sempre com a nossa pobre casa, censurando eternamente meu pai por ser só ela a trabalhar para nós. Não obstante isso, eu mesmo fiz a mim proprio esta pregunta: porque não ajuda meu pai a despesa da casa? porque tem ele um ar de pessoa alheia á nossa vida?

Algumas palavras de minha mãe despertaram em mim essa ideia e foi com espanto que percebi que meu pai era um artista.

Esta palavra gravou-se na minha memoria; na minha imaginação formou-se logo a ideia de que um artista é um homem particular que não se parece com os outros homens. Pode ser que a propria conduta de meu pai me tivesse levado a esta ideia; pode ser que tenha executado qualquer coisa que desapareceu já da minha memoria.

Mas o sentido das palavras de meu pai tornou-se extranhamente compreensivel para mim quando um dia, ele declarou na minha presença, acentuando as bem, que tempo viria em que ele não viveria na miseria, em que seria um homem rico, que renasceria quando morresse minha mãe.

Recordo-me que a principio tive um medo terrivel destas palavras. Não poude ficar no quarto. Corri para o vestibulo, e chorei.

Mas depois, quando reflecti; quando me habituei a este possivel desejo de meu pai, a imaginação veiu logo em meu auxilio: eu não tinha mais que me apoquentar com essa incertesa da vida.

Não sabendo ainda hoje como essa lembrança nasceu eis como me agarrei á ideia de que quando minha mãe morresse meu pai abandonaria aquela sombria morada e partiriamos ambos para qualquer parte.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4091—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 11 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

As prisões de ontem

Lisboa, e certamente, a estas horas, o paiz inteiro, foram hoje surpreendidos pela noticia das prisões efetuadas durante a noite de ontem, ainda em consequencia dos tragicos sucessos de 19 de outubro.

Quando aludimos á surpresa de Lisboa e do paiz não queremos dizer que as prisões fossem inesperadas. Pelo contrario, e ha mais duma semana que se dizia, mesmo nos jornais, que se iam efetuar, por esse motivo, prisões importantes. O que constituiu surpresa foi a lista de nomes que hoje apareceram nos periodicos da manhã.

Seria inutil querer negar que este acontecimento tem manifesta paridade, precisamente pelo conhecimento desses nomes, em alguns dos quais ou não se falava ou apenas a eles vagamente se aludia. A sensação do publico é, pois, natural, mas qualquer conclusão que deste facto se pretenda tirar é, pelo menos, prematura.

Ninguem ignora que a investigação sobre os crimes da noite tragica está entregue a um magistrado de confiança da familia das vitimas, o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, a quem o sr. Cunha Leal concedeu todas as facilidades para chegar ao apuramento da verdade. Como o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque não tinha funções oficiais, o sr. Cunha Leal deu-lh'as, por meio duma nomeação de adjunto ao juiz de investigação criminal. O sr. Antonio Maria da Silva, logo no dia da sua posse, declarou que em nada modificaria a situação criada. O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque continuou com plena liberdade de ação.

Ao fim de muitos interrogatorios e estudos do processo, o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque entendeu que devia colocar sob a alçada da lei diversos oficiais e, ao que parece, tambem um paisano, o sr. Afonso de Macedo.

As prisões efectuaram-se. Que fundamento teem? Ignoramo-lo. A que especie de incriminação obedecem? Ignoramo-lo tambem.

Num assunto desta natureza, e tratando-se de militares, pode haver arguições de responsabilidades directas ou indirectas. Pode-se tratar de cumplicidades, como se pode tratar de negligencias. Pode-se tratar duma ação preponderante nos acontecimentos, como se pode tratar duma falta de energia ou decisão que os pudesse evitar.

Eis o que se vae apurar, sendo igualmente possivel, escusado será dize-lo, que alguns ou mesmo todos os nomes implicados nos casos da noite tragica, finalmente demonstrem a sua absoluta incupabilidade.

Seja como fôr, o que se nos afigura necessario, é deixar seguir a ação da justiça. Tudo quanto pudesse visar a perturba-la, por meio de actos, que não poderiam deixar de ser gravissimos, constituiria a maior machada de que se poderia vibrar no organismo da Republica e na propria estrutura da Patria.

Que ninguem se precipite! Que todos aguardem serenamente o resultado das investigações! Que todos esperem o que é necessario que surja: ou a prova concludente e irrecusavel da criminalidade dos presos de ontem á noite ou a demonstração insofismavel da sua inocencia. Tudo o que não seja assim, representará o maior desastre que este paiz pode sofrer.

A questão tem uma significação moral profundissima. E' preciso que todos disso nos capacitemos. Está em jogo a honra da Patria, a honra da Republica, a honra dos acusados. Nenhum acto de violencia poderia ter o condão de os ilibar, e o que todos os seus amigos e correligionarios devem desejar é que eles se ilibem. Num caso destes nada seria mais contraproducente, mais monstruoso do que querer entravar a acção da justiça, que se muitas vezes castiga tambem muitas vezes desagrava e iliba. Confiemos e esperemos, na certeza de que ninguem quer condenar inocentes assim como ninguem deixa de exigir a punição de culpados. A justiça ha de fazer-se, e basta que ela se faça, com as sanções indispensaveis, para a Republica poder erguer a fronte, desassombradamente, provando que não poz pedra em cima de nenhum escandalo, de nenhum crime, mas que só quer a verdade e a justiça.

Bandeira rasgada?

Ao passarmos hoje na rua do Ouro, pelas 15 horas, notamos uma grande efervescencia entre grupos numerosos que discutiam acaloradamente.

Soubemos depois que um sargento de artilharia ao passar ali rasgara uma bandeira nacional motivo porque fora preso por um oficial.

AOS SABADOS

A SEMANA LITERARIA

Livros de politicos e "chantage" literaria de politicos — Uma prosadôra de valor — Um poeta subjectivista anunciado como dramaturgo futuro

MIRAGENS TORVAS por *Adelaide Felix*.—Ed. Livraria Ferin—Lisbôa.

Adelaide Felix é a autora de «Hora do Instinto» que a «Semana literaria» dum sabado de 1920 apreciou fugitivamente apresentando o nome da sua autora aos leitores.

O romance de então, do entrecho um tudo nada banal, apresentava salientes vivos de prosa cheia de colorido, uma narração clara, uma vibração de artista que o «romance» não conseguiu dominar á sua forma que como um rio tem o seu curso para um determinado fim. O espirito da sr.ª Adelaide Felix está muito mais á vontade, livre, nas suas «prosas de arte», que é como se rubricam as «Miragens Torvas».

Antes porem de mais nada deixemos, sem ironia, felicitar a artista por um facto, e lamenta-la por outro; primeiro: melhorou de papel... segundo: piorou de titulo: «Miragens Torvas» nada diz dos bons trechos de prosa que encerra. O titulo reconhecemos, é uma exigencia absurda dos livros e das peças... Que importa o rotulo se o perfume é bom?

Quanto ás suas prosas afirmemos são trechos livres, sob a forma de pequenas e curtas novelas; aqui a elaboração duma historia antiga, alem uma pagina dum estado de alma, em todos um relampejar de nervosismo, uma estilisação que não é forçada.

A sua forma discritiva, já vincada na «Hora de Instinto» é por toda a parte manifesta. Ha trechos esplendidos.

> Que era de mete medo aquele pincaro da serra.
>
> Do inverno, quando nevava toda a altura se vestia dum manto branco, rendilhado e explendido, em que havia talvez uma nostalgia de brumas e friagens do Norte,... etc.

Na «Balada dos Violinos»:

> «São os violinos, ajoelhemos meu Amor»...
>
> Que eles são duendes perdidos que, em horas eleitas, descem á terra para encarnar, na doçura magica do Som, os anceios irrealisados dos Artistas que morreram; e por isso abraçam na estesia forte do seu vibrar, a graça suprema da Forma e da Ideia»...

Lady Desir que se encima com um trecho das «Fleurs du mal» de Baudelaire, a «Balada do Peregrino» «La cruche cassée» são trechos curiosos. «A Rosa das horas» é um trabalho que só por si revela um temperamento artistico. Sem a forma nebulosa, com tanto interesse pela forma, dá-nos a «Lenda do frade» a «Francina».

Mas para completar-se deveria a autora expurgar a sua prosa do grande peso de francesismos que adota. Ha o limite da frase galante, aristocratisada pelo palavrão em... lingua de fóra; nas «Miragens torvas» Adelaide Felix abusa. Para que é por exemplo uma pagina em que ha mais três italicos:

> «Ele ergue-se para a tomar numa etreinte em que o seu olhar se afogue todo nos olhos d'Ela».

Ou (pag. 46)...

> «Dentro das linhas estioladas do meu corpo elancé de Infanta decadente».

para logo dez linhas abaixo acrescentar.

> «E assim a pobresita, viageira e perdida; como ha-de acolher-se recolhida sobmissa sob as pregas austeras do meu fa, to tailleur?...»

Não nos podemos alongar nem «Miragens torvas» obra que merece grande desperdicio de espaço. No entanto é um valor aparecendo, despontando e que se no romance experimentado, e na novela curta agora ensaiada não obteve o triunfo completo devido ao equilibrio de idealisação e e forma ainda não encontrado, constitue uma afirmação de trabalho, inteligencia e cultura.

Nos tempos que correm, é muito já:

SIDONIO NA LENDA, por *D. Antonio de Albuquerque*. Ed. Lumen. Lisboa.

Ha um sintoma degradante neste escrevente de livros varios: sob o nome «D. Antonio de Albuquerque» escreve sempre «autor do marquez da Bacalhoa».

E' um simbolo. Agita o seu nome e titulo como um pendão onde se leia: «Cá está o escandalo. Quem quer ouvi-las das boas».

«Sidonio na lenda» é um livro que vem só para valorisar a irritação dos indigenas sidonistas. Nada daquilo é preciso. A Historia, aquela que não se compreende senão com o decorrer dos seculos, fará entrar Sidonio com as suas devidas proporções, no numero das vitimas da ambição, do odio ou do seu amor á Patria. Estamos ainda muito proximos da sua existencia, para que deixemos de estar sob a influencia duma simpatia ou duma antipatia. O autor do «Sidonio na lenda» nem isso talvez; fez o seu livro para produzir celeuma, para que se vendesse muito. Ousado, sem escrupulos, sabe onde ha-de ir ferir a sensibilidade monarquica e sidonista. E por de baixo de tudo põe «o autor do marquez da Bacalhoa», que é toda a sua auto-critica.

FORA DE PORTAS, por *Fernando Emidio da Silva*. Ed. França & Armenio, Coimbra.

Não conhecia nenhuma das obras anteriores do dr. Fernando Emidio da Silva, de forma que me sabe deliciosamente bem a iniciação do meu espirito, farto de enchumaçada prosa e delambido verso, na sua prosa clara, vibrante, toda fresca, cheia de ideias, um estilo fragmentado onde melhor se encerram afirmações, que só um grande e culto espirito podem despir das roupagens de hesitações.

O seu livro, embora sem vaidade, seja assim já que o autor o quer, é todo ele fulgurante, cheio de observação e vivacidade. Ha pedaços que parecem ser declamados pelo autor, entusiasticos, interessantes... Não é um livro de impressões modestas de viagem; são cronicas, estudos, ideias sobre os varios assuntos que fóra de portas portuguezas cairam sob o olhar fixo e a inteligencia culta do dr. Emidio da Silva. Todos os seus capitulos tem originalidade, prendem de principio a fim. Ora evoca figuras gradas da literatura, a «Suissa» com Ramalho, «Paris» com Eça, ora em dois golpes certeiros nos faceta o perfil dos seus guias, Dom Pietro em Napoles, «signore», Lelli em «Roma» ora é uma pagina da politica mundial atravez o comentario conhecedor do infeliz sr. Deschanel e do seu sucessor no Elyseu. A «Espada e a Cruz» é duma visão especial, e duma concepção de ideias largas; a recepção de Lyautey feita pelo monsenhor Duchesre presta-se a trechos magnificentes como estes:

> A França inteira estava ali: intangivel e imorredora, no espaço e no tempo. Os primeiros reis sagrados pelos primeiros bispos. As fronteiras talhadas pela conquista. A raça aureolada pela fé. A corôa ungida, primeiro, em Reims; deposta depois, em Saint Denis. A ideia de Deus classificada pela razão. E essa razão chamou-se Descartes. A ideia da patria santificada pela bravura. E essa bravura chamou-se Joana d'Arc. Tudo o que valé. Tudo o que luz. Tudo o que dura. Olhos em braza: Bayard, Condé, Ney, Hoche, Murat... Joelhos em terra: Fenelon, Lacordaire, Chateau-Briand, Bonnet... A epopeia de pedra: Chartre, Beauvais, Reims, Rouen. A epopeia do ferro: Fontenay, Bouvines, Hohenlinden, Wagram... Perde-se um dia o fé: vem Azincourt e Poitiers. Ganha-se a fé milagrosa: vem Jemmapes e Arcole. Turrenne não morre em Sasbach: vive em Colmar e Turkheim. Marceau não morre em Altenkisdren: vive na Vendeia e em Fleurus. Herosismos e crenças que ganham a terra e o ceu. Homens, ideias, arvores — «em que poder não teve a morte».

E com o excerto limitadissimo está terminada a missão. «Fora de Portas» marca. Define um espirito, concretisa uma forma literaria pujante.

Esse pouco de pó na estrada... que o autor levantou rebrilha em dourados cambiante ao sol ardente duma inteligencia viva.

BUCOLICA por *Vieira d'Almeida*.—Ed. Seara Nova.—Lisboa.

Bastava que a erudita opinião o meu inesquecivel professor Oliveira Ramos afirmasse que o senhor Vieira de Almeida é um poeta para que eu me não atrevesse sequer a duvida-lo. No seu prefacio, Oliveira Ramos apresenta-nos a forma poetica do autor da «Bucolica», musa destituida de ironia e sensualidade, sofrendo a influencia de Antonio Nobre e Eugenio de Castro e promete-nos para breve a melhor faceta do artista como dramaturgo do Teatro sem acção, de dramas exteriores, já escritos mas não publicados.

Da sua poesia nada temos a acrescentar. Todas as suas quadras são duma pujança de vocabulario e expressões vulgares; e é esta caracteristica que amaranha por vezes a forma limpida, produzindo rimas dificilimas. Dois exemplos serão melhores do que as nossas palavras; a quadra admiravel.

> Ilha do leite, ilha encantada
> Em mar tranquilo de safira,
> A nuvem corre, acastelada,
> Enquanto ao longe, o sol expira.

e as quadras exquisitas, extranhas e belas:

> Ruja o mar! Teu furor abale-o,
> Deus soberbo, feroz Neptuno!
> Vôe o Pegaso em ceu cristaleo!
> Com seus pavos resplenda Juno!
>
> Todo pleno de sãs ideias
> —Tempo de oiro em que Deus combate!—
> Bradarei, como o pio Eneias:
> «—O terque, quaterque beati...» !—

Se o leitor gosta... Porque, como o outro que diz «quod est... est».

ARMANDO FERREIRA.

PUBLICAÇÕES— Recebemos tambem «Cousas geograficas» (a Terra Portuguesa) por Faria Artur e Dias Soares para uma das primeiras classes dos liceus. A edição é da Livraria Ailland e Bertrand.

REGISTO DE ENTRADAS

«O homem lobo do homem», Agostinho Campos.

«Amorosa», Beatriz Delgado.

Humorismo

Dum livro em preparação do nosso colaborador Rui da Cunha «Coisas Passadas», em que o conhecido «sportman», conta com um bom humor inconfundivel, episodios de uma vida de artista.

* * *

Numa das festas em que entrei, no club, notei uma menina interessante, «chic» e que me agradou.

Eu olhei, ela olhou, foi o «coup de foudre». Cartas, flores, um galego armado em secretario, que servia de agente de ligação entre nós dois, emfim toda a serie de coisas ridiculas, que se acham naqueles momentos encantadores, até que numa noite eu esperei num trem. Passeio, ceia e... «consumatum est».

Começaram então os meus trabalhos.

Passei oito dias deliciosos, num «apartement» que alugára.

Mas, ha sempre um mas nestas coisas, o pouco dinheiro que tinha foi se acabando e tive que reduzir os «menus», que o meu estomago de avestruz, com a ajuda da minha beldade digeria alegremente.

Pareceu-me que ela reduzia tambem a dose de carinho que destinara para mim. Não levei o caso a mal, pois pensei, com razão, que, efectivamente, na lua de mel as forças precisam ser restauradas amiudadas vezes...

A coisa ia de mal a peor, e dois dias mais passados, estavamos no regimen do pão com queijo saloio.

A minha deusa andava palida e triste. Fiz-lhe notar que Jesus Cristo morrera, depois de grandes sofrimentos, que a mulher tinha vindo ao mundo, para servir de amparo nas horas dificeis, mas ela ouvia e ficava silenciosa como a lagrima do Junqueiro.

Contei-lhe coisas alegres, fui extraordinario de «verve», mas, apesar de tudo, eu via que

> *Na luz do seu olhar*
> *Tão languido e tão doce*
> *Havia o que quer que fosse*
> *De intimo desgosto.*

Naturalmente era da fraqueza...

* * *

Visto que não podia tomar mais nada, era forçoso tomar uma resolução.

Enchi-me de coragem, e sai em busca da fortuna.

Ao passar pela rua de Santo Antão, uma ideia luminosa relampejou no meu cerebro. Pois se eu já era um amador de força, com certa popularidade, se já tinha trabalhado por amor ao sport, no Coliseu, qual a razão por que não havia de empregar essa mesma força, e porque não havia de trabalhar nesse mesmo circo, para ganhar a minha vida?

Tomei balanço, subi ao escritorio, e fiz-me anunciar ao empresario do Coliseu dos Recreios.

Fui recebido optimamente apresentei a minha ideia, discutimos meia hora, debaixo dos fócos, que o anel do comendador Santos despedia, e por fim, chegados a um acordo, assinei um contrato de um mez, recebendo nessa ocasião um opiparo adiantamento..

No dia seguinte os jornais da capital noticiavam que fazia parte da grande companhia equestre, ginastica, acrobatica, comica, mimica e bastante musical, o conhecido atleta Roy da Cunha.

E foi assim, como se diz na canção, que eu comecei a sêr feliz.

Entrei em casa radiante, e acompanhado de um moço com um suculento jantar.

Foi uma tarde de festa, e a minha deusa pagou largamente, em carinho —a despeza feita.

Desconfiei desde então que ela tinha substituido o coração pelo estomago.

Ilusão dos 20 anos, em que a gente ainda acredita que existe coração nas mulheres.

Debutei com exito, enchi-me de coragem, e tratei de seguir na carreira que encetara, por vocação e por necessidade.

Acabei o contracto no Coliseu e segui dias depois para Paris, onde esperava arranjar fama e proveito.

Na vespera, a minha conquista fugira, trocando-me a mim, a quem chamavam o «rei da força», por um desconhecido qualquer.

Já nesse tempo a realeza andava muito por baixo.

Tobias Moscoso
Está em Lisboa

Tivemos ocasião de cumprimentar esta tarde o sr. Tobias Moscoso, homem de letras brasileiro e um dos mais brilhantes espiritos da moderna geração.

O sr. Tobias Moscoso parte por estes dias para a Europa central, mas virá passar na primavera algum tempo em Portugal que tenciona percorrer.

A Noite Tragica

O que se passou ontem — Como foram determinadas as prisões desta madrugada — Uma versão acerca dos indicios de culpabilidade dos presos — -§- -§- Vão efetuar-se mais detenções? -§- -§-

A curiosidade do publico foi hoje intensamente despertada pela noticia das sensacionais prisões efectuadas a requisição do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, funcionario policial encarregado superiormente das investigações acerca dos crimes da «Noite Tragica».

Os boatos começaram logo a proliferar, dando-se como certo que mais detenções se realisariam ainda hoje e indicando-se os nomes da guns oficiais do exercito e da Armada, que estavam na eminencia de serem privados da liberdade, por sobre eles recairem tambem suspeitas de cumplicidade nos morticinios.

Abstemo-nos, como é justo, de mencionar esses nomes, e limitamo-nos a dar a nota exacta dos presos desta manhã e que é a seguinte:

Capitão-tenente da armada, Procopio de Freitas, major Cortez dos Santos, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana, capitães Camilo de Oliveira, Falcão e Loureiro, e tenente Mergulhão.

Sabe-se que alguns destes oficiais são deputados eleitos.

Se a comissão de verificação de poderes, que se constituirá na proxima segunda feira, confirmar essas eleições, os deputados Procopio de Freitas, Cortez dos Santos, Camilo de Oliveira, etc, passarão a gosar das imunidades do seu mandato, devendo ser postos imediatamente em liberdade, por não se ter verificado o flagrante delicto e ainda mesmo que ao crime imputado corresponda pena maior.

Este incidente das prisões é considerado, nas regiões oficiais, como um caso de pouca importancia, relativamente. Nem no ministerio do Interior nem no da Guerra se dão demonstrações de receio da alteração da ordem publica, antes se espera que a opinião nacional dê apoio ao governo, que não faz senão assegurar a marcha natural da Justiça.

De resto, o que se passou ontem pouca diferença fez do que todos os dias normais acontece nos ministerios.

Apenas, durante a noite e até ás 5 horas, estiveram reunidos no Ministerio da Guerra os srs. ministros do Interior, Guerra e Marinha, com a assistencia dos altos funcionarios civis e militares. E' sabido que nenhum acontecimento alarmou a cidade, que não se emocionou senão quando soube pelos jornais da manhã, que se tinham efectuado as sensacionais prisões acima relacionadas.

De que são acusados os presos?

As investigações a que se tem dedicado o sr. Alexandrino de Albuquerque são, naturalmente, conservadas com sigilo, quasi impenetravel. Se é certo que por mal nosso e pouca satisfação da curiosidade do leitor, não conseguimos penetrar no segredo da acção policial, tambem não deixa de ser verdade que nos parece ter conseguido levantar uma ponta do véu que esconde, aos olhos do publico, as causas fundamentais das prisões efectuadas. E' assim que julgamos poder noticiar que toda a acusação se funda na existencia, que esta averiguada, da celebre lista de execuções, onde estavam catalogados os politicos que deviam ser submetidos a julgamento sumario, com aplicação da pena de morte por fusilamento. Tiveram os presos conhecimento desse documento, antes mesmo de rebentar o pronunciamento militar de 19 de outubro? E, em caso afirmativo porque não providenciaram para se evitarem os morticinios.

Parece que é nesta altura que estão as investigações. Entretanto, nós mencionamos esta rasão sob todas as reservas, como é natural em caso tão melindroso.

Quanto á hipotese, geralmente admitida, de se irem efectuar mais prisões, devemos esclarecer que no ministerio da guerra foi isso formalmente desmentido. Pode, porem, acontecer que o sr. Alexandre de Albuquerque as requisite desta vez de oficiais do exercito.

Um desmentido

Ao contrario do que foi noticiado nos jornais da manhã, o governo não esteve reunido, a noite passada, no forte de Caxias. Não esteve mesmo reunido em parte alguma. Está tarde é que houve conselho de ministros, que, aliás, nenhuma relação teve com as prisões efectuadas.

O sr. Presidente do Ministerio convoca os jornalistas a uma conferencia
Cumprimentos da Guarda Republicana ao Chefe do Governo
Conselho de Ministros

A convite do chefe do governo compareceram esta tarde, pelas 16 horas, no ministerio do Interior, alguns redactores de jornais de Lisboa.

O sr. presidente do ministerio comunicou-lhes que o governo, na questão das prisões desta madrugada, se limitava a satisfazer as requisições do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, confirmando-lhe assim a sua inteira confiança. Quaisquer versões que contrariem esta, carecem absolutamente de fundamento.

A narrativa que o sr. Antonio Maria da Silva fez concorda fundamentalmente com as noticias por nós dadas acima.

Por esse motivo nos abstemos de aqui as reproduzir.

A oficialidade da Guarda Republicana foi hoje ao ministerio do Interior apresentar cumprimentos ao chefe do governo.

A' frente dos oficiais estava o comandante Geral da Guarda, general Vieira da Rocha.

Entre este oficial e o chefe do governo trocaram-se os discursos protocolares.

A' despedida o sr. Antonio Maria da Silva apertou a mão a cada um dos oficiais.

Houve conselho de ministros esta tarde.

Segundo a versão oficial nele se trataram apenas assuntos de administração publica.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Americanos

Decididamente a America é a «boite surprise» da Europa. E' raro o dia em que ela não exporta uma revelação — e uma excentricidade. Ontem era Roosevelt que passeava em New-York, fumando sobre um leão o seu cachimbo de barro; ha pouco ainda era um Concilio internacional reunido em Washington para decretar a paz doirada de Diceopolis; hoje já é uma linda americana decerto com os cabelos doirados e as mãos cheias de joias das «transantlantiques» que Hermant pintou, que não se contendo em ter no mesmo instante, nem um, nem dois, nem trez deliciosos «bébés»—levou a sua fantazia, tudo quanto ha de mais predio de cincoenta andares, a ter apenas oito. Não dizem os jornais—mas facil é de supôr—qual teria sido a cara do pobre americano a quem Deus concedeu a suprema ventura de ser demasiadamente pai.

E' de presumir que ao quarto filho o marido da linda americana—tenha corado; ao quinto—empalidecido; ao sexto — desmaiado; ao setimo—morrido; ao oitavo—tivesse resuscitado apenas para perguntar a si mesmo se ele, «poor father ganliees», seria de facto o pai de todos.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

HORA DO PECADO

Macacões

> *E' certo, queridas senhoras,*
> *Que estão em moda os macacos*
> *São macacos nas esquinas*
> *São macacos nos casacos.*
>
> *Pois se até os ministerios*
> *Quando caem—vão de maca*
> *E morrem no hospital*
> *Sempre de morte—macáca!*
>
> *Está ali no Coliseu*
> *—Eu dou por ele um patáco—*
> *Um macaco que é homem*
> *Sem deixar de ser macáco.*
>
> *E até Vossas Excelencias*
> *—Que linda graça travêssa—*
> *Trazem sempre macaquinhos*
> *Escondidos na cabeça...*

TINTA PERMANENTE.

Dr. Rocha Saraiva

O sr. dr. Rocha Saraiva que no ultimo ministerio tão brilhantemente sobraçou a pasta da Instrução teve a gentileza de nos apresentar por intermedio do seu secretario sr. Rafael Ribeiro, os seus cumprimentos que muito agradecemos.

Ainda o incidente Julio Ribeiro—Cunha Leal

Como se sabe o sr. Cunha Leal, quando chefe do governo, demitiu telegraficamente o sr. Julio Ribeiro do cargo de governador civil de Coimbra.

Este protestou contra a atitude do ex-presidente do ministerio e como aparecesse num jornal da noite uma carta como tendo dado motivo ao gesto do sr. Cunha Leal, o sr. Julio Ribeiro acaba de publicar um manifesto com o titulo «Esclarecendo» no qual diz:

Finalmente! Apareceu, convenientemente estropiada, sem data, a carta que irritou o sr. Cunha Leal e deu origem á grande catastrofe da minha vida: demissão pelo telegrafo do rendosissimo cargo de governador civil de Coimbra, com a suprema agravante de nesse despacho não se afirmar ter servido com acendrado patriotismo.

Esta carta, que certamente foi roubada, era dirigida a um membro do Diretorio do meu Partido, unica entidade que, politicamente, me poderia orientar e por imposição da qual me conservava á frente daquele districto.

A carta adorada vem no «Jornal de Noticias», do Porto.

Convenientemente estropiada, como disse, e sem data, manifesta bem significativamente que punha o meu Directorio ao facto do que se ia passando, de forma a garantir ao partido Republicano Portuguez as candidaturas a que tinha direito.

«O Jornal de Noticias», afirma ter eu oferecido um deputado ao sr. Cunha Leal.

Não é verdade.

Disse pelo telefone ao sr. Carvalho Santos, chefe do gabinete de sua ex.ª que poderia por ali ir um deputado indicado pelo governo, como iria no governo do sr. Maia Pinto, se seguissem as minhas indicações.

E tais indicações nunca poderiam ser de molde a prejudicar um candidato democratico.

E isto quando se dizia estar desfeita a conjunção republicana, até essa data mantida em Coimbra com os trez partidos.

Mas não só o governo não me ouviu para seguir as minhas indicações, como exigia um senador, querendo substituir um antigo ministro, parlamentar e ilustre professor, por um comerciante anonimo, desconhecido em Coimbra e que patrocinado pelo governo civil, traria fatalmente o triunfo dum monarquico.

Ora, dado mesmo o caso de ter incondicionalmente oferecido um deputado, desde que a imposição foi para um senador, a insidiosinha do correspondente do «Jornal de Noticias» é tão leviana como despropositada.

Mas deixemos isso que é de somenos importancia.

O que originou a minha carta?

Esta informação:—o governo vai, de acordo com os outubristas, disputar uma candidatura, dizendo-se que alguns liberais, para derrubarem o sr. Julio Gonçalves se uniram a eles.

Não acreditei nem deixei de acreditar.

Desde que era verosimil,—e em Coimbra bem sabem que era um informe muito para considerar—o meu dever era avisar o Directorio.

Foi o que fiz.

Depois, porém, que falando com o sr. dr. Lima Duque, sempre lealissimo para mim, e me disse manter-a a conjunção republicana, não mais tornei a pensar no facto. E nisto está a explicação de não ter extranhado a falta de resposta á carta... roubada.

Felicito-me por a ver publicada.

Eu bem dizia: publiquem, publiquem a carta, que eu não escrevo cartas que tenha de me envergonhar.

O que é pena é que fosse convenientemente estropiada e que, assim, desconexa, tenha passagens sibilinas e contraditorias.

Se não fosse isso era um primor epistolografico!

Depois, a um governador civil como eu, não se diz apenas, como quem dá ordens a um mandadeiro, como disse o sr. Cunha Leal e depois repetiu o sr. Nuno Simões;

—Por Coimbra vai um senador o governo.

E' o vais!

Se tivessem tomado o meu conselho poderia ver eleito,—não um senador,—um deputado, mas isso se indicasse republicano de alta categoria, como queria o sr. coronel Maia Pinto.

Isto aclarado... mais nada.

A Russia vermelha

Novas revelações — A calunia — O amor dos filhos — Os rins — O preço do pão — As viagens — Uma paisagem de Gorki

Ultimamente encontramos de novo a nossa amavel informadora.

—E então?—perguntou.

—Então? Um verdadeiro sucesso. Que pena que não se lembre de mais nada!

—Não admira. Esqueci-me de di zer que vivi vinte anos na Russia, sendo quatro delos sobre os horrores da Rolução. Sofri muito e, apesar disso, se tem muito interesse posso ainda fornecer-lhe algumas notas, pequeninas, que por repugnancia, ocultei, E' o pôr do tudo. E' o verdadeiro interior da fome, o interior da miseria e da desgraça.

«A muitos parecerá selvageria. A afim, no entanto, que andei lado a lado com a desgraça, que embotei toda a minha sensibilidade com a miseria do proximo, que sofri o meu tanto pequena perante dôres maiores, a mim parece-me natural e plausivel. Até hoje tem-se considerado de romance que os homens (refiro-me aos civilisados), se comam uns aos outros. Já leu «La Galere Clancelor», de Julio Verne? Quando a li julguei tudo romantismo, imaginação. Veio a revolução russa e tive a nitida certeza de que tudo era verdade. A fome obriga-nos a cair no antropofagismo.

—Pois então os russos tambem se comem uns aos outros?

—Não! Mas a fome levou-os ao aproveitamento de orgãos humanos. Correu até, quando ainda estava em Voronége, que em Moscow se comiam creanças. Mas não é verdade, isso posso garantir. E' uma calumnia que não devemos apoiar. E' certo que os russos permitiam crimes verdadeiramente abominaveis como o aborto, mas nunca chegaram ao extremo de comer os seus proprios filhos.

«Demais, compreende-se: só tinha filhos quem os queria ter, por uma questão de amor. Como admitir, portanto, que se fossem alimentando da sua propria carne? Como haviam de querer a morte de um ente que pediram a Deus? E' ilogico, não? Acredito que nunca se desfazem os laços de amor que nós proprios ajudamos a apertar. O mais vulgar é sacrificar-me-nos por eles. Não sorria, que não é romantismo. E' a verdade a pura e a simples verdade conseguida por muitos anos de experiencia.

«Vamos, porem, ao que lhe prometi.

«Nos poucos dias que estive em Moscow, deu-se um caso verdadeiramente interessante e horrivel.

«Num mercado, onde, geralmente tudo faltava como alimentação, um dia apareceram á venda uns «rins», que foram disputados tenazmente por pessoas que se sustentavam apenas de «millet», uma especie de painço, e que por muitos mezes serviu de base á alimentação dos infelizes burguezes.

Desgraçados, sim, porque uma pessoa habituada ao conforto, em ele lho habituado ressente-se muito.

«Como dizia os «rins» foram disputados e desapareceram em poucos minutos. Aqueles simples miudos foram a alegria de muitas casas habituadas submetidas ao regimen da farinha de painço.

«No dia seguinte o durante outros dias consequentes, outros «rins» apareceram.

«Era uma verdadeira alegria para os russos. Emfim parecia voltar o bom tempo de fartura, agradavel a todos. Os proprios bolchevistas mostravam-se contentes. «Vejam, diziam, como a Russia caminha apressadamente para o bem comum». Mas eu, que sou curiosa, como todas as mulheres—permita-me essa atenuante—dirigi-me um dia á vendedora dos rins. Fazia-me especie que do animal ebatido só os rins aparecessem no mercado. Das duas uma: ou os maiorais bolchevistas praticavam uma grande injustiça, uma ignobil injustiça, guardando para si o melhor e atirando ao publico o restante; ou então havia qualquer coisa que a minha curiosidade me obrigava a descobrir.

«Interroguei a vendedora e ela recusou-se a falar. Que não sabia o que era feito do resto do animal. Como se pudesse numa cidade tão grande. Que fosse eu perguntar.

«Compreendi que não era essa a tatica que devia empregar e comecei a contar-lhe a minha vida, colorindo-a com as mais negras tintas, enchendo-a das mais fabulosas desgraças.

«Emfim, o meu plano surtiu o seu efeito. Uma confissão atrae sempre uma outra confissão compensadora. Disse-me a vendedoira que desde o revolução vivia miseravelmente. Que ela e o marido eram bolchevistas, de facto, mas ele, o seu pobre homem, não ganhava o bastante para viver. Se não fossem os negocios que apareciam de quando em vez, já teriam morrido de fome como tantos outros e, naturalmente, um outro enterraria o seu marido.

«—Um outro?

«—Sim, porque ele é coveiro.

«Compreendi tudo. O marido era coveiro e estava encarregado de enterrar os fuzilados. Precisavam de «negocios» para poderem viver. Donde, os rins, que apareciam no mercado, eram, nada mais, nada menos, os rins dos fuzilados.

«Disse todas as minhas deduções ás vendedora que, chorosa, me pediu que nada divulgasse, porque seria a sua morte e a do seu marido. Os bolchevistas não lh'o perdoariam, por certo. Demais praticavam tão ignobil sacrilegio porque a fome é má conselheira. E não o faziam a torto e a direito. Só dos cadaveres das pessoas em bom estado de saude é que faziam a extração dos rins.

«Compadeci-me da miseria e calei-me. Lembrei-me das minhas desgraças e não pude falar. E a minha consciencia não me acusa, tanto mais que, pouco tempo depois, pararam os fuzilamentos e os rins não tornaram a aparecer no mercado.

«Quando me deram esta noticia pensei comigo como havia de viver essa desgraçada familia, se eram precisos 5.000 rublos dos «soviets» para comprar apenas um insignificante pedaço de pão negro e duro.»

—5:000 rublos, «mademoiselle»?

«—Sim, senhor, 5:000 rublos «soviets». Demais não é para admirar, tanto mais que já lhe disse que um muito parco almoço fica-nos pela modestissima quantia de 29:000 rublos «soviets». E assim não dão vinho, nem sobremesa, e é preciso que seja um restaurante de segunda ordem. Mas admira-se?

«—Um pouco, confesso, 5.000 rublos é objecto?

«—Na Russia dos «soviets» não é nada. Nada mais que mil reis portuguezes. O dinheiro dos «soviets» está desvalorisadissimo.

«—E as notas restantes. As promettidas?

«—Ah! Essas referem-se já á minha viagem de Moscow para Petrogrado.

«Ninguem pó le fazer ideia do desconforto com que os estrangeiros faziam as viagens, que desagradam aos bolchevistas. Cadeiras ou bancos é coisa que não existe. Tivemos que fazer toda a viagem em pé, porque o frio do soalho no vagão era enorme. Era-nos absolutamente proibida a saida do vagão. Ora a unica bagagem que levavamos eram alguns farrapos. Para não sujar todo o vagão tivemos que pedir emprestada uma bacia de cama.

«Foi uma das viagens mais terriveis que fiz até hoje. Apesar disso, não deixou de ter os seus encantos, principalmente para nós que já estavamos acostumados a todos os remoques do destino. O que nos encantava principalmente, era a paisagem. Pela sua igualdade e monotonia tornava-se atraente: obrigava-nos a estar horas inteiras a espreita-la...

«Lembra-me tambem de uma scena muito interessante. Quando passavamos perto de um ribeirito todo gelado, vimos sair debaixo dos barcos de quilhas para o ar familias inteiras. Conhece Gorki? Pois ele tem um conto —«Uma vez no outono...»—que é precisamente a paisagem que vimos nesse dia. Distavamos cerca de dez ou doze leguas de Moscow.

«Emocionante, acredite.»

E despediu-se amavelmente deixando-me o evocar a paisagem do conto de Gorki: um areal: os dois debaixo do bereo de quilha para o ar, emquanto o vento e a chuva fustigavam as coisas e as almas...

A proteção aos animais

O que de nós pensam os viajantes estrangeiros

Misse Elise Flury, é uma senhora suissa de grande valor moral e intelectual, com uma importante obra social já realisada, e que anda percorrendo a Europa em viagens de estudo para aquilatar a grande civilização das nações cujos costumes são apreciados pela sua penultrante e subtil intuição de humanitaria.

A pessoa que estas linhas escreve, conheceu Misse Flury na sua permanencia de um mez no Hotel Internacional de Lisboa. A força magnetica do destino, e não uma mera casualidade, nos aproximou na comunhão do mesmo ideal de aperfeiçoamento e de paz universal.

Penetrando facilmente a psicologia da nossa raça, dos nossos habitos e organisação politica e juridica, Misse Flury manifestava-me por vezes, com sentido pezar, os contrastes que notara entre as virtudes de coração e de inteligencia da nossa raça, e os costumes quasi primitivos e acentuadamente barbaros que a surpreenderam.

Os maus tratos aplicados a creanças e animais, feriam sobretudo a sua fina sensibilidade feminina e causavam estranheza ao seu criterio educado do Suissa que tem permanecido largo tempo em Inglaterra, e nas cidades mais cultas da Europa. E nós cenhecemos, por experiencia, que o sentir de Misse Flury, é por certo o mesmo de tantos outros estrangeiros que percorrem o nosso paiz, vem a proposito tornar publicas as suas cartas cheias de elevação moral e afectiva.

Eis uma dessas cartas que honram as paginas deste jornal,

«Caêro Madame:

Antes de partir pede-me o coração que vos diga quanto me alegrou o honroso o conhecimento com uma mulher portugueza que como vós possue sentimentos tão elevados dedicando todos os seus esforços ao bem da patria e da humanidade,

Quanto é para desejar que o numero de pessoas animadas dos vossos sentimentos nobres aumente dia a dia ao influxo das vossas sugestões!

Semeai, querida amiga, semeai sempre a vossa boa semente que de seguro produzirá um dia belos frutos.

Permiti-me de vos dizer quanto eu admiro o vosso paiz e o povo portuguez que tive ensejo de reconhecer dotado de uma alma sentimental e fundamentalmente boa.

Mas vós me perdoareis se eu vos confessar que surpreendi costumes que me penalisaram profundamente. Entre eles cito os maus tratos de que são vitimas os pobres animais.

E' doloroso ver os pobres animais chicoteados cruelmente, com um pezar enorme de coração ve-los ainda mal alimentados cheios de chagas, conduzindo tantas vezes, cargas pesadissimas sem que a policia atente humanamente em tal barbaridade. Este facto me penalisou deveras, não só por causa dos pobres animais, como pela opinião que os estrangeiros podem formar do vosso povo, tão bom no fundo, afinal, repito. Porque não da o governo providencias para remediar este mal?

Se é tão lindo o vosso Paiz com os seus prados viçosos, a luz fertil de um sol meridional, o seu clima doce e acariciador! Acima de tudo porém me encanta o amavel caracter do vosso povo. Portanto, se puderdes, continuar a vossa tarefa sublime de contribuir para a elevação dos seus costumes defendendo a sorte das creanças, das mulheres e dos animais, certa de prestar um grande serviço á vossa patria e merecer o aplauso dos estrangeiros cultos. Creio que bastará apenas despertar as atenções do povo e dos governos para certos casos que são causados mais por irreflexão do que por maldade de coração.

Se nas escolas se divulgarem principios altruistas que eduquem a juventude para o exercicio da bondade, em breve teremos gerações que dignifiquem a raça e os povos a que pertencem».

Seguindo as exortações de Miss Flury, eu invoco a bondade das mulheres portuguesas pedindo a todas que se convertam em outras tantas Legionarias do Bem, promovendo e reclamando a proteção aos animais, ás creanças e a todos os seres que sofrem injustiça e maus tratos.

JEANNE D'ARC.

ARTE

Exposição Simão da Veiga

A pintura—já eu escrevi em tempos—é a sinfonia alacre da luz e da côr, do verdadeiro e do impressionante. Foi precisamente esta ideia a que me acudiu ao espirito, quando entrei ontem no salão Bobone—para ver a exposição do sr. Simão da Veiga. Doze quadros a oleo sómente—mas neles se sente palpitar, num latejamento extranho, a vida do Ribatejo. Quasi todos, caracteristicamente regionais e portuguezes, nos apresentam aspectos de animais e paisagem, exuberante de luz e de sol, num contraste violento com a sombra. Naquelas telas presente-se o calor esbrasante das campinas e dos lezirias infindaveis, monotonas. Os seus animais, principalmente, são soberbos, tratados com cuidado e verdade a tal ponto, que se adivinha nalguns o resfolegar forte e masculo dos suas narinas enormes. Despertaram-me especialmente interesse o esplendido motivo «Fugindo á trovoada», trabalhado com uma técnica original e bizarra, o «Vencido» e o que pertence ao ex.mo sr. A. Fernandes, «Lavrando no alqueive», que dá uma impressão nitida do trabalho rural, num interessante motivo de animais em que este artista é distinto.

O pequeno quadro «O Traidor», só pode ser compreendido por quem uma vez viveu a vida energica e latejante do Ribatejo. Quando o vi, recordei um soberbo conto de Marcelino Mesquita, «A desforra do Maioral», que é inspirado precisamente no mesmo motivo caracteristicamente particularista, e tive a impressão que aquele toiro fugido da boiada, perseguido pelos campinos, era o mesmo «Chamiço» que o brilhante escritor nos descreve.

Noutro genero bem diferente ha um retrato, assim como as telas «Curiosidade» e «Alemtejana».

Mas o sr. Simão da Veiga é especialmente notavel quando trata na tela, com toda a energia mascula de quem sabe sentir aquela vida, os animais duma anatomia impecavel e rija, a paisagem monotona talvez, mas cheia de perspectiva e resplendecente no deslumbramento fulvo-dourado da luz do sol.

MARIO GONÇALVES VIANA.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã

Está despertando grande entusiasmo o ultimo concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Blanch, amanhã no S. Luiz, em que toma parte a distinta pianista D. Antonia Moreira, discipula notavel do professor Timoteo Silveira, que executa com a orquestra a «Balada» de Freitas Branco, figurando no programa a celebre «Sinfonia em sol maior» de Haydu, o extraordinario poema sinfonico de Strauss, «Morte e transfiguração», a «Leonora», de Bethoven, a «Rosamunde», de Schubert, a «Pavane», de Ravel, a «Chanson de Solveij», de Grieg, e outras obras notaveis.

Manuel Virgilio Guimarães de Brito

Publio Virgilio Franco de Brito, Amelia Guimarães de Brito, seu filho e noras participam que mandam rezar uma missa sufragando a alma de seu chorado filho, irmão, marido e cunhado, na segunda-feira 13 do corrente, na igreja dos Anjos pelas 10 horas da manhã.

Academia de Sciencias de Portugal

Pelo Exmo. Secretario perpetuo desta prestimosa corporação scientifica sr. dr. Antonio Cabreira, foi em 9 do corrente dada posse á Comissão Executiva ultimamente eleita, a qual ficou constituida da forma seguinte: Presidente, dr. Morais Sarmento; Vice presidente, José Cordovil; Secretarios, Ruy Cordovil e Gomes de Carvalho; Vogais, Oscar de Pratt, Julio de Lemos, dr. Tovar de Lemos e Artur do Nascimento Nunes. Esta Comissão, iniciando imediatamente os seus trabalhos, resolveu agregar a si o Tesoureiro da Academia; estabelecer o protocolo academico em harmonia com os estatutos, e tratar com urgencia da organisação da sua biblioteca destinada a prestar importantes serviços ao povo da Capital.

A PROPOSITO DUMA ENTREVISTA

Numa entrevista que o sr. capitão Viriato Lobo, novo governador civil de Lisboa, concedeu ao «Diario de Lisboa», declara-se o seguinte:

—Vou tratar de fazer o saneamento moral da cidade.

Boa e levantada doutrina se nos afigura.

Não se muda o aspecto miseravel duma cidade em dois dias e com duas penadas; nem apenas o jogo, a mendicidade e a prostituição infantil, constituem os podres desta cidade.

Mas se o sr. governador civil de Lisboa conseguir realizar os seus intentos, reprimindo sabiamente estas tres chagas que quasi tomaram fóros de instituições citadinas, grande e proveitosa terá sido a sua obra.

E certamente da parte de toda a gente que ainda conserva no espirito a noção, posto que rudimentar, de justiça, se levantará um aplauso, aplauso veemente.

A imprensa para a qual o sr. governador civil apela na sua entrevista, não deixará decerto de lhe dar o apoio preciso para conseguir a realização destes projectos.

Apenas me penalisa a ideia de que, como tantos outros, estes belos projectos não passem dum sonho, sonho delicioso como quasi todos, mas irrealisavel como tantos.

O jogo para ser reprimido até ao ponto em que é possivel reprimi-lo, precisa de uma mão de ferro.

A mendicidade precisa de uma paciencia e de uma persistencia sem limites.

A prostituição infantil requere quasi a habilidade diplomatica, tantos são os artificios com que a mascaram.

E para tudo é necessario, é indispensavel o auxilio de todos e de tudo, e principalmente o auxilio do tempo.

Poderá contar o sr. governador civil com todos estes elementos? Oxalá que sim.

Poderemos nós ter ainda a esperança de ver realisado este ideal indispensavel numa cidade como Lisboa e sobretudo numa epoca que se diz avançada como a que nós vivemos? Que assim seja...

BOTTO DE CARVALHO

MUSICA

Primeiro recital do pianista Roger Godier

No desconfortavel e arrepiante salão do Conservatorio Nacional de Musica, realisou-se ontem o primeiro recital do pianista francês Roger Godier. E para dar bem a impressão do ambiente, basta dizer que a sua Arte teve por vezes o condão de nos fazer esquecer que tinhamos tido que levantar a gola do sobretudo.

Se outro valor não tivesse para nós o primeiro recital de Godier, bastaria a maneira como estava elaborado o programa, para a noite de ontem marcar um logar de destaque nos nossos anais de musica.

Foi de facto um arrojo que se explica, por ter sido praticado por um francês, o facto de preencher um programa quasi exclusivamente com os nomes dos musicos modernos.

Isto vindo quebrar a rotina classica dos nossos habituais programas, onde já se permite o Wagner, mas onde ainda é proibido meter os nomes de Ravel, de Debussy, de Fauré, de tantos outros.

Foi pois por este facto, notavel o recital de ontem, tendo-se Godier mostrado um interprete brilhante da musica moderna.

A maravilhosa Sonatura de Ravel com que abriu o concerto, foi por Godier tocada com um grande relevo. O mesmo brilho tiveram as obras de Dupont, Fauré, Baton e Debussy, interpretadas com verdadeira sorte.

Patenteando bem a eterna gentileza dos franceses, executou ainda uma composição de Viana da Mota, uma curiosa composição de Saint-Saens, «Une Nuit á Lisbonne» e fechou com a tocata de Saint-Saens, alterando neste numero o programa.

Não foi no entanto neste final que melhor Godier revelou as suas faculdades.

Roger Godier, que recebeu quentes e prolongados aplausos, é um belo interprete da musica moderna e bem haja pela divulgação que dela fez.

B. C.

ULTIMA HORA

INQUERITOS

O juiz sr. dr. Alexandrino do Albuquerque ouviu h je no quartel general o sr. Firmino Ribeiro, construtor civil e Artur de Almeido, aquele individuo que ia ao lado do cocheiro que guiava o carro onde se encontrava o emprezario do teatro Apolo por ocasião da morte do sr. Machado Santos.

Tambem hoje devia ser ouvido o oficial da policia sr. alferes Lopes Soares.

Além dos prisões efectuados já sabemos que o sr. dr. Alexandrino do Albuquerque está na disposição de prender todas as pessoas sobre as quais pesem responsabilidades, acerca dos acontecimentos de 19 de Outubro.

A NOITE TRAGICA

Ultima informação

Duma nota oficiosa, emanada do Ministerio do Interior, conclue-se que estão iminentes prisões de oficiais do Exercito.

D. Afonso de Bragança

A trasladação dos seus restos mortais

Deve chegar amanhã ao Tejo, atracando no cais de Santos o «destroyer» «Vouga», que traz a bordo os restos mortais de D. Afonso de Bragança.

O desembarque deve efetuar-se na proxima segunda feira, pelas 12 horas, saindo dali o cadaver para o Panteon.

A's exequias, que serão celebradas nesse dia, deve assistir o sr. cardial patriarca, se já tiver regressado de Roma.

A sr.ª Duquesa do Porto conferenciou hoje novamente com o chefe do governo e com o sr. ministro da Guerra.

A explosão na doca de Belem

Foram hoje autopsiados na Morgue os cadaveres das vitimas da explosão ha dias ocorrida na doca de Belem.

O corpo do 2.º tenente Barata, encerrado numa urna que assenta sobre uma eça, rodeada de coroas, oferecidas por pessoas de familia e grande numero de amigos, continua sendo velado no Arsenal de Marinha por alguns seus camaradas e marinheiros de baioneta calada.

O funeral realisa-se amanhã pelas 13 horas.

POEIRA da ARCADA

O pessoal superior dos alfandegas, acompanhado do resp ctivo director geral, sr. Manuel dos Santos, cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças.

—Foram nomeados, o sr. Francisco Joaquim Alves, chefe interino da repartição de economato da Casa Pia de Lisboa, e a sr.ª D. Elmira da Conceição Martins, professora efectiva da secção manuelina do Instituto de Surdos Mudos Jacob Rodrigues Pereira, a cargo da mesma Casa Pia, de que era professora ...

Um caso a esclarecer

Um incidente entre a C. M. L. e o comandante dos bombeiros

Pela inserção duma noticia nos jornais que a Camara Municipal de Lisboa atribui a autoria ao comandante dos bombeiros, este dentro de um curto prazo terá de responder perante aquela, devendo ser ao, que parece, pronunciado.

Inscritos maritimos

Continua sem solução a gréve dos inscritos maritimos.

O pessoal em greve reuniu hoje pelas 16 horas na sua associação de classe para se informar do estado das «demarches» efectuadas.

Ainda hoje uma comissão se deve avistar, sobre esta questão, com o sr. ministro do Comercio.

TEATRO

Nota do dia

A comodidade nos teatros

Fala-se presentemente na construção dum novo teatro que—dizem—será erguido sobre as ruinas historicas do Terrasso Bragança.

Na Avenida continuam a subir as paredes dum grande monstro que se destina a teatro.

A reconstrução do Ginasio anuncia-se para começar breve, embora contra todas as determinações de segurança publica que a policia ou os bombeiros façam; talvez que os donos dos terrenos tenham a convicção do grande argumento da nossa terra: comprar aqueles que se oponham aos seus designios. Seja como fôr, diz-se, que vai ser reedificado o Ginasio.

Para o Parque Liza Mayer projectam-se casas de espectaculo tambem.

E no entanto com tantos teatros por fazer talvez ninguem ainda deste vez atenda ás necessidades do conforto e comodidade dos espectadores. Não ha em Lisboa, um teatro só que tenha uma sala de espectaculos digna duma capital civilisada. Nem S. Carlos com os seus doirados recócós, ostenta mais do que umas madeirissimas cadeiras com peludie coçada nos braços. O resto é desolador; os lugares são acanhadissimos, as filas estreitissimas, numa ancia natural de fazer render m ito os metros quadrados de plateia. Não ha teatro algum que respire conforto, que tenha «confage»; e o que dizemos para a comodidade do publico redobramos para interesse dos artistas. Em Portugal só em Braga, no Teatro-Circo, os camarins são qualquer coisa de respiraveis, asseiados, claros...

Em S. Carlos quando se abre o pano, sente-se a «cavalgada»... das pneumonias, de encontro ás «decolletees» da plateia. O Nacional é um póço de frialdade; e estes são os melhores.

Já não exigimos os civilisados requisitos do «Hippodrome» de Londres nem os restaurantes dos teatros berlinenses; mas um pouco de aceio, de conforto, uma limpeza no «bufete» infaltavel no lado dos «W. C.» e um pouco mais de largueza nos logares para que, como sucede na maioria dos casos, os espectadores não sofram o duplo suplicio do mal estar do corpo e os maus tratos da peça.

ARMANDO FERREIRA.

Aldina de Sousa

No nosso teatro musicado ouviu-se uma voz. Era a voz de Aldina de Sousa. Divisada ao longe pelo telescopio dum bom apreciador, reconheceu-se que era uma estrela a aproximar-se. De fundo onde mal se destacava desapareceu então para vir resurgir com o seu verdadeiro brilho, na opereta.

Para o canto é preciso voz. Aldina de Sousa tem-na, a tal ponto que chegou para uma plateia bem cheia, por exemplo, como a de hoje no S. Luiz na festa-ia na Ana de Giavary, viuva, alegueira, robusta, que por vezes aparece nos nossos palcos com os seus tilhões e as suas «tilhas».

Aldina não é bem viuva, mas inevitavelmente que é alegre. Aplaudimo-la porque é um primeiro ornamento da nossa opereta.

Os teatros do Porto

A companhia Cremilda Chaby está dando no Porto uma temporada brilantissima, e ao mesmo tempo rendimentadamente artistica, variando os espetaculos apesar do enorme exito que as peças representadas estão alcançando entre nós.

—Constituiu um verdadeiro acontecimento teatral a estreia no Agoia do Ouro da graciosa atriz Elisa Santos, que se apresentou na revista «Pica-Pau», desempenhando os interessantes numeros «Menina Lulú», «Rarrabás e Namoro» á brazileira, que foram apreciadissimos, tendo a gentil artista de trisar o ultimo.

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha vai a Coimbra dar dois espectaculos com «As Cobardias» e «Negocios são negocios».

—O sr. ministro de Espanha que, conforme noticiaram alguns jornais, se dignou honrar com a sua presença, e de sua ex.ma esposa, a recita de anteontem no Nacional, teve a gentileza de, num dos intervalos, ir ao palco apresentar as suas felicitações aos principais artistas que interpretam esta encantadora obra, e ao distinto escritor dr. Alberto de Morais, que a traduziu.

E' mais uma prova do entusiastico acolhimento obtido pela linda comedia, uma das melhores que, no teatro Nacional, tem visto a luz da ribalta, nos ultimos anos.

—Consta-nos que o actor Jaime Zenoglio, da companhia do Terrasse, faz o seu festo com «A Bisbilhoteira» de Eduardo Schwalbach, em que tem uma bela criação no papel de hoteleiro.

—E' da grande guerra o episodio dramatico que, na festa de Luiz Leónos, depois de amanhã recita no Apolo o actor Henrique Alves que com ele obteve um verdadeiro triunfo no Brazil.

—E' inadiavelmente, a 10 de março, que se estreia no Apolo, a explendida «Companhia Ruas», que o seu empresario, Luiz Ruas, dirige com o maior criterio. No teatro Nacional, do Porto, aonde se encontra, teio feito uma temporada brilhantissima. A seguir publicamos o elenco completo, da Companhia. Ei-lo:

Deolinda Foyal, Aldo Teixeiro, Evangelina Bastos, Candida Rosa, Josefa Lorimte, Guilhermina Poiva, Sofia de Sousa, Margarida Ferreira, Adelina Matos, Teresa Lorimte, Alfredo Ruas, Soares Correia, Alberto Miranda, Santos Carvalho, Alfredo Pereira, Agostinho Lagos, Antonio Bastos, Fernandes d'Oliveira, Manuel Monteiro e Raul Ferreira, 30 coristas, ensaiador, Pedro Cabrol, maestro, Bernardo Ferreira, ponto, Francisco Alves, contra-regra, Carlos Costa.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Reprise da «Viuva Alegre» no Teatro de S. Luiz para festa de Aldina de Sousa.

—Terceira representação em S. Carlos da «Boemia».

—Reaparição de Antonio Gomes no Foz.

BÔAS NOITES MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Dou graças a Deus que os meus tempos de estudo já estejam nas regiões do passado, pois tenho uma enorme pena das crianças desta geração; quando vejo a materia que elas teem de estudar, sinto desejos de enviar a todos aqueles que teem permissão elaborar o programa escolar este proverbio inglês: «Tudo Trabalho e nada do brincadeira torna um rapaz estupido».

E, na realidade, se hoje uma criança quizer dar boa conta das suas lições nas aulas, não tem tempo para brincar, tanto são as materias e tão complicadas.

Por exemplo, no que diz respeito á historia. Que extraordinario compendio de historia que ha dias me mostraram, como sendo o adoptado agora nas escolas oficiais! E' uma sucessão de biografias de homens celebres, que as crianças estudam sem qualquer outro comentario aos factos da epoca!

E dizia eu mal dos compendios de historia do meu tempo. Se nos faziam decorar uma lista dos filhos naturais de todos os reis, o que nao dava uma ideia muito lisongeira da fidelidade conjugal dos soberanos ás sabiduras e confundia bastante as inocentes, tambem nos ensinavam factos interessantes ligados-os a acontecimentos de outros paizes, instruindo-nos assim na historia comparada e mostrando-nos como duma pequena causa, muitas vezes, resultava outra, numa sucessão de causas e efeitos.

E o que digo da historia aplica-se tambem ao resto das disciplinas. Eram mais simples os estudos desses tempos, mais graduais.

Actualmente a creança chora muitas vezes diante dos seus livros e aqueles que estudaram ha anos atraz, veem-se igualmente em dificuldades para lhes explicar os termos dificeis e as regras complicadas com que se deparam no metodo moderno.

Os pais queixam-se, lamentam-se mas os protestos são platonicos, portanto inuteis, e cada nova reforma torna os programas mais dificeis.

Ao ver isto, pergunto o mim mesmo se os homens que estão encarregados de organizar os programas serão escolhidos entre os que não teem filhos ou entre os que teem excepcionalmente inteligentes e precoces não encontrando dificuldades onde os outros alunos esbarram ou excepcionalmente estupidos, não seguindo por consequencia estudos nenhuns.

Só assim se perceberá essa dureza de coração que faz infligir a pequenada tormentos quasi tão cruéis como os da inquisição. Um pai amoravel pensaria nos seus filhos e seria mais clemente. Tenham piedade dos pequeninos e poupem-lhe cuidados, montes de lagrimas que a vida mais tarde se encarregará de lhes exigir.

Lembrem-se da palavra de Bataille: «As lagrimas são um contrôle misterioso. Coração de creançal quanta compaixão me inspiras no vertiginoso prodigalisa-las assim, sem receio de exaurires o ultimo».

Não contribuamos nós, pelo esquecimento das nossas dificuldades e sensações infantis, para lhes esgotar o manancial das lagrimas antes que a vida os arrebate a fim que se elas afrontem com ela conservando o poder de sofrer mas tendo perdido o de chorar.

FRIOLEIRAS

O dr. Josiah Oldfield fez uma descoberta muito lisongeira e agradavel para as mulheres que já entraram para a casa dos trinta.

Afirma este medico que a idade mais infeliz da mulher é dos 17 aos 30, baseando a sua afirmação no facto duma grande percentagem dos suicídios femininos serem praticados nessa idade.

Afirma mais esse gentilissimo medico que provém isso de amores infelizes, pois as mulheres só são verdadeiramente amadas depois dos trinta e cita-nos como exemplos:

Elisabeth Brommaz que aos trinta anos ainda não conhecia o grande poeta que a fez sua mulher e que a adorou.

Lady Hamilton, a mulher de Nelson, que já não era muito nova quando o Nelson a conheceu e só chegou ao apogeu da sua felicidade conjugal, depois de ter deixado atraz de si havia muito, a sua mocidade.

Cita-nos tambem os nomes de Diane de Poitiers, Ninon de Lenclos, Madame de Pompadour e Madame de Maintenon, e eu, sotisfeitissima, fecho os olhos com muita força, para não ver a evidencia que me quer mostrar que essas são as excepções e que a regra é outra e que é perigoso que o tal doutor é um grande maluco, e que me convinha tanto que fossem verdadeiras as afirmações do medico!

HIGIENE DA BELEZA

Uma das coisas que pior faz aos dentes é dormir sem os lavar.

A rasão é simples: Todas as substancias gomosas tais como pão, bolachas e bolos fermentam quando se deixam em contacto com os dentes durante a noite. Esta fermentação dá origem a acidez e se este estado de coisas continua por muito tempo o esmalte ficará corroido.

Afim de evitar que isto aconteça lavam-se os dentes de manhã, á noite e depois de cada refeição.

A NOSS

Molduras

Todos nós temos retratos na sala, escritorio, em cima da nossa secretaria. E' tão bom levantar os olhos quando se trabalha e ver uma cara amiga que parece encorajar-nos.

As molduras estão carissimas mas podemos arranjar algumas modestas e de bom gosto.

Um retrato fica muito bem numa moldura de madeira pintada de castanho escuro. Quanto mais estreita for a moldura, mais bonita fica.

Pode-se tambem mandar cortar umas tabuinhas delgadas e cobri-las com seda da mobilia ou da almofadas e abat-jours.

Nos quartos de cama e saletas forram-se de cretone ou mesmo de chita.

CONSELHO PRATICO

Para abrir as latas de conserva

Muitas pessoas acham dificil abrir as latas de conserva. Isto é quasi sempre porque não seguram a lata com força enquanto empregam a chave.

Um excelente meio é dobrar um pano varias vezes até ficar com quatro polegadas de tamanho e com algumas camadas de grossura.

Depois ata se bem o pano ao centro da lata e começa-se a mover a chave agarrando-se convenientemente na lata por meio do pano e o resultado é certo.

MODAS

Uma das ultimas modas parisienses é o saco-boneca.

O saco é feito em folhos, em forma de saia e acabando num franzido em volta dum busto de boneca que serve de fecho. O chapeu da boneca é sempre de côres vistosas e o saco da côr do vestido ou chapeu da dona.

E' tambem moda os chapeus das senhoras serem enfeitados com um véu de renda que cai dum lado e vai prender-se no hombro oposto com uma borboleta vistosa ou outro qualquer broche de fantasia.

SONETO

Tentação

Um dia a Morte quiz tentar-me assim:
«Anda lá, no paiz do isolamento,
o palacio ideal do Esquecimento
oculto entre a espessura dum jardim.

Ali encontra termo, encontra fim
todo o mortal, humano sofrimento;
ali não chega o triste desalento,
nem memoria do mundo, crime e ruim...»

E eu perguntei á Morte, a que o rancôr
punha no rosto uma expressão mentida:
«E vive lá memoria dum Amôr?»

«Não (respondeu), que amar sempre é sofrer»
«Entáo, oh Morte, eu antes quero a vida;
embora sofra, deixa-me viver...»

A. Correia Pinto de Almeida

Quero rectificar duas «gralhos» que apareceram no «Vilancete» do Hoiriquo Lobo: não «escrevi Leonor mas sim «Lianor»; não escrevi formosa mas sim «fermosa»; nunca me atreveria a corrigir a ortografia da epoca tirando-lhe assim todo o sabor e pitoresco.

SPORT

Antonio Martins

O velho Martins vai amanhã ter a sua consagração, no Ginasio Club Portuguez, de que é professor de esgrima, e que ele ajudou a fundar.

Martins, que foi o nosso melhor atirador, e que hoje «malgré tout», é ainda um dos nossos melhores professores foi o unico a quem se deve a difusão e o impulso que a esgrima tem actualmente entre nós.

Todos os mestres de agora, lhe devem um pouco da sua reputação, e em quasi todas as provas de esgrima, os seus discipulos conseguem classificando-se, honrar-se e honrar o nome do mestre.

A nós a quem prendem a Martins laços de velha amisade, e a quem devemos o pouco ou muito que fizemos, na arte das armas, prestamo-lhe hoje aqui a nossa homenagem.

RUY DA CUNHA

Ciclismo

Na corrida dos seis dias em Bruxelas a equipe vencedora fez 3.666 quilometros.

Pedestrianismo

O campeonato de Paris de «cross-country», foi ganho por Guillemot, que mostrou uma bela forma.

Pesos e alteres

No campeonato de força de Paris saiu vencedor Roger François, que apesar do peso medio, bateu os concorrentes mais pesados.

—Bonnes antigo campeão do mundo de força, actualmente professor em Alger, foi agraciado pelo governo francês com as palmas academicas.

Luta

No campeonato de luta de Paris, que se disputa em luta greco-romana, e luta livre, entram Constant le Marin, Vervel, Zando, Saint-Man, Fourni, Emilio Deri s, Favre, Nec, de Bardelas, Massetti, Jean-le Frapeur, Stroobants, etc., todos conhecidos entre nós.

Aviação

Os italianos estão construindo um dirigivel de 51 mil metros cubicos, que pode levar 100 passageiros.

Box

Toda a imprensa de França e Inglaterra, afirma que o campeão de França Criqui, deve ser o futuro campeão do mundo.

—Carpentier, deve combater em Paris brevemente, e adiou a sua partida para a America.

Gato escaldado...

—Apesar da enorme receita do combate entre Criqui-Ledoux, deu este prejuiso ao empresario uma grande quantia, em virtude dos «boxeurs» terem recebido um 60 e outro 75 mil francos.

O estado recebeu perto de 100 mil francos de imposto para os pobres.

—Dempsey, quer chegar a Europa, quer combater com Carpentier, Beckett e Bombardier Wells.

NOTICIARIO

HIPISMO

No Hipodromo Alto Mearim pelas 3 horas tem lugar a poule inpica para disputa da taça Ricardo.

ESGRIMA NO LISBOA GINASIO CLUB

No Lisboa Ginasio Club e sob a direcção do mestre de armas coronel sr. Raul Ferraz, começa hoje, pelas 21 horas, o torneio de espada francesa, para disputa do «Brassarde» destinada, do qual é detentor o sr. Manuel Goveia Lobão.

—Final realisa-se amanhã ás 14 horas.

—Um grupo de socios tenciona realizar um baile, apos os assaltos, em homenagem ao atirador que sair vitorioso.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Festa em homenagem a Antonio Martins

Realisa-se amanhã, domingo, pelas 15 horas, neste club, uma festa de homenagem ao Grande Mestre Antonio Martins, promovida por uma comissão de discipulos da classe de esgrima do mesmo club.

Esta festa constará de sessão solene em que usará da palavra o sr. Antonio Horta Osorio, a qual se seguirão varios numeros, como:

Argolas—por Mario Miranda.

Triplo Trapezio—por Julio Hopffer, Luiz Fuertes e João S. Costa.

Assalto de espada—por Albano Prazeres e Alarcão.

Atletica—por Mario Costa e Mota Marques.

Saltos em trampolim—por Francisco e Frederico Hopffer, Jorge Viana, Ernesto Mendonça e João S. G. Costa.

Mur d'essemble—por Raul E. Pereira, Francisco Paiva, Artur Curado Armando Bayly, Carlos S. Barros, Paiva de Oliveira, D. Pedro Alarcão e Albano Prazeres, seguindo-se um baile.

CAMPEONATO DE FOOT-BALL

Sporting contra Benfica—Imperio contra Internacional

Passa amanhã em Palhavã uma das tardes mais valiosas e atraentes do Campeonato de Lisboa da primeira divisão, pelo que respeita aos jogos de primeiras categorias.

Encontra-se num deles o Sport Lisboa e Benfica, club popular, o mais popular de todos, com o seu antigo e irreconciliavel rival Sporting Club de Portugal. E' uma rivalidade de longos anos que se comunica ao publico e o divide em facções apaixonadas pela sorte de seu club predilecto.

Depois o Sporting tem já o primeiro lugar assegurado neste campeonato, o que mais exacerba os brios e animos dos adversarios.

Mas, apesar de lhe estar assegurado esse lugar, o Benfica tem vantagem em vencer-lo; é que por seu turno se assegurava o segundo lugar na classificação, que ainda lhe pode ser tirado, pois tem actualmente 5 pontos, e, se amanhã o Imperio, no outro jogo da tarde, vencer o Internacional, ficarão empatados Benfica, Imperio e Internacional, para o segundo, terceira e quarta classificações.

E como se vê, dia de emoções o de amanhã. A outra competição da Benfica e Sporting, o fogo-fato do Imperio e o sempre independente Internacional, o club dos surprezas, devem reservar-nos que é dia de extraordinario.

GRUPO VEIGA BEIRÃO

O capitão geral deste grupo pede a comparencia pelas 9 horas da manhã de amanhã no campo do Portugal Foot-Ball Club, ao Campo Grande, dos jogadores abaixo mencionados a fim de jogarem contra o grupo Afonso Domingues nas provas regulares de foot-ball: Alexandre Mateus, José da Costa Barros, Antonio J. Marques, José Dias Mendes, Artur de Figueiredo Francisco F. Salgado, José M. Soares Fabião, Antonio Augusto Pereira, Carlos de Almeida, Reinaldo Tudela, Vitor Machado Perolo, Joaquim Loureço, José de Sousa e Fernando José Fernandes.

N.º 10 — Folhetim de A CAPITAL — 11 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Mas onde? Até ao fim não o pude nunca vêr claramente. Recordo-me sómente que tudo que eu podia imaginar acerca da jornada que fariamos juntos, (pois eu tinha resolvido que partiriamos juntos), o que a fantasia podia conceber de brilhante, de suntuoso, de magnifico, tudo isso tornava-se realidade nos meus sonhos.

Parecia-me que logo ficariamos ricos. Eu não iria mais fazer compras ás tabernas, serviço que me custava muito porque as creanças da casa visinha faziam-me sempre partidas quando eu saía, as quais eu temia sobretudo quando trazia comigo leite ou manteiga, sabendo como sabia que se os deixasse cair, seria severamente punida.

Depois, no meu sonho, eu tinha resolvido que meu pai, teria um lindo fato, que nos instalariamos numa suntuosa casa e foi então que a bela e suntuosa casa dos reposteiros encarnados e o encontro com meu pai, em frente dela, querendo mostrar-me, surgiu e que, viu á minha memoria. Logo decidi que nos instalariamos precisamente nessa casa e que viveriamos ali por diante no meio duma perpetua festa, gosando uma felicidade sem fim.

Desde esse momento, á noite, eu contemplava com grande curiosidade as janelas dessa casa magica. Recordava-se os convidados tão bem vestidos como eu nunca tinha visto. Ouvia em sonho os sons da musica suave que se coava através as janelas. Examinava atentamente as sombras que passavam nos reposteiros e esforçava-me por adivinhar o que se passava lá dentro.

«Parecia-me o paraiso essa festa eterna. Comecei a detestar o nosso pobre sotão, os farrapos que me cobriam e quando um dia minha mãe me mandou sair da janela onde eu estava como de costume, veiu-me a ideia que ela não queria que eu olhasse essas janelas, porque queria impedir a vida de felicidade que eu tinha sonhado levar com meu pai. Todo o serão observei atentamente e com desconfiança minha mãe.

Como poude nascer em mim tão grande hostilidade contra uma creatura tão pobre como era minha mãe? Não é só agora que eu compreendo a sua vida de sofrimento pois é-me impossivel recordar essa vida de martirio sem sentir apertar-se-me o coração! Mas nesse tempo, no sombrio periodo da minha miseravel infancia, a epoca do desenvolvimento anormal da minha primeira vida, muitas vezes sentia uma grande dor no coração e muitas vezes tinha pesar de ser tão dolorosamente injusta para com minha mãe.

Mas nós eramos indiferentes uma á outra. Não me lembro mesmo de me ter abraçado a ela uma unica vez. Agora, muitas vezes, as mesmas recordações fazem-me mal e perturbam-me, Recordo-me que uma vez (o que eu vou contar é sem duvida, pequeno, banal, mas são essas pequenas coisas as que mais me atormentam e mais fortemente se me gravaram na memoria)...

Numa tarde em que meu pai não estava em casa, minha mãe quiz mandar-me á venda a comprar chá e assucar. Mas ela reflectia e não se decidia; contava em voz alta o dinheiro que tinha, quantia pequenissima.

Levou bem uma meia hora a contar e não se podia desagravar dos seus calculos.

Em certos momentos uma especie de dor ou torpor apoderava-se dela. Recordo-me, como se fosse hoje, que ela inumerava alguma coisa, contando-do vagarosamente. Dir-se-ia que pronunciava palavras ao acaso. Os seus labios e faces estavam palidos, as suas mãos tremiam e sempre meneava a cabeça quando raciocinava em voz alta:

—Não, não é preciso! disse ela, de repente, olhando-me. E' melhor deitar-me. E tu Nietotchka, queres dormir?

Não respondi. Então ela levantou-me a cabeça, olhou-me docemente, com uma tal ternura e todo o seu rosto se iluminou com um sorriso maternal que o meu coração se pôz a bater fortemente. Alem desse olhar ela tinha-me chamado Nietotchka, o que significava que naquele momento me estimava. Foi ela quem inventou esse pequeno nome, transformando afectuosamente o meu nome de Anna no diminutivo Nietotchka; quando ela me chamava assim era sinal de que queria encherme de caricias. Fiquei muito comovida. Queria abraça-la, sentir-me apertada por ela, com ela chorar. Pobre mãe!

Acariciou-me a cabeça por muito tempo, pode ser que maquinalmente e esquecendo-se que se me dirigia, repetia sem cessar: «Minha filha, Anna, Nietotchka».

As lagrimas começavam a borbulhar nos meus olhos mas tive força para as conter.

Eu resistia para não deixar perceber o que se passava em mim, mas sofria por isso. Não, esta hostilidade não podia ser natural em mim. O que eu sentia assim contra ela não podia ser unicamente a sua costumada severidade para comigo! Não, era o amor fantastico exclusivo, por meu pai, que me perdia.

A's vezes eu acordava de noite no meu canto, sobre um pobre enxergão com um leve cobertor, com medo de qualquer coisa. Nesse adormecimento em que ficava recordava que, recentemente ainda, quando eu era mais pequena, dormia com minha mãe e tinha medo de acordar de noite.

Não tinha mais do que chegar-me muito para ela, fechar os olhos, abraça-la e logo adormecia.

Sentia tambem, muito no fundo do meu coração, que não podia amar minha mãe. Notei mais tarde que certas creanças são desprovidas de sensibilidade e quando amam é duma maneira exclusiva. Foi o meu caso.

Havia temporadas que no nosso sotão não se ouvia ruido algum. Meus pais não questionavam, e eu vivia entre eles, como sempre, silenciosa, reflectindo, procurando alguma coisa nos meus sonhos. Examinando-os atentamente um ao outro conclui que tinham cortado relações. Compreendia a sua hostilidade eterna, surda; compreendia toda esta dor, toda esta vida desordenada, que se tinha instalado no nosso canto.

E' claro que eu não lhes percebia as causas nem as consequencias; compreendia porem aquilo que a minha idade permitia, chegava, nas longas noites de inverno, a acocorar-me num canto durante horas inteiras a vigia-los avidamente, observando a cara de meu pai para tentar adivinhar o que ele estava pensando, é que o preocupava.

Depois ficava admirada, incomodada com a atitude de minha mãe. Andava sem parar, dum para o outro lado do quarto, horas inteiras, muitas vezes mesmo de noite, quando tinha insonias.

Passeiava balbuciando qualquer coisa como se estivesse sósinha, estendendo os braços, cruzando-os no peito, apertando as mãos numa angustia forte, infinita. Por vezes caiam-lhe pela cara lagrimas, talvez sem ela saber porquê, pois estava como ausente.

«Tinha uma doença dolorosa que desprezava completamente.

«Lembro-me que o meu isolamento e meu silencio tornava-me cada vez mais triste. Durante um ano eu vivi uma vida consciente, reflectindo, sonhando, atormentada por vagas, desconhecidas aspirações, que em mim nasciam espontaneamente.

«Era selvagem, como se tivesse sido educada numa floresta. Por fim, meu pai foi o primeiro a notar o que se passava, chamou-me para junto de si e perguntou-me porque o olhava tão atentamente?

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4002 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 13 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2203 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O processo da noite tragica

Para bem se compreender a situação em que nos encontramos sob o ponto de vista das investigações sobre os sucessos da noite tragica e dos actos a que essas investigações têm dado origem, necessario se torna expôr a sequencia dos acontecimentos que com essas investigações se ligam. E' o que vamos tentar fazer com a maxima imparcialidade, e apenas com o sentimento da justiça que inalteravelmente nos inspira.

Todos sabem que os crimes da noite tragica produziram na nossa sociedade duas impressões simultaneas: a da indignação e a do terror. Ninguem deixou de sentir brotar-lhe no intimo um protesto irreprimivel contra as selvagerias cometidas. Mas não é menos certo que as circunstancias especialissimas que para os atentados da noite tragica concorreram, estabeleceram inegavelmente uma atmosfera de pavor.

Foi disso prova o que se passou, nos primeiros tempos, em relação aos inqueritos a fazer em relação a tais casos. Ninguem esqueceu a serie de recusas e desistencias que se notou ao tratar-se de nomear o inquiridor dos tragicos acontecimentos. Todos se escusavam, e o escandalo chegou a tal ponto que o governo declarou que nomearia a pessoa que a essa investigação procedesse, sem se preocupar com a sua previa acquiescencia. Foi assim que o almirante sr. Silveira Moreno, foi nomeado, sob pena de castigos disciplinares se não quizesse aceitar a nomeação. Ao mesmo tempo, o juiz dr. Barbosa Viana era encarregado de proseguir uma investigação paralela, sob o ponto de vista civil.

O enervamento causado pela falta duma acção rapida no sentido de se fazer justiça levou os governos, desde o sr. Maia Pinto, a permitirem que pessoas das familias das vitimas assistissem aos interrogatorios dos acusados e aos depoimentos das testemunhas, o que deu origem, como não podia deixar de suceder, a varios e desagradaveis incidentes. Por fim, as familias das vitimas queixaram-se do dr. Barbosa Viana, o qual, a certa altura, parece ter procurado acabar com a autorização, até então concedida, para os representantes das familias das vitimas assistiram a todas as inquirições do processo. O sr. Cunha Leal dis-se então a esses representantes das familias dos assassinados que escolhessem eles proprios a pessoa que procedesse ás investigações. Foi escolhido o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Ninguem poderá negar que tudo foi irregular. Nunca as familias das vitimas de qualquer crime tiveram uma intervenção semelhante na acção da justiça. E' tudo quanto ha, de menos conciliavel com o espirito juridico. E para explicar este facto só se encontra, não como justificação, mas como explicação, a necessidade de dar á opinião publica, visto as circunstancias especialissimas a que já aludimos, uma garantia absoluta de que nenhuma especie de proteção seria concedida aos criminosos.

Deixa, porém, de ser irregular o que se tem praticado? Não deixa. Até certa altura, nada do que o sr. Alexandrino de Albuquerque estava fazendo era legal. O governo, para legalisar a sua acção, deu-lhe funções oficiais, nomeando-o adjunto ao juizo de investigação criminal.

Mas nada disso anula o facto de estar exercendo uma missão de juiz um magistrado que, na realidade, é parte no processo, visto que representa a familia das vitimas.

Tal é a situação a que chegámos. Seria possivel pretender ocultar o seu caracter melindroso. Dum lado estão as normas rigorosas da justiça postas em cheque; do outro está a opinião publica cujo sentimento exacerbado em tudo pode ser materia de suspeição. Dahi, a dificuldade de encontrar um ponto de equilibrio em que não seja possivel descortinar nenhuma especie de parcialidade.

Uma coisa porem, é absolutamente necessaria: a serenidade. Ai de nós se em torno desta questão, se pretendesse exercer uma coação qualquer! Seria o fim de tudo, e o peor que se poderia imaginar em relação aos acusados. Esperamos que o governo encontrará forma de satisfazer todas as reclamações justas sem alarmar de nenhuma maneira a consciencia avida de sanções da justiça a crimes hediondos e inegaveis.

Segredo de toda a gente

Ilusão

Eu compreendo, minha amiga, o seu desgosto—tão grande que não cabe dentro dos seus sapatos, enormes, de setim preto. Todas as mulheres, mesmo aquelas que se não preocupam demasiadamente consigo, se julgam no dever de pagar á beleza suprema, tantas vezes pelo preço dum suplicio, a exiguidade dos pés pequeninos. Os seus tiveram a fatalidade de crescer de mais. Mas que importancia tem isso, minha amiga? Creia que nunca tinha dado por tal. Porque não reparo em si? Não. Porque ainda não tive tempo—e conhecemo-nos ha trez anos—para descer aos seus pés e porque me interessam muito mais ainda a sua cabeça têve. Se você andasse de pernas para o ar, tinha começado por olhar para os seus pés—tão grandes que podiam dar a volta ao mundo, assim o afirma, em vinte e quatro horas. Nunca imaginei que o mundo fosse tão pequeno, sabe. Mas não se apoquente e fixe-o. Tudo nesta vida é uma ilusão. Os olhos enganam-se com qualquer coisa. Acredite. E' a eterna «carnouflage» da vida. Se você usar sapatos escuros com tacões doirados terá á impressão exáta de que os seus pés diminuem. Um nó ou uma fivela de prata sobre o peito do pé estreita-o tanto que chega quasi sêr inverosimil... Faça isto e não diga nada a ninguem. Toda a gente se ilude — a começar por nós...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

Roger Godier

Na sexta-feira passada realisou-se no Salão do Conservatorio um recital de piano pelo eximio pianista Roger Godier, que alcançou um pleno sucesso, em vista do que hoje se realisará um outro concerto no mesmo Salão.

O programa deste novo concerto foi elaborado de forma o Mr. Roger Godier nos poder mostrar as suas excepcionais qualidades de sentimentalismo na interpretação das obras de Albeniz (Granada e Barcarolle) e de Coppin (Deux préludes, Mazurka, etc.)

Teremos tambem ocasião de apreciar o seu vigoroso talento na execução das obras de Schumann (Estudos simphonicos) e de Liszt (Funérailles) autores que ele interpreta com uma personalidade muito conhecida e apreciada no estrangeiro.

Os membros mais distintos do corpo diplomatico tencionam ir ouvir este distinto pianista, cuja vinda ao nosso paiz é um verdadeiro acontecimento artistico.

Centenario de Dante

Realisa-se na proxima 6.ª feira 17 de Fevereiro na «Liga Naval» uma sessão promovida pela Juventude Catolica onde se festejará o centenario do grande poeta Dante. Falarão varios oradores entre os quais os srs. Marinho da Silva, Mario Viana, Conego Martins Fontes, e Alfredo Pinto (Sacavem). Presidirá uma alta individualidade da egreja. Luiz de Oliveira Guimarães está escrevendo uns versos alusivos intitulados a «Alma de Dante» que serão lidos por Mario Viana. Espera-se que assista tambem toda a sociedade elegante de Lisboa.

São raros os medicos

Que usam na sua clinica qualquer outro reconstituinte que não seja a «Fibrocalcina», porque é o unico que contem a cal e o Fosforo em melhores condições de assimilação, e que mais rapido efeito produz; como se vê pela radiografia. Pedidos o Raul Vieira L.da, rua da Prata 55.

"OS SPORTS„ NO PORTO

O bi-semanario «os Sports» vae publicar-se no dia 19 deste mez com 6 paginas, inserindo grande colaboração de jornalistas do Porto e a reportagem e entrevistas que o dr. Salazar Carneiro acaba de fazer na sua recente visita á capital do norte.

RECRUDESCE A QUESTÃO DOS "NOVOS"

O escandalo das Belas Artes

Na 6.ª feira, quando a população de Lisboa regressava encapotado dos teatros e os politicos começavam muito a serio a estudar a proxima futura revolução os artistas portugueses da nossa Sociedade Nacional estraçalhavam-se em holocausto de sagrados direitos e de ventas não menos respeitaveis. Aos leitores da «Capital» que se não interessam por arte, mas certamente leem com curiosidade o «fait-divers» do saguão de Lisboa, cumpre-me hoje apresentar esta fabulosa e familiar gerada questão, animada agora com os ecos arquitectonicos do sr. Adães Bermudes, alguns ponta-pés dados com muito sentimento por certo escultor de nomeada, o sangue do meu presado consocio Barreiros, o dedo inchado do arquitecto Pacheco e as nodoas negras do sr. Celestino Soares.

Foi pois na 6.ª feira, quando a meia noite soava no Vaticano do Bairro, que no aristocratico palacete o sr. Adães Bermudes, apopletico hirsuto, vermelho, congestionado, defendeu a soco e pé e a empurrão, esse logar, onde tão rudemente tem sido atacado, onde tantas noites tem sido infeliz e onde alguns outros teem pronunciado aqueles seus inconfundiveis e consideraveis elogios funebres, que constituem uma das facetas do seu espirito por vezes facetos.

E tão faceto é esse espirito que o sr. Adães Bermudes, arquitecto como muita gente mas Valmor como mais ninguem, se excedeu nessa noite a si proprio, saindo, saltando, rodopiando fóra dos estatutos da respeitavel agremiação, entonteando-se, contorcionando-se, sofrendo, caindo por fim, como uma abelha tonta sem colmeia nem abrigo.

Imaginem os leitores, em duas linhas a historia das Belas Artes:

Existe, em Lisboa, uma casa, que o Estado entregou a um grupo de artistas para que a mantivessem, apresentando-lhe um estatuto com o qual se deviam regular, e saindo do qual o Estado tiraria a casa. Nesse estatuto, consignava-se insofismavelmente o direito de entrada naquela agremiação a todo o individuo artista ou não, que se queira interessar por ela. Pois, propõem-se umas tantas pessoas nessas condições, e, não são admitidas. Porquê? Por uma suspeita de que podessem alterar os fins para que aquela casa foi creada.

Até aqui sai-se apenas dos estatutos. Mas que se fez mais? Na 6.ª feira, um grupo de antigos socios, que nada tinha que ver com os modernos, nem com os seus proponentes, resolve, expontaneamente, e convencido em fim da justiça que assistia aqueles que desinteressadamente e sem misterios queriam dar o seu concurso, apresentar uma proposta pela qual todos seriam aceites, acabando-se assim com a tal questão que se arrasta desde Setembro e mostrando que não pode nem deve haver receios, uma vez que dentro da Sociedade pode mandar o proprio Estado, fiscalisando o rigoroso cumprimento dos Estatutos e não permitindo alteração dos fins para que existe a casa. O que sucede? Sucede o que o presidente da Assembleia de 6.ª feira, e de sempre, o sr. Adães Bermudes, vendo que os ventos tinham mudado, e preocupado com o resultado da votação, quer impedi-la a todo o transe. A certa altura faz-se uma votação á meia noite, requere-se contra prova, e o presidente num recurso supremo, diz que já é tarde, e levanta a sessão. Deve notar-se que nunca ali acabou tão cedo uma reunião e que todas as direcções teem sido eleitas depois da meia hora. Era pois, um «truc», mas um «truc» pouco inteligente.

Este facto exalta os animos. Ha quem duvide da primeira votação que deu um empate, há mesmo quem tenha contado os votos e tenha achado mais um. Nem sequer se entra na ordem da noite, e o presidente foge, assustado. Alguem quer tomar conta da mesa abandonada: e o socio Celestino Soares. O sr. Bermudes cerra ameaçador um braço. Balburdia, copos pelo ar e um bengalão ameaçador. Ha quem fuja. Epilogo: o sr. Bermudes põe o «cache-colle» e apaga-se as luzes, com alguns sôcos ainda na rua.

Hoje é entregue o requerimento que segue, assinado por bastantes socios, que o leitor fatigado, não lê talvez:

Ao ex.mo sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes—Lisboa.

Ex.mo Sr.

Os abaixo assinados socios desta Sociedade na plena efectividade dos seus direitos nos termos dos arts. 12.º e 15.º dos Estatutos:

Considerando que os individuos admitidos como socios são obrigados a observar e cumprir os Estatutos e Regulamentos esforçando-se para que sejam respeitados as suas decisões (cf. art. 4.º Estatutos);

Considerando que a inobservancia voluntaria e repetida dos principios contidos no citado art. 4.º é razão suficiente para que quem nessas faltas incorra perca a sua qualidade de socio (cf. art. 5.º n.º 3);

Considerando que a Assembleia Geral funciona na segunda convocação com qualquer numero de socios (cf. art. 21.º do Estatuto);

Considerando que á mesa incumbe dirigir os trabalhos segundo as regras parlamentares (cf. art. 15 § unico dos Estatutos);

Considerando que nos termos regulamentares nenhuma sessão pode ser encerrada antes de se entrar na ordem do dia;

Considerando que nos termos regulamentares um requerimento de contra-prova em qualquer votação é sempre imperativo;

Considerando que nos mesmos termos nenhuma votação pode ser interrompida;

Considerando que nos mesmos termos, o presidente deve dirigir imparcialmente os trabalhos e não pode intervir como participante em qualquer discussão;

Considerando que, desde que o presidente abandone a Presidencia qualquer socio pode substitui-lo para propor á Assembleia quem deve dirigir, na ausencia ou impedimento dele e seus legitimos substitutos, os trabalhos da Assembleia;

Considerando que a sessão de 10 do corrente foi violenta e indevidamente encerrada a meio de uma votação pelo sr. Adães Bermudes;

Considerando que o socio abaixo assinado Celestino Soares, ao assumir a Presidencia para que os trabalhos proseguissem foi violentamente agredido pelo sr. Adães Bermudes, levantando-se assim grande tumulto que impediu a reabertura da sessão;

Considerando que não podendo encerrar-se a sessão antes de se entrar na ordem dos trabalhos, ela não pode ter-se senão como suspensa;

Considerando que nesses termos, ela deve ser reaberta, dentro do mais curto praso; requerem que v. ex.a marque imediatamente o dia e hora em que se deve realizar a continuação da Assembleia interrompida no referido dia 10, fazendo notar que essa reunião tem que efectuar-se antes daquela que, por força de deliberação tomada em 19 de Novembro p. p., será convocada para o proximo dia 19, o mais tardar.

Os abaixo assinados reservam-se o direito de enviar por copia ao exmo. sr. Governador Civil de Lisboa este requerimento, para que, em tempo oportuno, possam solicitar para estas graves irregularidades a interferencia de s. ex.a, nos termos da lei. Lisboa, 12 de Fevereiro de 1922.

E, posto isto, o que pensa o leitor? Pensa que o sr. Bermudes tem sido, talvez com a melhor boa vontade, um verdadeiro «amigo dos diabos» para a velha Sociedade das Belas Artes.

LEITÃO DE BARROS

OS MORTOS

José Alberto de Sousa

Faleceu sabado, sepultando-se hontem o sr. José Alberto de Sousa, casado com a sr.ª D. Julia Ferreira Mesquita de Sousa, sobrinha do nosso querido director.

O finado, dotado dos mais apreciaveis dotes de caracter era empregado do Banco Industrial Portuguez, onde deixa nos seus companheiros a mais viva saudade.

A' familia enlutada que tanto estremecia e ao nosso presado director sr. Manuel Guimarães a expressão sincera do nosso pesar.

Manuel Virgilio Guimarães de Brito

Rezou-se hoje, na igreja dos Anjos, uma missa por alma deste desditoso rapaz, tambem sobrinho do nosso director e falecido ha já dois anos.

A cerimonia religiosa esteve muito concorrida de pessoas de relações e familia.

Antiqualhas historicas

Na proxima quarta-feira publicaremos esta interessantissima secção do nosso ilustre colaborador sr. Ladislau Batalha, cujo sumario é: «O que foi a Tumba da Misericordia no seculo XVI.—O Poedão.—F. H. S.—Fisiologia dos Gatos-Pingados».

A situação no Egito

LONDRES, 13. — O relatorio de Lord Allenby sobre a situação no Egito está sendo estudado pelo primeiro ministro. Lord Allenby deve ter hoje uma conferencia com Lloyd George e assistirá ao conselho de ministros que se deverá realisar esta semana.—(R.)

Um artista que se ausenta

Carlos Reis vae expôr na Argentina

Carlos Reis pertence ao numero daqueles poucos artistas de Portugal, que, senhores dum glorioso nome — mercê de muitos anos de trabalho probo e honesto — dispensam os vulgares adjectivos consagratorios. Para quem, perante esse nome, o nosso pequeno mundo intelectual e artistico se descobre reverente, não é preciso chamar-lhe ilustre: — Carlos Reis é — Carlos Reis.

Buenos Aires, a cidade magnifica, erguida, como uma catedral de progresso, do outro lado de lá do Atlantico, hospedará em breve o português de verdade, que, acompanhado pelo filho — seu digno discipulo — vai expor ali, pela primeira vez.

Nós não podiamos deixar partir o Mestre, sem vibrarmos a emoção de contemplar essas telas que, muito embora se destinem a honrar o nome de Portugal em terra alheia, vão, certamente, por nosso mal, ficar lá fora. Não o podíamos fazer e foi assim que, quasi como intrusos, nos dirigimos esta tarde á Escola Nacional de Belas Artes.

Onde o «atelier» do artista, entre as paredes daquele labirinto? Tarefa facil: — Descem-se as escadas da primeira porta á direita; segue-se por um corredor onde se alinham, de um e doutro lado, varios modelos de cultura em gesso; sobem-se os degraus doutra pequena escada e entra-se no Templo. Sim, como em todos os templos tambem o luz vem de cima. Ha um fogão que aquece a vasta quadra e, dentre o desarranjo forçado pela proxima partida, adivinha-se o conforto dos outros dias.

E' ali que Carlos Reis tem vivido os mais emotivos e jubilosos momentos, no descobrir, lentamente, durante as suas horas de labor, a revelação da Arte admiravel que os seus nervos e a sua alma vão imprimindo, sessão a sessão, no granulado da tela virgem. Foi ali que o Mestre nos permitiu admirar os seus milagres de côr, espalhados prodigamente naquelas três dezenas de quadros.

Este artigo não tem pretensões a uma critica de arte, mas, não podendo ser outra coisa, seja ao menos o documento onde fiquem arquivados, como os dum registo, as impressões que os quadros nos impressionaram, os titulos desses quadros que vão sair da nossa terra, talvez, repetimos, para não mais voltar.

Carlos Reis tem retratos de uma verdade extrema. Os modelos vivem neles de modo tão poderoso, que se adivinham as suas psicologias; todo o seu modo de ser, através a expressão de côr e de realidade que os anima. Desses o «Retrato de minha Mãe», «Dr. Avelino Monteiro», «Madamoiselle C. J.» e outros, cujos titulos não ocorrem. A vida portuguesa retrata-se nas suas telas com uma tal poder descritivo de costumes e de paisagem, que não é facil reproduzi-la aqui. Aquele «Batizado na aldeia» que encanto! Que poder de evocação!... «Os gaiteiros», «O vagabundo» transportam-nos para longe desta atmosfera viciada; dão-nos a ilusão de que respiramos, á luz sem peias do sol lavado, o ar puro impregnado do olor saudavel e bom, vindo do seio fecundo da «Terra Mãe» dessa campos de encantamento e de lenda, maravilhas do nosso Portugal! Os «Cristais» e «Um trecho interessante» são dois interiores que prendem. No primeiro, que tecnica extraordinaria, que verdade e que relevo o desses cristais dispersos! No segundo, sente-se o enlevo que a leitura — um mistério — devia ter produzido no pintor — o modelo — para que, trabalhando, se quedasse suspensa daquelas labios finos de mulher. Mas de todos os interiores, guardamos de «Sá movar» uma impressão que dificilmente, que nunca, estamos certos, se dissolverá. O conforto, o sem-receio tranquilo que se espelha na expressão das três figuras, estamos tão muito ao fundo, é um incentivo para que os transviados busquem, na paz do lar, o sossego e a serenidade... Sobre a mesa, as pratas e os cristais, em desordem, rebrilham, de mistura com o oiro que debrua chicaras antigas. E o samovar, cilindrico, esgulhante, aristocratiza o ambiente, como um padrão de outros tempos marcando ainda.

Era tarde. Despedimo-nos.

E Carlos Reis, que prepara o seu «atelier» com os quadros que vão embora, para receber na proxima semana alguns intimos, quiz ainda ter a gentileza de nos convidar.

Sim; voltaremos. Quinta-feira que vem, na sua totalidade — visto que algumas telas ainda ali não estavam — os nossos olhos, mais uma vez maravilhados, terão ensejo de agradecer ao Mestre a graça de lhes ter permitido admirar os seus milagres de côr.

Fevereiro de 1922.

Silva Tavares

QUESTÕES COLONIAIS

Varios perigos ameaçam Moçambique

Mas o peor de todos á a permanencia do sr. dr. Brito Camacho nas funções : : : : de Alto Comissario : : : :

Não ha modernamente exemplo de tão completa falencia dum homem publico como ha do Alto Comissario da provincia de Moçambique. Governou a Provincia a partir dum uso discrecionariamente, pois que o conselho legislativo nem sequer está ainda constituido a acção administrativa do sr. Brito Camacho tem-se feito sentir duma maneira nefasta e prejudicial aos interesses gerais daquela nossa colonia, chegando as coisas até ao ponto do comercio ameaçar de fechar os seus portos e cessar todas as transacções.

Julgou o Alto Comissario que a administração colonial é «sciencia infusa» e dirigiu-se a Moçambique com umas ideias na cabeça e inteiramente desajudado de homens competentes e conhecedores da provincia a que o seu desmedido orgulho o impediu de recorrer. O resultado não se fez esperar, e desde o contracto Horaug ao ultimo regulamento de contribuição comercial e industrial, tem a sua incompetencia revelado-se absolutamente e não tem a sua habilidade para o desempenho do seu elevado cargo. Dahi vem a situação tensa que as ultimas noticias de Moçambique revelam, entre as forças vivas da colonia e o Alto Comissario, o qual redundará em prejuizo grave dos interesses da provincia, senão em perigo serio e iminente.

A metropole não pode alhear-se do que está ocorrendo naquela nossa riquissima colonia, sob pena de acordar, tarde do mais quando haja de prover de remedio á situação que todos os dias se vai agravando de modo lamentavel e inquietador.

As circunstancias melindrosas em que pela sua vizinhança se encontra a provincia de Moçambique, não comportam adaptações de noviços em tão elevadas funções e largas atribuições.

A desnacionalisação da colonia vae-se acentuando cada vez mais, poderosamente auxiliada pelo regimen da moeda em curso na parte sul. A questão monetaria, que só se ventila há muito tempo, não mereceu ao sr. dr. Brito Camacho a menor atenção, parecendo porisso que acho bem que por lá corra a moeda inglesa, valorisando em desproporção o oiro, e facto, é pelos indigenas desprezada, servindo-lhes até do tema para mofar da soberania portuguesa. Para se não dar ao trabalho de estudar e resolver tão importante questão, prefiriu aceitar como bom aquilo que até ali se tinha feito no sentido de estabelecer um regimen monetario de bom ouro, sem haver ouro, e com o unico fim de pagar em ouro ao funcionalismo que assim teve os seus vencimentos excessivamente aumentados á custa dos que por lá mourejam, num improbo trabalho para produzir qualquer coisa.

Para custear o exagero do aumento do despeza que para os cofres da colonia derivou dessa especialissima situação do funcionalismo, tem o Alto Comissario sobrecarregado com direitos e impostos «pagos em ouro» todas as fontes e meios de produção e circulação da riqueza colonial. E o que é peor é que com uma inconsciencia e desconhecimento completo da verdadeira situação em a provincia se encontra em face da Africa do Sul, fala-se no Boletim Oficial no pagamento de contribuições e impostos em «libras, shillings» e «pences», como se na verdade a colonia fizesse já parte da União, e permitase, com desprezo de todas as conveniencias e até da letra de contratos em vigor, que em Lourenço Marques tenham curso as notas inconvertiveis dos Bancos ingleses que ali tem as suas filiais estabelecidas.

Lourenço Marques pretende dominar, e domina de facto sob varios aspectos, toda a provincia, querendo impor o regimen ouro, «sem ouro», aos distritos do norte que trabalham e produzem, mas aos quais não convem de modo algum o estabelecimento de tal regimen que se cifraria na obrigação do pagamento da mão de obra indigena em ouro, o que arruinaria toda a agricultura.

E o Alto Comissario subordina-se ás exigencias do funcionalismo da capital da provincia, mantendo-lhe uma situação privilegiada á custa do lançamento de impostos, direitos e contribuições, «pagos em ouros», sobre todos os produtos agricolas coloniais, pesando com mão de chumbo na economia da colonia.

O desvairamento chegou a tal ponto que os produtos ultraginosos pagam direitos de exportação em ouro, não em relação ao seu valor de origem, mas em relação á cotação que tiverem nos mercados das sua destino, pagando assim direitos sobre o frete, seguro, transporte e mais encargos que pesam sobre aqueles produtos.

Coisas economicas do sr. Brito Camacho!

A circulação fiduciaria é actualmente insuficiente para o volume de negocios, sendo enorme a escassez de notas e cedulas de pequeno valor que por vezes só se adquirem com agio que chega até 75 por cento.

O regimen de terrenos que o Alto Comissario tem procurado estabelecer por tentativas de aprendiz, pois já por duas vezes o modificou, cada vez corresponde menos ás necessidades da agricultura e o diploma do regimen florestal é um documento precioso para demonstrar a incapacidade e inexperiencia daquele alto funcionario.

Ora a provincia não pode estar á mercê de eventualidades que virão a influir perigosamente no seu futuro.

O sr. dr. Brito Camacho deu já as suas provas de incompetencia colonial, em quasi um ano de administração, de que resultaram para a colonia prejuizos importantissimos, como os que, por exemplo, derivam do malfadado contrato Hornung.

Que se espera, pois, para o substituir?

Vai negociar-se o novo convenio com o Transval. E' uma questão muito complicada donde podem advir enormes prejuizos para a provincia, se as negociações não forem bem conduzidas; pode ser até a ruina da colonia. Confiar as negociações ao sr. dr. Brito Camacho, inexperiente e incapaz, é uma loucura.

E, enquanto ele lá estiver, não será facil encontrar um homem competente que queira assumir a responsabilidade de tais negociações.

Que se espera, pois, para o substituir?

O misterio dos 50 milhões

O sr. Barros Queiroz já expoz claramente a sua opinião ácerca da famosa «escroquerie»

O sr. Barros Queiroz que presidia ao gabinete ministerial quando deflagrou o escandaloso negocio dos 50 milhões de dollars, referiu-se recentemente nos seguintes termos a esse caso:

«O maldito contrato. Eu sabia que ele não produziria nada. Mesmo que os negociadores desse contrato tivessem o fomigerado credito quem me garantia que o paiz não seria explorado na compra dos produtos que o mesmo contrato facultava? Era necessario muita cautela. Podiamos fugir das garras dos homens de Angras mas iriamos cair nas dos fornecedores americanos. Por isso eu procurei manter certa reserva, enquanto as coisas não se definissem bem. Resultado: — cá fora atacavam-me, sustentavam a opinião publica. E o interesse desse contracto e da opinião publica sugestionada fizeram-se trafi[cancias] miseraveis. Explorou-se criminosamente com as cambiais.

A conferencia de Washington

O encerramento dos trabalhos

WASHINGTON, 13.—O encerramento dos trabalhos da conferencia foi realisado na presença duma multidão enorme de espectadores.

A entrada no Memorial Hall, era por bilhetes, o publico apinhava-se por toda a sala até aos corredores e galerias. O publico assistiu á assignatura, pelos delegados do Tratado Naval das Cinco Nações, do Tratado dos Gazes Asfixiantes, do Suplemento da Quadrupla Aliança e dos Tratados Chinezes.

Um discurso de vinte minutos pelo presidente Harding, encerrou a sessão.

Os delegados e os assistentes interromperam amiudadas vezes o discurso presidencial, especialmente, a passagem em que o presidente frisou que a Conferencia havia mostrado uma nova e melhor epoca no progresso da humanidade.—(Int. Am).

A ilha de Yap

WASHINGTON, 13.—Os representantes dos Estados Unidos e do Japão assinaram hontem o tratado sobre a ilha de Yap.—(R).

O tratado das quatro potencias no senado americano

WASHINGTON, 13. — A comissão dos negocios estrangeiros do senado esteve no sabado discutindo durante umas horas o tratado das quatro potencias sem chegar a uma decisão. Os senadores Borch e Johnson disseram que não estavam dispostos a deixar-se influenciar pelo discurso de Harding e que tirariam as suas conclusões independentemente, o que, a não ser que os tratados de Washington fossem melhores que o de Versailles, se oporiam a sua aprovação.—(R).

A nova organisação da Guarda Republicana

Para o bom desempenho duma das mais importantes das suas multiplas funções, que tal é a do policiamento de povoações e proteção da propriedade rural, a G. N. R. disseminada já hoje por quasi todo o paiz, não consegue ainda ver essa serviço completamente montado, não se fazendo sentir eficazmente a sua acção em muitos pontos, estando ainda outros absolutamente desprotegidos, por falta de pessoal com qualidades apropriadas, apezar dos bons dezejos do seu comando geral e dos instantes pedidos que lhe teem sido feitos.

Para que a Guarda Republicana possa vir a desempenhar cabalmente a sua alta missão, completando a sua rede de postos e dando aos já montados os elementos necessarios para uma policia eficiente, torna-se absolutamente necessario completar, dentro dos recursos orçamentais, os efectivos das suas unidades, ainda muito incompletas, e conseguir que esses efectivos sejam completados com praças alistadas voluntariamente.

Nesta ordem de ideias o ilustre comandante geral, sr. Vieira da Rocha, determinou que se procedesse desde já a esse alistamento voluntario das praças licenciadas e das reservas do exercito que satisfaçam ás seguintes condições: ter instrução militar, qualquer que seja o seu grau de habilitações literarias, com mais de 20 e menos de 35 anos, não tendo mais de 5 dias de prisão disciplinar, 10 dias de detenção ou 16 guardas nos ultimos 3 anos; ter 1,m58 para as tropas apeadas e 1,m64 para as montadas, bom comportamento, atestado em certificado de registo criminal e do administrador do concelho confirmando que é republicano; ser julgado apto pela junta da G. N. R., onde for inspeccionado. São preferidas as praças que tenham feito parte do C. E. P., ou das expedições ás colonias e seja igual o posto que tiverem no exercito ou na armada, serão admitidos como praças de 2.ª classe, passando á 1.ª classe, no fim de 180 dias de serviço efectivo na Guarda, sem impedimento algum e com bom comportamento, sendo obrigadas a servir por 3 anos. As praças que estejam na situação de reserva ou licenciadas e pretendam alistar-se deverão apresentar-se com a respectiva caderneta militar e os documentos comprovativos do seu comportamento civil e do fé republicana em qualquer dos batalhões aquartelados em Braga, Porto, Coimbra, Evora, Santarem ou no Quartel do Carmo, em Lisboa, onde serão inspeccionados e alistados com destino ás unidades de Lisboa, as que satisfizerem a todas as condições pódendo ser transferidas para unidades aquarteladas fóra da capital e, tanto quanto possivel, nas localidades, que mais lhes convenham de fazerem, pelo menos, 180 dias de serviço em Lisboa, onde existem escolas para a instrução das praças analfabetas.

Todas as praças alistadas voluntariamente gozarão das regalias já existentes na G. N. R. e que veem a ser, a acquisição de generos alimenticios nas cantinas dos quarteis, direito a transporte, por conta do Estado, desde as terras onde habitam até áquela onde prestarão serviço, e para as pessoas de familia que as acompanhem e respectiva mobilia. Teem direito a familia á assistencia medica e ao fornecimento gratuito de medicamentos pela farmacia da G. N. R., e ao auxilio da «Assistencia aos filhos de cabos e soldados» que concede leite ás creanças de peito que não possam ser amamentadas pelas mães, distribuição de subsidios em generos ás parturientes, protecção aos orfãos, fornecimento de roupas aos recemnascidos, livros de primeiras letras e vestuario ás creanças matriculadas nas escolas oficiais, facilitando-lhes a matricula, até aos 12 anos, nas escolas industriais e de comercio e procurando-lhes colocação depois de educados. Para completar a serie de todas estas vantagens determinou o Comando Geral da G. N. R. que se procedesse ao estudo e organisação de colonias balneares, de um Monte-pio para cabos e soldados e da fundação de um colegio privativo para os filhos das praças, que além dos seus razoaveis vencimentos tambem recebem gratificações por serviços remunerados no policiamento de teatros, praças de touros, bailes e cinemas.

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DAS AGUIAS MORTAS

Vi-as ontem passar, caminho dos covais. Num recolhimento de preces o povo descobria-se quando passavam.

As aguias que morreram ingloriamente poisadas, traiçoeiramente pela mão do acaso, que não mais erguerão os seus vôos, asas abertas, olhando o sol, em descoberta de novas Indias, Indias de sonho e nuvens que se desfazem ao correr do vento...

Vi-as ontem passar...

E que profunda magua me invade ao fitar as aguias que morreram poisadas num tronco nú.

Aguias nascidas para voarem no alto em rasgos de heroicidade; para traçarem no azul as linhas dum destino que ha-de ser grande; para viverem a vida dos horizontes que não teem fim; aguias que ingloriamente feneceram sem o frémito dum sonho, sem a vertigem do mais alto, sem o encantamento do abismo.

O Destino tem por vezes uma enorme falta de talento.

E emquanto as aguias mortas ingloriamente passavam á minha frente eu via o sangue dos herois inutilmente derramado, sonhos quebrados e desfeitos antes de tomarem forma...

Que as aguias mortas repoisem e que as almas abrindo as asas subam até onde os corpos não lograram subir...

As aguias mortas... vi-as ontem passar...

BOTTO DE CARVALHO

* * *

Diz-se grande numero de vezes que na beleza, de tal ou qual artista de nomeada está o segredo do seu inexplicavel agrado. Entrevistado, a tal respeito, o velho director de um casino americano, M. Ziegfeld, respondeu á pregunta que o jornalista lhe fez:

— E' a beleza ou o talento que, nos nossos dias, faz rebrilhar no teatro?

— Não, ha exemplo — respondeu o entrevistado — que uma actriz chegue á gloria ou á riqueza, sómente graças á sua beleza ou á sorte. Se ela não trabalhar para chegar si, adeus, meu amigo...

«Eis as proporções que uma actriz deve atingir e que lhe são indispensaveis para conquistar o publico:

Inteligencia, 60 por cento; trabalho, 20 por cento; beleza, 15 por cento; e... sorte, 5 por cento... Mirem-se nisto as jovens estudiosas do teatro; os elogios, são, na maior parte das vezes, a sua perdição.

Se este americano viesse dizer isto para cá, estava arranjado...

* * *

Quando os exploradores chegam ao Monte, Everest, no Himalaya, e alcançam o logar denominado Rongbuk, divisam o «vale sagrado». Ali vivem, em verdade, cêrca de quatrocentos eremitas, a dentro das cavernas abertas nas rochas que cercam todo o vale.

Não chega, até ali, nenhuma noticia do mundo profano. Os eremitas vivem, tranquilos, sob reclusão, á sombra das escarpas gigantes do Gaurisankar, envoltos na contemplação das maravilhas da Natureza, em doce calma, numa paz absoluta!

Os animais que se encontram lá longe, neste recanto esquecido, são familiares e bons: a tal ponto — dizem os exploradores — que as aves poisam confiadas, junto dos recemchegados, comendo das suas mãos.

Homens e animais são amigos e vivem, tranquilos, nesse vale abençoado — o mais querido, por sem duvida, do nosso planeta.

* * *

As letras

O sr. dr. Asdrubal de Aguiar acaba de publicar em volume o «Exame Medico-Legal no Cadaver do Presidente da Republica dr. Sidonio Pais, no vestuario e na arma agressiva». Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

HORA DO PECADO

Os americanos

Chegam breve a Portugal
Seiscentos yankees loiros
Que vêm ver afinal
Este paiz de tesoiro,
(Deve ser talvez engano...)
Este jardim de alegrias
Onde ha rosas todo o ano
E espigas todos os dias.

Como ha quem diga — não sei —
Que deixa de haver electricos
Eu até já me lembrei
(Lembra-me estes casos tetricos)
Que apoz trabalhos insanos
— O caso não é p'ra rir —
Veem os americanos
Para os substituir...

TINTA PERMANENTE.

Em poucas linhas

Na direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste devia ser hoje condecorado com a medalha de merito, filantropia e generosidade o fogueiro de 2.ª classe Manuel da Cruz, agraciado por decreto de 12 de Dezembro ultimo. A cerimonia ficou adiada para 25 do corrente.

— O grupo de esquadrões n.º 1 da G. N. R., teve hoje de tarde exercicios no areal de Junqueira, findo os quais andou em passeio pelas ruas da cidade.

— A policia da esquadra dos Terramotos fez a noite passada uma rusga á referida area apreendo 22 navalhas, sendo uma delas de barba e um revolver dos usados pela policia, com 5 cargas. O seu detentor Manuel Lopes, travessa de Santa Quiteria, 38, loja, foi preso.

— Faleceu hoje o sr. Joaquim dos Santos Morques, guarda civico ao serviço do posto antropometrico do Governo Civil.

— O Comissario Geral da policia acompanhado de todos os oficiais da mesma corporação foram hoje á tarde apresentar cumprimentos ao sr. presidente do Ministerio e ministro do Interior.

Ecos & Noticias

FUNERAL

Realisou-se no dia 4 do corrente mez, o funeral da sr.ª D. Carolina Coelho, esposa do sr. Julio Vicente Coelho, funcionario da 4.ª Repartição da camara Municipal de Lisboa.

Manipuladores de pão

Numa assembleia geral tomam resoluções importantes

Em assembleia magna reuniram-se os manipuladores de pão e, as quais aprovaram uma moção do sr. José Maria Mojor, cujas conclusões são: que o governo estabeleça um peso minimo para cada pão destinado aos distribuidores; que aos moços não seja obrigatorio o uso de balanças e que os distribuidores não sejam considerados vendedores ambulantes.

O pessoal interno das padarias aprova as seguintes reclamações:

O direito da Associação dos Manipuladores intervir na admissão e despedimento dos operarios; os operarios serem colocados por escala, que será estabelecida por uma comissão de patrões e operarios; aumento de 50 ojo nos salarios actuais e estabelecimento da seguinte tabela de trabalho: Amassadores: fabricarão o maximo de 150 quilos de farinha; forneiros cozerão o maximo de trabalho a 3 amassadores; e o direito da associação fiscalisar estas disposições.

Brindes

Da importante casa de artigos de ferro, João Tomaz Cardoso & F.º, Sousa L.ª, da Rua Sá da Bandeira, 90, 92, do Porto, recebemos tres calendarios de parede para o corrente ano que muito agradecemos.

A vida eterna

O alem tumulo narrado pelos proprios mortos

A extraordinaria conversão de Conan Doyle

A vida é incontestavelmente bem curta. Se o não fosse, não andariam por aí os homens de pensamento a inventar uma outra, alem desta, onde se esteja completamente bem, vivendo o prolongamento da existencia terrena.

Na esperança de uma existencia melhor, que compense as adversidades da vida que ora temos, o espirito humano, passando as fronteiras naturais que a morte determina para ele, imaginou e tenta provar uma existencia ultra-tumular, onde, num paradoxo brilhante e amavel, a vida continua depois da morte.

Falem os sabios. Expliquem como melhor entenderem o novo misterio. As consciencias prudentes limitar-se-hão a ouvir o que por aí se vai descobrindo.

O sr. Henry Varigny sobre este assunto consagra na «Bibliotheque Universelle» dois artigos, referindo-se no segundo deles á recente conversão de Conan Doyle ao espiritismo.

O conhecido escritor inglez já publicou a "Nova Revelação", livro em que expõe a versão scientifica que o espiritismo dá da vida do além tumulo.

Conan Doyle a principio não dava credito aos fenomenos espiritas; mas em seguida a algumas sessões a que assistira, a sua curiosidade fez com que ele se dedicasse ás leituras espiritistas, e o facto de alguns escritores como Crooks, Wallace, Flamarion defenderam o espiritismo emquanto Darwin, Huxley, Tyndall, Spencer o atacavam, fez-lo pensar que a doutrina em questão merecia serio estudo.

Duas comunicações fizeram uma profunda impressão sobre o autor: uma, de uma joven desconhecida, que morrera havia cinco anos e se fizera reconhecer por uma senhora, sua companheira de colegio presente á sessão, indicando exactamente o nome da directora desse colegio.

Essa senhora revelou muitas particularidades ácerca da vida dos espiritos. Segundo ela, no além tumulo não se sofria; gozavam-se prazeres honestos como por exemplo, a musica etc... e era-se mais feliz do que na terra.

A outra comunicação, de um oficial morto na Africa, livre pensador durante a vida, dizia que os espiritos vivem em familia.

Conan Doyle, continuou os seus estudos, opondo aos protestos dos pastores protestantes o direito absoluto á investigação.

Como ex-naturalista, não experimentava simpatia alguma pelo cristianismo, o qual — diz ele — se não quizer desaparecer, tem evoluir, libertando-se dos seus mitos para voltar ao ensino da doutrina de Cristo.

Para Conan Doyle as indicações dos mediuns são concordantes e tranquilizadoras, e evidentes as provas da vida futura. Todos os mortos estão de acordo em declarar que a passagem para o outro mundo é facil e que nunca sofrimento, sendo seguida de uma profunda reacção de paz e bem estar.

Os mortos encontram-se num corpo espiritual semelhante ao material, mas sem doenças, nem fraquezas, nem deformidades; esse corpo vagueia perto do antigo, tem consciencia deste ultimo e das pessoas circunstantes.

Essa especie de materia, da qual nós, os vivos, não podemos ter ideia; é a que se manifesta nos casos de aparições; nós, em seguida, essa materia espiritualisa-se ainda mais, e é por isso que as aparições são sempre de pessoas mortas recentemente.

A vida de alem tumulo não é igual para todos. Não existe inferno; mas para as almas mais vis, existe uma especie de purgatorio, que pode ser abreviado pelos esforços dos espiritos superiores, e que é mais um hospital para as almas fracas do que uma casa de correcção.

Os mortos desinteressam-se completamente dos vivos quando os seus amigos e seus parentes proximos se lhes foram reunir.

Da resto a vida de alem tumulo é tambem de breve duração. Os mortos permanecem lá pouco tempo; passam depois por fases de evolução para esferas sucessivas sempre mais afastadas, de onde lhes é provavelmente impossivel mandar mensagens aos vivos.

Eis, pois, um facto consolador: não ha preocupações materiais, comida, dinheiro, sensualidade, dôres, etc. Todos andam vestidos... Ninguem fala: as comunicações fazem-se por meio do pensamento.

O sr. Henry Varigny, no referido artigo, toca em algumas questões interessantes.

— Porque é que os mortos não falam isto ou aquilo?

— Porque não podem; não são entes sobrenaturais.

— Porque é que não se ocupam mais de nós?

— Porque tem mais que fazer.

— Porque é que fazem e dizem tolices e ridicularias?

— Porque entre os mortos ha tambem espiritos vulgares, impostores e mistificadores.

Que devemos pensar desta doutrina? A Igreja assusta-se com os seus progressos e o numero crescente de adeptos que vem conquistando.

Mas encerrar ela a verdade?

O problema ahi está, na sua formula rudimentar como, aliás, todos os outros.

Se ha felicidade no outro mundo, onde nós poderemos penetrar depois de mortos, em que poderá consistir essa felicidade? Como imaginar a felicidade de quem já não existe?

Falem os sabios. Só eles conseguirão baralhar cada vez mais as coisas da nossa vida...

MUSICA

S. Carlos

BOHEME

Por motivos bem alheios á nossa vontade só hoje podemos dar a nota da representação da «Bohéme» em S. Carlos, realisada pela primeira vez na quarta-feira da passada semana.

No entanto, atendendo a que mais vale tarde do que nunca...

...Gui dirigiu a orquestra o para ele vão os maiores aplausos.

Dificil se torna conseguir tirar mais efeitos da partitura de Puccini.

E a «Bohéme» que caiu no ouvido do nosso publico e que se banalisou no assobio de toda a gente teve na interpretação que Gui lhe deu fôros de obra nova.

A sr.ª Annita Conti que cantou muito bem foi quasi uma excelente Mimi.

A sr.ª Alma Bacci foi uma esplendida Musetto, com uma linda voz e representando muito bem. Esperamos com interesse vê-la em obra de maior responsabilidade.

Bagnariol continua sendo o tenor de linda voz que precisa ainda de preparação. Teve frases que disse com uma grande felicidade mas foi bastante desigual.

Eurico Roggio que se estreiava, alem de possuir uma bela voz, diz com muito intuição e represénta com á vontade acertado.

Cirino foi um Collino admiravel. Os seus grandes dotes de Artista foram mais uma vez confirmados. Foi notavel a forma como cantou a aria do ultimo acto.

Erauzkin bem.

E Spadoni edmiravel de graça e do detalhe nos seus papeis.

Côros muito bem, boa enscenação e guarda roupa menos que sofrivel.

B. C.

S. Luiz

ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUESA

Ora até que finalmente ouvimos este ano nos concertos do Teatro S. Luiz um original português.

A fechar a segunda parte executou-se a «Balada» para orquestra e piano de Freitas Branco.

Obra composta em 915 revela-nos grandes belezas.

Freitas Branco foi bem merecedor da ovação, que o publico lhe tributou.

O concerto de ontem foi dos melhores de esta temporada.

«Rosamonde» de Schubert e «Morte e Transfiguração» Strauss tiveram uma bela execução. A «Pavane pour une enfante defunte» de Ravel foi muito bem executada.

A 13.ª Sinfonia de Haydn teve uma bela interpretação do que destacaremos o segundo e o terceiro andamento tendo a orquestra executado o quarto andamento sem regencia o que lhe valeu uma quente ovação.

A canção de Solocij de Griez correctamente executado teve honras de «bis».

A fechar a orquestra «Leonore» de Beethoven, o maestro Pedro Blanch inparcialmente, merece um aplauso unanime.

A orquestra apresentou-se ontem muito bem ensaiada e o facto de, finalmente, nos dar um original português merece referencias.

A sr.ª D. Maria Antonina Moreira, que executou a parte de piano de «Balada» de Freitas Branco revelou-se uma pianista de grande merito, com uma bela tecnica. Os aplausos que recebeu foram de molde a patentear bem o agrado que provocou.

B. C.

Companhia dos Tabacos de Portugal

Assembleia Geral Extraordinaria

2.ª convocação

Não tendo sido depositado numero suficiente de acções para a Assembleia Geral Extraordinaria poder funcionar no dia 2 de Fevereiro, é esta novamente convocada para ás 2 horas da tarde de 17 do corrente, a fim de deliberar, nos termos do artigo 40.º dos Estatutos, sobre os assuntos já designados para a ordem do dia da primeira convocação.

O deposito das acções continua a ser feito até ao dia 7 do corrente e a entrega das procurações deve ser realisada até á vespera desta segunda reunião.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1922.

O secretario da mesa da Assembleia Geral,

Henrique Carlos dos Santos Alves

A gripe em New-York

NEW-YORK, 13. — Em vinte e quatro horas houve um enorme aumento de casos de influenza nesta cidade, comparado com os do dia antecedente. Registaram-se 1129 casos de influenza, sendo 15 fatais. Deram-se no mesmo periodo 206 casos de pneumonica com 72 mortos. — (Lat. Am.)

ULTIMA HORA

QUESTÕES DO DIA

As razões do sr. Afonso Costa, expostas pelo sr. Germano Martins — Emfim: Lux facta est!

Nada se sabe ainda, ao certo, acerca da atitude que o governo pretende tomar quanto á publicação, reclamada pela opinião publica, da correspondencia trocada entre o Chefe do Estado e o sr. Afonso Costa, a proposito da ultima crise ministerial.

Consta-nos que o governo deseja tornar do dominio publico toda essa telegrafica prosa. E, se ainda o não fez, é porque os interessados, sem exclusão, talvez, do Chefe do Estado, o não desejam. Sendo assim, mau é.

O sr. Afonso Costa já reconheceu, aliás, que não deve conservar-se mudo o quedo.

E não querendo falar directamente ao povo, deu homem por si, o qual foi o sr. Germano Martins. O Director Geral do Ministerio da Justiça expoz ontem no «Diario de Noticias» as razões em que se fundou o sr. Afonso Costa, para não acedor aos instantes pedidos do Chefe do Estado. E são duas as razões do teimoso homisiado.

Reside a primeira na oportunidade do regresso, oportunidade da que só o sr. Afonso Costa quer ser juiz. Não ha, pois em Portugal um chefe de Estado que resolve sobre as oportunidades dos remedios a aplicar ás doenças nacionaes; não ha um parlamento, elemento primario para que o chefe de Estado avalie das tais oportunidades; não ha uma opinião publica, que leve os seus echos até ás ante-camaras presidenciaes ou ministeriaes; não ha uma imprensa, que sente e faz vibrar a expressão da vontade popular; não ha, finalmente e em resumo, um Estado organisado; não ha nada! Mas ha o sr. Afonso Costa, que queima as pestanas estudando em Paris, no seu palacio de Avenue Mac-Manon, a decifração do problema das oportunidades, até agora insoluvel.

Tem-se feito grandes descobertas, muitas delas originadas do poder das alavancas surpreendido por Archimedes. O sr. Afonso Costa procura, talvez, engendrar uma alavanca capaz de dar solução ao complicado problema das oportunidades, problema que desde ha muito tempo excessivamente, talvez patologicamente, o vem afligindo. Suspeitamos, aliás, que as suas investigações scientificas giram agora em torno dos «metros» (dinamometros pluviometros, chronometros, dolarsmometros etc.) e que está por um fio a descoberto do engenho, graças que o grande exilado voluntario ha-de saber o momento preciso em que lhe convem acudir ás angustias da Patria. Então, ele descerá até nós!

Outra razão (sempre segundo o sr. Germano Martins) é porque não quer intervir na destrinça das responsabilidades dos crimes da «Noite Tragica».

No tempo, já bem longiquo, em que servimos no exercito, davamos tambem destas razões. Por isso nos promoveram, por distinção, a cabo de esquadra. E é por efeito dessa pratica da mocidade, que estamos habilitados, como poucos, a compreender esta ultima razão do sr. Afonso Costa.

Quando este homem publico esteve, em setembro ultimo, na Serra da Estrela, disse da sua justiça acerca do caso dos 50 milhões de dolars. Foi no «Mundo» que o sr. Vasco Borges, atual ministro do Trabalho, expoz umas outras razões do sr. Afonso Costa. Arquivou-se, então e por todos os efeitos, a confissão do sr. Afonso Costa, verdadeiro grito de alma, que depois se procurou inutilmente corrigir: o sr. Afonso Costa aspirava á conquista da plenitude das funções politicas, isto é, á ditadura. Dir-se-hia que o sr. Afonso Costa conhecia os «dessous» do movimento, que então estava em ponto de rebuçado, e que veio a deflagrar no pronunciamento militar de 19 de outubro, causa ocasional dos morticinios da pavorosa noite. E tanto isto parece ser assim, que pela Serra da Estrela andou tambem, em doce veligiatura, o sr. Armando de Azevedo, que confraternizou com o ilustre expatriado, segundo disseram outras gazetas, que não a Capital. Por isso o sr. Afonso Costa se quer conservar afastado do Poder e longe de Lisboa, emquanto as justiças por cá vão empreitando, cada vez mais, os implicados misterios da «Noite Tragica».

Mas descance a Nação. Logo que sejam quatro ou cinco gerações passem toneladas e mais toneladas de tranquilidade publica, aparecerá, num fim, o sr. Afonso Costa, subindo magestosamente as escadas da Presidencia do Ministerio. E não se receie o fugio do tempo, que é impotente, contra o sr. Afonso Costa, como o é, tambem, contra todos os simbolos.

Conselho de ministros

O conselho de ministros, reunido hoje, ocupou-se da redação definitiva do decreto estabelecendo as normas para as requisições a fazer para pagamento «en nature», da indemnisação devida pela Alemanha, e ainda, alem de outros assuntos administrativos, deliberou que pelo Ministerio do Interior seja nomeada uma comissão, constituida de representantes das camaras municipais e forças economicas do paiz, a fim de estudar um projecto de lei, para ser presente ao Parlamento, harmonisando a situação financeira das camaras municipais com a supressão do imposto «ad valorem».

POLITICA

Ha divergencia de opiniões no seio do gabinete. — Mas, por emquanto, não ha crise...

Nos jornais da manhã surgiu a noticia, manifestamente de caracter oficioso, de que se ia encarregar um magistrado judicial de presidir, superiormente, ás investigações acerca dos crimes da «Noite Tragica».

Efectivamente é essa — ou era... — a opinião do sr. Antonio Maria da Silva. As nossas informações dizem que nem todo o governo comunga nas mesmas ideias. No discurso que o sr. Antonio Maria da Silva pronunciou em resposta ás saudações do sr. Cunha Leal, por ocasião da transmissão de poderes deste áquele, já é obesidade do actual governo deixou transparecer a opinião de que se não devia continuar na confusão de poderes do Estado, como ele, chefe do governo parecia considerar a função que actualmente desempenha o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Nestas condições, não foi para nós uma surpreza a noticia da proxima nomeação dum juiz para a continuação e finalização dos trabalhos de investigação.

No conselho do ministros que hoje se realisou, o ponto de vista do sr. presidente do Ministerio não foi unanimemente adoptado. Cremos mesmo que, contra ele, se pronunciaram alguns colegas. Nessas condições, é bem possivel que a nomeação do tal magistrado não esteja iminente, se não tiver já sido completamente posta de parte.

Entre alguns politicos, afectos ao governo, dava-se, todavia, como resolvida a nomeação do sr. dr. Almeida Ribeiro, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, para presidir ás investigações. Outro nome ainda se apontava, mas tão contra-indicado, que nos parece proferivel não lhe fazer, por emquanto, a menor alusão.

Sabemos tambem que a volta face que se pretende ou pretenden imprimir ás investigações desagradou a gregos e troianos. Os srs. governador civil de Lisboa e general comandante da Guarda Republicana estiveram, de tarde, no Ministerio do Interior e as suas visitas não devem ter sido motivadas senão por esses descontentamentos, aliás em voz alta manifestados a cada esquina. Inclusivamente sobre o ponto de vista parlamentar, pode o incidente vir a ter bastante influencia.

Quer tudo isto dizer que o governo se encontra em crise? Não, manifestamente.

Significa apenas que a harmonia no seio do gabinete ministerial não é perfeita, principalmente no que se refere á questão do momento, que é, sem duvida, tudo quanto se relaciona com a investigação dos crimes da «Noite Tragica».

Referentemente á ordem publica nada ha, por agora, razão para alarmes. Todos reconhecem, esta tarde, que era do supremo interesse nacional manter a paz das ruas e das praças publicas.

A noite sangrenta

Na Torre de S. Julião continuam presos os oficiais que conforme referiram os jornais foram detidos ante ontem por ordem do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Ao contrario do que se dizia, hoje não se efectuou nenhuma prisão, tendo o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque conferenciado largo tempo com o sr. presidente do Ministerio.

Na Arcada correram varios boatos sobre a situação dos oficiais presos em S. Julião da Barra; havendo quem afirmasse que seriam todos soltos em breves dias porquanto no processo não existem, segundo se diz, acusações contra eles.

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque esteve ouvindo o coronel sr. Manuel Maria Coelho, general sr. Vieira da Rocha, majores Marreiros e Abranches e o sr. Afonso de Macedo.

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque mandou fazer as prisões dos oficiais que se encontram em S. Julião da Barra, simplesmente por «indicios» e que não impede que os envie para os tribunais de Santa Clara e da Marinha, devendo essa remoção realisar-se por todo esta semana.

A gréve dos maritimos

Ainda não foi solucionada a gréve dos maritimos, continuando as «demarches» nesse sentido.

Nas respectivas associações de classe se reuniram hoje os maquinistas fluviais, moços e marinheiros da marinha mercante e inscritos maritimos.

Uma comissão delegada do pessoal em gréve procurou novamente o sr. ministro do Comercio para que ao pessoal dos T. M. E. sejam pagos os dias em atraso.

Uma representação ao sr. ministro da Justiça

Uma comissão de proprietarios e contribuintes de Alpiarça vai entregar uma representação ao sr. ministro da Justiça, pedindo a publicação de qualquer diploma que actualise a renda das suas terras na mesma proporção em que foram actualizadas as contribuições.

Novo Ministro da Justiça

O sr. dr. Catanho de Menezes, que já se encontra em Lisboa, só amanhã á tarde tomará posse do cargo de ministro da Justiça.

Marinha de Guerra

Largaram hoje do Ponto Delgada, para Lisboa, o cruzador «Republica» e para o Funchal, o cruzador «Vasco da Gama».

TEATRO

Nota do dia

Concursos

No sabado realisou-se a reunião do juri que devia apreciar os cartazes apresentados á empreza do Politeama, para uma peça portugueza prestes a subir á scena.

Não tocando mais na ideia que presidiu ao «certamen» e que de passagem voltaremos a louvar, pois todas as iniciativas deste genero merecem louvor, louvor extremo até, se nos lembrarmos que os premios pecuniarios distribuidos pela empreza eram iguais aos que o governo da Republica atribuia aos cartazes para a exposição do Rio de Janeiro; não tocando na ideia, diziamos, queremos porém ainda dar duas opiniões sobre os concursos em Portugal, quer para cartazes, quer para qualquer outra manifestação de arte.

Os juris não comparecem, ou quando comparecem é tarde e más horas. Porque? Porque em geral são solicitados por favor e não vale a pena perder tempo com estas ninharias.

Os «concorrentes» não cumprem em geral as indicações que recebem; tem que haver sempre tolerancia para que a maioria não fique excluida por pequenos nadas.

Os «descontentes»... são todos. O juri recebe—como este—cartas anonimas, ameaçadoras, insultuosas, fazendo pressões.

O «sigilo»... é uma utopia. Quando ante-ontem passavamos defronte dos cartazes expostos, duas horas antes da reunião do juri, o «cicerone» amavel ia dizendo: este é do Amarelhe, este é do Almada Negreiros, aquel: do Sanches de Castro, aquele outro do Leitão de Barros.

E se acrescentarmos que o amavel «cicerone» era do juri, teriamos chegado á conclusão que a condição tantas estipulando que era necessario uma divisa, um envelope e o nome oculto do autor no fundo do mes o, é uma maçada «pró-forma» sem utilidade alguma.

Nós tomamos todas as ideias boas do estrangeiro, cultivamos até algumas originais concepções; mas somos, pela brandura dos nossos costumes, incapazes de manter uma norma ou de permanecer inflexiveis numa resolução.

De resto passando tambem a limpo a nossa opinião, embora ninguem a pedisse, diremos que o nosso voto iria para o cartaz premiado. De toda aquela macacada, desde o imaginoso que fez para a «Casa encarnada» um homem com casaca azul, do «tailleur» de casacas tauromaquicas, do cartaz de caricaturas, do rotulo de garrafa, da capa de musica para piano, ao homem da mão morta, o unico que conseguia dar algumas interpretações ao ambiente, talvez á peça, era o «Inferno» vermelho, amarelo, confuso, alucinado.

Sem que tenhamos nada com o caso, sempre diremos que nenhum dos concorrentes quiz dar no seu cartaz uma sintese da peça, mas tão somente apresentar um personagem, quiçá o principal? E assim Almada Negreiros foi o unico que movimentou o seu trabalho.

Como cartaz seria melhor um outro que lá havia, com uma peça vermelha, a casaca e um teclado, mas o juri parece que se esqueceu de que se tratava dum concurso de cartazes e premiou o melhor trabalho artistico.

Mas exactamente porque fazemos justiça ao juri, classificando o que devia, e que não achamos certo e até desnecessario, a falta de cumprimento rigido, das condições do concurso, relativamente ao absoluto desconhecimento do nome da autores dos trabalhos. Oxalá, no entanto, que as outras emprezas, para um caso semelhante ou para outros fins, sigam o exemplo da nova empreza do Politeama. As pequenas censaborias, as cartas anonimas, os entraves são inerentes a todas as novas iniciativas. E o facto fica, a nota de vida, de interesse ficou. Passou-se qualquer coisa que produziu trabalho, ideias. E' o bastante. E' tudo.

ARMANDO FERREIRA.

Primeiras Representações

TEATRO DE S. LUIZ—A Velha Viuva ou uma Nova Anna, *pela empreza Vasconcelos, L.da*

Com que interesse e com que ingenuos sorrisos a hidra de mil cabeças que se sentou no sabado no S. Luiz, acolheu a «Viuva Alegre»! Ana de Glavary está muito bem conservada ainda; conheci-lhe a ascendencia quasi toda, a D. Ausenda, a alegre D. Cremilda, até houve uma com Pancada, e remotamente a Viuva Bastos. Pois a herdeira actual, Anaïdina Glavary de Sousa, conserva a tradição da familia: canta, seduz, continua a deixar prender-se pelo Danilo, embora ele use como o sr. Sales Ribeiro, um chapeu alto afunilado muitissimo montenegrino, e tenha má... representação. Veste com elegancia, usa pasta Hop naquela fiada de lindos dentes e manda distribuir champagne Lamego com uma prodigalidade rialmente milionaria. A rica viuva foi vitima de valiosas prendas porque, é sabido, quando as artistas fazem festas recebem sempre presentes. E a festa decorreu animadissima com um cunho regional muito caracteristico, com ornamentações e canções do Montenegro, tendo terminado á meia noite, a horas de se apanhar o eletrico.

Entre os convidados viam-se, o conde Danilo bastante nervoso a ponto de se engasgar pouco depois de entrar no Palacio da Embaixada, ostentando uma linda voz muito passada a ferro e o supracitado chapeu de raro bom gosto masculino.

Os convidados admiraram muito a sua colecção de «boquinhas».

A sr.ª embaixadora que nos lembra por vezes a robusta corpolencia de Beatriz de Almeida, trajava um vestido de raro brilho, pois a luz electrica aluminava todas as suas aplicações, sendo muito apreciada a sua voz de prata macissa e a desenvoltura com que convidava o sr. de «Roussillon» a ir ao pavilhão tirar o retrato.

Este dia, sem tirar nem pôr o sr. Fernando Pereira, bastante «Roussilon» mas muitissimo mais Pereira. Vestia de casaca e quando se passou ao jardim do baile, envergou uma farda montenegrina.

Quem apanhou uma turca foi o nosso conhecido Niegus cujo passado como mordomo de todas as raças não podia adivinhar que chegasse áquele estado.

Lamentou-se a ausencia do antigo secretario, o sr. Gomes do Montenegro do Largo da Trindade.

Quem está muito bem conservado é o embaixador Correia; tem feito a sua carreira naquele cargo. Ainda não foi promovido para outra embaixada, não por culpa de nós, mas talvez por falta de voz.

Entre os convidados lembra-nos ter visto os srs. Viana, Ribeiro, Sousa, varios outros novos ricos, gente que mal sabe vestir uma casaca e que não devia frequentar a sociedade.

Emfim á saida os felizes que foram á festa de Anaïdina Glavary de Sousa mais uma vez lhe ficaram devendo o grande obsequio de lhes proporcionar, ela só, uma noite bem passada.

No entanto é de esperar que os seus salões se fechem depressa pois a sociedade que recebe, a principiar pelo conde Danilo, deve dar-lhe algum desgosto fundo.

ARMANDO FERREIRA.

Noticiario

Portugal

No sabado realisou-se no Nacional, na presença de Bento Mantua, Vasco Mendonça Alves, Augusto Pina e outros auctores e gente de teatro, uma recitação de trechos de teatro por Gastão Alves da Cunha, irmão mais novo da familia. A impressão nos assistentes foi explendida. Boa oração, bela figura, voz cheia de ambiantes. E' provavel que venha a estrear-se breve no teatro, sendo natural que no «Nacional».

—Brazão que um forte ataque de «gripe» reteve no leito, acha-se melhor.

—Chagas Roquete está remodelando a sua «D. Lucrecia Borges», a figura principal talhada e composta para esse gentil e espirituoso temperamento de Lucinda do Carmo, vai ser modificado.

—Deve ser entregue hoje no S. Luiz a revista de André Brun destinada ao Carnaval.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Festa de Luiz Cesar de Lemos secretario do Apolo.

—Festa dos autores da revista «O 31» no Eden-Teatro.

AMANHÃ—Recita dos autores da «Bichinha Gata» no Salão Foz.

4.ª-FEIRA—No Teatro de S. Carlos «Boheme».

—O actor Teodoro Santos faz a sua festa no Terrasso com a peça de grande sucesso «O Jar do Forra», adaptação de André Brun.

5.ª FEIRA—Primeira de «Lohengrin» em S. Carlos.

A'S SEGUNDAS FEIRAS

Antologia portugueza

Antero de Quental

Causas da decadencia dos povos peninsulares

(Excerpto)

....

No principio do seculo 17.º, quando Portugal deixa de ser contado entre as nações, o seu desmorona por todos os lados a monarquia, anomala, inconsistente e desnatural do Filipe 2.º; mundo a gloria passada já não pode encobrir o ruinoso do edificio presente, e se afunda a Peninsula sob o peso dos muitos erros acumulados, então aparece franca e patente por todos os lados a nossa improcrastinavel decadencia. Aparece em tudo, na politica, na influencia, nos trabalhos da inteligencia, na economia social e na industria, e como consequencia de tudo isto, nos costumes. A preponderancia, que até então exerceramos nos negocios da Europa, desaparece para dar lugar á insignificancia e á impotencia.

Nações novas ou obscuras erguem-se, e conquistam no mundo, á nossa custa, a influencia de que nos mostrámos indignos. A coroa de Espanha é posta em leilão sangrento no meio das nações; e adjudicada, no fim de doze anos de guerra a um neto de Luiz 14.º.

Com a dinastia estrangeira começa uma politica antinacional, que envilece e desacredita a monarquia. E esse rei estrangeiro custa a Espanha a perda de Napoles da Sicilia, do Milanez, dos Paises Baixos!

Em Portugal, é a influencia ingleza que, por meio de cavilosos tratados, faz do nosso uma especie de colonia britanica. Ao mesmo tempo as nossas proprias colonias escapam-nos gradualmente das mãos; as Molucas passam a ser holandesas; na India lutam sobre os nossos despojos holandeses, ingleses e francezes; na China e no Japão desaberece a influencia do nome portuguez.

Portugueses e Espanhois, vamos de seculo para seculo minguando em extensão e importancia, até não sermos mais que duas sombras, duas nações espectros, no meio dos povos que nos rodeiam!... E que tristissimo quadro o da nossa politica interior! A's liberdades municipais, á iniciativa local das Comunas, aos Forais, que davam a cada população uma fisionomia e vida proprias sucede a centralisação, uniforme e esterilisadora.

A realeza deixa então de encontrar uma resistencia e uma força exterior que a equilibre, e transforma-se no puro absolutismo; esquecendo a sua origem e a sua missão, crê ingenuamente que os povos não são mais do que o patrimonio providencial dos reis. O pior é que os povos acostumam-se a crê-lo tambem! Aquele espirito de independencia, que inspirava o firme «si no, no!» da idade media, adormece e morre no seio popular. O povo emudece; negam-lhe a palavra, fechando-lhe as Côrtes, não o consultam, nem se conta já com ele. Com quem se conta é com a aristocracia palaciana, com uma nobreza cortezã, que cada vez se separa mais do povo pelos interesses e pelos sentimentos, e que, do classe, tende a transformar-se em casta.

Essa aristocracia, como um embaraço na circulação do corpo social, impede a elevação natural dum elemento novo, elemento essencialmente moderno, a classe media, e contraria assim todos os progressos ligados a essa elevação.

Por isso decai tambem a vida economica: a produção decresce, a agricultura recua, estagna-se o comercio, depereceem uma por uma as industrias nacionais; a riqueza, uma riqueza faustosa e esteril, concentra-se em alguns pontos excecionais, enquanto a miseria se alarga pelo resto do paiz: a população, decimada pela guerra, pela emigração, pela miseria, diminue duma maneira assustadora.

Nunca povo algum absorveu tantos tesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre! No meio dessa pobreza e dessa atonia, o espirito nacional desanimado e sem estimulos, devia cair naturalmente num estado de torpor e de indiferença.

E' o que nos mostra claramente em salto mortal dado pela inteligencia dos povos peninsulares passando da Renascença para os seculos 17.º e 18.º

A uma geração de filosofos, de sabios e de artistas criadores, sucede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores.

Saimos duma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre: entramos num recinto acanhado e quasi sepulcral, com uma atmosfera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores.

A poesia, depois da exaltação esteril, pobre, e artificialmente provocada do Gongorismo, depois da afectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nulidade do pensamento), cai na imitação servil e ininteligente da poesia latina, naquela escola classica, pesada e fradesca, que é a antitese de toda a inspiração e de todo o sentimento.

Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação teologica. Traduzir é o ideal: inventar, considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poetica é tanto mais perfeita quanto maior numero de versos contiver traduzidos de Horacio, de Ovidio. Florescem a tragedia, a ode pindarica e o poema heroico-comico, isto é, a afectação e a degradação da poesia. Quanto á verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguem se preocupava com isso.

A invenção e originalidade, nesta epoca deploravel, concentra-se toda na descrição cinicamente galhofeira das miserias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinaria. Os «romances picarescos» hespanhoes, e as «Comedias populares» portuguesas, são os irrefutaveis actos de acusação, que, contra si mesma, nos deixou essa sociedade, cuja profunda desmoralisação tocava os limites da ingenuidade e da inocencia do vicio.

Fóra desta realidade pungente, a literatura oficial e palaciana, expraiava-se pelos regiões insipidas do discurso academico, da oração funebre, do panegirico encomendado—generos artificiaes, pueris, e mais que tudo soporificos. Com um tal estado dos espiritos, o que se podia esperar da Arte? Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escurial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produziu o gosto pesado e insipido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas, e friamente correctas na sua falta de expressão, da arquitectura jesuitica.

Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou atingir o grande, simplesmente porque se fez o monstruoso, e a construção delicada, aereo, proporcional e, por assim dizer, espiritual, dos Jeronimos, da Batalha, da catedral de Burgos!

O espirito sombrio e depravado da sociedade reflectiu-se na Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a Historia uma incorruptivel testemunha de acusação contra aquela epoca de verdadeira morte moral.

Essa morte moral não invadira só o sentimento, a imaginação, o gosto: invadira tambem, invadira sobretudo a inteligencia.

Nos ultimos dois seculos não produziu a Peninsula um unico homem superior, que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da sciencia moderna: não saiu da Peninsula uma só das grandes descobertas intelectuais, que são a maior obra e a maior honra do espirito moderno.

Durante 200 anos de fecunda elaboração, reforma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a fisiologia, a quimica, a mecanica celeste, o calculo diferencial, a critica historica, a geologia: aparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey, os Bufon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico,—onde está, entre os nomes destes e dos outros verdadeiros herois da epopeia do pensamento, um nome espanhol ou portuguez? que nome espanhol ou portuguez se liga á descoberta duma grande lei scientifica, dum sistema, dum facto capital?

A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobretudo pela sciencia: foi sobretudo pela falta de sciencia que nós descemos, que nos degradámos, que nos anulámos. A alma moderna morrera dentro em nós completamente.

Cesario Verde

DE TARDE

Naquele «pic nic» de burguezas,
Houve uma coisa simplesmente bela,
E que, sem ter historia nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos
Nós acampamos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

SPORT

Coisas de box...

Ainda a proposito do match de box; que no Coliseu, disputaram Ruivo e Paustino, tenho que dizer duas coisas.

Disse aqui, que os boxeurs não estavam preparados para 15 rounds. Demonstrei que ó:a asneira fazê los lutar 15 rounds. Citei as criticas do match, feita pela quasi totalidade da imprensa. Fiz ressaltar a incoerencia do presidente da F. P. B., que fazendo a noticia do desafio, e apontando, a pouca energia, e a falta de combatividade dos atleticos, acabava por tirar a conclusão que ambos estavam em forma...

Pois Guedes, assim se chama o jornalista a que me refiro, bateu o pé, assanhou-se, chamou-me artista de circo, e incompetente...

Passou tempo, e hoje o jornal em que Guedes escreve, nesse artigo de responsabilidade da direcção, e dentro da propria secção que ele dirige, diz o seguinte a respeito do match Ruivo-Faustino:

«O juizo de todos os que assistiram ao match foi este: Os homens não estavam em forma».

E acrescenta que:

Nos ultimos rounds os adversarios estavam completamente esgotados.

Terminando que:

Os homens não podiam mecher-se.

Emfim o triunfo da verdade, ou chucha que é cana doce...

* * *

Rejubilo Guedes, porque traduziu desse jornal francez, que os arbitros da F. F. B., são competentes para dirigirem combates que sejam de amadores, quer de profissionais.

Mas não se lembra, ou não sabe, que a F. F. B. nunca recebeu dinheiro dos organisadores do passo que o F. P. B. recebe 50 escudos por cada match de amadores, e um tanto sobre a bolsa dos matchs entre profissionais.

Resumindo, dá um arbitro, e recebe dinheiro...

O que pode o amor ao sport...

RUY DA CUNHA

Automobilismo

O grande premio da Europa de carros e voiturettes, terá como premios algumas centenas de mil francos, cabendo ao vencedor 20 mil liras A prova é disputada em Milão.

Motociclismo

Um amador espanhol construiu uma bicicleta que é a primeira do genero, com seis cilindros, tres velocidades e marcha atraz, pesando 180 quilos.

O Sport no Vaticano

Sua Santidade Pio XI foi na sua mocidade um alpinista emerito, quando era professor na Universidade de Milão.

Fez a ascenção do monte Rose e do Zumstein.

Tem um livro com o nome de «Il Pericoli del alpinissimo», e publicou varios artigos no «Buletin do Club Alpino Italiano».

Natação

O americano Weismuler bateu o record do mundo dos 50 jardas em 23 segundos e 4 decimos.

Yatching

Para as eliminatorias da taça entre a Inlaterra e a America os americanos fazem correr 20 barcos de 6 metros de comprido.

Box

No mundo do box deu-se um caso curioso, o dum match de box entre dois padres, cujo produto reverterá para obras de caridade.

Law-Tennis

Os campeonatos do mundo começam a 16 de fevereiro em Saint-Moritz.

Estão inscritos os melhores jogadores da Dinamarca, França, Italia, Noruega, Romania, Suissa e Inglaterra.

Law-Tennis

O Sporting Club de Paris venceu o campeonato de Paris, batendo na final o Tennis Club de Paris por 8 vitorias a 7.

Foot-ball

Para as finais da Taça de França, ficaram em presença apenas trez equipes de Paris e cinco de provincia.

NOTICIARIO

BOX EM FARO

Faustino Pereira encontra a 18 do corrente, em Faro, o boxeur local José Costa.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE SPORT ATLETICOS

Não nos referimos á festa de inauguração da F. S. S. A., por não termos recebido convite.

FESTA ESCOLAR

A 8 de Março, os alunos do liceu Central de João de Deus de Faro, realisam uma festa de sport.

CLUB DOS CAÇADORES PORTUGUESES

No dia 17 do corrente, realisa-se neste club uma assembleia extraordinaria para apresentação das propostas de alterações nos estatutos e ao Regulamento das Delegações; e a reunir ordinariamente no dia 24 do mesmo mez, com a seguinte ordem de trabalhos: «Apreciação do Relatorio e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal e eleição dos corpos gerentes para o ano de 1922».

UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUESA

Na proxima 5.ª feira 16, do corrente, realisa-se na União Velocipedica Portugueza, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Eleger os corpos gerentes que devem funcionar no corrente ano, e o delegado ao Congresso da U. V. P.

2.º Discutir e aprovar o relatorio da comissão administrativa, relativo ao ano findo, e quaisquer propostas que lhe forem apresentadas.

Tambem se realisa a 23 do corrente o congresso dos delegados dos clubs filiados.

CASA PIA ATLETICO CLUB

Vae abrir este club aulas de box e luta, sob a direção respectivamente de Agostinho Andrade e Agostinho Santos.

Neste centro de sport já funcionavam aulas de ginastica e esgrima.

GRUPO FOOT-BALL IMPERIAL

Este club vae disputar um premio, entre grupos infantis.

A FESTA DE ANTONIO MARTINS

Por iniciativa dos socios srs. Albano Prazeres, Armando Bably, D. Pedro de Alarcão, Ruy Franco de Oliveira, Saturio Paiva e outros, realisou-se ontem, na sala do Sport do Gimnasio Club, uma homenagem ao professor de esgrima sr. Antonio Martins que esteve animada.

FOOT-BALL

Os resultados de hontem

O Imperio venceu o Internacional por 4 bolas a duas e o Sport Lisboa e Bemfica bateu o Sporting Club de Portugal por 1 a zero.

N.º 11 — Folhetim de A CAPITAL — 13 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Não me recordo do que lhe respondi. Sòmente me lembro que ele reflectiu e disse que no dia seguinte traria uma cartilha e começaria ensinando-me a ler. Esperei com impaciencia a cartilha. Sonhei toda a noite sem saber o que era uma cartilha.

Com efeito, no dia seguinte, meu pai principiou a ensinar-me a ler. Como compreendi logo o esforço que ele exigia aprendi muito depressa sobretudo porque isso daria prazer a meu pai. Foi esse o periodo mais feliz da minha vida de então.

Quando meu pai me felicitava pela minha inteligencia ou me acariciava a cabeça ou me abraçava, eu chorava de alegria.

Pouco a pouco meu pai foi-me dando uma certa afeição. Eu já ousava falar-lhe e muitas vezes conversavamos horas inteiras sem nos fatigarmos, ainda que eu, na sua maior parte não compreendesse uma unica palavra do que ele me dizia. Mas eu tinha medo dele; tinha medo que ele julgasse que eu me aborrecia junto de si; era por isso que com todas as minhas forças me esforçava por lhe demonstrar que eu entendia tudo. Por fim tornou-se num habito para ele passar todos os serões comigo. Logo que principiava a anoitecer ele voltava para casa. Aproximava-me dele com a cartilha. Fazia-me sentar na sua frente, num banco, e, terminada a lição, ele punha-se a ler um livro qualquer. Eu não compreendia nada mas ria sem cessar, pensando que lhe dava com isso uma grande alegria. Com efeito eu interessava-o e ele gostava de me ouvir rir. Por esta tempo, um dia, depois da lição, ele disse-me um conto. Era o primeiro conto que eu ouvia. Eu estava arrebatada. Ardia de impaciencia esperando o fim da historia; sentia-me transportada para um outro mundo escutando-a e quando ele acabou eu estava toda entusiasmada.

Não é que o conto tenha influido tão fortemente em mim, não; é que eu aceitava tudo como se fosse verdade, dando largas á minha inexgotavel fantasia que unia a realidade á ficção. Logo resparecia na minha imaginação a casa dos reposteiros encarnados, e, ao mesmo tempo, não sei como, o meu padrasto, tornou-se numa das personagens do conto que me contara, depois minha mãi, que nos impedia de fugirmos ambos para longe e até eu, eu propria, com os meus sonhos maravilhosos e a minha cabeça cheia de quimeras, todos nós lá estavamos, figurando na historia. Tudo isto se misturava a tal ponto no meu espirito, que cedo eu tinha na cabeça o caos mais extraordinario que se pode imaginar e durante um certo tempo eu perdia toda a consciencia, todo o sentimento do verdadeiro e do real e vivia, sabe Deus onde.

Por este tempo eu ardia de impaciencia por falar com meu pai do que nos esperava no futuro, sobre o que o esperava pessoalmente e sobre o logar para onde ele me levaria quando abandonassemos a nossa sotão. Eu, por mim, estava certa que isto se daria cedo, mas não sabia, ao menos, por que forma e isso atormentava-me e eu quebrava a cabeça a ver se o descobria.

A's vezes, é sobretudo á noite, parecia-me que meu pai ia chamar-me ás escondidas e que eu, sem que minha mãe me visse, pegava na minha cartilha e num crome pobre, que estava na parede á imenso tempo e qual tinha resolvido que nos acompanharia quando nos mudassemos para qualquer parte, e não voltaria a ver minha mãe.

Um dia em que minha mãe tinha saido escolhi uma ocasião em que meu pai estava um pouco alegre—isto dava-se geralmente quando ele bebia um pouco de vinho—aproximei-me dele e comecei a falar de qualquer coisa, com a intenção de conduzir a conversa para o nosso assunto predileto.

Quando consegui que ele risse, envolvi-o, apertando-o muito, com o coração a tremer, assustada como se me preparasse para dizer qualquer coisa de misterioso e terrivel, comecei, balbuciando a cada palavra, perguntando-lhe: «Para onde vamos? E é já? Que levaremos comnosco? Como viveremos? E iremos para a casa dos reposteiros encarnados?»

—A casa! Os reposteiros encarnados! Mas que estás tu a dizer minha tolinha?

Então ainda mais assustada, principiei a explicar-lhe que quando minha mãe morresse não viveriamos mais em aguas-furtadas; que ele me levaria para qualquer parte e ambos seriamos ricos e felizes. Lembrei-lhe que tinha sido ele quem me prometera tudo isso. Falando-lhe assim eu estava na realidade convencida que tinha sido ele quem me dissera estas coisas.

—A tua mãe morta? Quando a tua mãe morrer? repetiu ele olhando-me espantado e cara um pouco desfigurada e franzindo as suas espessas sobrancelhas esbranquecadas: que estás a dizer, minha pobre tontinha?

Falou muito tempo, tratando-me por creança estupida que não compreende nada... Não me recordo do resto que ele me disse, mas sei que ficou muito triste.

Eu não compreendia nada das suas censuras; não compreendia como lhe era penoso que eu tivesse compreendido palavras dirigidas por ele á minha mãe num momento de colera e de profundo desespero. Mas eu tinha-os retido e refletido muito sobre elas.

No entanto não compreendia bem porque motivo isso o agastava, fiquei aflita e desconcertada. Comecei a chorar. Parecia-me perceber que o futuro que nos esperava era tão importante, que uma creança estupida como eu não tinha direito de falar ou pensar em tal coisa. Por outro lado, ainda que não muito nitidamente eu percebia que tinha ofendido minha mãe. O medo e o terror assustaram-me e a duvida encheu a minha alma. Então, vendo que eu chorava e sofria, meu pai pôz-se a consolar-me; enxugou as minhas lagrimas com a manga do casaco e ordenou-me que deixasse de chorar. Durante um certo tempo ficamos assim ambos, silenciosos; com ar desgostoso franzidas ele parecia refletir. Depois, pôz-se a falar-me novamente, mas apesar de lhe prestar toda a minha atenção o que ele me dizia parecia-me estranhamente vago. Segundo algumas palavras dessa conversa de que ainda hoje me recordo, parece-me que ele me explicou quem era: um grande artista que ninguem compreendia, um homem de extraordinario talento. Lembro-me que, tendo-me perguntado se o compreendia e sem duvida satisfeito com a minha resposta, obriguei-me a repetir que tinha talento. Repeti. Então sorriu levemente, pode ser porque lá no fundo lhe parecesse toliçe estar a conversar comigo sobre um assunto tão serio.

A nossa conversa foi interrompida com a chegada de Carl Féodorovitch. Fez-me a rir porque meu pai designando-o recém-chegado disse:

—Ai tens Carl Féodorovitch que não tem nem dez reis de talento.

Este Carl Féodorovitch era um homem muito divertido. Via tão pouca gente por esse tempo que nunca o poderei esquecer: recordo-me dele como se ainda o tivesse visto ontem. Era um alemão.

O seu nome de familia era Mayer. Tinha vindo para a Russia com o desejo ardente de entrar para o corpo de baile de S. Petesburgo, mas era tão mau dançarino que o mais que lhe puderam fazer foi emprega-lo no teatro como figurante. Representava diferentes papeis mudos: na «suite» de Fortimbras ele era um dos vinte cavaleiros de Verona que, brandindo punhais de cartão, gritavam: «Morremos pelo rei!» Não ha no mundo um unico actor que se apaixone tão ardentemente pelos seus papeis como este Carl Féodorovitch. A desgraça de toda a sua vida era não ter sido admitido ao corpo de baile.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4003 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Terça-feira, 14 de Fevereiro de 1922 — Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A caminho da justiça

Está, ao que parece, inteiramente esclarecida a questão que nestes ultimos dias mais tem preocupado o espirito publico. Referimo-nos ás prisões ultimamente efectuadas sob o ponto de vista da intervenção e das faculdades que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, adjunto ao juizo de investigação criminal, tem no processo da noite tragica.

Em torno deste caso procurou-se levantar uma questão politica. Esse proposito, felizmente não vingou. E dizemos felizmente porque nada seria tão desastroso para nós como a deslocação desse gravissimo facto para fóra da esfera que lhe está naturalmente indicada.

Já hontem fizemos aqui a exposição das circunstancias em que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque foi encarregado do apuramento da verdade. Essas circunstancias foram com efeito especialissimas e por isso mesmo essa nomeação se explica por uma forma que dentro duma plena normalidade dificilmente seria admissivel.

Ao tomar conta do governo, o sr. Antonio Maria da Silva declarou que manteria o «statu quo ante». Não foi, com efeito, o actual chefe do governo que encarregou o sr. Alexandrino de Albuquerque. Não foi ele quem lhe conferiu atribuições judiciais.

Mas o sr. Antonio Maria da Silva entendeu que não podia modificar a situação creada, tanto mais que já se falava em capturas importantes, necessarias para o total apuramento das responsabilidades. Tudo quanto se fizesse, poderia assumir a aparencia de uma proteção a presumidos delinquentes num caso em que a consciencia publica não transige.

Não ha, pois, rasão alguma para uma exploração politica contra o governo. O sr. Antonio Maria da Silva não influe numa questão que na realidade se resume á investigação de crimes a que ninguem pensa em atribuir um caracter politico, porque na realidade só denotaram malvadez e em nada oram necessarios para a execução dos propositos revolucionarios.

Essa investigação ha de ir até ao fim, e, segundo consta, esse fim está proximo. Na parte referente aos oficiais presos diz-se mesmo que o sr. Alexandrino de Albuquerque vai dentro de trez ou quatro dias enviar todos os elementos da prova que possam estabelecer as suas responsabilidades.

O que é necessario, depois disto, é que o processo não se imobilise no tribunal que tiver de julgar os acusados. O que é preciso é que se dê uma reparação ao sentimento publico ofendido. O que é preciso é que não fiquem nas prisões durante largo tempo acusados que porventura venham no julgamento, a ser reconhecidos inocentes.

Em Portugal tudo emperra quando não se abate. Veja-se o caso da «Leva da morte». Não ha maneira de se efectivar o julgamento dum crime hediondo, cometido ha tres anos e meio. Veja-se o caso dos 50 milhões de dollars. Poz-se uma pedra em cima dessa escandalosa burla, que representa um dos episodios mais vergonhosos dos ultimos tempos.

O processo da noite tragica não pode ter o mesmo destino. E não haverá em Portugal uma hora de verdadeira tranquilidade, não haverá socego nos espiritos, emquanto a Republica não provar ao paiz e ao mundo inteiro que sabe castigar, sem atender a nenhum interesse nem se curvar a quaisquer pressões.

Lêr amanhã:

Antiqualhas Historicas

pelo prof. Ladislau Batalha

13 de Fevereiro

Fez hontem tres anos que foi restaurada a Republica no Porto depois de um mês de violencias cometidas pela Traulitania. E' uma data que os republicanos nunca poderão esquecer porque ela representa a mais verdadeira expressão de que o sentimento republicano continua a viver no coração do povo com o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos. As manifestações que se realisaram no Porto, comemorativas dessa data decorreram brilhantes e ordeiras.

Ecos da conferencia de Washington

O senado dos Estados-Unidos adia a discussão do acordo sobre o Pacifico

WASHINGTON, 14. — A comissão do senado adiou a decisão sobre o acordo das cinco potencias na questão do Pacifico. A oposição teve origem na obrigação moral imposta aos Estados-Unidos de, eventualmente terem de intervir pela força armada. — (R.)

PELA PASTA DA JUSTIÇA

Lei do inquilinato -:- -:- -:- Vadiagem dos presos

São dois assuntos que o sr. Catanho de Menezes -:- -:- vai dispensar a sua maior atenção -:- -:-

Como é sabido foi escolhido pelo chefe do governo para sobraçar a pasta da justiça o sr. dr. Catanho de Menezes, um dos advogados mais considerados no fôro português e que já ha anos num outro ministerio democratico dirigiu a mesma pasta.

Trata-se pois de um politico experimentado motivo porque os seus partidarios nele confiam, crentes de que o Dr. Catanho de Menezes, mais uma vez se sairá bem da espinhosa missão que lhe foi confiada.

O novo ministro da justiça que uma pertinaz doença conservou inactivo cerca de um mez e que entrou agora em franca convalescença só tomará posse do seu cargo daqui a uns trez ou quatro dias.

Fomos encontrá-lo hoje de tarde no seu escritorio da rua de S. Julião, onde alguns amigos pessôais e politicos o saudavam pelo seu restabelecimento ou o cumprimentavam por ter sido escolhido para fazer parte do governo.

Quem como nós conhece o Dr. Catanho de Menezes sabe muito bem que s. ex.ª não entra para o seu ministerio com as mãos a abanar como é vulgar dizer.

O novo ministerio tem uma grande bagagem, e caso o deixem trabalhar é natural que muito de util produza.

—Qual o programa de v. ex.ª inquirimos?

—Muito ha a fazer, por exemplo: organisação judiciaria, revisão da lei do inquilinato e olhar para a ociosidade ou vadiagem dos presos...

O jornalista ouvidos estes tres pontos dispõe-se a tomar as suas notas emquanto o sr. dr. Catanho de Menezes prosegue:

—Sobre organisação judiciaria, ou lhe digo, é mais ou menos o que consta de um projecto e hoje com algumas modificações que apresentei ás Camaras quando deputado em 1916.

«Um dos assuntos que mais me prende a atenção é a organisação do Jury Comercial que deve ser feita de modo que ofereça melhores garantias á indagação da verdade e consequentemente á boa administração da justiça. E' tambem necessario que os magistrados antes de desempenharem as altas funções de juizes, deem as provas necessarias de que estão habilitados a sentenciar diversas e dificeis hipoteses, que só podem ser bem julgadas pelo seu conhecimento profundo.

«Tambem ha a faser bastantes modificações nas leis do processo Civil, Comercial e Penal, de modo que sem prejuizo do indispensavel para a averiguação dos factos, corram com a maior celeridade, porque a sua demora inutilisa ás vezes o proprio beneficio das sentenças.

Os Interesses dos senhorios e as conveniencias dos inquilinos devem ser respeitadas

Após breve pausa o nosso interlocutor continua:

—«Um assunto que prende e com justa razão as atenções do publico é a questão do inquilinato. Esta materia é de grandes dificuldades pelas minuciosas relações juridicas que tem creado mercê dos diversos diplomas que a seu respeito se publicaram.

«Polo que me informam ha no ministerio da Justiça elaborado um projecto que começou a formular-se no tempo em que geria essa pasta o sr. dr. Vasco Vasconcelos e cujo trabalho continuou até á sua conclusão no tempo em que foi ministro o professor da Universidade de Direito de Lisboa sr. dr. Abranches Ferrão.

«Torna-se urgente um diploma que abrangendo todas as disposições concernentes aos arrendamentos se inspire no principio de respeitar por um lado os legitimos interesses do senhorio e por outro as justas conveniencias dos inquilinos. Estes, verdade é, que muitas vezes abusam demasiadamente das regalias que lhes foram facultadas, atentas as graves e excepcionais circunstancias economicas do paiz. Um dos mais palpitantes e contra o qual se revoltam justamente os senhorios é o da inqualificavel exploração que o arrendatario faz, alugando o predio ou parte dele por preço muito superior á renda mensal paga ao proprietario.

«E' mister, custe o que custar, acabar de vez com tal estado de coisas. Para isso será necessario conceder ao senhorio uma latitude de prova tal que possa abranger os contractos de sublocação que encapotadamente se fazem sem titulo justificativo da sua existencia. E' preciso ainda atender ás circunstancias desiguais em que se encontram actualmente os senhorios perante a legislação em vigor.

Assim é que aqueles que alugaram os seus predios em tempo anterior aos decretos que proibem a elevação das rendas ficaram presos a tais disposições não obstante o encarecimento dos encargos que sobre eles se teem acentuado, dia a dia. Mas os que construiram posteriormente podem pedir rendas exorbitantes e efectivamente as pedem visto que arrendados os predios pela primeira vez á evidencia que se não pode dizer que os aumentassem...

—E sobre o abuso dos trespasses, que pensa v. ex.ª fazer?

—Abuso grave dos senhorios é tambem o chamado impropriamente «trespasse» que se dá quando estando a casa devoluta o senhorio para a arrendar por um preço elevado o que ordinariamente não figura no contracto exige ainda uma soma, por uma só vez, que chega a atingir a cifra de milhares de escudos. Esta anomalia pode muitas vezes escapar á justa punição, mas é dever do legislador não a esquecer, inserindo disposições rigorosas que castiguem severamente quem assim abusa da necessidade alheia.

«Devo dizer que tenho na devida conta os direitos de proprietario urbano que são tanto de respeitar como os de qualquer outra propriedade e que está representando um valor, um capital, este deve ter uma remuneração condigna como qualquer outro capital.

«Por isso em comissões a que tenho pertencido sempre fui de parecer que as rendas devem ser reguladas por forma que a esse capital, livre de todos os encargos, corresponda um juro rasoavel...

As cadeias são em geral escolas de desmoralisação

A palestra ia já um pouco longa e o ministro dava por findas as suas preciosas informações.

No entanto lembrou-se o jornalista de que o entrevistado lhe falára logo de principio na situação dos delinquentes presos nas cadeias.

Abordámos portanto o assunto e o sr. Dr. Catanho de Menezes em breves palavras explica:

—Uma coisa que egualmente me preocupa é a vadiagem dos presos, se assim me posso exprimir. As cadeias são em geral escolas de desmoralisação e ociosidade em vez de serem estabelecimentos em que se regenere o delinquente: E' necessario que este não tenha como premio do seu delito o socego relativo das cadeias, com a garantia da hospedagem em que lhe não falta o pão nem a cama.

«Eu desejaria, dentro do possivel, que eles estivessem sempre sugeitos ao trabalho compativel com as suas aptidões de maneira que fossem um elemento de produção no tempo em que tanto é mister produzir não representando como hoje representa tanto encargo para o Estado...

E já de pé, dando por terminada a conversa o novo ministro da Justiça com um aperto de mão, termina:

—Muito, mesmo muito ha a fazer, mas o que é preciso é que nos deixem trabalhar e isso quasi que não sucede...

"Lições da Grande Guerra"

Pelo general sr. Adriano Baça

Das diversas obras já publicadas acerca da grande guerra devemos destacar a que foi elaborada pelo ilustre escritor militar português sr. general Adriano Madureira Beça.

E' um trabalho de notavel valor, de observação e estudo feito por uma alta competencia tecnica.

A evolução na arte da guerra, os novos inventos de guerra, a eronautica, o automobilismo nas operações militares, a descrição da artilharia dos exercitos beligerantes; o emprega das metralhadoras; os meios de acção das diferentes armas são tratados com proficiente exposição de pormenores. As diferentes situações nos principais batalhas, os diversos dispositivos nas grandes unidades, a batalha de ruptura, as doutrinas da ofensiva alemã são tratadas de forma a permitir em estudar com grande proveito os maiores ensinamentos da guerra.

As licções da grande guerra constituem um livro que abrange tudo quanto de mais interessante pode ser proveitoso não só aos tecnicos, mas ainda a quem quizer formular um juizo acerca do que se patenteou na mais interessante, na maior lucta que até agora ensanguentou a humanidade.

Agradecemos ao autor a amabilidade da oferta do livro.

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

Migalhas

A nossa casa

Ha anos que as varias municipalidades que se tem sucedido á sombra do Frontão vem cometendo um crime de que não tem a noção exata e ahi reside, senão a sua derimente pelo menos a sua atenuante.

Trata-se da forma por que são construidas as casas em Lisboa. Chegou-se hoje ao limite de serem dispensados por completo os arquitetos. Qualquer mestre de obras—e sob esta denominação se compreendem antigos carpinteiros de obra grossa e exserventes de pedreiro—pode edificar uma casa em Lisboa. Tenho disso um frisante exemplo na gaiola em que me vi forçado a habitar e noutra semelhante que se lhe está construindo á ilharga.

Já não quero referir-me á qualidade dos materiais empregados na construção, embora dela resulte que uma casa que não conta dois anos de existencia tem todas as suas paredes e tetos gretados, todas as portas e janelas empenadas, todas as canalisações entupidas e no seu conjunto uma tal humidade armazenada que os moveis se danificam, os papeis de decoração se descolam e apodrecem e os habitantes cumulam normalmente a bronquite com o reumatismo, a não ser que tenham a mania das grandezas e se não contentam com menos de uma pneumonia dupla.

Referir-me-hei á disposição idiota dos alojamentos. Ha milhares de casas em Lisboa construidas sob um tipo unico e esse o mais estupido e o mais ilogico de quantos se poderiam escolher. A casa lisboeta moderna é essensialmente composta de um corredor que põe em comunicação direta a frente com as trazeiras de modo a manter constante a corrente de ar traiçoeira que faz a fortuna dos boticarios desta capital. Para esse corredor dão varios casinhotos á laia de beliches de «sleeping-carr» e, ao passo que a casa de jantar está ao fundo sem nenhuma relação com a sala que está á frente, a casa de banho não tem a minima ligação com o quarto de dormir.

Não houve ainda em Lisboa um constructor inteligente que pensasse nesse problema simplicimo de agrupar de uma forma natural os compartimentos de uma casa de modo a que a vida dentro dela não seja feita perpetuamente de pequeninas comedias ridiculas.

E, como dos constructores nada ha que esperar, pois são quasi todos da força intelectual do meu senhorio, natural seria que as repartições da Camara, onde são aprovadas as plantas dos predios a construir, lhes impossessem, alem de maior probidade na escolha dos materiais, um pouco mais de inteligencia e de bom gosto na disposição interna, de forma a tornar as casas verdadeiramente habitaveis.

As escadas, os cubiculos dos porteiros, os patios e saguões, são verdadeiras coleções de anedotas que têm graça quando se ouvem contar, mas não tem nenhuma quando ha que as suportar e presenciar.

Resumindo: o desconforto das casas soma-se a todos os outros que abundam na vida lisboeta e fazem de Lisboa um acampamento em vez de uma cidade.

ANDRE' BRUN

Rendas

Visitei ontem na «Liga Naval» a exposição Abigail Cruz—e não fujo á tentação de me referir hoje a ela. Quando, ha tempos, a sr.ª D. Abigail veiu do Porto, onde vive, fazer uma exposição a Lisboa—eu tive a impressão de que a alma dessa deliciosa amusa das rendas» que era D. Maria Augusta Bordalo—com que saudade a recordo! tinha revivido, como um sorriso, nas mãos da ilustre portuense. Essa impressão avigorou-se agora — quando percorri, uma a uma, na nevoa doiro da tarde, essas dez, quinze, vinte joias brancas palpitantes como gotas de luz, transparentes como flocos de neve, pequeninas cristas de espuma que se tivessem imobilisado — aqui num leque manuelino; ali num lenço Luiz XVI; mais alem na propria «Rosacea da catedral de Reines» que parece estremecer, ainda batida da luz fria do ceu, o instante angustioso do seu espantoso sacrificio...

Caso curioso: quando ontem visitei a exposição de rendas da «Liga Naval» não encontrei lá como ha dois anos na mesma exposição, uma unica mulher—em compensação encontrei lá trez homens.»

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

PORTUGAL-ESPANHA

Intercambio intelectual

O que foi a conferencia do professor Leonardo Coimbra na «Residencia -:- -:- de Estudantes» de Madrid -:- -:-

Em Portugal o ensino é alguma coisa de bafiento ainda. Não que as nossas escolas superiores possuam um corpo docente inferior aos mais notaveis mestres estrangeiros, mas, por todas as universidades está-se ainda muito apegado o ensino teorico, sem largos pontos de vista, sem profundos desenvolvimentos intelectuais. O aluno estuda em geral para fazer o seu exame na mira duma carta que ha-de servir um dia com a ajuda de Deus e do Estado para uma colocação rasoavel. A representação scientifica, a investigação propria ainda é rudimentar. E' verdade que o Estado não ajuda, mas por sua vez as associações academicas em logar de serem alguma coisa de alto, de elevado, dedicando ao problema da instrução todas as suas energias moças e portanto vitais, vivem apagadas, esquecidas, quasi despresadas.

Em Espanha já não sucede assim. Sabem os senhores vissem o movimento forte, que se manifestou no paiz visinho quando da promulgação da autonomia universitaria...

Mas isto não é para aqui... O facto assente, com brilhantes resultados já obtidos, é o da visita do professor da Faculdade de Letras do Porto, sr. dr. Leonardo Coimbra, á «Residencia de Estudiantes».

No Sabado passado, ás cinco e meia de tarde, perante um numeroso publico de senhoras, catedraticos e estudantes, no ambiente intimo e recolhido do Salão da «Residencia de Estudiantes» o ilustre professor da Universidade do Porto, fez um resumo da sua filosofia.

Antes, porem, falaram, para apresentarem a conferente, o presidente da «Residencia» sr. Jimenez Fraud e o secretario da legação portuguesa sr. Vasco Quevedo.

O sr. Jimenez Fraud disse:

Demorarei por alguns instantes o prazer que ides experimentar escutando a palavra autorisada do sr. Leonardo Coimbra, para o saudar em nome dos estudantes e professores que convivem nesta casa. A Residencia honra-se extraordinariamente recebendo na sua casa a distinta representação diplomatica e consular do paiz visinho, assim como os sabios professores portuguezes Martins e Vasconcelos.

Fala o representante de Portugal

Depois da breve oração do sr. Gimenez Fraud falou o sr. Vasco de Quevedo que disse:

A visita do professor Leonardo Coimbra a Madrid, deve ser apreciada com todo o carinho e entusiasmo por todos os espanhois e portuguezes que sabem sentir o significado dos actos que dizem respeito á compenetração e conhecimento mutuo dos povos peninsulares.

O quasi absoluto isolamento das duas nações que o desenrolar evolutivo dos seculos fixou neste glorioso torrão, dando-lhes identicas caracteristicas; o isolamento que se vem afirmando desde Carlos IV e D. Afonso VI para cá, pretendendo impedir todo um glorioso trabalho de fraternidade; esse isolamento que o seculo passado agravou constantemente, vai diminuindo, vai-se encurtando rapidamente, ao mesmo tempo que vão revivendo afectos, nascendo e insinuando tendencias, formando e cimentando todo um caudal de atrativos.

A vinda do professor Leonardo Coimbra á capital espanhola deve ter para todos os amigos de Portugal e Espanha um significado especial.

Esse moço portuguez, professor e filosofo, orador e poeta, constitue uma das mais autenticas e prestigiosas glorias não só de Portugal mas da Peninsula. Leonardo Coimbra deve ser um dos traços mais nobres da amizade luso-espanhola, eloquente e esforçado defensor de todas as nossas glorias caracteristicas, que tanto contribuiram para a historia da civilisação e para o progresso da humanidade.

A conferencia

O sr. dr. Leonardo Coimbra discursou sobre o criacionismo, a sua doutrina filosofica. Um jornal de Madrid diz:

«Não se pode dar senão um extrato imperfeito da brilhante e profunda exposição que da sua filosofia fez o professor portuguez.

«Não podemos dar ideia do calor heroico, do entusiasmo idealista, que animaram de principio ao fim as suas palavras.

«Pode dizer-se que tanto como a subtilesa da doutrina, entusiasmaram o auditorio as frases incendiadas e apaixonadas como o conferente a expoz. Uma ovação enorme coroou a conferencia».

O problema da naturalidade de Fernão de Magalhães

Fernão de Magalhães tem sido sempre uma figura historica discutida.

Acusaram-no primeiro de traidor—por ele ter servido os reis de Castela. Felizmente, porém, depois reconheceu-se-lhe razão que, embora não explique, atenua, pelo menos, a falta de patriotismo do seu procedimento.

Perseguido pela injustiça dos que o cercavam, intrigado pelos cortezãos perante o rei, desprotegido pelo governo—Fernão de Magalhães retirou-se para Espanha, onde ofereceu os seus serviços a Carlos I, propondo-se atingir a India por um caminho desconhecido.

Ainda bem—porque se não fôra isso, Portugal não teria certamente a honra do primeiro circumnavegador do mundo ser seu nacional.

E' á volta desta figura extraordinaria que teve «a mais terrivel de todas as vidas» como diz Michelet, que ultimamente se tem agitado e debatido o problema da sua naturalidade, que muitos julgavam já resolvido.

Com efeito os historiadores nacionais e mesmo estrangeiros afirmavam sempre que o genioso nauta e circumnavegador do mundo tinha nascido na pequena aldeia de Sabrosa, perdida nos confins da provincia transmontana. No entanto—devemos dizê-lo—as afirmações feitas eram mais resultantes duma tradição arreigada—do que de estudos conscienciosos de historia, baseado em documentos.

Foi, por isso, para mim duma flagrante oportunidade a leitura do discurso pronunciado no centenario de Fernão de Magalhães pelo ilustre academico sr. dr. Antonio Baião e agora publicado na serie «Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa» sob o titulo «A questão da naturalidade de Fernão de Magalhães».

O sr. dr. Antonio Baião é incontestavelmente uma das figuras mais prestigiosas e eruditas do nosso meio intelectual, onde se tem revelado um investigador paciente e escritor brilhante. Pois é precisamente o ilustre director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que, por uma serie de deduções logicas baseadas em documentos ineditos e interessantissimos, chega á conclusão que o grande circumnavegador não é transmontano como erroneamente se vem ha muito afirmando, antes se pode afirmar ter nascido no alto-Minho, junto ás margens do rio Lima, na terra da Nóbrega que hoje é conhecida por Ponte da Barca.

Estas ultimas investigações pacientemente levadas a efeito, parece que vieram, por uma vez, desfazer uma tradição longa, é certo, mas destituida em absoluto de fundamento, em que vivia ainda envolvido o problema da naturalidade duma das figuras historicas que mais honram o nome portuguê.

Mario Gonçalves Viana

Repressão da Mendicidade

No Governo Civil vai ser montada uma camarata para menores

O Governador Civil de Lisboa está empenhado na repressão da mendicidade nas ruas da cidade. Sobre o caso tem havido conferencias no Governo Civil entre o novo chefe do districto, comissario geral da policia e director da policia administrative, ficando acordado que a policia de segurança auxilie os agentes da administrativa na repressão referida.

O major sr. Carrão de Oliveira chamou hoje ao seu gabinete todos os chefes de esquadra e comandantes de postos aos quais deu instruções sobre a fórma de agir com os mendigos.

Nos altos do edificio do Governo Civil, onde largos anos estove instalado o arquivo, vai ser agora criada uma camarata destinada ás menores encontradas a mendigar na via publica. Bem entendido que essa camarata destina-se simplesmente a ter ali, provisoriamente, as crianças enquanto ás mesmas não é dado o devido destino.

As camas destinas a essa nova especie de deposito serão emprestadas pela Guarda Republicana a quem já foram solicitadas. As crianças serão vigiadas por uma mulher especialmente contratada para tal fim, não podendo na camarata ter entrada qualquer homem nem mesmo guarda civico.

"Os Sports,, no Porto

No meio sportivo da capital do norte está despertando grande interesse o numero especial que «Os Sports» vai publicar no domingo 19 do corrente com colaboração dos principais jornalistas portuenses inserindo tambem algumas entrevistas que Salazar Carreira e Borges de Castro na sua recente visita ao norte fizeram com alguns dirigentes dos principais clubs do «sport».

O numero de «Os Sports» será de 6 paginas ilustrado e com grande numero de reclames de casas comerciais do Porto.

A questão Parente--Camara Municipal

Os automoveis dos bombeiros só servem para alguns vereadores andarem em passeio

Em 28 de Dezembro ultimo o jornal «A Imprensa da Manhã» publicou uma noticia em que se acusava o actual vereador do pelouro dos incendios sr. Esteves Nogueira de fazer gastos extraordinarios de gazolina, gastos esses provenientes de passeios em automoveis e sem que os mesmos fossem em serviço da Camara ou da cidade.

Essa informação carecia em parte de fundamento pois que o sr. Esteves Nogueira, considerado um dos mais honestos comerciantes da praça de Lisboa não se utilisar das viaturas dos incendios para passeios, como abusivamente teem feito outros seus colegas da vereação. A noticia dada a um dos nossos camaradas da imprensa, foi ao que parece mal interpretada e dahi uma confusão de nomes aliás desculpavel.

Em face da local a vereação municipal vendo-se atingida, pela primeira vez depois de tantos ataques, resolveu ao fim de 44 dias (!!) sair á estacada, tornando o comandante dos bombeiros responsavel por uma noticia para a qual ele não meteu prego nem estopa, como é vulgar dizer-se.

Ao sr. Carlos Parente foi dado o praso de 48 horas para desmentir a noticia então vinda a lume, parecendo que o comandante dos bombeiros responderá por oficio á vereação.

Que será essa resposta?

O sr. Carlos Parente que se encontra bastante doente e de cama não poude receber o jornalista de «A Capital» que para colher informações seguras o procurou no quartel da Avenida dos Defensores de Chaves.

No entanto conseguimos abordar um amigo intimo do comandante que se prestou a esclarecer-nos:

—As acusações feitas nos jornais aos vereadores não são da autoria do comandante dos bombeiros, mas sim ao que parece de um funcionario da propria Camara Municipal que dizia de ser demasiado o gasto de gasolina para os automoveis andarem em passeiatas, não só por Lisboa, como durante alguns dias fóra de portas...

«E os escandalos e abusos chegaram a tal ponto que já ha tempo o vereador sr. Rodrigues Simões sabendo do que se estava passando requereu em sessão camararia para que lhe fosse enviada uma nota detalhada dos serviços e da gasolina gasta com os automoveis do corpo de bombeiros, requisitados por alguns vereadores.

«Essa nota, ao que parece, foi já enviada á vereação mas facto é que até hoje ainda não foi lida em qualquer outra sessão porque o escandalo era demasiado!

«Nas passeiatas tem-se dado até o caso dos «chauffeurs», com quebra da disciplina, se embriagarem com as bebidas que os passeiantes lhes oferecem, a titulo, de lhes «dar mel pelos beiços...»

E o nosso solicito informador terminava os seus preciosos esclarecimentos dizendo-nos:

—«Para que veja a forma como a vereação abusa da sua situação, basta que lhe diga que muitas vezes em ocasiões de incendio tem sucedido não haver disponivel qualquer automovel para condução do pessoal indispensavel para dirigir os trabalhos de extinção dos fogos. Os autos ou estão em concerto devido ás avarias sofridas com as passeiatas ou andam ao serviço dos vereadores! Nessas condições torna-se necessario ir á praça alugar carros para os serviços mais urgentes.

«Não contente com os gastos escandalosos que são já do dominio publico alguns vereadores gastam ainda verbas extraordinarias com alugueis de autos particulares. Estes é que realmente são para serviço porque os outros, a maioria das vezes, são para passeios...

A gréve dos maritimos

Pelas 16 horas de hoje novamente reuniram nas respectivas associações de classe os maritimos em gréve.

Foi largamente apreciado o estado da gréve e as «demarches» efectuadas até agora para lhe pôr termo.

As sessões, á hora que dali retiramos, continuavam, existindo entre todos os grévistas o maior espirito de firmeza e solidariedade.

Junta Geral do Distrito de Lisboa

Reune hoje 3.ª feira pelas 20,5 horas, na sua sede, Rua dos Anjos, 200, em sessão extraordinaria, para tratar de assuntos importantes e urgentes, conforme o edital convocatorio de 4 do corrente.

A VERTIGEM DO PROGRESSO

De Londres a Paris num Goliath

Quem nunca fez essa viagem ignora uma das mais raras sensações deste curioso seculo XX

Um enthusiasta da navegação aerea é Charles Nordmann, o chronista scientifico da «Revue des Deux Mondes», e artigo que consagra á sua viagem de Paris a Londres dá vontade de tentar a experiencia aos mais renitentes adversarios da nova locomoção. «Quem não foi de Paris a Londres em um «Goliath»—diz ele—ignora uma das sensações mais raras deste curioso seculo XX, uma das cousas, graças ás quaes a nossa vida é um pouco superior á dos nossos antepassados».

«O transporte quotidiano dos passageiros e das mercadorias de Paris a Londres é assegurado por um certo numero de organizações, pela maior parte inglesa. As francesas não são inferiores a estas ultimas, nem pela força e comodidade dos aparelhos nem pela habilidade dos pilotos, mas neste posto, como em muitos outros, o auxilio do publico e do governo é mais amplo e menos acanhado em Inglaterra do que em França. «Quiz, porém, explica o autor do artigo—ser transportado por um aeroplano francês, um «Goliath». No dia aprazado, um automovel da «Companhia dos Grandes Expressos Aereos» veio buscar-me assim como a minha bagagem ao meu domicilio. Atravessando Paris rapidamente, chegamos ao Bourget, a «aero-estação» principal da cidade. Dizia-se tambem «aero-porto». Qual dos dous termos está destinado a triumfar? A decisão depende da Academia francesa.

A aero-estação é a mais importante do mundo pelo seu trafico. Consta de uma planicie circumdada de «hangars» para os aeroplanos, e tendo á entrada uma série de barracas de madeira, nas quaes o lado da «chegada» está bem separado do lado da «partida».

Depois de visados os nossos passaportes e, emquanto os maquinistas examinam, sob os olhos vigilantes do piloto, o estado dos motores do nosso vehiculo, aproveitámos desses poucos minutos para dar uma volta por essa estação parisiense, que é um porto do oceano aereo.

Aqui e acolá erguem-se taboletas sobre as quaes se acha escripta a gesso a hora das partidas e das chegadas desse dia.

A poucos passos de nós, dous observadores, munidos de theodolitos, seguem o vôo de um ligeiro balão-piloto que acabavam de lançar para medir a velocidade e a direcção do vento nas diversas altitudes.

O vento sopra rijo, mas isso não nos impedirá de viajar muito bem e com muito menos balanço nesse navio aereo do que em um navio aquatico sobre a Mancha. Sobre a vasta planicie, estacionam, chegam e partem. Eis um pequeno aeroplano de dois logares que se vem pousar ao pé do distico «chegada». Desce dele um viajante em trajo de passeio e chapeu de côco, com uma maleta na mão. Eis outro aparelho que chega de Nancy e que se vem pousar ao lado de um enorme Handley-Page, o aeroplano gigante dos inglezes, que já serviu para o bombardeio de grande força e que foi agora transformado em um aeroplano comercial. Para dar uma idéia da intensidade do trafico, no «aero-posto» do Bourget, bastará mencionar os seguintes dados estatisticos: Janeiro de 1920, 200 aeroplanos; Fevereiro, 270; Março, 350; Abril, 300; Maio, 700; Junho, 900 e Julho 950.

Fazem escala pelo Bourget mais de 15 companhias aereas que efectuam serviço regular com a Inglaterra, a Suissa, a Hespanha e a Tcheco-Slovaquia. O nosso «Goliath» tem um aspecto cyclopico digno do seu nome. A enorme machina, cujas azas abertas, rectilineas, azuladas, medem 28 metros, dá uma impressão de potencia harmonica e de elegancia maciça.

Os dois motores acham-se dispostos á direita e á esquerda da «carlinga», de modo a deixar a vista completamente livre para os passageiros. O piloto tem o seu logar perto do centro e a uma certa altura.

O peso total do «Goliath» vasio é de 2000 kilos; pode atingir 5000 kilos com a carga total.

A sua velocidade ascensional é tal que póde subir a 2000 metros em 8 minutos. Este gigante da aviação tem ao seu ativo diversos triunfos. Citemos apenas o «raid» Paris-Dakar (10-16 de Agosto de 1919); o «raid» Paris-Casablanca, 22000 kilometros em dezasseis horas e quarenta e cinco minutos, com oito passageiros.

«Instalamo-nos para partir. Ocupamos um verdadeiro vagão-salão que se acha instalado na parte anterior da «carlinga», e onde se acham duas filas de comodas poltronas de vime, de cada uma das quais se gosa uma belissima vista atravez as grandes janelas enquadradas. Não faz frio a visinhança do motor mantem uma temperatura agradavel, que se pode regular por meio de ventiladores ao alcance da mão.

«Sômos 8 passageiros (o aeroplano pode transportar 12) entre os quais dois campeões mundiais de natação e uma senhora que a presença dos dois primeiros tranquilisa, para o caso de uma descida na Mancha.

«Os motores começam a zumbir de unisono com as helices que cortam o ar. Favreau, o piloto, sobe para o seu posto e coloca os pés sobre os pedaes de direcção. O maquinista verte uma unica gota de azeite nos motores. Uma trepidação premente faz-nos vibrar durante um momento; depois não sentimos mais nada, e se não fosse o estrepito poderiamos imaginar que a maquina parou. Esta sensação repentina de imobilidade e de calma significa que partimos e que largamos a terra... Subimos com extraordinaria rapidez, mas não vamos alem de 1.000 metros de altitude, porque ha nuvens escuras e o piloto prefere te-las por cima de si para ver melhor o caminho e deixar-nos admirar a passagem.

«Esta, vista em linha vertical, é admiravel. Paris esfuma-se numa bruma prateada, e, passando por cima das linhas ferro-viarias que a encerram como as malhas de uma rêde, atravessamos o Oise, scintilante como uma cimitarra atirada para cima de um tapete verde. Eis Beauvais, com os seus telhados medievais e a sua catedral cinzenta, a mais alta da cristandade, dizem os guias, ao passo que aos nossos olhos parece apenas elevar-se um pouco acima do nivel da praça. Eis as alegres culturas da Isle de France, eis o Somme. Parece uma grande erguira prateada, adormecida ao sol sobre um leito de areia. Albeville, á nossa esquerda, recorda um brinquedo de Nuremberg.

As cousas por cima das quais voamos parecem-nos imoveis umas com respeito ás outras, graças á nossa velocidade e á grande distancia. Esta apaga de resto todos os ruidos terrestres e quando pára o do motor para efectuar um voo «plané» parece-nos estar no reino do silencio.

«Agora achamo-nos sobre a floresta de Crecy a 150 quilometros de Paris, e depois sobre o mar. «Thalassa! Thalassa!» Temos agora um sol explendido e a Mancha apresenta uma cor extraordinaria verde-azulada que se cria, junto dos penedos, duma fina renda branca.

«Atravessamos o Canche em Etaples, depois do que o piloto faz-nos descer a 3 ou 300 metros para gosarmos da paisagem ao longo da costa até Boulogne.

Na travessia voamos apenas a 100 metros de altura. Sobre as praias, vemos umas especies de ferrugens, são homens e mulheres. De repente experimentamos a curiosa sensação de nos acharmos por cima da agua. Não temos sequer tempo de pensar no que seria uma queda na agua porque além dos pequenos vapores sobre os quais voamos, e que são navios de 10 ou 20 mil toneladas, aparecem já as margens da Inglaterra. E como ainda não perdemos de vista as da França a Mancha dá-nos a impressão duma vela insignificante.

«Subimos de novo e voamos a 1.000 metros de altura em linha recta sobre Londres, atravessando campos uniformemente verdes. E de repente, antes mesmo de darmos por tal estamos chegados; o aeroplano pára e já se coloca a escada á porta do vagão. Estamos em Croydon, o Bourget de Londres. Após nova visita ás bagagens e aos passaportes, um automovel depõe-nos em Londres no periodo de vinte minutos.

«Normalmente a viagem dura duas horas e meia, mas desta vez durou um pouco mais por causa do vento contrario».

O autor do artigo conclue, estimulando todos os seus compatriotas a servir-se dos transportes aereos, e prova-lhes por meio de algarismos que esta nova locomoção não apresenta muito mais perigos do que as outras de que nos costumamos servir.

«TIME IS MONEY»

Como o homem emprega o seu tempo em meio seculo

Um adagio que todos observam teoricamente

«Time is Money» diz um ditado inglês. Todos disso estão convencidos e os proprios americanos dando expansão á sua pratica pelas coisas relativas a negocios afirmam de modo categorico que «Time is more than money»...

Ora ai está uma frase cuja necessidade é um facto mas que ninguem aplica.

Vejamos alguns pontos interessantes para provar o que acima ficou dito.

Quanto tempo será dispensado anualmente com as refeições? Calculemos que uma hora bastasse e, esse pequeno espaço de tempo, diariamente gasto com as refeições dará anualmente a bagatela de 15 dias e cinco horas.

Um outro exemplo dá uma ideia clara da questão: um homem de meio seculo, por exemplo, de que modo teria empregado o seu tempo.

Se admitirmos que 17 anos foram gastos a dormir e 33 a diversas outras ocupações (se é que dormir seja ocupação...) chegaremos ás conclusões seguintes:

Fixadas em 2 horas as refeições chegaremos á conclusão que o nosso homem em meio seculo empregou para comer 4 anos, ingerindo mais de vinte toneladas de alimentos, e bebendo milhares e milhares de litros de bebidas diversas.

Para se vestir pela manhã e se vestir á noite terá empregado 1 ano e 4 meses, no caso mesmo de ter apenas gasto vinte minutos diarios. Se aos vinte anos começou a barbear-se, gastou 4 meses e pouco para se livrar de 150 metros de barba.

Agora é preciso notar que não ficou em casa durante 50 anos. Em criança foi á escola e depois de grande foi á fabrica, á oficina ou ao escritorio. Se para essas idas e voltas empregou hora e meia, não contando os domingos, o nosso homem gastou 2 anos e meio para se transportar de casa ao trabalho e de lá para casa.

Calculando-se que essa distancia não excedesse a 4 kilometros para ser percorridos diariamente, nesse tempo 70.000 kilometros foram percorridos... ou sejam quasi o dobro da circumferencia do nosso planeta!

Quanto tempo se leva a calçar um par de botas? Dous minutos. Pois bem: se o nosso homem começou a calçar-se sósinho desde a idade de 5 anos, gastou nisso pouco menos de um mez de tempo. Se possue um relogio e lhe deu corda todos os dias, empregou nessa operação 15 segundos, isto representa em 35 anos um pouco mais de 50 horas.

Estabelecendo uma tabela para as ocupações indispensaveis, veremos quanto tempo ficou ao homem de 50 anos para o trabalho e prazeres.

	Anos	Mezes
Cama	17	—
Refeições	4	—
«Toilette» e barba	1	8
Marcha	2	6
	25	2

Depois disso «time is money». Isso sem pensar no tempo que foi gasto... sem fazer nada.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DO RELICARIO DA TERRA PORTUGUEZA

Li esta manhã no «Seculo» três cartas diregidas a Leal da Camara sobre a idea que este artista concebeu de levar a terras do Brazil a terra desta Patria no relicario filigranado dum coração. E todas elas são de aplauso e de apoio.

Eu não conheço pessoalmente o sr. Leal da Camara. Conheço a sua obra cheia de interesse e conheço as suas intenções que são, decerto, a sua melhor obra.

Rejubilei perante o projecto da Aldeia Portugueza a construir na Flandres, que para em tudo ser bem portugueza continua vagando nas regiões do sonho e do impossivel, sem que talvez os meus olhos a vejam realisada.

Falta de tenacidade, falta de propaganda, falta de compreensão e de ajuda por parte do publico? Não sei. O que constato apenas é o seu adormecimento na primitiva fase do projecto.

De novo o meu entusiasmo se levantou perante a nova idea, já do dominio de toda a gente, de levar a todos os portuguezes que no Brazil trabalham e produzem, contribuindo assim para o progresso dos dois povos cada vez mais irmãos, a terra que eles pisaram quando meninos, a terra sobre a qual eles verteram as lagrimas dum adeus.

Envolvendo esse pedaço palpitante do nosso solo um coração rendilhado, a filigrana que anda no peito das mulheres do Norte.

E foi duma grande felicidade a escolha destes três simbolos.

A terra que é todo o nosso amor. O coração que é bem o nosso emblema. A filigrana que é bem a nossa alma.

Mas para que esta idea possa ter o valor que em si propria encerra é indispensavel a sua realisação.

Eu, repito, não conheço o sr. Leal da Camara.

Pelas cartas que li, pelo que tenho ouvido, estou inteiramente capacitado de que esta ideia se não perderá.

O auxilio de todos torna-se indispensavel. Oxalá que assim o compreendam, e tendo-o compreendido assim façam.

E dentro da humildade de que me revisto a Idea terá em mim um fervoroso propagandista.

Porque ela encerra qualquer coisa de Belo. Porque o Belo deve ser a razão duma existencia. E porque ele anda de nós ausente há muito tempo, urge que lhe dê forma e vida e o esplendor de que sempre se rodeia.

BOTTO DE CARVALHO

✦ ✦ ✦

O ministerio inglez vai oferecer como presente de casamento á princesa Maria tres travessas de prata finamente cinzeladas e escolhidas por Lord Curzon.

* * *

No dia em que Edison fez 75 anos os seus operarios ofereceram-lhe um almoço no qual ele declarou que esperava viver ainda muito tempo.

Edison que está de perfeita saude, trabalha como de costume.

✦ ✦ ✦

O yacht «Trinacria» que o rei de Italia ofereceu de novo aos organisadores da exposição flutuante italiana largará em junho para Londres, Anvers, Amsterdam, Hamburgo, Copenhague, Petrogrado e outros portos.

✦ ✦ ✦

O «Nordeutscher Lloyd», depois de oito anos de paragem recomeçou as carreiras para New York com os seus proprios vapores, tendo o «Seydlitz» largado de Bremen no dia 12.

✦ ✦ ✦

As letras

A conferencia que Eugenio de Castro irá fazer na residencia dos Estudantes, em Madrid, versará sobre o nosso poeta Castilho, tão injustamente desapreciado e esquecido. Podemos tambem anunciar um novo livro do autor do «Anel de Policrates», intitulado «Cravos de Papel», coleção de encantadoras quadros de assuntos regionalistas.

—Deverão ser publicados, este ano, dois livros de João Cabral do Nascimento, em substituição dum que, de ha muito, vinha sendo anunciado. O primeiro chama-se «Sonetos» e o segundo «Arraia Miuda» (sonetilhos e redondilhas).

—Luiz Vieira de Castro acaba de reunir várias crónicas e alguns artigos de critica, que entram em breve na tipografia da «Lumen».

Recebemos o livro de Cesar da Silva *O Conde de Castelo Melhor*. Agradecemos.

O NOVO PAPA

O regosijo do povo da aldeia natal de Pio XI

MILÃO, 13.—Um correspondente de um jornal que acaba de regressar de Desio, uma pequena aldeia, a 10 quilometros de distancia, na estrada que vai ao Lago Como, onde nasceu o novo Papa, descreve assim a sua visita: «Os habitantes da aldeia estão contentissimos. Os sinos tangem ininterruptamente e os habitantes, na sua maioria mulheres, estão nas ruas comentando com orgulho a grande honra que se reflete na sua aldeia. Mostraram-me a casa onde nasceu o novo Papa—uma casa de modesta aparencia, com dois andares. Seu pai dirigia uma fabrica de sedas, não era rico mas vivia desafogado. O novo Papa ama muito a sua terra e não ha ainda cinco mezes passou ali uns dias com os seus amigos de infancia. Um deles, o sr. Araboldi disse-me que o Papa, quando rapaz, era muito afeiçoado aos «sports», tendo especial predilecção por trepar ás montanhas, tendo subido ao cume dos mais importantes montes dos Alpes. No Monte Branco ha um caminho que tem o seu nome e o de um seu amigo».

Pio XI tem trez irmãos mais velhos e sua irmã Camila, entre lagrimas, disse-me: «E' uma grande honra para nós, mas infelizmente ve-lo-hei muito poucas vezes.—(Lat. Am.)

A tiara do novo pontifice

ROMA, 13.—A tiara papal de Pio XI é assente sobre feltro muito fino, coberto com uma especie de malha de prata em que se ostentam tres corôas. Cada uma consiste de uma tira de ouro, de armação muito leve, cravejada de joias e orlada com duas fitas de perolas. Cada fita tem 90 perolas; ao todo 540 perolas além de 146 joias de varias côres e 11 brilhantes.—(Lat. Am.)

10 biliões!

E' o valor dos creditos norte-americanos no estrangeiro

A Inglaterra é a maior devedora

Um dos factos de mais destaque na situação de credito internacional depois da guerra é a cifra consideravel de dividas dos governos, uns aos outros.

Em 1914, a Grã-Bretanha, depois de dois seculos em que tinha dinheiro a render juros no estrangeiro, encontrou-se credora do resto do mundo de cerca de 4.000.000.000 libras ou sejam, ao par, 20.000.000.000 de dollars.

Durante a guerra a Inglaterra realisou emprestimos de cerca de 1.000.000.000 de libras que serviram principalmente para pagar os produtos americanos.

Durante a guerra os Estados Unidos realisaram acordos com o estrangeiro, de creditos de toda a especie que montaram a pouco mais de 15.000.000.000 de dollars, dos quais 3.000.000.000 pouco mais ou menos devidos a particulares, que colocaram capitais em valores estrangeiros mais de 10.000.000.000 de dollars devidos ao governo americano.

Depois da guerra os capitais americanos no estrangeiro não cessaram de se desenvolver. Este ano, ao que parece, a cifra, atinge cerca de 500.000.000 dollars, dos quais uma parte para reembolsamentos.

Esta soma representa os interesses devidos ao governo americano pelos governos estrangeiros e atualmente ainda não pagos.

Este capital americano no estrangeiro é um novo factor consideravel que influi sobre a balança do comercio.

Os capitais privados americanos colocados no estrangeiro que eram pouco importantes até 1915, atingiram a uma cifra consideravel, que não pode ser comparada, observadas as devidas proporções aos esforços dos capitalistas inglezes, depois das guerras napoleonicas.

Em volta da conferencia de Genova

O que devia ser a comissão tecnica

PARIS, 14.—Segundo a opinião franceza, a comissão técnica que devia reunir antes da Conferencia de Génova, devia compreender delegados aliados e polacos, romenos, tchecoslovacos e yugos-slavos. Essa comissão poderia discutir, alem das questões tecnicas do programa da Conferencia, todas as partes objectivas do «memorandum» do sr. Poincaré sem abordar a parte politica daquele programa. A comissão não deveria reunir-se senão depois de concluido o estudo provisorio por parte dos peritos de cada nação. O adiamento da conferencia parece agora provavel, se não por trez meses, ao menos por algumas semanas, em consequencia da crise italiana e da impossibilidade para algumas nações, de terem tudo preparado no dia 8 de março.—(H).

Harding vê bem o adiamento da conferencia

LONDRES, 14.—O correspondente do «Daily Chronicle» em Washington julga saber que o sentimento geral nos Estados Unidos é favoravel ao adiamento da conferencia de Genova que seria bem acolhido, por Harding e pelo seu gabinete. Deseja-se que os tratados concluidos em Washington estejam ratificados antes de se tomar compromissos economicos na conferencia de Genova. As pessoas que privam com os meios governamentais dizem que a comparencia dos Estados Unidos a esta conferencia seria mais provavel se ela fosse adiada e se houvesse um acordo preliminar entre Paris e Londres nas condições formuladas por Poincaré na sua nota.—(R).

ULTIMA HORA

POLITICA

Desagregação do partido liberal — O principal objectivo do proximo congresso partidario

E' publico e notorio que o partido liberal tem dado demonstrações de desagregação, já bem evidentes quando o malogrado Antonio Granjo nele representava um papel de destaque, mas ainda mais acentuadas após os desgraçados acontecimentos da «Noite Tragica». Presentemente dá-se até este caso singular: alguns partidaristas se negam publicamente essa qualidade, emquanto que a imprensa do partido continua a considera-los como integros e indefectiveis liberais. O sr. O'Neill Pedrosa, antigo parlamentar é, por exemplo, um desses. A «Lucta» diz que ele é liberal; A «Republica» nega que ele deixasse de pertencer ao partido; o directorio enviou-lhe a carta convocatoria para o Congresso...

Pois, apesar de tudo isto, ainda não ha uma hora que o sr. O'Neill Pedrosa nos disse que já não era liberal nem queria saber do partido para nada. Temos muito respeito pelo sr. Pedrosa para pôr em duvida o que ele afirma: o partido liberal perdeu este correligionario, definitiva e irrevogavelmente.

Os homens de mais eminencia no partido liberal são de opinião que o Congresso partidario não devem realisar-se emquanto, em trabalhos previos, se não assegurar a eleição dum directorio capaz de manter a unidade partidaria. Este objectivo afigura-se muito dificil de realisar.

O que se sabe acerca da anunciada renuncia do sr. presidente da Republica

E' positivo e já foi noticiado que o sr. Antonio José de Almeida enviará ao Congresso o documento de renuncia á alta magistratura que a Nação lhe confiou. O que, porem, ainda se não sabia, ao certo, era se a renuncia tinha ou não caracter de irrevogavel.

Havia mesmo quem supuzesse que o sr. Antonio José de Almeida se resignaria a continuar a frente dos destinos da nação se, por f l cidade, o Congresso lhe desse novas manifestações de confiança.

Cremos que esta ultima versão não tem fundamento.

Segundo informações colhidas esta tarde nos circulos politicos, o sr. Presidente da Republica reconhece-se impossibilitado de continuar no exercicio de tão alta função publica principalmente porcausa do seu precario estado de saude.

E' preciso recordar, para bem compreender o pensamento do venerando republicano, que o Chefe do Estado deve fazer, este ano, uma viagem ao Brasil, quasi impossivel se a Presidencia da Republica estivesse ainda nas mãos do sr. Antonio José de Almeida. A viagem e as cerimonias serão fatigantes e os medicos reconhecem que o sr. Antonio José de Almeida podem faltar, dum momento para o outro, as forças fisicas indispensaveis para fazer acto de presença,—quando mais não seja.

Dois nomes se indicam como de mais provavel agrado dos parlamentares, que serão os eleitores do novo Chefe do Estado: um, o mais cotado, por emquanto, é o do sr. Teixeira Gomes, ministro em Londres; o segundo é o do sr. Alves da Veiga, ministro em Bruxelas. Ha quem lembre, tambem o sr. Afonso Costa.

Acerca das investigações do sr. Alexandrino de Albuquerque

Acreditamos firmemente que a ordem publica se encontre, neste instante, mais assegurada que nunca. Esta noticia é forçosamente grata a todos os portugueses e por isso nos apressamos a registá-lo.

E' certo, todavia, que o mesmo se não poderia escrever ontem.

As recentes prisões dos oficiais da G. R. produziram emoção na guarda. Os seus colegas chegaram a pensar numa manifestação colectiva, que forçaria o governo a demitir-se, seguindo-se uma crise gravissima. Presentemente estão postas de parte todos os actos, não dizemos já violentos, mas até apenas irregulares. Os oficiais da guarda esperarão serenamente os acontecimentos, convencidos de que, no final, se reconhecerá a impotencia da acusação.

Dizem-nos que influiu poderosamente nesta resolução uma carta que o sr. capitão Camilo de Oliveira enviou aos seus camaradas.

Desastre grave

Ao hospital de S. José recolheu hoje de tarde em perigo de vida Francisco Joaquim, travessa das Barrãcas, aos Olivais, que estando ali a trabalhar na Fabrica Seixas, foi atingido por um tiro de dinamite.

POEIRA DA ARCADA

O coronel sr. Manuel Maria Coelho conferenciou hoje com o sr. ministro da Guerra.

—Deve ser distribuida amanhã a «Ordem do Exercito», n.º 2, da 2.ª serie.

—O juiz sr. dr. Lopes Vieira deve iniciar amanhã a sindicancia aos serviços da Exploração do Porto de Lisboa.

—O sr. Antonio Rodrigues Direito professor da Escola Primaria Superior da Guarda, que secretariou o ultimo ministro da Instrução, foi nomeado secretario interino daquela escola.

—Sob consulta do Supremo Tribunal Administrativo, foi á assinatura presidencial o decreto negando provimento ao recurso n.º 17.248, em que é recorrente o sr. Custodio Cesar de Menezes, demitido, por abandono de logar, de oficial da secretaria do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição, e recorrido o sr. ministro da Instrução.

O sr. ministro das Finanças percorre todas as repartições do seu ministerio

O sr. Fortugal Durão, ministro das Finanças, visitou hoje, pelas 11 e meia horas da manhã, todas as repartições do seu ministerio, verificando se todo o pessoal aquela hora já estava ao serviço.

Aos empregados do ministerio que ainda ali não haviam dado entrada foi trancado o ponto.

Ministro de Portugal em Madrid

Diz-se que será o sr. dr. Augusto de Castro, director do «Diario de Noticias»

Corria hoje com grande insistencia na Arcada que ia ser nomeado nosso ministro em Madrid, o sr. dr. Augusto de Castro que por tal motivo abandonaria a direção de «O Diario de Noticias».

Mais se dizia que a direcção do referido jornal seria ocupada pelo distinto jornalista sr. Jorge de Abreu.

NA C. G. T.

Reunião dos operarios da construção civil

Numa das salas da C. G. T. reuniu pelas 14 horas de hoje o pessoal da construção civil depedido pela C. M. de Lisboa.

Presidiu a essa reunião, que esteve largamente concorrida, o sr. Joaquim Diamantino.

Na mesa foi lida a seguinte moção, que ainda não tinha sido aprovada á hora que dali retirámos:

Considerando que esta paralisação foi motivada pelos respectivos mestres sem consultar as associações dos operarios da nossa industria;

Considerando que esta paralisação foi motivada com fins politicos em que as classes da construção civil estão completamente alheias;

Considerando que esta paralisação vai agravar mais a nossa situação economica já de si insuportavel;

Os operarios suspensos reunidos na sede do seu sindicato resolveram 1.º reclamar dos respectivos mestres o pagamento dos dias em que estiveram parados.

2.º Não recomeçar o trabalho emquanto não os atenderem nesta reclamação como é de justiça.

3.º—Que a comissão de melhoramentos do sindicato unico da construção civil siga as suas demarches junto das entidades competentes para que este asunto se liquide o mais brev possivel com honra para a classe da construção civil em luta.

A comissão de melhoramentos, constituida, pelos srs. Manuel dos Santos, João Caldeira e João Jorge, continua em sessão permanente, tendo-se avistado hoje com a C. M. L.

A alteração da hora

Uma proposta do sr. ministro do Trabalho

O sr. ministro do Trabalho, em virtude de grande numero de protestos e reclamações que vem recebendo, pelas sucessivas mudanças da hora, tenciona apresentar numa das primeiras sessões do Parlamento uma proposta no sentido de se manter a atual hora legal.

Se, porem, essa proposta até ao dia 28 não tiver sido presente e aprovada os relogios serão avançados, no dia 28, em 60 minutos, em conformidade com o decreto com força de lei que existe no nosso paiz.

O sr. ministro do Trabalho recebeu tambem um protesto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, ponderando os inconvenientes que a alteração da hora traz consigo e lembrando que á semelhança do que se vem fazendo noutros paizes se conserve a actual hora legal.

Policia de Defesa Social

O Governador Civil de Lisboa demitiu os agentes auxiliares da Policia de Defesa Social.

TEATRO

Nota do dia

Ontem chegaram os jornais do Brasil. Percorri com o interesse peculiar que ligo a todo o movimento teatral as respectivas secções e confesso que fique... admiradissimo com o registo das peças que encontrei em scena no paiz irmão.

A mazurca azul» estava prestes a seguir os espectaculos dados pela nova opereta de Franz Lehar «A rainha do Tango». Ora a «Rainha do Tango» foi posta em scena pela 1.ª vez em Viena de Austria a 17 de setembro ultimo. Quer dizer, o Rio de Janeiro simultaneamente com Paris, com Berlim, levava á scena as ultimas novidades de Viena.

Depois vi os nomes das companhias que por lá andam, desde Esperanza Iris com a «Phi Phi» a uma anunciada temporada de Huguenet. De opera são belos nomes, rivalisando o Rio com os milionarios de New York temiveis a fazer em outro as melhores celebridades.

De fitas é a aluvião. Todos os grandes sucessos da nova arte vão alí parar em primeira mão, quer já os que vem da America, quer os triunfos alemães, dinamarquezes e franceses.

E no fim, quando de longe, numa visão de quem se possa enganar por não conhecer o meio, olhei essa vida intensa, c riosa, aferrada a tudo que é avanço, louca por levar na vanguarda dos povos o seu paiz, e a campanha com o nosso meio teatral e cinematografico, fiquei sem compreender como na ainda criaturas que pensam ir ao Brazil para explorar, como noutros tempos, um publico hoje mais culto que nós proprios.

O teatro de S. Luiz, por exemplo, repõe a «Viuva Alegre» a tres meses do inicio da temporada de inverno em que apenas nos deu o «Jardim de Aspazia» e a «Moreninha».

A «Viuva Alegre!» Eis onde ainda nós vamos. Mas amanhã partiremos com esse repertorio, ou com uma estrela de declamação e quatro expremidos sucessos de Lisboa a querer assombrar as platéias do Rio cujo adiantamento em teatro musicado e como apontamos e cuja apreciação de obras dramaticas traz logo o contrato com todas as primeiras figuras do teatro moderno, italianas e francesas que com as suas companhias vão ao Rio de Janeiro.

O que nós precisamos é lembrar-mo-nos que presentemente somos pobres; nada de empavonar-nos, nada de soberbos. Marcamos passo porque não podemos seguir pararelamente ás nações civilisadas graças aos politicos que assim quizeram.

Os nossos grandes recursos artisticos vivem atrofiadamente pelas condições de momento.

Estamos mais perto da Africa do que da Europa,

Um «film» que vai ser importado de França, exibido em agosto e setembro deve vir a sair por 60 contos. Como se pode aefender? Uma opereta para ser bem montada leva-nos rios de dinheiro. Quem se arrisca? Se ao publico não agrada a peça? E embora agrade quantas dezenas de noites são necessarias para cobrir a despeza? Por isso passamos sem os grandes filmes e não nos alargamos muito nas montagens...

Reconhecido isto, voltamos a preguntar: há o direito de olharmos o Brazil como a nação onde sempre fomos vender e caro a nossa sucata?

ARMANDO FERREIRA.

Festa artistica de Teodoro dos Santos

Realisa amanhã a sua festa artistica no Teatro Chiado Terrasse com a aplaudidissima peça «Juiz de Fóra», o distinto actor Teodoro dos Santos que na referida peça desempenha com propriedade inimitavel o principal papel.

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha, ... vão vai ás ilhas

—Desligou-se da companhia Alves da Cunha, o actor Augusto Machado.

—O ponto Mario Soares vai em «tournée» ás ilhas com a troupe do actor Raposo.

—Dizem que o actor Alves da Cunha, o actriz Berta de Bivar, e o atleta Ruy da Cunha vão filmar um «film» de grande espectaculo, de nome «Viriato».

—A companhia francesa de Mme. Piorat que vinha ao Nacional dar apenas tres recites, representará ali ... em cinco noites e uma matinée.

A «Primerose» foi adiada, sendo provavel que só vá á scena depois do Carnaval. Para esta quadra, como se sabe, no Nacional ensaia a «Carta anonima» onde reaparece Clemente Pinto e a sociedaria Helena de Castro.

—Assegura-se que já não reaparecerá nesta epoca, como tencionava, Mario Duarte.

—O sr. Vieira d'Almeida autor dum livro de versos recentemente publicado, tem prontas duas peças em um acto, «Tear de Penelope» e «Judith».

—Regressam, por estes dias, ao Porto, Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro.

—Lucilia Simões fará tambem no Brazil a «Simone».

—A actriz Maria Corte Rial depois da partida da companhia para o Brazil não ingressará em quaiquer outra companhia.

A «Moreninha» só voltará á scena do S. Luiz, depois do Carnaval.

—Definitivamente a distribuição de recitas proximas no Politeama é a seguinte. «Rajada», festa artistica de Ribeiro Lopes. «Casa em ordem» recita de Macedo e Brito. «La Passante» recita de Lucilia Simões. «A casaca encarnada» sobe á scena em festa de Erico Braga.

—Logo depois do Carnaval subirá á scena no Teatro Nacional a peça de Ramada Curto, «Os Tenorios».

—As noites do Carnaval no S. Carlos serão preenchidas com o «Boemia», «Tosca» e «Lohengrin».

Brasil

No dia 15 do mez passado reapareceu no «Recreio» do Rio de Janeiro a actriz Adriana de Noronha.

—No Teatro da Boa Vista de S. Paulo estreiou-se com a «Duquesa do Bal Tabarin» uma companhia de operetas italianas dirigida pelo tenor R. de Angelis.

—Gustavo Tojeiro escreveu uma peça, intitulada «Os alegres bolchevistas» que se destina ao Teatro de S. José.

—Arnaldo Pereira fez entrega á Companhia de Recreio duma peça intitulada «Sopa no mel»

—Esperanza Iris despediu-se do publico do Rio no dia 16 do mez passado com a «Princesa das Csardas».

AGENDA DA SEMANA

4.ª-FEIRA—No Teatro de S. Carlos «Bohème».

—O actor Teodoro Santos faz a sua festa no Terrasse com a peça de grande sucesso «O juiz de Fóra», adaptação de André Brun.

5.ª FEIRA—Primeira de «Lohengrin» em S. Carlos.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES DE UM RATINHO

—Como está, meu amigo?

Viva D. Tanagrette, então de novo por aqui junto do Nacional, deste teatro paradoxo.

—O sr. Ratinho tem a certeza que sabe o que significa a palavra paradoxo.

—Ora essa! a sua duvida ofende-me.

—Perdão, não tive essa intenção. Mas porque chama ao teatro Nacional, teatro—paradoxo?—

Ainda pergunta! Chama-se teatro Nacional e os unicas peças que nele fazem sucesso são as estrangeiras, excepção feita, claro está, da Morgadinha de Valflor, —vem-se cá num dia de gala e só há moscas.

Hoje, segunda-feira, dia morto e sem peça nova no cartaz está o teatro á cunha.

Realmente é curioso e um pouco paradoxal.

Diga-me lá, sr. Ratinho, já viu «O Centenario»?

—Já.

—Então dê-me os suas impressões.

O ratinho coçou o focinho, olhou para mim com os seus olhos redondinhos e respondeu-me um pouco embaraçado.

—Olhe, se quer que lhe diga, não sei bem definir a impressão que essa peça me fez. As peças são como os peizes e as pessoas, quando são felizes não teem historia.

—Gostei, disso não tenho a menor duvida. E' uma peça feita de sorrisos, uma peça vaporosa como uma renda louçã como uma manhã de primavera, calma e serena como uma tarde de outono. Os nossos gorvos disse... com sem que o pensamento pare; pelo contrario ha uma filosofia suave no decorrer de todos aqueles tres actos e a peça em logar de «Centenario» podia bem chamar-se: «Amemo-nos uns aos outros». Tem poesia, tem graça, tem delicadeza.

—Então é uma peça modelo?

—Creio que sim e talvez por isso mesmo deixou-me um frio n'alma.

Faltou-lhe para me agradar completamente, para satisfazer a minha natureza damninha do roedor, que afinal se parece bastante com a natureza humana, uma pitada de maldade. Diga-me a D. Tanagrette que não são isentos de defeitos, todos as personagens da peça.

Sim, é verdade, mas então não são retratos, são simplesmente caricaturas que nos fazem rir e não nos indignar.

Isto não quer dizer que eu não tivesse gostado da peça significa simplesmente que... prefiro uma chavena de chá a agua chalada; sem deixar de apreciar esta ultima bebida uns dias por outros para variar.

Note a D. Tanagrette que eu não sou critico teatral, se lhe disse a minha opinião foi só porque m'a pediu e tenho a certeza que agrada sobre mim o azalhema de toda a gente do corpo... E agora, boas noites minha senhora, o espectaculo já deve estar a principiar.

FRIOLEIRAS

Viajantes que teem percorrido grandes florestas dizem-nos que nos dias de grande calor se ouvem ali as plantas crescer. Afirmam eles que o termo «ouvir» não é uma figura de retorica, mas sim um facto.

No meio do silencio intenso ouvem-se pequenos estalidos; um retalhar vago, rumores indefinidos, um ranger longinquo, um ruido de castanholas. E' como se a natureza estivesse alacremente arrumando a casa. Aqui um botão que desabrocha, ali uma folha que despontà, mais ao longe uma herva que cresce.

Não se pode localisar esses diferentes sons, assemelham-se ao sussurro duma grande cidade escutada a enorme distancia e contudo os ouvidos habituados á floresta sabem que esse ruido confuso é o desenvolver das plantas.

Pôde parecer exagero mas ele afirmam que quem preste atenção distinguirá distintamente cada um desses diferentes sons.

E eu ao ouvi-los, sinto a atracção do profundo silencio que domina... lamento em mim, talvez por ser um dos mais faladores criaturas que existem. Os extremos tocam-se.

HIGIENE DA BELESA

Cura do chá

Dão-se remedios muito ... dos para os olhos inflamados e ... tanto creio que não haverá ...

mais eficaz do que a vulgarissima cura do chá.

Prepara-se o chá como de costume, separando-se o liquido das folhas depois de dois ou trez minutos de infusão, lavam-se os olhos com o chá quente; este pode ser aquecido por diversas vezes, contanto que não se usem passadas 24 horas depois de ter sido feito.

E' melhor aquecê-lo numa vasilha de barro.

A NOSSA CASA

Como pintar o sobrado

Quando o sobrado é de carvalho ou de qualquer outra madeira boa é facil pintar-se. Passa-se todo com oleo de linhaça, dando-se-lhe lustro depois.

Porém, quasi toda a gente tem so brado de pinho e então o processo é outro. Primeiro examinam-se as tabuas e tiram-se cuidadosamente os pregos e as fendas enchem-se de areia.

Põe-se em seguida duas camadas de permanganato de potassio e agua, tomando cuidado para que fique muito regular a côr.

Se se preferir que o sobrado imite mogno, em logar do permanganato emprega-se uma porção de tinta castanha misturada com uma egual quantidade de tinta vermelha e pinta-se como se se estivesse caiando.

Por cima disto põe-se verniz de mogno ou verniz simples.

Basta uma leve camada para dar lustro.

portanto parece haver um certo fundamento para esta recente opinião.

Mas as «chuchas» são feitas agora de forma que ao cairem fiquem perfeitamente direitas e assim a parte que a criança mete na bôca não toca no chão.

CONSELHO MEDICO

As opiniões medicas mais recentes são favoraveis a classica «chucha» de borracha para as crianças, considerando-a como um preventivo contra as adenites, visto ensinar a criança a respirar pelo nariz e a limpar os canais respiratorios.

Efectivamente tem havido muito mais operações ás adenites desde que a «chucha» foi posta de lado,

TRABALHOS FEMININOS

Cobertura para o teclado do piano

Como o pó entranha muito o teclado do piano é muito pratico fazer-se uma tira a fim de o preservar de toda a poeira.

Ficará engraçado fazer a tira dum tecido transparente e forra-la doutra côr.

De espaço a espaço borda-se qual quer motivo, uma vez na fazenda outra vez no forro o que dá um efeito um pouco desusado devido á transparencia do tecido.

ARTE DE COSINHA

Bolos de fantasia

1/2 quilo de farinha, 250 grs. de manteiga, tres ovos inteiros, 1/2 quilo de assucar, amassa-se muito bem, fazem-se os bolos da forma que se desejar e põem-se num taboleiro forrado de papel untado de manteiga e metem-se no forno.

PENSAMENTOS

O pensamento do homem é a unica coisa que ninguem lhe pode roubar

MICHELET

De todos os bens que a vida nos dá melhor é o Sonho.

. . .

CURIOSIDADES

O mais valioso lenço do mundo

Possue a rainha Helena da Italia, desde que era ainda princeza de Montenegro, um lenço que é um velho bordado de Veneza do fim do seculo XV pelo qual uns americanos ofereceram 50.000$00.

Remontando a sua origem á epoca do principio da arte das rendas na cidade dos Doges está em bom estado de conservação e é uma perfeição nos seus lavores.

Um chale célebre

A duqueza de Northemberland possue um chale de seis metros de comprimento e tão fino que pode comprimir-se todo dentro duma chávena. Custou 5.000 francos e foi-lhe oferecido pelo seu avô Carlos X de França. E' feito dum pelo finissimo, duma especie de gato da Persia e tão fino é o seu tecido que um fio isolado é imperceptivel á simples vista mais apurada.

Um mapa precioso

Em 1900 o imperador Nicolau II, da Russia, enviou á Exposição Universal de Paris um mapa curiosissimo do qual fez presente á Republica Franceza.

E' talvez o unico que ha, no mundo com tanto valor. Tem um metro quadrado e está encaixilhado em marmore e é constituido por um mosaico de pedras preciosas.

Cada departamento foi entalhado numa pedra especial, num marmore particular, agata, cornalina, malaquite, jaspe, onyx entrelaçando-se umas com as outras com grande trabalho artistico.

Os rios são traçados em curvas de ouro, e cada cidade rebrilha ao sol pois cada logar geografico é assinalado por uma grande esmeralda, por uma opala, por uma turqueza ou por uma agua-marinha.

Paris é um diamante que scintilla e Lyon, uma turqueza. Trezo milhões de francos, é o que diem que vale.

Aneis régios

O rei de Italia possue um que é um talisman de poderosos virtudes.

Diz-se que no dia em que o rei Humberto foi assassinado não o tinha no dedo porque se esquecera dele, quando lavara as mãos. Um imperador da Russia possuia tambem um anel, uma especie de talisman que perdeu e que foi encontrado pela princesa Carlota da Prussia entre umas joias que lhe legara uma criada. Anos depois esta princesa quando casou com Nicolau I lho restituiu, pois na parte interior tinha este anel a seguinte inscrição: «Imperador da Russia». O ultimo imperador deste paiz usava-o constantemente como os seus predecessores, até que um dia o perdeu.

Apesar de todas as diligencias empregadas para o achar, nunca mais o adquiriu.

E eis talvez a causa de todos os tragicos acontecimentos deste imperio !!

Diversas

O Padre José Agostinho de Macedo comia 30 laranjas ao almoço.

D. Sebastião, ha 350 anos, promulgou um decreto em que determinava o numero de pratos de que deviam constar as refeições. O Padre Santiago Grigner inventou os naipes das cartas para entreter Carlos VI. O uso dos oculos data do seculo XVI. O papel-moeda em Portugal data do ano de 1797 (15 de Junho). O papel selado principiou a usar-se em Portugal em 1800. O bispo de Nola foi quem introduziu o costume do uso dos sinos nas igrejas, no ano 400. O calcetamento das ruas principiou a usar-se no ano 850 (antes da era cristã) em Ilisbonia, por determinação do quarto Kalifa e foi Cordova a primeira cidade calçada; em França principiou este costume em 1184; em Inglaterra em 1417; em Alemanha em 1415 e em Portugal um pouco mais tarde. Paris foi a primeira cidade em que houve iluminação publica nas ruas, no seculo XVII; em Espanha no seculo XVII; em Inglaterra no ano de 1668 e em Portugal em 1757, isto é, no principio do reinado de D. José I. Leiria foi a primeira cidade portuguesa em que houve tipografia, instalada pelos judeus em 1494 e no mesmo ano se imprimiu a edição dos «Profetas Primeiros» e em 1495 o «Almanaque perpetuo dos movimentos celestes». Em 1489 os judeus Rabban Eliezer e Rab Tzorba imprimiram em Lisboa o «Pentateuco Hebraico». Em 1490 foi impresso pelos cristãos o «Breviario Eborense», e em 1494 foi impresso pelos mesmos em Braga, o «Breviario Bracarense».

A. G.

SPORT

Aviação

O governo francez concede anualmente 14 milhões de subvenção, para as companhias de navegação aerea.

Apesar disso, o deficit em 18 meses foi de 5 milhões.

Box

E' em abril que Carpentier, deve encontrar Ted Lewik, em Inglaterra, e pouco depois, disputará o titulo de campeão de França dos pesados, ao seu actual detentor Niles, em Paris.

—Um sportman, amador de box, oferece 25 mil francos, para um combate contra o actual campeão de França dos leves, e o nosso conhecido Mario, que durante meses esteve entre nós.

Luta

O russo Zbysco, continua invencivel.

Bateu agora o lutador Gradock, ganhando duas mãos de match que era disputado em 3 reprises.

Automobilismo

A Targa Filoris, a mais importante prova automobilista da Europa, e que se disputa na Italia, corre-se este ano a 2 de abril.

—Na Alemanha, a industria automobilista lançou já depois da guerra, mais 20 mil carros do que em 1914.

Ciclismo

A direcção do Velodromo de Inverno, está tratando dos contratos para a corrida anual dos 6 dias, que costuma ser um acontecimento.

NOTICIARIO

RUY DA CUNHA

O livro das memorias do atleta Ruy da Cunha, que está em preparação, é prefaciado pelo critico teatral Armando Ferreira.

FOOT-BALL

Desafios para o dia 19

Desafio para disputa da Taça Porto-Lisboa entre grupos representativos das duas Cidades, no Campo Grande as 15 horas; juiz o sr. Luiz Rebelo da Silva.

Primeira divisão: — 3.ª categoria, Sporting contra Bemfica, no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. C. Canuto.

Promoção.— 1.ª categoria; Royal contra Sacavenense, em Palhavã A, ás 13 horas; juiz o sr. Manuel Filipe Arsénio.

Portugal contra União Lisboa, no Lumiar A, ás 2 horas; juiz o sr. Alfredo Perdigão.

C. Quebrada contra Chelas, no C. Grande A, ás 13 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (do S. C. P.).

—2.ª categoria, — União Lisboa marcou dois pontos porque o União do Comercio, desistiu.

Portugal contra Sacavenense, no C. Grande A, ás 11 horas; juiz o sr. José Serrano.

Royal marca dois pontos contra o C. Quebrada, que desistiu.

3.ª categoria — 2.ª serie. —Chelas contra Marvilense, em Chelas, ás 13 horas; juiz o sr. Tecilio Constantino.

Nacional contra Atheneu no Bom Sucesso ás 13 horas, juiz o sr. A. Pedroso.

3.ª categoria—2.ª serie.—3. Sucesso contra Adicense, no B. Sucesso, ás 15 horas; juiz o sr. Viterino Mata.

União Lisboa contra Marvilense, em Chelas, ás 11 horas; juiz o sr. Mario Marques da Silva.

N.º 12 — Folhetim de A CAPITAL — 14 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Colocava a arte da dança acima de todas as outras e nesse assunto era como meu dai com o violino.

Conheciam-se desde que tinham trabalhado juntos no teatro e nunca mais o figurante abandonou meu pai. Viam-se muitas vezes e ambos choravam a sua triste sorte, julgando-se incompreendidos.

O alemão era o homem mais sentimental e terno do mundo e tinha pelo meu padrasto a mais viva e desinteressada das amisades. Mas, segundo me parece, meu pai não sentia por ele uma simpatia particular; suportava-o á falta de outras relações.

Alem disto meu pai era muito exclusivo para compreender que a dança era tambem uma arte e que entristecia até ás lagrimas o pobre alemão. Conhecendo a corda sensivel do desgraçado Carl Féodorovitch, divertia-se inquietando-o e troçando dele quando se entusiasmava fazendo o elogio e a defeza da dança.

Continuei ouvindo falar de Féodorovitch por B...., que lhe chamava o assobiador de Nuremberg e me contou muitas vezes detalhes sobre a sua amisade com meu pai.

Assim, muitas vezes, reuniam-se depois de terem lido qualquer coisa punham-se a chorar a sua triste sorte de artistas incompreendidos. Lembro-me desta scena e, vendo-os assim, começava também a chorar, sem saber porquê.

Isto sucedia quando minha mãi não estava em casa. O alemão tinha muito medo dela; esperava sempre no patamar que alguem passasse e so via que a mãi estava em casa tornava a descer a escada.

Trazia sempre consigo poemas alemães, entusiasmava-se sempre ao lê-los em voz alta e declamava-os em seguida traduzidos em russo para que os compreendessemos.

Isto divertia imenso meu pai e a mim tambem; eu ria até chorar. Mas uma vez eles encontraram não sei que obra russa que os entusiasmou a tal ponto que se reuniam para a lerem juntos. Era um drama em verso dum celebre escritor russo. Recordo-me tambem das primeiras linhas desta obra que tendo encontrado mais tarde, por acaso, o livro, logo o reconheci sem dificuldade. Nesse drama tratava-se das desgraças dum grande pintor, um Genaro ou um Jacopo qualquer, que em certa passagem exclamava: «Eu sou desconhecido!» e noutra: «Já sou conhecido!» ou: «Não tenho nenhum talento!» e algumas linhas mais abaixo: «Tenho imenso talento!». E a historia acabava muito tristemente.

Este drama era sem duvida alguma das obras mais ordinarias que existem mas—eis o milagre—ele impressionava da maneira mais ingenua e ao mesmo tempo mais tragica estes dois leitores, que encontravam nos protagonistas muita semelhança consigo proprio.

Lembro-me que por vezes Carl Féodorovitch entusiasmava-se a tal ponto que saltava do seu logar, corria para o angulo oposto do quarto e pedia a meu pai e a mim, tratando-me por «mademoiselle», com insistencia e as lagrimas nos olhos, para sermos juizes entre ele e o publico. E acto continuo punha-se a dançar, a executar diferentes passos, e pedia-nos para lhe dizermos depois se era ou não artista e se se podia afirmar que não tinha talento.

Meu pai ficava logo muito alegre; piscava-me o olho para me prevenir que se ia divertir com o alemão. Eu sentia uma grande vontade de rir mas meu pai ameaçava-me e eu sustinha-me, abafando o meu acesso de alegria. E mesmo agora não há nada como recordar estas scenas para me provocar o riso.

Vejo este pobre Carl Féodorovitch como se ele estivesse deante de mim. Era de pequena estatura, muito magro; tinha os cabelos brancos, o nariz aquilino, vermelho devido ao tabaco, e umas pernas muito deformadas. Não obstante isto orgulhava-se da sua conformação e vestia calças muito apertadas. Quando ele ficava em posição depois do ultimo salto, estendendo para nós as suas mãos e sorrindo como sorriem os dançarinos em scena no fim duma dança, meu pai, durante alguns instantes ficava calado, como se não pudesse decidir-se a formular um julgamento, deixando de proposito o dançarino desconhecido na sua pose, de maneira que ele balouçava-se com um só pé no chão e com o outro tentava, com todas as suas forças, conseguir o equilibrio.

Por fim meu pai olhava-me muito serio como que convidando-me a ser testemunha da imparcialidade do seu julgamento emquanto os olhares timidos, suplicantes do dançarino se fixavam ao mesmo tempo em mim.

—Não, Carl Féodorovitch, não podes causar exito, dizia meu pai fingindo a maior contrariedade por se vêr obrigado a pronunciar esta verdade amarga.

Então do peito de Carl Féodorovitch saia um verdadeiro gemido; mas instantaneamente ele recuperava a coragem perdida e reclamava de novo a nossa atenção, afirmando que não tinha dançado segundo o bom metodo e implorando para o julgarmos ainda mais uma vez.

Corria de novo para o outro angulo do quarto e dançava de tal maneira ás vezes, que batia com a cabeça no teto, magoando-se; mas tal qual um Spartaco, suportava heroicamente a dor, parava de novo com uma «pose» de novo, com um sorriso, estendia tremendo as suas mãos para nós e de novo pedia o nosso «veredictum». Mas meu pai era inflexivel e como dantes, respondia com um ar sombrio:

—Não, Carl Féodorovitch; é sorte tua, nunca triunfarás! Então eu não me continha mais e desatava a rir. O meu pai seguia-me o exemplo, Carl Féodorovitch compreendia por fim que nos estavamos divertindo á sua custa, ficava vermelho de indignação e com as lagrimas nos olhos, com um sentimento profundo de comico, o que mais tarde me causava muita pena, dizia para meu pai:

—E's um amigo cruel! Depois pegava no chapeu e saia de nossa casa jurando que nunca mais lá voltaria. Estas zangas, porém, não duravam muito.

Ao fim de alguns dias voltava. De novo recomeçava a leitura do famoso drama; novas lagrimas derramavam e de novo o ingenuo Carl Féodorovitch nos pedia para sermos juizes entre o publico e ele, mas desta vez para o julgarmos seriamente, como verdadeiros amigos e sem o troçar...

(Continúa

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4004 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 15 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A missão do parlamento

A reabertura do Parlamento, que se está realisando á hora em que traçamos estas linhas, tem uma grande significação.

E' que mais uma vez se regressa á normalidade constitucional após um periodo revolucionario.

Esse periodo está encerrado. Nada resta do seu predominio, o, diga-se a verdade, bem desejariamos todos esquece-lo.

E' que durante ele se cometeram os crimes mais nefandos de que ha memoria na historia portugueza, o se rasgou sucessivamente a Constituição, sem que sequer semelhantes atropelos se podessem explicar com urgentes necessidades de salvação publica.

A Constituição foi rasgada, tanto pela via do facto revolucionario, como pela cumplicidade dos partidos e dos altos poderes do Estado, apenas por fraqueza, apenas por um espirito de capitulação ante pressões ilegais e ilegitimas. E afinal de contas, para quê?

A situação, é hoje pior sob todos os pontos de vista do que quando existia o parlamento que a força das armas impediu de prosseguir nos seus trabalhos.

Agora, novamente falaram as urnas. Novamente se elegeu um parlamento. Os nossos votos são que este parlamento seja respeitado, porque só é a concretisação do sistema representativo que em Portugal vigora sob a bandeira da Republica.

Não é um bom cidadão, não é um republicano, quem ainda nutrir propositos subversivos, tendentes a prolongar a anormalidade revolucionaria.

As Republicas vivem com os parlamentos. A Republica Portugueza tem de viver com o Parlamento.

Porque é que, se pretende fazer acreditar que se não pode viver com o parlamento, segundo os moldes em que ele se encontra constituido?

Não differe destes moldes a formação do parlamento francez, do parlamento britanico, e com esses parlamentos vivem a França e a Inglaterra sem que nunca se pensasse em derrubá-los por meio de revoluções ou de golpes de Estado.

A instituição parlamentar não é má. E' mesmo, inegavelmente, a melhor, ou antes a unica maneira de tanto quanto possivel interpretar a vontade dos povos.

Maus são os nossos costumes politicos que não teem permitido que esse sistema se utilise como rigorosamente deve ser utilisado.

Mas, ainda assim, o parlamento portuguez não se pode desprezar. Ha parte dum seculo que ha parlamento em Portugal, e temos feito com ele uma obra que se não pode desprezar.

Na sala onde hoje se reunem os novos parlamentares ha tradições de civismo, de liberdade. E por muitos erros que ali se tenham praticado, por muito que as paixões ali tenham encontrado eco, ela não está infamada pelos morticinios publicos.

Que o parlamento trabalhe. Para o trabalho de que a situação precisa, que se lhe apresentem todas as suas comissões. Para os discursos tem a plena liberdade da palavra, que é a garantia dos eleitos da nação.

Nós esperamos que o novo parlamento leve ao fim a sua missão. Assim é necessario que suceda para nosso interesse, para nossa honra, para completo desafogo do nosso espirito, porque só assim veremos a Republica integrada em toda a pureza dos seus principios.

Pio XI

recebeu o Cardeal Patriarca de Lisboa

ROMA, 14.—O Papa recebeu hoje o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Antonio Mendes Belo, que se fazia acompanhar dos alunos do Colegio Portuguez.—(H).

A lucta em Marrocos

Vai solucionar-se a questão de Tanger

PARIS, 15.—A Inglaterra, França e Hespanha estão preparando a solução do problema de Tanger.—(R).

Os adidos militares estrangeiros em Madrid vão seguir para Marrocos

MADRID, 15.—Dentro de poucos dias partirão para Marrocos os adidos militares das embaixadas estrangeiras.—(R).

A NOITE TRAGICA

Revelações inéditas acerca dos indicios encontrados pelo sr. dr. Alexandrino de Albuquerque nas investigações policiais sobre os crimes da «Noite Trágica»

Muitas pessoas incluidas na lista da morte foram aconselhadas a fugir por oficiais da Guarda e do Exercito

A parte da população de Lisboa, que é revolucionaria ou por, gosto instinctivo, cultiva esse genero de «sport», que, felizmente, já foi mais da moda que presentemente, sabe, mesmo que não seja senão por ouvir dizer, quo essa imitação da Revolução Francesa, chamada Tribunas Revolucionarias, foi sempre preconisada pelos espiritos incultos que encaxeiam no «bas-fonds» de todas as conspiratas. Durante os ultimos cinco anos fez-se a propaganda de que era necessario, de que era indispensavel, afazer a limpeza». A qual consistia, é claro, em mandar desta para outra vida aqueles infelizes que possuissem cabeça para gerar idéas e não somente para andar sobre os hombros mais ou menos equilibrada.

Os politicos inexcrupulosos, avidos do Poder fosse qual fosse a forma por que ele lhes viesse ás mãos, lisongeavam a execranda idéa, persuadidos, naturalmente, de que não passaria tudo de palavriado sem consistencia. Entretanto já em tempo esteve para ser assassinado o sr. Brito Camacho, se o bando matador o tivesse encontrado, a geito, na Redação de «A Luta».

Isto não é segredo, porque veio então noticiado nos jornais...

Os grandes clubs politiqueiros foram trazendo á superficie as camadas baixas da sociedade portuguesa, cavando dia a dia mais fundo no subsolo dos profissionais da desordem e dos inimigos do Codigo Penal, até esbarrarem, por fim, no «Dente de Ouro», que é, parece-nos, o expoente maximo da «sans-culotte» nacional.

Se, neste instante, os dirigentes da politica nacional não estão convencidos da necessidade de enveredar por outra estrada; mal irá á Nação e, primariamente a todos ou a alguns deles!

O pronunciamento militar de 19 de outubro devia marcar a definitiva conclusão do ciclo revolucionario iniciado em 1910. Já não é sem tempo! E a lição da «camionette fantasma» é suficiente para der visto até aos cegos de nascença.

Não falâmos, é claro, dos tarados que fazem da politica arma das suas inconfessaveis paixões, porque esses são incuraveis, e apenas se tornam inofensivos se todos nós, homens de honra, os isolarmos.

Posto isto vamos reproduzir aqui algumas informações que ontem escolhemos dos muitos boatos que correram em Lisboa.

* * *

Lá para os lados de Santa Maria, em rua escura e em prodio de aparencia modesta, reuniram-se, ali pelas alturas de agosto do ano passado, muitos revolucionarios e entre eles alguns oficiais.

O «complot» contra o governo Granjo atingira já o seu grau maximo de intensidade. Faziam-se os ultimos preparativos para aquilo a que, entre os conjurados, se denominava de Movimento Nacional Republicano, o espirito dos revolucionarios era essencialmente anti-partidarista.

Na assembleia a que aludimos foi apresentada a famosa lista dos individuos, todos politicos ou argentarios, que deviam ser executados ou chacinados. E a lista era longa, contendo muitos nomes, tais como os dos srs. Antonio Maria da Silva, Alberto Tote, Fausto de Figueiredo e Alvaro de Castro.

A' Policia de Segurança do Estado foi levada uma denuncia anonima destas reuniões. Não se indicava, porem, a casa, com precisão?

E foi em virtude desta incerteza que a policia assaltou, uma noite, a Igreja de S. Sebastião da Pedreira, prendendo na sacristia alguns pacificos burguezes que, com o padre da freguezia, concertavam o orçamento cultual. Por signal que a policia esperava encontrar lá o general Gomes da Costa, apontado como principal conspirador!

Este incidente fez rir o publico, mas o caso era, todavia, muito vivo. Segundo a versão que foi levada ao conhecimento do dr. Alexandrino de Albuquerque, os oficiais que ouviram tal plano de massacre saiham horrorisados e trataram de avisar os seus amigos, para que se pozessem a salvo, logo que a revolução deflagrasse.

Avisaram o sr. Antonio Maria da Silva, o sr. Alvaro de Castro, o proprio Machado Santos... Preveniram muitos outros. E, entre eles, o sr. tenente-coronel Raul Esteves, comandante do batalhão de engenharia militar que tem o seu quartel lá para os lados de Campo de Ourique.

Quem poz de sobre-aviso este ultimo oficial foi o sr. capitão Loureiro, da Guarda Republicana.

O sr. tenente coronel Raul Esteves foi recomendado que saisse de Lisboa para local seguro, nos primeiros indicios de revolução. O bravo oficial respondeu, porem, que não abandonaria o seu posto e assim fez; como os assassinos o não encontrariam infalivelmente no «procuravam». Preferiria exercer a sua sinistra missão em homens que tranquilamente dormiam nas proprias residencias!

Alguem julgou do seu dever prevenir o dr. Alexandrino de Albuquerque, que chamou o sr. Raul Esteves, que hesitou, primeiramente, em dar informações sobre a denuncia e acabou por contar o que sabia, já, de certo, suficientemente conhecido da policia, por outras vias.

Não sabemos se ha mais alguns indicios contra os oficiais presos. Supomos que não. E as nossas notas são, como é de justiça, para que tudo se esclareça, resultando evidente, afinal, a inocencia dos indiciados.

* * *

Não é fora de proposito dar aqui noticia dum outro incidente.

Um chefe politico aconselhou o sr. Presidente da Republica a usar da maxima energia para aniquilar os revolucionarios de 19 de outubro.

Ofereceu-lhe para tal fim elementos militares de importancia. O sr. Antonio José de Almeida opoz-se á repressão porque, dizia S. Ex.a, «haviamuito sangue a derramar!...»

—V. Ex.a—objectou esse conselheiro—V. Ex.a nem parece Presidente da Republica Portugueza, Assemelha-se mais a Presidente da Cruz Vermelha!

HORA DO PECADO

Vasco Borges

Em verso:

O Vasco Borges doutor
Não conhecem? E' de mais
Um fino açambarcador
De pastas ministeriais,
Um rapaz vivo, elegante
E já ministro de tudo
Que sobraça deste instante
A pasta do Deus—Entrudo?
Não se lembram. O' Gloria,
Chega quasi a ser sinistro,
Já não tem tempo a memoria
Para recordar um ministro...
Pois o Borges, o doutor
Flor das mais finas castas
O grande açambarcador
Vai deixar todas as pastas
Todas elas vai deixar
Num sorriso que esvonça
E vai apenas usar
A fina pasta conraça...

Em prosa:

Parece reclame mas não é, juro nas mãos do directorio do P. R. P.

TINTA PERMANENTE.

O IODAL

Granulado de Iodo-Iodetado, patente de invenção portugueza, uma das descobertas mais honrosas para a sciencia nacional, segundo o documentam os ilustres professor de quimica das universidades do paiz é o unico preparado de Iodo-Iodetado que não produz iodismo.—Pedidos a Raul Vieira, Lda., Rua da Prata, 51-3.º

Migalhas

Um livro

Chagas Franco envia-me de Rennes, a velha cidade bretã em cuja universidade o autor do «Resgate» rege uma cadeira de literatura portuguesa, o seu ultimo livro: «As sacrificadas».

E' ainda um livro de guerra. E' a contribuição de Chagas para a historia da nossa participação, historia a que faltava o capitulo que as «Sacrificadas» vem acrescentar. Todos os que escreveram acerca da estada dos portuguezes na Flandres nos anos terriveis contaram como poderam e souberam, como viram ou como sonharam, a guerra, as trincheiras, o sangue, a lama, os mortos e os herois. Chagas Franco conta-nos a historia de uma mulher que sofre todas as tristezas, todas as amarguras porque tem á beira do perigo o homem a quem ama e a quem a guerra mata finalmente sob os olhos dela na hora mais tragica da nossa intervenção.

Essa portuguesa transportada a França, vivendo em Paris, nos seus arrabaldes e por fim numa aldeola da zona de guerra, as cruciantes angustias de uma alma unicamente solicitada por um grande amor, é uma curiosa figura de mulher e as impressões que lhe deixam os meios onde sucessivamente vive, os olhos com que vê a França sofredôra e dolorosa, olhos de portuguesa bem portuguesa documentam de uma maneira singular a passagem dos soldados pardos na grande chacina.

O livro de Chagas Franco é um livro intensamente sentido.

Ouido mesmo que de quantos a guerra inspirou a escritores e escrevinhadores portuguêses ele é dos mais sinceros. A guerra é simplesmente o cenario da acção. Todo o verdadeiro drama está na tortura de dois entes que abominam rancorosamente a guerra por que esta os separa e que dentro da terrivel convulsão são dois isolados que vivem exclusivamente um para o outro, que se buscam com ancidade através o torvelinho feroz e que se encontram finalmente num certo instante antes do eterno e brutal afastamento.

Para os que andaram em França combatendo por Portugal, certas paginas de Chagas Franco, evocando horas e paisagens que o tempo já ia esfumando nas memorias, tem o condão de fazer reviver as proprias impressões. Tornarão muitos dos combatentes a ver-se dentro do quadro que o romancista esboça aqui e acolá. Toda a sentimentalidade do livro fará erguer das brumas do passado fantasmas de ternura e essa historia de uma mulher da gurra fará ressuscitar muitas outras que iam quasi esquecendo.

A heroina de «As sacrificadas» é uma voz no côro terrivel das mulheres dolorosas que estendiam para a linha de fogo os braços donde a guerra lhes arrancára o amado. E, ouvindo os seus lamentos, os que estiveram no parapeito, voltam para traz e descobrem, la longe, uma mulher que os espéra e que sofre. Como disse, o romance de Chagas Franco põe na bibliografia da guerra uma nota que lhe faltava.

ANDRÉ BRUN

LER EM

ULTIMA HORA

Entrevista com o sr. Ministro do Trabalho

Um livro

Discurso do senador brasileiro Felix Pacheco em homenagem ao director do «Jornal do Comercio» do Rio

Recebemos o muito agradecemos o interessante discurso que o senador brasileiro sr. Felix Pacheco proferiu por ocasião da inauguração do retrato do benemerito portuguez sr. Antonio Ferreira Botelho ilustre director do «Jornal do Comercio» do Rio de Janeiro.

Notavel pela forma e pela ideia, o discurso do sr. Felix Pacheco desenuece-nos sobremaneira visto tratar-se de palavras dirigidas a um portuguez que no paiz irmão tem sabido sempre honrar dignamente o nome portuguez.

A politica alemã

O gabinete Wirth está periclitante

BERLIM, 15.—A situação do gabinete Wirth continúa incerta; devendo talvez hoje votar-se uma moção de confiança, tendo havido conferencias entre os socialistas majoritarios e os independentes para obter pelo menos a abstenção destes ultimos.

Julga-se que depois da votação da moção de confiança para e simples, que dará uma fraca maioria ao governo, se procederá, na segunda parte da ordem do dia, á votação duma moção de confiança sobre a politica externa, que talvez dê ao governo uma maioria satisfatoria.—(R).

ABERTURA DO PARLAMENTO

Tudo fóra dos eixos

tanto em obras, como em palavras!...

Nos discursos pronunciados por ocasião dos cumprimentos da oficialidade da G. R. ao sr. Presidente do Ministerio, trocaram-se os discursos protocolares.

O ilustre Comandante em Chefe da Guarda Republicana falou no «apoio» da Guarda ao Governo; e o sr. Antonio Maria da Silva disse que contava com a «cooperação» da Guarda.

Tudo isto é usar de expressões improprias.

A' Guarda não compete dar «apoio» a este ou áquele governo. Tem um dever unico a cumprir: manter a ordem publica. E, para o cumprir, tem que obedecer ás ordens do Poder Executivo da Republica.

Tambem não tem que «cooperar» com o governo. A Guarda não é um Poder do Estado. E' um corpo militar com funções especiais de policia publica. «Cooperar» com o governo? Mas em quê?... Não tem que «cooperar», tem que «obedecer».

E' muitas vezes desta troca de expressões, que alguns politicos supõem muito habil, que nasce primariamente a indisciplina das forças armadas...

QUESTÕES COLONIAIS

O alto comissario de Moçambique

Está dando provas inequivocas da sua incompetencia, originando uma situação tensa — contra ele e as forças vivas da colonia —

Encheu-se a medida, transbordou o copo.

O sr. Brito Camacho, alto comissario em Moçambique, ha muito que vinha criando uma situação insustentavel pela sua manifesta incapacidade na administração colonial. Eram já tensas as relações entre aquele alto funcionario e as forças vivas da colonia até que a publicação desse novo regulamento da contribuição comercial e industrial provocou uma tempestade de justificados protestos, ameaçando o comercio de fechar as suas portas e cessar todas as transacções. Noticias particulares dizem mesmo que houve ali a intenção de obrigarem aquele alto funcionario a embarcar para a metropole.

Este estado de espirito da população é altamente inconveniente em quaisquer circunstancias, mas numa provincia como a de Moçambique, já meio desnacionalisada mercê das leviandades das autoridades que a teem governado nos ultimos tempos, chega a ser um grave perigo.

O sr. ministro das Colonias precisa de se não desinteressar do assunto para não ser surpreendido por algum desagradavel acontecimento.

Fez-se em Lourenço Marques durante um certo tempo uma campanha para que ali fosse decretado o regimen monetario base ouro, ignorando os autores dessa campanha que o regimen ouro é o unico legal entre nós ha mais de meu seculo, na metropole e nas colonias, e que, se, de facto, não vigora em regimen é somente por falta de ouro.

Conseguiram entretanto que os vencimentos do funcionalismo fosse em parte pago em ouro e até em ouro passaram a ser pagos os serviços dos indigenas.

A' sombra desta situação anormal e privilegiada em confronto com os funcionarios da metropole e doutras colonias, foi á parte do que provocou invadida pela moeda de prata e cobre ingleza, e até pelas notas «inconvertiveis» dos Bancos inglezes que teem filiais estabelecidas em Lourenço Marques.

A desnacionalisação da provincia vai-se assim completando pelo meio decisivo, meio de propaganda — a moeda. Os indigenas escarnecem já da moeda portugueza e consideram-na sem valor e no Boletim Oficial, oh! impudor, oh vergonha, não se fala senão em libras «shillings» e «pence». O «shilling» foi traduzido para portuguez, na prosa oficial, assim: «xelim». Horror!

O sr. ministro das colonias tem de olhar por isto.

O sr. dr. Brito Camacho encontrou já criada esta deprimente situação, mas, em vez de reagir, aceitou-a, não encontrando no arsenal das soluções que daqui levou, mais que uma cartinha de empenho para o principe de Connaugt, governador geral da União, para resolver a questão monetaria da provincia de Moçambique, pedindo o favor de influir para que os pretos que trabalham nas minas do Rand fossem pagos em ouro e não em notas inconvertiveis. O principe nem sequer se dignou responder, encarregou disso o primeiro ministro general Smuths que em resposta ao empenho do sr. Brito Camacho disse que tinha primeiro que tudo que velar pelos interesses dos Bancos da União.

São os resultados de se enviarem para tão elevadas funções individuos manifestamente incapazes.

O sr. dr. Brito Camacho devia ter sido mandado retirar logo que fez o contracto Hornung que constituiu uma prova de exame digna de reprovação.

Para manter a situação do pagamento dos funcionarios em ouro numa parte dos seus vencimentos, tem o governo da provincia sobrecarregado todas as fontes de riqueza com pesadissimos impostos pela exigencia do pagamento destes em ouro e até já não se contenta de exigir os direitos aduaneiros de exportação em proporção com as mercadorias na origem, mas sim em proporção com o valor que teem nos mercados do destino, como sucede, por exemplo, com as oleaginosas. E' até onde pode chegar o desnorteamento.

A situação do sr. Brito Camacho é insustentavel. Se ele teimar em não pedir a sua demissão, é necessario para interesse do paiz significar-lhe que o logar de alto comissario é para individuos competentes e de confiança do governo.

A questão irlandesa

Um discurso de Churchill na Camara dos Comuns

LONDRES, 15.—O sr. Churchill comunicou na Camara dos Comuns que o governo tinha julgado necessario suspender a evacuação das tropas inglezas da Irlanda do sul.

Esta resolução tinha sido tomada unicamente devido á situação anormal existente na fronteira do Ulster. Respondendo a perguntas que lhe foram feitas, o sr. Churchill disse que aquela resolução se impunha enquanto o Governo do Estado Livre da Irlanda não estivesse numa situação definitiva.

O governo provisorio do Estado Livre da Irlanda não está ainda em condições de garantir a obediencia das forças designadas pelo nome de exercito de republica irlandeza, a dispor delas como forças regulares para a defesa do governo. O sr. Churchill acrescentou que o sr. Michel Collins primeiro ministro do Estado Livre da Irlanda viria a Londres discutir a situação com o governo britanico. O sr. Collins informou o Gabinete inglez de que antes de sair de Dublin tomaria todas as medidas para que no mais breve espaço de tempo possivel fossem libertados todos os individuos que tinham sido aprisionados no Ulster.

Os jornais referem-se a uma entrevista concedida pelo sr. Collins em que este declarou estar absolutamente disposto a resolver a situação. O primeiro ministro do Estado Livre da Irlanda referiu-se ás manobras dos partidarios do sr. De Valera a quem ele atribui a responsabilidade das desordens havidas na fronteira do Ulster.

Declarou mais que tanto ele como os seus colegas estavam resolvidos a agir energicamente e a cumprir em absoluto os acordos estabelecidos com a Inglaterra.

Lord Birkenhead na Camara dos Lords tambem frisou a deficiencia de força do governo provisorio do Estado Livre da Irlanda para manter a ordem. Disse que aquele governo contava com o apoio da grande maioria do exercito republicano irlandez, mas parte dele recusava-se a receber instrucções e ordens do governo, que não dispunha de forças para se impôr a essa minoria recalcitrante. O governo provisorio tinha, apesar das extraordinarias dificuldades, com que luta, feito todo o possivel para impor a sua vontade a esta minoria que apesar de tudo se mantem acutilada.

Lord Birkenhead referiu-se ás apreensões do sr. Collins que teme que aqueles que desejam anular o tratado anglo-irlandez se esforcem por aliciar as forças em que o governo provisorio precisa de se apoiar. Acrescentou que o governo inglez tinha chegado á conclusão de que enquanto prevalecesse esta situação extraordinaria não se devia continuar a proceder á evacuação das tropas inglezas na Irlanda.

Lord Birkenhead terminou o seu discurso dizendo que deve ainda ter lugar varias discussões entre o sr. Collins e Sir James Craig primeiro ministro do Ulster e exprimiu a opinião de que o tratado anglo-irlandez será coroado do sucesso se todos os homens de boa vontade dos dois paizes colaborarem para este fim.—(R.)

A situação é grave

LONDRES, 15.—Um comunicado de Dowing Street, diz que Lloyd George e Chamberlain tiveram uma entrevista com Sir Arthur Griffiths, presidente do «Dail Eireann», na qual expuseram a gravidade da situação após a scena dos sequestros e detenção prolongada de cidadãos do norte da Irlanda.

Griffiths assegurou que essas pessoas se encontram em condições de segurança absoluta e que o governo provisorio de Dublin obterá gradualmente a sua liberdade, propondo-se a encetar toda a ordem de negociações para as restituir á liberdade.—(Lat. Am.)

Estão iminentes acontecimentos importantes

LONDRES, 15.—Ha verdadeira ancidade pela situação da Irlanda. As ordens de Collins para a libertação dos sequestrados não foram acatadas.

Em Belfast a exasperação dos animos vai até ao paroxismo e a colera popular manifesta-se por tal modo que parecem iminentes graves sucessos.—(Lat. Am.)

Um desastre na aviação espanhola

MADRID, 14.—Esta tarde, no aerodromo de Quatro Vientos um avião tripulado pelos subditos inglezes Richardson, Milne e Southeavorter, voltando-se, caiu da altura de 30 metros, ficando esmagados e mortos imediatamente dois dos aviadores; o outro expirou pouco depois.—(H.)

SEGREDO A TODA A GENTE

Sr. governador civil

Li hontem, num jornal da manhã uma entrevista concedida por v. ex.ª sobre o carnaval. Permita que conversemos hoje sobre ela. V. Ex.ª começou por falar como Viriato Lobo—e acabou por falar como governador civil. Não reparou? Na primeira hipotese o sr. Viriato Lobo declara-se, e no principio, (c'est l'eternelle chanson) contra o Santo—Entrudo. «O carnaval já fez o seu tempo; hoje está destronado e vive apenas da tradição. Os povos, compreende-se, civilisam-se, educam-se e preparam-se para as grandes conquistas do pensamento. A hora é toda beleza espiritual. E' toda uma epoca de anos, de arte e de virtude. O carnaval tende a desaparecer». Palavras do sr. Viriato Lobo. Os folguêdos carnavalescos! Se não fosse extemporanea, proibiam-se por completo»—diz o sr. governador civil, contrapondo-se ao... senhor governador civil. O carnaval nunca foi tanto do seu tempo, como hoje. Nunca. Continúa como então a ser rei, um rei—imaginei—que até intervem nos estados republicanos, como o nosso. «A hora é toda beleza espiritual». Quem lho disse? Se é e é necessario ser o governador civil para o reconhecer. «E' toda uma epoca de amor, de arte e de virtude». E tudo isto e v. ex.ª depois de o ter dito—arrisca-se a dizer que o Carnaval. Ainda o acaba! Porque não proibe v. ex.ª os folguedos carnavalescos? E' extemporaneo? Mas se é extemporaneo é porque, ao contrario do que v. ex.ª diz, uma como Viriato Lobo, o entrudo ainda, é implicitamente alguma coisa em Portugal. V. Ex.ª está atado, compreendo, de multidões, no balbuciar de Dionisos. Acredite V. Ex.ª não podia, sem atropelar os poderes do Estado, acabar com o entrudo em Portugal porque se não reconhecem ainda ao governador civil de Lisboa o direito de acabar com os governos, com a politica, com as modas, com a vida, com o proprio governo civil de Lisboa...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

Em volta da conferencia de Genova

A Grã-Bretanha entende que a conferencia não deve ser adiada

PARIS, 14.—A Agencia Havas supõe que na entrevista que ontem teve com o sr. Poincaré, Lord Hardinge, embaixador da Grã Bretanha, lhe declarara que na opinião do governo britanico, não ha motivo para adiar a conferencia de Genova.

O governo inglês até hoje apenas respondeu á parte do memorandum, do sr. Poincaré, que trata da data da conferencia de Genova.—(H).

Uma conferencia preparatoria

BERLIM, 14.—O governo francez informou o governo inglez que se está a preparar uma conferencia de delegados, que prepararam os detalhes tecnicos para a conferencia de Genova, e propõe que ela assistam delegados da Tcheco-Slovaquia, da Polonia e da Yugo-Slavia. A conferencia terá logar em Paris. Poincaré intima para Londres que a conferencia de Genova seja adiada para daqui a 3 meses. No entanto os delegados deciram que se poderá reunir em meados de abril. O governo inglez convida os delegados dos aliados a reunirem-se em Londres.

O «Times» faz notar que a conferencia de Genova não é uma conferencia dos aliados mas sim de todas as nações, incluindo as neutrais. Nos meios diplomaticos é mal interpretada a atitude da França para com a conferencia, que é do maior interesse para a situação economica mundial.—(Lat. Am.)

Lloyd George toma conhecimento da nota enviada ao governo francez

LONDRES, 15.—Lloyd George tomou conhecimento da nota enviada pelo governo francez a proposito da projectada conferencia de Genova. Assegura-se que as personalidades politicas que mais de perto convivem com Lloyd George se mostram opostas ao adiamento da conferencia, o que parece que a Italia manifeste o mesmo desejo que a França.—Lat. Am.)

O delegado dos soviets conferencia com o governo inglez

LONDRES, 15.—O delegado russo Krasine teve uma longa entrevista com Lloyd George, em Dowing Street.

Krasine partiu já para Moscow, com o fim de intervir nos preparativos que ali se estão fazendo para a conferencia de Genova.—Lat. Am.)

As finanças dos "Soviets„

No seu discurso do 9.º congresso pan-russo dos «soviets», Kresliusky, comissario financeiro, e de Ojad, plenipotenciario de Moscow, em Berlim, expoz, bastante minuciosamente, o percurso vertiginoso das emissões bolchevistas: 34 biliões em 1918, 163 em 1919, 955 em 1920 e 10 triliões em 1921. Se, este ano, o recurso e emissões fiduciarias pareceu ser o menos activo, é unicamente devido aos rublos novo modelo.

Tudo isso, porém, não é mais do que uma ficção pura e simples. Os novos rublos permitirão tão simplesmente realisar economias quanto ás despezas de papel utilisado pelas imprensas do Estado.

Não conseguirão, por principio algum, travar a alta acelerada dos preços.

Cada dia, segundo a propria confissão da imprensa bolchevista, a carestia da vida se torna mais angustiosa; cada dia a capacidade de compra das acções se encaminha para o «nada».

«Emquanto o capitalismo triunfar sobre o mercado mundial, escreve a «Vida Economica», orgão do «soviet» do trabalho e da defesa a unica base da circulação fiduciaria permanecerá sendo a caixa metalica dos Estados.

Uma republica socialista, cercada de povos burguezes, arruinada e dizimada, não póde, de forma alguma, pensar em lançar mão do sistema monetario, exclusivamente fiduciario.

Por outro lado, a garantia metalica é essencial excessivamente na Russia.

O metal, o oiro em caixa, segundo Kreslinsky, é hoje absolutamente insignificante e apenas é suficiente para fazer face ás despesas correntes no estrangeiro.»

Os financeiros «sovietistas» não têem, não alimentam ilusões sobre a sua impotencia para sanearem, de uma maneira radical, a sua destrambelhada circulação. A sua unica ambição é conseguirem paliativos para paralysarem as consequencias perniciosas da instabilidade das acções nas suas emprezas. Dahi a aparição de um novo rublo, que, segundo a definição oficial, é a encarnação, a mais utilisação, sob a fórma de um bilhete emitido pelo Banco do Estado, do rublo de antes da guerra, condicional, que servirá para a fixação dos impostos, dos preços da producção das «trusts» do Estado, dos preços dos transportes, etc.

Este rublo é ainda «O producto da divisão de uma certa quantia em acções pelo coeficiente da depreciação dessas acções em comparação com o antigo rublo».

Se, por exemplo, uma certa quantidade de trigo custar 200:000 rublos e a capacidade de compra do rublo tiver diminuido 100:000 vezes, essa quantidade de farinha pode ser avaliada em 2 rublos do antes da guerra.

Em face disto, naturalmente, surge esta questão: como determinar a depreciação do rublo?

Os calculos teem de ser aproximados.

O novo rublo não é destinado a substituir os milhões de rublos em circulação e condemnados a uma depreciação absoluta. O seu unico fim é facilitar a contabilidade do Estado.

Calculado em rublos de antes da guerra, o orçamento bolchevista teremos: as despezas avaliadas em rublos 1.877:000:000; as receitas em 880:500:000.

Entre os principais recursos encontrados pelo comissario das finanças figuram a producção das empresas do Estado com 900 milhões; imposto em generos, 400; transportes, correios e telegrafos e telefone 39; impostos em moeda 76,5; rendimento das propriedades do Estado 70.

As emissões estão avaliadas em 630 milhões. O «deficit» deverá ser coberto por um fundo especial de subvenções e doações.

O saneamento deste orçamento é, pois, absolutamente, ficção resultando duma casuistica financeira sem precedentes na historia economica.

O problema do Egito

LONDRES, 15.—Ontem ouve uma conferencia entre o governo e Lord Allenby onde este expoz a sua politica de conciliação no Egito favoravel a Sarwat Pachá, não se sabendo ainda qual a atitude dos membros do gabinete para com os pontos de vista do Alto Comissario.—(R.)

Bombista enviado ao Tribunal de Defesa Social

Foi hoje enviado ao Tribunal de Defesa Social o preso Antonio Bole, em casa do qual foram ha dias apreendidas duas bombas.

Duqueza do Porto

A senhora Duqueza do Porto esteve hoje em casa do sr. Presidente da Republica a fim de agradecer ao Chefe do Estado as facilidades que sem encontrado em Portugal para a trasladação dos restos mortais do Infante D. Afonso.

Factos e pavrasal

A PROPOSITO ... DO "GRANDE" CARNAVAL

Já apareceram nas ruas aquelas conhecidas e chamadas mascaras infantis.

Meninas á moda do Minho, ciganas, apaches e as fantasias sem numero e sem limite.

Acompanham a familia ás compras da tarde, quando não é a familia que as acompanha a elas á amostra da tarde.

Rua do Ouro, Chiado, Rocio com os tamancos a catrem, a pandeireta na mão numa atitude forçada de «bibelot» barato, aquelas fatos mal altahavados a prenderem os movimentos, com a preocupação de não perder os alfinetes que podem comprometer a decencia. Mas á tardinha vem o frio e as lavradeiras e as ciganas envergam burguezes casacos de abafar com seu botão de massa e sua gola de pelos.

Por baixo surge o aventalinho com «Amor» e as franjas vermelhas do lenço brincando na gola de pele castanha:

E quando o sol morrendo levanta o friosinho nasce a hora do ridiculo com o apanhar dos carros.—Menina olha o cordão. Ai que perdi uma tamanca. Nunca mais vens para a rua mascarada. Ainda bem, que chatice...

Chegam a casa tarde com os fatos no desalinho das coisas mal pregadas.

As familias extenuadas pelo frete de mostrar e de exibir as graças infantis.

As pobres mascaradas num aborrecimento mortal pela preocupação que o fato lhes deu, pelo pouco á vontade em que se sentiam.

No entanto no dia seguinte é as visitas ás amigas, aos conhecimentos, ao fotografo...

Ora as crianças ainda não possuem Associação de Classe. Quando não seria votado por uma grande maioria um protesto contra a tortura da mascara.

Tortura fisica e moral.

Moral, principalmente, pela grande cegada em que são obrigadas a figurar pelos retratos fatais que perpetuamente ficam a lembra-la.

BOTTO DE CARVALHO

Como recompensa «de 10 anos de ditoso serviço», «Rex», um «bullrrier», pertencente ao dr. Hyde, cirurgião dentista de New Jersey, foi sepultado com todas as honras, como se fosse um ser humano.

O animal foi metido num caixão forrado de peluche que custou 100 libras e seguiu para o cemiterio cauino da cidade acompanhado por tres automoveis com convidados.

✦ ✦ ✦

A «Independance Belge» diz que toda a correspondencia em transito, que entra ou sai da Alemanha está sujeita á censura.

Julga-se que o fim principal da censura postal é obter informações comerciais que possam servir os interesses alemães.

✦ ✦ ✦

Uma conhecida casa bancaria particular, estabelecida ha muitos anos em Paris, a firma Claud-Lafontaine, fechou os seus escritorios. Consta que o passivo atinge 300000 libras.

A causa do encerramento foi o panico espalhado entre a clientela do banco, por meio de informações e denuncias anonimas.

✦ ✦ ✦

Um dos casos que está despertando maior interesse e que se deve realisar na proxima visita do principe de Galles ao Japão é uma partida de «golf» entre o herdeiro do trono da Inglaterra e o herdeiro do trono do mikado, que será jogado num «ring» especialmente feito nos terrenos imperiais, dentro dos muros do palacio.

✦ ✦ ✦

As estatisticas oficiais publicadas pelo Departamento do Comercio, dos Estados Unidos, mostram que, durante o periodo compreendido entre 1 de Junho de 1920 a 1 de Dezembro de 1921, o custo da vida baixou 19,2 % nas trinta e duas cidades principais dos Estados Unidos.

✦ ✦ ✦

O ministro da marinha da America do Norte comunicou que o orçamento naval para o ano proximo será de setenta milhões.

Reprimindo o jogo

Os "Papos secos„ ou os "Jacinthos„

Da brigada que assalta clubs fazem parte "chauffeurs" arvorados em agentes policiais

A forma como ha dias está sendo feita a repressão do jogo começa a levantar reparos e justos protestos, muito principalmente na corporação policial.

Como é sabido foram organisadas brigadas especiais que entrando nos clubs tinham o seu cargo a missão de constatar o flagrante delicto a fim de assim se conseguirem provas e os «pontos» seguirem para o tribunal com o processo devidamente instruido.

Ora tudo parecia indicar que essas brigadas seriam organisadas com elementos de qualquer das policias existentes em Lisboa e muito principalmente com agentes da investigação a quem competem tais serviços desde que a administrativa que tem a seu cargo fiscalisar os clubs não pode intervir em crimes.

Pois embora muito extraordinario pareça, as diligencias que a principio se fizeram e que foram dirigidas com certo acerto pelo alferes sr. Lopes Soares auxiliado pelo agente Gonçalves, da 4.ª secção de investigação passaram agora a ser feitas pelos tão falados «Papos Secos» ou «Jacintos» que constituem uma nova brigada. São eles na sua maioria «chauffeurs» recrutados entre os baboteiros, sendo a estes «pontos» armados em «bufos» que a policia forneceu pistolas e um cartão especial de identidade, que lhes dá a classificação de agentes.

Não se trata pois, como seria facil supôr de verdadeiros guardas alistados mas sim de individuos sem categoria, contratados para um determinado serviço de espionagem o com a agravante de serem armados pela propria policia e autorisados portanto a praticarem crimes, como aquele ocorrido no Club Nacional do Chiado.

Devidamente autorisados pois para praticarem toda a especie de tropelias os «Papos seccos» ou «Jacintos» já conseguiram forma de comer a dois carrinhos ou seja: ganhar a esportula de «bufos», paga pelos cofres policiais e as gratificações, ceiatas e babidas que ainda solicitam dos directores dos clubs para que os assaltos não sejam sangrentos.

Os componentes desta brigada patusca, que parece ter sido organisada por algum descendente da «Grã-Duqueza de Gerostein», tem praticado á sombra da proteção que lhes dispensaram certas atitudes que urge reprimir. Ainda ha dias esses «agentes» (?) de pistola em punho tentaram entrar no «Regaleira», do Largo de S. Domingos onde a passagem lhes foi interceptada por não se fazerem acompanhar de guardas fardados ou agentes de investigação.

Como o caso fosse comunicado para o governo civil os homens recalcitraram resolvendo como «revanche» ir no dia imediato fazer um assalto em forma, com uns 12 ou 15 guardas.

Mas o mais curioso é ter-se feito esse assalto sem conhecimento dos oficiais encarregados de dirigir as brigadas, tendo o proprio chefe Santos da esquadra de Santa Marta que comandava o piquete do governo civil, recebido ordens dos «papos secos». Estes revistaram todas as dependencias do club; proibiram que quem estava a cear abandonasse a sala de jantar; revistaram as bolsas e malinhas de mão das senhoras que estavam na sala de baile e por ultimo fizeram minuciosas e demoradissimas buscas á residencia de um dos directores do club, revistando-lhe os moveis malas de roupa, etc.

Segundo a lei essas buscas não se podem fazer sem estar presente o director da policia de investigação, seus adjuntos, qualquer chefe ou agente, porque só a investigação tem poderes para tal.

Tudo o mais representa um abuso de autoridade punido pelos tribunais competentes.

Como a serie de abusos que acima apontamos tem sido nos ultimos dias o assunto obrigado de todas as palestras, o comissario geral da policia mandou hoje de madrugada para os jornais a seguinte nota:

—«Constando ao Comissario geral da policia que alguns individuos da classe civil, intitulando-se agentes da autoridade se introduziam nos Clubs fasendo despesa e não pagando, vai ordenar a sua prisão».

Para esclarecimento do leitor diremos que esta nota foi redigida depois de uma demoradissima conferencia que o ilustre governador civil de Lisboa teve com o comissario geral da policia, conferencia essa que começou cerca da 1 da madrugada e terminou ás 4 horas.

Mais diremos, como esclarecimento á referida nota que os taes individuos que se intitulam agentes o fasem em consequencia de estarem munidos de um cartão da policia e de armamento pela mesma fornecida, quando a tal não teem direito.

Os regulamentos em vigor não permitem que se organisem brigadas de falsos agentes.

Estamos crentes que o ilustre governador civil de Lisboa, magistrado que procura desempenhar-se com criterio da sua missão providenciará de molde a evitar que tais «gaffes» se sucedam e que tenhomos policias... mascarados, embora casinhotas, para a guarda carnavalesca.

Exposição do Rio de Janeiro

O que nos disse um dos administradores dos T. M. E.

No intuito de podermos informar o publico acerca do auxilio que os Transportes Maritimos do Estado pretendem prestar á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, procurámos um dos seus administradores que em sintese nos declarou:

—A administração dos Transportes Maritimos do Estado tem o maior empenho em contribuir, quanto possivel, para o exito do grande certamen e tanto assim que já communicou ao sr. Ministro do Comercio qual o material de que dispõe para o estabelecimento de carreiras para o Brasil, durante o periodo da Exposição. Quer isto dizer que por nós fizemos quanto estava ao nosso alcance, faltando apenas que o sr. Ministro do Comercio resolva em ultima instancia, a fim de encetarmos os indispensaveis estudos tarifarios.

—Pode v. ex.ª dizer-nos o que ha sobre o «Pedro Nunes»?

—O «Pedro Nunes» não pertence aos Transportes Maritimos. Esse barco depende actualmente do Ministerio da Marinha, que o terá de entregar, depois de convenientemente reparado, á Companhia Nacional de Navegação.

—E essas reparações teem que ser feitas fatalmente?

—Fatalmente. Apressá-las, de molde a que o magnifico barco possa servir de alojamento aos membros do Comissariado em Terras de Santa Cruz, é um gesto patriotico que muito dignificará o governo, porquanto é do todo a justiça que se não abandonem as contingencias da sorte, numa epoca excecional como vae ser a da Exposição, os homens que, sem duvida, irão ter um trabalho aturado e extenuante e que por esse motivo necessitem de repouso e comodidades.

—Pelo que ouço v. ex.ª é de opinião que o governo ordene a imediata reparação do «Pedro Nunes», de molde a poder no Rio de Janeiro servir de alojamento aos membros do Comissariado e respectiva Comissão de Assistencia?

—Sim senhor. E deve ser o «Pedro Nunes» o barco escolhido, por ter sido o que mais importantes serviços desempenhou durante a grande guerra. Basta lembrar-lhe que entre o inimigo era o «Pedro Nunes» conhecido pelo «Fantasma dos Mares». Esse facto seria bastante para que ao Rio de Janeiro se impozia a ida do historico barco.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

E', a todos os respeitos, notabilissimo o concerto do proximo domingo da Orquestra Synfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch no São Luiz, em que, pela unica vez, toma parte o grande pianista Vianna da Mota, que executará o grandioso «Concerto em sol maior», de Beethoven, com as cadencias de Hans de Bulow, com a orquestra, figurando no programa em unica audição as celebres «Dansas Hespanholas» de Granados; a «Flauta Magica», de Mozart, o «Scherzo» em 1.ª audição de Alberto Fernandes, um dos professores da orquestra; a «Rapsodia Hungara em dó», de Liszt e outras obras notaveis.

POEIRA DA ARCADA

Entrou hoje no nosso porto o vapor francez «Canadá».

—O Conselho Superior de Higiene aprovou um parecer considerando que foi bem imposta, e deve ser mantida a multa aplicada no porto de Lisboa ao capitão do vapor de pesca portuguez «Rio Zezere» por falta de carta de saude de Las Palmas, onde tocou.

—Foram nomeados professores provisorios de educação fisica do liceu de Gil Vicente os srs. Pedro de Oliveira, Mamede Arvelos Formosinho, e Augusto de Sousa Magalhães e do liceu de Angra o sr. Eugenio Carlos Garcia.

—O sr. José Alfredo Maria Pons foi promovido a segundo conservador da Torre do Tombo.

—Foram nomeados: Raul Miguel Ladeira, chefe do Laboratorio de analises clinicas da Faculdade de Medicina de Coimbra; Amandio Joaquim Tavares, segundo assistente do primeiro grupo da mesma faculdade; José Vicente Martins, primeiro assistente do primeiro grupo da primeira secção da Faculdade de Sciencias de Coimbra; Maximiano Morais Correia, segundo assistente do mesmo grupo; Filinto Vieira da Costa, idem do primeiro grupo da terceira secção da faculdade de Sciencias do Porto.

Operarios da construção civil

Na séde da C. G. T. reuniu hoje novamente a assembleia geral dos operarios da construção civil despedidos pela Camara Municipal de Lisboa.

Falaram diversos oradores depois da comissão de melhoramentos comunicar á assembleia o resultado das «demarches» feitas.

Continuam em sessão permanente.

ULTIMA HORA

Abertura da sessão legislativa

Foi grande o numero de parlamentares que compareceram

Inauguraram-se hoje, em conformidade com a convocação decretada, as sessões preparatorias nas duas casas do Congresso.

Nos Deputados

Responderam á chamada 83 deputados eleitos, depois de ter assumido a presidencia o sr. Costa Gonçalves, secretariado pelos srs. Abilio Mourão e Costa Amorim.

No Senado

Responderam á chamada 43 senadores eleitos. Presidiu á sessão o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. José Pontes e Godinho de Amorim.

Tanto na Camara dos Deputados como no Senado se procedeu á eleição das comissões de verificação de poderes, trez para cada casa do Congresso. Estas comissões, uma vez eleitas, subdividem-se, tendo ca da uma dos sub-comissões de examinar e julgar da validade das eleições. Só depois desse trabalho terminado, é que os parlamentares são proclamados representantes da Nação, constituindo definitivamente as duas assembleias legislativas.

E' certo que nisto se gastarão os dias proximos, havendo quem acredite que as primeiras sessões do Parlamento definitivo se não realisarão antes do fim da semana proxima.

As comissões eleitas no Senado ficaram assi n constituidas:

1.ª comissão:—Pereira Osorio, Costa Junior, Raimundo Meira, Vicente Ramos e Pais Gomes;

2.ª comissão:—Augusto Monteiro, Artur Costa, Ramos de Miranda, Alves de Oliveira, Vasco Marques e Fernandes Braz.

3.ª comissão:—Pereira Gil, Francisco José Pereira, Nicolau Mesquita, Abilio Soeiro e Afonso de Lemos.

Mau presagio!...

A' entrada da sala dos Passos Perdidos e junto do elevador, desabou do teto um pedaço de estuque, que, felizmente, não atingiu os deputados monarquicos, que rodeavam o seu chefe, sr. Aires de Ornelas.

Dizem-nos que o ilustre representante do pretendente D. Manuel ficou bastante impressionado, por atribuir o mau augurio a inocente irreverencia do estuque. Foi notada a forma com que o sr. Aires de Ornelas abandonou o palacio, tendo o cuidado, a todas as saidas, de lançar para a frente o pé direito. Dizia-se que essa pressa era motivada pela urgencia de praticar certas cerimonias, logo aconselhados pelos seus amigos como excelentes para desfazer o enguiço.

O governo

Do governo só vimos no Palacio de S. Bento o seu chefe, sr. Antonio Maria da Silva, e o sr. Ministro das Finanças, sr. Portugal Durão.

Domingos Pereira

Assegura-se que será eleito, por grande maioria, presidente da Camara dos Deputados, o sr. Domingos Pereira.

E' inexacto que o sr. Antonio Maria da Silva tivesse ontem trocado quaisquer palavras com o sr. Domingos Pereira acerca da eleição deste antigo parlamentar para presidente da Camara dos Deputados. O sr. Domingos Pereira esteve, é certo, no gabinete do chefe do governo, mas simplesmente em visita de cumprimentos.

As sessões seguintes

A proxima sessão do Senado foi marcada para segunda-feira.

Quanto á Camara dos Deputados, ainda não terminara a eleição das comissões de verificação de poderes, á hora em que somos forçados a encerrar estas notas.

Ultimas informações

Um incidente na Camara dos Deputados

Ao proceder-se, na Camara dos Deputados, ao escrutinio das listas para eleição das comissões de verificação de poderes, produziu-se um ruidoso incidente. Uns deputados queriam a contagem duma forma; outros de maneira diversa. O sr. Pedro Pita, protestando, teve esta frase:

—Começam bem, não ha duvida!

Proprietarios e construtores civis

A comissão de proprietarios que hoje desejava avistar com os srs. ministro da Justiça e Finanças, só amanhã o fará, por impossibilidade de conferenciar esta tarde com os referidos ministros.

PROGRAMA PROMETEDOR

QUAL SERÁ A ACÇÃO DO SR. MINISTRO DO TRABALHO?

—§— REMODELAÇÃO DO MINISTERIO —§—
REFORMA DOS SERVIÇOS DASSISTENCIA
—§— CREAÇÃO DE POSTOS DE SOCORROS
—§— DAR CAPACIDADE CIVIL AOS SINDICATOS, ETC., ETC., ETC. —§— —§— —§—

E' sem duvida o ministerio do Trabalho aquele que mais materia dá para os jornais mercê dos inumeros e variados serviços dependentes daquela secretaria de Estado.

O titular da pasta referida, tem de ser, por assim dizer um enciclopedico para poder acudir a todos os assuntos os quais devem ser tratados com a maior inteligencia e principalmente com serenidade pois que do contrario podem surgir «gaffes» ou quaisquer complicações que o ministro dificilmente solucionará sem ficar em cheque.

Sobraça actualmente a pasta o sr. dr. Vasco Borges, politico experimentado, antigo e combativo parlamentar que se destacou quando da dessidencia democratica e que foi como é sabido o braço direito do antigo presidente do ministerio sr. dr. Domingos Pereira.

O sr. Vasco Borges é um novo, estudioso, trabalhador e cheio de vontade de acertar.

Muito ha pois a esperar da sua passagem pela pasta do Trabalho onde tem patrioticamente a auxilia-lo elementos de valor e de reconhecida competencia.

Qual será a acção do novo ministro? quais o seu programa de trabalho?

Segundo publicaram os jornais está se tratando já da reforma daquela secretaria, mas o ministro confiou tal serviço a uma Comissão que em breves dias deve apresentar o relatorio da sua missão.

Essa Comissão é constituida pelos Directores Gerais de Trabalho, de Minas, de Saude, administrador geral do Instituto de Seguros Sociais, e director dos Hospitais Civis.

O ministro em todo o caso não nos oculta a sua impressão de opinião pessoal sobre o que será a anunciada reforma e sobre o aparte respeitante ao Instituto de Seguros Sociais esclarece-nos:

—Procura-se dar, o mais cabalmente possivel, efectivação a tais serviços procurando-se ao mesmo tempo a maior economia, inclusivé a supressão de lugares.

«Na parte respeitante á direcção geral de Trabalho e Minas torna-se necessario dar-lhes os elementos necessarios ás suas funções sociais e economicas sobretudo ampliando e definindo precisamente as funções da primeira.

Tenho tambem em vista a reformar dos serviços da Assistencia, imprimindo-lhes maior descentralisação e dando-lhes, tanto quanto possivel caracter regionalista.

«Ao Parlamento levarei uma proposta de lei para a criação de postos de socorros permanentes em todos os bairros de Lisboa, identicos ou semelhantes ao da Misericordia...

E o sr. Vasco Borges que até esta altura tem mantido a sua linha firme e diplomatica, entusiasma-se um pouco e exclama alegremente:

—Você compreende quanto alcance tem esta medida. Então não é justo, rasoavel montarem-se postos de socorros em Alcantara, no Beato e outros pontos afastados da Capital?

—Concordamos em que é excelente a ideia...

—O ministro mais animado prossegue na palestra;

Tambem levarei ao Parlamento uma proposta suspendendo a lei de desamortisação de propriedades pertencentes a corporações administrativas, atendendo-se assim á situação aflitiva das mesmas e ás constantes reclamações que teem vindo nos jornais.

«Perfilho ainda muitas propostas pendentes no Parlamento e actualmente está trabalhando numa proposta tendente a modificar a legislação sobre associações de classe, no sentido de dar capacidade civil aos sindicatos profissionais afim de poderem realisar contratos de trabalho.

«Esta medida,—observa o nosso interlocutor—interessa imenso á classe operaria que já ha tempo vem reclamando com insistencia esta alteração á lei, de 9 de Maio, de 1891».

A palestra estava terminada pois a presença do sr. dr. Vasco Borges, era reclamada no Ministerio da Justiça, cuja pasta sobraça interinamente emquanto dela não tomasse posse o sr. dr. Catanho de Menezes.

Rematamos pois com mais uma pergunta rapida:

—O que ha sobre o inquerito aos bairros sociais?

—O relatorio dos engenheiros foi-me já entregue e emquanto não for presente o conselho de ministros, nada posso dizer-lhe. No primeiro conselho que se realise ele será lido e só depois lhe será dada a maior publicidade como é meu desejo...

João Chagas

Constou hoje que o nosso ministro em Paris sr. João Chagas ia ser reformado.

Conselho Disciplinar

Em conselho de disciplina responderá hoje no Tribunal Militar de Santa Clara o capitão da G. N. R. sr. Matias dos Santos.

Compareceram os vogais generais srs. Silveira, Garcia Guerreiro e Simas Machado.

O julgamento, que começou ás 14 horas, e secreto tudo levando a crer que não terminará hoje.

Depuseram os srs. generais, Encarnação Ribeiro, Vieira da Rocha, Pedroso de Lima, Mendonça e Matos e capitão sr. Sintra.

O desastre da Junqueira

Faleceu hoje o dr. Vasconcelos Guimarães, encontrando-se em estado grave o outro ferido

Esta madrugada faleceu no quarto n.º 3 do Hospital de S. José o sr. dr. Francisco de Vasconcelos Guimarães, filho do sr. Joaquim José Duarte de Vasconcelos Guimarães e da sr.ª D. Maria José Mendes Vasconcelos Guimarães, medico da Sociedade Estoril, natural de Lisboa e residente em Santo Antonio do Estoril, vitima daquele desastre em «side-car» que se deu anteontem na rua da Junqueira, no qual tambem ficou ferido em estado grave, o sr. Vasco Queriol Tojeiro, filho do sr. Joaquim Antonio Paulino Tojeiro e da sr.ª D. Cecilia Tomé do Vale Tojeiro.

Regressou o cruzador "Republica,,

Regressou hoje, pelas 8 e 45 minutos, o cruzador «Republica» que seguira para os Açores por ocasião do acto eleitoral.

Uma missa na egreja da Encarnação

Pelas 10 horas de hoje foi celebrada uma missa na capela mór da egreja da Encarnação a que assistiram os parlamentares catolicos. Foi celebrante o conego Dias Andrade.

P. S. E.

Consta que o decreto que faz ressuscitar a antiga P. S. E. vai ser publicado dentro em breves dias.

Nova gréve de electricos?

Está novamente aberto um conflito entre o pessoal dos electricos e a sugestiva Companhia.

O caso é simples mas dum momento para o outro pode redundar na paralisação completa dos carros.

Quando da ultima gréve o pessoal da Carris declarou que só retomaria o serviço com a readmissão dos empregados despedidos e o compromisso por parte da Companhia de não serem exercidas represalias. Como o sr Cunha Leal foi energico na solução do conflito esse pendente readmitiram-se ao serviço os empregados despedidos.

Hontem, porém, esses mesmos empregados foram dispensados do trabalho e o que provocou no pessoal grande efervescencia, manifestando-se uns a favor da gréve imediata e outros, talvez em maior numero se quererem de servir, talvez intuitos secretos, desejam que se proteja os seus camaradas despedidos, mas sem se tomur o caminho da gréve.

Hoje á noite deve haver uma reunião magna da classe.

Quem triunfará?

A gréve dos maritimos

Continua sem solução a gréve dos inscritos maritimos.

Reuniram hoje no seu respectivo sindicato aparecendo alguns oradores a marcha do movimento.

Foi recebida uma proposta do armador João Eugenio de Moreira pela qual ele se dispunha a satisfazer as reclamações dos grevistas caso estes se mesmos retomassem o trabalho em dois navios que o proponente tem fretados aos T. M. E.

e A Empresa Nacional de Navegação fez proposta identica.

O «comité» não aceitou estas propostas, tendo em atenção as resoluções tomadas na reunião de ontem, pelas quais os grevistas não retomarão o trabalho sem que sejam integralmente satisfeitas as reclamações por todos os armadores.

O vapor «S. Miguel» da Emprezo Insulana de Navegação parte para os Açores no dia 20, mesmo que a gréve não esteja ainda solucionada, com marinheiros da armada. Os oficiais teem vapor mantém-se no serviço.

A associação dos moços marinheiros e fogueiros de mar e terra no reunir pelas 16 horas derivado a te rem de se encorporar no funeral de dois camaradas.

Foi marcada reunião para as 19 horas.

TEATRO

Nota do dia

Conjunctos scenicos

Em teatro, como na vida, tudo é apenas uma questão de relação e de equilibrio. A curva vulgar das primeiras figuras que se tornaram emprezarios de teatro é a seguinte. Um actor ou uma actriz, por meritos naturais e por factores, muitas vezes de sorte, evidencia-se, tem uma peça feliz e um conjunto de amigos agradavel. Marca. Fala-se nele ou nela, e os jornais publicam o retrato, como uma nota laudatoria e a noticia duma primeira festa artistica com ambiente. No mez seguinte, o artista pede aumento de ordenado—os tais ordenados desordenados—e como lh'o não dão, despede-se, bate o pé, e faz-se emprezario. Depois, o que sucede? Aquele actor que brilhou, num bom conjunto e que se destacou num fundo propicio a esse destaque, isolado, com quatro alfaiates, duas costureiras e um contra-regra, fazendo todas as primeiras figuras de todas as peças que se lhe metem na cabeça, cae. E, então o actor rasoavel desse bom conjunto é o pessimo actor, cujo trabalho fraqueja e sossobra, desacompanhado.

Quando sr. Alves da Cunha, o excepcional artista dos «Negocios são negocios» e das «Cobardias», organisou sem elementos de conjunto a sua companhia, ao principio, tive uma sincera magoa.

Hoje, porém, só tenho que felicita-lo, pois atraindo a si elementos como Samuel Diniz, o notavel comediante, enriquecendo a sua companhia, valorisando o seu proprio trabalho, poder-nos-ha dar, fora de toda a duvida, explendidas noites de Arte.

Samuel Diniz é, dentre os elementos que surgiram ha pouco ainda, um grande nome já.

Artista duma distinção completa, duma educação intelectual cuidada, e dum talento historico já verificado, possue alem disso uma «forma» pessoal de representar, o que o torna uma figura dum relevo realmente interessante.

Temos ainda presente o seu notabilissimo trabalho do «Ninho de Aguias» onde ele foi o cinico extraordinario que toda a Lisboa foi ver.

Bastaria essa peça para o consagrar. Creia pois Alves da Cunha e Berta de Bivar, que ao juntarem aos seus nomes o de Samuel Diniz, teem o direito a receber desde já as nossas felicitações e as nossas melhores esperanças de que ainda este inverno possa ouvi-los e lembrar-se assim do palco do Ginasio onde a elegancia e a graça daquela actriz e o talento emocionante e dominador de Alves da Cunha pairam ainda em certas noites tristes a animar duma recordação os escombros negros do teatro morto.

O HOMEM QUE PASSA

Homenagem ao "A B C"

A empreza Antonio Macedo que está explorando, no teatro Aguia d'Ouro no Porto, a famosa revista «Pica Pau» com um sucesso invulgar, dedica o espectaculo de amanhã ao nosso colega «A B C» que tem na obra um quadro todo dedicado a ele.

E' um festival chêio de atractivos em que vão ser saudados com toda a justiça o nosso camarada Rocha Martins e Mimoso Anahory os dois emprendedores do «A B C» cujo brilhante exito se radica dia a dia.

Haverá bodo aos pobres, ornamentações, alegria e numeros novos a tornarem ainda mais alegre a revista «Pica Pau».

A favôr das vitimas da catastrofe da Mortosa

Agradou sem reserva a leitura da revista em 3 atos e 8 quadros, «Era uma vez...» original dos srs. Alvaro Leal e Jayme Ferreira, empregado do Banco Nacional Ultramarino, que conjunctamente com um grupo de colegas do mesmo Banco, tencionam levar muito brevemente á scena num dos principaes teatros de Lisboa, revertendo o seu produto liquido a favor das vitimas desta catastrofe.

A musica a cargo do nosso ja muito conhecido maestro Alves Coelho e de Costa Lança (de Beja) musico consumado, que gentilmente a isso se prestaram promete ser lindissima.

A comissão organisadora ficou assim constituida:

Alvaro Leal, Jayme Ferreira, Henrique Fonte, Ruy de Almeida, Antonio Sarmento, Eduardo Melo e Carlos Rei.

O CARNAVAL NO ATENEU COMERCIAL

Vão muito adeantados os ensaios para os bailes Infantis dirigidos pelo distinto professor de dança o ex.mo sr. Magalhães Pedroso, sendo avultado o numero de creanças das familias dos dignos associados que a eles concorrem.

Serão distribuidos valiosos premios ás creanças que dancem melhor e se apresentem bem mascarados.

Noticiario

Portugal

E' na 6.ª feira 17 que se realise no Politeama a festa de João Calazans com a peça «Uma mulher sem importancia», que vai á scena em ultima representação.

Completam o programa «Quien Supiera escribir» por D. Brunilde Judice e versos pelo festejado e D. Alda Rodrigues

—Segundo nos consta o actor Samuel Diniz reaparece em Lisboa levando á scena uma peça em um acto do nosso colaborador Leitão de Barros, que completará o espectaculo com as «Cobardias».

—André Brun não conseguiu terminar a sua revista destinada ao Carnaval no S. Luiz.

—No Eden, no Carnaval, subirá á scena uma adaptação de Zarzula «Pobre Valbuena».

—O tradutor do «Tufão» que subirá á scena no Nacional depois do Carnaval é o sr. José Sarmento.

—Na quarta-feira sobe á scena no Politeama a peça «Amor a quanto obrigas» que foi anunciada com o titulo «ela por ela».

—Realisa amanhã a sua estreia no Coliseu dos Recreios a intrepida e arrojada artista ginasta Mlle. Guerre cujo trabalho é sensacional e cheia de atrativos.

Estrangeiro

Este ano na Opera de Paris, serão estreadas as seguinte obras:

«Cydalisa» de Gabriel Pierné; «Fricolant», de J. Pouguoih; «Padvamati», de A. Roussel; «A megera domesticada», do Shakespeare, musica de Charles Silver (com a senhorita Chenal); «O Jardim do Paraiso», de A. Brueau; «Pela minha Filha», de M. Ravel; «Guercoou», do malogrado Alberto Mognard, morto na guerra; «Siong-Sing», de G. Hué, e as «Sacerdotisas de Korydwen».

—Na Opera Comica, de Paris, serão estreadas, este ano, as seguintes peças:

«Na sombra da Catedral», de G. Hué; «As Nupcias Corintheanas», de Busser, «Polyphemo», de de J. Cras; «Santa Odila», de M. Bertrand; «Quando bater o sino», do Bachelet; «Capricho de Rei», de Puget; «Camila», de M. Delmas; «Uns e Outros», de M. d'Olonn; «Massouada», Rulez; «Fra Angelico», de Hillemacher; «A Garra» de Fourdrain; «Pepita Ximenez», de Alberniz; «A senhora Libellula», de Falichilo; «O Festim da Aranha», de A. Roussel.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—No Teatro de S. Carlos, «Boemia»—Festa artistica de Teodoro dos Santos com a peça de grande sucesso «O Juiz de Fóra», adaptação liberrima de André Brun.

AMANHÃ—Primeira, nesta epoca, em S. Carlos, do «Lohengrins».

5ª-FEIRA—Festa de João Calazans no Politeama.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos profissionais

O QUE FOI A TUMBA DA MISERICORDIA NO SECULO XVI.—O PENDÃO.—F. M. S.—FISIOLOGIA DOS GATOS-PINGADOS

Entre as obras de caridade exercidas pela Casa da Misericordia, algumas assumiam caracter aterrador e deveras confrangente.

A chamada Tumba da Misericordia destinava-se a enterrar os mortos da Cidade.

Ainda os Cemiterios não funcionavam como modernamente. Os cadaveres sepultavam-se dentro das Igrejas ou nos respectivos adros.

Na escolha de sepultura tambem havia uma pragmatica complexa. Nem todos mereciam lapide; alguns eram empilhados num só coval, e o clero dispensava-os de longos responsos.

Tudo dependia dos pergaminhos do falecido e das disposições testamentarias.

Se o defunto era pessoa de cotação, Duque, Marquez, ou Conde, com testamentaria e largas doações á Igreja, promovia-lhe esta um enterro sumptuoso, embora lugubre e obcecante.

Os Parocos, Clerigos, Religiosos e mais Confrarios que tinham de tomar parte no cortejo, reuniam-se na Igreja mais proxima, aguardando a hora do sahimento.

Da Misericordia vinha toda a Irmandade rodeando a Tumba e fazendo acompanhamento á Cruz e ao Pendão que, arrogantemente alçado, levava ás borlas franjadas de ouro nos homens de vestes lugubres e carapuço negro.

Este Pendão ou Bandeira da Misericordia tornou-se tão celebre que atravessou os seculos em anexim ainda hoje em uso no sentido alterado de protecção, favor.

Nem sempre assim foi. Quando em tempos idos se dizia—«caiu-lhe em cima a bandeira da Misericordia»—certamente fazia-se alusão á saida do Pendão nos Autos da Fé e no enterramento dos mortos.

Só posteriormente, quando a Caridade despiu as vestes da intolerancia e se foi humanisando um pouco mais, o anexim terá mudado de sentido.

Este Pendão ou Bandeira bem merece uma descrição, por si só muito instrutiva da obra persistente e premeditada da fanatisação dum povo.

Era um pendão de grandes dimensões, de seda riquissima franjada a oiro, contendo em pintura caprichosas scenas e dizeres dos mais proprios a despertar o confrangimento.

Dum lado via-se uma Nossa Senhora de mãos postas erguidas ao Céu. O amplo manto de azul celeste, á direita e á esquerda suspenso por dois Anjos, servia de abrigo ás imagens dum Sumo Pontifice e dum Religioso da Ordem da Santissima Triadade. Na orla do habito havia tres grandes letras—«F. M. S.»—iniciais de Frei Miguel Instituidor, em memoria do fundador da Irmandade, em 15 de Agosto de 1498.

No verso do pendão viam-se diversos quadros alegoricos do fanatismo, entre os quais sobrelevavam os retratos dum Cardeal, um Bispo, um Rei e uma Rainha, lendo-se-lhes na orla inferior estas palavras de submissão: —«*Sub tuum praesidium fugimus*».

A Tumba, especie de grande caixão coberto por um rico pano de veludo negro com uma cruz de tela a todo o tamanho, era ladeada por homens carregados de preto, empunhando grandes tochas acezas.

A' frente do préstito, um homem vestido de azul ia durante todo o trajecto fazendo ouvir os sons plangentes duma campainha.

A bandeira, bem como um homem de vara, portador da Cruz, simbolo da Misericordia, e um Capelão de Sobrepeliz enfileiravam entre o tangedor da Campainha e a Tumba, que era levada aos hombros de seis homens «vestidos com umas vestes lugubres e tristes»—diz a Cronica. (1)

Faziam-lhe as honras outros quatro egualmente vestidos, que conduziam quatro tocheiras, em cada uma das quais iam cirios muito grossos de quatro pavios cada um, dois á cabeceira e dois atraz.

A estas figuras de preto chamava-se e ainda hoje muito vulgarmente lhes chamamos gatos-pingados, quando os vêmos, já raros, ao lado das seges e traquitanas do enterro catolico pobre, mal postos e ás vezes embriagados, de chapeu alto mal geitoso e casaceria negra profusamente salpicada dos grossos pingos de cêra a escorrer das tochas que empunham acêzas, donde lhes advirá o nome de —pingados.

A intervenção do vocabulo—gato—nesta expressão não é meramente caprichosa; —obedece a largas tradições que só poderemos mais largamente desenvolver quando nos ocuparmos da Zoologia nos adagios.

Por incidente recordaremos apenas que desde a mais alta antiguidade a côr preta tem nos povos aricos e ainda nalguns outros uma tradição e sentido supersticioso.

No seculo XVII dizia-se de alguem que desejavamos deprimir:—«He homem de capa preta».

Até nós chegaram e continuam no uso popular expressões como estas:— «negregada hora», «vida negregada».

«Levar uma vida negra» no sentido de dificil e trabalhosa, é frase vulgarissima.

O autor das «Infermidades da Lingua» regista como anexim cujo uso condena, o seguinte:

—«Poz-se-me uma nuvem negra no coração».

Para acusar vergonha, fracasso, desgosto, tortura moral, ainda hoje se ouve dizer:

—«Tinjo-me de preto», «Cubro-me de negro», «negro seja eu».

E Antonio Delicado já no seu seculo registrou a superstição da côr preta em varios anexins:

—«Melhor he rosto vermelho que coração negro».

—«Negra he a ceia em casa alheia».

A superstição inherente ao preto estende-se aos gatos desta côr, por motivo da longa tradição que nos veiu dos confins do Oriente, da India Vedica, da Chaldêa.

No velho Egipto o gato era um «totem». Não se permitia comê-lo nem nem exporta-lo, e formavam-se expedições a resgatar gatos roubados. Os egipcios adoravam-nos.

Só quando a invasão dos Hunos inundou a Europa de ratos, o Cristianismo conseguiu obliterar um pouco o preconceito egipcio, e o gato fez então a sua entrada oficial na Europa, acompanhado das superstições que lhe andavam inherentes. O gato é o companheiro inseparavel das feiticeiras.

O autor das «Infermidades» não queria que se continuasse a dizer:— «não sei que gato negro se meteu entre nós ambos.»

O anexim ficou esquecido, mas perdura nos cantos do povo em quadras como esta:

«Eu não sei que gato negro
Se meteu entre nós ambos,
Nós eramos tão amigos,
Agora tão mal nos damos.» (2)

Considerando, pois, o gato preto como prenuncio de mau agoiro no intender da superstição, facilmente se encontra a relação metafórica que fez chamar gatos-pingados aos que, só por ocasião de Autos da Fé, procissões de Defuntos e sahidas da Tumba e do Esquife se apresentavam em publico.

Negros como os gatos! precursores de más novas, simbolo de desgraça e morte!

(Continua)

(1)—Oliveira — Grandezas de Lisboa — Trat. V.—Cap. 3.º.
(2)—Pires—Cantos Populares, I—161.

Lenine, o chefe dos soviets russos

é a nota sensacional da Conferencia Economica de Genova

A Russia sovietista obtem mais uma fase de triunfo para a sua historica politica - Lenine comparecerá — Qual será a orientação dos delegados comunistas - Palavras do «Pravda»

Uma curiosidade interessantissima empolga o mundo inteiro:—Lenine tomará parte na conferencia economica das potencias européas, a ser realizada proximamente na velha cidade italiana de Genova.

Já se pode dizer que êle participará da magna assembléa.

As informações telegraficas que temos recebido autorizam-nos a falarmos sobre a ida certa de Lenine a Genova. Algumas noticias declaram que o arrojado «leader» do governo comunista russo tomará parte nos trabalhos da conferencia. Virá então acompanhado de Tchechirine, comissario do povo para os negocios estrangeiros, e o habilissimo diplomata vermelho cuja acção na historia da revolução bolchevista até o momento actual é um culto admiravel de energia, devotamento e sagacidade.

Lenine comparecerá á assembléa das potencias.

Um dos aspectos da curiosidade co

Um dos aspectos da curiosidade com que o mundo espera a participação da Russia dos Soldados, Operarios e Camponeses na conferencia de Genova consiste na orientação que será tomada pela delegação comunista durante os trabalhos da assembléa e na solução dos respectivos problemas.

Qual será, pois, a atitude do governo revolucionario russo perante os problemas que interessam fortemente as nações capitalistas? Será uma atitude de tolerancia, de colaboração, ou simplesmente de reatamento das relações comerciais? Como se sabe, a conferencia de Genova visa o concerto de medidas reciprocas entre as nações participantes para a restauração das energias economicas do Velho Mundo.

A guerra imperialista veiu abrir sulcos profundissimos na organização industrial e comercial dos beligerantes de 1914. A situação continua ainda mais terrivel. O choque de interêsses no expansionismo de actividades com que cada nação burguesa procura restaurar os seus desastres de economia intima é inevitavel e perigoso, surgindo conflitos que podem resultar em novas guerras futuras.

O Velho Mundo tem-se vertiginosamente agitado em conferencias sucessivas, o que é um reflexo da situação de mal-estar creada pelas consequencias da guerra.

Reunem-se então as potencias para combinar medidas de salvação, ora pleiteando o desarmamento sem se chegar a um acôrdo preciso e solucionado, ora organizando «ligas de nações», com lindos e magnificos postulados teoricos.

O resultado prático dêsses conciliabulos resume-se na que[illegible] escrito nos laudos dos pactos e cada um dos signatarios age por sua conta e risco, conforme os seus proprios interêsses economicos.

Por isso, a palavra do governo comunista russo, no proximo congresso de Genova, terá o sabor de novidade, o travo vermelho das coisas imprevistas.

Qual será a orientação dos revolucionarios russos? — ousamos em preguntar. O leitor tambem nos acompanhará, ancioso, nesta interrogação?

Cremos que sim. Será facil ou dificil a resposta?

Não é de todo facil. Se levarmos em consideração as ultimas atitudes tacticas do governo comunista, de Lenine e dos seus heroicos e formidaveis colaboradores, arriscamos em prognosticar algumas directrizes. Se por outro lado considerarmos os pontos de vista revolucionarios ou as directrizes de puro doutrinarismo, tudo se poderia dizer, em relação ao pensamento da delegação na conferencia.

Lenine, no entanto, está usando de uma tactica admiravel pelos seus resultados imediatos.

Nem poderia ser outra a sua atitude, dada a situação interna da Russia, que todos sabem ser um paiz com industrialismo atrazado e de ha longo tempo ferido por um bloqueio impiedoso, deshumano e alucinado.

Muita gente julga com certeza que é um fracasso da Russia tomar parte na Conferencia Economica. Alguns vão mais além nas suas previdencias ignorantissimas e dizem: «A Russia aburguesou-se, o comunismo faliu».

Isto, verdadeiramente, é um argumento de cabo de esquadra, de sacristão ou coisa que o valha, nunca de uma pessoa estudiosa e investigadora que procure [illegible], pelo menos em teoria, as [illegible], as origens, as doutrinas, a [illegible] da politica economica e moral da revolução russa.

Ninguem discreteia sobre qualquer assunto sem conhecê-lo em sua extensão e profundidade.

Para quem conhece a revolução russa, o pensamento dos seus homens energicos, a sua doutrina, as suas directrizes de acção renovadora, a «Russia aburguesou-se», dos pseudos-sabios ignorantes, é uma expressão muito agradavel, porque mostra e realça o solidissimo desconhecimento que têm sobre a revolução bolchevista.

Lenine, quando assumiu a direcção dos soviets russos, não pretendeu fazer comunismo integral, o que é impossivel.

Os proprios livros de Lenine manifestam a sua opinião sobre o desenvolvimento, as etapas da revolução proletaria, as suas fases caracteristicas e os seus ultimos efeitos. Nunca nas palavras de Lenine se surpreendeu a promessa do comunismo imediato e integral. Por ora, falseia a verdade quem disser que na Russia se pratica ao pé da letra o comunismo. Como pode ter falido o comunismo se ainda ele não o foi devidamente realizado?

Mas voltemos á orientação do governo sovietico, no congresso de Genova.

Ao que parece, a Russia não se limitará a um colaboracionismo essencialmente burguês. Terá ela as suas reservas. Como meios de tactica, empregará recursos de tolerancia, aquiescendo, pelo menos, com os mesmos processos da diplomacia capitalista, na aprovação de certos pontos de vista.

Isso, no entanto, em nada alterará a situação do governo e da revolução bolchevista.

Um dos jornais oficiais de Moscou, o «Pravda», manifesta já, anteriormente á conferencia, algumas luzes sobre a directriz da delegação. Aconselha o «Pradva» que os comunistas estejam alerta no conclave; que o governo do soviet está persuadido de que o capital, embora sendo um elemento prejudicial, existe e não pode deixar de ser um dos factores da politica internacional para a Russia. Assegura ainda o «Pravda» que a Entente não procurou abastecer a Russia, porque a fome é uma das suas armas e aconselha os comunistas a que se unam para repelir as tentativas da Entente.

Radek, «leader» comunista, comentando a participação da Russia na Conferencia de Genova, referiu-se ao facto de não haverem os Estados Unidos e a França protestado contra o convite feito á Russia e declara que os aliados, que esperavam que a fome abatesse a Russia, acabaram agora de compreender que eram falhas as suas esperanças.

De tudo isto, póde-se concluir de que a Russia vai disposta a anular completamente, na Conferencia de Genova, os manejos do capitalismo aliado.

Lenine vencerá? Pela primeira vez a palavra dos revolucionarios russos numa assembléa burguesa deixará de ser ilegal.

N.º 13 — Folhetim de A CAPITAL — 15 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Uma vez minha mãe mandou-me comprar qualquer coisa á taberna. Eu voltei guardando cuidadosamente a pequena moeda de prata que me tinham dado de troco, quando, na escada, encontrei meu pai que ia a sair. Sorri como fazia sempre que o via. Inclinou-se para me abraçar e notou na minha mão a moeda de prata. Esqueci-me de dizer que estava tão habituada a observar a sua cara que logo, á primeira vista, adivinhava quasi sempre todos os seus desejos. Quando ele estava triste o meu coração enchia-se de angustia. Em geral, ficava muito desmoralisado quando não tinha na algibeira nem dez reis e portanto não podia beber vinho, o que para ele já era vicio. Mas, no momento em que o encontrei na escada, pareceu-me que se passava no seu espirito qualquer coisa de extraordinario. Os seus olhos torvos estavam desvairados. A principio não me prestou atenção mas mal viu na minha mão brilhar a moeda, ficou de repente vermelho, depois palido e estendeu a mão para me tirar o dinheiro, mas retirou-a logo. Evidentemente travava-se luta no seu espirito. Por fim, tomando uma resolução, mandou-me subir e desceu alguns degraus.

Mas, de repente deteve-se e chamou-me. Estava confrangido.

—Escuta, Niétotchka, disse-me; dá-me esse dinheiro. Tornarei a dar-to. Então! Não o dás a teu pai? Tu és boa, não é verdade, Nietotchka?

Eu tive como que o presentimento. Mas no primeiro momento a ideia da colera de minha mãe, a timidez e sobretudo uma vergonha instintiva por mim e por meu pai impediam-me de lhe dar o dinheiro.

Ele lutou instantaneamente tudo isto e disse com ar confrangedor:

—Não, não, não é preciso, não é preciso.

—Não papá, aqui o tens, direi que os filhos do vizinho mo tiraram.

—Está bem, Está bem. Eu sabia que tu eras uma creança inteligente, disse ele sorrindo com os labios a tremer, e não dissimulando a alegria que sentia quando tinha dinheiro na mão.

Tu és uma grande rapariga. Tu es o meu anjo. Vem abraçar-me. Ele agarrou em minha mão e queria abraçar-me mas eu fugi rapidamente. Uma especie de piedade apoderava-se de mim e a vergonha torturava-me cada vez mais. Corri para cima assustada sem dizer adeus a meu pai.

Quando entrei em casa as minhas faces queimavam, o meu coração batia apressado, tomada duma sensação de angustia desconhecida para mim até então. Contudo eu afirmei ousadamente a minha mãi que tinha deixado cair o dinheiro na neve e que não o tinha podido encontrar.

Esperava que ela me batesse mas não me fez nada.

E' verdade que ela ficou fóra de si porque nós eramos infinitamente pobres; mas logo deixou de me ralhar observando apenas que eu era uma petiza descuidada, negligente e que evidentemente a amava bem pouco para tão mal guardar o seu dinheiro. Esta observação intristeceu-me mais do que se ela me tivesse batido. A minha mãi, porém conhecia-me bem. Ela tinha notado em minha sensibilidade doentia e com remorsos amargos pela minha falta de afeição pensava que me tornaria assim mais cuidadosa para o futuro.

Quando a noite chegou, á hora que meu pai devia voltar, como de costume, eu fui espera-lo no patamar. Desta vez eu estava muito perturbada. Os meus sentimentos eram confusos; havia qualquer coisa que atormentava a minha consciencia. Por fim meu pai voltou, e eu alegrei-me com a sua presença como se ela me viesse aliviar. Ele estava já um pouco tocado do vinho, mas mal me viu tomou um ar misterioso, confuso, e, chamando-me para um canto, olhando timidamente para o lado da porta, tirou da sua algibeira um bolo que tinha comprado e poz-se a dizer-me que eu nunca devia tirar dinheiro a minha mãe, que isso era feio e vergonhoso, que esta vez porque ele necessitava muito de dinheiro, mas que tornaria a dar-mo e eu então diria que o tinha tornado a encontrar; mas era feio roubar a mamã, dali por diante eu nem sequer devia pensar em tal coisa, e se eu lhe obedecesse, ele comprar-me-ia ainda mais bolos.

Acrescentou por fim que devia ter dó da mamã, porque ela era muito doente e muito pobre, a unica a trabalhar para nós todos. Escutava-o assustada com o meu corpo todo a tremer. As lagrimas corriam-me pelas faces.

Estava tão comovida que não podia pronunciar uma palavra nem mover-me do lugar onde estava. Ordenou-me que não chorasse, que nada dissesse a minha mãe e entrou em casa.

Notei que ele proprio estava incomodado. Passei todo o serão com uma especie de terror, e, pela primeira vez, não ousei nem olha-lo nem aproximar-me dele. Meu pai tambem evitava visivelmente o meu olhar. A mamã ia e vinha no quarto e, segundo o seu habito falava como num sonho. Nessa noite sentia-se mal. Todas estas emoções causaram-me febre.

Quando me deitei não poude dormir. Apoquentavam-me pesadelos horrorosos; não me pude conter mais e comecei a chorar amargamente.

Os meus soluços acordaram a mamã. Chamou-me e perguntou-me o que tinha. Não respondi mas as minhas lagrimas redobraram. Então ela acendeu a lamparina, aproximou-se de mim e começou a acalmar-me pensando que eu tinha tido um mau sonho:

—Ah! a tolinha dizia ela, ainda hoje choras quando vês qualquer coisa um sonho! Cala-te, cala-te! Abraçou-me e disse me para ir dormir na sua cama.

Mas eu recusei.

Não ousava abraça-la nem ir com ela. Sentia-me atormentada por sofrimentos horrorosos. Queria contar-lhe tudo. Cheguei a começar, mas a ideia de meu pai e da sua prohibição continham-me.

—Minha pobre Niétotchka dizia a mamã deitando-me e envolvendo-me no seu velho casaco. Porem via que eu estava a tremer de frio. Tens, naturalmente, tão pouca saude como eu! Ela olhava-me tão tristemente que eu, não podendo suportar o seu olhar, fechei os olhos e voltei-me. Não me lembro como adormeci, mas no meu meio sono, ouvi por muito tempo ainda as palavras da minha mãe. Nunca experimentara como naquela ocasião um sofrimento tão penoso. O meu coração apertava-se-me. No dia seguinte senti-me melhor, e puz-me a falar a meu pai sem lhe recordar os acontecimentos da vespera, porque adivinhava antecipadamente que isso lhe seria muito desagradavel. Recobrou logo o seu bom humor, as suas sobrancelhas franzidas pela inquietação, distenderam-se e uma alegria, um contentamento quasi infantil se apoderou dele ao ver a minha boa disposição. A mamã saiu logo e ele não se poude conter.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4005 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 16 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Não pode ser!

A «Epoca» publica hoje sensacionais declarações do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, e do sr. Carlos da Maia, irmão do ilustre oficial da armada e velho republicano, o sr. José Carlos da Maia, uma das victimas dos sangrentos acontecimentos de 19 de outubro.

Essas declarações são graves, e delas se conclue que é absolutamente necessario fazer toda a luz sobre as responsabilidades que nesses horriveis sucessos tenham tido as pessoas até agora detidas.

Desenganem-se toda a gente: não ha poder no mundo que possa evitar o esclarecimento da verdade. Nem paixões, nem odios, nem intuitos reservados. Esse esclarecimento ha-de fazer-se, para castigo de todos os que foram verdadeiramente culpados, para reabilitação de todos os que foram alvo de simples presunções, que se reconheçam sem fundamento.

Nada, nada neste mundo evitará que se faça inteira justiça, e essa justiça, devo ser reclamada por todos porque quem não a reclamar justificará as acusações de que fôr objeto.

Como seria possivel qualquer iniciativa, qualquer golpe do mão, qualquer tentativa subversiva, tendo como programa isentar da acção da justiça estes ou aqueles acusados? Todo quanto se fizesse em tal sentido de revolução seria uma resistencia formidavel. Esta questão é daquelas que tem importancia interna e externa, e quem quizesse sufocá-la sucumbiria ante a indignação do paiz e o retraimento do estrangeiro, porque não teriamos o direito de ser considerados uma nação civilisada.

Não! O que é preciso é justamente o contrario. E' andar depressa, fazer justiça o mais rapidamente possivel, desafrontando a Republica, desafrontando o paiz, desafrontando corporações que podem ser responsabilisadas por crimes individualmente praticados.

Quem assim não pensar está positivamente louco!

Todos os dias se anuncia que a Guarda Republicana de Lisboa se revoltará e isto porque estão presos alguns oficiais dessa corporação. Para honra da propria Guarda, é preciso que isto cesse. E' necessario que a população de Lisboa, que o paiz inteiro, não tenham diante dos olhos a todo o momento, a perspectiva de novas sangueiras, agravadas com a esmagadora vergonha que resulta da simples eventualidade dum movimento cujo fim seria entorpecer a acção da justiça!

Não pode ser!

Ou isto acaba, ou acaba tudo, porque nunca uma nacionalidade poderia viver sob coacções que a levassem a não poder castigar os crimes mais execrandos!

A consciencia nacional desperta. Justiça para todos! E essa só se pode obter dentro da ordem, sem nenhuma especie de violencia que seria monstruosa. Salve-se o prestigio da Republica, salve-se a honra da Patria!

LER NA

ULTIMA HORA

O INCENDIO NO INDIA

Diz-se que foi devido á incompetencia do seu comandante

A GRÉVE DOS ELETRICOS

A luta em Marrocos

Reunião da Junta de Defesa Nacional

MADRID, 16.—Sob a presidencia do rei reuniu-se ontem a junta de Defesa Nacional assistindo Romanones, Alhucemas, Sanchez Toca, Weyler, ministros da Guerra e da Marinha assim como os respectivos chefes de estado maior.

Trataram das proximas operações em Marrocos, especialmente do desembarque em Alhucemas estando-se a organisar as barcaças e aviões necessarios ao completo exito da operação.

O ministro da Guerra disse que continuavam os temporais em Marrocos, e que o general Cabanellas tinha percorrido varias posições sem novidade.—(R).

Um povoado atacado

MELILLA, 16.—O povoado de Beisicar foi atacado ontem á noite por um bando do bandoleiros que foram repelidos com baixas.

A coluna do general Riquelme operou contra os rebeldes cabileños civilizado que se retiraram.—(R).

AS NOSSAS FINANÇAS

O aumento da divida á Inglaterra

Não se trata de flutuações cambiais

Um jornal da manhã insere um telegrama de Londres no qual se diz que a nossa divida á Inglaterra aumentou de 9 milhões que era na ocasião do armisticio, para cerca de 18 milhões e quatrocentas mil libras. A causa deste aumento diz ainda o telegrama foi devido a flutuações cambiais.

Na rua dos Capelistas procuramos alguem que não é alheio a estes assuntos e que em poucas palavras se prestou a pôr os leitores de «A Capital» ao corrente das nossas relações financeiras com a Inglaterra.

—Então mais uma vez somos victimas da lastimavel situação cambial que atravessamos? Leu os jornais da manhã?

—Li. Aquele telegrama não tem fundamento nem é motivo para alarme. E senão veja o que é a historia da nossa divida á Inglaterra, para facilmente se convencer, do que lhe digo.

Fa-anos, bem entendido da divida de guerra, porque é esta que nos interessa agora.

A nossa divida externa, não nos atormenta porque está quasi toda na mão dos portuguezes. Está como se diz em linguagem financeira, quasi por completo repatriada.

Para despezas preparatorias antes da nossa entrada na guerra tinhamos negociado com o Banco de Inglaterra um emprestimo de 2 milhões de libras.

Depois entramos na guerra e a Inglaterra a titulo de assistencia financeira prontificou-se a abonar-nos o dinheiro para todas as despesas. Isto de resto não foi feito só a nós, mas a quasi todos os aliados, tendo a Inglaterra por sua vez contraido uma grande divida para com a America.

Esta nossa divida de guerra ainda não foi completamente liquidada. Não admira por isso que á data do armisticio fosse de X e seja de XXY. As contas como lhe digo ainda não foram liquidadas, funcionando ainda actualmente uma comissão portugueza junto dos secretarios ingleses para apurar isso.

Temos ainda a acrescentar que uma parte do emprestimo de 2 milhões contraido no Banco de Inglaterra, foi depois passado para a divida de guerra por esse dinheiro ter sido empregado em preparativos da nossa intervenção.

Depois some-lhe os juros desse dinheiro, selos, etc, e os novos apuramentos importantissimos que se fizeram depois de 1918 e não nos admira nada que a divida, que a essa data era de 9 milhões exceda hoje a 18 milhões.

E ainda nós estamos numa situação excepcional porque fizemos a guerra sem aumentar a nossa divida externa. Quasi todos os paizes a aumentaram parecendo por isso que mereciamos por vezes ser melhor tratados.

Como vê o aumento nada tem que ver com os cambios, porque essa divida para com a Inglaterra é sempre em libras e não em escudos.

Duas poetisas

Tenho aqui sobre a minha mesa de trabalho, como dois grandes sorrisos de papel, os ultimos livros de duas interessantes poetisas portuguesas: «Amorosa» de Beatriz Delgado e «Espiritiuaes» de Oliva Guerra. No momento que passa e que os homens estão tão enfadonhos são as mulheres, «les petites merveilles», como lhes chama Anatole France, as unicas criaturas que emprestam ainda a esta prosa da vida um pouco de espiritualidade, de poesia e de doçura. Benditas sejam! Oliva Guerra revela-nos, sobretudo, na terceira parte do seu livro uma alma perturbadoramente feminina onde o Amor já não balbucia apenas como uma criança: mas canta, soluça, estremece e chora como uma mulher; no livro de Beatriz Delgado, numa encantadora figurinha de Saxe que fizesse versos com a mesma candida emoção com que esfolharia as folhas duma rosa, adivinha-se uma alma de setim azul palpitando sobre um pequenino berço onde dormisse sonhando com «tê-tê» côr loiro e viçoso...

De longe, beijo as mãos gentilissimas a que devo a amabilidade destes dois livros de algumas palavras injustas.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

ECONOMIA NACIONAL

AS VIAS FLUVIAIS E O COMERCIO

NO CONGRESSO ECONOMICO NACIONAL —§— UM IMPORTANTE PROJECTO DO ALMIRANTE SR. AUGUSTO NEUPARTH

O sr. Almirante Augusto Neuparth apresentou ao Congresso Economico de Coimbra, um interessantissimo projecto sobre a adopção das nossas vias fluviais ao comercio.

Sobre este assunto, procuramos o ilustre almirante, que muito amavelmente nos expôz o seu plano.

—O meu projecto, por ser o ultimo apresentado ao congresso não foi completamente discutido, por falta de tempo. No entanto o Congresso voltará a reunir em Maio e espero que sobre o problema que apresento alguma coisa ficará assente.

Como se sabe os nossos rios não estão ainda adaptados para poderem servir ao comercio, se bem que sem persistencia e boa orientação, isto não seja impossivel.

E' facil avaliar de importancia de navegação fluvial, e da regularisação do regimen dos rios.

A primeira, será um incitamento ao barateamento das tarifas dos transportes terrestres, ajudando o desenvolvimento de industrias estacionárias por não poderem arcar com enormes despezas com a deslocação dos produtos; quanto á normalisação do regimen dos rios será uma maneira de não prejudicarmos as culturas, com escessos de agua pelas cheias, e com a abertura de canais, a possibilidade de fertilisar uma mais larga area de terreno.

—Qual é a orientação, que v. ex.ª deu ao seu trabalho?

—Primeiro umas breves noções sobre hidraulica fluvial.

Não tenho a pretensão de ter escrito um tratado sobre este ramo de sciencia, mas achei convenientes umas palavras, que iniciem no assunto todos os individuos que não tenham uma cultura especial sobre hidraulica.

Cito as experiencias feitas em França sobre os leitos dos rios, para demonstrar que tendo estas dado otimos resultados, nós nada mais temos a fazer do que seguir os processos lá adoptados.

Assim poupamos tempo e dinheiro, com prolongadas experiencias.

Em Portugal só teremos que nos ocupar de melhoramentos nos leitos dos rios, porque um paiz montanhoso como é o nosso, pouco ou nada se presta para a abertura de canais que unam varias vias fluviais.

A não ser os canais necessarios ao longo do leito de alguns rios, para facilitar a navegação só poderiamos construir aquele que ligasse o Tejo ao Sado, ou o que ligasse o Douro com Leixões.

Os rios porem, são como disse, suscetiveis de se tornarem navegaveis, havendo sobretudo dois, o Tejo e o Douro, com um grande «hinterland» e servidos por bons portos, que lhes daria comunicação facil com o Oceano.

De seguida a uma curta explanação sobre hidraulica fluvial, trato de cada um dos nossos principais rios, em especial, alvitrando o que seria mistér fazer em trabalhos de engenharia hidraulica para adaptar os seus cursos.

Por fim ocupo-me dos canais do Tejo ao Sado e do Douro a Leixões, os unicos que acho devem ser obras.

Como conclusão dir-lhe-hei, que temos nos nossos rios uma riqueza importantissima desaproveitada, e um vasto campo de actividade para empresas que deles poderão tirar bons lucros, contribuindo assim para acrescentar a fortuna publica.

Trez dos rios de Portugal, o Guadiana, Minho e o Sado são navegaveis numa extensão bastante aproveitavel faltando-lhes apenas bons barragens; e quanto ao Tejo de Lisboa até ao canal da Azambuja precisa apenas que seja refeita a sua balisagem.

Este ultimo rio é de uma importancia capital como produtor de riqueza, sobretudo se por um acordo com a Espanha ele se tornar navegavel até Madrid por um dos seus afluentes, ou pelo menos até Toledo. E' riquissimo o seu «interland». Embora este desideratum se não consiga, ainda vale a pena facilitar-lhe a navegação até Vila Velha de Rodam.

Como aprecia o governo a ideia de v. ex.ª?

Estiveram no Congresso cinco ministros, o que prova algum interesse das regiões oficiais. O Congresso resolveu, que se faça um apêlo ao governo para mandar proceder quanto antes aos estudos necessarios para melhorar a navegação dos nossos rios, aproveitando-os tambem para produção de energia, e para irrigação dos campos marginais.

Se fosse organisada uma brigada ou mais, para cada rio susceptivel de ser melhorado, composta por oficiais do exercito e da armada, escolhidos entre aqueles que tenham pratica de trabalhos hidrograficos, e por engenheiros especialisados em obras hidraulicas, que não se aproveitassem o que ha estudado e completassem esses estudos, estando essas brigadas sujeitas á direcção dum engenheiro, que orientasse os trabalhos e os coordenasse, seria de prever que em poucos meses se poderiam apresentar os projectos dos melhoramentos a efetuar.

Feitos os projetos, abrir-se-ia concurso publico para serem adjudicados os trabalhos a empresas, que os executassem e depois explorassem esses rios sob o ponto de vista industrial e comercial, obrigando essas empresas a partilhar com o Estado dos lucros que auferissem com a navegação, venda de energia electrica e ainda mesmo venda de agua para irrigações.

Estas empresas pagariam ao Estado as importancias que ele tivesse gasto com os estudos e projetos, e assim este apenas teria adiantado por algum tempo o capital necessario para os estudos, absolutamente nada perderia e teria todo a lucrar. O seu papel depois consistiria apenas em fiscalizar se essas empresas cumpririam os contratos a que se tivessem obrigado, e a aproveitar as tarifas de exploração.

Cremos, diz-nos ao despedir-nos, o sr. almirante Neuparth, que não é uma utopia o que se propõe, tão facil isto se nos apresenta, e tão pouco oneroso é para o Estado.

A conferencia de Genova

A opinião ingleza

LONDRES, 16.—Lord Derby mostrou-se de acordo com os principios gerais visados pela conferencia de Genova, cujos assuntos, como os da conferencia de Washington necessitam duma grande estabilidade. Lord Derby declarou que enquanto a Alemanha não se tornar uma grande nação comercial, a nação ingleza e os seus mercados hão de sofrer e julga que o acordo dos pontos de vista antagonicos da França e da Inglaterra sobre a reconstrução financeira da Alemanha não é impossivel.—(R).

A primeira reunião do comité francez

PARIS, 15.—O comité francez interministerial, encarregado do estudo preliminar das questões tecnicas do programa da conferencia de Genova, realisou hoje a sua primeira sessão, tendo estabelecido o método de trabalho e dividido depois os assuntos, a estudar pelas trez sub-comissões, as quais examinarão, respectivamente, os problemas financeiros, os problemas economicos e as questões dos transportes. Um comité interministerial especial estudará as questões relativas á Russia. As comissões apresentarão no prazo de 8 dias o seu relatorio ao comité geral interministerial.—(H).

No consulado da França

Homenagem aos portuguezes mortos na guerra

Sob o patrocinio do sr. ministro de França, será brevemente colocada, no Consulado de França, em Lisboa, uma lapide comemorando os membros da colonia franceza desta cidade e os voluntarios portuguezes no exercito francez mortos pela França. O desenho desse monumento sobre o qual serão gravados em letras de oiro os nomes desses gloriosos soldados, é devido ao sr. F. Touzot, presidente da Camara de Comercio Franceza, e as despezas serão cobertas por meio duma subscrição cuja lista se encontra depositada no Credit Franco-Portugais.

Já está em Paris

O nosso delegado á conferencia de Washington

PARIS, 15—Chegou a esta cidade o sr. Ernesto de Vasconcelos plenipotenciario tecnico na conferencia de Washington. Está no Grande Hotel, mas parte amanhã no sud-express para Lisboa.—(H)

As proximas eleições em Inglaterra

LONDRES, 16.—Julga-se que nas proximas eleições não haverá candidatos da coligação, mas que os liberais serão recomendados por Lloyd George e os conservadores por Chamberlain.—(R).

O IMPOSTO DA FOME!...

Continua a produzir os mais lamentaveis efeitos — Agora, já o ministro da Hollanda ameaça com represalias... E lá se vai a exportação dos nossos vinhos para aquele mercado consumidor!...

Temos protestado, por vezes, contra o chamado imposto do comercio maritimo, lançado a pretexto de protecção á marinha mercante portuguesa. Demonstramos com numeros e de uma forma irrespondivel que a aplicação do decreto 8 822 arrastaria as mais graves complicações, tanto internamente como nas relações de Portugal com o estrangeiro. Pedimos, muito a tempo, que se suspendesse a execução do decreto, até que sobre ele se pronunciasse o Parlamento.

Não nos atenderam. Persistiram na pratica do gravissimo erro. E os resultados logo começaram a fazer-se sentir e a ameaçam a propria ordem publica.

Com a aplicação do imposto subiu imediatamente o custo da vida. O carvão, o arroz, o assucar, o ferro e, em suma, todas as mercadorias de importação, subiram de preço.

Como efeito natural já os classes menos abastadas iniciam a reacção, que pode atingir proporções alarmantes, graças ás orelhas moucas dos nossos governantes; que sómente parecem sensiveis ao estrondo das bombas, ao crepitar da fusilaria e aos gritos da multidão insurreccionada.

O comicio que ha dias se realisou no Porto e onde compareceram trinta mil pessoas, mais ou menos esfomeadas, quasi passou despercebido no Terreiro do Paço, a estas horas todo absorvido com o importante problema politico da escolha do novo presidente da Camara dos Deputados. Pois esperem-lhe pela pancada!...

Este caso do Imposto da Fome mereceu as atenções do Congresso Economico de Coimbra. Simplesmente os congressistas não viram ou não quizeram ver o problema no seu mais grave aspecto. Só se tratou dos interesses do Estado ou dos interesses dos armadores.

Muito respeitaveis, tais interesses! Mas ha um outro ponto de vista de multissimo maior importancia. De quem se trata mais especialmente é do povo. E' dos consumidores. E' dos famintos.

Porque são estes que, afinal, constituem verdadeiramente a Nação Portugueza, ou que os ricos são apenas uma insignificante minoria. E como são os consumidores que pagam, em ultima analise, o Imposto da Fome, no carvão que consomem, nos andrajos com que se cobrem e no parco alimento diario, era delles que o Congresso devia ocupar-se, no proprio interesse daquelles a quem não pode convir uma convulsão social.

De resto, no Congresso Economico de Coimbra faltou-se á verdade dos factos, propositadamente ou não, pouco importa. Assim, recordam-nos de ter lido que o sr. dr. Nuno Simões afirmara que, apezar do Imposto da Fome, o porto de Lisboa era um dos mais baratos do mundo. Foi, ex.mo sr., foi. Foi, antes do Imposto da Fome. Agora, Excelencia, é um dos mais caros do mundo inteiro!

Persistindo-se na cobrança do Imposto da Fome é de crer que sim porque a cegueira dos nossos politicos parece incuravel, estamos muito arriscados a um pacifico bloqueio dos nossos portos, pela deserção dos navios estrangeiros. A fome alastrará ainda mais. E lá se vão por agua abaixo as fracas possibilidades da exportação dos nossos vinhos, da nossa cortiça, de todos aqueles escassos artigos exportados.

Por enquanto, ainda a questão é tratada diplomaticamente. Em todo o caso, até mesmo sob este aspecto já peorou consideravelmente. E' é assim que podemos noticiar que o sr. ministro de Holanda reclamou perante o governo contra o Imposto da Fome, ameaçando de represalias sobre os vinhos portuguezes a exportar para o seu paiz.

Já nos apelamos para o governo. Agora dirigimo-nos ao Parlamento. Este poder do Estado será realmente para alguma coisa? E' ocasião de o verificar. Haja no Congresso quem interrogue o governo. Haja quem estude o problema e se convença da iniquidade do Imposto da Fome. E, ao menos, revogue-se o decreto n.º 7.822 o substitua-se por uma lei que, atendendo á protecção indispensavel á marinha mercante nacional, não coloque a Nação na iminencia duma catastrofe!

A politica alemã

Uma moção de confiança no Reichstag

BERLIM, 16—A moção de confiança no Reichstag foi aprovada por duzentos e vinte votos contra cento oitenta e cinco. A maioria é composta dos partidos da coligação e a oposição pelos radicais e nacionalistas extremistas. Os votos contra foram principalmente do partido popular da Baviera e do partido popular alemão. Com esta votação terminou a crise latente do gabinete Wirth que pode agora juntamente com Rathenau á politica economica a seguir na proxima conferencia de Genova.—(R)

Carta de Italia

Os cardeais no Conclave — O discurso «Pro-elegendo Pontifice» depois da missa do Espirito Santo. — Na praça de S. Pedro.—O juramento.— «Ex ra omnes!» — O governador e o marechal do Conclave

ROMA, 4.—Esta manhã foi celebrada na capela Paulina, a missa d'Espirito Santo, a qual foi cantada pelo decano dos cardeais do Sacro Colegio, Vanutelli. A missa foi cantada sob a magistral direcção do eminente «maestro» Perosi.

Assistiram á cerimonia cincoenta cardeais, muitos prelados e alguns diplomatas.

Terminada a missa, Monsenhor Aurelio Gallé, secretario dos breves aos Principes, subiu ao pulpito e proferiu a oração de ritual «Pro-elegendo Pontifice».

Na sua oração, Monsenhor Gallé evocou a figura do extinto Pontifice Bento XV, contemplando-o nos multiplos aspectos das suas qualidades, já como supremo magistrado da Igreja, já como morador e pacificador das classes sociais quando do grande conflito que envolveu as nações europeias. Depois de ter dito quais as qualidades e virtudes que devem revestir os vigarios de Cristo, o orador concluiu assim:

«Ao ter de reverenciar a figura do novo Pontifice, tentei recordar sumariamente, qual foi a obra de Bento XV.

De facto, nenhum mais do que ele foi solicito em consolar os povos flagelados pela dor, em socorrer a inumeraveis miserias, em aconselhar aos povos a necessidade da paz, em procurar que a piedade popular recebesse alimento espiritual das doutrinas cristãs com a leitura dos Santos Evangelhos, em zelar, emfim, pela integridade da fé catolica e pela sua difusão entre os infieis.

Parece, pois, evidente que aquele que seja eleito para dirigir a igreja não deve orientar a sua acção em sentido diferente daquele que Bento XV, com tão superior criterio, seguiu em proveito da autoridade apostolica».

Terminada a cerimonia da missa recolheram os cardeais ao Vaticano, acompanhados da guarda nobre e da aristocracia de Roma.

Uma grande fila de automoveis percorreu sem interrupção as imediações da praça de S. Pedro, a praça de Santa Marta e rua da «Fondamenta», provocando o mais vivo interesse na multidão. Os mais curiosos chegavam a assomar ás janelas das carruagens para identificarem quem ia dentro.

O primeiro purpurado a sair foi o arcebispo de Varsovia, o qual respondeu dos cortezmente ás respeitosas saudações da multidão. Sairam depois, um após outro:—o cardeal Bisleti e o cardeal Mostrangelo.

No palacio do Vaticano era enorme o movimento de pessoas que entravam e saiam.

O governador e o marechal do conclave, seguidos dos seus oficiais de honra, foram pessoalmente certificar-se de que tudo estava preparado para o conclave.

Pouco depois, o governador do Conclave, Monsenhor De Samper e o marechal, Principe Chigi, atravessaram a sala, acompanhados por seu sequito, com o fim de prestarem juramento diante do Sacro Colegio.

A's 4 horas e meia da tarde tinham terminado todas as cerimonias preliminares. A essa hora, os cardeais dirigiram-se para as suas respectivas celas, acompanhados da guarda nobre. Os primeiros a entrar foram os cardeais Vanutelli, Logue, Bisleti, Gasparri e Lega, os quais fizeram o costumado giro de inspecção ás celas.

Da sala Pio IX sahiu ao encontro deles o magnifico cortejo do governador e do marechal do Conclave, escoltados pela guarda suissa.

Anoiteceu. As raras lampadas electricas não conseguiram vencer completamente a escuridão. Foi preciso acender os lustres e os candelabros. Era um espectaculo fantastico aquele que ofereciam os palacios medievais de Borgia e de Rouere.

Os cardeais, com o governador e o marechal, examinaram as portas que dão acesso á sala dos Conclaves.

A ultima a ser examinada foi a grande porta de S. Damaso.

Nisto ouviu-se o voz do prelado das cerimonias, que dizia—«Exeunt qui non habent locum in Conclavi. Extra omnes!».

A multidão indistinta, no meio do qual estavam principes e embaixadores, damas e prelados, dirigiu-se silenciosa para a porta da saida da sala.

A porta fechou-se e ouviu-se então o correr da pesada fechadura, recolhendo o marechal, com gesto solene a chave na bolsa que lhe é destina a.

A's 6 horas e vinte ainda o sino de S. Damaso chamava, pela quarta e ultima vez, os cardeais para o Conclave.

Os tuberculosos salvam-se

Tomando a tempo um bom recalcificante como a «Fibrocalcina», um super-alimento como a «Zomobiase», e um desinfetante pulmonar como as gotas de gaiacol compostas de que é depositario Raul Vieira Lda. Rua da Prata, 51.

NUVENS NO HORIZONTE

Se a renuncia do sr. Presidente da Republica fôr, como se diz, muito espectaculosa, graves complicações politicas poderão surgir...

Já aqui dissemos e não ha muito tempo, que o sr. Presidente da Republica não pode, constitucionalmente, corresponder-se com o Parlamento. Não conhecemos senão um caso em que pode, dentro de limites restritos, enviar ao Congresso um papel escrito. Esse caso é o da renuncia e continuação do exercicio das suas magistraturas em que o investiu a Nação. A letra e o espirito da Lei, não oferecem, porem, duvidas quanto a concisão desse documento. O chefe do Estado envia, quando quer e entende, a comunicação, pura e simples, da renuncia.

Mais nada. Só apenas meia duzia de palavras. E o Parlamento, tomando conhecimento do proposto presidencial, aceita a renuncia e elege imediatamente o novo presidente.

Supomos, entretanto, que o sr. Presidente Antonio José de Almeida expressa nos seus sentimentos num longo documento repleto de razões justificativas do seu gesto. Esta versão é, aliás, a mais provavel, como já referimos.

Nesse caso, nos dizemos que o sr. Antonio José de Almeida pratica um gravissimo erro politico, que põe e vir a ter consequencias serias, pelas excessivas que das paixões politicas que provocará e que terão repercussão no nivel e inevitavel nas sessões do Parlamento. E' bem possivel que o sr. Presidente da Republica ataque, querendo defender-se. O seu espirito, eminentemente combativo, ha-de arrastá-lo a isso.

E os politicos que ele visar, directa ou indirectamente, não deixarão de falar e comentar, segundo a maneira das paixões politicas. Ninguem, que, de resto, ainda arde o com chama vivissima. E' isso que pretendo o sr. Antonio José de Almeida, ao encerrar, voluntariamente e antes do tempo proprio, a gestão suprema dos negocios da Republica?...

Resta ainda encarar o problema da sucessão do sr. Antonio José de Almeida. Volta-mos a ter na presidencia um magistrado vindo dos partidos, embuido do proprio dos preju[i]zos que lhe ficaram na alma, em resultado de lutas politicas? Surgirá nova complicação.

Se o Congresso tiver porem uma ideia exata do momento que atravessamos, escolherá para chefe da nação uma individualidade alheia a partidos, um alto magistrado judicial, por exemplo? Até agora uma experiencia se fez nesse sentido e os resultados foram esplendidos. Referimo-nos á forma imparcialissima que o sr. Canto e Castro adoptou durante o tempo que presidiu aos destinos da Republica. E os tempos não eram menos dificeis que hoje! Entretanto, o sr. Canto e Castro, que nunca fôra partidarista, soube conciliar os homens e moderar as suas paixões, conduzindo a acção presidencial dentro dos limites da Constituição.

E' claro que todas estas considerações seriam descabidas, se o gesto de renuncia do sr. Presidente da Republica não vier passar duma finta de esgrimista politico.

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

A viagem do Presidente da Republica ao Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 15—Dizem os jornais que em Agosto irá a Lisboa o dreadnought «São Paulo» para conduzir o presidente Antonio José de Almeida ao Rio de Janeiro.—(H.)

O Padroado do Oriente

A conferencia que estava anunciada para hoje na Sociedade de Geografia, pelo sr. Bispo de Macau, sobre o Padroado do Oriente, fica transferida para quando circularem os carros electricos.

A questão irlandesa

As tropas britanicas retiram

DUBLIN, 15.—Recomeçou hoje a evacuação das tropas britanicas na Irlanda.—(H.)

Continuam os combates

BELFAST, 16.—Dos encarniçados combates que, durante todo o dia de hontem, se produziram entre catolicos e protestantes resultou grande numero de feridos.—(R.)

POLITICA INTERNACIONAL

O PACTO ANGLO-FRANCEZ PRECEDERÁ A CONCLUSÃO DE OUTROS ACÔRDOS ENTRE A FRANÇA E A INGLATERRA —§— A ENTRADA DA RUSSIA NO CONCERTO EUROPEU —§— A FRANÇA PREPARA-SE PARA A RECEBER —§—

A conferencia de Genova terá o merito de pôr em discussão todas as questões que interessam o resurgimento da Europa: inconvenientes tambem os vemos, se ela tiver a pretenção de arranjar soluções, que hão de pecar por improvisadas.

Uma maneira de diminuir estes inconvenientes está em definir com precisão os objectivos da conferencia, indicando ao mesmo tempo, com igual precisão, quais os pontos que deverão ficar fóra da discussão.

A este duplo fim se dedica Poincaré, que aceita a conferencia como uma resolução consumada, para que não foi ouvido, mas a que pretende tirar toda a nocividade.

Estas conferencias teem um grande inconveniente: é que o bem que elas trazem é sempre duvidoso e o mal que podem fazer é muito mais certo. Já Briand era do mesmo parecer e a conferencia de Cannes deu-lhe razão, deitando-o abaixo.

Poincaré procura acautelar-se: da Alemanha, que ha de querer pôr em discussão o tratado de Versailles e acordos posteriores, no que respeita ás reparações; e da Russia, que pela primeira vez, desde o regimen dos «soviets», é chamada ao convivio das nações burguezas. E a França precisa de acautelar-se porque, se não está isolada, não tem tambem apoios firmes em nenhuma das nações que estiveram a seu lado em 1914-18, durante a guerra. Damos, por isso, razão a Lloyd George quando afirma que o pacto anglo-francês é indispensavel para que a França possa fazer uma politica serena, emquantoela não tiver garantido a sua segurança, toda a sua politica, externa ou interna, se resentirá das suas preocupações. Lloyd George reconheceu, de mais, que esse pacto era uma divida de honra, pois já ao concluir-se o tratado de Versailles, a França desistiu de certas garantias territoriais—a linha do Reno—em razão dos compromissos assumidos pelos Estados Unidos e Inglaterra, o que não foram confirmados pelos respectivos parlamentos.

Esta confissão coloca a França em condições extremamente vantajosas para negociar o pacto.

Até aqui, apresentavam esse pacto como um tratado de favor, uma concessão de Inglaterra, isso alarmava os patriotas francezes, pelo receio das compensações que a Inglaterra proporia; esta faria pressão sobre a França para que cedesse na questão do oriente (grego-turca), na questão russa (relações com os soviets), etc.

Alguma razão havia, cremos bem que Briand, se consentiu na conferencia de Genova, foi porque tinha a esperança de alcançar o pacto de garantia.

As declarações de Lloyd George no parlamento inglez—precedidas pelas palavras de Jorge V, no discurso do trono — permitem considerar esse pacto como uma resolução firme, e que não pode ser estorvado por quaisquer divergencias subsistentes entre as politicas das duas nações da Entente.

Isto permitirá que as negociações para a liquidação das questões pendentes possam continuar numa atmosfera de confiança, que facilitará a conclusão dos acordos.

Uma das consequencias mais importantes da politica que se vai inaugurar será o ingresso da Russia no campo diplomatico. O maior obstaculo, até ha pouco, foi a resistencia da França, por a Russia não reconhecer as dividas do antigo regimen; desde que o governo dos soviets se submete ás regras da politica e do direito internacionais, o contacto dar-se-ha. Num artigo recente do «Temps» vemos desenvolvidas algumas ideias, que são como que um primeiro passo para familiarisar a opinião publica franceza com a nova politica.

As doutrinas bolchevistas perderam a sua virulencia com os desastres da Russia. Os grandes dominios desapareceram, sendo retalhados entre os camponezes—eis o principal facto a registar, o que de resto não é conforme á teoria comunista, pois apenas criou uma nova classe de pequenos proprietarios. As instituições da Russia não tem que ser discutidas na conferencia; só o povo russo poderá modifical-as. Quanto ao exercito vermelho, será dificil reduzil-o, ainda que em Genova se discuta a limitação dos armamentos, pois os soviets consideram-o indispensavel para manterem o seu poder, e argumentarão com a defesa das fronteiras. Mas se a Russia não desarmar, como impôr o desarmamento á Turquia?

O «Temps» afirma que as dificuldades economicas em que se tem encontrado o governo de Moscou tiveram por efeito diminuir a sua especulação sobre a revolução mundial e olhar mais pelos interesses da Russia. Ora estes interesses, afirma o mesmo jornal, nunca estiveram em oposição com os interesses da França.

E daí a possibilidade de admitir uma nova cooperação das duas potencias, desde que ambas se colocam no terreno dos interesses nacionais e deixem de se guerrear internacionalmente.

Quanto ás dividas russas do tempo do imperio, diz-se que os soviets as reconhecerão, exigindo dos aliados compensações pelas perdas sofridas durante a guerra civil.

Isto levaria os aliados a exigirem indemnisações pelos prejuizos causados pela defecção da Russia, que permitiu que a Alemanha prolongasse a guerra, o que não iria diminuir a divida.

Por ultimo ha a considerar a proteção aos estrangeiros, que não concorrerão á Russia se não lhes garantirem os seus bens ou o exercicio da sua actividade.

Trata-se do restabelecer na Russia o credito, o comercio, a industria e os transportes, e de retomar com ela relações e trocas; e a França não quer ficar de fóra na operação.

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DA NOSSA PACIENCIA

Nós sempre temos muita paciencia, Deus louvado!

Ha até quem chame a isto paciencia de... de não sei quê.

Com que então, nova gréve de electricos?

Pois é verdade, nova gréve de electricos.

Nova? Na verdade eu não sei se esta será uma nova gréve de electricos se será ainda continuação da ultima.

Porquanto depois que aquela realisada ha um mez—gréves mensais!—se resolveu aparentemente, foi tão deficiente o serviço de carros organisado que bem se pode dizer que ela continuou. Foi apenas um novo aspecto da questão.

E agora estamos no terceiro acto. A peça até aqui teve três actos:

Gréve, meia gréve e gréve, veremos o epilogo.

Que o publico se desinteresson já não resta duvida.

Vai-se a pouco e pouco habituando a andar a pé.

E como tudo uma simples questão de habito.

E com este sistema, este modo de proceder em que se nota o mais completo despreso por todos nós, só se consegue que o publico se desinteresse em absoluto da companhia, do pessoal da Camara e dos governos, de todas as entidades que para salvar o interesse proprio se esquecem do fim para que existem, continuando a não prestar a minima atenção para os que pagam docilmente, sem um queixume, sem a mais pequena sombra de revolta.

Porque a verdade é que uma cidade como Lisboa não pode sofrer o prejuizo destas gréves constantes.

E incalculavel o prejuizo que ao comercio causa cada uma destas gréves.

E no entanto elas continuam com uma frequencia, que só por troça se admite e com o espectaculo admiravel da paciencia deste povo.

Mas... é sempre bom não abusar.

Tudo tem limites e tudo se acaba.

E assim a paciencia deste povo pode tambem acabar um dia.

E nesse dia... Será melhor que a gréve se resolva depressa, para evitar o que se receiar.

Mais vale prevenir...

BOTTO DE CARVALHO

A estatistica mostra que a população de Paris consta de 2906474 residentes que se dividem em 1295137 do sexo masculino e 1611337 do feminino.

Estes numeros mostram um excesso de 316198 mulheres.

As estatisticas dizem tambem que 52474 pessoas recusaram-se a dar a conhecer a sua idade, sendo 30000 mulheres e os homens 27754.

* * *

O Egyptian Mail publicou um artigo assinado por Lord Northcliff, sobre a questão egypcia, criticando severamente a atitude do Foreing Office e aprovando incondicionalmente a politica de Lord Allenby, alto comissario inglez no Egypto. O artigo mereceu a aprovação geral.

* * *

Quatro juizes do Supremo Tribunal do Rio de Janeiro recusaram receber os seus salarios com o fundamento de que não existe poder legal que autorise esses pagamentos, visto o presidente da Republica ter oposto o seu veto ao orçamento das despezas para 1922.

* * *

Os donos de cães em Florença fizeram uma reunião para protestarem contra a sobretaxa que a municipalidade de Florença decretou sobre os cães.

Na reunião tomaram parte para cima de 600 pessoas, acompanhadas pelo menos de um cão, cada uma. Pronunciaram-se discursos violentissimos contra a municipalidade e votou-se apresentar um protesto energico contra a medida municipal que foi aprovado no meio de grande alarido e ladrar dos cães.

* * *

O governo francez vai tomar providencias contra a campanha de difamação contra o credito economico francez.

O ministro do interior mr. Manowry ordenou que se fizesse um inquerito policial sobre os telegramas enviados para Londres provenindo que se acautelassem contra a instabilidade de algumas casas bancarias da França.

A policia descobriu que a proveniencia dos telegramas alarmantes era da Filandia, de onde eram transmitidos para Inglaterra.

Supõe-se que a origem seja alemã ou bolchevista.

* * *

As letras

Com o titulo «Visinhos do Mar» apareceu hontem á venda na livraria «Portugal-Brazil» um livro de novelas e impressões do escritor sr. Julião Quintinho.

Agradecemos desde já os exemplares que teve a gentileza de nos enviar e aguardamos que o nosso critico literario se pronuncie, com a merecida atenção, sobre esta obra.

—Deve ser posto ainda este mez á venda o volume de «A Semana de Lisboa» sendo o desenho da capa do nosso ilustre colaborador sr. Leitão de Barros.

A Provincia na "Capital,,

PORTALEGRE, 15. —Realisou-se hoje o acto da posse do novo governador civil deste distrito sr. dr. Teixeira Guerra.

O acto de posse teve grande concorrencia, não só de amigos politicos como pessoas da nova autoridade superior do distrito.

Alem do novo governador civil, usaram da palavra no acto da posse os srs. Bentes de Oliveira, dr. Carlos Tomudo, dr. Manuel Lourinho e João de Brito.

Foram proferidos calorosos discursos e feitas as melhores afirmações de caracter republicano.

—Foi nomeado administrador do concelho de Portalegre o velho republicano sr. Luiz Augusto Martins Costa.—(C.)

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Vai ser um dos mais belos e mais notaveis concertos, que esta a terminar, o de domingo no S. Luiz, da Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, em que pela primeira vez toma parte o grande pianista Vianna da Motta, que executará com a orquestra o celebre «Concerto em sol maior» de Beethoven com as notaveis cadencias de Hans de Bulow, constituindo o programa da orquestra as famosas «Danças hespanholas» de Granados, em unica audição, a «Flauta magica», de Mosart, a «Rapsodia Hungara em dó», de Liszt, um «Scherzo» do professor da orquestra Alberto Fernandes em 1.ª audição e outras obras notaveis.

Shackleton

MONTEVIDEU, 15. — Os restos mortais do explorador Shackleton foram hoje embarcados solenemente a bordo do «Woodville».—(H.)

CARNAVAL

No Governo Civil de Lisboa, já se passam licenças para carros reclames, cégadas, marchas, grupos musicais, etc. para poderem percorrer as ruas da cidade nos três dias de Carnaval.

Os interessados deverão fazer requerimentos em papel selado, dirigidos ao Governador Civil e apresental-os na 1.ª Repartição da Secretaria do mesmo Governo Civil.

Brindes

Recebemos e agradecemos dois exemplares da «Carta Brinde» que os srs. Ladeiro & Filho, R. Sousa Martins, 7, 2.º D. acabam de publicar.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

O conflicto parece que terá rapida solução

Lisboa ficou hoje novamente sem electricos.

A cidade encontra-se de novo entregue a toda a especie de veiculos, correndo os transeuntes o risco de a todo o momento serem atropelados, pela velocidade que se lhes imprime.

A «Capital» foi o unico jornal da tarde que ontem deu a perceber a possibilidade duma nova gréve dos electricos.

As reclamações do pessoal grevista consistem apenas em a direcção da Companhia readmitir dois empregados que ha dias despediu.

E esta uma velha questão que de novo se agita, pois que esses dois empregados agora despedidos, egual sorte haviam tido ainda não ha muitos dias voltando porem a Companhia a fazer a sua readmissão com a intervenção do sr. Cunha Leal, então chefe do governo, e com a promessa de sobre eles não voltar a exercer represalias de qualquer ordem.

Mas a Companhia, por motivos que ignoramos resolveu de novo dispensar do serviços os cois referidos seus empregados e o pessoal, um gesto de solidariedade resolveu declarar-se hoje em gréve.

De manhã já os carros, que se encontram todos sabotados, não chegaram a sair das estações, estando estas guardadas militarmente.

O pessoal que se encontra reunido na respectiva associação de classe, aguardava ha hora que dali retiramos, a chegada da comissão de melhoramentos, que fora avistar-se com a direcção da Companhia.

Dessa comissão fazem parte os srs. Armando Martins, Claudio dos Santos e Antonio Carlos Raposo.

Ordem Publica

Uma noticia que não foi confirmada na Presidencia do Ministerio

Transcrevemos de «A Manhã»:

«Segundo nos consta, o presidente do ministerio está tratando de sanar um incidente que ha dias se deu, quando dos cumprimentos que lhe foram feitos pela oficialidade da Guarda da Republica. Parece que os oficiais de artilharia foram ate ao Terreiro do Paço, mas não subiram a escadaria do ministerio do Interior, não tendo, portanto, tomado parte nos cumprimentos. Em vista disto o sr. tenente-coronel Justiniano Esteves, comandante da artilharia, recebeu guia e já se apresentou no ministerio da Guerra, deixando, portanto de pertencer á Guarda Republicana».

Procurámos informações a respeito desta noticia, junto do sr. presidente do Ministerio.

O sr. Antonio Maria da Silva, na impossibilidade de nos receber, enviou-nos pelo seu chefe de gabinete do ministerio do Interior, os seguintes esclarecimentos:

=E a primeira vez que ouço falar em oficiais que não subiram as escadas deste ministerio, não se associando, dessa forma, aos cumprimentos dos seus colegas da gurda Republicana.

Quanto ao afastamento do serviço da guarda do sr. tenente coronel Justiniano Esteves, nada sei. Trata-se naturalmente, de qualquer medida disciplinar, que só o sr. general Vieira da Rocha, comandante geral da G. R., lhe poderá explicar.

* * *

Informações particulares dizem-nos que na realidade os oficiais de artilharia da Guarda não cumprimentaram o sr. ministro do Interior e Presidente do Ministerio, por assim ter sido resolvido pelo tenente-coronel sr. Justiniano Esteves.

POEIRA da ARCADA

Uma comissão de assalariados do Estado conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças sobre assuntos relativos á subvenção diferencial.

—A sr.ª D. Teresa da Conceição Delfino foi exonerada, por falta de posse, do professora da escola primaria de ensino geral de Searra Velha concelho de Chaves, sendo provida, temporariamente, ela a sr.ª D. Maria do Patrocinio Mendes.

A sr.ª D. Germana da Purificação Ribeiro, professora da escola de S. Miguel de Terra, Vila Real, foi transferida, em concurso, para a de Dovebroso, freguezia de Covas do Douro, Sabrosa, sendo provida temporariamente na sua vaga, a sr.ª D. Jeselina Monteiro.

Amanhã são expedidas malas postais para a Madeira, Pará, Manaus, Maranhão, Ceará e Pernambuco pelo vapor «Maranguape» e para a Madeira, Las Palmas, Africa Oriental, via Madeira, pelo «Ardeola», sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para o primeiro e ás 15 para o segundo, fechando os registos para este ás 11.

INQUERITO PALPITANTE

O incendio no "India"

Diz-se que foi devido á incompetencia do seu comandante, o qual promete defender-se logo que o inquerito seja conhecido

Os nossos leitores devem estar ainda lembrados daquele violento incendio que, em 27 de outubro ultimo se desenvolveu a bordo do vapor «India» dos T. M. E.

O barco, que era um dos melhores da nossa frota mercante, estava atracado ao Cais da Alfandega quando pelas 1 hora e 35 minutos se declarou o incendio sendo o alarme dado pelo sr. Bartolomeu Salgado na estação n.º 17 dos incendios, no Terreiro do Paço.

Compareceram os bombeiros com o competente material, os mais poderosos rebocadores não se fizeram esperar mas facto é que apesar de todos os esforços, trabalhos e canceiras o «India» perdeu-se bem como toda a carga avaliada em alguns milhões de escudos.

A opinião publica justamente alarmada ou desconfiada com os sucessivos desastres que atingiam os T. M. E. entrou a murmurar, chegando a correr o boato de que o fogo fôra lançado para encobrir qualquer pouca vergonha, das muitas em que por infelicidade de nós todos a celebre «Trapulhada Maritima do Estado» se acha envolvida.

Formularam-se acusações e cada qual disse da sua justiça procurando sacudir a agua do seu capote, como é vulgar dizer-se. Nomeada por fim a Comissão de inquerito que se impunha, esta ao que se diz, chegou á conclusão de que o fogo tomou as maiores proporções devido á incompetencia do capitão do navio incendiado.

Como não nos é possivel falar do cas, nem tão pouco ainda fosse publicado o relatorio do referido inquerito tratamos de procurar mais alguns esclarecimentos sobre o assunto.

Impunha-se como é natural ouvir um tecnico e ninguem em melhores condições que o antigo chefe da 1.ª divisão e actual comandante interino dos bombeiros Municipais para nos elucidar. O sr. Batista Ribeiro, bombeiro com longa folha de serviços e que tem o seu nome ligado a rasgos de bravura e filantropia foi dos que mais trabalhou para salvar o «India», não o conseguindo por as suas ordens e conselhos não terem sido executados pelos novos, ou seja os que nada sabendo blasonam de talentosos e competentes!...

A caminho pois do quartel da Esperança seguimos hoje onde o comandante interino dos bombeiros nos recebeu com a sua costumada franqueza, umitanto rude mas leal.

Dizemos ao que vamos mais não sendo preciso para que o nosso interlocutor nos grit.:

—Oh! menino vai-te já embora! Fiquei farto do «India» até aos olhos e não venhas massar-me mais. Olha que tive de ir depor duas vezes no Arsenal de Marinha, uma vez aos T. M. E. e duas vezes á policia. Vê lá se ainda achas pouco e se queres que te vá reeditar o que já estou farto de dizer oficialmente. Agora não posso aturar-te, pois tenho muito que fazer...

O «reporter» porém não se dá por convencido e por isso nós voltamos á carga, aduzindo razões varias que conseguem modificar em parte a atitude de Batista Ribeiro que esclarece:

—Para jornaes não dou entrevistas, pois não quero que me suceda o mesmo que a outros que falaram... de mais. Apenas posso facultar alguns documentos que algo elucidarão o assunto.

E juntando o gesto á palavra o comandante dos bombeiros pôs sob os nossos olhos um volumoso rôlo retirado da gaveta da sua secretaria.

Folheamos a papelada, escrita á maquina, com muitas assignaturas e carimbos tudo devidamente autenticado e perfeitamente em ordem.

Primeiro é a parte de incedio; segue-se-lhe o relatorio dos trabalhos de extinção durante o tempo em que o «India» esteve atracado ao caes da Alfandega e a opinião dos tecnicos sobre a origem do fogo, que se manifestou no porão a meia nau.

Ali se acumulava a sacaria com coconotte e copra parecendo que com bustão expontanea teria sido a causa do ocorrido.

Perdidas todas as esperanças de atalhar o fogo, tratou-se de por em pratica o, usual processo de mergulhar o barco, pelo que o «India» foi rebocado para a Cova da Piedade, levando a bordo um piquete de seis bombeiros que nunca deixou do trabalhar no convez auxiliado pelo pessoal do «Cabo da Roca» e doutros rebocadores.

Ainda por fatalidade não foi o «India» fundear no local marcado indo encalhar num baixo onde ficou sem agua suficiente para poder ser submergido. Não havendo pois agua para o meter no fundo os bombeiros continuaram o ataque pelas vigias e camarotes que foram arrombados não podendo ser utilisada a escotilha da popa devido aos rolos de fumo e a da prôa por estar completamente atulhada de sacaria e mercadorias.

Sucedeu pois o que era de prever: Continuou tudo a arder... a arder e acabou por arder tudo!...

Em certa altura escolhemos os documentos:

«O comandante sr. Bettencourt, vendo que o navio começava a «adornar» a bombordo e ameaçava afundar os rebocadores que estavam proximos, abandonou o «India» indo num barco para o largo. Os bombeiros, que se encontravam no convés e casa das caldeiras, retiraram tambem para um rebocador donde iniciaram novo ataque, pois que o navio exteriormente estava em braza...

Lê-se ainda noutro documento o seguinte:

—«A's 12 horas os bombeiros, extenuados pelo trabalho e pela fadiga, pediram que lhes dessem de comer, respondendo o comandante Bettencourt que não havia comida a bordo. E o pessoal do navio declarou o contrario, pois estava disposto a fornecer comida desde que para tal recebesse a devida autorisação. Não era crivel a falta de comida tanto mais que o «India» devia seguir viagem horas depois de se ter declarado o incendio.»

O piquete acima referido abandou o ataque ás 13 horas e 30 minutos sendo substituido por outro que forçou os trabalhos até ás 14. O navio nessa altura cambou para estibordo e o comandante dos bombeiros deu ordem de desembarque a todo o pessoal mandando cortar todos os cabos e espias que amarravam o barco, chegando a perder-se muito material dos bombeiros que não poude ser salvo. Este seguidamente o piquete retomou por ordem do sr. José Vicente da Silva, oficial da Marinha Mercante e ajudante do capitão do Porto dos T. M. E. o qual declarou não serem mais necessarios os serviços dos bombeiros.

O piquete veiu para terra encontrando-se no Cais com um 3.º piquete, que la recebeu-o e que tambem foi mandado retirar.

Um dos documentos que folheamos notam o facto de dos bombeiros não ter sido dado transporte tendo o primeiro piquete de vir para terra num pequeno bote e cujo patrão não quiz por amabilidade, receber a gratificação que os bombeiros lhe queriam dar do seu bolso...

Resumo: Os conselhos dos bombeiros não foram aceitas;

O «India» foi fundear em local diferente do que fôra indicado pelos tecnicos ao seu comandante;

Os bombeiros foram quasi impedidos do trabalhar.

O comandante do «India» durante o decorrer do incendio ligou importancia alguma ás reclamações que lhe eram apresentadas.

Depois do que fica exposto natural é que fossemos ouvir o capitão Bettencourt. Sobre quem se acumulam as acusações.

Estivemos nos T. M. E. onde se deram trocadas rapidas palavras com aquele oficial de marinha mercante o qual nos declarou:

—Era meu intento dizer alguma coisa, mas resolvi não falar enquanto não se tornar publico o inquerito. Daqui a uns dias essa inquerito será publicado e então defender-me-ei e direi do minha justiça.

No quartel do Carmo

O sr. ministro da Guerra retribui os cumprimentos da oficialidade

Pelas 16 horas retribuiu os cumprimentos que a oficialidade da Guarda Nacional Republicana lhe fez quando assumiu o cargo de ministro da Guerra o general Correia Barreto acompanhado pelo seu ajudante e chefe de gabinete.

A' porta do quartel do Carmo foram prestadas as honras militares por uma companhia de infantaria de grande uniforme da mesma guarda sob o comando do capitão Lara e a respectiva banda.

Finda a cerimonia foi acompanhado até ao seu automovel pelo comandante geral da guarda, general sr. Vieira da Rocha e toda a oficialidade

A greve da classe maritima

O comité avistou-se hoje com o sr. ministro do Comercio para saber quando se efectuaria o pagamento em atraso do pessoal dos T. M. E. O sr. Lima Bastos prometeu que o assunto seria liquidado o mais breve possivel.

Uma comissão de grevistas deve tambem avistar-se hoje com o sr. presidente do Ministerio.

O Carnaval

O cortejo dos estudantes

O cortejo carnavalesco que os estudantes de Lisboa hoje promoveram pelas ruas da cidade decorreu muito interessante, esfusiante de animação e entusiasmo, por entre o melhor acolhimento de toda a população que se apinhava nas ruas.

Pelas 13 horas, formando uma enorme bixa, dirigiram-se á estação do Rossio onde foram esperar o Rei Carnaval, seguindo em seguida pelas ruas seguintes: calçada do Carmo, rua do «Mundo», Chiado, ruas do Carmo e 1.º de Dezembro, Rossio, rua Augusta, Praça do Comercio, Rua do Ouro, Rossio, avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, Saldanha e Avenida Almirante Reis, onde dispersaram.

No cortejo figuravam arautos, bobs, batedores, etc.

TEATRO

Nota do dia

A desafronta do publico

E' balda velha dizer-se que o publico não tem amor a qualquer espectaculo onde se faça um pouco de arte, que as tentativas de trabalho honesto não são compreendidas pelo publico, e que este só prefere a revista, a farça, a representação aos pulos, e em materia de musica delira com o fado exclusivamente.

E aferradas a estes principios, as empresas esforçam-se por procurar peças ocas talhadas para os instintos grosseiros do publico, andam a imaginar sempre qual o tiro que com mais piadas, ou com mais «double-sens», com mais cabriolas ou com mais perneame á vela, consiga chegar até as cincoenta, porque ás cem só conseguem abordar as revistas por sessões.

O publico em duas palavras, é o pretexto para toda a má escolha de baixas peças. O publico no eminente parecer das empresas que só querem casões, é burro, é ignorante, é falto de sentimentos. E quando uma peça com seu lirismo, seu sentimento fino, sua graça ingenua e risonha aparece, por acaso ou bamburria, sob o olhinho astuto do empresario-comerciante, vá de lança-la para o arquivo antepondo-lhe... sabe lá Deus o quê!

Pois o publico acaba de desafrontar-se. Como? Correspondendo com o seu aplauso uma obra simples, muito transparente como simples e ingenua é tambem a alma colectiva.

Sem parcela de reclame apontamos essa peça: o «Centenario».

E' o prototipo da peça que não devia agradar ao publico, o tal burro, ignorante, falho de sentimentos...

Sem tema, sem complicadas acções sem piadas fortes, vivendo apenas figuras simples, tecnicamente licorosa, por onde lhe pegaria o publico?

Afinal o publico pegou-lhe por todas essas qualidades que mais ao que ninguem compeende. Ultrapassa as 50 representações, torna-se um facto nos anais do Teatro Nacional, e promete a vinda dos Quinteros a Lisboa, para receberem o habito... da praxe.

De resto, quem atentar bem na estrutura do «Centenario» ha de ver nesse teatro risonho, a mesma forma lirica das peças queridas de João da Camara, as filigranas de Fernando Caldeira e que, como esta, obtiveram a consagração das almas boas e sensitivas que formam o publico.

Porque se anda arredado deste teatro não sei. Mas creio que á errada concepção de que o publico é burro, se deve acrescentar que este genero de peças apoucadas na sua tecnica rudimentar pelos altos e profundos dramaturgos, demanda uma qualidade apenas, para serem bem escritas: talento.

Que é afinal aquilo que mais dificil é hoje de se conseguir...

ARMANDO FERREIRA.

Noticiario

Portugal

O actor Alves da Cunha, oferece hoje em sua casa um jantar aos senhores Artur Cohen autor da peça em que fará a sua festa, Joaquim Leitão, Raul Brandão, e Carvalho, ex-socio da casa Napoles & C.ª

—A companhia de Opereta Satanela-Amarante, estreia-se nos fins de Março no Porto.

—O tenor Alves da Silva faz a sua festa em breve com a opereta «Miss Diabo».

—A festa de Raquel de Barros é com a primeira da «Fi-Fi».

—Desligou-se da companhia Satanela-Amarante o baritono Armando Batista.

—Na proxima quinta-feira 22 do corrente efetua-se a 5.ª recita de assinatura do teatro Nacional com a primeira representação da peça «Carta Anonima», traduzida da comedia espanhola, de Muñoz Seca, «El Ardil», por Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, destinada a fazer a epoca do Carnaval.

—No espectaculo do Teatro dos Anjos no domingo 19, a engraçada «Companhia infantil», representa a opereta «Amores dum marinheiro», a opereta «A Taluda» e 2 actos de variedades.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Primeira nesta epoca em S. Carlos do «Lohengrin».
—No Teatro Gil Vicente primeira representação da revista «Pim-Pam-Pum» de Gil Vaz e Ernesto Correia.

AMANHÃ—Em S. Carlos «Aida».
—Festa de João Colazans no Teatro Politeama.
—Reprise no Apolo da celebre revista de Eduardo Schwalbach «Dia de Juizo».

SABADO—Reaparição da «Moreninha» no Teatro de S. Luiz.

CURIOSIDADES

Como D. João I castigou os vereadores da Camara de Barcelos

Indo D. João I tomar a cidade de Ceuta, depois da sua conquista em 1415, repartiu diversos pontos da cidade por muitos moradores das vilas e cidades portuguesas, que tinham tomado parte com ele nesta empresa. Sendo de novo a cidade atacada pelos mouros com grande coragem e em grande numero, os de Barcelos de tal maneira se aterrorisaram que fugiram, e abandonaram o ponto da muralha que lhes tinha sido confiado e que era junto do lugar que fôra confiado aos vimaranenses, os quais vendo aquela deserção vergonhosa, dividiram-se em dois troços, defendendo um o seu posto e outro o ponto que tinha sido abandonado pelos de Barcelos; e com tanto denodo e bravura que os mouros foram repelidos victoriosamente, deixando não poucos mortos na refrega.

D. João I premiou esta coragem e castigou aquela cobardia; mandando que dai por deante os de Barcelos fossem varrer as praças e açougues da cidade de Guimarães, o que se cumpriu por mais de 60 anos, vindo só a acabar em 1580.

Os vereadores de Barcelos iam nove vezes por ano, nas vesperas das festas principais da Camara de Guimarães, com um barrete de veludo encarnado na cabeça e banda da mesma côr, espada á cinta, um pé calçado e outro descalço e cada um munido da sua vassoura de giésta, fazer a limpeza ordenada, em Guimarães; acabada esta iam á Camara e entregavam aos vereadores suas bandas e barretes, em sinal de servidão. Se algum faltava era condenado ao pagamento duma multa em dinheiro, o que quasi todos preferiam, do que fazer tão ridiculo papel.

Excentricidades de homens notaveis

Henrique III não podia estar sem ser acompanhado, num quarto onde estivesse um gato.

O duque Epernon desfalecia e ficava como morto todas as vezes que via uma lebre.

O rei da Polonia, Vladislos, não podia encarar as maçãs, fugindo para longe delas. O marechal d'Albert irritava-se todas as vezes que lhe davam a comer leitão ou javali.

Scaliger tremia como varas verdes quando via agriões. Bayle sentia grandes convulsões quando ouvia o ruido da agua, caindo duma torneira. Bacon ficava sem sentidos ao presencear um eclipse da lua. Bellini não podia escrever as suas operas sem que primeiro se metesse num banho e passasse algum tempo ali a brincar com uma laranja que apertava tanto que a desfazia entre os dedos.

Paulo Féval procurava sempre para sua habitação uma casa que estivesse junto duma oficina de ferreiro, dizendo que o estrondo o inspirava e o silencio lhe fazia sono. Byron escrevia deitado no chão.

Zorrilla todas as vezes que escrevia encostava á parede uma mesa pequena para não ter espaço por onde divagasse a vista.

Espronceda antes de escrever excitava o sistema nervoso. Eugenio Sue escrevia com luvas brancas numa casinha por cujas janelas entravam os ramos dumas arvores. Paulo de Kock emquanto escrevia tinha sempre sob os joelhos um gato que afagava com a mão esquerda emquanto que com a direita escrevia as suas satyras. Voltaire antes de apresentar qualquer dos seus trabalhos no teatro lia os primeiramente aos seus criados.

Virgilio recitou as suas Geórgicas aos camponeses de Tibur antes de as ler a Mecenas e a Augusto.

Balzac não podia escrever sem primeiro envergar o habito de frade. Darwin antes de escrever tocava rabeca meia hora.

Victor Hugo escrevia de pé e em mangas de camisa. Chateaubriand escrevia descalço. Teofilo Gautier envergava antes um roupão encarnado. Cooper chupava pastilhas um quarto de hora primeiro que principiasse os seus trabalhos, e Zola escrevia rodeado de velas acesas.

A. G.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTA Á EX.ma SR.ª D. BEATRIZ DELGADO

Minha senhora:

Muito gratamente surpreendida fiquei ao receber com uma gentil dedicatoria um exemplar do seu livro de versos «Amorosa» e ainda mais grata fiquei por não ter o prazer de a conhecer pessoalmente.

Agradeço-lhe não só a sua lembrança mas tambem o ter-me proporcionado uns momentos cheios de goso espiritual.

Peço licença para lhe dizer algumas palavras a respeito do seu livro; não vou critica-lo, pois não conheço a tecnica do verso, nem poderia dizer se está bem feito ou mal feito; é apenas uma mulher que fala a outra, é o meu coração que se dirige ao seu confiando-lhe as impressões que o livro despertou nele.

Achei muito curiosos, minha senhora os seus versos, neles palpitam sentimentos e empregam-se frases que em geral não aparecem em versos femininos. Confesso-lhe mesmo que tive ao principio um certo movimento de sobresalto; depois a originalidade do caso prendeu-me a atenção e a ternura do pensamento fez-me esquecer o realismo da palavra.

As duas qualidades que mais me reduziram nos seus versos foram a ternura e a alegria, não são elegias os seus versos, todas as cambiantes aparecem neles, ali sofre-se, ama-se, fala-se, pensa-se e o lê-los é viver-se cada um deles representa uma hora do grande relogio da existencia e todos nós acharemos no seu livro pelo menos um soneto que corresponda a um determinado instante da nossa vida.

O seu livro não é só seu, pertence-nos a todos um pouco.

E' tão pobre o meu vocabulario que prefiro manifestar-lhe a minha gratidão oferecendo-lhe um punhado das suas palavras, formando assim em ramo todos os sentimentos que acordaram um éco no meu coração.

Quantas vezes o pobre já não tem dito este terceto:

> Devolve o coração que me levaste
> e guarda para ti, como penhor,
> as saudades crueis que me deixaste.

e quantas vezes o meu orgulho não tem gritado num impeto de desespero:

....

> Já não habitas neste coração
> morreste para mim—não és ninguem...
> Meu Deus! Ouvirá ele o meu lamento?
> —Não podes esconder-lhe o meu tormento
> dizer-lhe a ele que o esqueci tambem!

e, felizmente, a minha alma, cantante de alegria, já tambem um dia gritou:

> A luz vencera toda a minha dôr,
> aquela antiga dôr, quasi infinita:
> —tinha nascido o Amor!—

e num movimento religioso de intima gratidão acrescentou baixinho:

> mostra-me o Ceu, que a Terra não me basta.

E agora, minha senhora, deixe que num aperto de mão agradecido me despeça de V. Ex.ª

TANAGRETTE

SONETO

Platonismo

> *—Eu não busco nos beijos carinhosos*
> *Depostos em teus labios com ternura*
> *aquela sensação grosseira, impura,*
> *duns momentos fatais, voluptuosos.*
>
> *Eu quero, só, colher do nosso amor,*
> *dêsse jardim olimpico, sagrado,*
> *cheio de sonho e feito de cuidado*
> *a mais gentil e delicada flor.*
>
> *Tu achas singular esta atitude?*
> *Pois olha que o não faço por virtude,*
> *mas sim para o amor nunca findar*
>
> *A carne satisfaz quem a deseja!*
> *Meu peito quer amar, só por amor,*
> *é a minh'alma apenas que te beija.*

BEATRIZ DELGADO

FRIOLEIRAS

No «Daily Mail» apareceu um anuncio oferecendo uns sapatos de oiro a saltos cravejados de pedrarias á mulher que tivesse o pé mais pequeno!

Que de lagrimas despeitadas não terá provocado essa oferta e quantas mulheres não terão volvido olhos tristes para os seus pés, amaldiçoando a sorte ao vê-los praticos, uteis, talvez mesmo bem formados, mas calçando um numero respeitavel!

Com a minha teoria de procurar em tudo o lado bom aconselho todas as mulheres a lembrarem-se que a Venus de Milo com certeza não ganharia o sapato, pois não é o tamanho que fórma a beleza, mas sim a proporção. A's vezes, quem sabe, até talvez a premiada seja disforme e aleijada tendo o pé pequeno demais para a sua altura e, portanto, andar de pato.

HIGIENE DA BELÊSA

Para as palpebras

Se, depois de lavar com chá, a inflamação das palpebras persistir lavam-se com a seguinte receita:

20 grãos de tanino
50 gramas de glycerina
50 gramas de agua.

Fecham-se os olhos banhando-se apenas as palpebras e em volta deles.

MODAS

Falemos hoje um pouco do lado pratico da «toilette», isto é, do «tailleur» e da capa.

Os «tailleurs» são quasi todos fechados com uma gola de peles, que protege bem do frio. Os casacos são muito compridos, enfeitados na borda com uma barra de peles tendo de largura uma mão travessa. Nunca se viu tantas guarnições de peles mas postas sempre de maneira a que a linha se conserve simples e a silhueta fina e elegante.

Assim como os vestidos, as capas e «tailleurs» caem tambem direitos sem formas a não ser a de um ligeiro alargamento que já se tem visto mas que agrada sempre.

No segundo plano, aparecem de quando em quando ao lado dos vestidos lisos e direitos que lembram a moda de 1830, mas são usados apenas pelas pessoas que não podem passar sem a variedade.

ARTE DE COSINHA

Salada de peixe á russa

Desfaz-se um bocado de peixe cosido, coloca-se numa saladeira, dispõe-se em volta com um certo gosto, azeitonas, algumas enxovas de conserva, ovos cozidos aos quartos, olhos de alface, rodelas finas de beterrabas, de pepinos pequenos e uma mão cheia de alcaparras.

Já se terá preparado uma «mayonnaise» bastante espessa, que se deitará por sobre estes preparos. Só no momento de servir é que a dona da casa mexerá essa salada.

ARTE APLICADA

Um «cartonnier»

Este movel, que é muito bonito e util, pode ser enfeitado com pintura ou com pirogravura. Escolham as minhas leitoras o trabalho que lhes fôr mais familiar.

A armação do movel em madeira é muito ligeira e simples. Entre os montantes curvos e os direitos, que compõem os pés, saem pranchetas de sycomoro ou de ligeiras folhas de pano cinzento. Dois paineis de madeira mais ordinaria, ao qual se colorá o mesmo pano, saem egualmente dentre os quatro montantes que formam a base do movel.

Só se mandará juntar as diferentes partes do movel, depois do trabalho artistico estar completamente terminado.

Toda a ornamentação será feita de papoulas. Se pirogravarem, devem depois do desenho pirogravado, cobrir toda a superficie com um tom cinzento esverdinhado e só depois se porão as côres. No caso de escolherem a pintura sobre pano, não é preciso o tom verde do fundo.

SPORT

Esgrima

Como se fala ultimamente em França, em proibir o duelo, o esgrimista e jornalista J. Renaud, publicou um interessante artigo em que afirma que essa medida vai acabar com a esgrima em França e prejudicar perto de 6 mil mestres de armas.

Box

Para evitar combates sem interesse, e desculpas, como sucedeu com o ultimo match entre Carpentier e o campeão dos meios pesados, resolveram os americanos, fazer combates eliminatorios, entre os 3 melhores homens de categoria, dos quais o vencedor se encontrará então para o titulo, com Carpentier.

—Sam Langual, a quem chamavam o terror negro foi vencido aos pontos, mas com pouca vantagem com o negro Wills.

Os jornais americanos dizem que em virtude da figura de Wills, o campeão Dempsey, pode estar descançado.

—A Federação Franceza de Box, escolheu entre os pretendentes do titulo de campeão de França para leves, o boxeur Germain por 12 votos.

Mario só conseguiu 2 votos.

Ciclismo

A União Velocipedica Franceza, vai proceder contra certos amadores, que teem recebido premios pecuniarios.

Entre nós ha Federações que auxiliam o contrario.

Convem-lhes a confusão...

—Está-se disputando em Berlim uma prova de 6 dias.

Em Amsterdan, está-se construindo um novo velodromo de 333 metros.

O teatro e o Sport

O grande actor Paul Monet, que morreu ha pouco, era um belo atleta, que até aos ultimos anos fez sempre varios sports.

Jornalistas sportivos

Todos os anos em França, se disputa uma prova para jornalistas sportivos.

Entre nós se isso se realisasse as competencias arte-nova, faziam triste figura.

Era a morte dos sportmans teoricos.

Automobilismo

Em S. Francisco vai realisar se uma corrida de 500 milhas, cujos premios são no valor de 75 mil dollars.

Aviação

Em Inglaterra, um helicoptero, de invenção moderna, subiu e desceu com exito.

—Parece que o Aereo Club de França, vai organisar uma prova de aviação na distancia de 3 mil metros, e com premios de 1 milhão de francos.

—Na America experimentaram-se 2 novos modelos de para-quedas, em um dos quais uma senhora desceu da altura de 4650 metros, o que é o record femenino.

—Em Nice, as festas de aviação devem ser extraordinarias.

Haverá concurso de velocidade, corrida entre um avião e um barco automovel, loopng the loop, descida de para-quedas, ataque dum dirigivel, bombardeamento dum submarino, etc.

Na America, o ano passado, foram transportados, 275 mil passageiros em mil e duzentos aviões.

Natação

Um dos mais importantes clubs de Londres, ofereceu uma taça de prata que pesa 12 quilos, e um grande premio em dinheiro, para a travessia da Mancha a nado ida e volta.

NOTICIARIO

HIPISMO

No Ginasio Club Português

Com grande animação tem continuado todas as segundas, quartas e sextas feiras, das 9 ás 11 da noite, a classe de equitação para os socios do Ginasio Club Português, no picadeiro do professor sr. Gonçalves de Miranda.

Já se iniciou tambem uma classe de volteio em alta escola, que se deve apresentar no proximo sarau no Coliseu dos Recreios.

TAÇA RICARDO

Foram os seguintes os resultados das duas «poules» hipicas realizadas no passado domingo no hipodromo Alto Mearim para a disputa da taça Ricardo.

«Poule» do ensaio: 1.º sr. José Mousinho, no cavalo «H[illegible]»; 2.º sr. Manuel Gomes, no cavalo «[illegible]»; 3.º sr. Faustino Gama, no cavalo «Gorum».

1.ª «poule» da sorte: 1.º sr. Pedro Cabrita, no cavalo «Spede»; 2.º sr. Luis Margarido, no cavalo «[illegible]»; 3.º sr. José Mousinho, no cavalo «Hebraico».

A disputa da taça continua no proximo domingo.

O «SPORT» NO CARNAVAL

No proximo domingo promove esta Club, uma interessante festa infantil de Carnaval, com um gracioso programa, desempenhado pelos alunos das classes infantis de ginastica e dança, respectivamente a cargo dos professores Artur dos Santos e Magalhães Pedroso.

Como nos demais anos, certamente concorrem a esta festa grande numero de crianças mascaradas que dão sempre grande realce e alegria.

PESOS E ALTERES

Nos primeiros dias de março e como treno para o «Criterium» Padinha que este ano se realisa no dia 12, no Ginasio Club Português esta marcada uma «poule» inter-socios, de pesos e alteres.

A esta prova concorre grande numero de socios, pois os exercicios e os pesos são á escolha dos concorrentes.

Continua aberta a inscrição para a prova do «Criterium» Padinha encerrando-se em 4 de março.

AS PROVAS DE «OS SPORTS»

O Jornal «Os Sports» vae organisar no dia 5 de Março um «cross-country» de 5 kilometros, cuja inscripção se encontra aberta até ao dia 25 do corrente.

No mez de Abril o mesmo Jornal leva a efeito a prova automobulista II Rampa da Pimenteira cuja inscrição abrirá brevemente.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

II

Abraçou-me tão fortemente que fiquei louca de entusiasmo; chorava e ria ao mesmo tempo. Declarou que me ia mostrar uma coisa muito bonita e que eu ficaria alegre ao vê-la porque era uma boa pequena. Desabotoou o colete, pegou numa chave presa ao pescoço por uma fita preta e depois olhando-me misteriosamente como se desejasse ler nos meus olhos o contentamento que ele esperava eu manifestasse, abriu o bahu e com mil precauções, tirou dele um caixa negra, duma forma exquisita, como eu nunca tinha visto. Pegou nesta caixa tremendo e a sua fisionomia transformou-se logo: deixou de rir e tomou uma expressão grave e solene. Depois com a chave abriu a caixa misteriosa e tirou dela um objecto como eu nunca tinha visto outro, um objecto cujo formato a principio me pareceu extraordinario.

Pegou-lhe cuidadosamente, respeitosamente e disse-me que era o seu instrumento, o seu violino. Poz-se então a dizer-me em voz baixa, solene, coisas que eu não compreendia.

Não retive na minha memoria senão frases que eu já conhecia: que era um artista, que tinha grande talento, que um dia tocaria violino e então seriamos ricos e conheceriamos a felicidade. As lagrimas embargavam lhe a voz. Eu estava muito comovida. Por fim beijou o violino, obrigou-me a fazer o mesmo e vendo o meu grande desejo em o examinar mais de perto, levou-me para a cama de minha mãe e pol-o nas minhas mãos. Vi que ele tremia com medo que eu o deixasse cair e o partisse.

Peguei no violino e toquei nas cordas que deram um som muito fraco.

—E' a musica, disse eu olhando meu pai.

—Sim, sim, é a musica, exclamou ele esfregando alegremente as mãos. Tu és uma creança esperta, és uma boa rapariga!

Não obstante os seus encomios e o seu entusiasmo, vi que ele receiava pelo seu violino e isso assustou-me tambem. Entreguei-o logo. Com as mesmas precauções o violino foi novamente colocado no seu estojo e este por sua vez arrumado no bahu. Depois meu pai acariciando-me de novo a cabeça, prometeu mostrar-me o violino todas as vezes que, como desta, eu fosse esperta, boa e obediente. Foi assim que o violino dissipou o nosso mal estar comum. Ao anoitecer, quando meu pai ia a sair, chamou-me e disse-me para não esquecer o que me tinha observado de manhã.

Assim fui crescendo no nosso sotão e pouco a pouco a minha afeição por meu pai, ou melhor a minha paixão—porque não conheço palavra bastante forte para exprimir exatamente o sentimento irresistivel e penoso para mim, que exprimentava por meu pai—chegou a uma especie de irritabilidade doentia. Eu tinha um unico prazer: pensar ou sonhar com ele. Só tinha uma unica vontade: fazer tudo o que pudesse causar-lhe qualquer prazer.

Quantas vezes chegava ele a encontrar-me na escada, tremendo transida de frio, somente para o vêr quando voltasse, um instante mais cêdo sequer? Eu ficava louca de alegria quando ele me acariciava, se bem que sofresse muitas vezes por me sentir obstinadamente fria para minha mãe. Havia momentos em que olhando-a, enchia-se-me o coração de angustia e piedade. Nas eternas questões que havia entre ambos eu não podia ficar indiferente e devia escolher entre eles, tomar partido por um ou por outro, e sempre tomava o partido do pobre semi-louco, unicamente porque ele tinha falado exquisitamente á minha imaginação.

Quem poderá censurar-me? Pôde ser que eu me tivesse ligado a ele precisamente porque era um homem extraordinario, mesmo no seu aspecto e porque não era tão severo e sombrio como a mamã; exactamente porque era quasi louco—porque dizia muitas vezes graçolas e apresentava maneiras infantis é que eu tinha menos medo dele do que de minha mãe. Parecia-me mais meu igual. Pouco a pouco eu sentia que era quem o dominava, quem o trazia submisso, que lhe era já necessaria. Interiormente sentia-me altiva, triunfava ao sentir a necessidade que ele tinha de mim, e até por vezes mostrava-me «coquette».

Com efeito é extraordinario o que em tudo isto havia de romanesco. Este romance não devia durar muito tempo. Cêdo perdi meus pais.

As suas vidas desapareceram numa terrivel catastrofe que dolorosamente se gravou na minha memoria.

Eis como ela se produziu:

III

Nesta epoca todo o S. Petersburgo foi repentinamente excitado por uma grande novidade: comunicava-se a chegada do celebre S... Todos os que pertenciam, por pouco que fosse ao mundo musical em S. Petersburgo, ficaram agitados. Os cantores, os actores, os poetas, os pintores, os melomanos e até os que afirmavam em certo orgulho que nada percebiam de musica, todos compraram bilhetes. A sala não podia conter a decima parte dos entusiastas que tinham posses para pagar o bilhete de entrada: vinte cinco rublos.

Mas a reputação energica de S... a sua gloria coroada de louros, o vigor inalteravel do seu talento, os boatos espalhados havia pouco de que ele não tornaria a tocar para o publico, a afirmação de que era a sua ultima «tournée» na Europa e que em seguida não tocaria mais, todos estes boatos produziram o seu efeito. Numa palavra: a impressão era geral e profunda.

Eu já disse que a chegada de qualquer novo violinista, de qualquer celebridade, produzia em meu pai um efeito desagradavel.

Todas as vezes ele esforçava-se por ouvir essa notabilidade afim de poder avaliar do seu talento.

Chegava muitas vezes a ficar doente com os elogios que ouvia em volta de si a respeito do recem-chegado e não se acalmava emquanto não lhe descobria defeitos na execução do violino e espalhava com uma ironia amarga, onde lhe era possivel, a sua opinião. Pobre louco! Não reconhecia senão um talento, um unico artista.

O barulho feito em volta da chegada de S..., genio musical, produzia sobre meu pai um efeito tremendo. Devo observar que havia dez anos não tinha ido a S. Petersburgo nenhum artista notavel, nem mesmo inferior a este S... Era por isso que meu pai não formava nenhuma ideia acerca da execução dos artistas europeus de primeira ordem. Contaram-me que desde a chegada de S... meu pai começou de novo a frequentar os bastidores dos teatros. Disseram-me tambem que ele parecia muito comovido, manifestando-se inquieto sobre S... e o seu anunciado concerto.

(Continúa)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4006—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

O dever militar

No «Seculo», de hoje, veem publicados largos trechos duma carta do sr. Edmundo de Oliveira, relativa aos acontecimentos da noite tragica, e, em especial, á morte do infeliz oficial de marinha, Freitas e Silva, mal chegou á porta do Arsenal.

O sr. Edmundo de Oliveira é irmão do sr. Camilo de Oliveira, e por isso mesmo a sua defeza do principal chefe do movimento de 19 de outubro, é absolutamente respeitavel, como o é o procedimento do sr. Carlos da Maia que para que seiam castigados os assassinos de seu irmão, o bravo revolucionario de 5 de outubro, José Carlos da Maia, tem evidenciado uma energia notavel. Mas quem, embora profundamente confrangido com essa negra pagina da nossa historia, não esteja dominado por sentimentos, que derivam do laços de sangue, e legitimando, por isso mesmo, a paixão, veja o caso de que se trata sob pelo prisma sereno e imparcial da justiça, não pode deixar de anotar certas afirmações que, por um interesse social não devem passar em julgado.

Diz, com efeito, o sr. Edmundo de Oliveira, a certa altura da sua carta, que seu irmão, junto do Arsenal, não podia proceder de maneira diversa daquela por que procedeu, visto não saber qual seria «o momento em que ele inteligentemente poderia ter dado a sua vida com a satisfação de morrer sabendo que poupava a do Freitas e Silva.»

Que nos relove o espirito ulcerado o sr. Edmundo de Oliveira a observação; mas nós não podemos admitir essa defeza, porque ela levaria á completa subversão do dever militar.

O sr. Camilo de Oliveira—é o proprio sr. Edmundo de Oliveira que o declara—saira do quartel do Carmo para proceder ao desarmamento dos grupos que encontrasse. A certa altura, deparou com uma escolta que conduzia, preso, o sr. Freitas e Silva, Mandou-o subir para o seu automovel, onde tinha duas metralhadoras, Pareceria que o que tinha a fazer era desviar o sr. Freitas e Silva do Arsenal da Marinha, que já era qualificado de matadouro pelos captores do desventurado oficial. Mas não! Transportou-o, no seu automovel, até ao Arsenal, e deixou-o á porta desse estabelecimento do Estado, porque um grupo armado e enfurecido não quiz desistir da matança. Diz o sr. Edmundo de Oliveira que não sabe como seu irmão poderia inteligentemente proceder em face de semelhante situação. A resposta do sr. Edmundo de Oliveira deve estar nos regulamentos militares que obrigam os oficiais a usar de todos os meios para serem obedecidos.

Que seria necessario—poderiamos nós preguntar—para que se desse o caso de o sr. Camilo de Oliveira proceder inteligentemente, defendendo a vida do desgraçado que ia ser morto com requintes de barbaridade? Seria necessario que o sr. Camilo de Oliveira não corresse risco algum? Seria necessario, pelo menos, que tivesse ao seu lado forças esmagadoras para se fazer obedecer?

Os regulamentos militares não atendem a essas circunstancias. Sosinho que estivesse, o sr. Camilo de Oliveira deveria tentar, fosse de que maneira fosse, obrigar á obediencia os carrascos que se lhe antepunham. Tanto mais que o sr. Camilo de Oliveira saira do seu quartel para o desempenho duma missão de ordem e de proteção individual. E no seu automovel trazia duas metralhadoras, e no Terreiro do Paço estavam forças importantes da guarda republicana, que certamente lhe obedeciam. Pois então o sr. Camilo de Oliveira tivera nos seus camaradas, tivera na guarda republicana, influencia suficiente para a levar até á insubordinação e á rebeldia contra o governo legitimamente constituido, e não a teve para que o auxiliassem a defender uma victima, aguardada pela furia dos assassinos?

Nós não sabemos o que é proceder inteligentemente em tais casos, a não ser que a inteligencia consista em deixar efectuar crimes, com um gesto digno e heroico. Não tinha forças á sua disposição o sr. Cunha Leal, e não abandonou Antonio Granjo, como não tinha forças á sua disposição o sr. Agatão Lança, que todavia entrou no Arsenal, e conseguiu salvar a vida do sr. Cunha Leal.

Custa-nos a fazer estes reparos, porque somos os primeiros a prestar culto ás instruções do sr. Edmundo de Oliveira, cuja dor avaliamos e respeitamos. Mas ha doutrinas que não podem passar em claro, sob pena de se criarem os piores precedentes. A questão dos sucessos da noite tragica interessa á propria segurança da sociedade, Não se pode, por isso, em caso algum, abdicar duma critica que conduza á ressurreição daquele equilibrio que é, ao mesmo tempo, o das consciencias e o das nações.

O espectro da fome

As sobre-taxas nos transportes dos caminhos de ferro estão concorrendo, a par com o imposto do comercio maritimo, para agravar o desespero dos cidadãos esfomeados

Quando aqui dissemos, muito oportunamente, que as sobre-taxas decretadas pelo governo em beneficio das empresas ferro-viarias, concorreriam para mais cruciante tornar a vida das familias, logo nos foi objectado que tal se não daria, porque o decreto isentava das sobre-taxas o transporte de generos de primeira necessidade. Não acreditamos, é claro, E dissemo-lo. E dissemos tambem porquê. E as nossas rasões não tiveram a virtude de abrir os olhos aos governantes como, de resto, é vulgar sempre que se lhes fala em linguagem simples, inspirada no mais comesinho bom senso.

O decreto das sobre-taxas deixava aberta a porta ao arbitrio das empresas, que não desprezariam a ocasião de se aproveitar de tal circunstancia para sobrecarregar o preço dos transportes, ou iludindo o espirito de lei ou passando descaradamente sobre a propria letra do decreto. A experiencia demonstra que não nos enganamos.

A C. P., por exemplo, já agravou com mais 33 % o preço do transporte pelas suas linhas ferreas de gado vaccum, bovino. O consumidor lisboeta terá, é claro, de pagar mais esse berbicacho...

Por outro lado, o Imposto da Fome continua a fazer a sua obra, que finalisará por uma verdadeira catastrofe nacional. Os navios estrangeiros, que tocavam na Madeira e em Cabo Verde, vão agora a Teneriffe, porto espanhol, mais barato, para eles, que os nossos, tornados os mais caros do mundo, graças ao imposto de comercio maritimo, mais propriamente denominado de Imposto da Fome. Principis, pois, o bloqueio! O epilogo, se não se arripiar caminho, será tragico.

Este caso do Imposto da Fome já tem repercussão mundial. No Parlamento britanico tratou-se do caso e o governo de St. James declarou que, se não exercia represalias imediatas, era porque se julgava coacto pela boa fé dos tratados que o ligavam a Portugal. Ha-de ser o bom e o bonito quando perderem os escrupulos!

O custo da vida aumenta, entre nós diariamente. Veja-se a marcha ascensional no preço daquisição do assucar. Daqui a pouco, este artigo só é comparavel, no preço da venda, ao das pedras preciosas!

Mas o actual governo tem muito em que pensar para gastar tempo com estas ninharias. O cambio já roçou pela casa dos 3. Este divisa significa que cada kilo de trigo ficará ao Estado por escudo e meio, vendendo-o o governo aos moageiros por meio escudo. Prejuizo para o Estado, por kilo: um escudo. Em 200.000 kilos de trigo, são 200 contos, que irão agravar o «deficit» orçamental, calculado num minimo de 400.000 contos.

Caminhamos aceleradamente para um abismo!...

Migalhas

E sempre a andar (bis)

«A minha Leonor nunca se deita sem ter lido as Migalhas».

(Palavras dum amavel cavalheiro que me apresentaram noutro dia e que não sei quem é.)

Pois saberá v. ex.ª, senhora D. Leonor, que, ha coisa de quinze dias, subia eu a Avenida num carro eletrico para o Campo Grande. Junto de mim sentava se uma senhora de idade, respeitavel e constipada. Quando o condutor veiu cobrar o bilhete da senhora, esta, vendo que o veiculo caminhava com a velocidade vertiginosa de um cágado convalescente, perguntou com um sotaque estrangeiro e muito delicadamente áquele que supunhamos ser funcionario da companhia se aquele andamento «moderato e magestoso» era devido a falha de corrente.

O condutor efebo dos seus quarenta e cinco anos, com uma linda barba por fazer e umas unhas cuidadosamente orladas do mais negro azeviche, mirou a pobre senhora com desdem e retrucou-lhe desabridamente:

—Isto vai assim emquanto não se acaba a cobrança.

A curiosa deu-se por satisfeita: mas o homem, que tinha principios a afirmar, voltou atraz no estribo e de modo a que o soubessem quantos o carro conduzia, acrescentou

—«E isto anda como a gente quer. Quem manda nisto agora somos nós.

Supuz que se tratava de um gracejo, natural na quadra carnavalesca, que, D. Leonor, vamos atravessando.

Afinal vejo que o condutor falava verdade e aqui venho traçar o meu protesto contra uns individuos, que se intitulam falsamente directores, da companhia e que para se divertirem á nossa custa estão causando embaraços a viação urbana e rodrigues desta cidade.

Com que direito pretendem esses discolos despedir os proprietarios dos carros, que, durante a ultima greve, atamancaram o material?

Vosselencia, Dona Leonor, verá os resultados que isto vai dar. A comissão dos melhoramentos, justamente irritada, já mandou inutilisar dois terços dos carros que legitimamente lhe pertencem, Se a taquinam mais ainda, inutilisa o restante terço. E depois? Sempre quero ver como se resolve a questão.

A rapasiada dos electricos não se apoquenta evidentemente, Vai toda empregada para os correios, por intermedio dos quais e apesar da excelente direção do sr. Antonio Maria da Silva ainda hoje se conseguem expedir e receber algumas cartas e telegramas.

Mas nós, D. Leonor, que em nos sentindo privados da nossa Rolls Royce Gomes Freire Circulação, somos uns corpos sem alma e uns corações sem alegria? Como ha-de V. Ex.a ir ao Grandela comprar o seu carrinho de linhas? Como hei-de eu angariar a subsistencia da minha aliás pouco numerosa familia? Como, havemos de ir assistir á proxima decima milessima representação da mais imortal das nossas revistas?

Andando a pé, dirme-ha V. Ex.a. Sim, não ha duvida. E' talvez a solução do caso e já agora é a que vou experimentar esta tarde.

ANDRÉ BRUN.

SANEANDO A CIDADE...

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO PARA OS MENDIGOS

ESTÁ SENDO MONTADO PELO GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA E DEVE SER INAUGURADO :—: :—: :—: :—: EM BREVES DIAS :—: :—: :—: :—:

Cap. Viriato Lobo

Está finalmente ocupando a cadeira de governador civil de Lisboa um homem que se compenetrou do seu papel e do logar que tem de desempenhar. Até agora os governadores civis mais se não teem prendido que com politica e d'ahi o caso de, por vezes, tudo andar é matroca na antiga Parreirinha. Haja em vista a serie de «gaffes» ocorridas no tempo do governo do saudoso dr. Antonio Granjo. O governador civil de então não se entendia com o Comissario Geral da policia e vice-versa sendo constantes os conflitos que punham em cheque o malogrado ministro do Interior o qual por vezes se via em serios embaraços para acalmar iras, odios politicos e propositados mal entendidos.

E emquanto tais factos se davam as ruas continuavam pejadas de mendigos; a prostituição crescia de uma fórma espantosamente assustadora, os regulamentos não se cumpriam e as proprias diligencias policiais eram por «revanche» mandadas ficar sem efeito.

Tal estado de coisas, que não podia eternisar-se, modificou-se felizmente, quando o sr. Agatão Lança foi escolhido pelo ex-presidente do ministerio sr. Cunha Leal para tomar conta da chefia do distrito. Pouco tempo teve o sr. Agatão Lança para trabalhar, mas facto é que ainda conseguiu lançar a semente que, cuidadosamente tratada pelo seu sucessor está já dando belos frutos.

O mais ardente desejo do tenente sr. Agatão Lança era sanear a cidade, limpa-la dos mendigos, dos vadios e da gatunagem que a infesta, e procurar salvar as crianças encontradas em perigo moral.

Esse programa está sendo posto em pratica pelo seu sucessor, o capitão do estado maior sr. Viriato Lobo, que para principiar resolveu montar imediatamente o campo de concentração e reclusão de mendigos.

Afim de obtermos mais esclarecimentos sobre a montagem desse campo, procurámos hoje o chefe do districto, que recebendo-nos com a sua costumada afabilidade, nos esclareceu:

—Para prover de remedio tanto quanto possivel ao problema da mendicidade, pareceu-me conveniente, na impossibilidade de serem os mendigos internados em estabelecimentos proprios e adequados, fazer recolher imediatamente a um campo de concentração e reclusão todas as pessoas encontradas á mendigar nas ruas da cidade, devendo esse campo compor-se de duas secções; uma para homens e outra para mulheres e creanças.

—E onde será feita a instalação desse campo?

—Espero que provisoriamente irá para o Parque Eduardo VII em terrenos pertencentes á Camara Municipal. Já hoje tive uma conferencia sobre o assunto com o presidente da Comissão Executiva sr. Ferreira Vidal, estando as negociações em bom caminho...

E o capitão sr. Viriato Lobo, que não esconde a sua satisfação pelas facilidades encontradas para o bom exito da tentativa, prossegue:

—Todos os mendigos sem excepção rão enviados para o campo e uma vez ali averiguar-se-ha, por intermedio da policia administrativa, da identidade de cada um. Os da provincia serão, com guias fornecidos pela Assistencia Publica, enviados ás terras das suas naturalidades onde ficarão a cargo das competentes autoridades administrativas; os de Lisboa, que tiverem meios, robustez e sejam validos para o trabalho seguirão para o Tribunal de Defesa Social, em conformidade com a lei dos vadios e os invalidos aguardarão oportunidade de serem colocados em asilos, albergarias ou outras instituições de beneficencia...

—E com que elementos conta v. ex.ª para levar a cabo tal obra?

—A direcção do Campo fica a meu cargo tendo eu a coadjuvar-me o director de policia administrativa e o capitão do Secretariado Militar sr. Joaquim José Magro, que deixou por isso de prestar serviço, desde ontem, na Guarda Republicana. O capitão Magro, que será o sub-director terá a auxilia-lo o pessoal da policia administrativa que se ocupará dos registos e cadastração dos mendigos; o pessoal dos serviços de saude do exercito para policiar a secção dos homens; pessoal do corpo de enfermeiros militares para a secção das mulheres e crianças; subalternos e sargentos da administração militar que terão a seu cargo a parte administrativa. O policiamento do recinto será confiado á guarda republicana.

—Mas tudo isso custa dinheiro! Onde arranjou v. ex.ª verba para as despezas?

—Já tenho 8.000 escudos mensais fornecidos pelo Ministerio do Interior e pela Assistencia.

«Bem sei que á pouco mas espero arranjar mais algum dinheiro. De resto só tenho que pensar na comida, pois que as instalações são todas gratuitas; O material ou seja: barracas, camas, roupas, tanques de agua, vasilhas, caldeirões, etc., etc., o tudo fornecido pelo Ministerio da Guerra. Conto ter alojamentos para 400 indigenies, o que estou crente bastará porque como já lhe disse trata se de uma situação transitoria, não devendo os mendigos permanecer no campo de Concentração senão o tempo indispensavel ou seja o necessario para lhes dar o devido destino.

—E que tenciona v. ex.ª fazer ás creanças encontradas em perigo moral?

—Essas, serão egualmente detidas pela policia administrativa, depositadas em calabouços especiais do Governo Civil e guardadas por mulheres, não podendo nem mesmo a policia ter com elas a menor convivencia. Feitos os cadastros, ás que se apure serem de maior idade, serão mandadas em liberdade e os restantes entregues ás familias com a recomendação de que os pais perderão sobre eles todos os direitos caso voltem a ser detidas.

Então, recolherão ao Albergue das Crianças Abandonadas, organisando-se os respectivos processos que serão enviados á Tutoria da Infancia».

Estava terminada a nossa entrevista pela qual se vê o interesse com que o novo chefe do districto está trabalhando a fim de que o tão falado e discutido saneamento da cidade seja realmente um facto.

Oxalá que o capitão sr. Viriato Lobo tenha a auxilial-o todas as boas vontades a fim de que o seu trabalho resulte proveitoso. Lisboa ver-se-ha finalmente livre dos mendigos que a infestam, na sua maioria gente sem escrupulos que estende a mão á caridade publica, unicamente com o fim de explorar a humanidade.

E se o sr. Governador Civil, conseguida a repressão da mendicidade, arranjasse outro campo de concentração com reclusão severa para os... srs. gatunos?!

Isso é que era ouro sobre azul...

POLITICA

Julgamento dos indiciados nos crimes da «Noite Tragica»—Está assente, em principio, a creação dum tribunal especial

A' hora em que escrevemos estas linhas, está reunido o conselho de ministros. Temos informações que nos merecem absoluto credito e, segundo as quais, o governo já assentou na orientação a seguir com respeito ao julgamento dos individuos acusados de autores ou cumplices dos morticinios da Noite Tragica: Parece que no conselho de ministros de hoje ficará o assunto definitivamente resolvido.

O governo entende que os julgamentos devem ser efectuados num tribunal militar especial, mixto. Esse tribunal compor-se-ha de capitães-tenentes da Armada e coroneis do exercito, sendo presidente um oficial general.

Quanto ao numero de juizes, nada está ainda resolvido. E' natural que o tribunal se componha de seis capitães-tenentes e seis coroneis, tendo o oficial general presidente voto para desempate.

No decreto que instituirá o tribunal, resolver-se-hão todas as duvidas juridicas até agora suscitadas a proposito da ação policial do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque. Nessas condições, dar-se-ha foros de legalidade indiscutivel ao corpo de delicto. Entretanto, o tribunal ficará com a faculdade de renovar as diligencias que entender precisas para completo esclarecimento da verdade e até com o direito de ordenar mais detenções ou fazer cessar aquelas que lhe parecerem arbitrarias.

Se não surgirem incidentes que demovam a instrução judicial, o julgamento dos individuos deve começar na segunda quinzena do proximo mez.

Os lealistas e a sua ação politica, no Parlamento e fóra dele

A minoria parlamentar lealista está no firme proposito de não embaraçar a ação do governo. Segundo palavras ouvidas a um dos seus mais categorisados membros, os lealistas exercerão a sua ação politica segundo um levantado espirito de patriotismo republicano. Não farão oposição sistematica; estudarão as questões varias da nacionalidade e proporão os remedios que reputarem uteis e oportunos.

Fora do Parlamento, tambem os amigos do sr. Cunha Leal não se conservarão inactivos.

Vão reunir e deliberar.

As suas resoluções primarias terão como resultado a constituição de comissões de estudo, cada uma das quais analisará um problema ou mesmo um aspecto do problema, preparando, no conjuncto, os diplomas indispensaveis á execução, somente que seja, das indispensaveis reformas administrativas.

Não é verdade que o sr. Cunha Leal pensa em lançar na desordem nacional mais um partido politico. A sua ação e a dos seus amigos será limitada á vigilancia pela segurança das Instituições e ao estudo de todas as questões que interessam a nacionalidade.

Isto nos disse um dos mais intimos amigos do sr. Cunha Leal. Só o futuro nos dirá se tão patrioticos propositos são susceptiveis de pratica e util realisação.

11.000 virgens

Afirmaram-me hoje que estão sem trabalho—onze mil operarios da construcção civil. Sem que seja necessario acentuar, perante a crise social que o paiz atravessa, a gravidade desta situação inesperada — parece-me, entretanto, curioso notar a correlação estreita e paradoxal entre o numero dos operarios em «chomage»—e as classicas onze mil virgens. Eu não sei bem se por um imprevisto método de sobrevivencias as onze mil virgens teriam revivido, um instante, nesses onze mil operarios—tão naturalmente afinal como as bailarinas japoneses reaparecem sempre, depois de mortas, transformadas em cisnes. E' possivel que amanhã os operarios da construcção civil venham protestar, perante a minha secção, contra a palavra «virgem». E' possivel. A verdade é que se neste momento esses operarios não estão virgens de espirito, estão seguramente virgens... de trabalho.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

A questão do Egypto

LONDRES, 16.—As conversações havidas entre o sr. Lloyd George, lord Curzon e lord Allenby, deram em resultado chegar-se a um completo acordo no que respeita á politica eventual a seguir no Egypto.

Partiu para Portugal

o dr. Leonardo Coimbra

MADRID, 17.—O sr. dr. Leonardo Coimbra partiu ás 10 horas da noite para Portugal.—(H.)

Reprimindo o jogo

Os "Papos secos,, e os Jacinthos

Um «chauffeur» apontado como agente contractado da policia queixa-se de uma grande patifaria

A «Capital» referiu-se ante-hontem largamente á forma como ultimamente teem sido feitos os assaltos onde a policia suspeita que haja jogo proibido. Das brigadas especiais organisadas com falsos agentes de policia, fazem parte alguns «chauffeurs» conhecidos como «pontos» e frequentadores de clubs. Para dirigir essa patusca policia foi contratado o antigo «chauffeur» Jacinto Ferreira da Silva, que esteve no «front» ao serviço do general sr. Simas Machado e que ficou encarregado de arranjar homens para esta «briosa» corporação.

Para que os assaltos se fizassem com exito e dessem resultado o Jacinto sabendo que um seu antigo colega de nome Porfirio de Almeida era frequentador assiduo do India Club e do Sporting, tratou de arranjar um homem da mesma estatura e feitios do colega, envolveu-o num capote alemtejano e fe-lo passar junto dos porteiros como sendo o proprio Porfirio. Como a semelhança era extraordinaria os porteiros cairam no lôgro e os assaltos sucedem-se com grande satisfação dos dirigentes da policia.

Entretanto o verdadeiro Porfirio ignorante ainda do que se passa, começa a ser acusado de buffo, a ser mal visto nos clubs dos quais é por fim expulso.

O pobre diabo só hoje teve conhecimento da patifaria de que foi victima motivo porque se dirigiu ao Governo Civil a apresentar queixa do caso

A questão de Tanger

A atitude do governo britanico

LONDRES, 17.—O sub-secretario dos negocios estrangeiros respondendo a uma pergunta declara que o governo britanico está ha varios meses em constante comunicação com os governos da França e Espanha acerca da questão de Tanger e que confia em que em breve se reunirá em Londres uma conferencia das tres potencias interessadas para discutir o assunto.

A politica britanica disse ele, é hoje a mesma que em 1915, isto é, pretende colocar Tanger e o seu «hinterland» sob um aspecto de administração internacional.—(Lat. Am.)

A opinião do governo francez

PARIS, 17.—Declarações vindas a publico ha pouco tempo fazem ver que a opinião do governo francez acerca de Tanger é de que a soberania desta cidade pertence ao sultão protegido da França,

Tendo todavia em conta a especial composição cosmopolita da cidade, terá de estabelecer-se ali um regimen municipal especial no qual as diferentes colonias estrangeiras tenham representação, E com respeito ás exigencias espanholas pensa o gabinete francez que poderia ele exigir muito mais e, pelo menos, que essa zona especial de Tanger fosse agregada á zona de influencia franceza,

Nem sequer pede isto o que quer dizer que fez já todas as concessões que lhe eram possiveis.—(Lat, Am).

HORA DO PECADO

Rei Carnaval

Este burgo florido
Fecundo e republicano
Que adora o fado batido
E desdenha o Pelicano
(«Pola lei e pola grei»)
Como agora é Carnaval
Lembrou-se de ir esperar um rei
E um rei—Piramidal

Pois já hontem se dizia
Que Lisboa, meus senhores,
Estonvada e doentia
Não estava a pedir flôres
Nem rei, nem rôque, nem nada
Mas apenas, sem tom nem som,
Uma dôse de pancada
E depois—Piramidon

TINTA PERMANENTE.

Legação da Romania em Lisboa

Porque vai ser suprimida

BUCAREST, 16.—Devido á situação cambial o governo da Romania vai fazer reducções no serviço diplomatico, esperando fazer anualmente uma economia de 30 milhões de «leis». Algumas legações vão ser suprimidas, incluindo-se neste numero as de Madrid, Lisboa, Tokio, Haya e Cristiania, assim como os consulados de Paris, Praga e Budapest.

As legações de Paris, Londres e Berlim serão reduzidas a um ministro e a um secretario: Estas medidas são transitorias e logo que o cambio melhore todos os consulados e legações suprimidas serão restauradas.—(Lat. Am.)

Leote do Rego

Chega hoje a Lisboa no «sud-express», pelas 21 horas, o Almirante sr. Leote do Rego.

Uma manifestação ao Kaiser

BREMEN, 17.—Sem qualquer oposição por parte das autoridades realisaram-se grandes manifestações em honra do Kaiser.

Oradores nacionalistas populistas atacaram violentamente os aliados. Nas praças publicas a multidão aclamou a execução do «Deutschland uber Alles» e a marcha de Hindenburg.—(H.).

Lei do inquilinato

No numero da interessante revista «Procural», referente a fevereiro, vem publicado o projecto-alvitre apresentado pelos srs. drs. Carlos de Mendonça e Vaz Pereira, que fazem parte duma comissão encarregada pelo sr. dr. Vasco de Vasconcelos, quando ministro da justiça, de elaborar uma lei sobre arrendamentos de predios rusticos e urbanos.

A conferencia de Genova

A Italia não alterou a data da sua realisação

ROMA, 16.—Na camara dos deputados o presidente do conselho, sr. Bonomi, frisou que a situação tinha melhorado nas finanças pelo espirito de moderação de que a Italia; profundamente pacifica, dá provas na assembleia das grandes potencias, recordou a acção da Italia nas recentes questões relativas á conferencia de Genova, cuja data não foi alterada em vista do acordo com a Grã-Bretanha, disse que a morte do Papa salientou a liberdade e a autoridade espiritual da igreja e convidou, por fim, o parlamento a julgar lealmente a obra do governo.—(H.)

Visitas de Estudo

Ante-ontem e ontem visitaram os alunos do 4.º ano do Curso Comercial da Escola Académica, a Fabrica do Desterro.

Acompanhava os estudantes, é professor de sciencias sr. Engenheiro Bernardo Vila Nova.

A França quer reatar relações com a Russia

PARIS, 16.—O Grupo parlamentar dos interesses franceses na Russia expriminu um voto, subordinando o reatamento das relações com a Russia ás condições seguintes:

1.º Reconhecimento expresso de todos os compromissos contraidos pelos governos anteriores;

2.º Restabelecimento integral das propriedades, direitos e interesses lesados, de qualquer forma que seja ou indemnisação pelos prejuizos sofridos.

3.º Restabelecimento do direito de propriedade, das liberdades individuais e garantias judiciarias.

4.º Obtenção de garantias certas para assegurar a execução das condições acima.—(H.)

Landru

VERSAILLES, 16.—A resolução do sr. Barthou a respeito do pedido de revisão do processo Landru, será significada ao reu ao mesmo tempo que a decisão do sr. Millerand sobre o pedido de indulto.—(H.)

O militarismo na Alemanha

A Republica imperial — Vibração do patriotismo — Uma figura popular

Ensinava a antiga geografia politica que no eclipsado imperio federal alemão existiam vinte e seis estados, desde os quatro reinos até aos principados e grão-ducados de relativa independencia. Onde vivem todos esses principes? Sabe-se do paradeiro de alguns; doutros não. Entre os infinitos casos tragicos determinados pela guerra ha algumas de um comico tão extraordinario, que nenhuma fantasia de libretista de opera comica se atreveria a meter em scena.

Isto de republica imperial é um dos achados mais deliciosos da moderna nomenclatura de politica internacional. E' uma republica que conserva no seu seio a quasi totalidade dos principes. Não só não os expulsou, mas trata-os com as mesmas deferencias do antigo protocolo. Andam bem os republicanos imperialistas. Conservam por esta forma riquezas consideraveis pertencentes ás casas principescas. Se os banisse, bania com eles tesouros inapreciaveis.

O principe Leopoldo, cunhado do kaiser, filho de Frederico Carlos, um dos generais vitoriosos da guerra de 1870-71, recebeu de sua mãe objectos de ouro e prata de grande valor. O principe Alberto, herdou de sua avó, princeza Mariana dos Paises Baixos, uma riqueza colossal; possui um serviço de ouro para oitenta pessoas, que vale cinco milhões de francos.

Basta citar estes exemplos para se avaliar o tacto e optimo criterio dos republicanos imperialistas conservando no seu paiz objectos preciosos e de tão avultado preço.

Os eruditos descobriram que, em 1511, por ocasião do casamento do duque Ulrich de Wurtemberg com uma princeza bavara, os convidados comeram, no festim da boda, 136 bois, 1800 vitelos, 570 capões, 120 galinhas, 4750 tordos, 11 toneladas de salmão, 10 toneladas de arenques, 120 arrateis de cabeça de cravo, 40 arrateis de açafrão, 200.000 ovos e 3.000 sacos de farinha. Regaram estes vitualhas quinze mil toneis de vinho.

Os franceses registaram que, quando o rei Frederico I, filho da imperatriz Maria Luiza foi a Paris, por ocasião do casamento do imperador Napoleão I, se tornou necessario para assistir ao banquete realisado no palacio da Camara Municipal, talhar uma enpla chanfradura para que S. M., vutembunguesa pudesse ali encaixar o seu ventre.

A França prosseguiu na sua intransigencia, o que lhe tem valido, como a aqui se disse, o abonamento das impatias dos que mais afectos lhe eram. A Alemanha que não pode, ostensivamente, armar-se, mantem através do espirito da juventude o exemplo e a memoria dos que foram grandes e patriotas e dos que doaram sua patria a gloria que a tornou tão poderosa desde 1866 até 1919.

Recorda-se agora por toda a parte, entre outras, a figura esquipatica, e, ao mesmo tempo, tão popular, do marechal Haeseler.

* * *

Ocupa um logar de evidencia desde 1870, isto é, desde 1870. O principe Frederico Carlos cita-o, com frequencia nas suas memorias, nos termos mais elogiosos e como um dos seus colaboradores de maior merito.

Coronel aos trinta e nove anos, general em chefe aos cincoenta e quatro, em 1890, comandante do corpo de exercito formado de novo em Metz. Exerce esse comando durante treze anos e transforma essa unidade num admiravel engenho de guerra, mas ha ao mesmo tempo uma lenda que iguala a qualquer das figuras tipicas da velha Prussia militar, os Blucher e os Wrangel.

De uma estatura desmedida, todo cernes de rosto glabro, de espirito original, mesmo um pouco maniaco, conhecendo nenhuma necessidade. Passa dias inteiros a cavalo com grande desespero do seu estado maior, que estoira de fome e de sede. Muito meticuloso no serviço, bom para o soldado, mostra-se implacavel para os chefes de todas as graduações, que não cumprem convenientemente o seu dever ou que são inferiores á sua missão.

«Faz saltar» um numero incalculavel de generais, de coroneis, de majores e mesmo de simples capitães, que aparece em toda a parte.

Este maniaco e ao mesmo tempo ... pois descende de uma extensa linha de pastores protestantes ... perdoa aos oficiais amigos da folga. Sabe tudo quanto se passa nas cidades do seu comando.

De ora em quando surge pela sala-

Factos e pavrasas

A PROPOSITO... DOS CORREIOS

O «Matin» de 14 do corrente vem furioso com o serviço de correios... francêses.

Imaginem que um telegrama levou apenas 47 dias para percorrer uma distancia de 500 metros, distancia que separa a Bolsa da redacção do «Matin».

E' o artigo ironico em que relata o acontecimento aos seus leitores termina pelo conselho que dá a todos de que se encham de paciencia.

Ora tudo isso é futil. Nós tambem já temos disso.

Com uma diferença, porém. E' que em França o «Matin» protesta e comenta o facto. E nós cá nem já protestamos, nem já comentamos o sucedido que sucede altás todos os dias.

E depois em França ainda esse serviço se pode considerar modelar.

Porquanto levam 47 dias a chegar... mas sempre chegam.

E entre nós ás vezes—nem sempre, justiça seja feita — nunca mais chegam.

E quando chegam... vão ás vezes tão modificadas que...

.. ora vá lá a historia.

Um cidadão do Porto tinha um filho em Braga a tratar-lhe dum negocio.

O rapaz adoeceu, mandou noticias á familia, que chegaram, e um belo dia já curado tratou de realisar o tal negocio. Ora como o negocio fosse por agua abaixo e fosse preciso carregar a mercadoria mandou um telegrama concebido nestes termos:

«Negocio morto tragam camion. Antonio.»

Passadas horas chega o telegrama ao Porto e a familia lê:

«Antonio morto tragam caixão. Antonio.»

Na confusão, no delirio, no desgosto que se apoderou daquela gente nem sequer repararam no que havia de rocambolesco naquele telegrama dum morto a participar a sua morte e a pedir caixão como se em Braga os não houvesse.

O certo é que a familia lá partiu entre lagrimas, levando despachado no «fourgon» um caixão de veludo.

Mas calculem o que houve de horrivel e de comico quando, chegando á casa onde se achava hospedado o morto, o foram encontrar na sala de jantar batendo-se heroicamente com um prato de batatas e feijão.

Este acontecimento, cuja veracidade eu firmo, passou-se em Portugal ha um, dois ou trez anos.

O que diria o «Matin» que tanto se espanta com uma simples demora de 47 dias?

BOTTO DE CARVALHO

Quando se realissava o desafio entre os esgrimistas Lucien Gaudin, francez, que venceu o italiano Aldo Nadi, revertendo parte das entradas a favor da assistencia publica—75.000 francos—um gatuno aproveitou a ocasião para roubar das algibeiras do fato do esgrimista francez algumas notas de mil francos; uma boquilha com um brilhante, uma medalha com diamantes e o relogio.

Levado pelo remorso ou contente pelo resultado do desafio o gatuno arrependeu-se e os objetos roubados, com excepção do dinheiro foram encontrados num marco postal embrulhados num jornal.

* * *

Membros britanicos do comité de organisação da cooperação interna cional—cooperação que foi estabelecida para fôr em execução as propostas financeiras adoptadas pela reconferencia de Paris, dos peritos financeiros—convidam os membros estrangeiros para virem a Londres em 21 de fevereiro, discutir a criação do Cooperação Internacional, e das diversas cooperações nacionais, encarregadas de pôr em execução as propostas financeiras para o melhoramento da situação economica da Europa.—(R.)

* * *

O departamento do comercio dos Estados Unidos numa comunicação oficial resume o resultado do inquerito feito ha tempo, sobre a situação da industria do assucar em todo o mundo. Insiste particularmente este comunicado nos seguintes pontos:

1.º Existe em todo o mundo um excesso anormal de assucar, que atinge cerca de 1.200.000 toneladas; esta quantidade está concentrada no hemisferio ocidental.

2.º Os stocks «invisiveis», isto é as quantidades que se encontram distribuidas nas mãos do comercio por atacado e do comercio a retalho, são muito inferiores ao normal. O «deficit» em relação ao normal vario, segundo as avaliações, de 300.000 a 400.000 toneladas, e não ha que duvidar que este «deficit» é devido ao comercio ter estipulado uma nova baixa de preços.

3.º—A provavel produção mundial de assucar para 1922 é avaliada como sendo inferior á de 1921 em 400.000 a 800.000 toneladas,

4.º—O consumo para 1922 parece dever ser mais importante que o de 1921. Com o regresso ás condições economicas normais, ela deverá exceder a produção e absorver assim uma parte ou a totalidade dos excessos.

5.º—O preço actual de $1.87 para o assucar em bruto custo e frete é o mais baixo registado nos ultimos vinte anos e é inferior ao preço de produção na proporção de 90 ojo tanto o assucar indigena como para o cubano.

6.º—Esta baixa de preço no assucar foi a consequencia não sómente do receio dum grande excesso de assucar visivel mas tambem da apreensão de dificuldades financeiras no mercado do assucar, dificuldades que se produziram duma maneira corrente durante estes ultimos meses.

* * *

Em Paris, no Salão de Aeronautica, realisou-se, ha dias, um importante congresso de navegação aerea, ao qual presidiu Mr. P. E. Flandin, e foi organisado sob a vontade ferrea de Mr. Mathies, professor na Sorbone e da Camara Sindical das Industrias Aeronauticas.

No decorrer das sessões foram apresentados teses importantissimas, todas versando a aeronautica e a sua tecnica, tendo-se realizado, no final das sessões, visitas aos aerodromos e «hangares».

A aeronautica estrangeira estava assim representada:

Inglaterra—O general Sykes, os tenentes-coroneis O'Jorman, Lockwood-Marsh, e os srs. Withe-Smith e Alen.

Italia—O general Stiebert e varios aeronautas celebres.

Belgica—O coronel Van Cromburgge e Mr. Jacobs aviador distutissimo.

Espanha—O general Echague, o capitão de marinha Cardona e o sr. Ruiz Ferry, querido dos aerodromos.

Roumania—Os generais Valeana e Ruscana, coronel Rujuski, comandante Protopopesco e os distintos aviadores Jonesco, Odobesco, Constantin Olanescu e Aristide Blank.

Suecia—O coronel Erikson, o capitão de marinha de guerra Lybeck e o tenente-coronel Amundsen.

Noruega—O coronel Fruner e o capitão de marinha Von der Lieppe.

Dinamarca—O tenente-coronel Koch.

China—O general Liang e o sr. Tsin-Kuo Youn, distinto aviador.

Portugal—Portugal... esqueceu-se de mandar representante...

da noite em qualquer guarnição afastada de Metz e surpreende os alferes e os tenentes no momento em que fazem saltar as rolhas do espumoso ou jogam desafogadamente.

Uma hora depois da sua chegada, soldados, com oficiais, lá vão eles a frente das suas secções e só regressam ao cair da tarde.

—Creio que hão de dormir bem hoje—diz-lhes o comandante em chefe á guisa de epilogo da critica dos manobras, no momento de se mondar a quartos.

Nestas excursões não recuava diante de nenhum expediente para assegurar a eficacia da sua surpresa. Mandou parar muitas vezes o expresso de Ostende a Basilêa a fim de se apear em qualquer estação intermediaria, como Morhange ou Sarrebourg.

As mulheres dos oficiais detestavam-no.

Um dia encontra um impedido que uma fachina, fardado a quem a mulher do capitão incumbira de acompanhar a «menina» ao colegio. Haeseler obrigo o soldado a fazer meia volta e a ele proprio quem serve de companhia á pequena até á entrada da aula.

Nas manobras de 1897, o imperador Guilherme comandou em pessoa uma carga dada por uma massa enorme de cavalaria. Haeseler, consultado pelo chefe supremo do exercito acerca dos resultados desta operação, respondeu-lhe com dura franqueza:

—A valer, não sei quais teriam sido as suas consequencias, mas creio que não teria ficado um unico homem para apanhar os mortos e os feridos!

O «kaiser» nunca lhe perdoou.

São figuras como estas que hoje se tenta reviver e gravar na mente das gerações presentes e vindouras.

Politica Internacional

A conferencia de Washington e os seus resultados, no papel—Que distancia irá d'i á sua realisação?

No dia 6 terminava a conferencia de Washington—para que o presidente Harding convidara as Principaes potencias da Europa—e nessa data ainda não se conhecia (como ainda não é conhecido hoje) a resposta do Presidente ao convite ás nações europeias para se fazer representar em Genova. Não é estranhavel, muito menos censuravel, a longa demora, quando vêmos uma nação como a França, que assina os convites, a procurar esclarecer-se, isto é, a indagar para que fim é que convidou os outros!

Esta simples observação encerra a maior acusação a estes conselhos, como o de Cannes, onde se improvisam resoluções imprecisas, onde se assentam deliberações mal concertadas, que é preciso depois interpretar—a França desta maneira, a Inglaterra daquela—e que tem sido a origem dos principais conflitos depois do armisticio. Justifica-se assim a hesitação do Presidente Harding, mas ainda mais: a conferencia de Genova tem seus ares de estar sob os auspicios da Liga das Nações, e o Presidente dos Estados Unidos, como antecessor. Pois não foi a guerra ao pacto da Liga que o conduziu á Casa Branca?

Harding está ainda sob a impressão do encanto que lhe dá a conclusão da sua conferencia.

Tambem Wilson, no dia em que foi assinado o tratado de Versailles —onde estava incluso o celebre pacto ou «Covenant»—estava radiante. O seu grande sonho ia ser realidade! Ele viu depois a distancia que ia da assinatura á realisação do tratado. Harding não terá, talvez, tantas desilusões, porque os seus projectos são mais modestos, mais limitados os objectivos que marcou á conferencia de Washington.

As suas conclusões abrangem: o tratado das 4 potencias sobre o Pacifico (Estados Unidos, Inglaterra, Japão, França); o tratado naval (ou de desarmamento), ao qual se anexaram as resoluções do sr. Root quanto ao emprego dos submarinos e proibição dos gazes asfixiantes; o tratado dos 9 relativo á China (Estados Unidos, Inglaterra, Japão, França, Italia, China, Belgica, Holanda, Portugal); alem doutros tratados de caracter mais limitado (como o relativo á ilha de Yap, entre os Estados Unidos e o Japão; o tratado relativo ao Chantony, entre o Japão e a China, etc.).

Devemos notar que esta conferencia, inaugurada a 12 novembro, durou quasi trez meses.

Ainda assim não escapou aos perigos da «improvisação». Algumas nações tiveram de fazer modificação no pessoal que as representava, o que não contribuiu para dar homogeneidade nem firmeza ás suas atitudes.

Briand alguns dias foi hospede dos Estados Unidos, mas teve de regressar a Paris, foi a Genova... elimnou-se da politica.

A delegação franceza não foi feliz, nem teve o acolhimento que seria de esperar.

Equivoco? Seria; mas esse equivoco ainda não se desfez. A delegação britanica foi mais feliz: não esteve Lloyd George, e andou com prudencia, teve Balfour, que soube conduzir as negociações com grande tacto.

A delegação japoneza tambem conseguiu pela sua correcção, conquistar as simpatias norte americanas, e isso foi muito; colheu o fruto, sendo-lhe recentemente a posição preponderante que ocupa no Extremo Oriente.

A China alcançou o reconhecimento solene da sua independencia—que não nos consta que tivesse sido posto em duvida por ninguem. Ela poderá agradecer essa perola, mas dizer como o galo de Lafontaine: «le moindre grain de mil ferait bien mieux mon affaire».

Emfim, o futuro dirá melhor quais as vantagens reais da conferencia. O presente apenas nos diz que estas conferencias precisam de ser maduramente preparadas, e assim teve razão Poincaré quando pede trez mezes de estudos, antes de ir a Genova. Mas tão longo prazo não agrada a Lloyd George (conveniencias eleitorais), que condescende em demorar até aos fins de março a abertura da conferencia, e em proceder a certos estudos de conjunto para que a França e a Inglaterra apresentem uma frente unica contra a provavel frente constituida por alemães e russos.

Não que acreditemos em quaisquer acordos politicos concluidos entre Berlim e Moscow—as duas politicas não se ligam; mas, empurrados uns e outros, os alemães e os russos, para a oposição, é natural que procurem concluir um pacto de aliança provisoria—a qual durará, do resto, enquanto os dois encontrarem vantagens na união. E' por isso que alguns propagandistas bolchevistas aconselham a França a adoptar uma politica de transigencia com a Russia, para que esta se não ligue á Alemanha, nem esteja á mercê da Inglaterra. Sinceridade? Maquiavelismo? Poincaré decida.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo no S. Luiz

E' sem duvida o mais notavel da temporada o magnifico concerto da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no domingo no S. Luiz, em que pela primeira vez toma parte o grande pianista Vianna da Motta, executando o celebre «concerto em sol maior», de Beethoven, com as extraordinarias cadencias de Haus de Bulow, executando a orquestra a «Flauta magica» de Mozart, as famosas «Danças Espanholas», de granados em unica audição, a «Rapsodia Hungara em Dó», de Liszt, o «Sherzo», do professor de orquestra Alberto Fernandes em 1.ª audição e outras obras notaveis.

A politica inglesa e a França

Num discurso que Lloyd George pronunciou na Camara dos Communs está um pouco em contradição com o que ele encerrou o congresso do partido liberal nacional. E' certo que a sua admoestação de 21 do janeiro visava bem mais os seus adversarios politicos de dentro que os do exterior. Mas neste ultimo discurso, colocou os casos em tal ponto de vista que, depois de ter indubitavelmente contribuido para crear na opinião britanica uma corrente pouco favoravel á politica actual da França, conseguiu guiar essa corrente de tal modo que é impossivel distinguir, entre os governos francês e britanico, o menor vestigio de equivoco. As divergencias fundamentais subsistem ainda, e o cheque que a França recebeu ha pouco em Washington tornou-a bastante acessivel a ofensas premeditadas. Há, portanto, grandes obrigações que se impõem aos francêses. Deve tomar algumas desgraças como lições para o passado e exemplo para o futuro.

Muito mais que as palavras de Lloyd George, o pensamento britanico-deve além disso ser rebuscado no discurso do trono.

A passagem mais significativa desse discurso é a que expressa a esperança que, durante a conferencia de Genova, será possivel «estabelecer na Europa uma paz baseada na justiça e concordar no regulamento de numerosas e importantes questões concernentes á necessidade urgente da reconstrução financeira e economica.» A formula é bastante vaga. Forneceu um alimento mais ou menos ilusorio ao partido trabalhista inglez, emquanto a crise tem a boa sorte de se atenuar á medida que se prolonga. A historia actual contem mais drama que a ficção creada pelas mais extravagantes imaginações.

A politica inglesa, que é presentemente a politica de Lloyd George, encontra agora acolhimento na sua via e não tem azo para descanço. A Irlanda, o Egito, as Indias e o Oriente, cujo a solução do problema arabe não é ainda sem resistencia, apresentam-lhe um problema bem dificil e sério resolução. Os mais economistas associam-se manhosamente ás mais estrondosas decisões politicas, agravando os sofrimentos ocasionados pela guerra.

Por falta de uma Sociedade das Nações, reservada pelas maiores potencias, torna-se indispensavel uma «entente» franco-ingleza para a tranquilidade da Europa. Isto, reconheceo-o Lloyd George, o tem para a França palavras de justiça. Quanto a saber se á França falta o sangue frio e se o receio está ao juizo dos seus estadistas, é uma questão que pertence ao futuro unicamente.

A democracia franceza, em todo o caso, não tem outro desejo nem outro fim que não seja assegurar a paz da Europa e não é isso, parece, uma que lhe desse muito que pensar.

Amizade, disse Lloyd George, não quer dizer jugo e subordinação: penso exactamente, e a opinião tanto vale em Londres, como em Paris.

A França não foi muito feliz nesses ultimos tempos nas suas negociações mas a sua politica tem bastantes forças; a sua dignidade intacta, e o dominio economico, a sua capacidade de produção.

Ninguem até hoje regeitou uma amisade que lhe fosse talvez mal oferecida. Mas nada se perdeu. A França deixou-se-lha pelo saber, vigilancia e perseverança, basta-lhe não justificar as acusações que lhe são feitas e que não merecem credito.

Exposição do Rio de Janeiro

O sr. ministro do Comercio, bem como a administração dos Transportes Maritimos do Estado, mostram-se empenhados em estipular com brevidade o numero de carreiras para o Brazil, não só durante o periodo da Exposição, como ainda para o transporte dos productos que devem figurar no grande certamen internacional.

Consta que vão ser dadas as necessarias ordens para começarem as reparações no «Pedro Nunes», navio este que no Rio de Janeiro se destina a alojamento do Comissariado Geral e respectiva Comissão de Assistencia.

ULTIMA HORA

A gréve dos electricos

Continua sem solução

Continua ainda sem solução a greve do pessoal da Carris de Ferro.

O pessoal, que hoje de manhã esteve em Santo Amaro a receber as suas ferias, voltou a reunir, pelas 15 horas, na sua associação de classe.

Presidiu o sr. Joaquim da Conceição, tendo como secretarios os srs. Carlos Francisco Sanches Ribeiro e José Carlos Proença.

A sessão decorreu por vezes agitada, sendo todos os oradores unanimes em aconselhar a maior união e firmeza entre a classe em luta até a vitoria final.

Entre outros falaram os srs. Joaquim Dias Pereira, Anibal de Oliveira, Joaquim Ferreira e Jaime Batista.

Até á hora a que retirámos ainda não tinham chegado a comissão de melhoramentos que durante o dia andou efectuando algumas «demarches» e a comissão ontem nomeada para obter a libertação de 6 dos camaradas que se encontram detidos.

Tribunal de açambarcadores

Ficou adiado o julgamento do reu Albino da Silva, com estabelecimento de leitaria em Belem, visto faltar instaurar outro processo que se ligou com o primeiro.

P. S. E.

O Governador Civil de Lisboa ainda não se ocupou da reorganisação da Policia de Segurança do Estado. Ficou assente entre o sr. ministro do Interior e chefe do districto que a reorganisação da referida policia seja feita de acordo entre o sr. dr. Carneiro de Moura, director geral de Segurança Publica e capitão sr. Viriato Lobo.

Sobre a escolha do novo director da referida corporação tambem coisa alguma está resolvida ainda.

A noite tragica

E' enviado amanhã a Secretaria de Justiça Militar parte do processo referente á noite sangrenta de 19 de outubro ultimo. Ignora-se ainda qual o destino a dar aos presos de S. Julião da Barra, porquanto se trata de oficiais do exercito e da marinha e ainda tem os seus tribunais em civis.

CONSELHO DE MINISTROS

O conselho de ministros reuniu hoje, de tarde na secretaria do interior. Segundo nota fornecida á imprensa, ocupou-se da redacção definitiva da declaração ministerial que o governo lerá na sua apresentação ao Parlamento, e ainda de varios assuntos correntes de administração publica.

A gréve dos maritimos

Não é aceite a solução proposta

Continua sem solução a gréve das classes maritimas, cuja demora na sua solução tanto vem prejudicando o publico.

O pessoal voltou a reunir hoje novamente nas respectivas associações de classe.

O «comité» das classes em luta não aceitou a plataforma apresentada hoje ao pessoal pelo arbitro ontem nomeado, sr. Emilio Burnai.

Essa solução consistia em o aumento a conceder ao pessoal ser em harmonia com a tonelagem dos navios, isto é, quanto maior tonelagem maior viria a ser o aumento.

Perante esta disponidade na concessão proposta o comité resolveu não a aceitar, não transigindo o menos de 50 escudos para todo o pessoal.

POEIRA DA ARCADA

O sr. presidente do Ministerio fixou as terças-feiras das 12 ás 14 horas e os sabados, das 14 ás 16, para receber as pessoas estranhas aos serviços do seu gabinete.

—O sr. dr. Calanho de Menezes vai amanhã pelas 14 horas á presidencia da Republica, prestar o seu compromisso de honra como ministro da Justiça, tomando posse da pasta ás 14 3).

—O major e deputado sr. Tavares de Carvalho entregou hoje ao sr. ministro do Comercio uma representação dos proprietarios dos terrenos confinantes com a Lagoa de Albufeira, concelho de Cezimbra, pedindo a abertura da Lagoa, a fim de poderem efetuar a irrigação e cultivo das suas propriedades.

TEATRO

Nota do dia

A Escola de Arte de Representar

Ha dias com este espirito de descobridores maritimos, que herdámos dos nossos antepassados, decidi-me a entrar no casarão da R. dos Caetanos em procura da Escola de Arte de Representar, afim de entrevistando alguem do corpo docente e algum dos alunos averiguar até que ponto são verdadeiras as insinuações que a todo o momento se fazem sobre aquela escola.

Entramos, subimos até ao 2.º andar e enfiamos por aquela porta onde se lê o pomposo titulo da Escola; lá dentro por um corredor sem fim... estendiam-se andaimes varios empoleirados nos quais futuros artistas de scenografia caiavam os tetos. Uma porta fechada, uma rudimentar sala de espectaculos em desordem. Para ser iniciado nas obras primas da dramaturgia nacional, sinto de todos os lados a voz cara do Frei Luiz de Sousa: «Ninguem».

São 3 horas da tarde. Em baixo rouxinoleiam o casarão as rudimentares dos... rudimentos. Torno a descer, pergunto a um homem se não ha por ali alguem que me possa dar uns esclarecimentos:

—Eu sou das obras.

E sem explicar se das obras dramaticas ou das «opus» musicais continuou a lêr a «Batalha» omnipotentemente. Desisti. A Escola de Arte de Representar, estou em crêr, não existe... E' um mito... E' ambulante .. Vive na algibeira do sr. ministro Julio Dantas, no cachecol do sr. Augusto Melo, vê-se duas vezes por ano no Teatro Nacional a fazer desfeitas ao pobre Gil Vicente... e pronto.

Os seus professores são Chabi Pinheiro, ausente no Brazil, no Porto, em toda a parte, menos na Escola.

Antonio Pinheiro tão longe tão bem da R. dos Caetanos, Carlos Santos pelos Brazis...

Dá as suas aulas Lucinda Simões? Dá as Castelo Branco? dá-as qualquer daqueles individuos que figuram no rol de professores da Escola de Arte de Representar? Lembra-nos dum concurso a que foram Mario de Almeida, Hipolito Raposo e este ficou como professor. Quantos mais haverá? Quais as aulas que funcionam?

Não, não. A Escola de Arte de Representar não existe... Anda toda na pasta do sr. Julio Dantas e no «cachenez» antigo do sr. Augusto de Melo...

Mas quanto se gasta com aquela brincadeira?

Mas para que serve aquela Escola de ilusões?

Era isto tudo que iamos perguntar á R. dos Caetanos o que afinal o «mestre das obras»... não conseguiu explicar-nos...

ARMANDO FERREIRA.

Medalhões

João Calazans

Faz hoje a sua festa no Politeama, um actor que é, e tem sido sempre uma utilidade em teatro. Muitas vezes, as pessoas encarregadas de escrever as noticias de teatro, ou elevando desmedidamente as primeiras figuras, ou depreciando distraidamente as ultimas, não reparam nas honestas figuras do «meio», cujo trabalho por ser correto não choca nem agride, cuja passagem é tanto melhor quanto menos chamam sobre si uma atenção que não raras vezes desequilibraria o conjunto.

Esta neste caso João Calazans, actor correcto, a quem na sua vida scenica e nesta lotaria de surprezas que é o teatro, tem saido verdadeiros bicos d'obra, que em giria de bastidores tomam o classico nome de canastrões.

Os bons papeis, os papeis de efeito de recursos, são quasi sempre, monopolisados pelas primeiras figuras, e a estes elementos de conjuncto, que estão muito bem no seu lugar, cabem apenas, no rateio geral, discretas rábulas ou ingratas situações de pano de fundo.

Quando, como João Calazans, eles conseguem, não se tornar impertinentes, estudar honestamente, fazer valer o pouco que lhes dão, apresentar-se bem, conhecer emfim o seu «metier» e honrar a sua profissão, merecem o nosso aplauso, a nossa boa vontade e a nossa simpatia.

Daqui lhe damos pois, na noite da sua festa, os nossos cumprimentos e os nossos votos para que o seu esforço, dentro da companhia Lucilia Simões-Erico Braga, onde indiscutivelmente tem um lugar, tenha ocasião de se manifestar e expandir.

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição da opereta «Phi-Phi», de Albert Villemetri e F. Sollar, tradução de Tomaz Ribeiro, Colaço e Tito Arantes, com musica de H. Cristiné, a subir á scena no teatro da Avenida: «Madame Fidios», Raquel de Barros; «Aspahida», Luiza Satanela; «Fi-Fi», Estevão Amarante; «Archimeliz», Alves da Silva; «Tirou», Antonio Silva; «Pevricles», Santos Carvalho; «1.º modelo», Josefina Silva; «2.º modelo», Eugenia Coutinho.

—Na proxima terça-feira é a festa no Avenida do tenor Alves da Silva, com a «Miss Diabo». O festejado cantará num dos intervalos a «Celeste Aida», da opera de Verdi e «Vesti la giuba» dos «Palhaços» de Leoncavallo.

—Os bailados da «Phi-Phi» estão sendo ensaiados por Luiza Satanela.

—A peça que preencherá na companhia Alves da Cunha o espectaculo das «Cobardias» é o «Idilio das mãos», assinado por «O Homem que passa», que entra em ensaios estes dias. O actor Samwel Diniz creara tambem o protagonista de «leser-de rideau» «A aposta das lagrimas» do mesmo autor.

—Como estava anunciada, realisou-se hontem, no Coliseu dos Recreios, a estreia da notavel e arrojadissima ginasta Mlle. Guerre cujo trabalho é surpreendente e sensacional. A audaciosa artista, que atravessou a sala do Coliseu sobre um trapezio equilibrando-se sobre a cabeça, foi ovacionadissima no final do seu arriscado trabalho.

—E' amanhã que principiam no Parque Mayer os bailes de mascara.

CONTOS D'«A CAPITAL»

OLINDA

POR CARLOS SUEVO

—Muitas vezes, somos iludidos pela confiança; mas a desconfiança faz que sejamos por nós mesmo enganados.
—Principe de Ligne.

A pobre Ollnda de joelhos junto aos pés de seu marido, com os olhos rasos de lagrimas e nas poucas palavras sufocadas pelos soluços, em vão suplicava:

—Meu Deus, meu Deus! O que fiz eu para merecer tão duro castigo? Como pode haver tanta gente perversa que, divirta-se sómente em fazer mal aos outros?!... Ah! E' atroz! é horrivel!... Mas tu, não acreditarás que eu fosse capaz de cometer semelhante loucura... Oh! nunca! Mil vezes desejaria a morte mais cruel, a mais repugnante, a atraiçoar o teu amor e macular a minha honra!...

Claudio, sou eu que te suplico: em nome de nossa inocente filhinha, que é o doce encanto da nossa alma e do nosso amor; não me abandones. Juro-te, pela memoria eterna de minha mãe, que nunca te fui infiel... Essa maldita carta que veio destruir toda a nossa vida, toda a nossa felicidade, não passa de uma miseravel infamia, de uma repugnante calunia que o teu amor proprio deve repelir...

—Cala-te, mulher perdida! Não mereces mais nem a compaixão de um olhar!... Mas, o que te faltava a ti, mulher sem brio, para me cobrires a existencia de oprobio e de vergonha?!

Como ousas ainda, após a minha deshonra, implorar o perdão, invocando para isso a alma pura de uma criança, tão barbara mãe, não soubs compreender...

—Claudio, Claudio, não é verdade!... Eu sou inocente... eu te juro...

—Inocente... tem graça! Mas, se de facto, és inocente, se nunca amaste outro homem que não fosse eu, porque motivo, então, te acusam injustamente? O que lucraria com isso essa alma perversa que, depois de cinco anos de casados, desfere-me o golpe terrivel da tua traição?!

Não; não seria sem a plena certeza da minha deshonra, que se julgariam capazes de te acusar! Naturalmente, a pessoa que dirigiu-me a carta ha de ser algum amigo meu, que nem a quiz assinar para fugir, talvez, ao testemunho de minha desdita...

E logo depois com desalento:

—Antes assim! Deixarás esta casa sempre, onde nunca mais porás os pés, nem mesmo quando a saudade de tua filha pezar-te sobre a consciencia, mostrando-te o remorso, na felicidade que despresaste...

—Oh! nunca! Prefiro morrer do que abandonar esta casa e viver longe de minha filha! Mata-me, mas não me prives do unico consolo de viver a teu lado!

—Morrer... Não, não podes nem deves morrer...

Agora, mais do que nunca, tu deves viver! Sim, has de viver! E' preciso que expies o teu crime com o despreso e a humilhação daqueles que te adoram, daqueles que te rodeiam e te amaldiçoam... E' preciso que os teus rogos, as tuas lagrimas e os teus lamentos encontrem descanço no horrivel vacuo de um abismo, que tu sem o pensares, ousaste afronta-lo...

E a desgraçada Olinda, entre a vida e a honra, debatia-se com quantas forças ainda possuia, para arrancar do homem que a despresava, a duvida cruel da sua deshonra.

Mas Claudio era inclemente. Nem rogos, nem prantos, nem invocações; conseguiam reanimar no seu coração ferido a calma perdida ha tanto tempo.

Recebera aquela manhã uma carta anonima, que lhe dizia algo de grave acerca do proceder de sua mulher.

A principio julgou-a como obra torpe de uma miseravel vingança. Mas, a de confiança que penetrara funda no seu coração, o ciume e o odio não lhe deram a calma precisa, para julgar com maior prudencia, uma carta que talvez lhe destruia a felicidade... e para sempre!

Embora no intimo de sua alma, ele procurasse afastar, as idéas sinistras que, no seu cerebro alucinado, se emaranhavam, não o conseguia.

Ele, o mesmo homem que na vespera, com os carinhos da mulher amada e com os inocentes beijos da filhinha querida, nadava em um mar de rosas; fugia agora ao contacto da mesma mulher que, de joelhos a seus pés implorava um perdão para uma falta, que realmente, não cometera.

Pobre Olinda! a felicidade que durante cinco anos habitara naquele ambiente de amor e ventura, evaporava-se agora num espaço de meio segundo.

E Claudio, sem saber se a terrivel carta que destruira toda a sua felicidade era ou não verdade, acreditou na infidelidade de sua mulher.

Entretanto, o seu coração longe de a julgar culpada, pulsava ainda por aquela desgraçada que, de um momento para outro, tornou-se a seus olhos, um objecto pouco vulgar.

Tudo esquecera ele!....

Cinco anos antes, por uma linda tarde de Abril, recebia ele no altar mór da Igreja a doce companheira de sua vida.

Era nesse tempo o amor sincero que unia aquelas duas almas numa só....

Mais tarde, com o nascimento de uma interessante menina, que na pia batismal recebeu o nome de Ophelia, Claudio dedicou-se exclusivamente, para o bem de sua mulher e de sua filhinha, a quem já idolatrava.

Era o primeiro fruto daquela união, que mais estreitava o sagrado laço de amor...

Os anos passavam vagarosamente, sempre venturosos para aquelas duas almas amantes; quando, uma carta escrita por um miseravel que outr'ora amara loucamente Olinda, e por ela fôra repelido, veiu perturbar o socego e a harmonia daquele lar.

O miseravel calumniador esperara tanto tempo, para que a sua vingança nutrisse o maior efeito possivel.

E não se enganava!

Claudio, diante das palavras maleficas da carta acusadora, tornou-se inclemente aos rogos da desventurada mulher, vitima de uma perfidia hedionda.

E' o amor que os faz desprezar a si proprio, é a felicidade que foge, é o abismo irremediavel que os separa....

E a pobre Olinda, de joelhos junto aos pés de seu marido, com os olhos rasos de lagrimas, e naquelas palavras que traduziam todo o sofrimento da sua alma, procurava, em todos os sentidos, tornar-se digna aos olhos de quem a desprezava.

Mas Claudio era inclemente. O seu pensamento longe estava de a julgar inocente, embora sentisse ainda, no seu coração a grande dôr de a julgar culpada.

E a carta, a terrivel carta que ainda conservava entre as mãos crispadas pela colera, o subjugava em todos os sentidos; no amor, dava-lhe o desprezo, na compaixão, o odio, e nas palavras o cruel suplicio com que martirisava aquele pobre coração inocente.............................

....

Haviam já passado alguns minutos, sem que aquelas duas criaturas, cada qual a mais absorvidas em seus pensamentos, trocassem uma ligeira palavra ou um simples olhar significativo, que rompesse o silencio desolador e triste de então.

Subito, Olinda ergueu-se, limpou com a ponta de um lenço as lagrimas abundantes que escapavam-se-lhe dos olhos, encaminhou-se, a passos lentos e compassados, para uma pequena mesa existente no centro da sala, abriu calmamente uma gaveta da qual extraiu um agudissimo punhal, e voltando-se para Claudio, que conservava-se indiferente a esta scena, disse-lhe:

—Claudio, sei perfeitamente que a grande dôr que te dilacera a alma, não te faz acreditar na minha inocencia... Conheço-te profundamente, para avaliar os teus nobres sentimentos. Foste ferido no teu amor e eu na minha honra, sem nunca ter-te traido... Foi a fatalidade que assim quiz... é o abismo que nos separa!... Talvez, seja melhor!

Tenho a certeza que se vivesse, embora sempre a teu lado, nunca mais tornariam os dias felizes como outrora... A desconfiança, que penetrou fundo no teu coração, far-te-ia amaldiçoar-me todas as vezes que o meu nome viesse á bôca... E porquê? Por um crime que nunca cometi.

Mas o que importam estas palavras, se não conseguem ser compreendidas? O que importam as minhas lagrimas, se não encontram conforto nos teus carinhos e compaixão, ao menos, no teu olhar? Nada... Mil vezes mais doce será a morte, porque porá termo a esta existencia desgraçada... Viva, seria humilhada por todos e amaldiçoada por ti; morta, terei ainda, lagrimas e saudades tuas e sorrisos inocentes de nossa filhinha, por quem te peço que veles sobre a sua felicidade.

E mais uma vez, meu amigo, perdoe-me; perdoe-me esta fraqueza. Morro, para te dar a unica prova da minha inocencia e do meu amor... Adeus!...

Um gemido doloroso abafou estas ultimas palavras.

E quando Claudio, esquecendo tudo que momentos antes se passara entre eles, lançou-se ao seu encontro para arrancar-lhe das mãos a arma assassina, apenas teve tempo de amparar em seus braços, o corpo inanimado de Olinda, ferido em pleno coração por suas proprias mãos.

Com o peito arfando de emoção, Claudio transportou-a para um divan, onde, com a maior brevidade possivel, procurou ministrar-lhe os primeiros cuidados.

Baldado intento. Olinda, o anjo de candura que enfrentara a morte com tanta resignação para dar ao seu marido a prova cabal de sua inocencia, estorcendo-se em dores de corpo e da alma, sorvendo a longos tragos a agonia, exauria os ultimos alentos com as ultimas gotas de sangue.

—Claudio!—disse ela, com a voz muito extenuada—sinto que vou morrer... Quero ver minha filha pela ultima vez, quero abençoa-la...

Chame-a...

—Não, Olinda!—exclamou ele, soluçando desesperadamente—tu não podes morrer! Para a minha felicidade e da nossa filha deves viver...

Reconheço o quanto fui cruel para comtigo...

Mas, a culpa não é minha! Essa maldita carta feriu-me no meu amor e na minha honra, sem mesmo, dar-me o tempo suficiente para raciocinar... Perdoa-me, Olinda, perdoa-me Sou um desgraçado! Não sei o que fiz! Sou o ultimo dos miseraveis...

Oh, perdoa-me...

—Ha muito que te perdoei, meu amigo—murmurou ela quasi num gemido, erguendo-se penosamente para aproximar os labios da boca de Claudio.

Olinda, a santa e pura mulher, expirava-lhe nos braços, sem poder estreitar pela ultima vez a filha querida contra o peito.

A fatalidade que preside a tudo neste mundo principalmente ao amor encarrega-se do destino da sua vitima. Ei-la, estendida no divan, com uma ferida profunda ao lado esquerdo do peito, sem vida. Nunca mais aqueles olhos negros, aqueles traços de jaspe, e aqueles admiraveis cabelos seriam vistos por olhos humanos. A terra fria ia ocultar para sempre, tão divinos encantos.

Ao seu lado, Claudio desesperava-se. Eram duas calamidades que o feriam naquele dia e quasi á mesma hora, quasi sem intervalo; duas desgraças qual delas mais que suficiente para abater o homem mais forte e resoluto. As lagrimas marejavam-lhe os olhos, torcia as mãos com desespero, comprimia o coração para que ele lhe não rebentasse no intimo do peito, e sentia entre alucinações e dores as mais crueis, o desejo louco de concluir todo aquele tormento, acabando com a propria existencia.

Mas, a imagem da filha querida não o abandonava.

O que seria daquele anjo inocente sem os carinhos e disvelos de sua inditosa mãe, sem os braços protectores dum estremoso pai?...

E as idéas tormentuosas que, succediam-se uma após outra, aumentavam ainda mais o supplicio daquele desgraçado que via diante dos olhos o abismo da sua desventura, construido no remorso horrivel das palavras com que havia martirisado a alma imaculada de sua desditosa esposa.

E no entanto, bem longe dali antegosando a delicia da sua obra sarcastica, o causador de tamanha desgraça, o homem sem brio nem piedade, oferecia naquela noite aos seus amigos intimos, um lauto banquete, comemorando, assim, num apotéose de esplendores, o tragico desfecho daquela carta maldita.

❖ ❖ ❖

Vós, ó mulheres divinas, que em cada sorriso ocultais uma lagrima, e em cada lagrima uma dor, não podereis ser, por certo, esposas de um Deus de gloria, mas sim, de um Cristo agonisante no Calvario.

Ele, o Redemtor da Humanidade, o Martir do Golgotha, tambem sofreu e sofreu inocentemente.

Quem poderá dizer as agonias do Salvador, até o tragico momento da sua morte?

Eil-o, errante de tribunal para tribunal como um humilde servo. Aqui injuriado, ali, esbofeteado, mais alem, apedrejado, e ao espectaculo horrivel da sua flagelação, os anjos cobrem o rosto e a terra serve convulsa o sangue inocente de um cordeiro imaculado.

Ele, o homem das dores, para volver ao seio do Eterno com a sua missão cumprida, tambem teve que esgotar o calix de todas as amarguras, em pról da humanidade.

MUSICA

S. Carlos

LOHENGRIN

Merece referencias um pouco mais pormenorisadas a representação que do Lohengrin hontem se fez em S. Carlos, pela primeira vez nesta época.

O Lohengrin é das operas de Wagner aquela que melhor caiu no espirito do publico. Habituado a ouvi-lo com um sempre crescente agrado, teve hontem a oportunidade de o ouvir numa interpretação correctissima e por vezes brilhante.

Dificil será conseguir um conjunto tão completo.

O maestro Gui cujas qualidades já estão suficientemente vincadas e cujos conhecimentos da obra wagneriana se revelaram sobejamente na maneira como dirigiu o Tristão e Isolda e o Parsifal, teve hontem no Lohengrin mais um brilhante sucesso.

Logo no final do preludio lhe fizeram uma quente ovação que se repetiu nos finais de acto. Foi de facto brilhante a sua regencia, tendo a orquestra ajudado com a sua correção ao brilho do conjunto.

Cesa Bianchi foi um Lohengrin extraordinario.

Desde a maneira como cantou todo o seu papel, até ao modo como desenhou a figura lendaria do cavaleiro do Santo Graal, a intuição com que disse, o timbre lindissimo da sua voz imprimindo uma encantadora religiosidade á dição sempre expressiva, todo este conjunto fez de Cesa Bianchi um Lohengrin destinado a marcar na galeria de S. Carlos.

Cesar Formichi tendo cantado pela forma a que sempre estamos habituados a ouvi-lo, fez mais uma vez recair a nossa atenção para o cuidado da composição das figuras que desempenha.

No Telramund tão cheio de dificuldades, tão ingrato de realisar, Formichi conseguiu fazer qualquer coisa de notavel.

A figura foi cuidadosamente desenhada dando-nos bem a impressão preversa do Telramund germanico.

Griff duma grande correcção no Rei, bem como Erawskin.

Propositadamente deixei ficar para o fim a parte feminina.

Uma estreia ou, melhor dizendo, duas estreias.

Alma Bacci que no Parsifal no despertara o interesse de a ouvires que na Boheme se afirmara, teve no Lohengrin na parte de Elsa, uma criação muito feliz.

A sua linda voz adaptando-se admiravelmente áquele papel fez com que nos desse trechos cheios de emoção e de beleza.

Muito correcta na representação traçou muito bem a sua figura.

Gabriela Galli a estreia da noite é um meso-soprano de grande valor.

Posto que o Lohengrin não seja uma obra onde possa patentear os seus recursos teve no segundo acto frases duma grande felicidade.

Os córos muito bem.

Guarda-roupa bom, scenarios sofriveis.

Lamentavel uma pele do tigre debruada a vermelho—tudo quanto ha de mais burguez séc. XIV—que aparece no primeiro e no ultimo acto.

BOTTO DE CARVALHO

SPORT

As provas de pesos e alteres

Anuncia o Ginasio Club Portuguez, uma prova de força para os seus socios, o «criterium» Padinha, e o campeonato de Portugal. Na direção do G. C. P. ha um dos seus membros, alterofilo distinto, e que conhece de visu o que se faz no estrangeiro.

E' de prever portanto, que as provas serão organisadas com conhecimento de causa, e que se lembre, que a forma da disputa deste genero de sport evolucionou.

Uma das coisas que é necessario mudar é a teoria dum certo numero de tentativas para cada peso, que o concorrente levanta, o que torna este espectaculo fatigante para o atleta, e monotono para o publico.

Hoje lá fora, faz-se para cada movimento um certo numero de tentativas isto é para cada exercicio o concorrente tem 4 tentativas para levantar o seu maximo.

Começa e acaba onde lhe convem. Um homem trenado deve fazer o seu record em 4 tentativas.

Depois é preciso interessar o publico, o que não sucede com o sistema actual em que o espectador num dado momento, não sabe a classificação dos concorrentes.

Depois, por uso de regra, a arbitragem, tem sido dificiente, e isso é um caso que se deve estudar com cuidado.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

CLUB RECREATIVO BELGA

Amanhã na sede deste novo club; tem logar um sarau de sport, organisado pelo socio sr. Borges de Castro, e que a avaliar pelo programa anunciado deve ser interessante.

O programa consta de numeros de pesos e alteres, luta greco-romana, forças combinadas, de esgrima, etc.

O sr. dr. José Pontes fará uma conferencia sobre educação fisica.

ASSOCIAÇAO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais
Desafio Porto-Lisboa

Chegam a Lisboa no sabado no rapido os jogadores que constituem o Grupo Representativo do Porto que no Domingo 19, pelas 15 horas joga no magnifico campo Atletico do Sporting situado no Campo Grande, 442, contra o Grupo Representativo de Lisboa.

A constituição do grupo do Porto é a seguinte:

Antonio Lino, Julio Cardoso, Oscar de Carvalho, Teofilo Esquivel Antonio Velez Cameiro, Floriano Pereira, Alexandre Cal, Joaquim Reis, Artur Augusto, João Nunes e José Tavares Bento.

O desafio é arbitrado pelo sr. Luiz Rebelo da Silva.

Para comodidade do publico a Associação de Foot-Ball de Lisboa tem á venda na sua sede Travessa da Gloria 22-A os bilhetes numerados para este desafio.

No mesmo campo realisa-se ás 13 horas, o encontro de 3.ª categoria entre o Sporting e o Bemfica que pertence ao campeonato da 1.ª divisão.

Este desafio considerado final desta categoria foi anulado quando do 1.º encontro.

Os bilhetes são validos para os dois desafios.

HIPISMO

Amanhã ha nova poule para disputa da taça Ricardo, no campo alto Marin.

N.º 15 — Folhetim de A CAPITAL — 17 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

Havia muito tempo que o não viam nos bastidores dos teatros e a sua reaparição produzia sucesso. Alguem, para o agastar, disse-lhe em tom provocante:

—Meu caro Egor Pétrovitch, o que você vai ouvir agora não é uma musica de baile, mas sim uma musica, após a qual não vos será possivel continuar a viver.

Meu pai fez-se palido com esta troça, mas respondeu, sorrindo nervosamente:

—Veremos: os sinos soam muito forte quando tocam detraz da montanha. S... parece-me que não tem tocado senão em Paris; tem sido, pois, os franceses quem tem feito a sua reputação e todos nós sabemos de que são capazes os franceses!

Todos os que o rodeavam desataram a rir. O desgraçado sentiu-se ofendido, mas contendo-se, acrescentou que nada mais diria, porque o dia do concerto chegaria cedo e logo desapareciam todos os milagres.

B... contou-me depois que, nesse mesmo dia, ao entardecer, tinha encontrado o principe X.... *diletante* bem conhecido, que amava e compreendia profundamente a arte.

Passeavam juntos e conversavam sobre o artista recemchegado, quando, de repente, ao voltarem uma esquina, B... viu meu pai parado diante de uma montra examinando atentamente o programa que anunciava, em grossos caracteres, o concerto de S...

—Vê aquele homem? disse B.... indicando meu pai.

—Quem é? preguntou o principe.

—Com certeza que já ouviu falar dêle. E' Efimov, aquele de quem já vos tenho falado várias vezes pedindo protecção para êle.

—Ah! E' curioso — disse o principe. — Você tem-me falado muito dêle. Parece um tipo divertido. Gostaria de o ouvir tocar.

—Não vale a pena — respondeu B... — Não sei que efeito isso vos produziria, mas a mim dilacera-me o coração. A sua vida é uma tragedia lamentavel, horrorosa. Conheço completamente a vida dêste homem e por mais baixo que êle tenha descido, ainda não morreu de todo a minha simpatia por êle. Dizes que deve ser divertido! E' verdade, mas causa uma impressão muito dolorosa. Primeiramente, é um louco; depois, êsse louco é um criminoso, pois que, além da sua, êle perdeu duas existencias: a da mulher e a da filha. Conheço-as. Se êle tivesse a consciencia do seu crime, morreria; todo o horror está em que ha oito anos que êle vive no crime e em todo êsse tempo tem lutado com a sua consciencia para o não confessar.

—Dissestes que êle era pobre? — preguntou o principe.

—Sim, mas a miseria é quasi uma felicidade para êle, porque lhe serve de pretexto. Assim, pode dizer a toda a gente que é a miseria que o impede de triunfar, porque, se fosse rico, livre de cuidados, veriam todos como êle é um grande artista. Casou com a esperança bizarra de que os mil rublos que a mulher possuia permitir-lhe-iam levantar cabeça. E' uma especie de poeta e sempre tem vivido assim. Sabe o que êle não deixa de dizer ha oito anos? Ele afirma que a mulher é a autora de todas as suas desgraças, que ela é quem tudo impede. Ele não faz nada nem quere trabalhar. Se você visse a mulher! E' a mais miseravel criatura do mundo. Ha já muitos anos que êle não toca violino e sabe porquê? Porque cada vez que pega no arco é forçado a reconhecer, no seu gôso intimo, que não é um artista. Mas, quando põe de parte o arco, fica, ao menos, com a ilusão de que continua a ser artista. E' um sonhador. Julga que, de repente, por qualquer milagre, se tornará o homem mais celebre do mundo. A sua divisa é: *aut Cesar aut nihil!* Como se fosse possivel a alguem tornar-se César de um dia para o outro! Ele tem sêde de glória. E, quando semelhante sentimento se torna o motor principal e unico de um artista, êsse homem já não é artista porque perdeu o instinto artistico principal, que é o amor da arte pela arte e não pela glória ou por outra qualquer coisa. Por exemplo: quando S... pega no arco, não existe mais nada no mundo para êle, além da musica. Depois da arte o que existe de mais importante para êle é o dinheiro e só em terceiro lugar é que vem a glória. Isto inquieta-o pouco. Sabe você o que preocupa agora êsse desgraçado? — acrescentou B.... apontando Efimov. — E' a coisa mais estupida, mais miseravel e mais ridicula do mundo: saber se é superior a S... ou se S... lhe é superior. Nada mais, porque, no fundo, êle está convencido de que é o maior musico do universo. Diga-lhe você, por exemplo, que êle não é um artista e morrerá de repente, como se o fulminasse um raio; é, com efeito, uma coisa terrivel ter a gente de se separar da ideia fixa, á qual tem sacrificado toda a sua vida e cujo fundamento é serio e profundo, porque a vocação, a principio, era tambem verdadeiramente sincera.

—Será curiosa a impressão que êle experimentará quando ouvir S... — observou o principe.

—Sim — disse B.... pensativo. — Mas não, êle recuperará depressa a sua mania. A sua loucura é mais forte do que a verdade e êle inventará logo qualquer desculpa que lhe permitirá retomar a sua ideia actual.

—Pensa assim!

Neste momento estavam proximos de meu pai. Este queria afastar-se mas B... deteve-o. Preguntou-lhe se iria ao concerto de S... Meu pai respondeu com indiferença que não sabia nada, que estava ocupado com um assunto mais importante do que todos os concertos e todos os *virtuoses* estrangeiros, mas, se tivesse algum tempo disponivel, iria ouvir S... Depois, rapidamente, com um ar inquieto, olhou B.... depois o principe, teve um sorriso constrangido, levou a mão ao chapeu, fez um cumprimento com a cabeça e deixou os seus interlocutores, dizendo que tinha pressa.

Eu conhecia as preocupações de meu pai. Não sabia precisamente o que o atormentava, mas via que êle tinha uma inquietação [illegible]. A mamã tambem o notou. [illegible] nesta época muito doente e mal podia mover as pernas. Meu pai saia de casa a cada instante para voltar logo depois.

De manhã, três ou quatro camaradas, antigos colegas, vieram vê-lo, o que muito me admirou, pois, á excepção de Carl Féodorovitch, eu não via, por assim dizer, mais ninguem em nossa casa. Toda a gente tinha cortado relações comnosco, desde que meu pai abandonara o teatro.

Por fim, apareceu, esbaforido, Carl Féodorovitch. Trazia o programa. Eu escutava e olhava atentamente. Tudo isto me inquietava, como se eu fosse a culpada de toda a perturbação, de toda a angustia que lia na casa de meu pai. Desejava bem compreender o que êles diziam e, pela primeira vez, ouvi pronunciar o nome de S... Compreendi que precisava, ao menos, de quinze rublos para ouvir S...

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4007-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 18 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Ainda é tempo!

Novamente se fala em graves perturbações da ordem publica, chegando a afirmar-se que a noite de hoje para ámanhã não deixará de ser assinalada por sangrentos sucessos.

Realmente, é já intoleravel este estado de coisas!

Saimos, ainda ha pouco, dum periodo revolucionario, porque periodo revolucionario não pode deixar de ser considerado o que decorreu desde 19 de outubro até á reunião do parlamento, visto o paiz ter estado quatro mezes privado da representação parlamentar, e já se pensa em voltar a uma situação anormal da mesma natureza!

Que ganhámos com o periodo revolucionario que findou? Que ganharemos com outro periodo revolucionario, cuja iminencia se anuncia?

Só damnos, só vergonhas, só miserias, só sangue, só luto!

E todavia ha quem pensa em lançar ás cegas o paiz num abismo donde não poderia sair.

Não ha descontentamento que não julgue licito o recurso ás armas; não ha paixão que se não considere com o direito de tudo devastar, tudo assolar, contanto que satisfaça um ardente desejo de vingança!

Nós somos dos que não procuram ocultar que a situação é má, sobretudo no ponto de vista economico. Somos dos que reconhecem que se justificam os protestos contra a carestia da vida e não menos contra o luxo insolente que certas creaturas ostentam e que na realidade representa muita dor, muita privação, muita miseria dos desprotegidos da sorte.

Mas em parte nenhuma do mundo vimos ainda que o recurso ás violencias tenha aliviado ou feito cessar os sofrimentos das multidões.

Pelo contrario: agora essas violencias, a miseria aumenta, as privações agravam-se, os necessitados veem-se esmagados sob o peso duma opressão maior.

Porque não se ha de escolher o caminho legal para tentar o melhoramento das condições de vida?

Ainda outro dia, ordeiramente, no Porto, perto de 40.000 pessoas expunham as suas reclamações, cuja justiça ninguem pode negar. O que era de esperar era que em Lisboa, e no paiz inteiro se secundasse esse exemplo sem recorrer ao expediente já condenado dos motins e das revoluções?

Por ventura não ha meios de manifestação pacificos?

Porque não vai o povo até ao parlamento, a fim de reclamar a atenção dos legisladores para as circunstancias tragicas em que se debate a nação?

Julga-se que essas manifestações têm pouca força?

E' um engano.

Dezenas de milhares de homens nas ruas, mesmo em atitude serena e cordata, dão uma impressão de poderio contra a qual não é facil apresentar resistencias.

O que pode provocar resistencias, justifica-las, e robustece-las, é precisamente o espectaculo de violencias brutais que comprometem as melhores causas.

Vejamos: haverá o direito de repelir a mais ligeira probabilidade duma melhoria da vida sem que se torne forçoso um conflicto cujas consequencias serão, em todos os casos, desgraçadas?

Não ha esse direito.

O parlamento está aberto; encontra-se á frente dos destinos do paiz um governo que se apresta a governar com força propria. A esse parlamento, a esse governo, se devem reclamar as providencias instantes que a situação tragica da vida portugueza reclama.

Todas as manifestações que dentro da legalidade e da ordem se produzirem, no sentido de fazer triumfar uma causa que é afinal a de todos os que não são ricos e desalmados, são licitas, são necessarias e podem ser eficazes. O conflicto, a insurreição, a balburdia de que resulta a anarquia é que só pode prejudicar tudo e todos.

Se ainda é tempo, que ninguem deixe de reflectir nas consequencias que pode ter qualquer movimento subversivo que neste momento se desencadeie.

O NOSSO DOMINIO ESPERITUAL NO ORIENTE

O PADROADO

«A CAPITAL» CONVERSA COM O SR. D. JOSÉ DA COSTA NUNES, BISPO DE MACAU

No hotel Borges, o «groom» leva o nosso bilhete de visita ao sr. Bispo de Macau.

Pouco depois temos a honra de apertar a mão a sua ex.ª reverendissima.

O sr. Bispo é ainda bastante novo, usa uma barba negra curta, a atestar o seu passado de missionario, e veste á secular. Não traz consigo das ensignias da sua alta dignidade mais do que um pequeno anel, e a sua volta branca presa a seda carmesim.

Assim na sua modestia consegue passar desapercebido nos corredores do hotel.

Sentamo-nos.

Vimos pedir ao sr. Bispo que nos fale do Oriente, da sua vida de missionario, do nosso Padroado, e um pouco do que será a sua missão de pastor, nos territorios distantes do bispado de Macau.

O sr. Bispo discretamente.

—Uma intervista. Era talvez melhor esperar pela minha conferencia. Alem do que tenho um certo receio das intervistas.

Insistimos um pouco, e procuramos desviar a conversação para as coisas do Oriente, sempre cheias de imprevisto e de interesse.

Isto passa-se na sala de visitas do «Borges», enquanto um inglês ataca titubiante um pedaço de opera ao piano.

O ruido não nos deixa compreender.

Então o sr. Bispo, de uma gentileza cativante convida-nos, a subir até aos seus aposentos.

Estamos num quarto do hotel, que quasi toda a gente conhece Malas, jornais, revistas coloniaes e cigarros. O novo prelado fuma, e oferece-nos.

E' então que começa por nos falar do seu plano de governo do bispado.

—O que é preciso fazer-se?

Muita coisa, mesmo.

Sobretudo criar mais missões.

Nós estamos muito arriscados a perder uma grande parte do prestigio que ainda possuimos, se não intensificarmos a nossa acção missionaria. Não é por espirito de facção que o digo, mas o renome de que ainda gosamos no Extremo-Oriente é quasi na totalidade devido á ação dos nossos missionarios. São eles os maiores guardas da lingua, e das tradições dos nossos maiores, incutindo no espirito inculto e pagão do indigena o respeito pelo nosso dominio, e nos logares que já perdemos, a eterna veneração pelo nosso nome.

O meu bispado não é somente constituido por territorio portuguez mas a nossa juridisção vai até ás igrejas de nossos antigos territorios, hoje na posse dos inglezes.

Mas o que é curioso de ver-se é que embora sem o poder temporal, o nosso nome continua ai a ser respeitado, e a nossa lingua ainda que em parte corrompida, a ser falada.

Quem tem alimentado ésta chama do espirito sagrado da nossa patria, teem sido os padres das missões portuguezas.

O inglez chega e para comerciar impõe a sua lingua. O povo dominado ficou aparentemente inglezado, mas a nossa lingua e a nossa tradição não morreram.

O povo convertido reza em portuguez. E' esta a lingua da religião em seus espiritos, e por isso respeitam-na e conservam-na.

Se amanhã os inglezes deixassem de comerciar no territorio, passados trinta anos ninguem falaria o inglez; ao passo que em territorios em que há mais de 200 anos deixamos de ter senhorio, ainda se não apagasse a lingua e a tradição portugueza. Ora este serviço de admiravel patriotismo é devido aos padres das missões.

Os que vivem aqui no acanhado limite da cidade, dificilmente compreenderão, o orgulho legitimo que nós sentimos aos aportarmos em paizes distantes, regiões quasi ignoradas e longinquais, e encontrarmos vestigios de velhas fortalezas onde se ostenta ainda o escudo de Portugal, as legendas heroicas que são retalhos da nossa historia, e a nossa lingua a predominar do «patoi» falado pelas indigenas.

E lá, por toda a parte existem esses padrões de gloria.

Uma ocasião, ao entrar a larga baia de certa ilha das muitas que existem naqueles mares, hoje sob o dominio da Holanda, chamaram a minha atenção para os restos de duas fortalezas defendendo a entrada do porto.

Era um atestado da nossa passagem por ali: tinham sido eregidas em remotos tempos em que naquelas paragens, ninguem ouvia sem respeito pronunciar o nome de Portugal.

Mesmo ainda nos costumes das gentes, existem os vestigios do nosso dominio, ou da nossa civilisação.

Um jornalista japonez ao visitar uma das imensas ilhas que circundam o Japão, foi encontrar ali uns costumes que contrastavam em absoluto com os usados em todo o territorío do Sol Nascente.

Ali, nos trajes o «kimono» tinha sido substituido por uma vestia que não era mais do que o nosso gibão manuelino, e os habitantes que professavam uma religião que tinha influencias manifestas do cristianismo, costumavam levar os filhos pequeninos ao templo, para eles irem buscar a alma.

Era a influencia do batismo a manifestar-se. Ainda hoje pelas aldeias se chama ao batisado o ir buscar a alma.

Na India então a nossa passagem é atestada ainda muito frequentemente.

No bispado de Maliapôr em territorio inglez, existem as ruinas da velha cidade de Baçaim, onde se ergue ainda os esqueletos de templos e de palacios, absolutamente portuguezes.

As pedras cairam mas não foram devoradas pelas intemperies, e assim, eu encontrei lá legendas com nomes de governadores, e do rei D. João III, e inscrições a atestarem o nosso orgulho de descobridores de mundos.

Os ingleses, honra lhes seja feita, teem respeitado e conservado estas ruinas.

Assim aqui é expressamente proibido desviar qualquer pedra que caia dos edificios desmoronados, visto estes logares serme considerados monumentos.

O sr. bispo de Meliapôr quiz reconstruir uma das egrejas, e como tal pediu autorisação ao governo inglez. A permissão foi-lhe dada, mas com a condição expressa de não se aproveitar de nenhuma das pedras que ali jaziam caidas de outros edificios.

Como vê eles teem mais respeito pelas nossas coisas do que nós, infelizmente.

O sr. bispo que é um conservador admiravel, fala-nos por largo tempo que o nosso interesse achou bem curto, das suas viagens de missionario, do estado actual da China dividida em duas republicas, e dos perigos que oferece ao viajante esse paiz de lenda ainda em plena barberia.

—E como vêem os chinezes, interrogamos em determinado momento, a infiltração da propaganda cristã no seu territorio?

A China de hoje se bem que atrazada, não se fecha, como dantes, ao convivio dos europeus.

Grande numero de chinezes teem vindo estudar para as Universidades europeias, e americanas, e de volta para o seu paiz pretendem moderniza-lo. Estão de olhos postos no Japão, que tudo lucrou com a civilisação.

Actualmente na China, ha uma grande curiosidade pelo mundo ocidental, e uma grande vontade de aprender. Assim não nos é muito dificil missionar. Em Macau algumas vezes me apareceram chinezes de regiões distantes pedindo missionarios e professores. O que falta como lhe disse é gente que queira missionar, e escolas de preparação.

E depois o chinez assemila e não esquece, o que já não acontece por exemplo com o indigena de Timor que aprende tão depressa como volta ao primitivo estado.

Por ultimo o sr. Bispo fala-nos de Macau, a mais bela das nossas colonias, hoje infelizmente condenada pelo progresso rapido de Hong-Kong, e pela incuria dos governos que deixaram assoriar o porto de tal forma, que os vapores teem que ficar a 3 milhas de distancia, e para demandar a terra ser preciso utilisar embarcações de fundo chato.

A tarde tinha passado rapidamente, enquanto escutavamos a conversação erudita e interessantissima do ilustre bispo missionario.

S. Ex.ª Reverendissima, prometeu-nos para domingo ou segunda a sua conferencia na Sociedade de Geografia, onde nos falará da historia do nosso padroado, a maior garantia da continuação espiritual e temporal do nosso dominio no Extremo-Oriente.

HORA DO PECADO

Electricos

Santo Amaro por meu mal
Disse-me hoje (que tormento!
Que dos electricos afinal
Continua o «movimento»...

Santo Deus! Eu me lamento.
E não percebo estes fados...
Continua o «movimento»
E os electricos... parados?

TINTA PERMANENTE.

Migalhas

Campos de concentração

O novo governador civil—que, como de costume, é um militar—acha-se, ao que parece, na excelente intenção de reprimir a mendicidade, reduzindo quanto possivel o indecoroso espectaculo que oferecem aos passeiantes as ruas principais da cidade.

Segundo leio, o meu amigo Viriato Lobo está tratando de estabelecer no parque Eduardo VII campos de concentração onde os mendigos pilhados em flagrante serão conduzidos. Ali, apartados segundo o sexo e a idade, serão lavados, ensaboados, passados a ferro, os da provincia enviados para a terra da sua naturalidade, os válidos postos á disposição do governo como vadios, os menores internados em asilos, etc.

A ideia é optima e confio até certo ponto nos seus resultados praticos Viriato Lobo demonstrará com actos e não com palavras que é muito possivel reduzir a mendicidade. Terá bem merecido da Patria e da Cidade e julgo que deve ser o primeiro a ser agraciado com o titulo de «benemerito», prestes a ser creado oficialmente, segundo li ha dias nas gazetas.

Em nome duma camaradagem amistosa que vem desde os bancos das escolas, permita-me propor ao chefe do distrito que não deixe por ali a sua obra de saneamento e que, mal tenha concluido o seu primeiro campo de concentração para mendigos, trate de pôr de pé um segundo para certos politicos.

Acima da praga dos que estendem a mão á caridade publica, a que mais nos envergonha e aflige é a dos que, podendo perfeitamente trabalhar por um oficio manual e fornecer á agricultura os braços cuja falta tanto se faz sentir, cavando batatas e outros farinaceos de primeira necessidade, andam pelas portas dos cafés estendendo a mão a cargos publicos, a gratificações e ordenados extra-orçamentais e que, tal como os mendigos, insistem irritante e malcriadamente em querer que o «rico bemfeitor» que se chama o paiz lhes sustente a preguiça e fazem revoluções quando a pauria lhes é contrariada.

Por conseguinte, meu caro Lobo, logo que v. tenha montado o campo do parque, trate do campo da Rotunda. O sitio é o melhor, não acha. Arame farpado em volta, meia duzia de metrelhadoras para os banhos de agulheta que se demonstrem necessario. A seguir uma boa rusga pelos cafés do Rocio, pelos corredores do governo civil, pelas portas dos ministerios, pelos centros politicos declarados e encobertos. Depois uma revisão dos cadastros dos cavalheiros que forem na rede. Ha muitos que, em vez de estarem nas varias policias e defesas do regimen, devem estar na cadeia e alguns no degredo.

Aos outros uma breve intimação: ou regressam dentro de oito dias aos seus antigos oficios e arranjam uma ocupação normal e uma profissão confessavel ou, em face da lei, são considerados vadios e como tal tratados.

Um colega seu, o «lord maire» de Liverpool, extinguiu ha anos a vadiagem no seu districto, mandando prender todos os vadios que encontrou e dando-lhes um pequeno praso para arranjarem trabalho ou sairem da area da sua jurisdição. Passado esse praso, aos que foram novamente pilhados sem trabalhar, mandou-lhes aplicar vinte fricções do «gato de nove rabos» uma especie de chicote optimo para o efeito. Em seguida soltou-os dando-lhes um segundo praso para tratarem da vida, sob pena de nova prisão e das fricções serem então elevadas a trinta e assim sucessivamente.

Veja se lhe é possivel pôr em pratica um semelhante no novo parque que lhe aconselho. Palpita-me que ficariamos livres dos politicos de porta de café.

Em seguida, v. faria um campo de concentração para os empresarios dramaticos milicianos. Esses já teem um local naturalmente indicado: o parque Mayer.

ANDRÉ BRUN.

LER NA

═ULTIMA HORA═

Ordem publica

Uma gréve revolucionaria —:—:— na forja —:—:—

CARNAVAL

Rico e Alex em duas crianças

Tiveram a amabilidade de virem ontem a esta redação o sr. A. Kurt Silva Pinto acompanhado de duas crianças encantadoras, seus filhos, vestidos primorosamente de Rico e Alex. Muito agradecemos a gentileza da visita.

AOS SABADOS

A SEMANA LITERARIA

Um nome de romancista que é preciso fixar. =Uma obra poetica em prosa, e uma vida de prosa em verso. =Uma obra de trabalho e outro nome a fixar no numero dos que — — — honram a sua patria — — —

VIVER, por *Assis Esperança*, Ed. da Livraria Aillaud, Bertrand, Lisboa.

Assis Esperança é o melhor exemplo que conheço de tenacidade e até de coragem. Depois de ter dado á publicidade um romance (*A Vertigem*) devido e justamente vitoriado pela critica, faz publicar um novo livro, no mesmo genero de literatura (*Viver!*) passando por cima da ideia afincada de que o publico, cuja atenção é hoje reclamada para a fragmentação e leveza da forma literaria actual, não se demora no apreço a um volume de trezentas solidas paginas. E' esta a perseverança que eu louvo no sr. Assis Esperança. Quaisquer que fossem os triunfos alcançados pela anterior obra, arrojou-se á concepção do seu novo romance, mais por amor á Arte, do que pelo culto do publico, êsse enganador sonho de muitos jovens escritores.

Viver! é um trabalho que se sente pulsado, vibratilmente sentido; na sua fluencia caudalosa, no seu galopar incessante de reflexões, na catadupa fertil, logica, de deduções, no luxuriante vocabulario, sente-se o pulso forte, nervoso de um escritor feito, completo.

O seu entrecho é curioso. Tantas, tantas têm sido as vezes que os maiores talentos têm abordado o tema do condenado á morte pela tuberculose, que mais dificil se apresenta a nova tentativa; mas, rialmente, Assis Esperança consegue interessar-nos, contar-nos com calor, com entusiasmo, todos os intimos sofrimentos do autor da historia; porque até na forma de romantizar Assis Esperança deu a originalidade construtiva, apresentando a narração redigida pelo proprio protagonista, especie de memorias, como na *La Morte*, de Feuillet.

Em duas palavras, *Viver!* é a historia apaixonada de um homem cheio de inteligencia, cerebro bem constituido, que a tuberculose hereditaria condena a um fim proximo. Apaixonado por uma mulher, é levado a matar aquele que, êle tem a certeza, ha de ser o seu sucessor.

Intenso, dramatico, ousado, tem um fio logico de sequencia e embrenha-se de preferencia nas paisagens interiores, nos estados de alma, sem se perder nos lirismos, ou nos descritivos de ambiente. E' todo um romance de acção, mas conduzido através a dedução, dando os detalhes que conduzem ao drama.

Com êstes caracteristicos topicos, Assis Esperança completou a sua notavel obra, pondo na boca do protagonista tudo quanto se pode dizer sobre a tuberculose, os mais recentes tratamentos, as melhores informações medicas, os casos mais notaveis de doença, os nomes de todo o mundo que se tem notabilizado na cura... E tudo reflectido cheio de deduções, amargo e cruel na decepção de um condenado á morte lenta, visivel, compreendida...

O sr. Assis Esperança deve, no entanto, aperfeiçoar a revisão dos seus livros para não aparecer a todo o momento *«revoltar-mo-nos»* ou *«encaminha-mo-nos»*, como a pg. 64 e seguinte. Um pequeno nada que desfeia o todo homogeneo, grande da sua bela obra.

INFANTA, por *Manuel de Figueiredo*, Ed. do auctor.

«Diz a lenda que certo poeta se apaixonou por uma filha do Rei D. Manuel I, o Venturoso...

Este livro não é, nem mesmo em sua origem, a historia do amor do poeta e da Princeza, ou uma evocação da côrte manuelina.

Só depois de abstractamente ter *«vivido»* o sonho das descobertas e das conquistas e de ter encontrado, para mim, o seu significado, procurei as personagens, fixei os seus falnes?, defini as suas atitudes e os seus gestos.

Tem, portanto, êste livro um sentido mais alto e mais profundo. E' a tragedia de um momento que passou e a crença, a fé, a certeza, num momento que ha de vir. E' o triunfo eterno da Raça perante o Mundo, os Homens e o Destino.»

Assim fala no curto preambulo do seu livro o autor do *Infante*. E na obra o mesmo cunho alevantado, a mesma aspiração se sente em cada frase burilada. Em três actos, ou três jornadas, sem acção teatral, porque os proprios personagens são simbolicas, lê-se com enlevo, como a obra em prosa de um bom poeta.

O misticismo da sua linguagem aparece claramente no trecho que gostosamente transcrevemos:

«São como mãos do Destino aquelas naus!

Elas andam buscando, a toda a hora, o nume do maior que Deus creou! Andam buscando, perdidas entre as ondas, os reinos da luz e do misterio, os reinos das pedrarias e do oiro!

Errantes, sem rumo, á aventura, foram quebrando o feitiço ás ilhas perdidas do mar! As ilhas, castelos encantados, que, por nossa voz, despertaram a cantar!

São como nossas mãos aquelas naus!

Dia a dia, andam realisando o nosso sonho!

Abrindo nossos olhos deslumbrados ante horizontes nossos e estranhos! Por elas, transfigurado, o mundo acorda, desperta, da noite negra! Por elas o mar e a terra são maiores! Por elas o ceu tem mais estrelas!

Sao como mãos do Destino aquelas naus! São como nossas mãos! São como mãos de Deus!»

E o autor da *Oração á Raça*, todo poeta, todo em extase virado para o passado, mantem assim a sua forma delicada de escrever. Livro inutil para as multidões, figura bem numa estante, ao lado de todas as obras que os espiritos lunaticos, videntes, poeticos em miragens patrioticas conceberam na era frenetica actual.

AMOROSA, por *Beatriz Delgado*, Ed. Portugalia, Lt.ª, Lisboa.

Amorosa é a autora. Num livro de versos de uma mulher o que interessa sempre é... a autora. Pregunta-se sempre: o que foi que lhe aconteceu para ter feito um livro de versos.

Em geral, foi *êle* que a abandonou; outras vezes, é *ela* que tem desejos de ver o nome na capa de um livrinho; outras ainda, é uma isca... Bom, isto não vem para o caso. A' autora da *Amorosa* sucedeu o previsto.

«Partiste, meu amor, ha só instantes...»

E foi por isto que brotou felizmente para a literatura a *Amorosa* livro. Sonetos, sempre rodeando aquele tema intimo do verbo *amar*, ora transparecendo sob ingenuas frases de comedia antiga

«Hontem á noite, ó meu gentil Senhor,»

ora descendo a epitetos quasi pires

Perdôa, meu amado, minha flor,
O modo brusco, tolo e insolente,
com que esta manhã, eu imprudente,
ousei falar-te, meu gentil amor.

Ora é cheia de lamuria, ora nos arrepia com um ou outro verso destrambelhado:

Na fria cela dum convento, em Beja,
Uma triste mulher chora e medita;
Ninguem suspeita, nem a causa veja
dum tão grande castigo e tal desdita.

Mas, no fim, espremido, rescende apenas o perfume das rosas com que é feito. Pode lá uma mulher fazer um livro mau?! E, então, sendo *Amorosa*, com êste temperamento lirico, melodioso, tristemente apaixonado da sr.ª D. Beatriz Delgado?!

Apenas se fica a pensar se todos os amorosos e todas as amorosas nos fizessem o seu livro de impressões! Porque, sim, afinal todos êles são... *namorados*.

EXAMES PERICIAIS NO CADAVER DO DR. SIDONIO PAIS, por *Asdrubal de Aguiar*, Lisboa.

Eu divido sempre os homens em três categorias: os que trabalham, os que fingem que trabalham e os que nunca souberam o que é trabalho.

A minha admiração é imensa pelos primeiros. São a infima parcela. Os que produzem obras uteis num paiz em que tudo se desagrega, em que só se vive a cochichar poesia, ou a cantar os feitos do Vasco da Gama, são heroicas figuras contemporaneas. Conheço uma meia duzia, trabalhando no recanto dos seus gabinetes, na acção das suas fabricas ou honrando-nos perante o estrangeiro.

Esta obra de trabalho, apresentada modelarmente, ultima palavra sobre a sua especialidade, demonstrando serviços explendidos e um espirito de direcção inteligente, culto, chama de novo a atenção para o que acabo de expôr. Um nome me surge de trabalhador, Asdrúbal de Aguiar; uns serviços passo a apontar como caminhando em progresso no meu paiz, os do Instituto de Medicina Legal!

ARMANDO FERREIRA.

REGISTO DE ENTRADAS

«O homem lobo do homem», Agostinho de Campos.

«Visinhos do mar», Julião Quintinha.

«O Conde Castelo Melhor», Cesar da Silva.

Na fornalha...

Outro "complot"?

Os jornais da manhã referem-se sem hesitação, ás manobras conspiratorias que são, aliás, do dominio publico.

Tratando-se, pois, de factos do dominio publico, nada nos impede de informar os leitores de «A Capital», na parte, é claro, que lhes possa interessar.

Segundo uma versão, que anda de boca em boca nos centros de reunião, duas conspirações estão em marcha: uma republicana e outra monarquica. A primeira é, evidentemente, mais forte, numerosa e coesa; isso não impede, porém, que a segunda exista tambem.

O governo está, aliás, ao facto do que se anda a tramar. O sr. presidente do Ministerio e ministro do Interior tem mandado chamar ao seu gabinete muitos dos individuos apontados como chefes de grupos revolucionarios. De todos tem recebido as mais categoricas afirmações de submissão. E' de crer, pois, que o sr. Antonio Maria da Silva se não sinta muito apreensivo.

Eugenio de Castro

Tenho aqui sobre a minha mêsa de trabalho, ao pé dum ramo de violetas, o ultimo livro de Eugenio de Castro: «A tentação de S. Macario». O poeta glorioso da «Salomé» cujas rimas tem a suntuosidade das joias continua a ser uma especie de «Médicis» do verso que cantasse, sorrindo entre um movel velho e uma figura heraldica, as vestes das imperatrizes bizantinas e as mãos das princesas medievaes, os amôres brancos das éclogas e os pecados floridos dos santos...

Quando, ainda ha pouco, me encontrei em Lisboa com esse raro temperamento de artista que é Fausto Gonçalvês—o delicioso pintor de Coimbra, jurou-me, com desvanecimento, na homenagem que a sua cidade vai prestar, pela voz da nova geração, em honra do grande poeta da «Belkiss» e do «Anel de Policrates». Todos nós, portuguses, temos o dever intelectual de nos associarmos á homenagem de Coimbra. «Os poetas—disse-o creio que Huysman—são o mais alto expoente moral duma raça». Saudemo-los, pois.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

Adiamento do Parlamento

Sim ou não?...

Ainda o Congresso não se encontra constituido e já se fala no seu adiamento e com autorisação que o actual governo lhe vai pedir. Se o facto se verificar, os lealistas opor-se-hão, resolutamente, apoiados talvez, por parlamentares de todos os lados do Congresso, até mesmo dos democraticos.

A sessão legislativa anuncia-se, pois, bastante movimentada. E se o governo pedir o adiamento parlamentar é bem possivel que não consiga vencer as resistencias parlamentares que vai encontrar, algumas delas destinadas, talvez a surpreende-lo.

"Os Sports" no Porto

O numero especial de amanhã

O jornal *Os Sports* publica ámanhã, 19, um numero especial de 6 paginas dedicado á capital do norte.

O esforço que êste nosso colega está desenvolvendo no sentido de propagandear o *sport* em Portugal é simplesmente enorme. O numero de ámanhã, em homenagem ao Porto, é mais um poderoso agente que vai intensificar as relações sportivas entre as duas maiores cidades do paiz.

Os Sports percebe, e muito bem, que temos de abandonar, de vez, o espirito clubista e darmo-nos as mãos para que avancemos a passos largos no caminho do progresso. Um bravo pela sua iniciativa.

Para preparar o numero de ámanhã, *Os Sports* enviou ao Porto dois dos seus redactores, srs. dr. Salazar Carreira e Borges de Castro, que, na capital do norte, foram gentilmente recebidos.

Os *sportmen* do Porto acolheram com entusiasmo a iniciativa de *Os Sports*. Assim, no numero de ámanhã, encontrarão os leitores do jornal interessantissimos artigos e entrevistas sobre a capital do norte. Entre outros, colaboram neste numero de *Os Sports* os srs. Armando Gonçalves, Fernando de Barbedo, Marques da Fonseca, dr. Franklin Nunes, Adolfo Gesta, Silva Gav. João Gomes de Oliveira, etc.

A PATUSCADA DOS CONGRESSOS ECONOMICOS

A ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUÊSA

AO SR. DR. NUNO SIMÕES

No meu animo a jornada de Coimbra não deixou melhor impressão do que a jornada anterior do Porto. A ambas presidiu o mesmo espirito, em ambas as Forças Vivas consumiram-se numa alegre patuscada em comer, beber, e não sei se fizeram mais alguma coisa.

Em todo o caso divertiram se.

Veja o leitor se tenho razão no que digo. Consultando o relato das sessões do Congresso de Coimbra, tal como veio nos jornais, vê-se que a maioria dos seus trabalhos foi o regime pautal. Em face disto a conclusão que logicamente se tira é que a reunião de Coimbra não foi um Congresso Economico, mas um Congresso da Especulação.

E' o Alto Comercio e a Alta Finança, é a Rua do Comercio, a Rua do Ouro, o Chiado, que o promoveram e manobraram para se governar.

Porque, vá ainda um pouco de logica. O congresso ocupou-se do regime pautal e discutiu-o como motivo fundamental dos seus trabalhos. Mas qual o sentido do regime pautal? Regular o movimento de importação e exportação.

Teve-se em vista facilitar a importação de produtos estrangeiros, deixando de a sobrecarregar com o encargo de pesados onus alfandegarios? E' governar-se o comercio, mas matar a produção nacional.

Teve-se em vista provocar a saida dos produtos nacionais facilitando-a por todos os meios? Mas como se a nossa produção é escassa, e tão miseravel e deficitaria no continente, que não temos produtos para exportar?

Parece, por isso, que a primeira preocupação do Congresso Economico de Coimbra, a sua preocupação basilar, devia ser, se é que as palavras teem um sentido rigoroso na sua expressão a criação de materia prima sobre que se exerça a acção do comercio, isto é, a criação de riquesa.

E a unica fonte desta criação em Portugal está no manancial alimentado pela agricultura e pela pesca, mas mais pela agricultura.

Por isso eu pensava:

a) Que o fomento da riqueza rural existente e a criação de nova riqueza agraria seriam o principal objectivo do Congresso de Coimbra, já que o não foram do Congresso do Porto.

b) Que a Associação Central da Agricultura Portuguesa teria no Congresso da cidade do Mondego o melhor ensejo de erguer a sua voz forte e autorisada em defesa dos interesses que lhe estão confiados.

E nestes termos eu pensava que o termo dos trabalhos do Congresso Economico de Coimbra versaria sobre:

c) Rapido e imediato inquerito á vida agricola do paiz formulando-se as bases rigorosas com que esse inquerito seria feito.

d) Remodelação dos serviços oficiais de Agricultura nos precisos termos do significado do inquerito, mantendo-se apenas as tres direções fundamentais da industria rural-agricola, pecuaria e florestal—de modo que o organismo oficial verdadeiramente correspondesse a um real e efectivo progresso agricola, e não como agora apenas servisse para os funcionarios receberem no fim do mez os seus vencimentos. O ministerio da Agricultura foi criado em 1918 e até hoje alguma coisa que ha de bom é a da antiga Direção Geral da Agricultura.

e) Que seria apresentado concreto é preciso o plano completo dos serviços de hidraulica agricola para aumento da nossa superficie irrigada obtido por um racional aproveitamento dos cursos de agua.

f) Que seria apresentado o plano completo, concreto e preciso, da catalogação das nossas industrias agricolas por meio de cadastração e cartografia.

g) Que se esforçasse para que fossem mantidos e dotados os estabelecimentos agricolo-pecuarios, de modo a corresponderem nobremente á missão que são chamados a exercer e não os organismos inertes que ha por ai, alguns até contraproducentes.

h) Que para salvar a enorme riqueza animal, que anualmente os flagelos dos gados arrebatam tomando por vezes proporções seriamente devastadoras, fossem montados os serviços de defesa sanitaria dos mesmos de maneira a salvar a parte possivel dessa riqueza, por intensa laboração de soros e vacinas nacionais, por uma solida organização de serviços veterinarios municipais e por uma condensada rêde de mutuas pecuarias lançada sobre o paiz, tendo por apoio o seguro para exato cumprimento das medidas de policia sanitaria, numa certeza para o combate dos epizootias.

Eu pensava que no Congresso do Mondego por tudo isto a Associação Central de Agricultura se empenharia, quando com espanto vi que por parte dela e em nome dela nem uma se ergueu em Coimbra. Muda e queda. A Associação Central de Agricultura Portuguesa dormiu pois, e quando a Associação Central de Agricultura Portuguesa dormita costume Horacio convem esperar... que acordo do seu letargo. Esperamos.

E' verdade que, por questões agricolas, o sr. Nuno Simões versou o tema do «Credito Agricola».

Mas eu, por mais que rebuscasse nos jornais o seu intento, não fui capaz de o encontrar. E como tenho seguido de porto esta questão, e o sr. dr. Nuno Simões folgará em que uma ampla discussão recaia sobre o seu trabalho, espero que publicará a sua tese na «Patria» e levará a sua amavel condescendencia ao ponto de me mandar, R. dos Industriais, n.º 25 r/c. E. S. C., o exemplar em que isso vem.

Porque francamente, sr. dr. Nuno Simões, jornais a tostão é um luxo só para ricos e não para humildes funcionarios como

LUDOVICO DE MENEZES.

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DAS OPINIÕES DA MOCIDADE

A mocidade portuguesa, á qual em pertenço quer queira quer não, pela força das circunstancias e da minha idade, tem nestes ultimos tempos manifestado publicamente as suas opiniões sobre o futuro de Portugal.

Todos eles são radiosamente optimistas.

E fundam o seu optimismo nas qualidades da raça e na vontade de vencer e de triunfar.

Eu sou, igualmente optimista e creio sinceramente na obra da mocidade.

Mas eu entanto não vejo tão rapido nem tão brilhante esse triunfo que se anuncia. E não o creio porque, conhecendo a mocidade, não lhe encontrei ainda as qualidades que lhe vejo atribuidas.

E' este um assunto interessante e que merecia um estudo consciencioso e desinteressado.

E talvez que, uma vez conhecidas e analisadas as faculdades desta mocidade, ela se resolvesse a não deixar por mentirosos aqueles que vem nela o futuro brilhante desta raça fatalista que a longa permanencia nos sonhos da Africa atacou da doença do sono.

BOTTO DE CARVALHO

* * *

O ministro da marinha, dos Estados Unidos, sr. Denby, participou á Comissão Naval da camara dos deputados que tinha aconselhado que o numero de marinha, no novo ano economico, fosse de 90000 homens e 63000 praticantes, em logar de 100000 homens e 60000 praticantes autorisados. Recomendou tambem que não se reduzisse o numero dos oficiais combatentes e se deixasse de construir 100 «destroyers».

O ministro calcula que com este programa se conseguirá uma economia anual de 17500000 libras.

* * *

O ulmeiro plantado em «Central Park» por Eduardo VII quando ainda principe de Galles, foi mandado cortar.

A arvore que tinha 55 polegadas de diametro, ha meses que estava sêca.

* * *

Um telegrama da Roumania diz que devido ao intenso frio uma alcateia de lobos atacou atrevidamente, em pleno dia, a aldeia romaica de Petroupi.

Ouvindo os gritos das pessoas atacadas nos arredores da aldeia, os camponios saíram das suas casas armados de machadinhas e forquilhas. Os lobos bateram-se valentemente com as suas presas e antes de conseguirem afastá-los do povoado, derrubaram e mataram 13 pessoas.

As letras

Gomes Ferreira cujo ultimo livro de sonetilhos «Longe» alcançou um tão merecido sucesso vai publicar em breve um novo livro de versos «Floresta adormecida».

—O proximo livro de Julião Quintinha intitula-se «Terras de fogo».

PELO TELEGRAFO

Em volta da conferencia de Genova

A nota de Poincaré e a atitude dos Estados-Unidos

NEW-YORK, 17. — A resposta do presidente Harding ao convite para tomar parte na conferencia de Genova foi sustada em vista da nota de Poincaré pedindo o adiamento da conferencia. Sente-se em Washington que se criou uma nova situação que obriga o governo a anunciar oficialmente que os Estados Unidos não podem tomar parte numa conferencia economica da Europa, sem que antes as nações europeias tenham tomado medidas para equilibrar os seus orçamentos e pôr cobro ao aumento da circulação fiduciaria.—(Lat. Am).

A Polonia, Tcheco-Slovaquia, Romania e Yugo-Slavia tomarão parte nos trabalhos preparatorios

PARIS, 17.—Consta á Agencia Havas que se chegou a acordo entre a França e a Inglaterra sobre a forma de permitir a participação da Polónia, da Tcheco-Slováquia, da Romenia e da Yugo-Slavia no exame perliminar da parte tecnica do programa de Genova por peritos aliados, representando os ministros em Londres a Pequena Entente nesses trabalhos. Os peritos franceses prosseguem activamente o seu estudo, mas, em consequencia da complexidade dos problemas, não fornecerão as suas conclusões antes de 8 dias.—(H.)

Os pontos de vista de Poincaré estão destinados a insucesso

LONDRES, 18.—Julga-se que os pontos de vista de Poincaré, sobre a conferencia de Genova, estão condenados a um insucesso completo porque o governo inglez ainda não se conformou com o adiamento da conferencia de Genova nem com o convite a fazer á Polonia e á Tcheco-slovaquia para tomarem parte numa conferencia preliminar.—(R.)

A pequena-entente na conferencia

ROMA, 18.—Não vai longe o tempo em que a Italia vivia em excelentes relações com a Pequena Entente. Se esta fosse á conferencia de Genova, lembrando-se de que não foi excluida das conversações preliminares, em consequencia de uma conferencia entre o «Foreig Office» e o embaixador da Italia em Londres, estaria a conferencia de Genova mais bem preparada para trabalhar para o apaziguamento da Europa.—(Lat. Am.)

A conferencia sò se realisará a 25 de março

PARIS, 18.—Apezar da insistencia de Lloyd George na data de 8 de março para a reunião da conferencia de Genova, parece que a sessão de abertura se realisará só a 25 de março.—(Lat. Am.)

As reparações

A Alemanha fez o quarto pagamento

PARIS, 17.—Noticia o «Temps» que a Alemanha preveniu a Comissão de Reparações de que efectuou em divisas estrangeiras, em bancos nacionais designados pelo «Comité» de garantias, o quarto pagamento decenario de 31 milhões de marcos ouro.—(H.)

Um incidente da Comissão com o governo?

PARIS, 17.—Um comunicado da Comissão de Reparações declara que, em contrario de certas informações da imprensa, a Comissão não teve na quarta-feira qualquer sessão oficial nem oficiosa e que o sr. John Bradbury não teve nesse dia qualquer conversação com os membros dessa Comissão. Desde que, por carta de 30 de Janeiro, a Comissão se dirigiu ao governo para saber se a questão dos pagamentos alemães em 1922 seria regulada por eles ou pela Comissão, esta não voltou a discutir, nem oficiosa nem oficialmente, as medidas que tomaria, a dar-se a segunda eventualidade.—(H.)

A situação na Irlanda

LONDRES, 18.—Na Camara dos Lords o ministro da Fazenda reconheceu que a situação é gravissima na Irlanda. O governo provisorio tem que lutar com formidaveis obstaculos.

Na Camara dos Comuns o ministro das Colonias leu um telegrama de Belfast, no qual o primeiro ministro do Ulster informa da indignação provocada em todo o noroeste da Irlanda, por não terem ainda sido postos em liberdade os orangistas sequestrados pelos «sinne-feiners».—(Lat. Am.)

Conselho de ministros

O conselho de ministros voltou a reunir-se hoje de tarde na secretaria do Interior, ocupando-se ainda da redação da declaração ministerial, que o chefe do governo vai ler ao Parlamento.

A gréve dos maritimos

Reuniram-se hoje pelas 15 horas no seu sindicato as classes maritimas que apreciaram as démarches realisadas pela comissão de melhoramentos e saudaram o sindicato da Carris.

A gréve continua sem solução.

A vida na Russia dos "soviets"

Como se absorvem as receitas publicas

O funcionalismo é um flagelo. Os famintos

Com as mais sombrias côres se tem pintado a situação economica da Russia sob o regimen dos soviets. Ora sem contestar a parte de verdade que nesses quadros se descreve, nada entretanto pode falar tão alto como a eloquencia dos algarismos.

Duas observações preliminares são necessarias: em primeiro lugar não se deve esquecer que no momento da declaração da guerra em 1914 o rublo valia 2 fr. 36; hoje, 15:500 rublos valem 1 franco (taxa oficial, porque, em verdade, são necessarios 20 a 25:000 francos para ter o valor de 1 franco).

Depois deve-se notar que, em virtude de um decreto sovietista, toda a gente na Russia deve servir o Estado; só são isentos os rapazes de menos de 16 anos e os homens de mais de 45. Portanto, 80 por cento da população está á disposição dos soviets, população que se compõe de operarios, de funcionarios, da classe média burguesa e do exercito vermelho.

Quanto aos outros 20 por cento são aqueles que, por meios «acrobaticos», conseguiram subtrair-se ao serviço sovietista.

E agora vamos á lição dos algarismos.

Os funcionarios estão divididos em 30 categorias. Os seus vencimentos variam entre 1:200 a 32:000 rublos por mês, compreendendo as horas suplementares e as gratificações. Os funcionários são, além disso, oficialmente autorizados a aumentar os seus recursos, apresentando aos seus chefes notas ficticias de despesas com carruagens, viagens, etc. Desta forma conseguem reunir algumas centenas de mil rublos, de suplemento. Os chefes fazem a mesma coisa, aumentando as despesas ficticias segundo o seu grau de hierarquia.

Afora estas receitas, os funcionarios, operarios e membros do exercito vermelho recebem um «paioque», isto é, uma ração mensal de 35 libras de farinha, 2 libras de sal, 1 de assucar, 6 de arenques, 1/2 de gordura ou azeite vegetal, 1/4 de café ou imitação de café, 1/4 de tabaco e 4 caixas de fosforos.

Muitos dêles conseguem ainda varios casos administrativos sem nunca pôrem os pés nas repartições, mas quadruplicando ou quintuplicando os seus vencimentos e rações.

Os 20 por cento que formam a segunda categoria, aqueles que não servem, recebem um quarto de libra de pão negro por semana e ainda, mas por mês e irregularmente: meia libra de sal, uma e meia de arenques, um quarto de café, duas caixas de fosforos e, ás vezes, um quarto de libra de tabaco.

Ha tambem uma terceira categoria, chamada academica, que recebe uma ração pouco melhor, mas insuficiente para o seu labor intenso.

Entretanto, os secretarios do povo vivem esplendidamente. Um dêles, por exemplo, está instalado no Kremlin, no lugar em que outrora se instalava o secretario da grã-duquesa Elisabeth Feodorowna. Tudo é luxo e abundancia.

Os camponeses

Ora o mesmo luxo e a mesma abundancia se encontra no campo. A' excepção da região do Volga, onde a fome reina, nada falta. Os lavradores trocam os seus produtos por toda a especie de coisas que lhes levam os habitantes da cidade. E' facto que são obrigados a ceder uma parte das suas colheitas aos soviets; mas arranjam sempre maneira de ficar com uma grande parte dessas colheitas.

Vejamos em que condições pode viver, na cidade, uma familia composta de três pessoas. Tomando como base os preços do mês de novembro, temos:

5 libras de pão negro, 20:000 rublos; 4 libras de batatas, 8:000 rublos; 1 1/2 libras de carne, 19:500 rublos; 1/2 libra de sal, 435 rublos; 1/2 libra de gordura, 5:000 rublos; 1 garrafa de leite, 5:000 rublos; 1/4 de assucar, 10:000 rublos; 1/2 quarto de café, 8:125 rublos; 1 1/2 libras de milho, 13:500 rublos.

Tudo isto soma um total de 2:686:800 rublos por mês. Mas é necessario ainda acrescentar a casa, a luz, o aquecimento, o vestuario e o calçado. Um fato custa cêrca de um milhão de rublos e um par de botas 500 mil rublos.

Quanto á roupa branca, na maior parte dos casos consiste apenas numa blusa de côr, que faz ás vezes duma camisa.

A especulação

Como se pode encontrar recurso para tanto? Especulando. De facto, a especulação substituiu o comercio e a industria. Homens, mulheres, crianças, novos e velhos, simples funcionarios ou altos funcionarios, toda a gente especula. Ha uma só diferença: os pequenos especulam com cigarros, nos angulos das ruas, ao passo que os altos comissarios especiais exploram com vagons e comboios inteiros de mercadorias, quer de abastecimentos, quer de produtos quimicos, materias primas, etc.

Em setembro de 1921 produziu-se uma alta consideravel e os especialistas que ganhavam 8 a 12 milhões por mês principiaram a considerar-se pobres em razão da carestia da vida.

Em tais condições, dois fantasmas se erguem a todo o instante diante da imensa maioria dos habitantes das cidades russas: a fome e o frio. A fome, porque o prato do dia compõe-se de batatas geladas. O milho tornou-se prato de luxo. O pão negro é execravel: encontra-se nele serradura de madeira e outras materias estranhas ao pão! O chá é substituido por fôlhas de batata, sêcas, ou por fôlhas de morangos. O assucar, que outrora se exportava, desapareceu. Não ha manteiga, nem ovos, nem muitos outros alimentos indispensaveis ao organismo humano.

Só os altos funcionarios do exercito podem adquirir patos, tal é a sua carestia. E' frequente encontrarem-se criaturas educadas e instruidas, como, por exemplo, advogados e medicos, terem por unico calçado umas chinelas, presas por fitas. E' que, como acima fica dito, cada par de botas custa a bagatela de 500 mil rublos!

O frio

Mas o flagelo mais terrivel é o frio. Em novembro de 1921, um metro cubico de lenha custava cêrca de 500 mil rublos, porque a venda era proibida e só se podia adquirir ás escondidas.

O aquecimento central funcionava em todas as casas, ou na maior parte; hoje, porém, não existe nada que possa atenuar o frio imenso, porque a lenha é carissima e o carvão só entra nas casas dos privilegiados.

Compreende-se que ninguem, ou pelo menos, rarissimas pessoas dispõem de 500 mil rublos para se aquecer. Os proprios funcionarios, além de estarem nas suas repartições com os sobretudos vestidos, levam para lá as cobertas e mantas de cama.

Até o mês de setembro ultimo, a luz, a agua, os teatros, os selos e a alimentação eram gratis; hoje tudo se paga e, para mais, os impostos aumentaram. Os preços das habitações são fabulosos. Um quarto, com agua e luz, custa 50 mil rublos por mês, isto para os que já o possuiam. Mas para os que ainda procuram alojamento o caso fia mais fino.

Para obter licença de alugar um quarto é necessario contribuir com um «cantaro de vinho», no valor de 1 a 2 milhões de rublos; para alugar uma casa são 10 a 15 milhões de rublos, que custa o «cantaro de vinho»; se se trata de um local comercial, o imposto do referido «cantaro de vinho» — vai até 80 milhões de rublos. Para uma casa é calculado o imposto á razão de 500 mil rublos por 4 metros quadrados.

Foi novamente permitida a liberdade de comercio, tendo aberto os mercados e alguns estabelecimentos; mas os preços são tais, que só vão a êsses mercados e estabelecimentos os comissarios do povo, os grandes especuladores e, emfim, os privilegiados.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

4205 — 60.000$00

416	10.000$00
7419	4.000$00
4066	2.000$00

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã no São Luiz

Damos em seguida, completo, o magnifico programa de concerto de amanhã no São Luiz da Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Blanch e em que pela unica vez toma parte o grande pianista Viana da Mota:

1.ª parte — I «Flauta magica», ouverture Mozart; II «Danças Espanholas», Granados, a) Oriental; b) Andaluzo; c) Rondala, Orquestração de Lamothe de Grignon.

2.ª parte — III «Concerto em sol maior» op. 58, Beethoven, para piano e orquestra, a) Allegro moderato, Cadencia de Hans de Bulow; b) Andante con mote; c) Rondo-Vivace-Cadencia de Bulow.

3.ª parte — IV «Scherzo», 1.ª audição, Alberto Fernandes; V «Rapsodia Hungara em Dó», Lizt.

ULTIMA HORA

BOATOS...

Ordem Publica

Varios movimentos e uma gréve revolucionaria na forja

Os boatos de alteração da ordem publica que ha dias tem corrido em Lisboa, voltaram hoje a ser mais insistentes. Afirmava-se que era inevitavel mais um movimento militar que dirigido por um oficial general em destaque, tinha o fim de derrubar o governo, pelo simples motivo deste ter saido do partido democratico.

O parlamento não seria poupado e portanto mais uma vez dissolvido, contribuindo para tal resolução o facto da comissão de verificação de poderes não reconhecer como deputados todos os que não façam parte da coligação democratico-liberal.

Estes boatos chegaram ao conhecimento do governo que, como é natural tomou as suas precauções, mandando vigiar os elementos apontados como colaboradores da nova revolução a qual segundo os boatos deverá rebentar o mais tardar na 2.ª-feira proxima. Diz-se no entanto que o governo, senhor da situação, dominará com facilidade qualquer pronunciamento que se dê nos quarteis porquanto conta com elementos da maior confiança dentro dos referidos aquartelamentos.

Está tambem o governo informado de que elementos avançados trabalham activamente para levar a cabo uma gréve revolucionaria a declarar-se em breves dias. Este movimento tendo por motivo, a constante e cada vez mais crescente carestia da vida foi largamente discutido nas varias federações as quais aprovaram a declaração da gréve, surgindo depois uma moção dando a essa gréve um caracter revolucionario o que tambem foi aprovado pelos sindicatos.

O movimento grevista do pessoal de Carris, bem como o despedimento dos operarios da Construção Civil das varias obras, pelos respectivos mestres e construtores, veiu agravar a situação aliás, considerada magnifica para os seus malevolos designios, pelos inimigos da ordem e pelos pescadores de aguas turvas. Esperando estes que seja o operariado quem primeiro se manifeste para então depois procederem conforme julguem mais conveniente.....

Por sua parte os operarios da Construção Civil resolveram retomar o trabalho exigindo dos mestres que os despediram, o pagamento dos dias em que as obras estiveram paralisadas, deliberando mais ainda caso as ferias lhes não fossem satisfeitas, saquear as obras retirando delas todos os materiais.

Os mestres e constructores pesando talvez as gravidades da situação oficiaram ao sr. Governador Civil e á C. G. T. declarando que abririam as suas obras depois de amanhã. Só falta agora ver se os dias de paralisação do trabalho serão ou não pagos.

Tambem ao fim da tarde de hoje se afirmava que o pessoal da Companhia dos telefones estava na disposição de a declarar em greve o mesmo se dizendo do pessoal dos correios e telegrafos.

O que tudo indica é que alguma mola por emquanto invisivel, procura criminosamente mais uma vez lançar o paiz na desordem e na indisciplina.

Oxalá uma aragem de patriotismo e de bom senso refresque os cerebros dosexaltados...

* * *

As comissões politicas do P. R. P. reunidas aprovaram a seguinte moção:

«As comissões de Lisboa do P. R. P. saudam e apoiam o governo da presidencia do ilustre homem publico engenheiro sr. Antonio Maria da Silva e protestam contra os constantes e criminosos boatos de alteração da ordem publica postos em circulação por verdadeiros inimigos da Patria e da Republica.

A noite tragica

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque enviou hoje de tarde á 1.ª divisão do exercito parte do processo referente aos acontecimentos da noite tragica de 19 de outubro ultimo.

Os oficiais presos na Torre de S. Julião ficam á disposição da Justiça Militar.

O tribunal especial para julgamento dos crimes da "Noite Tragica"

Um jornal da manhã desmentiu categoricamente a noticia que ontem demos acerca da proposta de lei criando um tribunal especial para julgamento dos indiciados nos crimes da «Noite Tragica». Um outro, tambem da manhã, confirmou a noticia, rectificando, todavia, que a iniciativa não partiria do governo, mas sim do centro da Camara dos Deputados.

Informações complementares, colhidas esta manhã, estão de acordo com esta segunda versão, com a diferença, porem, que o governo está de acordo com a atitude do tal grupo do centro. Cremos que a alusão ao centro da Camara se refere aos parlamentares liberais, dos quais uma parte, constituida pelos antigos unionistas, apoiam decisivamente o governo.

A greve dos eletricos

Numa conferencia que hoje se deve realisar entre o sr. coronel Freiria e o chefe do governo deve ser tratada a possibilidade de virem a ser postos em circulação alguns carros eletricos.

A greve continua no entanto no mesmo pé, tendo reunido esta tarde na respectiva associação de classe, o pessoal em greve.

Posse do novo ministro da Justiça sr. dr. Catanho de Menezes

Como estava determinado, o chefe do governo acompanhou hoje, pelas 14 horas, á Presidencia da Republica, o sr. dr. Catanho de Menezes, que, perante o chefe do Estado, prestou o compromisso de honra como ministro da Justiça. Em seguida, efectuou-se a posse na secretaria da Justiça, perante numerosa concorrencia, assistindo ao acto o chefe do governo e os srs. ministros da Guerra, Colonias, Comercio, Estrangeiros e Agricultura.

Falou, primeiramente, o sr. dr. Vasco Borges, que estava exercendo interinamente a gerencia da pasta. Fez o elogio do sr. dr. Catanho de Menezes como jurisconsulto e velho republicano. Em seguida, usou da palavra o sr. dr. Abranches Ferrão, que justificou os motivos porque não assistiu á posse dos outros membros do governo, concluindo por fazer o elogio dos srs. drs. Catanho de Menezes e Vasco Borges. Este magistrado voltou a falar para agradecer as referencias que acabavam de lhe ser dirigidas. Usou depois da palavra o sr. presidente do Ministerio, agradecendo ao sr. dr. Catanho de Menezes ter aceitado o encargo de gerir a pasta da Justiça e aproveitando a ocasião para tambem pôr em destaque as altas qualidades e faculdades de trabalho do novo ministro.

O sr. dr. Germano Martins, director geral de justiça, que se seguiu no uso da palavra, dirigiu os seus cumprimentos e os do pessoal seu subordinado ao novo ministro, afirmando que podia contar com a lial colaboração de todos os funcionarios do Ministerio da Justiça. O sr. dr. Germano Martins frisou a circunstancia de ser aquele Ministerio o unico onde rigorosamente foi cumprida a redução de pessoal e a compressão de despesas.

Por ultimo, falou o sr. dr. Catanho de Menezes. Justificou os motivos por que acedera em sobraçar a pasta da Justiça, dizendo que o fizera porque a lei organica do seu partido estipula que os individuos nele filiados não possam escusar-se ao desempenho de qualquer missão para serviço da Patria e da Republica. Fez uma larga exposição do seu modo de ver ácêrca das alterações a introduzir na organização judicial e nas leis do inquilinato e da imprensa, nesta, na parte que se refere á constituição do tribunal, e naquela, para evitar os abusos que constantemente são praticados por senhorios e inquilinos, defraudando o Estado e causando graves prejuizos a todos. Abordou, por ultimo, o problema da ordem, dizendo que ela é tão necessaria como o pão para a boca e o ar que respiramos.

Terminado o acto da posse, que, como acima dizemos, foi extraordinariamente concorrido, o sr. dr. Catanho de Menezes foi muito cumprimentado por altas individualidades politicas e amigos pessoais.

Fica a fazer serviço junto do novo ministro da Justiça o juiz de Almada, sr. dr. Antonio Rio.

O sr. dr. Catanho de Menezes escolheu para seu secretario o sr. João Saturnino Peres Gonçalves, funcionario do quadro da direcção, contribuições e impostos.

Bastidores do Parlamento

As eleições dos srs. Aires de Ornelas e Virgilio Costa já foram validadas

Alguns jornais partidaristas teem-se mostrado sucessivamente alarmados com as resoluções atribuidas ás comissões de verificação de poderes, tanto da Camara dos Deputados, como do Senado, mas principalmente da Camara dos Deputados. O susto foi extemporaneo.

Sabemos, por exemplo, que já foi assinado o acordão validando a eleição do sr. Aires d'Ornelas, chefe supremo dos partidarios que ainda votam no pretendente sr. D. Manuel. Houve, é certo, quem aventasse a hipotese da inegibilidade do sr. Aires de Ornelas, fundada no artigo da lei que nega direitos politicos aos individuos que sofrerem condenação por crime de rebeldia. Prevaleceu, contra esta opinião, uma outra, a nosso ver a unica de valor positivo: O sr. Aires de Ornelas fora beneficiado pela amnistia da Republica e com este acto apagou, para sempre, todos os efeitos da condenação e até mesmo a propria condenação, em conformidade com o «perpetuo silencio» ordenado pela amnistia.

Falou-se tambem no sr. Virgilio Costa. Este deputado tambem será proclamado, porque a comissão de verificação de poderes lhe validou a eleição, aliaz nunca seriamente contestada.

Quanto á eleição do sr. Julio Dantas, a comissão do Senado mandou repetir o acto eleitoral numa assembleia do circulo, naquela, precisamente, onde este ilustre e antigo parlamentar dispõe de influencia minima. Pode acontecer, por isso, que ele venha a ficar fóra do Parlamento.

Na segunda-feira, pois, devem ficar definitivamente organizadas as duas casas do congresso. Os acordãos das comissões de verificação de poderes serão lidos na Meza, com excepção daqueles que já tenham sido publicados no Diario.

Os parlamentares serão proclamados. E seguir-se-ha, imediatamente a eleição das Mezas das duas Camaras.

A eleição, para presidente da Camara dos Deputados, do sr. Domingos Pereira, não está absolutamente assegurada. Ha quem lhe oponha o sr. Abilio Marçal. Em todo o caso, é mais provavel a eleição do primeiro que do segundo.

TEATRO

GENTE DE TEATRO

Maria Clementina

Realisa na proxima segunda-feira no teatro Chiado Terrasse a sua festa artistica, esta simpatica rapariga, excelente camarada e um dos mais prometedores elementos da companhia Luz Veloso.

«O Juiz de Fóra», em que Maria Clementina creou com muito espirito e leveza um engraçado papel, interrompe nessa noite a sua carreira para dar logar á chistosissima comedia de Camilo Castelo Branco, «O assassino de Macarios». Nela desempenha a festejada o principal papel feminino e terá ocasião de demonstrar mais uma vez os seus meritos de comediante inteligente e trabalhadora.

Maria Clementina tem a ajudar as suas aptidões naturaes e a sua figura elegente e graciosa, num grande desejo de triunfar. Seguindo com o maior empenho as indicações dos que teem sido seus mestres, ela busca o seu lugar na scena portugueza, sem pretensões e com vontade.

E' dentro de uma companhia um magnifico elemento e os nossos votos mais sinceros a acompanham pelo exito da sua carreira. A sua festa será uma merecida manifestação de simpatia á qual nos associamos.

Nota do dia

A epidemia dos beneficios

Nesta santa terra de epidemias, em que todas as manifestações de vida tomam um aspecto epidemico, tem-se desenvolvido assustadoramente a dos beneficios.

Perdão. Já me ia esquecendo de que hoje se não fazem beneficios, são festas artisticas. E' mais pomposo o nome e tem a vantagem de dar ao publico a impressão dum valor que não existe.

Porquanto não ha actor ou actriz de quarta categoria para baixo que não faça a sua festa artistica.

Bom será notar no entanto que festa artistica não é sinonimo de festa de Arte. E' apenas sinonimo de beneficio.

No entanto eles tiveram sua rasão um não querer mais pôr no cartaz o nome «deprimente» de beneficio.

Beneficio só os faz quem precisa. E os actores e as actrizes a hoje não precisam. Esta é que é a grande verdade.

Ganhando os ordenados que hoje ganham seria até ridiculo andar a pedir bilhetes para um beneficio. Limitam-se a realisar a sua festa a que o seu valor lhes dá direito. E esta fase não passa afinal da outra epidemia que anda a par. A dos grandes artistas. Hoje tambem todos se julgam primeiras figuras.

Mas o resultado afinal é que, quantos mais primeiros Artistas existem e tanto mais vão ganhando, menor vai sendo o valor do teatro portuguez. Existem na rasão inversa dos seus fatores. Quem me dera no tempo em que francamente ainda se faziam beneficios... a valor.

X.

S. CARLOS

Estreia do tenor Biolina

Em S. Carlos fez-se hontem a reprise da «Aida» para estreia do tenor russo do antigo teatro imperial de Petrogrado Stefan Biolina.

Alem desta modificação duas novas interpretações: Galli e Roggio.

O exito obtido pelo tenor Biolina excedeu os espectativas. Nas mais pequenas, coisas se revelou um artista notavel. Possuindo uma voz dum timbre extraordinariamente agradavel sabe conduzi-la muito bem, aproveitando-se da maneira feliz como faz os «smorzando» para tirar belos efeitos. Logo ao terminar a aria do primeiro acto teve uma grande ovação, sendo no entanto mais aplaudido ainda ao terminar o terceiro acto. Foi de facto superiormente brilhante a maneira como cantou o dueto com Aida.

Mas não foi só ao canto que Biolina se evidenciou.

A maneira como compoz a figura, o cuidado que lhe mereceu a caracterisação, os fatos que apresentou, as atitudes, todo um conjunto de perfeição que não é vulgar e que contribuiu poderosamente para o sucesso obtido.

A intuição dramatica é poderoso podendo-se considerar um belo actor.

A sr.ª Galli num papel em que se mostrou mais á vontade esteve sempre muito bem.

Roggio, lutando um pouco com a sua figura, foi duma grande correção.

Os restantes artistas mantiveram os creditos obtidos na primeira noite.

O maestro Gui mais uma vez viu o seu trabalho coroado dum grande exito.

B. C.

O "Dia de Juiso" no Apolo

Eduardo Schewalbach, que no teatro portuguez tem um logar de honra e de destaque terá hoje no Apolo mais uma noite de gloria com a «reprise» do «Dia de Juizo». Henrique Alves que pela primeira vez toma parte no desempenho desta revista decerto contribuirá para esse triunfo.

Bôas noites, minha senhora

AO ENTARDECER

Il est d'étranges soirs ou es fleurs "ont une âme

SAMAIN

A tarde cáia lenta, as horas despregaram-se pausadamente do grande relogio como receando entrar na vida, as visitas haviam-se retirado e pairava na sala um grande silencio misterioso.

Pouco a pouco ergueu-se um rumor vago e confuso, as flores que pendiam meias murchas no jarro inclinavam-se umas para as outras como se conversassem.

O rumor ia-se precisando e breve distinguiu-se claramente uma voz pequenina e debil que falava com suavidade:

—Mal sabem os homens que nós somos uma parte da sua alma e o melhor parte.

Houve um movimento de atenção entre as flores e uma folha de avenca perguntou curiosa:

—Que queres dizer, Violeta? Sempre julguei que nós tinhamos sido colocadas sobre a terra para a embelezar e recrear o olhar do homem, o filho predilecto de Deus, e agora dizes que somos parte da alma do homem...

—Sim, olha... nós, as violetas, somos as lagrimas de amor que a humanidade tem chorado. Deus transformou-as numa flor pequenina e perfumada para que mesmo a tristeza do amor sirva de consolo aos homens.

—E tu, Rosa que és?

—Eu sou toda a beleza e frescura da mulher que ela vai perdendo á medida que envelhece. Deus dá-a ás rosas, a formosura e viço a minha forma tão cheia de graça e se me acusam de orgulho é porque contenho no meu calice a vaidade de milhares de mulheres.

—Repara em mim, meudinha e azul, tão insignificante na aparencia mas tão querida de todos, interveio o myosotis, eu fui feita dos pensamentos carinhosos que se tiveram e se esvairam das caricias que se fizeram e se esqueceram das palavras de amor que se pronunciaram e que o vento levou, das promessas de fedelidade eterna que se juraram mas não se cumpriram.

A avenca escutara religiosamente atenta e indagou:

—E todas as flores compõem-se de sentimentos humanos despresados ou desvanecidos?

—Nem sempre do sentimentos, respondeu a Violeta, tu e os tuas irmãs, por exemplo, são formadas de sonhos desfeitos e ilusões perdidas, não vês como és leve e vaporosa, sem consistencia como o sonho, sem resistencia como a ilusão; Os cravos vermelhos são os mais alegres e vibrantes de gargalhadas espalhadas pelo ar, as margaridas são os sorrisos alegres e felizes que passam ás revoadas pela vida humana.

Emfim como to disso, nossas almas pertencem já á humanidade e é essa a razão porque homens e mulheres, nos admiram, nos amam e até nos beijam. Sem o saberem beijam em nós o que se evolou deles.

Levantei-me da poltrona onde me recostava, dirigi-me para as flores que ao sentirem os meus passos pendiam mais as suas cabecitas calando-se receosas; beijei-as uma a uma numa grande compreensão do amor que sinto por elas e sai repetindo as palavras de Samain:

«Ha tardes extranhas em que as flores teem uma alma».

MODAS

Os chapeus continuam de todas as formas e tamanhos, porém os mais chics são bastante grandes, com uma linda «violette» enfeitada a levissimos arabescos de «ciré» envolvem um rosto numa encantadora penumbra.

O cabelo cada vez se usa mais ás ondas largas e no rosto deve-se pôr uma tenue camada de pó de arroz. As elegantes agora teem de tomar muito cuidado com os olhos e tratar das suas sobrancelhas e pestanas, visto que a moda ordena que os olhos tenham um brilho desusado e que tanto as sobrancelhas como as pestanas sejam fartas.

HIGIENE DA BELESA

Par preservar a pe e

Quando estamos constipados são-os muito vezes receitadas inalações diversas que fazendo bem á compação prejudicam a pele. Neste caso conveniente untar a pele de lanolina ou vaselina a fim de a preservar os efeitos do remedio.

ARTE DE COSINHA

Salada japonesa

Este prato é bom para almoços ou ceias de aparato pois é bastante dispendioso.

Tiram-se da casca duas duzias de ostras e aquecem-se na sua propria agua deixando-se ferver durante dois minutos. Cozem-se mexilhões sem casca, 250 gramas de camarões e coza-se em fatias finas uma lagosta cosida em vinho branco com um golpe de vinagre.

Cosem-se egualmente ervilhas, feijão verde, alguns espargos cortados muito miudinhos, alcachofras em fatias finas, rodelas de beteraba e de tres batatas trufas cruas cortadas tres tiras e tres gramas de aipo tambem cortado em tiras, depois de ter estado durante duas horas em vinho d'olho.

Deita-se numa saladeira uma «mayonaise» bastante espessa que depois se tornará um pouco mais liquida com um copo de bom «champagne» misturado a pouco e pouco para que o molho não encaroce.

Dispõe-se depois com gosto sobre a «mayonaise» os diferentes ... que se compõe esta original salada, excepto a beteraba que so se coloca no momento de servir.

Se for possivel, a saladeira deve estar metida até a hora de servir numa vasilha cheia de gelo.

A NOSSA CASA

Loendros

A's pessoas que teem jardim é muito mais facil fazer a sua casa bonita, pois qualquer quarto, por mais pobre que seja, fica logo aformoseado com alguns vasos cheios de flores ou mesmo de plantas. Uma das flores mais vistosas e decorativas é o loendro, não só enfeita o jardim, como tambem anima muito a casa.

Actualmente ha uma grande tendencia para as sombras côr de vinho,—vermelho—rosado e «magenta», que encontramos nestas flores. Nada mais lindo se pode imaginar do que uma jarra alta de louça portugueza azul ou amarela cheia destas flores de diferentes tons.

As decorações de loendros para a mesa dão lindos resultados. Umas das mais belas e invulgares decorações de mesa que se tem visto, é a seguinte:

No meio duma mesa escura, um centro de bordado oriental em sombras rosa, côr de vinho e verde, num fundo creme. Sobre este bordado um pedestal de madeira preta, no qual descança uma taça de porcelana antiga cheia de loendros. Em volta varios solitarios com uma unica dessas flores, sendo cada uma de diferente tom. Os solitarios estão ligados por ramos de hera.

Por baixo de cada prato um tapetinho com bordados de fios... e o «abat-jour» feito de riscas de seda japoneza e de seda lisa côr de vinho.

ORAÇÃO

Que o teu olhar olhando de mansinho,
o meu olhar, tão cheio de amor puro;
que o teu olhar tão cheio de carinho,
ilumine d'amor o meu futuro.

Que a luz desses teus olhos onde eu vejo,
amor para a minh'alma entristecida,
a luz desses teus olhos que eu desejo,
faça luz, muita luz, na minha vida.

Que a tua bôca cheia de doçura,
alivio que ha-de ser de um torturado;
que a tua bôca linda seja a cura
da febre do meu peito ensanguentado.

Que as tuas mãos febris e transparentes,
que nestas minhas mãos eu já senti;
que as tuas mãos, queimando de tão quentes,
me prendam e me chamem para ti.

ARNALDO FORTE.

PENSAMENTOS

No fundo de todo o pessimismo masculino ha uma traição de mulher ou uma doença de estomago.

ETIENNE REY.

Nunca se deve dar ocasião a que aqueles que nos amam tenham de nos perdoar.

CAPUS.

CURIOSIDADES

Noticia sucinta e historica sobre os correios

Correio—é a repartição a cargo do Estado para a recepção e expedição de correspondencia oficial e particular. Segundo a opinião de Herodoto e Xenofonte, foi Ciro o primeiro a usar do correio, enviando emissarios a diversos subditos espalhados pelo seu vasto imperio.

Este transporte era feito a cavalo com mudas amiudadas, para que pudesse ser desempenhado com a maior rapidez. Suetonio, porem, é de opinião contraria, dizendo ter sido na Grã-Bretanha que se organisou pela primeira vez o serviço dos correios. Ha ainda outros que afirmam que, em algumas partes da Asia, não só já existia nos seculos XII e XIII, mas achava-se ali bem organisado. Os gregos e os romanos tambem começaram a fazer uso do correio desde a antiguidade. Cesar, estando em Roma, escreveu duas cartas a Cicero, as quais levaram uns vinte e oito dias a chegar ao seu destino, segundo nos diz a historia.

Nos comentarios de Cezar se diz que, quando os correios começaram a vigorar na Grã-Bretanha, já ha muito tempo que eles eram conhecidos. No imperio romano o correio era exclusivamente empregado para o serviço oficial. Os particulares, que precisavam de fazer as suas comunicações, tinham de se servir dos seus escravos, ou aproveitar as viagens de alguns comerciantes para tal fim. Foi no reinado do imperador romano, Diocleciano que se efectuou o primeiro correio para uso dos particulares.

Em França o primeiro correio foi estabelecido cerca do ano 807, no reinado de Carlos Magno. Os portadores da correspondencia «moutié volantes» faziam este serviço mediante um previo ajuste de preço. Só no ano 1484 é que Luiz XI determinou que o serviço postal fosse feito em toda a França debaixo da fiscalisação e direção do Estado. Na Alemanha foram os lombardos Taxis os iniciadores deste serviço aos particulares, e cujo monopolio foi diminuindo pouco a pouco até á organisação que actualmente vigora.

Na Inglaterra foi o rei Eduardo IV, durante a guerra da Escocia, quem organisou o serviço dos correios para uso proprio e pela grande necessidade que tinha de comunicar com o exercito.

Pouco a pouco se foi desenvolvendo este serviço, de forma que o ditador Cromwell o estendeu ao uso dos particulares, constituindo um monopolio do Estado, que o administrava directamente; por tal motivo foi ele superabundantemente gratificado pecuniariamente e por meio de condecorações, as mais valiosas. Na Espanha foi o correio instituido em 1213 para uso exclusivo dos grandes e nobres do reino. Em 1506 o lombardo Francisco Taxis organisou neste paiz um serviço de correio semelhante ao que estabeleceu na Alemanha.

Data de 1610 o correio estrangeiro entre Madrid e Lisboa. Em 1855 estabeleceu-se a obrigação do transporte gratuito das malas postais no caminho de ferro; e em 1856 a franquia tornou-se obrigatoria tambem. Na Italia principiou o uso do correio em 1561 sómente para particulares. Vitor Amadeu II, acabou com esta especie de privilegio, passando a ser exercido directamente pelo Estado, sendo hoje, depois de varias reformas, um dos que está organisado em melhores condições. Na Russia, segundo as mais seguras probabilidades, foi em meados do seculo XVI que Ivan Vasiliewitch o organisou.

Reorganisado em 1630 por Miguel Feivlorowitch, mais tarde Pedro o Grande, desenvolveu-o extraordinariamente.

Em Portugal, foi creado no reinado de D. Manuel I, a 6 de Novembro de 1520, em que foi nomeado correio-mór Luiz Homem, que recebia a decima parte de todos os proventos postais. El-rei D. João III do novo organisou este serviço, e, depois de varias reformas, chegou ao estado de relativa perfeição em que se encontra modernamente.

Por alvarás de 20 de Janeiro, 6 de Setembro e 6 do Novembro de 1798, estabeleceram-se os primeiros correios maritimos. Na mesma epoca, pouco mais ou menos, se estabeleceu o serviço de correio entre Lisboa e Coimbra. Em 1800 aparecem os portadores, mais tarde chamados carteiros, e hoje denominados distribuidores. O serviço do portador era pago por quem recebia a correspondencia. Em 1818 já havia correio em 123 terras de Portugal. Agostinho José Freire estabeleceu em 1833 a entrega das cartas nos domicilios.

Correios Móres em Portugal

Luiz homem, Luiz Afonso, Francisco Coelho, Manuel Gouveia, Manuel José da Maternidade de Mata de Sousa Coutinho, 1.º conde de Penafiel.

Foi talvez este o primeiro proprietario do Palacio onde está instalada a Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, pois alem de ser conhecido por «Palacio do conde de Penafiel», o largo que lhe fica fronteiro segundo se lê numa placa denomina-se do «Correio Mór».

Motivo porque o mes de Fevereiro só tem 28 dias

Segundo uma lenda bretã este mês, quando era novo, adolescente e formoso entregava-se a uma vida de libertinagem e praticava todos os vicios. Porem de todos eles o que mais o dominava era o jogo, embora o azar o perseguisse constantemente. Um dia, já proximo da ruina total, decidiu-se a jogar uma partida suprema e ultima com os seus dois companheiros da vida airada, Janeiro e Março. Estes ganharam e como pobre diabo e infeliz jogador não tinha outra riqueza senão os seus 30 dias teve de ceder um a cada um dos parceiros. Eis aqui a razão porque Janeiro e Março tem 31 dias enquanto Fevereiro só tem 28.

A. G.

SPORT

Foot-ball

O campeonato de Paris do «foot-ball» foi ganho pelo «red star club» por 3 bolas a zero.

Luta

O russo Zbysco, actual campeão do mundo de luta livre, tem 47 anos.

Constant de Marim, que ultimamente esteve entre nós tem 37 anos.

São os antigos que ainda dão leis.

Law-Tennis

No torneio internacional de Nice o resultado foi o seguinte.

Senhoras—simples—Miss Ryan.

Homens—simples—Conde Salmarakeff.

Ciclismo

Na corrida á americana de 100 kilometros, a «equipe» Dermyter-Van Kempen, ganhou com uma volta de avanço.

Natação

Os campeonatos de França são corridos a 14 e 15 de agosto.

Automobilismo

A marca Rolland—Pilarin, contratou, para pilotar um dos seus carros, o celebre corredor Wagner. A casa Fiat tem como pilotos para a mesma corrida, Nazaro, e Bordeiro.

Box

Para o campeonato de Europa, o «boxeur» Wyns, que deve encontrar Criqui, pede 60 por cento da bolsa.

—O campeão italiano Fratini, fez uma estreia, do primeira ordem em França batendo um dos melhores pesos medios Leonard.

—Em Inglaterra, o ministro do Interior, prohibiu combates de «box» com alemães.

—Um «boxeur» de Buenos-Aires, de nome Firpo, campeão do seu pais, que tem 1,88 de altura, e pesa 91 kilos, desafiou o campeão do mundo Dempsey.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Chegam hoje a Lisboa, no «rapido» os jogadores que constituem o Grupo Representativo do Porto, que amanhã, pelas 15 horas, jogo no campo atletico do Sporting Club de Portugal situado no Campo Grande, 412, contra o Grupo Representativo de Lisboa.

A constituição do grupo do Porto é a seguinte:

Antonio Lino, Julio Cardoso, Oscar de Carvalho, Teofilo Esquivel, Antonio Velez Carneiro, Floriano Pereira, Alexandre Cal, Joaquim Reis, Artur Augusto, João Nunes e José Tavares Bastos.

O desafio é arbitrado pelo sr. Luiz Rebelo da Silva.

Para comodidade do publico a Associação de Foot-ball de Lisboa tem á venda na sua séde, travessa da Gloria, 22-A, os bilhetes numerados para este desafio.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

Recordo-me tambem que meu pai, não podendo conter-se, fazia grandes gestos e dizia conhecer essas maravilhas estrangeiras, como S..., todos ladeus que vingam arrancar dinheiro dos russos que acreditavam sempre em todas as tolices, sobretudo quando elas vinham dos francezes. Eu compreendia já o que significava esta frase: «ele não tem talento». Os visitantes riram. Logo se foram embora, deixando meu pae com muito mau humor. Dai fé que ele se tinha agastado com S... por qualquer coisa e para o distrair, aproximei-me da mesa, peguei no programa e puz-me a ler em voz alta o nome de S... Depois, sempre rindo e olhando para meu pae que estava sentado numa cadeira, pensativo, disse:

—Provavelmente é um artista como Carl Féodorvitch! Não será bem sucedido, não é verdade?

Meu pae estremeceu e como que com medo arrancou-me o programa da mão, gritou, bateu o pé, poz o chapeu e queria sair de quarto. Mas voltou logo e chamou-me ao patamar.

Ali, abraçou-me, e depois, com uma especie de inquietação, uma especie de crença dissimulada, começou a dizer-me que eu era uma creança esperta e boa, que certamente não o queria entristecer, que eu lhe faria um grande serviço, não me dizendo qual. Era-me penoso ouvi-lo. Eu via que os suas palavras e as suas caricias não eram desinteressadas e tudo isto me perturbava. Comecei a sentir-me terrivelmente inquieto com a sua atitude.

No dia durante, aumenta o jantar, —era o dia do concerto—meu pai parecia consternado. Estava muito mudado e a cada instante olhava para minha mãe. Fiquei admiradissimo quando ele se poz a conversar com ela. Fiquei admirada porque ele quasi nunca lhe falava.

Depois do jantar principiou a acariciar-me obsessivamente. A cada instante, com os mais variados pretextos, chamava-me ao patamar, olhava em volta a ver se estava alguem, com medo de ser surpreendido, acariciava-me a cabeça, abraçava-me, dizendo-me sempre que eu era uma excelente rapariga, obediente, que amava o seu pai e portanto faria o que me pedisse. Tudo isto causava-me grande angustia. Por fim, quando pela decima vez ele me chamou ao patamar, desvendou-se o misterio. Com um ar doloroso, olhando inquieto para todos os lados, perguntou-me se eu sabia onde a mamam tinha os vinte e cinco rublos que guardara de manhã. Ao ouvir esta pergunta fiquei aterrorisada, mas neste momento, ficaram barulho na escada e meu pai, assustado, deixou-me e fugiu.

Não voltou para casa senão á noite, confuso, triste, desasocegado. Sentou-se silenciosamente numa cadeira e principiou a olhar-me com uma especie de alegria. Esforçava-me por evitar os seus olhares.

A mamam que tinha ficado na cama nesse dia, deu-me dinheiro e mandou-me comprar chá e assucar. Na nossa casa só muito raras vezes se bebia chá e a mamam só se dava a esse luxo, em relação aos nossos meios, quando estava doente e nervosa.

Peguei no dinheiro e sai, mal cheguei ao patamar comecei logo a correr como de medo que me detivessem. Sucedeu o que eu temia. Meu pai, seguindo-m quando eu já estava na rua obrigou-me a voltar para a escada.

—Nietotchka, disse-me com a voz a tremer, minha querida, escuta, dá-me esse dinheiro e amanhã...

—Pai, paisinho! exclamei eu pondo-me de joelhos e suplicando. Não posso, é impossivel. A mamã precisa de chá. Não te posso dar o que é da mamã; é impossivel. Dar-te-hei doutra vez.

—Então não queres dar? Não queres dar? gritava-me ele delirando. Não me amas. Está bem. Abandono-te. Fica com tua mãi. Vou-me embora, e não te levarei comigo ouves, má filha! Ouves...

—Paisinho!—exclamava eu cheia de horror. Aqui tem o dinheiro!

Que devo eu fazer agora? Dizia eu apertando as mãos e agarrando-me ao seu casaco. A mamã chorará, a mamã vai repreender-me muito.

Parecia que ele não esperava da minha parte tão grande resistencia; apesar disso pegou no dinheiro e não tendo força para ouvir as minhas suplicas e os meus soluços, abandonou-me na escada e deitou a correr. Entrei para casa; e perto do sotão as forças abandonaram-me.

Não ousei entrar; não podia entrar. O meu coração estava revoltado. Com a cara escondida nas mãos, assentei-me junto da janela, como no dia em que ouvi a meu pai manifestar o seu desejo de que a mamã morresse.

Estava com uma especie de inconsciencia e tremia ao menor ruido que sentia na escada. Ao fim de algum tempo ouvi subir a escada apressadamente. Era ele. Conheci os seus passos.

—Estás aqui? segredou-me ele.

Lancei-me nos seus braços.

—Toma! disse ele, metendo-me o dinheiro na mão. Toma. Agora não sou mais teu pai. Ouves? Não quero ser mais teu pai. Amas tua mãi mais do que me amas. Vai ter com tua mãi. Não te conheço mais! Dizendo isto desceu de novo a correr a escada.

Banhada em lagrimas, puz-me a correr atraz dele.

—Pai, paisinho obedecer-te-hei gritava eu. Toma lá o dinheiro! Toma-o.

Mas ele não me ouviu e desapareceu-me da vista...

Toda esta noite fiquei como morta e tremendo de febre. Lembro-me que a mamã me falou e chamou; eu porem não ouvia nem via nada. Viu a crise Puz-me a chorar e a gritar. A mamã assustada não sabia o que fazer. Levou-me depois para a sua cama, e não me lembro como dormi, abraçada ao seu pescoço, tremendo de medo a cada momento. Toda a noite se passou assim. No dia seguinte levantei-me muito tarde; a mamã não estava em casa. Era na ocasião em que ela estava sempre fóra a trabalhar. Meu pai estava com um estrangeiro e falavam ambos em voz alta. Eu esperava com impaciencia que o visita saisse e mal fiquei só com meu pai, lancei-me nos seus braços e soluçando comecei a pedir-lhe que me perdoasse a minha conduta da vespera.

—Serás uma criança obediente, como dantes? perguntou-me ele severamente.

—Sim, paisinho, respondi eu. Dir-te-hei onde a mamã guarda o dinheiro. Hontem foi nesta caixa que ela o guardou.

—Onde? exclamou ele, animando-se de repente e levantando-se da cadeira. Onde está ele?

—O dinheiro está fechado, paisinho! disse eu. Espere pela noite quando a mamã vier, pois que a ... da ontem já está gasta.

—Eu necessito quinze rublos, Nietotchka. Somente quinze rublos. Encontra-mos para hoje o amanhã restituir-tos-hei. Irei imediatamente comprar bolos e nozes, comprar-te-hei tambem uma boneca, amanhã mesmo... E todos os dias te trarei brinquedos, se tu fores minha amiga.

—Não pai, não é preciso... Não quero bolos, não os comerei exclamava soluçando, porque me apoquentava uma grande angustia.

Sentia neste momento que não tinha do nenhum de mim, que não me amava e que não via que eu o amava pois pensava em me seduzir por bolos. Nessa ocasião, eu, uma creança, compreendia-o maravilhosamente, e sentia que apesar de tudo não o podia amar como antes, que tinha perdido para sempre o meu pai. Ele, porem, estava entusiasmado com as minhas promessas...

(*Continua*)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4008 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 20 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

EM FACE DOS ACONTECIMENTOS

A Patria e a Republica atravessam uma grave crise

Os acontecimentos que se estão desenrolando ha quarenta e oito horas a esta parte indicam que estamos em presença de varios perigos para a vida da Republica e para a integridade da Patria. As medidas tomadas pelo governo da mesma forma indicam que se trata de afastar decesivamante esses perigos, restabelecendo a ordem, a tranquilidade, e garantindo a segurança social. Devemos ter confiança no governo, que é um poder legitimo, assim como devemos confiar no Chefe do Estado que -:- -:- -:- -:- é o simbolo da Nação. VIVA A PATRIA! VIVA A REPUBLICA! -:- -:- -:- -:-

O invisivel

Qual é a impressão dominante neste agitado momento politico? Ninguem poderá negar que essa impressão é a da confusão, do indeciso, do mistério.

Ainda ontem alguem nos dizia que era um espectaculo surpreendente o dêste povo, que parecia permanecer indiferente perante factos que em qualquer outro paiz causariam o maior abalo moral.

Com efeito, saber-se que o governo de um Estado saiu da capital dêsse Estado, que o mesmo fez o Chefe da Nação, que, por ordem dêsse governo, com a plena confiança dêsse Chefe de Estado, se estão concentrando em tôrno da capital a maior parte das tropas do exercito, e ninguem formular uma opinião precisa, ninguem definir com justeza o caracter da questão levantada, é realmente, pelo menos á primeira vista, uma atitude que deveria causar assombro.

Todavia, essa atitude explica-se.

E' que se procura a causa de todos êsses actos politicos e parece não se encontrar.

Diz-se, quando muito:

— E' preciso combater a desordem!

— Mas onde está a desordem?

Junto do governo estão fôrças do exercito, obedecendo ás suas ordens legitimas. Na cidade, a policia, a guarda republicana, a guarda fiscal estão nos seus quarteis, onde não consta que se tenha dado nenhuma insubordinação. A marinha conserva-se tranquila. Quanto aos partidos, nenhum mostra veleidades revolucionarias, e, em relação ao operariado, há, é certo, uma greve, mas que não assumiu, ainda, apesar de alguns actos de *sabotage*, uma caracteristica de violencia. Onde está, pois, a desordem?

Parece que em parte alguma e, contudo, ela existe, e, se a primeira circunstancia explica o aparente indiferentismo do publico, a segunda legitima toda a inquietação latente, que, apesar do ar de despreocupação que muitos afixam, aflita profundamente as almas.

A desordem existe, é um facto, é uma realidade, e, todavia, é invisivel.

Mas, pode-se, acaso, por ser invisivel, desconhecer a sua influencia e os seus efeitos?

Há tempos a esta parte a população de Lisboa, do paiz inteiro, ignora o que lhe reserva, não já um futuro relativamente afastado, mas o proprio dia seguinte. Essa população sente que lhe falta um ponto de apoio, considera-se totalmente desamparada, porventura, porque alee se dá o extranho fenomeno psicologico de se julgar ameaçada precisamente por fôrças que teria o direito de supôr que seriam sempre a sua segurança e o seu escudo.

A desordem existe, porque o invisivel existe —

Tambem ninguem vê o vento e, todavia, êle, momentos depois de não ser mais do que uma aragem, enovela num turbilhão os que nem suspeitavam do subito desencadeamento da sua fôrça.

E porque não dizê-lo? — talvez o peor desordem seja a invisivel.

A desordem que se afirma na brutalidade de um acto pode desde logo ser combatida e jugulada; mas a desordem latente, a que se suspeita, a que se adivinha, como uma ameaça constante, como permanente perigo, envenena as fontes das energias da vida, amolece, quebranta os caracteres, esteriliza todas as iniciativas, todos os esforços, faz egoistas, cobardes e criminosos.

Lisbôa, o paiz inteiro, sentem, neste momento, essa desordem invisivel, e sentem-na com a sensação vaga de que se chegou ao instante dela já não poder ser tolerada sôbre pena do suicidio da raça.

O JOGO

Urge regulamenta-lo — O exemplo de Espanha

Os jornais da manhã inserem um telegrama de Madrid noticiando que vai ser publicado em breve o decreto regulando o jogo em toda a Espanha de forma que 50 % dos lucros revertam a favor do Estado. E' uma medida inteligente que os nossos governantes ainda não quizeram tomar, como um dos melhores meios de auxiliar a assistencia publica.

Ainda ha dias o sr. governador civil de Lisboa expoz no nosso jornal uma iniciativa interessante que deve merecer o aplauso de todos aqueles que se interessam pelo saneamento da cidade. Trata-se dum campo de concentração para mendigos. Resta saber onde vai o sr. capitão Viriato Lobo buscar dinheiro para fazer face ás despesas que certamente a sua iniciativa acarretará.

E, esta pergunta torna-se tanto mais justificada quanto é certo que as casas de caridade portuguesas atravessam uma crise dificil devido aos fracos recursos financeiros de que dispõem. Não é segredo para ninguem que as cosinhas economicas, por exemplo, de ha um tempo a esta parte, só muito insuficientemente correspondem ao fim para que foram criadas.

No entanto, continua a exibir-se, quasi diariamente o espetaculo do assalto aos clubs e com ele toda uma serie de vexames e de factos indecorosos que já tem levantado da parte do publico os mais veementes protestos. Porque persegue assim a policia o jogo, sabendo que extermina-lo é coisa que não está nas suas forças, como não está nas forças de ninguem? Assaltam-se os clubs em nome duma falsa moral e dum falso pudor que vem sendo uma das mais interessantes caracteristicas da sociedade portuguesa atual.

O dinheiro do jogo deve ir engrossar as verbas da assistencia; para isso é necessario regulamenta-lo. O Estado tem a obrigação de ir buscar á chamada vida de prazer o dinheiro de que necessita para proteger as creanças pobres, os invalidos, a mendicidade.

Perseguir o jogo, promover todas as noites espetaculos, sustentar para esse efeito uma policia especial, constituida. Deus sabe como, é peior, mil vezes peior do que permitir o seu funcionamento, dentro de certos limites, com todas as restrições que a verdadeira moral e o verdadeiro pudor manda observar.

Querem os senhores exemplo dum caso mais escandaloso do que o proprio jogo: eil-o.

No Club Nacional, ao Chiado, fez-se ha tempos um assalto por denuncia do «papo seco» Mario Pereira. Quando a policia entrou, este Mario Pereira disparou uma pistola e feriu com o tiro o empregado Alvaro Ribeiro, que desse ferimento ficou cego. Que se fez até hoje para castigar esse Mario Pereira? Foi pronunciado, mandado para a Boa-Hora e devia estar a estas horas no Limoeiro.

Fez-se isto? Não. A policia requisitou-o, ofereceu-lhe um quarto particular e sustenta-o.

Com certeza que o sr. ministro do Interior desconhece este caso. Estamos convencidos que o proprio sr. governador civil tambem o desconhece.

Dito isto, não seria muito melhor, muito mais util, desprezar a falsa moral, desprezar o falso pudor e regulamentar o jogo e proteger as casas de caridade e dar então viabilidade e exito á ideia generosa do sr. capitão Viriato Lobo? Que nos sirva o exemplo da Espanha.

MOMENTO POLITICO

Os acontecimentos

Monsanto; concentrações de tropas; intenções dos politicos; perigos que ameaçam a cidade e consequencias da retirada do governo sobre a -:- linha Caxias—Cascais—Coimbra -:-

Os leitores de «A Capital» não se surpreenderam excessivamente, por certo, com os acontecimentos que se estão desenrolando em Lisboa e seus arredores. Podem, talvez, não compreender tudo quanto se passa, mas foram previstos, a seu tempo, do que mais fundamentalmente se relacionava com a ordem publica ameaçada. Para a compreensão e até mesmo para a provisão dos acontecimentos futuros, não julgamos que seja necessario mais do que resumir as informações já publicadas, precedendo-as do relato, imparcialmente escrito, das origens, mais que provaveis, da complicada situação politica, ainda, aliás, no inicio da sua marcha evolutiva. E' isso que vamos fazer.

❖ ❖ ❖

«A Capital» de sabado dava noticia das dificuldades em que o governo se debatia perante um novo «complot». Pouco depois, Lisboa foi surpreendida pela instalação do governo em Caxias, para onde foi tambem o sr. Presidente da Republica. Uma «nota oficiosa», imensamente concisa, informava, entretanto, que a ordem publica se encontrava seriamente ameaçada. Hoje estava o governo em Cascais e já se diz que se transferirá para Coimbra.

Tudo isto é extremamente grave. Seria absurdo supor que a atitude do governo não seja realmente motivada por casos graves, em via de supuração. O governo ainda não disse, com suficiente clareza, quais são. Entretanto, vamos ver se é ou não possivel extrair alguma verdade da aparente confusão em que todos nos debatemos.

Os jornais fizeram-se eco de dois boatos. Vejamos um destes, em primeiro logar.

Tratar-se-hia, segundo a voz publica, dum movimento insurrecional de caracter «bolchevista» preparado pelos elementos extremistas do operariado. A classe trabalhadora — para nos servirmos duma expressão impropria porque, afinal, todos nós somos trabalhadores, embora adversos á desordem revolucionaria — tem tido nos ultimos dias manifestações de nervosismo.

Houve a greve da construção civil, que parece em via de terminação; mas a população citadina é ainda flagelada pela paralisação dos electricos mantida artificialmente por actos de «sabotage» e pela imposição dum numero minimo de trabalhadores.

Pode admitir-se em rigor e por hipotese, que estas duas greves teriam sido os prodromos do tal movimento bolchevista.

A outra versão dava foros de realidade a uma conspiração de monarquicos. A fraqueza destes idialeiros é evidente.

Pois bem. Contra todos estes desordeiros, se praticamente o pretendessem ser, dispunha o governo de mais que a força material suficiente.

As forças militares que guarnecem Lisboa são importantes. Metendo em linha de conta a Guarda Fiscal, a Policia Civil e as forças do exercito, o governo, com a Guarda Republicana, reuniria dez mil homens, mais ou menos, bem armados, bem municiados e bem comandados. Ninguem pode duvidar que este verdadeiro exercito seria mais que suficiente, já não dizemos para reprimir qualquer dos dois movimentos acima indicados, mas até para os fazer abortar. Seria absurdo crer o contrario. E, nesse caso, somos forçados a acreditar que se trata de coisa diversa...

❖ ❖ ❖

O «Diario Noticias» de hoje parece ter colhido uma informação que se deve aproximar da realidade dos factos. Eis como o referido jornal a expõe:

Continuou a falar-se no movimento politico radical, chefiado por elementos com evidencia, civis e militares, tendo a apoia-lo forças organisadas que já haviam cooperado no pronunciamento de 19 de outubro. De positivo, porem, nada se conseguiu saber.

Comtudo, as medidas governativas e a nota oficiosa mandada de madrugada aos jornais, pelo Governo, que se reuniu em Caxias, onde continua, dão a entender que, de facto, qualquer coisa grave havia preparada, não estando ainda jugulado todo o mal.

E tanto assim é que, pelo que nos foi comunicado, já foram dadas ordens para marcharem para Lisboa algumas unidades da provincia, devendo acampar nas proximidades da cidade.

E acrescenta, mais adeante:

Afirma-se que o Governo não regressará a Lisboa enquanto não realisar certas medidas tendentes a garantir de futuro o socego, ameaçado todos os dias, por assim dizer, por novas e sucessivas tentativas de alteração da ordem. Nem doutra maneira se explicava a continuação do Governo e do Chefe do Estado no local onde se encontram, isto é, no quartel general do Campo Entrincheirado.

Segundo o «Diario de Noticias» trata-se, pois, dum movimento politico radical, tendo a apoia-lo forças organisadas que já haviam cooperado no pronunciamento militar outubrista.

E' esta, sem duvida, a versão mais aceitavel. E como no movimento outubrista representou o principal papel, mesmo o papel decisivo, a Guarda Republicana de Lisboa, na sua quasi totalidade, não se compreende que o governo legal da Republica quizesse ir abrigar-se sob o fogo dos canhões do Campo Entrincheirado, senão para não ser surpreendido por qualquer audacioso acto de força. A Guarda estaria prestes, então, a repetir o gesto de 19 de outubro? Não, isso não. As nossas informações são concordes neste ponto: a Guarda não vê com bons olhos, na sua maioria, a repetição dos sucessos de 19 de outubro. Antes muito pelo contrario...

Entretanto e á cautela o Governo sahiu de Lisboa, com o sr. Presidente da Republica.

E como a legalidade ainda é uma grande força, o projectado movimento politico radical não poderá, pelo menos neste momento, destruir esse ponto d'apoio governamental, com uma destituição do sr. Presidente da Republica.

❖ ❖ ❖

Que vai seguir-se, agora? Pode entrar tambem no dominio das previsões.

Desde Monsanto que os governos teem estado tutelados. Para não irmos mais longe, recordemos apenas que o gabinete Bernardino Machado quiz libertar-se da tutela, chegando a reunir forças de confiança no Campo Grande; que o gabinete Barros Queiroz aglomerou tropas no Alto d'Ajuda; que o governo Granjo concentrou forças em Mafra; e que, finalmente, o sr. Cunha Leal foi ainda mais longe, reunindo em torno de Lisboa importantes contingentes militares, junto dos quais passou algumas horas, abrigado no já historico forte de Caxias.

Mas os ministerios Bernardino Machado, Barros Queiroz, Granjo e Cunha Leal cahiram, sem bem se comprehender a finalidade das concentrações militares por eles ordenadas... Acontecerá o mesmo ao sr. Antonio Maria da Silva?

Parece que não. E' um facto que o Chefe do Estado e o governo foram até Caxias, seguiram de lá para Cascaes e talvez vão para Coimbra. Prepara-se qualquer coisa, por força.

O «Diario de Noticias», na informação acima transcripta, dá a entender o que é, quando menciona a versão segundo a qual o governo não regressará a Lisboa com a adopção de determinadas providencias.

Resta apenas adivinhar quais serão essas providencias. Deixamos esse cuidado ao leitor, fazendo justiça á sua argucia.

Não finalizaremos sem aconselhar prudencia e ponderação ás forças que estão em presença. O governo não pode deixar de pugnar pelos principios da legalidade e da ordem. A legalidade está com ele. E, onde está a legalidade, está a Republica.

Migalhas

Os dois carnavais

Ha uns anos a esta parte que o carnaval estava atravessando uma crise incontestavel. Os dolorosos acontecimentos da guerra contribuiram largamente para isso.

Hoje que, felizmente, reina a paz por essas Europas fóra, o nosso torrão abençoado — torrão de assucar coberto de formigas de toda a especie — recobra a sua proverbial alegria e ressuscita as gloriosas tradições carnavalescas. E em vez de um carnaval temos dois.

Sabado passado inauguraram-se os bailes no palacio Mayer e houve grande reunião nas baterias de Caxias. Desembarcou ha dias na estação al-rei Piramidal XXV. Desembarcou bontem em Cascais um não menos piramidal cortejo. Os guerreiros da magestade carnavalesca subiram a Avenida precedidos de uma charanga. Estão chegando tropas da provincia acompanhadas das respectivas bandas. Circulam nas ruas crianças vestidas á moda do Minho e adultos vestidos de senadores do Alemtejo.

Graciosos devotos do Rei Mômo preparam as mais chistosas partidas e premeditam as mais estouvadas brincadeiras. Outros não menos graciosos patuscos tem na forja brincadeiras e partidas que nos hão de ficar de lembrança, por mal dos nossos pecados.

Os moços da academia fazem parar os eletricos que passam pela porta dos estabelecimentos de ensino. A rapaziada de Santo Amaro fez parar os restantes.

Encontram-se pela rua meninos fardados de generais e generais que procedem como meninos. Vêem-se certos cavalheiros com galões de oficial e quando vamos a pasmar, reconhecemos que é entrudo e, como recomendava Beaumarchais, rimo-nos para evitar de chorar.

Mascaras por toda a parte. Aquele cavalheiro de oculos e barbicha... Um estadista? Não. Um simples mascarado. Aquele outro com um peito cheio de cruzes e comendas? Uma pessoa notavel? Não. Um mediocre que pode medrar no carnaval permanente e que agora se apresenta sob o seu verdadeiro aspecto. E aqueles? Deputados, representantes do paiz, seus defensores e seus expoentes? Não. Foliões, brincalhoteiros que já não perguntam sequer: — «Não me conheces?» porque todos nós os conhecemos de gingeira.

Ah! meus amigos! Quando chegará a quarta feira de cinzas?

ANDRÉ BRUN.

SEGREDO A TODA A GENTE

A cidadela

Se Cascaes quizesse contar um dia as suas memorias que livro adoravel elas não dariam!

A Côrte! A Republica! Os palacios! A elegancia! A decadencia! Ah! meus senhores! Se a cidadela quizesse falar — o que ela contaria dos reis dos principes, dos nobres, dos proprios republicanos, especie de sombras fatigadas e inquietas que por lá passáram, acolhidas como a um grande lar eriçado de ameias e batido de espuma. O que ela não contaria, Santo Deus!

Ainda, esta noite, o Chefe de Estado e todo o Ministerio se foram acolher á proteção carinhosa da cidadela. Porquê?

«L'eternelle chanson»: Uma revolução iminente, em Lisboa. Mas eu pergunto, em nome do paiz em nome da cidade, em nome de nós todos se não é extremamente paradoxal este caso do Ministerio se acolher tão proximo da Bôca do Inferno? Dum ministro, diz-se, que declarou sorrindo:

— A Cascaes uma vez e nunca mais.

Ao que o sr. Antonio Maria da Silva teria respondido:

— A Cascaes desta vez — e decerto de outras mais.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

Pela Santa Sé

Gasparri não deixará o secretariado do Vaticano

ROMA, 20. — O boato de que o cardeal Gasparri deixaria o secretariado de Estado do Vaticano é formalmente desmentido.

O corpo diplomatico apresentou colectivamente as credenciais a Sua Santidade.

O embaixador da Espanha exprimiu em francês os votos ardentes de toda a cristandade pelo seu longo pontificado.

Sua Santidade agradeceu e fez votos pela pacificação universal.

O Papa recebera individualmente os membros do corpo diplomatico. — (Lat. Am).

O problema do Egito

O que diz Lord Allenby

LONDRES, 20. — Lord Allenby, apezar de se ter recusado a fazer quaisquer observações sobre politica, disse numa entrevista que concedeu ao «Sunday Express» que tinha ficado absolutamente satisfeito com o resultado das suas conferencias com os membros do governo e que voltava para o Cairo com as melhores esperanças sobre o futuro do Egito.

O «Sunday Observer» diz que Lord Allenby conta chegar ao Egito dentro de uma semana.

O «Journal» diz que depois das conferencias entre Lord Curzon e o marechal Allenby viu-se que não havia desacordo entre ambos e assim ficou o assunto resolvido, ficando demonstrado que tinha sido bem pensado chamar Lord Allenby a uma conferencia, pois não seria possivel resolver tais questões por correspondencia. Lord Allenby volta para o Egito com o seu prestigio muito aumentado. Saiu do Cairo com a inteira confiança do governo egipcio, excepto a das zaghlulitas que é uma minoria desordeira e sem colação, e volta tambem com toda a confiança do governo e do povo inglês. — (R).

Exposição do Rio de Janeiro

A «Arte no Lar» representará ali os seus magnificos produtos

Dia a dia se registam novas e importantes adesões no Comissariado Geral de Exposição do Rio de Janeiro. Compreende-se e felizmente que assim sucede que a ocasião é mais que propicia para mostrarmos o que temos o que é em todos os ramos o melhor que ha no mundo.

Uma das ultimas adesões é o da «Arte no Lar» instituição superiormente dirigida pelas senhoras D. Adelaide de Almeida, e D. Claudina Franco de Matos.

Mas não só concorrerão com os produtos que da «Arte do Lar» saem e que são verdadeiras maravilhas de arte e de bom gosto, como ainda, e que não é menos importante, essas duas senhoras enviarão ao Rio de Janeiro productos regionais que lhes serão mandados diretamente pelos productores que nelas delegaram a sua representação.

Para quem conhece, e toda a Lisboa está nesse caso, o bom gosto e a arte que as senhoras D. Adelaide de Almeida e D. Claudina Franco de Matos põem em tudo o que se faz em sua casa, facilmente imaginará que não deve ser dos seus menos interessantes o mostruario que no grande certamen internacional da capital fluminense vai apresentar a «Arte do Lar».

LER NA
ULTIMA HORA

Ordem publica

Novo cerco a Lisboa?.

O chefe do Estado e o governo só regressarão á capital depois de absolutamente garantida a : : : : ordem : : : :

HORA DO PECADO

Sessões permanentes

Começa hoje afinal
Aqui perto, a S. Bento,
O «Pagode Nacional»
Alcunhado Parlamento
Vai haver grosso chinfrim
Já se diz, e com verdade,
Discursos, murros, emfim
Saúde e Fraternidade.
E eu pergunto vendo os perigos
Que nos estão a ameaçar
Se eles não são, meus amigos,
Muito «para... lamentar?»

TINTA PERMANENTE.

Comunicação scientifica

Todos os medicos devem ler no Boletim Farmacologico, que vai ser distribuido, uma comunicação importante feita pelo sr. dr. José Aroso ilustre sifilografo, acerca do emprego dos supositorios mercuriais no diagnostico e tratamento da sifilis.

A questão irlandesa

Os feridos e os mortos

LONDRES, 20. — E' de 75 o numero de mortos e de 70 o de feridos em consequencia dos disturbios entre os ulsterianos e sinn-feiners.

Tres oficiais do exercito republicano irlandez foram encarcerados em Newrry pela policia ulsteriana. — (Lat. Am.)

POLITICA INTERNACIONAL

A conferencia de Genova

EMQUANTO SE PREPARA A CONFERENCIA -§- PONTOS DE VISTA DAS DIFERENTES POTENCIAS:

Estamos a 18 dias da data marcada para a abertura da conferencia de Genova (8-março), e ninguem nos sabe dizer se os governos mais interessados a manterão. A França pronunciou-se abertamente por um adiamento largo, lá para maio; a Italia tem rezões para o desejar tambem, embora talvez se acanhe em o propôr — basta ter em consideração a crise de governo, só momentaneamente afastada pelas dificuldades de substituir o sr. Bonomi; na Inglaterra, Lloyd George insiste em reunir o mais brevemente possivel, confiado como está, no exito da conferencia, da qual espera resultados maravilhosos, que lhe permitam uma coroação condigna do seu longo exercicio no governo (ha quem lhe atribua vontade de descansar), ou o ponto de partida para uma nova acção politica (pois outros querem que ele aceite a chefia dum partido, em que se uniriam liberaes e conservadores).

Entretanto, como espectadores a quem interessa a grande liça, procuremos descortinar o estado de espirito dos estadistas que fizeram a convocação e o dos convidados. A Inglaterra preocupa-se com a crise de trabalho, que lhe custa 100 milhões de libras por ano (seis milhões de contos, ao cambio de 4) e quer fazer prosperar a Alemanha, para que o marco suba e diminua assim a concorrencia industrial, que ela lhe faz e aumentem as exportações inglesas; com a Russia, é um mercado que pretendem conquistar, desde que aos «soviets» seja concedido credito, isto é, desde que lhe permitam emprestimos. A França tem o presentimento de que o banquete será pago por ela, isto é, de que pretendem auxiliar a Alemanha á custa das reparações que esta lhe deve, segundo os tratados; o isto explica o apego que ela tem a pretensão de ser bem marcado que os tratados existentes não serão objecto de discussão (o que já tinha sido decidido em Cannes), exigindo garantias contra qualquer tentativa de atropelo a tal decisão.

Ela lembra que aqueles 100 milhões de libras anuais perdidos pela Inglaterra por efeito de «chomage» traduzidos em moeda francesa dão 5 biliões de francos (ao cambio de 50 francos por libra), quantia muito inferior ao que a França precisa para restaurar as regiões devastadas, e que se a Inglaterra não perdeu as dividas da guerra, por os Estados Unidos não as perdoarem, ela França tambem não póde perdoar a divida da Alemanha, por ter saido da guerra mais arruinada que nenhuma outra.

E se nenhuma das nações mais favorecidas, financeiramente, toma a iniciativa dum acto de generosidade, donde ha de vir a solidariedade financeira indispensavel para que a conferencia de Genova seja eficaz?

Quanto ás potencias não aliadas, convidadas para Genova, compreende-se o seu interesse. São pela primeira vez convocadas para o convivio das demais potencias; termina a excomunhão a que estavam sujeitas, o isolamento politico para a Alemanha, o quasi bloqueio para a Russia. Estas duas potencias não saberão dizer ao certo todas as vantagens que virão a auferir: mas para elas a situação é esta: nada a perder, tudo a ganhar.

Dentre as potencias que poderiam utilmente colaborar na reconstrução europeia estão os Estados Unidos, mas estes, até agora, ainda não aceitaram ao convite. Hesitam; o comtudo eles não podem desinteressar-se do que por cá vai. As condições da vida moderna não permitem que o Novo Mundo ignore o Antigo, tão profundas, tão complexas são as relações economicas e financeiras. A doutrina de Monroe poderá ainda defender-se politicamente, mas não já com a pureza do seu inspirador, Wilson aconselhava a Liga das Nações, que muitos estados da America subscreveram; Harding procurou chegar a um acordo com as potencias europeias, em muitas questões que interessam á politica americana, na conferencia de Washington. Menos poderá dispensar opiniões e decisões do velho continente, quando queira resolver questões de caracter financeiro e economico, embora a riqueza dos Estados Unidos lhe permitam aguardar, sem sobresaltos, a hora dos acordos.

Victorino José da Cunha

Constructor Civil

FALECEU

Arnaldo Cunha, Victorina Cunha, Rita Candida participam o falecimento do seu extremoso pae e companheiro dedicado, cujo funeral se realiza amanhã 21, ás 10 horas, do Campo dos Martyres da Patria 125 1º, sendo o acompanhamento de trem.

Factos -:- -:- -:- e palavras

4·PROPOSITO

...DO CONCURSO DE BELESA

O «Diario de Noticias» de hontem, colega mais velho, sempre justo e sempre ponderado nos seus juizos, exibia uma nova doutrina um pouco sobre moral e um pouco sobre Arte que merece suas considerações.

Exibir um parecer sobre moral nos tempos que vão correndo é tarefa dificil e com seus espinhos porquanto para isso seria preciso primeiro difini-la. Ora eu estou convencido que os filosofos acompanhando com as suas teorias a evolução das idéas se veriam bastante aflitos se quizessem definir o que seja a moral portuguesa.

Porquanto temos que distinguir estas duas coisas absolutamente diferentes: a Moral no sentido elevado da palavra e a moral posta ao serviço dos costumes e da sociedade contemporanea.

Ora o «Diario de Noticias» que, num intuito louvavel e curioso de investigação artistica — seja este o nome —, se propôs pesquisar qual a mais linda mulher de Portugal declara para fins que apenas dificilmente se compreendem que, mantendo a linha moral nunca esquecida e no proposito de evitar melindres, muitas belesas tem posto de parte sem lhes dar a honra duma fotografia.

Ora este aviso gratuito que nas entrelinhas leva uma seta apontada aos burgueses pais de familia não se devia pensar ou, uma vez pensado, não se devia escrever.

Ele é bem o sintoma desta sociedade atrasada, sem educação e sem ilustração e com uma diminuta cultura artistica.

Por este aviso eu fico sem saber se o «Diario de Noticias» se propõe realisar um concurso de meninas virtuosas ou um concurso de Belesa—Belesa sinonimo de manifestação de Arte mais alta que todos os preconceitos e bem acima de todas as susceptibilidades.—

Eu ignorava que a Arte usasse rabona e tivesse metido nas algibeiras o preconceito e a etiqueta.

Eu ignorava que a mulher para ser fisicamente bela tivesse de exibir um atestado de bom comportamento.

Eu ignorava tudo isto—o que não admira—e agora que o fiquei sabendo pela opinião sempre justa do «Diario de Noticias», calculo as dificuldades espantosas que ele deve ter tido para realisar a sua missão.

E, discordando em absoluto com a teoria, peço licença para duvidar que o tenha conseguido inteiramente.

E duvido, porque não sei á face da boa moral onde começa e onde acaba a razão para melindres.

Duvido porque temo que em face dessa moral que hoje se exibe, se tenham cometido injustiças.

E duvidando, mais uma vez me desgosta a certeza de que em Portugal a Arte pura tem os seus passos entravados pelo ridiculo preconceito de aldeia de senhoras visinhas que lhe não permite o explendor a que tem direito, amesquinhando-a, dando-lhe o caracter duma Arte burgueza para uso de familia.

E tudo isto sem sinceridade e sem verdade, porque a moral que pretendem mostrar aos outros não é aquela que teem para uso proprio, porque o preconceito em que pretendem envolver a Arte não é o mesmo de que se servem para regular os seus actos.

Não passa afinal da grande caracteristica desta epoca:—a hipocrisia.

Moral!? A maior desmoralização é afinal o resultado dos concursos de Belesa... moralmente organizados.

BOTTO DE CARVALHO

◆ ◆ ◆

A tripulação do transatlantico Panonia, do Cunard Line ao chegar ao porto de New-York contou uma emocionante historia da perigosa travessia que tiveram de Londres para aqui, conta quatro semanas de tempestades continuas com o leme partido e a tripulação exausta.

Por mais de 2000 milhas, depois que o leme foi em parte arrastado, pelas ondas tremendas, o vapor governou se pelo helice sobrecelente tendo fracassado os esforços heroicos que se fizeram para reparal-o.

Na manhã logo depois da avaria, o primeiro oficial e o ajudante de contra-mestre desceram a ré e depois de 2 horas de trabalho em que constantemente se submergiam na agua gelada, conseguiram passar um cabo de arame á volta do leme, que por estar dependurado ameaçava a todo o instante abrir um rombo no costado do barco.

Nessa ocasião, uma outra vaga desatou o cabo, arremessando com violencia, contra o navio o ajudante de contramestre que foi retirado sem sentidos. Dois dias depois, quando o tempo acalmou um pouco o oficial e um marinheiro fizeram mais duas tentativas tambem sem resultado escapando milagrosamente da morte, por se ter partido o escovem. O navio sofreu tres tufões durante a viagem e num dia só andou 21 milhas. A viagem que devia ter gasto 11 dias levou 28.

◆ ◆ ◆

A gente de côr está organisando uma campanha em toda a Africa do Sul, contra o preconceito que existe contra os negros a que não é permitido votarem nem serem candidatos parlamentares, quando se concede o previlegio de poderem tomar assento no parlamento, aos não europeus, em todas as provincias africanas. No comicio de inauguração, os oradores disseram que se não houvessem diferenças de côres, não haveria greves no Transval expoz-se a opinião de que não era possivel haver treguas enquanto existisse a distinção entre a gente de côr e os brancos, porque aqueles são tratados peior do que se fossem escravos. Um chefe politico dos malaios de Cabo, disse ter chegado a hora em que os homens de côr devem seguir a politica de liberdade que lavra na Irlanda e na India.

* * *

Lord Northcliffe chegou no sabado a Marselha vindo da India, via Egito.

Recebido por numerosas personalidades marselhesas, Lord Northcliffe fez ler pelo diretor geral da Camara do Comercio um discurso que tinha preparado em francês em que diz que apoz a sua longa digressão pelo oriente, quer exprimir a sua particular admiração pela indo-china francesa. Lord Northcliffe pensa que para reparar o mal que está feito, é necessario não ficar parado, pois a civilisação oriental está em jogo. E' preciso liquidar todas as questões que dividem a França e a Inglaterra, e construir uma Europa estreitamente unida em torno do nucleo central formado pela aliança franco-britanica. Não deve ser até vedado chamar para esta obra de reconstrução a participação da Alemanha.

Em seguida Lord Northcliffe partiu para Nice.

◆ ◆ ◆

França e America

O jornal alemão «Leipziger Neuest Nachrichten» publicava num dos ultimos numeros o artigo que segue e que visto representar a maneira de ver não só alemã, mas ainda americana, quanto á orientação da França ante os problemas mundiais:

«Os que conhecem a situação internacional estão convencidos que uma coisa apenas póde desviar a França da sua funesta politica: é a convicção que da sua persistencia nela, resultará o seu completo isolamento e que só a America lhe póde incutir essa convicção.

Vê-se, com satisfação geral, que para bem da Europa, a America se lançou energicamente nessa tarefa.

E' natural que a participação da America na conferencia de Genova seria muito agradavel á Inglaterra, mas reconhecemos como de grande vantagem que a America, com poucas ceremonia, dê a entender á França que a sua não participação na conferencia é motivada pela politica franceza. E se ao mesmo tempo se indigita a Russia como segundo obstaculo a pilula torna-se tanto mais amarga para a França, pois a America aponta a França e a Russia juntas como os paizes mais militaristas.

Em todo o caso, o presidente Harding comunicou a Hughes e a Hovor que a America não tomará parte em conferencias europeias emquanto a França não mostrar que se promtifica a mudar de politica para com a Alemanha.

Em Paris esta manifestação da America fez uma grande impressão, que se patenteou numa linguagem muito mais amavel e que para a Inglaterra e Lloyd George, indubitavelmente, terá mais consequencias ainda.

Esperemos que o bom resultado das advertencias americanas em Paris não se neutralise ou revogue, devido aos ataques que Gray, o renitente, que não quer aprender, faz á politica externa ingleza, justamente quando a Inglaterra se esforça para garantir a paz na Europa, e nega á França a aliança militar que esta lhe pede.

Este procedimento de Gray póde suscitar novas esperanças em Paris, mormente quando o Jornal de «Northcliff» já saida a Gray, como o seguinte primeiro ministro de Inglaterra, e Asquith no seu discurso de sabado se identificou em parte com os ataques de Gray.

Asquith nessa ocasião atreve-se a sustentar que ele e Gray não tinham enredado a Inglaterra antes da guerra em nenhumas medidas determinantes para tomar parte na guerra.

A guerra era o resultado da atitude firme, e resoluta da Alemanha para atacar os seus adversarios com a maior vantagem para ela e maior desvantagem para o adversario.

Uma asserção, que por muito que seja repetida, não deixa de ser falsa.

Por outro lado temos que notar que Asquith difere de Gray, o qual nunca proferiu uma palavra nos seus discursos contra o tratado de Versalhes, emquanto que Asquith asseverou repetidas vezes que é uma necessidade reduzir finalmente e sensatamente as exigencias das reparações.

O seu discurso será, com certeza, menos popular em Paris do que o discurso de Gray.»

A crise politica na Italia

As «démarches» para solucionar a crise

ROMA, 20.—O rei recebeu Bosseli De Nicola, Salandra e Orlando. Com todos conversou acerca da crise.—(Lot. Am.)

As letras

Recebemos e agradecemos o livro de versos «Lampejos e Sombras», de Antonio de Aragão Paixão

ULTIMA HORA

Os acontecimentos

Algumas notas de reportagem, apanhadas por aqui e por ali...

O sr. general Gomes da Costa é, com certeza, um dos homens publicos mais discutidos dêste paiz, no momento presente.

Ontem dizia-se que o bravo militar se puzera á frente de fôrças militares adversas ao governo. E estavamos nós muito atentos ao boateiro que jurava a verdade da informação, quando o general Gomes da Costa, em trajo civil e muito tranquilamente, como pacato burguês, atravessava o Rocio. E, a meio da tarde, vimo-lo, de novo, sentado a uma mesa do *Chave de Ouro*, saboreando um café. E lá estavam, tambem, outros indigitados conspiradores, como, por exemplo, os srs. Meira e Sousa, Trindade Coelho, e até — quem tal diria!... — o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Hoje, ahi por volta do meio dia, vimos, abancado a uma mesa da *Brasileira*, o sr. dr. Orlando Marçal. Cumprimenta-mo-lo. E o antigo e fugoso parlamentar afirmou-nos, mais uma vez, o seu afastamento temporario das lutas politicas. Até fez *blague* com os seus amigos ácêca de o indicarem como ministro da Justiça dos revolucionarios!

Dava-se hoje como na eminencia de ser publicado na fôlha oficial um decreto, já assinado e referendado, transferindo para Coimbra o Ministerio dos Estrangeiros. A velha cidade universitaria passaria a ser a residencia oficial do Corpo Diplomatico. E na imprensa da Universidade seria impresso o *Diario do Governo*.

Diz-se que um grupo de marinheiros foi cumprimentar o sr. Procopio de Freitas. E tambem se diz que o *S. Gabriel* obedeceu á ordem de desarmamento...

A Confederação Patronal avisou os seus socios da iminencia de um movimento subversivo das classes operarias.

Antes de retirar para Caxias, o governo notificou do facto o Corpo Diplomatico.

A Arcada esteve pouco concorrida de politicos e de homens de negocios.

Nos cafés os *blagueurs* não desistem de fazer graça, mesmo a proposito das coisas mais sérias. Um dêles disse: — O governo saiu de Lisboa para se ir meter na Boca do Inferno!...

Os "outubristas" não estão todos de acordo...

Recebemos a seguinte «nota oficiosa»:

O Directorio do P. R. F. N. tendo reunido e apreciado as actuais circunstancias politicas, resolveu manter a atitude já definida pelo orgão do mesmo partido «O Outubrista», contraria a qualquer movimento revolucionario.

Por esse motivo, pede se a toda a imprensa que evite confundir o mesmo partido com os promotores do projetado movimento.

NO TRIBUNAL DA BOA HORA

Julgamento dos presos da «Leva da Morte»

Pelas 12 horas de hoje começou no tribunal da Boa Hora o julgamento dos 9 individuos acusados da «Leva da Morte».

Os reus são: Fernando Henriques Pereira, Alvaro Duarte Costa, José Tomez de Sousa, Reinaldo Ferreira Estrela, Carlos Alberto Cristo, José Vieira de Aguiar, Francisco Evaristo Carapeto, José Viegas e Francisco Ferreira.

E' presidente do tribunal o sr. Herlander Ribeiro, sendo delegado do Ministerio Publico o sr. dr. Agostinho Fontes Pereira de Melo.

A defeza está entregue aos advogados srs. drs. João Montez e Fernando Caetano Pereira.

Depois de lido o processo, que é volumoso, e aduzida a defeza dos réus, começou a inquirição das testemunhas de acusação, que são em numero superior a 70.

As primeiras testemunhas de acusação a depôr foram o 1.º sargento Adriano Nunes, o guarda de policia Francisco Pereira e Francisco Paulo de Oliveira, um dos presos que figurava na «Leva da Morte».

As declarações que este ultimo fez são muito interessantes, descrevendo o que se passara desde a sua entrada na escolta até ao momento do tiroteio na rua Serpa Pinto.

A's 15 horas foi o julgamento interrompido por 15 minutos, devendo este prolongar-se por toda a semana.

Dentro do edificio do tribunal e nas suas imediações fazia serviço uma força da G. N. R. sob o comando de um alferes.

No Panteon de S. Vicente

Sufragando a alma de D. Afonso

Sufragando a alma do ex-Infante D. Afonso de Bragança, pela passagem do 3.º aniversario da sua morte, mandou a sr.ª Duqueza do Porto celebrar hoje, de manhã, uma missa no Panteon de S. Vicente.

Além da sr.ª Duqueza do Porto viam-se grande numero de familias da nossa primeira sociedade.

ORDEM PUBLICA

Novo cerco a Lisboa?...

O CHEFE DO ESTADO E O GOVERNO SÓ REGRESSARÃO Á CAPITAL DEPOIS DE ABSOLUTAMENTE GARANTIDA A ORDEM

Os jornais da manhã de hoje não escondem como vimos as suas apreensões sobre a gravidade da situação. Facto é que não foi ainda alterada a ordem publica mas as precauções tomadas pelo Governo indicam claramente que ele procura defender-se bem como no Chefe do Estado de o inimigo, por enquanto desconhecido.

Os boatos mais desencontrados continuaram correndo com a maior insistencia e de tal jeez eles foram hoje que muitas familias começaram a abandonar a cidade por suspeitarem que alguma coisa importante se irá passar por estes dias.

O Governo que juntamente com o chefe do Estado havia partido para o quartel general do campo entrincheirado em Caxias, abandonou ontem a noite aquela fortaleza, seguindo para a cidadela de Cascais, onde ainda se conserva, parecendo que tão cedo não voltará á capital.

Pelo menos nas estações oficiais onde hoje procurámos informes foi-nos afirmado que o Governo e o sr. Presidente da Republica só regressarão a Lisboa no dia em que houver a certeza absoluta de que a ordem esta completamente assegurada.

E' evidente que existe um perigo e que o Governo por sua parte procura removê-lo ou debelá-lo.

Como? perguntará o leitor.

E' facil a resposta; estão chegando, apesar do desmentido dum jornal da manhã, forças militares da provincia, encontrando-se já em Lisboa algumas unidades vindas de Abrantes e outras de Santarem, sendo esperadas esta noite mais tropas do Sul.

Artilharia 3 e infanteria 16 encontram-se nos arredores da capital e tudo indica que um novo cerco sofrerá a cidade a exemplo do que se fez quando dos governos Barros Queiroz, Granjo e Cunha Leal.

Então disse-se que havia ideia de desarmar a Guarda Republicana, apontada por esses governos como tendo no seu seio elementos politicos prejudiciais á ordem e á disciplina. Esses elementos acabaram por ser transferidos para diferentes unidades e as coisas harmonisaram-se sem que afinal o desarmamento se fizesse.

Surgiu então o 19 de outubro; Cunha Leal ocupou-se depois do caso do desarmamento da G. N. R., que chegou a estar por um fio, pois o então chefe do governo tinha na mão todos os trunfos, mas facto é que tais trunfos não chegaram a ser aproveitados. Não só entre os politicos como tambem nos meios militares, o caso levantou celeuma, registando-se até o facto do general Gomes da Costa, numa entrevista concedida a um jornal, ter palavras de censura contra o sr. Cunha Leal, afirmando que aquele estadista estivera «mandando com a tropa», o que valeu ao valente oficial ser punido com alguns dias de prisão no forte de Caxias.

Abramos agora aqui um parentesis sobre as nossas considerações e passemos a analisar outro ponto da questão.

Sabido é, que por motivo dos morticinios da noite de 19 de outubro ultimo, o presidente do Ministerio sr. Cunha Leal, encarregou o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque de proceder ás necessarias investigações, de que resultaram as prisões de varios oficiais, alguns dos quais faziam ou fizeram parte da G. N. R.

Essas prisões não foram vistas com bons olhos por alguns camaradas dos detidos esboçando-se então na G. N. R. uma especie de protesto contra as resoluções tomadas pelo investigador Alexandrino de Albuquerque.

Entre esses oficiaes, na sua maioria alferes, tenentes e alguns capitães, chegou a ser aventada a ideia de se organisar um novo movimento, cujo principal fim seria forçar o Governo a mandar restituir á liberdade os detidos. Estes não concordaram com o gesto dos seus camaradas, chegando mesmo a enviar-lhes instruções ou conselhos nesse sentido, havendo agora quem afirme que, afinal, se não tratava de um novo movimento revolucionario mas sim de uma ameaça para fazer recuar o governo.

Facto é porem que a ideia aventada pelos amigos dos presos de S. Julião da Barra entrou a ser aproveitado por elementos varios que, segundo uns pretendiam estabelecer uma Republica Federal, e segundo outros uma Republica Nova, Independente que constituiria um conselho ditactorial e outro economico.

De parte a parte fizeram-se aliciamentos em barda e esses elementos, que trabalhavam separadamente, acabaram por juntar-se entendendo-se ás mil maravilhas.

Segundo se diz o movimento devia rebentar na madrugada de ontem tendo sido marcado para as 3 horas e depois adiado para as 4 ou 4 e meia. O Governo entretanto informado do que se estava passando e temendo novo golpe de audacia junto do sr. Presidente da Republica ia reunir com o chefe do Estado para o forte de Caxias.

O primeiro perigo estava bastante desviado, pois que o Chefe do Estado não seria mais uma vez coagido a assinar qualquer decreto de demissão do Governo, como sucedeu nos anteriores movimentos.

E' agora ocasião de fechar o parentesis e calcular ou prevêr quais as providencias que o Governo adoptará para pôr um dique a tal estado de coisas.

Apontado está o perigo, que o governo encara, perigo alias já do dominio publico, não nos repugnando portanto acreditar nalguns boatos que hoje correram e que parece terem confirmação.

Dizia-se por exemplo que o governo estava na disposição de desarmar a G. N. R. principalmente as baterias de artilheria e as metralhadoras e que os oficiais destas unidades consultados sobre o assunto não se haviam oposto a tal medida.

De resto a Guarda já declarou isto mesmo por varias vezes.

Mais se afirmava que esse material de guerra recolheria ao Arsenal de Murtalho devendo depois ser distribuido por outras unidades.

Tambem constava que o governo caso as suas ordens não fossem aceites ou cumpridas retirar-a para Coimbra onde procuraria resistencia. Neste ponto as nossas informações dizem-nos que a resistencia seria feita no Porto onde igualmente se estão fasendo concentrações de forças.

De positivo ha que o sr. presidente da Republica e o governo não regressar tão cedo a Lisboa.

Prova-o o facto do sr. Governador Civil de Lisboa ter partido hoje de tarde para Cascais, com as suas pastas recheiadas de imensa papelada que precisa ter despacho urgente.

Tambem sabemos que o cerco a Lisboa será feito pelas chamadas linhas de Torres.

◆ ◆ ◆

O cerco a Lisboa deve ficar concluido durante a noite de hoje, tendo a secretaria de guerra mandado convocar urgentemente muitas classes.

Gréve de padeiros?

Os padeiros, reunidos hoje, resolveram reclamar o regimen das 8 horas de trabalho, o pagamento das multas por parte dos patrões e o pagamento das férias aos sabados.

Caso as reclamações não sejam atendidas, os padeiros declarar-se hão em greve.

A greve dos electricos

Teremos carros amanhã

Amanhã, pelas 7 horas, devem sair já, tripulados por elementos militares, alguns carros electricos, sendo os primeiros a sair os da estação do Arco do Cego.

Consta que vai ser abolida a verba de 5 centavos recentemente estabelecida.

O nosso adido militar em Paris condecorou algumas personalidades do Havre

HAVRE, 19.—O adido militar de Portugal em Paris entregou em nome do seu Governo condecorações portuguesas a algumas personalidades civis e militares do Havre como reconhecimento das horas prestadas ao soldado português desconhecido por ocasião do embarque dos seus restos mortais.—(H)

Morte do jornalista Eduardo Metzner

Numa das enfermarias do Hospital de S. José faleceu, pelas 7 horas da manhã de hoje, o jornalista Eduardo Metzner.

Eduardo Metzner sucumbiu aos estragos da tuberculose, após um prolongado sofrimento.

Nota oficiosa

«O Governo, tendo tido conhecimento de que estava para se produzir um movimento de caracter politico e social, tomou todas as medidas tendentes a evitar a sua eclosão e a assegurar a manutenção da ordem publica, entre elas a de mandar vir para Lisboa algumas tropas da provincia, a fim de cooperarem com todas as fôrças de que a capital dispõe na repressão de qualquer movimento. O Governo espera que tôda a população se tranquilise, confiando na serenidade com que êle está encarando a situação, no firme desejo de assegurar definitivamente a tranquilidade publica, sem excessos prejudiciais, mas com a firmeza que dá uma forte compreensão do seu dever e da justiça que a todos os cidadãos é devida.»

Parlamento

No Senado

Eleição da mesa

Sessão presidida pelo sr. Oriol Pena, secretariado pelos srs. Godinho do Amaral e José Pontes. Aprovaram a acta 33 senadores. Dispensada a leitura dos acordãos, foram proclamados senadores todos aqueles cuja comissão de verificação de poderes validou a sua eleição. Seguidamente, foi interrompida a sessão pelo espaço de 10 minutos, a fim de se proceder á eleição do presidente e vice-presidente, sendo eleitos, respectivamente, para êstes cargos os srs. Pereira Osorio e Gaspar de Lemos e Lima Duque. Prosseguindo, foram eleitos para secretarios os srs. Raul Pereira e Fernandes de Almeida e, para vice-secretarios, os srs. Pessanha das Neves e Sousa Varela. Finda a eleição, o sr. Oriol Pena convidou a mesa eleita a ocupar o seu lugar, começando o sr. Pereira Osorio por agradecer a honra com que a Camara o distinguiu. Saudaram s. ex.ª os srs. Casimiro Monteiro, em nome do P. R. P., Pais Gomes, em nome do P. R. L., Joaquim Crisostomo, em nome dos senadores independentes, Vasco Marques, em nome do P. R. N., Tomás de Vilhena, em nome dos senadores monarquicos, e João Barbosa, em nome dos catolicos. A proxima sessão é na quinta-feira, ás 14 horas.

◆ ◆ ◆

A sessão decorreu, até á hora de fechar este jornal em tranquilidade. Apenas na Camara dos Deputados se deu um ligeiro incidente, acerca da eleição da Comissão.

Como se previa, foi eleito presidente da Camara dos Deputados o sr. dr. Domingos Pereira.

Anunciava-se um sensacional discurso pronunciado pelo sr. Cunha Leal.

Em ambos as casas do Congresso se tratou de eleição de comissões.

A guerra civil?...

O sr. Cunha Leal faz hoje, na Camara dos Deputados, interessantes declarações

Deve estar proximo a usar da palavra, na Camara dos Deputados, o sr. Cunha Leal.

Na impossibilidade de demorar a saida dêste jornal, ouvimos-lhe algumas declarações, que serão a sumula do seu discurso:

— Quero declarar perante o Parlamento e o paiz que são puramente insidiosos os boatos de que eu participe de quaisquer conspirações. Não conspiro. Sou, hoje o homem que fui ontem: quem promover ou alimentar revoluções comete um acto que só pode prejudicar a Patria e a Republica.

«Não sei quem conspira. O Chefe do governo é que o deve saber. Não receio aqui dizê-lo. Ele lá sabe porquê. Mas o que eu não consinto é que se pretenda, o governo ou os seus agentes, imputar-me responsabilidades nos acontecimentos que vão seguir-se. Eu não os provoquei, quando fui governo. Vai produzi-los o sr. Antonio Maria da Silva? Fique com êle a responsabilidade. E, se quizer saber mais, ouça o meu discurso...

Vontade não nos falta, é claro Mas o tempo é que não consentia...

A luta em Marrocos

Uma conferencia sobre as proximas operações

MADRID, 20—Chegou a esta cidade o coronel do estado maior Jimenez Jordan, encarregado pelo general Berenguer de conferenciar com os ministros da Guerra, Marinha e Fazenda sobre as operações projetadas para a primeira quinzena de março incluindo a de Alhucemas, de forma a que lhes seja assegurado o melhor exito.—(R).

As relações comerciais entre a França e Espanha

MADRID, 20.—Chegou o delegado do governo francez encarregado de continuar as negociações sobre as relações comerciais entre a Espanha e a França.—(R).

TEATRO

GENTE DE TEATRO

museu que passem anos na prateleira comendo os ordenados de societarios, e bela e sempre joven artista seria um acquisição valiosissima. O seu logar devia ser lá.

Não porque o teatro morra sem ela, mas porque sendo uma artista de categoria sem trabalho, Palmira Bastos precisa de trabalhar.

De resto há ainda um ponto a acertar. Palmira Bastos foi societaria do Nacional, como o foi Lucinda Simões, como foi Carlos Santos, como foi Amelia Rey Colaço, como foi Robles Monteiro... como afinal foi tout le monde et son père. Um dia abalou sem consideração alguma pelo Teatro onde estava, como abalaram Lucinda Simões, Carlos Santos, Rey Colaço, como abalam... todos.

Esse abandono foi voluntario, a tal ponto vexante para aquela casa de espectaculos que a Portaria de 23 de junho de 1921 exonerava a citada artista nos termos da 2.ª parte do paragrafo 2.º do artigo 8.º do decreto de 4 de agosto de 1898.

Falta que os leitores saibam o que diz a 2.ª parte do referido artigo. Vejamos com um pouco de paciencia:

«Art.º 8.º—Uma vez admitidos na sociedade, os associados só poderão ser excluidos dela a seu pedido, ou por invalidez ou castigo.

§ 1.º—Os socios só poderão desligar-se por deliberação propria no fim de cada epoca e tendo prevenido a direcção da sociedade e o comissario do governo com tres meses de antecedencia.

§ 2.º—Os socios que se desliguem, nos termos do § anterior, poderão ser readmitidos pelo governo passados tres anos e, se o forem, ser-lhes-ha contado, para o abono da pensão de inactividade, todo o tempo que tiverem pertencido á sociedade; mas os que se retirarem sem cumprir os preceitos desse paragrafo, e os que de motu-proprio se desligarem mais duma vez, nunca serão readmitidos».

E' possivel que o nosso excelente colega José Sarmento soubesse que Palmira Bastos pela lei não mais pode entrar como societaria do Nacional, e estão a querendo na subalternidade de contratada reclame por a notavel artista o logar de rainha, expoente maximo quiçá, gloria salvadora do nosso Nor mal o que realmente o decreto não alcança.

Mas não deve deixar de concordar que na forma incorrecta como a sua protegida se desligou daquele mesmo teatro, reside uma das causas de descredito para essa casa de espectaculos que todos os artistas teem sempre desrespeitado insubordinadamente.

Por isso, repitimos, a questão deve ser claramente posta:

A sr.ª D. Palmira Bastos a quem devemos muitas criações de valor não tem teatro onde trabalhar. No Nacional são sempre aceites os bons elementos. E' um acto generoso e aplaudivel esquecer tudo que já vem atraz e conciliar estes dois factos.

Nada mais. Pois dão é assim, excelente sr. José Sarmento?

ARMANDO FERREIRA.

Alves da Silva

Amanhã, no teatro da Avenida é dia de festa. Um dos mais valiosos elementos da companhia Satanela-Amarante, faz ali a sua festa com a "Miss Diabo" cantando num dos intervalos dois trechos de opera. Alves da Silva demonstrará assim as suas faculdades. Os seus amigos terão ocasião de lhe demonstrar quanto o admiram.

Nota do dia

O regresso de Palmira Bastos ao Nacional

Ha mais cinco dias que um jornal da tarde aparecia com um artigo inopinado do nosso camarada e distinto tradutor José Sarmento, onde com lindas palavras se reclamava aos poderes mais altos a necessidade quasi inadiavel de Palmira Bastos ser chamada para o Teatro Nacional.

O artigo excelentemente lisongeiro para a notavel artista, a cujas qualidades todos os encomios são justos, revela um aspecto diverso daquele que gostariamos de ver na prosa do nosso colega do jornalismo.

Fazendo um apelo ás altas qualidades e dons artisticos de Augusto Gil, Santos Tavares e Augusto Pina, trazendo louvores sem fim, prodigalisando adjectivos á artista sem teatro, José Sarmento indica que será devido a ela, entrando como rainha no nosso teatro oficial, que o estado abatido, deficiente, pobre, quasi miseravel situação do nosso «Nacional» deixará de ser uma lamentavel realidade.

Em duas palavras: Palmira Bastos seria a Messias salvadôra do decrepito Teatro Nacional.

Isto não é assim. José Sarmento no seu reclamativo artigo forçou demasiadamente a situação.

O «Teatro Nacional» tem passado infelizmente para todos nós por crises muito maiores do que a actual. Recorda-nos que ha um ano ou pouco mais sem precisar-mos a data, escreveu um artigo José Sarmento na «Manhã», onde se apontava a situação degradante do «Nacional». Não temos a certeza se nesse tempo era ainda Palmira Bastos societaria do «Nacional» mas lembra-nos de termos neste mesmo jornal aplaudido as sempre sinceras palavras do antigo jornalista e tradutor.

Neste momento o «Nacional» não se pode dizer que esteja em muito mau estado. Foi a pior oportunidade para o artigo pedindo Messias. Acaba de entrar para a administração Augusto Pina; está em scena uma peça com um desempenho notabilissimo; vive ainda na memoria a «réprise» honesta de «Afonso VI», os cuidados scenicos da «Maison cernée». Achabil administrador que vai trazer até ao teatro uma companhia franceza para a qual já não ha um bilhete, não se pode ainda indicar medidas extremas de salvação...

Não quer isto por forma alguma dizer que sejamos contra a entrada da distinta actriz para o «Nacional»; de forma alguma. Em vez dos mônos de

Noticiario

Portugal

Os principais papeis da comedia «Carta anonima» que sobe á scena no Nacional na proxima quarta feira, 22, em 5.ª recita de assinatura, vão ser desempenhados pelos artistas: Ilda Stichini, Helena de Castro, Irene Gomes, Rafael Marques e Clemente Pinto.

—Realisam a sua festa artistica na proxima quinta-feira, no Coliseu dos Recreios, em penultimo espectaculo da actual companhia de circo, os notaveis e simpaticos «clonws» Rico & Alex.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Festa artistica da actriz Maria Clementina, no Teatro Chiado Terrasse, com a peça de Camilo Castelo Branco, «O assassino de Macario».
—No Teatro Salão Foz, recita do actor José David, com a revista «Bichinha Gata» e variedades.

AMANHA—Festa de Alves da Silva, tenor da companhia Satanela-Amarante, com a «Miss Diabo».
—Ultima da «Aida» em S. Carlos

4.ª FEIRA—Primeira representação no Teatro Nacional da comedia em tres actos, do Muñoz Sêca, «Carta Anonima», trad. de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.
—No Teatro Politeama, primeira representação da comedia «Amor a quanto obrigas!»
—Reprise do Lohengrin em S. Carlos.

A'S SEGUNDAS FEIRAS

Antologia portugueza

(SECULO XVIII)

Carta ao sr. Manuel Gomes da Costa

por ANTONIO DA COSTA

(Vienna d'Austria 29 de Julho de 1780.)

Estimo muito, e estimarei sempre as suas cartas, pelas duas cousas que n'ellas resplandecem, a que o mundo chama tolice, isto é, a naturalidade e sinceridade com que V. M. falla, requisitos de que gosto sobre modo na communicação; e especialmente agora, porque ainda os não achei por cá, senão na gente verdadeiramente tola e simploria. Admirou-me muito o desejar V. M. tanto lêr livros francezes e inglezes: e communicar pessoas que o pudessem instruir e dissolver as suas duvidas com sinceridade, porque eu tinha por certo que V. M. seria como os outros reinicolas brazileiros que não estudaram antes de irem para a America; que, quando tornam, cuidam sómente em comer o que trouxeram, ou, quando muito, em conservarem um pouco de negocio. Quanto a parecer-lhe a V. M. que lhe podia ser bom aos seus intentos, engana-se de remate; porque eu nunca fiz peculio na memoria do que li, ouvi e vi; creio que por me mostrar a experiencia que isso não me servia de nada mais, que de conhecer uma pequenissima parte das fraquezas do nosso natural; assim V. M. por este motivo não tenha pena de eu lhe estar longe; antes se assegure que, se fallassemos muitos meses e annos, todo o fructo que V. M. poderia tirar de me ouvir, pelo que respeita a livros, era o persuadir-se de que em logar de lhe aproveitar o têl-os, o prejudicaria foreta de modo, se o fizesse como o commum da gente, que, sem nem vir-lhes ao pensamento o julgar d'elles por si mesma, julga quasi sempre das cousas por elles sómente, e quasi nunca nem das cousas, nem d'elles, pelo modo que deveria fazê-lo, isto é, valendo-se unicamente da sua pura experiencia, e ditames da razão. V. M. não terá nenhuma duvida em que o juizo, entre os outros dons que recebemos da natureza, é, sem nenhuma comparação, o mais estimavel de todos; mas eu não cuido, como os que teem muito que os livros no-lo augmentam; porque me parece que a sua actividade natural não póde crescer, nem ainda diminuir, senão por propria indisposição de si mesmo; nascida de doença, idade, paixões, etc., e que, se os livros nos tiram d'elle alguns erros dos infinitos de que no-lo vae enchendo desde a meninice, o que vemos e ouvimos no mundo, lhe impingem muitos mais. Não digo nada d'isto para o desconselhar a V. M. de lêr absolutamente, mas para vir a concluir que leia quando o quizer, com a advertencia, porém, de não se descuidar nunca de julgar com toda a liberdade das cousas que lê, e do juizo dos autores que as escrevem; e se V. M. me disser que não se acha capaz de julgar com acerto da ruindade do juizo dos autores famosos, responder-lhe-hei que tambem não se deve achar capaz de julgar com acerto da sua bondade; e por conseguinte, não lê-los de nenhum modo. Leia, torno a dizer, quantos livros quizer, portuguezes, castelhanos, francezes e inglezes, traduzidos, mas leia-os pondo de parte inteiramente o que tem ouvido d'elles, e o grande conceito que os autores, ainda dos livros mais ordinarios, mostram nas suas palavras fazer do seu talento, especialmente os francezes, que n'este ponto são insoffriveis; e até fazem insoffriveis os seus leitores pela maldita presumpção e vangloria de saber, e pelo desprezo com que fallam da ignorancia, isto é, da falta de lição dos livros francezes. Ainda outra vez, V. M. leia todos os livros que puder, mas como a gente olha para a fazenda de grande valor, quando a quer comprar, que a volta bem do aveço e do direito e repara bem n'ella de alto a baixo por todas as partes, para lhe descobrir os defeitos e avarias, e espero que a comparação não lhe pareça demasiadamente encarecida; porque bem conhecerá que a perda de juizo e boas inclinações, que nos póde vir da leitura cega de um só livro, é de maior consideração que todas as perdas que tivermos em quantas compras fizermos na nossa vida; e já que fallamos de livros, lhe direi logo que o tal Francisco Xavier de Oliveira não se acha em Vienna, nem eu acho nenhum rasto de elle ter estado aqui nunca; e por isso já V. M. vê que esta gente não o tem em nenhuma conta, nem boa nem má. Eu porém da minha parte, pelas informações que tive d'elle em Paris, lhe posso dizer, (em duvida, se entende) que faço mau conceito do seu juizo, porque me disseram, louvando-o muito, que elle escrevêra um bello livro francez, em que corta muito os portuguezes e as suas cousas, e me offereceram para eu o vêr; o que eu agradeci, mas não acceitei; porque já ha muitos annos que me deu uma grande fastieira de livros francezes, especialmente dos que cortam das outras nações; não porque cortam tambem da nossa, mas porque quasi em tudo a cortam sem pinta de juizo. Ora V. M. considere se eu me acharia com animo para lêr um livro em que um portuguez corta a sua nação á franceza; e sómente porque os francezes a cortam, a parecer d'elle, com grande juizo; agora sim, V. M., que leu as suas cartas, é natural. O mesmo que tenho dito a V. M. a respeito de livros lhe digo tambem a respeito de vêr mundo; nem eu lhe posso instruir o juizo, ou destruir-lh'o, contando-lhe o que vi, e vejo por cá; nem V. M. se poderia instruir a si mesmo, se desse uma e muitas voltas por estas terras em que tenho estado; porque não veria senão a nossa mesma fé christã, as mesmas leis com pouca differença, e os mesmos costumes, entre elles o mais louco de todos, chamando matrimonio (chamo-lhe louco, da parte dos homens, pelo gosto com que abraçam e fazem gloria da vil escravidão em que os poem as mulheres); as mesmas fraquezas de juizo, e desordens do coração; e emfim os mesmos vicios e virtudes, &. E' verdade que os movimentos do nosso espirito da cabeça, e do peito, que reluzem nos nossos costumes, palavras, acções, etc., assim como não são os mesmos em numero, e qualidade, em todos os homens, não no são tambem no mesmo grau em todas as terras. Ora que tira d'aqui?? Por ventura que se V. M. andasse pela Europa oito ou dez annos, tomando bem sentido no modo de pensar e obrar, das suas nações, se recolheria com maior conhecimento do mundo que o com que se acharia n'aquelle tempo em Portugal, se estivesse estado sempre lá parado? Eu entendo que não certamente; antes quanto á minha pessoa, creio com toda a segurança que, se eu nunca sahisse d'esse reino, conheceria mais do mundo de que conheço hoje em todas as minhas giarvoltas; porque os vicios e a virtude do nosso juizo e do nosso coração, são lá e cá, da mesma qualidade; e lá, ambas as cousas em maior grau conhecidamente; que não saiba o que eu digo quem se préza de ter girado.

APOLOGOS

De Pimentel Maldonado

O pardal no viveiro do canario

Um pardal, que entre os pardais
Por grau musico passava,
Que em chaminé ferrugenta
Continuamente chiava;
Em louvores enfunado;
De mor fama cubiçoso,
Num viveiro de canarios
Entrou ledo e presunçoso.
Sacudindo os sujas pênas
Trinou famosa chiada;
Que os canarios aplaudiram
Com solfre pateada.
Ao som do funebre encomio
O altivo pardal gritou:
—«Que insolencia! a mim tais vivas!
A tal cantor como eu sou!»
—«Seja embora (lhe respondem)
Quanto inculca, e muito mais;
Mas olhe, senhor pardal,
Que isso é lá entre os pardais.»

O cuco e o rouxinol

Tendo o ninho seu provido
Do mantimento dia io,
Nobre canto amoroso vario
Um rouxinol entoou,
O cioso cuco euvidoso
Resmunga—«Que mandrião!
Com tais sons engordarão
Os pobrinhos que gerou!»
No dia seguinte o mogo
Vigilante rouxinol,
Colado de sol a sol
A buscar sustento andou.
O cuco atento diz:
—«Que comilão! nada o farta!
Mau raio te apanhe e parta.
Já de cantar se enjoou!»
Ora pois (digo eu agora)
Ouvi lá os tais danados!
A cometas depravados
Nunca a virtude escapou.

SPORT

CROSS-COUNTRY

As provas de Os Sports

«Os Sports» convida os delegados e fiscais de «pista nomeados pelos clubs concorrentes, a comparecerem na sua redacção no dia 2 de Março proximo, pelas 21 horas e meia, a fim de se ultimarem os preparativos do «cross-country» em preparação.

Lembra mais uma vez que a não comparencia dos fiscais de pista e local da prova, implica a desclassificação da «equipe» do respectivo club.

CLUB DE CAÇADORES

Na sua ultima reunião, o Club dos Caçadores resolveu remodelar os estatutos, ficando marcada nova sessão para a proxima semana, a fim de se proseguir nos trabalhos encetados.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Na elegante sala de «sport» do Ginasio realisou-se ontem o primeiro baile «masqué», infantil, iniciando-se assim, brilhantemente, a serie das festas carnavalescas. No baile apresentaram-se inumeras crianças mascarados de diversos costumes. Os alunos do professor de ginastica sueca sr. Artur dos Santos, apresentaram-se numa graciosa mascarado.

NATAÇÃO

CLUB NACIONAL DE NATAÇÃO

Realisou-se no dia 15 deste mês a assembléa Geral anual deste Club, sendo eleitos os seguintes corpos gerentes:

Mesa da assembléa Geral.—Presidente, João Ramalhete Serrão, vice-presidente, Gustavo Pereira da Costa, 1.º secretario, José Estevão Ferrolho, 2.º secretario, Carlos Ferreira Sousa.

Conselho director. — Presidente, George de Belo Black; vice-presidente, Gil Belo; secretario, A. Amaral; tesoureiro, José Silvão.

Conselho tecnico.—Vogal do Conselho Director, George Black; secretario, Antonio Antas de Campos; vogal, Gustavo Pereira da Costa.

Comissão revisora de contas.—Presidente, Jaime Russado dos Santos; secretario, Francisco Olivé Marques; relator, Gustavo Mota Leal.

E mais ficou deliberado que a cota passasse a contar de março a 1$00 e que a joia seja elevada á importancia de esc. 10$00 durante os meses de outubro e abril, pagavel em duas prestações e durante os meses que vão de maio a setembro, a joia de esc. 15$00 pagavel em três prestações, ficando tambem deliberado que todo o socio proponente seja responsavel pelo pagamento integral da joia até á prestação correspondente ao mês em que o proposto tenha a sua admissão, mantendo assim o Club o prestigio e bom nome já alcançado.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Resultados de ontem

Disputou-se ontem, no Campo Grande, a taça «Porto-Lisboa».

A «equipe» representativa de Lisboa venceu a «equipe» representativa do Porto por dois «goals» a um.

O recinto estava completamente cheio e houve grande animação.

LISBOA GINASIO CLUB

Realisaram-se as provas finais para a disputa do «Brassard», de esgrima entre socios do Lisboa Ginasio Club, para a qual estavam apurados os srs. Carlos José dos Santos, João Rodolfo Monat, Raul da Silva Santos e José de Castro Carvalho.

O vencedor foi o sr. Carlos José dos Santos, e em sua honra realisou-se um baile, que decorreu muito animado.

GREMIO LISBONENSE

Já foi entregue á direcção do Gremio Lisbonense o oficio pedindo autorisação para a realisação do campeonato de bilhar. Esse documento é assinado por mais de vinte jogadores dos mais cotados, devendo realisar-se o campeonato no proximo mês de março, depois da reunião em que serão apresentadas as bases em que o mesmo deve assentar.

O professor sr. Miguel Gorjão, tem como amador o sr. Carlos José dos Santos, que coadjuva os amadores em todas as fases do jogo.

São quatro as categorias e ha premios em cada. Os bilhares já são todos arranjados e a direcção já em adquirir novos jogos de bolas.

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

Ele via que eu estava pronta a fazer tudo por ele e sabe Deus o que significava para mim este «tudo». Eu compreendia o que representava esse dinheiro para minha pobre mãe. Sabia que ela podia adoecer de desgosto se o perdesse e sentia por isso o remorso gritar dentro de mim. Mas meu pai nada via. Considerava-me como uma criança de tres anos então que eu já compreendia tudo. O seu entusiasmo não conhecia limites.

Abraçava-me, pedia-me para não chorar, prometia-me que naquele mesmo dia sairiamos ambos de casa para qualquer parte, sem a mamã, encontrando assim á minha persistente fantasia.

Por fim tirou um programa da algibeira e pôs-se a contar-me que ele iria ouvir naquele dia o seu peior inimigo, o seu inimigo mortal; os seus inimigos, porem, nunca triunfariam. Ele proprio parecia-se com uma criança, falando-me dos seus inimigos.

Notando que eu não sorria como era costume quando ele me falava, e que pelo contrario o escutava em silencio, pegou no chapeu e saiu precipitadamente como se o esperassem em qualquer parte.

Antes de partir abraçou-me mais uma vez e fez-me um sinal com a cabeça acompanhado dum sorriso, como que não tendo confiança em mim e exortando-me a não reflectir.

Eu já disse que ele estava como louco.

Tinha necessidade de dinheiro para comprar um bilhete para o concerto que devia decidir da sua sorte. Tinha o ar de quem presentia que esse concerto ia tudo decidir, mas estava tão perturbado até ao ponto de querer tirar-me a pequena moeda que eu levava, como se fosse possivel com esse dinheiro comprar o bilhete.

As suas excentricidades mostraram-se ainda mais ao jantar. Via-se que não podia estar socegado e não comeu nada. Levantava-se a cada momento e voltava a sentar-se como se tivesse reconsiderado. Tão depressa pegava no chapeu como para ir a qualquer parte como depressa ficava extranhamente distraido, procurando qualquer coisa. De repente, olhava-me piscando os olhos, fazendo-me sinais como que tendo pressa de receber o dinheiro o mais rapidamente possivel, talvez receiando que eu ainda o não tivesse comigo. Até a mamã observou as suas excentricidades e olhou-o com espanto. Eu estava como uma condenada á morte. Quando terminou a refeição fui agachar-me num canto tremendo como febre e contando os minutos que faltavam para a hora em que a mamã tinha o costume de me mandar ás compras.

Na minha vida inteira nunca passei tão terriveis instantes como esses que para sempre ficaram gravados na minha memoria. Como sofri durante essas horas! Ha momentos em que a consciencia vive mais do que durante anos inteiros. Eu sentia que cometia uma má acção. Ele proprio tinha-te auxiliado... tirado... estes... tinha que reviver os meus bons instintos quando, arrependido de me ter obrigado a fazer mal, pela primeira vez, me explicara que eu tinha procedido duma maneira vilã.

Não devia ele compreender pois que é dificil enganar uma natureza avida de impressões sentindo e concebendo já o bem e o mal? Eu compreendia que só uma terrivel necessidade o obrigara a levar-me ao vicio pela segunda vez e a sacrificar assim uma creança sem defesa, abusando mais uma vez da sua consciencia a desabrochar.

E agora, agachada num canto, eu perguntava: porque me promete ele recompensas se eu estou decidida a agir por minha livre vontade?

E novas sensações, novas aspirações, novas perguntas se misturam em mim e me atormentavam. Em seguida, repentinamente, pus-me a pensar na mamã. Eu previa a sua dor, perdido o seu ultimo dinheiro, fruto do seu trabalho.

Depois de terminada a tarefa que a mamã estava fazendo, ela chamou-me sobressaltada, aproximei-me dela. Pegou no dinheiro, deu-mo e disse:

—Vai, Nietotchka, mas, pelo amor de Deus, não te deixes roubar como da outra vez ou não o percas.

Olhei meu pai com um ar cheio de suplica mas ele sorria-me com um ar de aprovação esfregando as mãos de impaciente que estava.

O relogio deu as seis horas. O concerto começava ás sete. Ele tambem devia sofrer com esta demora.

Parei na escada para o esperar. Ele estava tão comovido e tão impaciente que sem nenhuma especie de precaução, correu logo atraz de mim.

Dei-lhe o dinheiro. Estava escuro na escada e por isso não pode ver a sua cara, mas senti que tremeu ao pegar no dinheiro. Eu estava quasi sem sentidos e não dizia. Voltei a mim quando ele queria que eu voltasse a casa a buscar-lhe o chapeu.

Ele por si não queria voltar a casa.

—Pai, porque não voltas comigo? perguntei eu com uma voz entrecortada de soluços, esperançada em que ele me defendesse.

—Não... vai só... Espera, espera! exclamou ele, espera! Dar-te-ei um brinquedo; vai primeiro e traz-me o chapeu.

Foi como se uma mão gelada me apertasse repentinamente o coração. Dei um grito e subi correndo. Quando entrei no quarto estava palida como uma morta e se quizesse dizer nesse momento que me tinham roubado o dinheiro á mamã não o acreditaria. Mas era incapaz de pronunciar uma palavra. No excesso do meu desespero, atirei-me para a cama de minha mãe e escondi a cara nas mãos.

Um minuto depois abriu-se a porta suavemente; entrou meu pai.

—Onde está o dinheiro? gritou de repente a mamã, compreendendo que se passára qualquer coisa de extraordinario. Onde está o dinheiro? Fala, fala!

Tirou-me da cama e levou-me para o meio do quarto.

Eu calava-me, abaixava os olhos. Compreendi apenas o que se passava comigo, o que tinham feito de mim.

—Onde está o dinheiro? exclamou ela de novo, sacudindo-me e voltando-se bruscamente para meu pai que pegava no chapeu. Onde está o dinheiro? repetiu ela. Ah! ela deu-to? Biltre, assassino! Tambem queres perder esta creança! Não, não, tu não te vais embora assim!

Deu um salto para a porta, fechou-a e meteu a chave na algibeira.

—Fala! Confessa, com uma voz cheia de inquietação, confessa! Fala, ou... Não sei o que te farei!

Apertava-me as mãos, interrogando-me. Eu tinha jurado comigo propria calar-me, não dizer uma palavra do papá; mas timidamente, pela ultima vez, levantei os olhos para ele.

Um olhar seu, uma palavra qualquer coisa do que eu implorava e eu seria feliz fossem quais fossem os sofrimentos, as torturas que passasse. Mas, Deus meu, com um gesto frio, ameaçador, ele ordenou que me calasse, como se nesse momento pudesse com semelhante ameaça.

Apertou-se-me a garganta, deixei de respirar, tremeram-me as pernas.

Perdi os sentidos e cai no chão. Repetiu-se a crise nervosa.

Voltei a mim quando bateram á porta da nossa porta. A mamã abriu e eu vi um homem fardado que entrando no quarto, olhou com espanto para nós todos e perguntou pelo musico Iéfimov. Meu pai aproximou-se. O criado deu-lhe um envelope, dizendo que vinha da parte de B., que naquela casa estava em casa do principe.

O envelope tinha um bilhete de entrada para o concerto de B...

(Continúa)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4009 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 21 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A politica e a Guarda Republicana

A população precisa confiar no espirito patriotico e de sacrificio da Guarda Republicana

Lembra-se o heroismo do soldado que morreu para evitar a explosão da bomba

Os jornais da manhã pouco adiantam sobre o desenvolvido noticiario que hontem «A Capital» publicou sobre os importantes acontecimentos politicos que se estão desenrolando.

Por essas informações ficou o publico habilitado a fazer uma idea clara da situação que, ao principio, se apresentava bastante confusa.

Hoje já se sabe o que se passa, sem que se compreendam as ambiguidades de muitos periodicos. A questão é com a Guarda Republicana. E' nela que o governo viu certamente um perigo visto ter-lhe mandado retirar a artilharia pesada.

Que razões teve o governo para se capacitar absolutamente desse perigo?

Não sabemos as causas imediatas, embora sobre elas corram os mais variados boatos; mas não será dificil depreendê-las da rememoração de factos passados.

Depois de Monsanto, a Guarda Republicana foi consideravelmente aumentada, e munida de meios de ação poderosissimos O fim dessa remodelação era habilitar os governos com uma força que lhes garantisse a execução das medidas necessarias á defeza da Republica, a qual acabava de sair duma grave crise.

Todavia, pouco tempo depois, começaram a produzir-se factos que indicavam da parte da Guarda o proposito, não de servir os governos, mas sim de fazer e desfazer governos.

Ninguem esquéceu o tristissimo incidente que se deu com a posse do gabinete Fernandes Costa. Não poude o sr. Fernandes Costa tomar conta do poder, para o que fôra legitimamente nomeado pelo sr. Presidente da Republica, porque um bando de discolos o ameaçou de morte dentro dum dos ministerios, ás duas ou tres horas da tarde, em pleno Terreiro do Paço.

A Guarda Republicana não executou esse ato; mas a verdade é que o não impediu.

Foi culpa da guarda? Não o acreditamos, mas houve alguem que não lhe deu as ordens que devia dar para que não fosse possivel a odiosa violencia de que foram victimas o sr. Fernandes Costa e os seus colegas. Um desses era já o pobre Antonio Granjo que nessa tarde não foi assassinado nas ruas de Lisboa porque se defrontou energicamente com o bando de miseraveis que o insultava, chamando lhe traidor.

Passaram os tempos, e quando, numa das nossas frequentes crises ministeriais, o sr. Alvaro de Castro, ainda então marechal do partido democratico, foi encarregado pelo chefe do Estado de organisar gabinete, não o poude fazer, porque foi avisado de que a Guarda Republicana viria para a rua, se ele persistisse no seu intento.

Estes factos, que transpiraram dos bastidores politicos, começaram a dar á acção da Guarda um aspécto singular.

Entretanto, numa das vezes, só se revelara um retraimento, na outra uma ameaça. Com o gabinete Bernardino Machado entrou-se nas vias de facto.

Em maio do ano findo, forças da Guarda Republicana sairam para a rua exigindo a demissão do gabinete Bernardino Machado, legalmente constituido. Sob a ameaça duma luta sangrenta, dum conflicto tragico entre portuguezes, o sr. Antonio José de Almeida, coagido moralmente demitiu o ministerio do sr. Bernardino Machado, e dissolveu o parlamento, o que era outra imposição dos revoltosos.

Entrara-se no caminho da violencia; mas demitido o governo Bernardino Machado, e dissolvido o parlamento, a pressão da Guarda Republicana não cessou. Sentiu-a o sr. Barros Queiroz, que foi o primeiro a reconhecer a necessidade de chamar tropas para os arredores de Lisboa; sentiu-a o sr. Antonio Granjo, que concentrou forças em Mafra.

Em face destes sintomas de resistencia legal, a Guarda Republica realisou o pronunciamento de 19 de Outubro. As consequencias desse facto tristissimo foram tão graves que ainda muito tempo havemos de senti-las.

Não vingou inteiramente o pronunciamento da Guarda; os horrorosos massacres da noite tragica crearam em torno desse movimento o vacuo; mas a Guarda continuou a ser arbitro da politica do paiz, exercendo sobre os poderes do Estado uma intoleravel pressão.

O Presidente da Republica foi coagido a nomear o sr. Manuel Maria Coelho chefe do governo imposto pela Guarda. O Presidente da Republica foi coagido a dissolver o parlamento. O Presidente da Republica foi coagido a nomear, como sucessor do sr. Manuel Coelho, o sr. Maia Pinto. O Presidente da Republica foi coagido a violar a Constituição adiando a data das eleições, marcadas para 11 de dezembro, até ao dia 8 de janeiro, acto tão inconstitucional que teve de ser reconhecida a sua inconstitucionalidade noutro diploma firmado pelo Chefe do Estado, sendo esse adiamento motivado por inspirações da Guarda que queria garantir a eleição de elementos outubristas. O sr. Presidente da Republica foi coagido, no gabinete do sr. Cunha Leal, nomeado tambem presidente do Ministerio pela influencias dos elementos da Guarda, foi coagido, dissémos, a adiar novamente o acto eleitoral, o que representou nova violação da Constituição. Pode dizer-se que o primeiro ministerio que o Chefe do Estado nomeia ha muito tempo, sem coacções de qualquer especie, mas pelas verdadeiras normas constitucionais, é o sr. Antonio Maria da Silva.

Podia uma tal situação continuar? Podia-se estar constantemente na iminencia de novas pressões politicas duma corporação cujo dever não é mandar, mas obedecer?

Evidentemente, era impossivel, e assim se explica a atitude do governo que querendo pôr termo a este estado de coisas, saiu de Lisboa para não estar sugeito a qualquer golpe de mão, eximindo, da mesma forma a novas coacções o venerando Chefe do Estado.

A exposição que fizemos é a dos factos conhecidos, causas mais ou menos remotas da resolução do governo, ignorando nós, como já dissemos, se não houve outras mais recentes que obrigassem absolutamente o governo a proceder como procedeu.

Não temos contra a Guarda Republicana nenhuma má vontade. Reconhecemos o seu republicanismo, não apoucamos os seus serviços, temos muitas vezes enaltecido os seus actos de bravura e dedicação. Temos a convicção plena de que nessa corporação e em grande maioria, existem elementos prestimosos que ha muito viam o declive por onde se ia rolando. Por isso mesmo estamos certos de que o sr. Antonio Maria da Silva só forçado pelas circunstancias enveredou pelo caminho que está trilhando.

A Guarda Republicana é uma corporação destinada á protecção da vida e propriedades, e, evidentemente tambem, á defesa da Republica quando as instituições sejam atacadas pelos seus inimigos. Mas não é nem pode ser o arbitro da politica republicana. Não lhe pertence essa faculdade, nem em nenhuma Republica se poderia aceitar uma intervenção como a que ela tem manifestado entre nós.

Lembra-nos dum acto que pode ser tomado como modelo do que deve ser a missão da Guarda. Numa das muitas greves operarias que entre nós se tem registado, e que não dispensam o emprego de dinamite para provar a sua justiça, um cabo da Guarda Republicana, passando de noite, numa sua, viu, dentro duma escada, flamejar um rastilho. Compreendendo que estava ali uma bomba, prestes a rebentar, correu para o sitio onde avistara a ligeira chama, a fim de arremessar a bomba para a rua. Mas já foi tarde. O engenho explodiu, e o bravo militar que, num relance medira toda a grandeza da sua missão, morreu despedaçado, mas conscio de que cumprira o seu dever.

Vale mais este acto isolado para dignificar a guarda do que todos os movimentos em que ela, mesmo julgando servir a Republica, se afastou do seu dever. Ha-de reconhecel-o passada a impressão do momento, todos os oficiais, todos os soldados desse brilhante corpo, que tantas simpatias teve sempre do nosso povo, e que se teem de queixar-se, não é desse povo, não é dos poderes do Estado, não é de nós, mas dos erros com que a comprometeram alguns espiritos ambiciosos ou exaltados.

O relatorio da Manutenção Militar

Como são as coisas portuguêsas

A Manutenção Militar, que é, entre nós, uma instituição que altos serviços presta, acaba de publicar o seu relatorio referente ao ano de 1920-1921, relatorio em que está detalhadamente elaborado sob a direcção do director da Manutenção sr. major Pina Lopes.

E' extraordinario, no entanto, o que lemos no relatorio e que abaixo vai transcrito. Assim é que, a pag. 44, no capitulo XI, *Faltas de generos e artigos*, lê-se:

«No balanço rigoroso a que se procedeu, com referencia a 30 de Junho, terminus do ano economico, notaram-se faltas importantes, que ultrapassaram, em alguns generos e artigos, aquilo que razoavelmente poderia considerar-se como quebras naturais.

No deposito de material, devido a erros de escrita e, talvez, á manifesta incompetencia de algumas pessoas que por ali têm passado, ainda não foi possivel balancear-se rigorosamente a existencia de todos os artigos, que são numerosissimos, serviço êste a que se está procedendo sob a direcção de um oficial.

Em todo o caso, parece-me não haver maneira de se poderem apurar quaisquer responsabilidades — havendo-as — por terem passado por ali inumeros encarregados que não entregaram nem receberam por balanço, certamente, por motivos de fôrça maior.

E' isso o que me responde o chefe da 3.ª divisão, que, em boa verdade, não pode ser responsavel por aquilo que os outros fizeram ou deixaram de fazer e, muito menos ainda, pelas mudanças constantes que se deram no pessoal seu subordinado, especialmente nos encarregados de deposito, sem tempo, sequer, para fazerem entrega e liquidarem as suas responsabilidades.

A 3.ª divisão possue oito depositos, cujas existencias em 30 de Junho atingiam o valor de escudos 4.188:119$62 e, todos êles, especialmente, os depositos de generos numeros 1 e 2, forragens, taras, combustivel e material, com importantissimo movimento.

Pois, apesar de tudo, isto é, apesar da sua importancia, que é bem manifesta, aquela divisão tinha para todo aquele serviço, quando eu aqui me apresentei, apenas um unico oficial, que de maneira nenhuma podia dirigir e fiscalizar tudo o que estava sob a sua acção e responsabilidade.

Por todos êstes motivos, creio que não será possivel apurar-se, com matematica certeza, desde quando datam as faltas que, em grande parte, remotam já a 30 de Junho de 1918 e que nunca chegaram a precisar-se com a necessaria e rigorosa exactidão.

O director então, sr. coronel Schiapa de Azevedo, nomeou uma comissão para fazer o respectivo apuramento, serviço que não conseguiu ver realizado e, o seu substituto, sr. coronel Vasconcelos Dias, referindo-se ao assunto no seu relatorio de 1918-1919, diz o seguinte, a pag. 13:

«Achando-se nomeada uma comissão para proceder á verificação do balanço geral dos generos em deposito referido ao dia 30 de Junho de 1918, por isso que êste apresentava elevadas diferenças, por certo, devidas, entre outras causas, a *desvios feitos* nos mesmos depositos por ocasião e posteriormente ao movimento de 5 (cinco) de Dezembro de mil novecentos e dezassete, do que resulta ser impossivel determinar nesta ocasião e com a rapidez exigida pela entrega do estabelecimento, a importancia que passa á nova gerencia, resolveu o conselho aguardar o resultado dos trabalhos da comissão para então assumir a responsabilidade das referidas existencias que agora são impossiveis de determinar».

Pelos motivos expostos e ainda porque quando assumi a direcção do estabelecimento, a escrita se encontrava bastante atrazada, eu declarei na acta, que limitava a minha responsabilidade á quantia de 223:434$10, que existia em cofre. Quanto ás existencias em generos, material e outros artigos e valores, só poderia assumir a correspondente responsabilidade, como é óbvio, depois de posta a escrita em dia, poder ser verificada a existencia rial acusada pelo balanço e confrontada com a acusada nos respectivos registos.

Por isso, logo em 6 de Janeiro ordenei ás divisões, sucursais, depositos, oficinas e demais serviços que tomassem todas as providencias que julgassem adequadas, para que, com data de 30 de Junho, terminus do ano economico, se procedesse, sem falta nenhuma, a balanços rigorosos sobre todas as existencias.»

Quer dizer, quando o sr. Pina Lopes tomou posse, só na 3.ª divisão, á qual incumbe «a recepção, conservação e fornecimento de todos os generos adquiridos e produzidos pelo estabelecimento; com destino á alimentação do pessoal e animal do exercito e ainda das materias primas e artigos de consumo da manutenção», só nessa divisão a existencia era de escudos 4.188:119$62. Quando o sr. Pina Lopes assumiu a direcção só se responsabilisou pela quantia existente no cofre, isto é, pela quantia que êle pôde contar: 223:434$10.

Isto só vem demonstrar como andam os serviços no nosso paiz.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Os gálos

A ultima moda em Paris para vestidos de senhora decretou, quasi exgotado o «stock» das excentricidades mundanas, que se substituisse, como enfeite, a pele de macaco—pelas penas de galo. Eu não concebo ainda bem o efeito que produzirá sobre nós a ultima creação do «Boulevard des Italiens». Penso entretanto que as penas de gálo verdes vermelhas, azues doiradas ao sol, sobre veludo ou sobre setim—hão-de emprestar ás mulheres a vaga fisionomia de aves esguias, pernaltas, viçosas, que em vez de voar andassem, que em vez de chilrear, sorrissem e que em vez de fazerem o ninho nos ramos das arvores ou nos beirais vermelhos, se limitem a fazê lo em casa de todos nós. O que me não admiro nada é que amanhã a minha deliciosa amiga «Mademoiselle» «Có-Có-Ró-Có», ao encontrar-me no Chiado, na luz quente da tarde, erice as penas do seu vestido, sacuda a cauda e, diante de toda a gente, me arraste a asa...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

A questão irlandesa

O Ulster está guarnecido de tropas

LONDRES, 21.—A fronteira do Ulster está guarnecida por tropas inglesas e tem-se mantido tranquila.

Em Belfast tem tambem havido sossego, tendo apenas um grupo de homens armados invadido uma estação telegrafo-postal dos arredores da cidade donde roubáram sessenta e seis libras.—(R).

Melhora a situação

LONDRES, 21.—As relações entre o norte e o sul da Irlanda teem melhorado, tendo sido postos em liberdade todos os presos.—(Lat. Am.)

A questão de Tanger

Uma conferencia entre a Inglaterra, França e Espanha

LONDRES, 21.—Ficou combinado o mez passado entre os governos interessados que representantes da Inglaterra, França e Espanha tenham uma conferencia em Londres sobre a futura situação de Tanger.

O governo espanhol nomeou seu representante e seu embaixador em Londres, espera se apenas que o governo francez nomeie quem o ha-de representar para se realisar a conferencia.—(Lat. Am.)

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

AUTOMOBILISMO

O Jornal «Os Sports» vae realisar a II Rampa da Pimenteira

O jornal «Os Sports» que se afirmou no nosso meio, um dos melhores jornaes da especialidade, está no momento presente a trabalhar pela realisação da prova automobilista II Rampa da Pimenteira, prova que se deverá efectuar em Abril proximo, cujo regulamento está sendo elaborado de acordo com o Automovel Club de Portugal.

Esta importante prova deve ter grande numero de concorrentes, pois nela podem-se inscrever automobilistas amadores e representantes de marcas com sede no paiz.

O jornal «Os Sports» instituiu a «Taça Goodyear» oferecida pela firma Corvaceiro, Mariano Gomes Ld.ª que será entregue definitivamente ao concorrente que fizer o percurso da prova que é de 15 6 metros em menos tempo. Alem deste importante premio, ainda haverão artisticas medalhas de prata e bronze para os trez primeiros classificados em cada categoria.

Brevemente daremos mais informes desta importante prova que tanto entusiasmo está despertando no meio automobilista portuguez.

Uma entrevista com o sr. Antonio Maria da Silva

Importantes declarações

MADRID, 21.—Em serviço especial da Agencia telegrafica «Latino Americana», o «Heraldo de Madrid» publica hoje uma entrevista que um dos redactores daquela agencia teve com o chefe do Governo português, sr. Antonio Maria da Silva. Nessa conversação afirma o chefe do partido democratico que se encontra hoje no governo por indicação iniludivel do acto eleitoral. Repeliu com energia qualquer suposta solidariedade do seu partido com o movimento de outubro, abominado por toda a nação. Demonstra não ser verdadeira, como se pretende, a monopolisação do poder pelo partido democratico, recordando os Ministerios organisados sem elementos do seu partido que é a mais forte organisação partidaria do paiz. No ultimo acto eleitoral disputou o seu partido as maiorias em todos os circulos, vencendo em quasi toda a parte.

Referindo-se á representação monarquica acha-a conveniente, ainda que mais não seja para atestar insofismavelmente a maneira de proceder da Republica nas ultimas eleições que, segundo declarações do proprio chefe monarquico, decorreram sem pressões de qualquer especie. Acrescentou que os «leaders» dos partidos liberal e reconstituinte o procuraram e lhe ofereceram franco e leal apoio para a execução do programa ministerial cujos pontos capitais são os que se inscreveram no programa da união dos partidos, apoz o movimento de outubro, principalmente no que se refere á politica financeira e economica. Sob o ponto de vista social, o governo procurará viver bem com toda a nacionalidade, com todos os elementos que a constituem. O apoio dado pelo governo ao congresso economico de Coimbra, enviando lá cinco dos seus membros, deve ter convencido as forças vivas do paiz de que o ministerio está disposto a auxilia-las tanto quanto possivel. Pelo que diz respeito ao operariado, não tem este senão motivos de satisfação por estar no poder o partido democratico, pois foi este partido que instituiu os seguros sociais obrigatorios e da sua iniciativa tem sido outras medidas de proteção e valorisação dos elementos proletarios.

Numa palavra, conclue o chefe do governo, preciso governar com a nação e espero consegui-lo.

A entrevista causou ótima impressão nos meios politicos hespanhois e principalmente, na colonia portuguesa.

A crise politica na Italia

De Nicola foi encarregado de formar governo

ROMA, 21.—Consta que o rei depois de ter conferenciado com Gilitti e Orlando, tornou a encarregar o presidente da camara De Nicola de formar gabinete.—(R.)

HORA DO PECADO

Pereiras

Foi eleito Presidente
Da Camara dos Deputados
O ex-ministro, ex-dissidente
Ex-chefe dos afastados.
Numa hora derradeira,
—E que certo foi má-hora—
O dr. Domingos Pereira
Contador na Boa-Hora.

E tambem no Consistorio
Do Senado, foi eleito
O dr. Pereira Osorio,
Diz-se que vae tomar a peito
O problema portuguès.
(Isto tem graça deveras)
Temos pois, duma só vez,
Dois presidentes... e peras.

TINTA PERMANENTE.

O problema do Egito

Vai-lhe ser concedida a independencia

LONDRES, 21 — Lloyd George comunicou hontem á camara dos comuns que tinha sido resolvido não se tornar publicas as propostas sobre o Egito antes de Lord Allenby lá chegar e que o governo pediria as necessarias autorisações ao parlamento dentro de uma semana.

O «Evening Standard» diz que será concedida ao Egito a independencia sem condições e que as tropas inglesas serão retiradas de acordo com os desejos do novo governo que julga ter força suficiente para manter a ordem.—(R).

O INVISIVEL

Como começaram e o que foram os comicios do Coliseu das Portas de Santo Antão — Como cairam quinze governos empurrados por forças estranhas

Porque motivo sahiu o governo de Lisboa? Quando regressa o governo ao Terreiro do Paço? Porque é que o sr. Presidente da Republica abandonou, embora temporariamente, a capital da Republica?

Estas perguntas e outras semelhantes constituem uma verdadeira «scie», desde sabado ultimo. Para muita gente, pouco sciente dos «dessous» da politica, os acontecimentos ultimos são ilogicos, constituindo um enigma indecifravel.

A ordem que reina na cidade dá-lhes uma aparencia de razão. O publico não compreende, pois, as razões de Estado que afastaram de Lisboa o chefe de Estado e o governo da Republica e vê, com espanto mas já sem surpresa, que se renova o chamado cerco a Lisboa, com concentração de forças militares importantes nos pontos estrategicos dos arredores.

Escrevendo um pouco de historia, vamos tentar fazer compreender aos leitores de «A Capital» a razão de todos estes acontecimentos, conduzidos, ao contrario do que alguns pensam, numa estrada direita pela logica que liga o passado ao presente.

Sidonio Pais isolou-se dos republicanos ou estes o isolaram a ele. Pouco importa que fosse duma forma ou doutra, o que é certo é que, alguns dias após a revolução de 5 de dezembro, Sidonio Pais foi ilaqueado pelos monarquicos, que dele se apoderaram até á asfixia politica.

Com a sua morte, desfez-se o sonho presidencialista. E, em vez dele, surgiu, no consulado do sr. Tamagnini Barbosa a restauração monarquica do Porto e o pronunciamento militar de Monsanto.

O gabinete Tamagnini Barbosa tentou equilibrar-se na maromba duma politica de dupla face, defendendo-se pela força do Estado organisado, contra a pressão republicana ou, mais propriamente democratica, e contra a pressão monarquica da Traulitania e de Monsanto. Isolou-se tambem e caiu.

Sucedeu-lhe o ministerio José Relvas. A Traulitania liquidou nesse momento e Monsanto rendeu-se, graças ao republicanismo indomavel do povo de Lisboa, que escreveu, durante horas de homerica batalha, uma das mais brilhantes paginas da historia de Portugal. E foi desde então que a situação politica se tornou muito obscura.

Após Monsanto e a traulitania surgiram os comicios do Coliseu das Portas de Santo Antão, lá se reuniram os defensores verdadeiros da Republica e aqueles que assim se intitulavam, com mais ou menos autenticidade. A assembleia ditava a lei, que o governo tinha que cumprir. José Relvas correu, vezes varias, risco de perder a vida á mão dos ditadores das Portas de Santo Antão. Cançado, cedeu o logar ao sr. Domingos Pereira.

Este homem publico desarmou a policia civil, ainda muito dezembrista, fortaleceu a Guarda Republicana introduzindo-lhe elementos novos da confiança do regimen e adoptou, com os civis, uma politica de conciliação ou antes de captação. Fez então a sua aparição, como ministro da guerra, o coronel Antonio Maria Batista. Não foi facil convence-lo a aceitar a pasta. O coronel era um dos mais assiduos frequentadores dos comicios do Coliseu e encarava a politica de depuração do exercito. Durante muitas horas resistiu aos pedidos do sr. Domingos Pereira, que julgava, com razão, quasi indispensavel a entrada do coronel Batista no governo, como ministro da guerra.

Acabou por ser vencido: aceitou. E, para chefe do seu gabinete ministerial, surgiu, com bastante surpreza, o sr. Liberato Pinto. Quando o sr. Domingos Pereira se demitiu, a Guarda Republicana era já um forte corpo de tropas, que a nomeação do sr. Liberato Pinto para chefe do estado maior não fez senão aumentar diariamente. E a sua intervenção na politica começou a fazer-se sentir, a maior parte das vezes decisivamente. Começava a tutela sobre o Poder Civil. A vida dos governos da Republica passou a ser tormentosa, incerta e efemera. Apareceram dois ministerios Sá Cardoso; outro, que durou uma hora, presidido pelo sr. Fernandes Costa e que caiu perante uma manifestação popular, tendo á frente o celebre Pintor e por detraz dele, a mão forte do sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da Guarda Republicana; outro governo do sr. Domingos Pereira, que caiu no Parlamento, empurrado pelo malogrado Antonio Granjo e, finalmente, o governo dos 33 dias, com o sr. Antonio Maria da Silva á frente.

Seguiu-se uma tentativa de governo Alvaro de Castro; outra, melhor recebida pelo Parlamento e pela opinião, do coronel Baptista; com o falecimento repentino deste oficial, fulminado por uma congestão em pleno conselho de ministros, o governo arrastou a sua agonia chefiado pelo sr. Ramos Preto, a breve trecho substituido por um outro gabinete Antonio Maria da Silva; tivemos depois, dois governos, embora de curta duração, presididos pelos srs. Antonio Granjo e Alvaro de Castro; depois, nem mesmo o sr. Liberato Pinto se aguentou no Poder, apezar do apoio, aparentemente incondicional, do poder tutelar, a Guarda!

O sr. Bernardino Machado, que fez um governo de equilibrio com o sr. Alvaro de Castro na pasta da Guerra, foi derrubado por um pronunciamento da Guarda. O sr. Barros Queiroz, favorecido com a dissolução parlamentar, tentou umas eleições gerais, com o seu partido: o Republicano Liberal. Perdeu-as. Quiz, apesar disso, manter-se no Poder. Não o conseguiu, porque o poder tutelar lho não dava suficiente apoio, e tambem por motivo das dissenções intestinas do seu proprio partido. Veio o seu rival politico, o sr. Antonio Granjo.

A guarda, em massa compacta, fez o pronunciamento de 19 de outubro. O movimento desacreditado pelos assassinos e seus cumplices, desfez-se inglòriamente nas mãos dos srs. Manuel Maria Coelho e Maia Pinto. A opinião publica reclamava governo forte, capaz de lutar e vencer a tutela da espada. O sr. Cunha Leal foi energico, mas não pode fazer tudo. Não tinha apoio civil para contrapôr á pressão militar da Guarda. Sucedeu-lhe o sr. Antonio Maria da Silva, chefe do partido democratico pela abdicação tacita do sr. Afonso Costa.

Tem maioria parlamentar, tem apoio civil, deve ter a estas horas suficiente força militar. A tutela da Guarda Republicana sobre o Poder Civil está, pois, prestes a findar!

◆ ◆ ◆

O governo foi para fóra da Lisboa portanto, pela força das circunstancias. Subtraiu-se, assim, á pressão da Guarda, á sua tutela que já demasiadamente dura; poz em segurança o Chefe do Estado, evitando um golpe de mão de que ele poderia ser o objectivo primario; e o governo não regressará ao Terreiro do Paço senão quando se sentir liberto—enfim!...—da tutela que impedia, desde Monsanto, o funcionamento constitucional da Republica.

Entretanto, ainda ha uma pergunta a que se não pode responder: conseguirá o governo Antonio Maria da Silva atingir completamente o seu objectivo?...

LER NA

ULTIMA HORA

O desarmamento da G. N. R.

Politica espanhola

O parlamente reabre a um de março

MADRID, 21.—O conselho de ministros resolveu que o parlamento reabrisse no dia primeiro de março.—(R).

Reuniram-se as juntas de defesa

MADRID, 21.—No ministerio da guerra reuniram-se as juntas de defesa sobre a presidencia do rei.—(R).

Pela Santa Sé

Depois da entrega das credenciais

ROMA, 21.—Depois de ter recebido as credenciais do corpo diplomatico, o Papa referiu-se á necessidade duma paz mundial.

Julga-se que a primeira enciclica concederá aos catolicos completa liberdade politica mantendo contudo o principio de que os padres devem obedecer aos bispos.—R.

LER NA 3.ª PAGINA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

PELO PROF.

LADISLAU BATALHA

CURIOSIDADES

Dias da semana em que principiam os meses do corrente ano

Ao domingo—Janeiro e Outubro; á segunda—Maio; á terça—Agosto; á quarta—Fevereiro, Março e Novembro; á quinta—Junho; a sexta—Setembro e Dezembro e ao sabado Abril e Julho.

Quarta, quinta e sabado, nunca serem do começo a um seculo. Nos anos bissextos ha duas letras dominicais a primeira desde 1 de Janeiro a 1 de Março; a segunda desde esse dia até ao fim do ano.

Planetas que governam durante os 14 anos futuros

Em 1923, o planeta Lua; em 1924, Marte; em 1925, Jupiter; em 1926, Venus; em 1927, Saturno; em 1928, Sol; em 1929, Marte; em 1930, Mercurio; em 1931, Jupiter; em 1932, Venus; em 1933, Sol; em 1934, Lua; em 1935, Marte; em 1936, Mercurio.

A rosa de ouro

Consiste esta mercê pontificia com que os Papas costumam distinguir certas casas religiosas e algumas pessoas reais, em um ramo de rosas metido num vaso de prata, sobre o qual estão gravadas as armas pontificias e uma inscripção latina. Foi nos fins do seculo IX que principiou a ser oferecida. O Papa Urbano II foi o primeiro Pontifice que usou desta prova de generosidade. O Papa Leão X fundando um convento na Francónia determinou sobre obrigação que os frades desse convento lhe dessem todos os anos duas onças em ouro ou uma rosa, a qual é benzida, ainda hoje, com grande cerimonia pelo Pontifice no quarto domingo da Quaresma.

Foram cinco as pessoas reais em Portugal agraciadas com esta distinção. Em 1506 o papa Julio II agraciou el-rei D. Manuel I; em 1550, a 8 de março, agraciou o Papa Julio III, o principe D. João; em 1770 o Papa Clemente XIV agraciou D. José I; em 1842 o Papa Gregorio XVI agraciou D. Maria II; e em 1892 o Pontifice Leão XIII, no tempo do Nuncio Apostolico Jacobini agraciou D. Maria Amelia. D. Carlos para solenisar esta mercê, concedeu amnistia a grande parte de crimes eleitorais.

Colecionadores celebres

O ultimo imperador da Russia colecionava caixas do rapé de prata do ... Jorge IV, rei de Inglaterra, tinha a mania de colecionar caleteiras ainda que fossem da materia mais infima; Luiz da Baviera, chaves, fechaduras e relogios usados. a princesa Maud, dentes de elefante, de foca e de javali; o principe de Bismark, termometros, a princesa Maria da Romenia, frascos de perfumes varios de autores celebres, Monsenhor Boudel foi dos maiores colecionadores do mundo.

Falecido em 1834 na Belgica deixou o seguinte e curioso espolio: 3.000 estampas e quadros religiosos e profanos de autores celebres, 2.000 chicaras, pires e pratos de lindos desenhos, 143 lustres de varios formatos e feitios, 780 pares de piugas de ricos tecidos, 103 espelhos, 530 pares de calças, 809 casacos e sobrecasacas interessantes, 600 pares de luvas de variadissimas cores pertencentes a actrizes e personagens notaveis e 200 candieiros e serpentinas.

O descanço entre varios povos do mundo

Cada povo guarda tes dias da semana conforme a religião que professa.

O cristão guarda o domingo, o grego a segunda-feira, o persa a terça, o assirio a quarta, o egipcio a quinta, o turco a sexta e o judeu o sabado.

A. G.

Os credores da Russia

Findou já a Conferencia Internacional para a protecção dos interêsses particulares da Russia, que, durante três dias, se realisou em Paris e em que se fizeram representar doze Estados.

Resolveu-se comunicar aos governos a existencia de um projecto tendente a regular os cidadãos estrangeiros sobre a Russia, projecto que, desde 1920, foi estudado e aceite como base eventual de futuras negociações com a Russia. Resolvido isto, assentou-se ainda em que o capital e o trabalho estrangeiros não estavam resolvidos a colaborar na obra de reconstituição economica da Russia, sem que o governo dos *soviets* não se resolva a declarar francamente que está disposto a reconhecer todos os compromissos tomados pelos governos da Russia anteriores, assim como pelas autoridades locais e não se compromete ainda a reparar todos os prejuizos causados ás propriedades, direitos e interêsses dos subditos estrangeiros e das sociedades russas com capitais estrangeiros.

Mais acordaram ainda os representantes dos Estados crédores da Russia em que não deve ser admitida a participação dos delegados russos na conferencia de Genova, sem que o governo russo tome aquele duplo compromisso.

COISAS LEVES E PESADAS

A vida dificil

Chega-se á conclusão de que a sociedade retrocedeu á epoca do sebo

A vida dificil não é positivamente a vida cara. Peor do que a carestia dos generos, ha a dificuldade de os obter, e maior do que esta, a perda insistente de tantas comodidades e confortos adquiridos pela civilisação. E', sob este ponto de vista, especialmente, que a vida em Portugal se tornou aborrecida. Tudo o que, durante largos anos de paz, o progresso nos preparou de bem estar, tudo se sumiu como por encanto, e se para as gerações de amanhã a falta seja pouco sensivel, para as de ontem o mal é irreparavel.

O vapor havia encurtado distancias, o fio telefonico abreviado comunicações verbais, como o fio telegrafico abreviara havia muito as ligações entre os pontos mais afastados, a electricidade procurára facilidades enormes de viação, a terra prodigalisára produtos á farta, o de repente em troz ou quatro anos, todas essas conquistas do progresso começaram a enfraquecer, porque ao mesmo tempo que se acentuou a escassez das materias primas, avolumaram-se as exigências dos factores indispensaveis a torna-las efectivas.

Deu-se então uma revolução no modo de ser social, revolução das pessoas porque é pacifica e lenta, mas destruidora e nociva como todas. O grande mal de uma guerra sem precedentes, originou a febre da ganancia de todas as classes, e, coisa curiosa, porque as sociedades se debatem entre as contradições mais evidentes, á medida que essa febre cresce, surge ao mesmo tempo a epidemia do comunismo, que é a negação de todo o interesse proprio.

O direito de propriedade teve sempre por base o desenvolvimento do individuo, da familia e da civilisação. Uma vez destruido, passando a propriedade a ser de todos, o resultado será ninguem cuidar dele. Falhando o individualismo, o interesse dos que trabalham para si e para os seus, faltam a emulação e a recompensa proprias, e o trabalho do homem deixará indiferente a ele e á sociedade.

Logo que ao individuo se meteu na cabeça trabalhar apenas para todos, passou a não trabalhar para pessoa alguma, sem se importar se a sua produção é ou não eficaz e salutar. Ha que operar uma reação violenta, ha que fazer compreender a todos a necessidade inabalavel de trabalhar, de produzir, de intensificar, de progredir a bem do interesse de todos, mas auferindo desse trabalho e dessa produção, o juro equitativo do seu labor. Deus poz a ordem no universo, mas poz tambem a diversidade.

E é desta diversidade que resulta a harmonia da vida, impossivel de obter apenas com um som, quer se trate de uma sociedade quer se trate apenas de uma orquestra.

A vida dificultou-se pela complexidade de interesse que a agitam, e a que vieram juntar-se agora elementos novos. E' sobretudo pela luta travada entre as duas partes da sociedade, a que não quer trabalhar e a que exige tirar do trabalho, um juro de verdadeira agiotagem, o que equivale ao mesmo, porque tão agiota é o que carrega oito vezes o preço dos generos, como o que carrega oito vezes a hora da produção do seu cerebro ou do seu braço, que o problema se apresenta complicado. E um pedacinho de sacrificio de parte a parte simplifica-lo-ia extraordinariamente, se o não conseguissa resolver por completo.

Negado esse sacrificio, pela intransigencia de todos, continuar-se-ha a sentir a perda de tudo o que a paz anterior a 1914 nos havia preparado. Ao grande seculo das luzes está-se seguindo o grande seculo das trevas. Nunca aquela frase retorica ou lugar comum, como quizerem, se fez mais sentir.

Ainda ha poucos anos, correndo a Europa, visitando as grandes capiteis atravessando as pequenas cidades, se sentia bem o vigoroso impulso da civilisação, pela luz que dela irradiava quer nos prodigios da maquina e nas conquistas da terra, quer nas inovações da sciencia e nas transformações da arte. Essa luz que iluminava tudo como uma força exuberante, iluminava a um tempo o cerebro humano e as ruas das cidades. E se se não puder desligar uma das outras, ter-se-hia a impressão de que a escuridão da terra quando falta o poder do planeta lunar, obscorece a nossa vista e o nosso entendimento, entristecendo-a e oprimindo-o.

As conquistas da sciencia, que o trabalho do homem aplicára e difandira encontram-se hoje, mercê desse mesmo individuo, reduzidas á expressão mais simples. A electricidade que sacudia as redes de Galvani, projeta hoje apenas uma luz fraca e indecisa. Desapareceu o gaz, adulterou-se o petroleo, e o azeite e a stearina que em tempos longinquos, foram o recurso dos nossos antepassados, á medida que perdiam o poder iluminativo aumentavam discricionariamente o preço do custo, só acessivei aos ricos!

Decididamente em materia de luz, só nos resta a lamparina. Voltou-se á epoca do sebo!

A Provincia na "Capital,,

ALMADA, 17. — Entre a vereação municipal lavra grande desarmonia. Acabamos de saber que o senado vae ser convocado para as 13 horas do dia 24 do corrente, a fim de eleger nova comissão executiva.

Esta noticia, que correu veloz, provocou a maior das surprezas. Estranha-se que o mesmo senado, não tendo reunido no primeiro dia util do corrente ano, como era costume, embora a lei o não determine, para então eleger outra ou a mesma comissão executiva, o faça agora, sem motivo.

E' para lamentar que hajam taes desinteligencias, que a opinião publica não vê bem. Tambem é estranhavel—e supomos que ilegal—a hora para que se pretende a reunião do senado, que sempre foi convocado para as 18 horas, parecendo assim que se deseja evitar que o publico tome conhecimento directo do que se passa no seio da vereação.

Oxalá que tudo se harmonise e que a actual comissão continue para vermos em breve concluidas as importantes obras que iniciou, no respeitante ao abastecimento de agua e luz, e a realisação de outros projectos que anda estudando, como por exemplo, a construcção de um bairro operario cooperativista.—(C.)

Em volta da conferencia de Genova

A crise politica na Italia vae influir na data da abertura

BERLIM, 21.—Parece que em consequencia da queda do governo italiano, a conferencia de Genova será adiada. Espera-se que esse adiamento seja de curta duração, tendo lugar esta semana em Londres a conferencia preliminar. A França continua a esforçar-se para que o prazo do adiamento seja mais extenso do que a Inglaterra pretende. O «Times» alvitra que para se satisfazer os desejos da França se deveria encarregar a Liga das Nações de estabelecer o programa da conferencia.—(R.)

Um desejo da Belgica

BERLIM, 21.—Tem sido comentado o desejo manifestado pela imprensa belga de que a conferencia se realise em Roma no dia 1 de abril. O «Temps» diz que é impossivel que os tecnicos franceses apresentem os seus relatorios antes de tres semanas.—(R.)

A Polonia vae pedir uma indemnização

BERLIM, 21. — Segundo noticias vindas da Polonia o governo dos «soviets» está na disposição de solicitar na conferencia de Genova, uma indemnisação, pelo auxilio dado pela Russia a França durante a guerra mundial, assim como pelas despêsas feitas para dominar os movimentos dos generais Yudemitsh, Denikine, Koltchak, Wrangel e pelos ataques da Polonia.—(R.)

A Inglaterra ainda não respondeu ao «memorandum» de Poincaré

LONDRES, 21.—Alguns jornais francezes fazem um certo misterio sobre a falta de resposta da Inglaterra ao recente «memorandum» de Poincaré.

O memorandum era de grande importancia e tratava de numerosos pontos em relação com o programa da conferencia de Genova, os quais o governo francez desejava ver elucidados.

O governo inglez entendeu mais eficaz que esses pontos fossem esclarecidos pela discussão em Londres dos peritos que representam os poderes aliados presentes na conferencia de Cannes quando se resolveu realisar a conferencia de Genova.

Foi comunicado ao governo francez pelo seu embaixador em Londres a resolução de se fazer esta discussão de peritos o que subentendia uma resposta ao «memorandum», evitando assim uma troca de longas notas.

Como o governo francez não fez objeção alguma á reunião de peritos, o governo inglez considerou que se tomava esta proposta como uma resposta ao «memorandum» de Poincaré.—(Lat. Am.)

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DO MOVIMENTO

O «Seculo» de hoje fazia notar, e com razão, o facto de estarem a chegar a Lisboa quasi mil viajantes americanos e encontrarem a cidade debaixo da impressão de um estado anormal.

Isso deve ser, de facto, desagradavel para êles e digo deve ser porque, para nós, que já estamos habituados, isso é quasi indiferente. E é pena que os que o fazem não notem essa nossa indiferença e o abandono a que os votamos. E' pena, porque, com a queda para o exibicionismo que têm todos os portuguezes, talvez se deixassem disso.

Mas os americanos têm mais surprezas encantadoras, quando desembarcarem. Não falando já na surpreza do proprio desembarque, ferão a da greve dos electricos. E, talvez, nesse momento, êles pensem que não foi positivamente para estarem parados que os inventaram.

Mas logo que se habituem a essa idéa, têm a surpreza maxima, ou seja o estado desta cidade capital, á beira-mar plantada, de marmore e de granito, jardim da Europa, Eden florido, onde não, há flôres, paraizo de mulheres bonitas, que andam, namelosas e cobertas de andrajos, a vender violetas pelas ruas.

Mas o publico tambem já se desinteressou de tudo isto e nem vale a pena falar em tal.

BOTTO DE CARVALHO

✦ ✦ ✦

A investigação policial sobre o desastre sucedido no cinematografo «Knickerbocker» de Washington de que resultou a morte de mais de 100 pessoas quando abateu o tecto, encontrou que o desastre fôra devido a defeito da planta e construção do edificio e falta de inspeção e vigilancia dos trabalhos. O ministerio publico já ordenou a prisão do arquitecto e de mais 8 pessoas incluindo o constructor e o empreiteiro que colocou a cupula de aço, o engenheiro que a desenhou e tres funcionarios do governo encarregados de inspecionar os planos e a construção do edificio. As autoridades publicaram um edital mandando fechar todas as casas onde houvesse aglomeração de pessoas, até que a sua solidez fosse assegurada.

✦ ✦ ✦

O observatorio meteorologico de Georgetown registou um terremoto submarino que classificou de muito violento.

Os tremores de terra que duraram perto de uma hora, deram-se, segundo os calculos, num ponto situado a 1000 quilometros ao sul de Washington.

Este é o terceiro grande terremoto que tem havido no praso de um mez, provavelmente no Atlantico, na altura da America Central ou no Pacifico, na altura da California.

As autoridades cientificas da America atribuiram os dois primeiros terremotos ao desmoronamento submarino de uma cordilheira de montanhas.

✦ ✦ ✦

PARIS, 21.—O paquete «Saboia» chegou ontem de manhã ao Havre, trazendo a bordo os membros da delegação franceza que ficaram em Washington depois da partida de Briand e de Viviani, e que são Alberto Sarraut, ministro das Colonias, e chefe da delegação, vice almirante de De Bon, Fourner e Sorloveza, conselheiros tecnicos. Os jornais reproduzem as declarações de Sarraut o qual acentuou que mesmo depois das justas diplomaticas que foram por vezes bem rudes, a amisade dos americanos pela França se conservou inalteravel.

Pouco a pouco a opinião americana chegou a compreender as razões da atitude da França.—(Lat. Am.)

✦ ✦ ✦

Um dos mais belos e significativos espectaculos da viagem do principe de Galles á India foi presenciado em Delhi no sabado passado no grande banquete de honra oferecido a sua alteza pelos principes da India.

O «Marajah» Gwlior, bebendo á saude do principe, declarou que as casas dos principes indianos tinham desejos e ideias perfeitamente identicos á casa de Windsor e que todos desejam a continuação do Imperio Britanico, pois dele depende a paz do mundo.

✦ ✦ ✦

Num banquete oferecido pela Liga Franceza, Anatole France, discursando lembrou a frase de Goethe «devemos ser bons europeus» e rogou aos seus compatriotas para pôrem de parte os seus odios e esquece-los.

ULTIMA HORA

ORDEM PUBLICA

O desarmamento da G. N. R.

Fica existindo apenas uma bateria de metralhadoras pesadas no quartel da Graça

Confirmaram-se em absoluto as informações que «A Capital» ontem forneceu aos seus leitores sobre o desarmamento da G. N. R. Conforme dissemos o Governo julgando ver nalguns elementos da Guarda uma constante ameaça para a tranquilidade publica entendeu dever retirar da referida corporação, que mais não é que um corpo de policia e não uma entidade politica, parte do material de guerra ou seja a artilharia pesada que a mesma possuia.

A entrega de parte desse material ou sejam as baterias «Canet» de Campolide e as antigas baterias da campanha, do Matadouro, ultimamente aquarteladas no quartel de Campolide, foram entregues, ontem de tarde, quando o nosso jornal ia para a maquina, no deposito de material de guerra em Chelas.

Falta apenas ser entregue a bateria de Belem cuja entrega se efectuaria hoje, segundo se dizia, o que afinal não sucedeu. Na referida bateria ainda não foi recebida qualquer ordem nesse sentido ignorando-se portanto quando as peças seguirão para Chelas.

Tal como sucedeu com a bateria de Campolide, os oficiais, sargentos e praças aquarteladas em Belem estão dispostas a manter a maior disciplina, limitando-se a dizer:

—«Recebemos ordens e mais não temos que cumpri-las».

Ocioso se torna frisar que a entrega da artilharia no deposito de Chelas foi hoje o assunto obrigado de todas as palestras em Lisboa. O caso era discutido com certo calor nos centros de cavaco e toda a gente apoiava as medidas governamentais perfilhadas pelos governos anteriores mas nunca pôstas em pratica por motivos ou complicações varias.

Os amigos da ordem eram os primeiros que exteriorisavam a satisfação pelo desarmamento afirmando que de futuro seria dificil á G. N. R. organisar ou colaborar em mais revoluções...

Os tecnicos porem são de opinião contraria, reforçando a sua forma de pensar no facto de em poder da Guarda continuarem as metralhadoras pesadas, talvez mais perigosas que as peças «Canet». Um oficial dos mais distintos com quem nos avistámos egualmente defendeu esse parecer alegando que com uma metralhadora pesada ao seu dispôr facilmente varreria tudo quanto lhe aparecesse pela sua frente.

E' no entanto ponto assente que a G. N. R. ficará com as metralhadoras pesadas, julgadas indispensaveis para a manutenção da ordem publica.

Quando a Guarda foi reorganizada pelo então chefe do estado maior sr. Liberato Pinto, constituiram-se tres companhias independentes, de metralhadoras pesadas, as quais foram distribuidas pelo Castelo, Graça e Campolide. Tempos depois foi dissolvida a bateria do Castelo e dividida pelas baterias da Graça e Campolide. Agora a bateria de Campolide funde-se com a da Graça com um total de 32 metralhadoras e 8 oficiais, tendo por comandante o capitão sr. Silva, que comanda actualmente a bateria da Graça.

Fica pois existindo uma bateria unica a qual em caso de alteração da ordem agregará as suas 32 metralhadoras pesadas aos tres batalhões de infantaria existentes em Lisboa, ficando cada batalhão com 10 metralhadoras ou seja duas por companhia.

Quanto ao pessoal das baterias de artilharia, ficou resolvido que ingresse nos esquadrões de cavalaria.

✦ ✦ ✦

Embora as notas oficiosas enviadas aos jornais bem como as entrevistas dos ministros e autoridades, concedidas aos jornalistas, por varias se contradigam não resta já duvida que o governo com a concentração das tropas na chamada linha de Torres só tem em mira precaver-se contra qualquer eventualidade e no caso da G. N. R. não consentir no tão falado desarmamento.

Nos quatro pontos de concentração das forças ou seja na Alameda da linha de Torres, Amadora, Caxias e Linda-a-Velha conseguiu o sr. ministro da Guerra juntar em poucas horas nada menos de 15.000 homens e 80 bocas de fogo, um numeroso exercito para fazer frente aos 6.000 homens, se tanto, da guarda.

Felizmente não houve necessidade de resolver pelas armas um pleito que já ha tempos se debate. Melhor foi assim!

O governo julga liquidado o assunto e tanto que pensa em regressar amanhã á capital acompanhado do sr. presidente da Republica.

Tambem outro caso que prendia a attenção dos ministros e que era a gréve do pessoal da Companhia Carris de Ferro, está mais ou menos arrumado, segundo opinião do sr. Governador Civil. Os carros começaram a trabalhar depois das 7 horas e meia, e embora o serviço fosse feito por praças da Guarda Republicana, por policias e soldados das equipagens, armados em condutores, facto é que tudo se fez na melhor ordem.

O alfacinha quando hoje acordou ouviu já o tlintar das campainhas de alarme dos «Carros» o que deu uma nota de alegria e animação ás ruas da cidade os quais desde as primeiras horas da manhã se encontravam policiadas por patrulhas de infanteria e cavalaria da G. N. R. e guardas da segurança espalhadas por todas as linhas.

No Rocio principalmente houve grande pasmaceira, juntando-se o publico nos passeios a ver as manobras dos soldados transformados á ultima hora em guarda-freios e condutores.

Durante o dia não se registou qualquer incidente desagradavel reinando sempre o maior socego em toda a cidade.

E' provavel que em face das medidas adoptadas pelo coronel sr. Freiria já amanhã ou depois estejam completamente normalisados todos serviços sendo tambem de esperar que o pessoal grévista retome o trabalho pois que o seu antipatico movimento não obteve a simpatia do publico o eterno prejudicado com tão continuas gréves e exagerados protestos. O paiz precisa de ordem, de trabalho e não de gréves que apenas prejudicam a vida economica da Nação.

Outra revolução na rua?

Diz-se que as classes operarias vão manifestar-se

Quando ha dias «A Capital» se ocupou dos boatos que corriam sobre alteração da ordem frisou que as classes operarias se preparavam para uma gréve revolucionaria dando como motivo a constante e crescente carestia da vida.

Ao fim da tarde de hoje voltaram a avolumar-se esses boatos, talvez originados pelo facto de ter aparecido afixada nas ruas da cidade uma espetaculosa «en-tête» publicada no jornal «A Batalha».

Essa «en-tête» chamou as atenções gerais, formando-se principalmente no Largo das Duas Igrejas, grupos que com calor discutiam o caso.

Ao fim da tarde voltou a afirmar-se que a ordem seria alterada agora por parte das classes operarias que desejam assim secundar o movimento do pessoal dos electricos.

Hoje pelas 21 horas, reune-se o comité confederal da C. G. T. o qual solicitou das federações e sindicatos todo o auxilio para os grévistas da Carris.

A gréve dos maritimos

Continua sem solução a gréve dos maritimos, tendo-se realizado hoje, pelas 11 horas, mais algumas «demarches» para lhe pôr termo.

O pessoal voltou a reunir esta tarde nas respectivas associações de classe.

POEIRA DA ARCADA

Continua sendo diminuto o movimento nas repartições e gabinetes ministeriais, em consequencia do Governo estar ainda ausente da capital. Consta que o regresso se efectuará depois de amanhã.

—Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «Braga», para os Açores e New York, pelo «Cap. Palmas», para Pernambuco, Pará, Manaus, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

—A direcção da Albergaria cumprimentou o sr. governador civil de Lisboa, que lhe pediu a sua cooperação para acabar com a mendicidade na capital. Animada dos melhores desejos de satisfazer tão util aspiração, a direcção da benemerita casa de caridade prometeu ao sr. governador civil toda a sua colaboração naquele sentido oferecendo-lhe aquela autoridade o seu auxilio monetario, visto o precario estado financeiro da Albergaria.

A direcção desse instituto tomou imediatas providencias, para que desde já sejam internados ali todos os mendigos encontrados nas ruas de Lisboa.

"Leva da Morte"

Termina amanhã o julgamento

Continuou hoje a inquirição das testemunhas de acusação e de defeza do julgamento da «Leva da Morte» sendo o depoimento mais importante o do major sr. Tamagnini Barbosa, então ministro das finanças.

O julgamento deve terminar amanhã.

D. Afonso de Bragança

Em virtude do temporal ainda não poude sair do porto onde se encontra, o destroyer «Vouga», que traz a bordo os restos mortais de D. Afonso de Bragança.

Gréve dos electricos

Comquanto o pessoal da Carris de Ferro continue em greve, ás primeiras horas da manhã apareceram circulando na cidade alguns carros electricos, tripulados por soldados da G. N. R. e guardas da policia civica.

Os carros são acompanhados de praças da G. N. R., armadas de carabina, vendo-se tambem, por diversos pontos da cidade, algumas forças da mesma guarda prontas a intervirem, na possibilidade de qualquer alteração da ordem.

Esta manhã foi distribuido um manifesto do pessoal da carris em que são insultados os directores da companhia, a imprensa, o governo e os «chauffeurs» que vêm fazendo serviço na praça. Perante esses insultos a policia nada mais entendeu fazer do que apreender o referido manifesto.

A situação politica na Alemanha

Wirth, dificilmente se vai equilibrando na corda bamba do poder. Wirth, só mercê de constantes ameaças do estrangeiro, consegue aguentar-se á frente do governo da Alemanha.

Impotente para travar a marcha anarchica do operariado, dos elementos esquerdistas, impotente para evitar as manifestações realistas, nacionalistas dos numerosos adeptos do Kaiser, mercê da indisciplina de uns, da indecisão dos outros e da pressão do estrangeiro, Wirth conseguiu que no «Reichstag» lhe fosse votada uma moção de confiança por uma maioria de trinta e cinco votos.

Os nacionalistas, os partidarios de Stinnes, os socialistas independentes e os comunistas votaram contra o governo. O centro, os democratas e os majoritarios votaram a seu favor.

Se os dezoito deputados bavaros de grupo catolico, dirigido por Heim, não se tivesse abstido de votar e antes se tivessem reunido aos que se manifestaram contra a permanencia de Whirth no poder, a queda do ministerio era absolutamente certa. Justifica-se, porém, a abstenção dos catolicos. «Se não se receassse, diz o jornal «Taegliche Rundschau», que a queda do chanceler viesse criar dificuldades de politica externa, as horas do reino de Wirth estavam contadas».

As ultimas gréves feriram profundamente o prestigio do chanceller. Não tendo conseguido evitar a sua eclosão, demasiadamente, deixou que elas se prolongassem com as graves repercussões politicas, economicas e financeiras de que se fizeram acompanhar. O chanceller encontrou-se assim ante cinco especies de ataques. Os nacionalistas reprovam-lhe a sua fraqueza em face dos grévistas. O populistas afirmam não o desejarem mais á frente do governo uma vez que faltou ao cumprimento dos seus compromissos. Os socialistas independentes desaprovam as suas declarações, recusando o direito á gréve aos funcionarios publicos. Os dois grupos comunistas acordaram em combater tenazmente um governo que, na sua opinião, tem governado contra o proletariado e colaborado com os seus peores inimigos para tiranisar e explorar a classe operaria.

Julgará agora Wirth suficiente a insignificante maioria que conseguiu? Se assim fôr, certos estamos que essa solução, de fórma alguma resolverá a crise, mas tão sómente a adiará. Na primeira oportunidade não haja a menor duvida, as dificuldades que ele agora apenas aparentemente conseguiu vencer, surgirão novamente.

TEATRO

Primeiras e reposições

TEATRO CHIADO TERRASE — O assassino de Macario, *tres actos de Camilo Castelo Branco.*

E' Maria Clementina
Cachopa do brilho verio;
Vive na scena, é ladina...
Assassinou... o Macario.

ARMANDO FERREIRA.

Noticiario

Portugal

Brevemente efectua a sua festa artistica o actor Mario de Campos, da Companhia do S. Luiz.

Esta festa está sendo organisada meticulosamente, contando-se já com a representação duma opereta do repertorio do José Ricardo. A actriz-cantora Aldina de Sousa está ensaiando uma linda composição intitulada «Tonda singela» que constitue o ultimo fado do falecido maestro Manuel de Figueiredo. Tão interessante canção foi inspirada nuns versos do nosso camarada José Luiz Ribeiro.

—A distribuição da peça «Carta Anonima» que sobe depois de amanhã á scena no Nacional, em 5 a récita de assinatura, é a seguinte:

Gonçalo, Rafael Marques; Artur, Clemente Pinto, Arroio, Jorge Grave, Barão de Castillon, Luiz Leitão; Caracola, Antonio Nascimento; Vitoria, Ilda Stichini; Izabel, Helena de Castro; Pepita, Irene Grave; Heloisa, Ana de Oliveira.

—E' provavel que se realisem em S. Carlos depois do Carnaval algumas recitas extraordinarias com o tenor russo Belina.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Festa de Alves da Silva, tenor da Companhia Satanela-Amarante, com a «Miss D abo». —Ultima da «Aida» em S. Carlos.

AMANHÃ—Festa no teatro de S. Luiz do actor Sebastião Ribeiro, com «A Leiteira de Entre-Arroios».

—Primeira representação no Teatro Nacional da comedia em tres actos, de Munoz Seca, «Carta Anonima», trad. de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—No Teatro Politeama, primeira representação da comedia «Amor, a quanto obrigas!»

—Reprise do «Loengrin» em S. Carlos.

5.ª FEIRA—Primeira desta epoca em S. Carlos da «Carmen».

SABADO—Segunda representação no Teatro de S. Carlos da «Carmen».

MUSICA

Teatro Politeama

CONCERTO EXTRAORDINARIO EM FESTA ARTISTICA DO MAESTRO FERNANDES FAO

O maestro Fão deveria ter ficado satisfeito por ver coroados de maior exito os seus cuidadosos esforços para elevar a sua orquestra ao nivel que ele certamente desejava. Com efeito, a sua festa artistica foi realmente uma festa de arte, a que não faltou o valoroso concurso de uma das principais figuras do elenco de S. Carlos, Madame Elsa Bland.

Abriu o magnifico programa pela «Scheherazade» do compositor russo «Rymsky Korsakou» poema inspirado nos contos das mil e uma noites, em quatro tempos, todas muito bem conduzidas, e em que se distinguiu o notavel artista Luiz Barbosa; desde a primeira frase que por assim dizer, serve de tema, até o final do poema, em que se torna a ouvir a frase de entrada, o seu violino fez prodigios de tecnica e encantou a assistencia, que sublinhou o seu trabalho com aplausos.

Na 2.ª parte, com franqueza diremos que nos agradou extraordinariamente a «Sylmires», original do homenagiado, de que foi executada a 1.ª parte—«Resignação e Esperança». O tema é bonito e muito bem desenvolvido, com riqueza de orquestração em todos os naipes.

Nas «Scenas Alsacianas», no n.º 3, «sob as tilias», um mimo musical de «Massenet, tiveram ensejo de brilhar dois dos melhores elementos da orquestra, os srs. Fernandes Costa e Eusebio de Carvalho, violoncelo e clarinete numa cadencia admiravel de harmonia.

Seguiu-se Madame «Elsa» Bland que cantou a aria do «Freyschutz» de «Weber» e a Morte de Isolda do «Tristão» de «Wagner», com acompanhamento de orquestra. A ilustre cantora foi fartamente aplaudida e muito concorreu para o brilho da festa.

A terceira parte foi talvez a que mais entusiasmo despertou, não só por ter sido executado pela 1.ª vez em Portugal o poema sinfonico, «Il tempo che fu», original do grande chefe da orquestra de S. Carlos «Vittorio Gui» que de um camarote assistiu á audição da sua obra, mas tambem porque dela faziam parte duas paginas musicais de grande valor; uma, a «Triana» de «Albeniz», instrumentado por Fão, com que a pandeireta e as castanholas, acompanhando um punhado de melodias que nos recordam a cada momento o popular bairro sevilhano e os seus cantares, vem por uma nota de destaque, ou melhor, de contraste com o «tempo que já passou» em que Gui se mostra ainda um pouco influenciado pelas melodias wagnerianas.

Terminou o concerto pelo celebre «1812» de «Tschaikonesky» em que Fão conseguiu prodigios com a sua orquestra, aumentada nos metais para dela poder tirar todos os efeitos que tão grandiosa obra requer. Os ultimos compassos, foram já quasi abafados pelos bravos que o publico expontaneamente soltou, pois que o seu entusiasmo havia chegado ao rubro.

O maestro Fão foi muito aplaudido bem como o maestro Gui que veio ao palco agradecer as homenagens de que foi alvo.

T. M.

S. Luiz

ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUESA

A tarde de domingo no S. Luiz uma das ultimas desta temporada marcou como uma das melhores.

Como numero de sucesso Viana da Mota.

Como numero de curiosidade uma primeira audição dum compositor português.

O resto um programa interessante e a orquestra conduzindo-se muito bem.

Viana da Mota foi como sempre, ou melhor, foi cada vez mais o pianista para o qual não há adjectivos.

Executou o 4.º concerto em sol maior de Beethoven e as ovações, que recebeu, dizem por si só o que se deveria dizer.

Alberto Fernandes, um novo, autor do «Schezzo», que ontem se executou em primeira audição, revelou-se um musico interessante com colorido e emoção.

Ficou-nos o interesse de o ver continuar.

Será decerto um valor real dentro da musica portuguesa.

A orquestra, bem ensaiada, deu um grande relevo a «Flauta Magica» de Mosart e ás «Danças espanholas» de Granados.

A «Rapsodia Hungara» em dó de Liszt, que fechou o concerto foi muito bem executada levantando grandes aplausos.

B. C.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Principio esta minha palestra respondendo a uma observação que me veem fazendo varias pessoas que teem a amabilidade de me lêr.

Estranham elas e com uma certa razão que eu me dedique tanto a coisas de crianças, não tendo filhos. Na realidade não os tenho mas estou muito cercada de crianças e lido muito muito com elas; tomo, pois, um grande interesse no seu desenvolvimento.

Se gostamos de observar o desabrochar duma flôr, o crescer duma planta, quanto mais agradavel não é vêr o desabrochar duma alma, o desenvolver dum espirito, o abrir dum coração!

Eis o motivo porque a minha secção, que fala tanto das flôres presas á terra, se ocupa igualmente muito destas flôres que andam espalhadas pelo mundo e que teem o condão de ser amadas, mesmo quando fazem chorar e quando são involuntarios causas de grandes desgostos.

E porque sou de opinião que o moral e o fisico se influenciam mutuamente, procuro lêr livros e observar casos que não tratem só de educação espiritual, mas falem tambem de higiene e de exercicios corporais.

Comtudo as minhas ideias sobre educação não são pintadas apenas em teorias; tenho dirigido algumas crianças, dirigido especialmente algumas raparigas e tenho a vaidade de afirmar que elas, ao separarem-se de mim, talvez não se sentam, impecavelmente a uma mesa, não porque eu não me preze de o saber fazer, mas porque não me preocupei com o assunto deixando isso á mãe, porém levam as bases necessarias para se defrontarem, animosamente com a vida.

Tento incutir em todos que passam junto de mim e sobre os quais exerço qualquer influencia uma grande dose de coragem moral e fisica e ensino-lhes os mandamentos pelos quais tenho procurado dirigir a minha vida e que não me teem dado mau resultado.

São os seguintes:

1.º Uma grande lealdade.

2.º Poucas afeições mas a essas prender-me como carraça.

3.º Amar o meu proximo... de longe.

4.º Tomar a responsabilidade dos meus actos.

5.º Interessar-me por tudo quanto faço.

6.º Respeitar-me a mim propria e não me ralar com a opinião dos outros.

7.º Ter o pudor das lagrimas, ser reservadas nas horas tristes e expansiva nas alegres.

8.º Rir muito, sorrir algumas vezes e encolher os hombros muitissimas.

9.º Olhar sempre para o lado bom das coisas.

10.º Procurar não ter nunca que baixar os olhos nem diante de Deus nem dos homens e, segundo creio, não teem tido razão para se arrepender dos meus conselhos sobre a maneira de entrar na grande arena da Vida.

MEDICINA CASEIRA

E' loucura comer entre as refeições

Tres boas refeições é realmente suficiente para as pessoas normais mas poucos se decidem a omitir o chá das cinco que, afinal, é uma refeição muito ligeira.

Uma boa refeição leva de quatro a cinco horas a digerir de forma que se se cumer no intervalo das refeições o estomago não tem descanço.

Não se deve pois permitir ás creanças que andem todo o dia a comer bolos ou doces; depois de cada refeição pode-se-lhes conceder licença para dois ou tres bolos.

O dia da criança deve principiar por um bom almoço de papas de qualquer farinha ou arroz com pasteis de peixe de preferencia, pois não se aconselha carne, a todas as refeições.

Em seguida ovos mexidos e leite, cacau ou chá fraco e pão com manteiga ou torradas.

Isto toma-se ás nove da manhã antes do colegio.

A' 1 hora quando vierem a casa para o «lunch» tomam carne de qualquer forma e um outro prato, como feijão, batatas, etc., e um puding de maizena ou leite creme, qualquer doce que dê sustancia.

A's cinco, pão, bolachas, ou alguns bolos secos com leite ou chá mas muito fraco.

A's oito, jantar, mas comidas léves hortaliças e leite com bolachas.

Sei que este regimen vai levantar protestos mas creiam que é muito sensato é o seguido pelos ingleses e devemos confessar que as crianças inglesas são as mais fortes e robustas.

E' um desproposito sobrecarregar o estomago da criança antes de ir para a cama.

CONSELHO PRATICO

Para enviar flôres pelo correio

As flores mandadas pelo correio chegam muitas vezes ao seu destino muito amarelas. Isso podia se evitar se se tomassem mais precauções quando as empacotassemos. As flores maiores devem ter os pés metidos em batatas cruas, as mais pequenas atam-se em ramos mas de forma a ficar á vontade; em volta dos pés enrolam-se bocados de algodão saturados em agua onde se deitará um pouco de carbonato de soda.

Nunca se deve salpicar as flores com agua na ideia de as conservar frescas pois isso terá apenas como efeito estragar as petalas.

Ao arranjar-se as flores na caixa toma-se o cuidado de preencher os espaços vasios com papel de sêda porque as flores mandadas pelo correio estragam-se muitas vezes no caminho devido a estarem empicotadas á larga.

HIGIENE DA BELESA

Pasta para amaciar a pele

Mistura-se 30 gramas de sabão em pó, 100 gramas d'oleo d'amendoa côce, 100 gramas de agua de colonia e esfrega-se a pele com esta preparação.

PENSAMENTOS

Os que recusam ao seu espirito pensamentos graves caem muitas vezes em ideias sombrias.

(JOUBERT.)

Muitas coisas são impossiveis apenas porque nos habituamos a considera-las como tal.

As dificuldades são feitas para excitar e não para desanimar.

O espirito humano deve fortificar-se na luta.

(DUCLOS.)

SONETO

Desce em folhedos tenros a colina!
—em glaucos, frouxos tons adormecidos
que saram, frescos, meus olhos ardidos
nos quais a chama do furor declina...

Oh! nem de branco, do cimo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh! vem! Meus olhos querem desposar-te,
refletir-te, virgens, a serena imagem.

Da silva doida uma haste, esquiva.
quam delicada te osculou num dedo
com um aljôfar côr de rosa viva!...

Ligeira a saia!... Dôce brisa impele-a
Oh! vem! De branco! Do cimo do arcoredo,
alma de silfo, carne de camelia!

CAMILO PESSANHA.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por LADISLAU BATALHA

Antagonismos Profissionais

A TUMBA DA MISERICORDIA NO SECULO XVI — O CORTEJO — OS PRECONCEITOS DO TUMULO — A SAHIDA DO ESQUIFE

Deixemo-nos, porém, de gatos pingados, que os novos costumes tudo isso vão cobrindo com o esquecimento, e sigamos o prestito da Tumba, que se dirigia processionalmente ao logar donde o defunto, depois da respectiva encomendação, teria de ser levado á Igreja, sob cujas lages ficaria sepultado, para sempre esquecido ou com lapide comemorativa da vaidade humana.

No coice do cortejo encorporavam-se os Mordomos da Vara, tres Capelães e um andador encarregado do peditorio para as obras da Misericordia.

E lá iam acompanhados da chusma popular de ambos os sexos, que, com seus capuzes e carapuços de dó, repassados do terror e contrição dos seus pecados, rezavam confrangidos pelas almas do Purgatorio.

A' porta da casa do defunto, a procissão avolumava com os Parocos, Clerigos e Religiosos, conhecidos, amigos do falecido e muito mais povoléu guloso destes tristonhos espectaculos.

No caminho para a Igreja, o Paroco da Freguezia designava o itinerario a seguir e mandava observar uma complicada pragmatica de logares e precedencias.

Na profusão de Cruzes que faziam parte do funebre cortejo, a da Freguezia tinha o seu logar adeante de todas, excepto da da Sé Catedral, quer o respectivo Cabido comparecesse, quer não.

Tambem á Irmandade da Misericordia era dada preferencia á frente de todas as outras que se iam encorporando por ondem de antiguidade.

A' Bandeira, já descrita, concedia-se logar de honra á testa de toda a procissão.

As mesmas cerimonias se observavam para a designação dos logares que as pessoas eclesiasticas deviam observar, no funebre sahimento, conforme as suas categorias.

Quando a imensa mole de gente principiava a mover-se em acompanhamento á Tumba, a scena revelava-se mais aterradora, com as suas longas alas de Clerigos de tristonho aspecto, cobertos de seus barretes de canto, feitos de pano preto ou sarja, os seus vestidos negros, assertoados até ao artelho e meias de seda ou lã da mesma côr.

Empunhando tochas de luz bruxuleante, lá seguiam entoando em voz roufenha as Vesperas, Nocturnos e Laudes dos defuntos, a que o povo respondia com lagrimas e gritos plangentes.

E fosse noite ou dia, por onde o triste sahimento passava, os da rua ajoelhavam, benziam-se e rezavam, emquanto ás gelozias de rotulas entreabertas assomavam as filhas de Eva com suas velas de castiçal, que depunham nos peitoris, para, de joelhos e cabisbaixas, melhor fazerem as suas orações e enxugarem as lagrimas de compunção.

Este sahimento da Tumba, embora deveras obcecante pelo cerimonial de que se revestia, ainda nos casos de sumptuosidade era sempre muito inferior á sahida do Esquife.

E' que as lutas hierarquicas para a supremacia real ou eclesiastica, a loucura da selecção aristocratica, a soberba e o desdem pelos povos avassalados, o mais uma infinidade de preconceitos faziam distinções odiosissimas ainda alem da morte.

Tal diferenciação até nós chegou e continua a existir, baseada, porem, nuns convencionalismos deveras atenuados, em que a supremacia já só esta dependente dos meios e posses dos que falecem.

Não assim então. Ao preconceito do oiro juntavam-se outros baseados nas condições de casta, categoria, raça e conduta religiosa.

A Tumba desempenhava, pois, o principal papel nos enterramentos, visto que só deixavam de entrar nela os pseudo-réprobos daquela sociedade.

Por isso o proverbio generalisou: —«O que o Berço dá, a Tumba o eva».

Este antigo dictado, a par da expressão—Filho da Algo—já no seculo XVI abreviada em Fidalgo, revela-nos a importancia em que os velhos Nobiliarios eram tidos, e mostra-nos como o Tumba, com todos os exageros que temos vindo a descrever, era a forma generica de enterrar os que a ela tinham direito,

E' que nem a todos cabia a desastrosa honra de Tumba e acompanhamento.

A Igreja impedia que, depois de mortos, os rebeldes aos seus preceitos fossem sepultados, para que debaixo do chão não pudesse haver ajuntamento nem comunicação dos seus corpos com os dos fieis! (1).

Ciosa dos seus interesses, não consentia em deixar os creditos por mãos alheias, donde provinha a negação de sepultura áqueles mesmos que, embora morressem arrependidos e confessados, não a indemnisassem de prejuizos autenticos ou fantasticos cuja responsabilidade lhes fosse imputada.

Tal era o caso com os roubadores e violadores de Igreja. E não só estes. Os manifestos usurarios, tidos e havidos por tais, não obtinham sepultura se antes da morte não restituissem as «onzenas» (juros excessivos).

Desta perseguição «post mortem» nem os Frades Religiosos professos escapavam, quando faleciam com bens proprios, contra a Regra, e se recusavam a renunciar a eles.

Ainda por aqui não ficava a perniciosa intolerancia. Aos blasfemos manifestos de Deus, da Virgem e dos Santos, conforme rezavam as Constituições, aos suicidas e aos que entrassem em desafio publico (duelistas) e seus padrinhos, proibia a Igreja enterramento em sagrado.

Os herejes, apostatas schismaticos, seus fautores e defensores, os excomungados de excomunhão maior, os percussores de Clerigos, os interdictos, Infieis, pagãos não baptisados e ate mesmo as crianças em egual circunstancia, ainda que fossem filhos de Cristãos, não podiam nem deviam, no entender da Igreja, merecer as honras de enterramento em sagrado.

Para todos esses cujo numero era muito grande, votados ao ostracismo religioso pela intolerancia do fanatismo, não cedia a Misericordia o seu Pendão, nem a sua Cruz, nem a Tumba fidalga, que os veludos revestiam.

Se se tratava de negros ou moiros, como já vimos, houve algumas vezes o recurso dos poços de entulho e a praia onde serviam de suculento pasto aos corvos, aos lobos famintos e aos cães vadios, sempre gulosos da podridão, quando a piedade popular não lhes abria por aqui o por ali a esmo algumas covas onde os cadaveres malditos coubessem e ficassem.

Para os outros que eram muitos, incluindo escravos, cativos e pobres da porta, caidos pelas ruas ao abandono, ainda a caridade ia até dar-lhes mortalha, quando não a tinham, e a Misericordia mandava sair o Esquife, caixote repugnante e lugubre, acompanhado apenas dum Capelão e quatro Gatos-pingados.

Dia e noite, principalmente em ocasião de peste, andava o Esquife, especie de padiola apocaliptica, a sós e á calada a acarretar este lixo humano que promanava dos escorrimentos da intolerancia.

Quando o lugubre espectaculo, acaso de passagem, se deparava áqueles que pertenciam á casta dos privilegiados, sacavam das Contas e resavam-nas todas com o respectivo «Gloria Patri».

Os desprotegidos, porém, homens ou mulheres do povo, pedintes, cativos e negros, logo de joelhos pelas ruas ou pelas gelozias, faziam clamor plangente, chorando e carpindo a sorte dos tristes defuntos que iam empilhados dentro do pobre Esquife, pavorosa imagem da sorte que para o futuro lhes estaria reservada.

(*Continua*)

(1) Constituição de Lisboa. — Liv. IV — Tit. 16 — Dec. II — 300.

N.º 18 — Folhetim de A CAPITAL — 21 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

A aparição desse criado fardado que pronunciara o nome do principe seu senhor que o enviava expressamente a casa do pobre musico Efimov, tudo isto produziu em minha mãe uma forte impressão.

Eu já disse, no começo desta narrativa, falando do seu caracter que a pobre mulher amara sempre meu pai. E nesse momento, não obstante oito anos de angustias e sofrimentos continuos o seu coração não tinha mudado. Ela ainda o amava! Quem sabe? pode ser que ela esperasse sempre por uma mudança de vida. A propria sombra duma esperança podia influir nela.

Pode ser que ela estivesse contagiada pela esperança inabalavel do seu louco marido.

E' mesmo impossivel que essa esperança não tenha exercido sobre ela, fraca mulher, qualquer influencia; por isso naquele instante ela podia fazer milhares de imposições sobre a intenção do principe.

Nesse momento estava de novo pronta a dedicar-se ao marido, a perdoar-lhe tudo, mesmo o seu ultimo crime a corrupção da sua filha, e, num acesso de entusiasmo e de esperança ver nesse crime uma simples falta, uma falta de caracter devida á sua miseria, á sua vida repugnante, á sua situação desesperada. Tudo nela era entusiasmo e naquela ocasião estava pronta para perdoar com uma piedade infinita pelo seu desgraçado marido.

Meu pai começou a ficar agitado.

Tambem ele tinha ficado comovido com a atenção do principe e de... trocou algumas palavras com minha mãe em voz baixa e ela saiu para voltar dois minutos depois com o dinheiro que tinha ido trocar.

Meu pai deu um rublo ao criado que se retirou cumprimentando delicadamente. Depois a mamã que tinha saido de novo, voltou com um ferro de engomar, pegou na melhor camisa do marido e poz-se a passa-la.

Ela propria lhe abotoou o laço branco que conservava ao acaso no guarda-vestidos, assim como a sua casaca preta, muito usada, que tinha sido feita quando ele entrou para a orquestra do teatro. Quando acabou de se preparar, pegou no chapeu e antes de sair pediu um copo de agua. Fui eu que lh'o dei. Pode ser que um sentimento hostil se tivesse apossado de novo da mamã e tivesse assim arrefecido os seus primeiros movimentos de reconciliação.

Meu pai saiu. Ficamos sós. Agachei-me num canto e muito tempo em silencio, olhei minha mãe. Nunca a tinha visto tão comovida. Os seus labios tremiam; as suas palidas faces, córaram de repente; ás vezes tremia com as pernas e os braços.

Por fim deu largas á angustia que a atormentava, chorando e murmurando:

—Sim, sou eu, sou eu a culpada de tudo! dizia ela. Qual será o futuro dela? Que será dela quando eu morrer? Deteve-se no meio do quarto como se este pensamento a tivesse fulminado como um raio.

—Nietotchka, minha filha, minha pobre filha, minha desgraçada! dizia ela, tomando-me as mãos e abraçando-me. Que será de ti quando eu não te puder educar, não puder cuidar de ti? Ah! tu não compreendes. Compreende, recordar-te-has do que te disse agora? Nietotchka, recordar-te-has?

—Sim, sim mamã, disse eu juntando as mãos.

Teve-me por muito tempo apertada nos braços, como se se fosse separar de mim. Despedaçava-se-me o coração.

—Mãesinha, mamã, disse eu chorando, porque não amas o papá?

As lagrimas impediram-me de acabar. Escapou-se um grito do seu peito. Depois, de novo terrivelmente cheia de angustia, poz-se a andar no quarto.

—Minha pobre pequenina! E eu sem reparar que ela ouvira! Ela sabe, ela sabe tudo! Meus Deus! que exemplo, que exemplo! E de novo ela apertava as mãos desesperadamente. Depois aproximou-se de mim e abraçou-me com paixão. Beijava as minhas mãos, molhava-as com as suas lagrimas e suplicava-me que lhe perdoasse.. Nunca vi sofrimento igual... Por fim pareceu acalmar-se.

Passou-se uma hora assim. Depois levantou-se fatigado, e mandou-me deitar. Fui para o meu canto, embrulheime no cobertor, sem poder adormecer; atormentava-me o pensar nela e em meu pai. Impaciente eu esperava que ela voltasse para junto de mim.

Meia hora depois minha mãe pegou na lamparina e aproximou-se de mim a ver se eu dormia. Para a tranquilisar fechei os olhos e fingi que dormia. Depois, nas pontas dos pés, foi até ao armario, abriu-o e deitou vinho num copo. Bebeu-o e deitou-se deixando a lamparina acesa sobre a mesa e a porta aberta, como fazia sempre que meu pai devia entrar tarde. Eu estava deitada e num estado quasi de inconsciencia, mas não dormia pois apenas fechava os olhos tinha visões horriveis. A minha angustia aumentava cada vez mais. Eu queria gritar mas estrangulava-se-me a voz na garganta. Era já alta noite quando senti abrir a porta. Não me lembro quanto tempo passara já mas quando abri os olhos, vi meu pai. Pareceu-me bastante palido. Estava sentado numa cadeira, proximo da porta e parecia refletir. O silencio era de morte. A candeia iluminava tristemente o quarto.

Olhei muito tempo, mas meu pai não fazia o minimo movimento. Estava sentado, imovil, a cabeça baixa, as mãos nos joelhos.

Varias vezes o quiz chamar mas os sons não me saiam da garganta. Por fim, de repente, ele mexeu-se, sacudiu a cabeça e levantou-se da cadeira. Ficou de pé, no meio do quarto, durante alguns minutos, como se tomasse uma decisão; em seguida, resolutamente, aproximou-se da cama de minha mãe, escutou, convenceu-se de que ela dormia e dirigiu-se para o bahu em que estava o seu violino.

Abriu o bahu, pegou na caixa negra em que ele estava fechado e poi-o em cima da mesa. Olhou de novo em volta de si. O seu olhar estava perturbado e era vago; nunca tinha visto uele semelhante olhar.

Pegou no violino e poisou-o logo; foi fechar a porta; depois notando que o armario estava aberto, aproximou-se dele vagarosamente viu o copo e a garrafa, deitou-lhe vinho e bebeu. Então pela terceira vez pegou no violino, mas ainda desta vez abandonou-o logo e aproximou-se da cama da mamã. Tremendo de medo eu esperava o que se ia passar.

Pôz-se á escuta por muito tempo e depois, de repente, levantou a colcha que cobria a cara de minha mãi que apalpou com as mãos. Eu estava sobresaltada.

Inclinou-se ainda uma vez e quasi que encostou a cabeça á cara da mamã. Quando se ergueu pela ultima vez uma especie de sorriso passou pela sua face extraordinariamente palida. Tornou a compor suave e cuidadosamente a coberta da cama e envolveu nela a cabeça e as pernas da mamã.

Comecei a tremer invadida dum tremor incompreensivel. Tinha medo da mamã, medo do seu sono profundo e era com inquietação que olhava a linha imovel que o seu corpo desenhava na cama.

Um pensamento terrivel atravessou como um raio o meu espirito!

Terminados todos estes preparativos, meu pai de novo se dirigiu para o armario e bebeu o resto do vinho. Todo o seu corpo tremia quando se aproximou da mesa. A sua palidez era tão grande que estava desfigurado.

(*Continua*)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4010 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração: — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Quarta-feira, 22 de Fevereiro de 1922 — Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Na espectativa

Está anunciado para amanhã a comparencia do governo no Parlamento, a fim de fazer a sua apresentação. Sendo assim, é de esperar que o sr. Antonio Maria da Silva revele aos representantes da nação quais os poderosos motivos que o levaram a sair de Lisboa, com os seus colegas, aconselhando no mesmo sentido o sr. Presidente da Republica.

A opinião publica tem dado ao governo as provas da maior confiança. Sabe-se apenas, por declarações do sr. Presidente do Ministerio, que o governo tomou a resolução a que aludimos por ter conhecimento de que estava prestes a desencadeiar-se um movimento subversivo de caracter politico social. Mas quem capitaneava esse movimento? Com que fins era ele projectado? Que pretextos invocava para sua justificação? Em que forças se apoiava? A estas perguntas, com excepção apenas da ultima, ninguem sabe dar resposta.

Dizemos «com excepção da ultima» porque as medidas tomadas pelo governo, começando a retirar á Guarda Republicana alguns dos seus mais poderosos engenhos de guerra, deram a perceber que era do lado desta corporação que o sr. Antonio Maria da Silva mais receiava. Com efeito, o governo não tomou nenhuma medida parecida com nenhuma outra unidade militar, nem mesmo contra quaisquer organismos operarios. Logo, o perigo para o governo estava principalmente nos formidaveis meios de acção de que a Guarda Republicana dispunha e continua ainda dispondo.

A situação é esta. O publico está na espectativa. Iniciou-se uma determinada acção; é mister que ela vá até ao fim. O que se tem feito até agora, não é evidentemente mais do que o prologo.

O paiz espera o epilogo, e não só o paiz, como o exercito que, pela segunda vez, vem até ás proximidades de Lisboa, obedecendo á chamada dos poderes legitimos do Estado, certamente convicto de que se utilisará a sua força para tudo reentrar sob o imperio da lei, garantindo-se, duma vez para sempre, a supremacia do poder civil, sem a qual não ha democracia que não seja uma palavra vã.

Dissemos acima que a opinião publica tem depositado a maior confiança no governo. Fazendo-o, dá-lhe uma força enorme. Certamente, o governo do sr. Antonio Maria da Silva não se quererá perder com algum desvio improvisto da sua acção.

LER NA 2.ª PAGINA:

MIGALHAS

por ANDRÉ BRUN

Colo nú

Na Italia e designadamente em Roma está-se levantando uma campanha furiosa contra o decote. Não pode uma senhora atravessar uma rua, com dois dedos de colo nú florindo entre rendas misteriosas, que uma multidão não a persiga logo, assobiando-lhe dirigindo-lhe chufas, gritando-lhe ao ouvido: «Fuori! Fuori!». E as lindas italianas em cujos olhos negros sonha toda a côr de Veronese e de F. Ticiano, córam, perturbam-se, metem-se na primeira «loggia» vexadas, vermelhas, chorosas, perguntando a si proprias, á sua sensibilidade e ao seu orgulho de mulheres, se de facto elas serão tão feias por dentro—que mereçam apenas ser vistas por fóra. Eu não compreendo bem as razões que levam Roma, cidade eterna e pagã a não tolerar como Paris, que as suas mulheres se dispam. Tentação? Moralidade? Decencia? Seja o que fôr. E' provavel, porem, que as lindas italianas, mixto de Pierrettes e de Colombinas, castiguem os italianos especie de Pierrots e de Arlequins—sabem como?—não se despindo mais...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

DE VOLTA DE ROMA...

Uns instantes de conversa com Sua Eminencia o Cardeal Patriarca

RECORDA-SE BENTO XV COM SAUDADE
FALA-SE DE PIO XI COM VENERAÇÃO

«Nós abençoamos com especial enternecimento o teu querido Portugal e a tua amada diocese».

(Palavras da S. Santidade Pio XI ao Cardeal Mendes Belo).

Vindo de Roma, onde tomou parte no ultimo conclave que elevou á cadeira de S. Pedro o ilustre arcebispo de Milão, cardeal Aquilles Ratti, chegou a Lisboa Sua Eminencia o Patriarca Mendes Belo.

Subindo a larga escadaria de pedra do palacete onde Sua Eminencia habita, entrando na pequenina sala mobilada com singeleza—apenas umas cadeiras «Imperio» de veludo vermelho esgarçado e oiro velho, uma mesa, uns quadros, um crucifixo—recordámos a frase dum notavel sacerdote: «Faz a sua diferença, dos tempos do sr. D. João VI».

Realmente...

Quando em dois minutos de silencio comparavamos a pobreza desta modesta sala onde esperavamos Sua Eminencia com o que teria sido o paço patriarcal dos nossos avós entrou, velhinho, o sr. D. Antonio Mendes Belo.

Apesar da sua idade—mais de 70 anos—caminha rapidamente quasi. Nas suas faces, levemente pergaminhadas, ainda ha muita vida. Os olhos brilham, numa scintilação. Sob a testa larga o cabelo branco onde ruboreja a mancha pequenina do solideu.

Paternalmente, delicadamente indica-nos com a mão, onde scintila a sagrada ametista, uma cadeira ao laco da sua.

Falamos então da viagem de Sua Eminencia. Sua Eminencia diz:

—A viagem foi excelente e eu estou infinitamente grato aos fieis que tanto á ida como á volta me esperavam carinhosamente...

O sr. Cardeal Mendes Belo mostra-se extremamente captivado por essas provas de cortezia—que são, afinal o testemunho do muito que todos os catolicos de Lisboa veneram o senhor Patriarca Sua Eminencia — extremamente humilde, como ministro da religião de Cristo—sorri e continua:

—«Fui a Roma, não com o fim de mais uma vez admirar a cidade eterna, nem por curiosidade. Os velhos já não são curiosos... Fui a Roma para me prostrar deante dos despojos daquele grande pontifice o Papa Bento XV e para cumprir o meu dever como membro do sacro colegio.»

O Eminentissimo purpurado teve então para o falecido pontifice palavras de grande e merecido elogio. Disse-nos quanto Bento XV era estimado, venerado, admirado não só pelos crentes, mas pelos indiferentes ou inimigos da propria Egreja. A obra do sucessor de Pio X reviveu-a a largos traços o sr. Cardeal-patriarcha.

E com que admiravel poder evocativo ele conseguiu fazê-lo.

Com sua eminencia voltámos aos tempos agrestes da grande guerra e assistimos ao trabalho altamente e profundamente caritativo do ilustre discipulo de Rampola. Orfãos e viuvas, prisioneiros e doentes, todos—sem excepção de paizes, raças ou religiões—receberam do Santo Padre Bento XV a esmola material e espiritual duma caricia. E depois, o sr. D. Antonio Mendes Bello, não esqueceu a obra politica do falecido Pontifice, toda feita á sombra do Evangelho e pregando a paz para as nações e para os homens:

—A morte cruel e inesperada veio cortar a obra do imortal pontifice. A Egreja estava de luto, orfã do seu pae espiritual. Era necessario que a brilhante cadeia do papado não continuasse por mais tempo interrompida e dispersa. Era necessario e urgente. Aqui esta porque fomos a Roma: para juntarmos o nosso voto aos dos outros membros do sacro Colegio, depois de nos prostramos em oração ante o tumulo dos Apostolos, invocando o Espirito Santo».

Sua Eminencia fala-nos com calor, com um vigor evangelico, usando a formula de primeira pessoa do plural. Diz-nos quanto solene é esse congresso do qual sabe o representante de Cristo na terra e onde cada membro toma para testemunha o proprio Deus.

E depois de ter aludido, cheio de visivel saudade, á morte de Bento XV, Sua Eminencia, comovido, erguendo a mão num gesto de benção e de suplica, prosseguiu:

—Mas... «Pontificem habemus!»—exclama—A escolha recaiu no Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Aquilles Ratti, arcebispo de Milão... Um dos mais novos Cardeais...»

E Sua Eminencia não regateou elogios ao novo Papa. Pio XI ha de ser—afirmou o Sr. Cardeal-Patriarcha—um continuador brilhante do Santo Padre morto.

—«Aos sons plangentes que reboavam nas cathedrais e nas capelas mais humildes sucederam-se os hinos de louvor depois que da janela sobranceira á Praça de S. Pedro se entoou o «Pontificem habemus» e que o Cardeal Ratti abençoou os muitos milhares de fieis que se aglomeravam na extrema praça...»

Sua Eminencia que ao voltar em 1914 de Roma dizia que fora a primeira e ultima vez que tomara parte na coroação dum pontifice, voltou novamente a revestir-se do seu pluvial recamado de oiro para, entre os cardeais presbiteros, entrar solenemente na grandiosa basilica de S. Pedro no meio da comitiva que acompanha o novo Papa. E nós recordámos!

Num instante passam-nos pelos olhos uma névoa de côres de tonalidades diferentes, os mestres de cerimonias, os guardas-suiços, os procuradores das ordens religiosas, os «Russolanti», o «Sotto Guardaroba», os clerigos, os camareiros, os advogados consistoriais, os capelães cantores, o subdiacono apostolico que ergue a grande cruz papal de tres braços, rodeado dos sete votantes candelarios e dos mestres ostianis da «Virga Rubea», os diaconos e subdiaconos gregos, os penitenciarios de S. Pedro, o sacro Colegio e, por fim, o Santo Padre, paramentado de pontifical, revoada brilhante que passa pela «Escala Regia» e entra ao som do «Tu es Petrus», entoado pelos cantores da «Capela Sixtima» na faustosa basilica de S. Pedro.

—«Que enorme multidão de fieis se aglomeravam em S. Pedro—diz-nos o sr. Cardial Mendes Belo—para assistir á magestosa cerimonia liturgica...»

O sr. Cardial-Patriarca veiu de Roma encantado. Foi, com lagrimas nos olhos que Sua Eminencia nos disse a frase com que Sua Santidade o despediu no dia em que, prostrado a seus pés, lhe implorou a benção para Portugal.

—«Vai, filho, para a tua diocese... Vai. Nós abençoamos com especial enternecimento o teu querido Portugal e a tua amada diocese...» Foi esta benção especiolissima que demos ontem aos fieis na nossa Sé... Que todos os portuguezes a recebam rogando ardentemente aos Ceus a paz de que Portugal tanto carece... O Santo Padre tambem pede a Deus por nós».

Sua Eminencia estava profundamente comovido. Todo o calor da sua alma de apostolo e de portuguez vinha escandecer estas palavras.

Realmente é de paz, de verdadeira paz, que Portugal precisa, vinhamos nós pensando ao regressarmos do paço patriarcal onde tinhamos ouvido falar o unico purpurado portuguez que no ultimo conclave representou o velho Portugal.

Algumas considerações a proposito dos ultimos acontecimentos e daqueles que - vão seguir-se -

A crise politica e de ordem publica a que o sr. Antonio Maria da Silva, com o seu governo, está procurando dar remedio, tem a sua origem num erro de visão, que é endemico na sociedade portuguesa. Está-nos, por assim dizer, na massa do sangue. Não sabemos escolher, em regra, o meio termo justo na solução dos problemas nacionais. Não encontramos forma de sair dum exagero senão para cair noutro. A tese não é dificil de ser demonstrada.

Já falamos, ontem, dos comicios do Coliseu das Portas de Santo Antão. Lá se reuniam, nos dias seguintes á jornada de Monsanto, os republicanos insatisfeitos, uns porque continuavam a ter diante dos olhos o espectro da restauração monarquica e outros porque queriam aproveitar-se da excitação geral para conduzir a agua ao seu moinho ou tirar da certã, com mão de gato, a sardinha assada. Pronunciavam-se no Coliseu incendiarios discursos, todos eles orientados na necessidade urgente duma barreira ás repartições civis do Estado e ás fileiras do Exercito.

A multidão, findo o comicio, corria irada ao ministerio do Interior, reclamando do sr. José Relvas a republicanisação do paiz, feita a golpes de decretos dictatoriais. Deixemos, neste momento, as reivindicações dos revolucionarios civis. Examinemos simplesmente as consequencias que para a ordem publica veio a ter o exagero da seleção republicana aplicada ás forças armadas.

Não ignoramos que ha no exercito oficiais que não morrem de amores pela Republica. Em todo o caso, é certo que muitos deles não esquecem o que devem aos seus deveres profissionais, jámais se furtando a obedecer prontamente ás ordens dos poderes legalmente constituidos. Aqueles que, no fundo da sua alma, ocultam o proposito da revolta contra as Instituições Republicanas são, aliás, em tão pequeno numero, e dispõem de tão insignificante influencia, que a segurança geral não pode, por causa deles ser seriamente ameaçada. Para contrapôr, de resto, a estes elementos existem no Exercito oficiais republicanos e em tão grande numero e tão dedicados á ordem estabelecida, que a acção dos outros jámais poderá sair do platonismo teorico.

E ha ainda os oficiais neutros, casulo especial onde se ulapardam aqueles que sistematicamente fazem da profissão um modo de vida que não um modo de morte.

O que produziu a Traulitania e ocasionou Monsanto foi a entrega da Republica pelos governos de Sidonio Pais a guarda dos oficiais monarquicos pertencentes ás duas ultimas categorias acima citadas.

Mas a Republica foi imediatamente salva, porque as forças republicanas, civis e militares, não consentiram na continuação do grotesco couceirismo do Porto nem na ridicula monarquia manuelina, encafuada num velho forte, á espera que D. Sebastião aportasse á barra.

Se a Republica esteve, por momentos, em perigo, foi, portanto, por um erro de visão dos governantes, que se lançaram no exagero de confiar a guarda das Instituições aos seus mais irredutiveis inimigos.

Restabelecida a legalidade, os republicanos cairam logo no exagero contrario.

Vendo nas defecções do Porto e do Monsanto a fraqueza do Exercito, logo trataram de criar uma força militar retintamente republicana. Enfraqueceu-se o Exercito quasi que até á exaustão; criou-se uma Guarda Republicana armada até aos dentes— e não se foi ainda mais longe, dotando-a de aviões e granadas de mão, por causa dos incidentes que suprimiram a influencia decisiva de que dispunha o sr. Liberato Pinto.

Se a Guarda Republicana não se tivesse armado em tutora do Poder Civil, tudo iria menos mal. E digamos apenas menos mal porque, embora mais tarde, havia de surgir, por força das circunstancias, a eclosão do mal estar geral, criado especialmente pela diferença do tratamento, mantido até ao exagero, entre a Guarda e o Exercito.

As duas tropas são indispensaveis á Nação. Não vá agora cair-se no exagero de enfraquecer demasiadamente um corpo de tropas que é tão republicano como outro qualquer.

A função especial da Guarda Republicana é fazer a policia intensiva, quando necessaria, e manter permanentemente a ordem publica. A função do exercito é preparar-se, durante a paz, para constituir, em caso de guerra, um corpo de tropas de primeira linha, dando tempo a toda a Nação para se armar e defender a integridade do territorio patrio. E tanto a Guarda Republicana como o exercito tem que obedecer ao Poder Civil, que lhes é superior e que de toda a tropa dispõe, como quer e entende. E o Poder Civil não é, apenas, o governo do Terreiro do Paço, mas sim toda a organisação do Estado, com o seu chefe, com o governo, com o Parlamento, com tribunais e juizes, etc.

E' evidente que não negamos aos militares direitos politicos com correlativos deveres. O que lhe negamos é o direito de voltarem contra os poderes constituidos as armas que a Republica lhes confiou para essa guarda, que é a da Nação. Um regimen de pronunciamentos militares periodicos, trazidos á supuração para servirem, em regra, as ambições insaciaveis dos civis, colide essencialmente com a propria intolerancia e ilustração dos homens que estudaram nas escolas a arte da guerra.

Queremos, todavia, resalvar um pequeno pormenor, para que não nos julguem tambem sob o dominio do exagero. E vem a ser que a rebelião é, tambem, um dever. Porque, se é certo que ás forças armadas pertence a obrigação de nos libertar da desordem das minorias audaciosas das ruas ou dos campos, tambem lhes assiste o dever de impedir o triunfo da tirania, sob qualquer aspecto que ela se apresenta. Isto é, de resto, imposto pela propria Lei Fundamental.

A Russia Vermelha nos labios vermelhos duma mulher

A oração de Arte de dois condenados á morte

Frases e aspectos

A guerra que fez da Europa uma tela futurista em que o vermelho sobresaí no negro, no cinzento e no amarelo, teve o condão de chamar a si, mais que nenhuma outra o grande crime.

O Imperio Central num calculo errado de victoria—talvez num perverso desejo de vingança—lançou fogo á montanha ressequida da Russia, tornou possivel um movimento que historicamente se tinha de realisar, provocou a marcha das ideias e fê-lo na inconsciencia com que as crianças costumam brincar com lume nos palheiros.

E mesmo levado em conta o proposito de atingir um fim, essa inconsciencia revela-se pelo que de profundamente grave na historia do mundo resultou do movimento russo. Ele foi o grande crime da guerra. Porque ele provocou por toda a parte o desencadear duma idea para a qual os povos não tinham ainda a preparação indispensavel para a sentir conscientemente e para a realisar com inteligencia; e porque indirectamente foi cortar a acção extraordinaria da Arte russa.

Fez-se no seculo XVI a Renascença com a influencia renovadora da Grecia e de Roma. Tomou um novo alento a Arte decadente e novamente depois de ter atingido o maximo de esplendor ela decaiu apesar do Romantismo e do Realismo até ao grau pobrinho em que hoje se encontra.

E no entanto uma nova Renascença se esboça pela volta ás tradições, pelo culto da propria nacionalidade, e pela grande influencia orientalista que já se vinha sentindo pela expansão da obra Russa.

Antes da guerra a Arte Russa fazia de facto esse renascimento. Despertava subitamente e prometia atingir um grau notavel de esplendor.

A alma slava, tão semelhante á velha alma portuguesa, vibrando intensamente, acordava para dentro de novos horisontes erguer ao alto as novas harmonias. A sua influencia começava a fazer-se sentir em toda a Europa.

Entre nós, David de Sousa voltando com o encantamento dessa aurora começava fazendo a sua propaganda.

O entusiasmo desenhava-se em toda a parte.

Era talvez o sangue novo e forte que viria despertar dum entorpecimento doentio a arte decadente da Europa latina.

E foi todo este futuro de engrandecimento e moderna orientação para a historia da arte que esta guerra destruiu cortando a linha de continuidade do pensamento slavo.

✦ ✦ ✦

Ellen Sadoven e Stefan Belina, ambos russos e ambos artistas, os dois agora em S. Carlos onde revelam toda a vibratilidade da alma slava e todo o requinte da arte russa, numa conversa que não leva rumo e que se espraia em recordações, em pequenas notas cheias de observação, em extases e curiosidades, desfiam um rosario de pequeninos encantamentos.

Ellen Sadoven é o tipo encantador da mulher russa. Uma extrema expressão no olhar, uma mobilidade de sorriso nos labios carminados, um modo afirmativo e sonhador de se exprimir que põe nas suas frases uma grande nota de originalidade.

Stefan Belina, a fronte alta, o olhar cheio de claridade, os labios finos de voluntarioso.

* * *

Foram os dois condenados á morte!

Tem um interesse maior a vida, depois que se pensou na morte ao pé de nós, alguns metros apenas de distancia. Em Kief num teatro, dum lado o exercito vermelho, do outro as tropas reaccionarias do general Wrangel.

Quatro dias, numa cave, sem alimentos e quasi sem uma esperança. Depois... a fuga.

Ficava ao longe a sentença de morte, as terras devastadas, os palcos onde brilhára á luz clara das ribaltas uma corôa de gloria.

Começava a peregrinação pelo exilio onde a par duma saudade e duma grande tristeza renasciam as noites de esplendor.

✦ ✦ ✦

Antes do rubro terrorismo as operas russas chêias de originalidade e de riquezas orquestrais punham nos dois artistas os seus maiores entusiasmos.

Ellen Sadoven fala um ciciar de encantamento.

E eu curvo levemente a cabeça nesta ignorancia em que somos ricos por tudo quanto de moderno—e este moderno encerra umas dezenas de anos—se tem feito em Arte.

Quando nos resolveremos a substituir aquilo que já conhecemos de cór e salteado pelas maravilhas ignoradas como um misterio? E o misterio continua...

✦ ✦ ✦

O bolchevismo era já um facto na Russia. O Teatro Imperial continuava aberto, sem creados de libré, com os estofos e os tapetes arrancados.

A plateia enchia-se de marinheiros e soldados de carabina descansando entre os joelhos como bengala.

Nas prisões os sabios, os advogados os que tinham um curso e uma vida defestudo.

Os artistas eram mais ou menos respeitados. O povo inculto que destroi bibliotecas e museus e que não tem jornais, feita a barreira para que ninguem saisse da Russia a contar os seus bárbaros odios, passava os dias nos divertimentos.

Uma noite cantava-se o Lohengrin. Quando o 2.º acto começou, o palco enegrecido pela noite, o canto a meia voz, a orquestra num pianissimo, houve um marinheiro que se levantou e batendo com a arma no chão exclamou:

—Vamo-nos embora que eles estão a fazer pouco de nós.

✦ ✦ ✦

Era assim que se vivia.

Os artistas trabalhavam sem o menor entusiasmo.

No entanto havia por momentos o orgulho de se ser artista.

Duma vez em que Ellen Sadoven cantava uma opera russa entrou no camarim um antigo estudante, então comissario. Declarou-se entusiasmado e perguntou se ela queria salvar alguem da morte.

Foram trinta os que poude salvar.

Os grandes artistas tinham por vezes esta suprema consolação.

✦ ✦ ✦

Ellen Sadoven que põe nas suas palavras todo o enervamento da sua maneira de sentir fala de Portugal com um entusiasmo que atrai. Mas logo o seu ideal—poder voltar á sua Patria onde tem branquinha e linda, sua Mãe—baila nas suas palavras.

BOTTO DE CARVALHO

O sr. Afonso Costa perante as desgraças da Patria

E' do teor seguinte a carta que o sr. dr. Afonso Costa enviou de Paris, ao Diretorio do P. R. P., em resposta ao telegrama que este lhe dirigiu, convidando-o a aceitar a presidencia do Ministerio que sucederia ao do sr. Cunha Leal, como era desejo do Chefe do Estado:

«Paris, 17 de fevereiro de 1922.—Ex.mos vogais do Directorio do Partido Republicano Portuguez — Lisboa. — Ilustres cidadãos: — Devo ha muito tempo agradecimento e resposta ao telegrama, que v. ex.as me dirigiram em 2 do corrente, e em que me pediram, vivamente, que aceitasse o convite do senhor Presidente da Republica para constituir Ministerio. Era meu desejo chamar a atenção de v. ex.as para a resposta que dei ao Chefe do Estado e onde consubstanciei as razões do meu procedimento. Essa resposta deveria estar publicada desde ha bastantes dias, mas como ainda o não foi, cumpro o dever de apresentar a v. ex.as os meus agradecimentos, muito sentidos, pelas suas atenções e bondade para comigo, ao mesmo tempo que lhes afirmo que nesse telegrama ao senhor Presidente da Republica não hesitei em tomar o compromisso de obedecer aos seus votos e aos da Nação na primeira oportunidade, retomando o meu logar na governação do Estado e, assim, aceitando, perante a melindrosa situação da nossa Patria, a minha quota parte nos sacrificios e nas responsabilidades. E se não fui imediatamente organisar Governo, foi somente porque ainda não estavam resolvidos certos problemas relativos á ordem publica, nos quais tenho sempre dito ao senhor Presidente da Republica que me não agradaria ter de intervir.

Notavelmente, o apuramento de todas as responsabilidades nos crimes do 19 de outubro não poderia concluir-se utilmente, sob o ponto de vista administrativo e policial, estando eu a presidir ao Governo, visto que tenho estado ausente de Portugal e ainda hoje não faço juizo seguro do que se passou naquela data tragica, e, alem disso, não queria que por causa de antigas lutas politicas, porventura deixasse de ser unanimemente acatada, respeitada e bem vista a acção que o Governo da minha presidencia houvesse de exercer até que os culpados estivessem entregues ao poder judicial independente.

Quando telegrafei, com esta orientação, ao ilustre Chefe do Estado, parecia-me que o Governo cessante, fiel ao programa com que se constituiu, poderia ainda fazer um esforço para concluir a investigação policial acerca dos crimes de 19 de outubro ou que outro Governo, de composição analoga, se poderia formar para esse fim, sem prejuizo de se ocupar, cumulativamente, doutros assuntos de interesse nacional. Mas o sr. Presidente da Republica preferiu constituir um Ministerio com plenitude de funções, e assim ainda melhor, e talvez mais depressa, se acudirá ás multiplas necessidades da administração publica. O Governo a que preside o ilustre membro do Directorio, sr. Antonio Maria da Silva merece a confiança e o apoio de todos os bons portuguezes.

Com os mais devotados cumprimentos, desejo a v. ex.as Saude e Fraternidade.—*Afonso Costa.*

Ficamos scientes. E, resumindo a castigada prosa do ilustre negociador do famoso contracto dos 50 milhões de dollars, podemos chegar a estas conclusões:

1.º—Que, na primeira oportunidade (sic) teremos o sr. Afonso Costa pela prôa;

2.º—Que, se não veio quando o chamaram, foi porque ainda não estavam resolvidos certos problemas relativos á ordem publica.

O resto, que a carta diz, é palavreado.

O sr. Afonso Costa quer, pelo visto, que outros lhe façam a cama em que possa descansar o fatigado corpo, semi-esgotado no grande centro parisiense, que tem em Montmartre o templo maximo.

Cá estão outros para dar o corpo ao manifesto. Agora está na berlinda o sr. Antonio Maria da Silva. Mas, se ele se sair bem, então, é outro caso: o sr. Afonso Costa virá colher o fruto da arvore que os outros plantaram.

Ha, neste caso do sr. Afonso Costa, duas coisas igualmente admiraveis: o sarcastico despreso que ele manifesta por todos e a baixeza dos que se obstinam em o incensar.

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

Uma "plaquette" sobre a Grande Guerra

Dentro de poucos dias o distinto escritor sr. tenente coronel Mario de Campos fará publicar, numa edição primorosa, uma plaquete historica sobre um episodio enxertado na Grande Guerra e que, cremos bem, despertará o mais vivo interesse, por se tratar de uma nobre figura feminina, em cujas veias circula sangue portuguez.

A plaquete tem o titulo sugestivo: «Na penumbra da Grande Guerra. O suplicio duma alma» e deverá figurar entre as produções da intelectualidade portuguesa na proxima Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

A reconstrução da Europa

Reunião do sindicato britanico

LONDRES, 22.—Os representantes britanicos no sindicato central internacional para reconstrução economica da Europa que foi constituido em Cannes, lord Inverforth e sir Fergersson encontraram-se ante-ontem com os peritos franceses Bergent e Schneider para constituir com alguns membros do instituto colonial francês e parlamentares o «comité» parlamentar de estudo e de acção colonial. A presidencia foi dada a George Leygues antigo presidente do conselho e deputado e a vice-presidencia a Doumergue.—(Lot. Am).

Na Servia

O casamento do rei

BUCAREST, 22.—O casamento do rei Alexandre com a princesa Maria foi oficialmente celebrado no palacio de Cotroceni.—(H.)

Sport

Pedestrianismo

O CROSS-COUNTRY DE «OS SPORTS»

Realisa-se no dia 5 de Março proximo o Cross-Country de «Os Sports», cuja inscrição continua aberta até ao dia 25 do corrente.

Os boletins de inscrição podem ser requisitados na redacção de «Os Sports».

Pelo Telegrafo

Em volta da conferencia de Genova

O adiamento causa impressão em Berlim

BERLIM 22.—A proposta da França para o adiamento da conferencia de Genova, foi hoje comunicada oficialmente ao governo pelo embaixador francez e impressionou a opinião publica que já começa a não ter fé em que a conferencia faça alguma coisa de util.

O ministro dos negocios estrangeiros Rathenau falando na comissão dos negocios estrangeiros do Reischstag reunida para discutir a situação economica da Russia central e oriental disse que tambem o governo não tinha muita confiança no resultado da conferencia de Genova em vista do desacordo anglo-francez e da ausencia dos Estados Unidos ou pelo menos da ausencia dos seus fundos para financearem qualquer programa adotado pela conferencia.

Os outros membros da comissão incluindo o conde de Bernstorf, ex-embaixador nos Estados Unidos teem a mesma convicção.

Rathenau tambem se referiu ás negociações que Radec está fazendo aqui e disse que era evidente que Radec estava tentando fazer um jogo duplo, parte a favor e parte contra a Alemanha, mas que o gabinete não se deixava enganar pelas maquinações bastante transparentes do astuto bolchevista para indispor a Alemanha, França e Inglaterra na luta pelos favores da Russia.

Rathenau tem tambem pouca confiança na eficacia dos planos anglo-francêses de formarem um consortium financeiro internacional para desenvolver a Russia, visto que esse plano tal qual está agora esboçado ameaça reduzir a Alemanha a uma dependencia economica dos aliados, e tem de ser profundamente modificado antes que a Alemanha consinta em tomar parte nele.

Estas modificações são assunto de uma conferencia que se está realisando em Londres, onde estão representados os financeiros e os homens de negocios alemães.

Julga-se que Hugo Stinnes que como sempre não queria seguir as opiniões dos outros abandonou o seu desacordo ao plano duma cooperação da Entente e da America para o desenvolvimento da Russia com o auxilio da Alemanha, pois já mudou de parecer com respeito ás actuais possibilidades do mercado russo e é de opinião que ha de passar muito tempo primeiro que a Russia queira pagar as importações estrangeiras.—(R

A atitude da Polonia

ROMA, 22.—A atitude da pequena Entente e da Polonia no que respeita a conferencia de Genova, deu logar a muitos comentarios nos meios politicos desta cidade.—(Lat. Am.)

Na Camara dos Comuns discute-se a data de abertura

LONDRES, 22.—Na Camara dos Comuns discutiu-se a data da abertura da conferencia de Genova.

Lloyd Georgo limitou-se a responder que a data não está ainda fixada e que a decisão a esse respeito depende principalmente do governo italiano.—(Lat. Am.)

A opinião ingleza e o «memorandum» francês

PARIS, 22.—O «Temps» julga saber que nos meios londrinos se presta justiça ás excelentes razões do «memorandum» francês e calcula-se que a conferencia não poderá abrir a 8 de março e que na realidade convem precisar antes da conferencia, quais as questões que nela são tratadas.—(Lat. Am.)

Uma conversa entre o governo francez e inglês

LONDRES, 21.—A conversação entre o sr. Poincaré e lord Hardinge ontem, provocou uma impressão optimista nos meios londrinos; estes dão a entender que a Inglaterra, acedendo aos desejos da França, lhe dará garantias a respeito da conferencia de Genova.

A questão das reparações e as questões politicas, que ha que precisar ainda, serão expressamente afastadas do programa da conferencia e será assegurado o respeito pelo tratado.

Espera-se que, sendo regularisada esta semana a questão das garantias, os peritos aliados se reunirão na segunda feira. Uma nota da Agencia Reuter diz que as questões politicas serão tratadas em conversações directas entre os srs. Lloyd George e Poincaré ou entre outros ministros que serão nomeados depois.—(H).

O Japão aceitou o convite

TOKIO, 22.—Foi oficialmente anunciado que o governo japonez aceitou o convite do governo italiano e se fará por isso, representar na conferencia de Genova.—Lat. Am.

Os «soviets» na conferencia

PARIS, 22.—O «Temps» assinala que se criou um novo estado de coisas relativamente á conferencia de Genova pela atitude dos fascistas cujo chefe Mussolini fez saber, por meio da imprensa, que se os socialistas aproveitassem a conferencia para tentar glorificar os «soviets», se seguiriam graves tumultos.

Os orgãos da imprensa italiana apontam o perigo e exprimem a esperança de que os socialistas procederão de modo a evitar desgraçados incidentes.—(Lat-Am).

Não será discutida a questão turca

LONDRES, 22.—Lloyd George declarou na camara dos comuns que a questão turca não seria discutida na conferencia de Genova.—(Lat-Am.)

Migalhas

Um alvitre

Depois do armisticio deram-se em Paris duas gréves dos transportes em comum. Quando foi da primeira pararam subitamente metropolitano «tramways» e autobus». Durante uns dias e até que a gréve se resolvesse a contento dos empregados, a grande cidade e a sua enormissima população sofreram todos os inconvenientes da paralisação da viação. Os empregados tinham razão. A questão resolveu-se a favor deles. Os logares foram aumentados numa proporção razoavel. Tudo acabou em bem.

Mas havia nessa ocasião, em que se discutia o tratado de paz, quem tivesse o maximo empenho em alterar a ordem publica em França. Meses depois e sem motivo de peso uma nova gréve se declarou nos transportes subterraneos e da superficie. Mas com surpreza dos empregados sairam no dia seguinte todos os carros e circularam todos os metropolitanos.

E' que, no intervalo das duas greves, tinha-se organisado e rapida e inteligentemente uma liga de defeza publica intitulada «A união civica». Fizera-se um recenseamento de todas as pessoas susceptiveis de substituir num dado momento os empregados da viação e não fora dificil encontra-los.

Com efeito para furar bilhetes á porta de uma estação de metropolitano e para cobrar as passagens a bordo dum automnibus não é preciso ter feito estudos especiais numa universidade. E' mesmo tão pouco um trabalho de homens que, durante a guerra, foi sempre exercido e muito bem por mulheres.

Conduzir um «tranway» ou um «autobus» não é tão pouco uma sciencia oculta. Limpar calhas ou fazer sinais com uma bandeirinha está ao alcance de qualquer estupidez.

Os grevistas tiveram, como disse, a surpresa de ver no dia em que tinham declarado a sua gréve, um exercito de voluntarios preencher os logares que eles abandonavam. Oficiais com a Cruz de Guerra e a Legião d'Honra—entre eles Nungesser, o az segundo da aviação, guiaram «automnibus». Na estação de Pany a condessa de Villestreuil vendia bilhetes. Os comboios metropolitanos eram guiados por alunos da escola de engenharia, etc.

Passados tres dias os grevistas desanimados voltaram ao trabalho.

Ora, porque não experimenta a direcção da Companhia, logo que se restabeleça o transito dos electricos pôr uma meia duzia de carros vasios á disposição dos amadores que se queiram treinar devidamente instruidos na direcção dêles? Porque não forma assim algumas centenas de motoristas amadores habilitados a substituirem os empregados electivos em caso de gréve? Tenho a impressão que é um oficio que se aprende em oito dias e, havendo boa vontade de aprender, em talvez menos.

Não me move contra o pessoal dos eletricos nenhuma animosidade particular. Sou pobre e, portanto não sou acionista da Companhia. Não sou empregado superior da mesma. Não sou reacionario e, portanto, não sou hostil ás justas reivindicações dos que trabalham, o que, de resto, me acontece do primeiro de Janeiro até ao dia de S. Silvestre. Mas porque não tenho uma Rolls-Royce para passear os meus ocios e os eletricos me são indispensaveis para ganhar a minha vida, profundamente me irrita ver-me privado deles por meros caprichos daqueles a quem os empregados da viação entregaram a direcção da sua vontade, trocando uma tirania por outra talvez pior.

A greve actual é motivada pelo despedimento de um empregado. Não podia o pessoal ter recorrido á imprensa, á opinião publica, a arbitragens, para expor a rasão da causa do seu camarada? Quando tivesse exposto a questão claramente, quando todo o publico estivesse informado, quando se visse que a Companhia, Camara e governo menospresavam a justiça e o direito, então como ultimo recurso e dando ao publico as explicações que merece, o pessoal poderia por se em greve.

Mas que para fazer a simples exposição de uma força, que aliás é mais aparente do que real pois o caso tem soluções que talvez não agradem aos grevistas, que por um simples capricho dos donos que os trabalhadores escolheram para substituir os antigos, se altere toda a vida de uma cidade e se causem a inocentes como eu toda a casta de embaraços e prejuizos, contra isso é que eu protesto e é isso que me leva a sugerir que nós, as vitimas, nos organisemos contra os que sem a minima atenção e com modos de proceder irritantes e antipaticos, pretendem impor-nos as suas resoluções, cuja rasão neste caso é muitissimo contestavel.

Pela minha parte comprometo-me desde já a tirar aos meus afazeres uma hora por dia afim de fazer a aprendizagem necessaria para na proxima gréve conduzir um carro electrico. Dahi quem sabe lá? Talvez eu ficasse guarda-freio para todo o sempre e nesse novo mister fosse mais util para os outros e mais proveitoso para mim do que neste de comentar a vida social de um pais de doidos muita vez dirigidos por velhacos.

ANDRÉ BRUN.

Factos e palavras

... DOS AUTOMOVEIS

E' coisa falada e celebre a velocidade com que em Lisboa os chauffeurs conduzem os automoveis. Dotados dum grande golpe de vista e duma grande confiança nas suas mãos e nos seus pés, atravessam a cidade a 60 kilometros á hora sem se lembrarem das creanças, dos velhos e dos obstaculos que podem de repente aparecer vindos de uma travessa ou vindos sem ser esperados.

E temos que louvar a Deus pelo pessimo estado das ruas que lhes não permite a satisfação dos seus instintos de aves.

Se Lisboa possuisse umas ruas direitinhas e bem concertadinhas isso então era pelo menos a 90 ou 100 kilometros á hora.

Ora um belo dia chegou a Lisboa um representante da casa «Hudson».

E querendo vêr como funcionavam em Lisboa os carros cuja marca representava procurou um que estacionava no Rocio, meteu-se nele e mandou fazer um passeio que durasse uma hora. O chauffeur meteu pés aos pedais e largou Chiado acima.

Alguns segundos apenas bastaram para chegar ao Largo das Duas Igrejas. E uma vez ai o representante americano bateu no hombro do chauffeur e afiutivamente suplicou: Stop! Stop!

E pagando declarou a um jornalista que saindo da Havaneza curiosamente o entrevistou.

—Hudson ser bom carro para vender em Portugal e ser bom para portugez andar. Eu andar sempre auto America. Eu andar a pé quando estiver Lisboa. Fazer... bebedeira.

—Vertigem...

—Yes, vertigem, serem bons chauffeurs demais.

BOTTO DE CARVALHO

A imprensa alemã publica uma estatistica sobre a força dos exercitos europeus. A Alemanha tem o exercito mais pequeno, 0,17 o/o da população, Portugal 0,19 o/o, Hungria e Austria, 0,45 o/o cada uma, a Polonia 1,3 o/o, Tcheco-slovaquia 1,47 o/o, a Jugo-slavia 1,53 o/o, a Belgica 1,49 o/o, sendo a França que tem o maior exercito ou seja 19 o/o da população.

◆ ◆ ◆

A verdade, pode, por vezes, não parecer verosimil: acreditar, por exemplo, que os eminentissimos cardeais de além-Pirineus, acabam de organisar uma cooperativa—a Cooperativa dos Cardeais.

Qual a razão desta organização singular? A carestia brutal da vida—embora essa brutalidade seja palida sombra daquela que nos esmaga.

Os principes da egreja catolica, do lado de lá dos Alpes, vivem com cerca de 2.500$00 escudos anuais, uma miseria, para os tempos que correm.

E' assim que, e para ajudar a viver, os membros do sacro-colegio se remodelam as antigas prisões do santo-oficio, onde os cardeais viverão em comum. A sua mesa, os meios de transporte, a dispensa, tudo será irmãmente pago e dividido. Mas será isto bastante para debelar a crise que afligo os cardeais romanos?

◆ ◆ ◆

No Egipto, alguns anos depois da insurreição de 1881, era frequente encontrarem-se, transformados em criados de café, antigos oficiais do exercito que tinham entrado na revolta dos coroneis, arrogantes e indomaveis, não visionando, com certeza, o triste fim das suas ambições circunscritas ao pano branco de limpar as mesas e á gorgeta mais ou menos avultada dos fregueses generosos.

O protectorado não carecia de gente tão destemida e irrequieta, e foi sacudindo os bulhentos a titulo de aliviar o orçamento, não se importando com a dôr moral do paiz nem com a vergonha dos que tiveram de substituir a espada pela bandeja.

Foi ha cerca de 41 anos, e só agora o Egipto procura novamente reconquistar a independencia que nunca teria perdido se, precisamente quem mais devia velar por ela, tivesse tido juizo.

A questão do Egito

Condenando os atentados

ROMA, 22.—Noticias do Cairo dizem que os jornais egipcios principalmente o «Akhbar» partidario declarado da independencia do Egito, condenam os atentados de que teem sido alvo os subditos britanicos e que os interesses do Egito dispensam bem processos de combate tão selvagens.—(Lat. Am.)

Lord Allenby partirá hoje para o Cairo

PARIS, 22.—O «Temps» confirma que Lord Allenby partirá hoje para o Cairo. O alto comissario do Egito teve ante ontem uma entrevista com Lloyd George. Na camara dos comuns o chefe do governo britanico declarou que as propostas de que Lord Allenby é portador não serão publicadas senão depois deste as ter entregado ao Sultão e acrescentou que lhe seria possivel comunica-las ao parlamento no dia 28 do corrente mez.—(Lat. Am.)

O Protocolo Academico

na Academia das Sciencias de Portugal

Informou-nos o sr. Antonio Cabreira que vai ser restabelecido o protocolo academico na Academia das Sciencias de Portugal.

Como nós não somos academicos, e nada percebemos desse codigo de salamaléques que pomposamente se apelida de protocolo, o sr. Cabreira teve que nos elucidar mais minuciosamente.

Assim se o protocolo vai ser restabelecido, é porque alguma vez foi interrompido.

Esta interrupção foi sem duvida o resultado da guerra, e consequentemente da carestia de material electrico.

Parece «blague», mas não é.

A Academia, que crêmos fica lá para os lados de Alcantara, não tinha luz electrica mas sim uma instalação de gaz. Veio a guerra e o gaz foi-se, para ser aproveitado para fazer asfixiantes.

Em resultado a Academia ficou ás escuras. Isto salvo o devido respeito. Como tal, sem o gaz era impossivel realisar sessões decentes, porque uma Academia iluminada a petroleo, perde muito o efeito.

Noblesse oblige.

Uma Academia é a luz, mas não uma luz de petroleo. Assim a Academia veio acolher-se ás regiões oficiais e instalou-se provisoriamente numa sala de secretaria do Ministerio do Interior.

Uma vez no seio do governo, o academico democratisou-se, despiu a fardo, e ficou burguezmente, burocraticamente de jaquetão. Cortou-se então o fio ao protocolo.

Agora o sr. Cabreira anuncia-nos que a Academia vae ter electricidade, e o protocolo renasce rutilante á luz de uma lampada de 500 velas.

O protocolo nos estatutos academicos vem nos artigos 181 a 193.

Uma serie de regras de cortezia para vivos e mortos, socios e não socios cruzes de ouro e simples correspondentes.

Menciona-se a posição de cada imortal em solenidades publicas quem ficará á direita ou á esquerda, segundo seus meritos na corporação.

O sr. Cabreira é amigo decorativo e não prescinde do protocolo. Por isso tão depressa houve luz electrica, achou conveniente não esquecer esse rosario de tagatés, tão apreciados pelos seus consocios.

Exposição do Rio de Janeiro

Um feixe de noticias

Continuam afluindo ao Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro, instalado na rua Eugenio dos Santos, edificio da Sociedade de Geografia, importantes adesões de todo o paiz. O sr. Anibal Lucio de Azevedo, administrador geral da Casa da Moeda, oficiou ao Comissariado comunicando que aquele estabelecimento do Estado, sob a sua gerencia, concorrerá ao grande certamen internacional do Brazil.

A repartição do gabinete do Ministerio da Marinha tambem oficiou ao Comissariado da Exposição para fazer constar que a Direcção das Construções Navais do Arsenal de Marinha, a repartição do Material de Guerra e de Marinha, a Junta Autonoma das obras do novo arsenal de Marinha e a Fabrica de Cordoaria Nacional, concorrerão á proxima Exposição do Rio de Janeiro.

Já está publicado e distribuido por intermedio do Comissariado da Exposição o «Programa e Regulamento» da representação artistica na Exposição do Rio.

Achamos interessante transcrever algumas disposições desse regulamento que decerto muito interessam aos expositores de Arte:

—A arte portugueza será representada na Exposição Internacional do Rio nas suas principais manifestações e atendendo á sua divisão em obras de arte contemporanea e obras de arte antiga, originais ou reproduções, que serão subdivididas nos seguintes grupos: Arquitectura, escultura, pintura, gravura artistica, desenho, artes decorativas e musica.

—Os artistas que tenham obtido em exposições de arte, nacionais ou estrangeiras, medalhas de honra ou 1.ª medalha, são considerados «hors concours» na admissão das obras da especialidade em que obtiverem essas recompensas.

—E' estabelecido o limite maximo de seis quadros a oleo, aguarelas, desenhos, etc., que devem ser completamente emoldurados, e quatro esculturas, que cada artista pode submeter á apreciação do juri de admissão, competindo a este escolher, de entre essas obras, as que julgar dignas de figurar na Exposição, tendo em conta os espaços disponiveis.

—O praso para a entrega das obras de arte a expor, será desde 15 de abril até 15 de maio de 1922.

—O Comissariado Geral tomará as necessarias providencias para a conservação das obras que lhe forem confiadas.

—Aos actos de embalagem e desembalagem das obras de arte deve presidir um encarregado da secção especial de belas artes.

—Os expositores julgados pelo juri brazileiro dignos de uma alta consideração pela importancia e valor absoluto dos seus produtos, serão premiados com as distinções seguintes: diploma de grande premio; diploma de honra; diploma de medalha de prata; diploma de medalha de bronze.

Ultima Hora

Reclamações operarias

O pessoal da C. M. L.

E' dispersado á pranchada quando se dirigia para o Municipio

O pessoal operario da Camara Municipal de Lisboa tem pendentes ha uns 4 ou 5 mezes umas reclamações que ainda não foram atendidas pela vereação, motivo porque o referido pessoal se reuniu hoje pelo meio dia na séde do C. G. T. á calçada do Combro, afim de acompanhar aos Paços do Concelho uma comissão que ali devia apresentar uma moção em que se apresentavam as dificuldades com que actualmente lutam os assalariados do Municipio.

Essa comissão que era constituida pelos representantes das Associações operarias municipais, calceteiros lisbonenses, construtores de «mac-dam», e União dos jardineiros de Portugal, reuniu na sede da C. G. T. com cerca de 2000 homens seguindo depois em massa para o Largo do Pelourinho. Ao chegarem ali surgiu-lhes pela retaguarda uma força de cavalaria da G N R do comando dum tenente que ordenou uma carga a qual foi feita com demasiada violencia sendo distribuidas pranchadas a granel e não escapando os proprios transeuntes.

Nos Paços do Concelho encontrava-se o presidente da Comissão Executiva, sr. Alberto Vidal e varios vereadores, entre os quais figurava o sr. Carlos Simões Torres, que indignado com o ataque da força, ordenou que imediatamente fossem abertos os portões do edificio, afim dos operarios poderem recolher-se no atrio.

Restabelecido o socego a comissão subiu ao gabinete da presidencia fazendo ali entrega da moção ao dr. Ferreira Vidal o qual respondeu que as reclamações operarias aliás justissimas, haviam já sido estudadas pela comissão de finanças, devendo portanto o assunto ficar definitivamente resolvido hoje na sessão nocturna do Senado Municipal. Mais prometeu o sr. Ferreira Vidal que para evitar que a sessão fosse transferida por falta de electricos poria á disposição dos vereadores os necessarios meios de transporte.

As reclamações pendentes trazem para a Camara mais um encargo de 1:900 contos, verba essa que saira de novas taxas e impostos, conforme o parecer da comissão de finanças. Entre os reclamantes figuram operarios que ainda percebem diariamente 1$85 e dois escudos diarios, salarios na verdade exiguos para as exigencias atuais da vida.

Apoz a resposta do presidente da Comissão Executiva da Camara, os operarios retiraram na melhor ordem, dirigindo-se para a séde da sua associação na travessa da Agua Flor, afim da comissão participar o que se havia passado. Os reclamantes obrigaram muitos dos seus colegas a acompanha-los, chegando a intimar os varredores que andavam pelas ruas, a abandonar o trabalho e a incorporar-se no cortejo com os carrinhos de limpeza.

Tais factos foram conhecidos na policia motivo porque a Guarda Republicana interveio mas quando ja o caso estava liquidado.

O piquete do Governo Civil comandado pelo tenente sr. Pio chegou tambem a comparecer na sede da C. S. T, para intimar os reclamantes a dispersar visto não estarem autorisados a reunir fora da sua associação de classe.

A policia não chegou porem a intervir por os operarios haverem já saido do edificio da Calçada do Combro quando o piquete referido ali chegou.

A "Leva da Morte"

Continuou hoje o julgamento dos acusados

Recomeçou hoje, pelas 11 horas, no tribunal da Boa-Hora, o julgamento acte-ontem iniciado dos acusados da chamada «Leva da Morte».

Depois de feita uma acareação entre as testemunhas Joaquim de Figueiredo, J. Duarte Costa e José Anacleto de Jesus, iniciaram-se os debates. O serviço de ordem dentro do tribunal é feito por 36 praças da G. N. R. sob o comando do sr. tenente Camelo.

Ultimas informações sobre os acontecimentos politicos

No Ministerio do Interior, onde estivemos esta tarde, foi-nos dito, pelo sr. Chefe de Gabinete, que o governo se apresentaria amanhã, com certeza, ao Parlamento. Trata-se, pois, duma versão digna de credito, podendo mesmo considerar-se oficial.

Entretanto ela era formalmente desmentida nos centros onde se discute a politica e se faz a previsão dos acontecimentos.

Lá se dizia categoricamente que, por estes dias mais chegados, o governo não abandonaria Cascaes, embora um ou outro ministro faça visitas a Lisboa. Dessas mesmas visitas eram excluidos o sr. Presidente da Republica e o chefe do Governo.

O que parece mais provavel é que venha amanhã ao Congresso o sr. ministro das Finanças, afim de ser votado o duodecimo orçamental do mez proximo, indispensavel formalidade para se cobrarem as receitas e pagar as despesas.

E' de crer, aliás, que as sessões parlamentares se não repitam muitos dias seguidos, visto que ja ha muitos parlamentares que fazem preparativos de viagem para as suas terras provincianas e que não estão dispostos a regressar a Lisbôa antes de terminado o Carnaval.

Alguns ministros vieram hoje ás suas secretarias, dando despachos aos directores geraes. Demoraram-se o menos que poderam e regressaram logo a Cascais.

Uma versão da ultima hora diz que o governo virá amanhã fazer a sua apresentação ao Parlamento, regressando a Cascais logo depois de lido o programa governamental e não aceitando o debate politico, para o que conta com uma maioria que comungam nessas ideias.

A gréve dos electricos

Hoje circularam mais alguns electricos na cidade, havendo já carreiras para Almirante Reis.

Foram dados hoje prontos mais 4 guardas civicos para tripularem os carros.

Parece haver boas esperanças de que a gréve termine ainda hoje ou ámanhã.

As linhas dos carros continuam guardados militarmente.

Touristas americanos

Os touristas americanos que hoje chegaram a Lisboa, teem recebido o melhor acolhimento de parte da população.

Entre outros pontos visitaram hoje o Castelo de S. Jorge, tendo-lhes sido distribuidos uns impressos em inglez com as inscrições que ali estão gravadas, tendo visitado tambem o jardim Botanico.

A' noite realiza-se um baile a bordo do «Express of France», que chegou ás 11 horas da manhã e foi atracar no cais de Alcantara.

Os touristas são em numero de 700.

Gréve dos maritimos

A comissão de melhoramentos avistou-se hoje novamente com o secretario do sr. Presidente do Ministerio, nada podendo resolver-se visto o governo continuar fóra de Lisboa.

Gor não terem sido ainda satisfeitas as reclamações por parte dos armadores as classes maritimas de longo curso vão fazer paralisar o trafego maritimo completamente.

Instrução

A sr.ª D. Maria Adelaide de Melo Oliveira foi exonerada, a seu pedido de professora da escola primaria de ensino geral da séde do concelho de Nelas.

—Foram nomeados para a Universidade do Porto, os srs. Carlos Rodrigues Borges e Francisco Portal e Silva, segundos assistentes da faculdade de medicina, e o engenheiro sr. Adriano Rodrigues, segundo assistente da faculdade Tecnica.

TEATRO

Gabriella Galli

Dando hoje o retrato de Gabriella Galli prestamos homenagem á talentosa artista que no Real de Madrid alcançou um enorme sucesso cantando a Aida e o Trovador e que entre nós em S. Carlos, tanto sucesso tem feito cantando o Lohengrin e a Aida.

Nota do dia

Arte do Carnaval

Em dois teatros efectuam se hoje «primeiras representações». São espectaculos alegres para Carnaval, quer dizer nenhumas exigencias de logica, de senso, de arte e até de desempenho.

Uma é a comedia do mais fecundo productor de genero «chicó», espanhol, Munoz Seca, «El ardit»; outra, é uma comedia franceza do espirituoso Hennequin «Amour, quand tu nous tiens» e que—dizem-nos—está vertida carnavalescamente para portuguez.

Melhor, o publico felizmente não liga importancia alguma ao que se representa nesta quadra e pena é que seja necessario consumir qualquer peça nova com o Carnaval.

Melhor, mais adequadas são as revistas num acto, que o visconde de S. Luiz com o seu inolvidavel «savoir diriger» durante anos fez passar no salão do «Tesouro Velho».

Só o espectaculo vivo, proprio, alegre, improvisado... Mas, com S. Luiz de Braga se perdeu tambem esse costume, não havendo uma empreza ou um autor que quizesse este ano voltar como prometeram a essa nota colorida de Carnaval nos Teatros.

O S. Luiz prometeu, o Politeama deu a perceber que pensava em tal, mas o tempo passou e tudo ficou em santas e doces promessas.

Seja como fôr vamos então a cortar mais estas duas peanhas, e oxalá elas se prestem ao gosto carnavalesco dos dias que passam.

ARMANDO FERREIRA.

uoz Seco, «El ardil», que a administração do teatro destina com outras a fazer a temporada do Carnaval. Trata-se duma comedia em tres actos que os distintos escritores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, traduziram sob o titulo «Carta anonima», e cuja distribuição completa é como segue:

Vitoria, Ida Stichini; Isabel, Helena de Castro; Pepita, Irene Grave; Helena, Ana de Oliveira; Gonçalo, Rafael Marques; Artur, Clemente Pinto; Arroio, Jorge Grave; Barão de Castillon, Luiz Leitão e Caracala, Antonio Nascimento.

«Carta anonima» é uma obra cheia de espirito e repleta das mais imprevistas situações, devendo conquistar unanime agrado, tal qual lhe sucedeu em Espanha onde foi largamente representada.

—Morreu no dia 18 no Porto com a gripe pneumonica o actor Fernandes de Oliveira, que fazia parte da companhia Rurs.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Festa no Teatro de Luiz do actor Sebastião Ribeiro com a «Leiteira de Entre Arroios».

—Primeira representação no Nacional da comedia em tres actos de Munoz Sêca, «Carta anonima», trad. de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—No Teatro Politeama, primeira representação da comedia «Amor, o quanto obrigas!».

—Reprise do «Loengrin» em S. Carlos.

AMANHÃ—Primeira nesta epoca, no Teatro de S. Carlos da «Carmen».

—Festa de Rico e Alex no Coliseu dos Recreios.

6.ª FEIRA—Primeira no Teatro Apolo da revista «De Capote e Lenço».

SABADO—Segunda da «Carmen» em S. Carlos.

A festa de Alves da Silva

O teatro da Avenida encheu-se ontem dos amigos e admiradores do tenor Alves da Silva, que fazia a sua festa com a «Miss Diabo». Num dos intervalos o festejado cantou um trecho da «Aida» e outro dos «Palhaços», sendo fartamente aplaudido.

Noticiario

Portugal

Em 6.ª récita de assinatura, representa-se esta noite, pela primeira vez, no Politeama, a engraçadissima comedia em 3 actos de Romain Coolus e H. Hennequin «Amor, o quanto obrigas», tradução de Vasco de Oliveira.

Incumbiu-se a grande artista Lucinda Simões, desempenhando-a, entre outros artistos da companhia Lucinda Simões, Erico Braga, João Lopes, Mario Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Amelia Pereira, Brazilde J. Carusone e Georgina Cordeiro.

—A companhia Alves da Cunha, que vai explorar o Teatro de S. Carlos, representará ali, por todo o proximo mez de abril, a peça historica «Vasco da Gama» em quatro actos em verso, original do distinto poeta sr. Silva Tavares.

—No Teatro dos Anjos realiza a companhia infantil quatro espectaculos pelo Carnaval, com varias operetas e numeros de variedades.

—Em quinta recita de assinatura, realisa-se hoje, no Nacional, a primeira representação da peça de Mu-

CURIOSIDADES

A superstição da ferradura

Foi esta uma das superstições mais antigas e mais generalisadas entre os povos. Aquelo que encontrasse uma ferradura de cavalo tinha boa fortuna.

Os «gregos» e «troianos» tivoram-na sempre em grande conta e depositavam nela grande fé, atribuindo-lhe muitos e importantes poderes ocultos e por isso as pregavam com grandes pregos nas paredes para os livrar dos espiritos maus. Os «arabes» quando são surpreendidos por alguma tormenta, gritam logo: Ferr! Ferro! na crença de que basta nomear o metal da ferradura para que fiquem isentos dos genios malignos causadores das tempestades; os «escandinavos» acreditaram durante muitos seculos que era para eles o cumulo da felicidade encontrar um pedaço de ferro de uma ferradura.

Era nesses tempos uma especie de amuleto. Os chineses dão á forma de uma ferradura aos seus tumulos e nos seus museus de arqueologia existem ornamentos que indicam a superstição por eles dedicada á mesma. E tanto assim é que são eles quem a pagam por maior preço. Ainda não ha muitos anos que partiu de Hamburgo para a Celeste Republica um vapor carregado com trez mil toneladas de ferraduras velhas. Na mitologia da velha Europa forom os cravos considerados sempre como portadores de boa sorte e felicidade, existindo a superstição de que um bocado de casco de cavalo debaixo de como era remedio eficaz para a cura de algumas enfermidades.

A lenda da oliveira

Segundo uma lenda alemã brotou a oliveira da sepultura do primeiro homem, chamado Adão e ao seu tronco fabricaram os hebreus a cruz em que foi crucificado Cristo.

Uma outra lenda grega diz que foi a oliveira e não o corvalho que Hercules tirou a maça em trabalhou que é representado.

O azeite era venerado pelos antigos. Os atenienses esfregavam o corpo com azeite para conservar a beleza da pele e os cristãos o aplicam depois do bauzido, aos moribundos, como simbolo da vida eterna. Os gladiadores romanos antes de entrarem no circo esfregavam tambem o corpo com azeite para tornar os membros mais elasticos.

Como morreram alguns homens celebres da antiguidade

Ménandro morreu afogado no Pireu; Hesiodo morreu assassinado; Arquiloco e Heiro foram mortos por um bando de salteadores; Euripedes Heraclito foram despedaçados por uma matilha de cães; Empedocles precipitou-se na cratera do Etna; Safo despenhou-se duma rocha; Eschylo foi morto com o pêso duma tartaruga que lhe caiu em cima, quando uma ave de rapina a levava entre as garras; Anacreonte morreu duma tremenda borracheira; Catulo e Terencio morreram num naufragio; Seneca, condenado á morte por um tirano; Lucrecio faleceu com um frenesi de amor. Socrates e Demosthenes morreram envenenados; Cicero morreu degolado; e Cesar Augusto morreu com 23 punhaladas.

A. G.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A MAQUINA

por LUIZ RIPADO

Conhecem a sr.ª Luzia?

Talvez não estejam lembrados. Eu conheci-a no Porto, e se o leitor já fez a travessia para Avintes no frágil barquinho do velhote, conhece-a tão bem como eu...

Era aquela velhinha de olhos azues, labios descorados, o rosto emoldurado numa cabeleira escura, onde a neve salpicava brincando.

Que vê que se recorda...

Vive com a mesma resignação de sempre. Envelheceu de olhos fitos na imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem, serenamente, vae esperando a hora daquela viagem de que se não volta...

Da familia, que era numerosa, resta-lhe uma netinha que a ajuda na aspera luta da vida, manejando o sol a sol.

Santa velhinha!

Pois eu conheci-a numa tarde esplendida de agosto. Até me recordo que quiz tambem pegar nos remos—nós julgamo-nos aptos para tudo!—á Marizinha (assim se chama a neta) riu muito da minha inexperiencia.

—O sr. não está costumado a este manobra, ora vá cá vêr...

E ensinava-me, sorrindo angelicamente:

—Vê, meu sr., em os remos estando nesta postura, não é preciso força, basta um bocadinho de geito e o barco vae...

E era assim, na verdade.

Eu o homem forte, o grande, o heróe da vida, ia a mercê daquela criança encantadora!

—Vê como vamos andando...

Eu ria muito e eu ia pensando que tu e devemos muito á velha—as criaturinhas como estas. Cada um para o que nasceu!

Conclua mentalmente que, se é nosso pai é como um barco que se rege, que não anda para traz nem para diante, é porque ninguem esta onde deve estar.

—O' tia Luzia, ha muito que anda nesta faina?

—E' a nossa vida, meu senhor. Meu pai nasceram-lhe os dentes no mar; seu marido que Deus tem, era patrão de companha e criou-se na luta com o vento e a agua, e até o barco que lhe foi o ganha pão na vida, que me deixou na morte, meu senhor!

Eu nasci á borda do mar, na praia, onde ergueram castelos de areia, e apanhamos conchinhas que a levar as meninas da cidade, mas pouco tempo durou esse brinquedo, que esta pequenita começaram para mim os trabalhos nas embarcações molieiros, mariscando, fazendo pela vida, meu senhor...

Aprendi depois a distinguir o barco a remendar as velas e tambem a desprezar a vida, as vezes, por ter a companhia e pensam na voragem insaciavel das aguas.

Acompanhei o meu homem nas travessias mais perigosas do oceano, muitas vezes, vento encontrado contra as ondas!

A gente do mar é resignada e humilde. O tufão da desgraça apanha-as, nas vezes, vai-se uma familia inteira. E' a nossa vida!

Um dia vi-me só no mundo com esta pequenita que, ao nascer, roubaria a vida á mãe—e limpava os olhos no avental de ramagens.— Mourejar muito, meu senhor, para a criar e fazer mulher!

—Por isso é hoje o seu orgulho!

—... Pobre mocinha! E' por ela que eu ainda ando nas lides do mar... Seus olhos são os olhos do meu João que Deus haja... O barquito é da, que eu não lo quero. E' o nosso ganha pão...

—E a sua netinha já é mestra nes tas manobras...

—Que remedio tem ela, meu senhor. A necessidade é que faz os mestres. Quem não precisa...

—Não passa da cepa torta...

❖ ❖

Como chegassemos a Avintes e eu pagasse generosamente a minha passagem, a boa velhinha insistiu comigo para que entrasse na sua «barraca» e bebesse um copinho do «verde».

—Casa de gente pobre, mas «vossa meselencia» desculpará...

Aceitei.

A casa da sr.ª Luzia era um brinquinho. Aquelas almas candidas tinham transformado o seu lar num paraizo.

Tudo muito asseado e todas as coisas no logar devido.

O quarto da velhinha e da neta era um mimo de simplicidade e bom gosto.

Duas camas com sua coberta de chita com ramos cor de rosa, uma mezita de pano verde, um campo de bolinha e umas cadeiras antigas.

Tudo muito simples, mas muito bem arranjadinho.

Sobre a mesa de cabeceira, entre as duas camas, um oratorio, com uns velas acêsas alumiando a Virgem da Bonança, a quem todas as noites rezavam, e que tantas vezes lhe acudira no mundo.

E uma vez que a sr.ª Luzia insistava comigo para que bebesse um copinho do vinho verde, «uma especialidade», sentei-me á sua mesa e tive o prazer de ser servido pela linda Marizinha d'olhos azues côr do céo de verão...

E não lhe digo nada! Aquilo não era vinho, era a ambrosia dos deuses...

A' despedida, já a porta agradeci-lhes todas as atenções.

—Então «vossa inselencia» não quere que o meu barquinho vá de novo ao Porto?—perguntou-me, na sua voz carinhosa, a sr.ª Luzia.

—Não é preciso, muito obrigado, tiasinha... já agora espero a lancha. São horas dela passar...

Subito, a sr.ª Luzia entristeceu e uma lagrima rolou-lhe pelas faces.

—A lancha a vapor! A maldita!

—Fica zangada?

—... Antes de aparecer ganhava-se o paozinho honradamente, meu sr... Agora...

E mais agil, a maldita parece que tem azas, e os srs. teem razão em a preferir ao nosso pobre barquito...

—Pela minha parte, não, sr.ª Luzia! afirmei convicto.

—E' a nossa desgraça, meu sr.!

A maldita ha-de roubar-nos os passageiros todos, ha-de atirar-nos para a miseria!...

❖ ❖ ❖

Ficaram-me gravadas no coração as palavras da pobre velhinha. E' ao apear no cais, eu, «o grande civilisado», compreendi, pela primeira vez na vida, a luta da rotina contra o Progresso...

Hoje a sr.ª Luzia e a netinha, e tantas familias assim..., ainda tem que comer.

Mas são justas as suas apreensões sobre o futuro...

Sim, lá está a Lancha a vapor, a maquina, o engenho humano, a roubar-lhes o pão e a alegria de viver.

E que sagrada e respeitavel deve ser a sua ira, quando amanhã, seus braços humildes, que já para nada serveml se erguerem amaldiçoando a lancha, o eterno inimigo, que, indiferente á sua dôr, seguirá o seu destino, vertiginoso, apressado, suprimindo o tempo...!

A CRISE MINISTERIAL ITALIANA

A crise ministerial italiana permanece no mesmo pé. Não ha que pensar resolvê-la rapidamente como era de esperar, como era de crêr ante a gravidade dos assuntos que serão tratados na conferencia de Genova. Ela não terminará senão depois de os partidos reunidos terem acordado em resolvê-la e terem indicado qual a directriz que desejam seja dada á acção politica interna e, sobretudo, externa do governo que venha a formar-se. Bonomi aceitou o pesado encargo de permanecer á frente dos destinos da Italia. Emtanto, segundo a imprensa italiana afirma, ante a heterogeneidade de opiniões e de vistas existente entre os membros do gov. Bonomi, dificil se torna a esta politica continuar no poder. Que a situação é dificil, que a crise será demorada está demonstrado pela falencia das negociações que alguns politicos encetaram, uma vez encarregados pelo rei para substituirem no poder o governo de Bonomi. Que a situação é dificil reconheceu-o Bonomi, dizendo: «Oh eu sei que o sr. ação é mais que dificil. Mas se disse isso talvez ainda tudo acerca dos motivos reais, das razões profundas da crise».

A pouco e pouco se vão tornando conhecidas as intrigas que preparam as dificuldades presentes. Assim é que, contrariamente ás aparencias, veio a reconhecer-se que os verdadeiros auctores da crise não são os ministros democraticos, que apresentaram a sua demissão no dia 2 de fevereiro, mas os chefes do partido popular catolico que, parece, não desejam ver Bonomi a presidir ás negociações preparatorias da conferencia de Genova.

E' evidente, ante o que se lê na sua imprensa, que o partido catolico tem uma formula, um homem talvez a designar.

«Esta averiguado, diz um jornal de Giolitti, que a politica estrangeira domina as questões nacionais.»

Esta é a questão. Do um lado os socialistas, do outro os catolicos.

Nitti e os seus amigos, Giolitti e os seus adeptos, reconhecendo que se não sabe realisar um esforço decisivo, a Russia se precipitara num cáos, a Alemanha irá até a bancarrota e o futuro da Europa, a sua segurança e a sua reconstrução estarão comprometidas, não desejam que Bonomi represente a Italia na conferencia de Genova.

Sonino e Salandra não desejando colocar-se lado a lado com os bolchevistas procuram evitar que Bonomi assista ás negociações que anteriormente áquela conferencia se hão de realisar. E como nenhum dos partidos representados no parlamento italiano dispõe duma maioria que lhes permita sustentar-se no poder e como será dificil que, por mais algum tempo, a crise a qualquer combinação, é de crer que, por mais algum tempo, a crise ministerial italiana exista.

N.º 19 — Folhetim de A CAPITAL — 22 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

De novo pegou no seu violino. Eu tinha visto o violino e sabia o que ele era, mas desta vez esperava dele qualquer coisa de terrivel, horroroso ou maravilhoso e tremia ao ouvir os primeiros sons. Meu pai começava a tocar, mas os sons eram irregulares. De momento a momento meu pai parava como que procurando recordar-se de qualquer coisa. Por fim, com um ar desalentado, poisou o arco e olhou para a cama duma maneira estranha. Estava ali uma coisa que não deixava de o inquietar. Aproximou-se de novo da cama... Não percebi um unico dos seus movimentos e um sentimento atroz, seguia-o o olhar.

Repentinamente, precursoramente, as suas mãos puzeram-se a procurar qualquer coisa e de novo o mesmo pensamento terrivel atravessou-me como um raio.

—Porque dorme a mamã tão profundamente? Porque não acorda ela quando ele toca na sua cara com a mão?

Vi que ele juntava tudo que podia encontrar no guarda-vestidos. Pegou no casaco da mamã, no seu velho abafo, em todo a roupa e poz tudo em cima dele, tapando-a quasi completamente com todos estes vestidos. Ela permanecia imovel: nem sequer os braços mechia. Dormia profundamente!

Quando acabou o seu trabalho respirou livremente. Nada o incomodava mas parecia que alguma coisa o inquietava ainda. Mudou a lamparina e colocou-a em frente da porta, com o fim de não ver mesmo a cama.

Então pegou no violino e com um gesto desesperado, brandiu o arco.

A musica começou. Mas não era musica...

Recordo-me de tudo isto com uma clara nitidez, recordo-me de tudo que nesse momento prendeu a minha atenção. Não, não era a musica tal como eu tive ocasião de a ouvir mais tarde. Não eram sons de violino; pode dizer-se antes que era uma voz terrivel ouvindo no nosso sotão sombrio.

Eram os meus sentidos e os meus sentimentos doentios, anormais, comocionados com tudo que acabava de se passar, que me faziam ouvir gemidos, gritos humanos, inienços. Um terrivel desespero brotava dos seus sons e quando por fim houve o espantoso acorde final parecendo que se unjam em conjunto tudo o que ha de mais espantoso no sofrimento, na angustia, na agonia...

Eu não podia mais. Tremia, as lagrimas brotavam dos meus olhos e com um grito louco, desesperado, lancei-me para meu pai, enlaçando-o com os meus braços. Ele deu um grito e deixou o violino.

Durante um momento pareceu-me atonito. Depois os seus olhos percorreram todo o quarto. Tinha o ar de quem procurava qualquer coisa. De repente, levantou o violino e ameaçou-me atirar com ele á cabeça... Um momento mais e ter-me-hia morto.

—Pai, paisinho! gritei.

Ao escutar a minha voz ficou a tremer como uma folha de arvore e recuou dois passos.

—Ah! Ah! Ainda estás ahi? Então não acabaste? Ficas comigo? exclamou ele, agarrando-me pelas costas.

—Pai! gritei de novo, não me aterrorises, suplico-te! Eu tenho medo! Ah!

As minhas lagrimas comoveram-no. Deitou-me suavemente no chão e, durante um minuto, olhou-me em silencio, como que procurando reconhecer-me e recordar-se de qualquer coisa. Por fim, de repente, pareceu perturbado, como que inspirado por uma ideia terrivel; brotaram lagrimas dos seus olhos; inclinou-se para mim e pôz-se a olhar atentamente a nossa casa.

—Paisinho, disse eu tremendo de medo, não me olhes assim! Partamos daqui o mais depressa possivel! Vamo-nos!

—Sim, sim, partamos. Já é tempo! Vamos Nietotchka, depressa, depressa! Agitava-se como se compreendesse naquele momento o que devia fazer. Olhava rapidamente em volta de si e notando no chão o lenço da mamã, levantou-o e meteu-o na algibeira. Depois, vendo um boné, pegou-lhe também e disfarçou-se com ele, como se se preparasse para uma longa viagem, querendo levar comsigo tudo de que pudesse necessitar. Num abrir e fechar de olhos vesti o meu vestido e apressadamente tambem comecei a ajuntar tudo o que me parecia necessario para a viagem.

—Está tudo, tudo? perguntou meu pae. Está tudo pronto? Então vamos depressa!

Muito á pressa fiz um embrulho, puz o lenço na cabeça, e já iamos a sair quando de repente me lembrei que era necessario levar o quadro que estava pendurado na parede. Meu pai foi da minha opinião.

Agora ele estava bom, falava em voz baixa e dizia-me sómente para irmos mais depressa. O quadro estava pendurado muito alto. Aproximamos da parede uma cadeira e em cima dela puzemos um banco; depois de longos esforços conseguimos agarra-lo. Agora estava tudo pronto para a nossa viagem. Pegou-me na mão e íamos a sair quando bruscamente meu pai me reteve. Por muito tempo passou as mãos pela testa e vêr se lembrava do que tinha ainda a fazer. Por fim pareceu ter encontrado o que procurava.

Pegou nas chaves que estavam no travesseiro da mamã e rapidamente pôz-se a procurar qualquer coisa em cima da comoda; depois voltou para junto de mim trazendo uma moeda encontrada na comoda.

—Toma lá e guarda-a bem, murmurava-me ele! Não a percas. Toma cuidado!

Deu-me a principio a moeda na mão; depois embrulhou-a no meu corpo. Lembro-me que tremi quando o dinheiro me tocou no corpo e pareceu-me que só depois deste momento é que compreendi o que era dinheiro.

Estavamos juntos, mas de repente ele deteve-me de novo.

—Nietotchka, disse-me fazendo um grande esforço para coordenar ideias, minha filha, tinha-me esquecido... O quê? Que falta ainda?...

Não me lembro... Sim, sim, eu sei... Vem aqui, Njetotchka...

Levou-me para o canto onde estava o oratorio e fez-me ajoelhar.

—Rosa, resa, minha filha! E' melhor... Sim, será muito melhor... — murmurou-me ele indicando-me a imagem do Santo e olhando-me estranhamente. Reza, reza, tornou a dizer com uma voz suplicante.

Ajoelhei, puz as mãos e cheia de desespero e de angustia, deitei-me no chão; fiquei assim durante alguns minutos como morto. Concentrava todos os meus pensamentos, todos os meus sentimentos na oração.

A crença subjugava-me. Sentia-me torturado pela angustia. Não queria segui-lo. Tinha medo dele. Queria ficar. Depois do tanto meditar escapou-se-me do peito o que sentia.

—Pae, disse eu chorando, e a mamã? O mamã? Que vae ser da mamã? Onde está ela? Onde está a minha mamã?

As lagrimas não me deixavam dizer mais.

Tambem ele me olhava com as lagrimas nos olhos. Depois levou-me pela mão até á cama da mamã, levantou o monte de vestidos que a cobriam.

Deus meu! Ela estava morta, fria e arroxeada.

Quasi sem sentidos lancei-me sobre o cadaver de minha mãe e abracei-a.

Meu pae fez-me ajoelhar:

—Sauda-a, minha filha, diz-lhe adeus. Inclinei-me. Meu pae saudou-a comigo. Ele estava assustadoramente palido; os seus labios murmuravam.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 401—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 23 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O governo e o Parlamento

A' hora a que escrevemos está prestes a apresentar-se ao Parlamento o governo da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva. Poucas vezes terá um ministerio feito a sua apresentação aos representantes do pais em circunstancias mais graves e melindrosas. Mais uma razão para que o Parlamento o receba, não na disposição de lhe criar toda a especie de embaraços, mas sim na de com ele cooperar na grande obra a que o novo ministerio meteu hombros.

Desenganemo-nos. A Republica sofre desde o seu inicio as vagas alterosas duma corrente de indisciplina que a conduziu a dois passos da sua perda. Ao principio essa indisciplina não alarmou. Considerava-a o reflexo inevitavel do abalo que derruira um trono de porto de oito seculos.

Mas reconheceu se por fim, que em vez desse reflexo se ir gradualmente apagando, e portanto desvanecendo-se as suas consequencias, a indisciplina geral ia aumentando, a ponto de crear um estado de demagogia perigosissimo.

Esse estado de demagogia caracterisou-se pelo predominio dos peores. Formaram-se seitas, grupos, bandos rivais. Amalgamaram-se nesses nucleos a ignorancia, a maldade, a ambição, o fanatismo. E essa demagogia foi lavrando, lavrando por tal forma que, depois de avassalar partidos, acabou por contaminar classes que deveriam ser impenetraveis ao seu espirito.

Os azares da guerra, as convulsões formidaveis que ela imprimiu a todos os meios sociais, forneceram ainda esses pessimos germens de desagregação republicana e até nacional. O resultado foi chegarmos a uma situação, em que a lei se tornou uma palavra vã, em que a ordem passou a ser uma quimera, e em que a justiça foi enrodilhada pelo punho brutal das facções.

A nossa restauração tem de ser organica. E' preciso que a Republica se amolde novamente á estructura dos principios para que seja realmente um corpo vivo e são.

O governo a que preside o sr. Antonio Maria da Silva deitou mãos a essa tarefa. O seu plano vai se desenrolando, sem violencias, mas com firmeza. E' preciso que o parlamento o ajude tanto sob o ponto de vista da ordem como sob o ponto de vista da administração.

Não ha politico digno deste nome que não reconheça ser impossivel tentar qualquer esforço para a melhoria economica e financeira emquanto se não resolver o problema da ordem, que é o grande e essencial problema politico. Comecemos pelo principio, e começar pelo principio é ferir a demagogia onde quer que ela se acoite.

O paiz aborrece-a, o mundo inteiro, por causa dela, olha-nos com desconfiança. Acabemos com esse escarrecho que macula a democracia e deshonra a civilisação! Feito isso, renescerá o credito, ressurgirá a tranquilidade, poder-se-ha trabalhar e viver. O parlamento da Republica não pode ter uma aspiração diversa.

O CARNAVAL

SARAU NO CARNAVAL NO GINASIO CLUB

Devem revestir uma grande animação os dois saraus carnavalescos que o Ginasio este ano organisa, no sabado e na segunda feira, tendo já afluido bastantes pedidos de bilhetes. O programa dos saraus são identicos e constam de varios numeros de ginastica, em Trasseti, e interessantes numeros musicais.

A marcação de bilhetes continua sendo feita na secretaria do Club todas as noites das 21 ás 23 horas, podendo os socios com numerações diferentes fazer na secretaria as trocas para poderem assistir á festa em qualquer dos dias marcados.

O baile é dirigido pelos srs. Magalhães Pedroso e Humberto Vasques.

NA FACULDADE DE DIREITO

Na Faculdade de Direito, no Campo dos Martires da Patria, 38 (Palacio Valmór) realisam-se nos dias 25 e 27 do corrente bailes carnavalescos que estão despertando o maior interesse.

CLUB RECREATIVO MUSICAL

Nos dias 25, 26, 27 e 28 deste mez realisam-se neste Club grandiosas festas carnavalescas, para as quais reina entre os socios grande entusiasmo.

ECOS DO CONGRESSO ECONOMICO -:- DE COIMBRA -:- -:- -:- -:- -:-

AS «CAMARAS DE COMPENSAÇÃO» E AS VANTAGENS — — DO SEU FUNCIONAMENTO EM PORTUGAL — —

A tése do sr. MOYSÉS AMZALAK

O sr. Moysés Amzalak, ilustre director da Associação Comercial de Lisboa apresentou ao Congresso Economico Nacional de Coimbra, uma interessantissima monografia sobre Camaras de Compensação, instituição que seria necessario introduzir no nosso paiz.

Achamos interessante ouvir o ilustre economista, a fim de os nossos leitores ficarem ao corrente do seu importante trabalho.

O sr. Moysés Amzalak amavelmente começa por dizer:

—As Camaras de Compensação desempenham uma função economica importantissima, pela economia de moeda que realisam.

Nas Camaras de Compensação os pagamentos efetuam-se pela troca de cheques de maneira que o dinheiro que eles representam não teem de intervir nas transacções.

Daqui resulta não só a maior facilidade como a maior segurança de pagamentos, visto não ser necessario o transporte de numerario para os efetuar.

As Camaras de Compensação exercem pela propria função que desempenham uma influencia benefica sobre a circulação fiduciaria, fazendo com que a maior parte desta circulação, consista em cheques e não em notas. Ora o cheque tem a vantagem incontestável sobre a nota, de circular muito pouco tempo, pois desaparece da circulação no praso devido, por pagamento ou por compensação.

Pelo contrario a nota permanece na circulação, ainda mesmo depois da liquidação da transacção que determinou a sua emissão, podendo por isso a sua circulação, tornar-se excessiva num momento dado.

Em Portugal ha a maxima necessidade desta instituição, dada a elevação constante da sua circulação fiduciaria. Em 1902 a circulação fiduciaria portugueza era de 69.021 contos, em 1918 de 273.834 contos, em 28 de Dezembro de 1921 de 722.753 contos, e segundo o ultimo balancete da situação semanal do Banco de Portugal de 11 de Janeiro ultimo de 737.200 contos. Este algarismo representa mais do dobro do comercio geral portuguez, importação e exportação reunidas.

E' claro, que as Camaras de Compensação ou «clearing houses» são um meio poderoso de reducão da circulação fiduciaria; com esse fim se estabeleceram no estrangeiro, e só haveria utilidade que se estabelecessem no nosso paiz.

—E é uma instituição muitos antiga, esta, preguntamos?

—Ha trez seculos fizeram-se compensações em pagamentos na feira de Lyon, ha dois em Edniburgo, no seculo XVIII os cobradores dos bancos de Londres reuniam-se diariamente para trocarem as letras e cheques resultantes das transações entre os seus estabelecimentos, fazendo apenas o pagamento em numerario dos respectivos saldos.

Em 1755 fundava-se a «Clearing House» de Londres em 1853 em New-York, em 1864 a de Viena em 1872 a de Paris, em 1881 a de Ruena, em 1883 a de Berlim, em 1898 a de S. Petersburgo em 1893 em Buenos Aires em 1905 em Madrid e Barcelona, em 1908 em Bruxelas, e até no Japão se fundaram Camaras de Compensação em 1879 em Osaka, em 1887 em Tokio, em 1897 em Kobe em 1900 em Jokobama, Nagoya e Hiroshina. Como vê em quasi todo o mundo existem estas grandes instituições.

Hoje na America do Norte funcionam 141 Camaras de Compensação, e a de New-York em 1910 fez compensações que atingiram a cifra de 19455 milhões de libras esterlinas.

O distinto economista portuguez sr. Anselmo de Andrade advogando em 1902 a creação das Camaras de Compensação em Portugal procurava por esse meio libertar da nossa circulação alguns milhares de contos para satisfazer com eles as necessidades do credito agricola. Em 1908 o mesmo ilustre economista escrevia a proposito dos pagamentos de compensação estas palavras, que cada dia que passa maior actualidade teem:

«Esta forma de realizar economias de moeda tem feito mudar completamente as relações entre o capital e o trabalho nos paizes que sabem, melhor do que nós, produzir riqueza e criar valores. E' porém lamentavelmente certo que de nada nos teem servido essas lições de fóra. Continua-se a gastar umas poucas de vezes mais dinheiro do que seria preciso, se o soubessemos poupar nas liquidações e nos pagamentos. Tem assim por vezes a ilusão da riqueza este povo de pedintes. Não ensaiados em Portugal os novissimos métodos de liquidação, não havendo talvez nenhum paiz onde eles mais se recomendem, e de tanta utilidade possam ser. Por um lado, estando em muitos pontos as condições da nossa produção no seu periodo inicial, precisa-se empatar maior capital do que noutros paises de industrias adiantadas e desenvolvidas, e por outro lado está a emissão facil das notas convidando á prodigalidade, e atraindo para o abismo. Realisando economias de moeda, e simplificando os pagamentos, o sistema das compensações poderia servir melhor o trabalho, e travar a emissão de notas do banco, entrada num excesso, que poderá ter os mais funestos resultados, se mão firme o não atalhar. Não se pode por isso duvidar de que a aclimação ao nosso paiz desse instituto de credito, evitando desperdicios de meios de troca, onde tão necessario é poupa-los, havia de ser da mais prestante utilidade. A nenhum paiz aproveitaria tanto como ao nosso essa redução do meio circulante, em toda a porte facilitada pela nacionalização dos «Clearings».

Havia de influir nos cambios pelo restabelecimento duma proporção mais justa e mais tranquilisadora entre as reservas metálicas e a circulação, e limitaria ao seu minimo de dinheiro os grandes pagamentos, entre nós tão absorventes de moeda.

Reduzindo ao seu minimo as despezas da moeda, e elevando ao maximo o seu poder liberativo e consequente productividade dos capitais, o sistema das compensações está realisando o ideal do credito».

—E o que se tem feito em Portugal no sentido do estabelecimento das Camaras de Compensação?

A par dos magnificos estudos do sr. Anselmo de Andrade, da conferencia feita na Associação Comercial de Lisboa em 11 de Março de 1916 pelo professor do Instituto Superior de Comercio sr. Luiz Viegas, onde se estudou o funcionamento e a forma pratica da organisação administrativa das Camaras de Compensação; só temos no campo legal duas tentativas para o estabelecimento destas instituições entre nós. Uma a proposta de lei apresentada á Camara dos Deputados na sessão de 5 de Outubro de 1904 pelo ministro da Fazenda, o sr. Conselheiro Rodrigo Afonso Pequito; outra, o projecto de lei do sr. professor dr. Vieira da Rocha, apresentado na sessão de 20 de junho de 1913. Nem a proposta Pequito nem o projecto Vieira da Rocha foram aprovados pelo Parlamento.

Ao 2.º Congresso Economico Nacional reunido em Coimbra este mez tive a honra de apresentar uma tese sobre Camaras de Compensação cuja conclusão foi aprovada por unanimidade e aclamação. Isto demonstra a necessidade de que todos sentem de se sanear a nossa circulação fiduciaria

Só resta aos poderes publicos tomarem a iniciativa da creação destas instituições utilissimas.

A luta em Marrocos

As operações da marinha

MADRID, 23.—O almirante Aznal chegou a esta cidade, conferenciando com o ministro da Marinha sobre as operações da esquadra, quando se iniciar a acção militar contra Alhucemas.—(R).

Ha tranquilidade na zona de guerra

MADRID, 23.—Segundo comunicação do alto comissario, a situação é tranquila em todo o territorio de Marrocos.—(R).

Bando precatorio a favor das victimas da Murtosa

Realisa-se amanhã pelas 13 horas saindo do edificio do Matadouro Municipal, o bando precatorio promovido pelos empregados de carteira.

No bando tomam parte diversas colectividades, 2 carros ornamentados, uma banda da G. N. R. cedida gentilmente pelo Comando Geral.

A comissão é constituida pelos srs. Conde do Torre ão, José Alves, Jaime Pinto, José Borges e Claudio Guimarães.

O bando dirige-se em primeiro logar a casa do sr. Presidente da Republica.

As ornamentações dos 2 carros, está a cargo da comissão.

Por motivo da realisação do bando e o pessoal operario desejar incorporar-se no cortejo o serviço de matança começa ás 8 da manhã.

Migalhas

A verdade

A miudo ouço pessoas irritadas com a aluvião de boatos que circulam. Desses boatos ha oitenta por cento que não tem o minimo fundamento e esta é uma percentagem razoavel e honrosa em materia de boatos.

Como não hão-de circular boatos num paiz em que se tem um horror profundo á verdade e á franqueza? Leio nos jornais que o governo se apresentará hoje ao parlamento; mas que recusará a discussão sobre os ultimos acontecimentos e sobre os motivos que o levaram a pôr em pratica as medidas que alvoraçaram os espiritos nos ultimos dias. Porquê? Que interesse pode ter o governo em ocultar a verdade dos factos? Porque se não explica claramente?

Ha uma grande parte da opinião publica que merece que se lhe conte com sinceridade o que se passa.

Dos jornais ha pouco ou nada que esperar. Uns não abdicam do interesse politico que tem em deturpar a origem e o significado de certos factos. Tiram deles naturalmente as conclusões aparentes que mais servem á sua politica. Os outros mantem, por motivos que me abstenho de apreciar, uma reserva fundada na mais requintada prudencia. O eufemismo o circumloquio, a anbiguidade florescem pelas colunas dos periodicos dos quais a grande massa espera uma elucidação completa.

Ha artigos em que as ideias gerais mascaram de tal modo as insofismaveis circunstancias que constituem verdadeiras charadas. Quem os lê pregunta ao visinho que pretenderá o articulista dizer e a que factos parece querer fazer alusão. O visinho, por pouco que seja dotado de imaginação ou tenha ouvido momentos antes um disparate, inventa logo uma explicação, pois ha poucos portugueses que tenham a coragem de declarar que não sabem nada dum assunto a quem sobre ele os interroga. Dai o boato, que cresce em bola de neve, que alarga e se estende, que sendo de manhã uma formiga ao cair da tarde tem o tamanho de um elefante.

Se nos dessemos ao trabalho de colecionar as notas oficiosas que, ha anos a esta parte, tem sido lançadas a publico pelas centenas de governos que temos tido, formariamos a mais linda coleção de enigmas, ao pé da qual são de uma clareza de agua de fonte as secções charadisticas e logogrifaticas do «Almanach de Lembranças».

Quando teremos um governo ou um jornal sério que ponham a opinião sinceramente ao corrente do que a interessa, citando pessoas, factos e datas? Estou convencido de que, se assim se procedesse, se verificaria simplesmente que o desassocêgo de espirito em que se vive é quasi sempre artificial e exagerado. A verdade, francamente exposta, reduziria ás suas verdadeiras proporções pessoas e circunstancias, insignificantes a maior parte das vezes.

ANDRÉ BRUN.

Exposição do Rio de Janeiro

Noticias e indicações que muito interessam aos srs. expositores e ao publico

Em setembro de 1922, realisam se no Rio de Janeiro duas exposições: uma no Rio de Janeiro—a Exposição Internacional — outra no Pará—uma exposição de productos portugueses organisada pela Camara de Comercio daquela cidade.

O Comissariado deseja que tornemos publico o seguinte:

O Comissariado Geral, instalado na Sociedade de Geografia de Lisboa, está tratando unicamente da representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro, isto é, na Exposição Internacional.

Só essa interessa o Comissariado Geral que por sua vez vê tambem com muito interesse a exposição do Pará mas da qual não está incumbido.

A remessa dos productos destinados á Exposição, podem ser despachados na sua procedencia até fins de maio. Porem os boletins devidamente preenchidos, para o bom andamento dos trabalhos devem ser remetidos ao Comissariado com a maior brevidade possivel.

Ha tempos démos a noticia, de que quasi todas as camaras do paiz tinham respondido favoravelmente á circular enviada pelo Comissariado da Exposição, no sentido de que as mesmas fizessem uma activa propaganda adentro dos seus respectivos conselhos, em próda Exposição do Rio.

Hoje podemos afirmar que dessa propaganda teem advindo já um resultado pratico que excede toda a nossa espectativa, porquanto as adesões de industriais, agricultores, comerciantes, artistas etc., etc. teem sido inumeras.

A MULHER PORTUGUEZA

NA FESTA DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL

A Terra Mãe é o simbolo eterno da mulher.

E' da seiva do seu ventre que se nutre a humanidade tal qual como o seio feminino destilando o leite da maternidade.

Pois bem, a Terra Mãe de Portugal que deu o ser ao Brazil, é o simbolo dessa verdade e por isso não faltará á Festa do Filho querido, com o beijo de amor e candura que vai encerrado espiritualmente no relicario de um coração.

Se a Arte verdadeira é a emoção, como esta ideia consagra a genealidade de Leal da Camara que foi seu autor!

E quanta beleza de sentimento neste jogo floral de pensamentos lindos que são o laço fluido da união afectiva entre Portugal e o Brazil!

Podem ficar insensiveis a tais manifestações ideais os corações das Mulheres Portuguezas?

Seria renegar as tradições de valor, de engenho e de ternura sentimental da Mulher Patricia, que deve participar de todos os sentimentos e triunfos que engrandecem a Nação Brazileira, tão intimamente ligada ás mais gloriosas conquistas de Portugal.

A's Mulheres Portuguezas de todas as classes, eu venho por isso mesmo expor um alvitre.

Prestando culto ao trabalho, á arte e á bondade, todas as mulheres de sentimentos altruistas, executariam para enviar á exposição do Brazil, um trabalho de arte ou uma obra humilde, qualquer coisa que traduzisse o engenho cultivado, ou o amoravel impulso do coração dando o que tem, ou, o que pódem urdir no seu labor de sentimento e de carinho, as mãos finas da artista, ou as da rude camponeza.

Que infinidades de coisas adoraveis e gentis representariam assim a mulher portugueza na imponente exposição do Brazil para ali significar a beleza do seu coração, a delicadeza do seu senso estetico, e os seus sentimentos de paternidade junto do Paiz que ela deve amar, porque a Portugal pertence um quinhão da sua gloria e da sua grandeza florescente!

Quadros geniais ou esculturas primorosas ao lado da teia de linho da camponez; arte decorativa, coisas graciosas e artisticas, ao lado dos bordados a crivo da industria regional de Guimarães, que são obra da mulher do campo; versos de poetizas cultas e inspiradas, ou trovas de desafio da tricana; bordados preciosos rendilhando tecidos diáfanos, ou tela de linho grosso talhada em coração com dizeres de alegoria aldeã, tudo formaria um adoravel conjunto de manifestações geniais ou emotivas, vindas da singeleza da expontaneidade, ou dos primores da arte educada.

Todas essas oferendas de amor seriam confiadas ás senhoras Brazileiras para que, transmitindo-lhes o realce da sua graça, as vendessem em pavilhão especial aos touristes de todo o mundo em rendosa e espiritual kermesse.

O produto obtido, seria aplicado á fundação de uma creche que ficaria eternisando em Portugal a legenda sublime do Bem, na fraternidade ideal Luso-Brazileira. E assim, da terra portugueza enviada á festa do Brazil no relicario do coração, brotariam flores de piedade cujo perfume condensado em beleza, aperfeiçoaria a ternura das almas emotivas.

Confio a execução desta ideia á élite dos artistas portugueses. Que as senhoras D. Branca de Gonta Colaço, D. Virginia Victorino, poetizas do maior prestigio literario, sejam as madrinhas gentis dessa obra, atraindo sobre a ideia todas as adesões generosas que lhe promovam a realisação. E mais uma vez haverá mulheres celebres na historia da bondade, para justificar a opinião do insigne escritor Castelhano D. Emilio Castelar, quando diz no seu livro «Mujeres Celebres»: «La compassion, y la caridad, sueñan sobre nuestras rudezas e combattes en la vida, porque todas las cuerdas melodiosas han sido puestas en el ferreo pecho varonil, por la mano delicadeissima de una idolatrada mujer»

MARIA FEIO

O convenio franco-espanhol

Chegou a Madrid mr. Serraut

MADRID, 23.—Chegou a esta cidade, procedente de Paris, o delegado do governo francez, mr. Serraut, para tratar com a Espanha do convenio comercial com a França.

Esta manhã reuniram-se no ministerio dos Estrangeiros os delegados espanhois com o do governo francez para seguirem as negociações.

As impressões são otimistas.—Lat. Am.

As reparações da Alemanha

Conversando com o nosso delegado sr. Jaime de Sousa

Estamos no «hall» do Avenida Palace.

Um vago ar cosmopolita, lembra-nos que este hotel é irmão mais pobre dos hoteis da «Reviera» que se mostram em graveras ao longo das paredes do corredor.

E' a hora do almoço. O sexteto preludiá uma valsa languida.

Passam por nós apressadas, pisando masculamente a velha alcatifa esgrouviadas «girls» espalhando spleen pelos hoteis de luxo.

No salão amadorrados nos «maples» alguns hospedes lêem os jornais e fumam.

Interrogamos o «chasseur».

—O sr. comandante Jaime de Sousa?

—Está acabando de almoçar.

Esperamos um momento.

Logo depois o ilustre deputado estende-nos a mão.

—Porque então entrou? Se tivesse vindo mais cedo almoçava comigo.

Depois velho amigo do nosso jornal interessa-se por nós e pelo nosso director.

—Sim eu estou ás ordens de «A Capital» mas compreende eu ainda não falei com o ministro dos Negocios Estrangeiros. E depois é tardissimo, tenho que ir á Camara á reunião dos parlamentares democraticos.

Insistimos um pouco. Por agora umas palavras apenas depois com mais vagar conversaremos.

—Então venha comigo no automovel.

Fomos.

Ruas fora o sr. Jayme de Souza vai-nos dizendo:

—E' extraordinario como em volta desta comissão se teem feito as mais injustas campanhas.

Não se sabe o que nós temos feito, mas toda a gente está pronta a demolir.

A comissão tem trabalhado, mas como desse trabalho só os ministros teem conhecimento sucede que mais ningeem está ao facto da maneira como defendemos os nossos direitos.

—Que estão absolutamente assegurados, não é verdade?

—Sim, completamente.

Nós fazemos parte das 20 e tantas nações a favor das quais a Alemanha depositou os titulos ouro das indemnisações.

Agora estamos a estudar a forma de pagamento em 1922. Temos tambem assegurados os nossos direitos sobre os cabos submarinos.

Agora no começo de março voltamos a reunir para assentarmos na forma de compensação em 1922 e para tratarmos de varios problemas em que somos directamente interessados.

Como me é impossivel aqui em duas palavas dizer-lhe tudo. Só com tempo. Deixe falar ao ministro e então apareça.

Tinhamos chegado a S. Bento.

No largo estacionava mais gente do que de costume. Era a apresentação do governo depois dos acontecimentos que todos nós conhecemos.

Administrador de Almada

Tem estado a desempenhar as funções de administrador do concelho de Almada, com geral contentamento da população, o sr. Manuel Maria dos Santos Parada, vice-presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal daquele concelho.

Em volta da conferencia de Genova

Vai realisar-se uma conversa entre Poincaré e Lloyd George

LONDRES, 23.—Acedendo aos desejos de Poincaré Lloyd George tenciona ir no sabado a França acompanhado pelo chanceler do Exchequer, sr. Horne, e por outros tecnicos para se encontrar com o chefe do governo francez e com os ministros das finanças dos aliados a fim de discutirem a situação.

Julga-se que a França e a Inglaterra procurarão chegar a um acordo sobre a conferencia de Genova e especialmente sobre o problema russo.—(R.)

A conferencia será a 23 de Março?

LONDRES, 23.—O correspondente do «Times» diz que o «comité» de Genova recebeu instruções para preparar a conferencia para o dia 23 de Março.—(R.)

As seisões na Confederação Geral do Trabalho

Mais um descontente

Do sr. Hermano Luz Silva, recebemos o comunicado que segue e cuja publicação foi negada no jornal «A Batalha», porta-voz da organisação operaria:

Ao ler o relato do conselho de delegados da U. S. O. fiquei admirado por ver que as minhas afirmações eram um pouco deturpadas.

Se logo não escrevi para essa redacção, foi devido ao chamamento para ler o artigo «No Pelourinho», e eu então, tambem resolvi esperar, para que qualquer aclaração minha, não fosse tomada a titulo de receio por essa publicação.

Posto isto, vamos ao assunto!

Na p. p. reunião do conselho, foi lida uma carta dum militante, que declarava afastar-se desgostoso pela fórma como dentro da organisação se tratavam os assuntos que á mesma dizem respeito. Essa carta foi vivamente atacada, segundo o criterio dos diversos delegados, sendo eu quem, segundo o meu criterio, me identifiquei com a sua doutrina, e com as afirmações desse camarada. Nessa altura, declarei que se procedia jesuiticamente, o que passo a justificar, não tendo afirmado que nos coartavam a palavra.

Como é do conhecimento dos leitores de «A Batalha» o camarada Antonio Monteiro na penultima reunião do conselho Confederal, pedindo explicações, foi por não achar que alguns dos delegados, possam representar o sentir das organisações que representam, pois não só não ouvem as suas classes sobre os assuntos que ultimamente se teem tratado, e porque alguns delegados ocultam delegacias de varios organismos da provincia, onde eles nunca foram e por consequencia não sabem qual a forma de ver desses organismos, uma vez que lhe não enviam questionarios sobre os mesmos assuntos.

Ha ainda a forma como todos os delegados atacam vivamente qualquer delegado que não tenha a mesma uniformidade de vistas, como sucedeu ao delegado Monteiro, quando da sua justa interpelação.

Todos se insurgem, o que levou um delegado a dizer-lhe que se não conhecia o que pensava o organismo que representava, e em nome do mesmo organismo nada queria dizer, para que pedia a palavra?

E' ou não é isto, um atentado á liberdade individual?

Estão ou não estão suficientemente explicadas por esta forma as minhas afirmações?

Mas se não bastam essas, ha ainda o caso dos Russos, que eu reputo algo importante, já não só porque não lhes enviaram os socorros a tempo, como tambem de abusivamente se terem servido desse dinheiro a titulo de emprestimo é certo, mas sem que para isso ouvissem ha mais tempo o concelho Confederal, chegando-se até ao supremo crime de para justificação desse abuso, afirmarem em pleno concelho que o auxilio aos famintos, não era propriamente auxilio, mas sim a propaganda pró Russia.

E' por estas e outras que não considero essas afirmações dignas de sindicalistas revolucionarios, mas sim de criaturas com criterio bem acanhado, do que seja sindicalismo. Por isso me afastei enojado, não querendo tornar-me cumplice da falta de solidariedade monetaria aos Russos quando já se lhes faltou com a solidariedade moral, que eles tanto necessitavam.

Quanto á prevenção de «A Batalha» para com a «Manhã» e Manuel de Abreu Vieira, tenho a declarar que, não sou solidario com esse sr. nem com o referido jornal, confiando na lealdade de «A Batalha» para a publicação desta minha carta, para não ter que recorrer a qualquer jornal não operario o que faria com bastante custo.

Creio desta forma terminado o incidente.

Saúde e revolução imediata

22—2—922

Hermano Silva

Leal da Camara

Realisa amanhã uma conferencia sobre publicidade

O insigne artista sr. Leal da Camara realisará amanhã ás 21 horas uma conferencia, nas salas da Agencia Latino-Americana, sobre a tecnica da «publicidade», acedendo assim, gentilmente, ao convite feito pela direcção da referida agencia.

O sr. Leal da Camara que é um tecnico da «publicidade» e que foi o primeiro a falar em Portugal sobre esta sciencia, que ultimamente muito se tem desenvolvido entre nós, ocupou-se no estrangeiro deste tão palpitante assunto, que tão directamente interessa o comercio e a industria.

O ilustre conferente apresentará numerosos exemplos praticos de publicidade, entre os quais vão merecer, por certo, especial interesse os cartazes e o catalogo oficial da representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro que na sua originalidade e conjunto artistico representam uma verdadeira inovação em materia de publicidade.

O QUE É A INDUSTRIA DO PETROLEO

O oleo mineral ou petroleo foi achado pelo homem em tempos tão remotos, que a historia da sua descoberta se perde na noite do passado. Usou-se em Ninive e Babilonia, dois mil anos antes de Cristo, e muitos povos da Asia, ha seculos, teem vindo recolhendo o petroleo que se escapa pelas encostas das suas montanhas. Mas a exploração formal do valioso produto e a organisação em grande escala dos campos produtores são obras que pertencem á historia contemporanea da civilisação. O Mexico e os Estados Unidos são dois dos principais paises produtores de petroleo; mas a verdadeira exploração dos jazigos mexicanos começou em 1907, e o ano de 1859 marca o inicio dos mesmos trabalhos nos Estados Unidos. Naquele ano o coronel E. L. Drake inaugurou os seus trabalhos de exploração perto de Titusville, Estado da Pennsylvania. Começou por escavar um poço, mas como não obtivesse resultados, procedeu a perfurar. O primeiro poço perfurado deu resultados satisfatorios, e como consequencia veiu o grande desenvolvimento dos campos dos Apalaches, que se estendem pelos Estados de New-York, Virginia do Oeste, Pennsylvania, Kentucky e Tenessee, e parte oriental do Ohio. Outros campos importantes são os da parte ocidental do Ohio, com os Estados de Kansas e Oklahoma; os do Golfo na região do Texas e os da cordilheira da costa da California. Além disso, os Estados de Utah e Wyoreing dão indicações de possuir abundantes jazigos.

A industria petrolifera tem realisado progressos especiais nos Estados Unidos, por causa da crescente procura do petrolio e seus derivados em quasi todo o paiz e no estrangeiro.

Talvez os automoveis com a sua necessidade de gazolina representem o facto mais consideravel dessa procura, ainda que a seu lado se apresente outro muito importante que é o da procura de lubrificantes.

A produção universal de petrolio até 1919 foi aproximadamente de 7.000 milhões de barris, cada um com a capacidade de 42 galões. Nos Estados Unidos mede-se o petroleo por barris de 42 galões (159 litros) emquanto que noutros paizes essa medida se toma por peso.

Na produção mundial acima enunciada figuram os Estados Unidos com 58 %.

Nos dois ultimos anos o consumo de petrolio nos Estados Unidos foi seis vezes o do ano de 1901 e esse aumento deveu-se especialmente ao uso da gazolina. Em 1900 a produção e o consumo foram iguais, representados por 65.000.000 milhões de barris. Em 1919 a produção elevou-se a 380.000000 de barris e o consumo a 375.000.000.

E' muito significativo que durante cinco anos, de 1912 a 1919, o consumo fosse maior do que a produção, e ainda que nos dois anos em que houve excesso de produção, o disparidade fosse sumamente pequena. De modo que, mesmo que os Estados Unidos seja o principal paiz produtor e consumidor, a poporção entre a produção e o consumo é um mau presagio para o abastecimento do mundo futuro.

Devido á natureza dramatica das operações de exploração, ha a tendencia comum de se supôr que o exito está sujeito á ventura; mas, se é bem verdade que a sorte pareça ter grande parte n'isso, não se deve esquecer que a aplicação dos metodos scientificos é o elemento primordial em todas as operações mineiras. Muito antes de serem feitas explorações cabais em busca do petroleo no estado de Illinois, os geologos tinham a convicção e certeza de que naquelas regiões havia jazigos de grande abundancia. Por outra parte, tem-se descoberto por casualidade depositos muito produtivos, efectuando-se perfurações em busca de outros artigos minerais, como sucedeu em Dalton, Novo Mexico. Pode-se dizer que, em geral, a existencia de petroleo não se manifesta a miudo na superficie do terreno, ou pelo menos, frequentemente não ha sinal algum para quem não seja muito perito na materia.

Onde ha sinais evidentes, os principais são as filtrações, a vegetação, os depositos de asfalto, as emanações de gaz, as materias betuminosas. Quando as filtrações ou escorrimentos atingem certas dimensões, quem quer pode ver o petroleo que sae; e quando se teem mantido durante muito tempo, chegam a formar depositos de asfalto como os da Trinidad. As filtrações são algumas vezes acompanhadas de gazes, mas sempre que ha emanações, ha escorrimentos de petroleo.

Ha, comtudo, certas indicações muito significativas para os exploradores de petroleo. Vestigios de oleo com gaz forte em leitos de estrato impermeavel, são, em geral, indicio muito favoravel; mas os vestigios muito debeis de petroleo com agua ou agua salgada em leitos porosos, são sempre mais sinais, como é tambem um vestigio de agua quente, sem oleo ou gaz.

Um vestigio de escorrimento de petroleo, com gaz, é sempre indicio favoravel, mas um vestigio em agua salgada é geralmente mau indicio. Em toda a situação que ofereça alguma duvida, é muito conveniente examinar todos os indicios e até fazer um «croquis» da estratificação do terreno, antes de se empreender o trabalho das perfurações. Frequentemente é muito proveitoso considerar-se a semelhança da localidade que se deseja examinar, com outras em que haja jazigos de petroleo. Com o auxilio desta forma de investigação teem-se feito muitas e muito boas descobertas.

A mira principal com que se faz uma perfuração das de que tratamos, é descobrir-se o petroleo á menor profundidade possivel e por conseguinte o custo mais baixo. A situação é assunto duplamente importante, quando só se possa fazer um ou dois orificios. A profundidade dos varia, naturalmente, com as circunstancias, mas em geral está compreendida entre 500 e 1:500 pés.

As outras circunstancias, como a proximidade da agua, são de consideravel importancia, mas nenhuma pode pesar tanto como a de que realmente exista petroleo no logar escolhido. Muitas minas bastante produtivas tiveram começos duvidosos; emquanto que noutras ocasiões se tem organisado grandes companhias para a exploração de jazigos indicados por muitos sinais caracteristicos e para que, por fim, houve duro desengano.

Como consequencia de se chegar a maiores profundidades que as que se praticavam segundo os metodos antigos, poz-se em actividade o uso do vapor como força motriz para as perfurações nos campos de petroleo. Talvez a maior inovação, comtudo, tenha sido o emprego de tubagem ou revestimentos, para se impedir que a perfuração se encha de terra e se obstrua, assim como tambem para se manter a agua bem separada do petroleo. Esses revestimentos são de ferro ou de aço, e ás suas medidas estão sujeitas ás condições e circunstancias do lugar onde quer que se apliquem.

As aguas oferecem outro problema porque com o seu peso especifico, desalojam o petroleo e o gaz. Obtem-se facilmente a exclusão da agua, introduzindo-se por meio de revestimento ou forro quando tal é possivel, uma tubagem de ferro com juntas impermeaveis, cujo extremo inferior penetra até por baixo do ultimo estrato impermiavel, e o superior fica por cima de todo o lugar por onde a agua possa penetrar. Em todos os casos, caminha-se sempre á ventura, quando se faz perfurações em busca de petroleo, e a falta de cuidado ou algum acidente inevitavel pode tornar demasiado laboriosa, lenta e custosa a abertura de um poço, com o seu necessario equipo. O poço denominado Lake No. 1, na Virginia do Oeste, tinha chegado a uma profundidade de 7,589 pés, quando o cabo se rompeu a coisá de tres quartos de milha abaixo da superficie.

Os dois metodos de perfuração que hoje estão em pratica, são o emprego de perfuradores de pancada com cabo, e de perfuradores de rotação ou giratorios. O primeiro serve-se de um balanceiro para levantar e deixar cahir as brocas que se penduram num cabo atado ao extremo do balanceiro. O outro metodo usa uma broca que, segura ao extremo duma tubagem, se faz girar mecanicamente e vai fazendo o orificio.

O processo é equivalente ao que se usa para se fazer perfurações de prova, com brocas de ponta de diamante, quando se trata da abertura de tuneis. A lama delgada é extrahida por meio de uma bomba. O funcionamento do perfurador é continuo, com excepção dos intervalos necessarios para se tirar a broca e mudar-lhe a ponta, ou para qualquer outra operação semelhante.

A escolha dum desses métodos está sujeita, naturalmente, ás condições do terreno em que haja que trabalhar. O método de cabo é preferivel onde o estrato seja duro, mas tratando-se de terrenos moles ou soltos, o outro método dá excelentes resultados. Este método de perfurador giratorio requer maiores gastos de combustiveis, de trabalho e de manutenção de machinismos; mas tal desvantagem tem a sua compensação na circunstancia de que, sendo o trabalho feito como devido, se obtem maior rendimento e muito mais rapido progresso, do que com o método de ferramentas manejadas por cabos.

O custo de perfuração com um ou outro metodo varia, naturalmente, mas o termo medio na Pensilvania, onde o petroleo está cerca da superficie, tem sido de $10,000 por cada poço; emquanto que na California, onde a maior parte dos terrenos são de areia solta, cada poço tem custado $100,000, como termo medio. Naturalmente que o custo de um poço depende da sua profundidade e de outras circunstancias. Com ambos os metodos tem havido até hoje grande desperdicio de gaz, mas o problema tem recebido especial atenção e por fim tem-se traçado um plano pelo qual se deita no poço agua misturada com argila, com o que se impede os desperdicios de gaz, devidos e emanações.

Na maior parte dos campos mineiros importantes, encontram-se poços que brotam, ás vezes, com tanta violencia que estragam a tubagem ali instalada. A pressão do gaz impele a areia e lança-a com tanta violencia, que se tem visto passar no decurso de horas atravez de algumas pranchas de aço.

Em muitos casos, quando de repente se tem apresentado um jorro de petroleo, e nenhum preparativo tinha sido feito para se tapar o poço, vem a ser coisa mais que dificil, quasi impossivel, evitar os prejuizos.

O poço Cerro Azul n.º 4, do Mexico, lançou uma coluna de petroleo que alcançou 600 pés de elevação e lançava um milhão de barris por semana, e o celebre poço Lakeview, da California, esteve correndo durante dezoito mezes, á razão de 30.000 barris por dia, se bem que, naturalmente, só uma parte desse petroleo se perdesse, como facto inevitavel!

Para se reduzir á perda a um minimo, até se pôr remedio definitivo á fuga do jorro, coloca-se sobre a perfuração cascos de caldeira colocados sobre calços ou grossos madeiros, reforçados por placas de aço, que se colocam ao pé da torre e se ligam a ela por meio de prisões de aço. O petroleo desvia-se para sumidoiros abertos na terra, perto da torre, e quando a corrente diminue, trata-se de a dominar e dirigir o jorro para a tubagem. Entre os operarios e mineiros ha a crença de que não é prudente cortar o jorro por completo, porque se pode obstruir os canais subterraneos e arruinar-se toda a instalação. As vezes o jorro do poço incendia-se, e se não se pode cortar é muito dificil extinguir o fogo.

Quando um poço tem cessado de correr, ou quando não se pode conseguir que corra de fórma alguma, por causa de uma baixa pressão do gaz, é necessario recorrer ás bombas.

As bombas são o meio usual de extracção de petrolio. A extração faz-se por meio de uma bomba de poço profundo, que se faz descer até uma profundidade suficiente para a sucção. Nos poços de pouca producção, a extração por bomba faz-se com o balancim. Nas regiões em que o extracto é duro, como nos campos centrais e orientais dos Estados Unidos, emprega-se os meios detunantes com resultados muito satisfatorios; mas se o poço dá corrente moderada, o petrolio pode ser facilmente tirado e armazenado. As tubagens para este fim são postas em sulcos e enterradas á profundidade conveniente para as livrar do excessivo frio e do excessivo calor.

A pratica mais usual é dar a cada poço um calibre diferente para a medida da sua produção, e pôr-lhes os seus respectivos tanques, de modo que o petroleo é medido nos proprios poços antes de passar ao deposito. Talvez não seja geralmente sabido que nos Estados Unidos o territorio de Texas e Oklahuma, por Missouri, Illinois, Indiana e Ohio até Pennsylvania, New-Jersey e New-York, está minado por um sistema completo de tubagens para a condução do petroleo. Este sistema de tubagens de condução de petroleo é um dos elementos que tem contribuido para o imenso desenvolvimento da industria petrolifera nos Estados Unidos.

A Provincia na "Capital,,

ALMADA, 22.—Por ordem superior, a policia de Lisboa, aqui destacada, com o auxilio da guarda republicana, realisou no ultimo sabado uma busca geral nas principais povoações desta freguezia, apreendendo grande numero de navalhas, algumas de enormes dimensões. Foram detidos trez individuos.

—A requerimento de quatro vereadores da freguezia de Caparica, foi convocado o senado municipal para a proxima sexta-feira, 24, ás 13 horas, a fim de demitir a actual comissão executiva da Camara.

O fim a que se destina esta convocação, logo que se tornou do dominio publico, causou verdadeira sensação, pois a maioria dos municipes não veem motivo para tal procedimento, não recusando o seu aplauso aos trabalhos que tem realisado e a outros que estão em via de realisação.

—Foram aqui afixados os editais do governo civil regulamentando as brincadeiras do proximo Carnaval

A comissão executiva da camara municipal resolveu fornecer luz electrica nas quatro noites aos clubs e outras agremiações de recreio.—(C.)

Ecos & Noticias

MISSA

Na egreja de S. Cristovão reza-se amanhã uma missa pelas 12 horas, mandada dizer pelo srs. Bartolomeu da Silva Pereira e Cunha e Firmino da Silva Pereira e Cunha, sufragando a alma de sua mãe a sr.ª D. Maria Luiza da Silva Pereira e Cunha.

ULTIMA HORA

Declaração Ministerial

O programa do governo Antonio Maria da Silva

Sr. Presidente:—Realisadas em 29 do mez findo as eleições, julgou o governo da presidencia do sr. Cunha Leal findo o seu mandato e apresentou a sua demissão ao sr. Presidente da Republica, que lha aceitou e que, atendendo ao resultado da luta eleitoral e a outros indicadores constitucionais, me deu a honra de me confiar a constituição do atual Ministerio, com elementos do Partido Republicano Portugues.

Inutil é acentuar a gravidade do momento que atravessamos e da responsabilidade que eu e o Partido Republicano Portugues assumimos. Bem a conheço e todos a reconhecem.

E se, não obstante, aceitei tão honroso quão melindroso encargo, foi porque, membro desse Partido, por todos considerados como a maior força da Republica, e que sempre, nas horas de perigo, pela Republica se bateu, não podia recusar, sob pena de cometer uma criminosa deserção.

Vim, pois, para o posto que me designaram, e comigo os que nesta bancada estão a meu lado, cumprir um dever que as circunstancias dolorosas que o paiz atravessa e a nossa dedicação pela Republica nos impuzeram.

E aqui estamos, pois, confiados em que, com a cooperação e com o auxilio do Parlamento, poderemos estabelecer a paz e a confiança nos espiritos manter a ordem nas ruas, impor a disciplina necessaria a todos os cidadãos dum Estado organizado. e especialmente a todos os que desempenham funções publicas, e mais especialmente ainda a todos os que teem a seu cargo a segurança interna e externo do paiz.

Da forma homogenea como o Ministerio está constituido, resulta naturalmente a unidade de vista e de ação absolutamente necessarias para uma obra administrativa eficaz.

Saidos dum partido, os homens que constituem este Ministerio, teem entre si, não só os laços de ordem moral que ligam os que, consciente e desassombradamente, pertencem a um mesmo agrupamento, mas tambem a comunidade de principios, de ideias que os solidarisam e identificam.

Firmemente resolvido a manter a ordem publica que todos sabem e dizem ser condições «sine qua non» para a resolução dos instantes problemas que nos assoberbam, sem violencias, sem faltar ao respeito devido á lei, mas tambem sem tibiezas nem transigencias, que seriam mais do que vergonhosas, o governo procurará ter sempre o apoio parlamentar para a confirmação das medidas que julgue imprescindiveis e para a votação das que tiver de concretisar com propostas de lei.

Neste grave problema o governo tem procedido e procederá sempre dentro dos limites das suas atribuições, respeitando os outros poderes do Estado, contribuindo para auxiliar e jamais impedindo ou prejudicando a acção da justiça; mas dentro dáqueles limites tem procedido e procederá com energia, conscio de que, se é dever de todos não provocar nem praticar perturbações nas ruas, o seu é evita-las sempre que seja possivel e reprimi-las quando elas se manifestam.

Com esse apoio e confiança do Parlamento conta tambem no que se refira á politica internacional, que, sendo sempre inspirada pelo desejo de ver cada vez mais eleaada no conceito mundial a Patria Portuguesa e reconhecidos e respeitados os seus direitos, terá como base a velha amisade com a Inglaterra e a solidariedade com os paizes aliados e associados na Grande Guerra e visará o estreitamento de relações com todos os outros paises, entre os quais se deve destacar a Espanha, como visinha e amiga, e o Brasil, que, estando tão distante de nós no espaço, está junto de nós pelo sentimento, pela comunidade de lingua, pelas provas de mutuo afecto que une os dois paises.

E, a proposito, vem o relembrar o gentil convite que foi feito ao venerando Chefe de Estado para visitar o Brasil no corrente ano, por ocasião das festas comemorativas do primeiro centenario da sua independencia politica, e ainda o convite especialmente dirigido ao Governo Portuguez para o envio duma missão, que muito pode contribuir para cimentar e intensificar aquele afecto.

Obedeceu aos seguintes intuitos de ordem geral a confecção desse programa:—a maior economia em todos os serviços publicos, extinguindo os dispensaveis, remodelando os outros por fórma a reduzir as despesas anuais ordinarias dentro dos limites compativeis com a eficiencia dos mesmos serviços; suspendendo dentro dum periodo não inferior a cinco anos a admissão de novos funcionarios, salvos os restritos casos especiais, que deverão ser expressa e taxativamente indicados em diploma especial; renunciando em absoluto a qualquer despesa extraordinaria não produtiva e reduzindo até mesmo as despesas extraordinarias produtivas; a remodelação da legislação reguladora da contabilidade publica; o imediato aumento das receitas do Estado, pelo imposto e pelas operações de caracter economico e financeiro que as circunstancias acouselharem; a imediata promulgação de medidas que, embora imputem aumento de despesa, se imponham para evitar outras despesas, quiçá maiores, ou pela sua produtibilidade imediata.

Pela pasta do Interior serão considerados os serviços da Guarda Nacional Republicana como organismo de grande policiamento rural e urbano que assegure o trabalho de todos e o direito de cada um, dentro do menor dispendio e da maior utilidade de serviços; e, paralelamente á ação da G. N. R., serão organisados os serviços da Policia Civica, de modo a realizar a melhor escolha dos agentes policiais e a sua conveniente educação, pois é pelo exemplo e pela disciplina, pela serenidade do mando e pela firmeza da intervenção em favor dos ofendidos e dos desamparados, mais do que pelo numero, que a sua missão pode ser eficazmente exercida.

Tratará tambem o governo de dar á Policia Preventiva ou de segurança do Estado um caracter de seria utilidade e reformará os serviços de Policia de Investigação Criminal.

Dentro dos limites traçados pela Constituição, o Governo acompanhar, com desvelo a ação dos corpos administrativos, no desejo de contribuir para o desenvolvimento da vida regional e local. Entendo porém que essa ação não deve prejudicar a economia geral do paiz, como sucede com o estabelecimento do imposto «ad valorem», contra o que se teem elevado justas reclamações.

Pela pasta da Justiça tenciona o Governo apresentar propostas relativas: á organisação judicial; ao trabalho dos presos ja condenados; á regeneração dos delinquentes, que desta sejam susceptiveis pela sua menoridade ou outras circunstancias; á higiene e saneamento das cadeias e casas de reclusão; ao melhoramento e simplificação do processo civil, comercial e penal, tornando-os mais rapidos e proficuos; aos arrendamentos de predios, rusticos e urbanos, regulando os direitos e obrigações de senhorios, arrendatarios e sublocatarios, de modo a garantir aos proprietarios a justa retribuição do capital que a sua propriedade representa, e aos arrendatarios as garantias que pelas excepcionais circunstancias economicas e financeiras do paiz se reconhecerem indispensaveis, providenciando sobre os abusos de uns e outros; e, emfim, ao melhoramento de tudo o que diga respeito á boa administração da justiça e instituições correspondentes.

O problema financeiro é dos que ao Governo merece maior cuidado e dos que exige do Parlamento e do Governo, uma acção mais urgente. Dele depende, em grande parte, o embaratecimento da vida, e, duma maneira geral, a resolução de todos os mais problemas da administração publica.

Quanto a receitas, será proposta a criação de dois impostos:

1.º Imposto sobre o valor das transacções;

2.º Imposto pessoal sobre o rendimento.

O primeiro vem substituir o imposto do real de agua, o imposto de consumo das barreiras de Lisboa e Porto, o imposto de fabricação e consumo. Aquele imposto é de maior produtividade que os impostos que substitui.

O imposto pessoal sobre o rendimento importa: a supressão doutros impostos, como os de contribuição sumptuaria e imposto de rendimento (classe B.).

Propor-se-ha tambem:

O inicio imediato do cadastro geometrico; a determinação do valor actual do rendimento por avaliação directa, tendo em conta os valores pelos quais os predios foram obrigatoriamente segurados contra o risco de incendio; tributação pelos lucros liquidos verificados ou presumidos pelo montante das operações. Em todas as industrias será previamente paga uma taxa fixa; alterações das taxas e disposições tendentes a evitar a fuga do imposto, sobre contribuições de juros e de registo.

Sobre pontos aduaneiros, far-se-ha a sua revisão no sentido de as adaptar ás exigencias actuais da actividade nacional, das relações da metropole com as colonias, e relações internacionais, e ainda as circunstancias dos Tesouro, introduzido o principio de revisão periodica.

Utilisar os pagamentos da Alemanha, de 6 de Maio de 1921, com o fim de ocorrer á nossa reconstituição economica; promover a abertura de creditos destinados a pagamento de mercadorias a importar; realisar com os titulos de reparações da Alemanha uma operação financeira, destinada ao pagamento das dividas do Estado no estrangeiro e compra de mercadorias indispensaveis ao paiz; realisar os necessarios emprestimos destinados para as obras de fomento a efetivar, quer á comolidação da divida flutuante e converção da divida consolidada.

Proporá ao Parlamento providencias: modificando a organisação do exercito de 25 de Maio de 1911, em harmonia com os ensinamentos colhidos na Grande Guerra, conservando e acentuando a sua estrutura milicíana e tornando mais facil e rapida a mobilisação e concentração; intensificando e aperfeiçoando a instrução dos quadros e das tropas; industrialisando alguns estabelecimentos, sem perturbação dos serviços do exercito; reformando a legislação relativa á taxa militar, de modo a facilitar e simplificar a sua cobrança e fiscalisação; reformando alguns serviços da marinha de guerra com o fim de obter o maior aproveitamento do material existente, atendidos, principalmente, á instrução do pessoal e a defesa dos portos; desenvolvendo as industrias e serviços que mais diretamente concorram para o fomento maritimo, como seja a da construção naval e das pescas, e os hidrograficos e oceanograficos; reformando a Escola Naval e a Escola Auxiliar de Marinha.

Pelo ministerio dos Estrangeiros, o governo está tratando de obter rapidamente todos os elementos que devidamente o habilitem a negociar acordos e tratados comerciais, entendendo porém, que urge reformar os serviços por forma a que, em intima colaboração com os outros ministerios respectivos, possa intervir eficazmente na politica economica nacional, orientando—a e auxiliando—a e possa dirigir a politica economica internacional.

Desde a sua primeira hora, pode dizer—se que o governo se está ocupando do assunto das «reparations en nature» a receber da Alemanha.

Pelo ministerio do Comercio urge promover o apuramento e liquidação dos elevados debitos de alguns dos serviços dele dependentes, acabando com uma situação depraimente e antieconomico.

Do mesmo passo procurar-se-ha fazer face aos deficits previstos, promovendo a sua redução.

A fim de evitar a continuação do prejuizo material e moral que ao Estado tem trazido a administração dos Transportes Maritimos é intenção do governo promover a transferencia desses Transportes para a industria particular.

Sendo da maxima importancia para o bom funcionamento dos transportes ferro viarios trará o governo ao parlamento as medidas que julgar convenientes para atingir esse desideratum.

Tratará o governo de providenciar para que a exploração dos portos maritimos, nomeadamente a do porto de Lisboa, corresponda absolutamente ás necessidades da vida economica nacional.

Tratará tambem de impulsionar a reparação das estradas, ultimando as mais necessarias, com o auxilio das corporações administrativas e possivelmente com a intervenção da iniciativa particular.

Igualmente procurará os meios mais adequados para impulsionar e auxiliar as iniciativas tendentes ao aproveitamento dos recursos naturaes do Paris, nomeadamente das aguas correntes e dos combustiveis nacionais.

Organisará o credito industrial.

Pela pasta das Colonias serão apresentadas ao Congresso da Republica propostas de lei tendentes a modificar ou completar as leis organicas coloniais da sua exclusiva competencia.

O Ministerio da Intrução tratará dos problemas da Assistencia e das construções escolares, da revisão da legislação do ensino primario principalmente no que diz respeito á sua fiscalisação e ás Juntas Escolares, da reorganisação das Escolas Primarias superiores etc.

Pelo Ministerio do Trabalho entende o governo adoptar, para base da discussão, as seguintes propostas de lei já anteriormente apresentadas ao Parlamento:—modificando a legislação sobre associações de classe, ampliando-as com a capacidade civil aos sindicatos profissionais, a fim de eles poderem fazer contratos de trabalho;—modificando a legislação sobre associações mutualistas; modificando o lançamento da percentagem sobre os bancos, com o fim de conseguir verba para auxiliar a Assistencia;—modificando a legislação sobre cooperativas;—e reorganisando os serviços de saude.

Pelo Ministerio da Agricultura procurará o Governo atacar o problema do embaratecimento do custo da vida, pondo-o em equação dentro das suas verdadeiras bases, sem recorrer a processos que a experiencia tem demonstrado serem, não só contraproducentes, mas nocivos, e cuja pratica tem demorado a normalização da vida comercial.

O aumento de produção cultura será um dos objectivos principais. E' tempo que se estude um plano geral de obras de hidraulica agricola nos seus diversos ramos e aplicações de forma a dar de beber á terra sequiosa do Alemtejo, aumentando tambem a capacidade produtora das outras regiões.

A justa protecção á agricultura nacional, facilitando-lhe a aquisição de adubos e maquinaria e a consolidação das instituições já criadas, tais como a de Credito Agricola e outras, merecera tambem um cuidado especial do Governo.

Julga tambem o Governo que é tempo de voltar á normalidade de regime cerealifero, acabando de vez com desigualdades e encargos injustificaveis, que tanto tem contribuido para a desordenada drenagem do nosso ouro, desperdiçando muito trigo pela forma irregular da sua aquisição e distribuição no mercado. O actual sistema de garantia de juro em que a moagem está trabalhando é intoleravel.

Devo ainda acrescentar algumas palavras.

Informações que ao Governo chegaram faziam prever que na noite de sabado para domingo, um novo movimento revolucionario, perturbaria a cidade.

O Governo, tendo apreciado a situação, entendeu que lhe impendia a obrigação de imediatamente tomar as providencias necessarias para evitar a eclosão do movimento ou dominá-lo e ainda as medidas tendentes a assegurar de vez a manutenção da ordem publica.

A fim de obstar á repetição de lamentaveis factos, o Governo julgou que o poder Executivo deveria colocar-se em condições de poder exercer mais eficazmente a sua acção.

Assim fez; e, tendo com efeito tomado medidas que a gravidade do movimento exigia, verifica com satisfação haver evitado o derramamento de sangue ou qualquer alteração de ordem, e ainda que póde afirmar a supremacia e prestigio do poder e da autoridade.

O Governo continuará sereno, mas energico e indefectivelmente no caminho que traçou, confiando no apoio do Parlamento e de quantos em Portugal querem ordem e socego para trabalhar, dignificar a Patria e as suas instituições.

Parlamento

Nos Deputados

A apresentação do governo

O sr. presidente Domingos Pereira faz o costumado discurso de cumprimentos aos parlamentares. Em resposta, discursaram os «leaders» de todos os lados da Camara, todos proferindo as mais lisongeiras palavras para o novo presidente.

O Governo entra no hemiciclo. Os ministros tomam os seus logares e logo é dada a palavra ao sr. presidente do ministerio, que lê a declaração ministerial, que vai publicada noutra coluna deste jornal.

Finda a leitura, o sr. ministro das Finanças mandou para a mesa a proposta do duodecimo do mez proximo, pedindo para ela urgencia e dispensa do regimento.

Na discussão tomam parte os srs. Carvalho da Silva e Alvaro de Castro, estando este parlamentar a discursar á hora em que fechamos este extracto.

O sr. Presidente do Ministerio mandou para a mesa uma proposta de lei autorisando o Governo a reformar a constituição e serviços da Guarda Republicana.

Esta proposta de lei só entrará em discussão depois da apreciação, pela Camara, do caso do duodecimo, cuja discussão como já dissemos, ainda continua.

No principio da sessão foram apresentados dois projectos de lei, patrocinados pela minoria monarquica. e respeitantes ao subsidio parlamentar e á restituição de templos á Egreja catolica. Foram para o arquivo, por serem ieconstitucionais.

No Senado

Os monarquicos apresentam um projecto de lei abolindo o subsidio

Aberta a sessão ás 15 horas, sob a presidencia do sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela, aprovam a acta 37 senadores.

O sr. Pereira Osorio indicou para representar o Senado nos funerais do sr. D. Afonso de Bragança, os srs. Tomaz de Vilhena, (monarquico); Augusto de Vasconcelos, (liberal); Cunha Barbosa e Ramos de Miranda, (democraticos); João Crisostomo e Roberto Batista, (independentes). Foi aprovado.

O sr. Vasco Marques, (reconstituinte), requer lhes sejam fornecidos varios documentos pelo Ministerio da Justiça.

O sr. Julio Ribeiro (democratico), propõe um voto de sentimento pela morte do senador Pedro Bôto Machado; tendo o sr. presidente objetado dever muito em breve realisar-se uma sessão de homenagem a todos os mortos ilustres durante o interregno parlamentar.

O sr. Oriol Pena (monarquico). envia para a mesa um projeto de lei determinando que os senadores não recebam subsidio.

A' hora de encerrar-mos este extracto estão suspensos os trabalhos a fim de serem confeccionadas as listas para a eleição de comissões.

Ordem Publica

O Chefe do Estado e o Governo regressam á capital

Afastados ao que parece, os perigos de alteração da ordem publica, o Chefe do Estado bem como o Governo regressaram hoje á capital. O sr. Presidente da Republica saiu de Cascais pelo meio dia, em automovel, acompanhado do chefe do Governo, do secretario geral da presidencia e do seu secretario particular.

Apesar dos boatos de alteração de ordem serem menos insistentes, o cerco a Lisboa ainda não foi levantado, dizendo-se que o não será tão cedo.

O Governo não deixa tambem de seguir com atenção as gréves, do pessoal dos electricos, das classes maritimas que tende a agravar se e a dos padeiros que se anuncia para breves dias. Esta ultima não é porem simpatica á U. S. O. pois os manipuladores de pão nas suas reclamações exigem a abolição das balanças o que é contrario aos desejos das classes operarias.

Caso os padeiros vão para a gréve, não podem pois contar com o apoio da U. S. O. a não ser que risquem das suas reclamações, a abolição das balanças.

O conselho de delegados á U. S. O reuniu hontem para apreciar as referidas gréves e ouvir o delegado dos padeiros que devia ser interpelado por causa das balanças. O que se passou é por enquanto desconhecido pois a reunião foi secreta.

No entanto a Comissão que se constituiu numa das reuniões da U. S. O continua ouvindo as direcções dos varios sindicatos sobre a efetivação de um grande movimento operario que apoie os grevistas maritimos e dos electricos.

Hoje declararam-se em greve os operarios da fabrica de papel Abelheira.

TEATRO

Primeiras e reposições

TEATRO NACIONAL — A carta anonyma (El Ardil), *3 actos de Munõz Secca, trad. de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.*

Peça

Em Espanha todo o autor teatral traz consigo um rol interminavel de obras; quando há dias acabei de ler a «Historia del genero chico» admirei-me do activo dos principais e mais populares nomes da arte dramatica teatral mórmente no genero leve, no genero «chico».

Desde o velho Echegaray a Arniches, saineteiro emerito, de Garcia Alvarez aos Quinteros, do Antonio Paso, Fernandez Shau até a Munoz Secca, de Vital Aza e Abati até ao nosso conhecido Martinez Sierra, todos, nos apresentam peças ás dezenas, quasi ás centenas, numa produção impossivel de imaginar. A sós, em colaboração, com musica, sem musica, sucessos e insucessos, liricas ou grosseiras, tudo serve para o teatro espanhol.

Munoz Secca, de quem nós conhecemos de varias outras comedias, a mais recente e de mais sucesso, «El ultimo bravo» em colaboração com Garcia Alvarez, com quem tambem fez «Pastor y Borrego», «Fucar XXI», «La frescura de Lafuente», «O verdugo de Sevilla» e «Os Cuatro Robissones», Munoz Secca, dizia, é talvez ainda mais fecundo do que qualquer outro.

Tem farças, sainetes, comedias atropelando-se, atrofiando-se, merecendo ás vezes o sosobro instantaneo da primeiras representações, irritando a critico, outras atingindo o fim previsto, fazer rir, apenas rir pelo inverosimil, pelo traço grosso, vincado, forte.

Deste interminavel rosario de peça lhe adveiu a pratica no genero, podendo-se dizer que é ele quem melhor meche em Espanha os cordelinhos da comedia burlesca.

Mas, a precipitação talvez, a despreocupação com que as suas obras são feitas nota-se a cada passo. Os personagens esboçam-se, aparecem figuras inuteis, não ha um carinho visivel, um cuidado que se veja claramente atravez a tecnica movimentada dos suas obras.

Assim no primeiro acto de «El ardil» Munoz Secca faz passar o seu Caracala numa antecena, e abandona esse personagem que por ventura ao escrever o primeiro pensou em fazer reaperecer no 3.º. No 2.º acto aparece uma senhora, a primeira vitima das cartas anonimas e que em vez duzias de frases inuteis volta a desaparecer sem utilidade alguma para o entrecho. Isto são notas que apontam a despreocupação do autor na confecção das suas comedias.

Mas como Munoz Secca não tem em grande maioria das suas peças outro desejo senão fazer cócegas ao publico, a peça de ontem no Nacional consguiu esse fim. Inverosimil, levada ao excesso nos truces que formam a base da peça, sim, porque é facilmente compreensivel que a mulher atraiçoada vendo o primeiro efeito desastroso da carta anonima se esforçaria por terminar com essa pratica. «El ardil» tem principalmente um 3.º acto chistoso, alegre e que nos lembrou, com saudades o bom tempo do Ginasio alegre...

Mas não era o Ginasio. Era o Nacional e felizmente no Carnaval.

Versão

A tradução da parceria pareceu-nos boa e estamos em crer que assim é. Aqui, ali, uma piada bem metida, conservando-se porem dentro duma linha de conduta louvavel, visto que o Carnaval quando muito poderia tolerar a peça no nosso primeiro teatro de declamação.

O desempenho

Aquele palco cheio de gente nova, rubilnando com vivacidade, alegria, conseguiu ester interessante.

Para as fracas exigencias duma comedia em tons pesados não eram necessarios grandes talentos, nem grandes desempenhos.

Descorregaram os nervos todos os artistas que nele tomaram parte. Assim por ordem de preferencia direimos com aquela sinceridade do costume que as honras da noite foram para Irene Grave.

Detalhou com graça natural, foi viva, galante. Quando se sentou no 1.º acto a secretaria para escrever olhou o aparo com detalhe comico. No 2.º acto foi ainda feliz na scena da bandeja, como no 3.º foi graciosissima nos seus ares de importancia, na sua voz dengosa, na composição da sua figurinha. Ha duas anotações ligeiras a fazer. Não deve balanciar sempre o corpo, no seu engraçado andar, porque nem sempre es papeis pedem aquele ar de fadistinha elegante, como deve tambem duma peça para outra mudar os caracoesinhos infaliveis. Isto na generalidade, porque hontem apenas lhe queriamos notar um contrasenso que embora repugne á sua elegancia de mulher moderna daria um cunho mais honesto ao seu trabalho: no 1.º acto aparece, sopeirinho vistosa, com meias de seda preta e sapatos de salto á Luiz pelo menos XXI; está bem porque hoje uma sopeira é objecto... de luxo; mas não está se quizer lembrar-se que no 1.º acto o sr. Arroio exclama:—Nunca te vi de meias de sêda!

Ilda Stichini destinada a mais altos designios do que a baixa comedia, deu-nos como já no «Noivado do Sepulcro», uma mulher de pêlo na venta. Elegante distinta nas suas toilettes, com a sua graciosidade de dizer, com o seu sorriso interessante, com todas as suas grandes qualidades que a tem notabilisado em peças de valor, passou na «Carta Anonima» dando-nos a frescura da sua figura e a graça da sua naturalidade.

Helena de Castro foi, monotona, insensivel; certo que o seu papel era o de uma vitima, mas precisava de mais mocidade, de um pouco menos de drama no seu rosto parado, na sua toada frouxa; acompanhou-a em infeliz duto Ana de Oliveira, que desta vez parecia uma tabua de imobilidade de sentimentos.

Rafael Marques compoz um tipo, em duas formas diferentes, O timido ridiculo dos primeiros actos, o discipulo de Caracala, bravatão no 3.º, não podia ter mais vivo interprete.

Clemente Pinto, bem aparecido no teatro Nacional, tem tambem um bom tipo no 1.º acto, expressões salientes e necessaria vivacidade no restante. Jorge Grave com os seus caracteristicos habituais, Rodrigues de passagem, bem caracterizado o Leitão, parrigudo de mais para esgrimista e pugelista emerito, especie de «coifeur» lanzudo, e não um conde senão de baralho de cartas.

Scenario, mise-en-scéne

A contento de todos; do sr. Julio Dantas que riu com gosto da farça, e dos fracos espectadores que acorreram ao acidente,

ARMANDO FERREIRA.

Noticiario

Portugal

Consta que um conhecido escritor teatral, vai traduzir a peça do Ibsen, «Os Espectros», com destino so actor Alves da Cunha.

—É depois do Carnaval, que se exibirá o film o Rei da Força, produção da Enigma-Film. Esta mesma empreza já tem muito adiantado outro film com o titulo, O Sucida da Bôca do Inferno.

—No verão irá á provincia uma tournée formada por José Ricardo, Rafael Marques e Ilda Stichini, levando á scena entre outras peças o «Centenario» e «Simone».

—Caso a opereta de André Brun e Carlos Simões a «Lenda dos Turlatanas» não seja entregue a seguir ao Carnaval subirá á scena no S. Luiz a opereta «Miss Issipi».

—Foi adquirida por Alberto Novais a tradução das operetas «Princezin Olalá» de Gilbert e «A ceia dos milionarios» ultimo sucesso de Berlim.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

Quando era muito pequena e ainda não tinha a infelicidade de ser uma pessoa sensata, sabendo raciocinar e reconhecendo portanto que é asneira acreditar em fadas o genios tinha a preocupação constante de encontrar uma varinha de condão.

Quantas vezes eu voltar dum passeio trazendo comigo cuidadosamente guardado um seixo que brilhára deslumbrante sob os raios do sol, o que deslumbrando o meu olhar acordára a minha imaginação que lhe atribuira imediatamente poderes magicos! Outras vezes era uma flor mais linda, uma olga marinha de forma exotica, que despertara a minha atenção e renovava a esperança mistica que me acompanhava sempre.

Talvez esse desejo intenso e essa fé absoluta na existencia das fadas obtivesse o meu perdão no «Reino das Coisas Imaginarias» pelo meu seepticismo actual e fosse causa a que eu tivesse encontrado na vida a minha varinha magica.

E' tão poderosa essa varinha!

Quantas e quantas horas escuras se desvaneceram, lagrimas amargas se secaram, horas entediadas se tornaram sorridentes o minutos de desanimo se transformaram em origem de pensamentos animosos e inicio de actos productivos e uteis.

Esta varinha de condão que tão maravilhosos efeitos produz, compõe-se de materiais preciosos, é toda ela feita de sorrisos e gratidão, de colera e resignação, de serenidade e contentamento. Esse misterioso talisman consiste de quatro palavras: «Oral podia ser pior!»

Tenho obtido com eles efeitos deslumbrantes. Ao pronuncia-las, reparo que os acontecimentos tragicos tomam um aspecto menos tenebroso, os massadores tornam-se mais razoaveis e as barreiras que nos impedem de seguir o caminho desejado, não cesem de todo, afastam-se pelo menos o bastante para nos abrirem um atalhosito paralelo á estrada, que não tendo a amplidão desta, nos reserva a compensação de estarmos menos expostos a atropelamentos e a mordermos sob o desmoronar dos palacios que ali edificariamos e nos vemos forçados por falta de espaço no atalho a reduzir as pequeninas cabanas humildes e rasteiras, seu perigo de cairem esmagando-nos na sua queda.

Este meu talisman é causa tambem que nunca me lamente excessivamente pelos necessidades que me vejo obrigada a encarar, alem disso elas ensina-me a todas as horas, que nunca devemos desesperar, que tudo tem uma saida, um lado bom, uma compensação e ao mesmo tempo, não me tira a força da luta nem me impele para a inercia; pelo contrario, ao mesmo tempo que me ensina a resignação deante do irreparavel inertame a que tente por todos os meios a vencer os obstaculos: «Ora, podia ser peor».

E as luminosas palavras dão-me força para procurar o meio e na maioria dos casos de remediar o mal quasi sempre as coisas arranjám-se do tal forma que nos sentimos tentados a acreditar num acaso milagroso quando não houve senão um encadeamento de circunstancias e consequencias logicas, dirigidas pela nossa perseverança e boa disposição.

FRIOLEIRAS

E' curioso ver como o Primeiro Imperio que soube tão bem tirar partido do seu prodigioso fausto dando festas duma sumptuosidade inegualavel teve a grande arte de emoldurar a sua elegancia num quadro severo e grave de forma que pelo contraste toda a vida imperial parecou brilhar ainda mais intensamente, como acontece a um facho luminoso que aparecesse no meio das trevas opacas.

E por isso os gravuras desse tempo mostrando-nos o seu mobiliario austero e simples nos causam uma impressão de calma e descanço contrastando extraordinariamente com as descripções que lemos sobre as circunstancias tumultuosas da vida exterior da epoca; noticias de guerra, manobras de Bolsa e acontecimentos inesperados. A poltrona um pouco inclinada com os seus ornamentos simples destacando-se sobre a nota sobria da madeira; a secretaria de gavetas, pratica e vasta; o armario-biblioteca respondendo ás necessidades para os quais foi inventado, permitindo ao primeiro golpe de vista a leitura de livros e papeis, as cadeiras severas e confortaveis, tudo forma um conjunto cheio de unidade representando bem um tempo de puro classicismo.

E' para os observadores, a estudo dessa epoca é mais uma prova evidente de quanto a nossa natureza procura os contrastes e as oposições; é um tempo feito de intensa luz e de meios sombras, de luxo estontoante e de sobriedade severa que nos interessa e prende.

TRABALHOS FEMININOS

Como fazer guarnições de flores

Muitos dos vestidos de noite e do jantar são enfeitados com guarnições de flores,—algumas vezes em forma de «bouquet», outras formando o proprio cinto e ainda outras em volta do decote; nos cabelos tambem se veem tiaras e diademas de flores.

Como sempre, quando qualquer objecto entra em moda, o preço dele sobe fabulosamente, mas neste caso o mal tem facil remedio, porque todos nós podemos fazer essas guarnições.

Com retalhos de sêda, setim, tafetá ou «chiffon» recortam-se as petalas por um modelo e colam-se sobre uma forma de arame finissimo que por pouco dinheiro qualquer arameiro faz depois contornam-se e salpicam-se de tinta dourada o prateado; os estames são feitos de argolas de fio muito fino de oiro e prata, fixas em longos pés do arame, onde se enfiam as petalas já armadas, prendendo-as com o mesmo fio ou sêda verde.

Os botões são bolas de algodão forradas do mesmo material das flores, presas a arames e as folhas colocam-se sobre compridas argolas de arame.

CONSELHO PRATICO

Como limpar a prata

A prata, quando bem tratada, apenas precisa ser limpa de quinze em quinze dias. A prata deve ser sempre lavada com agua quente e sabão, depois ferve-se por alguns minutos em agua limpa e onde se deita um bocadinho de soda. Enxuga-se num pano limpo, polindo-se depois com um pedaço de pelica ou veludo.

Uma boa formula para limpar a prata é a seguinte:

25 gramas de amoniaco; 75 gramas de cré precipitado e 2 de litros e meio de agua fria. Sacode-se o frasco de quando em quando.

A precipitação do cré faz-se da seguinte forma:

Ata-se um bocado de cré com cambraia e mete-se num jarro de agua fria espreme-se de tempos a tempos e deixa-se estar por 24 horas. Depois deita-se fóra a agua e seca-se o cré.

O modo de empregar a receita é simples. Molha-se um trapo na mistura e esfrega-se com ela os artigos a limpar. Quando estiver seco, tira-se com um pedaço de camurça; e prata lavrada escova-se em vez de se esfregar.

Só não se esfregar bem a prata não se conserva muito tempo brilhante.

E' bom usar sempre luvas quando se limpa a prata preserva as mãos e o metal.

A agua em que se lavam objectos de prata nunca deve ser gordurosas.

PENSAMENTOS

Sentir-se necessario á felicidade de uma mulher não contribue muitas vezes para a felicidade do homem.

REI

SONETO

Tenho tantas saudades de te ouvir,
Mais saudades talvez de te falar,
E os dias passam sem te ver sorrir,
E as noites passam sem te ver voltar!

Ha tanto tempo que te vi partir,
E não voltaste ainda ao meu chamar...
(Tenho tantas saudades de te ouvir,
Mais saudades talvez de te falar).

Dumas e doutras os crueis rigores,
Ando a sofrer, cançado, e sem sentir
A hora de expiação do meu penar...

Nem eu sei mesmo já quaes são maiores:
—Se as saudades que tenho de te ouvir...
Se as saudades sem fim de te falar...

ALFREDO PIMENTA
(Livro das Chymeras).

SPORT

Opiniões

O «boxeur» amador senhor Bazilio de Oliveira, esse a quem se deve incontestavelmente, o começo da propaganda do «box» entre nós, e que no estrangeiro se tem mostrado um «sportman» de valor, diz na sua costumada correspondencia de Inglaterra, para a revista do Porto «Sporting» o seguinte:

No combate Tavares Crespo-Cadieu, nomearam como arbitro o profissional Simeth. Mal feito, porque lhe faltava a autoridade para castigar severamente o «boxeur» que estava cometendo uma falta. O organisador não cumpriu com o seu dever por dois motivos: primeiro, porque ele não tinha pratica de arbitrar combates e era um estrangeiro; segundo, porque temia o publico se desclassificasso Crespo, porque este era portuguez. O arbitro andou mal em não proceder de acordo com a sua consciencia.

Se na sua consciencia visse que a falta era grave e necessitava de ser punida, devia desclassificar, tanto importava que losse portuguez como francês. O box tem de ser assim tratado, doutra forma deixa de ser nobre arte, e principalmente para um temperamento como o nosso, que ainda não está completamente educado. Eu tive ocasião de verificar como se pensa entre nós.

E' a doutrina que tantas vezes aqui expozemos, e a unica doutrina aceitavel.

No entanto houve agora, quem mostrando que os arbitros erraram por vezes, e portanto confirmando o que eu sempre disse, afirmou noutra ocasião que eles tinham andado bem, e que eu dizia mal por gosto...

Os factos provaram quem tinha razão. Isso me baston.

RUY DA CUNHA

Automobilismo

Na «Taça Florio», que se correu em Palermo o primeiro premio é de 25 mil liras.

Aviação

A aviação de comercio em França que em 1920 tinha só 108 aviões e 38 pilotos, tem actualmente 89 pilotos e 220 aviões.

Luta

Na America começou a experimentar-se, na luta, o processo do descanço dos lutadores com «segundo» como no box.

—Está a findar o torneio de luta em Paris, de que deve ficar vencedor o belga Constant le Marin.

Ciclismo

A estação das provas em estrada este ano, abre com a volta do Flandres, para o que estão inscritos já 65 corredores.

—Estão-se disputando provas de 6 dias, em Chicago, Berlim, e vai começar outra em New-York.

Sports atleticos

O «Stadium Pershoif», em Paris, onde em tempos foram alguns portuguezes, disputar varias provas, vai ser entregue ao «Comité Nacional dos Sports».

Box

Criqui, vai encontrar o campeão inglês Fox, em Londres a 24 de Abril.

—Tex Richael, que fez o combate entre Dempsey e Carpentier vai abandonar os negocios de Box, talvez devido ao processo que ha contra ele, de abuso contra menores.

Motociclismo

Em Paris Nice inscreveram-se 51 motociclistas.

—Na Suissa, o concurso internacional dos seis dias de estrada, é composto de 5 provas. Regularidade de marcha, o total de tres subidas, velocidade, prova do kilometro, e exame da maquina no fim do concurso.

NOTICIARIO

NOVOS PROFISSIONAIS

Consta que o amador de box Silvestre da Silva e o amador de luta Claudio de Oliveira se forão estes profissionais.

LISBOA GINASIO CLUB

Nos quatro dias de Carnaval realisam-se na sede deste club interessantes festas para as quais se podem marcar lugares nas noites de 22 e 24, das 21 ás 23 horas na Direcção.

CHELAS FOOT-BALL CLUB

E' no proximo mez de Abril que o Chelas Foot-ball Club realisa as suas festas fazendo por esta ocasião a inauguração oficial do seu campo de jogos.

VAMOS VER RUIVO CONTRA FRANCEZ MARIUS

Marius é um dos melhores pugilistas francezes da categoria dos leves. Lisboa já o conhece e bela impressão teve dele quando o viu, npondo sciencia á fogosidade de Mario Gall, fazer com este um combate nulo. Esse resultado, todavia, só podia surpreender quem não soubesse que Mario foi ja vencedor, em França, de Pouyet que hoje é o campeão francez dos leves.

Este Marius vai ser o adversario de Silva Ruivo na brilhante sessão que, organisada por um nosso camarada, redactor sportivo dum diario da manhã, se vai realisar na noite de 2 de março no Coliseu dos Recreios. O programa será completado por outros combates de valor. Anunciam-se ainda um encontro entre amadores e a apresentação dum novo profissional portuguez de box.

AUTOMOBILISMO

Vai realisar-se a «Rampa da Pimenteira»

Organisada pelo jornal «Os Sports» vai realisar-se no proximo mez de abril a corrida automobilista «A Rampa da Pimenteira» cuja inscrição deverá abrir a 20 de março.

O jornal «Os Sports» alem dos valiosos premios que confere aos vencedores, instituiu uma magnifica taça avoliada em 1.000 escudos, denominada «Taça Goodyear».

O regulamento está sendo elaborado devendo brevemente ser conhecido.

FOOT-BALL

No proximo domingo em virtude de ser dia de Carnaval não se realisam os jogos de foot-ball dos campeonatos de Lisboa.

No entanto, para contrabalançar esta noticia, que para a maioria dos nossos foot-ballers amadores será penosa, devemos dizer que teremos em Lisboa, grupos estrangeiros e, assim para a Pascoa, teremos a visita de dois grupos inglezes, com os quais se adium está em negociações bem como riguns dos nossos melhores clubs.

CLUB DOS VENDEDORES DE JORNAIS

«O Vendedor de Jornais Foot-ball Club» passou no dia 15 do corrente seu primeiro aniversario.

A sua direcção não podendo festejar o referido aniversario nesta data, resolveu transferir as festas para de março para o qual conta conseguir a cedencia do campo atletico dum dos nossos clubs mais em evidencia.

O programa que é cheio de atractivos consta do 3 desafios de foot-ball e corridas pedestres de 100, 200, 400, 800, 1.500 e 5.000 metros.

Esta direcção conta ainda organisar uma festa sportiva em beneficio do cofre do club.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

A direcção deste club resolveu realisar, este ano dois saraus de Carnaval.

Esta medida deve ter o aplauso de todos, pois que, comquanto sejam grandes as dependencias do G. C. P. a extraordinaria concorrencia mal só podia respirar na sala.

Na primeira festa, que se realisará no sabado, 24, terão entrada os socios cujo numero seja impar, e no segunda sarau que se efectuará na segunda feira, 27, os socios cujo numero seja par.

NOVOS JORNAIS

Em Barcelos começou a publicar-se um jornal da especialidade chamado «A Raquette».

LUSITANO CLUB CICLISTA

Este club realisa no dia 5, no «restaurant» Vila Flôr, no Dafundo, um banquete solenisando o seu 14.º aniversario, fazendo entrega da taça «Ramires de Azevedo» á equipe vencedora.

N.º 20 — Folhetim de A CAPITAL — 23 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

—Não fui eu, Nietotchka, não fui eu, disse-me ele indicando o cadaver com a mão tremendo. Ouves? Não fui eu. Não sou o culpado da morte, compreendes Nietotchka?

—Papá! vamos, já é tempo, murmurei cheia de medo.

—Sim, ha muito tempo que deviamos ter partido. E agarrando-me pelo braço, levou-me resolutamente para a porta e exclamou: Bem, agora em marcha! Graças a Deus tudo acabou!

Descemos a escada. O porteiro, meio adormecido abriu-nos a porta da rua e deitou-nos um olhar desconfiado. Mou pai, como que receiando qualquer pregunta do porteiro saiu primeiro, quasi a correr, de modo que eu só a alcancei sem custo.

Atravessamos a nossa rua e fomos sair ao caes do canal.

Durante a noite tinha caido neve e ainda agora caia em pequenos flocos. Fazia frio. Eu estava tranzida até aos ossos. Corria atraz de meu pai, agarrando-me-me no seu casaco. Levava o violino debaixo do braço e de vez em quando parava para o segurar melhor.

Caminhámos assim durante cerca de um quarto de hora. Depois avançamos até ao canal e meu pai sentou-se no ultimo degrau, a dois passos da agua.

Em nossa volta, nem viv'alma! Meu Deus! Recordo como se fosse hoje a terrivel sensação que de repente se apoderou de mim.

Realisava-se tudo que eu tinha sonhado durante um ano! Tinhamos deixado o nosso miseravel sotão. Mas era isso que eu sonhava...

Era isso que tinha criado a minha imaginação infantil, quando eu sonhava com a felicidade daquele que amava tão profundamente? Naquele momento atormentava-me sobretudo pensar na mamã.

Porque a deixamos só? pensava eu. Porque abandonamos o seu corpo como a um objecto inutil? Este ideia apoquentava-me particularmente.

—Pai, principiei eu, não me podendo conter mais, paizinho!

—O que é? disse ele severamente.

—Pai, porque abandonamos a mãe? Porquê? preguntava eu chorando. Pai, voltemos para casa e chamemos alguem para a socorrer.

—Sim, sim, exclamou ele de repente, levantando-se do degrau como se lhe tivesse aparecido uma ideia nova, uma ideia que tudo resolvia, que o tirava das suas incertezas. Sim, Nietotchka não podemos deixar assim. E' preciso voltar para junto de tua mãe. Faz frio! Vá para casa Nietotchka! Vá. Em casa ha uma lamparina; não estás ás escuras. Não tenhas medo. Chama alguem para junto dela. Depois, virás encontrar-me, mas virás só; esperarei aqui. Não saio daqui...

Parti logo, mas apenas tinha entrado na rua senti apertar-se-me o coração... Voltei-me e vi que ele se afastava de mim, deixando-me só, abandonando-me naquele terrivel momento! Gritei com todas as minhas forças e assustada, apavorada, pus-me a correr para o apanhar. Eu abafava. Corria cada vez mais depressa e já o perdia de vista. No caminho encontrei o seu chapeu que ele tinha deixado cair. Apanhei-o e recomecei a correr. Faltava-me a respiração; as pernas vergavam. Sentia o receio de qualquer coisa de horrivel. Parecia-me que tudo o que se estava passando não era mais do que um sonho e por momentos tinha a mesma sensação que experimentava nos meus sonhos, quando ia fugindo de alguem, as pernas enfraquecendo-se, até cair sem sentidos. Esta sensação espantosa dilacerava-me. Ele causava-me piedade por ele; o meu coração sofria vendo-o, sem casaco nem chapeu, a fugir de mim, sua filha estremecida. Queria apanhá-lo somente para o abraçar ainda mais uma vez, com um abraço muito forte, dizer-lhe para não ter medo de mim, acalmal-o, assegurar-lhe que não correria mais atraz dele, visto ele não querer.

Por fim, virei voltar uma rua; fiz o mesmo. Distingui-o ainda deante de mim... Mas as forças abandonavam-me... Comecei a gritar, a chorar...

Lembro-me que quando ia a correr tropecei em dois transeuntes que passaram no meio do passeio e me olharam espantados.

—Pai, paizinho! gritei pela ultima vez. Mas de repente escorreguei e caí. Sentia a cara com sangue. Um momento depois perdia os sentidos.

Acordei numa cama confortavel e suave e vi em volta de mim caras afaveis, ternas, que se mostravam alegres. Vi uma senhora de idade, com lunetas no nariz; um cavalheiro bem posto que me olhava com profunda comiseração; uma linda menina e um velho que me pegava nas mãos, olhando para o seu relogio.

Acabava de despertar para uma nova vida.

Um dos passeantes que eu tinha encontrado durante a minha corrida era o principe X... e foi perto do seu palacio que caí.

Quando, depois de longas procuras, souberam quem eu era, o principe, que tinha enviado o bilhete a meu pai para o concerto de S..., comovido com esta estranha coincidencia, decidiu recolher-me em sua casa e educa-me com os seus filhos. Fez-se um inquerito para saber o fim que tinha levado meu pai. Soube-se que tinha sido preso fóra da cidade atacado de loucura. Conduzido ao hospital morreu dois dias depois.

Semelhante morte era a consequencia necessaria, natural, de toda a sua vida.

Ele devia morrer assim, quando tudo o que o amparava na vida, desaparecia de repente como uma visão, como um sonho.

Morreu depois de ter perdido a ultima esperança, depois de ter tido a visão nitida de tudo o que o tinha iludido e sustentado toda a sua vida. A verdade cegou-o com o seu brilho incomparavel e a mentira apareceu-lhe como se fosse a verdade. Durante a ultima hora da sua vida, ouviu um genio maravilhoso que lhe contou a sua propria existencia e o condenou para sempre, com o ultimo som saido do violino de S... Abriu-se aos seus olhos todo o misterio da arte, e o genio, eternamente jovem, poderoso e verdadeiro, tinha-se-lhe manifestado em toda a sua veracidade.

Pareceu que tudo o tinha atormentado durante a vida, sofrimentos misteriosos, indiscritiveis, tudo o que ele não tinha visto até esse dia senão em sonho, e que ele afugentava com horror, tudo o que presentia, tudo isso de repente, aparecia aos seus olhos que, obstinadamente, não pareciam reconhecer que a luz é a luz e que as trevas são as trevas. A verdade tornava-se intoleravel para os seus olhos que pela primeira vez viram claro cegou-o e fez-lhe perder o juizo.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4012 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manual Guimarãis — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 24 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

MOMENTO POLITICO

Quem inventou Caxias?...

Os acontecimentos que se teem sucedido nos ultimos tempos e que, segundo parece, tiveram já a sua definitiva finalidade, pozeram em fóco o logar de Caxias, agora guindado ás alturas da gravura historica. Não deixa de oferecer um certo interesse constatar como se iniciou e como se continuou aquilo a que mais tarde se ha-de talvez chamar a «lenda de Caxias». Se os vindoiros, á falta de melhor, se vierem a ocupar de tão insignificante pormenor...

Crêmos que Caxias foi inventada pelo sr. general Silveira, comandante do Campo Entrincheirado. Estava no poder o sr. Antonio Granjo quando rebentou o pronunciamento militar outubrista. O sr. general Silveira que, segundo é fama, simpatisara, durante o «complot» preparatorio, com o movimento, aconselhou o sr. Antonio Granjo a refugiar-se em Caxias e preparar, a coberto dos canhões do Campo Entrincheirado, a resistencia á revolta de caserna. O malogrado Antonio Granjo lembrou-se do conselho e deliberou-se a segui-lo, — mas já tarde.

O automovel chegou ainda a meio caminho, mas o desditoso republicano reflectiu, muito a proposito, que já não era chefe do Poder Executivo, visto que apresentara a demissão do gabinete e a exoneração fora aceite pelo sr. Presidente da Republica. Deu ordem ao «chaufeur» para retroceder para Lisboa e foi meter-se em casa, como simples particular que era. Se chega a Caxias e lá se deixa ficar, tinha a vida salva. Mas estava escrito que ele devia morrer despedaçado por balas portuguesas, ele, que ouvira o «schrapnell» boche assobiar-lhe aos ouvidos.

Mais feliz foi o sr. Cunha Leal. Este estadista chegou a Caxias e ali se deixou ficar, é certo que por horas, apenas. Foi ele que inventou, crêmos, o «Cerco a Lisboa», efetuado graças ao espirito de obediencia que dominava, ainda domina e não sabemos se dominará ainda nas tropas aquarteladas por esse paiz fóra.

O gesto do sr. Cunha Leal foi agora completado pelo sr. Antonio Maria da Silva. Fez-se uma terceira edição da retirada sobre Caxias que, não oferecendo comodidades para um estacionamento que poderia ser demorado, foi trocado por Cascais, com a sua cidadela honrada com a hospedagem do Chefe do Estado, de todo o governo e das comitivas correspondentes. Cascais foi, apenas, um episodio de Caxias.

Renovou o sr. Antonio Maria da Silva o «cerco a Lisboa». Foi igualmente uma nova edição, correta e aumentada. E os resultados praticos, no que respeita á afirmação da supremacia do Poder Civil, afiguram-se, por enquanto, muito possivelmente decisivos.

A politica da supremacia do Poder Civil teve, pois, trez estadistas ao seu serviço, principalmente. E dizemos principalmente para que não pareça que esquecemos as intenções já anteriormente manifestadas, especialmente pelo sr. Bernardino Machado, Barros Queiroz, o Alvaro de Castro.

Em todo o caso, a objectivação veio a fazer, gradualmente, desde o gesto incompleto do sr. Antonio Granjo, que não chegou a Caxias, até á colosal-perfeita obtida pelo sr. Antonio Maria da Silva, que seguiu, ousadamente, pela estrada que lhe mostrou o sr. Cunha Leal.

E, a proposito, diremos que não nos foi possivel compreender o discurso ontem pronunciado pelo sr. Cunha Leal. Não aconteceria assim se, porventura, o sr. Cunha Leal houvasse o sr. Antonio Maria da Silva por lhe ter seguido o exemplo.

A questão irlandeza

Um acordo entre os chefes dos partidos

LONDRES, 24.—De Valora informou a convenção dos sinn-feiners de Dublin do acordo celebrado entre os chefes dos partidos para adiarem por trez mêses a convenção com o fim de dar tempo aos que assinaram o tratado de Londres para fazerem o projecto da constituição irlandeza.—(R.)

Foi suspenso o debate na Camara

LONDRES, 24.—O sr. Chamberlain comunicou á camara dos comuns que em presença da convenção irlandeza ter resolvido adiar por tres meses as eleições da Irlanda as eleições, o governo não tenciona continuar na segunda leitura á discussão sobre o governo do Estado Livre da Irlanda.—(R.)

Uma noticia que carece de confirmação

Um oficial do exercito faz declarações á «Monarquia» — «A Epoca» classifica-as de «Afirmações Ousadas»

Transcrevemos do «A Epoca» de hoje:

Numa entrevista que Rodrigues de Mendonça conseguiu obter para «A Monarquia», no forte do Carrascal, de um oficial que não quiz declarar o seu nome, mas prometeu ao entrevistante assumir a responsabilidade do que afirmava, se alguem lha exigisse, diz-se, a proposito do cerco a Lisboa, que se impoz ao governo quem tinha força e o direito de se impor, e que as tropas não se prestariam desta vez ao mesmo papel a que o sr. Cunha Leal as obrigou. Desde que vi ram, é para actuar.

Veremos o que resulta desta disposição de animo atribuida ás tropas. Até onde levarão o seu procedimento, visto que, segundo ousadamente afirmou o oficial entrevistado, querem e hão de proceder?

«A Epoca» dá a esta local o titulo de «Afirmações Ousadas».

Isto indica, certamente, uma melhoria na situação geral. Ainda não ha muito tempo que os militares ousavam dizer mais a peor, sem um instante de hesitação...

As tropas que estão concentradas em torno de Lisboa teem um dever unico a cumprir: obdecer ás ordens do Governo. Foi para forçar á obediencia que a elas se recorreu; não é logico que se arroguem, intemporaneamente, o direito de impor ao Governo seja o que fôr.

Ouvimos nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados que ao sr. ministro da Guerra não passou despercebida a local de «A Monarquia» e que se fazem diligencias para se obter o nome do oficial entrevistado.

Em volta da conferencia de Genova

A conferencia entre Lloyd Georg e Poincaré

PARIS, 23.—A conferencia entre os srs. Lloyd George e Poincaré deve realisar-se no sabado em Boulogne-sur-Mer.—(H).

Novamente adiada

ROMA, 23.—O governo italiano diz que em consequencia da crise ministerial, teve que ser adiada a conferencia de Genova. O governo entrou já em relações com os aliados para a fixação de outra data.—(H).

«Casa dos Jornalistas»

Ex.mo Sr. Director do jornal «A Capital»

Não ignora V. Ex.ª que ultimamente se teem feito, em alguns jornais, comentarios ao funcionamento da Casa dos Jornalistas, especialmente pelo que respeita ao facto de não estarem ainda eleitos os corpos gerentes nos termos do artigo 69 dos Estatutos.

Estando ausente o Presidente da Assembleia Geral nosso ilustre confrade sr. dr. Magalhães Lima, entendo que estou obrigado, como vice-presidente, a convocar a Assembleia Geral para a eleição dos corpos gerentes, dando assim satisfação aos reparos, que acho justos, dos que entendem que se deve entrar num periodo de funcionamento legal da colectividade e procurando evitar por esta forma que os comentarios cheguem a ponto de criar hostilidades sempre prejudiciais.

Julgo, porem, necessario que, previamente, se realise uma reunião da Assembleia Geral de que saia definitivamente organisada a relação dos socios que teem direito de voto nos termos dos Estatutos, o que é tarefa tão facil quanto indispensavel.

Para este fim, envio a V. Ex.ª junta, a convocatoria da Assembleia Geral pedindo o obsequio da sua publicação o que muito agradecerá o

De V. Ex.a
Col.ª Ato V. e Obr.

João Calado Rodrigues

Convocatoria

Convoco a Assembleia Geral da Casa dos Jornalistas para o dia 5 de Março pelas 15 horas, na sua sede provisoria, Redação da «Opinião» Largo Trindade Coelho, 10-1.º.

Ordem do dia—Organisação definitiva da relação de socios com direito de voto.

Lisboa 24 de Fevereiro de 1922.

O Vice-presidente da Assembleia Geral

João Calado Rodrigues

AS CÔRTES DE S. BENTO

Aspectos e impressões

(Notas do nosso enviado especial)

A's 15 horas o Parlamento está em plena animação. Galerias cheias. Cinco ou seis chapeus de senhora—um deles encarnado. Ao longe parece uma papoula. O sr. dr. Domingos Pereira preside, de frack—o «frack» dos momentos solénes, o «frack» que é o ponto fraco do senhor Baltazar Teixeira.

❖ ❖ ❖

O sr. Domingos Pereira agradece a sua eleição para presidente da Camara. Ao mesmo tempo orgulho e modestia, triunfo e humildade. A Camara sorri. Falam os leaderes, no mesmo tom. O sr. Domingos Pereira tira um pequenino lenço branco do bolso e comove-se. Os de Braga são assim.

✱ ✱ ✱

O sr. Carvalho da Silva manda para a mesa quatro projectos de leis. Um deles suprimindo o subsidio aos parlamentares. Não deve ser graças a Deus aprovado nenhum. O sr. Carvalho da Silva é um burguez opulento. Não sabe o que são necessidades publicas.

✱ ✱ ✱

O governo entra. A' frente, «tambour batant» o senhor Antonio Maria da Silva. Aspecto fatigado, doentio, extenuado. A seguir o senhor Catanho de Menezes, convalescente ainda embrulhado num casacão enorme. Depois todos os ministros. O sr. Vasco Borges põe uma nota de elegancia com o seu frack da móda e as suas polainas brancas, no «sans façon» do ministerio. O sr. ministro das Finanças vem em «deshabillé» economico.

✱ ✱ ✱

O sr. presidente do Conselho lê a declaração ministerial. E' uma declaração de amor—onde todos os fr er estão no seu logar. A camara escuta com atenção. E' uma formula de farmacia a declaração ministerial: cataplasmas de mostarda para a ordem publica; algodão iodado para o problema economico; tintura de benjoim para as questões operarias. A reorganisação da Guarda Republicana são as pilulas «Pink» do ministerio. Em vista: aos reconstituintes.

✱ ✱ ✱

São cinco horas. Cai a tarde. Uma luz baça envolve agora o seio da representação nacional—um seio muito patriotico, graças a Deus. O sr. Antonio Maria da Silva termina, mandando para a mesa uma proposta. Pedindo que se vote o duodecimo, suplicando autorisação para remodelar a Guarda Republicana. O sr. dr. Alvaro de Castro pede que a proposta seja dividida em duas partes. Como quem corta uma laranja ao meio. E' aprovado. O leader reconstituinte, sobe, de mãos nos bolsos, a escada da presidencia, diz um segredo ao sr. Domingos Pereira.

✱ ✱ ✱

Pede a palavra o sr. Carvalho da Silva. Momento de sensação. Vai falar pela sua voz a minoria monarquica. Tem a palavra. Não dá o seu voto á proposta dos duodecimos. Acusa o regimen financeiro da Republica. Está no seu papel—desta vez papel moeda. Ha cinco anos, diz, que se não discutem os orçamentos. Que tem isso afinal? Cinco anos é um lustro. A politica financeira do nosso tempo tem sido sempre uma obra de lustro.

❖ ❖ ❖

O sr. dr. Alvaro de Castro defende os homens da Republica—e ataca os «jongleurs» da monarquia, em letra pequena. Está certo. O sr. Carvalho da Silva afirma, com belos efeitos de luz, na sua calva inocente, que muitos dos «jongleurs» da monarquia, estão ao lado da Republica. Viraram as casacas. O sr. Alvaro de Castro ri, o sr. Domingos Pereira ri, a Camara ri.

✱ ✱ ✱

Fala agora o sr. Lino Neto. Cabeleira branca onde ficaria bem um solideo vermelho. Os catolicos votam os duodecimos. A maioria grita, apontando os monarquicos, ao centro: «Assim é que se faz».

✱ ✱ ✱

Levanta-se o sr. Barros Queiroz. Como homenagem da Camara acendem-se os candieiros da presidencia. Luz a jorros. O leader liberal conhece a fundo a questão financeira. Quere-a bem clara, bem nitida, bem visivel. Quer a questão financeira com lampadas «Nitra» e sem «abat-jours». Dá o seu voto e as suas luzes financeiras.

✱ ✱ ✱

Usa da palavra o sr. Domingos dos Santos «leader» do P. R. P. Frases rapidas, incisivas. Dá o seu apoio.

✱ ✱ ✱

E' tarde e como é tarde aprova-se tambem a remodelação da Guarda republicana.

✱ ✱ ✱

O sr. Cunha Leal, no meio de sessão propoz que se prolongasse a mesma até discussão da propria declaração ministerial. Como deve durar pelo tinta anos—nós retirámos, em boa hora.

A proxima eleição presidencial na Alemanha

O elogio de Erbert

BERLIM, 24.—O debate de ontem no «Reichstag» despertou muito interesse pela proxima eleição presidencial, sendo todos unanimes, até mesmo os reacionarios, em elogiar a conduta admiravel de Erbert como presidente.—(R.)

Os candidatos

BERLIM, 24.—A respeito da proxima eleição presidencial, diz-se nos circulos politicos que o partido popular terá como candidato o almirante Echee, cuja popularidade por causa da parte que tomou na batalha da Jutlandia, torna provavel a sua vitoria sobre Erbert, que será talvez o candidato dos socialistas majoritar os. Os nacionalistas ainda não apresentaram candidato, mas nalguns circulos diz-se que o marechal Ludendorf será o seu candidato, conquanto se julgue a sua candidatura muito problematica em vista dos ataques que lhe teem sido feitos por parte dos ex-conservadores sobre o resultado do seu comando na guerra, especialmente os ultimos em que ele é acusado de ter sido, com o almirante Tirpitz, o causador da destruição do imperio alemão. A ão ser que os socialistas majoritarios e os independentes cheguem a acordo, a luta entre Echee e Erbert será muito renhida, não se podendo prever quem ganhará.—(R.)

HORA DO PECADO

O regresso

O actual ministerio
Que esteve a banhos do mar
Por tentação ou misterio
Dizem que vai regressar
A esta pobre Lisboa
Hoje mesmo, nem admira...
—Mas que noticia tão bôa
Para quem o deseja fóra...
Podemos jurar talvez
(E ele ha juras desleais)
Que a Cascaes uma vez
Uma vez—á nunca mais?

TINTAPERMANENTE.

Constituição brasileira

Tendo passado hoje o aniversario da Constituição da Republica brasileira este hasteada a bandeira daquele paiz na respectiva embaixada e consulado.

LANDRU

deve ser executado amanhã

PARIS, 24.—Landru, deve ser executado amanhã de manhã, tendo-se já feito todos os preparativos para esse fim. A visita do seu advogado Moro-Giaffery a Madame Millerand é uma simples formalidade habitual.—(R.)

Gastão da Cunha

Ha esperanças de conjurar o perigo

PARIS, 24.—O boletim de saude do embaixador do Brazil, dr. Gastão da Cunha, indica progressos muito lentos. O enfermo perdeu o uso da palavra mas conserva uma completa lucidez de espirito. O professor Picard espera poder conjurar o perigo.—(Lat. Am.)

O acordo comercial franco-portugues

PARIS, 24 — A folha oficial publica o decreto aprovando o acordo comercial franco-portuguez, assinado em Lisboa no dia 30 de Janeiro ultimo.—(H.)

Exposição do Rio de Janeiro

A nossa representação artistica

Reuniu ontem na sala das sessões do Conselho Superior do Comercio e Industria a comissão de arte que assiste o Comissariado Geral da Exposição a qual é composta dos srs. Columbano Bordalo Pinheiro, dr. José de Figueiredo, dr. Augusto Gil, dr. João Barreira, Jorge Colaço e Adães Bermudes representantes da Direção Geral das Belas Artes de Lisboa e Porto.

Suas ex.as, que, conjuntamente com o Comissariado Geral do Governo, sr. Lisboa de Lima, trocaram impressões sobre a forma de serem apresentados no grande certamen brazileiro as nossas obras de arte retrospectiva e bem assim toda a documentação do nosso passado historico que de perto possa interessar o Brazil, resolveram que a mesma comissão se encarregasse de tudo que ao assunto respeita, informando o Comissariado de tudo quanto sobre ele se deve fazer.

Tambem na mesma reunião se ventilou a necessidade que ha em que os expositores de arte enviam ao Comissariado até 1 de abril, como limite máximo, os boletins de inscrição devidamente preenchidos, afim de que aqueles srs, sejam convocados quanto antes para realisarem a eleição dos juris de Lisboa e Porto, juris estes que por sua vez nomearão os membros que hão-de constituir o juri definitivo para a admissão dos concorrentes.

Foi tambem aprovado que se pedisse desde já aos artistas «hors concours» que desejem apresentar trabalhos seus na referida Exposição, o envio urgente das reproduções das obras que apresentarão afim de figurarem no catalogo que vai ser organisado.

Ordem Publica

Continua sendo absoluto o sossego em Lisboa, o que não impede que ainda hoje tenham chegado da provincia alguns contingentes militares que veem tomar parte na concentração das tropas em redor da capital. O cêrco, ao que parece, não será levantado tão cêdo, ou seja enquanto não se realizem as medidas que o governo julga necessarias para restabelecer de vez a tranquilidade. Essas medidas referem-se á redução da G. N. R. e ao seu desarmamento, porquanto o governo julga que a Guarda não tem necessidade de peças nem de obuses para manter a ordem.

A questão operaria continua prendendo as atenções gerais, pois sabido é que a U. S. O. trabalha para que as federações e sindicatos auxiliem os seus camaradas em greve: pessoal da Carris e maritimos.

Hoje abandonaram o trabalho os fogueiros e o pessoal das maquinas dos rebocadores como prova de solidariedade com as classes maritimas em luta. Caso o conflito se não solucione rapidamente, o movimento maritimo paralizará por completo no rio, dentro em breves dias.

Hoje, pelas 21 horas, voltam a reunir-se o conselho de delegados da U. S. O.

«A CAPITAL»

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

Excursionistas americanos

Os excursionistas americanos que se encontram entre nós foram hoje de manhã, de automovel, em passeio a Cintra, devendo visitar o parque e o palacio da Pena, palacio nacional de Cintra, alem doutros pontos pitorescos daquela vila.

No caminho visitaram tambem o palacio de Queluz, visitando no regresso Carcavelos e Estoris.

Parte dos excursionistas americanos andaram durante o dia passeando pela cidade.

Os nossos hospedes visitam amanhã varios estabelecimentos fabris devendo á noite deixar o nosso porto no «Empresss of France» para Vigo.

A bordo, na viagem para Lisboa faleceu um excursionista, cujo cadaver foi removido para o cemiterio inglês, devendo em breves dias o fereiro seguir para a America com o que especialmente virá ao Tejo um vapor americano.

O filho da ex-imperatriz Zita partiu para o Funchal

HORSCHBACH, 23.—O arquiduque Roberto, filho do ex-imperador Carlos que foi operado recentemente, saiu já do castelo de Warteg com destino ao Funchal. Acompanha-o a arquiduqueza Maria Tereza.—(H.)

SEGREDO A TODA A GENTE

Bébés

Num jardim. Na sombra duma grande arvore em flôr duas creanças—Zéca e Nini—brincam, muito alegres. Zéca Grave, sentencioso tem quando muito oito anos, os olhos azues, muitos caracóes sobre as orelhas; Nini, cinco anos bibe azul, um chapeu de palha onde sintila uma papoula. Nisto Nini, curiosa, feminina, fita o Zéca que faz, sobre a areia, um carapuço de papel e pergunta:

—*O Zéca?*
—*Que é?*
—*Quem compra os meninos?*
—*Quem ha de ser?*
—*?*
—*Os papás.*
—*E são eles que escolhem?*
—*São.*
—*Aonde.*
—*Em Paris.*
—*Eu não sou de Lisboa?*
—*Não. Tu vieste de Paris.*
—*No comboio. Numa condessinha de verga...*
—*Onde dorme o gáto?*
—*Sim.*
—*Olha lá, ó Zéca? E quem compra as meninas?*
—*São as mamãs.*
—*Então a mamã foi a Paris*
—*Foi. Não sabias?*
—*Não me lembrava.*
—*Não!*
—*Então a prima Georgette que casou ontem tambem vai a Paris?*
—*Se ela quizer. Naturalmente vai só o primo Miguel.*
—*Porquê?*
—*A prima Georgette enjôa muito nos comboios.*
—*Então o primo Miguel compra um menino...*
—*Pois compra. Tu gostavas de ter outro mano, Nini?*
—*Gostava de ter uns gemeos. O' Zéca?*
—*Que é?*
—*E quem compra os gemeos?*
—*São os papás e as mamãs...*
—*O papá e a mamã não vão agora a Paris?*
—*Vão.*
—*Fazer o quê?*
—*Naturalmente comprar dois gemeos para te dar...*

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

LER NA 3.ª E 4.ª PAGINAS

Lisboa que se diverte

Revelações do sr. Vitorino Guimarães na Camara dos Deputados

Referindo-se ás providencias do Governo respeitantes aos individuos implicados nos morticinios da «Noite Tragica», o sr. Vitorino Guimarães, leader da maioria incitou o Governo a persistir na averiguação de toda a verdade, fazendo mais prisões, se tal fôr indicado.

A conclusão destas palavras era, segundo o consenso unanime, que novas prisões estão iminentes.

Ainda acerca deste assunto e já fora do ambito das declarações do «leader» democratico, não faltava quem dissesse que, pelo contrario, as diligencias policiais estão quasi terminadas, nada mais constando alem do que ja fora constatado e que determinou a prisão dos oficiais mencionados no noticiario dos jornais.

Acerca do problema financeiro, o sr. Vitorino Guimarães pronunciou-se por uma maior elevação de certos impostos, afirmando que no estrangeiro eles são muito maiores que em Portugal. Teve ocasião de verificar, lá fora, o espanto de muitos economistas acerca da exiguidade do imposto portuguez, principalmente do imposto de rendimento.

CARNAVAL

O Baile Infantil do Ateneu Comercial

Como de costume, este ano, a antiga e considerada instituição que vem de 1880 exercendo em tantos campos a sua acção, realisa no domingo o seu baile infantil, que está sempre á altura do nome daquela casa e constitue, pelo magnifico conjunto de crianças que sempre tambem ali ocorre, a nota dominante do quadro carnavalesco.

Haverá o concurso de mascaras sendo este ano o jury composto por D. Lucinda Simões, Castelo Branco e Leitão de Barros.

Um enigma politico cuja decifração não fica a premio...

Um parlamentar, que não é inimigo do governo, dizia-nos ha pouco, na sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados:

—O governo entrará em crise total antes de 12 de março...

Não houve forma de arrancar mais coisa alguma ao discreto politico.

E' claro que não desistimos de desvendar o misterio, — ou uma parte dele. Por isso ouvimos o seguinte a um dos homens publicos que mais gosta de «baforder».

—Mas é simples, tudo quanto ha de mais simples...

—Então?

—E' que, antes de findar a segunda quinzena de março, estará em Lisboa, á frente da politica democratica, o sr. Afonso Costa. O ministerio Antonio Maria da Silva, consolidará a ordem, dará por finda a sua missão. E suceder-lhe-ha um governo de presidencia do sr. Afonso Costa, constituido por elementos tirados, principalmente, dos partidos democratico liberal e reconstituinte.

A dos olhos côr de treva

Encontrei hoje aquela mulher perturbante, enigmatica, que ha tempo conheci no acaso duma viagem por esse Alemtejo fóra...

Vinha a descer o Chiado, desdenhosa, altiva, baloiçando ao ritmo ondeante do seu corpo de oriental e velando no olhar o fulgôr irreprimido e inquieto duma grande ironia.

Trocámos duas futilidades, duas frases banais.

A minha companheira de viagem começa porem a falar mais á vontade —vai pouco a pouco, descerrando animando a conversa.

Diz-me que não gosta do Chiado—detesta-o. Não vive a atração das horas elegantes nem vai tomar chá á «Garrett».

Esta multidão maquilhada de bonecas aloiradas, frageis, que perpassam, ondulando á nossa volta, numa gracilidade de plumas, só alcança o seu desdem, a sua altiva indiferença.

Despreza as mulheres—manequins, as mulheres decorativas, superficiais, que trazem a alma diluida á flor de epiderme...

E sente impetuosamente, vibra bem no intimo do seu sangue, o insolitado orgulho da sua figura enlançada e esvelta, da sua carne bronzeada, trigueira, com crispações de fogo, dos seus cabelos negros e revoltos, de nanquim, e tambem da sua boca, a sua boca nomada, adusta, a arder, rubra, ardendo em chama.

Os meus sentidos vão estremecendo de sentir: — sinto despertal-os, sofregos, aguçados, em sobresalto.

Os gestos, as palavras correm-me, penetrantes, agudas, como que a quererem tactear-lhe a alma e mergulhar no misterioso perfume, nas finuras perversidades que lá devem conter-se.

Ela sorri, num sorriso perverso, esquivo, perturbando-me, furtando-se á minha sede intensa, impulsionante, de rasgar impiedosamente os recônditos segredos, a estranha labareda de pecado e sortilegio que presinto a escaldar, encapelada, nos seus nervos.

Os seus olhos rasgados, profundos, côr de treva e de misterio, rebrilham numa expressão inquietante, sinistra, transparecendo, cantando a alegria, o gozo impenitente de quem não se dá, de quem não se revela e se refugia e se esconde, voluptuosamente, judicamente, dentro de si.

...E a minha companheira de viagem, a dos olhos tragicos, côr de treva, com feitiços no andar e ondulancias de palmeira, lá vai Chiado abaixo, requebrando cadencias aromadas, excitantes, e desenhando de misterio e de quebranto a sua esilhouette estilisada.

ANTONIO DE MONSANTO

Doença suspeita

Segundo nos informam na delegação de saude não se registou hoje nenhum caso de doença suspeita na cidade.

Um tratamento ideal

Consiste em empregar os suppositorios de «Avariolina» para a cura de sifilis evitando-se a imundicie das incomodas fricções com pomadas. Ensaiados nos hospitais com exito documentado. Pedidos a Raul Vieira L.da Rua da Prata 51.

S. Carlos

Pela falta de espaço somos obrigados a retirar o artigo do nosso critico musical sobre a «Carmen», que, apenas amanhã poderá ser publicado.

O CARNAVAL NOS TEATROS

Espectaculos sensacionais no "Chiado Terrasse,,

Verdadeiras noites de entusiasmo e alegria

Com um delicado e atraente sabor artistico, sem esquecer o momento de folia que é condição suprema do Carnaval, a ilustre artista Luz Veloso conseguiu organisar brilhantemente um programa para as noites de entrudo destinadas ao elegante teatro.

Foi procurar nas peças do seu excelente reportorio aquelas de maior exito e as que obtiveram pela sua graça e pelo seu espirito o mais fervoroso acolhimento do publico, e distribuindo-as com uma delicada orientação pelas noites em que a gargalhada se propõe esmagar a tristeza desoladora, compôz com a fina observação da sua inteligencia e com a graciosidade maxima da sua arte, um programa notavel que, sob todos os seus aspectos é irresistivel. Ora, admirem v. ex.as o que a habilidade e o bom gôsto da querida e sempre apreciada artista Luz Veloso, que é entre as atrizes portuguezas de incontestavel relevo, uma das que obsérva com mais rigor uma inquebrantavel linha de distinção, arquitectaram, e digam-nos depois se poderá haver nos teatros de Lisboa, espectaculos mais hilariantes e mais sensacionalmente organisados, recheiados em absoluto de atractivos que contentarão por completo os que procuram arredar paixões e desopilar á vontade o figado entorpecido. Eis o programa:

SABADO, 25

O assassino de Macario

Comedia, em 3 actos, de Camilo Castelo Branco.

DOMINGO, 26

A migalha

Comedia, em 3 actos, de Dario Nicodemi, tradução de N. Blosi.

SEGUNDA-FEIRA, 27

O novo testamento

Comedia, em 3 actos, adaptação de Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira.

TERÇA-FEIRA, 28

O Juiz de fóra

Comedia, em 3 actos, adaptação libérrima de André Brun.

Vai, pois, o Chiado Terrasse, a elegante e artistica «boite» da rua Antonio Maria Cardoso que, sem favor, mais condições reune de conforto para todas as diversões modernas, regorgitar dum publico que avalia o esforço e o amor duma Empreza que se não tem poupado a sacrificios para compensar as extremas simpatias de que gosa.

E, assim, o Carnaval do Chiado Terrasse, p la mão de autores consagrados que cultivavam o bom humor, sendo como magnifica interprete a gentil e graciosa actriz Luz Veloso, será o melhor dos teatros de Lisboa, pela sua alegria franca, pelo seu entusiasmo invulgar, pela sua originalidade manifesta, pela encantadora nota de Arte que revéla e pelo seu infindavel e soberbo deslumbramento.

Brindes

Da Companhia de Seguros «Iris» recebemos umas interessantes agendas para o corrente ano, que muito agradecemos.

—Do Laboratorio Farmaceutico do sr. Oscar Alvim, na Anadia, recebemos algumas agendas de algibeira para o corrente ano que agradecemos.

O coronel

José de Ascenção Guimarães

Vice-Presidente da Direcção da Companhia das Aguas de Lisboa

FALECEU

R. I. P.

A Direcção e Conselho Fiscal da Companhia das Aguas de Lisboa, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso colega o coronel de engenharia José de Ascenção Guimarães e pedem aos srs. accionistas e ao pessoal da Companhia que lhe prestem a derradeira homenagem encorporando-se no seu funeral que se realisará amanhã sabado, pelas 11 horas, saindo o prestito da rua de S. José, n.º 139 para o cemiterio do Alto de S. João.

POLITICA INTERNACIONAL

O problema do Egito

O termo do protectorado — O centro de uma rede de vias importantissimas—Provaveis complicações

A independencia do Egipto será um facto dentro de pouco tempo. Assim o resolveram os orgãos mais sérios e importantes da imprensa inglesa. A chamada a Londres do alto comissario britanico, marechal Allenby, é como o sêlo aposto num tratado longamente discutido, ou como o solicitado «deferido», lançado em despacho num requerimento, a favor do qual se moveram os mais altos empenhos.

A concessão de agora significa uma especie de «caldo requentado», quando teria outro valor feita ha mais tempo, em seguida á assinatura do tratado de Versailles. No presente momento assume o aspecto de ser concedido, não só pela fôrça das circunstancias, mas ainda, e muito especialmente, pelas circunstancias da fôrça.

A Inglaterra joga uma cartada de extraordinarias consequencias. Em primeiro lugar, por mais que queira encobrir, num gesto de longanimidade, a impossibilidade em que se encontra de proceder de forma energica e de manter o protectorado no Egipto, a ninguem engana. Diz-se, e não sei até que ponto é verdadeiro, que o rei Eduardo VII chamara a Lloyd George o «coveiro da Inglaterra». Os factos confirmam o dito, inventado ou não.

Outorgada a independencia á velha terra dos Faraós, por mais apertado e claro que seja o texto do futuro tratado, êle não poderá resalvar os acontecimentos do futuro. Esses acontecimentos poderão colocar a Grã-Bretanha a ter, no porvir, de realizar uma intervenção semelhante á de 1884. Com a diferença que o Egipto dessa época diferirá sensivelmente do do periodo do bombardeamento da Alexandria e da batalha de Tab-el-Kel.

A parte vulneravel da Inglaterra é a India, o dardo que mais facil e certeiramente pode ali penetrar é o canal de Suez.

Quem tenha visto de perto o canal, com certeza reparou, da banda de Africa, numa linha verde escura, que forma uma franja continua. Essa linha marca o canal de agua doce, que mais adiante do caminho de ferro alimenta as estações do istmo. Da banda da Asia regista um viajante, veem-se as areias até o horizonte infinito, areias fantasticas, areias de sonho, de um amarelo vermelho, impregnando-se pouco a pouco de tonalidades variadas, devido a uma luz incomparavel; umas vezes deslumbrantes como o zenith incandescido; outras, doces e carinhosas á vista, como o pó de oiro mate, ou então doirando-se com largas faixas côr de malva, lilás, azul palido, rosadas, das quais se elevam imagens fantasticas.

O viajante vê-se rodeado de aves exoticas, que vôam perto ou longe. Sobre a superficie resplandecente do lago Teimsah e dos lagos Amargos colocam-se em grupos pelicanos de ventre pendido, de bico enorme. De intervalos a intervalos erguem-se as estações de serviço, reveladas pelo alto mastro e pelas vergas de sinais. A embarcação que atravessa o canal cruza-se com barcos gigantescos, que singram sem ruido e surgem nas curvas do traçado como se deslizassem na areia sobre rodas invisiveis.

Esta é a parte poetica. Vejamos agora a parte estrategica no ponto de vista militar e comercial. Ao canal veem convergir o caminho da Syria e Port Said, por Gaza e o antigo caminho dos peregrinos que se dirigiam do Cairo para as cidades santas do Hedjar. Por outro lado ali vem dar o trajecto das inumeras caravanas que irradiam em diversos sentidos. Mais além, estende-se o deserto lybico; depois o antigo oasis de Amon, ligado ao Cairo por um caminho de caravanas que passa pelo vale de Natrun; ainda noutras direcções progridem de ano para ano os centros cada vez mais importantes de Bahric, Tarafra, Khargê e Dakhlê, etc.

Do outro lado da fronteira desdobra-se a antiga Cyrenaica, plató que ha doze seculos é o dominio de poderosas tribus arabes; por trás destas aglomeram-se outras.

São duas as vias de acesso do Egipto para o deserto lybico: a do litoral, escoltada por uma linha ferrea a partir de Matruh e que termina em Alexandria; e a do interior, que desemboca na Piramide de Ghizê pelo vale do Hatrum; esta ultima é o Derb-el-Hage, caminho dos peregrinos do Maghreb, que vai dar a Suez, depois de atravessar o Cairo.

Ha ainda mais três caminhos que só citei imperfeitamente: os que veem da Asia e desembocam respectivamente, o de El-Ariche em Kantara, o de El-Audja em Ismailia, o de Akaba em Suez.

Por pouco que se pense no assunto, compreende-se como deve custar a largar das mãos um paiz, dentro, por assim dizer, de tantas regiões ferazes umas, de extrema e proveitosa influencia politica outras.

Outro problema e não de pequena consideração se enuncia.

A administração inglesa do protectorado mantem em todo o territorio egypcio um corpo numeroso de funcionarios britanicos. E' claro que, terminado êsse protectorado, a quasi totalidade, senão tudo em globo, será exonerado dos seus empregos. Que destino levarão?

O actual sultão é criatura dedicada aos ingleses. Foi colocado no trono por vontade da Grã-Bretanha. Não pode ser *persona grata* aos seus súbditos. O Khediva Abbar, deposto por afeiçoado aos imperios centrais, não perdeu a esperança de voltar a ocupar o solio donde tão violentamente foi esbulhado.

Esse é que é o idolo do seu povo, é êsse a quem todo o egypcio, desde o felah até os ministros, adoram. A sua restauração seria uma segunda edição da sucedida na Grecia com o rei Constantino. Essa restauração produziria um efeito estupendo em todas as agremiações do Islam. Como se sabe, a má vontade do mundo mahometano contra a Inglaterra é devida á sua politica do califado. Se dá as costas no protectorado do Egypto, perdem-lhe ainda mais o respeito.

Factos -:- -:- -:- e palavras

... DE UMA FÉRA

Está ainda por fazer a grande Historia do Bolchevismo na Russia.

Conhecem-se as linhas gerais e espalham-se por toda a parte os pequenos episodios, as pequenas figuras como terriveis contos de pesadelos com diabos e bruxas e clarões de fogueiras.

Cada novo episodio que se conhece, contado sem interesse pela boca dos que ouviram dizer ou contada com o pavor da recordação pela voz emocionada dos que presenciaram é mais uma pagina dum barbarismo primitivo que vem compor a fonte duma Historia futura.

Num grupo em que se evocavam as sce as pavorosas dos assassinios constantes alguem que ainda tinha no olhar o fremito dessas horas contou:

—Entre os muitos que presenciei obrigado pela força das circunstancias não esqueço uma figura monstruosa de mulher que levava o seu requinte de tortura ao ponto de escolher as suas vitimas. Era uma judia, nova ainda, a quem chamavam Dora.

Procurava apenas os oficiais. Olhava-os. Se os achasse bonitos matava-os de frente disparando entre os olhos o revolver. Se os achasse feios mandava-os escarninhamente voltar as costas e matava-os assim.

—Era uma prova de bom gosto, disse alguem.

E logo uma senhora horrorisada:

—Mas isso não era uma mulher, era um homem sem coração...

—... Perdão, minha senhora, era femininamente uma féra.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Os algarismos colecionados pelas emprezas de navegação mostram que no ano passado as viagens de primeira classe para os Estados Unidos sofreram uma redução de 186, comparada com 1920, e que no ano passado as passagens de primeira para o Este excederam as de 1920 em 1231. Os viajantes de segunda classe foram 21.678 a mais do que em 1920, e o numero dos viajantes para o Este fóra 4 menos do que em 1920.

Em 1921 chegaram nos portos dos Estados Unidos 397.580 estrangeiros : partiram 317.418, ficando portanto 80.182 emigrantes.

Em 1913, ano anterior á guerra, chegaram 399 733, ficando 742.112.

Com o renascimento do trafico de passageiros, em 1920 entraram no paiz 483.394 passageiros de terceira e saiam 304.497, ficando apenas 178.897, na maioria estrangeiros.

A estatistica conclue dizendo que a diminuição do movimento de passageiros tornou eficaz a lei do congresso, pretendendo pôr um dique á emigração europea, porque a de 1921 foi limitadissima.

❖ ❖ ❖

A comissão senatorial da marinha fraceza ouviu o sr. Raiberti sobre o projecto de lei que estabelece o não proseguimento da construção de couraçados do tipo «Normandia».

O ministro da Marinha mostra em como ha já sete anos que as construções desses couraçados estão postas de parte e que portanto o projecto não faz senão abandonar difinitivamente o que já estava abandonado de facto acrescentou que a França precedeu todas as outras nações na limitação dos armamentos e terminou dizendo que as construções de unidades ligeiras prevista no projecto são indispensaveis para substituir as unidades que chegaram ao termo da sua duração militar.

❖ ❖ ❖

A catastrofe do dirigivel «Roma» em Norfolk, Virginia, durante um vôo de ensaio, foi causada pela explosão dos motores por se ter dado um contacto com um fio electrico. Trinta homens da tripulação foram carbonisados no ar e dos 15 que conseguiram aterrar, 9 estão gravemente feridos.

❖ ❖ ❖

Todos os funcionarios da administração civil de Newport em Kentucky, uma cidade industrial de 30 mil habitantes, foram presos, acusados de ter infringido a lei da proibição, vendendo e comprando bebidas alcoolicas.

O mayor da cidade, o chefe da policia e delegado do Ministerio publico e outros, foram detidos depois da força publica ter cercado a camara, o tribunal e outros edificios publicos.

As letras

Deve aparecer nas livrarias, para o mez que vem, um livro de versos do poeta João Rosado intitulado «Alcyon».

—O escritor algarvio sr. José Dias Sancho tem já no prelo o seu livro de critica á obra de Julio Dantas.

—O escritor Antonio Ferro publica por estes dias, o livro já anunciado com o titulo «Danunzio e Eu».

A catastrofe da Murtosa

O pessoal do Matadouro Municipal organisou um bando precatorio a favor das familias das vitimas da catastrofe da Murtosa o qual tendo percorrido varias ruas da cidade, obteve bastantes donativos. No cortejo incorporaram-se dois carros ornamentados e uma das bandas de musica da G. N. R.

TEATRO

Noticiario

Portugal

A peça de Decourcelle e Berr «Dix minutes de auto» traduzida livremente por André Brun com o titulo «4028 LX» sobe á scena no Teatro Terrasse no sabado 4 de Março.

—Será representada ainda esta epoca no Teatro Terrasse uma adaptação liberrima de André Brun intitulada «O pirata das Berlengas», que constituirá a 5.ª recita de assinatura.

—A epoca de verão no S. Luiz será feita com uma revista por sessões, sob a direcção artistica de um conhecido autor dramatico e sob a direcção administrativa de Macedo e Brito.

—Dizem-nos de São Paulo que o Conservatorio daquela cidade brasileira acaba de adotar, como tratado de consulta, o livro «A Musica e o Teatro» da autoria do escritor sr. J. Reis Gomes, director do nosso colega «Diario da Madeira». Ao ilustre escritor e jornalista enviamos as nossas felicitações.

—Hoje no Apolo será noite de verdadeira festa, não só porque reaparece a linda revista «Do Capote e Lenço», mas ainda e sobretudo por se tratar da recita especial do estimado e habilissimo electricista do teatro, sr. Castelo Branco Saraiva. A revista vai tambem nas 4 noites de Carnaval, sem aumento de preços, sendo conveniente prevenir de que as marcações só se respeitam até hoje á noite.

SPORT

NOTICIARIO

UM DESAFIO DE BASKETT BALL

Na Associação Cristã de Estudantes de Coimbra realisa-se no proximo di 26 um desafio de «basket-ball», entre o grupo desta Associação e o da Associação Cristã da Mocidade do Porto. Este desafio será o primeiro que se realisa entre grupos portugueses, tendo despertando grande interesse.

Ao juri presidirá o sr. dr. Lobão de Carvalho, director da revista «Sporting», do Porto.

ASILO D. MARIA PIA

Encontra-se em organisação o grupo representativo do Asilo Maria Pia formado por ex-alunos.

A comissão organisadora fez publico que se encontra aberta a inscrição no referido asilo, devendo toda a correspondencia de ex-alunos que se queiram inscrever ser dirigido a Anibal Gonçalves Gomes.

UNIÃO VELOCIPEDICA

Reune-se hoje, ás 9 da noite, na Travessa de S. Domingos, 39, 1.º o Congresso de Delegados dos Clubs filiados para apreciar os actos desportivos do ano findo e eleição da Comissão tecnica para o ano corrente.

TIRO AOS POMBOS

Realisa-se amanhã no Stand do Gun Club, ao Campo Grande, a «poule» para a disputa da Taça V. Sarasqueta e a terceira «poule» para a disputa duma espingarda que será entregue no fim de 8 «poules» ao atirador que maior numero de vezes a tenha ganho.

O tiro começará ás 2 horas com o seguinte programa.

1.ª parte—Taça V. Sarasqueta—1 pombo (handicap)—Inscrição Esc. 5$00—1.º premio, Taça e 40 o/o das inscrições; 2.º premio, 25 o/o das inscrições; 3.º 15 das inscrições.

2.ª parte—«Poule» para disputa da espingarda, 1 pombo (handic p)—inscrição Esc. 5$00—Premio unico—Registo do nome para a posse difinitiva da espingarda.

Repressão á mendicidade

A policia encarregada da repressão da mendicidade deteve 25 pedintes, ou seja 17 mulheres e 8 homens, que recolheram ao governo civil, estando agora a a policia administrativa procedendo á respectiva cadastração. Apurado está ja que das 7 mulheres presas se encontram em condições de trabalhar o mesmo sucedendo a 3 homens. Os 15 restantes são creaturas validas motivo porque os respectivos processos passam agora para a policia de investigação que os enviará naturalmente para o tribunal de Defesa Social conforme preceitua a chamada lei dos vadios. Os invalidos recolherão á Albergaria de Lisboa sendo outros entregues ás familias que apareçam a reclamal-os devendo no entanto essas familias comprometer-se a alimenta-los e a impedir que eles voltem a mendigar.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A sessão abriu tarde.

Esperou-se pelos retardatarios, a fim de não haver falta de numero.

Comemorou-se, muito dignamente, o falecimento de Bento XV e a elevação ao solo pontificio de Pio XI.

A iniciativa partiu, como é da praxe, do sr. ministro dos Estrangeiros. Aos seus votos associaram-se os srs. Paulo Cancela, monarquico; Lima Neto, catolico; Afonso de Melo, liberal; Alvaro de Castro, reconstituinte, Cunha Leal, independente; e Paiva Gomes, democratico.

No final resolveu-se comunicar ao Nuncio em Lisboa os votos da Camara.

Continuação do debate politico

O sr. Vitorino Guimarães, «leader» democratico, apoia o Governo, é claro. A declaração ministerial é um documento notavel e a obra do Governo merece já a consideração de todos os portugueses. Está completamente convencido que a obra de disciplina social não sofrerá solução de continuidade. E, nesta ordem de ideias, desenvolveu um longo discurso, ouvido com relativa atenção, por toda a Camara.

Seguiu-se-lhe o sr. Barros Queiroz, «leader» liberal. Não nega apoio ao Governo, antes pelo contrario.

O Governo pode contar com o apoio completo e absoluto do partido liberal em tudo quanto respeite a questões internacionaes e de ordem publica.

Embora condicional, o apoio do partido liberal, em quaesquer outros assuntos, não deixará de ser efectivo.

A sessão continua.

Ha muitos oradores inscritos, entre eles o sr. Cunha Leal.

As galerias regularmente concorridas, mas muito menos, é claro, que ontem.

No Senado

Na presidencia o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 34 senadores.

Antes da ordem do dia

O sr. Mendes dos Reis chama a atenção da Camara para a inconstitucionalidade do projecto apresentado na sessão anterior pelo sr. Oriol Pena suprimindo o subsidio aos parlamentares, afirmando que, por este facto, o Senado não deve aceita-lo.

O sr. Tomaz de Vilhena defende o projecto pelo seu alto espirito generoso, afirmando que, na situação aflitiva em que se encontra o tesouro, os proprios parlamentares deveriam dar o exemplo da moralidade.

Ordem do dia

Procede-se á eleição das seguintes comissões:

Guerra—os srs. Ramos de Miranda, Rego Chagas, Raymundo Meira, Lima Duque e Roberto Batista.

Administração Publica — Augusto Monteiro, Godinho do Amaral, Pereira Gil, Pais Gomes e Vasco Marques.

A' hora de encerrar-mos este extracto a sessão continua, aguardando-se a eleição das restantes comissões.

Prisão dum oficial? Ou, apenas, um inquerito?...

Em aditamento á noticia que publicamos noutro ponto deste jornal, sabemos que efectivamente o sr. ministro da Guerra tomou imediatas providencias com respeito ás declarações que um oficial do exercito fez a um dos nossos colegas «A Monarquia». O despacho do sr. ministro da Guerra foi lançado á margem do proprio exemplar de «A Monarquia». Segundo uns, foi ordenada a prisão do oficial, logo que o seu nome seja conhecido; segundo outros, a diligencia limita-se, por enquanto, a um simples inquerito.

POEIRA DA ARCADA

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das Finanças os srs. conde de Ponte, Costa Ivo e Elisirrio dos Reis comissario geral dos tabacos, e com o sr. ministro da Guerra, o sr. dr. Ricardo Pais Gomes.

—Os srs. capitão Costa Dias e Vasco da Silva estiveram hoje no Ministerio do Comercio, reclamando contra a aplicação do decreto de protecção á marinha mercante nacional no porto do Funchal.

—Foi autorisada a permuta de logares entre as professoras, D. Maria do Cabo de Sousa, da escola de S. Bartolomeu de Messines, e Maria do Carmo de Sousa Freire, de Porteia, concelho de Silves.

A gréve dos electricos

Ainda se não encontra solucionada a greve do pessoal da Carris de Ferro. Os carros, sempre repletos de passageiros e guardados pela força armada, continuam a ser timonados por praças da G. N. R. e agentes da policia.

O numero de carros em circulação foi hoje mais aumentado, fazendo-se novas carreiras.

Hoje houve já carros para a Praça do Rio de Janeiro, Estrela, Praça do Brazil e S. Bento.

O serviço deve estar completamente normalisado por estes dias tendo sido contratados para trabalhar na Companhia Carris de Ferro alguns guarda-freios do Porto.

Hoje foi modelado o serviço de revisores a cargo de sargentos do exercito.

A gréve dos maritimos

Continua no mesmo estado a greve dos maritimos, voltando o pessoal a reunir hoje nas respectivas associações.

Uma comissão delegada das classes maritimas procurou hoje o sr. Presidente do Ministerio, para expor-lhe a gravidade do conflito com os armadores e interferencia no sentido de ser solucionado.

O "Deseado,,

O vapor «Deseado» da Mala Real Ingleza, que hoje devia fundear no Tejo, só amanhã dará entrada no nosso porto.

A bordo do «Deseado» deve vir o sr. Calvet de Magalhães, acusado dum desfalque importante cometido no vapor «Porto» dos T. M. E. quando comissario do mesmo.

D. Afonso de Bragança

Do ministerio da Marinha foi hoje expedido um telegrama para Orão para que o «Vouga», a cujo bordo vêm os restos mortais de D. Afonso de Bragança, esteja no Tejo em 1 de Março.

CARNAVAL DE 1922

Lisboa que se diverte

TEATROS, RESTAURANTS, CINEMAS E CLUBS

NO MONTE ESTORIL

"STRANGER'S CASINO"

A epóca de carnavel neste confortavel ponto de reunião da colonia ingleza, promete revestir uma extraordinaria imponencia

«O Stranger's Casino» constitue actualmente um dos principais atrativos do Monte Estoril, não só pelas agradabilissimas diversões, como pelo inexcedivel conforto que proporciona aos seus escolhidos frequentadores.

A este importante estabelecimento se deve a permanencia, durante o inverno, da colonia ingleza na mais aprazivel e pitoresca estancia dos suburbios da capital.

No desejo de na presente quadra manter a concorrencia, acaba a empreza do «Stranger's Casino» de atestar mais uma vez a sua nunca desmentida filantropia, cedendo num gesto dignificante as suas formosas salas para faustosas diversões carnavalescas, sendo o producto de tais festas destinado a fins de caridade.

A julgar pela escolhida assistencia aos bailes diarios e aos «tea-dancing» das quartas-feiras e domingos, é de prever que as diversões que ali vão realisar-se revistam um desusado e imponente brilhantismo.

O Monte Estoril, podemos afoitamente afirmar, sem o valioso elemento de atração do «Stranger's Casino», veria na epoca presente a sua população limitada a meia duzia de familias, pelo que, lamentavel seria, que circunstancias imprevistas privassem a formosa estancia desse agradabilissimo centro de alegre convivio, onde todas as noites se reunem as élites ingleza e portugueza, juntando ao agradavel das diversões, o util da proteção ás obras de caridade.

«O Stranger's Casino» impõe-se por todos estes motivos e por todas estas razões. E' ele o ponto de reunião de quanto em Cascais e nos Estoris existe de «chic».

Os seus vastos salões, o seu mobiliario riquissimo, as suas ceias volantes esmeradas, a incandescencia dos seus lustres reflectindo-se no cristal purissimo dos espelhos, atrae, sugestiona e magnetisa.

No estrangeiro pode haver estabelecimento que se lhe compare, mas não existe, certamente, nenhum que o suplante em explendor, conforto, distrações e frequencia.

As horas passam vertiginosas naquele paraizo onde o espirito se enlevo, confundido e bem disposto, umas vezes inebriado perante o espontaneamento duma graça, outras na melancolia doce dos sublimes acordes dos violinos. São horas que não esquecem as que se passam no «Stranger's Casino»; são momentos que perduram, que ficam e que marcam.

O «tea-dancing» do dia 19, cuja receita liquida reverteu a favor do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, decorreu no meio da maior animação. Pode mesmo dizer-se que a interessante festa marcou, como sendo uma das mais brilhantes e concorridas que ali se teem realisado, não descurando os proprietarios em procurar iniciativas tendentes a proporcionar aos frequentadores do seu casino horas de indelevel comprazimento.

E' como segue o programa das festas de carnaval, ás quais não só concorrerão os habitués do «Strangers Casino», como muitas das familias da nossa primeira sociedade, residentes em Lisboa:

Dia 23—Baile infantil promovido pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Berta Daupias Marin, D. Mary Andresen Bregaro, Mrs. Tostal, D. Raquel Costa Cardoso, D. Antonia Pereira Coutinho, D. Sarah Costa, D. Maria José Bravo Borges e D. Alice de Abreu Loureiro.

O produto desta matinée reverte a favor da Casa de Trabalho do Estoril.

Dias 26 e 28 (Domingo e terça-feira gorda)—Bailes «masqués» e «cotillon» promovidos por um grupo de socios, amigos dedicados do «Stranger's Casino».

O producto das entradas destina-se aos pobres.

Para 22 estava marcada uma grandiosa soirée, tambem com fins caritativos, festa que se resolveu adiar, para dia ainda não determinado, por motivo do lamentavel desastre de que foi vitima na rua da Junqueira, um dosseus promotores mais entusiasta, o sr. Vasco de Queriol Tojeiro.

Com um atraente programa tudo leva a crer que o carnaval deste ano no Monte Estoril revista uma especial imponencia, tanto mais que no seu luzimento estão empenhados um nucleo de senhoras da nossa sociedade elegante e a direcção do «Stranger's Casino», que a esforços nem a despezas se tem poupado, para proporcionar aos seus habitués, tardes e noites de inapagavel agrado, mitigando ao mesmo tempo, num rasgo cativante de filantropia, as agruras cruentas dos infelizes.

O exemplo do «Stranger's Casino» não esquecendo nem mesmo nas horas de folguedo os que se debatem na miseria, devia ser seguido por todos os seus congeneres. E' essa, talvez, a principal razão da sua escolhida e importante frequencia. A' tenacidade da sua direcção se deve, como acima dizemos, a permanencia de grande parte da colonia ingleza no Monte Estoril nesta quadra do ano, o que representa uma justissima recompensa aos esforços e sacrificios de quem procura impor-se pela honradez do trabalho e pelos generosos impulsivismos do coração.

Interessando-nos sobremaneirá as festas no «Stranger's Casino» atendendo ao fim a que se destinam, prometemos dar aos nossos leitores uma resenha circunstanciada do que ali se passar, com o intuito ao mesmo tempo reservado de incitar os estabelecimentos similares a seguirem o filantropico exemplo.

O TROCADERO

Estará aberto durante as noites de carnaval

«O Trocadero», essa bocêta de requintado bom gosto, relicario magnificente das mais formosas mulheres da capital, prepara-se para ser o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade «smart», que em vez das refeições habituais, encontrará um primoroso serviço de ceias volantes, durante as noites de carnaval.

Os seus proprietarios, cuidando com requintado escrupulo de bem servir a sua numerosa clientela, resolveram conservar abertas as portas do seu estabelecimento durante as noites dos tradicionais folguedos, esperançados na firmação continua dos creditos do seu magnifico restaurante.

Para obter esse «desideratum» tem o «Trocadero» feito verdadeiros sacrificios, podendo tomar-se á conta dum verdadeiro «tour-de-force» a variedade de iguarias mandadas confeccionar para as ceias dessas noites, que o mesmo é dizer, que as suas mesas estarão continuamente repletas, tanto mais que existe o proposito de reduzir os preços ao minimo, como meio de atração a novos clien-

OLIMPIA

Trez hilariantes e sensacionais espetaculos

Programa sensacional, unico, atraente é o que a empreza do Olimpia vai exibir durante os dias de carnaval. Leopoldo O'Donell, o emprezario arrojado que um tão vigoroso impulso deu á sua casa de espetaculos tornando-a o ponto preferido da nossa primeira sociedade, procura dar um particular cunho de originalidade e de brilho ás surpresas que reserva aos seus habitués.

Os «films» escolhidos são «A menina Izaura», «Medico á força», «O Centenario» e «As duas garotas de Paris». São trez hilariantes e sensacionais espetaculos, que só o espirito de iniciativa de Leopoldo O'Donell poderia arquitetar e conseguir.

Como as enchentes serão certas e constantes, resolveu a empreza do Olimpia reservar balcões ao preço de 1$00, de forma a não privar os seus frequentadores ao prazer de assistirem aos seus festejos carnavalescos, onde o bom gosto vai por certo marcar, como tem acontecido nos anos anteriores.

Cinema Condes

Um programa deslumbrante

Com um programa escolhido a primor dispõe-se a empreza do Cinema-Condes atrair á sua magnifica, deslumbrante e confortavel casa de espectaculos, nos dias de Carnaval, o seu numeroso publico.

A serie de «films» de que a seguir damos nota, revela bem o cuidado e o interesse manifestado pela escrupulosa empresa, no sentido de, mais uma vez, impôr os seus firmados creditos, com a exibição de verdadeiras obras primas de cinematografia, provocadoras de geral hilariedade.

«O Az», uma das corôas de gloria da nossa interessante actriz Auzenda de Oliveira, peça originalissima que no Ginasio deu centenas de representações, vai ser passada no «écran» do Condes, tendo como principal protagonista o incomparavel comico sr. Prince. A exibição deste «film» será penhor seguro das colossais enchentes que ali vão ter logar, muito contribuindo tambem para que o publico, em massa, aflua ao belo cinema, a magnifica estreia do celebre comico Charlie Chaplin (Charlot), no engraçadissimo e desopilante «film «Sua Magestade Charlot» e varias outras comedias dos afamados artistas de consagração mundial, Haula, Max-Linder, Harry Pollard, Mary Osborne e pretinho «Africa».

Afóra este sensacional programa prepára a empreza varias surprezas, destinadas a conservar o publico em constante e franca hilariedade, mostrando-se ao mesmo tempo empenhados em que a epoca de Carnaval, marque no ano presente, mais um estrondoso triunfo, a juntar a tantos outros, justamente merecidos, desde que se leve em linha de conta os esforços e trabalhos a que os seus emprezarios se não poupam, no sentido de rodear de distracções e comodidades os frequentadores do seu belo cinema.

Carnaval "chic" de Lisboa

Eden-Teatro

Neste magnificente teatro realisar-se-hão durante as noites de Carnaval sensacionaes espetaculos e bailes emocionantes

Todos os teatros da capital se mostram ardorosamente empenhados por ocasião dos festejos carnavalescos, em rodear os seus espectadores habituaes do maior numero de distrações e de surprezas, pretendendo desta forma retribuir as homenagens e palmas das suas plateias.

Nenhuma empreza, porém, tem mostrado maior afan, nem pensado com mais fervoroso e vivo interesse na forma de receber condignamente o seu publico que a do Eden-Teatro, onde ha dias se trabalha activamente não só na organisação das recitas, como dos bailes.

A vasta sala de espetaculos vae, pois, ser teatro de diversões originalissimas, provocantes de geral hilariedade e de louco entusiasmo, não só pela boa vontade evidenciada pelos seus emprezarios, como ainda pela optima disposição em que se encontra o publico que a bela casa de espetaculos dispensa a sua preferencia.

Varios ranchos de namorados resolveram passar no Eden as suas noites de folguedo, quer assistindo aos sensacionais espectaculos, quer ficando para os emocionantes bailes aos quais pretendem imprimir, com a garridice dos seus trajos e a «verve» encantadora dos seus ditos e trocadilhos, uma nota de palpitante e geral interesse.

Pelos preparativos de que temos pleno conhecimento se conclue que o Eden-Teatro se destacará este ano pela forma bizarra e excepcional das suas noites de carnaval, visto não haver memoria de se notar um tão intimo interesse porque as festas redundem numa apoteose colossal, entre o crusar constante dos sacos e serpentinas, o dançar cadenciado dos mascarados e o alegre gargalhar dos espectadores.

AS FESTAS DE CARNAVAL

Palais Royal

Os folguêdos carnavalescos neste luxuoso club impõem-se pelo seu brilho e magnificencia

Raro será o alfacinha, o provinciano, ou mesmo o estrangeiro que visite Lisboa, que desconheça a luxuosa magnificencia do «Palais Royal.»

E' um dos clubs que rivalisa com os de maior nomeada no estrangeiro, impondo-se pela sua riqueza verdadeiramente oriental e pelos elementos de atração confortavel de que dispõe.

Chegada a epoca do Carnaval os proprietarios do «Palais Royal» teem-se mostrado incansaveis na organisação dum vasto programa festivo, cheio de encantamentos e repleto de surprezas e de graça.

As suas salas vão transformar-se para receber condignamente os seus frequentadores, ao mesmo tempo que ordens expressas foram dadas para que o serviço de cosinha atinja o maximo do esmero na confecção e o maximo da modicidade nos preços, de molde a atestar que o espirito da ganancia não existe, mas tão sómente o desejo manifesto de testemunhar á escolhida clientela, um logico e natural reconhecimento pela preferencia dada ao encantador club.

Por outro lado sabemos que as brilhantissimas festas, estão despertando um vivo e particular interesse aos frequentadores do «Palais Royal», os quais, por seu turno, procuram contribuir ardorosamente para que os folguedos carnavalescos no seu club preferido, sejam coroados do mais retumbante e formidavel exito. Desta ligação intima de boas vontades, não pode deixar de resultar o triunfo que todos almejam, tudo levando a crer, que o «Palais Royal», marque mais uma vez no ano que decorre, o logar de honra e destaque a que tem incontestavel direito.

Os preparativos para estas grandiosas festas datam de algumas semanas, trabalhando-se activamente para que o programa seja rigorosamente cumprido, visto da sua organisação depender a magnificencia que se espera e em que todos estão confiados.

As familias dos seus frequentadores apressam os seus vestuarios, alguns deles riquissimos e duma originalidade atraente, primando cada qual por apresentar o mais vistoso trajo.

O «Palais Royal» vai, pois, vestir-se de galas nos dias de carnaval, dando com as suas festas um rigoroso impulso na sua já extraordinaria clientela e mostrando por outro lado que os seus proprietarios procuram todos os ensejos para proporcionar aos frequentadores do importante club, bem como ás suas familias, o maior numero de distrações, rodeando-os das mais exigentes comodidades.

Aconselhando os nossos leitores a não deixarem de visitar nas noites de carnaval o «Palais Royal», cumprimos o dever que nos impõe o bom desejo de que se divirtam, certos de que em nenhum outro ponto, poderão passar as horas de folguedo, nem mais despreocupados, nem mais alegres.

A "Abadia"

Ponto de reunião dos mascarados

Nestes ultimos tempos grande tem sido o numero de estabelecimentos remodelados na capital, visando a torna-los confortaveis e a imprimir-lhes um cunho de belesa, proporcional ás exigencias sempre constantes do publico.

Neste caso está a «Abadia», o conhecido café da Avenida da Liberdade, cujas mesas chegam, por vezes, a ser insuficientes para a sua enorme concorrencia.

O particular interesse que aos proprietarios deste magnifico estabelecimento inspira a sua numerosa clientela, levou-os a preparar uma serie de atrativos, tendentes a manter inalteravel a fama de ser o logar preferido por uma fina roda de rapazes cheios de graça e de espirito.

Foi a «Abadia», durante a epoca de carnavalesca, alem de esmerados almoços, jantares e ceias; alem dos mais variados aperitivos e dos mais finos vinhos e licores, com que tenciona honrar os seus fregueses, contratou um primoroso sexteto, composto de apreciaveis musicos, os quais se mostram empenhados na execução de dificeis e maviosos trechos dum reportorio variadissimo.

Os mascarados encontrarão, portanto, na «Abadia», durante o quadr folgazão do Carnaval, quer de dia quer de noite, onde passar horas agradabilissimas, entre as delicias das mais finas especiarias e a suave ... lado enternecedora dum sexteto magistral.

Artigos de Carnaval

Onde se vendem mais baratos?

O armazem dos srs. José Dias, Sucessores é o estabelecimento que está em condições de fazer os fornecimentos por forma mais convidativa

O grande armazem de que são proprietarios os conceituados comerciantes srs. José Dias, Sucessores, ao Arco do Marquês do Alegrete, n.º 61, é sem duvida o maior e mais importante estabelecimento de artigos carnavalescos da capital.

A diversidade désses artigos, dispostos artisticamente pelas várias dependencias do armazem, dão como a impressão de que o carnaval se encontra ali consubstanciado, entre uma profusão enorme de bisnagas, papelinhos, fitas, *confetis*, tudo, emfim, quanto nesta quadra serve de divertimento e distracção.

Grandes remessas désses artigos têm sido enviadas, nestes ultimos dias, para todos os pontos do paiz e para os varios retalhistas de Lisboa, devido muito principalmente ao crédito da importante casa comercial, como ainda aos preços dos fornecimentos, feitos em condições excepcionalissimas.

No que respeita a caraças, a sua diversidade quasi não tem limites. Há-as no importante estabelecimento, desde a vulgar de cartão, á do finissimo setim; desde a cara deslavada do histrião, aos traços severos do tirano; desde o riso desdenhoso da *divete*, á fisionomia pudica de recatada freira.

A modicidade nos preços atrae nesta quadra ao importante armazemp numerosa clientela, tendo sido verdadeiramente extraordinaria a afluencia de pedidos no ano corrente, aos quais, os srs. José Dias, Sucessores procuram dar pronto e completo despacho.

Feito por nós, um inquerito rigoroso sobre a casa de artigos carnavalescos que em melhores condições se encontra de bem servir o publico, a quem os folguedos atrae e sugestiona, concluimos que a primasia compete ao armazem José Dias, Sucessores, ao Arco do Marquês do Alegrete, n.º 61.

AS GRANDES ATRAÇÕES CARNAVALESCAS

O CLUB "REGALEIRA" em fóco

Divertimentos dos ricos que contribuem para acudir aos pobres

A dois passos do Rocio, no tão falado e historico largo de S. Domingos, encontra-se um belo edificio de ampla e elegante fachada onde se instalou com acentuado bom gosto o magnifico Club da «Regaleira». Ora pela situação de que gosa, ou pelo nome escolhido que se fixa repentinamente na memoria, ou por qualquer outro motivo que não vem agora para o caso, o certo é que o «Regaleira» é o club preferido pela rapaziada alegre, é nelo onde o espirito da mocidade se encontra á vontade, é ali que toda a gente moça se reune, salta, dança e ri, e se diverte numa despreocupação verdadeiramente encantadora.

Foi assim desde o seu principio, esta atracção irresistivel ao clube da «Regaleira». E se então ele começou numa modestia pouco convidativa com tais simpatias, imagine-se o que será hoje com todas as condições de comodidade que soube adquirir, resgando numa vastidão admiravel todas as suas salas, formando ambientes explendidos em que o bem estar reside fartamente, enchendo de conforto as mais pequenas instalações e para que o frequentador amigo não tenha que dizer alargou e enriqueceu a sua espaçosa e linda sala de baile, á volta da qual artisticas mesas esperam os deliciosos jantares ou as famosas ceias acompanhadas sempre por animadora musical

Um club como o «Regaleira» que é, por assim dizer, um centro de diversões, procurado não só por pessoas que residem em Lisboa, mais ainda os que nos visitam e um grande numero de estrangeiros que se não teem poupado a um reclamo colossal e, francamente, sem exagero.

Com as qualidades bem conhecidas para realisação de diversões desta ordem, a que o «Regaleira» se não esquiva, poderá imaginar o que será o Carnaval ali passado, a julgar ainda em cima pelo que acabamos de ouvir de um dos seus indiscretos associados.

Diz-nos ele, e acreditamos, que o «Regaleira» ostentará encantadoras decorações carnavalescas, devidas á fantasia dum artista que jurou dar largas á franca gargalhada.

Muitas flores, muitas plantas, sem o que toda a decoração por mais bela perderia os seus efeitos, longas fitas de serpentina correndo em delirio, muita luz harmonizando-se com a côr e o estilo dos varios e sumptuosos salões, magnificos sextetos obrigados a musica moderna que arranca diluvios de entusiasmo, bailes distintissimos marcados por competencias que farão prodigios, numeros adoraveis de variedades, com formosas artistas contratadas especialmente para esta noite de imensa alegria, serviço esmerado de restaurante em que nada faltará, apesar da escassez dos mercados e da tremenda carestia da vida que, tenham v. ex.^{as} a certeza, para seu socego, no Regaleira não entrará!

Eis um programa formidavel, unico, que só por si vale aquela felicidade que ambicionamos para esquecimento das torturas da vida. O carnaval no «Regaleira» ficará memoravel. Com o deslumbramento prometido, com todos os confortos, com a distinção dos seus frequentadores, com a expansão natural da mocidade que ali se recolhe para foliar despreocupadamente, os bailes do conceituado club chamarão Lisboa inteira para certificar-se da orientação verdadeiramente modelar que preside a todos os festivais que ali se realisam.

E já agora, uma nota sentimental, que, por ser tão bella a não queremos encobrir. Nas festas que o «Regaleira» vem realisando com um brilhantismo que deixamos singelamente exposto, nunca a sua briosa direcção, composta de individuos cheios de bondade e dedicação, esqueceu a pobreza. Os seus lucros, os seus proventos, são generosamente repartidos com aqueles que sofrem os rigores da miseria, e assim a obra que está fazendo o club do «Regaleira» merece ser encarada com os francos propositos dos seus organisadores, e apoiada com o espirito caritativo de todos os que a abraçam.

O Carnaval no «Regaleira», com todo o seu deslumbramento, com todas as suas atrações, com toda a sua alegria e em todo o seu entusiasmo, vai, podem crer, valer a muito infeliz a quem dará tambem uns momentos de satisfação.

Feliz ideia a da ilustre e infatigavel direcção deste club que sabe espalhar o bem por entre o riso e o contentamento. Espirito caritativo, inteligencia lucida, nada lhe falta para o engrandecimento e desenvolvimento da sua casa que, no genero, é uma das primeiras do paiz.

Que ninguem falte ás suas diversões carnavalescas, que todos saltem, brinquem e riam, e se convençam que é o «Regaleira» que dará a nota mais elegante e mais bela do Carnaval de 1922 em Lisboa.

Ao «Regaleira», para foliar e para valer aos que só tem tristeza, e aos que vivem sem esperança.

As noites de Carnaval no TEATRO AVENIDA

A predileção especial do publico alfacinha pelos tradicionais folguêdos carnavalescos, manifesta-se com especialidade na concorrencia enorme ás casas de espetaculo, cujas emprezas por seu turno se esforçam em arquitetar toda a especie de atraentes distrações, para que o entusiasmo e a alegria atinjam o auge.

O Teatro Avenida, fiel ás praxes estabelecidas desde a sua inauguração, pretende, este ano, tornar a sua casa de espetaculos em divertido recinto de surpreendentes originalidades, procurando concentrar ali, tanto nas recitas, como nos bailes, os mascarados que durante o dia se tenham salientado, quer pela excentricidade e riqueza dos seus vestuarios, quer pelo gracioso espirito dos seus ditos pitorescos.

Para tal conseguir não se tem a empreza poupado a esforços, nem a sacrificios, mas deles ha-de resultar, por certo, um brilhantissimo sucesso, tanto para o teatro em si, como para todas as pessoas que o prefirem nestas noites de empolgante entusiasmo, em que as desilusões amargurantes da vida se evolam, como por encanto, ante o gargalhar da gente folgazã que se diverte e que arrasta, por vezes, os mais taciturnos, na onda da sugestão, a acompanhal-a nas suas manifestações de franco e despreocupado regosijo.

O Teatro Avenida está, pois, numas condições especiaes para, como nunca, poder marcar o seu logar, porquanto o brilhantismo que pretende dar ás suas festas carnavalescas é segura garantia dum formidavel e retumbante exito, ao qual a empreza tem todo o jus e todo o direito, como recompensa dos seus esforços, da sua abnegação e dos seus sacrificios.

Teatro Nacional

Os espectaculos e bailes, que a gerencia se propõe levar a efeito, devem atrair numerosa e selecta concorrencia

A gerencia do Nacional tem dispensado a sua melhor atenção para o programa das noites de carnaval, no proposito de atrair aos espectaculos a selecta assistencia frequentadora da Casa de Garrett, como ainda conserva-la, mantendo a animação durante os grandiosos bailes que se propõe levar a efeito.

Nos anos anteriores, como é do dominio publico, os festejos carnavalescos no teatro Nacional teem-se imposto não só pela extraordinaria concorrencia, como ainda pela fidalguia das pessoas que o preferem, tudo indicando que no ano que decorre outro tanto venha a suceder, atendendo ao trabalho insano, força de vontade e forte desejo da actual gerencia, em proporcionar a maior soma de distrações aos seus numerosos «habitués».

Os espectaculos foram organisados por forma a atrair a fina flor da sociedade lisboeta, havendo o intuito de revestir os bailes do maior numero de distrações e de surprezas, ante as quais a graça portugueza se revele em toda a sua sedutora e cativante originalidade.

O publico que procura nestes dias de folguedo distrair-se e gargalhar, não encontrará, por certo, onde passar melhor as suas noites do que no teatro Nacional Almeida Garrett.

Bastará para atestar o que afirmamos a assistencia escolhida dos anos anteriores e os esforços empregados pela gerencia no ano corrente, para que tanto os espectaculos, como os bailes, atinjam o maximo da concorrencia e o auge do entusiasmo.

No Chantecler

Quatro dias de gargalhada

Horas de festo, horas de gargalhada, horas de prazer desopilante, vai o publico de Lisboa passar durante os dias de carnaval no «Chantecler», cuja fita falada «O manequim» não tem rival no que respeita a montagem e graça.

O programa é repleto de originalidades cinematograficas destinadas a provocar um retumbante exito, salientando-se, entretanto, como acima dizemos, o «film» falado «O manequim».

De sabado a terça-feira as sessões iniciar-se-hão ás 14 horas, terminando ás 24. O publico manter-se-ha em permanente gargalhada, com especialidade durante a exibição de «O manequim», cujo entrecho é deveras polbitante, sendo o recitativo repleto de pilhas de graça, genuinamente portuguesa.

Se a empreza do «Chantecler» de outros atrativos não tivesse polvilhado o seu programa carnavalesco, bastaria «O manequim» para que as enchentes se repetissem, como decerto irá suceder.

NOITES BEM PASSADAS

O Club "Ritz" em festa

Um programa carnavalesco sensacional.—Brilhantes concertos—Animadissimos bailes

De há muito que o distinto Club «Ritz» organisa com grande destaque magnificos festivais e, de tal maneira tem sabido impôr-se, que hoje é considerado como uma das casas de diversões de Lisboa que melhor satisfaz aos seus inumeros frequentadores. Como êle está instalado, sabe-o toda a gente, pois que o Club «Ritz», pelo conforto que oferecem os seus salões e ainda pela concorrencia escolhida que recebe, é dos que têm sabido alimentar uma frequencia digna de registo. Ao «Ritz» vai, por assim dizer, Lisboa inteira, porque a sua orientação e as suas diversões são de forma a não consentir publico que não saiba manter aquela linha de distinção propria de um club em que impera a maxima seriedade. Bem tem andado a sua direcção nesta exigencia muito apreciavel, pois que, do contrário, obrigaria, a grande numero de familias, a retrair-se, deixando de frequentar o excelente club, que tem sabido proporcionar noites agradabilissimas e até de boa arte, graças aos explendidos sextetos que ali têm realizado, com enorme êxito, concertos primorosos.

Continuando a serie brilhante das suas festas, o club «Ritz» resolveu durante o Carnaval efectuar diversões magnificas, cheias de atractivos imponentes pelo seu programa verdadeiramente sensacional, pelo explendor e deslumbramento que oferecerá o ambiente em que elas decorrerão.

Para isso a direcção do «Ritz» mandou decorar artisticamente todas as suas salas, deu-lhes um aspecto carnavalesco duma originalidade interessantissima, encheu de arbustos e delicadas plantas todos os recintos, aumentou o numero de lampadas electricas que ostentarão variadas côres, e coalhou de serpentinas os seus belos salões de bailes. O luxo dessas salas, que principia nos extensos tapetes de veludo até ás ricas sanefas de sêda, que se manifesta pelo artistico e rico mobiliario, o cristal purissimo dos espelhos, os estofos suntuosos dos comodos sofás e dos «fauteuils» elegantissimos, parece que redobra de imponencia, agora que a fantasia alegre o veio despertar da gravidade que mantem nesses logares destinados a cerimoniosas recreações.

Transformou-se o «Ritz» para que o Carnaval tenha a sua maior expansão, e transformou-se de maneira tal que não ha ninguem que não fique deslumbrado. Nos soberbos salões de baile haverá excelentes sextetes, compostos de artistas de reconhecido merito, os quais executarão um programa admiravel, em que predominarão as composições modernas das danças mais em evidencia.

Contrataram-se ainda notabilissimos numeros de variedades, em que esveltas e formosas artistas darão todo o realce á festa, não só com escolhidas canções que arrebatarão a distinta assistencia, mas ainda com a sua colaboração no baile, interessando as que se dispõem a foliar, por entre o entusiasmo dum publico satisfeito e feliz.

E, por fim, no «Ritz» haverá ainda um serviço esmerado de «restaurante» a condizer com todos os confortos que a ilustre direção estabeleceu, serviço sempre pronto a qualquer hora da noite e entregue á competencia dum habil profissional.

Eis a traços largos as surprezas que o «Ritz» reserva aos seus numerosos frequentadores e, pela descrição que ouvimos fazer, o carnavel nessa admiravel casa de diversões, atingirá um brilhantismo desusado, ficando por certo memoravel em todas as pessoas que tiverem a ventura de a ele assistir.

Não admira, pois, que os forasteiros procurem de preferencia o «Ritz». Bastaria a amabilidade dos seus dirigentes e bem assim a fórma de tratar de todo o pessoal daquela importante casa, para haver uma natural atração e daí como que o habito adquirido duma frequencia permanente a que se não pode resistir.

Atenda o amavel leitor no programa carnavalesco do «Ritz», e diga-nos depois o que ele representa de actividade, de bom gosto, de dispendio e de vontade, não só de acertar, mas de agradar ao publico que o distingue com a sua preferencia. Lembre-se que houve a preocupação de querer uma superioridade sobre os outros clubs, essa superioridade que se grangeia com o esforço do trabalho e da inteligencia, com o fim simplesmente de engrandecer a nossa linda capital.

São poucas as palavras elogiosas ao distinto club «Ritz». Nós que sabemos o entusiasmo que reina dentro dele para que o Carnaval tenha o maior brilhantismo, nós que avaliamos do deslumbramento das suas salas, nós que conhecemos o prazer infinito das suas diversões, nós que admiramos a graciosidade e a beleza dos seus bailes e a fina organisação dos seus concertos, não vacilamos em acreditar nesses momentos de alegria que ali se vão passar, nesse arrebatamento e nessa loucura que encherá a vida dum contentamento infindo.

A' decadencia do Carnaval acudirá o «Ritz», e vestindo-o de fato novo, limpo e aceado, ele, o club elegante, o apresentará em seus luxuosos salões, deixando-o embriagar-se com o magnifico champagne e cair extenuado de tanto foliar nos braços das suas formosas admiradoras. Noites de folia noites de sonho, noites de felicidades!... O Carnaval vai resuscitar. Será o «Ritz», com a sua distinção e com a sua diplomacia que vai realisar o milagre!...

A Charcuterie Française

prepara para os dias de Carnaval os mais variados e apreciados acepipes

Um dos mais acreditados restaurantes da capital, e dizemos isto sem receio de que nos possam desmentir, é certamente a Charcuterie Française.

As suas «galantines», os seus «foi-gras», os seus «pudings», as suas peças montadas, cuja confecção é dirigida pelo sr. Poterman, são consideradas eguarias preciosissimas, que outro qualquer restaurante não consegue sequer imitar.

A C. F. que ultimamente passou por uma completa transformação, com a montagem, no primeiro andar, dum vasto e confortavel salão, prepára para os dias do Carnaval os mais variados e saborosos acepipes.

Está o sr. Poterman incumbido de fazer durante esses dias importantes fornecimentos, sobretudo de peças montadas, para varias casas particulares não só de Lisboa, como da provincia; não obstante, as portas do seu estabelecimento conservar-se-ão franqueadas, de molde a não privar os clientes de, a preços convidativos, poderem deliciar-se nas iguarias que solicitem.

O sr. Poterman que é um mestre da arte culinaria, com os seus creditos firmados no estrangeiro e que no nosso paiz alcançou rapidamente uma situação invejavel pelo muito que sabe do seu metier, empenha-se nos dias de carnaval; em mostrar de quanto é capaz, preparando com o mais escrupuloso cuidado uma infinidade de inovações culinarias, que alem de representarem um admiravel meio de propaganda, vão por certo ser apreciadissimas.

Este proposito do sr. Poterman vai implicitamente dar motivo a que a Charcouterie Française se veja no dia de Carnaval a braços com uma extraordinaria concorrencia, avida de conhecer até que ponto chega a habilidade do incomparavel mestre de cosinha.

Agua da Certã

E' empregada com segura vantagem nas **Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios:—nas preverações digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves:—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.**

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinhos.

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas.

CARNAVAL! CARNAVAL!

O que ele vai ser no elegante club "Maxim's"

Irresistiveis atracções.— Boa musica.— Bailes modernos.—As mais belas noites de alegria — — — passadas em Lisboa — — —

Toda a gente conhece o club «Maxims», e toda a gente sabe que ali impera a maxima ordem devido á maneira assaz inteligente como se exerce a direcção que, em cada socio conta um verdadeiro e dedicado amigo. E' essa direcção que tem conseguido o bom nome que gosa o club «Maxim's», porque, como nenhuma outra, sabe orientar todos os serviços de forma a resultarem brilhantissimos. Na organisação de festas o club «Maxim's» consegue tornar-se unico, e para isso bastaria a sua instalação que é das mais sumptuosas e das melhores que existem em Lisboa. Todas as salas do «Maxim's» vastissimas e com ricas decorações, são um primor de confôrto, verdadeiras salas para bailes em que a etiqueta se exibe com o requinte da sua graciosidade.

Vai o club «Maxim's» festejar o Carnaval e desde já podemos garantir aos nossos leitores que o programa não tem competidor e que um tal empreendimento constituirá o maior exito das festas carnavalescas nesta cidade. Para isso o «Maxim's» enfeitou-se encantadoramente. Desde a grandiosa e rica escadaria principal até ao salão espaçoso de «restaurant» não faltarão os adornos estéticos, as mais lindas flores, as mais formosas plantas, um mundo de fantazias delicadas, arrebatando e deslumbrando, atraindo pelo seu bom gosto e pela sua bem manifesta distinção. Haverá luz a jorros, essa luz que penderá dos formidaveis candelabros, com a intensidade maxima, de maneira a transformar a noite em pleno dia, rivalisando com o proprio sol cujo fulgôr não atinge o poder dessa luz artificial.

Para que o encanto chegue ao seu auge a direcção do «Maxim's» contratou admiraveis sextettos, compostos de musicos considerados, que, espalhados pelas varias salas, executarão trechos adequados ao momento, proporcionando á assistencia momentos de indiscriptivel satisfação no brilhantismo do adoravel baile em que todas as danças modernas terão uma exibição sensacional.

Para fechar o programa, em que não ha maiores atractivos, o club «Maxim's primou no serviço do seu restaurant.

Os frequentadores dessas admiraveis diversões ficarão, por certo, assombrados diante dos finissimos iguarias, das especialidades e boa composição dos «ménus», dos deliciosos vinhos e bebidas de toda a casta, das marcas mais cotadas do puro «champagne» que estalará no delirio de tanta alegria, e na animação intensa duu convivio que dispõe bem e que tornará essas noites cheias de ventura interminaveis e profundamente lembradas.

O «Maxime», pelo exposto será o club de Lisboa que vai solenisar com explendor o Carnaval, pretendendo que nada falte para que a sua aspiração seja levada a efeito sem o mais leve obstaculo.

Casa duma seriedade indescutivel, tem abertas as suas portas aos visitantes que procuram divertir-se tranquilamente, e onde nada lhes falta. Dessa seriedade e dessa reconhecida franqueza o Club «Maxime» tem recebido as maiores deferencias pois que as suas confortaveis salas se veem sempre regorgitando duma assistencia elegante que ali se dá «rendez-vous», assistindo-se todas as noites a explendidos concertos onde predomina avultadamente uma nota de Arte.

Da visita que acabamos de fazer ao «Maxime», guiados pela amabilidade e gentileza de um dos seus directores, ficamos na convicção de que o Carnaval que terá no bem frequentado club o seu maior explendor, resultará a prova evidente de que uma tão surpreendente iniciativa merecerá o upoio daqueles que apreciam os bons divertimentos, resultando deste facto uma natural invasão ás salas deslumbrantes dessa explendida casa recreativa.

Enumerar detalhadamente a serie de atracções que se propõem realisar é tarefa longa e quasi impossivel de levar a efeito, por isso que, de momento a momento, surgem novas combinações, e aparecem, como por encanto, surprezas que deixarão a concorrencia, por assim dizer, abismada. Afirmamos apenas que o club «Maxime» se interessa em ver as suas magnificas instalações dispostas a receber todas as visitas com aquele natural capricho que é a alma da sua boa direcção.

As festas carnavalescas do «Maxime» são organisadas por tal fórma, possuem um tão acentuado encantamento, que honram sobre maneira a direcção desse club distintissimo, por todos que o frequentam e que não teem palavras que demonstrem em absoluto a grande admiração que lhe consagram, e o entusiasmo como são recebidas todas as suas iniciativas.

Pela nossa parte, garantimos desde já em face do exposto, que as mais belas noites de alegria que se passarão em Lisboa, são aquelas que o Carnaval destinou ao club «Maxims», e para o que se não poupou a dar todo o destaque a ilustre direcção, composta de individuos que aliam aos primores da sua educação as suas indiscutiveis e apreciaveis qualidades artisticas.

Os restaurantes "chics"

O «Fortes», da rua Nova da Trindade, pode considerar-se hoje, um dos melhores da capital

Depois de ter passado por importantes e dispendiosas modificações reabriu ha dias, na rua Nova da Trindade, o conhecido e acreditado Restaurante Fortes, propriedade da firma Fortes Limitada.

A par do bom gosto que presidiu ás modificações efectuadas, houve um particular cuidado em rodear de confortos a numerosa clientela que ali aflue diariamente, para o que, tambem muito tem contribuido, o esmerado serviço de cosinha.

Na verdade, o «Fortes» da rua Nova da Trindade, pode considerar-se actualmente um dos melhores restaurantes da capital, sendo a sua frequencia não só esmerada como escolhida.

As modificações porque passou o acreditado restaurante são uma revelação do esforço e tenacidade dos seus proprietarios, os srs. Rogerio Fernandes Fortes e Mario Orosa Gomes dois invulgares espiritos de iniciativa com excepcionais faculdades de trabalho, revelando em todos os seus actos um cunho de patriotismo que muito os dignifica e muito os honra.

A extraordinaria concorrencia notada apoz a reabertura do confortavel e importante estabelecimento, representando um incentivo a novas emprezas congeneres, deve por outro lado ser motivo de intima satisfação para os que se abalançaram a tão arrojada iniciativa, com o dipendio de grossos capitais, e quem sabe se, á custa de incalculaveis sacrificios.

Lisboa precisa dar a agradavel impressão duma cidade civilisada, e nenhuma forma melhor existe para tal se conseguir, do que dotal-a com estabelecimentos modelares que atraiam pelo conforto, não só os nacionais, como os estrangeiros.

Nestas condições está hoje, indiscutivelmente, o Restaurante Fortes, da rua Nova da Trindade, que a par de todos os requisitos apontados, conseguiu distinguir-se pela sua escolhida e farta concorrencia.

A partir de sabado de carnaval, o Restaurante Fortes, conservará abertas as suas portas durante as tres noites, tendo os seus proprietarios e nossos amigos srs. Rogerio Fernandes Forte e Mario Orosa Gomes, determinado a confecção de menus esmeradissimos, a preços convidativos, mais por espirito de propaganda, que por interesse material.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4013 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 25 de Fevereiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O OURO

Uma revelação interessante do sr. Vitorino Guimarães, produzida ontem na Camara dos Deputados

O «leader» da maioria e antigo ministro das Finanças sr. Vitorino Guimarães disse ontem, na Camara dos Deputados, que nos bancos estrangeiros, em Paris, em Londres, em Bruxelas, etc., existiam á ordem de portuguezes domiciliados em Portugal algumas dezenas de milhões de libras esterlinas. E' bem facil de compreender o motivo porquê.

O factor que, mais tem influido na emigração do ouro portuguez é, com certeza, o medo que, na crise quotidiana, se transformou, durante alguns dias, em terror panico.

O capitalista manda o seu dinheiro para o estrangeiro ou deixa-o lá ficar, se fôr o resultante da exportação portugueza. Entende que sempre lá está mais seguro que num paiz cujo dia de amanhã é absolutamente incerto, mercê das zaragatas, desordens e revoluções continuas. A ordem social é, pois, um elemento indispensavel á normalisação da economia nacional, porque o ouro emigrado só regressará aos patrios lares quando o medo ao saque tiver totalmente desaparecido.

Os nossos politicos, alapardados nos diversos e variadissimos partidos em que anda dissolvida a Republica, devem compenetrar-se, no seu proprio interesse, da vantagem do esforço em conjunto para a manutenção e consolidação da ordem social. Só o conseguem se não conspirarem e alimentarem conjuras e se não praticarem actos politicos ilegitimos, que são a origem fatal da reação das fúrias. Não basta dirigir-se ao povo e pedir-lhe, suplicar-lhe mesmo, que esteja quieto. Mais do que isso é indispensavel governar com prudencia, não confundindo a firmeza no exercicio do Poder com o arbitrio e a impulsividade postas ao serviço dos interesses do corrilho partidarista. E', afinal, o que os politicos não esquecemos, é claro, e democraticos, a quem compete não esconder em palavras pacifistas intenções ocultas de oposição extremista, sintetisada na velha receita do «quanto peor, melhor...»

E' possivel que esta linguagem, que é integralmente republicana, não agrade a uns ou a outros,—ou a todos juntos. Eis o que nos ha-de fazer uma grande diferença...

Eles e Elas

Mais uma edição do interessante livro de Julio Dantas

O prosador admiravel, que é o dr. Julio Dantas, acaba de ver lançado no mercado mais uma edição do seu livro de cronicas «Eles e Elas». E', assim, por uma forma palpavel e evidente que o publico vai premiando a obra do autor dos «Galos de Apolo». A Julio Dantas, cuja pena honra o nosso jornal tem ficado alguns dos seus mais notaveis trechos, os nossos cumprimentos.

Dr. Ricardo Jorge

Parte ámanhã para o Cairo o sr. dr. Ricardo Jorge, ilustre diretor geral da saude, que, onde foi tomar parte numa reunião de sabios ingleses e franceses, que vão estudar as doenças epidemicas originais do Aix e que com tanta frequencia invadem a Europa. O eminente medico recebeu, assim, pelo convite extra-oficial que lhe foi feito, mais uma homenagem dos seus camaradas estrangeiros.

A conferencia Lloyd George-Poincaré

A partida de Lloyd George

LONDRES, 25.—O sr. Lloyd George partiu esta tarde para Lympne, onde deve tomar o vapor para Calais; dali deve dirigir-se em automovel para Calais a fim de conferenciar com o sr. Poincaré.

O regresso a Lympne efectuar-se-ha amanhã de tarde, tambem em vapor.—(H.)

A chegada a Calais

LONDRES, 25. — O sr. Lloyd George chegou a Calais onde partiu imediatamente para Boulogne, a fim de se encontrar com o sr. Poincaré.—(H.)

A partida de Poincaré

PARIS, 25.—O sr. Poincaré partiu de Paris para Boulogne hoje ás 8 horas e 40 minutos da manhã.—H.

Foi adiada a conferencia de Genova

LONDRES, 25.—O governo italiano informou os governos de que foi adiada a conferencia de Genova devido á crise do gabinete.—(Lat. Am.)

Migalhas

Carnaval

Onde estais, ó chéchés dos Carnavais da minha mocidade, com o vosso facalhão de cartão pratéado, a vossa bengala de castão de chavelho, a vossa luneta de lata e o vosso bicorneo, que, em letra de papel recortado, nos dava tão mal cheirosos conselhos?

Onde se sumiram os patuscos em fralda de camisa, com uma touca cheia de laçarotes, um abano numa das mãos e na outra um bispote — com perdão de Vosselencias?

E os galegos, com uma tripa colada no nariz e uma alcofa debaixo do braço? E as velhas alcoviteiras que diziam chalaças ás meninas empoadas?

E as cégadas do velho Portugal? E a dança da Bica, com os seus hercules e os seus volantes, os seus gladiadores montados em cavalos azairecidos com colchas de crochet?

Ainda vejo essas danças pirricas passarem na minha rua, no ultimo dia do Carnaval, sob a chuva que já começava a fazer grelar os tremoços e com uma duzia de gaiatos alumiando, a archotes fumarentos, o bando dos atletas de diadema de papelão na cabeça e embrulhados em capotes varinos, ou nos chailes felpudos das suas amasias baratas.

Durante a tarde, eu fôra para o Chiado ou para a Avenida ver desfilar o corso barato e pelintra das tipoias, em que meia duzia de pandegos, com o casaco voltado e com barrete de gomos, nos cegavam com projecteis varios, nos cobriam do pós de goma, nos ensurdeciam com gaitinhas e nos amofinavam rasgando com bexigas que custavam um tostão á porta dos salchicheiros. Passavam grandes galeras cheias de meninas vestidas de branco, que lançavam serpentinas e saquinhos cheios de feijão. Surgia sempre a certa altura o mascarado original, com um disfarce coberto de conchinhas ou de bilhetes de carro electrico.

E á noite eram os bailes de mascaras, cuja entrada custava cinco tostões, que duravam até ao romper da manhã, que cheiravam mal, onde se bebiam pipas de vinho, onde se jogava á pancada e onde aparecia sempre um dominó que nos intrigava a perguntar-nos noticias da nossa familia.

Esse Carnaval era estupido e sujo; mas eu tinha dezoito anos e permitiam-me que eu tenha saudades dêle. Como certas locandas espanholas, em que se come o que se leva de casa, eu levava o meu farnel de alegria, que não era escasso, e a graça que aquilo não tinha, o colorido que lhe faltava, o espirito que debalde se procuraria naquela chinfrinice dionisiaca, naquelas saturnais a preços reduzidos, levava-os eu comigo, na minha ancia de viver e de aproveitar a vida que eu supunha acabar em quarta-feira de cinzas.

O Carnaval morreu, oiço para ahi dizer. Dali, quem sabe lá? Talvez não morresse e seja eu que, por já não ter dezoito anos, me não saiba divertir com ele.

ANDRÉ BRUN.

Nos Estados-Unidos

Uma crise politica.—O ministro do tesouro vai demitir-se

NEW-YORK, 24.— A discussão da lei dando um subsidio aos que serviram na guerra provocou uma crise politica em que está envolvido mr. Mellon, ministro do tesouro, que provavelmente apresentará a sua demissão.

Para cumprir a lei, será necessario, nos dois primeiros anos um 200 milhões de libras. Todos os que trabalham protestaram contra as contribuições que seria preciso lançar para se apurar esta enorme quantia. No senado o senador Borah classificou o projecto de absurdo e frisou que o paiz, dentro de poucos anos terá que pagar 300 milhões de libras em pensões aos invalidos da guerra. Calcula-se que para pagar o que se deveria a todos que sofreram fisicamente com a guerra, seria preciso a extraordinaria quantia de 15000 ou 20000 milhões de libras.

Se a esta quantia se juntar outra para os combatentes aptos para trabalharem, não só prejudicaria a nação, como paralisaria a industria e o comercio perpetuando as legiões dos sem trabalho.—(Lat. Am.)

O pavilhão portuguez na Exposição do Rio

Lançamento da primeira pedra

RIO DE JANEIRO, 24.—Foi lançada a primeira pedra para a construção do pavilhão portuguez, na presença do pessoal da embaixada, consulado, autoridades e enorme multidão. Pronunciaram-se discursos, sendo erguidos vivas ao Brazil e Portugal muito aclamados.—(H)

A proposito dos "Olhos Cinzentos"

UMA CARTA DE SOUSA COSTA AO ESCRITOR :-:-: JOÃO AMEAL :-:-:

Meu caro João Ameal: Li ontem o seu livro. Li com inteiro prazer o prologo justificativo do seu processo, e a novela com um prazer cortado de condicionais.

Vê? Cá está o homem «do «charabanc» do lugar-comum», a espreitar o seu trabalho elapardado no fundo da boleia...

Li a novela com o prazer de quem vê confirmadas todas as magnificas virtudes do prosador de sangue heraldico que você se afirmou desde a sua estreia de cronista. Li-a, ao mesmo tempo, com a magoa de quem observa alguem que muito estima, pelo espirito e pelo coração, a tirar das suas arcas de sandalo peças de fino oiro, lavradas com a galanteria dos cinzeladores da idade de Benevenuto, e a pôr-lhes em cima cinza de cigarro—em vez de rosas babujadas do oiro musculo do notivago incorrigivel que é o senhor orvalho.

Quer dizer:—o modernismo em que você talha as tunicas requintadas dos sentimentos e das ideias, acho-o excelente. Não concordo com o artificio da vida que você envolve nessas tunicas.

Mas quererá isto significar, no entanto, que a impressão de magoa se mantivesse? De maneira nenhuma.

Uma hora depois da leitura dos «Olhos cinzentos», eu achava logico, mesmo interessante, o esforço que o meu amigo dispendeu para se distanciar de si proprio.

Que demonio! O João Ameal tem vinte anos—considerei. E' o filho familia duma epoca que não sabe o que quer, prêsa ainda á era que pas sou pelo cordão umbilical das convenções seculares, procurando corta-lo para se lançar na rota da era de amanhã, uma India povoada de misterios. E, por aquilo e por isto, com vinte anos, ele não pode olhar a vida senão através do seu criterio—o criterio do nomada em frente ás grades duma prisão. A vida de hoje não é só o coração á esquerda, o figado á direita, a cabeça sobre os hombros, a remater as pernas e os pés que tambem são pés, patas tantissimas vezes. Ela é a simetria da hora, a camisa de forças da praxe, a grilheta escravisante do preconceito. De maneira que você, cheio de mocidade, cheio de talento, cheio da febre da hora que passa—hora que cai da torre da incerteza em badaladas que todos ouvem e ninguem percebe—lançou-se ás grades da prisão, na ancia de as quebrar. E' logico. E' natural. Daí, os «Olhos cinzentos». Daí, essas dezenas de paginas, faiscantes de beleza, através do verosimil da sua atitude.

O seu caso, meu amigo, afóra as circunstancias especiais da epoca, é um pouco o caso do Eugenio de Castro—o precursor do modernismo actual. E os extravios de Eugenio de Castro, da sua vida «après-nature» para a vida da sua ilusão, longe de prejudicar, beneficiou. A vida ficou mais ou menos onde estava. E ele, com o peso dos anos, veio descendo da sua torre altaneira até á campina em que ela se multiplica sempre, copiando-se invariavelmente—em que as couves vegetam eternamente verdes, em que os rouxinois de hoje cantam a sinfonia da Primavera cantada pelos rouxinois que deliciaram o ouvido do Senhor ao quinto dia da Creação.

Mas trouxe para a vida, do alto da sua torre, irisações novas, novas côres, para a evocar e adornar.

Assim, meu caro Ameal, se ou por cá andar ainda uma duzia de anos, e se a face das coisas se não modificar tão absolutamente que a vida de ontem tenha afinal as suas parecenças com a de amanhã, espero vir a ser testemunha de caso semelhante. Você não descerá ao «char-à-bancs» do lugar-comum. Mas entrará na sua boleia doirado da graça e do requinte—pois o vôo altaneiro do avião, mostra-nos o mundo ás avessas—reconstituindo-o, palpitante de verosimilhança, nas suas formas superiores.

E já não é pouco dar-lhe, a mais do que tem hoje, a novidade exultante da sua prosa modernista—em que ha, na verdade, o tilintar de cristais, o rumorejar de sedas, o relampejar de pedrarias desconhecidas no Grandela do lugar-comum...

Seu, etc. etc.

SOUSA COSTA

Um reclame interessante

Pastilhas Bebitas

A casa Raul Vieira, Lda, rua da Prata 51, acaba de editar um interessante cartão de reclame ás pastilhas «Bebitas» de mentol e anis. Trata-se dum garoto de jornais, transportando debaixo do braço, pequenos exemplares da «Capital». Dentro de cada exemplar vem o reclame respectivo.

Muito gratos, ficamos com a lembrança da casa Raul Vieira Lda.

A saude de Lisboa

Não ha motivo para alarme

O que nos diz o dr. Arruda Furtado, diretor do Hospital do Rego

No interêsse do publico, os jornais têm sempre em mira trazer á tela da discussão os assuntos que vão correndo de boca em boca, fazendo sobre êles toda a luz possivel. Foi com êsse intuito que procurámos o sr. dr. Arruda Furtado, ilustre director do Hospital do Rêgo.

No que vai ler-se ha censuras á imprensa portugueza. Devemos simplesmente objectar que bastas vezes, por intermedio das agencias telegraficas, temos noticiado o desenvolvimento de doenças epidemicas em alguns paises da Europa.

Como se vê, o segrêdo não é tão grande...

Entre o diz-se e o consta, que andam por ahi de boca em boca, falase, com certa insistencia, no aparecimento de alguns casos de doença suspeita, estando por êsse motivo detidos no Hospital do Rêgo, para observação, alguns individuos.

Sem intuito de alarmar, procurando obter informações mais concretas sobre êste assunto, dirigimo-nos ao sr. dr. C. d'Arruda Furtado, ilustre director do Hospital do Rêgo.

A' primeira pregunta, o sr. dr. Furtado diz-nos:

— Os senhores acabarão por alarmar a cidade, á fôrça de quererem fazer uma grande publicidade.

E sucederá que, uma coisa que não tem importancia de maior, será ámanhã avolumada, aterrando toda a gente e causando-nos embaraços no estrangeiro.

— Mas foram isolados alguns doentes...

— Ha que distinguir doentes de individuos detidos para observação.

E' logico que os medicos, á menor desconfiança, mandem isolar os moradores de um predio ou de ruas. Dahi parecerá, quando se sabe que é grande o numero de detidos, que são todos doentes e que, por consequencia, estamos em face de uma epidemia terrivel.

— Mas estas medidas obedecem a alguma razão?

— Ha sempre, mesmo nos periodos mais normais, um ou outro caso de que os medicos desconfiam, e dahi o aplicarem-se logo medidas rigorosas. E' o nosso dever, e, se o não fizessemos, toda a gente clamaria e com razão. O que não impede que, sem razão, as pessoas que tenho internadas no Hospital do Rêgo barafustem contra um inesperado cativeiro, que êles acham injusto. E' conveniente que se diga que o caso não é para sustos. Não toquem os senhores a rebate falso, que nos pode ser bastante desagradavel.

A nossa imprensa, ás vezes, para ser noticiosa, prejudica e dahi o retraimento que os senhores sempre encontram nos medicos.

Quere ouvir um caso curioso: Numa enfermaria de Saude Publica Internacional, a que assistiu o sr. professor Ricardo Jorge, como nosso representante, foi por êste proposto que fosse internacionalmente considerado segrêdo profissional o conhecimento de doenças suspeitas. A proposta foi aprovada e o que é interessante é que, quando o sr. dr. Ricardo Jorge chegou a Portugal, havia na Chancelaria dos Estrangeiros uma queixa contra a imprensa portugueza que relatava minuciosamente o aparecimento de doenças suspeitas, chegando mesmo a fotografias.

Lá fóra, estas determinações cumprem-se a rigor. Assim, ha perto de um ano, quando houve peste em Paris, só se teve conhecimento pelos jornais quando, passados seis meses se tinham verificado duzentos casos. Esta cifra, que parece enorme para o publico, não é para os medicos, se atendermos á população da cidade e á média da mortandade.

Isto, sem eu deixar de ser amigo da imprensa, mas julgo que noticias desta responsabilidade se não deviam dar sem ouvir tecnicos no assunto. Em contraposição, os senhores não publicam, por vezes, as que deviam publicar.

— Como assim!

— Ha dias, a Direcção Geral de Saude Publica enviou para os jornais uma nota que interessava aos medicos e á saude publica e os senhores não a publicaram. Ou melhor, os dois jornais que a publicaram, creio que o *Seculo* e *Noticias*, deturparam-na de tal maneira, que ficou parecendo outra coisa.

— Nós não tivemos conhecimento dessa noticia; poderia v. ex.ª informar-nos?

— Era um pedido da Direcção Geral de Saude aos medicos da capital para que, logo que nas suas clinicas encontrassem algum caso suspeito, fazerem comunicação.

— Mas, então, ha alguma coisa?

— Não, são observações; não é caso para sustos. Nada mais lhe posso dizer, procure o sr. delegado de saude, dr. Gonçalves Marques.

— O sr. dr. Gonçalves Marques não gosta muito de avistar-se com jornalistas; não nos dirá nada.

O sr. dr. Furtado esboça um sorriso.

— Os senhores é que têm a culpa. O sr. dr. Marques está já muito experimentado.

E, enquanto nos despedia:

— As medidas tomadas não têm um caracter absoluto de excepção. Os isolamentos são naturais, sempre que os medicos tenham quaisquer desconfianças. Não isolar é que seria para temer. Olhe, ha outras doenças que merecem mais atenção — a sifilis, por exemplo. Você não calcula o que para ahi vai; é um verdadeiro horror!

Se quizer conhecer alguns casos apavorantes, apareça pela minha enfermaria do Hospital de S. José. Isto é que era preciso ser conhecido.

SEGREDO Á TODA A GENTE

Antonio Candido e os novos

O grande orador, legitimo orgulho da oratoria portuguesa faz, no dia 30 de março, setenta anos.

Ess... curiosissimo espirito de escritor que é Augusto de Castro veiu ontem, numa pagina de comovida ternura chamar a nossa atenção para o facto, lembrando que todos nós, grandes e pequenos, prestemos, nesse dia, homenagem á figura admiravel de Antonio Candido onde tudo é superior desde a nobreza do caracter e do pensamento até ao esplendor ofuscante da expressão verbal.

A ideia de Augusto de Castro encontrou já á sua volta alguns dos nomes mais gloriosos da literatura contemporanea entre os quais me seja licito citar o nome duma mulher: Veva de Lima.

Que os novos tambem — e é preciso, mesmo isso que eu quero, sugerir na minha chronica de hoje—não deixem de acompanhar a ideia de Augusto de Castro prestando a sua homenagem ao grande orador que revivo, nest instante, deante de mim, com o seu gesto em que a sua palavra de oiro seduzia multidões, com a sua bela cabeça de tribuno, os seus olhos vivos chispando clarões, os seus gestos serenos, fulgentes, simples, movendo-se, chetos de distinção e de raça, com a calma nobreza de Cicero compondo, perante o Senado, as pregas da sua toga...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O sr. Damião dos Santos, adjunto da P. D. S. é assaltado pelos socios do "Grupo dos 13"

O sr. Damião dos Santos, adjunto da Policia de Defeza Social, quando pela 1 hora da madrugada de hoje, acompanhado de dois amigos, saia do Salão Foz e se dirigia pela Calçada da Gloria, foi assaltado por cerca de 30 individuos pertencentes ao «Grupo dos 13», que armados de mocas e pistolas o pretenderam agredir.

O sr. Damião dos Santos, conhecendo que a intenção dos assaltantes era a de o agredirem, pois diz saber que foi condenado á morte numa reunião daquele grupo, chamou em seu auxilio a policia, que ainda prendeu um dos que mais se salientara.

LANDRÚ

foi executado

VERSAILLES, 25—**Landru foi executado ás 6 horas e 4 minutos sem incidente.—(H)**

A sua presença de espirito

VERSAILLES, 25 — Landru mostrou sempre grande presença de espirito, não cessando até ao fim de protestar a sua inocencia. Agradeceu efusivamente ao defensor, recusou ouvir missa, dizendo para não fazer esperar «esses senhores».—(H).

Aos doentes sifiliticos

O ilustre especialista do Porto, sr. dr. Aroso, tem empregado com o mais brilhante exito os supositorios «Avariolina», no tratamento e no diagnostico da «Avariose». Pedidos a Raul Vieira Ld.ª, Rua da Prata 51.

UMA OBRA DE SANEAMENTO

As mulheres de amanhã

Protecção á Miseria

Quando eu cheguei a Lisboa, de volta do centros de hyper-civilisação, o que mais feriu a minha sensibilidade foi a desordem e a desmoralisação da rua.

Por muito tempo, de volta a casa, eu chorava, com saudades da minha Lisboa de antes da guerra, uma Lisboa em ordem apesar de um tudo nada estouvada nas horas de folga.

Essa Lisboa, amorosa sem licença; essa Lisboa, compassiva o boa para os infelizes, essa Lisboa, que tinha o quintos de amabilidade para o estrangeiro que vinha pedir-lhe um beijo de sol; essa, tinham-na os maus fados transformado numa Lisboa egoista e indiferente, numa Lisboa desmazelada, que trazia por debaixo da saia de seda uns atilhos sujos a arrastar.

O que eu sofria no meu orgulho de portugueza de lei, amando o seu paiz acima de tudo, quando, nas ruas, surpreendia um gesto, do tedio umas vezes, de desejo outras, nesses olhos tristes em demanda da luz bemdita do nosso ceu de anil, no toparem no seu caminho mendigos lamuriosos e raparigúinhas de sorrisos murchos e dubios, já tocados na alma e no corpo pelo virus da prostituição, nem eu posso á dizê-lo, mixto de raiva e dor, que só de recordar me tortura ainda, atravez da minha resignação forçada.

Para de alguma maneira aliviar a minha magua, fiz nas colunas de «A Capital» uma campanha contra o abandono, por essas vielas, dos homens e das mulheres de amanhã, e, ainda ha pouco, no «Ilustração Portugueza», eu vinha arquivando artigos em prol de instituições de caridade, que podessem habilitar-se a deitar a mão protectora a essa chusma de miseraveis, que morrem de fome á cada canto de rua, tristes desmancha-prazeres dos adeptos do turismo.

Alberto Lelo Portela, começou a interessar-se a valer por essa obra de saneamento, perfilhado, logo a seguir, pelo seu sucessor na chefia do distrito, o sr. dr. Falcão Ribeiro.

Os vaivens da politica não deixaram um nem outro fazer obra estavel.

O actual governador civil, o brioso militar capitão Santos Lobo, condoido da sorte dos da lama, sonha com uma grande obra de regeneração social.

Para isso começou já a internar os mendigos na Albergaria de Lisboa, instituição prestimosa e utilissima para esta obra de hygiene moral, e que bem mereceu o auxilio de todos os que com Portugal não deixaram ainda com o egoismo lhes entrasse no coração.

Para as esposas e mães do futuro, teve s. ex.ª o concurso do Albergue das Creanças Abandonadas, onde recolheram as incorrigiveis, ficando as maleáveis no Colaboraço das mulheres, do Governo Civil.

Este-se a ver que é uma medida transitoria, mas indispensavel, para não deixar mais tempo essas creanças em contacto com o vicio, demolidor de sociedades.

Penso que o governo secundará, e ajudará mesmo, o gesto redentor do benemerito chefe do distrito, creando escolas domesticas, á semelhança do que se faz lá fóra, onde as raparigas aprendem a ser excelentes donas de casa, a par da instrução indispensavel ao seu papel, no meio em que são destinadas a viver. Escolas, onde tenham a sugestão constante da honestidade e do dever, que mais tarde lhes incumbirá de educadoras de homens, onde em prelições, faceis e claras, lhes façam compreender a acção forte que lhes está destinada na organisação de novas familias, sadias de corpo e alma, melhor armadas para a luta pela vida, cada vez mais cheia de ciladas. E' preciso que elas, essas portuguezinhas um momento transviadas, se sintam orgulhosas, por serem as modeladoras do novo Homem, do Homem Portuguez de amanhã, que ha-de redimir-nos dos desvarios da hora que passa, e que cremos nas voltará.

MERCEDES BLASCO

A extradição dos assassinos de Dato

BERLIM, 15.—O ministro da Justiça, Radbrach, explicou no Reichstag que a extradição dos assassinos de Dato pedida pela Espanha foi baseada no tratado de 1878.

O assassinio foi cometido por motivos politicos mas não com propositos politicos.

A resolução do governo tornou-se antipatica por motivos de humanidade e legais e trás a revisão dos tratados de extradição. O governo demonstrou isto ao embaixador de Espanha, opinião esta que está de acordo com o sentimento do povo alemão. —Lat. Am.

A questão dos cabos submarinos

WASHINGTON, 25.—Na quinta-feira houve uma conferencia entre os embaixadores da França, Inglaterra, Italia e Japão, para examinar a questão da distribuição dos antigos cabos submarinos alemães no Atlantico.—(R.)

O momento financeiro

Iniciou-se na praça um movimento de acentuada melhoria na flutuação cambial—O que consta acerca das negociações financeiras patrocinadas — pelo Governo — —

Hoje, logo que abriram os Bancos começou a desenhar-se uma situação cambial bastante favoravel. O movimento acentuou-se decisivamente depois do meio dia e a estas horas, que são as 14, nada indica que se efetue um recuo, antes pelo contrario.

Acerca das causas determinantes da melhoria cambial procuramos informações nos meios autorisados, mas não oficiais, e eis o que conseguimos saber, com mais visos de verdade mas, ainda assim, sujeito a confirmação ou desmentido oficiais, que não poderão incidir, aliás, senão num ou noutro pormenor de importancia secundaria.

A causa fundamental da maior valorisação da moeda nacional reside, como não podia deixar de ser, na confiança nascente acerca da estabilidade governamental e da consolidação da ordem publica. O exito feliz, alcançado pelo Governo, na questão da supremacia do Poder Civil, tranquilisou os espiritos timoratos e deu alento aos «brasseurs d'afaires».

Renasceu, pois, a actividade geral e os negocios começam a intensificar-se, trazendo para a praça uma maior quantidade de numerario. Repetamos o factor da estabilidade governamental tão importante, que não hesitamos em afirmar que essa circunstancia é suficiente, só por si, para explicar o fenomeno da melhoria repentina do cambio.

Mas ha outros factores, embora apenas em germinação. Segundo as mais autenticas informações, o governo ocupa-se neste momento, de duas negociações financeiras importantes ambas a caminho de exito pleno. São estas:

Constituição duma empreza particular para exploração dos barcos dos Transportes Maritimos do Estado;

Emprestimo externo, com base na realisação da indemnisação alemã.

E' positivo que os navios estão em vias de ser explorados pelo Estado. O sr. Conde de Penha, da Empreza Nacional de Navegação, tem conferenciado, a proposito, com o sr. Ministro das Finanças e pode muito bem acontecer que seja essa empreza que incorpore todos ou parte dos barcos dos T. M. E.

Um incidente está impedindo o bom termo das negociações. As dividas particulares dos T. M. E. sobem a mais de 50.000 contos.

O Governo, não tendo creditos abertos para pagar tudo, não paga nada.

Entretanto, se é verdade que não ha dinheiro suficiente para saldar totalmente as contas dos fornecedores, tambem é certo que as sobras de dois duodecimos, já aprovados pelo Parlamento, poderiam e deveriam ser aplicados no pagamento dos debitos menos avultados.

Falando agora do emprestimo externo, diremos que os «pour parlers» estão adiantados. As negociações, entretanto, não são faceis e é provavel que se não chegue a resultado definitivo antes de resolvidas certas questões internacionais, que mais importam ás grandes potencias que a nós proprios. A conferencia de Genova deve ter resultados positivos para Portugal, principalmente no que respeita á efectivação das garantias que o governo da Republica Imperial para pagamento, a prasos, das respectivas indemnisações.

Além destas operações fala-se ainda noutra, embora vagamente. Diz-se que o Governo não encararia com antipatia uma renovação imediata do contracto dos tabacos, estendendo-se o monopolio aos Açores, Madeira e até mesmo ás nossas duas Africas.

"A CAPITAL" publicará brevemente DUAS EDIÇÕES

A crise politica na Italia

O rei ouve o sr. Facta

ROMA, 25.—O rei recebeu esta noite o sr. Facta. Nos centros parlamentares crê-se que o rei lhe confiará a missão de formar gabinete.—(H.)

Facta vae formar governo

ROMA, 25.—O sr. Facta aceitou a missão de organizar gabinete.—(H.)

MUSICA

S. Carlos

CARMEN

Com a mais linda sala desta epoca, sua ex.ª o sr. Presidente da Republica, governo, e a lotação completamente esgotada, cantou-se ontem em S. Carlos pela primeira vez, neste ano a «Carmen» de Bizet.

A interpretação que ela tevo e o facto de se terem estreiado nela dois artistas, merecem um comentario um pouco mais além da simples nota traçada sobre o joelho, ao correr da pena.

Bizet, que pouco tempo depois da estreia desta obra, morria cheio de desgosto pela fórma como o publico e a critica a receberam, teve depois—se as almas distanciados dos corpos ainda podem sentir—o supremo consolação do seu triumfo. As multidões teem por vezes destes atos de inconsciencia e de injustiça. E' cheia de caprichos a psicologia das multidões e mal andará quem quizer formar uma opinião segura baseada no juizo das plateias.

Elas são sempre levadas pelo capricho do momento, um simples nada as orienta e as dirige e julgam com a mesma indiferença e o mesmo supremo desdem com que os imperadores romanos do alto da tribuna engalanada, baixavam ou erguiam o polegar como sinal de morte ou de absolvição.

Bizet que na Carmen tinha posto o melhor da sua arte não poude achar em vida o triunfo da obra. Justiça, fez-se, mas mais tarde, quando se viu o que havia de grande da alma latina dentro daquela partitura, quando se começou a sentir a riquesa de harmonias e a belesa da concepção e da fórma.

Justiça fez-se quando a injustiça já tinha produzido os seus efeitos.

As plateias lembram por vezes os meninos que apetece meter no quarto escuro... depois de lhes ter dado dois açoites.

* * *

A interpretação do papel de Carmen presta-se a ser tomada sob diversos aspectos.

Até hoje—o publico tem sempre no fundo qualquer coisa de animal—teem as plateias aplaudido a Carmen cuja perversão é plena de animalidade, a Carmen que cheira mal, a mais ordinaria de todas as mulheres, vinda da mais baixa camada e fazendo—como se costuma dizer—gala na miseria.

Será esta no teatro lirico a verdadeira interpretação? O teatro lirico que prima pela falta de senso logico, pela irrealidade, pelo aborto scenico, o teatro lirico que tem o especial condão de enterrar o trabalho dramatico dos artistas, só pode e só deve viver pela estilisação das suas figuras.

Isto não é condenar em absoluto o realismo dentro da opera. E' apenas coloca-lo no seu respectivo lugar, como excepção a ser realisada apenas por aqueles que, dada uma coincidencia ou um acaso, possam realisar esse realismo numa absoluta integridade.

* * *

A «Carmem» que ontem se cantou em S. Carlos foi interpretada por Elen Sadoven duma maneira estilisada. Não foi a «Carmen»—depravação que em geral se apresenta ao publico.

Foi o requinte dum temperamento tragico que vibrou nos seus nervos, que nos deu no 1.º acto uma «Carmen» provocante, cheia de sensualismos, desenhando a figura com a verdade que a estilisação encerra, vincando bem o ambiente e a condição de «Carmen», sem descer á grossaria e mantendo sempre até nas proprias frases em que o meio se revela o equilibrio da figura traçada.

Nos outros actos essa figura desenvolve-se e todo o fatalismo, todo o prazer pela bravura e toda a altivez que se mistaram no caracter da Raça tiveram em Sadoven uma extraordinaria interprete.

Foi uma grande actriz que se revelou ao publico de S. Carlos, uma grande actriz que se evidenciou em pequeninos gestos, em pequenos pormenores indicadores dum cuidado de interpretação fóra do vulgar.

A maneira como cantou toda a opera foi cheia de intuição e de expressão. Pena foi que os dois primeiros actos se tivessem resentido da manifesta agitação nervosa em que se encontrava. Tanto nos graves, como nos agudos a voz é cheia de brilho, dum timbre claro e forte que a tornam muito agradavel.

Alma Bacci que pela primeira vez desempenhou a «Micaela» deu-nos a par duma nota de ingenuidade bem marcada, a sua voz lindissima.

No final da ária do terceiro acto foi merecidamente muito aplaudida.

Vicenta Llorio e Luiza Conde muito bem.

Stefan Bielina deu-nos um «D. José» brilhante. Cantou admiravelmente todo o seu papel sendo notaveis a maneira como cantou as árias dos primeiro e segundo acto e toda a scena final do quarto acto. A forma como disse a frase final do terceiro acto foi inegualavel. A par do grande cantor foi um grande actor. A grande ovação que o publico lhe tributou foi bem o triunfo do seu trabalho.

Eurico Roggio foi um Escamillo correcto. No dificil papel, que desempenhou, conseguiu vencer as dificuldades o que já é alguma coisa. A sua figura teve vivacidade e correcção.

O baixo Griff muito bem no capitão Zuniga e Praii», Fernandes e Eraudin correctamente, contribuindo para um conjunto agradavel.

A orquestra foi dirigida pelo maestro russo Jacques Samossoud. Duma grande sobriedade de gestos a sua maneira de reger é cheia de firmeza e de relevo.

O quinteto do segundo acto, tão cheio de dificuldades, foi admiravelmente conduzido bem como o entre acto do 4.º acto em que Samossoud revelou a sua sobriedade e o relevo que sabe imprimir da partitura.

Coros admiraveis, bailados bem e cenarios e guarda-roupa sofriveis.

B. C.

Carta da Italia

Roma, 18 de fevereiro

A coroação de Pio XI—Sugestiva e impressionante cerimonia—Imponentes manifestações de jubilo—O Papa renova a sua benção—O entusiasmo da povo

A ceremonia da coroação de Pio XI realisou-se solenemente, na manhã de domingo ultimo, na basilica do Vaticano.

As portas do templo foram abertas á multidão, cerca das seis horas da manhã, a qual desde a madrugada começou a afluir á Basilica. Esta apresentava, momentos depois, um aspecto solenissimo.

Da porta principal até ao altar da confissão, duas grandes bancadas formavam o corredor pelo qual devia passar o cortejo papal. Em elegantes tribunas, preparadas para este fim, tomaram logar o corpo diplomatico, o patriciado romano, a Ordem de Malta e do Santo Sepulchro e os convidados. O throno pontifical foi erguido diante do altar-mór.

E em frente do trono foram colocadas duas filas de bancos forrados de vermelho para os cardeaes e outros de verde para os bispos, abades e padres da Curia. Do altar-mór ao da Confissão estendia-se um rico tapete verde.

A assistencia oferecia um belo aspecto. A familia do Santo Padre ocupava um logar especial á esquerda do trono.

Bateram as 8 horas. As notas vivazes de uma marcha militar fizeram-se ouvir, primeiro dum ponto longinquo e depois de pontos cada vez mais proximos. Era a guarda palatina, a qual composta de quatro companhias, entrava em S. Pedro. Duas companhias dispozeram-se em duas filas aos lados do corredor central para prestarem as suas honras ao Papa e as outras duas tomaram logar ao lado do altar e nas proximidades das tribunas para o serviço de ordens.

Os camareiros de capa e espada com a sua farda hespanhola scintilante de condecorações, recebiam os convidados, acompanhando-os aos logares que lhes eram destinados.

A's 8 horas e meia chegou a S. Pedro a guarda nobre. Era em numero de oitenta e formava um grupo maravilhoso, marchando a quatro de fundo.

Levantou-se um grito imponente da multidão, quando apareceu a figura veneranda do Papa.

«Viva o Papa, foi o seu brado unanime e solene, ao qual fizeram éco ovações intermináveis.

O Santo Padre estava de tal modo comovido que parecia não ter força para sustentar o peso da taira.

Os seus olhos cheios de vida pareciam fixrr rigidamente um ponto longiquo. De quando em quando levantava a mão direita e fazia o sinal da benção.

Como, porém, os clamores da multidão continuassem, o Papa tentava reprimil-os levantando as mãos num gesto que lembrava um silencioso conselho paterno.

Tomando assento no seu trono, recebeu o Papa a obediencia dos cardiais e dos representantes dos bispos e dos abades. Depois de revestido com os ricos habitos pontificais para a celebração da missa, formou-se o cortejo, o qual era aberto pela guarda suissa.

O Papa seguia abençoando no meio dos seus camareiros particulares e debaixo de um amplo baldaquino levado pelos prelados.

A multidão prorompia, de quando em quando, em aplausos freneticos. Era a primeira vez que se via o novo Papa em toda a exaltação da sua gloria. Os fieis, á sua passagem, ajoelhavam e benziam-se. A' volta do Papa seguiam os grandes dignitarios da corte pontificia rodeados por grupos brilhantes da guarda nobre.

Pouco depois, começava a missa, durante a qual foi lançado sobre os hombros de Sua Santidade o sagrado manto, simbolo da dignidade episcopal.

Seguiu-se-lhe o juramento de obediencia dos cardeais.

Um por um os cardeais avançavam até á grade do trono, beijando o pé e depois a mão de Sua Santidade.

Terminado o canto do «Crédo», o Pontifice subiu ao altar para ofertar a Deus a hostia e o vinho.

Acabada a cerimonia da missa e da consagração da hostia e do vinho, Sua Santidade deu uma volta pela Basilica para mostrar a toda a assistencia o grande misterio. Fez-se na basilica um grande silencio cheio de profunda adoração.

O momento foi de uma comovente solenidade.

Depois da oração da paz seguiu-se-lhe a comunhão acompanhada de um rito especial exclusivo da missa papal. Depois de lançada a benção apostolica e, lido o ultimo evangelho, começou a cerimonia da coroação. O cardeal Billot tomou a tiára pontificia e colocou-a sobre a cabeça do Papa eleito, pronunciando em latim estas palavras: «Padre dos Principes e dos Reis», «Director espiritual do mundo», «Vigario do Salvador, N. S. Jesus Cristo».

Pio XI levantou-se e, radiante sob o esplendor da tiára, lançou a benção.

Os cantores entoaram os hynos devidos ao novo pontifice: «Tu es Petrus» e o «Ecce Sacerdos Magnus».

O cortejo foi de novo recomposto, seguindo o Papa, sorridente e abençoando, por entre a multidão que o aclamava.

Uma enorme multidão, de mais de duzentas mil pessoas, não podendo assistir ás cerimonias, aguardava na praça de S. Pedro que o Papa lhe lançasse a benção da sacada exterior da basilica.

Branco, hieratico e austero na sua comoção, o Papa apareceu diante da multidão.

E, num instante, antes mesmo que o Papa levantasse a mão abençoadora, a multidão acolheu-o com uma formidavel aclamação.

E sobre a multidão desce a benção apostolica ao mesmo tempo que os oficiais dão ás guardas do Vaticano a voz de apresentar armas.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DE COISA NENHUMA

A pequenada anda ai por Lisboa exibindo a graça que Deus lhes deu juntamente com a que a familia lhe vestiu.

Ontem seguiam pela rua do Ouro dois garotos com 7 a 8 anos de idade.

Ambos iam mascarados de oficiais do exercito e os dois levavam nas mangas de cotim os galões de... coroneis.

Já é vontade de deitar mau agoiro á vida dos pequenos...!

* * *

Aterro fóra seguia um carro electrico guiado por um soldado da G. N. R. O condutor tambem da guarda fazia correct mente a cobrança.

De repente alguem fez sinal para parar.

—Faça alto.

E depois militarmente:

—Ordinario, marche!

—A... celerado!

E uma franca gargalhada echoou pelo carro.

* * *

Quando no Terreiro do Paço desfilavam os trens dos excursionistas americanos, dois autenticos lapuzes, daqueles que costumam desembarcar na ponte dos vapores, comentaram o caso.

E disse um deles com seu ar de espertalhão:

—Pois os americanos teem achado a cidade bem bonita!

Ao que o outro retorquiu logo, dando-se ares:

—Ha bocado passaram uns aqui que, quando viram a praça e os arcos e o cavalo, deram um estalinho com a lingua e disseram:—Papa fina! Ouvi eu.

Tiveram, sem querer, um pouco do velho espirito português.

BOTTO DE CARVALHO

* * *

Dada a melhoria que se nota na situação economica geral na França, e principalmente devido ao esforço feito pelo Estado para equilibrar as despezas publicas, sem recorrer a novas emissões de notas, o franco aumentou extraordinariamente no mercado americano.

Abriram-se hoje as transacções a 9,18 centimos. Esta cotação nunca tinha sido atingida desde que principiou a crise dos cambios. Isto fez sair o valor a 10 86 1/2. Em 23 de janeiro, o franco nao valia ainda senão 8,02.

A libra esterelina melhorou igualmente em New-York, e atingiu uma alta desconhecida ha muito tempo. Como porem, a sua subida foi menos brusca que a do franco, é comentada menos vivamente. A cotação do marco é bastante baixa.

* * *

Inaugurou-se em Alexandropol, no Caucaso do Sul, o maior hospital do mundo para crianças, que será dirigido pelo dr. Uhls de Titchbuarg.

O estabelecimento foi edificado com capitais dos Estados Unidos pela Comissão de socorros do Oriente. O hospital tem 2,700 camas distribuidas por 40 pavilhões.

Quando completamente construido terá 6.000 camas. O dr. Uhls disse: «Vamos encetar uma campanha energica contra a Trachoma e esperamos salvar milhares de vidas. Esta doença, nesta parte do mundo, é tão velha como o Nilo ou o desert.; mas nos ultimos cinco anos da guerra tomou um grande incremento. Crianças vindas duma area maior do que New England chegam constantemente para um tratamento que pode durar de 3 mezes a 1 ano, conforme a gravidade da doença. As crianças são de varias nacionalidades, principalmente armenios, judeus, russos e gregos.».

* * *

Essa dança alegre que as francesas denominam «Chevalet» e que, ha dias, em Montpelier, foi executada em honra de Mr. Millerand, tem curiosa origem. O bailado rustico recorda a reconciliação de Pedro II, rei de Aragon e Montpelier, com Maria, sua esposa, filha de Guilherme, ultimo feudatario desta cidade que ela levara em dote.

A princeza, mais atraente do que bela, não inspirára, assegura-se, grande amor ao rei, tanto que não lhe déra nenhum penhor da sua união.

Vivia, pois, longe, em Mireval, a duas leguas de Montpelier. Um dia, a quando duma caçada, e sob os pedidos dum cortezão, o monarca seguiu até Mireval reconciliando-se com a linda Maria. O rei, encantado, regressou, a cavalo, de Mireval a Montpelier, trazendo a rainha na garupa. Então o povo, contente, veio ao seu encontro e dançou, jubiloso, ao derredor do palafrem que conduzia o regio par. O que a multidão fez sem outro intento, continuou no reinado de Jacques, filho de Pedro, pois todos estavam convencidos de que o seu nascimento se devia á reconciliação do pai com a rainha.

Foi assim que os montpelierenses para mostrar ao novo rei quanto lhes era querida essa lembrança, encheram de palha a pele dum cavalo que levaram a Lattes, onde o rei se encontrava, e dançaram, na sua presença o bailado que, no tempo de seu pai, dançaram no caminho de Mireval.

Eis porque o bailado se guardou na tradição dos habitantes de Montpelier e tem sido testemunha das suas festas mais belas.

* * *

Tem causado grande sensação a prisão do director do Banco Industrial da China acusado de ter encoberto o enorme deficit do Banco fazendo duas escritas e havendo um grande numero de politicos e directores de jornais que recebiam um pagamento anual certo de 30 mil francos.

Esta sensação aumentou com o desaparecimento da lista que fazia parte do relatorio oficial apresentado ao senado em que apareciam os nomes dos principais devedores do banco quando se lhe pedia para aprovar o credito de 300 miiiões de francos para restabelecer o banco com o fim de conservar o prestigio francez no Extremo Oriente.

Vai ser nomeada uma comissão de 33 parlamentares para investigar esta questão.

"Casa dos Jornalistas,,

Ex.mo Sr. Director da «Capital».

Publicou ontem o jornal que v. ex.ª dirige, como publicaram todos os jornais da tarde, a convocatoria da Assembléa Geral da Casa dos Jornalistas para o dia 5 de março, pelas 15 horas na séde provisoria da Casa, Redacção da Opinião, Largo de Trindade Coelho, 10 1.º

A' maior parte dos jornais, tanto da tarde como da manhã entreguei pessoalmente, com o pedido de publicação, copia, em prova tipografica, da convocatoria e da carta explicativa que a acompanhava. Foram poucos os jornais para os quais me servi de outro meio de entrega, por impossibilidade de a todos a fazer pessoalmente.

Foi, pois, com surpreza, que notei que, de todos os jornais da manhã, apenas a *Imprensa da Manhã*, o *Jornal do Comercio e das Colonias* e *O Rebate* publicaram a convocatoria em questão.

De um jornal consegui saber, que apenas por falta de espaço a não havia publicado.

Dos outros não consegui saber a razão da falta de publicação de uma convocatoria que, tendendo a dar existencia legal a uma colectividade como é a Casa dos Jornalistas, parece que deveria ter tido o mais favoravel dos acolhimentos.

Provavelmente, razões imperiosas surgiram a impedir essa publicação, sendo, pois, natural, que me abstenha de comentar mais largamente, sem conhecer essas razões, uma falta de publicação, que, no entanto, não impedirá a realização da Assembléa Geral da Casa dos Jornalistas, no dia, hora e local indicados na Convocatoria, visto se terem cumprido as condições de publicidade de convocação fixadas no artigo 27 dos Estatutos.

Com os meus agradecimentos pela publicação da Convocatoria e antecipando agradecimentos pela publicação desta me subscrevo com a mais alta consideração.

De V. Ex.ª
Col.ª Vnr.ª e Obr.ª

O Vice-presidente da Assemblea Geral

João Calado Rodrigues

Do sr. Raposo de Oliveira, recebemos a carta que segue em resposta duma outra que ontem nos foi enviada pelo sr. dr. João Calado Rodrigues:

«Meu presado camarada»; — Em provas saidas do jornal «A Opinião» e enviadas a todos os jornais da tarde de ontem, apareceu publicada uma carta do sr. dr. João Calado Rodrigues, seguida duma convocatoria de assembleia geral da «Casa dos Jornalistas» para o dia 6 do março, a fim de se tratar disto:

«Organisação definitiva da relação de socios com direito ao voto».

Deve tratar-se—tratar-se, com certeza—dum equivoco do sr. dr. João Calado Rodrigues. E esse equivoco é tanto mais lamentavel, quanto é certo que contando s. ex.ª amigos nos corpos gerentes, «de nomeação provisoria», da «Casa dos Jornalistas», com nenhum deles trocou impressões ácerca dessa convocação, que o sr. dr. João Calado Rodrigues certamente não se daria ao trabalho de fazer por varias razões que, sem duvida, calariam no seu espirito de advogado ilustre.

Sua ex.ª sabe bem que as reuniões até agora feitas teem sido «reuniões de classe», e não de assembleia geral, visto que não pode haver assembleia geral numa instituição sem socios. A reunião a realisar, portanto, e que dentro de poucos dias se efetuará, é a da direção da «Casa dos Jornalistas», com o fim, indispensavel e urgente, de fazer o apuramento e a destrinça, para os varias classes, daqueles nossos camaradas que lhe enviaram os nomes no desejo de serem inscritos como socios.

Acresce ainda que o caso de socios com direito a voto está definido nos estatutos, da redação inicial de s. ex.ª não se compreendendo, portanto, que uma assembleia de individuos que não são socios de coisa alguma, vá deliberar sobre quem são, dentre eles, os que teem direito a voto,,.

Não. O sr. dr. João Calado Rodrigues equivocou-se, e como equivoco têm que ser tomadas as suas cartas e as suas convocatorias.

Vai falar, portanto, a direcção da «Casa dos Jornalistas», e ela porá na primeira reunião a casa em ordem, admitindo como socios os camaradas que manifestaram o desejo de o serem mas que tenham a idoneidade necessaria para, nessa qualidade, prestigiarem, dignificarem a «Casa dos Jornalistas».

Isto só.

O resto—é um equivoco do sr. dr. João Calado Rodrigues.

Camarada e amigo
Raposo de Oliveira

Imprensa

Apareceu hoje o ultimo numero do «A B C a Rir», o hilariante semanario humoristico, editado pela empresa do «A B C».

Felizmente, trata-se apenas de uma suspensão temporaria, em virtude da falta de papeis estrangeiros e por não querer a Sociedade Editora A B C Limitada empregar nas suas edições papeis que lhe prejudiquem o aspecto.

O gracioso concurso da mulher mais feia, *charge* ao que fez o *Diario de Noticias* com a mais linda mulher de Portugal e que A B C a Rir» iniciara ainda ha pouco, segue a sua marcha no «A B C, onde, certamente, continuará a despertar o mesmo interesse.

ULTIMA HORA

Parlamento

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Pereira Gil, aprovando a acta 39 senadores.

O sr. Augusto de Vasconcelos chamou a atenção do Senado para o tempo que esta Camara vai disperdiçar ouvindo a leitura da declaração ministerial já conhecida de todos os parlamentares, tanto mais que na sessão anterior, já alguns dos membros do Governo actual se apresentaram nesta Camara.

O sr. Ribeiro de Melo discorda desta opinião no que é secundado pelos senadores do P. R. P.

O sr. Julio Ribeiro envia para a mesa um requerimento a fim de que pelo Ministerio da Instrução, lhe seja enviada uma copia do relatorio do juiz, sr. dr. Nunes da Silva, sobre a greve academica de Coimbra.

Lida na mesa, pela segunda vez, a proposta de lei abolindo o subsidio aos senadores, foi regeitada por maioria a sua admissão.

A's 15 e 15, entra finalmente na sala o governo, sendo imediatamente concedida a palavra ao sr. presidente do governo que leu á Camara a declaração ministerial já conhecida dos nossos leitores.

Finda a leitura, o sr. Augusto Vasconcelhos, em nome dos senadores liberais, dá, não só o seu voto como ainda todo o seu apoio ao governo, congratulando-se pelo facto do sr. presidente do governo se ter rodeado de homens experientes. Pede ao governo o severo castigo para os criminosos da noite tragica.

O sr. Vasco Marques, em nome dos reconstituintes egualmente declarou oferecer todo o seu apoio ao actual governo.

A' hora de fecharmos este extrato vai usar da palavra o sr. Tomaz de Vilhena, em nome dos monarquicos.

Achado de granadas

Como tivesse sido feita denuncia á policia de Defesa Social de que numa casa que serve de pensão, sita na rua Luz Soriano, 27, 4.º, existiam granadas e vario material de guerra, foram hoje ali alguns agentes daquela policia passar uma rigorosa busca.

Foram encontradas algumas granadas de varios calibres descarregadas e já muito antigas e alguns artigos militares mais que depois se soube pertencerem a um soldado que para ali conduzia aqueles objectos para depois os vender.

A gréve dos electricos

Os electricos circularam hoje em maior numero na cidade, estabelecendo-se novas carreiras.

Os carros continuam sempre repletos de passageiros.

As linhas e as estações continuam guardadas militarmente.

O pessoal voltou a reunir na sua associação de classe.

O "Deseado"

O vapor «Deseado», vindo do Brasil, que hoje devia fundear no nosso pórto, só em 27 dará entrada, segundo um radio hoje recebido nas estações oficiais.

POEIRA da ARCADA

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das Finanças os srs. Adrião de Seixas e drs. Germano Martins e João Ulrich; com o sr. ministro da Guerra, o general sr. Alberto da Silveira, e com o da Marinha, o seu colega do Comercio.

— A comissão de melhoramentos dos operarios dos tabacos voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das Finanças, para tratar das reclamações da classe.

— O sr. ministro da Instrução parte amanhã, de manhã, para o Porto, regressando na quarta-feira.

— Uma comissão de maquinistas fluviais em greve procurou hoje o sr. presidente do Ministerio, para tratar daquele conflito, sendo atendida pelo chefe do gabinete, sr. Lino de Amorim, e resolvendo ir ao Parlamento a fim de entrevistar ali o sr. Antonio Maria da Silva.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

15	40.000$00
4026	6.000$00
5490	2.000$00
1831	1.000$00

Ordem Publica

Quando começaram correndo os boatos de alteração de ordem publica, sabido é que o Governo imediatamente providenciou de forma a não ser apanhado de surpreza como é vulgar dizer-se.

Disse-se a principio que se tratava de um movimento organisado por elementos da G. N. R. ou em que a mesma Guarda tivesse uma certa acção, boato que depois se modificou vindo então a afirmar-se que se tratava de uma gréve revolucionaria organisada pelas classes operarias, a pretexto de constante carestia da vida.

O caso da G. N. R. nada afinal tem de comum com a projectada ou anunciada alteração da ordem, cujo perigo ao contrario do que se julga não está ainda completamente arredado.

Mas vamos por partes: O caso da G. N. R. limita-se a uma especie de indisciplina, que naquela corporação lavrava pela razão de varios elementos, filiados em facções politicas diversas, entenderem que a Guarda devia ser uma corporação pronta a defender êste ou aquele agrupamento politico. Ora a G. N. R. não é, nem pode ser, politica e a sua missão limita-se a manter a ordem e a cumprir as instruções ditadas pelos governos legalmente constituidos. Não se compreendia, nem se compreende, que ordens emanadas dêsses governos não fossem acatadas porque a êste ou aquele oficial desagradava ver no poder um partido que não fosse da sua simpatia. Ora como isto se estava passando na G. N. R., entendeu, e muito bem, o governo que devia cortar o mal pela raiz e nessas condições foram afastados da corporação aqueles elementos considerados um pouco prejudiciais á disciplina da corporação que tem a seu cargo velar pela segurança do publico e não alarmá-lo com movimentos revolucionarios.

Foram 8 os oficiais transferidos, não porque não mereçam confiança á Republica, mas porque... são, talvez, demasiadamente republicanos. E, sendo exaltadamente republicanos, julgavam êsses elementos que praticavam, talvez, um bom serviço á Republica, defendendo-a com exagero...

O que se pretendeu, portanto, foi afastar de vez os perigos que ameaçavam a Guarda, parecendo que êsse problema se resolveu finalmente e tanto assim, que a G. N. R. está actualmente cooperando com o governo nas medidas a adoptar para a segurança das propriedades e dos cidadãos. A entrega da artilharia e dos obuses no Deposito de Material de Guerra mais não foi que uma experiencia, pois demonstrado ficou que a Guarda, disciplinada e como elemento de ordem, mais não fez que cumprir em 10 minutos as instruções recebidas do comando geral. Tambem é necessario registar que a Guarda está colaborando com o exercito na manutenção da ordem, e tanto assim, que várias unidades estão em contacto com as fôrças do exercito que se encontram concentradas em Linda-a-Velha e nas imediações do Lumiar.

Os inimigos da Republica têm malevolamente espalhado que a G. N. R. seria dissolvida e desarmada:

— «Tal não é verdade» — diz-nos o major sr. Maia Magalhães, com quem hoje nos avistámos no Quartel do Carmo.

O referido oficial que está exercendo o cargo de chefe do Estado Maior elucida-nos:

— «A G. N. R. vai ser reorganizada, para o que a comissão para tal nomeada está trabalhando activamente. O que se pretende é que a Guarda, como corpo de ordem, mantenha o sossêgo a todo o custo e que cumpra sem discutir as instruções emanadas do comando. Os governos ordenam e os oficiais executam as instruções do comando, sem quererem saber se elas são boas e quais os fins que têm em vista...»

A marinha não será desarmada

Tambem correu com grande insistencia que iam ser desarmados alguns navios de guerra. Um jornal da manhã de hoje chega a fazer-se eco do boato dizendo que o «Adamastor» passaria a estado de completo desarmamento tal como sucedeu ao «Republica», sendo o «Vasco da Gama» reservado para deposito de praças da armada.

No ministerio da Marinha o chefe de gabinete do ministro declarou-nos:

—Isso que «O Seculo» hoje publicou é absolutamente falso. Não passa de uma noticia tendenciosa. Não sei se o «Adamastor» passará ou não, ao estado de desarmamento, mas se tal suceder é pelos mesmos motivos que originaram o desarmamento do «Republica». Este barco já ha muito que carecia fabrico não se tratando portanto de qualquer medida de ordem publica.

«Quanto fazer do «Vasco da Gama» um deposito de marinheiros não cabe na cabeça de ninguem.

O chefe do gabinete do sr. ministro da Marinha termina dizendo:

—Inventam as noticias e eu cá estou depois para as desmentir...

A concentração de tropas continua a efectuar-se tendo chegado hoje mais contingentes da provincia.

A gréve das classes maritimas

Um manifesto

As classes maritimas que estão em gréve aprovaram distribuir hoje um manifesto cheio das mais incontinentes palavras dirigidas aos patrões. Ahi vai um exemplo:

SENHORES: Das chamadas forças vivas, que apenas o são no nome; pois que as mesmas forças só são representadas por aqueles que como nós são escravos. Somos nós que produzimos tudo quanto vós utilisais, mas que por desgraça nossa nada possuimos, a não ser o nosso corpo que vós explorais sem compromisso algum. De onde sai a vossa manutenção assim como dos vossos f...s e ainda das varias amantes que manteis incognitamente, a vós tudo vos sobra e a nós tudo nos falta, incluindo a nossa paciencia, ainda achais pouco tudo quanto vos damos, e ainda sem vergonha abusais da nossa situação. Mas lembrai-vos, Senhores, que as Classes Maritimas sairam da calma para entrarem na borrasca, não por culpa deles, mas sim daqueles que valendo-se como o lobo na serra que desce ao povoado para assaltar o transeunte. Pois para isso as mesmas Classes estão educadas e preparadas para cumprir com os seus deveres, não abdicando dos seus direitos como cidadãos livres que somos.

«Cuidado Senhores que a fome é má conselheira, mas como vós não sabeis o que ela dita, passais por nós despreocupados nos vossos faustos os automoveis, de onde nos pertence uma quota parte».

«E' ou não escarnecer da miseria oferecendo-nos 10 escudos nas nossas soldadas mensais. E' ou não inciliar-nos á revolta a fórma canibalesca como procedeis para comnosco? E ou não antipatriotica a fórma encapotada como nos arremessais para a sordem? Alcunhai-nos de desordeiros quando vós sois os verdadeiros organisadores da desordem, porque só dentro dela vós podereis sustentar a vossa situação. Mas lembrai-vos que se aproxima a passos agigantados outro 1.º de Dezembro de 1640, data gloriosa para esta Patria, mas agora desta vez a gloria cabera aqueles que teem direito á vida como vós, pois que somos as forças vivas mundial, etc., etc.»

Para amostra, já basta!

O conflito agravou-se hoje

Agravou-se durante o dia de hoje o conflicto das classes maritimas.

O trafico do rio ficou completamente paralisado.

O pessoal do «Mossamedes», «Moçambique», «Portugal» e «Peninsular» abandonam hoje o serviço.

O trafico do Sul e Sueste e da Parceria deve paralisar tambem amanhã.

A comissão dos grevistas não conseguiu ainda avistar-se com o chefe do Governo.

Fala-se com insistencia num movimento de solidariedade operaria sendo declarada assim a greve geral em Lisboa.

TEATRO

Nota do dia

Carnaval

Começam hoje as recitas salvadoras das empresas nesta quadra do ano em que muitas já entraram pelos cobres do pobre capitalista... São recitas salvadoras porque, apesar do grande salto que os preços deram, não ha um só lugar que fique na bilheteira. O publico, na semana anterior ao Carnaval, não vai ao teatro: realisaram-se duas *premières* ha três dias e as casas ficaram com a decima parte dos lugares ocupados; ha um retraimento de despesas, para se poder depois dissipar doidamente na folia carnavalesca.

Um camarote para uma noite custa aos duzentos escudos... Mas para quê? santo Deus! Para as rapariguinhas casadoiras encontrarem o seu descobridor, para os pandegos poderem mandar a sitios exquisitos toda a gente, para, emfim, se passarem umas horas em comunidade recreativa, um dos grandes sintomas da socialidade humana. Tambem ha até ás 11 horas uns pseudo-espectaculos, que são a maior maçada para quem vai divertir-se.

Trata-se apenas de um aluguer ao publico do recinto, o que as empresas fazem. Os preços, se são puxados e têm procura doida, não podem servir para exemplo de que os nossos teatros são baratos. Assim, como o facto de se ter coberto a assinatura para a companhia francesa, embora a preços altos, não é estimulo para que os empresarios ou os autores tentem fazer ver ao publico que os preços correntes são baixos e ridiculos, atendendo ás posses do espectador.

Querendo indicar que é, talvez, o *snobismo* que faz dar 15 escudos para a «M.me Pierat» ou para o S. Carlos, aqueles que esboçam uma opinião para o aumento de preços nos teatros, são os primeiros a confessar que qualquer nova tendencia a subi-los não seria correspondida pela procura do publico. Se não pode haver *snobismo* em ir ver os nossos frouxos desempenhos, as nossas celebridades de trazer por casa; se a probabilidade de divertimento ou de bem-estar é minima, como se pode conceber que os nossos teatros são mal pagos?! Que os lucros são pequenos, não interessa ao publico; mas deve procurar-se a causa nos ordenados fabulosos de certos estrelos e estrelas e não procurar aumentar o mal provocando nova subida de preços. De resto, é tudo quanto ha de mais natural, que um cavalheiro alugue por uma noite inteira de divertimento, de pandega, um camarote por 100 escudos e ache caro 25 escudos para ir ver uma sensaboria, mal interpretada e que nem sequer o deixa dormir tranquilo, por causa da musica nos intervalos. Está perfeitamente compreendido que um desiludido das nossas borracheiras não ache muito 15 esudos para ir ver uma artista que não conhece e lhe pode proporcionar um bom espectaculo e ache caro 6 escudos por um *fauteuil* para ver repetir-se um dos nossos artistas...

Mas tudo isto é «divagar» e vem a proposito do Carnaval e dos preços a que chegam neste tempo os bilhetes de teatro.

Nada mais; que não se assustem os colegas...

ARMANDO FERREIRA

Primeiras Representações

TEATRO POLITEAMA — Amor a quanto obrigas — *3 actos de R. Coolus e Hennequin — Tradução de Vasco de Oliveira.*

Peça

Em Lisboa, infelizmente para a empresa artistica Lucilia Simões & C.ª, conhecem-se já algumas peças de Hennequin, só e acompanhado de ilustres colaboradores como P. Weber, Gavault e, salvo erro, até do proprio sr. Coolus.

Peças absolutamente francesas, lestemente picantes, equilibram-se entre o espirito admiravel das obras de Flers, Croisset, Caillavet, e as picardias do «Palais Royal» dos varios Feideaus parisienses.

«L'amour quand tu nous tiens» que vimos tambem em Paris, era um exemplar perfeito deste genero de teatro; não tinha grotesco algum, não assomava sequer ao limiar da farça e vivia do galante a proposito de figuras deliciosas, duma forma de escrever que escorre deliciosamente aos nossos ouvidos.

Como na peça que Cunha e Costa traduziu — «O Pato» — ha um homem seguindo uma mulher por toda a parte até dentro da propria casa do marido; parisianismo puro, como francesismo é a situação imprevista, subita do 3.º acto em que o galã se deixa agarrar para marido em 3 tempos, e porque outro amor a isso o obriga!

Pois a peça francesa com todas estas qualidades sofreu, mercê da

Tradução

tratos horriveis tornando-se uma mercadoria impossivel para o teatro, mesmo em tempos de Carnaval.

Ha dias dissemos que era um crime de lesa arte inutilisar obras de maior ou menor valor com esta quadra do ano em que o publico não deseja saber o que se representa. Hoje repetimos; é uma inutilidade maldosa ir escangalhar uma obra honesta só com o intuito de «fazer rir».

A desculpa dada á preversão literaria do «Amor a quanto obrigas» é que se trata duma peça para fazer rir. Pois nós juramos que o publico riu muito pouco, riu apenas nalgumas situações excessivamente grotescas passando com uns olhos de tedio sobre as graças forçadas, as frases baixas, as grosserias com que o tradutor (?) quiz desabar a plateia em risos. Nem o chefe da policia se riu!

E com permanentes pontapés nos ouvidos como «sou feliz por ter a felicidade», encarregou o «procurador de procurar», duas vezes se fala em «abortos, piolhos, busilis», se ouve um estupidissimo «rebentaram as aguas», com todos estes e outros improperios não teve pejo o sr. Vasco de Oliveira de chamar ao seu trabalho «tradução».

Não; por mais que queiram não ha o direito, nem mesmo no Carnaval de escangalhar assim uma peça ligeira cujo destino não era tão inglorio.

Para completar o descredito, o desempenho em farça pura, em «pochade» grotesca; mas dele falará o «Redactor X.» que tudo é tarefa desagradavel de mais para um homem só. E nós então que vinhamos com o paladar afinado pelo desempenho e pela versão da «Carta anonima»...

ARMANDO FERREIRA.

O desempenho

Aparte Judice Caruzon que foi elegantissima e teve uma representação inteligente, e Amelia Ferreira que foi a notavel caracteristica de alta comedia que todos conhecemos, Erico mereceu um galã quasi idiota —, mas ou-com graça, valha a verdade, o actor Alves fez-se notar um poeta engraçado, embora talvez um pouco exageradamente vincado e Mario Santos, João Lopes, e Seixas Ferreira em papeis secundarios, estiveram bem no conjunto.

Mario Santos visivelmente deslocado, João Lopes tambem fóra do seu genero predilecto e até Seixas Ferreira numa rabula incolor, mostraram no entanto que honestamente serviram o publico.

Deixámos para o fim a sr.ª Georgina Cordeiro.

Seja-nos licito fazer-lhe notar que a falta de gramatica é, sem duvida, uma falta lamentavel, sobretudo quando só é assim gentil e «mignone».

Por exemplo, os seus labios de romã, não deviam, numa companhia como a de Lucilia, e num palco como o do Politeama pronunciar horrores como estes: «poderes compreenderes» «óturizo» em vez de autoriso, «antiguidade» sem pronunciar o «u» «antiüidade»... etc., etc.

Por outro lado as suas «toilettes» não são de irrepreensivel gosto. A modista de Amelia Pereira, de Judice é por exemplo muito melhor. A «deshabillée» de Caruson no 2.º acto era um verdadeiro encanto.

E, já que estamos em capitulo de fatos, falemos tambem nos córtes dos fatos dos homens. Erico, bem vestido, creio que por Candido Correia, boa tesoura, com certeza, Mario Santos um pouco novo de mais, tambem com certa elegancia.

Scenarios.

Scenarios... rasoaveis... A', cronica, cronica... a quanto obrigas!

REDACTOR X.

Noticiario

Portugal

Com um programa deveras atraente começam hoje as festas de Carnaval no Teatro dos Anjos em que figura a companhia infantil, com o seu esmerado repertorio.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

Ha dias na vida em que a alma se sente alegre sem razão e em que os pensamentos felizes passam cantando pelo espirito como bandos de passarinhos atravessam o ceu azul.

Quando nos sentimos assim, o ceu pode estar carregado de nuvens, as arvores desfolhadas e nas roseiras haver apenas espinhos, que a nossa imaginação se encarregará de transformar o ceu numa vasta toalha de azul, da côr das nossas chymeras, as arvores ficarão cobertas das folhas verdes das nossas esperanças e as roseiras cobrir-se-hão de rosas brancas e vermelhas brancas com que nossas ilusões, vermelhas como a nossa alegria.

Nessa paisagem da nossa alma sente-se correr rapido o chilreante o rio do contentamento, temos desejo de cantar, de rir, de gritar numa exuberancia de vida e de jubilo. O coração pulsa forte e vibrante, recordando os sinos alacres da Pascoa, e sentindo-se tão cheio de paz e amor que desejaria abraçar num largo amplexo amoroso toda a humanidade.

Nesses dias julgâmos impossivel que o pecado nos manche e experimentamos uma tal impressão de bondade que nos cremos puros e imaculados para todo o sempre.

Como são deliciosas essas horas boas e quanto mais sem razão elas veem mais serenidade nos trazem e mais indeleveis ficam na memoria.

A vida merece a pena vive-se, tem momentos doces e os melhores são esses em que o Destino adormece ou preocupado com os desejos que cá fóra se esquece da humanidade e a deixa entregue a si, — proprio.

Nesses dias sinto-me descuidada e risonha como uma criança, as nuvens negras desvanecem-se e eu queria abrir todas as janelas e gritar bem alto a minha alegria, a paz da minha alma, a tranquilidade do meu espirito para que essas notas alegres passassem sobre todas as tristezas do mundo e as aliviassem por um instante.

Bemdita seja a alegria! bemdito seja o riso franco que nos vem visitar! bemditas sejam as horas claras da vida!

FRIOLEIRAS

De tempos a tempos fala-se na volta do balão e ha sempre um panico entre as mulheres de bom gosto, pois na realidade nada se presta tanto ao ridiculo como o balão com o seu acompanhamento de anquinha, almofadinhas e outras invenções do mesmo genero, mas o que ganha o premio do ridiculo são as anquinhas tambem chamadas guarda infante.

Foi de Espanha que veiu essa moda e como todas as modas, adoptou-se com delirio, com febre, tornando-se breve uma verdadeira loucura.

Promulgaram-se contra ela editos riais, choveram satiras e canções, mas a tudo resistiu essa fantasia.

Em França, Henrique III decretou leis severas para abolir as anquinhas ou pelo menos para as reservar ás classes elevadas, porem as leis foram absolutamente desprezadas e já ninguem se lembrava delas, quando Henrique IV se tornou rei de França, porem esse devia ter protegido essa moda pois lhe deveu a vida.

Quando do massacre de S. Bartolomeu, foram-no procurar aos seus aposentos do Louvre; com uma grande presença de espirito, Henrique IV ao ouvi-los, empurrou a mulher para cima de uma cadeira e escondeu-se debaixo das suas amplas saias; quando os assassinos entraram Margarida de Valois disse-lhes com a maior naturalidade:

«O passaro que procurais voou».

As anquinhas vulgarisaram-se dem todos os lugares publicos reuniram de motu-proprio ás anquinhas balões mostrando assim mais uma vez terem o orgulho e o capricho feminino muito mais força que as mais severos decretos riais ou presidenciais. Bem diz o proverbio «O que a mulher quer, Deus o quer.»

Al forma que as elegantes despeitadas se verem as burguesas rivalisarem com elas na amplidão dos saios,

PARA AS MÃES

O banho, regulador da saude

A banheira deve representar um papel quotidiano na vida de criança. Todos os medicos estão de acordo sobre o assunto. O banho não é só um agente de limpeza, é egualmente um admiravel regulador da saude. As crianças que tomam banhos diarios são menos nervosas, dormem melhor; constipam-se raras vezes; fazem a dentição com mais facilidade e teem menos convulsões.

A imersão deve ser curta; de dois a tres minutos para os primeiros banhos; a temperatura será de 31 a 33 graus, durante o primeiro mez; mais tarde pode abaixar-se gradualmente, mas sem descer abaixo de 26. Nunca se deve meter uma criança no banho antes de se tirar a temperatura com o termometro, pois uma diferença de alguns graus pode ser perigosa para a pele tão mimosa da criança.

E' bom usar-se agua fervida e ver que a banheira esteja muito limpa.

A NOSSA CASA

Arte de arranjar flores

E' conveniente tomar em linha de conta a côr das paredes ao arranjarmos as nossas flores. Por exemplo, nenhuma mulher que gosto delas e as entenda, porá flores amarelas junto dum papel côr de rosa. As pessoas que tenham por costume ter as suas casas ornamentadas de flores, devem escolher como côr natural o creme ou o cinzento, pois são esses os tons que melhor fundo lhes formam.

A arte de arranjar flores não consiste apenas em as saber pôr com graça num vaso; é igualmente preciso saber colocar esse vaso, em lugar apropriado onde mais faça realçar a sua beleza.

Nunca observaram o desconsolo de alguem que traz de presente uma linda «gerbe» e a vê ser dividida por varios vasinhos e distribuida por todo o quarto, em vez de colocada em amontoado artistico num grande vaso ou jarro, como se idealisou ao compra-la.

Ha pessoas que gostam de ver as jarras cheias de flores de diversas côres, e espalha-las por todo o quarto, com uma exuberancia que fere os olhos. Mas a mulher verdadeiramente artistica tem todas as flores dum mesmo tom e sobriamente distribuidas; sobre uma mesa, um parapeito de janela, umas prateleiras ou numa secretaria, agrada sempre imenso ver jarras enfeitadas.

A arte de arranjar flores é um dom natural, mas pode ser cultivado; pelas ruas devemos sempre observar as «vitrines» onde elas se expõem, e estudar a forma de as distribuir.

ARTE DE COSINHA

Peixe á cardial

Coze-se o peixe em agua e vinho branco, corta-se depois nos bocados e põe-se numa forma que só barrou com um molho feito de manteiga, farinha de trigo, leite e um pouco de cebola, pimenta, sal, louro e camarões cozidos cortados ao meio. Cobre-se o peixe com esse mesmo molho, polvilha-se com queijo ralado e [illegible] e vai ao forno a aloirar.

HIGIENE DA BELESA

Tintura que se pode preparar em casa para exigenar o cabelo

Vinho branco... 1/2 litro
Ruibardo....... 150 gr.

Ferve-se até reduzir a mistura a 1/4 de litro.

Filtra-se a loção e depois ensopem-se nela os cabelos, deixando secar sem enxugar.

SONETO

Silencio

Pouco diz, creio eu, quem muito sente,
Pouco pode falar o amor sincero.
O coração tem não sei quê d'austero,
Quê só no olhar se lê completamente.

Não define o seu culto, humilde, e crente,
Nem eu sei definil o como quero.
No amor ha profundezas que venéro,
Em que o infinito luz confusamente...

Ha doçuras de flor, clarões de estrela,
Onde a maxima força do tormento
Em unir-se á ventura se disvela.

No amor, abismos ha de sentimento,
Que a palavra mesquinha não revéla,
E até as não estende o pensamento.

MARIA DE CARVALHO

Lenine humanisa-se?

A nova politica de Lenine parece estar passando por uma extraordinaria transformação, ir-se, a pouco e pouco, humanisando. Começa a voltar-se, em Moscow, no dominio economico, á organisação estatistica da producção; emquanto que no dominio politico tendencias mais liberais parecem fazer-se sentir e que, embora estejam longe de promoverem a abolição, da ditadura do proletariado, visam, comtudo, a torna-la mais suportavel. Afirma-se que nos grandes centros, mormente nas duas capitais, Moscow e Petrogrado, o regimen do terror que, até agora, tinha feito totalmente desaparecer o sentimento da segurança do pessoal, sobreindo entre as classes sociais mais cultas, se tem suavisado de uma maneira verdadeiramente sensivel. Póde-se, dizer, passear livremente e a qualquer hora as ruas de Petrogrado e Moscow sem que haja a recear ser-se subitamente preso pelos agentes da Tcheka.

Pode-se, assevera-se, viajar pacato e socegadamente nos caminhos de ferro de todo o territorio russo, sem ser necessario munir-se de qualquer extraordinaria permissão ou salvo-conduto. Pode-se, acentua-se, frequentar á vontade os teatros, os restaurantes, os cafés; pode-se receber os amigos, retribuir-lhes as visitas sem o receio de uma inesperada visita da policia, visita geralmente acompanhada de uma serie de tropelias sem nome. E ¿politica? Afirma-se tambem que já se pode discutir politica, embora com a condição de que não se abuse dessa liberdade.

A Tcheka continua a funcionar, mas as nossas informações dizem-nos que o zelo dos seus esbirros se esfriou bastantemente, depois que ás ordens do governo foram fuziladas algumas dezenas de Tchekistas.

O presidente do «comité» executivo central dos «soviete», Halinine, declarou no congresso pan-russo dos juristas, realisado em Moscow, que o periodo de medidas extraordinarias, cuja necessidade, circunstancias varias determinavam, havia acabado e que era preciso estabelecer-se as garantias dos direitos civicos.

Estar-se-ha, na verdade, humanisando a politica de Lenine?

A nós quer-nos parecer que tudo o que se diz e parece se passa na Russia tem uma determinante; a conferencia de Genova.

Passada ela...

SPORT

Box

O math Carpentier-Kid Lewis, no Olympia de Londres, a 11 de Maio.

Law-Tennis

Estão já sendo disputados em Sain-Motrits, os campeonatos do mundo.

Sports atleticos

No cross-country francez, que se disputava pela 29.ª vez, entraram 40 corredores, faltou o corredor Guillemot.

Motociclismo

No concurso de resistencia promovido pela União Motociclista de França, entraram 70 concorrentes, tendo terminado sem alguma paralisação 24 corredores.

Patinagem no gelo

Em Cristiania, o campeonato do mundo foi ganho pelos seguintes corredores: 500 metros, pelo norueguez Larreu, 5.000 metros pelo norueguez Stroom.

Ciclismo

Victor Linard ganhou o campeonato de inverno, que se correu em Paris, na distancia de 100 kilometros.

—O campeonato de inverno de velocidade vae ser corrido em Paris, entrando os melhores ciclistas da especialidade, entre eles o actual campeão do mundo.

—A corrida dos 6 dias de Chicago, foi ganho pela equipe, Coburn-Lands.

Automobilismo

O decimo quinto Salon inglez «o Show» esteve longe de obter o exito do ultimo Salon de Paris.

Nos halls do Olimpia e «White City» as marcas francesas foram as que mais se evidenciaram, as americanas poucos carros apresentaram ao contrario do que sucedeu o ano passado.

—A industria inglesa, em geral poucos progressos realisou, enquanto que a francesa procurou lançar a moda dos carros de pouca força, comodos, bastante resistentes e sobretudo baratos. O exito destes é completo.

—O Salon de Paris revelou o emprego dos travões sobre as rodas dianteiras alem dos travões até hoje usados.

Para evitar esforços demasiados os travões dianteiros implicam o uso de uma «commande» pneumatica especial e muito engenhosa. Esta invenção é atribuida ao francez Henri Perrot.

—Em Boorlands, fizeram-se diversas experiencias de travoes dianteiros com uma «Chenard» e em presença dos representantes do Real Automovel Club de Inglaterra.

—Com uma velocidade de 30 quilometros parou o carro em 2 metros, a 50 quilometros levou 8 metros, a [illegible] quilometros arrastou 17 metros e a velocidade de 80 quilometros á hora parou em 28 metros sem «derrapage» ou «glissement» algum.

—No Salon de Paris, os cyclecars, ligeiros, economicos, obtiveram imenso sucesso.

Citroen expoz no Show de Londres o 5 cavalos que tanto tinha agradado em Paris.

—Os farois inclinaveis que acompanham os movimentos do volante, foi tambem uma novidade sensacional das duas exposições, bem como a carrosserie inteiramente metalica e desmontavel em 5 minutos.

—Calcula-se em 400 milhões de francos o movimento comercial que o Salon provocou este ano em Paris, isto sem contar com as encomendas de automoveis que dizem ter sido importantes.

—A casa Peugeot contratou o celebre condutor Boillot.

Luta

No campeonato de luta que se disputa em Paris Constant le Marin foi vencido numa das mãos dum match por Raul Saint-Mars.

N.º 21 — Folhetim de A CAPITAL — 25 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

III

Realisava-se repentinamente o que ele esperara com temor que acontecesse. Parecia que durante toda a sua vida estivera suspenso um machado sobre a sua cabeça, e que toda a sua vida ele esperara, com indiziveis sofrimentos, que esse machado caisse. Tinha caido, enfim. O golpe foi mortal. Queria fugir mas não sabia para onde. Tinha desaparecido a ultima esperança, desaparecido o ultimo pretexto. Para ele a vida tinha sido durante anos um pesado fardo; e a morte da mulher, que ele supunha lhe trouxesse a resurreição dele proprio, causava-lhe tambem a morte.

Pela ultima vez, num acesso de desespero, tinha querido julgar-se a si proprio, como juiz intransigente; o teu arco tinha enfraquecido e não poderá repetir, senão fracamente, a ultima frase musical do genio. Nesse momento, a loucura, que o ameaçava ha dez anos, apoderava-se dele e perdia-o irremediavelmente.

IV

Restabeleci-me lentamente e quando deixei definitivamente o leito, a minha razão estava ainda numa especie de torpor, que, durante muito tempo, me impediu de compreender o que me acontecera.

Em certos momentos parecia-me que sonhava e desejava, na realidade que o que me acontecera, não passasse dum sonho! A' noite, quando adormecia, esperava acordar no nosso pobre quarto ao lado de meus pais. A minha situação foi-me aparecendo nitida pouco a pouco; compreendi que tinha ficado só no mundo e que vivia em casa de extranhos. Foi então que senti pela primeira vez que era orfã.

Comecei por examinar avidamente o que me rodeava e era desconhecido para mim. A principio tudo me pareceu extranho e maravilhoso. Tudo me mortificava: as novas pessoas, os novos costumes. Os quartos do velho palacio do principe que eu julgo vêr ainda, eram grandes altos, luxuosos, más tão sombrios, tão negros, que me lembro de ter tido medo de entrar numa grande sala onde julguei que me perderia completamente. A minha doença não tinha passado completamente e as minhas impressões eram sombrias e penosas, juntamente com esta morada sombria.

Por outro lado no meu coração existia cada vez mais forte uma angustia vaga. Admirada eu parava diante dum quadro, dum espelho, dum fogão bizarro, ou duma estatua que parecia disfarçada num nicho profundo, a fim de melhor me observar e perturbar-me. Parava e depois esquecia de repente porque parava, o que desejava, em que pensava, e quando me recordava, a perturbação e a angustia de novo se apoderavam de mim e mais fortemente me batia o coração.

Entre as pessoas que foram ver-me quando eu estava na cama, alem do velho doutor, fiquei impressionada sobretudo pelo olhar dum homem já idoso, serio e bom, que me olhava com uma compaixão profunda. Amava a sua cara mais do que todas as outras. Desejava bem falar-lhe mas não me atrevia. Ele estava sempre muito triste, falava sempre com aspereza, muito pouco e nunca nos seus labios vi brilhar um sorriso. Era o proprio principe X..., aquele que me tinha encontrado e recolhido em casa.

Quando principiei a restabelecer-me as suas visitas tornaram-se cada vez mais raras.

A ultima vez que me visitou levou-me bonbons e um livro com estampas depois abraçou-me, deu-me o sinal da cruz e pediu-me para ser mais alegre. Para me consolar acrescentou que cedo eu teria uma companheira, a sua filha Catarina; que naquela ocasião estava em Moscow. Depois de ter dito qualquer coisa a uma francesa idosa, a perceptora dos seus filhos e a uma rapariga que me tratava, estive tres semanas sem o ver.

O principe vivia numa casa aparte. A princesa ocupava a maior parte do palacio. Tambem ela ás vezes estava semanas inteiras sem ver o principe. Depois notei que a propria princesa e as pessoas da casa falavam muito pouco do principe, como se ele não existisse.

Todos o respeitavam e amavam, mas consideravam-no como um homem bizarro, excentrico. Na realidade parecia excentrico e ele proprio tinha a consciencia disso, do que não era como toda a gente, e por tal esforçava-se por se mostrar o mais raramente possivel.

Mais tarde terei ocasião de falar detalhadamente do principe...

Uma manhã deram-me roupa muito branca e muito fina, vestiram-me um vestido de lã preta guarnecido de «crêpes» branco que eu vi com triste espanto, pentearam-me e fizeram-me descer para os aposentos da princesa.

Quando entrei, passei admirado. Nunca tinha visto tão grande riqueza, tal magnificencia. Esta impressão durou pouco e tornei-me palido ouvindo a voz da princesa que ordenou para me aproximar. Emquanto me vestiam eu pensava. — Sabe Deus porque tinha eu pensado assim — que me preparavam para qualquer coisa que me faria sofrer.

Dum modo geral eu tinha entrado na minha nova vida com uma estranha desconfiança para tudo o que me rodeava.

A princesa, porem, mostrou-se muito afavel para comigo e abraçou-me. Tomei alento para a olhar. Era a mesma senhora que eu tinha visto logo que me passou a sincope. Tremi todo ao beijar-lhe a mão e não tinha forças para responder ás suas perguntas. Disse-me para me sentar ao pé dela, num tamborete baixo. Esse logar parecia ter sido preparado para mim.

Via-se que a princesa queria dedicar-se-me com toda a sua alma, encher-me de caricias e substituir a minha mãe; porem eu não podia compreender que se tratava dum acaso feliz para mim.

Deram-me um lindo livro de estampas dizendo-me para as ver. A princesa escrevia uma carta. De bocado a bocado poisava a pena e punha-se a conversar comigo; eu perturbava-me e não dizia nada com proposito. Duma palavra, com o extraordinario da minha vida, com a fatalidade e diferentes vias misteriosas exercendo sobre mim uma acção importante, — vida cheia de coisas interessantes e até fantasticas — eu pessoalmente era uma criança ordinaria, timida e mesmo tola.

Foi por isso sobretudo que não agradei á princeza, cedo me pareceu que ela estava farta de mim do que era eu a unica culpada.

Pelas tres horas começaram as visitas.

A princesa fez-se logo mais cuidadosa comigo e mais terna. A's perguntas que as visitas faziam a meu respeito ela respondia que se tratava duma historia muito interessante e contava-a em frances. Ao passo que ela falava as visitas olhavam-me, acenavam com a cabeça, soltavam ahs!

Um rapaz fixou-me com o seu monoculo; um velhote, todo branco, perfumado, quiz abraçar-me. Eu empalidecia. Estava sentada, com os olhos baixos, medrosa de fazer o minimo movimento, tremendo toda. O meu coração sofria. Transportava-me para o passado, para a nossa pobresa. Lembrava-me de meu pai, dos nossos longos e taciturnos serões, e da mamã. Ao lembrar-me da mamã encheram-se-me os olhos de lagrimas, apertou-se-me a garganta, eu queria fugir, desaparecer, ficar só...

Quando as visitas sairam, a princesa fez uma cara dura. Olhava-me agora mais severamente, falava-me mais severamente, e, o que me perturbava sobretudo eram os seus olhos negros, que se fixavam sobre mim ás vezes durante um quarto de hora [illegible] dos.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regos, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

-o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, **soldadura autogenea**

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, produtos quimicos [illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 4014-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 27 de Fevereiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL — Officina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

A situação vista por um oculo

O porteguezinho valente que não conhece senão a aspecto superficial do problema portuguez não cessa de lamuriar ás esquinas das diversas havanezas da cidade, que «isto é um paiz perdido!». Desde que nos conhecemos que o ouvimos dizer, o que prova que a ignorancia não é hoje inferior áquela que assolava o paiz no tempo, já bastante recuado, em que nos lembravamos das palmatoadas do mestre-escola. De resto, esse chorar constante, mais de crocodilos que de homens, não oferece novidade, porque já o Poeta lhe fez referencia quando citou a «apagada e vil tristeza» da geração da grande decadencia.

Não ha nada mais dissolvente do que essa frase feita: «Isto é um paiz perdido». Como se houvesse, na historia do mundo, um paiz que se tivesse suicidado por falta de dinheiro. Isso só acontece, ás vezes, com negociantes falidos ou jogadores encravados... E a crise actual da nacionalidade é apenas essa. A prova está no aspecto do povo de Lisboa, durante o Carnaval com que somos flagelados,—nós, porque ele, o Povo, diverte-se á valentona.

A Avenida, ontem, durante toda a tarde, tomou o aspecto dos antigos dias de folia, anteriores á guerra. Uma multidão enorme veio dos extremos mais remotos da cidade e invadiu a grande arteria; carruagens as mais heterogeneas desfilaram perante os basbaques; e milhares de crianças, algumas com vistosas roupas fantasistas, pozeram no conjunto a nota de alegria, que já nos deshabituaramos de ver. E isto não é nem pode ser a tal «apagada e vil tristeza», pronuncio da agonia dum paiz de dessorados cidadãos ou de corruptos e crueis mandões.

Eis a indicação mais evidente: o paiz recompõe-se dos males da guerra. Lentamente, é certo. Mas, em todo o caso, a convalescença iniciou-se e a saude, integra e perfeita, não tardará.

A esta conclusão chegaria, com certeza, o nosso colega e ilustre Mestre dr. Pangloss, se, porventura, ele fosse obrigado, como nós, a escrever um editorial nesta segunda-feira, entalada entre os dois dias maximos da orgia entrudesca.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

MUTILADOS DE GUERRA

Tendo vindo ha dias uma noticia nos jornais estranhando que os nossos mutilados não fossem mencionados, a direcção da «Cruzada das Mulheres Portuguezas» entende por bem dar a informação seguinte; para que se não julgue que houve da sua parte qualquer falha de interesse pelos heroicos soldados de Portugal, que em França tanto sofreram pela honra da Patria.

Acerca da noticia publicada nos jornais em telegrama de Paris referente ao numero de mutilados da guerra das nações aliadas, é deveras lastimavel que os mutilados portuguezes não figurem nas estatisticas publicadas pela Repartição Internacional do Trabalho da Liga das Nações.

O Instituto de Reeducação Profissional dos Mutilados e Estropiados, fundado pela C. M. P. e a funcionar em Arroios, enviou para o Ministerio da Guerra em setembro de 1920 os elementos solicitados no inquerito promovido pelo Serviço Especial de Mutilados daquela Repartição Internacional a cargo de Mr. Tixier.

A resposta compreendia informação acerca dos serviços administrativos, associações de mutilados, numero de mutilados, documentação sobre pensões e sobre protese, reeducação profissional, colocações, seguro dos mutilados contra os desastres do trabalho, e nota dos trabalhos e publicações feitas entre nós sobre o assunto.

Foi uma informação completa que deve ter chegado ao seu destino por intermedio do Ministerio da Guerra, não se compreendendo que a ela não fizessem referencias em Paris.

LANDRU

Consumou-se a infamia. Ha, desde ante-ontem, mais um nome a acrescentar ao infindavel martirologio dos que, atravez dos seculos, morrem victimados pelos preconceitos, sacrificados á hipocrisia e á maldade humana. A cabeça de Landru rolou no cadafalso, aquela cabeça em cuja falta de cabelo algumas centenas de mulheres passaram mãos tremulas de luxuria e de paixão.

Mas os seculos vindouros, em cuja justiça eu confio, não dirão que esse crime se cometeu sem que a minha embora, debil mas autorisada voz se erguesse a protestar.

Landru não era um homem. Era uma função social, Era o Homem a vingar-se das mulheres. No romance de Pierre Benoit, «A Atlantida», vemos uma descendente de Clio e de Neptuno, vingando num oasis quasi inacessivel do Saahra misterioso, ultimo vestigio de uma ilha maravilhosa, os agravos que, durante seculos, os homens teem feito ás mulheres, Ulisses a Calipso, Dromedes a Callerhoé, Teseu a Ariano, Jasão a Medéa, Eneas a Dido, Cesár a Cleopotra, Tito a Berenice, etc., etc. Antinéa, a vingadora, atrai ao seu Hoggar os homens e, depois de os ter endoidecido de amor, deixa que eles morram ou se suicidem para em seguida os transformar em estatuas de oriqualeo metal intermedio entre o ouro e a prata.

Landru, na sua casa de campo de Gambais, cumpria um destino semelhante. Atraía lá a Mulher, a que tinha mentido a outros homens, a que os tinha enganado e os havia de enganar até á sua ultima hora e assava-as. Nunca o fogão lhe doía.

Esse homem era um modesto. Outro fosse ele que, aproveitando a febre de negocios em que se agita a humanidade, tivesse montado uma sociedade por quotas ou por acções e installado, com acompanhamento de farto reclamo nas gazetas, um estabelecimento industrial moderno dotado de todos os aperfeiçoamentos crematorios onde por dia se podessem queimar umas mil mulheres, assim como Citroen se gaba de deitar para fóra das suas oficinas um milhar de caçarolas automoveis por dia.

Mas não. Era num pequeno forno onde dificilmente se tostaria um leitão que ele ia cumprindo a sua obra, serenamente, sem sentir a necessidade de alardear os seus meritos em publicidades espetaculosas.

* * *

A sociedade hipocrita chamou-lhe criminoso. Quem nunca sentiu a tentação de lançar fogo á mulher amada que lhe lance a primeira pedra. Uma censura me permitiria eu fazer a esse benemerito: a de ter queimado creaturas de tão pouca valia que já andavam a procurar vida nos anuncios de quarta pagina. Dir-me-hão que é preciso um principio para tudo, que de vagar se vai ao longe, que Roma e Pavia se não fizeram num dia. Eu responderia que mais vale nunca do que tarde e que quem sai aos seus, a mais não é obrigado.

Landru foi vitima da cobardia masculina. Os homens para quem ele trabalhou abandonaram-no nas mãos do carrasco. Houve um magistrado que instruiu o processo, um juiz que o interrogou, um procurador da Republica que o acusou, um juri que o condenou, soldados que o conduziram á cadeia, um carcereiro que o guardou a sete chaves, um funcionario que lhe cortou a cabeça. Todos esses homens o admiravam. Nenhum teve a coragem de o ilibar de culpa, de o felicitar, de o desculpar, de o absolver, de lhe dar fuga, de lhe abrir a porta do carcere, de lhe poupar o suplicio. E tudo isto simplesmente porque todos esses homens teem medo de mulheres, têm medo da sua mulher. Todos são casados ou coisa que o valha com uma mulher que é naturalmente insuportavel e que odiava o pobre Landru. Imaginem que tomavam o partido do martyr de Gambais? Calculem que chimfrim em casa, que berraria, que de louça partida e quem sabe que tareia acabariam por levar.

E tiveram medo, os cobardes! Não quizeram trapalhadas e deixaram matar aquele a quem de boa vontade teriam apertado a mão.

O proprio advogado não teve a audacia de gritar no pretório:—«Sim, senhores! E' verdade! Este homem assou doze mulheres e fez muito bem. Outro tanto faria eu se não tivesse medo de ir preso e outro tanto faria o tribunal se não fosse tão medroso como eu». E' que o advogado tambem é casado e não quer sarilhos com a familia.

O Landru, sabendo a gente com quem lidava, negou. Evidentemente. Não tinha outro remedio nos calamitosos tempos de hipocrisia em que vivemos.

De nada lhe serviu. Nem ao menos se valeram das nulidades abundantes cavilosamente semeadas no processo para o absolverem. E' que de manhã, ao sairem de casa, a mulher tinha lhes dito:—«Vê lá o que fazes»...

E o proprio presidente da Republica não se atreveu a comutar a pena. Estão vendo a cara de Madame Millerand, se o Chefe de Estado lhe dissesse ao almoço, antes de atacar a costeleta do Elyseu:—«Sabes? Lá perdoei ao nosso bom Landru!» Que tragedia naquele Faubourg St. Honoré!

* * *

Landru morre martir. Não posso garantir que morresse virgem. Antes de as passar pelas brasas teve, sem duvida, que fazer algumas concessões de ordem material áqueles que supunham fazer dele mais uma victima e afinal encontraram o justiceiro.

Os tempos hão-de correr. A memoria do que acaba de ser supliciado ha de ser rehabilitada. Uma estatua se ha de erguer na praça publica a perpetuar a sua ação purificadora. Desde já me inscrevo com um escudo na subscrição do monumento e recolho a partir de hoje os donativos que os meus leitores que teem a coragem das suas opiniões me queiram enviar para esse efeito, embora ás escondidas das respectivas consortes.

ANDRÉ BRUN.

Francisco Ferreira Serra

Sepultou-se sabado passado este antigo jornalista, pai do nosso querido camarada sr. Jaime Serra que nesta casa conta com a mais dedicada amisade.

Francisco Ferreira Serra tem uma biografia brilhante de que a seguir damos os topicos principais:

Começou a sua carreira jornalistica ainda de curta edade fundando em 1855 com Julio Cesar Machado «O Eco Literario», de que foi redactor, jornal que durou até 1856.

Nesse ano teve um jornal semanario musical e de teatros com o titulo de «Rigoleto».

Associado depois com Albano Coutinho fez parte da redacção dos jornais politicos «Doze de agosto» de 1862 a 1865 e do «Correio da Europa» que principiou a publicação em 1867.

Depois em 1868 e 1869 foi redactor das «Novidades». Alem destes jornais ainda escreveu como redactor ou como colaborador nos seguintes: «Jornal da Noite», «Diario Ilustrado», «Santo Antonio de Lisboa», Gazeta de Portugal» e «Viriato».

Para o teatro escreveu, traduziu e imitou muitas peças que em grande parte se representaram em todos os teatros da capital, sendo algumas delas publicadas.

Mencionaremos as seguintes: em 3 actos: «O amor e o dever», «O creado de 2 amos», «O doutor Paz», «Dever e ambição», «O importuno, «Casa com 2 portas é má de guardar», «A Boceta da Pandora», «O mestre de canto», «A mocidade de Nun'Alvares»; em 5 actos: «O que faz a depravação», «A folha do capitalista», «A providencia; em 1 acto: «De noite todos os gatos são pardos», de colaboração com Ed. Garrido, e Alfredo de Ataide; «Genro e criada» A' cata de um namorado» «A carteira de Mauricio» Lopes», «O que o berço dá...» «Quadros familiares», «Os 2 afilhados», «Uma experiencia», «Não tinham lá padrinho», «O escravo e o senhor», «Rosa d'Amor», «Um quarto alugado a 2», «O medo guarda a vinha», «Fausto», scena comica, parodia da opereta Fausto. Sem designação de actor: «Revista de 1856», «As sete mulheres do Barba Azul», «O atrevido na corte»; «O casamento de Joaninho», «A perola de Andaluza», «O Rei do Sol», «Medea», parodia; «A lenda do Diabo», peça fantastica, etc. O sr. Francisco Serra era cavaleiro da extinta ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de Carlos III de Espanha.

A' familia enlutada apresentamos o nosso mais vivo pesar.

Por ser amanhã dia de Entrudo, estão fechados os nossos escritorios e oficinas, não se publicando este jornal.

O representante espanhol na conferencia sobre Tanger não será Merry del Val

MADRID, 27.—O ministro dos Estrangeiros desmentiu a noticia de que vá ser nomeado o sr. Merry del Val representante da Espanha na conferencia acerca do Estatuto de Tanger.

Não é porque o sr. Gonzalez Hontoria lhe não encontre valor e conhecimentos para tal cargo, mas porque não se sabe ainda a data da conferencia e nem sequer se ela chegará a realisar-se.—Lat. Am.

O MOMENTO

O restabelecimento financeiro é função da ordem publica

Já aqui dissemos que, para se restabelecer financeiramente o paiz, é suficiente que a confiança renasça, tão grandes e inatingidos são os recursos da Nação. Algumas informações, colhidas ultimamente, confirmam absolutamente a verdade do nosso ponto de vista. Ora veja-se o seguinte:

As estatisticas, mesmo com todas as imperfeições dos serviços oficiais, demonstram que as exportações de Portugal atingiram, no ano findo, um total de 120 milhões esterlinos. Se todo este ouro, pelo qual foram realmente trocadas mercadorias nacionais ou nacionalisadas, tivesse entrado em Portugal, a depressão cambial não se teria acentuado até ao ponto de andar a vacilar na casa dos 4. Desgraçadamente, a falta de confiança forçou á desnacionalisação de parte desse dinheiro, que ficou no estrangeiro, á ordem do exportador. Calcula-se em 50 milhões esterlinos essa quantia, porque dos 120 milhões globais da exportação, o restante serviu para pagar importações ou ocorrer, pela conversão em escudos, ao pagamento de contas comerciais internas.

Todo o mundo compreenderá, sem esforço, que se esses 50 milhões esterlinos entrassem para Portugal a situação melhoraria consideravelmente, desaparecendo totalmente ou, pelo menos, atenuando-se, a crise economica, que é aquela que mais aflige o povo.

Grita-se, por outro lado, contra o demasiado aumento da circulação fiduciaria. E' um mal, certamente, esse congestionamento de notas inconversiveis, asfixiante da Nação. Mas devemos esclarecer que, dos oitocentos mil contos, numeros redondos de circulação fiduciaria, ha muito papel imobilisado nos cofres dos bancos e dos particulares estrangeiros. A desvalorisação da moeda portugueza despertou a especulação, como acontece com os marcos alemães e polacos e com a corôa austriaca. Calcula-se em 200.000 contos o total arrebanhado no Brasil e em Espanha, — esperando-se pacientemente, nos dois paizes, a alta para então fazer a conversão contraria.

E para ela se efectivar basta que renasça a confiança que virá facilmente, desde que a ordem publica esteja assegurada. E a prova de que assim é está-se já vendo no estado da praça, que no sabado ultimo deu boas esperanças de caminhar para um rasoavel equilibrio.

A desordem social é o mais poderoso factor da desvalorisação da moeda. Antes do pronunciamento militar de 19 de outubro, o publico corria ao ministerio das Finanças trocando o seu dinheiro por bilhetes de tesouro; depois dos morticinios, de que o pronunciamento foi causa ocasional, o capitalista retraiu-se totalmente e abandonou o bilhete de tesouro... Esta crise, aliás, já no sabado se poderia considerar terminada.

Emfim e para resumir: é indespensavel ordem e trabalhar, á sombra dela, produtivamente. E a Nação ficará salva!

Os esponsais da Princeza Maria de Inglaterra

A oferta do corpo diplomatico

LONDRES, 27.—Uma delegação do corpo diplomatico, presidida pelo embaixador da Espanha dirigiu-se ao palacio de Buckingham para entregar á princeza Maria o presente de noivado oferecido pelo corpo diplomatico e consiste num serviço de «toilette» de prata velha.—(Lat. Am.)

E' agraciado o noivo

LONDRES, 27.—O rei agraciou o visconde Lascelles, noivo da princeza Maria, com a ordem da Jarreteira. Os unicos dois viscondes que possuem esta ordem são o visconde Grey de Fallodon e o visconde Milner.

Londres está-se enchendo todos os dias cada vez mais de forasteiros que veem assistir ao casamento e ha uma procura extraordinaria de logares nas ruas onde o cortejo ha de passar.

O valor dos presentes que a princeza Maria tem recebido excede meio milhão esterlino.—(R.)

QUESTÃO PALPITANTE

Sempre a Ordem Publica!

O Governo toma as suas precauções contra a anunciada gréve revolucionaria

«A Capital» no seu numero de ante-ontem demonstrou não existir actualmente o receio de que a G. N. R. colabore em qualquer novo movimento revolucionario.

O perigo de que se suspeitava pode ser considerado como um «equivoco» visto os «equivocos», chamemos-lhe assim, estarem na ordem do dia. Receiou-se que a guarda contando no seu seio elementos exageradamente republicanos, se manifestasse de tal fórma a favor da Republica, que prejudicasse a paz e o socego de que tanto carecemos.

Arredado pois esse perigo não é para admirar que causasse certa surpreza o facto de prosseguir com grande actividade a concentração de tropas na chamada linha de Torres.

E' que o Governo está informado de que o elemento operario longe de desarmar procura ocasião oportuna para se manifestar ruidosamente contra a classe patronal. Boatos teem corrido de que se prepara para breves dias uma gréve geral revolucionaria a pretexto da carestia sempre crescente da vida e ainda para auxiliar as classes em gréve ou seja a do pessoal da Companhia Carris de Ferro e a dos Maritimos.

Esta tem-se agravado nos ultimos dias como é sabido e a tal ponto que o movimento no Tejo se encontra quasi paralisado.

O facto da direcção da Carris andar em negociações para trazer para Lisboa alguns guarda-freios portuenses e inglezes tambem acirrou o conflito tendo os grevistas resolvido numa das suas ultimas reuniões apelar para a União dos Sindicatos Operarios.

A União que não deixou de seguir com atenção a marcha dos acontecimentos desde o seu inicio reuniu o seu conselho de delegados na sexta-feira passada sendo essa reunião demoradissima.

As greves foram largamente discutidas como é natural acordando-se em que fosse redigido um manifesto revolucionario que servindo de aviso á Confederação Patronal desse ainda o grito de alarme ás federações e sindicatos operarios a fim dos mesmos se colocarem ao lado dos seus camaradas em luta.

Esse manifesto ao ser distribuido ante-ontem foi apreendido pela policia o que não impediu que aparecesse depois afixado nas ruas da capital e lido com certa avidez pelo publico.

Protestando a sua solidariedade ao pessoal da Carris que segundo afirma esta sendo vitima duma vingança traiçoeira e mesquinha. A U. S. O. diz no seu manifesto:

«Em face pois deste grandioso movimento a U. S. O. não podia de fórma alguma, ficar silenciosa não só perante este facto, como ainda perante a especulação infamissima que á volta deste movimento, a imprensa burgueza tem feito, quer condenando o movimento quer ainda insinuando de fórma a ir á denuncia publica de camaradas prestimosos, e enchendo a organisação dos termos mais improprios e violentos para assim formarem uma atmosfera de antipatia ao pessoal da Carris.

A' conduta violenta desses jornais da reacção burgueza deve se responder com identica violencia, porquanto por detraz dessa imprensa facil é o descobrir a fantasma da Confederação Patronal, que pretende fazer disto um Barcelona, mas as condições desta região, não lhe são favoraveis a tão sinistros planos.

A U. S. O. tem a necessidade de neste momento salvaguardar a honra da organisação operaria, e resolveu colocar o operariado local de sobreaviso para que no caso de todo o povo trabalhador ter que intervir, esse seu gesto se não faça esperar.

Todo o operariado, está neste momento ligado á sorte dos camaradas da Carris, isto é, interessando-lhe as honras da vitoria, porque neste caso a organisação operaria dignifica-se e robustece-se para melhores dias, sofrendo na pior das hipoteses, a perda do movimento e tudo o que de organisação temos feito, resulta nulo, porque a seguir saltar-nos-hão em cima os abutres da reacção, do capitalismo, e do patronal que fariam então conjuntamente com todos os meios que dispõem uma razia, cujos efeitos se poderiam já prever, dada a expansão das ideias,—as mais retrogradas que já hoje invadem tudo e todos, salvo raras excepções...

Ha a necessidade dum movimento geral de caracter tão revolucionario e tão energico, como energico fôr o ataque da burguezia porque não se compreende que a classe operaria de tradições tão revolucionarias esteja hoje á mercê do tantissimo explorador sem que um altivo protesto se desenvolva e frutifique e seja de molde a mostrar aos senhores «patriotas de barriga» que a organisação operaria é alguma coisa que tem de se respeitar pois estão nela agrupados aqueles que pela lei natural das coisas são os unicos que teem direito á vida porque produzem e esta qualidade lhes basta para terem direito ás maximas regalias tanto morais como materiais.

Ao Governo, á Companhia e a todos que a esta teem interesses ligados, faz a U. S. O. o aviso solene, que o conflito tem que terminar com honra para a organisação operaria; e, cabe ás entidades citadas a responsabilidade gravissima dos factos que porventura venham a suceder e isto para quem possa evitar, que evite, porquanto só aos monarquicos convem neste momento a alteração da ordem!»

Depois de atacar a direcção da Carris, que puniu dois empregados, o manifesto, tomando a defesa dos operarios dos electricos, termina dizendo:

Esmaga-los será atear o incendio que já principiou a lavrar e que nós proprios U. S. O. não poderemos prever até onde possa ir.

Tambem se encontram em greve os nossos camaradas maritimos,—esta para aumento de salario—mas que tambem egualmente deve interessar a organisação operaria, porque perdida esta, todas as que se lhe seguirem terão a mesma sorte, e então é preciso que todos estejam preparados para sabermos responder ao embate que não se fará esperar.

Operarios Revolucionarios! Aguardai serenamente as resoluções da U. S. O. e acata-las é defender-vos de todos os ataques jesuiticos da Confederação Patronal.

Operarios! Preparai-vos para a greve geral, em auxilio das classes em luta.

Como os leitores veem as nossas informações vão-se confirmando dia a dia. A U. S. O., pelo manifesto acima, mostra o seu receio pela perda do movimento do pessoal da Carris, o que acarretaria a perda da honra da organisação operaria.

E para que essa honra se não perca vá de insultar a imprensa burgueza e a Confederação Patronal, e aconselhar o operariado a intervir rapidamente, impondo-lhe desde já um movimento geral de caracter revolucionario!

A U. S. O. depois de fazer o aviso solene de que o movimento tem de terminar com honra para a organisação operaria e depois de enjeitar as responsabilidades do que para suceder de grave, ao Governo e á Companhia Carris de Ferro, afirma categoricamente que não pode prever até onde irá o incendio que já principiou a lavrar...

Sabemos no entanto que tais ameaças firmes e categoricas não amedrontaram o Governo e tanto assim que continuam chegando novos reforços ás chamadas linhas de Torres. Em redor da Capital temos actualmente alguns regimentos completos de infantaria e um numero elevadissimo de bocas de fogo. Essas forças juntamente com as da G. N. R. actuarão logo que se esboce o menor movimento fazendo tudo prever que como medida de prudencia a greve revolucionaria não chegará a desenhar-se...

As propriedades bem como as vidas dos cidadãos merecem especial atenção ao Governo, o que é garantia segura de que não se darão os anunciados assaltos. Quanto muito poderão registar-se «desordens», bastando a G. N. R. e a policia para sufoca-las rapidamente...

Pelo menos são estas as suposições do Governo.

A questão irlandesa

LONDRES, 27.—No sabado o sr. Artur Griffiths, presidente do «Dail Eireann» e o sr. Duggan, ministro do Interior do Estado Livre da Irlanda tiveram nesta cidade uma prolongada conferencia com o sr. Winston Churchill. Os «leaders» irlandeses vieram a Londres a convite do Governo inglês que desejava informações mais detalhadas sobre os efeitos do pacto concluido entre o governo provisorio irlandez e o sr. de Valera sobre o tratado anglo-irlandez.—(R.)

A greve dos electricos

Ainda se não encontra solucionado o conflito do pessoal da Carris de Ferro com a direcção da Companhia.

Os carros continuam ainda a ser tripulados por marinheiros, guardas civicos e soldados da G. N. R.

Hoje fizeram-se novas carreiras, havendo já carros para a Estrela.

Chegou hoje o "Deseado„

A bordo veio preso o sr. Calvet de Magalhães

Vindo dos portos do Brazil fundeou hoje de manhã no no nosso porto o vapor da Mala Real «Deseado».

Acompanhado de dois agentes da policia brazileira veio preso o sr. Calvet de Magalhães, autor de um importante desfalque cometido por aquele antigo comissario do Governo a bordo do vapor «Porto» dos T. M. E.

Um consul roubado

O consul de Costa Rica em Lisboa, esteve no Governo Civil a queixar-se de que um individuo fardado de soldado de infanteria do Exercito lhe furtou o relogio e a corrente de ouro, tudo no valor de 1.200 escudos.

SEGREDO A TODA A GENTE

Santo Entrudo

Estamos em segunda-feira gorda, por consequencia em pleno Carnaval. E entretanto tenho a impressão de que todos os espectros gloriosos da «Comedia dell'Arte»—não acordaram ainda. Dir-se-ia (e com que dolorosa evidencia!) que o Entrudo está morrendo, ano a ano, despojado de brilho, de beleza e de graça. Porquê? Porque nós todos portugueses cuja alegria é uma lenda inventada por um homem de espirito—não sabemos divertir-nos. Nunca o soubemos. O Carnaval em Lisboa quando não foi uma batalha—foi um enterro. Quando se podia atravessar o Chiado de chapeu alto—ia-se acompanhar o Entrudo aos «Prazeres». Lisboa nunca teve como Nice ou como Veneza, um Carnaval brilhante nas ruas. Nunca. Limitou-se quasi sempre a uma procissão mais ou menos ridicula de «chéchés», de dominós, de pelintras que aproveitavam a oportunidade—para pedir esmola. Um dia o Entrudo passou a ser proibido—pela policia. Pensou-se que seria uma maneira facil de rejuvenescer. Mas nem assim. Continuou a ser ridiculo, absurdo, semsaborão, insuportavel. Não ha uma mascara curiosa, não ha um numero de sensação; não ha uma caricatura de espirito—apenas as crianças lhe dão ainda uma nota viva de cor, de movimento, de juventude, de inocencia. Debrucei-me agora na janela. Um delicioso bébé vestido de Cardeal, pequenina mancha vermelha que um raio de sol iluminasse passou chorando, ao colo duma senhora. Seria com saudades do Entrudo que morreu? Engano. E' com tedio do Entrudo que ainda vive. Amanhã até os bébés, as Pierrettes, e os Arlequins, as Colombines e os Pierrots, toda a gente de palmo e meio que é, apesar de tudo, ainda a alma do Carnaval de hoje, hão de adormecer, fatigados e desfalecidos. E então o Entrudo agonisante, coitado, terá morrido...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

ELECTRICIA

Desta importante casa de artigos electricos, rua de Santa Justa, 87 a 93, e Arco de Bandeira 185 a 193, recebemos e muito agradecemos uma util lanterna electrica de algibeira.

A conferencia Lloyd George-Poincaré

PARIS, 27.—Na conferencia de Bolonha os dois primeiros ministros trataram principalmente da conferencia de Genova e chegaram a um acordo completo sobre as garantias a tomar para que não sejam atingidas nem as prerogativas na Sociedade das Nações, nem os tratados assinados pela França depois da Paz, nem os direitos dos aliados ás reparações. Os tecnicos reunirão em Londres dentro em pouco para examinar as questões economicas e tecnicas e pedir-se-ha ao governo italiano para reunir a conferencia de Genova em 10 de abril. Lloyd George e Poincaré conversaram muito amigavelmente sobre todos os pontos em discussão e levaram da sua conferencia a certeza de que a entente anglo-franceza em todas as questões internacionais produzirá em breve resultados muito fecundos tendo ficado convencidos que nenhuma dificuldade de ordem politica impedirá as duas nações aliadas de trabalharem juntas na reconstrução da paz. Parece que os dois primeiros ministros redigiram um minucioso comunicado do que se passou em Bolonha, no qual propositadamente insistiram sobre a cordialidade da conferencia.—(R).

Dr. Reis Junior

O sr. dr. Reis Junior director da policia de investigação, que como é sabido foi ante-ontem vitima de um desastre em «sid-car» na Praça Marquez de Pombal peorou hoje sendo atacado de violenta febre.

A policia tendo procedido a diligencias afim de descobrir o causador do desastre ou seja o chauffeur que guiava o automovel que chocou com a «sid-car» em que seguia o director da policia de investigação, prendeu o corretor de fundos sr. Eduardo Lima, rua dos Correeiros 140, como sendo o responsavel pelo caso. O sr. Eduardo Lima negou a acusação que sobre ele pesa apesar das testemunhas afirmarem ter sido ele o unico culpado

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa: R. dos Fanqueiros n.os 272 a 276

Dividendo de 1921

São avisados os Srs. Acionistas de que tendo-se cumprido a formalidade prescrita no artigo 4.º da lei n.º 1.043 de 31 de Agosto de 1920, o dividendo de 12 0|0 ou 12$000 por acção votado na Assembleia Geral de 23 do corrente, pagar-se-ha:

Em Lisboa, em todos os dias uteis desde 1 a 15 de Março proximo, das 11 ás 13 horas e depois em todas as quartas-feiras seguintes ás mesmas horas.

No Porto, no deposito desta Companhia, Rua Passos Manuel n.os 49 a 51, no dia 16 de Março e em todas as quintas feiras seguintes ás horas acima indicadas, devendo os Srs. Accionistas que ali desejarem receber, apresentarem as respectivas relações no referido deposito até ao dia 11 de Março.

Lisboa, 25 de Feverejro de 1921.
Pela Companhia do Papel do Prado
O Director-Delegado
Antonio Gonçalves Viana de Lemos

Carta da Alemanha

O RESURGIMENTO DA ALEMANHA—A NAVEGAÇÃO ALEMÃ—A CONFERENCIA DE GENOVA—O GOVERNO WIRTH E O DESCONTENTAMENTO DAS CLASSES—AS CORRENTES POLITICAS NA ALEMANHA

O futuro historiador, que tenha de fazer a historia alemã dos ultimos anos, deparará, ao começar, com um dos problemas mais dificeis de explicar.

Porque é, realmente, dificil de explicar como é que um povo dizimado por uma guerra de mais de quatro anos, pela fome resultante do bloqueio de seis anos, pela perda de provincias densamente povoadas e sacudido por uma revolução completa, pôde, não só viver, mas fazer admiraveis progressos no dominio da industria e do comercio!

E' que com efeito, este problema será tanto mais dificil de resolver, para o futuro historiador, quanto é certo que este não conhecerá, dos varios factores que nele entram, mais que os dados numericos fornecidos pela estatistica, vendo-se, portanto, excessivamente embaraçado para encontrar uma solução satisfatoria.

Nós que pertencemos a este povo e que podemos compara-lo com outros povos vitimas de um desastre analogo e que vegetam na miseria, como por exemplo, os russos e polacos, conhecemos a verdadeira causa do maravilhoso restabelecimento do povo alemão depois de uma derrota sem precedentes na historia.

E esta causa é o esforço de trabalho e o sentimento da ordem cada vez mais vivos no povo alemão.

Mesmo os nossos comunistas, mais radicais, trabalham e zelam pela ordem publica.

Não se pode nem se deve julgar a situação da Alemanha pelas noticias dos jornais, generalisadas e exageradas pelas agencias telegraficas ávidas de produzir sensação.

A vida social alemã progride, não como antes da guerra, mas duma maneira segura e decidida e isto porque o ritmo do trabalho recomeçou e se fortalece cada vez mais.

As grandes companhias maritimas de Hamburgo e Bremen perderam pelo tratado de Versailles, todos os grandes barcos e a maior parte dos de tonelagem media. Apesar disto a navegação, não só destas duas Companhias principais, mas de muitas outras, foi restabelecida e prospéra.

Ha, até uma nova companhia, a de Stinnes, grande industrial e empresario, cujos vapores não são ainda conhecidos em Portugal, embora o numero da tonelagem e dos vapores entrados no porto de Hamburgo, seja superior ao movimento dos portos de Anvers e Rotterdam.

A estatistica da exposição alemã registra aumentos continuos e os numeros subiriam muito mais se o valor do marco não impedisse a compra de materias primas estrangeiras.

No dia em que o marco suba de valor, começará uma nova epoca economica para a Alemanha e esse dia virá, ninguem o põe em duvida.

A conferencia do Genova fixará provavelmente a soma definitiva que a Alemanha deverá pagar como indemnisação de guerra e a partir desse dia, a Alemanha poderá regularisar de vez as suas finanças.

Até agora o governo alemão não tem absolutamente nenhuma possibilidade de fazer o calculo das despezas anuais e dos impostos necessarios para cobrir as despezas.

Pela primeira vez, depois do tratado de Versailhes, terá a Alemanha o direito do enviar os seus delegados a uma conferencia na qual se tomarão deliberações sobre a sua sorte, sendo de esperar que a conferencia apreciará os resultados dos peritos alemães sobre as possibilidades de pagar somas fabulosas.

A Inglaterra, a patria do calculo nacional e do egoismo comercial compreendeu, ha pouco tempo, ainda, que uma Alemanha forçadamente empobrecida e reduzida á escravidão é um perigo para o comercio inglez, porque um povo assim empobrecido não pode comprar as mercadorias inglezas.

A Alemanha, que noutro tempo foi a maior compradora das mercadorias inglezas, deixou agora de o ser em consequencia da desvalorisação da sua moeda.

Por outro lado, o que é ainda pior para a Inglaterra: a industria alemã está presentemente em condições de fazer uma concorrencia terrivel a todas as industrias europeias precisamente em virtude do preço minimo do marco no mercado cambial do mundo.

A ultima crise governamental alemã não passou, no fim de contas, de uma tempestade num copo de agua.

O chanceler Wirth venceu por uma maioria de 30 votos, o que lhe permitiu continuar á frente do governo. A sua queda teria sido irremediavel se se fizesse uma combinação partidaria.

A vitoria dos partidos da direita é de prever nas proximas eleições gerais, porque o descontentamento do povo alemão para com o governo atual é manifesto.

Não só as classes mais ou menos monarquicas que estão descontentes com o governo, mas as proprias classes operarias, socialistas.

Nunca um governo provou tão completamente a sua incapacidade.

O povo julga a acção do governo com um argumento irrefutavel:—o encarecimento continuo e inverosimil de todos os generos e de todas as necessidades da vida.

O pão negro custa nada menos do que 12 marcos o kilo e 60 marcos igual peso de carne de porco. A ultima grève dos empregados dos caminhos de ferro foi determinada pela carestia da vida.

O preço de todos os artigos aumentaram 20, 30 e 50 vezes mais, em quanto que os salarios apenas decuplicaram.

Daqui, a miseria e o descontentamento. O numero dos funcionarios publicos é, presentemente, quatro vezes maior do que antes da guerra.

Os socialistas, por sua vez, pretendem experimentar o prazer de governar. Como resultado da acção deles foram já creados dois ministerios.

Por outro lado, a adopção do dia de oito horas de trabalho aumentará necessariamente o numero dos funcionarios.

Os chefes do partido socialista aguardam com ansiedade as proximas eleições no Reichstag.

Sabem que o povo alemão se desiludiu depressa da superstição socialista e que em qualquer nova eleição politica que haja, seja para a constituição dos parlamentos dos varios estados alemães, seja para a constituição dos senados municipais, a corrente da opinião publica se inclinará necessariamente para as direitas.

Nas ultimas eleições municipais, em Berlim, os socialistas perderam as maiorias. O direito eleitoral das mulheres vem aumentar esta tendencia anti-socialista e no campo dos revolucionarios lamenta-se o facto de se ter concedido o direito de voto ás mulheres.

Tem-se pensado em lh'o retirar, mas a verdade é que, ninguem se atreve a tal, tanto mais que os partidos da direita se opõem terminantemente a tal medida, depois que reconheceram as vantagens que derivam do facto de terem as mulheres pelo seu lado.

Não ha duvida nenhuma de que o movimento politico na Alemanha é orientado no sentido de realisar uma republica burgueza.

Não é ainda bem para a monarquia que o movimento se dirige, por que esta foi muito comprometida por Guilherme II, sobretudo pela sua fuga precipitada para a Holanda, porem os partidos monarquicos estão cheios de esperança no futuro, porque teem a convicção de que um povo por tal fórma monarquico como era o povo alemão, não se torna republicano de um dia para o outro em consequencia da série de improvistos e da miseria causada por uma guerra perdida.

Disposições legais sobre Deposito e Registo obrigatorio na Biblioteca Nacional

Decreto n.º 7002, de 15 de Setembro de 1920—D. G. de 6 de Outubro de 1920

....

Art. 13.º E' obrigatorio o registo, na Biblioteca Nacional de Lisboa, de propriedade literaria, da reimpressão de autores caidos no dominio publico e de traduções em lingua portuguesa, ficando êsse registo sujeito aos impostos criados pelos n.os 11.º, 12.º e 13.º da tabela anexa a êste decreto.

§ 1.º A liquidação do imposto pertence á mesma Biblioteca, que tambem passará as competentes guias para serem pagas em qualquer tesouraria da Fazenda Publica.

§ 2.º Recebidas as guias com a nota de pagas, a mesma Biblioteca fará o registo e só então o livro poderá ser posto á venda.

....

Art. 21.º Os livros que, nos termos do artigo 13.º, são obrigados a registo e que forem encontrados á venda sem êsse registo, serão apreendidos com as formalidades estabelecidas para os documentos encontrados sem o pagamento de imposto de sêlo, ficando o respectivo editor responsavel pelo imposto e mais o dôbro dêsse imposto como multa.

....

Art. 23.º A importancia das multas arrecadadas pelas transgressões do disposto neste regulamento será distribuida: metade para o empregado que descobrir a transgressão e a outra metade para o Estado.

§ 1.º A multa será paga por meio de guia, que será passada pelo empregado que tiver levantado o auto.

§ 2.º As guias serão passadas pela importancia total da multa, entrando em receita a parte do Estado e ficando a parte pertencente ao empregado em poder do tesoureiro, que será responsavel pela sua importancia para com o interessado.

§ 3.º Se dentro de três dias, contados daquele em que forem passadas as guias, não fôr apresentado ao funcionario que as passou um dos duplicados com o competente recibo, seguirá o processo os seus termos.

Art. 24.º E' da competencia dos empregados fiscais e da Biblioteca Nacional de Lisboa a fiscalização dos impostos e taxas dêste decreto.

Tabela anexa

11.º Registo de propriedade literaria obrigatoria. O seu imposto será regulado por esta formula: Imp. P T : 1.000 sendo P o preço da capa e T o numero de exemplares da tiragem.

12.º Registo obrigatorio da reimpressão de autores caidos no dominio publico, sendo o seu importe regulado pela formula constante do numero precedente desta tabela, multiplicado o produto por 3.

13.º Registo obrigatorio de traduções em lingua portuguesa, sendo o seu importe regulado pela formula já citada do n.º 11.º, multiplicado o produto por 5.

Decreto n.º 5618, de 10 de Maio de 1919—D. do G. (5.º supl.) de 10 de Maio de 1919

....

Art. 89.º Todo o cidadão português ou subdito estrangeiro que se estabelecer com oficina tipografica dentro do territorio da Republica é obrigado a comunicar a séde dessa oficina á Biblioteca Nacional, sob pena de uma multa de 10$ pela falta de cumprimento da lei.

Art. 90.º Os donos das tipografias, litografias e oficinas de gravura, ou seus administradores, são obrigados a enviar gratuitamente ás Bibliotecas Nacional de Lisboa, da Universidade de Coimbra, Municipal do Porto e Popular de Lisboa, um exemplar de todos os trabalhos que executem, sem distinção entre obras, opusculos, folhetos, periodicos, desenhos e fôlhas volantes.

§ 1.º Estão, pois, compreendidas na disposição dêste artigo todas as revistas e jornais, as obras de musica, os mapas, as plantas, os planos e estampas de qualquer natureza, incluindo os bilhetes postais ilustrados.

§ 2.º Consideram-se como obras diferentes as reimpressões, novas edições, ensaios e variantes de qualquer ordem.

§ 3.º As oficinas que estiverem situadas em alguma daquelas cidades farão êsse envio, para a respectiva biblioteca beneficiaria do deposito legal, *no prazo maximo de quinze dias*; e todas as oficinas do paiz cumprirão essa obrigação, em relação ás bibliotecas que não estiverem situadas na mesma cidade em que funcionem, dentro de *um mês*, a contar da data da publicação.

Art. 91.º São equiparadas ás obras nacionais, para o efeito das disposições dêste capitulo, as provenientes do estrangeiro que trouxerem indicação de editor domiciliado em Portugal, sendo então êste responsavel pelo cumprimento das prescrições legais.

§ unico. O prazo será, neste caso, de três meses após a publicação.

Art. 92.º Os exemplares enviados ás diferentes bibliotecas devem ser impressos em bom papel, de maneira a assegurar-se a sua conservação e devem constituir a tiragem e a forma mais completa e perfeita da respectiva edição.

Art. 93.º O director de cada uma das bibliotecas beneficiarias pode reclamar dos impressores as obras anteriores á publicação do presente diploma que se verifique não haverem sido depositadas, em conformidade com a legislação anterior.

Art. 94.º Na ocasião da entrega será passado o competente recibo, que servirá como prova suficiente no caso de se levantarem duvidas sobre o cumprimento dessa prescrição legal.

Art. 95.º As especies remetidas ás diferentes bibliotecas, em observancia desta lei, transitarão pelos correios da Republica *com isenção de franquia e gratuitidade de registo.*

Art. 96.º *As transgressões serão punidas com a entrega de dois exemplares da obra e mais as seguintes multas pecuniarias: demora até dois meses, 20$; até três meses, 30$; não entrega dentro de três meses, a contar da publicação, 50$, e 100$ pela reincidencia.*

Art. 97.º As receitas produzidas pelas penalidades estabelecidas nos artigos 89.º e 96.º serão cobradas pelo cofre da Biblioteca Nacional, que as aplicará á compra de livros.

CURIOSIDADES

Algumas abdicações e abjurações historicas

As mais notaveis abdicações são as seguintes:

A do dictador Cincinato, em Roma, no ano 438 antes de Jesus Cristo; a de Ptolomeu I Soter, rei do Egipto em 281, antes de Cristo; a do dictador Sylla, no ano 80 antes de Cristo; a dos imperadores romanos Diocleciano e Maximiano no ano 305, da era Cristã; a do imperador grego Theodozio III, em 718; a do Papa Benedito IX, em 1408; a do rei da Hungria Estevam II em 1131; a do rei de Jerusalem, Guido de Lusignan em 1192; a da Ala ed-Din em 1327; a do Papa Felix V, em 1449; a do rei de Napoles, Afonso II, em 1495; a de Carlos V, em 1556; a da rainha Cristina da Suecia, em 1654; a de Casimiro V, rei da Polonia, em 1667; a de Estanislau II, tambem rei da Polonia, em 1795; a de Carlos Manuel IV da Sardenha, em 1802; a de Carlos IV, rei da Espanha, em 1808; a do Gustavo IV, rei da Suecia, em 1809; a de Luiz Bonaparte, rei da Holanda, em 1810; a do imperador Napoleão I, em 1814; a de Victor Manuel I, rei da Serdenha, em 1821; a da Bolivar, libertador da America espanhola, em 1825; a de Carlos X, rei da França, em 1830; a de D. Pedro IV, rei de Portugal, em 1831; a de Guilherme I, rei da Holanda, em 1840; a de Fernando I, imperador da Hungria, no mesmo ano; a de Luiz Filipe I, em 1848; a de Carlos Alberto, rei da Sardenha, em 1849; a de Othão rei da Grecia, em 1862; a de Isabel II, rainha da Espanha, em 1870; de Amadeu, rei da Espanha, em 1873; a de Ismael-pachá, vice-rei do Egipto, em 1879; a do principe Alexandro da Bulgaria em 1886; a de Milão I, rei da Servia, em 1889; a do imperador da Corêa, em 1907; e a do Schah da Persia em 1909 (Julho).

As principais abjurações de pessoas reais, são as seguintes: a de Henrique IV, em S. Diniz, em 1593; a da rainha Cristina, da Suecia, em 1655; a de Augusto II, eleitor de Saxe, depois rei da Polonia, em 1706; a de Bernardotte, principe real da Suecia, em 1810; a de Boris, principe herdeiro da Bulgaria, em 1886; a da rainha da Italia, Helena, em 1896; a da actual rainha da Hespanha, D. Victoria Eugenia, esposa de D. Afonso XIII, em 1906 e a da duqueza do Porto, americana, viuva do ex-infante D. Afonso que para casar com ele foi batisada com o nome de Maria Pia em substituição do de Nevada que usava.

O juramento dos principes herdeiros

Em Portugal principiou a usar-se esta cerimonia em 1433 no reinado de D. Duarte e foi 1.º principe herdeiro seu filho D. Afonso. Em Inglaterra principiou no reinado de D. Henrique III e foi o primeiro principe herdeiro D. Eduardo; em Hespanha principiou no reinado de D. Afonso, o «sabio»; e em Aragão foi no reinado de D. Fernando I que principiou a usar-se a mesma cerimonia e foi jurado principe herdeiro o seu filho D. Alvaro.

Muralas hmais celebres do mundo

A de Sesostris que se estendia de Heliopolis a Palusio para perseverar o Egito das invasões arabes; a do Istmo que defendia o istmo de Corinto; a medica que se estendia do Eufrates ao Tigre e separava a Babilonia da Mesopotamia; o baluarte de Trajano do Danubio ao Mar Negro; a muralha de Adriano entre a Inglaterra e a Escocia num comprimento de 125 quilometros; a de Septimo Severo, na extensão de 130 quilometros.

A. G.

ULTIMA HORA

Ordem Publica

O governo responderá á violencia com a violencia

Ampliando a noticia que publicamos na 1.ª pagina diremos que vindas de Santarem chegaram hoje a Lisboa mais 800 praças do regimento de infantaria 10 do comando do major sr. Geraldes os quais se faziam acompanhar da bandeira do regimento e da respectiva banda de musica.

Essa força vem reforçar as que se encontram já em redor da capital.

Conforme dissemos o Governo previne-se contra todas as eventualidades e seguindo essa orientação disposto esta a mandar encerrar e selar todas as dependencias da C. G. T., da U. S. O. e de outras associações operarias.

Tal medida de ordem será posta em pratica logo que se esboce a menor tentativa de revolta, devendo ainda ser presos todos os individuos conhecidos como «meneurs» de peões ou agitadores de profissão.

Por sua vez os delegados das classes operarias mostrando que não temem as medidas governamentais resolveram reunir depois de amanhã afim de se assentar definitivamente no caminho a seguir. Nessa reunião ficará resolvida, ao que se diz, a declaração da grève geral que estalará na 5.ª feira.

Tambem o Governo foi informado de que a U. S. O. conta com a adesão dos jovens sindicalistas os quais estando de alma e coração com o movimento nele colaborarão de uma fórma violenta.

Ha no entanto quem afirme que em face das medidas governamentais, os dirigentes do anunciado movimento reconsiderarão, evitando assim uma luta que deixaria muito mal feridas as classes operarias.

Foi entregue hoje a bateria aquartelada em Belem.

A noite tragica

Constou hoje que logo que chegue a Lisboa o ... «Vouga» o seu comandante será preso por suspeito de implicado nos acontecimentos da noite sangrenta de 19 de outubro.

Como é sabido o «Vouga» foi buscar a Italia os restos mortais do ex-infante D. Afonso de Bragança.

As classes maritimas em grève

Tende a solucionar-se a grève das classes maritimas.

Comquanto nestes ultimos dias não se tenham efectuado nenhumas «démarches» entre as partes interessadas, sabemos que, passado o Carnaval, essa grève virá a ter uma solução rapida, segundo nos informaram esta tarde.

D. Afonso de Bragança

Deve estar no nosso porto a 1 de março, o destroyer «Vouga» que traz a bordo os restos mortais do infante D. Afonso de Bragança.

Conselho de ministros

Houve hoje conselho de ministros.

O Governo crê poder apresentar algumas propostas de lei na sessão de segunda-feira, na Camara dos Deputados.

Dizia-se na Arcada que o conselho resolvera mandar pagar algumas contas dos fornecedores das T. M. E., já favoravelmente informadas, destinando para tal fim as sobras dos dois duodecimos orçamental já votados pelo Parlamento.

TEATRO

Nota do dia

O ano teatral de 1921

O «jornal da Europa» de que é diretor o nosso colega Armando Ferreira, extraimos o seguinte relato referente ao ano teatral em 1921, o qual fica assim arquivado na nossa secção:

Embora não seja habito analisar os anos, teatrais senão por temporadas artisticas isto é pelo espaço de tempo que vai de Outubro a Maio e de Maio a Outubro — a epoca de inverno e a epoca do verão—faremos no entanto, á semelhança do ano passado o balanço de 1921, cortando nesto momento a temporada artistica que vei decorrendo.

Um rapido relancear de olhos ás peças levadas á scena, uma rapida analise á situação teatral conduz imediatamente á conclusão de que o equilibrio ainda não foi encontrado, que os ordenados fazem quebrar as companhias sobrecarregando-lhes as despesas emquanto o publico se retrai ao pagamento de logares caros; que os originais portugueses ainda este ano levaram a palma ás peças traduzidas.

O Teatro Nacional dirigido actualmente por Augusto Pina, um nome que vale pelo talento e pela obra realisada, deu em Janeiro o «Calvario» drama de Afonso Gaio, pouco depois a «Zilda», o maior sucesso do ano teatral, com que se estreou o novel autor dramatico Alfredo Cortez. Em Junho pôz em scena a «Derrocada» do sr. Lourenço Gaiola, e finalmente em Dezembro o «Frei Satanaz» de Sousa Costa. Como reprises sensacionais o «Afonso VI» de João da Camara e a «Leonor Teles» de Marcelino no reportorio sempre atraente de Eduardo Brazão.

As peças estrangeiras que maior numero de recitas deram no Nacional foram a «Simone» de Brienx para a ingenuidade graciosa de Ilda Stichini a «Casa Cercada» de Kistemaeckers, que a tradução de José Sarmento valorisou.

Em «S. Carlos» albergaram-se numa temporada verdadeiramente artistica os novos artistas Rey Colaço e Robles Monteiro tendo posto em scena o original portuguez de valor «Seductores» de Vasco Mendonça Alves. A par da «reprise» dos «Lobos» e «Entre Giestas» e das peças «Jerusalem» de grande espectaculo e o «Regresso» de Flers e Caillavet. Estes artistas haviam dado na Trindade uma curta série de espectaculos com o «Pescadores de Perolas», tradução livre da Parceria, peça retirada do Nacional por imposição do Fiscal do Governo.

O «Politeama» sob a direção de Luiz Pereira mantém até á sua partida para o Brazil a Companhia Aura Abranches. «A caminho do sol» de Nicodemi, é mal acolhido, a «Gente Chic» uma pochade grossa faz o Carnaval. Depois vem a Companhia Amarante Satanela, dar o «Paris Monte Carlo», as «reprises» do «João Ratão», e «Miss Diabo». São sempre originais portuguezes que triunfam e marcam. Finalmente em Outubro reabre com a Companhia de Lucilia Simões, dando a «Raça» de Linares Rivas, o «Sol d'aldeia» peça russa de limitado agrado, o original portuguez «Emigrantes» e a «Mulher sem importancia» de Wilde o unico espectaculo que se póde classificar de brilante da temporada.

No Avenida abrem o ano Maria Matos e Mendonça de Carvalho. A «Inimiga» de Nicodemi e a «Sombra» são os maiores dramas levados á scena. No genero alegre uma infeliz adaptação da «Lisboa em camisa» a que nem valeu o nome de André Brun como adaptador, o mesmo sucedendo á «Morgadinha dos Canaviais». «O palo» de Feidau faz na reposição um novo sucesso de farça, como o «Alfaiate de senhoras», etc. Em outubro Amarante reabre com a «Viagem á China» e o seu reportorio de operetas.

No «Ginasio» mantem-se a companhia Alves da Cunha. O unico original que acusa é o «Adão e Eva» de Jaime Cortezão, peça de intuitos elevantados e avançados que tem um sucesso relativo. As peças estrangeiras de maior exito são «Les affaires sont les affaires», a «Ventoinha» tradução do espanhol e mais umas farças de baixo valor, «D. Paço de Manzanilla», «O grande Pina», etc.

No Trindade os espectaculos abrem com a reposição da «Noite do Calvario» do Marcelino, subindo á scena no final da temporada um unico original em verso «Sangue azul» que está em scé a duas noites. Os maiores aplausos são para o «Thermidor» de Sardou num conjunto que vem continuar o do «Mercador de Venesa» e para o «Emigrado» de Bourget para Ferreira da Silva ter uma magistral interpretação.

No «S. Luiz» as operetas portuguesas são os que marcam sucesso «J. P. C.» da parceria Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos é uma «trouvaille» digna dos notaveis comediograços portugueses. A fechar Dezembro a «Moreninha» tirada dum conto brasileiro pelo filho de D. João da Camara e Humberto Luna e Oliveira. O resto do ano foi passado em operetas conhecidas dando como novidade, entre outras o «Jardim d'Aspazia». No verão experimentou-se sem sucesso uma tentativa de fantasia magica «A mulher artificial» que deu logar á «reprise» apressada do «Capote e Lenço».

No «Apolo» a peça de mais agrado foi o «Porto, tantos de tal» que Lisboa não conhecia, e depois a revista de Schwalbach, «Lebre corrida. Com o «Burro em pé», o «E' o levas», «A' procura do badalo», «Risos e flores» e outras revistecas sem valór consumou o seu ano.

No Salão Foz, improvisado em «boite» fizeram continuos sucessos as «bluettes: Trolaró, Tic-Tac» e «Bichinha gata».

No «Eden» depois das revistas «Bomba Real», «Cerco ao Rei», «Pé de dança», Pau de dois bicos», é posto novamente em scena o «Tic-Tac».

Finalmente o «Chiado Terrasse», transforma-se de cinema em teatro e dá-nos varias peças italianas e francesas, umas novas e outras já conhecidas, «Mario e Maria», a «Sacrificada», «Apaixonadamente», a «Migalha», juntas com um original português de Vitoriano Braga «O conselho da noite», e com a farça «O novo testamento», sem que contudo pudesse salvar-se duma situação desastrosa.

No Coliseu passou uma pseudo companhia franceza de revista que levou á scena a revista «Paris s'amuse». O resto das temporadas encheu-se com companhias de circo e luta.

Em S. Carlos realizou-se uma epoca de opera lirica, cujo maior acontecimento foi a interpretação do «Parsifal» e o original de Ruy Coelho «Auto do Berço». Foi tambem á scena em recita de amadores aristocraticos a opereta «Rip».

* * *

De notavel para a historia do teatro no ano de 1920 ha o desaparecimento de duas das mais antigas casas de espectaculos; o «Trindade» adquirido por uma companhia estrangeira para sua séde, e o «Ginasio» devorado por um incendio. A construção de varios novos teatros iniciou-se, sendo de esperar que esta falta em breve se atenue.

Notavel tambem o reaparecimento na scena portuguesa de Lucilia Simões, como interessante o registo de novos nomes dando ingresso no palco de declamação. Assim Maria Judice que deixou o teatro de canto, sua filha Brunilde, uma nova esperança das nossas plateias, Maria Corte Real, Maria de Lourdes etc., etc., raparigas da sociedade ingressando na arte de Thalma como elementos de valor.

Ao mesmo tempo o desaparecimento de figuras notaveis como Ana Pereira e Lucinda do Carmo.

Na bibliografia de teatro ha a registar o aparecimento do livro «Repregos» de Martins Santos, bem como a publicação em volume da «Zilda», «Frei Satanaz» e «Senhor Roubado»

* * *

Em resumo, repetindo, podiamos afirmar que foram para peças portuguesas os melhores louros do ano teatral e que, se o ano não foi completo em absoluto, não nos envergonharia porem a par da estagnação geral das forças e talentos criadores do teatro moderno.

A. F.

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha estreia-se em S. Carlos a 19 de Março com a peça «A Vida» de Artur Cohen e em cujo desempenho toma parte Angela Pinto. A direção artistica será de Araujo Pereira e o elenco é o seguinte: Alves da Cunha, Joaquim Pratas, Samwell Diniz, Lino Ribeiro, Armando Cruz, Antonio Palma, Neves, Antonio Torres, Victor Cruz, Ernesto Alegria, Berta de Bivar, Berta de Albuquerque, Celeste Leitão, Maria Pinto, Isabel Berardi, Maria Pratas e Maria Emilia.

Do repertorio fazem parte as peças «Vasco da Gama», «Ridi Pagliari», «Tubarões», etc.

O automovel é indispensavel á vida

Factos que explicam porque o automovel, que a principio foi considerado como objecto de luxo, é agora auxiliar absolutamente necessario ás exigencias da vida moderna

Por um aperfeiçoamento progressivo o automovel tem alcançado a meta, como veiculo seguro e digno de confiança. O manejo do automovel de hoje em dia não oferece a menor dificuldade, nem o seu funcionamento é, como noutros tempos, problematico. O individuo que se há hoje num automovel para um destino qualquer, mesmo que trate de percorrer mil milhas, tem a certeza de chegar a salvamento, a não ser que ocorra algum acidente completamente estranho ao veiculo em que viaja. De modo que o automovel tem chegado a ser um meio seguro e rapido de transporte rapido, ao mesmo tempo que um objecto de prazer e saude.

Em nenhum paiz se tem multiplicado tanto o automovel como nos Estados Unidos, como o indicam as estatisticas. De todos os caminhões e carros automoveis que hoje existem 83 por cento pertencem aos Estados Unidos e esta percentagem apresenta um total de 9.211.295 veiculos registados neste paiz, o que equivale a um veiculo por cada 11 habitantes. Segue-se imediatamente o Canadá com um veiculo por cada 21 habitantes, ou seja 403.111 veiculos registados; vem logo a Nova Zelandia, com um veiculo por cada 41 habitantes ou um total de 30.000 veiculos; e, por ultimo, temos a Australia; com 78.000 veiculos registados, ou seja um por cada 64 habitantes. E' de advertir que êsses paizes, situados a remotas distancias dos Estados Unidos, não possuem a rede ferroviaria propria de paizes mais densamente povoados e que, para transportar os passageiros e as mercadorias, necessitam de servir-se de caminhões e carros automoveis.

Os paizes europeus e a Grã-Bretanha figuram em menor escala com respeito ao numero de automoveis que possuem. A Grã-Bretanha e Irlanda têm um veiculo por cada 110 habitantes; a França tem um veiculo por cada 205 habitantes; a Alemanha, um por cada 733; a Italia, um por cada 1,125; a Russia europeia, um por cada 4.733. Na Asia, temos o Japão, com um veiculo por cada 4.936 habitantes; China com um por cada 66.667; Siberia, um por cada 7.813; India, um por cada 12.333. Na America do Sul está o Brasil com um veiculo por cada 1.497 habitantes; Argentina, um por cada 296; Chile, um por cada 455. Na Africa, temos o Dominio Britanico do Sud, com um veiculo por cada 206 habitantes: Egipto, um por cada 2.560; Africa Ocidental Inglesa, um por cada 11.554; Argelia, um por cada 622; Marrocos, um por cada 4.500 e Tripoli, um por cada 1.429.

Entende-se que nos veiculos supraditos se incluem carros de passageiros, ao mesmo tempo que caminhões e carros automoveis de carga.

Volvendo aos Estados Unidos, que, como fica dito, é o paiz que possue maior numero de veiculos automoveis, é interessante observar como o carro automovel de passageiros se está utilizando cada dia com maior intensidade nos trabalhos que nenhuma relação têm com as simples viagens de prazer. A Camara de Comercio Nacional de Automoveis tem reunido dados muito interessantes ácêrca do aumento da potencia produtora, devido á posse de um automovel, e segundo o testemunho dos donos, êsse aumento é de 75 por centto; as milhas percorridas em viagens de negocio constituem 60 por cento do percurso total; os veiculos que se usam exclusivamente para negocios formam 90 por cento.

Em cada negocio, em cada profissão, aumenta consideravelmente a potencia produtora com o uso do automovel. Os grandes e pequenos lavradores, segundo a mesma fonte de informação, alcançam um aumento de 68 por cento na sua eficiencia individual, quando se valem do automovel e são precisamente os agricultores os mais dados ao uso do incomparavel veiculo. Os automoveis pertencentes a grandes e pequenos lavradores atingem a quantidade de 3.000.000, ou seja muito aproximadamente a terceira parte dos carros actualmente em uso em todo o paiz.

Os banqueiros estabelecidos em distritos rurais tiram assinalado proveito do uso do carro automovel; e pela sua parte, os fabricantes de toda a classe de artigos têm no automovel um auxiliar que multiplica grandemente a sua eficiencia, o seu tempo, os seus lucros e as quotidianas actividades dos seus estabelecimentos fabris. A residencia particular do fabricante pode encontrar-se a muitas milhas distantes da fabrica, mas, na realidade, graças ao carro automovel, é como se estivesse paredes meias.

Para os agentes vendedores, que têm de cobrir grandes territorios, o automovel tem-se tornado totalmente indispensavel. De outro modo, não poderiam levar comsigo bom numero de amostras, bem sortidas, para as ir repartindo ou mostrando entre compradores estabelecidos a grandes distancias uns dos outros e muitas vezes em paragens muito distantes das estações de estrada de ferro. Para esta classe de negocios a viagem por estrada de ferro tem ficado já substituida pelo transporte em carro automovel, propriedade do proprio viajante.

O automovel tem revolucionado a pratica da medicina. De todas as profissões e, mesmo de ocupações que impõem o uso do automovel como necessidade ingente, a medicina ocupa o primeiro lugar. Um celebre facultativo declara que nos ultimos dez anos tem percorrido no seu automovel 15.000 milhas por ano e que da soma total de milhas nessa decada, 90 por cento correspondem a viagens feitas por motivos profissionais. O seu automovel tem sido um admiravel colaborador das suas curas e pode-se dizer que tem permanecido em constante serviço quasi todas as 24 horas de cada dia.

E o mesmo sucede com referencia a milhares de medicos dos Estados Unidos. Com o automovel, o facultativo pode servir a população disseminada por vasto territorio e os habitantes do campo, mesmo achando-se a várias milhas distantes do medico, não têm com que se preocupar no caso de necessitarem de uma pronta atenção medica, pois que o carro automovel tem suprimido as distancias.

Volvendo á utilidade do automovel entre os agentes viajantes, citaremos a declaração de um dêles, que trabalha para uma rgande casa fabril. Declara que 90 por cento do traablho do seu automovel se consomem nas operações do negocio mercatnil que tem a seu cargo. Graças ao seu carro, pode visitar frequentemente as suas antigas relações e as pessoas com que deseja relacionar-se, mostrar a todos a mercadoria em que negoceia, vender-lhes a prazos ou alugar-lhes as maquinas de contar, cuja venda está a seu argo e, por fim, fazer negocios que sem o automovel não poderia realizar.

São interessantes os serviços que o automovel presta á igreja. Antes dos carros automoveis se terem generalizado, as igrejas rurais dos Estados Unidos eram de muito pobre construção e estavam mais pobremente mantidas e, por conseguinte, exerciam muito pouca influencia sobre os fieis. E como as igrejas vivem da esmola, se a freguezia é pequena e não atende ao templo, o culto decae, os paroquianos desencaminham-se e tudo parece inclinar-se em mau sentido. O custo da vida ia elevando-se gradualmente e isso contribuia para agravar o problema da igreja rural nos Estados Unidos.

Mas veiu a ocasião em que se construiram excelentes estradas e em que o automovel fez a sua irrupção nos distritos rurais e a população mantedora da igreja começou desde logo a crescer e a sentir-se muito mais capaz de cumprir com os seus deveres religiosos. As distancias de 10, 12 e 15 milhas vieram a ser consideradas insignificantes para assistir aos oficios divinos e os fieis mantedores do culto, que antes se contavam por duzias, chegaram a contar-se por centenas e mesmo por milhares. As confrarias puderam ser então organizadas, e houve meios de conservar o serviço religioso em todo o seu explendor.

Não se fazem frases ôcas, quando se afirma que o automovel tem suprimido as distancias. Já ninguem vive isolado; o habitante dos campos tem a cidade ao seu alcance; o habitante da cidade tem o campo á porta de casa. Hoje é geral a pratica de sair para o campo aos domingos e dias feriados, e voltar a casa com o carro carregado de frutas, verduras, ovos, mel e tudo o que se necessita para o consumo da semana, com o que se consegue uma economia muito apreciavel. Ao mesmo tempo o fazendeiro vai á cidade fazer compras de quanto necessite, e evita a sobrecarga nos preços pela intervenção dum terceiro.

Como nas grandes cidades ha diversos meios de transportes, a maioria dos proprietarios de automoveis, nos Estados Unidos, está entre os agricultores e residentes do campo. 33 por cento de todos os automoveis deste paiz, pertencem a gente que habita em distritos de menos de 1.000 habitantes, e 22 por cento aos habitantes de vilas e aldeias que teem entre 1.000 e 5.000 almas. Nas cidades de 5.000 a 50.000 habitantes essa percentagem baixa a 20; em cidades de 50.000 a 500.000 a 16 por cento, e nas de 500.000 para cima não ha mais de uns 9 por cento. De modo pois que o automovel é propriamente um meio de transporte rural.

Convem que nos fixemos nesses dados de hoje, quando se trata de moderar os gastos gerais e a economia se tem convertido em lema ou axioma. Ha anos, quando o automovel não era mais que um objecto de prazer, a industria automobilista tinha sofrido grandemente por causa da reacção contra os gastos extravagantes ou superfluos, ou de simples recreio; ao passo que hoje o automovel tem demonstrado que é um objecto de suma necessidade, e de fórma alguma simples elemento de luxo ou de passatempo. Assim se tem compreendido em todo o territorio dos Estados Unidos, e a prova mais cabal desse reconhecimento está no ardor infatigavel com que se teem construido e se continuam construindo caminhos apropriados para a passagem do arrogante veiculo.

Nos ultimos tempos tem-se tornado manifesta uma notavel baixa nos preços de certos carros americanos, o que, certamente, os tem posto muito mais ao alcance do publico em geral, que estavam ha um ano. Em alguns centros tem-se notado a tendencia para demorar os pedidos, com a esperança duma nova baixa, mas uma analise da situação actual demonstra plenamente que não ha tal em perspectiva. Os peritos em tais materias estão concordes em que os preços actuais se manterão por largo tempo, e que sómente em casos muito isolados podem ocorrer algumas baixas. A industria automobilista americana tem voltado ao tipo de preços que prevalecia antes da guerra, e dificilmente se pode fazer nova redução. Pelo contrario, o racional é esperar que os preços tendam a subir dentro de muito pouco tempo, quando indubitavelmente as vendas forem maiores e o mercado se fixe numa normalidade duradoira.

Aos preços que hoje predominam, o automovel americano vem a ser uma excelente aquisição para o comprador sagaz que quer sempre empregar o seu dinheiro em artigo valioso e de verdadeiro proveito. Nunca como hoje se tinha equipado tão completamente o automovel, nem se lhe tinha dado tão atraente aparencia. O arranque automatico e a iluminação electrica são caracteristicos do automovel americano de hoje em dia.

O automovel tem deixado de ser objecto de luxo para se converter em elemento indispensavel a todas as esferas da vida, a todos os negocios, a todas as actividades. Os preços actuais são tão baixos que o não podem ser mais.

Os despachos são feitos hoje com maior rapidez que ha seis mezes, quando as fabricas estavam incapacitadas para atender com toda a regularidade á procura existente.

N.º 22 — Folhetim de A CAPITAL — 27 de Fevereiro de 1922

DOSTOIEVSKI

Nietotchka Vezvanova

Sensacional romance russo

IV

Ao anoitecer levaram-me para os aposentos de cima. Adormeci com febre. De noite, acordei chorando por causa dos pesadelos que tinha. No dia seguinte de manhã aconteceu o mesmo que na vespera: de novo me levaram para os aposentos da princeza. Por fim ela deixou de contar as minhas aventuras ás visitas e estas deixaram de a ouvir; alem disso eu era uma criança meio ordinaria, sem nenhuma simplicidade ingénua como se exprimia a princeza falando de mim a uma senhora idosa que lhe perguntava se não se aborrecia comigo. Desta maneira uma tarde levaram-me definitivamente para cima e eu não fui mais aos aposentos da princeza.

Assim terminou o meu periodo de favoritismo. De resto eu tinha licença de ir paro onde quizesse, e como não podia estar socegada por causa da minha profunda angustia, sentia-me muito feliz isolando-me de todos, em baixo, nas salas grandes.

Recordo-me que sentia um vivo desejo de conversar com os criados da casa, mas tinha tanto medo de os contrariar que preferia ficar só. O meu passatempo predileto era agachar me em qualquer canto onde ninguem me visse, esconder-me detraz de qualquer movel, e aí rememorar tudo o que me tinha acontecido.

Mas, coisa exquesita, esquecia-me afinal da tragedia que tinha acontecido em casa de meus pais. Passavam diante de mim as caras, os factos; recordava-me de tudo: na noite da tragedia, do violino, do meu pai. Recordava-me como lhe tinha procurado o dinheiro.

Analisar, reflectir sobre esses acontecimentos não o podia eu, porem fazer. Pensando neles apertava-me o coração. Chegava ao momento em que eu orava junto da minha mãe morta, percorria-me o corpo um arrepio. Tremia, deixava escapar um pequeno grito, a respiração tornava-se-me dolorosa, o peito tremia-me tão fortemente batia o coração e assustada, aterrorisada fugia do meu canto.

Devo dizer porem, que não é exato que me deixassem só: vigiavam-se sem cessar e com muito zelo, em tudo executando pontualmente as instruções do principe que tinha ordenado que me dessem a maior liberdade; que não me contrariassem em nada, mas que nem um unico momento me perdessem de vista. Eu notava que, bocado a bocado, qualquer dos criados lançava um olhar para o quarto onde eu estava e saia-se sem me dizer uma palavra. Eu estava muito admirada e um pouco inquieta com esta atenção.

Não podia compreender porque me faziam isso.

Parecia que me vigiavam com algum fim, com a intenção de mais tarde fazerem qualquer coisa comigo...

Recordo-me que procurava sempre o canto mais escondido para me poder subtrair a esses olhares vigilantes. Uma vez descia uma grande escada. Era toda de marmore, larga, coberta com um tapete e ornamentada com plantas e belos vasos.

Em cada degrau estavam sentados, silenciosos, dois homens de alta estatura, vestidos duma maneira excentrica, de luvas calçadas e com gravata azul. Olhei-os admirada, não podendo compreender porque estavam ali, tão silenciosos; olharam um para o outro e nada disseram.

Estes passeios solitarios agradavam-me cada vez mais.

Além disso eu tinha uma outra razão para fugir do andar que ocupava. Nesse andar vivia a velha tia da princeza; ela nunca abandonava os seus aposentos. A recordação desta velha ficou-me nitidamente gravada na memoria. Era a pessoa mais importante da casa.

Nas suas relações com ela todos observavam uma itiqueta severa e a propria princeza cujo olhar era sempre tão orgulhoso e tão importante, duas vezes por semana em dia certo, subia a visitar a tia. Geralmente, a visita era de manhã e começava por uma conversa banal, muitas vezes interrompida por silencios embaraçosos, durante os quais a velha murmurava orações ou passava as contas do rozario. A visita só acabava por desejo da tia. Levantava-se, e beijava a princeza nos labios o que significava que a visita tinha acabado.

Noutras vezes a princeza ia todos os dias apresentar cumprimentos á tia, mas depois tinha direito a umas ferias. Nos cinco dias da semana em que a princeza não fazia a visita, limitava-se a mandar saber da sua saude. Geralmente a princeza velha vivia recolhida. Era solteira. Aos trinta e cinco anos entrara num convento onde passou desassete anos, mas sem fazer voto. Deixara o convento para ir viver para Rewam em casa de sua irmã, que acaba de enviuvar, a condessa L..., cuja saude piorava de ano para ano e para se reconciliar com a segunda irmã, a princeza X..., com a qual estava mal havia mais de vinte anos.

Dizia-se que as velhas tinham querido separar-se mais de mil vezes, mas sem nunca o conseguirem, porque no momento da separação percebiam quanto eram necessarias uma á outra para se perseverarem dos aborrecimentos na velhice.

Mas não obstante os poucos atrativos da sua vida e o aborrecimento solene que pairava no palacio de Moscou, toda a alta sociedade fazia gala em visitar as trez reclusas.

Olhavam-nas como o simbolo de todas as tradições aristocraticas, como a historia viva da verdadeira aristocracia.

A condessa tinha deixado atraz de si as mais belas recordações. A condessa era uma excelente senhora. As pessoas que vinham de S. Petersburgo destinavam-lhe a sua primeira visita.

Quem fosse recebido por ela podia sê-lo em qualquer parte. Mas a condessa morreu e as outras duas irmãs separaram-se. A mais velha, a princesa X, ficou em Moscou, para receber a parte da sua herança porque a condessa tinha morrido sem filhos. A mais nova, a que tinha estado no convento, foi morar para S. Petersburgo para casa do sobrinho. o principe X.

Ao contrario os dois filhos do principe. Catarina e Alexandre ficaram em Moscow em casa da avó para a distrair e consolar na sua solidão. A princeza, que amava apaixonadamente os seus filhos, não ousou dizer nada separando-se deles, perante a dôr do luto. Esquecia-me dizer que quando foi reconhecida em casa do principe, que ainda havia lá o luto—aliviado.

A velha princeza estava toda vestida de preto; usava um simples vestido de lã com uma pequena gola branca pelicada, que lhe dava o ar duma freira; nunca abandonava o rosario; a sua ida para a missa era solene, observava todos os jesuns recebia a visita de diversos eclesiasticos, lia livros religiosos e levava quasi sempre uma vida conventual.

O silencio, no andar inferior era terrivel. Era impossivel ranger com uma porta; a velha tinha o ouvido duma rapariga de quinze anos e mandava logo saber quem tinha provocado o barulho, ainda que o barulho não passasse dum simples estalido. Falavam todos, em vóz baixa, andavam todos nas pontas dos pés e até a pobre franceza, tambem senhora de idade, fôra obrigada a deixar de usar o calçado de salto que preferia: os saltos tinham sido proibidos.

Duas semanas depois de eu ter sido recolhida, a princesa velha mandou tomar informações a meu respeito que era, como me encontrava na casa, etc. Imediatamente e muito respeitosamente deram-lhe logo todas as explicações. Então ela mandou nova carta á franceza perguntando, porque ainda lhe não tinha sido apresentada.

Fez-se logo uma grande revolução serena: pentearam-me, lavaram-me a cara e as mãos, ensinaram-me como eu devia andar, cumprimentar, olhar mais alegremente, mais afavelmente, etc. Em seguida mandaram uma portadora da nossa parte saber se a princesa desejava ver a orfã.

(Continua)